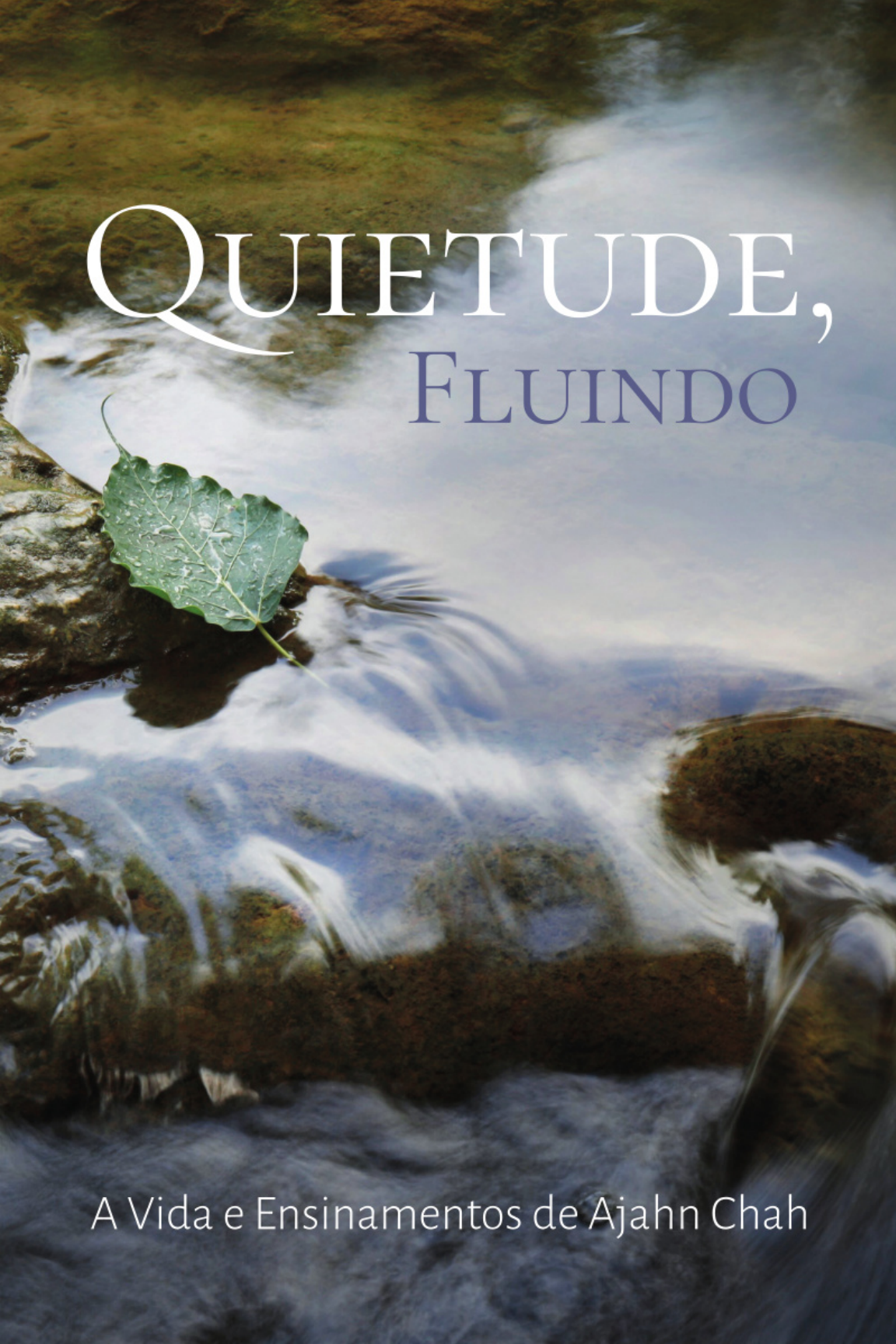




QUIETUDE, FLUINDO

A Vida e Ensinaamentos de Ajahn Chah



QUIETUDE, FLUINDO

A Vida e Ensinamentos de Ajahn Chah

Ajahn Jayasaro

Quietude, Fluído – A Vida e Ensinaamentos de Ajahn Chah
por Ajahn Jayasaro

Publicado por Panyaprateep Foundation

Copyright © Panyaprateep Foundation 2025

Foto da Capa: Gunt Susangkarakan

Fotos: Ajahn Cagino, Jirasak Praisarnkul, Pakorn Musikaboonlert

Retoques: Woranad Phansue, Jitra Navasavat, Subhasiri Subhakoon

Ilustrações: Kullachart Sitjasech

Trechos dos seguintes trabalhos foram usados:

The Dhammapada: The Buddha's Path of Wisdom

traduzido do páli por Acharya Buddharakkhita

Venerable Father: A Life with Ajahn Chah

por Paul Breiter, publicado em 2004 por Cosimo, Inc.

The Autobiography of Phra Ajaan Lee

traduzido por Thanissaro Bhikkhu

Merit and Spiritual Growth

por Bhikkhu Bodhi, publicado in 1995 pela Buddhist Publication Society

como Wheel 259, Nourishing The Roots

Fragments of a Teaching and Notes from a Session of Questions and Answers

traduzido por Jack Kornfield, publicado em 1972 pela World Fellowship of Buddhists

A Child of the Northeast

por Kampon Boontawee, publicado in 1987 por Pouyzian Publisher

Sabbadānaṃ dhammadānaṃ jināti

‘Um presente do Dhamma supera todos os outros presentes.’

Esse trabalho está licenciado sob a Licença Creative Commons

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional

Produzido com o sistema de diagramação $\text{\LaTeX}$, usando Gentium, Fontin Sans,
Cormorant e Crimson Roman.

Primeira edição, 2025

*Bhavaggupādāya avīci heṭṭhato
Etthantare sattā kāyūpapannā
Rūpī arūpī ca
Asaññī saññīno
Dukkhā pamuccantu
Phusantu nibbutiṃ.*

Das formas de existência mais elevadas às mais baixas,
sejam quais forem os grupos de seres,
quer possuam ou não forma física,
conscientes ou inconscientes,
que todos se libertem de dukkha,
e desfrutem a felicidade de Nibbāna.

Esse livro não deve ser vendido.
É um presente do Dhamma para você, o leitor,
de leigos Budistas de diversas localidades.

Para download da versão e-book ou áudio-livro acesse:
<https://suddhavari.org/biblioteca/>
<https://sumedharama.pt/ensinamentos/ensinamentos-publicacoes/>
<https://media.amaravati.org>

Índice

<i>Prólogo</i>	xiii
<i>por Ajahn Sumedho</i>	
<i>Prefácio</i>	xv
<i>por Ajahn Jayasaro</i>	
I · Uma Vida que Expirou	1
<i>A Morte de Luang Pó Chah</i>	
Uma Morte, 1 · Uma Cremação, 3.	
II · Uma Vida Inspirada	19
<i>1918-1954</i>	
Uma Localidade Conveniente, 19 · Crescendo, 23 · O Caminho da Prática, 48 · Novos Caminhos, 124.	
III · Fora do Caminho de Terra Batida	133
<i>Wat Nong Pah Pong</i>	
Colonos, 133 · Época de Ouro, 149.	
IV · Uma Vida Inspirando	173
<i>Luang Pó, o Bom Amigo</i>	
Introdução, 173 · Imponderáveis de Qualquer Forma, 176 · Esboços, 190 · De Coração para Coração, 208.	

V · Sangue Vital	227
<i>Luang Pó e o Vinaya</i>	
Introdução, 227 · Pāṭimokkha o Coração do Vinaya, 230 · Observâncias: Adicionando Camadas, 263 · As Práticas Ascéticas: Adicionando Intensidade, 321.	
VI · O Coração do Assunto	339
<i>Instruções de Meditação</i>	
Porcas e Parafusos, 339 · Espinhos e Pontas, 362 · Caminhos e Meios, 373 · Calma e Insight, 387.	
VII · Polindo a Concha	413
<i>Treinamento dos Monges</i>	
Introdução, 414 · Partes de um Todo, 422 · A Beleza da Instrução, 446 · Um Treinamento Redondo, 486.	
VIII · De Terras Distantes	521
<i>Luang Pó e a Sangha Ocidental</i>	
Introdução, 521 · O Primeiro Discípulo, 527 · Através de Olhos Ocidentais, 542 · No Nariz, 562 · Conhecedor dos Mundos, 569 · Os Dois Devem Se Encontrar, 582.	
IX · Morrendo para o Mundo	597
<i>Treinamento das Mé Chis</i>	
Introdução, 597 · Monjas de Floresta, 599 · Venerável Pai, 610.	
X · Por Compaixão	629
<i>Luang Pó e a Comunidade Leiga</i>	
Introdução, 630 · Ao Mosteiro, 633 · Sammādiṭṭhi, 643 · Primeiros Encontros, 692 · Pessoas Diferentes, 703 · Vida em Família, 724 · Prática do Dhamma, 735.	

XI · Gelo no Sol	757
<i>Os Anos de Declínio de Luang Pó</i>	
Corpo Doente, Mente Saudável, 757 · Mais Sobre Isso, 780.	
XII · Algo Mais Amplo	789
<i>Luang Pó no Ocidente – 1977 & 1979</i>	
Terra de Dentro – Terra de Fora, 789 · Dutiyampi: e por uma Segunda Vez, 814 · A Última Noite, 848.	
 <i>Apêndice I</i>	 856
<i>Ilustrações</i>	
 <i>Apêndice II</i>	 860
<i>Fotos</i>	
 <i>Apêndice III</i>	 867
<i>Transliteração do Tailandês</i>	
 <i>Glossário</i>	 868

Abreviações usadas no texto:

AN	Aṅguttara Nikāya
Cv	Cullavagga
Dhp	Dhammapada
DN	Digha Nikāya
It	Itivuttaka
Ja	Jātaka
Khp	Khuddakapāṭha
MN	Majjhima Nikāya
Mv	Mahāvagga
Paṭis	Paṭisambhidā
Pr	Pārājika
Pv	Parivāra
SN	Saṃyutta Nikāya
Sn	Sutta Nipāta
Th	Theragāthā
Thī	Therīgāthā
Ud	Udāna
Vin	Vinaya Piṭaka
Vin-a	Vinaya Aṭṭhakathā (Samantāpāsādikā)
Vism	Visuddhimagga

Prólogo

Ajahn Sumedho

Esta biografia de Luang Pó Chah* será um importante instrumento para preservar as lembranças e compartilhar as experiências daqueles de nós que vivemos e treinamos com ele. Eu, pessoalmente, tive meu primeiro encontro com Luang Pó Chah em 1967 e fiquei imediatamente impressionado com sua silenciosa presença. Naquela época eu não falava tailandês e ele não falava inglês. No começo, nós contávamos com dois monges tailandeses como intérpretes. Mas logo eles partiram e eu comecei a me esforçar para aprender o idioma tailandês e o dialeto no nordeste do país.

De fato, os ensinamentos de Luang Pó Chah eram tão práticos que independiam de palavras, explicações e interpretações. Nossa vida em Wat Pah Pong era baseada em estar consciente e plenamente atento, em estar consciente do estado mental, estar consciente do que você está realmente sentindo. Para isso, você não dependia de um idioma específico. Esse simples ensinamento era sobre observar o estado mental, o *ārammaṇa*, a realidade emocional que está presente; estar consciente disso; enxergar isso nos termos das três características: *anicca, dukkha, anattā*. Eu podia praticar dessa maneira, mesmo durante o período inicial quando eu ainda não podia entender os ensinamentos verbais.

Toda a atitude de Luang Pó perante a vida era tal que me motivava a querer treinar e viver como um *bhikkhu*. Para mim, ele era o exemplo vivo do resultado da meditação Budista na Tradição de Floresta Tailandesa. Ele me inspirou. Através de viver próximo a ele e adquirindo confiança nele,

*Veja 'Honrarias' na página xvii.

ouvindo seus ensinamentos quando eu comecei a entender o idioma eu descobri o dom que ele tinha em dar palestras sobre o Dhamma e reflexões. Eu admirava como ele sempre dispunha de tempo para os monges, monjas e para a comunidade de leigos.

Hoje em dia, pelo mundo afora, há interesse nos ensinamentos de Luang Pó Chah. Esse não era o caso quando eu o encontrei pela primeira vez cinquenta anos atrás. Naquele tempo dificilmente ele era reconhecido fora da província de Ubon. Hoje sua fama se espalhou por todo o mundo. Embora já faça vinte cinco anos que ele faleceu, seus ensinamentos são tão práticos que ressoam até hoje. Luang Pó sempre enfatizou a importância da prática. Ele apontou como cada um de nós pode aplicar os ensinamentos do Buda em nossa vida e fazê-los funcionar.

Eu gostaria de expressar minha gratidão ao Ajahn Jayasaro por escrever essa biografia de Luang Pó Chah e tornar disponível essa publicação. Eu sei que ela será apreciada por um grande número de pessoas. Me traz alegria em pensar como todas as pessoas pelo mundo afora, depois de ler esse livro, começarão a admirar os ensinamentos de Luang Pó Chah.

Prefácio

Ajahn Jayasaro

Este livro esteve em processo por muito tempo. Depois de um início produtivo em 1996, eu coloquei o manuscrito de lado por aproximadamente dez anos. No começo, as responsabilidades por liderar uma grande comunidade monástica me deram pouco tempo para me dedicar ao projeto. Subsequentemente, um longo período de retiro me deu tempo mas tirou a disposição. Durante os anos seguintes o manuscrito se tornou como um velho e querido amigo. Eu voltaria a ele a cada tantos meses, me alegraria em gastar um bom tempo nele e depois, com um clique, me despediria. Foi apenas quando duas importantes datas começaram a se aproximar - o vigésimo quinto aniversário de morte de Luang Pó Chah em 2017 e o centenário de seu nascimento em 2018 - que eu fui forçado a aceitar que, naquela atual situação de progresso o livro jamais seria finalizado. Eu adotei então uma rotina regular de trabalho e, devagar, o livro que você tem nas mãos finalmente tomou forma.

Quietude Fluindo tem um importante precursor. Em 1987, enquanto Luang Pó estava seriamente doente, eu fui solicitado pelos Anciãos de Wat Pah Pong a escrever uma biografia oficial. Era um livro para ser distribuído durante seu funeral, quando quer que ele acontecesse. Era uma grande honra mas também era um trabalho que intimidava. Eu não era confiante que meu estilo de prosa em tailandês era bom o suficiente para a tarefa. Ao final, contudo, com o auxílio de meus companheiros monges tailandeses e de uma monja muito habilidosa em particular (que sempre insistiu em manter o anonimato), o trabalho foi concluído; o livro foi publicado em tempo para o funeral de Luang Pó em Janeiro de 1993. Para compensar minhas limitações como escritor, o texto enfatizava as próprias palavras

de Luang Pó e as transcrições dos testemunhos de seus discípulos. Eu dei ao livro o nome *Upalamani* - um jogo de palavras. Significa tanto “Jóia na flor de Lótus Upala” quanto “Jóia de Ubon”.

Quietude Fluindo contém várias passagens que são traduções de *Upalamani*, em específico várias das histórias e lembranças dos discípulos de Luang Pó. A mais óbvia diferença entre os dois textos é a exclusão aqui de várias palestras sobre o Dhamma na íntegra (agora disponíveis em outras traduções) e muitas das fotografias. Ao mesmo tempo, uma grande quantidade de conteúdo social, cultural, histórico e doutrinário que eu não considere necessário para os leitores tailandeses foi adicionado à versão em inglês dessa biografia, que tem novas seções de análises.

Embora tenha sido minha intenção que esse livro fosse, na medida do possível, a biografia de uma pessoa e não de um santo, eu não tenho certeza de que fui completamente bem sucedido nesse aspecto. Meu amor por Luang Pó e minha fé em sua iluminação inevitavelmente coloriram o texto. O que eu não fiz foi suprimir nenhuma informação [que possa ser considerada] escandalosa ou embaraçosa por preocupação com o seu bom nome. Por mais que isso possa não ser aceitável hoje em dia, quando existe tanto - até bem fundamentado - cinismo sobre a integridade de figuras religiosas, Luang Pó não tinha absolutamente nada para esconder. O único esqueleto guardado num armário em Wat Pah Pong era o que estava exposto ao público no Salão de Dhamma. De fato, essa é uma das mais fortes razões pela minha fé de que a vida de Luang Pó é tão digna de ser estudada.

Todos aqueles que se lembram dele tem seu próprio Ajahn Chah. Este livro representa o meu. Se ele inclui quaisquer equívocos ou descuidos, eu assumo total responsabilidade e peço o seu perdão.

Janamāra Hermitage
Julho de 2017

O procedimento de ordenação de um monge requer que ele receba um nome em Pali que, na Tailândia, é geralmente escolhido pelo preceptor. A primeira letra do nome é determinada pelo dia da semana no qual o monge nasceu. O nome em Pali de Luang Pó Chah era “Subhaddo”; significa “excelente, nobre ou feliz”. Começar com “S” indica que ele nasceu em uma sexta-feira.

Nomes em Pali são raramente utilizados por monges na Tailândia (sendo a maior exceção, os discípulos ocidentais de Luang Pó Chah). Depois de ordenados, os monges tailandeses continuam a atender por seu nome de nascimento, precedido por um título honorífico apropriado. O uso dos nomes em Pali se restringe a documentos oficiais. Em semelhante documento, Luang Pó Chah, por exemplo, apareceria como “Venerável Chah Subbhado”. Protocolos de escrita se tornam mais complexos quando monges recebem títulos monásticos (como ocorreu com Luang Pó Chah em 1976), e é o assunto dessa introdução.

É considerado rude se referir a um monge sem o título honorífico antes de seu nome. Os costumes variam no território tailandês com relação ao prefixo específico utilizado. Nos mosteiros de floresta de Issán, “Kruha” é o título honorífico mais comum para dirigir-se a monges com menos de dez anos de vida monástica. Em Wat Pah Pong, “Tan” é igualmente utilizado. “Ajahn” se refere a um monge com dez anos ou mais (contudo na prática esse termo é utilizado muito mais comumente, e hoje em dia é usado em contextos não-monásticos para se referir a qualquer professor). Monges com idades um pouco mais avançadas começam a ser chamados de “Luang Pó” (Venerável Pai) e com idade bem mais avançada, “Luang Pu” (Venerável Avô Paterno). Monges que se ordenam depois de ter constituído família são chamados de forma mais afetuosa “Luang Tá” (Venerável Avô Materno). Este termo ganhou recentemente um novo peso depois que o venerável mestre Luang Tá Maha Bua adotou-o para si mesmo quando sua idade avançou. O maior respeito possível é demonstrado quando monges são chamados em terceira pessoa como “Pó-Mé-Kruha-Ajahn”, literalmente “pai-mãe-professor”.

Nos livros de ensinamentos traduzidos do tailandês para outras línguas, tem sido costume se referir à pessoa tema desse livro como “Ajahn Chah” e, por essa razão, esse foi escolhido como a honraria no subtítulo deste livro. Essa não é, no entanto, a forma como ele era geralmente conhecido na Tailândia e, tirando o subtítulo e algumas outras citações espalhadas pelo texto, eu preferi utilizar o termo que foi o mais comum entre todos os seus discípulos: “Luang Pó Chah”. Como pareceria pesado repetir o nome inteiro em cada página deste livro, “Chah” foi várias vezes omitido. Aos leitores é pedido notar que “Luang Pó”, o nome repetido centenas de vezes por toda essa biografia, é um termo genérico e não um nome específico. Muito dos monges referidos no texto também são comumente chamados “Luang Pó” ou mesmo “Luang Pu”. Neste livro eu me referi a todos eles como “Ajahn”, exceto por algumas figuras importantes que era seniores a Luang Pó Chah.

NOTA SOBRE TRANSLITERAÇÃO

Este livro contém um grande número de palavras em Pali e tailandês. Na representação do Pali, este livro tipicamente adotou as convenções para romanização usadas pela Pali Text Society. Exceções à essa regra existem em momentos em que certas palavras em Pali foram aceitas em inglês pelo Dicionário Oxford (ex. “Pali”, “Sangha”, “Theravada”) e nas interpretações comuns dos nomes em Pali dos monges ocidentais.

As transliterações do tailandês, dado que o idioma possui um número de vogais e consoantes não existentes em inglês, são mais difíceis e não existe consenso universal sobre um sistema de regras pra isso. Esse livro segue a convenção de transliteração usada pela comunidade de Ajahn Chah. Um apêndice provê uma lista, em escrita tailandesa das palavras comumente mais utilizadas. Leitores que queiram uma ideia melhor de como as palavras em tailandês contidas nesse livro são pronunciadas pode consultar o sistema de transliteração explicado em:

<http://www.jayasaro.panyaprteep.org/transliteration>

NOTA DA TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS

Para a publicação desse livro em português, mantivemos a grafia de todas as palavras em páli, exceto aquelas já consideradas partes do léxico da língua portuguesa. Já para os nomes tailandeses, quando a forma fonética inglesa não causa muitas distorções para os leitores brasileiros, mantivemos a grafia para facilitar a identificação dos nomes. Já quando manter a fonética inglesa causa muitas distorções, optamos por utilizar uma grafia mais compatível com nosso sistema fonético. Por exemplo: para “Ajahn Mun” (อาจารย์มั่น) optamos por utilizar a grafia “Ajahn Man” para que o nome seja pronunciado de forma correta. Outro exemplo é “Luang Por” (หลวงพ่อ), que optamos escrever como “Luang Pó”, assim por diante.

Agradecimentos

Eu gostaria de expressar minha gratidão a todos os meus professores, amigos e estudantes que contribuíram para esse projeto, incluindo o grupo Kataññutā em Kuala Lumpur, e todos aqueles cuja generosidade tornou possível a distribuição desse livro como um presente do Dhamma, sem custo.

Meus agradecimentos, em particular, aos meus editores: Ven. Kovilo, Ven. Munissarā, Jan Davies e Joe DeLeo; aos Ven. Gambhīro e Raryel C. Souza pela composição de digitação; e ao Ven. Phāsukho pela direção de arte. Três profundas reverências à Ajahn Pasanno que ofereceu seu resolutivo apoio e encorajamento durante toda a longa gestação desse livro e, sem dúvida, durante toda a minha vida como um bhikkhu.





*I
uma vida que expirou*

*Ele, que não quer nada nem desse mundo e nem do próximo, que é livre do desejo e
é emancipado – a ele, eu chamo de homem santo.*

Dhp 410

Uma Vida que Expirou

A Morte de Luang Pó Chah

I. UMA MORTE

Vinte de janeiro, 1983. No pequeno aeroporto local de Udon Ratchathani no nordeste tailandês um grupo de monges budistas e discípulos leigos olham para o céu. Perto deles, uma ambulância branca está estacionada na pista. Um forte ronco de motor é ouvido, sua fonte é identificada como sendo de um avião da Força Aérea Tailandesa aterrizando na pista. Depois de manobrar e dos motores desligarem, a porta se abre e revela uma cena incomum e comovente. Um imponente monge ocidental começa a descer do avião, carregando no colo um monge tailandês muito menor e mais velho. Essa frágil e aparentemente indefesa figura é o reverenciado mestre, Luang Pó Chah. Depois de cinco longos meses de testes e consultas em um hospital de Bangkok ele retornou à Ubon para passar os últimos dias de sua vida em casa, em seu mosteiro Wat Nong Pah Pong, cercado de seus discípulos.



O tempo foi passando e os últimos dias da vida de Luang Pó passaram de três mil. Não foi antes das 5:20 da manhã do dia dezesseis de janeiro de 1992 quando ele finalmente veio a falecer. Até então, ele sobreviveu à tamanha sucessão de crises médicas que, para muitos de seus discípulos ele tanto poderia falecer a qualquer momento como, de alguma forma ele jamais faleceria. Havia uma esperança e uma expectativa de que ele

realizaria algum tipo de milagre paranormal antes de partir deste mundo. Mas ele não o fez. No final, quando seus rins e seu coração pararam de funcionar, ele gentilmente descansou em paz.

Logo que o falecimento foi confirmado, os monges que estavam presentes, incluindo Ajahn Liem, o abade, reuniram-se em torno de seu leito para entoar o cântico dos versos de reflexão da natureza impermanente da realidade condicionada. Eles então trabalharam com a mais resoluta atenção e cuidado, lavando o corpo de Luang Pó e o vestindo com um jogo completo de novos mantos monásticos.

A notícia da morte se espalhou rápido. Assim que uma fria manhã iniciou, monges, monjas e discípulos leigos mais próximos começaram a chegar para prestar reverências. Eles não vinham para lamentar e poucas lágrimas rolaram. Mas apesar da morte de Luang Pó não ter sido nenhuma surpresa, ela foi, não obstante, um choque. Um pesado e atônito sentimento pairava no ar.

No decorrer do dia um pequeno e constante fluxo de pessoas se tornou cada vez maior, tornou-se um rio. Mais de um milhão de pessoas viriam se prostrar diante do corpo de Luang Pó antes que ele fosse cremado exatamente um ano depois.

Um período de sete dias de Rituais Funerários Reais patrocinado pelo Rei foi anunciado. No começo da noite, o Dr. Chao Nasilawan, representante do Rei, chegou para realizar o tradicional rito de despejar água antes que o caixão contendo o corpo de Luang Pó* fosse transportado para o Salão do Dhamma. Lá ele foi posicionado sobre uma urna de madeira escura polida, decorada com figuras esculpidas em madrepérola. Uma fotografia de Luang Pó foi colocada à esquerda da urna junto com seus mantos, sua tigela e outros requisitos monásticos. Coroas de flores oferecidas pelo Rei, pela Rainha e por outros membros da Família Real foram colocados à direita. Em frente à urna, elaborados arranjos de flores completavam o santuário.

O mosteiro anunciou um período de quinze dias de práticas Budistas consistindo de recitação de cânticos, meditação e palestras do Dhamma,

*Tendo em vista o plano de manter o corpo por um ano, grandes quantidades de Chá Chinês, tabaco e limão foram depositados no caixão.

aberto a todos. Eventos similares marcariam os cinquenta dias e os cem dias com cerimônias de comemoração. Agora era a hora, diziam os discípulos mais antigos, para cultivar com todo entusiasmo o Dhamma através do corpo, da fala, da mente e dedicar os méritos acumulados como uma oferenda à Luang Pó. Seu sábio e compassivo professor não estava mais nesse mundo mas eles jamais o esqueceriam ou as coisas que ele ensinou.

II. UMA CREMAÇÃO

Uma tarde de inverno na província de Ubon, nordeste tailandês, sábado, dezesseis de janeiro, 1993. Um mosteiro de floresta, como um remendo em verde escuro em um pálido tecido de arrozais que se estende seco e em descanso. De noite estará frio e ventando mas à tarde a temperatura à sombra das árvores que balançam gentilmente é de 33 graus. A calma e ordem da cena escondem um fato quase inacreditável. Hoje, em um lugar geralmente habitado por aproximadamente cem monges, cerca de quatrocentas mil pessoas estão se juntando - um número maior do que a população de qualquer cidade tailandesa exceto Bangkok. Um ano depois da morte de Luang Pó Chah, é o dia de sua cremação.

Há um contido e amigável burburinho de conversação no ar; a atmosfera não lembra um funeral. A maioria das pessoas está vestida de branco, a cor tradicional dos leigos budistas, ainda que vários convidados oficiais e participantes vindos de Bangkok estão de preto. As pessoas se sentam em pequenas esteiras ou pedaços de plástico onde quer que encontrem espaço; a maioria está debaixo do sol. Muitos estão lendo os livros de Dhamma que foram distribuídos na porta do mosteiro. Eles olham em volta de vez em quando para apreciar a cena à sua volta. Os mais velhos habitantes dos vilarejos podem ser vistos mascarando noz de bétel. Dispersas pela multidão, pessoas de pernas cruzadas praticam meditação.

O número de pessoas dentro do mosteiro cresce constantemente. Do lado de fora, a polícia está direcionando o interminável fluxo de tráfego pela estreita estrada enfeitada de bandeiras: o balançar das bandeiras amarelas com a Roda do Dhamma e as três cores da bandeira tailandesa se estendem até onde a vista alcança. Colunas brancas de pedestres tomam seu caminho ao longo dos dois lados da estrada. Nos estacionamentos

provisórios pelos campos fora dos muros do mosteiro, ônibus de turismo, minivans e caminhonetes despejam grupo após grupo de monges, monjas e praticantes leigos.

Eles vem de todos os cantos do país: muitos de Ubon e das províncias vizinhas de Yasothon, Sisaket e Surin; também de outras mais distantes: Udon, Nong Khai, Phetchabun - de fato toda Issán (nordeste tailandês) está representada. Há um grande contingente vindo de Bangkok, enquanto outros viajaram de tão longe ao norte como Chiang Mai quanto ao sul como Songkhla. Enquanto alguns desembarcavam frescos e penteados de veículos com ar condicionado, muitos mais saltavam da caçamba de caminhonetes, duros e meio desarrumados. Mas de qualquer forma que as pessoas tenham vindo, uma vez desembarcados eles traziam consigo uma similar expectativa e senso de grande ocasião enquanto se juntavam ao inexorável fluxo de pessoas entrando no mosteiro.

Um grande grupo, dez ou mais formando um corredor, se enfileiram pela grande entrada e passam por revista por soldados da segurança real, que se juntam em pequenos grupos sob as árvores, tão benevolentes quanto soldados conseguem ser. Caminhões-pipa da prefeitura chegam em mais uma viagem. À sua esquerda, uma pequena vila de cozinhas improvisadas distribui comida gratuitamente à todos aqueles que chegam de viagem com fome. Atrás deles, discretamente dispostos na floresta, eles notam com alívio longas filas de banheiros temporários, impecavelmente limpos. Eles veem um posto de primeiros socorros com várias enfermeiras em uniformes azuis e brancos, enquanto em outra tenda pessoas fazem fila para receber livros de Dhamma gratuitos. Os recém chegados se localizam observando grandes mapas pintados ao lado dos caminhos. Guias corteses patrulham para lá e para cá. Mas é a trezentos metros de distância à sua direita para onde todo o movimento está convergindo, de maneira natural e sem pressa. É ali próximo ao limite norte da floresta que está o centro de todas as atenções: a estupa branca de trinta e dois metros de altura que guarda o corpo de Luang Pó Chah. Hoje essa bela estrutura funcionará como crematório. Algum tempo depois, uma urna no coração da sua câmara central será onde ficarão em exposição permanente ao público as relíquias de Luang Pó.

Hoje culminaram dez dias de cerimônias e práticas budistas. Durante esse período, aproximadamente 6.000 monges, 1.000 monjas e mais de 10.000 discípulos leigos acamparam na floresta enquanto uma vagarosa maré de visitantes passou pelo mosteiro com o intuito de reverenciar pela última vez o grande mestre. Diariamente, das 3:00 da manhã às 10:00 da noite, todos aqueles que residiam no mosteiro participaram da rotina diária de cânticos, meditação e palestras do Dhamma.

Milhares de atos de bondade e generosidade, grandes ou pequenos, foram o óleo lubrificante desse enorme evento sem precedentes. Patrocinadores leigos de todo o país montaram e abasteceram as cozinhas provisórias onde voluntários faziam turnos e trabalharam duro por dez dias cozinhando e servindo aos convidados do início da manhã ao final da noite. Várias agências governamentais fizeram seu papel por trás das câmeras e o governador de Ubon ofereceu todos os recursos que estavam à sua disposição. Muitos comerciantes fizeram doações: uma empresa forneceu caminhões de garrafas d'água. Todas as manhãs, empresas locais de ônibus, donos de caminhões e motoristas comuns transportaram os milhares de monges às cidades e vilas próximas para sua rotina de mendicância matinal.

Ao cair da tarde e quando o primeiro vento frio soprou através do mosteiro, a expectativa aumentou. O Rei e a Rainha da Tailândia logo chegarão. A visita deles foi resultado de uma série de reuniões entre o mosteiro e representantes do Palácio Real ao longo dos últimos meses - uma indicação de quanto protocolo deve ser respeitado nessas ocasiões. A comitiva real chegou às 4:19 da tarde e uma onda de entusiasmo atravessou a multidão. Suas majestades, o Rei Bhumibol e a Rainha Sirikit tomaram seus assentos no pavilhão real especialmente construído ao sul da estupa. O Rei, como é de costume nessas ocasiões, está vestindo seu uniforme militar com uma faixa preta no braço, a Rainha com um vestido preto. O Primeiro Ministro e o Chefe das Forças Armadas tomam seus lugares um pouco atrás do casal real, sentando à frente de um grupo de dignatários, todos parecendo um pouco engomados em seus uniformes brancos. Em frente à eles a refinada e elegante estupa forma quase uma ilha mágica, benevolente e estática em meio a um mar de gente.

O silêncio paira, incrivelmente para tão grande número de pessoas. Não é apenas que todos querem estar aqui; todos querem estar aqui de maneira

correta, da maneira mais apropriada para a despedida final ao homem que não apenas ensinou o caminho da paz, mas que o incorporou de forma memorável.

O Rei e a Rainha certamente não estranham grandes concentrações de pessoas, mas eles parecem perceber algo especial no ar. O Rei, um fotógrafo entusiasta, empunha sua câmera a cada tanto para tirar fotos da esplêndida visão à sua frente. À frente, ao lado esquerdo do pavilhão real, está o pavilhão reservado aos convidados com honrarias monásticas, encabeçado pelo Supremo Patriarca e incluindo respeitados monges como Luang Tá Maha Bua, o mais reverenciado mestre da Tradição de Floresta no país; Chao Khun Debvedi (P. A. Payutto), o mais reconhecido estudioso; e Luang Pó Panyananda, o maior orador.

Todos os demais sentam-se no chão. Três cores predominam: o verde da floresta, o branco das monjas, leigos e da estupa, e o ocre dos monges da tradição de floresta. Quase seis mil monges estão presentes, muitos sentados de pernas cruzadas em seus panos específicos para esse fim ao lado dos caminhos de concreto que chegam pelos quatro lados da estupa. Eles estão imóveis; alguns observando a estupa; muitos, de olhos fechados, estão meditando. Os rostos pálidos e braços direitos expostos dos monges caucasianos saltam à vista: sessenta dos discípulos estrangeiros de Luang Pó vieram de mosteiros afiliados ao redor do mundo. Uma equipe de filmagem italiana está rodando um documentário. Jornalistas com grandes crachás de identificação pendurados no peito estão de pé em frente às câmeras descrevendo a cena. O funeral tem cobertura ao vivo em rádio e televisão nacionais. Amanhã será a manchete em primeira página de todos os jornais do país.

A hora determinada chega, o Rei e a Rainha se levantam de seus assentos e andam em direção à estupa protegidos do sol por grandes guarda-sóis carregados por assistentes em vestimentas tradicionais. A multidão se prostra em ambos lados enquanto eles passam. Tem início a primeira parte da cerimônia de cremação. O casal real, cercado de fotógrafos e cameramans entra na estupa. Eles se prostram diante do caixão e em seguida realizam uma série de oferendas de acordo com a consagrada tradição.

Primeiramente eles oferecem mantos a dez monges de mais alta patente eclesiástica. Esses monges seguram leques especialmente ornados em sua mão esquerda e, após tomarem posse dos mantos, eles recitam um curto verso sobre a impermanência e a cessação. Então o casal real oferece velas, um elaborado arranjo de flores e folhas de bananeira, incenso e flores de sândalo* à Luang Pó. Finalmente, como monarca e líder de todos os leigos budistas tailandeses, o Rei apresenta a chama cerimonial para cremações reais em seu belo invólucro de vidro e retorna ao pavilhão real.

Uma vez terminada a cerimônia real, a comunidade monástica encabeçada pelo Supremo Patriarca e outros monges seniores, deposita suas velas e flores de sândalo em frente ao caixão. Logo depois dos monges vem as monjas e então a comunidade de leigos budistas.

Centenas de milhares de pessoas compareceram à cremação do homem a quem eles reverenciavam - ainda assim, provavelmente não mais que um punhado de lágrimas são derramadas. Não há soluços, nenhuma demonstração extravagante de pesar, talvez alguns olhos vermelhos. E por que deveria haver? Não há ninguém de luto. Eles acreditam que Luang Pó não era esse corpo que logo será consumido pelas chamas e que sua mente há muito se libertou. “Partiu”, nas palavras do Buda, “para além de quaisquer descrições”.

PREPARAÇÕES

A Sangha de Wat Pah Pong vinha se preparando para esse funeral desde os primeiros anos da enfermidade de Luang Pó. No começo, houve algumas vozes divergentes - um ou dois dos monges mais seniores reclamaram que fazer preparativos para a morte de alguém geralmente adianta o evento - mas o consenso foi que um funeral cuja magnitude eles previam necessitaria de uma longa preparação. Estava claro que as maiores

*Madeira de sândalo é muito rara hoje em dia, uma “flor de sândalo” naqueles dias consistia em papel crepom cortado e contorcido em formato de flor, disposto junto com alguns incensos e uma fina vela. Esses kits são distribuídos aos convidados nos funerais tailandeses. Imediatamente antes que a cremação propriamente dita comece, cada pessoa deposita suas flores ao lado do caixão, em um gesto ritualístico de respeito. No funeral de Luang Pó, um pequeno número de convidados de honra foi agraciado com um pedaço verdadeiro de madeira de sândalo com uma flor esculpida;

edificações do mosteiro precisavam ser refeitas ou renovadas. Os banheiros não eram nem de longe suficientes para um grande evento. Um local apropriado para a cremação deveria ser projetado e preparado, e uma estupa para abrigar as relíquias deveria ser construída. Uma nova e compreensiva biografia de Luang Pó deveria ser escrita e reproduzida* e um enorme número de pequenos livros contendo seus ensinamentos deveria ser publicado para oferecer aos convidados. Havia fundos suficientes na conta do mosteiro para começar o que deveria ser feito, e muitos fundos mais certamente seriam oferecidos assim que os patrocinadores leigos tomassem ciência dos vários projetos planejados. Eles se concentraram em suas tarefas da forma como lhes foi ensinado: um passo de cada vez.

Em uma reunião dos anciãos da Sangha foi decidido que a cremação deveria acontecer no setor norte do mosteiro, na parte mais nova e aberta entre a cabana enfermaria onde Luang Pó passou os últimos anos e o novo setor das *Mé-chis* **. Terra foi trazida por um interminável comboio de caminhões caçamba para subir o nível topográfico do local. Milhares de árvores foram plantadas ao redor (usando excremento humano fornecido pela municipalidade como fertilizante - ideia muito criticada do Ajahn Liem que triunfantemente provou ser bem sucedida em promover o rápido crescimento das árvores em um solo extremamente pobre). Os monges pavimentaram uma estrada de concreto que vinha do portão interno do mosteiro até o local de cremação e ao redor dele - uma extensão total de quase dois quilômetros. O trabalho levou quase um ano, do meio da manhã até o final da tarde e, às vezes, até tarde da noite. Os monges mais jovens faziam o trabalho pesado, carregando sacos de cimento até a betoneira e espalhando o concreto na estrada; os monges mais velhos trabalhavam agachados fazendo a armadura do concreto.

Em novembro de 1990 iniciou-se a construção do novo Salão do Dhamma. O trabalho foi concluído em janeiro de 1992, poucos dias antes do falecimento de Luang Pó. Ajahn Liem assumiu o papel de arquiteto e engenheiro chefe do projeto, mesmo tendo recebido apenas o treinamento monástico básico

* Na realidade, duas biografias foram escritas, ambas para distribuição gratuita. O volume principal, Upalamani era um grande livro de capa dura com diversas fotografias. Uma versão bastante resumida impressa em papel jornal também foi produzida para distribuição geral.

** Monjas de manto branco, ver Glossário, 880.

uns quarenta anos antes. Nenhuma planta jamais teve necessidade de ser desenhada pois ele tinha tudo em sua cabeça. Uma vez terminadas, as grandes paredes brancas, grandes janelas conectadas interna e externamente e o alto teto de madeira escura deram ao edifício uma simplicidade e uma ventilação bastante apropriados ao propósito. Enquanto isso, as antigas kutis* oram renovadas e blocos de sanitários foram construídos.

Após a morte de Luang Pó, o velho e estreito refeitório dos monges foi demolido e um novo, muito maior, foi construído no mesmo local entre o Salão do Dhamma e o Salão de Uposatha**. Para toda essa construção, a estrita tradição de Wat Pah Pong de se abster de fazer solicitações de doações se manteve intacta: doadores ofereciam dinheiro e materiais de construção foram oferecidos por sua própria vontade e ritmo. Todos os envolvidos tinham orgulho de seu trabalho e o executavam com devoção. Não havia cantos ou acabamentos mal feitos, o trabalho de cada pessoa expressava a gratidão ao seu professor.

Finalmente, o único edifício que faltava era o mais desafiador e importante: a estupa de Luang Pó. Essa estrutura seria o monumento definitivo à sua memória e o abrigo de suas relíquias, que viria a ser um foco de devoção e peregrinação no futuro. Não era apenas que os fragmentos de ossos que fossem recuperados forneceriam uma certa conexão física com seu finado professor. Os ossos de seres iluminados comumente passam por uma ainda inexplicável transformação química. Depois da cremação, os fragmentos remanescentes pouco se assemelham a ossos normais. Em alguns casos, eles podem adquirir uma aparência de joias. As relíquias de Luang Pó seriam colocadas em exposição pública permanente em um relicário no coração da estupa.

Os anciãos decidiram que a estupa deveria ser construída de uma forma que pudesse ser usada como crematório no dia do funeral, e em seguida o crematório seria removido dando lugar ao artefato arquitetônico no qual as relíquias de Luang Pó seriam expostas.

Um premiado arquiteto, Nithi Sathapitanon, ofereceu seus serviços gratuitamente assim como o engenheiro chefe, Professor Arun Chaiseri.

* Moradia dos monges. Ver Glossário, 878.

** O edifício onde as cerimônias formais são realizadas, ver Glossário, 892.

Um design especial foi produzido de forma à honrar a longa tradição de construção de estupas na Tailândia. A base de cinquenta metros tomou forma de um sino invertido, lembrando a grande estupa de Nakhon Pathom. Uma elegante cúpula se ergue dessa base alcançando trinta e dois metros de altura, em homenagem à estupa de That Phanom, a mais antiga e reverenciada do nordeste tailandês. Acessos pelos quatro pontos cardeais levam à câmara central. Tendo um piso de granito negro, o teto dessa câmara seria pintado de dourado assim como as duas linhas circulares concêntricas de pilares, a interna consistindo de quatro pilares representando o ensinamento chave das Quatro Nobres Verdades, e a linha externa com doze pilares representando os doze elos da Originação Dependente.

Tempo agora era o primordial. Em uma expressão de harmonia entre o antigo e o moderno naquele projeto, um bom número de grandes peças da estupa foi pré fabricado em Bangkok e transportado pela estrada até o mosteiro. Como de costume, a Sangha forneceu a mão de obra. Uma solicitação foi feita a todos os 153 mosteiros filiados para enviar monges para turnos quinzenais, com um apelo especial à aqueles que tivessem habilidades relevantes. Os mosteiros afiliados foram divididos em seis grupos de revezamento. Isso promoveu turnos de cem monges, compostos de cinquenta monges visitantes somados à cinquenta residentes. O trabalho foi dividido em diferentes setores: estruturas metálicas, concretagens, trabalhos em madeira e trabalhos com eletricidade. De certa forma, com a iminência do funeral, era uma corrida contra o tempo, mas ainda assim para os monges o trabalho também era sua prática e eles estavam conscientes de que quanto menor a pressa, maior a velocidade. Os monges se vestiam como de costume, sem capacetes e calçando chinelos. Mesmo que vários deles tenham tido alguns cortes e escoriações ao longo dos meses de construção, não houve quaisquer lesões mais sérias. Os monges e noviços não trabalharam sozinhos. Praticantes leigos também ofereceram sua mão de obra em seu tempo livre e o comandante da brigada do exército local enviava grupos de soldados com regularidade. Ajahn Liem comentou:

“Quando as pessoas trabalham com um espírito de sacrifício, não fica difícil. Ninguém fez estardalhaço. Mesmo quando trabalhávamos até tarde da noite, ninguém perguntava quando iríamos parar. Mesmo que

estivesse chovendo ou sob um sol de rachar, não havia reclamações. Então os resultados a cada dia eram satisfatórios. Era um tributo à harmonia dos discípulos de Luang Pó e, conforme os trabalhos da Sangha de desenvolviam, esse era um evento histórico. Nós nos juntamos e realizamos essa tarefa com todo coração sem dar atenção à sensações de cansaço ou exaustão. Todos fizeram sacrifícios. Era o Dhamma integralmente.”

Em cinco de janeiro de 1993, após meros seis meses de esforço concentrado, a estupa estava concluída.

O intervalo de um ano entre a morte e a cremação de Luang Pó funcionou em vários níveis. Não apenas permitiu tempo suficiente para a construção da estupa como também deu uma ampla oportunidade para que várias pessoas por todo o país e por todo o mundo que desejassem reverenciar ao corpo de Luang Pó pudessem visitar Wat Nong Pah Pong. Igualmente importante, mesmo sendo mais mundana, a escolha do mês de janeiro para a cerimônia de cremação assegurou um clima e temperatura razoáveis, bem como campos secos e vazios em volta do mosteiro para acomodar um grande número de veículos.

Mas foi também o período de um ano acumulando bons feitos, praticando meditação, realizando e ouvindo palestras do Dhamma - tudo dedicado a Luang Pó - que contribuiu para o sentimento que era tão perceptível entre monges, monjas e leigos no dia da cremação. Para eles, hoje culminava um período de reverências e recordações que foi suficientemente grande e rico para refletir verdadeiramente sobre a grandeza daquele que faleceu.

QUANDO ESCURECEU

A noite da cremação. O vento trombava contra as caixas acústicas e a temperatura caiu marcadamente. A despeito de sua condição enferma, Luang Tá Maha Bua discursa sentado no local de destaque que foi posicionado na entrada oeste da estupa, iluminado pelos holofotes dispostos acima dele. Ele enfatiza aos ouvintes que mantenham as tradições e práticas ensinadas por Luang Pó Chah. Ajahn Sumedho, o mais antigo discípulo ocidental de Luang Pó prossegue com o mesmo tema.

A maioria das pessoas já retornou às suas casas nesse momento^{*}. Os mais ou menos cinquenta mil restantes permanecem firmes e fortes - enrolados em echarpes ou cobertores, eles seguirão pelo resto da noite ouvindo palestras do Dhamma e meditando. O venerável Chao Khun Debvedi discursa sobre como Luang Pó personificava as qualidades do “bom amigo”: seu calor humano e cuidado; sua habilidade em instigar respeito e confiança nos ensinamentos; seu exemplo inspirador; a forma como ele ensinou, exortou e instruiu; sua paciência em lidar com as dúvidas e inadequações de seus estudantes; sua habilidade em explicar assuntos profundos de forma clara; sua absoluta integridade ao lidar com seus estudantes.

À meia noite se encerraram as palestras do Dhamma. Duzentos dos mais antigos discípulos de Luang Pó sobem as escadarias da estupa e adentram a câmara principal onde o corpo de Luang Pó jaz em um fino e simples caixão, tendo toda a parafernália ao redor sido removida. Outros monges seniores preenchem a área em torno da câmara. Mais monges se agrupam nos quatro setores de escadarias, os demais em massa circundando abaixo ao redor. A cerimônia de “Pedido de Perdão” é realizada. Trata-se de um curto ritual realizado quando monges se despedem formalmente de seu professor.

Agora, no centro da estupa, dez homens leigos de cabeça raspada e trajando mantos brancos se prostram três vezes em direção ao caixão em uníssono e, com todo o cuidado, erguem o caixão e o deslizam para dentro do crematório temporário - uma grande caixa de metal coberta por placas decoradas com arabescos em cera dourada e desenhos florais que lhe dão a aparência de uma vela gigante.

^{*} Funerais oficiais são divididos em duas partes. A maioria dos convidados participa apenas da primeira parte, que termina com a entrega da chama cerimonial e a entrega das “flores de sândalo”. Na maioria dos funerais, a cremação de fato ocorre somente mais tarde e é acompanhada pela família e amigos próximos. Nesse caso, a cremação foi marcada para a meia noite.



Ajahn Liem e o governador de Ubon depositam a chama real no crematório, que está repleto de cascas de sândalo e vários sacos de carvão. O fogo acende rapidamente e Ajahn Liem fecha o compartimento com um giro firme da fechadura. Os monges sentam em meditação. O silêncio é pontuado apenas pelo som dos insetos revogando em torno dos holofotes do lado de fora. Mas então a temperatura na câmara começa a subir acentuadamente. Olhos se abrem ao notar o odor pungente do ar engrossando, o que significa que a fumaça está escapando pra dentro da câmara. Tem-se a impressão de que isso está sendo causado por algum bloqueio na chaminé perto do topo da estupa. O fogo está muito forte para o tamanho das ventilações - talvez havia muito carvão ou muitas cascas de sândalo - e as emendas soldadas da chaminé começam a entrar em colapso. O fogo não

consegue escapar para fora e logo as chamas começam a despontar pelos cantos do crematório procurando combustível.

Os pássaros de cera que enfeitam o crematório derretem. O fogo começa a consumir as placas de gesso e madeira que revestem as paredes metálicas. Monges se enfileiram para sair da câmara repleta de fumaça espessa, quietos e sem estardalhaço. Uma vez do lado de fora, muitos retiram seus mantos e fazem uma corrente humana. Baldes d'água são levados para dentro da câmara e, depois de algum tempo, o fogo é controlado deixando o crematório completamente enegrecido, envolto em fumaça. Um episódio anárquico em um dia repleto de ordem e cerimônias realizadas com precisão militar, um epílogo não planejado para anos de planejamento. Algumas pessoas balançam a cabeça como depois de assistir à uma demonstração de poderes psíquicos. A maioria vê falhas no projeto da estupa. Outros preferem ver o acontecido como uma última demonstração do peculiar senso de humor de Luang Pó.

Os monges retomam seus mantos. Meditadores retomam sua meditação. As palestras do Dhamma são retomadas. O vento frio segue cortando através dos finos mantos de algodão. Depois de algum tempo, o céu começa a mudar de cor. Outro dia está por começar.



II
uma vida inspirada

*Aquele monge que, enquanto jovem, devota a si mesmo ao ensinamento do Buda,
ilumina a esse mundo como a lua livre de nuvens.*

Dhp 382

Uma Vida Inspirada

1918-1954

I. UMA LOCALIDADE CONVENIENTE

ISSÁN

O Buda declarou que todo o sofrimento humano passível de ser evitado é causado por impurezas mentais, e que essas impurezas podem ser completamente eliminadas através de uma educação sistemática do corpo, da fala e da mente. Suprema entre as qualidades virtuosas que “queimam” as impurezas, ele revelou, é a paciência. Então talvez não seja coincidência que o ambiente nada convidativo do nordeste tailandês - conhecido por seus habitantes como Issán - nutriu um grande florescimento do monasticismo Budista no século XX. A ampla maioria dos monges reconhecidos na Tailândia como sendo mestres iluminados nos últimos cem anos veio dessa região.

Issán ocupa um platô semiárido de formato quase quadrado e um pouco maior que o território da Inglaterra. É limitado ao norte e leste pelo Rio Mekong e pelo Laos, e ao sul pelas montanhas de densas florestas do norte do Camboja. No início do século passado, Issán ainda era separada da região central da Tailândia pela inóspita barreira de Dong Phaya Yen, uma imensa floresta repleta de animais selvagens e que abrigava uma perigosa onda de malária.

Mesmo antes que a maior parte da cobertura florestal fosse devastada e queimada, Issán nunca foi um local idílico. Ela não tinha a fecundidade dos vales da região central tailandesa; o solo em sua maior parte é empobrecido, quando não por areia e rochas, por uma salinidade sufocante. Os rios fluem em profundos barrancos tornando difícil a criação de canais de irrigação. Poucas áreas proveem mais do que apenas uma colheita de arroz ao ano. A água dos poços é quase sempre muito salgada para beber. Viagens eram perigosas e difíceis: enquanto a via fluvial era o modo predominante de transporte na região central do Sião e a base do seu sucesso econômico, os rios da isolada Issán são navegáveis apenas em alguns meses do ano. Com poucas possibilidades de comércio, a agricultura de subsistência foi, por séculos, a ocupação principal da população, que vivia à base de troca.

Issán tem três estações climáticas: a estação fria, de novembro a fevereiro, é a mais confortável mas pode ser castigada nas noites por ventos ruidosos; a estação quente, de março a junho é absurdamente quente; e a temporada de chuvas no meio do ano traz uma umidade tão densa que faz com que aqueles que tentem atravessá-la se sintam como se estivessem encharcados fora d'água. A vida sempre dependia da chegada das monções, mas as chuvas torrenciais que dissolviam o medo da seca e a perda da lavoura geralmente levavam a severas inundações. No entanto, as pessoas que ali viviam eram tenazes. Eles sobreviveram - e de certa forma, floresceram.

Então, quem eram os habitantes de Issán e de onde, originalmente, eles vieram? A maioria da população sempre identificou a si mesma, étnica e culturalmente como “Lao”, nome derivado de um ramo de pessoas que migraram ao sul do que hoje é o sudoeste chinês no primeiro milênio da era comum como resultado das constantes invasões de sua terra pela etnia Han chinesa. Uma rota migratória atravessou a bacia do rio Chao Phraya e aqueles que tomaram essa rota tiveram um papel significativo no desenvolvimento da civilização “Siamesa” / da Tailândia Central. Outro ramo seguiu o Rio Mekong ao sul e estabeleceu assentamentos ao longo de suas margens, o que contribuiria com as origens da etnia Lao.

Eles não eram, contudo, os primeiros ou únicos habitantes de Issán. Em Bahn Chiang, foram encontradas evidências de uma sofisticada cultura que data em torno de 3.000 anos. Ondas seguintes de imigrações Austronésias e diversas Mon-Khmer, a Idade das Trevas europeia encontrou Issán tomada

tanto por Hindus cambojanos do Império Chenla quanto por devotos Mons budistas theravada da Civilização Dvaravati.

Subsequentemente, Issán fez parte do vasto império Angkor que dominou o sudeste asiático do século oitavo ao décimo terceiro e que, no auge do reinado de Jayavarman VII, adotou o Budismo Mahayana. Os Lao-Tais vagarosamente se expandiram através da região, absorvendo a cultura e os genes de seus predecessores enquanto se expandiam e tingindo à todos com as características que são encontradas até hoje.

Talvez a conexão entre os Lao e os Tai Siameses (a partir de então, referidos simplesmente como tailandeses) pode ser melhor ilustrada como aquela entre primos próximos. Essa proximidade, no entanto, não preveniu que os Centro-Tailandeses, que habitavam uma região mais benigna e fértil, fomentassem uma certa presunção, de sofisticação superior. De fato, as diferenças entre eles são mínimas. Eles falam praticamente uma língua em comum, mas de forma diferente, com diferentes entonações. Em termos de religião, ambos adotaram a forma de Budismo Theravada do Sri Lanka, incorporando ao longo do percurso alguns cerimoniais bramânicos e as antigas tradições animistas de suas tribos.

NO GERAL

Tailandeses e Lao compartilham uma natureza gentil e tranquila e são reconhecidamente pessoas tolerantes. A ideia de perseguir outras pessoas por terem crenças diferentes das deles sempre lhes pareceu incompreensível. Eles não são particularmente cerebrais - teorias abstratas ou filosofias raramente os entusiasma - mas eles são habilidosos em serem pragmáticos com um considerável talento para o mútuo acordo; o bambu se curvando diante de fortes ventanias sempre foi uma de suas imagens favoritas. Eles evitam o confronto aberto sempre que possível e consideram expressões não filtradas de fortes sentimentos como sendo rudes e imaturas. Eles admiram a habilidade em se manterem calmos e serenos mesmo quando sob estresse e aspiram a ter um “coração tranquilo”. Se os Lao diferem de alguma forma visível, é em sua mais acentuada resiliência.

Assim como todas as populações, eles são cheios de contradições. Por exemplo, uma certa preocupação exagerada por cargos e status é geralmente

combinada com um grande amor por serem independentes. Dada a lealdade e a devoção que eles sempre demonstraram aos princípios do Budismo Theravada (que são geralmente austeros), é a franca e descomplicada sensualidade das pessoas que talvez seja a mais surpreendente característica. A cultura deles nunca considerou os desejos sensuais como sendo uma fonte de culpa. Mas mesmo que eles geralmente demonstrem um grande amor por linguagem, fineza e comida - de fato, todas as chamadas boas coisas da vida - eles demonstram um enorme respeito por aqueles que as renunciam.

Por quaisquer dos mecanismos seculares contemporâneos que o desenvolvimento de uma cultura possa ser medido - PIB, poder político, inovação tecnológica, artes - Issán passa despercebida, seus habitantes não se sobressaem em nada. Mas de um ponto de vista Budista, não seria nenhum exagero considerar Issán uma superpotência. Durante o século XX em específico, Issán era praticamente uma fortaleza budista em um período em que outros obscuros “ismos” através da Ásia - imperial, comunal, capital, material - estavam causando enorme depredação. A imensa maioria dos 300.000 monges na Tailândia é de Issán. Ainda mais significativo, quase todos os monges tailandeses da era moderna nos quais se acredita que tenham atingido a iluminação, nasceram em alguma das vilas agrícolas de camponeses do nordeste, muitos deles na “Província dos Sábios”, Ubon Ratchathani.

UBON

A história de Ubon começa em 1778 com o final de uma dura e sangrenta migração. Alguns anos antes, a nobre família de Chao Prá Ta e Chao Prá Wor, de Vientiane, juntamente com seu grande séquito, fugia do impiedoso Rei de Vientiane, apenas para ser atacada onde quer que se estabelecesse. Finalmente, em desespero, durante o cerco ao seu último assentamento, um pequeno grupo de homens à cavalo furou o cerco em uma noite galopando na direção oeste em busca de ajuda. O Rei do Sião demonstrou ser simpático a eles. Seu renascido estado estava se reerguendo da devastação da capital Ayutthaya pelos birmaneses e estava disposto a estender o seu poder. A Força Expedicionária Siamesa derrotou as forças de Vientiane e seguiu em frente para saquear sua cidade.

Sentindo-se finalmente em segurança, os imigrantes sobreviventes de uma longa luta e anos de prolongadas dificuldades, estabeleceram um assentamento permanente na margem norte do rio Moon, cerca de oito quilômetros a oeste de seu encontro com o Rio Mekong. Eles chamaram sua nova terra de Ubon, em referência à flor de lótus upala que surge encantadora de dentro da lama. Eles prometeram aliança ao Rei do Sião, seu salvador e protetor. Mas antes de qualquer coisa, como migrantes tailandeses fazem a centenas de anos, eles construíram um mosteiro para abrigar aos monges budistas que os acompanhavam.

Nos primeiros anos do século XX, a cidade de Ubon se tornou a capital da província que incluía centenas de vilarejos e se estendia por milhares de quilômetros quadrados. Durante o século anterior, o Sião foi cercado por forças colonizadoras: Grã Bretanha ao sul e oeste e a França, ameaçadora, ao leste. Os antigos sistemas de governo do Sião, onde remotos estados vassalos dispunham de uma certa autonomia, eram agora insustentáveis. Como consequência, Ubon foi integrada ao moderno estado-nação forjado pelo Rei Chulalongkorn para enfrentar a ameaça estrangeira e passou a ser controlada por Bangkok. Era, no entanto, improvável que mais do que um punhado de habitantes de Ubon passassem a se considerar parte de algo tão abstrato quanto uma nação. Para a maioria das pessoas, o vilarejo era sua realidade, e sua independência e prosperidade eram as fontes de seu respeito próprio. A grande preocupação dessa população era o desafio diário de alimentar suas famílias e o mosteiro local era a única instituição na qual eles confiavam. E foi em Bhan Kor, um pequeno vilarejo a alguns quilômetros ao sul da cidade de Ubon, onde Luang Pó Chah nasceu.

II. CRESCENDO

CHAH CHUANGCHOT

Luang Pó Chah nasceu no sétimo dia após a sétima lua cheia do Ano do Cavalo, 1918. Ele era o quinto de onze filhos de Mah e Pim Chuangchot que, como a imensa maioria dos de sua geração, eram fazendeiros de arroz de subsistência. O nome “Chah” significa “esperto, capaz, engenhoso”.

Como manda a tradição, a mãe de Luang Pó deu à luz ajoelhada, braços acima da cabeça agarrando a uma corda amarrada às vigas da casa. Depois disso, ela passou por duas semanas de confinamento, deitada com seu estômago o mais próximo possível de um braseiro para “secar” o seu útero - um costume dos antigos que ainda sobrevivia no interior do país mesmo que, uns setenta anos antes, o Rei Mongkut se pronunciou contra isso como sendo “um crime monstruoso e sem sentido ao fazer as mulheres ficarem assadas e defumadas”. Nos primeiros meses após dar à luz, a mãe de Luang Pó o alimentaria mastigando arroz grudento em sua própria boca para depois gentilmente servir para ele com uma colher.

Luang Pó nasceu em um lar afetuoso e respeitável, em uma das mais abastadas famílias de uma comunidade bastante coesa. Os vilarejos de Issán nos velhos tempos, isolados por florestas, vulneráveis à variação do clima e ao capricho dos espíritos, davam grande ênfase em compartilhar, em serem generosos e viver em harmonia. O modelo era o de famílias interconectadas, vivendo juntas ou em casas muito próximas e por várias gerações isso fez com que quase todas as pessoas de um vilarejo tivessem algum parentesco de uma forma ou outra com todos os demais. Casas eram feitas de madeira, telhados eram feitos de palha e eram erguidas sobre pilastras para proteção contra enchentes e animais silvestres. Elas eram construídas próximas umas às outras sem cercas ou limites entre elas. A vida era conduzida em um grande espaço aberto no piso superior, com quartos usados apenas para dormir. As pessoas não apenas escutavam os dramas familiares dos vizinhos como também podiam vê-los. Não havia o conceito de privacidade, muito menos um desejo por privacidade. Os moradores dos vilarejos respeitavam os monges, os anciãos e os espíritos. Eles valorizavam ter consideração pelos sentimentos dos outros e tinham um saudável senso de vergonha*. E eles não se entusiasmavam com conversação ou em dar risadas. Luang Pó cresceu com um grande senso de comunidade, de saber o seu lugar, e com “o dom da oratória”.

O adjetivo mais comumente usado para descrever Luang Pó nos seus últimos anos - cheio de vida - é o que também vem à cabeça instantaneamente quando o imaginamos como criança. Ele tinha uma extrovertida, radiante

*Na Tailândia, a palavra “vergonha” significa algo um pouco diferente daquilo geralmente entendido nas culturas ocidentais. Veja na página 239, ‘Hiri e Ottappa’.

e ocasionalmente esprevidada disposição, mas também possuía um jeito interessado de observador – ninguém o fazia de bobo. Luang Pó possuía o rosto arredondado e o achatado “nariz de leão” comuns à sua etnia. Mais marcante, a sua boca era diferentemente grande e evidente. Em contraste com a contundente simetria de seu rosto, sua orelha direita era um pouquinho maior do que a esquerda. Ele era reconhecido como o líder natural do seu grupo de amigos. Seus colegas lembram dele como aquele de quem todos queriam estar perto e que em sua ausência todos os jogos e brincadeiras pareciam sem graça. Eles se recordam de seu temperamento calmo. Eles diziam que ele nunca impôs sua liderança por *bullying* ou coerção, e ninguém se recordava dele metido em uma briga. Ele era algo como o mediador nas desavenças dos colegas. E desde muito cedo, ele era atraído pelo manto amarelo.

Anos mais tarde, ele relatou lembranças de infância nas quais ele se vestia de monge. Ele contou que se sentava elegantemente em uma velha cama de bambu com seu *pano kaoma** colocado sobre o ombro esquerdo como um manto enquanto seus colegas faziam o papel de leigos. Ele se recordava de encenar a oferenda diária da refeição - presumidamente o único evento da rotina diária de um monge passível de ser dramatizado. Luang Pó tocava um sino e seus colegas traziam pratos com frutas e água fresca em sua direção. Depois de se prostrarem três vezes, eles lhe ofereceriam de maneira gentil; em retribuição ele lhes daria os Cinco Preceitos** e uma benção.

A cultura de Issán não faz uma distinção clara entre as ideias de trabalho e brincadeira. A palavra ‘*ngan*’ expressa essa fluidez de boa maneira, significando tanto “trabalho” como também “festival, cerimônia ou feira”. Crianças que cresceram em vilarejos de Issán sempre foram ensinadas desde cedo a assumirem responsabilidades - no campo, em casa e ajudando a cuidar dos irmãos mais novos. Em sua maioria, eles pareciam possuir um talento natural para aproveitar de forma agradável as suas tarefas. Na época de Luang Pó, o principal trabalho das crianças era o de levar

* Um pedaço de pano multiuso usado por homens tailandeses. Mede aproximadamente dois metros por um e geralmente é estampado com um padrão irregular meio brilhante. É usado como sarongue, como pano de banho, como toalha, echarpe, turbante, para carregar coisas e até mesmo como rede pra descansar.

** Veja Glossário, 872.

os búfalos da família para o pasto. Eles também auxiliavam em procurar por comida adicional. Enquanto a colheita de cogumelos era a tarefa favorita depois de uma chuva, capturar pequenas criaturas para a refeição noturna era a tarefa mais comum. Pode parecer surpresa que os devotos camponeses budistas de Issán fossem tão dispostos a tirar uma vida. O rigor do ambiente sem dúvida teve parte nisso. Caçar também era parte de sua cultura pré adoção do Budismo por milhares de anos e foi algo que eles nunca abandonaram completamente. Em todo caso, os camponeses de Issán comiam criaturas sem distinção. Insetos, lagartos, besouros - nada era poupado.

Depois de ler relatos sobre como era a vida nos vilarejos de Issán no início do século XX, fica fácil de imaginar o pequeno Chah no verão, tocando um plácido búfalo para o pasto de manhã cedo; ou no intenso calor do meio dia, vê-lo sentado à sombra de uma mangueira cantarolando trechos de canções populares, chupando preguiçosamente uma manga ou tirando um cochilo. Durante a estação chuvosa, nos aguaceiros, enquanto um barulhento grupo de moleques persegue sapos e rãs, ele certamente seria aquele na liderança, gritando à plenos pulmões. No inverno ele está em outra caçada; com os colegas ele observa debaixo de uma árvore, então ele sobe carregando um longo galho cujas pontas estão cobertas da viscosa seiva de jaqueira, e com isso toca as costas das cigarras que estão reunidas nos ramos ao vento. Enquanto ele guarda seus prêmios em um cesto com tampa para levá-los para o jantar, ele coloca uma ou outra de lado para “estourar o tímpano” de algum coleguinha desavisado.

Mesmo que essas cenas até tenham um certo charme, Luang Pó acreditava que elas traziam consigo uma sombra invisível. Anos mais tarde, ele dizia que muitas das doenças que o afligiram durante toda sua vida eram as consequências cármicas das crueldades casuais que ele infligiu à esses seres vivos quando criança.

DEKWAT

Na década de 1920, uns trinta anos depois de sua implementação, o sistema de educação estatal ainda tinha se infiltrado pouco no interior de Issán. Durante a infância de Luang Pó, três anos de educação primária estavam disponíveis, mas não eram compulsórios e poucos pais de família viram

seu valor. Luang Pó aos nove anos tinha completado apenas um ano de estudos.

A educação dos jovens era tradicionalmente uma das mais importantes funções do mosteiro do vilarejo. Sem levar em conta o injusto fato de que metade das crianças - as meninas - eram excluídas, os resultados eram impressionantes. Observadores internacionais sempre expressaram surpresa com o alto número de pessoas alfabetizadas entre os homens tailandeses (ao mesmo tempo, de forma interessante, enquanto elogiavam o que eles viam como sendo uma superior perspicácia e capacidade laboral das mulheres). Os garotos auxiliavam com as tarefas do mosteiro e, pelo contato diário e pessoal com os monges e participando da vida do *Wat**, eles recebiam uma educação com um forte embasamento moral e espiritual. Era um sistema que promovia fortes laços entre o mosteiro e o vilarejo e houve uma discussão de que a perda desse papel educacional do mosteiro para o Estado foi um duro golpe para o senso de propósito da Sangha do interior do país, do qual eles nunca se recuperariam totalmente.

Foi aos nove anos de idade que Luang Pó pediu permissão aos seus pais para se mudar da casa da família para o mosteiro do vilarejo. Era uma prática comum dos pais confiar um filho ao cuidado dos monges, mas era raro um garoto se voluntariar. Muitos anos mais tarde, Luang Pó falou sobre essa decisão da seguinte maneira:

Bem, as causas e condições estavam lá. Quando garoto, eu tinha medo de cometer más ações. Eu sempre fui um garoto direito. Eu era honesto e não contava mentiras. Quando havia coisas para serem compartilhadas, eu tinha consideração, pegava menos do que seria minha parte. Aquele instinto natural seguiu amadurecendo até o dia que eu disse a mim mesmo, “vá pro mosteiro”. Eu perguntei aos meus amigos se eles alguma vez tinham pensado em fazer a mesma coisa e nenhum deles tinha. A ideia apenas veio naturalmente. Eu diria que aquilo foi fruto de ações passadas. Conforme o tempo passou, as boas qualidades

*Termo em tailandês usado tanto para Templo quanto para Mosteiro Budista. Por todo o livro o termo será utilizado de forma alternada com os dois outros termos em português.

cresceram constantemente dentro de mim até que um dia me levaram a decidir e agir como fiz.

Em outra ocasião, em um tom mais humorístico, Luang Pó contou à alguns discípulos leigos que ele se tornara um *dekwat* (garoto/ajudante do templo) porque ele estava cansado de regar as plantações de tabaco da família. Ele disse que quanto mais se rebelava contra suas tarefas, mais seus pais arrumavam tarefas para ele, com receio de que ele se tornasse um mau garoto. Como recorda uma de suas irmãs, um pequeno incidente “encabeçou” a decisão:

“Ele ter ido morar no mosteiro não foi algo arranjado por nossos pais; foi sua própria ideia. Um dia ele estava ajudando aos irmãos a pillar arroz, mas o fazia de má vontade. Então aconteceu que o martelo usado pra bater o arroz ficou frouxo e precisava ser calçado com um pedaço de madeira. E ele não ajudaria com isso. Mas quando os demais estavam fazendo seus calços, um deles acabou escapando e o acertou em cheio. Deve ter doído mesmo pois ele ficou bravo e gritou: ‘Chega! Eu vou embora e vou virar monge!’ ”

Seus pais o levaram ao mosteiro do vilarejo. Wat Bahn Kor ficava em um grande local arenoso sombreado por coqueiros, mangueiras e pés de tamarindo, e consistia de um Salão de Dhamma, dos alojamentos dos monges e de um Salão de Uposatha rodeado por uma proteção de água [uma forma tradicional de determinar os limites do local onde ocorram cerimônias ou encontros oficiais da Sangha]. *Pó Mah* e *Mé Pim** confiaram o filho ao abade com uma previsível mistura de tristeza e orgulho - e Luang Pó era agora um *dekwat*. Mas esse não era o início de uma longa e dolorosa separação de seus pais: Luang Pó não seria enclausurado em um ambiente de reclusão de forma alguma. Os limites entre o mosteiro e as redondezas eram determinados não por muros mas apenas por uma frágil cerca de bambu. De fato, o mosteiro era o centro focal da vida em comunidade do vilarejo e não um refúgio dela. De certa forma, ele entrou no mundo ao invés de sair dele.

* Literalmente: ‘Pai Mah e Mãe Pim’. Na época em que Luang Pó cresceu, os sobrenomes tinham sido apenas recentemente adotados na Tailândia. Geralmente as pessoas seriam chamadas pelo seu primeiro nome precedido pela honraria familiar.

Desde os primórdios da história do Budismo, sempre houve aqueles que desejavam entrar na vida monástica mas se sentiam incapazes de suportar o rigor do regime itinerante de viver na floresta, que foi a norma na primeira fase da carreira de transmissão dos ensinamentos do Buda. Mesmo durante a vida do Buda, mosteiros começaram a ser erguidos nos limites das cidades e vilarejos. Muitos monges torceram o nariz pra esse desenvolvimento. Eles achavam que esses mosteiros se localizavam muito próximos das corruptivas influências do mundo. Por outro lado, não se podia negar que esses mosteiros atendiam a uma demanda.

Conforme o Budismo se espalhou pela Índia e para além dela, o número de monges que escolhiam seguir uma vocação mais acadêmica era composto por monges mais velhos e por aqueles de saúde muito frágil para viver nas florestas. Ao mesmo tempo, a comunidade de leigos budistas desejava a presença da Sangha* de forma mais tangível e próxima à eles. Os monges de floresta eram venerados por sua devoção, mas pareciam muito distantes. Os camponeses e moradores das cidades queriam ter monges por perto como exemplos e guias em sua rotina diária e também para exercer o proeminente papel em cerimônias tradicionais e na vida social da comunidade. Com o passar do tempo, os monges urbanos assumiram um papel secular ativo e crescente que os afastou de certa forma da ideia original do *bhikkhu***, mas foram indispensáveis na criação de uma sociedade que considerava a si mesma como Budista.

Em meados do século XIII, a cidade de Sukhothai, um dos antigos redutos ao norte do império Angkor, tornou-se o local do primeiro império independente da Tailândia. Na mesma época, a antiga tradição Mon Theravada dominante em Sukhothai foi ameaçada ao invés de enriquecida pelo encontro com outras tradições. Para os tailandeses, que eram dinâmicos e conquistadores, o Budismo de Sukhothai apresentava uma aparência cansada e desgastada - uma nobre tradição que tinha perdido o senso de direção. O Rei Ramkhamhaeng se voltou então à linhagem de monges de floresta que foi introduzida no sul da Tailândia vinda do Sri Lanka - o então

* O termo Sangha (com 'S' maiúsculo) é usado nesse livro de acordo com a convenção tradicional, isto é, em referência solene à ordem monástica.

** O monge Budista. Literalmente: 'aquele que mendiga por comida (*bhikkhā*)'.

centro que florescia do mundo Theravada - com o intuito de revitalizar a vida espiritual do seu reino.

Os monges de floresta eram proficientes tanto nas escrituras em Pali quanto nas tradicionais práticas de meditação. Eles possuíam a pureza, a integridade e o frescor nos quais a vida religiosa de uma nova nação budista autoconfiante poderia se embasar. O Rei construiu um mosteiro para eles nas colinas à oeste da cidade e em todos os dias de Observância (Wan Prá)* ele montaria em seu elefante branco, encabeçando uma grande e magnífica procissão, para tomar preceitos e ouvir o sermão. Através do apoio do Rei e de sua corte, o ideal do monge de floresta foi exaltado.

Com o passar dos séculos, no entanto, com o gradual declínio de Sukhothai e o crescimento e expansão do poder Siamês ao sul em Ayutthaya, foram os mosteiros das cidades e dos vilarejos que se tornaram dominantes. Com o papel da Sangha ganhando relevância e se tornando mais interdependente na sociedade, ela passou gradualmente a ser institucionalizada. Dado o enorme prestígio da Sangha, era inevitável que o rei tentasse controlá-la. Um sistema de administração foi estabelecido no qual aqueles que exerceriam o poder seriam escolhidos pelo rei. Uma vida monástica se tornou tanto uma carreira viável quanto uma vocação. Poder, riqueza, status e fama estavam agora disponíveis aos monges de carreira e períodos de corrupção na Sangha se alternavam com movimentos de reforma. Durante esse período, a experiência monástica temporária era esperada de todos os homens mais jovens e era compreensível que a maioria desses monges temporários preferiria ficar em um mosteiro mais confortável e perto de casa do que em uma distante e inhóspita floresta onde eles poderiam ser assombrados por espíritos, por animais selvagens ou por avassaladoras febres.

Esse desenvolvimento tendeu a marginalizar os monges de floresta. De sua anterior preeminência, a Sangha de Floresta tornou-se uma força insignificante. Os monges de floresta eram então vistos com desconfiança

*“Wan Prá” pode ser traduzido literalmente como ‘Dia Santo’ e pode ser comparado com o ‘Sábado Cristão’. Contudo ele não cai em um dia específico da semana. Ele é determinado pelo calendário lunar e cai nos dias de virada de lua (cheia, nova, quarto crescente e quarto minguante). Daqui para frente, esse livro seguirá a convenção estabelecida pela Sangha ocidental de Luang Pó Chah e se referirá a ele como ‘Dia de Observância’.

pelas autoridades, com medo e mistificados pelos camponeses e mais conhecidos por seus supostos poderes paranormais do que por sua devoção ao sistema budista de treinamento da mente. Ao mesmo tempo, os mosteiros dos vilarejos se tornaram intrinsecamente ligados à vida da população. Os mosteiros locais davam identidade ao vilarejo, uma certa conexão com as forças invisíveis do universo, um senso de continuidade através das constantes mudanças.

Poucas das imagens que a palavra “mosteiro” comumente evoca na mente de um ocidental estariam de acordo com a realidade de um mosteiro de vilarejo no interior tailandês. Podia até ser o local de residência de monges, mas era considerado propriedade de todos. O caminho em frente ao Salão de Dhamma era uma via pública e o mosteiro era utilizado por todas as casas vizinhas. Importantes reuniões públicas ocorriam no Salão de Dhamma, que também funcionava como albergue para viajantes de passagem e era também o centro para receber e disseminar as notícias de outras regiões.

O mosteiro tinha um papel central na vida social do vilarejo. Era o local para os importantes festivais que marcavam os desafios do ano. Com a quase inexistência de entretenimento diário, todos buscavam as vívidas *Ngan Wat*, ou feiras no mosteiro, atrás de alegria e diversão. Algumas dessas festas eram de um significado especificamente budista (ex. aquelas que marcavam o início e o final dos Retiros de Chuvas, os aniversários de nascimento, iluminação e morte do Buda). Outras como a Festa do Foguete eram de caráter mais terreno e animista, presididas por monges e marcadas por oferendas de esmolas feitas à eles. Mas qualquer que fosse a ocasião, nenhuma *Ngan* estaria completa sem os entretenimentos realizados dentro do mosteiro: performances de menestrelis *mólam*, barraquinhas de doces e salgados, teatros de sombras, lutas de boxe e fogos de artifício. Era um período onde o modo contido da sociedade dos vilarejos de Issán temporariamente relaxava, álcool era consumido inadvertidamente e se divertir no mosteiro era a ordem do dia.

Quanto aos monges, eles não eram uma elite hereditária. No Budismo Tailandês, ordenações temporárias são a norma desde longa data e constituem um rito de passagem para os homens jovens. Era então sempre fácil ingressar na ordem monástica e igualmente fácil largar o manto. Deixar o manto não incorria nenhum estigma: ao deixar de ser monge, um

homem passaria a ser chamado de ‘*Tid*’, um respeitável título derivado da palavra em sânscrito ‘*paṇḍita*’ ou sábio. De fato, um homem que nunca tivesse sido um monge era considerado imaturo (literalmente: “verde / que não amadureceu”) e muito menos atrativo como marido ou genro em potencial do que aquele que tinha passado por um período como monge. Tradicionalmente, os jovens em um vilarejo se tornariam monges pelo período de um Retiro de Chuvas* anual, que dura três meses, mas às vezes eles poderiam permanecer de manto por dois ou três anos. O resultado disso era uma fluida comunidade monástica, na qual as figuras passageiras dos monges temporários estariam lado à lado com um núcleo de monges com pretensões de longo prazo. Um dos grandes méritos desse sistema era que, com toda família tendo membros que eram ou já tinham sido monges, a conexão entre o vilarejo e o mosteiro era constantemente renovada.

Os monges com pretensões de longo prazo seriam sempre poucos em número. Praticamente todos eles teriam nascido e crescido no vilarejo local e portanto teriam grande empatia com os problemas do dia a dia da população local. Eles tomariam parte seriamente nos assuntos do vilarejo, às vezes como líderes em projetos públicos como, por exemplo, na construção de uma ponte ou, quando necessário, como conselheiros imparciais ou árbitros entre desavenças e disputas entre a comunidade leiga.

Historicamente, o *wat* era o centro de aprendizagem. Além de sua posição de destaque como membros da Sangha, os monges também eram prestigiados como sendo as pessoas de mais alta educação e conhecimento na comunidade. Eles aprenderiam e transmitiriam habilidades diversas como carpintaria, pintura, artes decorativas e fabricação de cerâmicas e tijolos. Alguns monges seriam especialistas em ervas medicinais e alguns, à despeito da proibição pelo Código de Conduta Monástica (o *Vinaya*)**, eram astrólogos.

Ao menos idealmente, o primordial era o papel religioso do mosteiro. Era esperado que os monges fossem, sempre que possível, a forma humana dos ensinamentos do Buda e que inspirassem valores morais e espirituais com suas palavras e ações. Eles também eram solicitados à realizarem

*Ver Glossário, 886.

**Os dois termos serão utilizados de forma alternada no livro. Ver Glossário, 892.

rituais tradicionais e conduzirem cerimônias. Eles seriam convidados para ir à casa das pessoas para entoar bênçãos e aspergir “água benta” durante casamentos, inaugurações de casas, em tempos de doença ou má sorte. Quando morria um camponês eles seriam convidados para entoar os (um tanto abstratos e filosóficos) versos de *Mātikā*, que se acredita terem sido os ensinamentos que o Buda deu à sua mãe em um dos reinos celestiais depois da morte dela.

Talvez de forma mais significativa, o mosteiro era o centro para acumular méritos, algo entendido como sendo a mais importante atividade religiosa dos leigos Budistas. Mérito (*puñña*) se refere à bondade como a força para a felicidade no presente e no futuro. Uma pessoa sábia acumula méritos através de atos de caridade, de uma vida com moralidade e através do cultivo da paz e da sabedoria. Como resultado, ele ou ela leva uma vida de satisfação e sucesso e, depois da morte, renasce em um reino de felicidade. Oferendas de alimento e suporte material para o mosteiro sempre foram as formas mais simples e populares de acumular méritos. Mesmo que monges individualmente nem sempre sejam especialmente inspiradores aos leigos, eles sempre foram considerados enobrecidos e empoderados pelo manto amarelo que vestem e portanto aptos a atuar como “campo de mérito”. Com a acumulação de méritos vista como sendo o mais importante fator que pode afetar o bem estar e a prosperidade no presente e no futuro, fica fácil perceber o quão importante era o papel dos mosteiros na vida dos vilarejos.

O abade era comumente a figura de maior respeito e poder no vilarejo, com uma combinação de prestígio pela idade, posição e sabedoria. Muito pouco acontecia no vilarejo sem o seu conhecimento e nada significativo acontecia sem o seu aval. Pessoas se consultariam com ele sobre qualquer assunto, dos problemas do coração à compra de terrenos. A maravilhosa e sugestiva obra de Kampon Boontawee, *Criança do Nordeste*, nos dá uma ilustração memorável de um abade como esse. O pequeno garoto Khun vai ao mosteiro pela primeira vez com seu pai para se encontrar com o velho abade, Luang Pó Ken, de quem ele tem um medo mortal. Eles chegam enquanto o monge de dentes enegrecidos e aparência fragilizada conversa com um grupo de mulheres - seu manto ‘puído e escurecido pelo tempo, o pano dobrado que cobre o seu ombro parecendo um dos trapos que

ficam atados ao tronco da antiga árvore Bodhi do quintal do mosteiro’. As mulheres traziam seus filhos doentes para serem benzidos.

“Ele se inclinou pra frente novamente soprando mais uma vez a cabeça do bebê que tem o rosto inchado. Ele então mergulhou o dedo indicador em um pequeno pote contendo algo negro. Cinco ou seis mulheres seguravam suas crianças no colo e ele gentilmente tocava as línguas dos bebês com o dedo entumecido. Ele limpou então o dedo, recostou em sua almofada e falou novamente com sua profunda e rouca voz: ‘Vocês vem até mim por qualquer coisa. Por caxumbal!’ Ele balançava a cabeça vagarosamente em reprovação. ‘Todos os que querem se tornar monges vem até mim, isso eu até entendo. Mas vem também todo mundo cujo bebê está doente, ou que está comprando uma casa nova, ou que quer se casar. Todo mundo que quer dar um nome à uma criança, ou que está com conjuntivite, todos vem me procurar. Vocês deveriam refletir: Se eu morrer, então quem irá tomar conta dessas coisas? Esse ano eu completarei oitenta e cinco anos.’ Ele ficava em silêncio por um instante, olhando para os bebês, então ria em silêncio para si mesmo, ‘Bem... Paciência.’”

Luang Pó passou quatro anos como *dekwat*. Durante esse período ele aprendeu a ler e escrever, auxiliou varrendo e limpando o mosteiro, servia aos monges e assim gradualmente absorveu ao menos o ambiente e o gosto do básico dos ensinamentos budistas. Suas tarefas não eram tão onerosas e sobrava bastante tempo para brincar com seu colega *dekwat*. Havia sempre uns quantos deles, já que era de costume que os pais já cansados enviassem seus filhos hiperativos ao mosteiro para que se curasse de seu modo selvagem. Órfãos, se não havia nenhum parente para cuidar deles, podiam sempre encontrar abrigo com os monges. Além de aceitar garotos por motivos espirituais, o mosteiro também era um centro de assistência social.

NOVIÇO SAPO BOI

No Código de Conduta Monástica, consta que um aspirante deve ter ao menos vinte anos de idade antes de tornar-se um monge, mas que um garoto ‘velho o suficiente para espantar corvos’ pode tornar-se um noviço. Luang Pó tomou os votos monásticos como noviço em março de 1931. Ele tinha treze anos e poderia possivelmente espantar até um falcão

peregrino. Como noviço, por ser robusto, ter uma barriga saliente e uma voz ressonante ganhou o apelido de ‘Eung’ ou ‘Sapo boi’. A vida seguiu praticamente da mesma forma tranquila de quando ele era apenas um garoto ajudante do mosteiro, contudo o fato de estar agora vestindo o manto lhe conferia um status mais elevado assim como expectativas mais elevadas: ao menos em frente aos leigos, um comportamento mais comedido era esperado. Isso nem sempre foi fácil. Um de seus colegas de noviciado recorda:

“Corriqueiramente havia convites para ir recitar cânticos na casa de alguém, e ele desandava a dar risadas no meio da recitação. E assim que ele começasse, estava feito - não conseguíamos nos segurar e desandávamos todos a rir. Às vezes ele começava a rir durante a refeição. Ele sempre estava achando alguma coisa engraçada.”

Luang Pó passaria um tempo diariamente andando para lá e para cá na sombra, memorizando os vários cânticos em Pali: o da rotina diária, as bênçãos das refeições, versos auspiciosos entoados em inaugurações de casas e em casamentos, cânticos fúnebres e reflexões sobre o Dhamma:

Adhuvam̐ jīvitam̐; dhuvaṃ maraṇam̐; avassaṃ mayā maritabbam̐.

A vida é incerta; a morte é certa; eu também morrerei.

Ele também completou o primeiro dos três níveis do Exame de Dhamma *Nak Tam*. Nele estavam incluídas histórias da vida do Buda e seus ensinamentos, o código de conduta, a história do Budismo e provia uma sólida base dos principais ensinamentos. Em outros momentos, cuidar do jardim e ajudar em projetos de construção serviam como válvula para o ímpeto juvenil.

DE VOLTA AO MUNDO

Durante seus anos como noviço, Luang Pó teve como professor e mentor um monge chamado Ajahn Lang. De acordo com a relação de reciprocidade estabelecida nos textos do *Vinaya*, Ajahn Lang supervisionava os estudos de Luang Pó e, em retorno, Luang Pó atuava como seu assistente pessoal. Habitualmente, Ajahn Lang cordialmente acompanharia Luang Pó em visitas noturnas à família dele - não era permitido que um noviço o fizesse sozinho. De fato, ele parecia gostar mais dessas visitas do que o próprio

Luang Pó, irradiando uma confiança e um certo charme na família de Luang Pó, algo que o jovem noviço deve ter notado como sendo um pouco excêntrico.

Conforme conforme Ajahn Lang instigava, essas visitas se tornaram cada vez mais frequentes e prolongadas. Às vezes já seria tarde da noite antes que os dois voltassem ao mosteiro, acompanhados pelos latidos dos cachorros do vilarejo perturbados pelos seus passos. Um dia, Ajahn Lang confidenciou à Luang Pó que ele tinha decidido largar o manto e sugeriu que seu discípulo fizesse o mesmo. Um confuso Luang Pó então concordou. Ele já tinha passado sete anos no mosteiro e agora com a perigosa e insegura idade de dezesseis anos, um pequeno empurrão já era suficiente. Passados alguns dias de que ambos largaram o manto, os pais de Luang Pó receberam a visita dos parentes mais velhos do ex-Ajahn Lang para conversar sobre um pedido de casamento. O apaixonado admirador de Sah, irmã de Luang Pó, certo de ser correspondido, estava finalmente livre para declarar seu amor.

Luang Pó voltou a trabalhar nos campos da família. Inevitavelmente, a novidade do suor e da lama rapidamente desapareceriam e, mesmo tendo ele se aplicado com afinco à rotina do cultivo com um gosto digno de elogios por sua família, tudo indica que ele levava dentro de si em silêncio uma sensação de perda e vazio. Não era algo avassalador - ele era um jovem otimista e vigoroso - mas era uma constante e discreta sombra que era difícil de ser ignorada. Pelo momento, Luang Pó estava contente em buscar diversão de maneira comum. Sempre com um pequeno grupo de amigos, ele ia às feiras em mosteiros nos vilarejos vizinhos onde eles poderiam aproveitar todos os prazeres normais aos jovens rapazes, inclusive flertando com as moças locais.

Nessa época, os notados poderes de resistência de Luang Pó estavam começando a se manifestar por si mesmos - ainda que aplicados à assuntos mundanos. Ele e seus amigos caminhavam cerca de quinze quilômetros à uma feira em um mosteiro e então, tarde da noite, caminhavam o percurso de volta. Alguns dos jovens do grupo, os que costumavam beber um pouco mais, às vezes queriam parar e dormir ao pé de uma árvore no meio do caminho, mas Luang Pó - seus velhos companheiros se recordavam anos mais tarde - sempre insistiria em caminhar todo o percurso de uma vez.

Ele tinha, contudo, suas fraquezas. Mesmo confiante e seguro como ele parecia, Luang Pó tinha um profundo medo de fantasmas. Ele poderia trabalhar por um dia inteiro e depois caminhar uma noite inteira se ele quisesse, mas não atravessaria uma floresta ‘mal assombrada’ sozinho. A casa de Luang Pó era separada da casa de seu melhor amigo Phut por uma floresta com essa fama. Se eles chegassem tarde da noite, Luang Pó preferiria dormir na casa de seu amigo do que voltar para sua casa sozinho.

AMOR ENTRE JOVENS

E foi quando Luang Pó se apaixonou por Jai, irmã adotiva de Phut. Ele começou a passar cada vez mais tempo na casa de Phut, cortejando a moça. Os costumes daquela época decretavam que jovens casais jamais ficariam sozinhos e tocar um ao outro de qualquer maneira era um tabu. O jovem rapaz deveria se encontrar com a moça na casa da família dela, no andar de cima, na varanda no começo da noite, onde ela estaria sentada de forma recatada. Os pais de Jai pareciam contentes com a possibilidade desse compromisso: Luang Pó era um amigo da família, de boa índole, honesto e trabalhador e talvez mais importante, sua família era abastada o suficiente para oferecer um bom dote*.

Em uma noite, o jovem casal traçou um plano: eles se casariam assim que Luang Pó cumprisse o serviço militar e passasse um Retiro de Chuvas como monge para acumular mérito para seus pais da maneira como determinava a tradição. Naquela época, Luang Pó tinha dezoito anos e Jai dezessete. Seriam mais quatro anos até que eles pudessem finalmente andar de mãos dadas.

Com a proximidade da temporada de chuvas, todos os lares estavam ocupados preparando arados, rastelos, enxadas, arreios, redes de pesca e machados para o trabalho nos campos. Luang Pó tinha acabado de levar uma leva de ferramentas para a pequena cabana erguida sobre palafitas no meio de seus campos. Você pode imaginar a cena: um céu pesadamente nublado e úmido e abaixo dele, um atarracado jovem com uma marcante boca larga, sem camisa, com um pano amarrado na cintura, chacoalhando

*Diferentemente da maioria das culturas, na Tailândia, os presentes vão da família do noivo para a família da noiva, e não vice-versa.

no assento desconfortável de uma charrete puxada por búfalos enquanto ela cruza os caminhos irregulares entre o verde vibrante dos arrozais. Ele está prestes a receber notícias devastadoras. Luang Pó fez o relato dessa estória muitos anos mais tarde:

Quando eu tinha dezoito anos eu gostava de uma garota. Ela também gostava de mim e, dessa forma, eu acabei me apaixonando. Eu queria me casar com ela. Eu sonhava acordado sobre tê-la ao meu lado me ajudando no campo, ganhando o sustento juntos. Foi então que um dia, no caminho de volta pra casa eu encontrei meu melhor amigo, Phut, na estrada. Ele disse, ‘Chah, eu vou ficar com a garota’. Quando eu ouvi essas palavras eu fiquei completamente atordoado. Fiquei em estado de choque por horas a fio. Eu lembrava da previsão de um astrólogo de que eu não teria esposa mas que teria muitos filhos. Naquela época eu não imaginava como isso seria possível.

De forma simples e com a prerrogativa de serem inquestionáveis que os pais tinham naquela época e cultura, o pai de Phut e sua madrastra decidiram que os dois meio-irmãos deveriam se casar; não havia mais nada a ser dito. Os motivos eram pragmáticos, financeiros. Se Phut se casasse com Jai a família economizaria o valor do dote. Eles tinham recém adquirido um terreno um pouco distante do vilarejo que não poderia ficar em descanso, sem que alguém tomasse conta. O jovem casal se mudaria para lá e trabalharia a terra juntos.

Desolado, Luang Pó não teve outra escolha a não ser se resignar com a situação. Não fazia sentido ficar bravo com Phut. Seu amigo não havia conspirado nas suas costas e estava dolorosamente envergonhado com toda a situação. Mas esse desapontamento foi profundo, uma afiada e dolorosa lição acerca das incertezas que assolam as relações humanas.

Luang Pó não desistiu de sua amizade com Phut, de fato ela duraria até o fim de sua vida. Mas quanto à Jai, ele deveria ser mais comedido: ele não podia forçar seus sentimentos quanto à ela a simplesmente desaparecerem por força de sua vontade. Quando ele era um monge recém ordenado, se ele visse Jai no mosteiro ele faria de tudo para evitar um encontro que poderia trazer à tona difíceis emoções. Luang Pó admitiu que pelos primeiros

sete anos de vida monástica, foi impossível abandonar completamente os seus pensamentos sobre essa jovem moça. Nessa fase inicial de sua vida monástica, Luang Pó assim como um grande número de jovens monges através dos tempos, deve ter sido assolado por fantasias de tentadoras possibilidades e milagrosos finais felizes que, quando friamente considerados, ele realmente não desejava. Foi apenas quando ele finalmente partiu do entorno familiar e quando a prática de meditação evoluiu para métodos de pacificar os pensamentos e ver as coisas em perspectiva que essas fantasias perderam sua força.

Nos seus últimos anos como abade de Wat Nong Pah Pong, descrevendo as desvantagens dos desejos sensuais aos monges, ele geralmente comentava sobre a dívida de gratidão que ele tinha com Phut, ‘Se ele não tivesse se casado com Jai, eu provavelmente não estaria aqui hoje.’ Talvez realmente fosse o caso; mas ao mesmo tempo, parece seguro assumir que se ele não tivesse encontrado esse obstáculo específico para uma vida convencional de casado, algum outro certamente apareceria. Em uma palestra gravada décadas depois, Luang Pó revelou:

Eu estava farto. Eu não queria morar com meus pais. Quanto mais eu pensava nisso, mais farto eu ficava. Eu apenas queria estar por conta própria todo o tempo - embora eu não tinha ideia de pra onde ir. Eu pensei assim durante alguns anos. Eu estava farto, mas não com alguma coisa em especial. Eu apenas queria partir pra algum lugar e estar sozinho. Esses eram os sentimentos que eu tinha antes de me tornar um monge. Eu não estava sempre plenamente consciente deles, mas eles sempre estavam os mesmos lá, o tempo todo.

Luang Pó mencionou apenas dois outros incidentes envolvendo sua relação com o sexo oposto. No primeiro, um ex-monge de quem Luang Pó tinha sido amigo durante os anos de noviciado, morreu jovem e Luang Pó deu assistência à desconsolada família durante os dias do funeral. Na noite da cremação, depois que os últimos convidados já tinham ido embora para suas casas, como sendo um amigo próximo da família, Luang Pó sentiu-se preocupado que a viúva e as crianças se sentissem solitários e desolados se deixados sozinhos. Ele se ofereceu para passar algumas noites fazendo-lhes companhia durante seu luto. Na segunda noite, Luang Pó percebeu que

a dona da casa saiu de seu quarto e deitou-se ao seu lado. Ela pegou sua mão e começou a guiá-la por seu corpo. Luang Pó fingiu estar dormindo. Percebendo que não era correspondida, a mulher se levantou e voltou em silêncio ao seu quarto.

Nos últimos anos, Luang Pó viria a admitir que o desejo sexual foi o obstáculo que ele teve enorme dificuldade em transpor. Contudo aqui, em uma situação que tinha todos os elementos de fantasias adolescentes, e sem estar seguindo nenhum voto de celibato na época, ele foi notadamente comedido. As razões podem ter sido o medo ou a falta de atração física. Mas observando seus desafios seguintes, no entanto, é mais provável que o senso de propriedade e o respeito de Luang Pó pelo finado amigo que sobrepujaram o desejo.

Não era incomum para jovens rapazes tailandeses da geração de Luang Pó terminarem a noite com uma visita à um bordel. Sendo assim, é até natural que o segundo e último encontro mais próximo com uma mulher tenha ocorrido em um estabelecimento desses nas ruas secundárias da cidade de Warin. O incidente ocorreu pouco antes de Luang Pó tornar-se um monge, quando seus amigos o persuadiram que, antes de renunciar aos prazeres da carne, ele tivesse ao menos uma pequena amostra de como eles eram. No final, não era para ser. Quando já estava sozinho com a jovem mulher que ele tinha escolhido para ajudá-lo a perder sua virgindade, Luang Pó não pode evitar de perceber através da grossa camada de maquiagem os danos causados pela acne. Um mal estar incontrolável surgiu nele. Ele se levantou abruptamente e do que ele se lembra era de estar de pé em frente à uma barraquinha de comida de rua com uma tigela de macarrão instantâneo nas mãos. Se isso foi um descalabro, então que possa ser considerado o mais acertado, e até cômico, renunciando as dificuldades dos anos seguintes. Como um jovem monge do vilarejo, o único desejo que não era páreo para o desejo sexual de Luang Pó era o seu desejo por macarrão instantâneo chinês - um desejo tão forte que o levou a sair sorrateiramente do mosteiro até o seu vendedor favorito em mais de uma ocasião.

ORDENAÇÃO

Até agora, deve ser aparente que há uma escassez de informações biográficas verificáveis sobre a juventude de Luang Pó. Toda a extensão do que

se sabe sobre os primeiros anos de sua vida foi resgatada de um pequeno número de recordações de velhos amigos e membros da família, anotações pessoais de seu discípulo próximo, Ajahn Jan e algumas passagens extraídas de suas palestras de Dhamma. O resto, especialmente indicações da evolução de sua vida íntima permanecerá sempre opaco.

O que se sabe é que na época em que Luang Pó descobriu que não precisaria prestar o serviço militar e estava então livre para tomar a Ordenação, sua visão sobre o monasticismo tinha mudado. Ele já não mais considerava isso em termos de acumular méritos para seus pais, como uma expressão de gratidão a eles. Mesmo que isso era certamente um motivo admirável, ele via agora que a vida como monge poderia ajudá-lo a solucionar a falta de paz e significado para sua vida. O mundo era um lugar vazio e tedioso, cheio de vicissitudes; talvez a vida monástica pudesse levá-lo à algo melhor. Ele decidiu tornar-se monge por tempo indeterminado. Seus pais estavam felizes com isso. Eles tinham filhos suficientes para ajudá-los com o trabalho no campo, e era algo auspicioso ter um filho monge. A cerimônia de Ordenação (*Upasampadā*) ocorreu no dia vinte seis de abril, 1939, no Wat Kor Nai, o mosteiro local para ordenações em uma tarde quente e reluzente. Prá Kru Indarasāraguṇa foi o preceptor de Luang Pó e lhe deu o nome monástico de ‘Subhaddo’, que significa ‘bem desenvolvido’.

Luang Pó passou os primeiros dois anos de sua vida como monge em Wat Bahn Kor, o mosteiro onde ele tinha sido noviço, estudando os ensinamentos e se preparando para realizar novamente o primeiro nível do Exame Nak Tam*.

Logo que eu me tornei monge eu não treinei à mim mesmo, mas eu tinha fé - talvez eu tenha nascido com ela, eu não sei. Ao final do Retiro de Chuvas, todos os monges e noviços que se juntaram à Sangha junto comigo largaram o manto. Eu pensei, ‘O que há de errado com eles?’ Mas eu não me atrevia a dizer nada pois eu ainda não confiava em meus sentimentos. Meus amigos estavam entusiasmados ao partir, mas pra mim eles pareciam tolos. Eu considerava o quão difícil era ingressar na Sangha e quão fácil era largar o manto. Eu pensava no quanto eles não tinham méritos

*Embora Luang Pó já tivesse prestado esse nível do exame quando era noviço, era de costume prestá-lo novamente quando plenamente ordenado monge.

pra achar o caminho mundano como tendo mais benefícios do que o caminho do Dhamma. Era assim que eu via a situação; mas eu não dizia nada. Eu guardava meus pensamentos pra mim mesmo.

Eu veria meus colegas monges e noviços irem e virem. Às vezes, antes de largar o manto, eles começavam a provar suas roupas de leigos e desfilar pra lá e pra cá. Eu os achava completamente loucos. Mas eles achavam que estavam bonitos, que aquelas roupas eram bacanas, e eles ficavam falando das coisas que fariam depois de largar o manto. Eu não me atrevia em dizer à eles que eles estavam fazendo tudo errado, pois eu não sabia quão durável seria a minha fé.

Depois que meus amigos largaram o manto, eu me resignei. ‘Você está por sua conta agora’, eu dizia pra mim mesmo. Eu peguei então minha cópia do *Pāṭimokkha** e comecei a memorizá-lo. Era mais fácil do que antes, sem ninguém pra ficar brincando comigo ou perdendo tempo. Eu estava apto para me concentrar completamente. Eu não dizia nada, mas eu resolvi que daquele dia em diante até o final de minha vida, mesmo que fosse aos setenta anos, oitenta ou quantos fossem, eu trataria de praticar** de forma constantemente agradecida, não permitiria que meus esforços diminuíssem ou minha fé enfraquecesse, que seria consistente. Isso é algo extremo a ser feito e eu não ousei dizer isso a ninguém. As pessoas iam e vinham e eu não dizia nada. Eu apenas assistia impassível. Mas em minha mente, eu pensava, ‘Eles não veem com clareza.’

Contudo, Luang Pó teve seus problemas nos primeiros dias: Comida se tornou uma obsessão.

Praticar o Dhamma não é nada fácil. Você sofre. O primeiro e o segundo anos são especialmente difíceis. Os jovens monges e os pequenos noviços realmente passam maus bocados. Se você tem um problema com comida, é difícil. Eu me tornei monge aos

* As 227 regras de treinamento dos monges budistas na língua original, Pali.

** Seguindo o uso tailandês do termo ‘patipad’ como exemplificado aqui, os termos ‘prática’ e ‘praticar’ serão usados no livro como uma síntese de ‘cultivar o Nobre Caminho Óctuplo’.

vinte anos. Essa é a idade em que - quem pode negar? - você realmente gosta de comer e de dormir. Às vezes eu apenas ficava ali sentado quieto e sonhando com as coisas que eu gostaria de comer: bananas *taní* prensadas, salada de mamão verde, todo tipo de coisa! A saliva corria como um rio em minha boca.

Depois de prestar o exame, Luang Pó decidiu partir em busca de uma atmosfera mais acadêmica do que aquela que o seu mosteiro local podia lhe oferecer. Em 1941, ele residiu no Wat Suansawan cerca de cinquenta quilômetros ao leste de Bahn Kor e continuou seus estudos no Wat Po Tak que ficava ali perto.

Eram tempos de guerra. A Tailândia, pelo menos oficialmente, era aliada do Japão, e Ubon tinha sido recentemente bombardeada pelos franceses. Havia poucos suprimentos de comida e outras necessidades diárias e os requisitos em Wat Po Tak, onde a comunidade monástica era grande, eram quase no limite de serem adequados. Luang Pó podia aguentar as condições, mas estava desapontado com o padrão de ensinamentos de lá e, depois de apenas um Retiro de Chuvas, ele partiu com um companheiro no intuito de seguir seus estudos no Wat Bahn Nong Lak. Ele ouviu muitos monges elogiarem a habilidade do abade de lá como professor e achou que lhe seria adequado. No entanto, quando seu amigo achou o calor do verão muito avassalador e a escassa comida do mosteiro muito ruim, Luang Pó concordou em se mudar com ele para outro mosteiro em uma cidade próxima. Lá ele estudou para o segundo nível do Exame Nak Tam e seguiu com o estudo de gramática Pali. Depois de passar no exame em 1943, Luang Pó retornou ao Wat Bahn Nong Lak.

Foi um ano no qual ele concentrou todas as suas energias em estudar para o terceiro e último nível do Exame Nak Tam e seguir com seus estudos de gramática Pali. Pela primeira vez, Luang Pó havia encontrado um bom professor que o inspirou com confiança e respeito, e seus estudos progrediram de forma suave.

Já próximo ao final do ano, Luang Pó recebeu notícias que o consternaram: seu pai estava seriamente doente. Os exames de Luang Pó estavam muito próximos de acontecer e se ele fosse para casa naquele momento, o trabalho de todo um ano seria perdido. Deveria ele arriscar e realizar os exames

antes de ir pra casa? Não havia escolha: ele tinha apenas um pai, e os exames poderiam esperar por mais um ano. Ele se apressou em voltar para casa e prontamente encontrou seu pai em uma condição de severo declínio.

Pó Mah, o pai de Luang Pó, era orgulhoso de ter um filho monge e em qualquer oportunidade que Luang Pó voltasse para casa para fazer uma visita, ele sempre o encorajaria em seus esforços e faria um pedido:

“Por favor, Venerável, não largue o manto. Eu o convido à seguir como monge indefinidamente.”

Essa é uma tradução deliberadamente literal. É difícil de transmitir para o Português o tom de uma conversa entre um monge tailandês e seus pais. A devoção filial é enormemente enfatizada na cultura tailandesa e a relação entre pais e filhos é geralmente próxima e calorosa. Mas quando um filho se torna um monge, a forma como eles se dirigem entre eles muda radical e instantaneamente. Os pais agora são leigos. Eles tomam um assento mais baixo, em uma distância respeitosa. Eles usam as honrarias monásticas quando se referem aos filhos e humildes pronomes pessoais quando se referem a si mesmos. Para um observador de outra cultura, essa formalidade pode, à princípio, parecer muito estranha e talvez nada natural. Mas para a própria família, trata-se apenas de uma convenção à qual eles aceitam. A nova forma adotada na fala ajuda à que todos se recordem que, mesmo que a identidade do filho como monge não tenha apagado a identidade dele como membro da família, ela a transformou.

Agora enquanto jazia enfraquecido e encolhido em seu leito de morte, Pó Mah fez a solicitação pela última vez:

“Você fez a escolha certa. Não a mude. A vida como leigo é repleta de muitos tipos de sofrimento e dificuldades. Não existe paz verdadeira ou contentamento nela. Siga como monge.”

Em ocasiões anteriores, Luang Pó sempre permaneceu em silêncio, sua cabeça se curvava levemente demonstrando respeito mas uma certa resistência em tomar tamanho compromisso. Dessa vez, contudo, ele respondeu:

Não, eu não vou largar o manto. Por que eu faria isso?

O rosto de seu pai relaxou em uma expressão calorosa, com um sorriso contente, e ele então adormeceu.

Quando Pó Mah descobriu que os exames de Luang Pó aconteceriam em breve, ele pediu para ele retornasse urgentemente ao seu mosteiro, mas essa solicitação foi recusada. Ao invés disso, Luang Pó ajudou a cuidar de seu pai pelos treze dias e noites a mais que ele sobreviveu. Era dezembro, quando os dias tem um clima mais seco e um vento frio sopra através de Issán vindo da China; quando a primeira coisa pela manhã é que todos acendem fogueiras fora de casa para se aquecerem; e *pipas berimbau** ancoradas no chão voando no céu emitem seu melancólico ‘*tuytuy tuytuy*’ noite adentro. Em um dia ao final daquele ano, a vida de Pó Mah chegava ao fim.

UMA RESOLUÇÃO SOLENE

No período após a morte de seu pai, a vida monástica de Luang Pó começou a tomar uma nova direção. A mudança foi quase certamente precipitada por sua perda. Tendo por alguns anos mergulhado nos textos budistas analisando a condição humana em termos gerais, ele ficou face a face com a mortalidade no seu nível mais pessoal. O corpo humano era um mero conglomerado de elementos de dureza, fluidez, calor e vibração; a inevitabilidade do envelhecimento, da doença, da morte e da separação de tudo aquilo que amamos - características proeminentes de passagens aprendidas por memorização no mosteiro - devem ter adquirido um significado muito mais profundo pra ele. Ver seu próprio pai em sofrimento antes da morte, ajudar a colocar seu corpo sem vida no caixão, vê-lo queimar na pira funerária, juntar os ossos que restaram nas cinzas da cremação - tudo deve ter causado uma profunda impressão no jovem monge.

*Nos vilarejos de Issán, é comum “empinar pipas” no inverno, quando venta mais. Essas pipas tem uma espécie de lingueta de bambu presa à elas, parecida com a lingueta que existe em um “berimbau de boca”. Uma vez no céu, essas pipas são atadas para ficarem voando de noite e quando o vento bate nessa lingueta de bambu, ela reproduz um som característico de berimbau que pode ser ouvido de longe.

Vários anos depois, Luang Pó relembrou o episódio de quando retornou a Wat Bahn Nong Lak depois do funeral de seu pai, quando ele fez uma solene resolução:

Eu dedico meu corpo e mente, a minha vida para a prática dos ensinamentos do Buda em sua totalidade. Eu hei de realizar a verdade durante essa vida... Eu abandonarei todo o resto e seguirei os ensinamentos. Não importa quanto sofrimento e dificuldade eu tenha que enfrentar, eu aguentarei, de outra forma minhas dúvidas não terão fim. Vou fazer dessa vida algo como se ela fosse apenas um dia e uma noite. Eu vou abandonar apegos à minha mente e corpo e vou seguir os ensinamentos do Buda até que eu alcance a sua verdade por minha própria conta.

Em consequência disso, Luang Pó começou a praticar meditação mais seriamente. Mas não sem dificuldades.

Meu primeiro ano de meditação não deu em nada. Minha mente apenas era tomada por pensamentos sobre coisas que eu queria comer; era realmente improdutivo. Às vezes durante uma sessão de meditação, eu podia sentir como se estivesse realmente comendo uma banana. Eu podia senti-la em minha boca... Os obstáculos sempre estiveram na mente por muitas vidas. Quando você tenta discipliná-la, certamente haverá dificuldades.

Foi durante o ano de 1944 que a mãe de Luang Pó, Mé Pim, teve um sonho vívido no qual dois dentes de sua boca caíram. Ela mais tarde recordou que naquele sonho, a sua consternação imediata pela perda dos dentes foi rapidamente interrompida por uma voz que disse, 'Não se importe. Não se preocupe com esses dentes; eles serão substituídos por dentes de ouro.' Ela acordou e instintivamente levou a mão à boca. Alguns dias depois, ao pé da escadaria que levava à sua casa, ela percebeu um pé de árvore crescendo muito rapidamente. Era uma árvore Bodhi, a mesma espécie debaixo da qual o Buda atingiu a iluminação. Quando ela se dirigiu ao abade do mosteiro pedindo conselho, ele disse que aquele era um sinal auspicioso. A melhor coisa a fazer seria transplantar a árvore para o mosteiro. Ele disse que a aparição mágica de uma árvore Bodhi em frente à casa de Mé Pim significava que um grande ser apareceria em sua família.

Ao mesmo tempo em que fazia suas primeiras e incipientes tentativas em meditação, Luang Pó deu sequência em seus estudos de Pali com uma missão honrosa - traduzir as histórias do Dhammapada* para o tailandês. Ele não pôde deixar de perceber a disparidade entre sua própria vida e a dos monges na época do Buda: eles vagavam pelas florestas ‘solitários, dispostos e resolutos’, enquanto ele estava debruçado em livros em uma sala de aula de um mosteiro. Tendo feito a resolução de dedicar sua vida à ordem monástica, a questão passou a ser precisamente de que forma ele deveria viver aquela vida. Ele decidiu que a resposta estava em fazer um novo começo, abandonar os estudos e devotar-se completamente ao ‘caminho da prática’; em outras palavras, tornar-se um monge de floresta. O passo seguinte era buscar instruções.

Naquela época, Issán ainda era pouco povoada e tomada por florestas. Havia poucas estradas e pouco tráfego. A única forma pela qual alguém poderia tomar conhecimento de algum bom professor era pelo boca a boca, talvez por algum ‘*monge tudong*’** que estivesse de passagem. Os mestres de floresta eram poucos, distantes entre si e mantinham certo anonimato. Mesmo tendo sido um membro da Sangha por sete anos, a decisão de Luang Pó de tomar a meditação como prática principal, de se tornar o que era conhecido como ‘monge de prática’, não foi assim tão simples e direta como se pode imaginar. Ele optou por voltar ao Wat Bahn Kor enquanto decidia o passo seguinte.

Aconteceu que Wat Pah Saensamram, um mosteiro de floresta estabelecido por discípulos de Luang Pu Man, que viria a ser um eventual professor de Luang Pó, estava a apenas alguns quilômetros de distância de Bahn Kor, na divisa da cidade de Warin. Mas como se tratava de um mosteiro pertencente a uma linhagem monástica diferente, ele não o considerou naquele momento como uma opção. Depois que uma visita a outro mosteiro de floresta no distrito de Det Udom durante o verão acabou sendo decepcionante, os novos planos de Luang Pó foram postergados pela época das Chuvas. Ele acabou passando aquele Retiro de Chuvas em

* O Dhammapada é uma coleção de ensinamentos do Buda em forma de verso. As histórias contadas nele como pano de fundo levando ao significado de cada verso foram compostas algum tempo depois da morte do Buda.

** Trata-se de monges peregrinos que tomam diversas práticas ascéticas. O termo ‘tudong’ será descrito com maiores detalhes no próximo capítulo.

Wat Bahn Kor ajudando a ensinar o primeiro nível do curso Nak Tam aos jovens monges e noviços. Seus alunos demonstraram pouco entusiasmo pelos estudos. Eles assistiam às aulas por mera formalidade, de forma preguiçosa e desrespeitosa. Era a confirmação final da insatisfatoriedade da vida que ele levou por sete anos. Em dezembro, Luang Pó prestou o terceiro e último nível do Exame Nak Tam e se preparou para uma nova fase, um novo começo.



Assim como existe muito pouco material no qual se pode ter a base do início da vida de Luang Pó, também há uma frustrante falta de informações disponíveis sobre os anos seguintes, nos quais ele estaria realmente se formando em sua vida. A cronologia dos eventos apresentados aqui, datando da partida de Luang Pó de Ubon no início de 1947 até o estabelecimento de Wat Pah Pong em 1954, é necessariamente uma tentativa, feita em grande parte por um trabalho de detetive e inferência. Uma data, contudo, pode ser verificada com verdadeira confiança e se tornou então uma âncora para todas as demais. Luang Pó uma vez mencionou que o ano que ele passou o Retiro de Chuvas com seu professor Luang Pu Kinari foi o ano em que o calendário lunar foi ajustado para sincronizar com o calendário solar pela adição de um mês a mais. Como esse evento ocorre apenas a cada três anos, só pode ser 1948.

III. O CAMINHO DA PRÁTICA

UM NOVO COMEÇO

‘*Tudong*’ é um termo em tailandês derivado do termo em Pali ‘*dhutaṅga*’*, que o Buda permitiu que os monges seguissem com o intuito de intensificar os esforços para deixar de lado suas impurezas. Na Tailândia, o termo ganhou um significado mais amplo. Monges que partiram de seus mosteiros e estão a caminhar pelo interior, dormindo de forma austera

*Ver Glossário, 874.

(geralmente seguindo algumas das práticas dhutaṅga) são chamados ‘Monges *Tudong*’ e se diz que eles estão ‘em tudong’.

No início de 1947, acompanhado de um amigo, o Venerável Tawan, Luang Pó saiu em tudong – uma longa caminhada na direção oeste, rumo à região central da Tailândia. Os dois monges andavam descalços. Eles carregavam suas tigelas de ferro em uma sacola de pano pendurada no ombro e seus *glots* (tendas guarda-chuva)* no outro. Havia poucos vilarejos nas redondezas e, além das áreas cultivadas que os cercavam – agora secas e em repouso depois da colheita – os caminhos acidentados que eles seguiam estavam com o mato alto. Deve ter sido um duro batismo na vida de peregrinação de Luang Pó e seu companheiro. Ainda que os dias possam ter sido quentes, as noites devem ter sido um tanto frias e a única refeição, austera.

O Buda não queria que seus monges fossem eremitas autossuficientes. Ele estabeleceu várias regras no Código de Conduta Monástica com o intuito de garantir que eles tivessem contato diário com a comunidade leiga. Monges não podem cavar a terra, não podem colher frutas de árvores, guardar comida consigo de noite ou cozinhar. Eles devem se alimentar apenas de comida que tenha sido diretamente oferecida em suas mãos ou em sua tigela. O monge tudong faz sua mendicância diária por comida de manhã cedo, come o que quer que queira, de dentro de sua tigela, em apenas uma refeição e abre mão do que quer que tenha sobrado. Sendo assim, se ele quer se alimentar – e ele geralmente tem um grande apetite depois de ter caminhado durante todo o dia anterior – ele deve se certificar de que passará a noite em uma distância relativamente curta para uma caminhada até um vilarejo.

Nas manhãs, enquanto Luang Pó e o Venerável Tawan atravessavam os simplórios vilarejos de Sisaket e Surin, camponeses se apressavam alegremente a colocar comida em suas tigelas. Mas seriam, na maior parte, punhados de arroz grudento puro o que os monges receberiam, e raramente um pouco que qualquer outra comida apimentada ou uma banana para acompanhar. Os camponeses eram pobres e, tendo sido

* O *glot* é um guarda chuva feito à mão com um gancho na ponta, que é pendurado em uma corda amarrada entre duas árvores. Uma tela mosquiteiro é então pendurada nesse guarda chuva criando uma espécie de tenda.

pegos despreparados, teriam sempre pouco à mão para oferecer aos magros e escurecidos monges que apareciam de repente vindos da floresta, caminhando vagarosamente entre suas casas, cabeças baixas, quietos como fantasmas. Gradualmente, os dois monges se habituaram a comer uma grande porção de arroz grudento como sendo sua refeição diária - o calor do arroz passando por sua garganta e o peso dele se assentando em sua barriga enganava a fome, apenas isso. Eles determinaram uma agenda consistente de caminhada que poderia chegar a vinte cinco quilômetros por dia, geralmente em fila única, tentando apaziguar os pensamentos rebeldes e teimosos que surgiam em suas mentes conforme caminhavam. Nas noites eles procurariam um riozinho para tomar banho, dar uma lavada nos seus mantos encharcados de suor e, depois de instalar seus glots sob uma árvore, passariam a noite praticando meditação.

Seu primeiro grande teste foi a conhecida Dong Phaya Yen, uma enorme e densa floresta que, até poucos anos atrás, virtualmente isolava o platô de Issán do resto do país. A essa altura, mesmo que elefantes selvagens, tigres e javalis fossem raramente vistos nas trilhas de charretes que os dois monges utilizavam, mosquitos de malária eram uma ameaça constante: a instalação da via férrea que levava à Issán alguns anos antes custou muitas vidas. Havia muitas cobras venenosas, particularmente de espécies peçonhentas, inclusive a plácida porém altamente venenosa *krait* listrada. Nas noites, depois de instalar seus glots, os dois monges recitavam versos de proteção. Sentados debaixo de uma árvore no escuro, qualquer barulho parecia significativo e ameaçador. Mesmo que os animais maiores os deixassem em paz, eles sabiam que a picada de uma daquelas centopeias ou escorpiões escondidos sob a folhagem à sua volta poderia significar uma noite de muita agonia e pouco descanso.

No final das contas, Luang Pó e o Venerável Tawan saíram ilesos daquela floresta chegando aos arrozais de Saraburi. De lá eles se dirigiram ao norte para a província de Lopburi, ao Wat Kao Wongkot - o mosteiro de Luang Pó Pao, um monge de floresta renomado por sua habilidade em meditação.

Seu local de destino mostrou ser uma montanha rochosa que tinha um precipício em uma lateral e era repleta de cavernas onde os monges residentes viviam sobre simples plataformas de madeira. Um modesto Salão de Dhamma de madeira e uma cozinha foram construídos entre as

árvores e eram os únicos sinais visíveis de que pessoas viviam ali conforme eles subiam por um bem varrido caminho rumo ao topo. O estridente som das cigarras que lhes davam as boas vindas, ao invés de desmerecer o silêncio, parecia de alguma forma ser a sua voz.

Mas o desapontamento estava por vir; eles foram informados por um monge residente que Luang Pó Pao tinha falecido poucos meses antes deles chegarem. Foi-lhes permitido ficar lá por um tempo para descansar de sua viagem e decidir qual seria o passo seguinte. Era a primeira vez que eles se alojavam em um mosteiro de floresta e, tão pronto quanto eles perceberam isso, mesmo sem um professor, havia muito o que poderia ser aprendido ali.

A definição textual de um “mosteiro de floresta” é que (mesmo, teoricamente, um mosteiro sem nenhuma árvore) ele esteja a uma distância de ao menos um quilômetro do vilarejo mais próximo. A relativa reclusão de um mosteiro de floresta tem a intenção de propiciar um ambiente no qual seus residentes possam viver de uma forma parecida com a dos monges da época do Buda, focando seus esforços no treinamento do corpo, da fala e da mente, o que leva à iluminação. Para manter esse foco, mosteiros de floresta na Tailândia não dão ênfase aos estudos acadêmicos e restringem seu contato apenas à comunidade local. O raciocínio do mosteiro de floresta é de que apenas através de monges atingindo os vários estágios de iluminação que a essência do Budismo pode ser resguardada e autenticamente transmitida por uma geração à seguinte.

Foi precisamente procurando um mosteiro assim que Luang Pó viajou para tão longe, e ele sentiu-se inspirado pela diligência e pelo distanciamento gentil demonstrado pelos monges de Wat Kao Wongkot. Luang Pó estava ávido por aprender sobre o modelo de prática que Luang Pó Pao tinha estabelecido, por estudar os ensinamentos que o mestre tinha escrito nas paredes das cavernas e por seguir seus estudos do Vinaya. Foi com essas considerações em mente que Luang Pó e o Venerável Tawan solicitaram e tiveram permissão para passar seu primeiro Retiro de Chuvas como monges tudong em Wat Kao Wongkot.

Uma característica proeminente da prática de Luang Pó (e de seus ensinamentos em anos seguintes) era a ênfase que ele dava em aderir à Disciplina

Monástica. Sua frustração com a ignorância e a falta de interesse que seus colegas monges mostravam com relação ao Vinaya contribuíram de forma significativa para abandonar o sistema dos mosteiros de vilarejo. Fazia muito tempo que ele era fascinado pelo estudo do Vinaya, mas foi apenas depois de ter partido em tudong que ele se sentiu livre para adotá-lo como um guia prático sobre como viver a vida monástica. Ele se dedicou de forma devotada a examinar intensamente dois dos mais detalhados textos disponíveis - o clássico manual do século V, *O Caminho da Purificação* (*Visuddhimagga*) e o comentário tailandês do século XIX *Pubbasikkhāvaṇṇanā*. Esses dois trabalhos, especialmente o segundo, abordavam detalhes sutis das regras (possivelmente buscando defeitos) em uma forma muito antiga de prosa que diminuiria o entusiasmo de todos aqueles salvo os mais empolgados com o assunto. Luang Pó os estudou avidamente, de forma quase obsessiva.

ENXERGANDO O PERIGO

Naquele ano, 1947, Wat Kao Wongkot também foi residência de um monge sênior, vindo do Camboja, alguém que deixaria uma profunda impressão em Luang Pó. Esse monge possuía a distinção de ser proficiente tanto nos estudos acadêmicos da doutrina Budista quanto na prática de meditação - um feito nada comum na Tailândia, onde havia uma rixa de longa data entre monges acadêmicos e monges meditadores. No geral, os acadêmicos não meditavam e os meditadores não estudavam; consequentemente, nenhum grupo tinha o outro em elevada consideração. No entanto, esse monge (cujo nome não foi registrado e será chamado agora de Ajahn Kê) era dotado de uma admirável memória de detalhes da Disciplina e de aspectos profundos dos Discursos (Suttas)*. Ao mesmo tempo, ele adotou o estilo de vida de um monge tudong, mais à vontade quando rodeado pelo silêncio natural das florestas, montanhas e cavernas.

Certa noite durante o retiro, ocorreu um incidente que Luang Pó achou tão inspirador que, anos mais tarde ele frequentemente contaria aos seus discípulos. Ajahn Kê tinha gentilmente se oferecido à ajudar Luang Pó com seus estudos de Vinaya. Depois de uma longa e frutífera sessão

* Os Ensinamentos do Dhamma do Buda como registrados no Cânone Pali. Nesse livro os dois termos serão utilizados alternadamente.

vespertina, Luang Pó, tendo tomado seu banho diário no poço, subiu ao topo da montanha para praticar meditação na brisa fresca de sua encosta. Um pouco depois das dez da noite, Luang Pó estava praticando meditação andando quando ouviu o barulho de galhos quebrando e alguém ou alguma coisa se movendo em sua direção na escuridão. A princípio ele achou que fosse algum bicho caçando seu jantar mas assim que o som se aproximou ele percebeu a forma de Ajahn Kê surgindo da floresta.

Luang Pó: Ajahn, o que o traz aqui em cima a essa hora da noite?

Ajahn Kê: Eu lhe expliquei um aspecto do Vinaya de forma incorreta hoje.

Luang Pó: O senhor não precisava ter se dado tanto trabalho apenas por isso. O senhor nem ao menos tem uma lamparina para guiar o caminho; poderia ter esperado até amanhã.

Ajahn Kê: Não, não poderia. Suponha que por algum motivo eu morresse essa noite e no futuro você fosse ensinar outras pessoas sobre o que eu lhe expliquei. Seria mau *kamma** para mim e para muitos outros.

Ajahn Kê cuidadosamente explicou o ponto novamente e assim que teve certeza de que havia sido claramente compreendido, retornou morro abaixo. Luang Pó sempre teve o costume de citar uma frase nas escrituras descrevendo o monge sincero como sendo ‘aquele que enxerga o perigo na mais pequena falta’. Aqui, ao menos, havia alguém que não ficou apenas no discurso sobre aquele ideal, que genuinamente sentiu a proximidade da morte e que possuía tamanho escrúpulo que o fez se arriscar em subir um caminho traiçoeiro montanha acima no meio da noite. Foi uma poderosa e memorável lição.

Durante esse primeiro retiro dedicado à meditação, Luang Pó ainda não estava certo sobre qual caminho de prática era o mais adequado para ele e experimentou várias técnicas de meditação diferentes. A uma certa altura, ele decidiu tentar usar um rosário e, na tentativa de fazer um para ele mesmo, juntou 108 sementes que seriam necessárias de um galho de uma árvore *tabék* quebrado por um bando de macacos. Frustrado pela falta

**kamma*: ação intencional realizada através do corpo, fala ou mente.

de uma linha, contudo, ele foi forçado a improvisar e passou os três dias seguintes despejando as sementes uma a uma em uma latinha (para poder contá-las, como se faz com um rosário). Não foi nenhuma surpresa o fato de que isso não funcionou e ele retornou à prática de prestar atenção na respiração.

Luang Pó ainda não achava fácil meditar. Mas ele perseverou, constantemente observando o que funcionava e o que não funcionava. Sua maior frustração era de que ele se sentia mais em paz quando não estava meditando do que durante a meditação. Ele refletiu continuamente sobre o fato de que, quanto mais esforço ele colocava na meditação, mais a sua respiração se tornava trabalhosa e menos sua mente se acalmava. Parecia que a meditação fazia as coisas piorarem ao invés de melhorarem. Foi quando ele fez uma importante descoberta:

Minha determinação se tornou um apego. É por isso que eu não tenho nenhum resultado. As coisas se tornaram um peso por conta do apego que eu carreguei comigo para a prática.

FANTASMAS NA NOITE

O medo de fantasmas que Luang Pó tinha não havia sido completamente substituído por sua crescente coragem e, de vez em quando, ele apareceria de forma alarmante. Ele tratava de mantê-lo sob controle, longe de sua vista ou de sua mente através da recitação de orações e versos de proteção à noite antes de dormir. Uma noite, no entanto, depois de um longo período de meditação na encosta de Kao Wongkot, Luang Pó sentiu uma tamanha confiança no poder de suas virtudes que o fez deixar de recitar os versos. Depois de algum tempo ele se arrependeria disso.

A ideia da virtude como sendo uma proteção é algo consagrado no universo Budista. É um conceito que se tornou uma pedra chave nos ensinamentos de Luang Pó, especialmente para os leigos, e ajuda a explicar a grande ênfase que ele dava ao ato de manter os preceitos. Ele tinha convicção de que, somada ao seu papel vital no desenvolvimento da paz e da sabedoria, uma conduta virtuosa bem mantida tem um enorme poder intrínseco. Luang Pó experienciou um crescente senso de integridade e respeito próprio através dos seus esforços em manter o grande número de preceitos

monásticos de forma escrupulosa. Mesmo assim, ele nunca realmente ousou colocar à prova essa convicção que ele tinha na proteção pela virtude. Ele acreditava que o Buda, o Dhamma e a Sangha eram os refúgios supremos mas não podia negar que ainda não tinha vencido o medo de espíritos malignos. Só que no frescor e silêncio daquela noite ele se sentiu invencível, pronto para se arriscar.

No momento em que Luang Pó se deitou para dormir ele percebeu que o ar se tornou mais pesado e frio ao redor de seu glot. Uma presença maligna começou a ser sentida por ele. Era como se ela estivesse à espreita, esperando o jovem monge esquecer suas orações; e por causa do seu orgulho, ele tinha se tornado sua presa. De repente Luang Pó estava paralisado, deitado de barriga para cima. O quer que estivesse ali, estava exalando uma maldade crua e elementar: ele percebeu que era um tipo de fantasma chamado '*pii am*'. Conforme a pressão aumentou sobre seu peito, ele tentava desesperadamente respirar. De alguma forma ele conseguiu manter a presença mental. Ele controlou o seu pânico. Mentalmente ele começou a recitar a palavra 'Budô', de forma repetida, com grande determinação. Nenhum outro pensamento podia entrar em sua mente e Luang Pó encontrou refúgio em sua recitação. A força daquele poder maligno era enorme. Mesmo percebida, ela se manteve como um amargo desafio. Finalmente a pressão diminuiu. Luang Pó lentamente começou a retomar os movimentos de seu corpo. Tinha acabado. Depois que o choque se dissipou, uma onda de alívio triunfante tomou conta. Ele sobreviveu àquela dura prova, tão ruim quanto seus piores pesadelos, puramente através do poder de sua virtude e sua meditação sobre o Buda. Ele pôde abandonar suas maldições.

Esse incidente deu um grande incentivo emocional à convicção intelectual de Luang Pó no poder da virtude. Após esse episódio, ele aumentou ainda mais o seu cuidado e atenção para com os preceitos da Disciplina Monástica, resguardando a si mesmo até das menores infrações possíveis. Foi nesse momento que ele finalmente criou coragem de se desfazer da pequena quantidade de dinheiro que ainda mantinha consigo para emergências. Na Sangha tailandesa daquela época, apenas os monges de floresta levavam em conta a proibição do Buda sobre receber ou utilizar dinheiro. Luang Pó mesmo, tão restrito em outros aspectos da Disciplina, hesitava em

abandonar a segurança que o dinheiro representava. Mas aqui em Wat Kao Wongkot ele decidiu que, dali em diante ele não cometeria nenhuma transgressão dos seus preceitos sob nenhuma circunstância.

Seus problemas com o desejo sexual eram mais intratáveis. Um pouco antes de seu pai morrer, isso quase o levou a abandonar a vida monástica.

Em uma oportunidade eu pensei em largar o manto. Eu tinha sido monge por cinco ou seis anos naquela época e pensei sobre o Buda: seis anos e ele tinha se iluminado. Mas minha mente seguia preocupada com o mundo, eu queria voltar pra ele. ‘Talvez eu devesse sair e realizar uma contribuição ao mundo por um certo período e então eu vou saber do que se trata. Mesmo o Buda teve um filho. Talvez ingressar na vida monástica sem nenhuma experiência mundana seja muito extremo.’ Eu segui refletindo sobre isso até que um entendimento surgiu. ‘Sim, é realmente uma boa ideia, mas o que me preocupa é que esse ‘Buda’ aqui não é o mesmo que aquele.’ Algo em mim resistia. ‘Meu único receio é que esse ‘Buda’ aqui vai se afundar no mundo e na lama.’

Em Wat Kao Wongkot, Luang Pó estava procurando por formas de vencer ao desejo sexual. Ele acreditava que a restrição dos sentidos e que não fomentar os pensamentos sobre sexo levariam o desejo sexual a se enfraquecer.

Eu não olhei pro rosto de nenhuma mulher durante todo o Retiro de Chuvas. Eu me permiti falar com mulheres, mas sem olhar pro rosto delas. Meus olhos tentariam olhar pra cima - eles queriam tanto ver os rostos que eu quase morri! Ao final do retiro eu fui para a mendicância matinal na cidade de Lopburi. Três meses haviam passado desde a última vez que eu tinha visto o rosto de uma mulher e eu queria ver o que aconteceria agora. ‘Esse obstáculo deve ter sido vencido agora’, eu pensei. Assim que eu decidi isso, eu vi uma mulher se aproximando - Ohhhh! Com um brilhante vestido vermelho. Foi apenas de olhar de relance e minhas pernas bambearam. Me senti totalmente desencorajado. Quando eu estaria livre desse obstáculo?

A restrição dos sentidos era certamente um elemento chave da prática, mas não era suficiente por si mesmo. Instruindo monges muitos anos depois, ele disse:

No começo, vocês devem manter distância das mulheres. Mas o verdadeiro abandono do desejo sexual vem somente quando desenvolvemos a sabedoria que vê as coisas como elas são.

LUANG PU MAN

Foi durante o Retiro de Chuvas em Wat Kao Wongkot que Luang Pó ouviu pela primeira vez o nome do monge que viria a se tornar uma figura lendária na Tailândia, o mais reverenciado de sua geração. Hoje, nos altares das casas, lojas e escritórios por toda Issán, a fotografia de Luang Pu Man pode comumente ser vista num lugar de honra, abaixo apenas da figura do próprio Buda. O mais comum desses retratos revela uma figura magra vestindo o escuro manto dos monges de floresta, de pé em uma posição meio fantasmagórica entre algumas árvores meio sem vida, mantendo suas mãos postas em frente a ele, irradiando uma austera compostura. Seu olhar parece atravessar a câmera e chegar direto ao coração de quem o observa. É uma inspiradora mas intrigante fotografia. É um desafio para quaisquer certezas de quem a observa.

As histórias e contos sobre Luang Pu Man, relatadas por seus estudantes e contemporâneos remetem surpreendentemente aos relatos dos grandes monges retratados nas escrituras budistas. Mesmo que um certo exagero possa ser esperado dessas fontes, as comparações não são irrealistas. Luang Pu Man era um monge de floresta exemplar que foi tão devotado ao estilo de vida austero e nômade por um período de mais de cinquenta anos, que ele não passou dois Retiros de Chuvas consecutivos em um mesmo mosteiro. Foi apenas no final de sua vida, quando ele já não mais podia caminhar, que ele deixou de sair em mendicância matinal. Seus poderes paranormais eram, segundo todos os relatos, estupendos e a clareza e profundidade de seu poder de reflexão, de tirar o fôlego. Para muitos budistas tailandeses, Luang Pu Man representa a prova cabal de que a iluminação existe e de que é alcançável nessa nossa época.

Monges de floresta sempre estiveram presentes na Tailândia mas, antes de Luang Pu Man, eles estavam geralmente espalhados em pequenas e isoladas comunidades que tinham pouco senso de serem parte de uma tradição mais ampla. Essas Sanghas tendiam a ser centradas em torno de um professor carismático e raramente se mantiveram por muito tempo após a sua morte. Não há registros para nos contar quantos desses grupos se formaram e se dissiparam nos últimos setecentos anos. Nunca saberemos quantos seres iluminados viveram e morreram. Nas palavras do próprio Buda, ‘Como pássaros atravessando o céu, eles não deixam rastros.’

Luang Pu Man, contudo, viveu no começo de uma era de maior informação e conexão. Relatos de sua prática foram registrados em um grande número de livros. Muito bons mosteiros de treinamento, que atraem visitantes e peregrinos de todo o país, foram estabelecidos por seus discípulos por toda Issán. Ele pode ser uma figura incompreensível para muitos, mas não obscuro da maneira como muitos grandes monges de gerações anteriores para sempre seguirão. O alto padrão mantido pelos monges de sua linhagem e a integridade e destreza de seus grandes discípulos asseguraram que hoje exista um respeito aos monges de floresta que não existia no país desde o período Sukhothai. Não seria exagero dizer que a Tradição de Floresta Tailandesa, como a conhecemos hoje, foi estabelecida quase que unicamente por Luang Pu Man.

Durante a maior parte de sua vida, contudo, Luang Pu Man era relativamente desconhecido. Por toda sua vida monástica ele evitou a fama e o status como se evita a uma doença contagiosa. Em 1928, enquanto estava em Wat Chedi Luang, um dos mais antigos e prestigiados mosteiros de Chiang Mai, ele recebeu uma carta das então autoridades eclesiásticas de Bangkok informando sobre sua indicação como abade daquele mosteiro. Rapidamente, ele juntou suas coisas e desapareceu nas montanhas. Passaram-se onze anos até que ele fosse visto na cidade novamente.

Luang Pu Man poderia ser um intenso e exigente professor (uma de suas famosas broncas poderia, como um de seus discípulos antigos disse em uma expressão memorável, ‘encolher o seu fígado’), mas ele inspirava uma silenciosa e intensa devoção em todos à sua volta. Um leigo, cuja vida foi transformada pelo contato com Luang Pu Man, estava vivendo em Wat Kao Wongkot e foi o primeiro que teceu comentários sobre esse grande mestre

a Luang Pó. Aparentemente, Luang Pu Man tinha finalmente voltado para Issán depois de tantos anos de peregrinação solitária no norte do país e um grande número de monges se estabeleceu próximo à ele nas montanhas Pu Pan ao norte de Issán. Monges da linhagem Mahānikāya também estavam recebendo ensinamentos dele. Os planos de Luang Pó para o inverno começaram a tomar forma.

Ao final do retiro, Luang Pó junto com três outros monges, um noviço e dois discípulos leigos partiram no longo caminho de volta a Issán. Eles começaram a jornada em Bahn Kor e, depois de alguns dias de descanso, começaram a caminhada de 240 quilômetros rumo ao norte. No décimo dia, eles chegaram à elegante estupa branca de That Phanom, um reverenciado local de peregrinação às margens do rio Mekong, e eles então reverenciaram às relíquias do Buda que estão ali guardadas. Eles seguiram sua caminhada em etapas, regularmente encontrando mosteiros no caminho onde pudessem passar a noite. Ainda assim era uma caminhada árdua e o noviço e um dos discípulos leigos pediram para voltar. O grupo consistia então apenas de três monges e um discípulo leigo quando eles finalmente chegaram a Wat Pah Nong Peu, onde residia Luang Pu Man.

Assim que entraram no mosteiro, Luang Pó ficou imediatamente impressionado com a atmosfera tranquila e de reclusão. A área central, onde haviam erguido um pequeno Salão de Dhamma de madeira, estava impecavelmente varrida e os poucos monges que eles puderam ver estavam silenciosamente realizando suas tarefas diárias, cheios de compostura e graciosidade. Havia algo sobre aquele mosteiro que não havia em nenhum outro onde ele havia estado antes - o silêncio era estranhamente poderoso e vibrante. Luang Pó e seus companheiros foram recebidos de forma gentil e, após terem indicados os locais onde instalar seus *glots*, tiveram a oportunidade bem vinda de se banharem, livrando-se da poeira da estrada.

Luang Pó nunca falou com grandes detalhes sobre esse primeiro encontro que teria um efeito monumental em sua vida. Mas para monges que viveram nos mosteiros de floresta de Issán, é uma cena fácil de imaginar. Os três jovens monges estariam com seus mantos duplos dobrados cuidadosamente e colocados sobre seus ombros esquerdos, tomando rumo à reunião do final da tarde no Salão de Dhamma de madeira para prestar reverências à Luang Pu Man. Ao se aproximar da congregação de monges

residentes, Luang Pó começa a caminhar ajoelhado em direção à figura do grande mestre. Ele se dirige àquela figura magra e de idade avançada que possui a presença inigualável de um diamante. O olhar profundo e penetrante de Luang Pu Man se dirige a Luang Pó enquanto ele se prostra três vezes e depois se senta em uma distância apropriada.

A maioria dos monges residentes está sentada de olhos fechados em meditação, um deles um pouco atrás do professor, vagarosamente abanando-o para afastar os mosquitos noturnos. Quando Luang Pó olha para cima, ele percebe o quão proeminentemente a clavícula de Luang Pu Man se sobressai através de sua pele pálida coberta pelo manto e como sua fina boca, tingida de vermelho por mascar noz de bétel, forma tamanho contraste com a estranha luminosidade de sua presença. Com era a tradição costumeira entre monges budistas, Luang Pu Man primeiro pergunta aos visitantes a quanto tempo eles são monges, quais os mosteiros onde eles praticaram e outros detalhes de suas jornadas. Teriam eles alguma dúvida a respeito da prática? Luang Pó responde que sim, ele tem.

É a partir desse ponto que ele começa a contar a estória por ele mesmo. Ele disse que vinha estudando os textos do Vinaya com grande entusiasmo mas que então tinha ficado desencorajado. A Disciplina parecia ser demasiado detalhada para ser posta em prática; não parecia ser possível manter a todas aquelas regras. Qual deveria ser o padrão de cada um? Luang Pu Man ouviu em silêncio. Ele deu então instruções simples, porém práticas. Ele indicou à Luang Pó que tomasse aos “dois guardiões do mundo” - sábia vergonha (*hiri*) e sábio medo das consequências (*ottappa*) - como sendo seus princípios básicos. Na presença dessas duas virtudes, ele disse, todo o resto haveria de fluir.

Ele começou então a discursar sobre o Tríplice Treinamento de *sīla*, *samādhi* e *paññā*, as quatro estradas para o sucesso e os cinco poderes espirituais.* De olhos entreabertos, sua voz começa a ficar progressivamente mais forte e rápida enquanto ele prossegue, como se ele estivesse aumentando as marchas de um carro. Com absoluta autoridade, ele descreveu ‘como as coisas realmente são’ e o caminho para a libertação. Luang Pó e seus companheiros estavam ali sentados, completamente fascinados.

*Ver Glossário, páginas 891, 885, 872, respectivamente.

Luang Pó disse que, mesmo tendo passado um dia muito cansativo na estrada, ouvir à palestra de Dhamma de Luang Pu Man fez com que todo o cansaço desaparecesse. Sua mente se tornou lucidamente calma* e clara, e ele sentiu como se estivesse flutuando sobre seu assento. Era tarde da noite quando Luang Pu Man encerrou o encontro, e Luang Pó retornou radiante ao seu glot.

Na segunda noite, Luang Pu Man deu mais ensinamentos e Luang Pó sentiu que havia esclarecido todas as dúvidas que tinha à respeito da prática. Ele sentiu uma alegria e um entusiasmo no Dhamma que ele nunca tinha sentido antes. Agora lhe restava colocar aquele conhecimento em prática. De fato, um dos ensinamentos que mais o inspirou naquelas duas noites foi esse chamado à fazer dele mesmo ‘uma testemunha da verdade’. Mas a explicação mais esclarecedora, aquela que lhe deu o contexto necessário ou a base para a prática que até então lhe faltavam, foi a distinção entre a mente propriamente dita e os estados mentais que surgem e desaparecem nela.

Luang Pu Man disse que eles são meramente estados mentais. Em não entendendo esse ponto, nós acreditamos que eles são reais, que são a própria mente. Na verdade, eles são apenas estados transitórios. Assim que ele disse isso, as coisas de repente ficaram claras. Suponhamos que haja felicidade presente na mente: é uma coisa diferente, está num nível diferente da mente propriamente dita. Se você vê isso, então consegue parar, consegue por as coisas de lado. Quando as realidades convencionais são vistas como elas são, então essa é a verdade definitiva. A maioria das pessoas junta tudo como se fosse a mente propriamente dita, mas na verdade são os estados mentais com o conhecimento disso dentro da mente. Se você entende esse ponto, então não há muito mais a ser feito.

No terceiro dia, Luang Pó prestou reverência à Luang Pu Man e seguiu com seu pequeno grupo novamente para as florestas de Pu Pan. Ele deixou Nong

* A tradução mais comum da palavra em tailandês “*sa-ngop*” é “paz”, e isso é correto na maioria dos contextos. Mas em se tratando da prática de meditação, Luang Pó usava a palavra ‘*sa-ngop*’ de maneiras que podem tornar sua tradução mais problemática. Por esse motivo, em um contexto de meditação, o termo às vezes será traduzido de forma não ortodoxa como ‘calma lucidez’.

Peu para nunca mais voltar, mas com seu coração repleto de inspiração, algo que permaneceria com ele pelo resto de sua vida.

ORDENS DO DIA – UM PEQUENO CONTEXTO HISTÓRICO

A fragmentação da Sangha em um número de diferentes ordens foi uma característica marcante no Budismo do Sri Lanka e da Birmânia (Myanmar). Na Tailândia, contudo, a criação de diferentes ordens foi algo extremamente raro. Essa anomalia é explicada em grande parte pelo fato de que foi apenas na Tailândia que a Sangha dispôs de um forte e ininterrupto suporte da Monarquia através de toda a sua existência e foi poupada das dificuldades de viver sob alguma antipática administração colonial. A aversão tailandesa ao conflito e o pouco entusiasmo por sutilezas doutrinárias também teve seu papel.

Nos últimos 160 anos, houve duas ordens monásticas na Tailândia: a *Mahānikāya* e a *Dhammayut nikāya*. A palavra ‘*nikāya*’ é mais comumente referida como ‘seita’ mas esse termo tende a sugerir - de forma equivocada - uma disputa doutrinária. Os *nikāyas*, na verdade, não diferem em termos de crença ou interpretação dos ensinamentos, mas na aplicação prática do Vinaya. Em outras palavras, é em questões de ‘ortopraxia’ e não de ‘ortodoxia’ que eles definem a si mesmos. A *Dhammayut* (‘alinhado com o Dhamma’ ou ‘Correto’) *nikāya* é a mais recente. Ela foi estabelecida pelo Rei Mongkut na década de 1830 durante o período em que ele passou como monge antes de subir ao trono. Sua intenção era de que ela criasse um grupo de elite de monges que agiriam como força regenerativa dentro da Mahā (‘grande’ ou ‘maior’) *nikāya*.

A ordem monástica naquela época estava certamente em um estado calamitoso. A destruição do reino de Ayutthaya em 1767 e o período de anarquia que veio em seguida deram um golpe muito forte na possibilidade de organizar um sistema que já estava corrompido. À despeito dos repetidos esforços de uma reforma desde o início da Era de Bangkok no final do século XVIII, os padrões da Disciplina estavam bastante frouxos e o padrão educacional estava em seu ponto mais baixo. O Rei Mongkut se tornou monge durante o final da doença de seu pai, o Rei Buddha Loetla Nabhalai. Quando, à despeito de sua posição superior para tomar o trono, ele foi preterido pelo Conselho Privado em favor de seu meio-irmão, ele

decidiu tomar a carreira monástica até o dia, se é que ele fosse chegar, em que ele fosse chamado ao poder secular.

Ele rapidamente ficou desiludido com o que ele encontrou nos mosteiros de Bangkok e, com alguns companheiros que pensavam da mesma forma, tomou a determinação de reestabelecer o que ele via como sendo os padrões antigos que tinham sido abandonados. Seu objetivo era algo protestante: trazer as práticas contemporâneas de volta ao alinhamento com as escrituras budistas. Ele apoiava um enfoque mais racional, ‘científico’ do Dhamma com a erradicação das superstições, o aumento do estudo das escrituras em Pali, uma nova forma ‘mais correta’ de recitar os cânticos, mudanças nos rituais e na forma de vestir o manto; e mais importante, uma nova adoção mais estrita do Vinaya.

Ainda que o número de monges Dhammayut fosse relativamente pequeno (nunca excedeu um décimo da Sangha no total), o forte laço dessa linhagem com a Família Real assegurou que em pouco tempo ela adquirisse prestígio, influência e recursos. O Rei Chulalongkorn, filho do Rei Mongkut e seu sucessor, indicou monges Dhammayut para o topo dos cargos administrativos na ordem monástica por todo o país, utilizando-os tanto como agentes da reforma da Sangha em nível nacional quanto politicamente, como uma importante ferramenta no que foi chamado de ‘colonização’ das províncias por parte de Bangkok. Não surpreendentemente, desde que essa nova ordem foi estabelecida como uma resposta específica à suposta corrupção da antiga, ao usurpar muito do seu prestígio, provocou um ressentimento generalizado.

Mesmo que um conflito declarado tenha sido algo raro entre as ordens, não era difícil de encontrar espaço para sérias discordâncias. A visão dos reformadores quanto à Sangha existente era depreciativa. Eles diziam que um número significativo de monges teria, ao longo dos anos, cometido ofensas não confessadas que eram dignas de expulsão. Consequentemente, como toda cerimônia de Ordenação na qual esse monges ilegítimos participaram como membros do quórum foi automaticamente considerada como nula ou inválida, a linhagem existente estava irremediavelmente corrompida. Sérias dúvidas foram levantadas sobre se quaisquer dos membros da ordem Mahānikāya eram, tecnicamente falando, monges de fato. O movimento Dhammayut teve início com o Rei Mongkut requerendo

uma nova Ordenação - nessa segunda ocasião, por um quórum de monges Mon que ele acreditava serem ‘puros’ em Vinaya. Essa atitude determinou um importante precedente. A nova ordem se definiria e se legitimizaria por uma comprovada correção ritualística do ingresso de seus membros na vida monástica.

Críticos poderiam argumentar que devia haver tão poucas provas de que a linhagem Mon era historicamente pura, quanto deveria haver de que a linhagem Mahānikāya não era. Eles poderiam afirmar que uma reforma interna seria mais alinhada com o Vinaya e menos ameaçadora para a harmonia da Sangha a longo prazo do que a criação de uma nova ordem. Mas essas vozes eram poucas e a Ordem Dhammayut crescia cada vez mais forte.

Ubon foi escolhida pelo Rei Mongkut como o centro de propagação dessa nova ordem em Issán e ele patrocinou a construção do Wat Supatanaram às margens do rio Moon próximo à cidade para servir de base principal. Durante a segunda metade do século dezenove, conforme Ubon passou a ser reconhecida por sua excelência escolástica, vários outros mosteiros Dhammayut foram construídos dentro e nas proximidades da cidade, e os monges treinados em Ubon espalhariam a reforma para as outras áreas de Issán. Em 1892, quando Man Guengué, nascido no Distrito de Khongjiam decidiu tornar-se monge, ele decidiu solicitar a Ordenação em um dos mosteiros Dhammayut de Ubon, Wat Si Tong (agora Wat Si Ubon). Pouco depois disso, ele se mudou para Wat Liap, nos limites da cidade para estudar sob tutela do renomado professor de meditação Luang Pu Sao. Seria esse o passo fundamental para que a linhagem de Luang Pu Man que se desenvolveria fosse primeiramente uma linhagem Dhammayut.

Não fosse por outra razão que por respeito às autoridades Dhammayut, Luang Pu Man não teve escolha a não ser levar a questão de linhagem à sério. Com o passar dos anos, quase todos os seus discípulos - cuja maioria teria originalmente ingressado à vida monástica em algum dos muito mais numerosos mosteiros Mahānikāya - abandonaram sua antiga afiliação com o intuito de serem formalmente admitidos na Ordem Dhammayut. Os monges valorizavam deixar para trás uma forma de vida monástica que eles agora rejeitavam e formalmente expressar seu comprometimento com seu professor.

No início da década de 1920, o grupo de discípulos de Luang Pu Man estava crescendo rapidamente e gerando um efeito galvanizante em Issán. Mesmo primeiramente comprometidos a viverem em locais reclusos de acordo com as normas tradicionais dos monges de floresta, eles não eram indiferentes à sociedade à qual eles renunciaram e que lhes dava suporte. Em grupos de dois ou três, eles saíam em longas caminhadas através do interior do país combinando períodos devotados à sua própria prática de meditação com a propagação dos ensinamentos aos leigos. Sua ênfase em abandonar as crenças e superstições animistas (que em vários lugares sobrepujou o supostamente dominante Budismo) e em tomar refúgio na Joia Tríplice, por vezes tomou a natureza de uma ‘cruzada’. Luang Pó Lii, um dos mais vigorosos, articulados e proeminentes discípulos de Luang Pu Man, relatou um de seus grandes esforços em seu vilarejo natal no norte de Ubon:

“Uma vez por ano, quando chegava a temporada, cada família deveria sacrificar um frango, um pato ou um porco. Somado todos, significaria que em um ano centenas de seres vivos deveriam morrer para satisfazer aos espíritos, pois às vezes também haveria períodos onde as pessoas fariam esses sacrifícios para curar uma doença na família. Tudo isso me parecia uma perda sem sentido. Se os espíritos realmente existissem, aquele não seria o tipo de alimento que eles comeriam. Seria muito melhor acumular méritos e dedicá-los aos espíritos. Se eles não os aceitassem, então os mandem embora com a autoridade do Dhamma. Então eu ordenei que as pessoas queimassem todos os altares do vilarejo. Quando alguns dos camponeses começavam a perder o controle, por medo de que não haveria nada para protegê-los no futuro, eu escrevi o cântico para espalhar boa vontade e dei uma cópia a todos no vilarejo, garantindo que nada haveria de acontecer. Eu soube depois que toda a área em torno de onde estavam os altares estava agora com plantações e o local onde se dizia que os espíritos eram mais temíveis se tornou um novo vilarejo.”

Embora Luang Pu Man e vários de seus discípulos mais próximos eram nativos de Ubon (que naquela época era de longe a maior das províncias de Issán), sua linhagem iria florescer mais ao norte. As razões para isso eram grandemente em função de políticas da Sangha. A Ordem Dhammayut tinha começado sua vida como um movimento essencialmente escolástico e urbano. Desde seu início, seus altos escalões tenderam a minar a confiança

nos monges de floresta como sendo aqueles que estavam contribuindo para a perpetuação de correntes irracionais e não ortodoxas na Sangha que eles estavam tentando erradicar. Para eles, monges de floresta eram ignorantes com relação às escrituras em Pali, não mantinham um padrão estrito de Vinaya, e eram dissidentes fora do controle da Sangha. Isso pode ter sido verdade sobre os monges de floresta na região central da Tailândia em meados do século XIX, mas falhava em reconhecer as características únicas do grupo de Luang Pu Man - em particular, a sua devoção ao treinamento em Vinaya, que em muitas oportunidades excedia aquele dos monges que os criticavam.

Prá Bodhivamsajahn*, o chefe da Sangha de Issán, residia em Ubon. Ele era um forte oponente do grupo de Luang Pu Man. Ele os via como fanáticos semianalfabetos que causavam problemas com os monges dos vilarejos onde quer que eles fossem. Ele tornaria a vida deles difícil sempre que eles viessem a Ubon. Em uma famosa ocasião, ele solicitou às autoridades locais do distrito de Hua Tapan que os expulsasse da província. Em consequência disso, os monges de Luang Pu Man passaram a maior parte do seu tempo nas áreas mais remotas do norte de Issán. A situação mudou de alguma forma no final da década de 1920 devido à influência de Chao Khun Upālī, famoso administrador e estudioso de Bangkok. Sendo amigo de infância de Luang Pu Man, e como amigo e colega administrativo de Prá Bodhivamsajahn ele pôde servir de mediador entre eles. Prá Bodhivamsajahn reconsiderou seu preconceito e mais tarde se tornou um devoto apoiador de Luang Pu Man e seus discípulos. Mas nessa época, a morte já estava próxima. Luang Pu Man estava em sua moradia em Chiang Mai e seus discípulos estavam criando laços em áreas mais isoladas de Issán, a centenas de quilômetros de distância de Ubon.

A visita de Luang Pó Chah a Luang Pu Man não foi então a simples visita de um jovem monge tudong ao patrono da Tradição de Floresta Tailandesa, mas também a de um monge Mahānikāya a um mosteiro Dhammayut. Durante sua breve visita, alguns dos mais jovens residentes do mosteiro incentivaram Luang Pó a se reordenar na Ordem Dhammayut como eles

*Uma das figuras líderes no Budismo Tailandês no século XX. Seu nome de batismo era Úan, seu nome monástico era Tisso e seu título final, Somdet Mahavirawong. Ele se tornou o primeiro Sanghanāyaka ou líder da Sangha Tailandesa após as reformas implementadas pelo governo na década de 1930.

fizeram, mas ele não o fez. Provavelmente, ele considerou a troca de afiliação como sendo desrespeitosa ou desleal. Luang Pó pessoalmente nunca revelou seus pensamentos sobre esse assunto. O que se sabe é que uma das perguntas que ele fez à Luang Pu Man durante sua visita foi esse tema central acerca de reordenação. Era algo necessário para a realização do Dhamma? Luang Pu Man lhe acalmou a mente: não, não era.

Há registros de que, depois da visita de Luang Pó, um dos discípulos mais antigos de Luang Pu Man teve uma visão durante sua meditação na qual ele via Ubon se separar de todo o resto de Issán. Luang Pu Man aparentemente considerou isso como sendo um sinal de que Ubon não seria um bastião para os monges de floresta Dhammayut no futuro. Se diz que ele teria reconhecido em Luang Pó Chah aquele que iria introduzir a Tradição de Floresta na Ordem Mahānikāya e estabeleceria mosteiros em Ubon.

Depois de apenas três dias, Luang Pó partiu de Nong Peu e, tanto quanto se sabe, jamais retornou*. Mesmo tendo ficado tão pouco tempo em sua presença, Luang Pó Chah costuma figurar entre os grandes discípulos de Luang Pu Man. Existe lugar à dúvida sobre esse ponto: podem apenas duas noites de instrução sem nenhuma declaração formal de uma relação entre professor e discípulo realmente contar como base para considerar a alguém como discípulo? Quando perguntado sobre porque ele havia passado tão pouco tempo com Luang Pu Man, Luang Pó respondeu que uma pessoa com os olhos fechados pode passar anos perto do fogo e jamais vê-lo, enquanto uma pessoa com bons olhos o veria rapidamente. Se essa declaração reflete como Luang Pó se sentia naquela época, ela indica uma incomum auto-confiança para alguém relativamente tão inexperiente na prática. Ele parece estar querendo dizer que ele recebeu de Luang Pu Man algo que, em outras Tradições Budistas pode ser descrito como uma transmissão. Embora seja verdade que transmissão não seja um conceito amplamente encontrado no Budismo Theravada, certamente parece que após esse encontro, Luang Pó sentiu que seu caminho tinha sido iluminado.

É como se, usando outra analogia, Luang Pó sentiu que tinha recebido uma clara instrução sobre como o trabalho deveria ser feito e as ferramentas para isso, e tudo o que restava era para que ele colocasse a tarefa em

*Luang Pu Man faleceu em 1949.

prática. Embora ele não tenha sentido necessidade em manter tamanha proximidade com o professor, ele expressou a convicção por toda sua vida de que todo e qualquer sucesso que ele alcançou em sua prática foi resultado da curta visita a Nong Peu. Ele considerava Luang Pu Man seu professor e ele sempre se manteve verdadeiramente fiel às instruções que recebeu diretamente dele.

Anos mais tarde, a distância física entre Wat Nong Pah Pong e mosteiros Dhammayut de floresta ao norte de Issán, exacerbada pela diferença entre nikāyas, significou que Luang Pó teve contato pouco frequente com outros discípulos de Luang Pu Man. Uma vantagem dessa separação era a liberdade para que ele estabelecesse seu próprio estilo de ensinar, sem ter que se preocupar com quaisquer desvios do jeito de fazer as coisas de Luang Pu Man ser visto como um desrespeito ao professor. Como veremos mais adiante, a forma de prática em Wat Pah Pong deu uma importância única ao grupo, mais do que à prática individual. Isso pode ser considerado como uma das distintas contribuições de Luang Pó à tradição.

Luang Pó liderou seus companheiros através dos silenciosos caminhos que se engendravam nas montanhas de Pu Pan com uma recém encontrada confiança. O resultado imediato de seu encontro com Luang Pu Man se manifestou como uma determinação inabalável de realizar diretamente em seu coração as verdades que foram tão lucidamente expostas pelo grande mestre. Anos mais tarde, como líder de uma comunidade monástica, ele costumeiramente reforçaria que a verdadeira intenção de um monge deveria ser, sem melodrama ou fingimento de nenhuma forma, estar pronto pra colocar sua vida em jogo. Essa foi a figura mental que o acompanhou quando ele deixou Wat Pah Nong Peu rumo às florestas e montanhas do norte de Issán.

O CARINHO DO PROFESSOR

O Buda ensinou aos monges a constantemente se recordarem da fragilidade da vida e da sempre presente ameaça da morte, a aproveitar cada momento e não ter nada como sendo garantido. De noite, os monges são encorajados a refletir sobre as várias formas pelas quais eles podem morrer antes do amanhecer: picadas de cobras, de escorpiões, uma queda abrupta, apendicite... a lista é relativamente grande. Morar em florestas tropicais,

onde a insegurança é palpável e virtualmente impossível de esquecer, é particularmente conducente a esse tipo de contemplação.

Uma noite, em uma densa floresta de Nakhon Phanom, uma matilha de cães selvagens farejou Luang Pó enquanto ele estava sentado em meditação em seu glot. A forma imóvel de um monge sentado de pernas cruzadas deve ter sido uma visão estranha e perturbadora para eles. Em poucos instantes, Luang Pó foi tirado de sua plena atenção na respiração ao alerta de um raivoso grupo de criaturas rosnando, tendo a tela mosquiteira como sua única proteção. O medo tomou conta de seu corpo e, com um esforço supremo, Luang Pó aquietou sua mente. Seguindo a antiga tradição, ele fez a solene resolução:

Eu não vim aqui para machucar nada nem ninguém. Eu vim para praticar o Dhamma, com o intuito de alcançar a libertação do sofrimento. Se eu lhes fiz algum mal numa vida passada, então me matem e assim eu posso pagar minha dívida. Mas se não há nenhuma desavença entre nós, por favor deixem-me em paz.

Luang Pó fechou os olhos. Os cães cercaram o seu glot, rosnando ferozmente e ameaçando atacá-lo por todos os lados, para então serem confundidos pela fina camada de algodão que o envolvia. Tão pronto quanto um deles ousasse morder, e isso expusesse a fragilidade da tela, Luang Pó sabia que seria o fim, e ele ficou com medo novamente. Então de repente, de dentro da densidão da noite, Luang Pu Man apareceu, segurando uma tocha acesa e caminhando na direção dos cães. Com voz entrecortada, ao lado do glot de Luang Pó, ele os escorraçou de maneira firme, ‘Saiam! Deixem-no em paz!’ Ele ergueu um pedaço de madeira como se fosse bater neles e os cães selvagens, aturdidos e em uma grande confusão, saíram correndo. Luang Pó, aliviado e agradecido a Luang Pu Man por tê-lo salvo, abriu os olhos mas só viu uma cena de escuridão e silêncio.

Na manhã seguinte, Luang Pó retomou sua caminhada com um senso ainda maior de conexão com Luang Pu Man. Junto com o postulante à monge Guéo, seu único companheiro remanescente, ele estava prestes a precisar de cada grama de força mental que ele tivesse para encarar o que viria a ser o seu maior desafio até então.

Por milhares de anos, os tailandeses viam a si mesmos como vivendo em um universo habitado por forças invisíveis, malévolas e bondosas. É incomum encontrar uma fé cega na não-existência de fantasmas, mesmo entre os mais materialistas moradores das zonas urbanas. A fascinação por histórias de fantasmas é universal. Mesmo que os valores seculares tenham se espalhado grandemente pela sociedade tailandesa, não há sinal de que eles tenham desalojado a profunda crença em espíritos.

Se fala de vários tipos de fantasmas na Tailândia. Existem três tipos que podem possuir o corpo das pessoas e são os que mais amedrontam: *pii tai hong* (vítimas de morte violenta), *pii tai tong klom* (mulheres que morreram no parto) e *pii pob* que, cobiçosos por carne crua e dejetos, entram no corpo das pessoas e mastigam vorazmente seus intestinos. Enquanto isso, os *Pii pret* (Pali: *peta*) são os fantasmas famintos encontrados nas escrituras budistas. Eles são horivelmente feios: magros e descarnados, cabelo desgrenhado, pescoço longo, bochechas chupadas, olhos profundos. Se alimentam de pus e sangue, tem barrigas enormes e bocas minúsculas, não maiores que o buraco de uma agulha: seu apetite jamais é satisfeito. Eles vivem em crematórios de floresta e áreas desoladas, e emitem um longo, estridente e lamentoso grito quando se aproximam de seres humanos. Na época e local onde Luang Pó cresceu - Issán das décadas de 1920 e 1930 - o medo de fantasmas era normal e racional: eles estavam por toda parte.

Enquanto a moderna mente ocidental não é tão aterrorizada por fantasmas, ela também tem seus próprios e profundos medos. Na obra de George Orwell, 1984, prisioneiros sob interrogatório são confrontados com seus medos mais profundos e viscerais na terrível *Sala 101*. O acontecimento seguinte deve ser apreciado se considerarmos que o crematório de floresta era a *Sala 101* de Luang Pó, na qual ele entooou por vontade própria.

Era fim de tarde e eu estava realmente com medo; eu não queria ir. Eu estava paralisado. Eu dizia a mim mesmo pra ir, mas eu não conseguia. Eu convidei o postulante Guéo pra me acompanhar. 'Vá e morra lá,' eu dizia à mim mesmo. 'Se é hora de morrer, então vá logo e resolva isso de vez. Se tudo é um peso, se você é tão estúpido, apenas morra!' Esse era o tipo de coisa que eu dizia

à mim mesmo, ainda que, ao mesmo tempo, eu realmente não queria ir. Mas eu forcei à mim mesmo, ‘Se você for esperar até que esteja completamente pronto, você nunca irá’, eu refleti, ‘e você nunca vai domar a sua mente.’ No fim, eu tive que arrastar a mim mesmo pra lá.

Quando eu cheguei no limite da floresta, eu vacilei. Eu nunca antes tinha ficado num crematório de floresta na minha vida. O postulante Guéo iria ficar por perto, mas eu não permiti. Eu o mandei ficar a uma boa distância de mim. Na verdade, eu queria que ele ficasse perto, mas eu fiquei preocupado que ficaria dependente dele. Eu pensei que se eu tivesse um amigo por perto eu não ficaria com medo e então eu resisti à tentação e o mandei pra longe. ‘Se eu sou tão medroso assim, então que eu morra essa noite. Vamos ver o que acontece.’ Eu estava com medo; mas eu o fiz. Não é que eu não estivesse com medo - mas eu ousei. ‘Na pior das hipóteses’, eu disse a mim mesmo, ‘o máximo que pode acontecer é você morrer.’

Bem, assim que a tarde começou a escurecer - olha a minha sorte! - trouxeram um cadáver, balançando de um lado pro outro, pra dentro do crematório de floresta. Por que isso tinha que acontecer justo hoje? Enquanto eu praticava meditação andando, caminhando indo e vindo, eu mal podia sentir meus pés no chão. ‘Cai fora daí!’ Minha mente gritava. Os camponeses me convidaram a recitar os versos fúnebres. Eu não queria ter nada a ver com aquilo. ‘Cai fora daí!’ eu ainda pensava. Então depois de me encaminhar um pouco [na direção deles], eu dei meia volta. Então eles vieram e enterraram* o cadáver bem ao lado do meu glot e fizeram uma pequena plataforma de madeira pra que eu me sentasse, usando o mesmo bambu que eles usaram pra carregar o corpo.

O que eu deveria fazer agora? O vilarejo ficava a dois ou três quilômetros de distância. ‘Isso é certo. O que eu devo fazer? ... Apenas se prepare pra morrer.’ O postulante Guéo se mudou pra

*Quando uma pessoa morre de causas não naturais como assassinato ou suicídio, o corpo é enterrado ao invés de ser cremado.

mais perto de mim. Eu o afastei de novo e disse à mim mesmo: 'Apenas siga em frente e morra! Por que você está tão aterrorizado? Agora vamos nos divertir com isso. Se você não ousar fazer isso, você jamais saberá como é.' Oh! Era um sentimento tão intenso. Mal parecia que meus pés tocavam o chão. E estava ficando cada vez mais escuro. 'Pra onde você vai agora? Vá pro meio do crematório de floresta. Morra! Você nasceu, e então vai morrer, não é assim que funciona?' Eu lutava comigo mesmo dessa forma.

Depois que o sol se pôs, eu senti que deveria entrar em meu glot. Minhas pernas se recusavam a se mexer. Meus sentimentos me apressaram à ir pro glot. Eu estava praticando meditação andando em frente à ele, no lado oposto à cova. Quando eu andava na direção do glot não era tão ruim, mas assim que eu ia na direção da cova - eu não sei o que era aquilo - era como se algo me puxasse de volta. Me dava arrepios na espinha.

É disso que se trata o treinamento. Você sente tanto medo que suas pernas se recusam a andar, e aí você para; quando o medo passa, você começa de novo.

Então quando escureceu, eu entrei no meu glot e uma onda de alívio tomou conta de mim. Eu me senti feliz e seguro como se a tela mosquiteira fosse uma parede intransponível. Minha tigela parecia como um velho amigo. Isso é o que pode acontecer quando você está por conta própria: você pode ver uma tigela como sua amiga! Eu não tinha ninguém com quem eu pudesse contar, então me senti feliz e confortável na presença dela. É em ocasiões como essa que você realmente vê a sua mente.

Eu sentei em meu glot e esperei por espíritos malévolos por toda a noite. Não pude pregar os olhos. Eu estava com medo - com medo mas ousando treinar à mim mesmo, ousando passar por aquilo. Eu sentei olhando para a escuridão por toda a noite. Eu não estava nem com sono; a sonolência estava com medo de mostrar sua cara também. Eu apenas fiquei sentado ali a noite toda ... Na prática, se você está com tanto medo e apenas segue a sua mente, você nunca

faz aquilo. É o mesmo com todas as coisas: se você não faz, se você não pratica, você não tem nenhum benefício. Eu pratiquei.

Assim que amanheceu eu estava radiante: eu tinha sobrevivido. Me senti muito feliz. Dali em diante, eu queria que só houvesse dia. No meu coração, eu queria matar a noite pra sempre. Eu me senti bem; depois de tudo eu não morri.

Até os cachorros apareceram pra me testar. Eu saí para a mendicância matinal sozinho e alguns cães me seguiram pelas costas tentando morder as minhas pernas. Eu não os afugentei. Que eles me mordam! Era como se houvesse algo querendo me pegar que qualquer forma. Eles seguiram dando mordidas nos meus tornozelos. Algumas acertavam outras não. Eu sentia fortes dores e de vez em quando parecia que alguma ferida havia sido aberta. As camponesas não tentavam segurar seus cães. Elas achavam que espíritos tinham me seguido até o vilarejo e era por isso que os cães estavam latindo. Eles estavam tentando afugentar aos espíritos e mordendo à eles, não à mim - então elas apenas os deixavam fazer isso. Eu tampouco afastei os cães, apenas deixei que me mordessem. 'Na noite passada eu estava morrendo de medo e agora estou sendo atacado por cachorros. Que eles me mordam se eu os machuquei em vidas passadas.' Mas eles deram mordidas que não foram lá tão eficazes. Isso é o que se chama de treinar à si mesmo.

Depois da mendicância matinal, eu comi minha refeição e comecei a me sentir melhor. O sol despontou e eu me senti aquecido e tranquilo. Durante o dia eu pude descansar e então minha mente estava voltando ao normal. Eu pensei que tudo estava bem; era apenas medo. 'Essa noite eu devo conseguir uma boa prática de meditação. Já atravessei o medo. Essa noite, será tudo bem.'

Fim de tarde e lá vamos nós de novo. Trouxeram um novo cadáver, um adulto. Foi ainda pior do que a noite anterior. Eles iriam cremar o cadáver bem em frente ao meu glot. Isso foi muito pior. Ao final os camponeses atearam fogo ao corpo, mas quando eles me convidaram a contemplar o cadáver, eu fiquei onde eu estava.

Apenas quando todos os camponeses haviam partido é que eu fui lá. ‘Eles foram todos pra casa e me deixaram aqui sozinho com o cadáver. O que devo fazer?’ Eu nem sei que analogias eu posso usar pra descrever aquele medo - e durante a noite também.

O fogo queimava pra valer. As chamas eram vermelhas, verdes, azuis. Elas crepitavam e, de vez em quando, aumentavam. Eu não pude ir praticar meditação andando em frente ao fogo. Assim que escureceu totalmente eu entrei no meu glot como na noite anterior. Eu sentei ali naquela densa floresta com o cheiro da fumaça do cadáver queimando em minhas narinas a noite inteira. Foi pior que a noite anterior. Eu sentei de costas pro fogo sem nenhuma intenção de dormir. Como poderia dormir? Eu não tinha a menor vontade; eu estava nervoso e completamente desperto a noite inteira. Eu estava com medo, e não sabia com quem eu poderia contar. ‘Você está aqui por sua conta e deve contar com você mesmo. Não há pra onde ir; está completamente escuro lá fora. Apenas sente e morra! De qualquer forma, pra onde você quer ir?’

Se você for apenas seguir o que sua mente te diz, você nunca iria a um lugar daqueles. Quem poderia colocar a si mesmo sob tamanho tormento? Apenas alguém com a firme convicção nos ensinamentos do Buda e nos frutos da prática.

Eram mais ou menos dez da noite, e eu estava sentado de costas para o fogo. De repente eu ouvi um som atrás de mim, ‘*toeng-tang! toeng-tang!*’ Eu pensei que talvez o cadáver tivesse rolado pra fora do fogo ou que talvez alguns chacais tivessem vindo pra brigar por ele. Ou alguma coisa qualquer. Mas não, não era isso. Eu sentei e escutava. Então veio o som, ‘*kreu-krat! kreu-krat!*’, como se fosse alguém se movendo pesadamente na floresta. Eu tentei afastar isso de minha mente. Um pouco depois, aquilo começou a se mover em minha direção. Eu podia ouvir o som de alguém se aproximando pelas minhas costas. Os passos eram pesados, quase como os de um búfalo. Mas não era um búfalo. Havia uma grossa cobertura de folhas caídas em toda a floresta - era Fevereiro - e eu escutei o som de alguém pisando sobre as folhas, ‘*kop! kop!*’

Havia um cupinzeiro ao lado do meu glot. Eu ouvi os passos dando a volta nele conforme se aproximavam. Eu pensei, ‘O que quer que ele faça, que assim seja, pois você está pronto pra morrer. Além do mais, pra onde você pensa que pode fugir?’ Mas no final, não veio na minha direção. O som se voltou para a direção onde estava o postulante. Depois que ele se afastou, houve silêncio. Eu não sei o que era aquilo, tudo o que eu sabia era que estava com medo e aquilo me fez imaginar todo tipo de coisas.

Deve ter passado uma meia hora quando eu ouvi o som de alguém caminhando, vindo da direção onde estava o postulante Guéo. Era exatamente o som de uma pessoa! Veio diretamente na direção do glot como se estivesse disposto a pisotear quem quer que estivesse dentro dele. Eu apenas permaneci sentado de olhos fechados. Eu não os abriria por nada. Se eu iria morrer, então que eu morresse ali mesmo. Quando ele me alcançou, ele parou e permaneceu em silêncio e imóvel em frente ao glot. Eu sentia como se mãos queimadas estivessem ali em minha frente, querendo agarrar algo. Eu estava certo de que havia chegado o fim. Meu corpo inteiro estava petrificado de terror. Eu esqueci ‘Budô’, ‘Dhammo’, ‘Sangho’ - esqueci tudo. Tudo o que existia era o medo; eu estava completamente tenso, como a pele de um tambor de mosteiro. ‘Beleza. Você está aí - mas eu vou ficar aqui.’ Minha mente estava dormente. Eu não sabia se estava sentado num assento ou flutuando no ar. Eu tentei me concentrar no senso de saber.

É provavelmente como colocar água numa jarra. Se você segue colocando mais e mais, certamente vai transbordar. Eu estava tão amedrontado, e o medo seguia aumentando até que finalmente transbordou. Houve uma sensação de alívio. Eu me perguntei: ‘Você está com medo de que? Por que você está tão aterrorizado?’ Eu não disse isso de fato, a pergunta surgiu espontaneamente em minha mente e a resposta surgiu na sequência, ‘Eu estou com medo da morte.’ Foi essa a resposta. Então eu perguntei em seguida, ‘onde está a morte? Por que você está com mais medo do que um chefe de família, do que uma pessoa comum?’ Eu segui perguntando onde estava a morte até que finalmente tive a

resposta: 'a morte está dentro de nós.' 'Se é assim então, pra onde você pode fugir pra escapar dela? Se você fugir, ela fugirá com você. Se você se sentar, ela sentará com você. Se você levantar e caminhar, ela caminhará com você, pois ela está dentro de nós. Não há pra onde ir. Estar com medo ou não estar, não faz nenhuma diferença, você ainda assim vai morrer. Não há escapatória.' Essas reflexões atravessaram meus pensamentos.

Quando esse diálogo chegou ao fim, percepções familiares voltaram à superfície e o medo sumiu. A mudança foi tão simples e total quanto ao virar da palma da mão para as costas da mão. Eu senti uma grande surpresa quando tamanha coragem e calma puderam surgir exatamente no mesmo lugar onde havia tamanho medo apenas alguns momentos antes. Meu coração foi alçado ao céu.

Com o desaparecimento do meu medo, começou a cair uma chuva - talvez fosse a chuva que cai sobre as folhas de lótus, como nos contos, aquela que te molha apenas se você permite - eu não sei. Houve o barulho bem alto de trovões, de vento e de chuva. Choveu tão forte que todo o meu medo da morte foi esquecido. Árvores caíram e eu estava lá, imóvel. Meus mantos, cada pedaço de pano, estavam encharcados. E eu apenas sentado ali, imóvel.

Então, depois de um tempo, eu comecei a chorar. Apenas aconteceu. Lágrimas começaram a rolar sobre meu rosto. Antes daquilo eu estava pensando no quanto eu me parecia um órfão, sentado ali tremendo no meio daquela chuva. Eu pensei que provavelmente nenhuma das pessoas que dormiam confortavelmente em suas casas imaginaria que havia um monge sentado ali fora na chuva durante toda a noite; eles estariam provavelmente aninhados em seus cobertores quentinhos. 'E cá estou eu, sentado aqui, ensopado até os ossos - pra quê isso?' Enquanto eu estava imerso nesses pensamentos, um senso de tristeza pela minha vida surgiu, e eu comecei a chorar. As lágrimas jorravam: 'Está tudo certo. É assim mesmo. Deixa elas jorrarem até que não sobre nenhuma.' É disso que se trata a prática.

Eu não sei como explicar o que aconteceu depois daquilo. Depois de minha vitória, eu estava apenas sentado ali e todas essas coisas tomaram conta da minha mente. Seria impossível descrever todas elas; eu passei a saber e ver tantas coisas - muitas para descrever. Me lembraram as palavras do Buda: '*Paccattariṃ veditabbo viññūhi*' - 'à serem vistas por cada sábio por si mesmo'. Era realmente verdade. Eu estava ali sofrendo no meio da chuva e quem poderia saber o que eu estava sentindo? Ninguém - apenas eu. Eu estava tão profundamente amedrontado e então o medo desapareceu. As pessoas em suas casas confortáveis e secas não poderiam saber como era aquilo. Apenas eu poderia saber porque é '*paccattariṃ*'. A quem eu poderia contar? A quem eu poderia relatar aquilo? Quanto mais eu refletia, mais certeza eu tinha e mais meu coração se enchia de energia e fé nos ensinamentos. Eu contemplei o Dhamma até o amanhecer.

Assim que a luz saiu eu abri meus olhos, e pra onde quer que eu olhasse, o mundo inteiro estava amarelo. O perigo tinha passado. Durante a noite eu senti vontade de urinar, mas estava com muito medo pra me levantar. Eu me segurei e depois de algum tempo o aperto passou. De manhã quando me levantei, todo o mundo parecia estar amarelo, como a luz do sol da manhã. Eu fui então urinar e tudo o que saiu foi sangue. Eu pensei se alguma coisa dentro de mim tivesse rasgado ou quebrado. Eu fiquei com medo de que algo tivesse se rompido e fui prontamente confrontado por uma resposta direta, 'Se rompeu algo, não é culpa de ninguém; é apenas como as coisas são.' Foi uma resposta espontânea e imediata à minha preocupação, 'Se rompeu, rompeu. Se você vai morrer, você vai morrer. Você apenas esteve ali sentado cuidado de seus próprios afazeres; se quer romper, que assim seja.' A mente teve esse diálogo. Era como duas pessoas discutindo sobre a posse de algo, uma puxando pra cá, outra puxando pra lá.

Uma parte de minha mente dizia que aquilo era um problema sério. A outra parte brigou imediatamente. Enquanto eu urinava, o sangue vinha aos montes. Eu comecei a pensar sobre onde eu poderia encontrar algum remédio. 'Não se importe. De qualquer

forma, pra onde você iria? Você é um monge, não pode cavar procurando raízes medicinais. Se chegou a hora de morrer, então apenas morra! O que você pode fazer quanto à isso? Morrer enquanto se está colocando em prática os ensinamentos é algo nobre. Você deveria estar satisfeito de morrer. Se você fosse morrer por alguma coisa má, então não valeria a pena; mas se você morrer assim, está de bom tamanho.’ Tudo certo, eu disse à mim mesmo, que assim seja.

Naquela manhã, Luang Pó saiu em sua mendicância matinal tremendo de febre, que ele ainda aguentou pacientemente por uma semana antes de pedir permissão para convalescer em um mosteiro próximo. Dez dias depois, ele se recuperou suficientemente para seguir sua caminhada.

Naquela época do ano, as noites não eram tão frias e o calor do dia era mais forte. Prontamente o verão tornou o mundo inteiro em um denso e sufocante cobertor, penetrado apenas ocasionalmente por alguma brisa doce e fria. Enquanto Luang Pó se encaminhava ao leste, os riachos nos quais ele se banhava e de onde pegava água para beber diminuía rapidamente, os campos de arroz que cercavam os vilarejos estavam se tornando duros como pedra, rachando debaixo de uma neblina de calor, enquanto búfalos que se encharcavam em poças de lama o faziam o quanto pudessem antes que elas desaparecessem. Nos limites dos vilarejos, ele via mulheres procurando folhas e raízes comestíveis nos bosques para complementar sua minguada dieta da temporada quente.

Nos vales densamente florestados de Nakhon Phanom, as enormes árvores de madeira nobre - *yang*, *pradu* e *déng* - despontavam como sérias mas dóceis sentinelas no caminho. Enquanto ele caminhava, ele escutava o som dos pássaros revoando sobre sua cabeça, ou talvez grupos de papagaios verdes revoando pela floresta em perfeita formação. Ele chegou finalmente então ao seu destino: Wat Pah Bahn Nong Hii* o mosteiro de Luang Pu Kinari, um dos poucos monges tudong na Ordem Mahānikāya. Seria esse o início de uma longa e frutífera relação.

*Também conhecido como Wat Pah Mettaviveka.

Luang Pó sempre foi um monge muito autossuficiente. Ele raramente buscava ensinamentos de outros monges, e quando isso ocorria, fazia poucas perguntas, preferindo escutá-los e observá-los. Luang Pu Kinari foi provavelmente o que chegou mais próximo de ser alguém que pudesse ter sido considerado como sendo um mentor de Luang Pó no sentido convencional. Ele não era um monge conhecido por seu carisma ou reclusão, o que significa que ele era pouco conhecido entre os monges tudong. Mas Luang Pó disse que quanto mais tempo vivia com Luang Pu Kinari, mais crescia o seu respeito por ele. Luang Pó falava com admiração sobre a devoção de Luang Pu Kinari ao Vinaya, sobre sua simplicidade, sua habilidade em manter a plena atenção em quaisquer posturas, sua atenta paciência aos detalhes. Mesmo que ele geralmente parecesse bastante tranquilo e relaxado com relação à sua prática, também havia períodos em que Luang Pu Kinari praticava meditação andando por várias horas seguidas ou que vivia [do consumo e uso] de água do poço por incontáveis dias.

Luang Pu Kinari teve uma vida monástica cheia de eventos. Depois de receber os ensinamentos de Luang Pu Man, e Luang Pu Sao, ele passou vários anos peregrinando em tudong, incluindo mais de dez anos na Birmânia (Myanmar). Ele atravessou diversas dificuldades no caminho, e em mais de uma oportunidade, esteve perto da morte. Ele foi um dos poucos monges tailandeses de sua geração que visitou os Locais Sagrados Budistas no nordeste da Índia. Ainda assim, mesmo na época em que Luang Pó veio a conhecê-lo, Luang Pu Kinari não dava a impressão de ter sido um tarimbado viajante. Ao contrário, ele transparecia, assim como um manto velho bastante usado, a modesta autossuficiência e tranquilidade característicos de alguém que já não tinha mais nada à provar para ninguém.

Ele era um homem doce e gentil que parecia contentar-se com qualquer coisa que lhe pudesse ocorrer em qualquer momento. Ele raramente falava. Parecia que ele achava que muito poucas coisas valiam a pena de serem ditas para merecer perturbar o silêncio. Ele era um homem ativo que passava seus dias consertando coisas, fazendo potes, costurando, limpando. Todos os seus pertences tinham sido feitos por ele mesmo, e ele os utilizava

até que eles se desfizessem. Conforme ele envelheceu, sua aparência se tornou mais desgastada e decrepita. Mas como Luang Pó descobriu, as aparências enganam: a mente de Luang Pu Kinari era clara e brilhante.

Depois de uma curta visita inicial, Luang Pó continuou sua peregrinação e então retornou a Nong Hii para passar o Retiro de Chuvas. Ele conta que tipo de ensinamento o inspirou a retornar:

Naquela época, eu ouvia professores dando palestras de Dhamma sobre abrir mão, abrir mão, e eu ainda não conseguia tirar nada daquilo. Luang Pu Kinari me pediu para costurar um jogo de mantos. Fui fazê-lo o mais rápido possível. Eu queria terminar logo e me livrar do trabalho. Pensava que uma vez que tivesse terminado eu não teria outros afazeres e poderia então voltar a tentar um pouco de meditação. Um dia Luang Pu estava por perto. Eu estava costurando debaixo do sol, completamente inconsciente do calor que fazia. Eu apenas queria terminar rápido para então me dedicar à minha meditação. Ele me perguntou qual era a pressa. Eu lhe disse que queria terminar logo. Quando ele me perguntou o porquê, eu lhe disse que eu queria praticar meditação. Então ele me perguntou o que eu faria depois de terminar de meditar. Quando eu lhe disse, ele me perguntou o que eu faria depois daquilo então. Foi quando eu percebi que não haveria fim para essa sequência de perguntas. Então ele disse, ‘Você não percebe que esse trabalho de costura já pode ser sua meditação? Para onde você está se apressando? Você já foi pelo caminho errado. O apego está inundando sua cabeça e você nem tem ideia de que isso está acontecendo.’

Foi outro raio de luz. Eu estava certo de que estava acumulando méritos. Pensava que meramente realizar o trabalho já estaria de bom tamanho. Eu o terminaria rápido e iria atrás de fazer outra coisa. Mas Luang Pu apontou o meu erro: Qual era a pressa?

Foi provavelmente nessa época que Luang Pó ouviu falar pela primeira vez sobre as histórias de Luang Pu Tongrat, o mentor de Luang Pu Kinari, um monge cuja personalidade cheia de cor não poderia ser mais diferente do que a de Luang Pu Kinari, mas que partilhava várias de suas inspiradoras

características. Tirando o próprio Luang Pu Man e o Luang Pu Kinari, Luang Pu Tongrat era o monge que Luang Pó frequentemente elogiaria para seus discípulos nos anos seguintes. Sua dedicação ao Vinaya e à vida em tudong; sua capacidade de aguentar, sua resolução e a absoluta consciência que ele tinha de sua prática; seu amor pela solidão e pela simplicidade; seu afiado senso de humor - todas essas qualidades inspiraram Luang Pó.

Luang Pu Tongrat era o reconhecido líder do grupo de monges que via a Luang Pu Man como seu professor mas que mantiveram sua afiliação à Ordem Mahānikāya. Ele era um dos preferidos de Luang Pu Man e era renomado por sua absoluta falta de medo. Um muito repetido (e talvez apócrifo) conto descreve como Luang Pu Man e um grupo de monges que caminhavam na floresta foram surpreendidos por um enorme porco selvagem. Enquanto outros monges olhavam em volta instintivamente buscando uma forma de escapar, Luang Pu Tongrat caminhou na direção do porco e lhe deu um forte chute, depois do qual o animal assustado correu de volta para a floresta.

Em outra ocasião, seu comportamento excêntrico estava irritando alguns camponeses. um dia, retornando ao mosteiro depois da mendicância matinal, ele descobriu uma carta anônima e cruamente abusiva esperando por ele. Ao invés de tentar manter o assunto em silêncio, ele pediu para que um dos monges lesse a carta em voz alta para que toda a Sangha escutasse. Ele pediu então para que a carta fosse colocada no altar. Isso, ele dizia, também era o Dhamma: o dhamma mundano da crítica. Entender os dhammas mundanos leva à sabedoria, e ele queria então reverenciar à esse professor. Luang Pu Tongrat morreu em 1956 em um pequeno mosteiro a pouco quilômetros de distância do recém estabelecido Wat Pah Pong. Depois de sua morte, a única coisa que foi encontrada como sendo de sua posse em uma sacola foi a lâmina que ele usava para raspar a cabeça.

Detalhes sobre a relação de Luang Pó Chah e Luang Pu Tongrat são quase inexistentes. De fato, o único relato de qualquer contato pessoal entre eles está contido na estória amplamente conhecida de seu primeiro encontro. Nele, Luang Pó adentra um mosteiro cujo nome é desconhecido e é recebido por Luang Pu Tongrat com as desconcertantes palavras, 'Oh, Chah, então você chegou.' Quando e sob quais circunstâncias esse evento ocorreu e, se foi o primeiro encontro ou outro encontro qualquer, são todos fatos

desconhecidos. Tudo o que se sabe com alguma confiança é que Luang Pó tinha o mais alto respeito por Luang Pu Tongrat.

UM PROBLEMA COM O MANTO

Depois que Luang Pó abandonou a vida de peregrino mendicante, ele constantemente, no decorrer de palestras do Dhamma, fazia referência aos seus anos iniciais de prática. Ao relatar essas experiências como um jovem monge, ele enfatizava suas próprias fraquezas e os problemas que ele enfrentou, com um humor auto-depreciativo e com franqueza. Como instrumento pedagógico, isso era particularmente efetivo. Muitos monges mais antigos comentaram mais tarde o quão encorajador foi saber que seu professor aparentemente entrou nos mesmos atoleiros enormes que eles mesmos estavam enfrentando - e conseguiu então sair deles. Em uma ocasião Luang Pó lembrou como, em seu primeiro ano de tudong, ele experienciou um grande apego por seus requisitos [acessórios monásticos] e então sofreu em consequência disso.

Quando eu entrei no círculo dos monges de floresta, os requisitos deles pareciam todos tão bonitos. Suas tigelas eram imaculadas e a cor e textura de seus mantos parecia tão bela. Eu não tinha um pedaço de pano sequer que não fosse feio. Eu queria um novo manto superior (*jiwon*). Eu ainda não tinha um manto externo de duas camadas (*saṅghāti*)*. Eu estava cheio de descontentamento.

Os meios pelos quais um monge pode adquirir um manto são estritamente ditados pelo Vinaya. Se ele reside oficialmente em um mosteiro, ele pode solicitar pano do estoque do mosteiro e costurar um manto para si mesmo. Se ele está viajando longe de seu mosteiro de residência, se torna algo mais problemático. *Paṃsukūla*, ou ‘mantos feitos de trapos’ se torna uma opção. Hoje em dia, a palavra ‘paṃsukūla’ é familiar à maioria dos budistas leigos tailandeses como sendo o nome dado ao jogo de mantos formalmente oferecido aos monges durante rituais fúnebres. Na verdade, a oferenda cerimonial do pano paṃsukūla remete à uma tradição da época do Buda. Naquele tempo, era comum para as pessoas pendurarem o pano utilizado para cobrir cadáveres em árvores no cemitério antes de cremar os corpos.

*Veja no Apêndice I um guia visual sobre os mantos monásticos.

Monges recolhiam esse pano descartado e então o lavavam, cortavam, costuravam e o tingiam como mantos. Monges que adotavam essa prática, muito elogiada pelo Buda, eram chamados ‘aqueles que se vestem com mantos de trapos’. Até hoje, qualquer pano descartado pelo seu dono é chamado de paṇsukūla.

Consciente de seu desejo por mantos “bonitos”, Luang Pó decidiu que ele não agiria de nenhuma forma para obter algo assim. Ele os confeccionaria com pano paṇsukūla. Isso não era algo fácil de aparecer; mas qualquer que fosse a dificuldade envolvida, ele estava determinado a vencer esse desejo por bons requisitos. Ele não faria esforço algum para conseguir mantos melhores. Ele não faria solicitações. Ele apenas aceitaria novos mantos se eles fossem simplesmente oferecidos a ele. As mudanças graduais em sua mente se tornaram aparentes depois que ele se despediu de Luang Pu Kinari para outra rodada de tudong.

Eu subi pro distrito de Sisongkharam e Luang Pu Phut* me deu um manto antigo que ele tinha usado por quatro anos. Eu fiquei muito feliz. A borda estava toda esgarçada, mas eu consegui encontrar um pano de banho descartado pra fazer o remendo. A cor do remendo não ficou boa; ficou parecendo a borda dos vestidos que as mulheres locais usavam. Quando eu saía na mendicância matinal todo mundo ficava olhando pra mim. Me encaravam tanto que me senti desencorajado. Foi um problema. Fiquei tão consciente disso que tingi novamente o pano. Mas não importa o quanto eu tentasse, o pano era muito velho pra que eu pudesse tirar a cor direito. Prá Kru Jan me disse pra avisá-lo caso eu precisasse de quaisquer requisitos, mas eu estava determinado a não solicitar nada então eu apenas segui daquela forma, até que Ajahn Sawai, tendo notado a minha prática, costurou um manto pra mim. Aquilo fez com que eu me sentisse bem. Se eu tivesse pedido um manto logo de cara, eu me sentiria desconfortável em aceitá-lo pois ele teria sido adquirido através de eu ter expressado meu desejo.

*m monge sênior. Não o famoso amigo e contemporâneo de Luang Pó mencionado em outras passagens do livro.

Minha visão virou do avesso. Agora eu era avesso a qualquer coisa que tivesse sido encomendada, demandada ou pedida. Mas se eu adquirisse algo sem estar procurando por aquilo - mesmo que não estivesse em boas condições mas passível de ser consertado - parecia maravilhoso. Numa viagem à Sisongkharam, eu tinha um pequeno *angsa*.^{*} Eu não podia pedir outro. Fazer isso seria uma transgressão. Eu não sabia o que fazer. Eu queria um novo. Minha mente estava agitada e inquieta. Eu me preocupava tanto com mantos que eu busquei formas de fazer um manto superior. Eu planejei passo a passo o que eu faria com o pano, mesmo não havendo nenhum sinal de algum potencial doador. Enquanto eu praticava meditação andando, eu estaria marcando^{**} o manto em minha mente. Quando quer que eu consiga algum pano, eu pensava, eu poderei colocar a mão na massa imediatamente. Eu estava obcecado.

Durante a mendicância matinal, tudo o que eu via eram as marcas no pano. Isso passou tantas vezes pela minha cabeça que era quase uma realidade. Eu estava concentrado naquele manto imaginário como se eu fosse uma pulga ou um piolho que faria dele a sua casa. Eu nunca antes tinha visto alguém fazer seu próprio manto externo de duas camadas, mas eu também já tinha esse plano: Eu estava tão interessado e tinha um desejo tão forte que eu gastei muito tempo pensando naquilo. Já tinha determinado o método de costura e como remendar as bordas, todos os detalhes, até que eu pudesse fazê-lo, até que eu pudesse visualizá-lo por inteiro muito claramente. Então quando eu recebesse a oferenda de algum pano, eu estaria pronto para começar imediatamente. Por que não? Eu era proficiente. Eu era capaz de cortar o pano e fazer o manto superior. Quanto ao manto externo de duas camadas, eu estava ainda mais apto. Como eu poderia estar falhando com aquele tipo de obsessão?

* Ver Apêndice I

** Quando adquirido, um manto deve ser marcado (*bindu*) antes de ser utilizado, de forma a diferenciar dos mantos de outros monges. Geralmente são feitos três pontinhos à caneta próximos a um canto do pano que, em tamanho, devem ser “maiores do que as costas de um percevejo, porém menores do que o olho de um pavão” de acordo com a regra monástica.

Isso é o que significa o ditado de que onde quer que haja interesse apaixonado, há sucesso. Meditação é o mesmo. Se você é apaixonadamente interessado, você não dorme muito. A mente está desperta; está se concentrando, está observando - isso é desse jeito, aquilo é daquele jeito - até que você fica proficiente.

Eu estava usando meu manto inferior (*sabong*) por dois anos e ele estava prestes a rasgar. Eu tinha que erguê-lo para me sentar. Um dia eu estava varrendo folhas na área central do mosteiro em Bahn Pah Tao. Estava calor e eu estava suando. Sem pensar, eu me agachei para descansar sem antes erguer o manto inferior e ele se partiu bem no meio do meu traseiro. Eu tive que tomar emprestado o sarongue de um leigo. Não havia nenhum pano para remendar por perto então no fim eu tive que lavar um trapo que era usado para limpar os pés e fiz o remendo por dentro do meu manto inferior.

Eu sentei e pensei comigo mesmo, 'Por que o Buda faz os monges sofrerem tanto? Você não pode pedir pano, você não pode fazer nada por você mesmo.' Eu me senti desanimado: Tanto meu manto superior quanto o inferior estavam rasgados. Eu sentei em meditação e tomei uma nova resolução. Eu pensei, 'Tudo bem, o que quer que aconteça eu não vou desistir. Se eu não tiver manto algum, simplesmente andarei pelado.' Minha mente estava realmente em chamas. Eu pensei que levaria as coisas ao limite pra ver o que aconteceria. Dali em diante, eu usava mantos remendados por todos os lados e abandonei pensamentos de trocá-los.

Eu fui prestar reverências à Luang Pu Kinari novamente. Enquanto eu estava residindo com ele, eu não era como os demais e ele tampouco. Ele me observava. Eu nunca pedi nada enquanto estava lá; sempre que meus mantos rasgavam um pouco, eu encontrava um pedaço de pano pra remendar. Ele não me convidou para ficar lá, eu não pedi pra ficar lá, e ainda assim, eu acabei ficando, seguindo minha prática de forma contínua. Nós não nos falávamos - era como uma espécie de disputa. Logo antes do Retiro de Chuvas, ele deve ter dito às monjas que um monge tinha vindo pra ficar

e seus mantos estavam em frangalhos. Ele pediu pra que elas costurassem um novo jogo de mantos usando alguns panos que haviam sido oferecidos algum tempo antes: um material grosso e robusto, tingido com lascas de tronco de jaqueira. As monjas costuraram todo o jogo à mão usando ‘linha de atar cadáver’. Eu estava radiante de alegria. Eu usei aqueles mantos por quatro ou cinco anos sem nunca rasgar.

Mas quando ele era novo, o pano era realmente duro e não se adaptou ao formato do meu corpo. Da primeira vez que eu vesti o manto, fiquei parecendo um grande pote de barro. Enquanto eu caminhava, ele fazia um barulho alto, ‘*suapsap suapsap*’. Com meu manto externo por cima então, as duas camadas extras de pano faziam com que eu ficasse ainda mais imenso. Se eu estivesse com aqueles mantos numa montanha e encontrasse um tigre, estou certo de que ele não ousaria atacar. O seu rugido simplesmente morreria em sua boca. Ele teria ficado completamente desconcertado pela figura amarela enrijecida na frente dele. Eu jamais reclamei daquele manto, e depois de usá-lo por mais ou menos um ano ele começou a amaciar. Eu usei aquele manto por um longo tempo, e até hoje eu tenho consciência de minha dívida de gratidão para com Luang Pu Kinari por tê-lo dado a mim sem ter sido solicitado. Foi uma grande fortuna ter recebido aquele manto e dali em diante meus sentimentos de descontentamento me abandonaram.

Quando eu olho pras minhas atitudes do passado até o presente e mirando o futuro, me faz pensar que qualquer ação intencional que não seja imoral, não cause aflição e faça com que alguém se sinta feliz e contente - isso é bom kamma. Foi essa a visão que eu tive e, percebendo a sua verdade fez parecer que as coisas estavam começando a se encaixar em seus lugares. E então eu acelerei minha prática de meditação ao máximo que pude.

UMA VIRTUDE NÃO CELEBRADA

Mas o velho demônio do desejo sexual não tinha desaparecido de forma alguma. Durante o tudong do verão de 1948, antes de retornar ao mosteiro

de Luan Pu Kinari, Luang Pó encontrou um local propício para a prática de meditação em Wat Bahn Tong na província de Nakhon Phanom e decidiu tomar um descanso de sua peregrinação por um tempo. Depois de alguns dias, contudo, ele começou a ficar desconfortavelmente consciente dos olhares e sorrisos discretos de uma das discípulas leigas que dava suporte ao mosteiro.

No folclore de Issán, o ingênuo monge amarrado e tentado à abandonar sua vocação monástica pela astuta jovem viúva é um tema comum. Sua popularidade se dá talvez pela singularidade de um cortejo tão sutil - iniciado, regido e ritmado pela mulher ao invés de ser pelo homem. Em Bahn Tong, a protagonista parecia mesmo ter saído da canção do menestrel. Ela era de fato viúva, uma das mulheres que vinha ao mosteiro todas as manhãs para oferecer alimentos. Sem ter chance de se dirigir diretamente a Luang Pó, ela tratou de criar uma conexão entre eles encaminhando seu filho à ele. Deu certo. Luang Pó desenvolveu uma calorosa afeição pelo garoto. Sua atração pela mulher se tornou ainda maior devido ao carinho que ele sentia pelo filho dela.

Luang Pó tinha o costume de aconselhar à si mesmo. Ele não revelou à ninguém o quão fortes os sentimentos por aquela mulher se tornaram. Contudo, a forma como aqueles sentimentos estavam minando seu poder de julgamento pode ser imaginada pela maneira que ele resolveu o problema. Em uma manhã cedo, ainda de madrugada, o postulante Guéo foi chacoalhado enquanto dormia e ao abrir os olhos viu Luang Pó logo acima dele. Luang Pó estava de manto colocado, tigela na bolsa, pronto para partir. O velho homem começou a implorar, ‘a gente não pode esperar até amanhã de manhã?’ Mas foi imediatamente cortado. ‘Não!’ A voz de Luang Pó resmungou na escuridão, ‘Nós vamos agora mesmo.’

O raciocínio de Luang Pó para essa rápida fuga é aparente nos ensinamentos dados aos seus discípulos anos mais tarde. Nessas instruções ele enfatizava que os monges fossem honestos consigo mesmos sobre suas fraquezas e não fossem influenciados por seu orgulho. Se eles tivessem poucos recursos disponíveis para enfrentar um desafio, então eles deveriam humildemente aceitar aquilo, fazer uma retirada tática e trabalhar no desenvolvimento de recursos para se tornarem hábeis em lidar de forma efetiva com o desafio da próxima vez que ele ocorresse. A convicção subentendida deve ser de

que o desejo sexual não é uma parte fixa da natureza de um monge, que ele pode apenas ter esperança de suprimir. Enquanto ele é certamente e imensamente poderoso e for um profundo hábito de corpo e mente, ele depende de causas e condições para que seja completamente eliminado pela prática do Nobre Caminho Óctuplo.

UM PODEROSO CONFLITO

Como relatado acima, Luang Pó voltou ao mosteiro de Luang Pu Kinari antes do começo do Retiro de Chuvas e foi agraciado com um novo manto. Ele acelerou sua prática de meditação, mantendo a prática de meditação andando mesmo que o sol o estivesse castigando ou que estivesse caindo muita chuva, até que a parte central do seu local de prática se parecesse com uma vala. Luang Pu Kinari, por sua vez, dificilmente fazia algo assim. Às vezes ele poderia ser visto perambulando em seu local de prática de ‘meditação andando’ umas duas ou três vezes e então se sentaria debaixo de alguma sombra para remendar algum pedaço de pano ou consertar algo que estivesse quebrado.

Eu achava que ele não chegaria a lugar nenhum. Ele não praticava meditação andando, ele nunca sentava em meditação por muito tempo. Ele apenas estaria consertando ou arrumando coisas por aí o dia inteiro. ‘Quanto a mim’, eu pensava, ‘eu mal tirava um momento de descanso e ainda não havia realizado nada; se Luang Pu está praticando desse jeito, o que é que ele pode esperar alcançar?’ Eu entendi tudo errado. Luang Pu Kinari sabia muito mais do que eu. Ele quase nunca repreendia ninguém e quando o fazia era seco, mas suas palavras eram sempre profundas e repletas de uma clara sabedoria.

Luang Pó resumiu a importante lição que aprendeu:

O campo de visão de um professor excede de longe o nosso. É o esforço em erradicar as impurezas dentro da mente que é a essência da prática; você não pode julgar o professor pelo quanto ele senta ou anda.

Durante o Retiro de Chuvas, o desejo sexual - uma tempestade avassaladora dele - voltou a assolar o corpo e a mente de Luang Pó. Isso veio quando ele

estava colocando um grande esforço na sua prática. Uma interpretação poderia ser de que tamanha introspecção trouxe os desejos represados à superfície. A forma mais comum dos professores de floresta descreverem esse fenômeno, no entanto, é a personificação das impurezas como sendo tiranos que dominaram a mente por incontáveis vidas e que, vendo agora uma ameaça à sua hegemonia, reagem violentamente com todas as forças que tenham à sua disposição. Qualquer que seja a explicação, Luang Pó repentinamente encontrou à si mesmo naquela densa e úmida floresta, envolto em um reino de vaginas. De olhos abertos ou fechados - dezenas, centenas daquelas imagens alucinógenas o rodeavam, devastadoramente reais. O poder de seu desejo sexual era quase incontável - tão violento quanto o medo que ele sentiu no crematório de floresta. Não havia o que fazer senão se forçar a aguentar.

Algumas explicações devem ser dadas para deixar claro o tamanho do apuro pelo qual passou Luang Pó. O Buda ensinou que no caminho para a iluminação, o desejo sexual pode, e certamente deve, ser completamente transcendido. Para esse fim, monges tomam uma forma absoluta de celibato com o intuito de isolar e revelar a natureza impermanente, insatisfatória e impessoal do desejo sexual, e então desenraizar a identificação com ele. O peso da Disciplina se faz presente nessa prática tornando a emissão intencional de sêmen uma de suas mais graves ofensas (*sañghādisesa*). Caso seja cometida, se faz necessário um período de penalidade e reabilitação que é profundamente embaraçoso para o transgressor (ele deve, por exemplo, confessar publicamente a sua ofensa para a Sangha diariamente durante o período de sua punição) e inconveniente para a comunidade de monges. Mesmo que não seja pela masturbação, um monge que faça a menor tentativa de excitar sexualmente à si mesmo deliberadamente ou fisicamente aliviar sensações sexuais, comete uma ofensa da mesma maneira (contudo de uma natureza menos grave). Portanto, a ele não é dada nenhuma escolha a não ser encarar a tensão do desejo sexual. Até que surja o insight, um monge deve se sustentar na paciência e na capacidade de suportar, na reflexão sábia, na calma da mente e na confiança do valor de lutar contra esses sentimentos.

Luang Pó tinha um constante medo da ejaculação. Durante esse período, ele nem ousava praticar meditação andando: ele tinha medo de que, se

o roçar do manto inferior estimulasse muito o seu pênis, ele não seria capaz de se controlar. Ele pediu para que um leigo fizesse para ele um caminho de ‘meditação andando’ para dentro da floresta, para que ele pudesse praticar por lá durante a noite com seu manto inferior puxado pra cima, amarrado na cintura. Foram dez dias inteiros até que aquelas visões e a luxúria que elas estimulavam finalmente se desfizessem. Muito anos depois, Luang Pó contou ao seu velho amigo Phut, talvez de brincadeira (talvez não) que aquelas vaginas pertenciam à todas as suas esposas de vidas passadas. Qualquer que fosse sua origem, esse episódio veio a ser uma das últimas exclamações de sua natureza sexual.

Encontrar maneiras hábeis de lidar com o desejo sexual é uma grande preocupação para muitos monges jovens e, anos mais tarde, Luang Pó contaria sobre esse incidente aos seus discípulos em várias oportunidades. Ele queria que eles vissem o quanto esses sentimentos eram naturais e que se poderia transcendê-los com determinação. Ele mesmo sobreviveu ao massacre, e não foi através de uma enorme quantidade de concentração ou esplêndida sabedoria, mas pela boa, velha e nada romântica capacidade de aguentar, como com ‘a faca entre os dentes’. Em 1968 quando uma primeira e curta biografia de Luang Pó estava sendo escrita, ele insistiu que esse episódio de alucinações com vaginas fosse incluído. O autor, Ajahn Maha Amón, estava um pouco incerto sobre o quanto revelações tão francas deveriam ser expostas ao grande público. Não era o tipo de material encontrado naquele tipo de livro. Luang Pó disse que se ele omitisse esse episódio, ele poderia esquecer todo o projeto.

O Retiro de Chuvas em Wat Pah Bahn Nong Hii não foi apenas essa sangrenta e tempestuosa batalha. Ao contrário. Uma noite quando Luang Pó deitou-se para dormir ao final de uma longa sessão de meditação, ele foi saudado pela visão de Luang Pu Man, em pé à sua frente, segurando uma brilhante joia. Luang Pu Man disse, ‘Chah, eu lhe dou essa joia de presente. Veja como ela brilha.’ Luang Pó se sentou e estendeu sua mão direita para recebê-la. Naquele momento ele acordou e viu a si mesmo sentado em sua esteira e a mão fechada em punho, como se estivesse segurando algo verdadeiramente precioso. O ânimo de Luang Pó recebeu um tremendo incentivo por essa auspiciosa visão, e pelo resto do retiro ele estava tomado por uma chama inapagável de entusiasmo por praticar.

Luang Pó permaneceu em Nong Hii até o verão do ano seguinte (1949), quando, debaixo de um sol de escaldar, ele retomou sua peregrinação mais uma vez. Mas primeiro, seguindo a antiga tradição, ele ofereceu à Luang Pu Kinari uma bandeja com velas, incensos e ‘escovas de dentes de madeira’* que ele mesmo tinha feito da árvore *kotah* (que tem propriedades adstringentes), e pediu perdão por quaisquer faltas que ele pudesse ter cometido consciente e inconscientemente durante a sua estadia. Luang Pu Kinari, com seu jeito lacônico de sempre, elogiou a dedicação de Luang Pó à prática e o alertou sobre as distrações que poderiam surgir por seu dom em expressar o Dhamma:

“Venerável Chah, tudo em sua prática está bom. Mas seja cauteloso ao dar palestras.”

VARIADAMENTE DESCAPACITADOS

Alguns dias depois de iniciar sua caminhada, Luang Pó e seu novo companheiro, o Venerável Leuam, pararam para pernoitar em um crematório de floresta. Na manhã do dia seguinte, depois de sair em mendicância matinal em um vilarejo próximo, eles foram seguidos de volta para a floresta por dois garotos adolescentes. Os garotos perguntaram à Luang Pó se ele os permitiria segui-lo como seus estudantes e assistentes. Assim que Luang Pó se certificou de que os pais dos garotos não tinham objeção à isso, ele concordou. Ele estava comovido pela resolução dos garotos:

Aqueles dois garotos eram deficientes físicos, mas eles tinham fé nos ensinamentos do Buda e se voluntariaram para compartilhar das dificuldades da vida em tudong. Eles me deram muito alimento para reflexão. Um deles tinha pernas fortes e olhos bons, mas era surdo. Tínhamos que nos comunicar com ele através de sinais. O outro tinha olhos e ouvidos funcionando normalmente, mas ele tinha uma perna torta que às vezes enganchava na perna boa enquanto ele caminhava e o fazia cair no chão. Eles nos

*Uma tradicional escova de dentes feita à mão esculpida em uma madeira com propriedades antissépticas tendo uma ponta esculpida em fiapos para escovação dos dentes e a outra ponta esculpida de forma afilada para usar como palito de dentes.

seguiram pois era seu mais profundo desejo em fazer aquilo e suas deficiências não podiam detê-los de forma alguma.

O monge tudong dispõe de muitas horas por dia para voltar sua atenção para sua mente que, como resultado do interesse ao qual ele se permitiu, geralmente entra em um estado natural de reflexão. O som distante de algum macaco, uma pequena criatura em decomposição no meio do caminho, uma repentina brisa refrescante - os pequenos eventos do dia e os sentimentos que eles evocam se tornam matéria-prima para o questionamento. Observações e insights, que para o não meditador seriam normalmente abafados pela incessante conversa interna, podem adquirir uma ressonância poderosa. Peregrinando pelos duros caminhos de Nakhon Phanom, acompanhado pelo incessante barulho das cigarras nas árvores - algumas cobertas por belos botões de flores rosadas, amarelas, vermelhas, outras já encolhendo ou ressecadas - Luang Pó sentiu sua mente se voltando diversas vezes para seus novos jovens companheiros.

Anos mais tarde, ele relataria aos seus discípulos algumas das reflexões que a companhia desses garotos provocaram. A coragem e determinação deles lhe pareceram um excelente exemplo da força da mente em vencer obstáculos. Eles não escolheram nascer com aquelas dificuldades - e certamente era a última coisa que seus pais poderiam ter desejado - e ainda assim suas vidas eram dominadas por elas. Como o Buda ensinou frequentemente: todos os seres são nascidos de suas ações, são donos de suas ações e herdeiros delas. No entanto, Luang Pó era recordado por esses garotos que, através de uma atitude sábia perante nossa herança cármica, a dignidade pode ser encontrada.

Enquanto ele caminhava pela trilha na floresta e o ritmo de sua marcha constante levava sua mente a novas reflexões, ele se dizia:

Esses garotos são fisicamente deficientes, mas se eles saem do caminho e entram na densa floresta eles percebem isso. Eu também sou deficiente - pelas impurezas em minha mente. E se elas me levam à uma floresta escura, será que eu percebo isso? Esses garotos não fazem mal a ninguém, mas qualquer mente severamente deficiente pelas impurezas pode causar grande confusão e agitação em outras pessoas.

Ao final de um dia, o pequeno grupo chegou aos limites de uma densa floresta; no momento em que eles entraram em sua sombra eles sentiram a temperatura cair abruptamente, eles se deleitaram naquele frescor. A floresta cercava um morro de encosta, pontilhado por duros afloramentos rochosos de onde um pequeno curso d'água brotava em forma de cascata desafiando a estação do ano: era água para beber e para banhar-se. Se via também através dos arrozais um pequeno vilarejo com o qual eles poderiam contar para a mendicância matinal. Parecia ser um bom local para acampar naquela noite.

Enquanto eles procuravam por locais para instalar seus glots, Luang Pó notou uma pequena trilha já com o mato crescendo que seguia através da floresta até o morro. Ele então se lembrou de um velho ditado que ele nunca tinha entendido direto, 'Não deite atravessado em uma velha trilha na floresta'. Ele resolveu ignorar a recomendação e ver o que acontecia. Luang Pó mandou o Venerável Leuam instalar seu glot a uma certa distância na floresta e os garotos a se instalarem mais ou menos no meio do caminho entre os dois monges. Quanto a Luang Pó, ele colocou seu glot exatamente atravessando a tal trilha.

Depois de se banharem no pequeno curso d'água, todos começaram a praticar meditação. Luang Pó manteve sua tela mosquiteira erguida, assim os garotos ainda poderiam vê-lo caso se sentissem com medo. Tarde da noite, ele finalmente deitou-se, plenamente atento, sobre seu lado direito. Deitou-se atravessado na velha trilha, de costas para a floresta e de frente para a direção do vilarejo. À princípio parecia que nada iria acontecer, que evitar deitar-se na trilha era apenas mais uma superstição infundada. Mas assim que o sono estava prestes a tomar conta, Luang Pó percebeu o suave barulho de folhas secas craquelando. Alguma coisa grande estava se movendo em sua direção num passo lento e confiante. Conforme chegou cada vez mais perto, Luang Pó pôde ouvir a sua respiração. Ele farejou no ar o inigualável fedor que significava que um tigre estava se aproximando. Ele tentou permanecer deitado tão imóvel quanto uma pedra, mas parte de sua mente entrou em pânico e ele começou a tremer descontroladamente. No entanto o medo durou pouco. Ele deu uma bronca em si mesmo:

Esqueça dessa vida. Mesmo que esse tigre não te mate, você vai morrer de qualquer jeito. Morrer enquanto está seguindo o caminho do Buda significa algo. Se você nunca matou ou comeu um tigre no passado, então ele não te machucará. Se você o fez, deixe que ele te coma e pague essa dívida.

Em momentos de intenso medo, o Buda ensinou aos monges a se recordarem das virtudes da Joia Tríplice. Ele comparava esse efeito animador na mente como a visão que a bandeira do exército tem sobre um soldado no calor da batalha. Luang Pó se recordou das virtudes do Buda, Dhamma e Sangha, da pureza de sua própria *sīla* como seu refúgio e imediatamente se sentiu fortalecido. Enquanto isso o tigre parou. Permaneceu imóvel atrás dele na noite. Luang Pó podia escutar a respiração dele a uns quatro ou cinco metros de distância. Ele sentiu a horrível tensão ao esperar pelo acelerar daquela respiração e pelo repentino ataque pelas costas que significaria o fim de sua vida. Mas agora, os pensamentos e medos estavam de alguma forma fora de sua mente. O tigre não se mexia. Alguns momentos depois, Luang Pó o ouviu dar meia volta e retornar vagarosamente para as profundezas da floresta. O som das folhas craqueando gradualmente desapareceu.

Talvez seja apenas justo para com os quase extintos tigres tailandeses dizer que praticamente não há casos conhecidos de um deles ter atacado a um monge tudong. O tigre não é nem de longe a criatura mais perigosa da floresta. Quando surpreendido ou assustado por um ser humano, especialmente um monge, ele quase sempre sairá de cena com dignidade. O mesmo não se pode dizer de elefantes. Mesmo que a imagem que os ocidentais tem dos elefantes tenda a ser de um animal genial que dá caronas em suas costas, nunca esquece de nada, e tem uma ‘queda por bolinhos cremosos’, na natureza selvagem, ele pode ser um imprevisível e casualmente violento colosso. Sua forma de lidar com inconvenientes seres humanos pode ser pisoteá-los ou agarrá-los com sua tromba e batê-los contra uma árvore. Luang Pu Man considerava os ursos como sendo as criaturas mais perigosas e daria um assovio especial para alertá-los de que ele estava chegando. Mas o medo é imune à lógica e às estatísticas. Existe uma coisa com tigres que é primitiva e sugestiva de maneira única. Luang Tá Maha Bua uma vez contou sobre seu encontro com um tigre na floresta:

“Se o medo for derrotado, então a mente será tomada por coragem e estará em profunda paz interior. Se o medo vencer, ele se multiplicará rapidamente e prodigiosamente. O corpo inteiro será envolto tanto por um calor de transpirar quanto por um frio enorme, pela vontade de urinar e defecar. O monge estará sufocado pelo medo e parecerá mais um homem morto do que vivo.”

Luang Pó, repentinamente alçado ao que ele percebeu como sendo uma situação de vida-e-morte, convocou uma força em sua mente que ele não sabia que existia. Ele mais tarde diria desse incidente que, assim que ele abriu mão de qualquer preocupação por sua vida e simplesmente o fez sem arrependimentos ou medo, ele foi tomado por uma profunda calma e contentamento acompanhados por uma plena atenção e sabedoria de grande clareza. Sua mente estava decidida e destemida, pronta para encarar o que quer que acontecesse. Foi algo maravilhoso.

UMA BOA PESSOA

Sozinho um monge deve sentar-se, sozinho ele deve descansar.

Sem preguiça, ele deve peregrinar sozinho.

Sozinho ele deve domar a si mesmo.

Sozinho ele deve encontrar alegria em viver na floresta.

Dhp 305

Luang Pó começou a sentir uma fome quase física por estar sozinho. Conforme sua prática progredia, também progredia a convicção de que ela estava sendo freada pelo senso de responsabilidade que ele sentia por seus companheiros de viagem. Ele percebeu que havia chegado a um ponto em que ele deveria concentrar-se em si mesmo e desenvolver sua meditação sem distrações externas. Ele discutiu o assunto com o Venerável Leuam, que se ofereceu para levar os garotos de volta pra casa e, no dia seguinte, eles se separaram. Sozinho pela primeira vez, Luang Pó partiu cheio de propósito. Se um pequeno enjoo no seu estômago perturbou os sentimentos de excitação e júbilo por sua recém encontrada liberdade, ele não deu a menor atenção.

Na tarde seguinte, Luang Pó encontrou um mosteiro abandonado bem próximo ao vilarejo de Bahn Kha Noi. Pareceu ser um local apropriado para o trabalho que ele queria realizar, e ele instalou seu glot no empoeirado salão. Finalmente sozinho, Luang Pó sentiu-se desatado e livre. Ele intensificou seus esforços, mantendo uma atenção próxima e alerta sobre seus olhos, ouvidos, nariz, língua e corpo, não permitindo à sua mente procurar a menor distração no mundo sensorial. Esse era o método, ele sabia, que era o mais eficiente em prevenir a dissipação da energia mental e em criar as condições de suporte para o foco completo em um determinado objeto de meditação.

Impressões dos sentidos podem ter tanto impacto em um meditador quanto ventos fortes e variados em alguém que caminha sobre uma corda bamba. Indulgência no prazeroso som de uma voz feminina cantando em um campo próximo, ou comer um pouco a mais de arroz grudento em uma refeição matinal podem ser atos maléficos. Eles podem, sem dúvida, tirar a mente do monge de seu trabalho de forma frustrante por várias horas. Durante a mendicância matinal, Luang Pó mantinha seu olhar constantemente baixo, respondia às solicitações dos camponeses locais de maneira taciturna - naquele momento que não queria visitas sociais dos devotos leigos - e se esforçava em manter a atenção de maneira firme em seu objeto de meditação em cada passo dado no caminho. Assim que ele terminasse sua refeição e lavasse sua tigela no poço, ele começaria com a primeira de muitas horas do dia de meditação andando. Mas mesmo o corpo tarimbado de viajante de Luang Pó não pôde dar conta de certas demandas sobre ele. Depois de algum tempo, seus pés estavam tão inchados pelos esforços realizados que, de forma relutante, ele abandonou a prática de meditação andando e se dedicou exclusivamente à meditação sentado. Isso aconteceu por três dias até que as fortes dores em seus pés desaparecessem.



No mosteiro abandonado em que ele morava, pequenos sinais dos antigos moradores estavam por toda parte. Gotas de cera de vela pontilhadas pelo chão; atrás do altar havia livros desbotados, comidos por cupins. Era uma solidão criada, nascida de uma rejeição, e por isso era triste de uma forma que nem o mais remoto topo de montanha ou caverna poderiam ser. Um dia, com irritação, Luang Pó percebeu que estava se sentindo solitário. Segue um de seus característicos diálogos internos:

Eu comecei a pensar que seria bom ter um garoto noviço ou um postulante comigo para ajudar com os pequenos afazeres por ali. Mas então outros pensamentos começaram a desafiar essa linha de pensamento, ‘Você é muito engraçado! Há pouco tempo atrás você estava cansado de seus companheiros. Então por que você quer encontrar alguém agora?’ Sim, é verdade que eu estava cansado,

mas apenas de pessoas que não fossem boas companhias^{*}. Nesse momento eu preciso de um bom companheiro. ‘Então onde estão essas boas pessoas? Você pode sair para procurá-los? Você nunca esteve satisfeito com nenhum de seus companheiros até agora. Você deve pensar que é a única pessoa boa por aqui, para tê-los deixado pra trás e vindo aqui sozinho.’

Luang Pó disse que quando esse pensamento surgiu, ele ganhou um insight que o seguiria daquele dia em diante:

Onde está a boa pessoa? Está dentro de nós mesmos. Se somos bons, então pra onde quer que formos essa bondade vai conosco. As pessoas podem nos elogiar, nos culpar ou nos tratar com desdém, mas o que quer que elas digam ou façam, a bondade segue ali. Sem ‘sermos bons’, nossa mente fica cambaleando constantemente: ficamos com raiva de críticas e contentes por elogios. Através de saber onde mora a boa pessoa, temos um princípio para nos sustentar ao abandonar os pensamentos. Se formos para algum lugar onde as pessoas não gostam da gente ou dizem coisas sobre nós, então não consideraremos que aquilo aconteça por que elas são pessoas boas ou ruins; nós sabemos que ‘ser bom’ ou ‘ser ruim’ está dentro de nós mesmos. Ninguém pode nos conhecer melhor do que nós mesmos.

EXPLOSÕES

Luang Pó seguiu em sua peregrinação procurando por locais pacíficos para praticar até que um dia ele chegou em Bahn Khok Yao onde ele encontrou outro mosteiro abandonado a mais ou menos meio quilômetro do limite do vilarejo. Sua mente se sentiu leve e tranquila. Era como se estivesse acontecendo uma reunião de forças.

Uma noite, houve um festival no vilarejo. Algum tempo depois das onze da noite, enquanto eu estava praticando meditação andando, eu comecei a me sentir meio estranho. De fato, essa sensação - um tipo de calma e tranquilidade incomuns - tinha aparecido primeiro

^{*} Aqui, Luang Pó está aparentemente se referindo a bons “amigos no Dhamma”, companheiros nos mesmos esforços.

durante o dia. Quando eu comecei a ficar cansado de andar, eu fui para a pequena cabana com telhado de palha para sentar e fui pego de surpresa. De repente minha mente desejava tranquilidade de forma tão intensa que eu mal pude cruzar as pernas rápido o suficiente. Apenas aconteceu por si só. Quase imediatamente, a mente de fato se tornou pacífica. Sentiu-se firme e estável. Não era que eu não escutava o barulho dos festejos no vilarejo; eu seguia escutando mas eu podia também escolher não escutar. Era estranho. Quando eu não prestava atenção no barulho, havia silêncio. Se eu quisesse escutar, eu conseguia e não me irritava. Dentro de minha mente, era como se houvesse dois objetos ali juntos, mas sem nenhuma conexão entre eles. Eu vi a mente e o seu objeto de sentido estabelecidos em diferentes locais, como um bule e uma cuspidreira posicionados no assento de um monge.

Eu percebi que se a concentração ainda é fraca, você ouve sons; mas quando a mente está vazia, então há o silêncio. Se surge um som e você percebe o som, você vê que esse ‘perceber’ está separado do som. Eu refleti, ‘Bem, como mais poderia ser? É do jeito que é. Eles são desconectados.’ Eu segui considerando esse aspecto até que percebi, ‘Ah, isso é importante: quando a continuidade (*santati*) entre as coisas é quebrada, então há paz (*santi*).’ Antes havia *santati*, e agora, *santi* emergiu dela. Eu segui com minha meditação. Minha mente estava completamente indiferente a todos os fenômenos externos.

Se eu quisesse parar de meditar naquele momento, eu poderia tê-lo feito à minha vontade. Seria por estar com preguiça, por estar cansado ou entediado? Não, de jeito nenhum. Não havia nada daquilo em minha mente. Havia simplesmente um senso da “medida certa”. Se eu parasse, seria meramente aquilo; não havia impureza envolvida.

Algum tempo depois eu parei para descansar. Mas foi apenas a minha postura que mudou, minha mente seguia naquele mesmo estado. Eu peguei meu travesseiro, com a intenção de dormir. Quando me deitei, minha mente seguia tão pacífica quanto antes. No exato momento em que minha cabeça tocou o travesseiro, na

mente havia um senso de inclinar-se, direcionar-se pra dentro - pra onde, eu não sabia. Então foi como se um interruptor tivesse sido acionado, liberando energia para um cabo elétrico. Meu corpo explodiu com um tremendo estrondo. A atenção naquele momento era extremamente sutil. Passando daquele ponto, ela se direcionou pra dentro, pra um reino onde não havia absolutamente nada. Nada podia se encaminhar pra lá, nada podia alcançar aquilo. A atenção parou ali por um momento e então se retirou. Mas não quero dizer que foi uma saída intencional; eu era apenas testemunha daquilo, o observador. Minha mente se retirou de forma constante até que retornasse ao seu estado normal.

Quando minha mente se reverteu à normalidade, uma questão surgiu? ‘O que foi aquilo?’ E a resposta apareceu, ‘essas coisas são fenômenos naturais; não há necessidade de ficar perplexo com isso.’ Essas poucas palavras foram suficientes para que minha mente aceitasse o que estava acontecendo. Depois de uma pequena pausa, ela começou a inclinar-se novamente e num certo ponto, acionou o mesmo interruptor. Dessa vez meu corpo se desintegrou em finos fragmentos e novamente me direcionei pra dentro. Havia um silêncio completamente impenetrável; superior ao da primeira vez. Depois de um período de tempo apropriado, minha mente se retirou. Tudo aconteceu automaticamente. Eu não exerci nenhuma vontade ou influência no que estava acontecendo; eu não tentei fazer as coisas acontecerem de acordo com um plano, para entrar naquele estado ou sair dele de alguma forma específica. Eu apenas me mantive ciente, apenas seguia observando. Minha mente se retirou ao estado normal novamente e eu não fiz especulação nenhuma. Eu sentei ali em contemplação, e então aconteceu de novo, pela terceira vez, e o mundo inteiro se desintegrou - terra, vegetação, árvores, montanhas, pessoas. Tudo se tornou o ‘elemento espaço’. Foi o fim de todas as coisas. Nesse estágio final, não havia absolutamente nada.

Eu permaneci naquele estado pelo tempo que ele quis que eu ficasse lá. Eu não sei como um lugar daquele podia existir; era

difícil de compreender e é difícil de falar daquilo. Não havia nada que pudesse se comparar com aquilo. A terceira vez que a mente permaneceu naquele reino foi a mais longa, e quando chegou a hora, ela se retirou ao estado normal. Essas três vezes - como poderiam ser chamadas, quem poderia saber?

Eu descrevi o estado natural da mente. Eu não falei na linguagem técnica de 'consciência' (*citta*) e concomitâncias mentais (*cetasikā*), pois não é necessário. Eu tinha a fé pra ir fundo na prática. Pra apostar minha vida. Quando chegou a hora desse tipo de coisa surgir, o mundo virou de cabeça pra baixo. Se qualquer um tivesse me visto naquele momento, pensaria que eu tinha enlouquecido. De fato, pra alguém que não tem autocontrole, aquele tipo de experiência pode fazer enlouquecer, porque depois daquilo, nada é como era antes. As pessoas não parecem mais as mesmas. Mas certamente é apenas você que está diferente - diferente em todos os sentidos. Os pensamentos delas vão numa direção, e os seus vão em outra. Elas falam de uma coisa, você fala de outra. Elas vão pra lá, você vem pra cá. Você está completamente em desacordo com a raça humana.

PENSAMENTO EQUIVOCADO

Luang Pó continuou com sua prática em Bahn Khok Yao por quase três semanas e então partiu em peregrinação mais uma vez. Quando passou pelos pequenos vilarejos de Sisongkhram, ele sentiu um profundo senso de calma e fluidez tomando conta de sua mente. O Dhamma fluía sem esforços, tanto em responder às suas próprias dúvidas quanto às dúvidas dos camponeses que, em algumas noites, viriam ao seu glot trazendo oferendas de tabaco e noz de bétel*, iluminados por seus isqueiros.

Luang Pó cruzou o rio Mekong até o Laos por um curto período com o intuito de prestar reverência à uma antiga estupa. Depois de retornar a Issán, ele decidiu descansar em um mosteiro fora de Bahn Nong Kah.

*Como fumar não é expressamente proibido no Vinaya e os prejuízos à saúde associados ao fumo não eram conhecidos naquela época, muitos dos monges de floresta da geração de Luang Pó fumavam. A Sangha de Wat Pah Pong proibiu a prática no final da década de 1960.

Naquela época sua tigela de ferro tinha algumas rachaduras e pequenos buracos, e o abade lhe ofereceu uma tigela para substituir. Foi outra oportunidade para ele refletir sobre seus desejos por requisitos e para ser lembrado de que sua prática ainda não estava tão inabalável quanto ele gostaria. Em Bahn Khok Yao ele experienciou um profundo nível de paz, mas agora, não muito depois, as impurezas lhe desviavam do caminho mais uma vez.

Eles me ofereceram uma tigela, mas ela estava rachada e não tinha tampa. Então eu lembrei de quando eu era criança e levava os búfalos pro pasto e via outros garotos trançando palha e com isso fazendo chapéus. Então eu pedi um pouco de junco. Eu trancei um disco e um retângulo e os juntei. Eu tinha então uma tampa pra tigela - o único problema foi que ficou parecendo um cesto pra levar arroz grudento. Na mendicância matinal era realmente muito feio. Os camponeses me chamavam de “monge do tigelão”. Eu apenas a joguei fora.

Tentei fazer outra. Eu trabalhei dia e noite nela. Era o tipo errado de esforço, alimentado pelo desejo. Durante a noite, eu acendia uma tocha e trabalhava sozinho na floresta. Trançando e desfazendo as tiras, eu esbarrei na ponta da tocha e ela respingou em mim, escaldando a minha mão – eu ainda tenho a cicatriz até hoje. Eu recobrei a consciência: ‘O que eu estou fazendo? Eu tenho pensado nisso de forma errada. Eu me tornei um monge, e agora eu estou sem dormir apenas para conseguir mantos e uma tigela. Esse é o tipo errado de esforço.’

Eu coloquei o trabalho de lado. Eu sentei e pensei sobre aquilo, e então eu fui praticar meditação andando. Mas enquanto eu andava pra frente e pra trás, minha mente voltava à tampa da tigela e eu voltava a trabalhar nela, completamente absorto, até quase amanhecer. Eu estava cansado; fiz uma pausa e comecei a meditar. Quando eu sentei, o pensamento veio novamente, ‘isso está errado.’ Eu comecei a ficar sonolento, e eu tive uma visão de um enorme Buda. Ele disse, ‘Venha aqui. Eu vou lhe dar uma palestra do Dhamma.’ Eu fui em sua direção e me prostrei. Ele me deu um discurso sobre os requisitos; ele disse que eles eram meros

acessórios para o corpo e a mente. Eu acordei num estalo, meu corpo tremendo. Mesmo agora eu consigo ouvir o som de sua voz no meu ouvido.

Eu aprendi uma lição. Eu estava cego pelo desejo, mas agora eu parei. Eu trabalhei por um tempo razoável e então descansei, andei e pratiquei meditação sentado. Isso foi um ponto realmente importante. Anteriormente, qualquer trabalho que houvesse, se ainda não estava terminado e eu colocasse de lado pra ir meditar, minha mente seguiria apegada à ele; eu não podia evitar. Não importava o quanto eu tentasse mudar isso em minha mente, isso não se moveria. Então eu usei isso como um treinamento mental: um treino em abandonar, em colocar de lado.

Qualquer coisa que eu fizesse, eu determinei não terminar rapidamente. Depois de trabalhar um pouco na tampa da tigela, eu iria parar e praticar meditação; mas mesmo que eu estivesse andando ou sentado, minha mente seguiria atada à tampa da tigela e não se concentraria em nada mais. Eu vi o quão difícil é pra mente abrir mão de algo. Ela se apega de forma tenaz. Mas eu ganhei outro fundamento para contemplação: não se apresse em terminar nada. Faça um pouco e então ponha de lado. Observe sua mente. Se ela segue rodando e rodando de volta ao trabalho inacabado, então veja como você se sente. Aí começa a ficar divertido. Vá pra batalha.

Eu estava determinado a não parar até que eu tivesse treinado minha mente ao ponto em que, quando eu trabalhava, eu apenas trabalhava; e quando eu parava, eu conseguiria colocar o trabalho de lado em minha mente. Eu faria trabalho e descanso separadamente, discretamente, para que não houvesse sofrimento. Mas era extremamente difícil treinar dessa forma. Apegos são difíceis de se abandonar, difíceis de por de lado. A ideia que eu tinha de terminar logo as coisas o mais rápido possível não estava de todo errada; mas do ponto de vista do Dhamma isso não é correto, pois não há nada que você possa saber de uma vez por todas se sua mente se recusa a parar.

Eu comecei a refletir sobre sensações. Como você pode abrir mão de sensações agradáveis e desagradáveis quando elas estão acontecendo naquele exato momento? É o mesmo que com a tampa da tigela ...

Então esse era o princípio: não faça nada com o pensamento de terminar logo. Ponha aquilo de lado com intervalos regulares e vá praticar meditação andando. Assim que a mente voltasse a se preocupar com o trabalho, eu lhe daria uma bronca, faria oposição. Eu treinava a mim mesmo, falava comigo mesmo sozinho na floresta. Eu apenas segui lutando! Depois de um tempo, se tornou cada vez menos um peso. Conforme eu segui praticando, eu comecei a achar mais fácil separar o trabalho do descanso.

Depois daquilo, se eu estivesse costurando um manto ou crochecendo uma capa de tigela ou o que quer que eu estivesse fazendo, eu treinava a mim mesmo. Eu poderia fazer o trabalho, ou poderia colocá-lo de lado. Eu percebi a causa do sofrimento - e é assim que surge o Dhamma. Subsequentemente, se eu estivesse de pé, andando, sentado ou deitado eu sentia uma alegria e um prazer que duraram até que, finalmente, a tampa da tigela ficou pronta. Mas na mendicância matinal os camponeses seguiam olhando pra mim e pra minha tigela com expressões de assombro. Algum tempo depois, eu lembrei de ter visto uma vez um tipo de bandeja na casa de alguém em Bahn Kor que daria uma tampa de tigela razoável. Então foi isso o que fiz: eu peguei uma bandeja, entortei as extremidades, soldei e fiz dela a minha tampa. Eu nunca pensei em pedir nada pra ninguém.

Mas esse problema de Luang Pó não tinha chegado ao fim. Tigelas de ferro requerem bastante cuidado. Monges devem estar constantemente atentos contra ferrugem. Um método para proteger a tigela era revesti-la de alguma forma.

Mais tarde, eu lembrei que quando era noviço eu tinha visto um monge usar a seiva da árvore *giang* para revestir sua tigela. Então eu pensei em fazer uma tentativa. Eu fui até Bahn Khok no distrito de Loeng Nok Tah pois havia muita madeira dessas

árvores por lá, e então eu pintei minha tigela inteira e a tampa. Um leigo sugeriu colocá-los num cesto e baixá-lo num poço pra que então o revestimento secasse mais rápido; em três dias estariam prontos pra usar. Grandes chances. Eu esperei mais de um mês e ainda não estavam secos. Eu não podia sair em mendicância; não podia ir a lugar nenhum. Durante a meditação, pensamentos de preocupação pela tigela surgiram. Passei muito tempo subindo e descendo o cesto no poço pra verificar se o revestimento tinha secado. Eu realmente sofri. No final, eu percebi que mesmo que eu os deixasse na água por um ano, provavelmente não iria funcionar. Então eu pedi pra que um leigo trouxesse papel pra que eu pudesse cobrir a tigela por fora; então, pelo menos, eu podia sair em mendicância matinal. Eu estava com medo das consequências cármicas de pedir uma tigela nova aos leigos. Eu apenas aguentei.

ENSINAMENTOS DE UM CERVO

Em várias ocasiões já comentadas, uma marcante forma de Luang Pó refletir sobre o Dhamma foi revelada. Consistia de um robusto diálogo interno. Uma série de perguntas e respostas, ou um debate entre dois pontos de vista opostos tomava conta de sua mente até que a verdade aparecesse, uma valiosa lição fosse aprendida, uma decisão fosse tomada. Essa habilidade se tornou evidente de novo, e provavelmente salvou sua vida, no coração das montanhas de Nakhon Phanom.

Luang Pó não tinha ido ao vilarejo por alguns dias e estava começando a ficar enfraquecido pela falta de comida. Ele se sentia cansado e zozinho, suas pernas um pouco inchadas devido à subida da montanha e sua respiração ofegante. Então ele teve uma febre. Enquanto ele se deitou à sombra de uma árvore, muito exausto para se mover, ele analisou a situação: pouca água, nenhum sinal de um vilarejo - e seu corpo ardendo em febre. Assim que Luang Pó fez as pazes com a possibilidade de que ele tinha poucas chances de sobreviver, um pensamento perturbador surgiu em sua mente: suponha que um caçador encontrasse seu cadáver e enviasse as notícias a Ubon. Quão problemático e inconveniente seria para sua família ter que vir a tão longa distância para organizar um funeral. Ele procurou em sua bolsa por sua carteira de identidade monástica. Se o pior estivesse para

acontecer, ele a queimaria para que ninguém pudesse saber quem ele era. Naquele momento, ele foi despertado daqueles pensamentos sombrios pelo som alto do ganido de um cervo que ecoou pelo vale florestado abaixo dele. Isso fez com que ele se perguntasse:

Cervos e outras criaturas ficam doentes?

Sim, claro que ficam. Eles tem corpos assim como nós.

Eles tem remédios? Eles tem médicos pra lhes dar injeções?

Não, claro que não. Eles se resolvem com quaisquer brotos e folhas que encontrem.

As criaturas na natureza não tem remédios, não tem médicos pra cuidarem delas e elas não parecem se extinguir. A floresta está cheia delas e seus filhotes, não é?

Sim. É verdade.

Esses simples pensamentos foram suficientes para tirar Luang Pó do desespero que estava tomando conta de sua mente. Ele se esforçou para sentar-se e se forçou a tomar um pouco d'água. Ele cruzou suas pernas e começou a meditar. Pela manhã, a febre tinha baixado.

ARMAS DO DHAMMA

Falando com seus discípulos décadas mais tarde, Luang Pó falou de forma carinhosa de seus anos em tudong:

Naqueles dias eu não tinha um filtro d'água. Os requisitos eram difíceis de conseguir. Eu tinha uma pequena cumbuca de alumínio da qual eu era bastante possessivo. Eu ainda fumava naquela época. Não havia fósforos, mas eu tinha um 'porta fumo' de bambu com uma casca de meio limão como tampa. De noite, quando eu já estava cansado de praticar meditação andando, eu me sentava pra fumar um cigarro. Eu calculava que, se houvesse quaisquer espíritos por ali, o barulho das batidas da pedra pra fazer faísca, 'bok! bok!', no meio da noite os afugentaria.

Quando eu me recordo daquela época em que praticava sozinho, era doloroso e cheio das mais desafiadoras provações mas, ao mesmo tempo, eu realmente gostava daquilo. A satisfação e o sofrimento andavam juntos. Quase a mesma coisa que comer folhas de *peka* grelhadas com molho picante e gengibre. É muito gostoso - mas é ardido! Você vai comendo e o nariz vai escorrendo, mas você não consegue parar porque o gosto é ótimo. Você vai comendo e ao mesmo tempo vai se queixando, 'Oh! Oh!' É assim que era a prática naquela época.

Você deve ser realmente decidido para praticar o Dhamma. Não é nada leve. É pesado! Você deve colocar sua vida em jogo. Um tigre vai te devorar, um elefante vai te pisotear - então, que seja. Você pensa assim. Quando você manteve seus preceitos de forma pura, não há nada com que se preocupar: é como se você já estivesse morto. Se você morrer, então é como se não houvesse nada pra morrer, então você não sente medo. Essa é chamada a arma do Dhamma. Eu estive no topo de montanhas em todo o país, e essa simples arma do Dhamma sempre triunfou. Você abre mão completamente. Você é corajoso. Você está pronto pra morrer. Você arrisca sua vida.

Sempre que eu pensei nisso, eu vi como a arma do Buda fortalece a mente. É a melhor de todas as armas. Eu seguia refletindo, observando, pensando, vendo. Quando a mente realmente vê, ela penetra as coisas completamente: sofrimento é assim, a cessação do sofrimento é assim. E então há tranquilidade e contentamento. Aqueles que veem o sofrimento mas não o penetram, que se contentam com sensações de paz interior - eles não terão forma de saber isso.

Aqueles que não tem medo da morte, se eles estão dispostos a dar sua vida, então eles não morrem. Se você deixa o sofrimento ir além do sofrimento, ele chega ao fim. Compreendam isso, enxerguem a verdade das coisas. Isso tem real valor: isso faz a mente poderosa. Você pensa que seria possível pra uma mente assim ter medo de alguém, ter medo da floresta, ter medo de animais selvagens? É destemida e forte. O coração de um monge meditador

é incrivelmente resoluto. Através da meditação, qualquer um que esteja disposto a dar a vida pelo Dhamma desenvolve uma mente que é grande em tamanho e possibilidades, totalmente firme. A habilidade de abrir mão se torna sublime.

Tudo isso se chama *vitakka*:* fazer algo surgir na mente, e então *vicāra*: examinar aquilo. Essas duas coisas seguem trabalhando juntas até que o assunto seja totalmente penetrado. Nesse ponto, um êxtase (*pīti*) surge na mente ...

Quando eu pensava em praticar meditação andando ou pensava sobre as virtudes do Buda ou do Dhamma, esse êxtase tomava conta do meu corpo inteiro e o refrescava completamente. Enquanto eu sentava, minha mente transbordava de alegria por minhas ações - todos os obstáculos que eu tinha vencido - meu corpo se arrepiava e lágrimas começavam a cair. Eu me sentia ainda mais inspirado a lutar e perseverar. Não havia nenhuma questão de desencorajamento surgindo, o que quer que acontecesse. Havia ‘*vitakka*’, ‘*vicāra*’, êxtase e uma felicidade acompanhados de atenção. A mente estava sendo sustentada por ‘*vitakka*’ e ‘*vicāra*’, e estabilizada pela felicidade. Naquele momento, você poderia dizer que isso era por causa do poder de absorção (*jhāna*) se quiser, eu não sei. Era apenas como era. Se você quer chamar isso de absorção, tudo bem. Depois de algum tempo, ‘*vitakka*’ e ‘*vicāra*’ eram abandonados, o êxtase desaparecia e a mente tinha um único foco (*ekaggatā*), *samādhi* era firmemente estabelecido e a calma lúcida que é a base para a sabedoria surgia.

Então eu ganhei o insight de que é através da prática que se estabelecem o conhecimento e a visão. Estudar e pensar sobre isso é algo mais, que anda junto. Mesmo os pensamentos e hipóteses que você assume sobre como as coisas serão, estão incluídos nas coisas que você verá claramente, e elas são reveladas como estando em contradição com o jeito que as coisas são.

*Nesse parágrafo, Luang Pó explica os cinco estados mentais que definem o primeiro estado de profunda absorção e concentração (*jhāna*).

Então eu estava contente. Gordo ou magro, saudável ou doente, eu estava contente. Eu nunca pensava onde estaria a minha mãe ou onde esse ou aquele amigo estariam. Não havia nada daquilo. Eu apenas decidi em minha mente que se eu morresse, então eu morreria e isso era tudo. Eu não tinha preocupações. Era dessa forma que minha mente era firme. Então não havia mais nada que me segurasse. Minha mente estava revigorada e me empurrava adiante.

Não importa quantas palestras do Dhamma você escute, quanto você estude, o conhecimento que você adquire disso não te leva diretamente à verdade, e você nunca estará livre de dúvidas e de hesitação. Você deve praticar. Se o seu conhecimento é uma realização da verdade, então as coisas chegam à uma conclusão. Eu não sei como vocês colocariam isso em palavras, mas isso apenas acontece naturalmente, é inevitável. Não é nada além da ‘mente natural’ (*pakati citta*) surgindo.

SALVANDO OS DOCES

Naquele ano, Luang Pó passou o Retiro de Chuvas em um pequeno mosteiro da Ordem Dhammayut. Mesmo que Luang Pó era agora um monge já a dez anos e dedicado a manter a Disciplina Monástica de forma escrupulosa, ele seguia sendo afiliado à Ordem Mahānikāya, na qual a atitude comum quanto ao Vinaya variava de relaxada à muito relaxada. Por essa razão, monges Mahānikāya geralmente não seriam aceitos para permanecer a longo prazo em mosteiros Dhammayut. Esse mosteiro abriu uma exceção à Luang Pó sob a condição de que ele mantivesse seu status como um *āgantuka*, ou monge visitante - quer dizer, ele não seria considerado um membro oficial da comunidade e sua senioridade não seria reconhecida em situações formais (esse protocolo era, e em vários lugares segue sendo, comum mesmo que a posição geralmente tomada hoje em dia é de que isso é requerido devido à diferença de linhagem). O raciocínio não colocado em palavras, como mencionado anteriormente, era que monges Mahānikāya eram, na pior das hipóteses, não monges de fato e, na melhor das hipóteses, monges impuros.

Poderia ser esperado que, tendo colocado tanto esforço em estudar a Disciplina, Luang Pó acharia esse julgamento absurdo, mas ele se manteve como se nada tivesse acontecido. Ele estava plenamente consciente do padrão mantido em mosteiros Dhammayut e estava disposto a aceitá-lo. Como ele diria mais tarde, ele refletiu que o que ele era não dependia de como outras pessoas o tratavam.

De fato, a seriedade com a qual Luang Pó tomava o Vinaya teria irônicas consequências. Um incidente durante o retiro revelou que ele tomava o Vinaya de forma mais escrupulosa do que o líder da comunidade que o havia aceitado lá de má vontade. O incidente levava em conta a regra que diz que um monge deve apenas consumir alimentos que forem formalmente oferecidos às suas mãos. O comentário oficial à essa regra estipula que, se um monge tocasse propositalmente um alimento não-oferecido, então não apenas ele como qualquer outro monge não deveria comer aquele alimento, mesmo que o alimento seja subsequentemente oferecido a ele de forma correta. Em uma manhã, depois de voltar da mendicância matinal, Luang Pó voltou à sua cabana, que ficava próxima à cozinha. Tendo olhado de relance pela janela de sua cabana, ele notou o abade agindo de maneira estranha. De pé, próximo à um braseiro no qual pedaços de bambu contendo arroz doce estavam começando a queimar, ele parece ter sido pego em um momento de indecisão. Então, tendo decidido, o abade que era conhecido por sua preferência por arroz doce, depois de olhar para os lados, rapidamente girou os pedaços de bambu.

Durante a refeição, o velho abade notou que Luang Pó não estava comendo nenhum dos doces de arroz. Ele perguntou inocentemente se Luang Pó tinha se servido de algum e a negativa, mesmo que polida de Luang Pó fez com que o abade ruborizasse sobre sua própria tigela. Poucos segundos depois, ele confessou em voz alta a sua ofensa à envergonhada comunidade.

Esse episódio parece ter deixado uma profunda impressão em Luang Pó. Ao menos, vinte anos depois, essa foi uma das poucas histórias sobre suas viagens em tudong que ele relataria ao seu biógrafo. Para outras pessoas que não sejam monges budistas, o significado desse episódio não é tão fácil de ser compreendido em profundidade. Pode ter parecido que o abade agiu de forma sensível. Ele salvou o arroz de ser queimado em troca de infringir de forma pequena as regras; o senso comum ganhou o dia.

Para um monge de floresta, essa é uma estória sobre integridade. O Vinaya é um sistema de honra: nenhuma força policial ou autoridade externa obriga os monges a seguirem as regras. Grande valor é dado à honestidade e à integridade; dissimular ofensas é considerado especialmente reprovável. Não há exceções nas regras para monges seniores. Ao contrário, dos anciãos de uma comunidade é esperada uma adesão ainda mais escrupulosa à elas. Para um monge sênior sucumbir aos desejos dos sentidos, cometer uma ofensa plenamente consciente (tendo primeiro procurado por possíveis testemunhas), dissimular a ofensa e depois completar o quadro por comer o alimento que tinha se tornado não-permitido, teria comprometido sua posição de autoridade. A silenciosa recusa de Luang Pó ao alimento significava que ele estava tomando a mais restrita interpretação da regra. Sua discrição cutucou a consciência do ofensor em uma situação onde um confronto poderia levar à mais negações ou conflitos.

MENSAGEIROS DA MORTE

O mosteiro era vizinho de um crematório de floresta, no centro do qual havia um pequeno pavilhão aberto de um dos lados. Era nesse local de maior reclusão que Luang Pó passava a maior parte do seu tempo. Um dia, enquanto ele praticava meditação sentado nesse pavilhão, um corvo pousou no galho de uma árvore próxima e começou a gralhar alto. Luang Pó não lhe deu atenção. Percebendo sua indiferença, o corvo desceu do seu galho e depositou um pedaço de palha seca que ele trazia no bico em frente à ele. O corvo ficou ali encarando Luang Pó por um tempo e gralhando insistentemente, 'Caw! Caw! Caw!' Luang Pó achou estranho o comportamento daquele corvo. Era como se o pedaço de palha fosse algum tipo de presente ou sinal. Assim que o corvo percebeu que tinha chamado a atenção de Luang Pó, ele abandonou o pedaço de palha e saiu voando. Três dias depois, os camponeses, trouxeram o corpo de um garoto de treze anos para a floresta. Ele morreu de uma febre, e eles o cremaram ao lado do pavilhão.

Três ou quatro dias mais tarde, o corvo veio visitar Luang Pó novamente, trazendo consigo mais um pouco de palha seca e agindo exatamente da mesma forma que na ocasião anterior. Depois de uns poucos dias, o irmão do primeiro garoto foi trazido à floresta, vítima de uma doença repentina

e inexplicável. Depois de um intervalo de mais três dias, o corvo retornou novamente, e logo depois daquilo, em uma inevitabilidade mórbida, o corpo de mais uma criança foi trazido para a floresta para ser cremado. Dessa vez era a irmã mais velha dos dois garotos. Os pais e parentes próximos das crianças mortas acompanhavam o caixão, curvados e encolhidos com o pesar. A visão do terceiro jovem cadáver e o desolador cortejo fúnebre tomaram Luang Pó com uma intensa “tristeza tranquila e sóbria”.

A frase “tristeza tranquila e sóbria” é uma tradução do difícil termo em tailandês *salôt sangwet* *. O problema em traduzir de forma apurada essa expressão não é meramente idiomático. É um termo que usa palavras do dia a dia para descrever uma experiência incomum, que surge como resultado da meditação budista e, como tal, não é totalmente acessível para não-meditadores, mesmo budistas. É tanto igual quanto diferente do pesar comum; é um pesar elevado ou transfigurado. A prática intensiva de meditação budista gera uma profunda receptividade à realidade da condição humana dentro da mente. As tragédias diárias da existência humana são vistas em um novo contexto. Eventos são experienciados como expressões externas de uma insubstancialidade que envolve à tudo. Com suas faculdades elevadas pela meditação, Luang Pó assistiu à dor daquele grupo de pessoas de luto, despedaçadas, que se arrastavam diante dele. O sofrimento que é inseparável do amor era revelado de forma crua. Ele estava repleto de *salôt sangwet*.

O sofrimento que Luang Pó testemunhou no crematório de floresta fez crescerem nele esforços ainda maiores. Ele logo aumentou suas horas de prática de meditação e reduziu ainda mais as suas já poucas horas de sono. Ele permanecia praticando meditação andando mesmo que estivesse no meio da chuva e houvesse poças ao redor de seus pés. Se, quando trabalhava no cultivo de arroz ele trabalharia os campos em um clima daqueles, ele pensou, por que não poderia suportar a chuva em prol desse trabalho tão mais valioso?

Durante uma sessão de meditação, Luang Pó teve uma poderosa visão. Ele viu a si mesmo andando por uma estrada e passando por um homem tomado por dores, gemendo dolorosamente. Ele parou mas não se moveu

**Sangwet* é derivado do termo ‘*sarivega*’ em Pali, geralmente traduzido como ‘senso de urgência’.

em direção ao homem. Depois de contemplar aquela figura por algum tempo, ele seguiu em frente. Mais adiante, ele viu um corpo deitado na terra, ao lado da estrada. Era um homem à beira da morte, severamente emagrecido, sua respiração fraca e irregular. Luang Pó permaneceu contemplando a visão, e seguiu seu rumo. Ao final, ele se deparou com um cadáver, inchado e descolorido. Os olhos esbugalhados grotescamente, a língua preta e inchada para fora da boca, tomada por larvas. Mais uma vez ele contemplou a visão e seguiu em frente. O senso de “sóbria tristeza” que essas imagens evocavam era total. Elas permaneceram claras em sua mente pelas semanas seguintes, aprofundando seu crescente desencanto com a existência condicionada e o seu forte desejo por libertar-se dos apegos que ainda o mantinham limitado à ela.

Durante esse período, Luang Pó também tentou a prática do jejum. Mas ela não lhe trouxe ganhos em tranquilidade mental, apenas calor e desconforto ao corpo. Ele concluiu que aquele era um método não adequado para o seu temperamento e retomou a sua prática anterior de fazer uma refeição por dia. O ensinamento do Buda sobre os três fundamentos principais, ou “invariavelmente corretos”, para o desenvolvimento espiritual - moderação ao se alimentar, restrição dos sentidos e constante atenção - fazia cada vez mais sentido para ele e era o que formaria a base de várias de suas palestras de Dhamma aos seus discípulos nos anos seguintes. Ele renovou sua ênfase na continuidade da prática ao invés do extremo ascetismo e sua prática avançou moderadamente como resultado. Com a mente livre de obstáculos, sua investigação do Dhamma era, naquele momento, hábil e desobstruída.

MONTANHA LANGKA

Ao final do retiro, a Sangha residente se preparou para sair em tudong em direção ao Laos. Naquela altura, a atitude deles com relação a Luang Pó estava muito mudada, e eles inclusive tentaram persuadi-lo a ir com eles. Mas Luang Pó recusou: um problema irritante tinha surgido agora em sua meditação e ele precisava buscar instruções de algum expert. Se despedindo de seus companheiros dos últimos meses, ele rumou para a Montanha Langka com o intuito de visitar Ajahn Wang, um discípulo de Luang Pu Man.

Eu cheguei tão longe e então parei. Vou fazer uma comparação: era como se eu estivesse caminhando e de repente parasse, afundasse no chão e fosse incapaz de prosseguir. Então eu voltava - eu estou falando de minha atenção, entendam, de minha mente. Eu insistia, mas eu sempre acabava voltando ao mesmo lugar onde eu me encontrava em um impasse. Parado. Esse era um tipo de sentimento. O outro era assim: eu tinha batido contra uma barreira antes de retornar.

Eu mantive minha prática de meditação andando e sentada, mas eu seguia encontrando a mim mesmo de volta ao mesmo lugar. ‘O que é isso?’ Eu me perguntava. ‘O que quer que seja, apenas ignore,’ vinha como resposta. Depois de um bom tempo, isso cessou; mas logo em seguida, voltou a acontecer. Havia uma constante demanda por uma resposta em minha mente, ‘O que é isso?’ Durante o dia, fora dos períodos de meditação, essa pergunta seguiria lá. Minha mente estava perturbada e seguia pressionando por uma resposta. Eu não conseguia ver aquilo pelo que era, não ao ponto de conseguir abrir mão, então minha mente se mantinha seguindo aquilo.

Eu comecei a pensar em quem poderia ser capaz de me ajudar com aquele problema, e eu pensei em Ajahn Wang, que eu ouvi dizer que estava residindo no topo da montanha Langka com alguns noviços. Eu não o conhecia pessoalmente mas pensei que ele deveria ter algum tipo de realização para conseguir viver daquela forma.

Luang Pó subiu a montanha e passou três noites discutindo o Dhamma com Ajahn Wang. Muitos anos depois ele relatou como foi a primeira conversa entre eles:

Ajahn Wang disse, ‘Uma vez, enquanto eu estava caminhando, eu parei e contemplei meu corpo afundando no chão, dentro da terra.’

Eu lhe perguntei, ‘O senhor estava plenamente consciente do que estava acontecendo, Ajahn?’

Ele respondeu, ‘Eu estava consciente. Como poderia não estar? Eu estava consciente. Enquanto eu seguia afundando cada vez mais, eu disse a mim mesmo que apenas deixasse as coisas seguirem seu curso. Então eu cheguei ao ponto mais distante e comecei a subir novamente. Mas quando eu cheguei à superfície, meu corpo não parou ali; em pouco tempo, eu estava subindo no ar. Eu apenas mantive minha consciência. Era incrível como algo daquele jeito pudesse estar acontecendo. Eu subi, subi até que alcancei o topo das árvores e então meu corpo explodiu: BUM! E então, ali estavam meus intestinos, pendurados como colares nos galhos da árvore.’

Eu disse, ‘O senhor tem certeza de que não foi um sonho, Ajahn?’

Ajahn Wang balançou a cabeça, ‘Não, não foi um sonho. Se eu não tivesse mantido minha presença mental, então ela poderia ter-me carregado com ela. Aquilo realmente aconteceu daquela forma. Quando aconteceu, eu percebi como sendo real. Até hoje, eu consigo lembrar daquilo como algo que realmente aconteceu. Quando *nimittas** podem ser dessa magnitude, então o que se pode dizer sobre outras de menores níveis? Se seu corpo explodiu, como você se sentiria? E se você visse suas entranhas todas penduradas numa árvore? Foi uma experiência incrível. Mas eu percebi que era uma ‘nimitta’. Eu me mantive firme naquilo. Eu estava confiante de que não havia nada que pudesse me machucar. Então eu foquei minha atenção na própria mente e logo a visão desapareceu. Então eu sentei pensando, ‘O que foi aquilo?’

Ajahn, eu vim até aqui para prestar minhas reverências ao senhor porque eu estou completamente perdido sobre o que fazer. Minha experiência é diferente da sua; é como se eu estivesse caminhando sobre uma ponte truncada, que não chega ao outro lado do rio. Eu paro. Não há caminho em frente e eu não sei o que fazer, então eu dou meia volta e retorno. Isso é durante minha meditação. Ou, às vezes eu persisto até o final, mas não há pra onde ir, então eu retorno. Em outras vezes, existe algum tipo de obstáculo bloqueando o caminho e eu bato contra ele. Eu não consigo seguir

*Veja Glossário, 881.

adiante. Tem sido assim por um bom tempo agora. O que é isso, Ajahn?

Ajahn Wang me explicou: 'É o final, é o limite mais distante da percepção. Quando isso ocorre, de qualquer maneira que seja, então apenas pare ali e fique consciente daquela percepção. Se você ficar bem ali, será resolvido; aquilo mudará por si mesmo sem precisar fazer força. Simplesmente esteja consciente da natureza da percepção e do seu estado mental. Foque a sua atenção e, em pouco tempo, a percepção mudará. Mudará como as percepções de uma criança mudam para as de um adulto. Quando criança, você gostava de brincar com brinquedos, mas como adulto, você vê aqueles brinquedos e não deseja brincar com eles. Você brinca com outras coisas.'

'Oh, eu entendi agora.'

Ajahn Wang disse, 'Não diga isso tão cedo! Tem muitas coisas que podem acontecer - muitas coisas. Apenas lembre que em samādhi qualquer coisa pode acontecer. Mas o que quer que aconteça, não importa contanto que você não se agarre à dúvidas com relação a aquilo. Quando você pode manter essa atenção, então esses fenômenos começam a perder sua significância. O poder condicionador da mente perde força. Talvez você tente ver mais de perto e enxerga um pato. E depois de algum tempo, o pato mudou e virou uma galinha. Você mantém os olhos na galinha, e depois de algum tempo ela se torna um cachorro. Você olha pro cachorro, e então é um porco. É confuso, algo que não tem fim.

Foque na mente, concentre-se nela, mas nunca pense que você chegou ao final desse tipo de fenômenos, porque depois de algum tempo eles voltam. Mas você segue deixando-os de lado. Você simplesmente os reconhece e os deixa ir. Então não há perigo algum. Foque neles dessa maneira para que então sua mente tenha uma base sólida. Não os persiga. Uma vez que você resolva esse problema, então será capaz de seguir em frente. Haverá uma brecha por onde passar. Velhas percepções ou quaisquer novas percepções que surjam no futuro são todas dessa mesma natureza

básica; é apenas que algumas são mais vívidas e poderosas do que outras. Mas não importa o quão maravilhoso ou sublime essas visões possam ser, não faça nada com elas. É apenas como elas são. Você deve realmente cultivar esse entendimento.’

Eu perguntei à ele, ‘Por que parece que algumas pessoas não tem nenhum problema? Elas não sofrem de jeito nenhum. Elas não encontram obstáculos e tudo corre de forma suave para elas?’

Ajahn Wang respondeu, ‘É o resultado do kamma. Para você, esse é um tempo de dificuldades. Quando a mente convergir, então não haverá briga pelo trono. Nem tudo que é briga é ruim, saiba disso: algumas coisas são boas, algumas são prazerosas. Mas todas são perigosas. Não dê importância à nenhuma delas.

A mente de Luang Pó já não tinha mais dúvidas. Ele sentiu uma grande carga de energia e passou os dias seguintes praticando vigorosamente, dia e noite, dificilmente parando para descansar. Sua mente estava agora apta a ir além das barreiras que ele mesma tinha erguido e ele era capaz de investigar os quatro elementos de solidez, coesão, vibração e calor que constituem o mundo físico, assim como ambas naturezas da realidade, a verdadeira e a convencional. Depois de três noites, Luang Pó prestou reverências ao Ajahn Wang e retomou sua jornada. Ele refletiu sobre o valor de um amigo sábio:

Sim, você pode praticar por conta própria, mas pode ser que seja devagar. Quando você tem apenas o seu próprio jeito de ver as coisas, você pode ser pego num círculo, rodando e rodando num certo problema; mas se existe alguém para apontar o caminho, é rápido. Há um novo caminho de contemplação para perseguir. É assim que é pra todo mundo: quando nós emperramos, emperramos pra valer.

Eu desci da montanha Langka e encontrei um mosteiro deserto na base dela. Naquela mesma hora começou a chover e eu fui me abrigar no Salão de Dhamma de madeira. Assim que contemplei os elementos, a mente repentinamente se tornou firme. Imediatamente, era como se eu tivesse entrado em outro mundo. O que quer que eu olhasse, estava mudado. Eu senti que

o bule à minha frente não era um bule. A cuspeira tinha se transformado, assim como minha tigela. Tudo teve seu estado mudado, da mesma forma que a sua mão se virou da palma para as costas. Era como uma nuvem subitamente obscurecendo o sol que brilhava. Aconteceu num piscar de olhos. Eu vi uma garrafa e não era uma garrafa, não era nada, eram apenas elementos. Tinha apenas uma realidade convencional, não era uma garrafa de verdade. A cuspeira não era uma cuspeira de verdade; o vidro não era vidro de verdade. Tudo havia mudado. Mudava e mudava e então eu trouxe minha atenção para dentro. Eu vi a tudo no meu corpo como não pertencendo à mim, mas tudo possuindo uma mera realidade convencional.

Como resultado dessa experiência, Luang Pó resumiu:

Não hesite em sua prática. Dê tudo o que você tem nela. Tenha uma mente resoluta. Siga praticando. Não importa o quanto você ouça palestras do Dhamma, quanto você estude, mesmo que o conhecimento resultante disso seja correto, ele não alcança a verdade por si só. E se é esse o caso, então não haverá fim para as dúvidas e para a hesitação. Mas quando a verdade é percebida, então se torna completo. Então o que quer que alguém diga ou pense sobre o assunto é irrelevante, é natural e irrevogavelmente apenas daquela maneira. Outros podem rir ou chorar, estarem felizes ou tristes, mas quando a ‘mente natural’ surge, é completamente determinada ... a mente que entrou na correnteza^{*} não é fácil de distinguir daquela de alguém que enlouqueceu. As duas são muito parecidas; ambas se desviam da norma; mas elas diferem nas qualidades que possuem.

PRIMEIROS DISCÍPULOS

Luang Pó decidiu que já era hora de retornar para Ubon e, depois de parar para prestar suas reverências a Luang Pu Kinari, ele tomou o longo caminho ao sul. Assim como nas jornadas anteriores, ele descansou em Bahn Pah

^{*}“Aquele que entrou na correnteza” é o primeiro dos quatro níveis de iluminação revelados pelo Buda.

Tao na província de Yasothon. Os camponeses estavam felizes de vê-lo de novo, e muitos vinham nas noites para ouvi-lo palestrar sobre o Dhamma. Uma noite, um casal que tinha lhe dado suporte devotadamente desde sua primeira visita ao vilarejo perguntou se ele aceitaria o seu filho adolescente como assistente e se aceitaria treiná-lo para Ordenação monástica. Luang Pó consentiu e, alguns dias depois, a franzina figura de Tongdii, cabeça recém raspada e trajando seus novos mantos brancos, seguiu Luang Pó estrada afora.

Depois de uma jornada de mais ou menos dez dias, os dois viajantes chegaram a Bahn Kor e instalaram seus glots num crematório de floresta. Logo, Tongdii estava acompanhado por um garoto chamado Tiang e os dois se prepararam para a cerimônia de tomar os votos como noviços juntos. Quando eles já tinham aprendido os cânticos necessários, Luang Pó os levou para um dos grandes mosteiros na cidade local onde o abade conduziu a cerimônia. Esses dois garotos podem ser considerados os dois primeiros discípulos de Luang Pó.

Durante a sua estadia em Bahn Kor, a mãe de Luang Pó, seus parentes e amigos vieram todos prestar reverências à ele. Havia um grupo de mulheres que o seguiam depois da mendicância matinal trazendo mais alimentos em marmitas penduradas em cabos de madeira sobre seus magros ombros. Pratos como brotos de bambu, peixe fermentado, molho apimentado, *sadau* amargo, mangas *okrong* e bananas *namwa* - tudo o que tinham de melhor - eram oferecidos a Luang Pó e aos dois tímidos mas vorazes noviços para comerem com suas inevitáveis bolas de arroz grudento. Então nas noites, depois do jantar, as camponesas viriam novamente, agora acompanhadas de seus maridos, de volta do trabalho no campo, já descansados.

Luang Pó não ia para sua casa já fazia um bom tempo, e todos estavam ansiosos por vê-lo, alguns talvez mais para ouvir sobre suas aventuras em locais distantes do que para ouvir o Dhamma. Essa era a época pré-televisão, quando as tradições orais ainda eram fortes, e Luang Pó era um orador nato que podia prender a atenção de seus espectadores com o puro poder e fluidez de suas palavras, metáforas e contos. Seria tarde da noite quando os camponeses voltavam para suas casas, ainda desfrutando da luminescência de sua oratória. E Luang Pó estava, de certa forma, em uma missão: ele tinha a intenção de convencer sua mãe a manter os Cinco

Preceitos de forma estrita. Quanto mais ele praticava, mais confiança ele tinha nos ensinamentos e regularmente seus pensamentos se voltariam à Mé Pim e sobre como ele poderia inspirá-la a se desenvolver no Dhamma. Ela foi um de seus primeiros sucessos.

Para os seus velhos amigos, Luang Pó havia mudado. O extrovertido e efervescente Chah que eles um dia conheceram agora parecia mais reservado, circunspecto, algo distante. Mas a tristeza deles estava temperada por respeito e senso de que aquilo estava correto; o ideal do monge e o comportamento apropriado à ele lhes era familiar, e isso os inspirou.

Passados quinze dias, Luang Pó e o noviço Tongdii saíram em caminhada rumo ao sul, ao distrito de Kantharalak, deixando o noviço Tiang em Wat Bahn Kor. Eles instalaram seus glots em uma grande floresta preservada próxima ao vilarejo de Suan Kluai. Era um bom local para a prática, o suporte dos leigos era forte e Luang Pó decidiu passar ali o Retiro de Chuvas.

SONHOS AUSPICIOSOS

Mesmo que a curta biografia de Luang Pó, escrita no final da década de 1960, seja uma importante fonte de informação para o presente capítulo desse livro, ela consiste de apenas um certo número de contos aleatórios que se juntaram para formar uma estória. Existem longos e frustrantes vazios nessa estória. Em 1981, quando a saúde de Luang Pó começou a piorar rapidamente, dois de seus mais antigos discípulos ocidentais decidiram entrevistar seu professor e colher mais informações sobre o início de sua vida, com a visão de escrever uma nova biografia. Eles foram até ele com um novo gravador e várias fitas em branco com uma grande expectativa mas voltaram alguns dias depois, cabisbaixos. Fora uma ou outra estória de seu grande apetite por macarrão instantâneo chinês quando ainda era um jovem monge, Luang Pó foi quase completamente não-cooperativo. A única resposta interessante que ele deu, mesmo que um pouco desconcertante, foi com relação às perguntas sobre qual teria sido o evento mais importante daqueles primeiros anos. Luang Pó citou os três sonhos auspiciosos que ele teve em noites consecutivas enquanto estava em Suan Kluai.

É raro que detalhes dos sonhos de alguém possam se tornar uma agradável leitura, quem quer que seja o sonhador. Não há nada especialmente

fascinante nos sonhos de Luang Pó. Mas como ele deu tamanha importância à eles, e foi capaz de relatá-los com tantos detalhes depois de tantos anos, eles estão incluídos na íntegra aqui.

No primeiro sonho, alguém lhe ofereceu um ovo, que ele jogou no chão. A casca quebrou, dois pintinhos saíram de dentro e eles os pegou, um em cada mão. Então eles imediatamente se transformaram em alegres pequenos garotos, recém aprendendo a andar. Uma voz anunciou que aquele que estava em sua mão esquerda se chamava Boon Tong (literalmente, 'bandeira do mérito') e o da mão direita, Boon Tam ('mérito do Dhamma'). Depois de algum tempo, Boon Tong teve um desenteria e morreu em seu colo. A voz disse 'Boon Tong está morto, e agora, apenas Boon Tam permanece.' Então Luang Pó despertou. A pergunta surgiu em sua mente sobre o que significaria aquele sonho e a resposta veio na sequência: era apenas um fenômeno natural. Suas dúvidas se dissiparam.

No segundo sonho, ele estava grávido. Sua barriga estava inchada e era difícil para ele se mover; mas ainda assim, ao mesmo tempo, ele se percebia como sendo um monge. Logo antes de estar pronto para dar à luz, ele foi convidado a tomar uma refeição em uma cabana com telhado de palha no campo, tendo um riacho ao lado. Já havia três monges na parte de cima da cabana e eles já tinham começado a se alimentar. Luang Pó estava prestes a dar à luz, e então os leigos o convidaram a se alimentar sozinho na parte de baixo da cabana. Enquanto os monges acima se alimentavam, Luang Pó deu à luz um radiante e sorridente garoto que tinha finos pêlos nas costas das mãos e na sola dos pés.

Luang Pó percebeu sua barriga encolher. Ele sentiu como se realmente tivesse dado à luz e verificou se havia sangue ou outros fluidos para serem limpos, mas estava tudo seco. Ele se lembrou então do nascimento do Príncipe Sidarta. Os leigos começaram a discutir o que seria melhor para um monge comer logo após ter dado à luz, e decidiram que seriam três peixes assados. Luang Pó se sentia exausto e não queria comer nada, mas se forçou a comer para que as pessoas que lhe ofereceram acumulassem mérito. Antes de começar sua refeição, ele deu a criança para uma mulher segurar e quando terminou, lhe deram a criança de volta. Quando ele a recebeu, a criança caiu de suas mãos e ele despertou. Novamente, quando a dúvida surgiu em sua mente sobre qual seria o significado daquele sonho,

simplesmente por lembrar-se que aquilo era um fenômeno natural e nada mais, sua mente se apaziguou.

Na noite seguinte, Luang Pó sonhou mais uma vez. Dessa vez, junto com um noviço, ele recebeu um convite para uma refeição no topo de uma montanha. O caminho tortuoso até o topo da montanha lembrava o casco de um caramujo. Era dia de lua cheia e a montanha era muito alta, seu pico era verdejante e com clima agradável. Um belo pedaço de pano tinha sido colocado como guarda-sol para eles, e eles foram sentar-se à sombra. Depois de algum tempo, eles foram convidados para ir a uma caverna em um dos lados da montanha. A mãe de Luang Pó, Mé Pim, sua tia Mé Mi e um grande número de pessoas estavam esperando por eles para oferecer alimentos. *Mé Pim* trouxe uma melancia e outras frutas; *Mé Mi* trouxe frango e pato assados. Luang Pó brincou com sua tia que se aquele era o tipo de comida que ela própria gostava, que ela se mudasse para a cidade. Ela deu um grande sorriso como resposta. Depois da refeição, Luang Pó deu uma palestra do Dhamma e então acordou.

O significado dos sonhos não é óbvio, ainda que o primeiro parecia simbolizar a escolha de Luang Pó pelo espiritual ao invés do material. O segundo sonho poderia bem se referir à sua iluminação e o terceiro, à sua decisão por ensinar. O fato de que Luang Pó nunca achou necessário explicar os sonhos é uma consideração importante. Se qualquer um lhe sugerisse interpretações (e apenas um discípulo ocidental seria tão ousado) sua resposta mais comum teria sido dar risadas e lhe dizer que não pensasse muito.

REMÉDIO DO DHAMMA

No começo de 1951, Luang Pó partiu de Suan Kluai rumo a Bangkok onde ele visitou o famoso mestre de meditação, Luang Pu Sot em seu mosteiro no subúrbio de Pak Nam. Ele chegou à uma apagada Bangkok. Eram tempos difíceis e obscuros de incessantes lutas pelo poder na capital. Uma tentativa de golpe tinha acontecido em 1949, e outra logo viria a acontecer. Nesse meio tempo, o Marechal Phibun (apoiado pelos Estados Unidos) estava no meio de uma dura campanha para suprimir os dissidentes do seu poder (entre aqueles que estavam sentindo o poder de sua ira estavam os políticos do recém criado - e de curta vida - movimento separatista de Issán). Ainda

que Luang Pó tenha caminhado por vias acaloradas, que tinham visto sangue ser derramado recentemente, ele estava em outro mundo, com a intenção apenas de proteger sua plena atenção entre o pesado tráfego de motonetas e os tentadores odores das barracas de comida ao longo da via.

Políticos, nos quais as momentâneas formas de apego e sofrimento eram assistidas por toda a nação, não eram de nenhum interesse para Luang Pó. Ele estava buscando pela raiz das coisas, e manteve essa distância das paixões e preconceitos diários por toda sua vida, mesmo nos seus anos de fama e proeminência mais tarde. Não se tem conhecimento dele jamais ter expressado qualquer opinião sobre algum assunto político. Suas preocupações eram sempre com assuntos que, em suas próprias palavras, ‘tinham um final’.

Depois de alguns dias aprendendo sobre a forma de praticar de Luang Pu Sot, Luang Pó decidiu continuar suas viagens prosseguindo para a antiga capital Ayutthaya, que fica a uns 80 quilômetros ao norte de Bangkok, às margens do rio Chao Phraya. Seu destino era o Wat Yai Chaimongkhon, um histórico mosteiro agora administrado pela Ordem Dhammayut, cuja comunidade residente era um pouco afiliada com o grupo de Luang Pu Man. Seria aquela a residência de Luang Pó pelo ano seguinte.

Infelizmente, Luang Pó quase nunca falou sobre suas experiências em Wat Yai Chaimongkhon. Externamente pelo menos, havia muito pouco para ser contado. Ele já tinha naquele momento construído uma considerável consistência em sua prática e mais precisava de um ambiente quieto e estável, livre de transtornos para consolidar e aumentar o progresso na prática que ele vinha desenvolvendo. Isso era exatamente o que esse mosteiro lhe proporcionava. O abade, Ajahn Chaluai, era ávido por oferecer apoio e Luang Pó aproveitou a oportunidade para mergulhar na prática, recluso dos praticantes leigos e sem responsabilidades externas.

A única história que veio à tona desse período foi de outra severa doença. Em seu primeiro ano em Ayutthaya, Luang Pó ficou doente de uma séria complicação em seu trato digestivo, que resultou em um doloroso inchaço do seu lado esquerdo. O intenso desconforto que isso causava foi agravado pelo retorno de um velho problema de asma. Ele estava determinado a não ir ao hospital local e decidiu que trataria a si mesmo com jejum e

meditação, um regime tradicionalmente referido como ‘*Dhamma osadha*’ ou ‘remédio do Dhamma’. Por oito dias e oito noites, sobrevivendo apenas com água e se abstendo totalmente de dormir, ele deu tudo o que tinha na prática de meditação. Os resultados excederam as expectativas. Ele revelou posteriormente o quão incrível ele achou o maravilhoso potencial que surgiu quando sua mente foi colocada contra a parede. O valor de empurrar a si mesmo até o limite, a fazer mais do que se pensa ser capaz de fazer, viria a ser um tema recorrente em seus ensinamentos posteriores. Depois de oito dias, Luang Pó sentiu a doença diminuir, e quando Ajahn Chaluai solicitou que Luang Pó comesse a se alimentar de novo, ele prontamente atendeu. Todas as suas enfermidades haviam desaparecido, e não retornaram.

IV. NOVOS CAMINHOS

DE VOLTA A ISSÁN

No verão de 1952, Luang Pó seguiu novamente rumo a Ubon. Ele esteve ausente por dois anos e sua chegada à Bahn Kor um provocou alvoroço no pequeno vilarejo. Nas noites, ele dava palestras do Dhamma com um poder e uma persuasão que nunca tinham sido ouvidos antes. Era um Budismo fresco e vital, relevante às vidas diárias dos camponeses, expressado em linguagem que todos eles conseguiam entender. Ainda assim, seria demais sugerir que sua visita causou mudanças revolucionárias na vida espiritual da comunidade. O número de pessoas que não iam escutá-lo era provavelmente maior do que o de pessoas que iam. De fato, alguns membros de sua família eram completamente indiferentes e se mantiveram assim por vários anos. Em todo o mundo, parece, antigas percepções são difíceis de morrer. Uma resposta comum, e contra a qual Luang Pó iria, no futuro, travar uma longa batalha, era que o que ele dizia era verdade, mas era além da capacidade que as pessoas comuns tinham de poder aplicar em suas vidas. Seja como tenha sido, Luang Pó conseguiu plantar algumas sementes em seu vilarejo. Havia agora um grupo de pessoas, liderado por sua mãe, que tinham a esperança de que, depois de tanto tempo, Luang Pó voltaria para sempre e estabeleceria um mosteiro em uma floresta não muito longe de Bahn Kor.

Luang Pó caminhou rumo ao norte. Ele tinha decidido voltar mais uma vez à Bahn Pah Tao e passar o Retiro de Chuvas, seu décimo quarto, em Tam Hin Té, que ficava a mais ou menos um quilômetro e meio de distância do vilarejo. Agora, um certo número de monges e noviços estava começando a se juntar em torno dele*, e ele os liderou em um austero e vigoroso regime. Às vezes, eles se sentariam em meditação ou praticariam meditação andando durante a noite inteira. Uma vez, Luang Pó explicou (presumidamente ele teria ouvido alguns resmungos) que ele queria que eles fossem além dos apegos às convenções de dia e noite, períodos para meditar e períodos para descansar:

Se paramos de criar diferenças entre o dia e a noite, nós podemos esquecer completamente do tempo e então colocar um esforço constante.

Um senso do espírito guerreiro que Luang Pó estava tentando instigar nos monges é dado pelo Venerável Tiang:

“Luang Pó notou que eu regularmente tomava um remédio de ervas, me perguntou se eu vinha tomando aquele remédio a muito tempo e eu disse que sim, por alguns anos. Ele me perguntou se minha condição vinha melhorando e eu respondi que na verdade não. Ele ficou em silêncio por um momento e então ele disse, ‘Você tem tomado esse remédio por muito tempo e ele ainda não te curou. Jogue-o fora. Tente um novo tratamento: coma pouco, durma pouco, fale pouco e pratique muita meditação sentado e andando. Faça uma tentativa. Se não funcionar, então apenas esteja pronto para morrer.’”

Luang Pó ficaria em Bahn Pah Tao até o Retiro de Chuvas seguinte, de 1953. Naquele ano, ele deixou Ajahn Úan, um discípulo de Luang Pu Kinari, à cargo da Sangha em Tam Hin Té e passou três meses sozinho em uma pequena cabana, em um morro chamado Pu Koi, a cerca de três quilômetros de distância. Todas as manhãs, depois da mendicância matinal, Luang Pó tomava sua refeição com a comunidade e, depois de assegurar-se de que estava tudo indo bem, voltava ao seu eremitério. A única exceção

*Esses incluíam Tongdii (que largaria o manto depois) e Tiang, que Luang Pó tinha deixado em Bahn Kor para estudar o primeiro nível dos Exames Nak Tam e se preparar para Ordenação.

à isso seria na Lua Cheia e na Lua Nova quando ele descia ao mosteiro para participar da recitação formal do *Pāṭimokkha* e oferecer instruções entusiastas aos seus discípulos.

A rotina que Luang Pó estabeleceu para a Sangha durante esse seu retiro era de uma intensidade intimidadora. Não era permitido descansar durante a noite. Se esperava que os monges e noviços praticassem meditação sentada e andando até o amanhecer, quando então eles deveriam sair em mendicância matinal em rotas que iam de três a seis quilômetros de distância. O caminho de volta ao mosteiro era árduo e exaustivo: com o estômago completamente vazio, suas grandes tigelas de ferro pesadas com arroz grudento e depois de uma noite sem dormir, eles suariam muito debaixo do peso dos dois mantos grossos. A refeição acontecia por volta das oito da manhã, e no momento em que eles já tivessem distribuído a comida, se alimentado, lavado suas tigelas e limpado o local, já seriam dez da manhã. Ao voltar para suas cabanas, os monges pendurariam seus mantos para arejar, praticariam meditação andando até que o cansaço os vencesse e então, da forma mais plenamente atenta possível, desabariam sobre suas esteiras para um pouco de descanso merecido.

Às três da tarde, o sino tocava para o início das tarefas diárias - varrer os caminhos e a área central do mosteiro, varrer e passar pano no Salão de Dhamma e tirar água do poço. Às seis da tarde o sino tocava para a recitação dos cânticos e outra noite inteira de meditação começaria. Nos dois primeiros meses, os monges poderiam meditar sentados ou andando, como preferissem, mas no terceiro mês, o parafuso apertou ainda mais: eles deveriam manter apenas uma postura - sentada ou andando - pela noite inteira. Luang Pó, orquestrando de longe, estava praticando, se possível, ainda mais vigorosamente.

DOENÇA COMO PROFESSORA

Enquanto ficava sozinho em Pu Koi, Luang Pó ficou doente com uma inflamação agonizante das gengivas. Ao invés de procurar remédios, ele escolheu aguentar a aflição. Sua experiência anterior de meditar durante as dores em Ayutthaya tinha sido bem sucedida e ele se determinou a tentá-lo de novo. Nesse caso agora, a doença não era algo que causasse

ameaça à vida. Isso lhe deu uma oportunidade de trabalhar com a dor física.

Assim como outros experientes meditadores antes dele, Luang Pó via a dor física como um teste ácido para sua habilidade em manter a clareza mental nas situações mais adversas. Uma prática de meditação que não conseguisse suportar o desconforto físico era seriamente defeituosa; uma que conseguisse transcendê-lo, era imensamente poderosa. Mesmo sendo verdade que o Buda enfatizou o valor de uma boa saúde física e criticou por várias vezes os excessos dos vários grupos religiosos de seu tempo que praticavam o negue-ao-corpo-liberte-o-espírito, também é inegável que várias gerações de religiosos experienciaram progresso significativo em suas práticas através de enfrentar os desafios das doenças. Um período prolongado de desconforto algema firmemente os meditadores ao “ponto crucial”, e muito pode ser aprendido. A dor permite pouco espaço para enganar a si mesmo. Lidar com doença e dor nos dá provas inquestionáveis sobre o quão bem os meditadores desenvolveram sua habilidade em proteger a mente da ansiedade, do ressentimento, do medo e da depressão quando encarados com o que seja desagradável. Se o medo da morte ainda está latente na mente, ele é exposto.

Luang Pó pacientemente aceitou a dor. Ele alternava entre usar seu poder de concentração para suprimi-la e fazer dela mesma o seu objeto de contemplação. Com a mente firme em uma calma equanimidade, ele estava apto a investigar a inevitabilidade da dor e da doença no corpo humano, e a penetrar em sua natureza impermanente e impessoal. Depois de sete dias, Luang Pó se recuperou. A dor nas gengivas diminuiu e desapareceu.

PARA O BEM DE MUITOS

Ao final do Retiro de Chuvas, Luang Pó voltou de seu eremitério no morro ao Wat Tam Hin Té. Quando terminaram as chuvas e o inverno começou em sua forma característica - uma noite, sem anunciar, com os fortes ventos vindos do norte, como um estranho batendo à porta - ele diria aos monges e noviços que se mudassem de suas cabanas para a floresta em volta. Cada um escolheria um local solitário, instalaria seu glot no pé de uma árvore e seguiria sua prática sozinho. Uma vez por semana, no Dia de Observância, Luang Pó dava uma palestra do Dhamma ao grupo. Nas palavras de um

jovem monge, ‘Era como se fôssemos jovens plantas começando a murchar e sua palestra era como uma chuva refrescante.’

A comunidade monástica continuou praticando dessa forma até o final de Fevereiro de 1954, quando a mãe de Luang Pó, Mé Pim, seu irmão mais velho Pó Lah e um pequeno grupo de camponeses de Bahn Kor vieram visitá-lo. Eles ouviram as notícias de que Luang Pó tinha abandonado suas peregrinações e era agora o líder de uma comunidade de monges. Eles vieram como representantes dos moradores do seu vilarejo com um pedido formal: se ele poderia, por compaixão, pelo bem estar e pela felicidade de todos eles, estabelecer um mosteiro de floresta perto de Bahn Kor. Luang Pó concordou.

À despeito de sua crueza, o povo de Issán mantém uma calorosa afeição por sua terra e, para onde quer que eles vão em busca de trabalho - e hoje em dia eles são encontrados no mundo inteiro - eles dificilmente se esquecem de seu lar. Devoção filial e *kataññū-katavedī* - um senso de gratidão e vontade de retribuir tudo o que lhes tenha sido oferecido - estão entre os valores mais arraigados do povo de Issán. Eles invariavelmente levam as mentes dessas pessoas de volta aos seus vilarejos natais. Nesse meio tempo, eles enviam valores mensais aos seus pais e familiares, geralmente uma parte significativa de seus salários.

Monges não são indiferentes à esses sentimentos. Mesmo que monges de floresta possam às vezes perder contato com suas famílias por muitos anos no começo de sua vida monástica, muitos certamente acabam encontrando a si mesmos voltando aos seus distritos de origem. Uma grande parte dos mosteiros de floresta de Issán está situada na cidade natal do abade fundador, e no setor das monjas, pode-se facilmente encontrar a mãe do abade e uma ou duas de suas irmãs. Uma vez que monges tenham confiança em sua própria prática e considerem a possibilidade de estabelecer um mosteiro, seus pensamentos inevitavelmente se voltam à pagar a dívida de gratidão que eles tem para com seus pais e a dar algo de volta ao vilarejo onde eles cresceram.

Pode bem ser que esse pensamento de viver na floresta próxima de Bahn Kor já estivesse na mente de Luang Pó. Certamente, a aceitação do convite de sua família foi imediata - quase como se ele estivesse apenas esperando

pelo convite - e em poucos dias ele já estava na estrada. Com o benefício da experiência, o período em Tam Hin Tékk pareceu ser um interlúdio, ou talvez de forma mais precisa, um prelúdio. Luang Pó estava ganhando experiência em treinar monges pela primeira vez; ele estava experimentando com vários tipos de práticas em grupo que ele desenvolveria posteriormente em Wat Pah Pong; ele estava ensinando - maravilhosamente - aos camponeses. A prontidão com a qual Luang Pó aceitou o convite certamente indica um sentimento de que ele tinha alcançado, em um nível significativo, o objetivo pelo qual ele partiu de Wat Bahn Kor oito anos antes. Em poucas palavras, ele estava pronto para voltar.

Depois que os entusiasmados leigos saíram para a longa jornada de volta à casa, Luang Pó chamou a Sangha para uma reunião. Foi decidido que o Venerável Tiang, o Venerável Tongdii e alguns dos noviços ficariam em Wat Tam Hin Tékk, enquanto o resto da Sangha acompanharia Luang Pó. No começo de Março, ele iniciou a longa caminhada final: de volta à Ubon e a um novo capítulo em sua vida.





III
fora do caminho de terra batida

*Inspiradoras são as florestas nas quais os mundanos não encontram prazer algum.
Lá, aqueles que são livres de paixão estarão felizes,
pois eles não buscam prazeres sensuais.*

Dhp 99

Fora do Caminho de Terra Batida

*Wat Nong Pah Pong**

I. COLONOS

FLORESTA PONG

Foi no dia 8 de Março de 1954 que Luang Pó Chah e seus discípulos tomaram o caminho usado por carroças rumo ao oeste de Bahn Kor no último trecho da jornada à floresta Pong. As temperaturas vespertinas naquela época do ano geralmente excediam os 35 graus, mas o calor opressivo se tornou mais ameno assim que eles se aproximaram da densa floresta e o caminho se tornou pontilhado e listrado por sua sombra. Ao final da tarde, enquanto o sol farto e vermelho estava se pondo à sua frente, os monges penduraram seus *glots* nos limites da floresta em meio ao zunido dos mosquitos e o som ensurdecedor das cigarras.

A floresta Pong trazia fortes associações à Luang Pó. Uma de suas lembranças de criança era de seu pai ter caminhado até lá em uma manhã com alguns amigos para oferecer alimentos ao grande Luang Pu Sao, que estava acampado na floresta praticando meditação. Naquela noite, o jovem Chah ouviu com fascinação ao relato de seu pai sobre a expedição. Era a

* O título oficial do mosteiro é 'Wat Nong Pah Pong', mas em todas demais as ocasiões, ele é referido apenas como 'Wat Pah Pong'. 'Wat' significa mosteiro (ou templo), 'Nong' é um lago, 'Pah' significa floresta e 'Pong' é uma grama selvagem.

primeira vez que ele ouvia falar sobre monges peregrinos vivendo de forma austera na floresta. Ele sempre se lembrava o quão impressionado seu pai ficou pelo fato de que Luang Pu Sao comeu toda a sua comida de dentro da tigela, ao invés de utilizar pratos como os monges do vilarejo faziam. Ele também se recordava de seu pai ter ficado um pouco desconcertado pelo estilo de ensinamento de Luang Pu Sao, ‘Não era como um sermão de jeito nenhum’, ele disse, ‘era como uma conversa normal.’ Muitos anos mais tarde, a lembrança de Luang Pó sobre esse dia seguia forte:

Quando eu parti e comecei a praticar, a lembrança do relato de meu pai estava constantemente comigo. Sempre que eu voltava pra visitar minha casa, minha mente se voltaria pra essa floresta ... Ajahn Dee, de Phibun e Ajahn Phut* uma vez passaram por lá e os camponeses os convidaram para ficar - Ajahn Phut ainda fala disso até hoje. Ajahn Dee disse, ‘Esse não é nosso lugar. Não podemos ficar. Dentro em breve, o dono chegará.’

Na manhã seguinte, depois de terminar sua refeição do dia, o grupo de monges entrou na densa e emaranhada floresta pela primeira vez. Camponeses de Bahn Kor iam na frente deles, abrindo caminho de forma experiente entre as teimosas videiras e fartos matagais com suas machadinhas. Foi então que, no fresco coração da floresta, eles pararam. Não foram tiradas fotografias dessa ocasião auspiciosa. É provável que ninguém ali jamais tinha visto uma câmera, muito menos utilizado uma. Mas a imaginação pode fornecer um retrato: os camponeses mais fortes, com o suor correndo sobre as tatuagens protetoras gravadas no peito, agachados em círculo e enrolando seus cigarros. Com Luang Pó ao pé de uma imponente e antiga mangueira, os monges estariam sentados à alguma distância, tomando água de seus frascos de bambu e tranquilidade do ar à sua volta.

Um grupo de mulheres estaria seguindo o grupo de monges. Elas prontamente se juntariam aos homens removendo as videiras, tocos de árvores e espinhos de forma metódica nos arredores da velha mangueira. Limpeza de terreno era um trabalho ao qual os camponeses eram bastante adeptos e uma área central logo começaria a tomar forma entre as maiores árvores

* Mais conhecido como ‘Luang Pó Phut’, esse discípulo de Luang Pu Sao era um grande amigo de Luang Pó Chah e, por muitos anos, foi o abade de Wat Pah Seansamran localizado a uns seis quilômetros de Wat Pah Pong.

que davam sombra, criando uma organizada e imponente atmosfera, quase como um parque no meio daquela densa floresta à sua volta. No pés de algumas árvores maiores ao redor dessa área, pequenos quadrados eram limpos na terra para que os monges pudessem instalar seus glots. Os monges, proibidos pelo Vinaya de cavar terra ou destruir uma planta, ajudavam carregando os galhos cortados para dentro da floresta e varrendo as áreas já limpas.

Houve uma pausa no meio do dia para que os camponeses tomassem seu almoço - arroz grudento e peixe fermentado trazidos de casa e folhas frescas colhidas na floresta ao longo do caminho. Quando o sol estava alto, atravessando as sombras de forma brilhante e calorosa, era hora de voltar ao trabalho ritmado. Ao final da tarde, um caminho rudimentar já teria sido aberto na floresta de onde eles estavam até o seu limite. Depois de despedirem-se de Luang Pó, os leigos seguiram de volta por esse caminho pela primeira vez, se apressando um pouco para chegar em casa antes de anoitecer. No coração da floresta, quando a escuridão tomou conta, os monges em seus glots, sentaram em meditação.

Em uma manhã cedo alguns dias depois, um grupo de voluntários de Bahn Kor e Bahn Klang chegou para construir cabanas para os monges e expandir a área aberta. Eles traziam consigo pedaços finos de palha *ya kha* para os telhados e cortaram os pilares e vigas das árvores à sua volta. Os homens habilidosamente desfiavam bambu em longas tiras para tecê-las como piso enquanto as mulheres pregavam folhas grandes e secas de *chat* em pedaços de bambu para as paredes. Quatro cabanas estavam prontas ao anoitecer: moradias simples, mas suficientes para as necessidades dos monges. A fragilidade desses abrigos não era capaz de esconder sua significância. Sua criação, em apenas um dia, transformou a presença dos monges na floresta de respeitosos convidados à sua paz e sombra, em colonos.

A floresta Pong, nova morada dos monges, tinha certa notoriedade entre os habitantes da região. Em dias passados o lago, agora seco, que ficava na área mais ao norte atraía animais selvagens incluindo tigres e elefantes. Adicionada à intimidadora reputação da floresta, havia a crença de que um duro e vingativo espírito guardião tinha feito votos de protegê-la contra a intrusão de humanos. Luang Pó, que era geralmente bastante direto em sua crítica à superstições sem fundamento, não se opôs à essa crença. Ao

contrário, ele frequentemente se referiria à esse espírito por seu nome - Pó Dég. Uma vez ele explicou a alguns convidados:

Quando eu vim pela primeira vez para ficar aqui, era um lugar difícil para morar: não havia nenhuma dessas construções que vocês estão vendo agora, nada além de floresta. Sem contar que também não havia estradas e ir e vir era muito difícil. Os fazendeiros locais viviam a uma longa distância. Eles não ousavam vir à floresta pois o guardião daqui era cruel. Esse espírito tinha sido um criador de elefantes que constantemente atravessava a floresta para capturá-los e lhes daria água de beber no lago no caminho de volta. No fim, ele se estabeleceu aqui para tomar conta da floresta e foi graças à ele que, na época em que eu vim morar aqui, ainda havia uma parte da floresta intacta. De outra forma, provavelmente ela teria sido cortada a muito tempo atrás. Alguns anos atrás, alguns camponeses de Bahn Bok e Bahn Peung limpavam um pedaço de terra e plantaram arroz e vegetais, mas todos tiveram um final inoportuno. Pessoas que vinham para cortar árvores tenderam a morrer de causas misteriosas. Batatas selvagens cresciam abundantemente na floresta, mas ninguém ousava tocá-las. Foi apenas depois que eu vim morar aqui que as pessoas começaram a vir trabalhar a terra e plantar mais próximo ao limite da floresta.

ESTRANHAS VISÕES

chegada dos monges na floresta. Aproximadamente uma dúzia de leigos vieram para passar o dia e a noite recitando cânticos e meditando com os monges. Às sete da noite, ao terminar o cântico noturno e a última luz do dia se pôr, Luang Pó começou a expor o Dhamma, com sua voz vigorosa e impositiva. Enquanto as palavras fluíam cada vez mais certas, suas formas eram iluminadas pelos raios da lua recém nascida. Foi quando, sem aviso algum, meio como que represado, Luang Pó ficou em silêncio. Muitos de seus espectadores ficaram de olhos bem abertos devido à surpresa e foram agraciados pela imagem de seu professor sentado à luz da lua, tão ereto e composto como uma imagem do Buda. Depois de alguns momentos, ele então disse, ‘Todos apenas fiquem sentados e calmos. Caso aconteça

qualquer coisa, não há motivo para alarde.’ E então, sem mais explicações, ele retomou seu discurso.

Poucos minutos depois, uma luz brilhante, como um cometa, apareceu no céu a noroeste. Passando sobre suas cabeças, ele então desceu rumo à terra na direção sudeste de onde eles estavam sentados, banhando toda a floresta com uma luz deslumbrante. Mesmo tendo sido avisados antes, monges e leigos estavam profundamente emocionados com o que eles viram como sendo um auspicioso presságio para o mosteiro. Luang Pó, no entanto, não prestou atenção alguma à luz e seguiu com sua palestra do Dhamma como se nada estivesse acontecendo. Gradualmente, a magia e o poder de suas palavras retomaram a atenção de sua plateia.

Luang Pó jamais se referiu à esse fato de novo. No entanto, na manhã seguinte quando ele liderou um pequeno grupo de leigos para marcar os limites do novo mosteiro com estacas, não passou despercebido que os limites que ele escolheu, totalizando uma área de aproximadamente 150 rai*, foram regidos pelos pontos nos quais a estranha luz surgiu e desapareceu. E não foi o final das luzes misteriosas. Mé Noi, uma das camponesas que passava as noites dos Dias de Observância praticando no mosteiro e estava presente nessa primeira ocasião relatou:

“Naquela época não era fácil de chegar no mosteiro como é hoje. Aqueles de nós que éramos de Bahn Kor e queríamos ir para ouvir o Dhamma nas noites dos Dias de Observância tínhamos que seguir uma trilha estreita que atravessava uma parte fechada da floresta. Algumas partes dessa trilha estavam meio encobertas com mato *khah* que havia crescido. Uma noite havia um grupo relativamente grande de nós, incluindo Pó Phut, mas nós conseguimos nos perder perto do lago Python. Assim que nós estávamos lá parados discutindo pra onde ir, nós vimos uma luz brilhante flutuando acima da copa de uma grande mangueira e nos encaminhamos pela floresta naquela direção. O matagal estava denso com grama e videiras, mas nos mantivemos firmes seguindo aquela luz como nosso objetivo. Achávamos que uma grande lâmpada tinha sido suspensa em uma das árvores. Pensamos no quão gentil Luang Pó tinha sido por instalar uma luz para nos guiar, e nossas preocupações sumiram. Finalmente chegamos

*O “rai” é a unidade tailandesa de medida. 10 rai são equivalentes a 4 acres ou 1,6 hectares.

ao local onde viviam os monges. Não havia luz alguma. Ficamos muito admirados.”

AUSTERIDADE INICIAL

Seria impreciso descrever o estabelecimento de Wat Pah Pong como marcando o nascimento da Tradição de Floresta em Ubon. É impossível dizer quantos eremitérios silenciosamente surgiram e desapareceram nos séculos anteriores ou quantas frágeis cabanas monásticas foram engolidas pela floresta. Aproximadamente quinze anos antes, Luang Pu Sao havia retornado a Ubon determinado a passar os últimos anos de sua vida estabelecendo a Tradição de Floresta em sua província natal, e algumas pequenas comunidades monásticas surgiram de seus esforços. No entanto, está claro que o estabelecimento de Luang Pó Chah na floresta Pong foi o desenvolvimento mais significativo. Wat Pah Pong se tornaria um centro de treinamento para monges que, em um período de trinta anos, estabeleceu mais de sessenta mosteiros afiliados por toda a província e muitos mais em províncias vizinhas ao sul e sudeste de Issán.

Wat Pah Pong foi estabelecido sem capital ou qualquer plano de desenvolvimento. A crença de Luang Pó era de que se a Sangha praticasse com sinceridade, a evolução material do mosteiro gradualmente tomaria conta de si mesma pois os budistas leigos, inspirados pela dedicação dos monges, ofereceriam os fundos necessários por sua própria vontade. No longo prazo, construções seriam necessárias, mas elas não eram uma preocupação primordial ou urgente. O importante era a prática dos monges. O Vinaya proíbe monges de quaisquer esforços para arrecadar fundos; eles são ensinados a estarem satisfeitos com o que quer que lhes seja oferecido devotadamente, mesmo que seja muito ou pouco, de boa ou não tão boa qualidade. Luang Pó seguia essas premissas ao pé da letra. Se levaria dez ou vinte anos para construir um Salão de Dhamma apropriado, que assim fosse. Ele certamente não venderia sua integridade por sacos de cimento.

Todas as manhãs, os monges saíam para a mendicância matinal, tomavam sua única refeição do dia, e então passavam o resto do dia praticando. Camponeses devotos lhes proporcionavam o que eles precisassem. Todo o resto, eles faziam da forma como fosse possível.

A chegada de Luang Pó e seus monges foi um assunto de conversa entre as comunidades locais por alguns dias. Mas os camponeses tinham seu trabalho a fazer e quando a novidade dos monges de floresta deixou de ser novidade, então também diminuiu o interesse neles. A maioria dos camponeses pensava que era algo bom, no geral, ter um mosteiro de floresta por perto e eles eram gratos pela oportunidade de colocar comida nas tigelas dos monges nas manhãs, mas suas vidas não mudariam. A identidade cultural e as oportunidades de acumular méritos que os mosteiros de vilarejo proporcionavam eram as mesmas que a maioria das pessoas esperavam ou procuravam na religião. Mesmo que algumas pessoas difamassem os monges de floresta como sendo fanáticos e mal orientados, um certo número de camponeses se sentiam profundamente inspirados pelos monges de floresta, tornando-se apoiadores regulares do novo mosteiro e discípulos de Luang Pó.

Por alguns anos, as condições físicas nas quais Luang Pó e seus discípulos viveram foram bastante austeras. Contudo, a diferença entre o padrão de vida deles e o das pessoas nos vilarejos ao redor do mosteiro não era tão grande. ‘Encontre de manhã, coma de noite’ é um ditado tailandês que expressa bem a pobreza da maioria dos habitantes da zona rural de Ubon em meados da década de 1950. Se os monges tinham pouco para comer com suas bolas de arroz grudento diárias e remendavam seus mantos até que eles se desfizessem, os camponeses não estavam em uma condição muito melhor. Dinheiro ou excedentes eram sempre poucos. Qualquer dinheiro que as pessoas tivessem, por pouco que fosse, era guardado para tempos de doença. Se eles tinham umas poucas moedas a mais para acumular mérito, a primeira obrigação deles seria dar suporte ao mosteiro do vilarejo. Por essas razões, fundos para o desenvolvimento de Wat Pah Pong surgiram de forma lenta. Não era algo considerado um problema. Não havia um padrão de tempo estabelecido para a construção de um mosteiro. Se dinheiro fosse oferecido, alguma construção seria realizada; caso contrário, não seria.

REQUISITOS

Os monges tinham três mantos principais* feitos de algodão grosso, suplementados com um ou dois *angsas* e panos para banho. O manto superior (*jiwon*) e o manto inferior (*sabong*), se devidamente cuidados e remendados quando comesçassem a ficar mais finos, poderiam durar por três ou quatro anos, e o manto externo de duas camadas (*saṅghāṭi*) muito mais. Ambos mantos maiores poderiam ser usados como cobertores de noite. Camas consistiam de uma esteira de palha e um travesseiro dobrável de madeira que os monges faziam eles mesmos. Os outros requisitos consistiam de um glot, uma bolsa de pano, um pano para sentar, um filtro d'água, agulha e linha. Eles não tinham calçados. Velas e fósforos eram difíceis de aparecer. Água para beber e para uso geral era retirada de um poço. Para fazer fogo:

Você colocava 'kapok' num pedaço de bambu, deixando uma extremidade aberta com a casca de meio limão como tampa. Então você batia uma pedra para obter faísca e acender o 'kapok' dentro do tubo.

Andar por ali de noite era perigoso.

Você saía de sua cabana numa escuridão absoluta, colocava suas mãos postas em *anjali* sobre sua cabeça e dizia, "Sādhu! Com o poder das virtudes do Buda, do Dhamma e da Sangha,

Sabbe sattā sukhitā hontu.

Sabbe sattā averā hontu.

Sabbe sattā abhyāpajjhā hontu.

Que todos seres sejam felizes ... e por favor me deixem em paz!"

No meio da noite estaria totalmente escuro, você não conseguia ver nada. Era fácil pisar em algo ao longo do seu local de meditação andando sem conseguir enxergar. Na verdade, eu pisei em serpentes algumas vezes - há várias dessas pequenas 'víboras' venenosas por aqui - mas elas nunca me picaram.

*Veja Apêndice I

Havia sempre pouco pano. Se um manto rasgava, o seu dono deveria costurar e remendar até que o algodão chegasse a um estado terminal de declínio, fino como papel, que em qualquer puxão se rasgaria. Só aí então o monge poderia pegar pano do estoque do mosteiro para costurar um novo manto.

Ajahn Tiang* recordava:

“Pelos primeiros três ou quatro anos, costurávamos à mão. Às vezes, depois de cortar o pano para um manto, toda a Sangha se sentava para ajudar a costurar. Então o manto era tingido com tintura de lascas de tronco de jaqueira. Quando estivesse pronto para ser usado, um par de meses teria passado. Fazer um conjunto completo de três mantos não era nada fácil. Para ter tintura suficiente, você deveria manter as lascas de madeira fervendo ao fogo por horas e horas - isto é, se você conseguisse ter pano para fazer o manto para tingir em primeiro lugar. Capas de tigela nós tínhamos que crocheter nós mesmos. Era difícil. Se houvesse tantos monges quanto há hoje em dia, eu não sei como conseguiríamos fazer. Era difícil mas Luang Pó manteve tudo em andamento.”

*O ‘Venerável Tiang’ do capítulo anterior viria a tornar-se um monge sênior, e será referido a partir daqui com o título de “Ajahn”. Outras figuras referidas como Ajahn nesse e nos próximos capítulos devem ser entendidos como sendo monges que também viriam a tornar-se discípulos seniores.



COMIDA DE MENDICÂNCIA

Comida de mendicância era, no máximo, apenas básica. Normalmente os monges voltavam da mendicância matinal com pouca coisa além de arroz grudento. Raramente havia algumas bananas ou peixe seco para acompanhar. A tradição de Issán, especialmente na zona rural, era fazer da mendicância matinal praticamente um ritual de oferecer arroz, e então depois levar pratos adicionais (literalmente “com arroz”) - molhos, frutas, doces, folhas comestíveis, etc. - ao mosteiro e oferecê-los aos monges na hora da refeição. Era um costume que mantinha uma relação de proximidade entre a Sangha e a comunidade leiga. Mas não era um sistema que funcionava tão bem quando os monges viviam a uma grande distância de caminhada do vilarejo. Mesmo que algumas poucas pessoas

fossem até Wat Pah Pong nas manhãs, foi devagar para que mudassem seus hábitos de oferecer alimento. Arroz puro seguia sendo o mais comum alimento oferecido na mendicância matinal. Consequentemente, quando retornavam do vilarejo, os noviços - que não tinham a mesma regra de Vinaya dos monges que os proíbe de destruir uma planta viva - paravam para colher folhas comestíveis das árvores no caminho. Essas folhas, mergulhadas em molho picante, amenizavam a monotonia do pesado arroz.

Quatro mulheres - A mãe de Luang Pó, Mé Pim, e três outras senhoras camponesas - vieram viver no mosteiro naquele primeiro ano, e cultivaram uma pequena horta para suplementar a comida da mendicância. *Mé chi* Buunyu Pimwong, que chegou poucos anos depois que a comunidade de *mé chis* tinha sido estabelecida* e se tornaria uma monja sênior, relembra as dificuldades daquela época:

“A comida que sobrasse dos monges era distribuída entre as *mé chis*. Não importa o quanto fosse, nunca haveria sobras. Se os monges não tivessem nada, então ficaríamos sem também. Nós nunca saíamos para procurar comida de outras formas. De vez em quando, havia algum convite para os monges irem comer na casa de algum discípulo leigo e haveria apenas dois ou três monges restantes para sair na mendicância matinal. Havia dez de nós [*mé chis*]. Depois que compartilhávamos o arroz, cada uma de nós teria apenas uma bola de arroz do tamanho de um limão - e aquilo seria o que teríamos para comer. Não havia nada para acompanhar, mas nós sabíamos como nos manter com arroz puro. Uma vez, eu lembro que os monges voltaram da mendicância matinal com três bananas entre eles. Luang Pó fez um dos monges cortá-las em tiras finas e as distribuiu. Naquele dia, aquelas bananas alimentaram toda a comunidade.”

Para esfomeados jovens monges, a refeição diária consistindo de uma bola de arroz grudento com uma pitada de molho picante e não muito mais, podia ainda assim ser deliciosa. Ajahn Jan era um cujo apetite nunca era enfraquecido pela frugalidade ou monotonia da comida. Até o fim de sua

* A comunidade de ‘*mé chis*’ de Wat Pah Pong será tratada com mais detalhes em um capítulo futuro. Aqui é suficiente notar que, mesmo que as *mé chis* não saíssem em mendicância matinal e não eram proibidas de usar dinheiro, Luang Pó as tratava como ‘religiosas’. Delas se esperava que mantivessem a maioria das práticas que eram padrão para os monges.

vida, ele lembrava com carinho de um dia no qual ele olhou por cima de sua tigela e viu Luang Pó olhando pra ele. Autoconsciente, ele parou de comer, dolorosamente ciente do quanto ele estava desfrutando de sua refeição. Mas seu embaraço abrandou rapidamente. Ele percebeu que o olhar no rosto de Luang Pó não era de reprovação; o desatento discípulo não estava prestes a levar uma bronca por gulodice. O que Ajahn Jan recordava de ter visto na expressão de Luang Pó naquele dia, ele disse, era o caloroso, generoso sorriso de um pai assistindo a um filho voraz se empanturrando depois de um duro dia de trabalho no campo.

Luang Pó disse sobre aquela época:

Eu nunca me sentei perdendo meu tempo tentando pensar em pegar essa ou aquela comida. Tanto quanto eu sabia, arroz puro era suficiente para sobreviver. E aquilo valia para as pessoas que vieram praticar aqui com fé: Ajahn Jan, Ajahn Tiang, Ajahn Sinuan e os demais. Eu fazia um anúncio de que naquele dia haveria uma bebida quente durante a tarde, e todos viriam e tomariam silenciosamente - não era café ou chocolate ou algo doce, mas *borapet*.^{*} Ninguém nunca reclamou de como era amargo. Não havia mais nada, e então era o que nós bebíamos.

Em anos seguintes, quando o suporte de leigos ao mosteiro aumentou e os alimentos e bebidas eram mais fartos, Luang Pó de vez em quando recordaria das dificuldades do início. Ele constantemente relembrava os monges que eles não tinham nenhum direito de serem 'bem alimentados'. Frugalidade não era uma austeridade imposta pelas circunstâncias, mas uma virtude a ser cultivada.

Ao menos tínhamos algo para comer todos os dias, e mesmo que fosse apenas arroz, era melhor do que não ter nada. Comer arroz puro me faz pensar sobre cachorros. Em áreas pobres, os camponeses alimentam seus cães apenas com um pouco de arroz grudento uma vez por dia - nada mais, apenas arroz puro - e eles não morrem, eles se mantêm bem. E ainda mais, aqueles

^{*} *Borapet* (*tinospora crispa*), também conhecida como 'semente em forma de coração' ou 'guduchi' é uma bebida extremamente amarga preparada de uma videira local. Era muito usada em profilaxia e em tratamento de malária.

cachorros são guardas alertas e diligentes. Eles apenas tem que ouvir o som das folhas roçando e já começam a latir. Quando seus donos os levam para caçar, eles correm bem rápido, pois estão magros. Enquanto isso, os cachorros que são muito bem cuidados por seus donos ficam preguiçosos. Alguém pode até caminhar na direção deles - quase pisar na cabeça deles - e ainda assim eles não acordam.

MEDICAMENTOS

Por toda sua vida em Wat Pah Pong, Luang Pó mostrou determinação em manter o mundo das instituições e burocracias à uma certa distância da melhor forma que pôde, para preservar a independência da Sangha. Durante aproximadamente os primeiros dez anos de existência do mosteiro, sua política incluía rejeitar medicina alopática. Seu raciocínio era de que os monges não tiveram as vantagens da medicina ocidental por 2500 anos, e que o que tinha sido bom para os monges de tempos antigos seria bom o suficiente para a Sangha de Wat Pah Pong. Com esse pensamento naquela época, o acesso aos tratamentos médicos fornecidos pelo estado era uma conveniência da vida leiga que era renunciada quando se ingressava na ordem monástica. Correr para o hospital local por qualquer pequena reclamação iria minar a virtude primordial da paciência que o treinamento visava cultivar. Com o passar do tempo, a compaixão de Luang Pó o levou a ser mais moderado quanto à esse princípio em particular e finalmente a descartá-lo. Mas para os primeiros pioneiros de Wat Pah Pong, essa era uma orgulhosa tradição.

Isso não significava que doenças físicas eram todas deixadas sem tratamento. Em tempos de doença, os monges recorriam à ervas medicinais, remédios feitos de raízes e folhas nativas. Luang Pó mesmo acumulava um grande conhecimento de tais medicamentos tradicionais durante seus anos de peregrinação e conhecia tratamentos para os problemas mais comuns - problemas digestivos, dor nas juntas e hemorroidas - que afligiam aos monges. Nos primeiros anos em Wat Pah Pong, malária era o maior flagelo e praticamente ninguém foi poupado dela. Para aqueles infectados, as febres ocorriam a cada um ou dois dias, geralmente tendo início à tarde. Elas eram caracterizadas por um frio que nenhum número

de cobertores podia resolver, acompanhado de fortes dores de cabeça e náusea. Se os parasitas encontrassem o caminho ao cérebro, podia resultar em morte. Afortunadamente, ninguém morreu em Wat Pah Pong, mas muitos, incluindo Luang Pó, chegaram perigosamente perto. Mé chi Buunyu recordava vividamente uma ocasião:

“Luang Pó foi o primeiro a ficar doente de malária, e foi de forma bem severa. Os monges precisavam carregá-lo de sua cabana para deitá-lo numa cama de bambu à sombra. Não havia medicamentos modernos. Luang Pó não permitia a ninguém ter nada a ver com hospitais; não deixava ninguém nem mencionar essa palavra. Então apenas fazíamos o melhor que podíamos para tratá-lo com as ervas que tínhamos.

“Quando ele ficou realmente mal, sua pele ficou com um tom descolorido, esverdeado. Nós sabíamos que ele tinha chegado ao estágio final da doença. Um dia, a febre estava particularmente severa. Depois de estar lá deitado por um tempo, ele se colocava em posição sentada; então quase imediatamente, ele se deitava novamente. Isso aconteceu várias vezes. Monges, noviços, monjas e leigos - todos estávamos ali observando sentados em silêncio. Nossos olhos estavam grudados nele. Ele se sentou de novo. Estava balançando de um lado pro outro, tentando manter-se ereto. Ele olhou em volta e viu o pote de remédio. Ele o levou à boca sem muita firmeza e, antes que algum atendente pudesse ajudá-lo, ele derramou tudo sobre si mesmo. Ele ficou ali encharcado por um momento. Então você podia vê-lo fazendo um grande esforço em ajeitar a si mesmo. Ele colocou o pote de lado, sentou-se ereto novamente - e ficou daquele jeito. Havia silêncio. Ele estava em *samādhi*. Estávamos assustados e maravilhados com o víamos.

“Na manhã seguinte, ele ainda não tinha se recuperado, mas dali em diante, por um período de vários dias ele começou a melhorar gradativamente. Eu não sei como ele se recuperou, mas assim que o fez, todos os demais começaram a ficar doentes. Foi como uma epidemia: monges, noviços e monjas, todos adoeceram muito.”

Malária raramente desaparece por completo. Ela geralmente fica dormente no fígado. Luang Pó viria a sofrer umas quantas recaídas durante os três

anos seguintes. Ajahn Jan era um dos monges que o tratava durante essas fases.

“Uma vez ele ficou seriamente doente e nós fazíamos turnos para cuidar dele. Havia dois monges em cada turno que ficavam sentados na varanda de sua cabana e entravam de vez em quando para ver se ele precisava de algo. Mas ele nunca nos permitia massageá-lo. Sua preocupação era de ficar dependente daquilo. Então nos sentávamos do lado de fora enquanto ele estava do lado de dentro tremendo de febre. Os atendentes não conversavam. Nos sentávamos em meditação de costas um para o outro. Quando houvesse algo a ser feito, nós entrávamos.

“Sua febre apareceria às tardes. Eu lembro de um dia que algumas pessoas vieram visitá-lo e estavam esperando debaixo da árvore *mafi*, onde nós fizemos um assento mais alto para que ele se sentasse. A febre de Luang Pó estava bastante alta naquele momento: sua cabeça doía e ele estava nauseado. Mas quando lhe dissemos que ele tinha visitantes, ele apenas se levantou, colocou seu manto e foi recebê-los como se nada fosse um problema.

“A febre lhe causou uma grande constipação. Finalmente um dia ele me chamou, ‘Ajahn Jan, venha aqui ver isso.’ Eu caminhei até onde ele estava parado. Ele apontou para uma folha que ele tinha colocado no chão ao lado dele e disse, ‘Era por isso que eu estava constipado.’ Eu olhei para baixo. No meio da folha havia algo que parecia uma pequena pedra. Era um grumo do seu excremento.”

O medicamento usado para malária era preparado com borapet. O preparo do chá de borapet se tornou uma das atividades diárias das monjas. Mé chi Buunyu relembra o método:

“Você tinha que cortar a videira em partes finas - uns 25 centímetros para cada pessoa - amassar até virar uma pasta e então coar com um pano fino em um copo d’água. Aquilo daria um líquido grosso. Então você tinha que prender a sua respiração e engolir aquilo.”

A atitude de Luang Pó quanto à doença era inflexível:

s monges naquela época sabiam como aguentar. Não importa o quão doentes estivessem, eles se recusavam a ir ao hospital. Eu

mesmo tive malária por três anos e não fui ao hospital nem uma única vez, eu apenas a combati aqui. Como eu me tratava? Eu fervia borapet e tomava ele com sal ou com *samó**. . Funcionou muito bem; apenas não era algo agradável, só isso. Era difícil para o corpo, mas se não tinha chegado a sua hora, você não morreria. Não havia medicamentos naquela época. Se qualquer um tivesse malária eu o encorajaria, ‘Aguente ela. Monges meditadores não devem ter medo. Se qualquer um de vocês morrer, eu cuidarei pessoalmente do funeral. Se eu morrer primeiro, então todos vocês podem me cremar. Não se apeguem a isso, é sofrimento.’ Era assim que falávamos e aconselhávamos uns aos outros. Não havia desencorajamento ou desespero. Os monges eram realmente valentes, corajosos e capazes. Eu não tinha preocupação que nenhum deles fosse amedrontado por essas coisas.

Como se recordaria Ajahn Jan, o tratamento de Luang Pó a monges doentes era mais gentil do que o seu discurso:

“Luang Pó era muito duro. Ele costumava dizer, ‘Se você não está morto, então faça o bem; e se não está bem, então deixe morrer.’ Mesmo assim, quando algum dos monges ou noviços ficava doente, ele sempre lhes daria atenção especial e seria particularmente gentil com eles. Se alguém estivesse muito doente para sair de sua cabana para comer, ele separava comida pessoalmente para essa pessoa. Ele os visitava regularmente em suas cabanas e perguntava como eles estavam. Se suas cuspidadeiras estivessem cheias, ele as colocava para fora e as limpava. Depois disso ele varria em volta da cabana e então os inspiraria com ensinamentos do Dhamma. Não tínhamos muito no sentido de remédios - apenas ervas nativas - mas ele dava o melhor que podia: encorajamento para a prática.”

*The *samó* (chelubic myrobalan) é uma fruta adstringente permitida no Vinaya para ser comida a qualquer hora do dia como um laxante.

II. ÉPOCA DE OURO

ESPÍRITO GUERREIRO

O Luang Pó Chah que deixou tamanha impressão indelével naqueles que o conheceram durante suas viagens ao ocidente na década de 1970, é para muitos “o” Luang Pó Chah. Muitas das gravações de suas palestras que sobreviveram, suas fotografias mais conhecidas, e os poucos e memoráveis minutos de reportagem nos documentários da BBC, foram todos daquela época de sua vida. Trata-se da sábia e sorridente figura de um avô, com sua barriga saliente e sua bengala que ficou incrustada no panteão budista ocidental. As pessoas que o conheceram naquela época recordam do calor e sabedoria que emanavam dele e que pareciam atemporais - tanto que era difícil para qualquer um imaginar que ele jamais poderia ter sido de outra maneira. Mas, obviamente, ele foi. Olhando vinte anos antes, um Luang Pó Chah algo diferente surge. Naquela época de sua vida, mesmo que ele parecesse uma figura poderosa e impressionante, ele também era, talvez, alguém menos charmoso. Se em seus últimos anos ele podia ser comparado a um monarca absoluto e tranquilo em um reino pacífico, então nos anos 1950 a comparação que viria à mente seria com um rei guerreiro de uma terra conturbada.

Nas lembranças daqueles que viveram com ele nos primeiros anos em Wat Pah Pong, Luang Pó era uma reservada, severa e vigorosa figura. As poucas fotos dele nesse período transmitem uma intensidade intimidadora. As imagens mostram uma mente afiada e disciplinada focada de forma resoluta em seu objetivo. Foi um período no qual ele sentiu que o apogeu de sua prática estava ao alcance das mãos. Percebendo o tipo de impulso e intensidade de esforço necessários para transpor a última parede de ignorância, ele não estava em clima de colocar aquilo em risco. Ele levou seus discípulos aos seus limites. Aqueles que conseguiam aguentar, ficavam; aqueles que não conseguiam, partiam. Ele lhes dizia que se eles genuinamente tinham a libertação como objetivo, eles deveriam saber que Nibbāna fica às margens da morte.

A intensidade da rotina que Luang Pó mantinha em Wat Pah Pong durante seu primeiro período de existência era o resultado natural dos extraordinários esforços que ele tinha em sua própria prática. Enquanto ele liderava

uma pequena e coesa comunidade, com poucos noviços ou homens mais velhos que viriam a se incorporar - e de certa forma diluir a intensidade - na Sangha em anos seguintes, ele fez seu melhor para levar seus discípulos consigo em seu despertar.

A capacidade de suportar pacientemente, enaltecida pelo Buda como “o mais eficiente incinerador das impurezas” era a virtude que figurava de forma mais proeminente entre as ênfases e urgências nos discursos de Luang Pó para a Sangha. Era também uma das mais marcantes características de sua própria prática. O respeito e admiração que os jovens monges tinham por seu professor eram inspirados não apenas pela paz, sabedoria e compaixão que eles reconheciam nele mas, talvez acima de tudo, pelo fato de que ele parecia ser muito mais forte e resistente do que qualquer um ali.

Através dos séculos, sempre foi comum no mundo inteiro, ao menos para os homens, ver a empreitada espiritual como relacionada a um ‘estado de guerra’. Em tradições teístas, o inimigo que deve ser derrotado é concebido como um ser do mal; no Budismo, são as impurezas mentais. A ideia do guerreiro espiritual sempre teve grande apelo para homens jovens, e nos primeiros anos de Wat Pah Pong, era a metáfora dominante.

Luang Pó, nesse primeiro estágio de sua carreira dando ensinamentos, tinha muito do General de Batalha. Ele aparece como a figura áspera, sempre liderando da frente de batalha, duro mas justo com seus discípulos, e um mestre em táticas. Ele pintava a vida espiritual a seus discípulos como sendo uma longa campanha que requeria capacidade de suportar, astúcia e suprema autodisciplina. Ele os instigava a “colocar a faca entre os dentes” e manter-se com suas armas em punho, pois a recompensa da vitória era enorme. Suas palestras do Dhamma geralmente continham o imaginário de força do boxe e das artes marciais. Os monges eram instigados a lutar a boa luta e matar a cobiça, a raiva e a ilusão; ou ao menos subir ao ringue e massacrá-las. Isso era bom, misturando coisas e alcançando de forma eficaz às necessidades de sua jovem plateia.

Todos os membros da Sangha de Wat Pah Pong cresceram no meio de uma sociedade hierárquica e autoritária. Eles se sentiam confortáveis em respeitar aos anciãos. Eles respondiam bem à clareza e à franqueza.

No olhar do século vinte um, o estilo de liderança de Luang Pó naquela época de sua vida pode parecer rude e autocrático, mas visto no contexto daquela época e na cultura que ali prevalecia, não era incomum de forma alguma. Ele era um disciplinador estrito, dando broncas nos monges por suas falhas com uma ferocidade assustadora às vezes. Mas ninguém questionava que ele tinha o direito de falar com eles daquela maneira. De fato, para a maioria dos jovens monges, ter um professor que instigava o medo em seus corações era inspirador. Era como se esperava ser, era como deveria ser.

O treinamento em Wat Pah Pong era caracterizado por uma atenção muito precisa à extensa lista de observâncias e regulamentações que fazem parte do corpo principal do Vinaya. Outra analogia militar pode descrever bem o raciocínio dessa abordagem: no mosteiro, onde a vida é entendida como sendo um ‘estado de emergência’, o cuidado com os menores detalhes pode fazer a mesma diferença entre a vida e a morte como o faz em tempos de guerra. Astúcia e clareza mental deviam ser potencializadas por uma firme atenção nas realidades concretas da vida diária de um monge. Hoje, aquele primeiro período alcançou o status de “bons e velhos tempos”, uma época de ouro para a qual as gerações subseqüentes prestam reverência. Monges que depois confessaram quanto medo sentiam de Luang Pó naquela época, o faziam com orgulho de terem estado lá, e com um sorriso nostálgico.

Inicialmente, Luang Pó liderou os monges no estilo implacável e duro que serviu tão bem para ele mesmo. Conforme ele envelheceu, seu estilo suavizou. Se o último período é visto como uma evolução ou um declínio (como veremos adiante, havia monges que tinham ambas visões), não há dúvidas de que, por toda sua vida, Luang Pó enxergava aqueles primeiros anos do mosteiro como um tempo quando a coesão, a dedicação e a fé da Sangha estavam em um nível que jamais seria superado.

Naquela época, Ajahn Jan e Ajahn Tiang não entendiam a prática - mas eles agüentaram. Eles faziam como lhes era dito, obedeciam às instruções do professor. Qualquer coisa que eu lhes ensinasse ou dissesse para fazer, eles aceitavam sem discutir, sempre buscando ouvir minhas palavras e refletindo sobre elas. Foi por isso que um ficou aqui por seis anos e outro por sete. Durante aquele período, Ajahn Jan e Ajahn Tiang nunca saíram do mosteiro; nunca saíram

em viagem pelo país sem ter um propósito, perdendo tempo com coisas de pouco valor. Eles buscavam o Dhamma de seu professor e praticaram todas as coisas que levavam a progredir. Aquilo lhes deu grande energia, tanto física quanto mental. Eu os liderei na prática, os ensinei a agir com coragem, a não ter medo de nada. E eles me seguiram.

UM DIA DE CADA VEZ

Ajahn Jan contou em detalhes com era a vida diária em Wat Pah Pong naqueles dias:

uma sessão de meditação. Luang Pó geralmente chegava primeiro ao Salão de Dhamma. Nós todos chegávamos mais ou menos ao mesmo tempo, e às vezes havia uma checagem para ver se todos estavam lá. Se alguém estivesse relaxando em sua prática e não viesse, ele perguntava onde esse monge estava. Você tinha quinze minutos para chegar ao Salão de Dhamma da hora que o sino tocou e, se você não o fizesse, algo seria dito. Havia primeiro um período de meditação sentada, seguida pela recitação dos cânticos. Às vezes, durante a meditação, Luang Pó dava instruções básicas sobre como vencer os obstáculos. Todos tentávamos arduamente e ele estava de olho em todos. Se alguém estivesse ‘cabeceando’, ele chamaria a atenção para despertá-lo.

“Ao final da sessão, Luang Pó nos lembrava mais uma vez sobre nossa conduta e nos instigava a estarmos constantemente atentos. Quando ele falava, todos faziam silêncio absoluto. Nós o respeitávamos; o admirávamos; ninguém ousava falar ou demonstrar inquietação. Se alguém tivesse que falar enquanto estava preparando a tigela ou o manto para a mendicância matinal, o faria sussurrando. As rotas mais distantes saíam primeiro. Luang Pó ia em uma rota mais curta. Ele nunca foi a Bahn Kor; ele dizia que o vírus ainda estava dentro dele. Ele queria dizer que ainda sentia traços de apego ao seu antigo vilarejo e às pessoas que viviam lá. Se ele fosse diariamente e visse o antigo lugar onde tinha vivido - seus irmãos e irmãs, seus sobrinhos e sobrinhas - isso poderia trazer à tona velhos apegos. Então, a não ser que fosse inevitável, ele não iria jamais a Bahn Kor; ele ia em mendicância matinal em Bahn Klang. Durante o período antes de sair, depois que os monges da rota mais distante já tinham saído, ele pegava uma vassoura

e fazia um pouco de limpeza ou, em alguns dias, removia as folhas das estreitas canaletas ao longo das laterais dos caminhos.

“Às três da tarde, o sino tocava novamente. Antes de sair de sua cabana, você deveria fechar a porta e as janelas e colocar para dentro seus mantos ou quaisquer outros panos que estivessem pendurados no varal, assim em caso de chuva você não precisaria correr de volta. E você se prostrava. Você sempre se prostrava. Se você de repente percebesse no meio do caminho que tinha esquecido de se prostrar, então você deveria voltar.

“Você carregava uma vassoura e um bule d’água em suas mãos, com seu pano de banho dobrado e mantido embaixo do braço ou sobre sua cabeça. Quando chegava ao Salão de Dhamma, você colocava suas coisas de lado e se prostrava à estátua do Buda que havia lá. Você colocava seu bule em seu assento monástico e então saía. Se o sol estivesse forte, você colocaria seu pano de banho dobrado e arrumado decentemente em sua cabeça e então varria as folhas. Luang Pó estava lá e ele mesmo varria uma faixa grande através da área aberta na floresta. Não havia conversação. Se não fosse algo necessário, ninguém falaria. Tudo o que se podia ouvir era o som das vassouras.

“Naqueles dias, raramente havia algo doce para beber nas tardes. Tudo o que tínhamos era a amarga infusão de ‘*borapet*’, *samó* e uva indiana (makhampóm)*. Podia não haver muito açúcar mas havia bastante *samó* - nós o comíamos descascado e mergulhado em pimenta seca e sal**. Mas não era todos os dias. Se houvesse algo, Luang Pó tocava o sino mais cedo e nos encontrávamos debaixo da grande mangueira às duas e meia da tarde, antes das atividades vespertinas. Qualquer um que jogasse as sementes fora de um jeito displicente estaria em apuros. Ele dizia, ‘você estragou sua virtude.’ Nós não devíamos jogar as sementes fora em qualquer lugar, nós devíamos juntá-las todas em uma organizada pilha e depois um de nós as jogava fora em local apropriado. Depois que terminávamos, Luang Pó dizia algumas palavras de Dhamma, e então às três da tarde íamos para o trabalho.

* A uva indiana (emblic myrobalan) é outro fruto laxante da família ‘myrobalan’ permitido pelo Vinaya para ser ingerido a qualquer hora do dia.

**Pimentas, sal e alho também podem ser consumidos depois do meio dia com propósitos medicinais.

“Uma vez que a varrição terminasse, devíamos preparar a água para consumo e para uso geral. Naquela época, nós tirávamos água de um poço e então carregávamos aos lugares necessários em velhas latas de querosene. Essas latas eram carregadas suspensas por um pedaço de bambu com um monge em cada ponta, levando o peso sobre o ombro. Luang Pó era um dos que estava puxando a corda e eu era quem traria o balde pra cima e enchia as finas latas. Naqueles dias, não havia muitos monges - seis, oito, dez - os números constantemente aumentavam. Todos ajudavam com a água, jovens e velhos, e isso era feito em silêncio. Luang Pó estava nos observando o tempo inteiro. Os monges eram cuidadosos, respeitosos. Nós tínhamos profunda fé no que estávamos fazendo.

“Quando a distribuição da água estava terminada, então varríamos o Salão de Dhamma, passávamos pano no chão e nas janelas, e organizávamos as esteiras para a sessão noturna. Depois daquilo, tomávamos banho e íamos aos nossos locais de ‘meditação andando’ para praticar. Assim que o sino tocava às seis da tarde, pegávamos nossos mantos e bolsas de pano na cabana, fechávamos as janelas, nos prostrávamos e saíamos para a sessão noturna rapidamente. Luang Pó estava sempre nos lembrando de chegar prontamente ao Salão de Dhamma e não deixar monges seniores esperando.

“Depois da sessão de meditação, havia um período de recitação de cânticos e então Luang Pó subia ao assento do Dhamma. Em vários dias, ele lia uma passagem do *Pubbasisikkhā* e então dava uma explicação sobre seu significado. Seria mais ou menos dez ou onze da noite quando prestávamos reverência à Jóia Tríplice e voltávamos às nossas cabanas. Às vezes seria meia noite ou uma da manhã.

“Luang Pó era muito simples com os requisitos. Se ele visse que alguém tinha jogado algo na floresta - uma vasilha de plástico velha, por assim dizer, ou uma cuspeira que ainda estivesse em condições de uso, ou qualquer coisa - ele recolheria. Ele diria que éramos perdulários. ‘Vocês estragaram sua virtude.’ Essa era uma de suas frases preferidas, ‘você estragou sua virtude’. Quando eu fui morar em Wat Pah Pong pela primeira vez, eu não conseguia entender como você poderia estragar sua virtude tão rapidamente ou tão facilmente. O que ele queria dizer era que você tinha dito ou feito algo inapropriado. Se você dissesse algo inapropriado, fizesse

algo inapropriado, jogasse algo fora de forma inapropriada, perdesse sua atenção, estivesse sonhando acordado - isso seria estragar a sua virtude. Ele queria que usássemos nossos requisitos de maneira frugal pois assim não teríamos falta de nada. Algumas pessoas simplesmente não entendiam. Eles diziam que Luang Pó estava sempre reclamando, que ele dava broncas, que era sovina. Mas era realmente apenas que ele tinha um padrão que estava tentando manter.

“Em todos os Dias de Observância nós realizávamos a prática intensiva - monges e leigos. Todos evitávamos dormir a noite inteira. Era muito difícil sair do salão. Você estaria ali sentado em agonia, mas ninguém teria a coragem de ser o primeiro a sair pois isso significaria mostrar a si mesmo diante de todos - e você se preocuparia com aquilo. Mas assim que alguém tivesse saído, outros o seguiam. Não era que as pessoas queriam deitar-se para descansar: elas queriam esticar as pernas e praticar um pouco de meditação andando. Algumas noites, contudo, se você não conseguisse suportar, você podia deitar-se por alguns minutos no chão da floresta. Mas se você ouvisse o som de alguém se aproximando ou de folhas craqueando você se levantava num pulo, com medo de que alguém visse. Luang Pó dizia, ‘ir para fora é apenas para mudar de postura. Não fiquem conversando.’ Ele mesmo apenas ficava ali imóvel pela noite inteira.

“Às vezes Luang Pó pedia para que um dos leigos desse uma palestra do Dhamma. Havia dois discípulos leigos que podiam dar palestras: Pó Dee e Pó Moon. Esses dois podiam falar o dia inteiro e a noite inteira se você lhes desse chance. Luang Pó dizia, ‘Bem, agora os monges e noviços podem ouvir uma palestra sobre como é a vida leiga e quão difícil e cheia de problemas ela é.’ Então um dos dois nos contava sobre os sofrimentos da vida mundana. E, na verdade, nós aprendíamos muito.”

ABSOLUTA SINCERIDADE

Anos mais tarde, outros monges brincavam com Ajahn Tiang por ele exagerar sobre a pureza da prática naqueles primeiros tempos. Alguns monges diziam que ele projetava muito de sua própria brutalidade e falta de humor em Luang Pó. No entanto, seu relato sobre aquele período inicial é poderoso:

“O coração do que Luang Pó estava ensinando, as duas coisas que ele mais enfatizava acima de tudo eram o Vinaya e a prática de meditação. O regime monástico não era para ser descartado ou interrompido sob quaisquer circunstâncias. Se não fosse absolutamente necessário, então não haveria quaisquer pausas para as práticas em grupo. Se houvesse uma pausa, ela não duraria mais do que quinze dias ou, no máximo, um mês. Ele dava muita ênfase na prática de meditação. Era dito para que você praticasse meditação andando e sentado, colocando esforço contínuo - manhã, tarde e noite. Se você tivesse alguma tarefa a realizar, você deveria realizá-la e então voltar à sua meditação. Os monges não tinham interesse em ficar conversando ou brincando. Todos se centravam em si mesmos e em sua prática. Os leigos que iam ao mosteiro faziam o mesmo. Eles ouviam as palestras e aprendiam sobre o Dhamma. Eles levavam a prática de meditação à sério e se aplicavam à ela nas horas apropriadas.

“Luang Pó nunca falava em tom de brincadeira. Ele nunca contava piadas ou agia de forma extravagante. Ele nunca falava de coisas mundanas ou levava os monges à maus hábitos em falar sobre o mundo da sensualidade. Ao contrário, ele proibia esse tipo de conversa. Ele dizia aos monges para não socializarem. A intenção dele era o tríplice treinamento, o estudo do Dhamma e do Vinaya.

“Naqueles dias, eles dava instruções regulares baseadas no *Pubbisikkhā*. Todo dia, depois da recitação de cânticos de noite, nós ouvíamos o Vinaya. Toda a nossa forma de fazer as coisas era de acordo com o Vinaya, até mesmo os detalhes da cerimônia anual de oferecimento de mantos (*kaṭhina*). Nós treinávamos a nós mesmos para cortar e costurar nossos próprios mantos e fazer escovas de dentes de madeira. Nós incorporávamos essas coisas em nossa rotina diária e as usávamos para vencer a preguiça, o torpor e a indolência. Essa era a forma que ele ensinava: se você sentir sono, então não durma. Encontre formas habilidosas de vencer a sonolência. No meio do dia, se nada mais funcionar, você sempre pode fazer escovas de dentes de madeira.

“Às vezes, nós praticávamos até as onze horas ou meia noite antes que ele nos permitisse voltar. Isso nos daria duas horas de descanso. Como você poderia ir dormir por duas horas? Você acabava apenas sentando encostado em alguma parede ou árvore perto do Salão de Dhamma. Você

nunca chegava a tempo para tocar o sino: Luang Pó era sempre o primeiro. Nós tentávamos o nosso melhor mas quem conseguia fazê-lo com tão poucas horas de sono como ele? ...

“Você devia fazer o que ele dissesse. Se fosse hora de meditar andando, você devia andar - sem perguntas. Se era período de praticar sentado, você devia sentar; você não deveria se levantar. Ele não estava brincando; não era para ele. Você não tinha alternativa. Se ele te visse sendo teimoso, ele te chamaria e te daria uma bronca. Ele dava bronca nos monges; ele dava bronca nos noviços. Ele até convocaria uma reunião para fazer isso ... Você não podia sentar e relaxar em lugar nenhum, mesmo por um piscar de olhos. Você não podia se esgueirar para dentro e para fora do Salão de Dhamma: ele perguntaria imediatamente, ‘por que você saiu?’ Se você saísse para urinar e desaparecesse por uma hora, então seria assim: ‘Uma hora para urinar? Da próxima vez que você for, me avise. Eu gostaria de ver isso pessoalmente.’

“Como você podia não sentir medo? Você não podia pular nenhuma atividade. Ele não brincava e não deixava nada passar. Se você não tivesse um local de ‘meditação andando’ apropriado ou se a área central fosse deixada sem varrer, então seria assim: você escutaria sobre aquilo naquele mesmo dia: ‘Por que não? Você não está bem? Se você não está se sentindo bem, então porque não veio falar comigo, ou se não podia fazer isso, por que não disse para outra pessoa? Como você pode apenas seguir a sua mente desse jeito? Você é parte de uma comunidade, não é? Ou você pensa que vive sozinho?’

“Ele te pressionava para tudo. Você não podia se mexer um centímetro. Você não podia vaguear por aí. Uma vez que a sessão estivesse terminada e você pudesse seguir com sua prática por sua conta, ainda assim, se ele visse alguém apenas andando então seria assim: ‘Venerável! Venerável! Do que você está brincando agora?’ Ele tinha olhos realmente astutos. Ele não deixava nada passar, mesmo os menores assuntos. Se ele dissesse a todos que andassem e você não fosse, então seria um grande problema. Se a sessão estivesse terminada você tinha que voltar diretamente para sua cabana. Se ele não desse permissão, então você não poderia ir a lugar algum. Se houvesse qualquer assunto importante, então você deveria mencionar. Então houve algumas grandes histórias naquela época. Não era

tanto que ele forçava ninguém, mas ele tinha uma sinceridade absoluta. Essa era a forma como ele administrava o mosteiro naqueles dias; mas para ser franco, nós não estávamos tão à altura daquilo.”

COCO

Ajahn Tiang resumiu os ensinamentos de Luang Pó:

“A primeira coisa que ele nos dizia era para estabelecer uma plena atenção estável: fazê-la ser contínua, não ser distraído, perdido ou deixar que ela fosse interrompida. Ele dizia que seu Dhamma não tinha um alto ou um baixo, não era longo ou curto. Ele disse que o havia comprimido em uma bola que tinha o formato de um coco.

“Ele nos ensinou a estabelecer a plena atenção, nutrir nossa fé, inclinar nossa mente em direção da Jóia Tríplice do Buda, do Dhamma e da Sangha. Ele mesmo tinha genuína reverência e ele também nos ensinou aquela reverência. Ele nos ensinou a sermos plenamente atentos enquanto nos prostramos. Ele dizia que se deixássemos a mente divagar e nossa plena atenção fosse fraca, então haveria inevitavelmente uma falta ou outra que haveríamos cometido. Ele nos dizia que quando a mente não é calma, quando está em um estado acalorado, agitado ou anormal, alguma coisa sempre haverá de dar errado.

“Plena atenção era sua maior ênfase: fazer da plena atenção constante e suave, sem interrupções - não permitindo que ela se quebrasse. Mesmo que esteja de pé, andando, sentado, deitado ou se alimentando, você devia estar plenamente atento, pois se você perde a plena atenção é o mesmo que perder a sua vida - é o que ele dizia. Se houvesse algum projeto de trabalho em andamento, por exemplo, e nós reclamássemos que não tínhamos oportunidade de praticar, ele nos perguntaria se nossa respiração tinha parado enquanto estávamos comendo ou deitados. Como você podia estar tão exausto para meditar quando sua respiração era tão imediata e comum? Não precisa de nada mais do que a respiração. Se você pratica e é plenamente atento, não é nada mais do que estar com essa respiração comum. Aquilo era tudo o que ele ensinava. Plena atenção era a parte principal daquilo.

“Se você perde sua plena atenção, que tipo de meditação você vai utilizar? Que tipo de concentração você vai desenvolver? Que tipo de purificação acontecerá? Você não saberá como alcançar nenhuma dessas coisas. É a plena atenção que é o importante. Serenidade e tranquilidade vem com a plena atenção. Dhamma, Vinaya, cada uma das regras monásticas depende da plena atenção. Sem plena atenção, o que você vai fazer como sendo seu objeto de atenção? Era assim que ele ensinava os princípios fundamentais.

“Ele dizia, ‘não se encham de orgulho por serem monges e noviços; não olhem para os outros com desdém; não se apeguem à sua situação familiar ou nacionalidade - isso não é virtuoso, e isso não é o Dhamma. Lavem suas mãos desse tipo de orgulho. Tenham como objetivo abandonar todos os conceitos e pontos de vista.’ Ele nos dizia para não ficarmos alardeando as faltas uns dos outros, para sempre considerarmos o quão parecidos todos nós somos, e não ficarmos presos a pensamentos de quem está certo ou quem está errado. Ser advertido é normal; depois que você fez algo errado, então deixe isso pra trás: você não se agarra a sentimentos de certo ou errado. Assim que exista esse ‘agarrar’ e esse apego, não é Dhamma e não é Vinaya ...

“Se algo está de acordo com o Vinaya, então também está de acordo com o Dhamma: ao manter o Vinaya, você está praticando o Dhamma. Luang Pó os tratava como interconectados; ele nunca separava o Dhamma do Vinaya ... ele nos ensinou a praticar diferentes aspectos do caminho simultaneamente. Por isso ele dizia que seus ensinamentos não eram longos ou curtos, mas comprimidos em uma esfera, como uma uva ou um coco.”

SEM ADIAMENTO

Monges que chegaram em meados da década de 1960, conforme o tamanho da comunidade crescia constantemente, podem ter encontrado um certo relaxamento na intensidade de Luang Pó, mas de maneira alguma eles tiveram uma vida muito mais fácil. Ele seguia buscando criar em seus discípulos o entusiasmo pelo treinamento, a paciência e capacidade de suportar que eram necessários para serem bem sucedidos nele. Seu objetivo seguia sendo o de cultivar neles uma atitude completamente nova quanto às suas vidas: uma atitude na qual ‘tudo importa’. Nada

devia ser feito de maneira desleixada. Cuidado, atenção e respeito deviam ser dados à toda e qualquer ação. Luang Pó não cansava de advertir aos monges quando eles estivessem desatentos. Ele martelava neles o quanto era essencial manter a plena atenção em quaisquer atividades. Se o relaxo ou a negligência nos menores detalhes sobre os procedimentos podia trazer tamanha fúria sobre suas cabeças, poucos monges podiam sequer contemplar transgressões maiores, ou mais sérias. Na maioria dos casos, um senso de sábia vergonha e medo das consequências, mesmo que precipitado artificialmente, logo amadureceu. Como relembra Ajahn Anek:

“Se qualquer um fizesse algo que desviasse de suas instruções, aquilo se tornaria um problema imediatamente ... Digamos que Luang Pó ouvisse o som de latas descendo ao poço fora do período estabelecido para tirar água do poço, ou alguém cortando pedaços de tronco de jaqueira para fazer tintura no horário errado - naquela noite escutaríamos sobre aquilo. Ele subiria ao assento do Dhamma e falaria das regras até tarde da noite. Em algumas ocasiões, ele seguiria falando até as três da manhã. Naquela hora, não valeria nem a pena voltar às nossas cabanas, e assim que ele se levantasse de seu assento, nós nos encaminharíamos à recitação matinal de cânticos.

“Então nós ficávamos sempre cotovelando uns aos outros e nos recordando caso víssemos alguém fazendo qualquer coisa no horário errado, pois estaríamos com medo de outra bronca daquelas. Mesmo que tivesse sido apenas um monge agindo errado, Luang Pó não deixaria ninguém voltar à sua cabana. Todos teríamos que sentar ali e ouvir a advertência; não fazia diferença se era você mesmo quem estivesse levando a bronca. E isso era frustrante para aqueles que queriam ir meditar ou tinham outros assuntos para resolver.

“Nós monges realmente tínhamos medo - medo de ter que ouvir uma longa palestra. Se Luang Pó soubesse que alguém tinha feito algo errado, ele nunca deixaria aquilo passar daquela noite. Ele poderia chamar diretamente o monge que cometeu a falta ou falar à toda a Sangha. Ele era sempre muito estrito e vigoroso. Qualquer um que tivesse qualquer tipo de assunto, não importa quão importante ou trivial, teria que ir primeiro pedir permissão à ele antes de ir resolvê-lo. Você não podia simplesmente

ir adiante e fazer algo por sua própria conta. Se você o fizesse, pode estar certo que naquela noite você seria chamado para uma longa conversa.

“Se qualquer um faltasse à recitação, ou chegasse cinco ou dez minutos atrasado, era coisa séria. Assim que você se aproximava do Salão de Dhamma, você tinha que andar o mais silenciosamente possível. Fazer barulho era completamente inaceitável. Se você fizesse, seria advertido por perturbar as pessoas que já estavam meditando no salão. Luang Pó dizia que fazer barulho perto de pessoas que estão meditando é mau comportamento e mau *kamma*; e mais, isso indicava falta de plena atenção, auto consciência e restrição dos sentidos. Ele dizia que para quem praticava o Dhamma, aquilo era um comportamento vergonhoso.”

Ajahn Reuangrit relembra:

“Se você fosse urinar, você seria advertido; você deveria aguentar até o final da sessão. Ele dizia, ‘Outras pessoas conseguem, por que você não? Você é um ser humano assim como eles, todos vocês tem os mesmos órgãos. O que é tão difícil?’ Era assim que fazíamos as coisas naquela época. Seu manto ficaria todo ensopado de suor, e você perderia tanto líquido daquela forma que o aperto por urinar desapareceria. Nós também tínhamos medo de Luang Pó, medo de verdade, quando ele começava a nos cutucar dessa forma, ‘Você come muito e dorme muito. Se você come muito, então tem que fazer muito cocô; bebe muito e aí tem que fazer muito xixi.’ Eu escutei essas palavras tantas vezes! Mas como resultado, em nossa alimentação, em nossas ações, éramos sempre muito moderados. Naquela época, havia um grande cuidado e precisão em como fazíamos as coisas.”

RELAXAMENTO

A atmosfera em Wat Pah Pong não era, no entanto, tão dura e severa quanto algumas das passagens anteriores possam sugerir. Os incentivos de Luang Pó eram dados em uma floresta semitropical na qual, por vários meses do ano, o sufocante calor e umidade encorajavam a preguiça e o torpor. Sua plateia era formada de rapazes jovens e tranquilos, criados em uma cultura que não instigava um senso de culpa ou auto-aversão que poderia tê-los levado a receber aquelas pancadas de forma não sábia. A mão pesada era,

em resumo, um remédio cujos benefícios eram maiores do que os efeitos colaterais.

Depois de algum tempo, os monges se acostumavam com as novidades da vida monástica. Se a prática de meditação ainda não tinha dado muitos frutos, então era difícil para eles manterem o mesmo entusiasmo inicial. As constantes advertências e repreensões de Luang Pó visavam revigorar os casos comuns de falta de zelo. Suas palavras eram, em vários casos, o equivalente ao bastão do mestre Zen. Nem todos podiam suportá-lo, e alguns monges iam embora. Mas a maioria gostava das ferozes palestras da mesma forma que gostava de comida bastante apimentada; um elogio comum para as palestras mais abrasivas era ‘essa foi com pimenta e gengibre’.

Mas também houve tempos em que a Sangha ficou (o mais perto que monges carecas podem ficar) ‘de cabelos macios’, tranquila. De vez em quando, Luang Pó convidava a todos para irem à sua cabana à noite. Cigarros eram passados de mão em mão e os monges se sentavam à luz da lamparina, sem o manto externo, fumando e ouvindo os contos e histórias de Luang Pó. Ele falava sobre a sabedoria de monges iluminados, os triunfos difíceis e falhas cômicas de discípulos não iluminados, encontros com animais selvagens e fantasmas, contos do tempo do Buda. Os monges riam muito, havia perguntas e eles compartilhavam experiências. Essas ocasiões eram muito apreciadas pelos monges. O calor, companheirismo e suporte emocional que eles sentiram enquanto sentavam ali respondiam às necessidades não atendidas nos encontros formais da comunidade.

Nessas ocasiões, Luang Pó parecia mudar aparentemente sem esforço algum de chefe e comandante para uma figura paterna. A ambiguidade dos sentimentos dos monges com relação à Luang Pó ficava óbvia nessas ocasiões. Ao mesmo tempo que tinham medo dele como o rato tem do gato ou (em uma metáfora dele mesmo) como ladrões tem da polícia, eles o amavam e confiavam nele plenamente, e saboreavam cada minuto do tempo deles em sua presença. Os monges sentiam às vezes que os pontos de Dhamma que eles captavam dessas ocasiões iam mais fundo em seus corações do que os ensinamentos que recebiam durante as palestras de Dhamma mais formais. Eles voltavam para suas cabanas depois dessas sessões, recarregados e reanimados, ávidos por meditar.

Nem todos estavam felizes de que havia monges na floresta Pong. Houve preconceitos locais e desentendimentos a serem vencidos. Um dos primeiros pontos de discórdia com os camponeses foi o delicado assunto sobre o uso da água.

Nós cavamos um poço muito bom na floresta. Nós colocamos um aviso em frente à ele dizendo, ‘Apenas para monges. Não ser utilizado por leigos’, e enchíamos um grande jarro de barro separado para quaisquer pessoas que viessem pela floresta. Fomos criticados por aquilo. Pó Nupii era o pior: assim que ele ouviu as camponesas dizendo que os monges não permitiam que os leigos bebessem a água deles - estava feito! Ele pulava que nem louco, ‘O que! Quem esses monges pensam que são? Por que eles não deixam os leigos beberem a água deles? Eles passam por todos os problemas de se tornarem monges e aprenderem sobre os ensinamentos do Buda, e terminam tão egoístas que não querem compartilhar nem a sua água. Eles não pensam que dependem dos leigos para terem comida todos os dias.’

Assim! Tudo por causa de um mal entendido. No meu vilarejo também. Na verdade eles podiam beber a água. Era apenas que, quando os camponeses tiravam eles mesmos a água do poço, eles usavam baldes que estavam guardando sapos, peixes ou girinos ou qualquer coisa, o que fazia com que eles ficassem sujos. Eu não queria que eles fizessem aquilo, então quando nós tirávamos água do poço todos os dias, separávamos um jarro especialmente para os leigos. Mas as pessoas não contavam a estória toda: elas apenas diziam que não permitíamos que elas usassem a água. Então quando Pó Nupii ouviu apenas aquilo, ele ficou tão bravo que saiu enfurecido do vilarejo. Ele disse que iria expulsar os monges da floresta. ‘Que tipo de monges são esses? Quem eles pensam que são? Eles se esqueceram que somos nós que os alimentamos?’ Ele ouviu apenas metade da estória. Levou um bom tempo para explicar para ele, mas quando ele entendeu ele se tornou um discípulo e, mais tarde, o leigo-chefe do mosteiro.

Camponeses, alguns dos quais eram antes madeireiros ilegais, caçadores, pecuaristas etc. nos limites da floresta agora já não podiam mais fazer aquilo. Eles estavam bravos com a perturbação de seu meio de vida. Alguns dos camponeses insatisfeitos arquitetaram um plano para desacreditar os monges. Sem saber que estavam repetindo uma trama que também tinha acontecido na época do Buda, o plano envolvia culpar um dos monges de se relacionar com uma mulher. O monge que foi em mendicância matinal naquele vilarejo foi informado por uma pessoa de boa vontade sobre o plano que estava sendo tramado. Preocupado, ele informou a Luang Pó. Luang Pó disse que ele mesmo iria em mendicância matinal naquele vilarejo. Inevitavelmente, os leigos que davam suporte ao mosteiro não concordaram:

“Ajahn, não vá sozinho. Eles disseram que vão conseguir que uma jovem moça te abrace e então grite que o senhor tentou violentá-la.”

Luang Pó sem mudar a expressão, brincou com eles:

Deixa ela vir. Eu nunca fui abraçado por uma jovem moça na minha vida. Deixa ela tentar. Deve ser muito bom!

No final, os camponeses perderam a coragem (quem poderia dizer o tipo de retribuição cármica eles receberiam, e se preocuparam: ‘melhor salvos do que arrependidos’). E daquele ponto em diante, as relações entre o mosteiro e os camponeses melhoraram devagar, mas constantemente.

PARA PEGAR UM LADRÃO

Outro problema surgiu quando as pessoas souberam que as monjas tinham plantado árvores frutíferas. No começo, as pessoas vinham pedir alguns mamões, goiabas, limões ou bananas; depois de algum tempo, começaram a vir roubar. Uma das monjas residentes daquela época relembra a forma habilidosa como Luang Pó resolveu o problema.:

“Os ladrões se esgueiravam para dentro por volta das oito ou nove da noite enquanto os monges estavam reunidos na sessão noturna. Um dia Luang Pó pediu a alguns postulantes para cortarem alguns dos maiores arbustos *kóm* cheios de espinhos e escondê-los perto do caminho que os ladrões usavam. Naquela noite ele manteve monges esperando em três pontos ao

longo do caminho. Ele mesmo estava no primeiro ponto, próximo de onde os ladrões roubavam os mamões. O segundo ponto era mais ou menos no meio do caminho e o terceiro era próximo da armadilha de espinhos.

“Na hora esperada, os ladrões foram avistados carregando bolsas e cestos. Enquanto eles estavam ocupados colhendo os mamões, Luang Pó deu o sinal para que as armadilhas de espinhos fossem colocadas ao longo do caminho. Os arbustos eram grandes. Cada galho era coberto por espinhos afiados e eles cobriram todo o caminho.

“Quando Luang Pó estimou que os ladrões tinham quase terminado de encher os cestos, ele tossiu suavemente. A tosse não foi alta o suficiente para fazê-los entrar em pânico e jogar fora o produto do roubo imediatamente, mas foi o suficiente para que eles decidissem que tinham que sair rapidamente. Os ladrões colocaram os cestos sobre os ombros e se apressaram, meio andando, meio correndo. Quando eles chegaram no segundo ponto, Luang Pó gritou pelas costas deles: ‘Você viu alguém indo naquela direção?’, os monges escondidos no segundo ponto gritaram de volta, ‘Cadê eles? Cadê eles?’

“Escutando essas vozes, os ladrões ficaram realmente assustados e começaram a correr como loucos. Quando eles chegaram no terceiro ponto, os monges escondidos ali fizeram um tumulto. Enquanto isso, os monges dos primeiros dois pontos os estavam perseguindo pelo caminho. O som dos gritos e da bagunça preencheu a floresta. Agora os ladrões estavam mesmo em pânico. Eles largaram os cestos e panos onde carregavam os mamões e saíram correndo - diretamente para os arbustos de espinhos. O primeiro ladrão de repente sentiu a dor e parou bruscamente. O segundo se chocou contra ele e os dois se arrastaram tentando desesperadamente se libertar dos arbustos de espinhos. Os gritos de dor eram ensurdecedores. De qualquer forma, eles estavam com tanto medo que, finalmente, conseguiram se livrar e correram de volta para o seu vilarejo.

“Luang Pó pediu aos postulantes para juntarem as provas, os cestos e os panos *khaoma*. Ele sabia que a identidade dos ladrões não seria nenhum segredo, pois eles iriam ter que ficar de cama por dois ou três dias até que seus filhos pudessem remover todos os espinhos. Depois que aquele tempo passou, ele enviou [uma mensagem] para o chefe do vilarejo.

“Luang Pó disse, ‘Diga para eles virem buscar seus cestos e seus panos. Eles os deixaram cair na floresta. Diga que eles não precisam ficar com medo. Peça para que eles venham buscá-los comigo. Eles já deixaram [as frutas] aqui já por um bom tempo. Se não vierem buscar logo, os mamões vão murchar e eles não conseguirão vendê-los.’

“Um dos ladrões veio. Luang Pó falou gentilmente com ele, sem dar bronca, e o ensinou a ter um meio de vida honesto e a desistir de roubar; os mamões não compensavam o mau kamma. Depois daquilo, os roubos cessaram.”

CÃES E GATOS

Cães abandonados eram outro problema. Sempre foi um costume antigo na Tailândia abandonar cães que as pessoas não queriam nos mosteiros dos vilarejos, onde os monges os alimentariam com as sobras da comida da mendicância. Mas quando as pessoas começaram a fazer isso em Wat Pah Pong, Luang Pó teve que explicar porque ele não podia concordar com aquilo:

Nós não gostamos de cães e gatos aqui. Nós já temos um monte de criaturas - esquilos, furões e frangos do mato em particular - e nós estamos tentando conservá-los para as gerações futuras. Os cães que vocês abandonam na floresta matam esses animais. Por favor, não faça isso de novo. Quem quer que tenha trazido esses cães, que os leve de volta. Se você não quer pegá-los, então eu verei com alguém do mosteiro para resolver isso. Mas não traga cães para a floresta de novo. Os esquilos, os furões e os frangos do mato pertencem à vocês tanto quanto à mim. Quando seus filhos e netos crescerem, eles poderão vir e ver essas diferentes criaturas no mosteiro. Não existem muitos restantes vivendo fora do mosteiro. Nós todos temos que ajudar a cuidar dessas criaturas na floresta.

CRIANDO RAÍZES

Inicialmente, as relações entre Wat Pah Pong e os monges dos vilarejos das redondezas e da cidade de Ubon eram tensas. Essas tensões eram familiares. Desde o surgimento da linhagem de Luang Pu Man uns quarenta anos antes,

atrito entre monges de floresta e Sanghas locais ocorria frequentemente. Estudiosos urbanos e administradores tendiam a olhar para os monges de floresta com desdém. O costume deles de dar palestras do Dhamma no dialeto de Issán ao invés de usar o tailandês da região central e de empregar um estilo simples e direto ao invés de dar sermões baseados nos textos com linguagem mais elevada, lidos de folhas de palmeiras, era considerado um desrespeito ao Dhamma. Com alguma razão, os estudiosos se preocupavam que o estilo improvisado de ensinamento, sem suporte por frequentes referências nas escrituras em Pali, facilmente levava a opiniões não cultas sendo transmitidas como sendo o ensinamento do Buda. A prática dos monges de floresta de manter algumas práticas ascéticas, como se alimentar apenas uma vez ao dia de suas tigelas, eram vistas como exageradas, fora de época e rudes.

Os monges de floresta ameaçavam ao prestígio dos monges urbanos. Embora a tradição de floresta fosse amplamente desconhecida em Ubon, qualquer um que tivesse lido ou escutado histórias das escrituras poderia ver que o estilo de vida deles era muito mais próximo do antigo ideal do que o estilo de vida dos monges urbanos. Os monges de vilarejos locais frequentemente se sentiam intimidados pela presença de monges que seguiam o Vinaya estritamente. Antes, não havia padrão para meditar: seu relaxo era apenas como as coisas eram, e as pessoas estavam acostumadas à aquilo. Mas agora as coisas tinham mudado. Leigos que tinham estado em Wat Pah Pong voltavam inspirados e comparavam Wat Pah Pong favoravelmente com relação ao mosteiro local. Luang Pó não apenas aceitava as oferendas e recitava alguns cânticos de bênçãos em Pali, eles diziam, ele lhes ensinava o valor dos preceitos e como meditar. O ciúme quanto à Luang Pó às vezes vinha em expressões de desprezo e abuso. A resposta de Luang Pó era de silenciosamente seguir com sua prática e com o treinamento dos monges, e se comportar impecavelmente para privar os atiradores de sua munição.

Desde o princípio, o mosteiro estabelecido por Luang Pó na floresta Pong era conhecido como Wat Pah Pong. Mas lá não era, nos termos técnicos ou legais da palavra, um 'wat' de forma alguma. 'Wat' é a designação conferida à uma residência monástica pela Coroa, pelo conselho do corpo governante da Sangha nacional. Ela denota o reconhecimento formal da legitimidade

e ortodoxia do mosteiro por aqueles que estão no poder. O requerimento para esse status é uma progressão natural e esperada para as comunidades monásticas que sejam firmemente estabelecidas, tenham todos os edifícios básicos construídos e tenham um consistente suporte de leigos. Wat Pah Pong não se tornaria um ‘wat’ aos olhos da lei até 1970. Nos anos iniciais de sua existência, seu inseguro status legal o tornou preocupantemente vulnerável à forças hostis.

Luang Pó estava claramente ciente de que a segurança à longo prazo de Wat Pah Pong dependia de estabelecer um bom relacionamento com os Anciãos da Sangha na cidade ou, pelo menos, um relacionamento baseado em aceitação mútua. Embora fosse verdade que não havia perigo que as figuras poderosas pudessem tentar interferir na forma como ele gerenciava o Wat Pah Pong no seu dia a dia, Luang Pó e seus monges respondiam perante a lei à jurisdição administrativa de monges seniores que estavam nos níveis rural, distrital e provincial. Se Wat Pah Pong se tornasse um objeto de suspeita ou inimizade por parte desses monges, seria difícil para o mosteiro sobreviver. Monges rotulados como ‘vagabundos’ ou ‘renegados’ foram conhecidos por terem sido expulsos de seus eremitérios e até forçados a largarem o manto. Acusações de que os monges de floresta eram comunistas estavam se tornando uma mancha crescente e efetiva.

A solução de Luang Pó foi a silenciosa diplomacia. Com os monges dos mosteiros de vilarejo ao seu redor, ele era infalivelmente polido e frequentemente lhes fazia doações do excedente de requisitos ou ferramentas. Gradualmente, Wat Pah Pong se tornou um reconhecido membro da cena local. Ao solicitar que o monge chefe do distrito local fosse o preceptor de seus discípulos, Luang Pó deu à essa poderosa figura um interesse pessoal no bem estar da Sangha de Wat Pah Pong. Ele conseguiu apostilas de estudo para os monges que desejassem tomar os Exames Nak Tam, e os impressionantes resultados conquistados por eles renderam um respeito, ainda que relutante, entre os estudiosos urbanos.

Luang Pó fez algo particular em demonstrar seu respeito aos monges seniores nas cidades de Warin e Ubon. E tentou permitir que eles vissem por eles mesmos que ele e seus discípulos não eram revolucionários inclinados à derrubar um regime corrompido; eles eram simples monges de floresta procurando por um local silencioso para sua prática. Uma vez por ano, no

início do Retiro de Chuvas, ele levava sua Sangha para prestar reverências aos seus superiores. Mesmo que - como frequentemente ocorreu nos primeiros anos - se dirigissem à ele com sarcasmo ou como patrões, Luang Pó mantinha a cabeça baixa em sinal de humildade, algo que desarmava aos seus pretensos antagonistas.

Com o passar dos anos, a senioridade de Luang Pó e sua fama constantemente cresceram. O desabrochar do suporte de leigos, em nível local e nacional, criou um escudo contra seus detratores, e o 'wat' se tornou seguro. Ao mesmo tempo, um certo número de monges estudiosos proeminentes da região, como Ajahn Maha Amón, se tornaram seus discípulos dando à Sangha de Wat Pah Pong uma certa legitimidade intelectual aos olhos dos estudiosos de Pali. As suspeitas e desconfiâncias por Luang Pó diminuíram consideravelmente. O ciúmes se tornou algo apenas velado. Mais e mais monges pediam para vir e treinar em Wat Pah Pong.

Reações adversas de monges urbanos e de monges de vilarejo não eram algo totalmente ruim. A percepção que os monges de Wat Pah Pong tinham de si mesmos como sendo uma minoria sitiada - os únicos monges que eram estritos e dedicados em um mar de corrupção e declínio - intensificava seu comprometimento e senso de comunidade. Parece razoável assumir que a harmonia e unidade que se tornariam uma característica marcante de Wat Pah Pong eram, em parte, construídas sobre essa primeira percepção do 'wat' como sendo uma solitária ilha de prática autêntica. Era verdade que, de tempos em tempos, a arrogância que geralmente acompanha os sentimentos de serem especiais poderia vir à superfície entre os membros da Sangha de Wat Pah Pong. Mas com Luang Pó constantemente os instigando a confrontarem suas impurezas de cabeça erguida, muitos dos monges eram conscientes (muito dolorosamente) de suas próprias falhas ao manterem sérios sentimentos de superioridade.

Dez anos depois que Luang Pó voltou à Ubon, ele podia se dar por feliz com os resultados de seus esforços em Wat Pah Pong. O crescente número de monges, noviços e monjas era uma indicação de um mosteiro com plena e boa saúde. Luang Pó estava aprendendo mais e mais sobre como treinar seus discípulos. Quase cem anos após o nascimento de seu fundador, Luang Pu Man, em um distante vilarejo, a linhagem monástica de floresta estava finalmente enraizada em Ubon.





IV
uma vida inspirando

As pessoas tem carinho aquele que personifica a virtude e o insight, que tem princípios, que realizou a verdade e que faz o que deve ser feito.

Dhp 217

Uma Vida Inspirando

Luang Pó, o Bom Amigo

I. INTRODUÇÃO

De 1954 em diante, a vida de Luang Pó Chah foi focada em seu mosteiro, treinando um número cada vez maior de monges, noviços e monjas que residiam lá e dando ensinamentos aos praticantes leigos. No final da década de 1970, ele tinha se tornado um dos monges mais reverenciados na Tailândia. Depois de viajar para a Inglaterra em 1977, no entanto, a saúde de Luang Pó começou a se deteriorar. No início de 1983, paralisado e impossibilitado de se expressar coerentemente, ele parou de falar. E em Janeiro de 1992, depois de mais de nove anos de imobilidade e silêncio, a vida de Luang Pó chegou ao fim.

Os anos em que Luang Pó estava em seu auge não se prestam a uma narrativa cronológica, pois houve relativamente poucos incidentes externos para relatar. A vida monástica é intencionalmente repetitiva. Luang Pó raramente viajava, exceto aos mosteiros afiliados. Como um celibatário monge de floresta, sua vida pessoal não teve dramas: não se casou, não teve filhos, não teve casos amorosos. Tampouco ganhou ou perdeu nenhum centavo, e não acumulou mais posses do que seria capaz de carregar consigo em uma bolsa de pano pendurada no ombro. Por vinte cinco anos, a vida de Luang Pó - ao menos do que se teve notícia - foi primordialmente a história dos ensinamentos que deu e do treinamento que desenvolveu.

Foi durante esses anos que Luang Pó amadureceu completamente em seu papel como o ‘*kalyāṇamitta*’ ou ‘bom amigo’*, o ideal budista do professor espiritual. Um bom amigo não era apenas a metade, o Buda notoriamente corrigiu ao Venerável Ananda, mas o todo da vida santa. Em outras palavras, o apoio do *kalyāṇamitta* é fundamental no treinamento budista. O fruto da prática pode ser a libertação da necessidade de qualquer suporte externo, mas no caminho para a libertação, ‘bons amigos’ são indispensáveis.



O Buda descreveu o *kalyāṇamitta* ideal como sendo aquele que inspira afeição e devoção, respeito e emulação naqueles à sua volta. Ele é paciente com as questões e fraquezas de seus discípulos e habilidoso

*‘*Kalyāṇa*’ significa ‘nobre’ ou ‘admirável’; ‘*mitta*’ significa ‘amigo’.

em se comunicar com eles. O kalyāṇamitta é capaz de explicar tópicos profundos em termos que são claros e facilmente compreensíveis; ele nunca abusa de seu poder para desviar discípulos do caminho. O Buda disse que é a associação com o kalyāṇamitta que leva a escutar e conversar sobre o Dhamma, a crescer em moralidade, em diligência e habilidade em abandonar o que não é saudável, desenvolver o que é saudável, e a ter discernimento sobre como as coisas são. No dia da cremação de Luang Pó, o grande estudioso, Prá Debvedi (P.A. Payutto), foi convidado a dar um discurso para a enorme assembleia de monges e leigos budistas que estavam ali reunidos. Ele escolheu falar das formas como Luang Pó tinha sido um verdadeiro kalyāṇamitta para seus discípulos.

Os capítulos seguintes desse livro vão examinar em maiores detalhes as formas pelas quais Luang Pó cumpriu seu papel como um kalyāṇamitta. Isso vai incluir capítulos com exatamente o que e como ele ensinava aos seus discípulos monásticos - monges e *mé chis*, tailandeses e ocidentais - e como ele ensinava aos seus discípulos leigos. O presente capítulo vai focar no próprio Luang Pó: como ele era visto pelos outros, e em particular, nas qualidades que lhe permitiram cumprir o papel do kalyāṇamitta.

Em suas referências do kalyāṇamitta, o Buda mostrou que ele reconhecia que os sentimentos e percepções que são evocados nos estudantes pelo professor podem ter um papel significativo no processo de aprendizagem. Ao observar sua conduta, o estudante desenvolve crenças sobre o kalyāṇamitta e desenvolve segurança e confiança nele. A boa vontade dos estudantes em fazer os sacrifícios necessários para progredir no Dhamma e a perseverança e a paixão com que eles estudam e praticam, não são apenas uma função de seu entendimento do que está envolvido. Eles estão enraizados na percepção do professor, na afeição e respeito que sentem por ele, ao ponto de tomá-lo como exemplo. Estudantes tendem a receber o mais forte incentivo na presença de alguém que eles acreditem que tenha trilhado o caminho e seja uma testemunha de seus frutos. Fé nas realizações do professor é um poderoso suporte na prática do Dhamma.

Desde o princípio de sua carreira como professor, Luang Pó demonstrou, em um nível incomum, um carisma natural que incluía as qualidades de liderança e dom em se articular no Dhamma. Para os discípulos monásticos de Luang Pó, sua compaixão por eles e sua paciência para com suas

fraquezas os enchia de devoção. O padrão de sua prática do Vinaya, sua óbvia maestria das práticas de meditação e a sabedoria com a qual ele expunha os ensinamentos os enchia de respeito. Eles queriam seguir os seus passos. Central ao seu comprometimento para com ele e para com o treinamento era a confiança de que ele tinha se libertado das impurezas.

II. IMPONDERÁVEIS DE QUALQUER FORMA

LIBERTAÇÃO

Então essa vida santa, monges, não tem como objetivo o ganho, a honra ou o renome, ou alcançar a virtude como objetivo, ou alcançar samādhi como objetivo, ou conhecimento e visão como objetivo. É essa inabalável libertação da mente o objetivo dessa vida santa, seu núcleo e o seu fim.

MN 29

O que significa precisamente a ‘inabalável libertação da mente’? O Buda ensinou que quatro estágios de libertação interna devem ser entendidos. Uma vez alcançados, eles não podem ser enfraquecidos ou perdidos, e consequentemente eles podem ser considerados ‘inabaláveis’. Na verdade, a palavra ‘alcançar/atingir’ aqui deve ser usada com um certo cuidado. O Buda definiu cada estágio de libertação em termos de um abandono irrevogável de impurezas mentais específicas: uma ‘libertação’ delas. As mudanças que ocorrem em cada estágio são experienciadas primordialmente em termos de um ‘final de algo’ ao invés de um ‘ganho de algo’. Na principal metáfora budista, incorporada na própria palavra ‘Buda’, essa experiência é referida como um ‘despertar’.

Aqueles que alcançaram o estágio final e mais elevado de libertação são chamados de ‘*arahants*’; eles transcenderam até mesmo as mais sutis expressões de cobiça, raiva e ilusão. Suas motivações autorreferenciais são agora completamente substituídas por sabedoria e compaixão. Todos os desejos e apegos internos que dão combustível ao renascimento não existem mais. Muitos budistas tailandeses, monásticos e leigos, acreditam que Luang Pó Chah alcançou esse mais elevado estágio.

O próprio Luang Pó sabia ou acreditava ser ele mesmo um arahant? Existem evidências que sim, mas são surpreendentemente escassas. Talvez a observação mais importante a ser feita sobre esse tópico é de que Luang Pó optou por nunca falar disso. Em uma rara ocasião, ele pode ter se referido a si mesmo com a simples e direta frase: 'Eu não tenho nada' - mas, no geral, Luang Pó se esquivou de todas as perguntas sobre seus níveis alcançados.

Ser reservado sobre um assunto de tamanha significância era algo praticamente obrigatório para ele. O Vinaya restringe e limita o quanto um monge pode falar sobre sua própria prática para um *anupasampannā* - qualquer um ainda não completamente ordenado [o que inclui, por exemplo, os noviços]. A importância dessas restrições deve ser compreendida pela regra que estabelece que, independente da plateia, um monge que falsamente clama ter alcançado altos níveis na prática espiritual (salvo por autêntica superavaliação), deve ser imediatamente expulso da Sangha.

À primeira vista, isso parece ser desproporcionalmente severo dado que as três outras ofensas que causam expulsão consistem de assassinato, roubo - reconhecidos universalmente como sendo grosseiramente imorais - e ter relações sexuais, uma traição de um princípio que define a vida monástica. Mas, com a promulgação dessa regra de treinamento, o Buda deixou claro que ele considerava que vangloriar-se falsamente sobre proezas espirituais pode ser algo com efeitos potencialmente desastrosos à longo prazo em comunidades budistas, algo tão - na verdade, mais - terrível que atos individuais de luxúria ou raiva.

A preocupação do Buda com algo que pode parecer apenas um caso especial de fala incorreta se dava pela ameaça que aquilo trazia para o relacionamento entre budistas ordenados e leigos, uma relação da qual o futuro do Buda *Sāsana* dependeria. Ao alegarem serem iluminados, monges desviariam o interesse, a fé e o suporte de budistas leigos para longe da Sangha como um todo para eles mesmos como indivíduos carismáticos. A harmonia da Sangha seria enfraquecida. Cultos à personalidade poderiam facilmente se desenvolver, nos quais os leigos seriam explorados. Então, quando (e, se) a falsidade fosse revelada, a fé deles no Budismo seria perdida. Enquanto isso, religiosos modestos e genuinamente libertos poderiam ser negligenciados e ignorados por apoiadores leigos que assumiriam que, se eles fossem realmente iluminados, eles já teriam revelado isso

ao mundo. Os possíveis pensamentos de budistas leigos em desrespeito a seres iluminados poderiam tornar-se palavras ou ações, de modo a criar um grande mau kamma^{*}. A ofensa ser digna de expulsão visava prevenir todas essas consequências.

Mesmo em casos que um monge revelasse algo que ele genuinamente tivesse alcançado na prática espiritual para budistas leigos (geralmente com a intenção de encorajá-los nas suas práticas), o perigo para a relação entre leigos e religiosos não era descartado. Por essa razão, o Buda também declarou como sendo uma ofensa menor - *pācittiya* - para revelações verdadeiras de proezas espirituais.

Mesmo que Luang Pó pudesse ter revelado seus níveis espirituais alcançados aos seus companheiros monges em Wat Pah Pong sem transgredir uma regra de treinamento, ele não o fez. Estava ciente de que quaisquer declarações feitas à Sangha poderiam inevitavelmente vazar para a comunidade. A Sangha não era um grupo fixo e hermético; todo ano, monges desistiam do treinamento e largavam o manto. De fato, o testemunho de monges que largaram o manto, junto com as palavras de monges enaltecendo seus professores a discípulos leigos, sempre foram a fonte mais comum de rumores sobre os níveis espirituais alcançados por monges que tenham se espalhado por todas as comunidades budistas. Luang Pó manteve um nobre silêncio.

ELE É O QUE ELE É

Como era presumidamente a sua intenção, Luang Pó manteve uma cultura de discrição sobre esse assunto em Wat Pah Pong. O que alguém alcançou em termos de realização espiritual era considerado um assunto privado. Especulação sobre os níveis alcançados por alguém, ou perguntar sobre esse assunto era algo considerado rude, e se a pessoa em questão fosse o próprio Luang Pó, inapropriado. Esse padrão de restrição foi fundamental para proteger o sistema de senioridade estabelecido pelo Vinaya de ser

^{*} Os resultados de kammass [ações intencionais] através do corpo da fala e da mente quando dirigidos a um ser iluminado, sejam saudáveis ou não-saudáveis, são entendidos como sendo muito mais intensos do que quando dirigidos a seres não-iluminados.

sabotado por pequenos grupos formados ao redor de monges mais juniores, porém carismáticos.

Houve uma ocasião, no entanto, que essa cultura esteve perto de ruir. Isso ocorreu quando um monge visitante, bastante júnior, alegou abertamente aos monges residentes ser ele mesmo um arahant. Alguns membros da Sangha acreditaram que a alegação era verdadeira, alguns não teceram comentários e alguns poucos foram desdenhosos. A autenticidade da iluminação daquele monge se tornou o assunto preferido das conversas, especialmente quando se tornou público, de forma intrigante, que ele passava bastante tempo deitado. O relato de um diálogo percorreu todo o mosteiro. Aparentemente, ao ser questionado sobre que tipo de meditação ele praticava enquanto estava deitado, ele respondeu que quando estava deitado ele não fazia absolutamente nada. Quem fez a pergunta então disse que, se *ele* ficasse deitado sem fazer nada, ele poderia cair no sono. O monge respondeu, 'Ah sim, mas cair no sono seria fazer alguma coisa.'

A influência do monge visitante se espalhou. Finalmente, alguém criou coragem de perguntar a Luang Pó por uma resposta definitiva sobre se o monge era de fato o que ele dizia ser. Mas Luang Pó já tinha visto tudo aquilo antes e não estava disposto a alimentar o tipo de curiosidade que havia por trás da pergunta. Com uma voz neutra, ele respondeu:

Se ele é, ele é; se ele não é, ele não é. Eu mesmo, eu não sou absolutamente nada. Não há nada em mim para ser alguma coisa. Nossos assuntos são nossos, eles não são da conta de mais ninguém. E os assuntos dos outros, nada tem a ver conosco.

Essa era uma resposta característica. Luang Pó tinha pouco tempo para monges que gostavam de fofocar sobre os níveis atingidos por outros monges.

Ao invés disso, olhe para sua mente. Olhe para a sua intenção. Por que você quer saber? Que bem isso faz para você? Qual é o seu estado mental agora mesmo? Ainda existe cobiça aí? Alguma aversão? Alguma ilusão? Como você pode se libertar deles?

Depois de um tempo, o monge visitante partiu, e o burburinho de excitação se apagou. Algum tempo depois, ao dirigir-se à Sangha, Luang Pó retornou

a um tema favorito. Ele ensinou que a atitude correta a ser adotada quanto à realização do Dhamma, a deles mesmos ou a dos outros, surgia através da recordação da incerteza. Absolutamente nenhuma experiência, mesmo que sublime, deveria ser agarrada de forma alguma. Alertou aos seus discípulos sobre as ‘impurezas do insight’* nas quais a identificação com estágios elevados da mente desenvolvidos através da meditação levava à crenças equivocadas de realização e a perigosos exageros sobre as próprias conquistas:

O samādhi deles é bom, mas não há vipassanā, e então eles veem apenas um lado das coisas ... Confundem a fé que eles tem com sabedoria e ficam cegos por seu pensamento incorreto.

Lembrava aos seus discípulos que os níveis de libertação não eram novas identidades iluminadas e os aconselhava:

Não seja absolutamente nada. Ser alguma coisa, absolutamente qualquer coisa, é sofrimento ... Esgueire-se na presença do Buda. Onde está o Buda? Está exatamente ali na impermanência, na insubstancialidade das coisas! Entendam bem isso pra começar. Se sua mente está dizendo, ‘eu sou aquele que entrou na corrente’, se curve diante do Buda, e ele te dirá ‘Talvez sim, talvez não (*mai né*).’ Você pensa, ‘sou um que não retornará’, e ele lhe dirá a mesma coisa, ‘Talvez sim, talvez não.’ Você pensa, ‘sou um arahant’, e o Buda lhe dirá diretamente, ‘Talvez sim, talvez não!’

O tanto que Luang Pó evitava falar sobre sua própria experiência correspondia à sua reserva quanto ao tópico da libertação em si. Nisso, ele seguia o próprio Buda, que tipicamente focava nos obstáculos para a realização e nos métodos necessários para lidar com eles, e deixava os aspirantes descobrirem por eles mesmos o que ainda restava quando esses obstáculos fossem vencidos. Havia simplesmente muito sobre a realidade além da linguagem para poder ser algo colocado em palavras. Luang Pó insistia que mesmo que ensinamentos sobre aquela realidade pudessem ser inspiradores, eles poderiam tornar-se obstáculos no caminho. Uma ideia fixa de libertação poderia facilmente levar à antecipação, ao desejo e à identificação com estados mentais sutis que iriam impedir a libertação.

**Vipassanupakkilesas*. Veja Glossário, 893.

Mais para o final de sua carreira como professor, Luang Pó foi apresentado aos ensinamentos da tradição Zen. Ele apreciava o uso da linguagem paradoxal e que fazia uso do jogo de palavras, e parecia apreciar a forma de falar sobre experiências além das convenções e do pensamento racional. De vez em quando, falaria com um estilo enigmático e poético sobre coisas, que até então, havia sido mais reservado:

No começo, eu dizia que era sobre ‘Vá rápido, volte rápido, pare rápido.’ Se você se mantém fazendo assim, certamente não haverá muito mais: as coisas apenas são o que são. Tudo chegará ao fim. Não precisa andar, não precisa recuar, não precisa parar. Sem ir, vir ou parar. Está tudo acabado! Leve isso com você e reflita até que se torne claro em sua mente. Quando chegar à esse ponto, realmente não há nada.

ESPECULAÇÕES

Apesar da reticência de Luang Pó em falar dos resultados de sua própria prática, seria sem dúvidas esperado de um livro como esse um espaço para tratar de questões comuns sobre o tema. Por essa razão, os parágrafos seguintes serão dedicados à essa tarefa. Mesmo que essa seção pudesse ter recebido o título “Reflexões”, acabou por ser estabelecido o bem menos pesado título “Especulações”.

Nunca poderá haver uma prova cabal sobre a presença de maturidade espiritual, apenas de sua ausência. Mas existem certos princípios com os quais podemos contar quando analisamos o assunto. O mais importante deles é o de examinar as declarações do Buda sobre as características de um ser liberto e então observando por um longo período de tempo se as ações e discursos de uma pessoa estão alinhados com essas qualidades ou não. Também deve-se levar em conta se a pessoa acredita ser realmente liberta e, em terceiro lugar, se outros seres libertos confirmam que ela de fato é.

No caso de Luang Pó, existem muitas evidências de que suas ações e seu discurso correspondem aos de um ser liberto como descrito nos discursos do Buda. Mesmo que ele não tenha proclamado sua libertação, parece correto assumir que ele estava certo disso, a partir de certas palavras, que

se sabe que ele usou em referência a si mesmo, como ‘terminado’ e ‘nada restando’ por exemplo. Ele também foi reconhecido como liberto pelo maior de todos os seus contemporâneos na Tradição de Floresta Tailandesa. Luang Tá Maha Bua, o reconhecido líder da tradição, foi direto ao ponto em mais de uma oportunidade declarando, por exemplo, que ‘Luang Pó Chah é um diamante de primeira grandeza.’ Mesmo que nenhum desses pontos seja uma prova, cada um deles forneceu bases para que praticantes budistas estabelecessem uma fé baseada em bom senso em Luang Pó como sendo um ‘Nobre Discípulo’.

Mas se a libertação de Luang Pó é tomada como uma hipótese a ser trabalhada, uma pergunta adicional pede para ser respondida: onde e quando ocorreu a realização final de sua prática? A única forma de responder à essa pergunta de forma confiável seria, obviamente, pelo testemunho do próprio Luang Pó. Mas, como mencionado antes, ele manteve silêncio sobre esse assunto. Tudo o que resta é conjectura. Como prefácio das observações que vêm a seguir, deve-se enfatizar que não há consenso sobre esse assunto entre os discípulos de Luang Pó - de fato, isso raramente é discutido - e nenhuma conclusão firme deve ser extraída dos pontos levantados.

A primeira especulação é a de que Luang Pó tenha alcançado, pelo menos o primeiro dos quatro níveis de libertação - ‘a entrada na correnteza’ - antes de estabelecer Wat Pah Pong em 1954. O raciocínio por trás dessa afirmação é o de que Luang Pó era fortemente influenciado pelos ensinamentos de Luang Pu Man e do próprio Buda, alertando aos monges quanto a ensinar antes de estarem realmente prontos para isso. Um verso do Dhammapada, por exemplo, afirma:

[Um monge] deveria primeiro estabelecer a si mesmo naquilo que é apropriado, somente então deveria instruir aos outros. Uma pessoa sábia assim não está sujeita a ser repreendida. Assim como ele instrui aos outros, deveria ele mesmo agir.

Dhp 158-9

O Buda ensinou que seres não iluminados são severamente restritos quanto ao grau em que podem oferecer suporte espiritual aos outros. Em uma ocasião, ele comparou isso com uma pessoa afundada em uma fossa

que tenta empurrar outra pessoa para fora. Apenas quando a pessoa compassiva está, ela mesma, em solo firme é que pode verdadeiramente ajudar outra pessoa.

Luang Pu Man falava às vezes sobre o mau kamma que pode ser criado por alguém, ainda vítima das impurezas, que ensina outras pessoas. Entre seus discípulos, a interpretação mais comum desse aviso era de que apenas a entrada na correnteza forneceria a um monge a inabalável visão correta que o protegeria de guiar seus estudantes para fora do caminho. Na prática, isso não significava que Luang Pu Man proibia monges não iluminados de darem quaisquer ensinamentos. De fato, ele encorajava seus monges a darem palestras do Dhamma aos camponeses que encontrassem em suas peregrinações *tudong*. Era o estabelecimento de um mosteiro, e a formalização do papel de professor que pareciam ser o passo mais avançado.

A ideia do monge completar os três estágios finais de sua própria prática, enquanto desempenhava o papel de professor era, contudo, sancionada pelo Buda. Ele comparou um monge assim ao líder de um rebanho de animais, que está apto a tomar conta do rebanho sem negligenciar sua própria necessidade por se alimentar. Levando esses pontos em consideração, o fato de Luang Pó ter começado a receber discípulos em 1952, e em 1954 concordar em estabelecer um mosteiro é significativo. Pareceriam ser claras indicações de que, naquela época, ele considerava a si mesmo como estando estabelecido em terra firme.

Para seguir no caminho dessas especulações, deve-se deduzir que, como sua visita à montanha Langka foi com o propósito de conseguir conselhos sobre um problema em sua meditação, isso deve ter precedido a ‘entrada na correnteza’. Sua experiência no salão de Dhamma de madeira do mosteiro deserto onde foi se abrigar*, logo depois que desceu da montanha, é uma das melhores candidatas como virada de chave para essa realização. O intervalo entre aquele dia e o período em que aceitou monges como seus discípulos pela primeira vez é de aproximadamente três anos. Isso corresponde a um comentário pessoal, atribuído a ele mais tarde, de que havia monitorado cuidadosamente sua mente por três anos, antes de estar

*Veja página 80117, ‘Eu desci da montanha Langka...’

absolutamente certo de que sua realização era genuína. Outra evidência circunstancial é fornecida por sua declaração de que, ao se praticar com verdadeira diligência, cinco anos são suficientes para alcançar a ‘entrada na correnteza’.

Um ponto geralmente aceito é que quando Luang Pó estabeleceu Wat Pah Pong, ele ainda tinha trabalho a fazer. Isso pode ajudar a explicar o rigor do treinamento que ele desenvolveu nos primeiros anos do mosteiro (e que, de certa forma, relaxou anos mais tarde). Existem algumas poucas pistas sobre quando ele alcançou o(s) estágio(s) seguinte(s)*, embora um episódio seja sugestivo. É dito que, um dia, Luang Pó perdeu a calma com um novício desatento. A ciência de que a capacidade de perder a calma ainda existia nele foi um tamanho choque para Luang Pó, que ele foi à sua cabana fazendo o voto de não sair de lá novamente, até que fosse vitorioso sobre essa impureza remanescente. Dez dias depois, ele saiu de lá.

Repetindo mais uma vez, as passagens precedentes são especulativas. Para seus discípulos, o senso de que seu professor era impecável no Vinaya e absolutamente confiável no Dhamma era muito mais importante do que estimativas de sua realização. O que eles podiam saber por si mesmos era que o comportamento de Luang Pó não mostrava qualquer evidência da presença de cobiça, raiva ou ilusão. Ao contrário, ele lhes inspirava a firme confiança de que suas ações eram invariavelmente motivadas pela sabedoria e compaixão; de que seus ensinamentos eram profundos e efetivos; e de que seu conhecimento sobre as sutilezas da mente era completamente assegurado. Eles estavam seguros de que ele era absolutamente confiável e jamais os guiaria a um caminho equivocado.

PARANORMAL

Existe uma crença entre seus discípulos de que Luang Pó possuía poderes paranormais, particularmente a habilidade de ler mentes. E esse era outro assunto sobre o qual ele mantinha silêncio. O que se pode afirmar com algum grau de certeza é que mesmo que Luang Pó não tivesse tais poderes, a crença de que ele os tinha definitivamente influenciou as percepções de seus discípulos a seu respeito e afetou a prática deles. Para muitos dos

*Mais de um estágio pode ser ultrapassado em um único período de meditação.

monges e monjas, isso lhes deu uma motivação adicional para abrir mão de pensamentos não saudáveis. A ideia de que seu professor pudesse saber em que tipo de coisas suas mentes se deleitavam quando eram varridas por estado de desatenção era algo mortificante. Isso forneceu um forte suporte para que as virtudes ainda instáveis de ‘sábria vergonha’ e do ‘sábio medo das consequências’ pudessem amadurecer.

Mas Luang Pó podia de fato ler mentes? Para um budista, essa não é uma noção exagerada. Uma breve pesquisa através das escrituras budistas confirmará que o Buda reconhecia a existência de várias habilidades paranormais, e também revelará o quão incontroverso era esse reconhecimento entre seus contemporâneos. Não seria de se surpreender: a possibilidade de que peritos meditadores pudessem desenvolver tais habilidades nunca foi seriamente contestada em culturas nas quais a meditação fosse amplamente praticada. O Buda debateu com filósofos muito persuasivos, incluindo materialistas radicais, e ainda assim nunca foi desafiado sobre seu reconhecimento quanto à existência de poderes psíquicos. Pode-se presumir que, se fizessem isso, seus opositores perderiam sua própria credibilidade.

O próprio Buda possuía a gama completa de poderes paranormais, mas os revelou poucas vezes. Nota-se, particularmente, sua recusa em utilizá-los como forma de conseguir conversões aos seus ensinamentos. Nos Suttas, a maioria das raras ocasiões nas quais ele demonstrou seus poderes ocorreu ao ensinar discípulos com faculdades espirituais suficientes para a libertação, mas ainda presos por estados mentais fortemente obstrutivos. Nesses casos, o Buda revela maravilhosas habilidades como uma estratégia de ensino, aplicando um choque na pessoa com a intenção de desequilibrá-la e abri-la para o Dhamma. Exemplos podem ser encontrados nos encontros do Buda com seu pai e com o assassino Angulimāla*.

O Buda estava bem ciente da fama e das tentações mundanas que perseguiriam os monges que revelassem seus poderes psíquicos aos leigos. Quando o Venerável Piṇḍola levitou ao topo de um poste em uma demonstração pública e trouxe de lá uma tigela feita de madeira de sândalo que

*Ja 547; MN 89

estava equilibrada no topo, o Buda o repreendeu veementemente por se comportar de maneira inábil e imprópria:

Assim como uma mulher exhibe suas partes íntimas a troco de uma miserável pequena moeda, da mesma forma, você dá uma exibição de milagres paranormais para os leigos a troco de uma miserável tigela de madeira.

Cv 5.26

O Buda anunciou que uma ofensa por mau comportamento seria cometida por qualquer monge que agisse daquela forma no futuro.

Possuir poderes psíquicos, como a habilidade de voar pelo céu ou caminhar sobre as águas, era reconhecido pelo Buda como sendo uma considerável realização - uma das três coisas maravilhosas (*pāṭihāriya*)* - mas também como sendo uma distração potencialmente séria na prática que leva à libertação. Mais importante, o Buda deixou claro que tais poderes não são indicadores de libertação. Sempre houve meditadores não libertos com poderes paranormais e meditadores libertos sem poderes paranormais.

Mesmo que a desconexão entre poderes paranormais e libertação já houvesse sido primeiramente demonstrada por seu primo malvado, mas psiquicamente habilidoso, Devadatta, a lição nunca foi realmente aprendida. É comumente assumido nas culturas budistas do sudeste asiático que libertação automaticamente confere poderes paranormais (e que aqueles que possuam esses poderes devam, certamente, ser libertos). Era então quase inevitável a crença de que Luang Pó fosse abençoado com habilidades especiais.

É irrefutável que professores espirituais se tornam objeto de um grande número de projeções e da criação de mitos. Isso foi certamente verdadeiro para com Luang Pó. Várias das maravilhosas histórias contadas sobre ele devem ser tomadas com ao menos ‘uma pitada de sal’. Ainda assim, seria imprudente tanto rejeitar todas as histórias, logo de cara, quanto aceitar todas elas por fé.

*‘pāṭihāriya’ – uma maravilha ou milagre. O Buda falou de três tipos de milagres: 1) o milagre dos poderes psíquicos, 2) o milagre de ler mentes, e 3) o milagre de ensinar ou instruir.

É verdade que a maioria dos relatos de pessoas que acreditavam que Luang Pó tinha lido suas mentes é inconclusiva. Em vários casos, um cético poderia provavelmente atribuí-los a simplórios crentes vendo referências específicas em declarações abrangentes ou ambíguas. Mas também há ocasiões onde uma interpretação cética só poderia se sustentar esticando a fronteira da credibilidade até seu limite. E há ocasiões onde todas as explicações de senso comum são claramente inadequadas. Aqueles que reportaram esses incidentes geralmente são monges. Apenas um exemplo será suficiente:

Um dia quando um jovem monge voltava da mendicância matinal em Bahn Peung, um vilarejo a uns dois quilômetros ao sul de Wat Pah Pong, ele lembrou-se de que pensava consigo mesmo, ‘Estou com muita fome. Vou comer uma grande refeição hoje. Vou precisar comer uma bola de arroz grudento do tamanho da minha cabeça antes de estar satisfeito.’ Quando ele entrou no mosteiro, ele encontrou Luang Pó, que sorrindo, disse:

Tão esfomeado que vai fazer uma bola de arroz grudento do tamanho de sua cabeça, não é?

O rosto do monge avermelhou profundamente. Naquele dia, disse ele, acabou comendo muito menos do que o normal, ao invés de muito mais.

Com o passar dos anos, Dr. Utai, um discípulo leigo próximo e médico pessoal de Luang Pó, observou vários casos em que parecia óbvio para ele que Luang Pó sabia o que se passava na mente das pessoas. Um dia ele não conseguiu resistir e perguntou-lhe sobre isso. Tudo o que Luang Pó respondeu foi:

Tem a ver com samādhi. Não é particularmente profundo, mas também não é algo para se falar de forma leviana.

Fascinação, por qualquer que seja o objeto, e por sua própria natureza, impede a prática do Dhamma - e há poucas coisas tão fascinantes quanto poderes psíquicos. Luang Pó não via vantagem nenhuma em alimentar a fome das pessoas por esse tipo de assunto. Fosse em seus discursos formais ou em conversas, ele raramente mencionava poderes psíquicos. Se as pessoas lhe fizessem perguntas sobre eles, ele geralmente cortaria o assunto rapidamente. Uma vez alguém lhe perguntou:

Leigo: Luang Pó, as pessoas dizem que o senhor é iluminado. Isso significa que o senhor pode voar pelo céu?

Luang Pó: O que uma coisa tem a ver com a outra? Besouros ‘rola-bosta’ podem voar.

Luang Pó redirecionava as conversas sobre poderes milagrosos para as Quatro Nobres Verdades: sofrimento, sua causa, sua cessação e o caminho para a cessação. Quando um professor escolar lhe perguntou sobre a autenticidade das passagens que tinha lido nas escrituras budistas em que se creditava a seres iluminados poderes milagrosos, Luang Pó apontou para a floresta ao redor deles e respondeu:

Você está perguntando sobre coisas muito distantes. Por que não falamos sobre o toco de árvore onde você bate com o dedão, bem aqui?

Dos três milagres (*pāṭihāriya*), o Buda declarou o terceiro, o milagre da instrução, como sendo ‘mais sublime e nobre’ do que poderes psíquicos e do que a habilidade de ler mentes. A habilidade de guiar a iludida mente humana para a verdade era a maior das três maravilhas. Até hoje, quando discípulos seniores de Luang Pó são questionados sobre os poderes paranormais dele, eles preferem falar do quanto ele possuía o maravilhoso poder da instrução.

Mas relatos de estranhos acontecimentos sempre sobreviverão, simplesmente por serem muito agradáveis. Um deles, contado por uma veterana *mé chi*, relembra a ocasião em que uma enorme cobra rei* apareceu em Wat Pah Pong. Vendo que sua cauda terminava em um toco, Luang Pó lhe deu o nome de “Toquinho”. Quando ele saía em mendicância matinal em Bahn Peung diariamente, Toquinho rastejaria junto, atrás dele. Um dia, um camponês saindo para a lavoura notou que as pegadas de Luang Pó tinham sido encobertas pelo rastro de uma grande cobra. Vendo aquilo, ele correu de volta para o vilarejo gritando, ‘O Ajahn trouxe uma cobra com

* Uma classe de divindades chamadas ‘nāgas’ é encontrada em várias escrituras budistas. Elas aparecem no mundo como cobras exageradamente grandes, particularmente ‘cobras rei’ (ou ‘king-cobra’, uma espécie endêmica das florestas do sudeste asiático). Depois de sua iluminação, é dito que o Buda foi protegido dos elementos pela grande nāga Mucalinda.

ele para a mendicância!’ Os assustados camponeses seguiram os rastros que acompanhavam o caminho de Luang Pó de volta até o mosteiro. Na manhã seguinte eles reclamaram com ele, nervosos:

Camponeses: Ajahn, por que você leva uma cobra com o senhor na mendicância matinal? Nós não colocaremos mais comida em sua tigela. Estamos com medo.

Luang Pó: Eu não tenho nada a ver com isso. Não levei nenhuma cobra.

Camponeses: Como assim? Nós vimos os rastros. Eles cobriram completamente as suas pegadas.

Depois que Luang Pó insistiu que ele simplesmente ia em mendicância matinal como de costume, o grupo de camponeses foi investigar. Eles descobriram que a cobra o seguia desde a floresta, entrava em uma ‘casa de espíritos’* na entrada do vilarejo, esperava Luang Pó voltar e então o seguia de volta ao mosteiro.

Luang Pó não viu a cobra propriamente dita, mas viu as marcas que ela deixou. Na manhã seguinte, quando saiu para a mendicância matinal, parou no limite da floresta e disse em voz alta:

Toquinho, não me siga na mendicância matinal. Os camponeses estão com medo de você. Vá e encontre um lugar para viver no meio da floresta. Não deixe as pessoas te verem de novo. No futuro, vai haver muitas pessoas vindo para o mosteiro, e todas ficarão amedrontadas.

Depois daquilo, a grande cobra-rei nunca mais foi vista.

*NOTA DA VERSÃO EM PORTUGUÊS: ‘Casa de espíritos’ é algo bastante comum de ser encontrado nos quintais de casas no interior da Tailândia. Trata-se de uma casinha de madeira colocada sobre um pedestal, onde os moradores depositam um pouco de comida, água ou outros itens para que espíritos se alimentem sem precisar entrar na residência das pessoas. Algumas tem até uma escadinha, talvez para espíritos que estejam impossibilitados de voar ou para gnomos, duendes, quem sabe...

III. ESBOÇOS

INSPIRADOR

Algumas das qualidades que vinham a definir Luang Pó aos olhos de seus discípulos eram virtudes universalmente consideradas como tal. Talvez a mais proeminente delas fosse a da paciência. Ainda que algumas realizações sejam necessariamente privadas, a extensão da capacidade de um monge de floresta de perseverar, mesmo passando pelos desconfortos físicos e os rigores da vida monástica, não tem como ser algo privado. Como líder de uma comunidade monástica, a paciência de Luang Pó era visível a todos. Ele conquistou uma devoção especial dos monges de Wat Pah Pong ao liderá-los diretamente da frente de batalha e nunca pedir para que eles fizessem algo que ele próprio não faria. Também era reconhecido por sua tolerância quando lidava com os problemas inerentes à administrar um grande mosteiro: escutando e dando conselhos nas dificuldades de monges, noviços, *méchis* e praticantes leigos. Quando Luang Pó falava sobre paciência - e ele frequentemente falava dela - suas palavras carregavam bastante peso.

Luang Pó também era visto como modelo para a expressão apropriada da gratidão, talvez a virtude mais central da cultura tailandesa. Na Tailândia, o senso de gratidão é tido como sendo uma marca chave e característica da bondade.* Acusações de ‘ingratidão’ são tomadas como algo sério, que fere as pessoas, sendo até devastadoras. Na verdade, ‘gratidão’ é uma tradução talvez imprecisa do termo em tailandês *‘kataññū-katavedi’* (um termo retirado diretamente do Pali) e esse consiste de duas virtudes correlacionadas: *‘kataññū’* é o reconhecimento da bondade recebida, e *‘katavedi’* é a determinação em expressar esse reconhecimento apropriadamente. Esforços em pagar ‘a dívida de gratidão’ tem uma ênfase especial na Tailândia, especialmente no caso de benfeitores chave, como os pais e os professores.

*NOTA DA VERSÃO EM PORTUGUÊS - com o intuito de não mudar as palavras do autor do texto, que formaram uma frase talvez complexa em português, se esclarece que ‘na cultura tailandesa, o senso de gratidão é o que confere à uma pessoa a qualidade de ser bondosa’.

Luang Pó honrou seus pais da maneira apropriada tornando-se um monge. Quando era um jovem monge, postergou seus estudos com o intuito de cuidar de seu pai no leito de morte. Durante seus anos de peregrinação, regularmente visitou a sua mãe e dava-lhe ensinamentos do Dhamma. Quando estabeleceu Wat Pah Pong, providenciou para que ela viesse viver no mosteiro e tornar-se uma monja sob sua orientação e proteção.

Ainda que Luang Pó nunca tenha praticado sob orientação de um professor por um longo período de tempo, o senso de gratidão que tinha por aqueles que o ajudaram no caminho era concreto. Ele sempre falou sobre Luang Pu Man, seu pai espiritual, com a mais alta reverência; tê-lo encontrado foi uma experiência fundamental em sua vida. Também falava frequentemente com grande afeição e respeito sobre Luang Pu Tongrat e Luang Pu Kinari, os dois outros monges que mais o influenciaram. Luang Pu Man faleceu em 1949, um ano depois de Luang Pó visitá-lo em Nong Peu, enquanto Luang Pu Tongrat morreu pouco depois do retorno de Luang Pó a Ubon em 1956. A Luang Pó foi, portanto, negada a oportunidade de expressar sua gratidão a eles. Mas Luang Pu Kinari viveu até 1980 e por muitos anos antes disso, Luang Pó enviava um turno regular de monges de Wat Pah Pong para atuarem como atendentes e enfermeiros do velho monge, que recusava qualquer contato com médicos. Quando Luang Pu Kinari morreu, Luang Pó e seus discípulos organizaram o funeral e conduziram todos os rituais fúnebres. Luang Pó era muito querido pelos apoiadores leigos de Wat Pah Pong por demonstrar um profundo apreço pelo suporte recebido, nunca tendo aquilo como sendo uma obrigação deles. Em ocasiões importantes nas vidas dos apoiadores de longa data, Luang Pó aceitava convites para receber refeições em suas casas; quando estavam doentes, visitava-os e lhes dava encorajamento; e no final de suas vidas, liderava a Sangha na realização dos ritos fúnebres. Ele disse uma vez à Sangha:

Quando soube um pouco sobre mim mesmo, pensei nos leigos. Vi a dívida que tinha para com eles em todos os lugares, até mesmo para com pessoas que colocaram apenas um punhado de arroz na minha tigela. Eu não era desatento. Não esqueci. Pensei na bondade de cada uma dessas pessoas.

Ele constantemente lembrava seus discípulos de recordarem o quanto suas vidas dependiam da generosidade dos apoiadores leigos:

Dar comida, abrigo, e remédios em época de doença, isso não é pouca coisa. Eles estão dando suporte à nossa jornada rumo a Nibbāna. Se não tivéssemos comida, não conseguiríamos fazer isso, não conseguiríamos meditar.

PAIXÃO

O Buda diferenciou dois tipos de desejo: aquele que é enraizado na ignorância sobre como as coisas são (*tanhā*, ou sede, ânsia), e aquele que é enraizado no entendimento sobre como as coisas são. O primeiro é para ser abandonado; o segundo é para ser cultivado. O segundo e ‘desejável’ tipo de desejo é explicado como ‘a vontade que leva à bondade’ (*kusalachanda*) ou ‘a vontade que leva à verdade’ (*dhammachanda*). Isso se manifesta como uma paixão pela prática do Dhamma.

A Luang Pó nunca faltava paixão. Ele uma vez revelou que, dos problemas que havia experienciado na vida monástica, o único que lhe causou sérias dificuldades foi o desejo sexual, que o manteve confundido quando ele tinha seus vinte anos de idade. Afortunadamente, sua paixão nunca foi direcionada apenas para o mundo sensorial. A mesma energia o impulsionou ao mosteiro quando ainda era muito jovem e se manifestou em sua devoção ao Dhamma e ao Vinaya. Quando o desejo sexual foi abatido, a saudável paixão floresceu. A força do seu comprometimento com o Vinaya foi bem expressa ao admitir a seus discípulos que, ‘Prefiro morrer à transgredir o Vinaya. Eu me arrependeria menos de perder minha vida do que de perder a virtude.’; e o seu entusiasmo pelo Dhamma brilhou de fato quando comparou a alegria de encarar as impurezas com o prazer de comer uma comida extremamente apimentada.

Sua prática era caracterizada pela ousadia e coragem. A paixão pela verdade lhe deu o que em outros meio de vida teria sido chamado de uma excelente ética de trabalho. Ele permanecia destemido em face aos obstáculos e declarava que, ‘Nibbāna fica às margens da morte.’ Seu prazer pela prática era tal que seus discípulos, lutando para manterem-se ali, diziam que para ele era como se não houvesse dia ou noite. Ele disse uma

vez ao então recém ordenado Ajahn Chon que, ‘Se você realmente soubesse como se prostrar diante do Buda, você teria lágrimas em seus olhos.’

Mas a paixão que veio à tona no auge de sua vida era por transmitir seu entendimento do Dhamma para os demais. Treinar monges era sua prioridade. Eles eram aqueles que estavam fazendo os maiores sacrifícios pelo Dhamma, aqueles que estavam dando suas vidas pelos ensinamentos. (Em uma das metáforas do Buda, eles eram comparados ao solo mais fértil e melhor drenado de um fazendeiro). Ele deu tudo por essa tarefa, criando um sistema que não era extremamente dependente dele e que poderia sobreviver à sua eventual morte. O sucesso de seus esforços deve ser estimado pelo constante crescimento dos mosteiros afiliados. Quando ele parou de ensinar, havia aproximadamente sessenta, e trinta anos depois eles eram mais de trezentos.

A paixão de Luang Pó pelo Dhamma tornava-se clara e aparente em qualquer oportunidade que ele comesse a ensinar. Mesmo em tempos de sérias doenças, ensinar o Dhamma o trazia à vida. Enquanto ele falava, ficava cada vez mais animado, sua voz mais forte, sua presença mais dominante. Parecia que, ao dar voz ao Dhamma, acessava a uma profunda fonte de energia. Entre essas explosões de vitalidade, era como se ele retornasse à concha de seu corpo adoentado. Era claro que, para Luang Pó, o Dhamma era de fato a sua vida.

CONTENTAMENTO

Uma das principais virtudes monásticas enaltecida pelo Buda é o cultivo do contentamento com relação a quaisquer mantos, comida, abrigo ou medicamentos que lhes sejam oferecidos com fé. Religiosos devem ser o menor fardo possível aos apoiadores leigos, e eles devem demonstrar um modelo de vida que prove que a felicidade não tem que depender do deleite nos prazeres dos sentidos. Essa era uma virtude muito enfatizada em Wat Pah Pong, e Luang Pó liderava a forma de como praticá-la. Ele era admirado por sua frugalidade e pelo cuidado que tinha para com as oferendas feitas à ele. Ele recebia quaisquer mantos que fossem costurados para ele sem fazer qualquer comentário. Nunca foi conhecido por expressar desejos por nenhum tipo de comida específica. Não demonstrava qualquer interesse

em coisas bonitas. Conforme sua reputação cresceu, ricos apoiadores leigos competiam para lhe oferecer finos requisitos, mas ele nunca mudou.

Em certa ocasião, um grupo de monges, seguindo a atitude de outros mosteiros bastante conhecidos, levou adiante a ideia de registrar Wat Pah Pong como uma fundação de caridade. Luang Pó estava ficando velho, e o status de fundação de caridade poderia garantir a estabilidade financeira do mosteiro depois de sua morte. Luang Pó lhes deu sua opinião:

É uma boa ideia, mas não penso que seja correta. Com uma fundação de caridade, vocês não mais estariam dependendo de sua pura e própria prática. Se todos vocês praticarem bem e corretamente, nada lhes faltará. O Buda nunca estabeleceu algo assim. Ele apenas raspou sua cabeça e viveu como nós vivemos, e esteve bem o suficiente. Ele estabeleceu o caminho, e tudo o que temos que fazer é seguir por ele. Isso irá, sem dúvida, ser o suficiente para que vocês se mantenham. A tigela e o manto - esses são a fundação de caridade que o Buda estabeleceu para nós. Com eles, vocês sempre receberão mais do que precisam.

Luang Pó assegurou que manter um padrão de simplicidade e limpeza no mundo material levam a uma mente limpa e sem bagunça. Uma máxima popular em Wat Pah Pong dizia, 'Se você tem pouco, use pouco. Se você tem muito, use pouco.'

Assim como aumentou o número de visitantes do mosteiro, aumentou a quantidade de doações. Ninguém teria feito mal juízo de Luang Pó se ele tivesse tirado vantagem desse aumento nos fundos financeiros para permitir um incremento no nível de conforto de sua moradia. Mas manteve o mesmo estilo de vida frugal de quando ele inicialmente estabeleceu o mosteiro. É verdade que a cabana construída para ele no final da década de 1960 era maior do que a dos outros monges. Mas o aumento do tamanho foi simplesmente uma forma de ter uma maior área coberta abaixo dela onde ele poderia receber os visitantes. O tamanho do quarto acima, no qual ele dormia, era menor do que três metros por três. Quase completamente vazio, tinha uma cama baixa de madeira com um colchão de dois centímetros de espessura e apenas os itens mais necessários para

uso diário, como uma pequena jarra d'água e uma cuspeira. O banheiro era em uma pequena casinha externa no limite da floresta.

Luang Pó distribuía pessoalmente aos seus discípulos quaisquer presentes oferecidos a ele ou enviava-os para mosteiros afiliados mais pobres. Todo o dinheiro e requisitos que lhe ofereciam iam diretamente para o Fundo Central da Sangha. Não tinha fundos pessoais ou uma conta bancária. Ele disse:

Nós temos o suficiente para comer e um lugar para morar. Qual a razão para acumular coisas? Nós apenas comemos uma vez ao dia.

Em diversas ocasiões, praticantes leigos reclamavam com Luang Pó que, depois de terem feito um convite (*pavāraṇā*) para que fossem informados sobre qualquer item pessoal que precisasse, ele nunca fazia uso daquela oferta. Ele disse aos monges:

Quanto mais convites os praticantes leigos fazem, mais cauteloso eu sou.

Ajahn Anek falou em nome de muitos dos monges quando ele expressou o sentimento de orgulho que surgiu quando ele observou o quanto Luang Pó era livre de cobiça:

“A coisa que me fez sentir mais orgulhoso e satisfeito por ser um discípulo de Luang Pó, e o que mais me inspirou, era sua própria prática. Ele nunca foi de acumular oferendas, não importava o valor delas. Ele disse uma vez que, como monges, no momento em que começamos a acumular coisas, então esse era o começo do fim.

“Um ano, para acumular méritos em seu aniversário, Khun Ying Tun, [uma das mais ricas apoiadoras leigas de Luang Pó] lhe ofereceu 90.000 baht.*

“Ela insistiu que o dinheiro deveria ser utilizado para suas necessidades pessoais e não no mosteiro. Depois que ela foi embora, Luang Pó disse que se houvesse qualquer gasto que o envolvesse pessoalmente, deveríamos usar aquele dinheiro e não deixar sobrar nada. Então usamos o dinheiro para publicar uma bela edição de capa dura dos seus ensinamentos para distribuição gratuita.”

* Algo equivalente a 15.000 dólares americanos em 2017.

Sempre houve uma certa tensão entre os monges de floresta de Issán e os monges com títulos de administradores nas vilas e cidades. Embora os monges de floresta fossem críticos da visível mundanidade dos monges de cidade, os monges de cidade, por sua parte, se mostravam desdenhosos do que eles viam como sendo um rígido apego dos monges de floresta por práticas fora de época, incluindo a prática ascética de comer usando suas tigelas ao invés de comer usando pratos em mesas. Em uma ocasião, Luang Pó foi incluído em um grupo de monges convidados à uma refeição oferecida no Palácio Real em Bangkok. Ele chegou ao mesmo tempo que um certo monge sênior, que olhou com desdém para a tigela de Luang Pó.

“Chah, você não fica envergonhado de comer usando sua tigela na frente do Rei?”

Luang Pó respondeu:

Você não fica envergonhado de não comer usando sua tigela na frente do Buda?

EQUANIMIDADE

Por muitos anos, Luang Pó foi alvo de críticas e difamação por um pequeno número de monges enciumados em Ubon. No auge da Guerra do Vietnã, ele foi denunciado como sendo comunista. Um ano, houve até rumores de que um monge sênior foi tão longe a ponto de contratar um assassino (na Tailândia daquela época, não era uma afirmação tão folclórica). Embora Luang Pó não tenha morrido, o monge supostamente por trás da trama morreu - de raiva *. O tempo passou e a resoluta recusa de Luang Pó por colocar combustível na chama do conflito permitiu que a situação se acalmasse. Tendo lidado com equanimidade aos abusos injustificados, Luang Pó agora encarava um novo desafio: fama e popularidade.

O Buda era claro quanto aos perigos que geralmente cercam um monge que se torne famoso:

Uma coisa fatal são os ganhos, favores e fama, um amargo e duro impedimento à realização da liberdade sem igual das correntes. (ex. SN 17.1)

*NOTA DA VERSÃO EM PORTUGUÊS: Raiva, nesse caso, a doença transmitida através da saliva de um animal infectado pelo vírus específico.

A tentação que eles proporcionam para o orgulho e a arrogância é forte.

É assim como um besouro, alimentando-se de esterco, empanurrado de esterco, parado em frente a uma montanha de esterco, que despreza outros besouros dizendo, ‘Eu sou um comedor de esterco, cheio de esterco, empanurrado de esterco e tenho à minha frente essa grande montanha de esterco.’

SN 17.5

No mundo conectado de hoje, dos telefones celulares, é inevitável que um monge realizado que seja residente em um mosteiro por qualquer período de tempo, mais cedo ou mais tarde, atraia a atenção da comunidade leiga. Isso já era uma realidade na década de 1970. Durante a Guerra do Vietnã, um ambicioso programa de construção de estradas foi empreendido em Issán, primeiramente por razões militares e de segurança nacional. Um resultado foi que se tornou muito mais fácil visitar mosteiros de floresta. Em uma época de crescente secularização e um senso amplamente divulgado de que o padrão da ordem monástica nunca tinha sido tão baixo, as pessoas começaram a buscar nas regiões mais longínquas por monges verdadeiramente dignos de seu respeito. O nome de Luang Pó começou a ser incluído na lista de monges inspiradores a quem valia a pena visitar.

Uma curta biografia escrita sobre Luang Pó em 1968 por seu discípulo Ajahn Maha Amón foi outro marco. Comerciantes locais da cidade, funcionários públicos e oficiais do exército e da aeronáutica alocados em Ubon começaram a chegar em grandes quantidades. Logo, Luang Pó seria conhecido pelos budistas leigos de Bangkok. Grandes quantidades de ‘acumuladores de méritos’ começaram a chegar. Essa nova condição de interesse público se tornou ainda maior no mosteiro quando dois membros do Conselho Privativo do Rei o visitaram para fazer perguntas relativas à prática do Dhamma. Algum tempo depois, Luang Pó foi convidado para receber oferendas no Palácio Real.

As publicações em formato de livro das transcrições de palestras do Dhamma de Luang Pó, tanto os originais em tailandês quanto traduções para o inglês, foram iniciadas por seus discípulos ocidentais no final da década de 1970. Seguindo a diretiva de Luang Pó de que o Dhamma jamais deveria ser comprado ou vendido, as publicações foram disponibilizadas

para distribuição gratuita. Esses livros, seguidos pelo primeiro conjunto de fitas cassete, espalhou o nome de Luang Pó por toda a Tailândia e as traduções em inglês lhe deram audiência internacional. Depois de algum tempo, seus ensinamentos estavam sendo traduzidos para o alemão, francês, espanhol, chinês e outros idiomas.

Luang Pó parecia tão inabalado por essa recém adquirida fama e status quanto foi pelos abusos e difamações. No dia cinco de Dezembro de 1973, ele recebeu do Rei Bhumibol Adulyadej a honraria monástica de *Chao Khun*, com o título de 'Prá Bodhinyana Thera'. No seu retorno de Bangkok, uma imensa multidão o estava esperando para saudá-lo na estação de trem de Ubon. Uma longa procissão de carros e caminhões escoltou-o de volta ao mosteiro onde centenas de outras pessoas o aguardavam. Assim que chegou lá, uma grande cerimônia de acúmulo de méritos aconteceu para celebrar a honraria conferida pelo Rei ao professor deles. No meio de tudo aquilo, Luang Pó permaneceu como sendo o centro tranquilo e inabalável no coração de toda aquela excitação e alegria. Quando os leigos formalmente o convidaram a dar uma palestra de Dhamma, ele falou de seus sentimentos ao receber o título. Ele disse que o título de *Chao Khun* era uma convenção mundana. Ele era o mesmo Luang Pó que havia sido poucos dias antes. Dhammas mundanos de ganho e perda, fama e obscuridade, prazer e dor, elogio e crítica, são todos instáveis e sujeitos à mudança. Conhecendo a natureza dos dhammas mundanos, a mente não é movida por eles.

A ponte sobre o rio Moon sempre se mantém a mesma. Ela não arqueia pra cima se as águas sobem. Ela não enverga pra baixo se as águas descem.

PERSONALIDADE

Parece óbvio que qualquer discussão sobre a vida de uma pessoa deva, mais cedo ou mais tarde, focar em sua personalidade. Há uma tendência em assumir que é na personalidade da pessoa que podemos encontrar a sua essência. Mas esse aparente 'lugar comum' requer certas qualificações no caso de seres libertos, ou seres praticando rumo à libertação. Nesses casos, a personalidade é fluida. Traços de personalidade baseados em impurezas, como cobiça ou raiva, encolhem e desaparecem; já os traços

livres de impurezas, como a bondade e a compaixão, se desenvolvem e amadurecem.

No caso de seres libertos, esses traços de caráter, excentricidades e elementos da personalidade que não são baseados em impurezas, sobrevivem à iluminação. Aspirantes inarticulados tornam-se arahants inarticulados, aspirantes severos tornam-se arahants severos, aspirantes carismáticos tornam-se arahants carismáticos. Não existe um molde fixo. E assim como pessoas brilhantes e radiantes podem ocasionalmente provarem ser iludidas ou mentalmente desequilibradas, da mesma forma as figuras menos atraentes aos olhos podem ser, de fato, totalmente libertas. Luang Pó uma vez comparou seres iluminados com pássaros de diferentes espécies, diferindo em tamanho, envergadura, cor, som e outras características, mas todos reconhecidos como sendo da família dos pássaros.

A segunda qualificação que deve ser feita ao falar da personalidade de um ser iluminado é que eles não tem a mesma relação com suas personalidades que uma pessoa comum: libertação no sentido budista significa liberdade de toda identificação com personalidade ou história pessoal.

Como quer que seja, seres não iluminados, identificados com seu próprio corpo e mente, não podem evitar de perceber um ser iluminado da mesma maneira como eles percebem a si mesmos: como agentes personificados. E é por causa disso que a personalidade de grandes seres é significativa. Para muitos estudantes, ao invés de uma simples aprovação intelectual dos ensinamentos, a atitude perante à personalidade do professor é o que pode resultar no fator decisivo entre tomar ou não o treinamento budista seriamente ou, tendo iniciado o treinamento, continuar com ele.

Luang Pó era um dos mais carismáticos tipo de pássaros. Um de seus irmãos disse dele, 'Eu não diria exatamente que ele era um homem bonito; mas quando você estava em sua presença, você não conseguia tirar os olhos dele.' Outros membros da família tinham esse mesmo magnetismo, ainda que em menor grau. Por vários anos, uma das características regulares dos dias de observância em Wat Pah Pong seria o irmão mais velho de Luang Pó, Pó Lá, sentado na cozinha, rodeado de um pequeno grupo de pessoas, falando de algum assunto, lembrando um conto ou contando uma história. Seu estilo era inconfundível.

Monges ocidentais comentavam sobre o quanto Luang Pó parecia ser tão completamente quem ele era. Em outras palavras, eles podiam discernir que não havia nada falso em seu jeito de ser, nenhuma pista de insegurança ou presunção. Sendo o centro das atenções, ele mostrava tanta autoconsciência quanto um leão em uma planície cercado de jipes de safári. Permanecia o mesmo, quaisquer que fossem as condições à sua volta. Um monge disse que ele era como uma montanha, que não era afetada pela chuva, pela neve ou pelo brilho que iam e vinham à sua volta. E mesmo assim, havia um paradoxo: embora ele impressionasse aqueles à sua volta como sendo uma figura de absoluta autenticidade, ele poderia, ao mesmo tempo, trocar de ‘personas’ como quem troca de roupa. Mas quanto mais imprevisível ele pudesse ser com relação ao que dizia, ou como se expressava em qualquer momento, mais imutável ele parecia.

Ocasionalmente, como observou Ajahn Sumedho, era como se Luang Pó sáísse completamente de sua personalidade:

“Às vezes eu olhava para ele e não havia ninguém ali ... o olhar que ele tinha de total vazio era muito comovente porque você percebia que a personalidade era apenas algo que ele usava como uma ferramenta de compaixão.”

Sentado sob sua cabana recebendo visitantes, Luang Pó fluiria entre modos bastante diferentes, conforme a situação demandasse. Em um mesmo dia, ele poderia ter acabado de conversar no dialeto Lao para consolar um pai que perdeu seu filho, e então mudaria para o idioma tailandês para explicar algum ponto da doutrina a acadêmicos de Bangkok e então sair de lá para repreender a um monge por um trabalho mal feito de reparo em uma das cabanas. E isso acontecia durante todo o dia. Não era a atitude ‘multitarefa’ que é familiar aos executivos de negócios. Ele estava completamente presente em cada momento, não dando nenhum sinal de stress mental ao mudar de uma atitude para outra e nenhum excesso emocional. Quando estava contando uma história favorita, ele ria discretamente quando chegasse na parte engraçada da história como se a estivesse contando pela primeira vez. Nessas oportunidades, não havia qualquer traço da vaidade ou grandiloquência do “grande homem” com uma cativa plateia, ou o menor reconhecimento de que muitos de sua plateia já conheciam bem a história. Era muito mais um forte ensinamento

sobre ‘estar no momento’ do que qualquer instrução teórica pudesse transmitir. Ajahn Chon era um dos monges que se maravilhavam com essas sessões:

“Uma noite, Luang Pó estava em seu assento de vime sob sua cabana conversando com um pequeno grupo de monges sobre os velhos tempos, e eu estava em minha posição favorita, massageando os seus pés. Seu jeito era tão caloroso e inspirador que eu me sentia completamente contente. Eu poderia ter ficado sentado ali a noite inteira sem reclamar. Então a luz de uma lanterna se moveu na floresta em nossa direção. Era o Venerável Dto. Ele era um monge bastante sênior que havia transgredido uma séria regra do Vinaya (*Saṅghādisesa*) e estava sob *mānatta*, as práticas prescritas de purificação. O Venerável Dto trazia alguns mantos recém lavados de Luang Pó para guardá-los na cabana. Sem qualquer esforço corporal, Luang Pó de repente gritou com ele da forma mais áspera possível. O contraste com a atmosfera em nosso pequeno grupo fez com que eu ficasse completamente arrepiado. Naquele momento, Luang Pó foi completamente feroz. O Venerável Dto fez rapidamente o que tinha que fazer, se prostrou e partiu. Então Luang Pó continuou a conversa como se nada tivesse acontecido.

“Ele não fez nenhum comentário sobre o Venerável Dto e não fez qualquer referência ao que tinha acabado de acontecer. Era como se nunca tivesse acontecido. Eu, de repente, me senti muito despreocupado. A intimidade que eu sentia ao segurar o seu pé em minha mão e a alegria da conversa me fizeram esquecer que ali estava alguém que habitava em algum lugar muito distante do meu escopo de compreensão. Senti uma forte compulsão em estar plenamente atento e alerta. Percebi que não podia tomar nada por garantido.”

Outro monge falou de Luang Pó como sendo um espelho no qual você sempre via a si mesmo. A habilidade dele de refletir a atenção de uma pessoa de volta às suas próprias impurezas não era por causa do que ele supunha em um tom emocional; ao contrário, aquilo era a consistente ausência de um ‘eu’ em qualquer dos modos em que ele se expressasse. E assim, seus discípulos o amavam. E tinham medo dele de uma forma visceral e inexplicável.

Um dos traços de personalidade que marcou Luang Pó quando criança e permaneceu por toda sua vida foi o seu senso de humor. Era uma qualidade que sempre atraía as pessoas e as fazia desfrutar de sua companhia. Quando era um noviço adolescente, Luang Pó era conhecido entre seus amigos pelo tanto de coisas que ele achava engraçadas e pelo quão facilmente caía na gargalhada. Conforme ficou mais velho, Luang Pó restringiu sua tendência de perder a compostura ao notar algo que fosse incongruente, ridículo, ou arrogante - mas a graça que ele sentia por aquelas coisas pareceu nunca ter se apagado. Ele se tornou habilidoso em permitir que seu senso de humor desse forma a ensinamentos que, se dados de forma mais severa, teriam sido menos facilmente recebidos. Ele apontava a arrogância, a superstição e a tolice das pessoas de maneira que atravessavam as suas barreiras habituais, deixando-as desarmadas e mais sábias. Como professor, ele teria concordado com o ditado de que a comédia é a forma bem humorada de dizer coisas sérias.

O rico senso de humor de Luang Pó não significava que ele era um piadista: isso teria sido considerado inapropriado para um *samaña*. Ele não se portava como um animador de auditório, ou tampouco tentava fazer as pessoas rirem apenas por rir. Ele nunca falou de forma a brincar com a etnia, a religião ou a sexualidade das pessoas ou fomentou o preconceito das pessoas de nenhuma forma. Ele permitia ao seu senso de humor revelar a si mesmo apenas dentro dos limites fornecidos pelo Vinaya. Esses limites são rigorosos. É proibido, por exemplo, fazer piadas sobre o Buda, o Dhamma e a Sangha. A lógica por trás disso é que, ao não banalizar os refúgios, as elevadas emoções inspiradas por eles são mantidas protegidas. Mentir para fazer graça está incluído nos preceitos que regem a fala incorreta e nisso também se incluem a maioria das brincadeiras, e a proibição contra ‘incitar a ansiedade’ previne ações dessa natureza. Existe uma longa lista de tipos de conversa que monges devem evitar, a não ser que se faça para exemplificar um ponto do Dhamma:

Reis, ladrões, ministros, exércitos, perigos, guerras, comida, bebida, roupas, camas, guirlandas, perfumes, país, carruagens, vilarejos, vilas e cidades, países, mulheres, heróis, cavalos, ruas - e, bem - fofocas, falar de

finados, conversa fútil, especulações sobre terra e mar, falar sobre ser e não-ser.

ex. AN 10.69

Por tais prescrições, pode parecer que sobrava muito pouco para que os monges conversassem, menos ainda para que conversassem divertidamente. Isso está longe de ser o caso. Quando Luang Pó estava no clima, seu jeito brincalhão era contagiante. Quando estava contando um conto, aumentando as formas absurdas e incongruentes nas quais as impurezas poderiam se manifestar, ou imitando alguém completamente tomado pela cobiça ou pela raiva, ele poderia provocar um autêntico senso de encanto em sua plateia. O dom de Luang Pó pela comédia física provocava sorrisos enormes e até risos. Uma de suas histórias favoritas era sobre um cão sarnento que colocava a culpa do seu sofrimento nos lugares onde ele estivesse, ao invés de culpar a sarna que ele carregava consigo. Luang Pó gostava de contar essa história enquanto coçava desvairadamente o seu corpo e seus sovacos. Até os monges de maior compostura pegariam a si mesmos segurando o riso. Embora ele não contasse piadas de fato, Luang Pó tinha o ‘cacoete’ de comediante. Ele tinha um dom natural para contar histórias e sabia como fazer com que a expectativa de seu público fosse aumentando durante o decorrer de um conto ensinamento, e derrubá-la habilidosamente com uma reviravolta no final do conto.

Como a maioria das pessoas inteligentes que cresceram em uma cultura predominantemente oral, Luang Pó tinha um grande gosto por trocadilhos e pelo jogo de palavras; seus discursos são salpicados por eles. Exemplos de suas palestras poderiam ser citados para mostrar sua espirituosidade, destreza verbal e engenhosidade, mas vão falhar em transmitir o ponto essencial delas: o prazer que elas proporcionavam. É muito difícil transmitir o quanto as pessoas se deleitavam quando Luang Pó, ao fazer referência à corrupção da tradição de *tudong* causado por monges aceitando caronas em carros ao invés de caminhar, chamaria aquilo de ‘*talu-dong*’ ou ‘de uma ponta da floresta, direto para a outra’.

Alguns dos mais memoráveis exemplos do senso de humor de Luang Pó aconteceram através de comentários do tipo ‘bofetada’ ou respostas à perguntas. Frequentemente, ele invocava novas e inesperadas formas de olhar para assuntos conhecidos, cutucando os apegos da plateia. Para aqueles de

outras culturas, e portanto, com outras convenções e crenças, esse humor - especialmente ao ser traduzido - tende a perder completamente o efeito. Contudo, alguns poucos exemplos podem dar um pouco do sabor de seus bem humorados comentários.

Em uma ocasião, um jovem recém alistado no exército pediu a Luang Pó um medalhão do Buda para pendurá-lo no pescoço como uma proteção contra balas. Ele estava seguindo uma antiga tradição. Monges foram conhecidos por fornecer amuletos de proteção para soldados por centenas de anos. Luang Pó, no entanto, sempre se recusou a fazê-lo. Antes de explicar o porquê, ele apontou para a uma imagem do Buda, de latão, do tamanho de uma pessoa no altar:

Leve aquela se você quiser. Carregue-a na sua frente e nenhuma bala vai lhe acertar, com certeza.

Como o corpo humano não varia de uma cultura para a outra, o humor que vem dali é mais universal. Ajahn Sumedho lembra da vez em que Luang Pó o levou para visitar alguns dos grandes mestres da tradição de Luang Pu Man. Na província de Udon, prestaram reverências a um mestre ancião, que se acreditava ser um arahant, confinado em uma cadeira de rodas e que raramente falava. Tinha sido recentemente oferecido um gravador de fitas cassete a Luang Pó e ele o usava para gravar ensinamentos do Dhamma. Ele foi posicionado em frente ao venerável monge que estava ali sentado em silêncio e sorrindo para eles. Depois de passado um bom tempo e tendo ficado claro que ele não iria falar, eles se prepararam para se prostrar e ir embora. Naquele momento, o grande mestre soltou um peido. De volta ao carro, Luang Pó reproduziu a fita. O som do peido era alto e claro. Luang Pó olhou para Ajahn Sumedho e disse:

Aquele foi um bom ensinamento.

AUSTERO E BRUTO

O calor e a radiante bondade amorosa que tantos leigos budistas relembram ter sentido na presença de Luang Pó nos seus últimos anos, por muito tempo, durante sua carreira como professor, foram ocultados por sua outra virtude, a da compaixão. Quando Luang Pó estava em meados de seus quarenta anos, os jovens monges, em seus vinte e poucos anos, o

viam mais e mais como uma figura paterna. Geralmente a visão que eles tinham não era tanto a de uma fonte de amor incondicional, mas a de um sábio pai, que achava inaceitáveis as formas pelas quais seus filhos criavam sofrimento para si mesmos. Usando outra analogia, ele era visto como um médico com uma determinação inabalável de ajudar os seus pacientes a superar uma doença crônica, mesmo que isso envolvesse procedimentos que os pacientes pudessem não gostar, ou mesmo resistirem a eles. Mas, como pacientes, seus discípulos se submetiam, porque tinham confiança de que o médico sabia o que estava falando.

A compaixão de Luang Pó podia se manifestar como aspereza, uma característica que compartilhava com vários outros grandes professores de sua tradição. Na biografia que Luang Tá Maha Bua escreveu de seu professor, Luang Pu Man, o grande mestre é apresentado como uma figura austera que frequentemente era áspera com seus discípulos. O próprio Luang Tá Maha Bua - até a sua morte em 2011, o mais reverenciado dos discípulos diretos do grande mestre na Tailândia - era famoso e temido por essas mesmas qualidades por toda sua vida. Embora muitos dos discípulos de Luang Pu Man tenham sido conhecidos por serem reservados e gentis (e alguns deles sentiam que havia mais dessas qualidades em Luang Pu Man do que era amplamente reconhecido), a figura do professor bruto se tornou algo como um ícone na Tradição de Florestas. Certamente, Luang Pu Man, o arquetípico professor austero, foi incrivelmente bem sucedido ao liderar seus discípulos a estágios de libertação. E de seus herdeiros, Luang Tá Maha Bua era reconhecido por sua excelência nesse aspecto.

A austeridade de Luang Pó, especialmente por volta de seus quarenta anos, já foi comentada no capítulo anterior. Era uma característica que fazia aumentar o respeito que os jovens monges tinham por ele. Eles tinham crescido em uma cultura autoritária, e esse tipo de austeridade e ocasionais repreensões de forma bruta eram algo com o qual eles estavam familiarizados. Demasiadas manifestações de bondade poderiam ter feito Luang Pó mais querido por seus discípulos, mas isso iria custar a intensidade de propósito que ele tentava instigar neles. A política que ele adotou quanto a condutas desatentas era de ‘tolerância zero’. Nem mesmo a menor das atitudes incorretas era deixada passar. Fortes repreensões eram dadas, quase todas as noites, do seu ‘assento do Dhamma’.

Os resultados eram mistos. Quanto mais dedicado era o praticante, melhor aquilo funcionava. Alguns monges, no entanto, incapazes de trabalhar bem em uma atmosfera sob pressão, largavam o manto; e é possível que alguns deles pudessem ter sobrevivido como monges se tivessem vivido em um ambiente mais relaxado. A maioria, no entanto, achava que o medo que sentia de Luang Pó os empoderava. Eles apreciavam como a demanda constante por estarem atentos mantinha as impurezas afastadas - algo que um mero encorajamento jamais poderia ter conseguido. Luang Pó não era tão visto como uma figura autoritária lhes dando broncas pessoalmente, mas como a personificação do Dhamma-Vinaya censurando as suas impurezas. Sempre houve o perigo de que esse entusiasmo pela prática fosse muito dependente da presença de Luang Pó para ser um refúgio sustentável. Mas frequentemente isso desencadeava uma paixão pelo Dhamma que se tornava uma segunda natureza.

Conforme Luang Pó envelheceu, o lado bruto de sua personalidade retrocedeu, e a austeridade cedeu espaço no palco para uma ‘persona’, mais calorosa, como um avô. Mas sua forma sagaz e clara de separar as coisas nunca submergiu completamente. Um discurso que ele deu para a Sangha em 1980, posteriormente traduzido para o inglês como “*Toilets on the Path*”*, demonstra que mesmo ao final da carreira de Luang Pó como professor ele poderia proporcionar uma de suas lendárias e diretas advertências. Luang Pó não deixava nada passar. Um monge dizia que, ao sentar na presença de Luang Pó, sentia como se ele fosse um tigre morando sob a pele do Gato Listrado do conto “Alice no País das Maravilhas”.

INDEPENDENTE

Luang Pó dava muito valor à sua independência. Ele aconselhava aos seus discípulos a manterem distância dos ricos e poderosos, pois a associação com essas pessoas era perigosa para a integridade de um monge. Era um padrão que ele mesmo seguiu por toda sua vida. Monges podem facilmente acabar comprometendo os padrões de simplicidade e frugalidade em seus mosteiros por consideração ao desejo que ricos doadores tenham de acumular méritos.

*Parte da obra *The Collected Teachings of Ajahn Chah*, em tradução livre “Banheiros no meio do caminho”.

É surpreendentemente comum para mosteiros de floresta na Tailândia se tornarem dominados por um único apoiador / patrocinador leigo, geralmente uma mulher. A essas mulheres, que geralmente se acredita terem alguma antiga conexão cármica com o abade, é cedido poder e influência em administrar o mosteiro. Se elas doaram o terreno no qual o mosteiro foi construído ou contribuíram substancialmente para a sua construção, sua posição tende a ser especialmente forte. Essas mulheres são geralmente de meia-idade, quase sempre casadas, e a sua relação com o abade é quase sempre livre de qualquer suposição de impropriedade. Elas são referidas, em tom de brincadeira pela comunidade budista, como as ‘madrinhas’. Enquanto essas pessoas podem aliviar o abade das cansativas tarefas administrativas, elas podem enviesar seriamente a relação dele com a comunidade leiga que frequenta o mosteiro, e até membros da Sangha podem ficar enciumados por conta da influência delas. Wat Pah Pong nunca teve uma ‘madrinha’. Luang Pó mostrou grande habilidade e diplomacia em prevenir qualquer leigo budista, homem ou mulher, de estabelecer uma posição especial ou de favoritismo no mosteiro. Sua independência e sua recusa de ter favoritos ou um círculo especial de discípulos potencializou a confiança que todos tinham por ele, a harmonia e lealdade de seus discípulos.

Um exemplo da determinação de Luang Pó em fazer as coisas da forma que ele julgasse mais adequada, independentemente das vontades de seus apoiadores leigos, pode ser vista pelo relato dado por Tá Soei, que levou uma vida um tanto ‘colorida’ até Luang Pó colocá-lo sob sua asa. Em algumas ocasiões, Luang Pó levou Tá Soei como seu assistente em expedições à pé. Durante uma viagem à região central da Tailândia, ele aceitou o convite de um devoto casal para descansar na casa deles que ficava na costa próxima a Bangkok.

“Era um lugar adorável. Eu poderia ter ficado lá por eras, mas depois de três dias, Luang Pó me disse para arrumar as malas e conseguir algum transporte; era hora de partir. Eu não estava muito de acordo e disse, ‘Não seria melhor avisarmos aos donos da casa antes?’ Ele disse, ‘Não. Se fizermos isso, eles não nos deixarão partir. Não fizemos nenhuma promessa sobre quanto tempo ficaríamos. Não podemos deixá-los nos amarrar em obrigações.’

“Bom, de qualquer forma, o caseiro deve ter notado a movimentação e telefonou para seu patrão em Bangkok. Luang Pó disse ao taxista para levar-nos ao Aranya Pratet, próximo da fronteira com o Camboja. Estávamos apenas a uns dez quilômetros na estrada, quando a senhora dona da casa veio correndo com seu carro, ultrapassou-nos e atravessou o carro à nossa frente, bloqueando a passagem. Ela saltou do veículo, correu em nossa direção e se prostrou diante de Luang Pó ali no meio da estrada, chorando e soluçando: ‘Oh! Luang Pó. Você não pode partir assim. Você acabou de chegar. Eu quase não tive tempo para falar com o senhor, e o senhor já vai abandonar a sua filha assim.’

“Em poucos momentos, o marido dela chegou com seu carro e então um segundo veículo estava bloqueando a estrada. Mas eles poderiam pedir e implorar o dia inteiro e a noite inteira, Luang Pó não ia mudar de ideia. Tudo o que ele disse foi que eles esperassem até a próxima vez. Então o homem também começou a chorar. A mulher perguntou ao taxista qual era o valor da corrida e ele disse que eram 400 baht. Ela pega o dinheiro em sua carteira e o coloca sobre o capô. Luang Pó apenas permanece ali, impassível. Ele pede ao motorista do táxi para dar partida no carro. E então, a última coisa que vemos deles são ambos ajoelhados na beira da estrada, suas mãos postas em prece, parecendo totalmente abatidos.”

Muito depois, ao prestar reverências a Luang Pó em Bangkok, o casal já conseguiria rir de tudo o que tinha acontecido.

IV. DE CORAÇÃO PARA CORAÇÃO

HABILIDADE DE COMUNICAÇÃO

Hoje, a grande reputação de Luang Pó se apoia, acima de tudo, em sua habilidade de transmitir o Dhamma. Suas palestras sobre o Dhamma circulam o mundo de forma impressa, em telas de computador e em arquivos de áudio nos mais variados e modernos equipamentos eletrônicos. Durante todo o tempo de vida que passou ensinando, ele foi um modelo de duas das qualidades do kalyāṇamitta que dizem respeito especificamente à habilidade de comunicação: primeiramente, a habilidade de falar de

forma efetiva, de alcançar as pessoas, aconselhar e advertir; e também, a habilidade de explicar assuntos profundos com clareza e precisão.

Desde seus primeiros anos como professor, mesmo antes de estabelecer Wat Pah Pong, o dom de Luang Pó em articular os ensinamentos era claramente aparente. Ele tornou-se altamente habilidoso em adaptar seus discursos às necessidades da plateia, era especialista em usar objetos do cotidiano para ilustrar profundos tópicos em termos simples. O Buda ensinou que o Dhamma devia ser ensinado de uma forma que esclarecesse, convencesse, estimulasse e alegrasse a mente de quem o ouvisse. Aqueles que ouviram Luang Pó ensinando por um longo período afirmavam que essas quatro palavras resumiam o ensinamento dele muito bem.

A cultura de Issán na qual Luang Pó cresceu sempre se deleitou no uso habilidoso da linguagem. Ele cresceu em um ambiente no qual a habilidade de falar com eloquência, com destreza e com bom humor era algo apreciado em todos os níveis sociais. A música popular de Issán era cheia de espirituosidade e invenção. Quando Luang Pó era jovem, concursos que envolviam composição de rimas improvisadas eram comuns na época das colheitas. Dadas essas condições, pode-se dizer que as habilidades que Luang Pó tinha para se expressar não eram algo especialmente incomum. Foi o uso que deu para essas habilidades que o diferenciou. As espontâneas e vernaculares palestras do Dhamma que ele dava mantinham a chama e a energia da oratória popular em um contexto religioso que era anteriormente dominado por rígidos e rebuscados sermões baseados nas escrituras.

Luang Pó não foi o primeiro monge na Tailândia a ensinar dessa maneira. O estilo “pé no chão” era uma das características marcantes dos ensinamentos dados pelo grande Luang Pu Man e por seus discípulos enquanto peregrinavam pelo interior de Issán. Luang Pó se sentia um herdeiro dessa tradição e se tornou, talvez, o seu melhor expoente.

Transcrições das palestras do Dhamma de Luang Pó são lidas e apreciadas por enormes quantidades de budistas tailandeses; traduções dessas transcrições tornaram essas palestras disponíveis em várias outras línguas. Contudo, como registros escritos de ensinamentos falados, eles propiciam apenas uma dimensão da magia e do poder emocional das palestras

originais. As aproximadamente duzentas gravações de áudio resgatadas de velhas fitas cassete, proveem uma experiência mais completa. Nelas, a voz de Luang Pó é completamente convincente - a incontestável e natural autoridade de sua voz incrementada por uma benevolência palpável. A vasta maioria das palestras transcritas é dos últimos anos de sua carreira como professor*. Naquele momento ele era, em muitos aspectos, um homem de idade - seu corpo prematuramente envelhecido. Existe um nítido tom paterno nessas palestras e uma corrente sempre presente de bom humor e calor humano.

A característica chave das palestras de Dhamma de Luang Pó era a sua espontaneidade. Luang Pó insistia que palestras de Dhamma não poderiam e nem deveriam ser preparadas de antemão. Ainda que ele, às vezes, tivesse um tema geral em sua mente quando começasse a falar, este poderia logo ser descartado, assim que sua mente encontrasse um terreno mais fértil. Ele mencionou uma vez a um discípulo que, às vezes, subia ao 'assento do Dhamma' ainda sem ideia do que iria falar.

Mas assim que eu terminava a recitação do *Namo* e assentava minha mente, então o tema chegava por conta própria e começava a fluir.

Fazendo referência a esse fluxo natural de Dhamma emergindo de dentro dele, comparava-o com o discurso de um estudioso sobre um livro:

O Dhamma que vem do coração flui como água de uma fonte que nunca seca. Mas o conhecimento que vem da memória é como água de chuva numa jarra. Assim que termina o período de chuvas, ela logo acaba.

Em sua meia idade, Luang Pó ainda era notavelmente um homem vigoroso, e suas palestras do Dhamma refletiam isso. Ele gerava uma incrível energia enquanto a palestra progredia. Ajahn Reuangrit recordava que alguns dos mais memoráveis discursos confrontavam as impurezas da plateia de forma tão contundente que:

* Para marcar o Centenário do nascimento de Luang Pó em 2018, um novo livro com dez palestras do Dhamma será publicado em tailandês. Esses discursos foram dados originalmente no dialeto de Issán e gravados em fitas de rolo, com baixíssima qualidade de áudio. Essas fitas foram agora remasterizadas digitalmente, transcritas e traduzidas para o tailandês. Se espera que traduções em outros idiomas venham logo na sequência.

“Realmente machucava. Você ficava cheio de hematomas desde a primeira noite. Se você não conseguisse aguentar, então você ia embora em três dias; se você ficasse, você não ia querer ir embora nunca mais.”

Ocasionalmente, Luang Pó iniciaria diretamente com um tema que estivesse em sua mente. Em geral, iniciava uma palestra com algumas frases gerais, como um acorde musical familiar, dava uma ou outra volta, enquanto ia ficando mais confortável, deixando o assunto vir por si só, o que - em alguns segundos, ou minutos - acontecia inevitavelmente. Então, quase de forma visível, como se algo tivesse se encaixado em algum lugar, a palestra assumia uma trajetória clara. Gradualmente, conforme o poder e o foco de suas palavras começavam a se intensificar de forma inexorável, os ouvintes se sentiam como que varridos por uma poderosa onda de Dhamma.

Para os recém chegados monges ocidentais, como ainda não estavam familiarizados com o idioma e com as normas culturais, alguns dos mais inflamáveis discursos de Dhamma proferidos no dialeto de Issán poderiam soar, de forma desconfortável, como sendo parecidos com reclamações. Mas com o passar do tempo, ficaria claro para eles que algo mais profundo estava acontecendo ali. A plateia nessas palestras não mostrava qualquer sinal de agitação. Muitos se sentavam de olhos fechados em meditação. Aqueles de olhos abertos estavam alertas e determinados.

UMA EVOLUÇÃO

Ainda que as palestras de Dhamma de Luang Pó fossem amplamente sobre verdades universais e atemporais da condição humana, elas também eram bastante embasadas na época e local onde eram dadas. Especialmente no caso de um palestrante com o dom de Luang Pó, o estilo espontâneo e conscientemente fluido podiam permitir uma profunda simbiose entre o palestrante e a plateia. É esse elemento único das palestras que é impossível de ser preservado nas transcrições.

Em um nível mais mundano, o poder das palestras de Dhamma de Luang Pó pode ser explicado em termos dos princípios básicos da retórica, onde a estima da plateia pelo orador pode preceder e dar suporte à lógica da palestra e ao seu impacto emocional. A *ethos* de Luang Pó era potente:

Ele não apenas irradiava um considerável carisma pessoal, mas também falava com uma autoridade derivada de sua idade, do seu papel como abade e de sua posição como professor. Mais importante de tudo, a plateia acreditava que ele era um mestre plenamente iluminado. Ele dava uma impressão tão firme de estar falando por experiência direta, em vez de por ter memorizado textos, que suas palavras iam direto ao coração dos seus ouvintes.

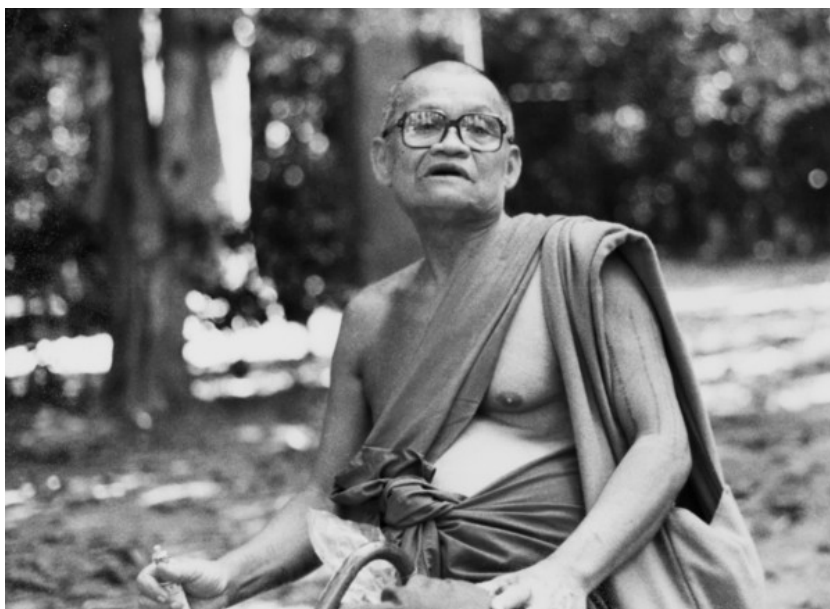
Por muitos anos, Luang Pó deu palestras do Dhamma quase que exclusivamente no dialeto de Issán, que era sua língua mãe, um idioma que se presta facilmente à oratória e a contar estórias. Mas como um número crescente de pessoas de Bangkok começou a visitar Wat Pah Pong, Luang Pó começou a falar mais e mais em tailandês da região central. Não era um salto enorme: o dialeto de Issán e o tailandês compartilham muito do mesmo vocabulário. Contudo essa semelhança nem sempre é imediatamente óbvia, mascarada por uma diferença em certas consoantes e pelas diferentes entonações nas quais as palavras são pronunciadas. (Por exemplo, a palavra ‘rón’ [quente] de entonação alta em tailandês é uma palavra de entonação baixa ‘hon’ em Issán.)

Inicialmente, lapsos ocasionais de *Issán* ou passagens de sintaxe incomum mostravam que Luang Pó não estava completamente confortável falando o tailandês da região central. Esses pequenos ‘problemas técnicos’ desapareceram depois de alguns anos, mas o tailandês de Luang Pó sempre manteve um caráter diferenciado. Até o final de sua vida, sempre falou ‘*michanan*’, ou ‘de outra forma, quando ele queria dizer ‘*prochanan*’ ou ‘consequentemente’. As palavras sutilmente modificadas de *Issán* que aparecem nas suas palestras, vestidas de tailandês da região central, transmitiam um frescor e um charme especiais.

Coincidindo com essa mudança para o tailandês da região central, veio uma mudança para um estilo menos vibrante, mais reflexivo de dar discursos. É discutível em que nível essa mudança foi por causa da mudança de dialeto propriamente dita ou pelo declínio de sua condição física. Não era exatamente o caso de que ele nunca havia falado daquela forma antes, mas agora ela tinha se tornado seu modo dominante. Ajahn Reuangrit foi um dos monges que gostou do novo estilo.

“Você ouvia e sentia uma euforia no Dhamma, se sentia bem quando a palestra terminava. Se você tivesse alguma sabedoria, você aprendia muito, pois ele falava de forma gentil, era agradável aos ouvidos. E então, ele mudou. O conteúdo básico das palestras se manteve o mesmo, mas o sabor era melhor.”

Mas independente de quaisquer mudanças de tom que possam ter ocorrido, as características essenciais e distintas das palestras de Dhamma de Luang Pó se mantiveram constantes desde suas primeiras palestras até seus últimos grandes discursos no Retiro de Chuvas de 1982.



Elas eram dadas em linguagem simples, com um mínimo de teoria (‘tão simples quanto poderia ser, não mais do que isso’, como um contemporâneo de Luang Pu Man citou uma vez) e empregava diversos símiles usando objetos e experiências, com os quais os expectadores estivessem familiarizados para explicar as realidades sutis da mente. Ocasionalmente, intercalava contos de suas próprias experiências e das experiências de seus professores, contemporâneos e discípulos. Isso dava aos ouvintes uma experiência agradável e fácil de absorver, diferente de ler um livro que eles não podiam assimilar.

Ele dizia que ouvir palestras do Dhamma requeria uma atitude especial:

Continue ouvindo, continue ouvindo. Não apenas acredite no que você escuta e tampouco duvide. Se faça neutro. Continue ouvindo. Isso trará bons resultados, não há perigo nisso. O perigo mora em acreditar muito no que você escuta ou em duvidar muito. Ouça e contemple. É disso que se trata a prática: ser um ouvinte e ser aquele que reflete sobre as coisas. Como você ainda não sabe se as coisas que você gosta ou não gosta são verdadeiras ou não, o Buda disse aquilo, pelo tempo que for, você deveria seguir ouvindo. Se você não fizer isso, você apenas vai seguir as suas próprias opiniões sobre as coisas e se você fizer isso, então vai desenvolver ‘visão incorreta’ e sua prática não vai avançar. A pessoa sábia é aquela que se mantém observando, contemplando, refletindo continuamente.

O verdadeiro Dhamma não é algo que pode ser comunicado em palavras. Você não pode se apropriar do conhecimento de outra pessoa. Se você pega o conhecimento de outra pessoa, então você tem que meditar sobre ele. Ouvir alguém e entender o que essa pessoa diz não significa que suas impurezas chegarão ao fim. Você deve pegar esse entendimento e então mastigá-lo e digeri-lo até que ele seja uma certeza e que seja realmente sua própria certeza.

Em meados da década de 1970 durante a construção de uma estrada que levava ao topo de Tam Séng Pet,* Luang Pó surpreendeu os discípulos com sua resistência física. Em um curto espaço de tempo, sua saúde declinou a um nível tal, que ele teve que reduzir o número de palestras formais do Dhamma para apenas duas ou três por mês. Ele disse aos seus discípulos que vissem o lado bom disso: se ele desse muitas palestras, eles poderiam apenas memorizar as suas palavras e iludirem-se acreditando que tinham verdadeiramente entendido o que de fato não tinham. Intoxicados pelo Dhamma, eles poderiam negligenciar a própria prática e serem pegos citando aos outros sobre paz interior, tendo suas próprias mentes ainda confusas e em ebulição. Para seus discípulos, que sempre aguardavam

*Veja página 462, ‘O mais lendário...’

ansiosamente por suas palestras, esse não foi um dos argumentos mais convincentes.

Em outra ocasião, Luang Pó disse que a tarefa do professor consistia mais em fornecer as condições de suporte para a prática do que em dar frequentes discursos. Ele disse que se você dá a um boi um campo para pastar, então pastar é o que ele vai fazer; sua natureza é comer grama, ele não precisa ser convencido a fazer aquilo. Qualquer animal parado no meio de um campo e não pastando, ele dizia, não é um boi – talvez seja um porco. Em outras palavras, um monge demonstra sua sinceridade (sua ‘mongicidade’) no grau em que ele tira proveito do ambiente monástico. Para aqueles devotados ao treinamento, instrução formal é apenas um suporte auxiliar.

SÍMILES COMO CHAVES PARA DESTRANCAR A VERDADE

Uma das mais proeminentes características das palestras de Luang Pó era o uso de vívidos símiles. ‘A mente destreinada é como um búfalo ... Os diferentes estágios de meditação se desenvolvem como o amadurecer de uma manga ...’ Muitas das palestras de Luang Pó eram temperadas com vívidos símiles, e era essa habilidade de fazer analogias entre princípios abstratos e objetos do dia-a-dia familiares à sua plateia que mais claramente mostrava seu dom para comunicar o Dhamma. Era sua maestria nos símiles, mais do que outra habilidade retórica, que fazia de suas palestras tão recreativas e lúcidas.

Símiles desmistificavam os ensinamentos para a plateia, traziam as pessoas de volta à terra e faziam deles menos intimidadores, mais imediatos e práticos. Luang Pó era particularmente habilidoso em escolher símiles apropriados para sua plateia. Ensinando aos camponeses locais (ou de fato aos monges, muitos dos quais vinham de famílias camponesas) as imagens eram predominantemente agrícolas: elas tinham plantas de arroz e búfalos, pomares e redes de pesca. Ensinando aos membros das forças armadas, os símiles seriam frequentemente marciais ou retirados do mundo do Boxe Tailandês. Para platéias urbanas, ele tenderia a usar objetos à sua volta que eles pudessem ver ou escutar: um bule d’água, um copo, uma cuspideira. Enquanto ele usava alguns símiles recorrentemente durante sua carreira como professor, outros ocorriam-lhe espontaneamente durante uma sessão

de perguntas, quando sua mente encontrava uma forma de traduzir as verdades que havia experienciado, de forma que a plateia pudesse entender. Era estimulante para seus ouvintes vê-lo empregar elementos do mundo à sua volta, sem esforço algum, para personificar verdades atemporais.

Animais de todos os tipos apareciam nesses símiles: cobras, cachorros, centopéias, búfalos, sapos e muitos outros. Galinhas eram as favoritas. Procurando expressar o quão ridículo e equivocado era alguém sentir-se satisfeito em adquirir um conhecimento intelectual dos ensinamentos budistas e não usá-los como uma forma de abandonar as impurezas, ele disse, era como alguém criar galinhas e comer a titica, em vez dos ovos. A diferença entre o comportamento de monges atentos e desatentos, ele descreveu em termos da diferença de comportamento entre galinhas domesticadas e os frangos selvagens que viviam em Wat Pah Pong.

Alguns dos mais profundos e belos símiles de Luang Pó vinham para esclarecer experiências em meditação. Em uma imagem memorável, ele comparou a mente existindo em um estado de paz, e simultaneamente pronta para reagir inteligentemente às condições, como um sino em descanso. Quando o sino é tocado e seu silêncio natural é perturbado por um estímulo forçado, o sino reage com um belo som e, depois de uma duração adequada, volta ao silêncio. Da mesma forma, ele disse, a mente deveria viver ‘com poucas vontades’ no momento presente; quando um desafio surgisse, ela deveria vencê-lo com sabedoria e então, como um sino, voltar a um estado natural de descanso.

Formas visuais, sons, odores, sabores, sensações físicas e pensamentos constantemente cutucam a mente, encorajando gosto, desgosto, apego. Luang Pó explicou como a mente estabilizada, que volta sua atenção para as três características da existência, é inabalável quando em face ao contato dos sentidos. Ele disse que impermanência, insatisfatoriedade e ‘não-eu’ são como uma orla marítima, e os objetos dos sentidos surgindo na mente são como as ondas.

É como uma onda quebrando na costa. Depois que a onda chega na costa, ela quebra e uma nova onda aparece em seu lugar. Ondas não podem ir além da costa. Da mesma forma, objetos dos sentidos não podem ir além de nosso senso de saber. Encontrando a percepção

da impermanência, insatisfatoriedade e ‘não-eu’, eles se quebram e desaparecem.

ESTILO ZEN

Em meados da década de 1970, Luang Pó adquiriu, como de fato veio a ser, mais uma flecha para seu arco retórico. Estava muito interessado nas publicações recém traduzidas dos trabalhos dos mestres Zen Chineses, Hui Neng e Huang Po*. feitas por Ajahn Buddhadasa. Ele achou que aqueles textos lhe deram um novo e fresco vocabulário para expressar o Dhamma. Monges ocidentais que praticaram na tradição Zen adicionaram ainda mais ao seu conhecimento. A influência que esses textos traduzidos tiveram sobre sua forma de ensinar pode ser verificada em alguns de seus últimos discursos de Dhamma. Existem, por exemplo, várias referências à mente (*citta*) em termos comparáveis com a forma como a expressão ‘mente original’ é usada em textos Zen. Em uma ocasião, ele comparou a mente com uma folha que é naturalmente estática, mas que balança esvoaçante por causa dos ventos dos estados mentais:

Se a natureza dos pensamentos é compreendida, a mente permanecerá estática. Isso é chamado o estado natural da mente. E o motivo pelo qual viemos praticar agora é para ver a mente nesse estado imaculado.

Luang Pó afirmou que a libertação era conhecida, não por uma fuga do mundo das convenções, mas por vê-la à sua verdadeira luz. Era o apego às realidades contingentes como realidades absolutas que era o problema. Isso parecia ser sua resposta ao ensinamento Mahayana sobre a identidade do saṃsāra e Nibbāna:

Agora, se conhecemos a realidade convencional, então conheceremos a libertação. Se conhecemos claramente a libertação, então conheceremos as convenções. Isso é para conhecer o Dhamma. Aqui, tudo se completa.

* Hui Neng (século VI) foi o Sexto Patriarca do Zen e autor do *Platform Sutra*. Huang Po (século IX) era o tema do livro *Record of the Transmission of the Lamp*.

Em conversas, ele às vezes se divertia usando as frases paradoxais sobre verdades profundas que são uma característica do Zen. Em uma ocasião, ele pediu a um dos monges ocidentais para mandar uma carta ao Ajahn Sumedho na Inglaterra. Ele disse, ‘Pergunte ao Sumedho: “Se você não pode ir para frente e não pode ir para trás, e não pode permanecer parado, o que você pode fazer?”’

Não há qualquer evidência de que os ensinamentos do Zen modificaram o entendimento de Luang Pó do Dhamma. Era mais como se um artista no auge dos seus poderes tivesse encontrado um novo meio de se expressar, um pintor de quadros à óleo explorando o uso de aquarelas. Uma flexibilidade característica de sua mente lhe permitiu abrir-se para essa nova forma de apresentar o Dhamma. Ele interpretou os textos que leu à luz de seu próprio entendimento e então os integrou aos ensinamentos que dava aos seus discípulos.

CONVERSANDO

Conforme Luang Pó foi envelhecendo, mais e mais os seus ensinamentos eram conduzidos de maneira informal. Ele não liderava mais as sessões matinais e vespertinas no Salão de Dhamma. Passava muitas horas do dia sentado em um grande assento de vime, na parte coberta e sem paredes que ficava abaixo de sua cabana. Ali, acompanhado por um pequeno número de assistentes, recebia um constante fluxo de visitantes ansiosos por acumular méritos, receber bênçãos, instruções e inspiração. Durante a noite, depois que a recitação dos cânticos e a sessão de meditação tivessem terminado no Salão de Dhamma, mais monges residentes tomavam o caminho no meio da floresta até a sua cabana. A maioria ficaria lá até Luang Pó retirar-se para descansar, alguns conversando com Luang Pó, outros sentados silenciosamente nas sombras, aproveitando a atmosfera, o calor e a franqueza dos ensinamentos. Alguns monges massageavam seus pés e suas mãos enquanto ele conversava e mascava noz de betel.

Os monges consideravam a oportunidade de atender Luang Pó enquanto ele respondia às perguntas do Dhamma como sendo um presente especial. Eles gostavam particularmente das raras ocasiões quando vinha alguém discutir com ele. Depois de uma ocasião dessas, um monge citou a um amigo que aquilo era como assistir a um grande mestre de artes marciais

lidando sem esforço algum, com um atrapalhado oponente que, de maneira tola, pensava ser melhor do que era. Ajahn Chon lembra com carinho de ter participado de uma dessas ocasiões:

“Eu tinha a maravilhosa sensação de participar de uma antiga tradição de estudantes sentados no meio da floresta aos pés do seu professor, recebendo palavras de sabedoria direto de sua boca. Era a alegria de estar na presença de alguém que eu estava convencido de que sabia tudo o que deveria ser sabido. Eu não conseguia imaginar ninguém como sendo capaz de fazer-lhe qualquer tipo de pergunta importante sobre a vida que ele não fosse capaz de responder imediatamente e com absoluta autoridade. Isso me dava uma intensa sensação de bem estar.”

Respondendo perguntas e participando de diálogos sobre o Dhamma era um modo de ensinar que Luang Pó particularmente gostava. Em uma ocasião, após uma sessão com um monge ocidental visitante de outra tradição, alguns dos monges residentes estavam tristes com o jeito agressivo do visitante. Luang Pó disse:

Não, foi bom, muito bom. As perguntas dele eram como uma pedra de amolar para minha sabedoria. Quanto mais ele perguntava, mais afiada minha mente ficava.

Ele gostava muito quando novas respostas surgiam espontaneamente em sua mente em resposta a perguntas incomuns ou a velhas perguntas vindas de uma nova perspectiva.

Luang Pó era particularmente habilidoso em distinguir entre diferentes tipos de perguntas e variar suas respostas de acordo com elas. Ele não se sentia limitado a sempre responder perguntas nos termos em que elas fossem feitas. Quando perguntas eram feitas de maneira vazia ou vinham da falta de informação ou de pressuposições equivocadas, ele respondia separando os vários aspectos da pergunta, fazendo as distinções necessárias e geralmente lidando com o pensamento incorreto que estava por trás da pergunta. Para algumas perguntas ele faria uma contra-pergunta a quem o questionou, um método no qual ele era particularmente habilidoso. Ele iria, por exemplo, perguntar às pessoas que queriam que ele lhes tirasse alguma dúvida, se elas acreditariam no que ele respondesse. Quando elas, precipitadamente, diziam que sim, ele lhes diria que, naquele

caso elas seriam tolas, pois as palavras de uma pessoa jamais podem libertar outras pessoas. Ele encorajava aos questionadores a observarem novamente as razões pelas quais eles estavam fazendo a pergunta.

Algumas perguntas, Luang Pó respondia com o silêncio. Nesse casos, o problema não era tanto com a pergunta propriamente dita, mas com a intenção de quem a fez. Se quem fazia a pergunta fosse pego em uma séria ilusão, ele iria possivelmente interpretar qualquer resposta dada a ele à luz de suas crenças e ficaria ainda mais afundado em sua visão incorreta; era melhor não colocar mais combustível naquela fogueira. Se a pessoa estivesse fazendo perguntas com um motivo impuro - talvez para tentar medir o nível de iluminação de Luang Pó - ele se recusaria a entrar no jogo. Se pessoas perguntassem sobre tópicos muito além de seu nível de prática, Luang Pó consideraria as perguntas como sendo vazias ou preguiçosas e se recusaria a adicionar mais lenha conceitual naquela pilha de lenha que já estava entupindo o cérebro do questionador.

Luang Pó tinha mais de um tipo de silêncio. Às vezes ele ficaria inexpressivo, como se não tivesse ouvido a pergunta; quem perguntou perceberia, como um chacoalhão, que tinha feito uma pergunta inapropriada e iria para outro assunto. Se quem perguntou tivesse perdido essa dica e repetisse a questão, receberia um olhar feroz, daqueles que voltaria à sua mente em mais de uma ocasião pelas próximas horas ou dias. No pior dos casos, Luang Pó poderia esnobar a pessoa ao se voltar a falar com outra pessoa. Em alguns casos, ele diria gentilmente que a pessoa estava desgarrada muito longe de onde pertencia - por que não pergunta algo relevante à sua experiência atual?

UMA ABORDAGEM SEM DISPARATES

Em algumas oportunidades, Luang Pó respondia a uma longa e rebuscada pergunta com uma frase simples ou com apenas uma palavra. A brevidade e o poder com os quais ele se expressava nessas ocasiões podia ser chocante, e podia também ser apenas o necessário para jogar luz na confusa mente de quem perguntou ou na excessiva elaboração de suas perguntas. Como Ajahn Tiang comentava, essa era uma ferramenta eficaz quando ele estava conversando com pessoas cheias de si por sua própria inteligência e pontos de vista:

“Ele não se incomodava com perguntas, não importava o quão grandes ou complicadas elas fossem. Ele não interpretava ou esclarecia assuntos como outras pessoas. Apenas cortava os problemas e os jogava fora. Ele os cortava em pedaços pequenos e então era o fim deles. Às vezes precisava apenas de uma palavra ou uma contra-pergunta ... Algumas pessoas gostavam de ir e ouvir quando outras pessoas perguntavam algo, mas ficavam desapontadas se pensassem que escutariam respostas convencionais.

“Não que ele desse conselhos práticos sobre como resolver problemas, era mais o caso de mostrar às pessoas como corrigirem seus pensamentos e atitudes ... quando elas vinham até ele com dúvidas - que tinham ouvido um [outro] monge dizer alguma coisa, e se aquilo estava correto, e assim por diante - ele diria que estar ciente de sua falta de entendimento de um assunto e seu desejo por obter uma resposta era mais valioso do que apenas adotar a opinião de outra pessoa. Era dessa forma que ele respondia perguntas. Suas respostas eram imediatas e espontâneas, mas as pessoas sempre estavam preparadas para fazer mais perguntas.

“Alguém lhe perguntou uma vez sobre o *paṭiccasamuppāda*, o ensinamento sobre a Originação Dependente. Ao invés de responder da forma comum passando por todos os diferentes elos, ele perguntou à pessoa se ela já tinha caído de uma árvore ... Você perde o apoio da mão, e, no momento seguinte, está deitado no chão sentindo dor. Você não sabe o que passou na sua mente enquanto caía, você não teve qualquer plena atenção. Foi tudo muito rápido. Tudo o que você sabe é que está sofrendo agora, porque acabou de cair de uma árvore. A razão pela qual você está sofrendo assim agora é chamada ‘condicionalidade específica’. Quando ele terminou, a pessoa que fez a pergunta estava rindo prazerosamente da explicação.”

Em uma ocasião, uma diligente meditadora leiga perguntou-lhe sobre a prática dela:

“Às vezes minha mente fica muito concentrada, mas tem momentos quando, de repente, minha cabeça começa a balançar para cima e para baixo. É como se eu estivesse com sono, mas eu estou atenta, existe plena atenção ali. Como isso é chamado?”

Se chama turbulência. Quando você sobe em um avião, é isso o que acontece.

Embora Luang Pó pudesse, em certas ocasiões, incluir alguns detalhes técnicos em suas explicações, era mais do seu estilo responder às perguntas encorajando as pessoas a olharem para suas próprias mentes para encontrar respostas. Ele via pouco valor em dar informações ‘de colher’ que não seriam absorvidas. Pessoas que procuravam por instruções mais específicas sobre diferentes técnicas de meditação seriam frequentemente advertidas que seus problemas não estavam na falta de informações, mas na atitude com a qual elas deveriam aplicar as informações que já tivessem. Ganhar ideias poderia sabotar a aplicação de qualquer método.

A clareza de sua compreensão foi bem demonstrada com a visita de um certo missionário cristão, que dizia que o ensinamento budista do ‘não-eu’ era insustentável. Ele tinha o ponto de vista de que o conhecimento de ‘não-eu’ pressupõe ‘alguém que conhece, e que esse ‘alguém que conhece’ deveria ser o ‘eu’. A pergunta que ele fez a Luang Pó foi, ‘Quem conhece o ‘não-eu’?’ A contra-pergunta imediata de Luang Pó foi:

Quem conhece o ‘eu’?

Sem ser pego em brigas filosóficas, Luang Pó afirmava que, se o conhecimento do ‘não-eu’ requer algo que não seja ‘não-eu’, ou seja, ‘eu’ como sendo ‘aquele que conhece’ então o oposto também deve ser verdadeiro: o conhecimento do ‘eu’ pressupõe algo que seja ‘não-eu’ como sendo ‘aquele que conhece’. Se o proponente da visão do ‘eu’ diz que o ‘eu’ conhece a ele mesmo, então o budista pode adicionar que, partindo do mesmo princípio, o ‘conhecer’ deve ser considerado como sendo uma propriedade natural surgindo da mente ‘não-eu’. A contra-pergunta de apenas três palavras de Luang Pó evitou a necessidade de uma explicação tão intrincada. O ponto mais importante para Luang Pó era que, sem uma mente afiada pela prática de meditação, não haveria resolução para o assunto de ‘eu’ ou ‘não-eu’, apenas crenças e especulação.

* * *

Este capítulo procurou trazer um foco claro em Luang Pó. O capítulo tratou de como ele aparentava para as pessoas à sua volta, e dos traços de personalidade e qualidades dele que mais impressionavam à essas

peessoas. Em particular, foi dada ênfase às virtudes que o permitiram cumprir o papel de kalyāṇamitta para seus discípulos. Ele era visto como alguém que inspirava afeição, amor, devoção e respeito, assim como medo e intimidação. Foi apresentado como um modelo, encorajando seus discípulos a emularem a sua prática. Foi mostrado como ‘*Dhammakāmo*’, alguém com uma grande paixão pelo Dhamma, alguém que, depois de estar disposto a colocar sua vida em jogo em sua própria prática, exercitou grande paciência e tolerância em compartilhar com os demais o que tinha alcançado. Houve um grande relato de suas habilidades de comunicar o Dhamma de forma efetiva, tanto no modo formal quanto informal. Todas essas qualidades, e outras, reaparecerão por todo o resto desse livro. Mas agora, o foco vai mudar para uma apresentação mais sistemática dos ensinamentos e para o treinamento de Luang Pó aos seus discípulos, monásticos e leigos, no desenvolvimento do Caminho Óctuplo.





V
sangue vital

Não desprezar, não ferir, ser restrito de acordo com o código de disciplina monástica, moderação na comida, morar em solidão, devoção à meditação – esse é o ensinamento dos Budas.

Dhp 185

Sangue Vital

Luang Pó e o Vinaya

Vinaya é o sangue vital dos Ensinamentos

Vin-a 1

I. INTRODUÇÃO

Enquanto ‘Dhamma’ (Sânscrito: Dharma) é uma palavra familiar aos budistas de todas as tradições, ‘Vinaya’ é muito menos familiar. Que esse deveria ser o caso é algo digno de ser comentado, devido à importância dada ao Vinaya pelo próprio Buda, como era claramente demonstrado por suas frequentes menções ao conjunto de seus ensinamentos pelo termo composto ‘Dhamma-Vinaya’. No final de sua vida, recusando solicitações de apontar um sucessor, o Buda deu a seguinte instrução aos seus discípulos:

Depois de minha morte, o Dhamma-Vinaya que eu ensinei e expliquei para vocês deverá ser o seu professor

DN 16

Então, a que exatamente se refere o ‘Vinaya’? Na essência, o Vinaya se refere aos ensinamentos do Buda que visavam criar as melhores condições externas para o estudo, a prática, a realização e a propagação do Dhamma. Como o grau no qual essas condições devem ser promovidas à sociedade

é limitado, o Vinaya deve ser encontrado mais claramente nas regras de treinamento, liminares, procedimentos, protocolos e convenções prescritas pelo Buda para sua ordem monástica para guiar sua vida e foram compiladas na coleção de textos conhecida como *Vinaya Piṭaka*.

Etimologicamente, ‘Vinaya’ é derivado de palavras que significam ‘tirando de / afastando de’. A prática do Vinaya busca afastar praticantes individualmente de ações e falas que possam minar ou causar conflito com sua prática do Dhamma e a afastar comunidades monásticas de conflitos e desarmonia. Embora o Vinaya encontre seu apogeu nas regras que regulam a vida monástica, ele também é encontrado em um nível mais generalizado nos ensinamentos visando os budistas leigos, incluindo aqueles explicando os fatores do caminho sobre Ação Correta, Fala Correta e Meio de Vida Correto^{*}

A decisão do Buda em colocar ênfase no Vinaya deve ser rastreada de volta aos dias logo após a sua iluminação. É dito que, ao revisar o caminho para a iluminação, o Buda recém iluminado considerou aquilo como sendo algo tão exigente que ele não estava certo se quaisquer outras pessoas no mundo poderiam seguir aquele caminho até o final. Embora ele tenha se tranquilizado na sequência pela existência ‘daqueles com pouca poeira nos olhos’, o senso de dificuldade envolvido na transmissão do Dhamma não deixava de existir nele. Ele percebeu que seus discípulos precisariam de toda a assistência possível e que uma ordem monástica poderia prover condições de suporte em um grau que a vida em família, com todas as suas demandas e tentações, raramente poderia.

Na Sangha, ele procurou criar um estilo de vida que minimizava as condições que retardavam o progresso no caminho e maximizava as condições conducentes a ele. Membros da Sangha não precisavam fazer acordos com as expectativas ou preconceitos da sociedade em grande escala. Religiosos poderiam viver dentro de comunidades que eram seguras e estáveis por padrões acordados de conduta impecável, vivendo juntos com professores sábios e amigos que pensavam da mesma forma. Em

^{*} Os termos ‘Vinaya dos chefes de família’ (*agārikavinaya*) e ‘Vinaya dos leigos’ (*gihivinaya*) são encontrados, respectivamente, em referências nos Comentários aos ‘dez caminhos saudáveis’ (*kusalakammāpathā*) e às responsabilidades dos chefes de família detalhadas no *Sīgālovāda Sutta* (DN 31).

um ambiente tranquilo, livre da luta diária pela sobrevivência, monges poderiam aprender a transcender seu vício pelo mundo sensual e colocar esforço sem distrações para a iluminação.

O Vinaya era o meio prático pelo qual esses objetivos seriam alcançados. Nos primeiros anos depois da iluminação do Buda, ele simplesmente constituía de um conjunto de normas de comportamento (ex, abster-se de atividade sexual, de receber dinheiro, de comer à noite). As escrituras dos ‘Comentários’ relatam que os monges eram todos de considerável maturidade espiritual e suficientemente motivados para seguirem esse código informal por devoção ao Buda e por seu próprio senso de certo e errado.

Depois de passados vinte anos, contudo, a Sangha cresceu consideravelmente. Ela agora tinha vários membros não-iluminados e sinais de alerta surgiram de que havia uma erosão impeditiva nos padrões. Em resposta - e em uma base *ad hoc*, respondendo aos problemas conforme eles surgiam - o Buda começou a introduzir regras de treinamento (*sikkhāpada*) divididas em diferentes categorias, que incluíam penalidades por transgressões que variavam em severidade, da confissão à expulsão. Na época da morte do Buda, essas regras de treinamento eram 227 em número e foram conhecidas coletivamente como o *Pāṭimokkha*. O *Pāṭimokkha* é o código formal de conduta para religiosos budistas e mora desde sempre no coração do Vinaya.

Conforme a Sangha cresceu em tamanho, o Buda também começou a elaborar mais os protocolos e procedimentos com os quais ele queria definir uma vida mais complexa na comunidade que estava se desenvolvendo. Os textos do Vinaya que foram passados até nós incluem, adicionados ao *Vibhaṅga* que lida com o *Pāṭimokkha*, um grande número suplementar de permissões e proibições que são verificados nos *Khandhakas*. Essas inúmeras liminares não são divididas em categorias, e as transgressões delas são quase todas simplesmente referidas como ‘atos de comportamento equivocado’ (*dukkata*). Essas liminares são muito mais numerosas do que as regras do *Pāṭimokkha* e, de maneira discutível, fazem mais por criar um estilo de vida distinto e a cultura dos mosteiros de floresta tailandeses modernos.

Com o passar do tempo, um imenso corpo de interpolações e extrapolações se acumularam em torno das liminares dos Khandhakas. Muitas delas se tornaram normas aceitas na Tradição de Floresta Tailandesa, ainda que haja certas variações de linhagem para linhagem, e de professor para professor. Desse ponto em diante, todo esse corpo de práticas será referido como ‘observâncias’, a tradução da palavra tailandesa ‘kówat’.

A descrição do treinamento em Vinaya que vem à seguir que era realizada pela Sangha de Wat Pah Pong reflete essa divisão entre as regras de treinamento do *Pāṭimokkha* e as observâncias auxiliares, tomando cada uma delas em sessões, com um cabeçalho do capítulo. Ele também inclui um relato sobre as *dhutaṅgas*, ou práticas ascéticas, como uma terceira sessão pela razão de que, embora essas práticas tenham sido sugeridas pelo Buda como sendo apenas práticas voluntárias, algumas delas se tornaram elementos compulsórios no treinamento regimentar de Wat Pah Pong.

II. PĀṬIMOKKHA O CORAÇÃO DO VINAYA

Nós seremos completos em conduta moral. Nós seremos completos no Pāṭimokkha. Nós viveremos restringidos de acordo com as restrições do Pāṭimokkha. Nós seremos completos em conduta e recursos, vendo o perigo até nas mínimas faltas. Nós treinaremos a nós mesmos ao tomar de forma correta as regras de treinamento

MN 6

O Buda listou as seguintes razões para estabelecer as regras de treinamento:

1. para a excelência da Sangha
2. para o conforto da Sangha
3. para a supressão daqueles que sejam maldosos
4. para o conforto dos monges de boas maneiras
5. para a restrição de corrupções no presente
6. para proteção contra corrupções futuras
7. para inspirar fé naqueles que não tem fé
8. para aumentar a fé naqueles que tem fé

9. para a persistência do Dhamma

10. para a promoção do Vinaya.

Citação do Vinaya, AN 10.31

A significância dada pelo Buda à essa formalização do Vinaya deve ser julgada pelo elo vital revelado entre o *Pāṭimokkha* e a longevidade dos ensinamentos. Discursando como sendo o último de uma linhagem de Budas que remetia de volta à um tempo incalculável no passado, ele disse que um padrão poderia ser discernido no período de tempo que os ensinamentos de Budas anteriores à ele duraram. Enquanto os ensinamentos de Vipassī, Sikkhī e Vessabhū duraram relativamente pouco tempo, ele disse, os ensinamentos de Kukusandha, Konāgamana e Kassapa duraram por muito tempo. As razões para a disparidade não eram apenas porque aqueles do segundo grupo foram ‘incansáveis em dar abundantes ensinamentos do Dhamma aos discípulos’ mas também porque ‘as regras de treinamento para discípulos foram indicadas e o *Pāṭimokkha* foi apontado.’ O Buda resumiu essa observação com um símile: os ensinamentos foram preservados por essas medidas da mesma forma que as pétalas de uma flor que sejam conectadas por uma linha entrelaçada de algodão podem ser prevenidas de serem espalhadas pelo vento.

Em culturas budistas theravada, a Sangha tem sido venerada como o modelo de comunidade budista planejado pelo próprio Buda e reverenciada por prover liderança moral, intelectual e espiritual para a sociedade desde a sua concepção. Mesmo que o mundo budista nunca teve falta de um grupo de praticantes leigos inspirados e exemplares, a visão que sempre prevaleceu foi a de que aqueles que realizaram os mais elevados frutos do treinamento budista o fizeram como sendo monges. Vista como sendo a instituição na qual a vasta maioria dos mais renomados estudiosos e praticantes budistas através da história escolheram passar suas vidas, a Sangha mantém um grande prestígio.

O Vinaya sempre foi a característica que definiu a vida da Sangha, o que fazia visível a incorporação dos ideias guias e foi o que garantiu a estabilidade e a integridade da Sangha através dos tempos. Em essência, ingressar na ordem monástica sempre significou comprometer a si mesmo com o estudo e a prática do Dhamma tendo como base o Vinaya.

Ao menos, este tem sido o ideal. É verdade que a inseparabilidade do Dhamma e do Vinaya - de forma mais simples, dos elementos internos e externos do caminho do Buda para a libertação - foi sempre um dos dogmas fundamentais do Budismo Theravada. No entanto, na prática, o grau no qual essa relação foi mantida nas comunidades monásticas através dos séculos flutuou amplamente. A 'Bhikkhu Sangha' é provavelmente a mais antiga instituição sobrevivente no mundo hoje, e inevitavelmente, épocas de ouro se alternaram com períodos de declínio. Na Tailândia, foi no começo do século XX, com a aparição da linhagem fundada por Luang Pu Man, que o princípio do Dhamma-Vinaya como uma entidade única foi colocado de volta ao ponto central do treinamento monástico. E era essa abordagem do caminho da prática que tanto inspirou Luang Pó Chah quando ele foi prestar suas reverências a Luang Pu Man no início de 1948.

Essa foi uma abordagem que assinalou uma cisão radical com a norma que prevalecia em Issán naquela época. Quando Luang Pó estava crescendo, ingressar na Sangha no interior do nordeste tailandês não era tido como sendo um comprometimento para lutar pela iluminação ou mesmo para aderir ao Vinaya. A vida monástica em um mosteiro de vilarejo era muito mais parecida com embarcar em uma existência simples e virtuosa, consistindo de estudo superficial das escrituras combinado com atividades sacerdotais. Luang Pó se tornou um monge no seu mosteiro local pois não havia nenhuma alternativa óbvia, e mesmo com todos os defeitos, ele teria considerado que para uma pessoa com os interesses e aspirações que ele tinha, aquele era o mais óbvio lugar para ele estar.

Sempre foi considerado algo tido como certo em culturas budistas que um homem jovem que tenha uma forte vocação espiritual, e que esteja livre de laços ou responsabilidades, irá ingressar na Sangha. Ao deixar a vida em família, ele vai ganhar a oportunidade de se comprometer de forma completa com o estudo e a prática dos ensinamentos do Buda. O argumento era que, se alguém é livre de responsabilidades de família, então por que ele não escolheria viver da forma como o próprio Buda recomendou? Por que viver como um chefe de família e descapacitar a si mesmo desnecessariamente? A ordenação foi a primeira declaração de intenção de Luang Pó no seu caminho para a libertação.

De forma não surpreendente, suas aspirações não poderiam ser satisfeitas em um mosteiro de vilarejo por muito tempo. Tornar-se um monge *tudong* no começo de 1947 foi, de várias formas, o verdadeiro início de sua vida monástica; era uma cisão na qual ele deixava pra trás um sistema monástico no qual o Vinaya era apenas seguido superficialmente e a prática de meditação era uma atividade periférica, na melhor das hipóteses. Significativamente, seu desejo ao partir não era apenas o de encontrar um mestre de meditação, mas também um que pudesse instruí-lo no Vinaya. Ele já via a ambos conectados ‘como as costas e a palma de sua mão’. Ele reconheceu desde o início de sua busca que, sem os claros limites providos pelo Vinaya, os desejos sensuais poderiam certamente tê-lo varrido completamente para fora do caminho.

Mais tarde, quando ele começou a sua própria comunidade monástica, o Vinaya era algo central na visão de Luang Pó. Ele o via como tendo um papel vital tanto em nível comunitário como individual. Comunitariamente, a consideração escrupulosa pelo Vinaya ajudava a manter uma atmosfera de respeito mútuo, harmonia e camaradagem. Em nível individual, a prática de restrição dentro dos limites do Vinaya cultivava a virtude interna de *sīla*, que junto com o treinamento do coração (*samādhi*) e sabedoria (*paññā*) constituem o caminho do Buda para a iluminação.

A dimensão individual era chave. Se esperava que os monges fossem hábeis em trazer à mente as regras de treinamento em situações relevantes, por criar sistematicamente novos hábitos corretos de conduta e comunicação através dos tempos. Instruções precisas e detalhadas para lidar com o mundo material mantinham os monges firmes no momento presente. As recordações dos preceitos no momento em que a intenção de transgredir surgia os permitia parar, despertar para a significância de suas intenções, e se abster de ações não sábias. Não era fácil. Mas para aqueles que persistiram, praticar dessa maneira libertava suas mentes de culpa, ansiedade, arrependimento, e lhes dava uma sensação de bem estar e autorrespeito que formava a fundação indispensável para o desenvolvimento de *samādhi* e *paññā*. Em um trecho do Parivāra:

A disciplina tem o propósito de restringir, a restrição tem o propósito de torná-lo livre de remorso, liberdade de remorsos tem o propósito de dar alegria, alegria tem o propósito de levar ao êxtase, êxtase tem o propósito

de dar tranquilidade, tranquilidade tem o propósito do prazer, o prazer tem o propósito da concentração, a concentração tem o propósito do conhecimento e visão das coisas como elas são, conhecimento e visão das coisas como elas são tem o propósito do desencanto, desencanto tem o propósito de libertar-se, libertar-se tem o propósito do conhecimento e visão da libertação, conhecimento e visão da libertação tem o propósito de Nibbāna através de não se apegar.

Vin Pv 12.2

Luang Pó acreditava que, como membros da Sangha, era o dever dos monges em dar grande respeito à prática do Vinaya. Desrespeito à ele significava desrespeitar ao próprio Buda, seu criador. E se um monge tratasse o Buda com desrespeito, então como ele poderia esperar progredir no Dhamma?

LUANG PÓ FALA SOBRE O VINAYA

Nossa prática aqui tem sua fundação no Vinaya, juntamente com as práticas ascéticas e a prática de meditação. Estar plenamente atento, estar resguardado pelas várias regras monásticas incluindo e honrando as 227 regras do *Pāṭimokkha*, é algo que tem um imenso valor. Isso faz a vida ser simples e pacífica: nós não temos que estar ansiosos sobre como deveríamos estar nos comportando. Estamos livres de preocupação e, ao contrário, temos uma vida pacífica liderada pela plena atenção.

O Vinaya nos permite viver juntos como uma unidade; a comunidade segue de forma suave. Para quem vê de fora, todos se parecem e agem da mesma forma. O Vinaya e a moralidade são uma escadaria firme que leva a profundos níveis de concentração e sabedoria. Com o uso apropriado do Vinaya e das práticas ascéticas, nós simplificamos nossas vidas e limitamos nossas posses. Aqui nós temos a completa prática do Buda: evitar o mal e fazer o bem, viver de forma simples, mantendo apenas as necessidades básicas, purificar a mente. Em outras palavras, estar atento à mente em todas as posturas: sentado, em pé, andando ou deitado - conheça a você mesmo.



Lembre-se: a essência do Vinaya é observar a sua intenção, examinar a sua mente.



O praticante deve ter plena atenção, e deve ser reflexivo. Em sua fala e em todas as suas ações físicas - tocando as coisas, pegando-as ou o que quer que seja - você deveria primeiro estar cuidadosamente ciente sobre o que você está fazendo e o porquê. Erros ocorrem quando sua plena atenção é fraca, ou quando você não está prestando atenção no que está fazendo.



Embora possa parecer que o Vinaya está te hostilizando, ele tem um enorme benefício. Você deveria saber todas as regras de treinamento. Se existe qualquer uma que você não saiba o que significa, então descubra através de alguém que saiba.



Um monge que não mantém o Vinaya e que não medita não pode viver junto com um que o faz - os caminhos irão divergir.



Estude [as regras de treinamento] até você entendê-las, reflita sobre o que você aprendeu e então memorize-as. Sempre que possível venha, reverencie ao professor e esclareça as suas dúvidas. Ele explicará os pontos mais refinados. Continue estudando até que você entenda verdadeiramente o Vinaya.



Tome conta das regras como um jardineiro toma conta das árvores: sem discriminar entre as grandes e as pequenas.



Você deve ser meticuloso com o Vinaya, e se você não o pratica de maneira completa, então você vai encontrar dificuldades. Aqueles que são restritos pelos limites do Vinaya sentem que nada pode

colocá-los em perigo mas, no entanto, eles estão constantemente mantendo-se em guarda.

DÚVIDAS

Quando era um jovem monge, Luang Pó desenvolveu um profundo interesse pelo Vinaya. Ele logo se graduou através dos estudos dos livros básicos do *Pubbasikkhāvaṇṇanā*, uma tradução dos densos comentários do Sri Lanka datada do século XIX que era considerada a fonte principal para estudos sérios de praticantes do Vinaya.* Ele fez diversas anotações e sempre manteve consigo um caderno repleto com os fatores que determinavam a transgressão de cada regra. Anos mais tarde, falando sobre a energia e dedicação que ele trouxe para os seus estudos do Vinaya, ele recordava como às vezes ele pegaria esse caderno às seis da tarde e não o colocaria de lado até o amanhecer do dia seguinte, quando já fosse hora de se preparar para sair em mendicância matinal. Seu entendimento do Vinaya se aprofundou durante seus anos de peregrinação conforme ele encontrava outros monges comprometidos em viver sob as regras de treinamento e conseguia discutir com eles sobre passagens mais obscuras dos textos.

Contudo, ao embarcar no estudo do grande trabalho do século V d.C. do Venerável Buddhaghosa, o *Visuddhimagga* (*O Caminho da Purificação*) – o preeminente texto Comentário do Budismo Theravada – Luang Pó experienciou uma crise de fé. Ao se concentrar na sessão que lidava com a moralidade, o imenso número de observâncias menores listadas no texto fez o Vinaya, se tomado em sua totalidade, lhe parecer um sistema demasiado complexo para se usar para a vida. Para Luang Pó essa era uma conclusão devastadora; ela atingia o núcleo de sua vocação. Anos mais tarde ele se recordava fazendo caretas, ‘Eu pensava que minha cabeça ia explodir.’

Para a mente de Luang Pó, a devoção ao Vinaya do Buda vinha naturalmente da devoção ao seu Dhamma. Os dois eram inseparáveis. Luang Pó queria manter todas as regras, e mantê-las perfeitamente. Mas agora parecia

*Este livro, publicado em 1860, foi o trabalho do Venerável Amarabhirakkhita, um dos monges da primeira geração de reformadores Dhammayut.

que, não importasse quanto esforço ele colocaria, quanta sinceridade ele pudesse ter, aquilo não seria possível.

Uma simples convicção manteve uma das piores dúvidas à margem: o Buda, o maior de todos os professores, era um pragmático. Ele jamais teria prescrito padrões de comportamento impraticáveis para que seus discípulos vivessem em função deles. Luang Pó sentiu-se travado - como se tivesse chegado à um beco sem saída - mas ainda assim ele acreditava que havia uma saída, e estava determinado a encontrá-la. Foi por essa razão que, quando ele foi prestar reverências a Luang Pu Man, as primeiras perguntas que ele escolheu fazer não foram sobre meditação, mas sobre o Vinaya:

Eu disse, ‘Venerável Ajahn, o que eu devo fazer? Eu sou novo na prática e não sei como proceder. Eu tenho muitas dúvidas. Eu ainda não tenho uma fundação firme.’

Ele disse, ‘Qual é o problema?’

‘Bem, quando eu estava tentando encontrar um caminho para seguir em frente com a prática, eu comecei a estudar *O Caminho da Purificação*. Aquilo fez com que eu sentisse que era além de minha capacidade, que nenhum ser humano tem a capacidade de praticar daquela maneira. É simplesmente muito difícil; é impossível ser plenamente atento a cada uma daquelas regras.’

E Luang Pu Man me disse, ‘É verdade que existem muitas observâncias; mas na essência, existem poucas. Se você fosse tentar manter absolutamente cada regra mencionada naquele livro, seria certamente uma tarefa difícil. Mas na verdade, a *Exposição sobre Sīla* é apenas isso - uma exposição, uma que descreve o funcionamento da mente humana. Através de treinar sua mente a ter sábia vergonha (*hiri*) e medo das consequências (*ottappa*), você vai naturalmente possuir restrição e cuidado no que diz respeito às regras de treinamento. Como resultado, seus desejos serão reduzidos e sua plena atenção será mais forte. Mesmo que esteja em pé, andando, sentado ou deitado, você terá a intenção de manter uma completa e constante plena atenção. Vigilância surgirá em sua mente.’

Essa abordagem do Vinaya foi uma revelação para Luang Pó. Ele entendeu Luang Pu Man estar dizendo que, não era que você deveria depreciar as regras de treinamento em favor apenas de um desenvolvimento de atenção mais abrangente, mas que a plena atenção enraizada em um claro conhecimento das regras deve ser baseada em uma correta atitude para com elas.

Era um tema que Luang Pó enfatizava repetidamente em seus próprios ensinamentos. Como era uma regra de Luang Pu Man:

“Qualquer coisa que apareça, e que você não esteja seguro sobre aquilo - pare. Se não há vigilância em sua mente, então não faça aquilo, não diga aquilo. Por exemplo, você pensa, ‘seria isso uma ofensa ou não?’ Se você ainda não sabe se é ou não é, então não aja com aquela intenção, não fale com aquela intenção, não transgrida.”

Luang Pu Man aconselhou à Luang Pó que, em tempos de dúvidas, era correto procurar por professores e escutar o que eles tinham para dizer. No entanto, ele deveria manter em mente que as palavras dos outros nunca poderiam eliminar completamente as suas próprias dúvidas. Cada ação inábil é precedida por uma intenção inábil; a menos que uma restrição interna seja desenvolvida, dúvidas sobre conduta nunca desapareceriam. O ponto chave era, ele disse, ‘quando a mente aceita completamente o quão erradas são as ações erradas e o quão corretas são as ações corretas.’

Luang Pó resumiu o ensinamento que ele recebeu de Luang Pu Man da seguinte forma:

Esse ensinamento que ele me deu foi importante: não é que você pode ‘*raksar*’ cada regra. Não é suficiente que você ‘*rakse*’ sua mente.*

Isso não significa que Luang Pó chegou à conclusão de que a prática de plena atenção era suficiente por si mesma. Quando informado sobre a visão de que um monge plenamente atento seria um monge naturalmente virtuoso, ele respondeu:

* O verbo ‘*raksa*’ em tailandês foi mantido aqui para dar ideia do jogo de palavras. ‘*Raksa*’ pode significar tanto ‘manter’ (como em, ‘manter os preceitos’ ou ‘manter a sua palavra’) quanto ‘ter cuidado com’ ou ‘proteger’.

Isso é verdade, mas não é correto. Isso é correto, mas não é verdade.

Em outras palavras, isso era colocar a carroça na frente dos bois. Embora possa ser verdade que uma inabalável plena atenção protege um monge de intenções inábeis, também é o caso que muito poucos monges possuem tamanho nível de plena atenção. A pergunta chave é como uma plena atenção protetora deve ser cultivada em primeiro lugar. Luang Pó insistia que a recordação das regras era um dos mais importantes meios de cultivar a plena atenção estabelecido pelo próprio Buda.

No *Anguttara Nikāya* *, o Buda dá uma lista de oito critérios que devem ser usados para decidir se um ensinamento está ou não em harmonia com o Dhamma-Vinaya. Luang Pó adotou essa lista em seus próprios estudos, e a inspiração que ele encontrou nas palavras de Luang Pu Man foi fortalecida ainda mais com o reconhecimento de que elas eram completamente congruentes com os oito fatores:

Enquanto eu estava ali sentado ouvindo, eu vi que aquilo estava de acordo com o ensinamento dos oito critérios para decidir o que é verdadeiramente o ensinamento do Buda.

Qualquer ensinamento que não leve à acumulação de impurezas, ou à vincular-se com o sofrimento, mas que leve a separar-se do apego, a ter poucos desejos, ao contentamento, à reclusão, a empregar esforço, a ser alguém fácil de ser mantido - esse ensinamento é o verdadeiro ensinamento do Buda.

HIRI E OTTAPPA OS DOIS GUARDIÕES DO MUNDO

Hiri e *ottappa* foram duas virtudes que Luang Pu Man assinalou como sendo fundamentais para crescer no Dhamma-Vinaya. Das várias interpretações dessas palavras em português, ‘vergonha’ e ‘medo’ são as mais comuns, enquanto tentativas mais recentes incluíram ‘consciência’ e ‘cuidado’. A falta de consenso entre os tradutores aponta para a dificuldade em encontrar palavras para essas qualidades que sejam livres de conotações judaico-cristãs que não existem em seus significados originais. Talvez a

* AN 8.53

característica que torna únicos esses dois termos é que eles não envolvem nenhuma ideia de um ‘eu’ que seja ‘envergonhado’ ou ‘mau’, apenas a ideia de ações ‘vergonhosas’ ou ‘más’. Hiri e ottappa podem ser vistos como emoções que surgem naturalmente quando ações não sábias são vistas à sua verdadeira luz.

Nesse livro, ‘hiri’ é traduzido como ‘sábia vergonha’ e ‘ottappa’ como ‘sábio medo das consequências’. O prefixo ‘sábio’ tem a intenção de enfatizar que essas duas virtudes são emoções positivas que devem ser cultivadas por meio de sábia consideração (*yoniso manasikāra*). Recordar-se regularmente dos seus objetivos e aspirações, de seu status e suas responsabilidades, possibilita à mente reconhecer quaisquer ações e falas em conflito com eles, resultando em uma diminuição dessas ações (as escrituras comparam isso com uma pena se encolhendo e se afastando do fogo). Isso é chamado ‘sábia vergonha’. Recordar regularmente das consequências das ações à luz da lei do *kamma* resulta em um medo racional de ações não saudáveis: ‘sábio medo das consequências’.

Sábia vergonha, sábio medo das consequências - isso é tudo o que vocês precisam. Quando você está prestes a fazer alguma coisa, e você não tem certeza se é certo ou errado, a sábia vergonha surge e você não faz aquilo. Não importa se, de fato, aquilo é certo ou errado: você desiste naquele momento. Qualquer coisa que você não tenha certeza, não faça, não diga. Verifique com seu professor antes.

Esse é o terreno comum à todas as regras do Vinaya: cultivar a sábia vergonha e o sábio medo das consequências com relação à todos os maus kammass. Isso alcança o ponto de que a intenção de matar um mosquito parece ser a mesma do pensamento de matar um ser humano.

Se um mosquito te pica, você vai coçar a picada e mata o mosquito sem querer, então não há kamma envolvido. Mas aquela morte o recorda de ser mais atento no futuro. E não ser desatento - você deve adicionar esse ponto. Você cuida do Vinaya nesse único ponto de sábia vergonha e sábio medo das consequências, e isso vai abarcar à cada regra de treinamento. Apenas esteja certo de

ter sábia vergonha e sábio medo das consequências ... e isso é o Dhamma.

SEM MAIS VONTADE DE TRANSGREDIR

Em uma das raras ocasiões em que Luang Pó se referiu às suas próprias realizações espirituais, ele disse à Sangha em Wat Pah Pong que, depois de muitos anos de aplicação, seu próprio estudo sobre o Vinaya terminou quando ele percebeu que as volições necessárias para transgredir as regras de treinamento já não mais existiam nele. Era impossível para ele agir de maneira não saudável. Ele repetiu o insight que ele ganhou de seu encontro com Luang Pu Man:

Esse é um ponto importante: o único verdadeiro término do estudo do Vinaya vem de dentro.

A declaração de Luang Pó de que a intenção de transgredir não estava mais presente em sua mente faria sentido imediatamente se todas as regras do Vinaya fossem para restringir a expressão de impulsos não saudáveis. Mas existem várias regras que prescrevem atos que não são inerentemente imorais - comer depois do meio dia é um exemplo óbvio. Por que então a pureza interior de um monge resultaria inevitavelmente em ele aderir à regras não diretamente relacionadas ao surgimento da cobiça, da raiva e da ilusão em sua mente? Esse é um ponto que joga luz sobre o entendimento do Vinaya encontrado em Luang Pó e seus companheiros professores da Tradição de Floresta Tailandesa.

A visão deles é baseada sobre o fato de que o Vinaya foi passado pelo próprio Buda. Qualquer um que requeira o ingresso na Sangha, solicita a permissão de viver de acordo com o Vinaya do Buda. Consequentemente, através da fé na sabedoria do Buda, ele está prometendo respeitar todas as regras do Vinaya sem ficar escolhendo quais seguir e quais não seguir. Transgredir uma regra será então visto como renegar à uma promessa, e é essa volição de trair um compromisso que não existe mais na mente de um monge iluminado.

Em segundo lugar, em uma passagem fundamental nos Suttas^{*}, o Venerável Mahā Kassapa declina à um convite do Buda para que ele relaxasse suas práticas ascéticas quando já estava em idade avançada. Ele explicou ao Buda que ele queria ser um bom exemplo para os monges mais jovens e para as gerações futuras. Era essa mesma motivação que guiava os grandes arahants em sua escrupulosa aderência às regras de treinamento.

A posição de que os preceitos podem ser abandonados depois da iluminação é uma que foi rejeitada por todos os grandes mestres da tradição Theravada. Eles tomaram as dores de evitar enviar a mensagem de que aqueles que atingiram um certo nível de insight estariam agora acima das regras de treinamento. O perigo que eles viram na visão de que as regras são apenas para aqueles que necessitam mantê-las é de que aquilo sabotaria a harmonia da Sangha que existe através da prática geral das regras. Isso poderia facilmente levar a que monges corruptos ou iludidos pudessem clamar por exceções aos padrões de comportamento do grupo baseadas em falsos níveis de realização. Com a superestimação de níveis de realização, que sempre foi um desafio para comunidades de meditadores, um sistema no qual nenhum monge pode solicitar exceções às regras de treinamento provê segurança à todos^{**}. Aqueles monges que acreditem equivocadamente terem atingido algum nível de iluminação estão dessa forma protegidos de criar mau kamma. Seus estudantes estão resguardados de facilitar esse tipo de comportamento através da fé em seus professores e assim criando mau kamma eles mesmos.

Luang Pó liderava através do exemplo. Ele procurou estabelecer o tom no mosteiro por manter um impecável padrão de conduta. Em todas as luas cheias e luas novas, a Sangha de Wat Pah Pong se juntava para seu mais importante e recorrente ritual: a recitação, por um de seus membros, das 227 regras do *Pāṭimokkha*. Antes de entrarem no Salão de Uposatha, era solicitado aos monges que se juntassem em pares para confessar ao seu companheiro quaisquer ofensas ao Vinaya que eles tivessem cometido nos últimos quinze dias. Somente então ‘purificados’ eles poderiam juntar-se à recitação. Luang Pó, embora livre de transgressões, sempre fazia o

^{*} SN 16.5

^{**} Contudo, existem cláusulas de não-ofensas, como por exemplo em casos de doença ou insanidade.

mesmo ritual. Depois da recitação, ele daria uma palestra de incentivo à Sangha na qual ele enfatizaria o papel da conduta moral no caminho para a iluminação.

ENJAULANDO O TIGRE

Para monges recém ordenados em Wat Pah Pong, o Vinaya podia parecer um pesado fardo. Alguns diziam que se sentiam como se mal pudessem levantar um dedo sem estarem quebrando uma regra ou outra. Monges podiam se sentir intimidados pelo número de regras: parecia que deveriam ter muitas na cabeça à cada momento. Jantando isso ao desconforto causado pelas constrições de sua nova vida, poucos monges estavam livres de momentos estranhos de arrependimento por antigos hábitos e prazeres. Luang Pó dizia aos seus discípulos que fossem pacientes, que o desconforto era uma reação natural. Restringirem à eles mesmos nos limites do Vinaya, ele dizia, era como enjaular um tigre. Inicialmente, o tigre enjaulado ruge para as barras, mas ele gradualmente se acostuma ao confinamento e aceita a situação. O tigre, ele dizia, era como as impurezas:

Não é que sua mente está sofrendo; são as impurezas que estão agitadas. Seja paciente.

Em outra ocasião, ele comparou as impurezas e visões preconceituosas com uma infecção em uma ferida, e o Vinaya como um instrumento que sonda a ferida (às vezes de forma dolorosa) para limpar a matéria que não deveria estar lá para que a ferida possa sarar.

USO SÁBIO

Em Wat Pah Pong, conduzir a si mesmo dentro dos limites estabelecidos pelas regras de treinamento era ensinado como sendo um meio de promover plena atenção e harmonia social. Mas, como qualquer ferramenta, quase sempre havia a possibilidade de que elas fossem usadas de forma inábil e criarem mais feridas do que bem estar. O maior perigo em enfatizar o Vinaya era de que ele poderia ser tomado como um fim em si mesmo. Ser ‘estrito’ poderia se tornar um fetiche, e uma causa para um certo orgulho espiritual. Luang Pó alertava os monges:

O Vinaya pode lhes causar todo tipo de angústias se vocês não souberem usá-lo apropriadamente.

Ele frequentemente recordaria aos monges de que eles deveriam usar a plena atenção e a sabedoria para protegerem sua própria prática do Vinaya de sentimentos de presunção e do desejo por uma identidade. Ele os alertava sobre se prenderem obstinadamente à interpretações particulares das regras de treinamento ou usarem a prática do Vinaya como uma forma de exaltarem a si mesmos e denegrirem aos outros:

O Vinaya é uma ferramenta para ser usada para o seu próprio cultivo. Não é uma arma para ser usada para criticar ou encontrar faltas nos outros. Ninguém pode fazer a sua prática por vocês, e nem vocês podem praticar pelos outros. Apenas estejam plenamente atentos à sua própria conduta.

Ele diria aos monges para darem 90% de sua atenção à sua própria conduta e apenas 10% à dos outros. Ficar nervoso com monges que não estavam respeitando as regras de treinamento era perder o ponto do Vinaya como um todo. Dúvidas obsessivas e ansiedade sobre transgressões eram armadilhas a serem evitadas. Com tantas regras de treinamento - e com um número tão grande delas sendo complicadas por fatores mitigantes ou agravantes - não era de se surpreender que monges frequentemente se tornassem presas das dúvidas sobre sua própria integridade na prática do Vinaya. Se um monge não fosse diligente em seus estudos ou não fosse tirar suas dúvidas com algum monge mais estudado, sempre haveria espaço para incerteza. Se o monge fosse predisposto a se preocupar, ele sofreria consideravelmente.

Às vezes, um desejo por pureza levava à uma obsessão com supostas impurezas. De vez em quando, um monge adotaria interpretações irrealistas de restrição das regras do Vinaya e isso o levaria à uma distração de sua inabilidade em mantê-las. Ele poderia até decidir desistir do treinamento de uma vez, receoso de maus kamma criados por viver a vida monástica de forma inadequada. Nos discursos de Luang Pó sobre o Vinaya, um certo monge desafortunado chamado Dam frequentemente faria o papel do ‘cauteloso’:

Alguns monges leem os textos dos Comentários e começam a pensar que estão cometendo ofensas a cada minuto do dia. Esse é um sinal de falta de sabedoria. Eu falei com vocês antes sobre o Sr. Dam, de Bahn Tung, que foi monge aqui por três anos. Enquanto ele estava praticando meditação andando, viria um pensamento à sua mente de que ele havia cometido uma ofensa. Ele ia até outro monge que estava praticando meditação andando próximo à ele e pedia para confessar formalmente a ofensa. Então ele retornava ao seu local de prática de meditação andando, dava mais alguns passos e então pensava, ‘Oh não! Aquilo também era uma ofensa!’ Ele passava o tempo inteiro indo pra lá e pra cá, confessando ofensas pra esse ou aquele monge. Isso começou a deixá-lo louco ... Outros monges começaram a evitá-lo. Quanto mais ele estudava o Vinaya, pior ele ficava; sua mente estava numa tormenta, duvidando de cada simples aspecto do Vinaya. Três anos de manto e ele não tinha nada para mostrar além de uma mente cheia de dúvidas.

O Sr. Dam, estrangulado por suas dúvidas, certamente abandonou a Sangha. Luang Pó apontava que, nesses casos, largar o manto era o resultado previsível para monges que acreditavam nas histórias que eles mesmos criavam com suas dúvidas.

INTENÇÃO

Intenção* é o fator chave determinante em quase todas as ofensas listadas no Vinaya. Mas dado que, em tempos de estresse a consciência da intenção é enfraquecida, até o mais íntegro dos monges poderia ser atacado por dúvidas sobre suas ações depois do fato. Luang Pó aconselhava aos monges atormentados dessa maneira a verem dúvidas como dúvidas, saberem que isso é um estado condicionado da mente, entenderem a sua natureza. Se a dúvida persiste, e se os professores de Vinaya concordarem que houve bases reais para isso, então ele devia confessar a ofensa.

*Pali: *cetanā*. Também comumente traduzido como ‘volição’ e ocasionalmente como ‘impulso’.

Em certos casos de negligência ‘criminosa’, a intenção não é o fator decisivo. Um monge que inadvertidamente ingere álcool, por exemplo, é considerado como tendo cometido uma falta por não ter prestado atenção suficiente ao líquido que lhe foi oferecido antes de tomá-lo. Falta de respeito também pode ser um fator decisivo. Luang Pó uma vez deu um exemplo de um monge desavergonhado que comia alguma coisa acreditando que já tinha passado do período limite do meio dia, e então descobria que, de fato, ainda não era meio dia. Ele cometeu uma ofensa? Embora ele não tenha cometido a ofensa de ‘comer no horário inapropriado’, Luang Pó explicou que se considerava que ele tinha cometido uma ofensa menor, de ação inadequada:

A ofensa está em perder a noção do tempo, não refletir à fundo, ser desatento e não restrito.

Para o monge esforçado, o respeito pelas regras e o comprometimento com o treinamento deveriam sempre ter precedência sobre o conforto e a facilidade. Luang Pó deu o exemplo de um monge que, longe do mosteiro, é tentado por uma oferenda de peixe semi-cru - uma iguaria de Issán:

Você está em tudong, e durante a mendicância matinal um doador coloca um pouco de peixe enrolado em folhas na sua tigela. É tudo o que você tem para comer com o arroz. Mas quando você se senta para comer e abre o embrulho, resulta que o peixe está praticamente cru, e então você o coloca de lado.* Você vai preferir comer o arroz puro. Você não ousa transgredir; a mente vê [a falta]. Quando você atinge esse nível, manter o Vinaya se torna mais fácil.

Luang Pó relatou aos seus discípulos como ele lidou com sua própria crise de fé quando era um jovem monge:

Quando eu vi as faltas em meu comportamento, em minha prática, em meus professores, em tudo, eu fiquei tão alterado que eu quase larguei o manto. Eu me sentia quente, eu não conseguia dormir. Era realmente mau kamma. O kamma mora nas especulações das dúvidas. Quanto mais eu me pegava às dúvidas, mais eu meditava,

* Consumir carne crua ou peixe cru é proibido.

mais esforço eu colocava. Eu seguia trabalhando dessa forma sobre qualquer ponto em que minha mente estivesse emperrada. Como resultado, a sabedoria surgiu e as mudanças ocorriam de forma contínua.

Anteriormente, eu não estava completamente ciente sobre as ofensas de ações inadequadas, eu não estava interessado em nenhuma delas. Mas quando eu realmente entendi o Dhamma e me mantive nesse caminho de prática, então as ofensas de ações inadequadas se tornaram, para mim, como ofensas de expulsão.

INSTRUÇÕES DE VINAYA

Instruções formais de Vinaya em Wat Pah Pong eram intensificadas durante os três meses dos Retiros de Chuvas. Todas as noites, depois da sessão de recitação de cânticos e de meditação, Luang Pó lia e comentava sobre o *Pubbasikkhāvaṇṇanā*.

Eu ainda uso o *Pubbasikkhā* como minha referência para treinar monges e noviços. Eu lia o texto para a Sangha por muitos anos. Naqueles tempos, eu me sentava no ‘assento do Dhamma’ e ensinava até pelo menos as onze da noite ou meia noite: algumas noites, ia até uma ou duas da manhã. Os monges estavam interessados, aquilo era um treinamento para escutar e então levar o que você escutou para refletir sobre aquilo. Se você apenas ouvisse, eu não acho que você conseguiria entender em profundidade. Depois que você ouviu, você deve ir através dos pontos e analisá-los até você entender.

Os monges e noviços podiam realmente estar interessados no Vinaya, mas as sessões até tarde da noite podiam ser extenuantes, especialmente depois de um longo dia. Em tomando o tempo como algo sagrado, as explicações de Luang Pó sobre as regras seriam salpicadas por contos vívidos, muitos deles sendo bem-humorados, para manter sua plateia alerta.

Vários dos monges e noviços também tinham sua própria cópia do primeiro dos três volumes do texto de Comentários *Vinaya Mukkha*, composto pelo Supremo Patriarca Prá Vajirananavarorasa em 1913. Eles davam uma apresentação muito mais alinhada do Vinaya e consistiam em um elemento

principal do currículo para os Exames Nak Tam. Mas embora o *Vinaya Mukkha* ajudasse a fornecer uma aplicação básica do Vinaya, Luang Pó encorajava o estudo do *Pubbasicchā*. Em uma ocasião ele aconselhou:

A melhor coisa é ter a sua própria cópia e estudar o Vinaya por sua própria conta em sua cabana. Quando você tiver tempo livre, leia o texto e siga considerando o seu significado. Então venha, ouça as explicações e reflita sobre elas em sua totalidade. Quando você não entender alguma coisa, venha e pergunte ao professor e ele te dará instruções.

Luang Pó explicava que o Vinaya consiste em um sistema complexo de convenções para serem memorizadas, contempladas e então aplicadas com plena atenção e sabedoria. Proficiência no uso das regras de treinamento era para ser ganha através da prática consistente e de aprender por experiência própria. O Vinaya não fornecia um manual de instruções do tipo ‘corte seco’ para a vida diária dos monges.

Ele é extremamente sutil e você não conseguirá gravar todas as regras em sua memória rápido o suficiente. Existem tantos detalhes para aprender que isso leva um longo tempo de estudos aprofundados com o professor e prática contínua.

Estar em acordo com regras de treinamento e observâncias monásticas levava à uma redução do tempo que poderia ser de outra forma consumido por assuntos pequenos, e à incrementar a eficiência em conduzir os assuntos da Sangha. Isso era especialmente verdadeiro quando eles eram acompanhados por uma forte dedicação comum à prática.

Um grande número de monges não são levados à falta de cuidado e à desordem. É como uma centopeia. Uma centopeia tem muitas pernas e parece desajeitada, como se as pernas fossem ficar todas enroscadas. Mas na verdade, como existe um ritmo e uma ordem nos movimentos, a centopeia anda por aí sem dificuldades. É a mesma coisa com o Budismo. Se vocês praticam como verdadeiros discípulos do Buda, é fácil. Isso significa praticar bem, praticar de forma direta, praticar com o intuito de se livrar do sofrimento, praticar com integridade. Então se existem centenas de monges

ou mesmo milhares - não importa quantos haja - isso não importa, pois eles formam um todo harmonioso.

Recordarem-se do Vinaya dava à eles a oportunidade de estarem cientes de suas velhas reações habituais e desejos mundanos, e a abrir mão deles. Em vários casos, o papel do Vinaya era de simplificar e esclarecer escolhas ao fornecer limites para as ações. Esses limites deveriam manter-se firmes, mesmo quando motivações que fossem saudáveis pressionassem para que eles fossem ignorados. Monges não eram ensinados a reprimir sua compaixão em favor de regras e regulamentações, apenas que deviam aprender como expressar essa compaixão dentro dos limites do Vinaya.

TESTANDO

Os discípulos seniores de Luang Pó recordavam com apreço das formas com as quais ele usava as regras do Vinaya para testar a atenção deles. Enquanto estavam caminhando durante o dia, por exemplo, ele colocaria um pano de banho dobrado sobre a cabeça para se proteger do sol. O Vinaya permite que um monge cubra a cabeça apenas se seu professor já estiver fazendo isso, e ao ver Luang Pó cobrindo sua cabeça, outros monges o seguiriam de forma agradecida caso lhes parecesse conveniente. Em algumas ocasiões, depois de passado um certo período de tempo, Luang Pó discretamente removeria o pano de sua cabeça e, depois de um tempo, ele olharia para trás para ver se os demais monges tinham feito o mesmo. Aqueles que não tivessem seriam advertidos por estarem sonhando acordados ou, pelo menos, receberiam um dos seus famosos olhares fulminantes.

A PRÁTICA DO VINAYA

As regras do *Pāṭimokkha* são tratadas em detalhes no *Vibhaṅga*, às vezes de forma exaustiva. A exposição de cada regra inclui uma análise palavra por palavra e vários casos que levaram ao estabelecimento daquela regra. No entanto, certas áreas cinzas ainda existem, para as quais não é possível haver interpretações incontestáveis. Em certos casos, prevaleceu o espírito e não o 'pé da letra' da regra de treinamento. Por exemplo, a regra proibindo o consumo de álcool é estendida para cobrir outras drogas que causem vício. Em casos onde a explicação de uma regra contenha palavras ou frases ambíguas, ou que deixe um possível furo, grupos monásticos

geralmente chegam aos seus próprios acordos sobre a prática correta. Luang Pó era conhecido por estabelecer convenções em Wat Pah Pong que visavam promover a plena atenção ao invés da conveniência. Os ‘Grandes Padrões’ requerem que os monges decidam pela adequação de qualquer novo item não coberto no *Vinaya Piṭaka* decidindo se ele remete mais a itens proibidos na época do Buda ou a itens permitidos por ele. Baseado nesse critério, dirigir um carro, por exemplo, é proibido, enquanto viajar de avião é permitido.

PEGAR O QUE NÃO FOI DADO

Existem quatro ofensas de expulsão (*pārājika*) listadas no *Pāṭimokkha*.^{*} Um monge que cometa qualquer uma delas perde o status de monge no momento em que a comete e não pode ser reintegrado à Sangha depois disso.

É como um homem que, tendo sua cabeça sido cortada, não pode sobreviver sem ela ...ma folha ressecada retirada de seu caule jamais pode se tornar verde ... um bloco sólido de pedra quebrado em dois não pode voltar a ser apenas um ... uma árvore cortada na base é incapaz de seguir crescendo.

Vin Mv 1.65

Um monge dedicado que comece a suspeitar que ele pode ter cometido uma ofensa de expulsão sofre intensamente. ‘Será que eu ainda sou um monge?’ é um dos pensamentos mais estressantes que um monge pode ter que suportar. A quarta ofensa de expulsão, que envolve mentir sobre a própria realização espiritual, dá aos monges mais espaço para dúvidas. Mas o segundo *pārājika*, ‘pegar o que não foi dado’, pode também manter um monge sem poder dormir.

Nessa regra, o valor do objeto do qual o monge se apropriou afeta a severidade da ofensa. Se o objeto é sem importância - vale menos que um ‘*pāda*’ - a escritura determina como uma ofensa menor, não digna de expulsão. Mas no mundo atual, como podemos estimar o valor de um ‘*pāda*’? Embora os Comentários definam um *pāda* por seu peso em

^{*}Resumidamente, elas são: relação sexual; roubo; matar um ser humano; e dizer falsamente que tem uma realização espiritual.

ouro, ao simplesmente calcularmos o valor atual do mesmo peso em ouro (como várias comunidades monásticas fazem) requer ignorar o papel que o ouro tem hoje no sistema econômico internacional. O valor baseado no mercado hoje é tanto inflado quanto variável. Dos casos que são citados nas escrituras nos quais os monges foram tidos como culpados por roubo, um pāda parecia ser uma quantidade bem pequena de dinheiro, mas nenhum padrão exato pode ser deduzido pelos exemplos. Se um monge pegou absolutamente qualquer coisa que não pertença à ele, a persistente dúvida que acompanha o seu remorso é se o item é ou não digno de expulsão.

Luang Pó lidava com essa ambiguidade por adotar a posição do *Pubbasikkhā*, que simplesmente traduz o antigo pāda indiano como o baht tailandês (eles são, na verdade, a mesma palavra). Quando o *Pubbasikkhā* foi publicado pela primeira vez no século XIX, um baht tailandês podia comprar uma vaca e então a tradução elevou a referência para a expulsão à um nível bastante alto. Mas na metade da década de 1950, o baht tailandês tinha perdido muito do seu valor e passou a valer cada vez menos conforme o tempo passou. Em opção para essa convenção, Luang Pó efetivamente estabeleceu a abordagem de ‘tolerância zero’ para desonestidade. Ao fazer isso, pode-se fazer a objeção de que ele estava distorcendo o Vinaya ao abolir a ofensa menor ‘*de facto*’ quanto à um pequeno roubo.

A posição de Luang Pó era de que um monge preparado para roubar até o mais pequeno dos itens não tinha lugar em seu mosteiro. O roubo de qualquer item levaria à expulsão em Wat Pah Pong, não necessariamente à expulsão da Sangha. Se um monge cometesse o roubo de um pequeno item e estivesse seguro em sua mente de que ele não tinha cometido uma ofensa pārajika, ele poderia simplesmente deixar o mosteiro e ir a outro lugar. Ele era o dono do seu kamma. Luang Pó não insistia que sua interpretação fosse a única correta, mas era aquele o padrão de honestidade que ele esperava que seus discípulos tomassem para suas vidas.

Como um treinamento da mente, essa interpretação da regra encorajava monges a darem grande atenção e cuidado para com a forma como lidavam com o mundo material. Eles sabiam que um momento de desatenção podia significar horas ou dias de agitação mental. De um monge que pegasse uma caixa de fósforos do altar, ou mesmo apenas um fósforo, se esperava que ele informasse a outro monge de que ele estava fazendo aquilo. Como um

benefício secundário, o menor embaraço de ter que informar aos demais até dos seus mínimos atos de consumo fez muito por nutrir o espírito de frugalidade no mosteiro.

OFERENDAS

A quadragésima regra de treinamento na sessão de ‘Confissões’ (*Pācittiya*) do *Pāṭimokkha* lida com a forma pela qual os monges podem receber alimentos e medicamentos. Ela estipula que ele deve receber essas oferendas ou diretamente em suas mãos, ou em um recipiente, ou em um lenço que ele esteja segurando. Para que uma oferenda seja considerada como legítima, o doador deve estar dentro da distância de um braço do monge.

Mas existem zonas cinzas. Qual é o procedimento correto, por exemplo, se um monge toca em um alimento com a crença equivocada de que ele já foi oferecido à outro monge? Ao perceber esse erro, deve ele pedir para que uma pessoa leiga ofereça formalmente a comida para consertar o erro? Ou seria essa comida ‘não permitida’? Sobre esses assuntos, as escrituras não dizem nada. Em Wat Pah Pong, Luang Pó estabeleceu a regra de que um monge desatento que tocasse um recipiente que continha comida não oferecida estaria proibido de consumir aquela comida. Contudo, assim que o recipiente fosse oferecido de maneira apropriada, o resto da Sangha poderia compartilhar. Se um monge reposicionasse ou apenas levantasse o recipiente de onde ele havia sido colocado, então nenhum monge poderia consumir aquele alimento. Essa regulamentação expressava um tema comum: dada a ambiguidade do texto, Luang Pó estabeleceu uma convenção que punia a desatenção e privilegiava a plena atenção.

Conforme Luang Pó se tornou mais famoso, os fins de semana geralmente teriam pessoas da cidade de Warin, ou da cidade de Ubon ou mesmo de outras partes da Tailândia indo ao mosteiro para fazerem oferendas de alimentos para a refeição diária da Sangha. Mas nos primeiros anos de Wat Pah Pong, quando os vilarejos que davam suporte ao mosteiro eram pobres e Luang Pó era relativamente desconhecido, a dieta era austera. No entanto, de vez em quando, um doador da cidade viria com um grande pote de *curry* e outras opções diferentes de alimentos. Para a Sangha, aquilo era algo especial. Em uma conhecida ocasião, depois que um monge pegou

um grande pote de *curry* equivocadamente assumindo que ele já tinha sido oferecido, Luang Pó fez com que o pote fosse enviado aos noviços e às monjas. Para os monges, aquele foi um ensinamento prático sobre as consequências da falta de atenção que eles não esqueceriam tão cedo.

NÃO RELACIONAMENTO COM MULHERES

Dado que o celibato é uma das características que definem o monasticismo budista, não é de se surpreender de que a má conduta sexual seja considerada uma das mais graves ofensas ao código monástico. O Vinaya condena qualquer tipo imaginável de atividade sexual, e as escrituras mostram os mais ingênuos (e até cômicos) detalhes em seu esforço por esclarecer a extensão das proibições. A continência sexual não é vista como um fim em si mesmo, mas sim como um importante elemento do treinamento. Através da abstinência de qualquer expressão do desejo sexual, monges dão a si mesmos a oportunidade de isolar a sede por sensualidade como um fenômeno mental condicionado, de reconhecer sua insatisfatoriedade inerente, e de descobrir meios de se libertar de sua dominação.

Escândalos sexuais monásticos fazem manchetes em jornais tailandeses. Em comunidades leigas budistas, nada excita as fofocas de forma tão rápida; nada destrói a fé em um mosteiro de forma tão fácil. Ao mesmo tempo, com o bom nome da Sangha sendo tão ligado ao compromisso sincero de renunciar aos prazeres mundanos, nada realça tanto a reputação de um mosteiro quanto a ausência desse tipo de escândalos. Luang Pó sabia bem que uma ordem mendicante podia florescer apenas quando ela inspirava a boa vontade e o respeito da comunidade leiga, e ele tratou de todas as maneiras de prevenir qualquer tipo de situação imprópria de ocorrer em seu mosteiro. Ele foi notoriamente bem sucedido. Agora em sua septuagésima década, Wat Pah Pong se manteve intocado até de meros rumores de escândalos.

O método de Luang Pó era simples: tanto quanto possível, ele prevenia qualquer contato social entre monges juniores e monjas ou praticantes leigas. A separação entre monges e monjas em Wat Pah Pong era absoluta - era como se vivessem em mundos separados. Sua lógica era de que as mais sérias transgressões ocorrem quando um monge permite que pequenas transgressões se tornem um hábito e adquiram uma sensação de

normalidade. Gradualmente, o ponto no qual um monge começa a sentir que está agindo de maneira inapropriada retrocede. O terreno escorregadio que leva a manifestar a conduta sexual equivocada se abre diante dele. Não permita que mesmo as menores interações ocorram, pensava Luang Pó, e você corta o problema pela raiz.

Certamente o lado mais resolutivo e intransigente de Luang Pó veio à tona em sua atitude nessa área do treinamento. Ele sentia que, em sua própria batalha contra o desejo sexual, foi sua devoção ao Vinaya que o manteve de mantos, lhe permitiu o espaço no qual desenvolver as habilidades meditativas e o insight que lhe permitiu finalmente transcendê-lo. Luang Pó percebeu com o passar dos anos que nada poderia tirar um jovem homem tão facilmente da vida monástica quanto o desejo sexual, e por essa razão ele não permitiria nada que pudesse provocar aquilo desnecessariamente. Falando aos monges mais jovens, ele ecoaria as palavras do Buda para o Venerável Ānanda:

Corte isso dessa forma logo de princípio. Não as veja. Se for necessário vê-las, não fale com elas. Mas o que você faz se você tiver que falar com elas? Seja plenamente atento. Essa é a forma de praticar com relação às mulheres. Tudo o que precisa é que os seus olhos encontrem as delas e está feito - você pode ser fortemente acometido por um mês ou dois, talvez até a sua morte.

‘Morte’ aqui significa largar o manto. Proteger ao próprio monasticismo era considerado uma batalha de vida ou morte. O tom dessas advertências era frequentemente feroz, mas fermentado com o irônico bom humor quando Luang Pó conseguisse cutucar os mais constrangedores pensamentos que poderiam surgir em uma mente tomada por desejo:

Assim que ela se levanta do seu assento, você pode estar até sentindo uma coceira para ir até lá e tocar o local onde ela estava sentada - ISSO é o que o Buda chamava de desejo.

Para qualquer um não-familiarizado com as dificuldades da vida monástica, a abordagem de Luang Pó pode parecer draconiana. Mas ela era baseada no conhecimento de como uma mente que não é firme pode se aferrar à menor recordação de uma excitação. Perder a plena atenção em uma conversa

com uma jovem mulher poderia dar um pesado golpe na meditação de um monge.

Ela foi embora, e você ainda pode ver o rosto dela. É uma visão prolongada. Você se senta sozinho com ela e ela lhe conta tudo sobre ela mesma; e três anos depois, você ainda consegue ouvir as palavras dela em seus ouvidos, em seu coração. É um desastre. Não socialize com mulheres. Isso é perigoso.

Luang Pó dava ele mesmo um exemplo impecável. Ele nunca estaria sozinho com uma mulher sob nenhuma circunstância. Ele recebia convidados debaixo de sua cabana em uma área aberta dos três lados, na parte central do mosteiro. Ele apenas falaria com mulheres tendo ao menos um monge, um noviço ou um leigo presente como companhia. Essa restrição não era apenas por seu respeito ao Vinaya e pelo desejo de ser um bom exemplo para seus estudantes. Embora as próprias ações, as falas e a mente de Luang Pó devessem estar além de quaisquer críticas, ele não podia assumir o mesmo para as pessoas que vinham vê-lo. Em sua posição, era imperativo que ele protegesse a si mesmo de que qualquer pessoa mal intencionada tivesse chance para fazer difamações ou insinuações contra ele.

PAVĀRAṆĀ

Uma das políticas que distinguiam Wat Pah Pong da maioria dos mosteiros da Tailândia era a recusa de Luang Pó em sancionar qualquer tipo de esquema de levantar fundos. Ele acreditava que se a Sangha praticasse bem, quaisquer fundos genuinamente necessários ao mosteiro apareceriam por si próprios durante o curso das coisas. Pedir doações era algo tanto desnecessário quanto inapropriado.

Ele frequentemente dizia que não concordava com a visão comum de que a palavra *‘bhikkhu’* era derivada de *‘pedinte ou mendigo’*. Monges nunca deveriam ver a si mesmos como pedintes, ele dizia, porque se eles fizessem isso, lhes seria natural fazerem solicitações. Luang Pó apontava que o Vinaya não permitia aos monges pedir, solicitar ou mesmo *‘dar pistas’* de qualquer coisa que não fosse água para beber de qualquer pessoa que não fosse um parente de sangue ou outros leigos que oferecessem *‘pavāraṇā’*.

Uma oferenda de pavāraṇā (literalmente: convite) ocorre quando uma pessoa leiga formalmente anuncia à um mosteiro ou à um monge individual que ele ou ela gostaria de propiciar um convite aberto para requisitos. Pavāraṇā é mais comumente financeiro: ele pode, por exemplo, consistir em oferecer-se para pagar pela viagem de um monge ou pelos custos de um tratamento médico. Pavāraṇā pode ser também o oferecimento de habilidades tais como carpintaria, serviços de encanador ou cozinhar. Pavāraṇā pode ser limitado pelo doador para um serviço em específico ou ser aberto: ele pode ou não ter um tempo limite. Um convite ilimitado, considerado o mais meritório, geralmente tem o formato de: ‘eu gostaria de oferecer um pavāraṇā permanente para qualquer coisa que o senhor necessitar’. Luang Pó explicou esse princípio da seguinte maneira:

Você pode fazer o pavāraṇā verbalmente: ‘Venerável, eu lhe ofereço um convite para os quatro requisitos.’ Ele pode ser por toda a vida se você quiser, ou por cinco meses, um único mês ou por apenas sete dias. Faça pavāraṇā para coisas importantes, como passagens de ônibus ou trem ... coisas que estejam no escopo dos quatro requisitos, como medicamentos ... Mas esteja certo de que você apenas oferece pavāraṇā para um monge adequado. Não faça o convite para um monge que não sabe nada do Vinaya - ou depois de algum tempo, ele vai te pedir tantas coisas que você vai se ver completamente quebrado.

Você pode dizer ao monge, ‘Eu e minha família gostaríamos de oferecer-lhe pavāraṇā pelo tempo que a vida dure. Por favor, sinta-se à vontade para pedir qualquer requisito apropriado a qualquer tempo. Se eu não estiver disponível, você pode fazer a solicitação à minha esposa ou filhos.’ Um convite ilimitado como esse é um meio verdadeiramente excelente de alcançar riqueza espiritual. Sem que você faça nada, o mérito (*puñña*) acumula constantemente. É uma coisa muito boa de se fazer.

Enquanto a oferta de um pavāraṇā poder resultar em que chefes de família sem discernimento fiquem vulneráveis ao abuso de sua generosidade, o protocolo do pavāraṇā também protege os chefes de família. Em culturas budistas como na Tailândia, leigos budistas veem como muito difícil recusar a solicitação de um monge, mesmo que eles não se sintam confortáveis

com a solicitação. Quando chefes de família estão cientes de que, quando um monge está solicitando doações antes de um pavāraṇā é, na verdade, quebrar uma regra do Vinaya, eles podem recusar sem ter medo de estar realizando mau kamma. Na verdade, eles percebem que conceder à demanda seria encorajar o monge a um comportamento impróprio.

Luango Pó se esforçava para ser um bom exemplo. Nos primeiros anos de Wat Pah Pong, quando as condições do mosteiro eram espartanas, ele se recusava a tirar vantagem da permissão de solicitar suporte de membros da sua família. Em Wat Pah Pong, monges não eram permitidos a aceitar pavāraṇā pessoal. Contudo, mais cedo ou mais tarde, a maioria dos monges saíam em *tudong* ou estabeleciam seus próprios mosteiros e ele estava certo de que eles estariam preparados. Continuamente ele instruía os monges a serem circunspectos em aceitar qualquer tipo de pavāraṇā:

Mesmo que os leigos ofereçam pavāraṇā, você deveria se imaginar na posição deles. Eles tem famílias para cuidar e ganhar a vida é difícil. Nenhum de vocês nunca teve que criar uma família. Vocês sabem que às vezes as pessoas não tem nenhum centavo em casa? Não assumam que pelo fato deles terem feito a oferenda, no momento em que um pensamento passa pela sua cabeça de que você precisa de algo, você pode ir e pedir a eles. É assim que coisas desnecessárias começam a parecer necessárias. Você se torna um desconsiderado e começa a seguir suas impurezas e desejos. Isso é desleixo, e vai te levar à queda livre.

Preocupação pelos leigos não era a única consideração. Individual pavāraṇā individual pode criar um vínculo entre monge e doador que tem efeitos danosos à prática do monge.

Onde quer que você esteja, seja como um touro selvagem; não seja como um touro de vilarejo. Um touro selvagem é livre. Ninguém coloca uma corda em seu nariz e o guia para onde quer. Um touro de vilarejo é amarrado a um poste. Onde quer que você vá, não permita que leigos te deem suporte tão bom ao ponto de você se apegar a isso. Não deixe que eles te amarrem como um touro de vilarejo. Vivam livres como um touro selvagem, livres para ir ou para ficar.

A décima oitava regra da sessão de ‘Confissões de Confisco’ (*Nissaggiya Pācittiya*) do *Pāṭimokkha* proíbe monges de aceitarem ouro e prata ou qualquer forma de moeda, ou de assumir posse sobre fundos mantidos para eles. Hoje na Tailândia é raro encontrar monges fora da Tradição de Floresta que mantenham essa regra de forma estrita*. Indiferença à isso é, sem dúvidas, uma das maiores causas de corrupção nas comunidades monásticas Theravada. Rivalidades e ciúmes entre monges, mundanidade e consumo chamativo podem vir todos às suas portas.

Luang Pó acreditava que era a renúncia do dinheiro, do poder e da tentação que vem com ele, que garantiam a integridade e longevidade da Sangha. Ele achava que a indiferença generalizada à essa regra era algo vergonhoso. Em uma ocasião, Luang Pó foi informado que uma grande quantia de dinheiro havia sido descoberta na cabana de um monge sênior em Bangkok que tinha morrido repentinamente. Ele comentou que ele não podia pensar em alguma desgraça maior, nenhuma traição maior ao monasticismo de alguém, do que armazenar um monte de dinheiro e que aquilo fosse descoberto quando de sua morte.

A política de Luang Pó com relação à oferendas financeiras era linha-dura. Ele se recusava categoricamente a permitir urnas de doação no mosteiro. Ele acreditava que monges deveriam ser completamente desinteressados em assuntos financeiros e absolutamente não envolvidos com eles. Ele achava que urnas de doação eram sutis solicitações de fundos, e consequentemente, algo não ético.

Mé chi Buunyu recordava:

“Quando leigos ofereciam dinheiro, havia um atendente presente para recebê-lo e assim Luang Pó não precisava ser envolvido. Se o atendente fosse ‘morder’ algo daquilo, então ele poderia fazê-lo até vomitar. Às

*A regra tem sido causa de discussões por mais de dois mil anos. Hoje, a maior justificativa para ser indiferente à ela é o argumento de que a vida no mundo moderno tornou o fato de manter essa regra algo nada prático. Suporte para essa posição é encontrado no fato que, como a regra somente proíbe expressamente ouro e prata, ela não se aplica ao dinheiro como o conhecemos hoje (no entanto, como a definição de ‘ouro e prata’ no texto do Vinaya deixa claro que o termo inclui ‘todas as formas de moeda de troca’, essa é uma interpretação problemática).

vezes o atendente não estava lá e, nesse caso, os doadores colocariam o dinheiro no livro de doações. Luang Pó ignorava isso completamente. Às vezes o dinheiro desapareceria do livro de doações. Ele nunca conduziu nenhum tipo de investigação para tentar encontrar quem tinha pego aquele dinheiro, ou mesmo perguntar se alguém tinha visto algum suspeito próximo da cabana. Ele diria que alguém devia ter necessitado do dinheiro.”

A recusa em usar urnas de doação foi um aspecto do legado de Luang Pó que seus discípulos se sentiram incapazes de preservar. Como a Tailândia cresceu constantemente em prosperidade pelos últimos trinta anos, o número de doações fluindo para os mosteiros aumentou proporcionalmente. Em resposta à isso - e depois de um acalorado debate - os anciãos de Wat Pah Pong concordaram em permitir urnas de doação em todos os mosteiros afiliados, mas com a premissa de que elas deveriam ser as mais discretas possíveis. Doadores leigos tinham que ser confiantes de que suas doações estavam chegando aos destinatários de suas intenções.

Durantes seus primeiros anos como monge em mosteiros de vilarejo, Luang Pó seguia o costume que prevalecia de receber e usar dinheiro. Mas assim que ele prosseguiu com seus estudos do Vinaya, ele percebeu que não poderia mais justificar essa prática para ele mesmo. O dia em que ele renunciou ao dinheiro foi uma das viradas em sua vida monástica.

Por mais de dois meses do Retiro de Chuvas eu não conseguia decidir. Então, um dia já próximo do final do retiro, eu peguei o dinheiro da minha bolsa - havia algumas centenas de bahts - e decidi que tinha chegado a hora. No momento em que eu tomei a decisão, eu tive uma sensação de alívio. Na manhã seguinte, eu levei a bolsa com o dinheiro para um amigo, um monge estudioso e a joguei para ele onde ele estava lavando o rosto. ‘Pegue isso’, eu disse, ‘e use para os seus estudos. Não se preocupe comigo, eu estou abrindo mão disso. Eu decidi na noite passada. Por favor, seja minha testemunha: enquanto eu viver, sob nenhuma circunstância qualquer, eu jamais tocarei dinheiro novamente.’ E eu mantive a minha palavra.

Monges que vieram visitar Wat Pah Pong eram frequentemente inspirados pela ideia de abrir mão do dinheiro, mas receosos de que seriam capazes de sobreviver sem ele; seus mosteiros não tinham um fundo central para uso da Sangha. Luang Pó começaria falando para eles em termos puramente pragmáticos:

Onde quer que nossos monges vão, nós não temos dinheiro para passagens de ônibus, mas as pessoas nos oferecem caronas. É melhor do que carregar dinheiro por aí. Se você não tem nenhum dinheiro, não quer dizer que você não vai ser capaz de ir à lugar nenhum. É ainda melhor do que antes. Se você não tem uma passagem de ônibus - comece a andar. Não vai demorar muito e alguém vai te oferecer uma carona.

Colocando suas mentes para descansar acerca da praticidade da renúncia de usar dinheiro, Luang Pó explicou que os leigos budistas se sentem inspirados por monges que se recusam a usar dinheiro e regularmente oferecem assistência à eles. Abrir mão do uso de dinheiro não os deixaria sem requisitos básicos; isso permitiria que a relação de simbiose entre religiosos e leigos, concebida pelo Buda, se afirmasse por si mesma.

Mas a vantagem de abrir mão do uso de dinheiro ia além da prática. Ao renunciar ao uso de dinheiro por respeito à vontade do Buda, os monges recebiam um considerável ganho espiritual. Se eles treinassem a si mesmos para nunca pedirem nada, sempre querendo passar sem (algo), então eles estariam cultivando uma das principais virtudes monásticas, a do contentamento e da redução dos desejos.

Em uma oportunidade, um monge que veio ficar em Wat Pah Pong questionou Luang Pó sobre o uso de dinheiro. Ele disse que era verdade que ele usava dinheiro, mas que não havia falta envolvida pois ele usava o dinheiro sem se apegar à ele. Luang Pó respondeu de forma seca:

Se você puder comer um pacote inteiro de sal sem ficar com um gosto salgado em sua boca, então eu vou acreditar em você.

As proibições do Vinaya sobre aceitar e usar dinheiro fazem parte de um complexo conjunto de regras e protocolos estabelecidos pelo Buda para coordenar a relação entre a Sangha e a comunidade leiga. O Buda permitiu

a designação de um atendente leigo para aceitar doações monetárias e para que os monges informassem à esse atendente sobre quaisquer necessidades de usá-las. A mais importante característica desse arranjo era de que monges somente poderiam seguir livres de transgressões contra o Vinaya ao não assumirem poder sobre o dinheiro ou considerá-lo como sendo deles. Eles deviam considerar o dinheiro como sendo um fundo que, ao menos tecnicamente, ainda pertencia ao doador e seguiria pertencendo até que ele fosse gasto. Em Wat Pah Pong e outros mosteiros na Tailândia onde a regra era escrupulosamente mantida, doações consistiam pela oferta de um pedaço de papel - um 'papel de pavāraṇā' - informando ao monge ou à Sangha que o doador havia oferecido um fundo de tal e tal valor para requisitos, enquanto o dinheiro propriamente dito seria depositado com o atendente leigo.

Todas as doações feitas em Wat Pah Pong iam para o fundo central. Ninguém, incluindo o próprio Luang Pó, tinha uma conta bancária pessoal. A conta em nome do mosteiro era administrada por um pequeno comitê de apoiadores leigos, com o secretário do comitê mantendo Luang Pó informado das receitas e dos gastos. Quando fundos eram necessários para um projeto específico, Luang Pó informava ao secretário, e o comitê organizava o saque necessário junto ao banco.

Enquanto várias das regras envolvendo dinheiro, panos (tecidos) e acomodações são encontradas na sessão *Nissaggiya Pācittiya* do *Pāṭimokkha*, a maioria das regras que definem a vida de um monge são encontradas na sessão seguinte do *Pāṭimokkha* chamada *Pācittiya*. Essas incluem abster-se de tirar qualquer vida, cavar a terra, sentar e conversar sozinho com uma mulher e comer depois do meio dia. Transgressões de regras de treinamento, exceto a mais séria categoria que requer penalidade e reabilitação (*saṅghādisesa*), são confessadas e purificadas antes da recitação quinzenal do *Pāṭimokkha* através da seguinte fórmula:

“Amigo, eu cometi uma ofensa dessa ou aquela regra. Eu confesso.”

“Você vê [a ofensa]?”

“Sim, eu a vejo.”

“Você deve ser mais contido no futuro.”



* * *

Essas sessões ofereceram apenas meros vislumbres das regras de treinamento do *Pāṭimokkha* e como elas eram praticadas em Wat Pah Pong; uma exposição mais completa está além do escopo desse livro. Agora voltaremos a atenção para as observâncias que suplementavam essas regras.

III. OBSERVÂNCIAS: ADICIONANDO CAMADAS

Talvez seja surpreendente que a maioria das convenções que determinam a vida diária de um monge seja encontrada nos protocolos, permissões e liminares dos *Khandhakas* ao invés de ser nas regras do próprio *Pāṭimokkha*. Por exemplo, os procedimentos altamente detalhados para as reuniões formais da Sangha - incluindo a Ordenação e as cerimônias de Uposatha - aparecem nos *Khandhakas*, assim como os passos a serem seguidos em discussões ou disputas. Os *Khandhakas* contém a maior parte das instruções no que diz respeito à relação do monge com os quatro requisitos: mantos, comida de mendicância, moradia e medicamentos. A maioria dos pontos refinados da etiqueta monástica também são encontrados ali.

A divisão do treinamento monástico (em virtude moral) em quatro fatores figura na tradição dos Comentários. Enquanto o primeiro desses fatores lida com restringir-se dentro dos limites estabelecidos pelo *Pāṭimokkha*, os três fatores remanescentes - as virtudes de restrição dos sentidos, do meio de vida puro e do uso sábio dos requisitos - estão primeiramente nos *Khandhakas*. Outro conjunto de práticas às quais se dava uma ênfase especial no treinamento em Wat Pah Pong, conhecidas como ‘as catorze tarefas’ (*kiccavatta*), também estão detalhadas nos *Khandhakas*.

O *Pāṭimokkha* é mais relacionado com ações e falas inábeis que monges devem evitar; as ações e falas hábeis que eles devem cultivar em seu lugar estão apenas implícitas. Nas liminares encontradas nos *Khandhakas*, existe um equilíbrio maior entre as coisas a serem evitadas e aquelas recomendadas ou reconhecidas como legítimas pelas palavras do Buda: ‘monges, eu lhes permito ...’ O número de liminares é tão grande que, uma vez perguntado sobre quantas eram todas elas, Luang Pó respondeu, ‘Zilhões!’

Dado que tantas liminares são mencionadas nos textos, e que nem todas elas estão livres de ambiguidades, é compreensível que variações de ênfase e interpretação surjam mesmo dentro da Tradição de Floresta Tailandesa. Enquanto um observador leigo pode ver essas diferenças como pequenas, elas podem parecer significantes para os monges, como sendo algo para contribuir com seu senso de linhagem.

Elas são, por exemplo, duas formas pelas quais os monges de Wat Pah Pong podem ser diferenciados visualmente de outros monges de floresta. Primeiro, eles raspam suas cabeças duas vezes por mês ao invés de apenas uma (o Vinaya apenas especifica um comprimento máximo para o cabelo). Esse procedimento mais frequente vinha da visão de Luang Pó de que, ao final de um mês, o cabelo de um monge estaria no mesmo comprimento do cabelo de um leigo e isso parecia inconveniente. Segundo, os monges de Wat Pah Pong vestem o manto inferior de uma maneira única, enrolando ao invés de dobrando o pano * (o texto do *Khandhaka* não é claro com relação ao método de trajar esse manto). Esse estilo era resultado da convicção de Luang Pó, nascida de seus estudos, de que os monges de antigamente vestiam seus mantos dessa maneira. Luang Pó adotou essas duas práticas para ele mesmo, e quando ele estabeleceu Wat Pah Pong, elas se tornaram um padrão para a Sangha. Como um subproduto, essas duas pequenas porém distintas variações da norma fortaleciam o senso de identidade entre os discípulos de Luang Pó.

Uma ideia de quão compreensíveis essas observâncias monásticas podem ser é ainda maior quando focamos em algumas das práticas prescritas para o uso da tigela e dos mantos. Um monge possui oito requisitos básicos: os três mantos principais, uma tigela, um cinto de pano, agulha e linha para remendar os mantos, uma lâmina para raspar a cabeça e a barba e um filtro d'água. Desses oito, a tigela e os mantos são os que se tornaram os mais emblemáticos de um monge. O monge aparece ao mundo com uma cabeça raspada e vestido com mantos simples e sem adornos, que significam a sua renúncia de quaisquer adornos físicos. Ele carrega uma tigela significando que ele é um mendicante, aquele que entregou todo o controle de seu bem estar físico à bondade dos outros.

O grande número de regras de treinamento e observâncias que regem a relação de um monge com sua tigela e seus mantos mantém a esses requisitos como sendo algo principal em sua mente. Ao ter que voltar sua mente à eles em todos os momentos como objetos de plena atenção, ele não pode evitar de desenvolver, com o passar do tempo, um profundo senso de respeito e apreciação por eles. Ele nunca pode ser complacente em seu uso da tigela e dos mantos.

*Veja Apêndice I

Práticas relacionadas aos mantos demonstram o modo como as observâncias seguem muito de perto ao *Pāṭimokkha*. Regras de treinamento regem como um monge deve adquirir pano e por quanto tempo ele pode guardá-lo antes de fazer dele um manto. Uma regra estipula que um monge nunca deve estar fisicamente separado de seus três mantos ao amanhecer. Como resultado, a ciência da localização dos seus três mantos (ele apenas utiliza todos os três ao mesmo tempo em ocasiões formais ou na mendicância matinal) gradualmente se torna parte da consciência do monge. Um monge também deve rapidamente remendar qualquer buraco em seu manto. Para encorajar diligência, Luang Pó ensinou que qualquer buraco ‘grande o suficiente para que um grão de arroz passe através dele’ deveria ser reparado no mesmo dia em que aparecesse. Observâncias, enquanto isso, forneciam um guia sobre como confeccionar um manto, a forma correta de vesti-lo e de tomar conta dele.

Luang Pó esperava que todos os seus discípulos aprendessem como cortar, costurar e tingir seus próprios mantos. Ele considerava a confecção dos mantos como sendo um elemento essencial da tradição da Sangha de floresta. Era estritamente proibido para monges aceitarem mantos prontos para usar comprados em lojas como presentes; aceitar esse tipo de mantos era visto como algo que minava uma tradição principal. Ele ensinava que confeccionar os próprios mantos promovia um espírito de cuidado, autossuficiência e orgulho saudável pelo manto. Vestir mantos produzidos comercialmente, por outro lado, levava à falta de atenção e à falta de respeito por esse requisito principal, exaltado nas escrituras como sendo ‘a bandeira dos arahants’.

Apenas depois de um monge ter remendado seu manto várias vezes, ele teria a coragem de pedir a Luang Pó a permissão de fazer outro manto. Se fosse permitido, sua próxima parada seria o depósito de tecidos do mosteiro onde ele solicitaria um rolo de pano branco de algodão.

Cortar o tecido para um manto de um monge budista é algo bastante descomplicado. Cada manto consiste de um simples retângulo de pano. Enquanto o manto inferior é frequentemente feito de apenas um pedaço de pano, o manto superior e o manto exterior consistem ambos de um certo

número de retângulos menores costurados separadamente e então unidos. Um padrão de barras e emendas é costurado no tecido, cujo desenho é atribuído ao Buda ter se baseado na aparência dos campos de arroz do nordeste indiano. Esse padrão divide o manto em sete ou nove grandes seções. Uma larga barra (ou bainha) é então costurada em volta do manto. Pequenos laços são costurados nos cantos e no pescoço dos dois mantos maiores. Esses ajudam a manter o manto composto organizadamente quando um monge os veste cobrindo os dois ombros quando vai sair do mosteiro. Nos primeiros anos de Wat Pah Pong quando os monges costuravam à mão, costurar mantos era uma atividade comunitária. Depois de alguns anos, máquinas de costura a pedal começaram a ser oferecidas ao mosteiro, permitindo que cada monge pudesse costurar seu próprio manto*.

Depois que um monge tinha cortado e costurado o pano branco de algodão, ele dava ao seu novo manto a distinta cor ocre com uma tintura produzida através da fervura de lascas de tronco de jaqueira. Uma vez que o monge completasse o tingimento, ele guardava o manto cuidadosamente até a próxima ocasião apropriada na qual ele poderia formalmente solicitar seu novo manto à Sangha. Recebendo a bênção da Sangha, ele recitava as palavras abrindo mão de seu velho manto (ele deve possuir somente um de cada dos três mantos principais) e então recitando outra fórmula em Pali, ‘determina’** o novo manto para uso. Sua tarefa final - uma lembrança de não tornar-se apegado à beleza do novo manto - é de fazer nele um pequeno ritual de desfiguração (hoje em dia, comumente feito com uma caneta esferográfica).

O manto precisa de muita atenção cuidadosa. Se não tiver sido adicionado agente fixador na tintura, a cor do novo manto tende a sair facilmente quando, por exemplo, o suor adere à ele ou - desastrosamente - chove nele. As propriedades adstringentes da tintura de jaqueira permitem que uma fraca solução da tintura seja efetiva para lavar os mantos. Na verdade, é o único agente viável para lavá-los; detergente deve ser evitado por que ele drena a cor e faz com que o manto fique com um odor desagradável.

* Nos últimos anos, costurar os mantos à mão se tornou algo novamente popular em Wat Pah Pong e em seus mosteiros afiliados.

** Determinar (um manto): Veja Glossário, 873.

Pelos primeiros meses, os novos mantos devem ser lavados com uma quantidade de água apenas suficiente para umedecer todo o manto, sem excesso, para prevenir a perda da cor. Enquanto secando o manto, ele deve ser constantemente mudado de posição no varal para prevenir que muita tintura não fixada comece a escorrer na direção da barra, e para se assegurar de que a corda do varal não vai deixar nenhuma marca no manto.

Uma das observâncias menos populares, uma que Luang Pó herdou de Luang Pu Man, requeria que os monges de Wat Pah Pong usassem todos os seus três mantos em qualquer oportunidade em que saíssem do mosteiro. Isso requeria que o manto externo de duas camadas fosse vestido sobre o manto superior - garantindo conforto nas manhãs de inverno mas sendo uma experiência extremamente desconfortável no verão. Era algo comum em Março e Abril avistar monges voltando de sua mendicância matinal às sete da manhã com seus mantos já marcados por suor.

Se um monge reclamasse sobre quantas observâncias ele deveria manter em mente, Luang Pó explicava que elas eram os meios pelos quais a plena atenção era enraizada no corpo na vida diária. Mais do que isso, ele explicava, elas atuavam como um escudo prevenindo hábitos mentais e comportamentos não saudáveis de se enraizarem na vida de um monge. Uma atenção precisa, o respeito e o cuidado por suas posses fazia muito para manter a mente em um estado saudável.

Não pense que esse é um assunto menor. Você vê aquelas mangas?
As frutas estão bem pequenas; mas no futuro elas serão grandes.
O grande cresce do pequeno. Quando você fomenta maus hábitos,
isso é algo desastroso.

Havia também regras e observâncias regendo o uso de outros itens de pano em geral. Os monges usavam um simples pedaço de pano como camiseta, chamado *angsa* - outro retângulo de pano que era colocado sobre o ombro esquerdo e abotoado abaixo do braço direito com um pequeno laço. Um pano de banho era vestido sob o manto inferior. Esse pedaço de pano deveria ser mantido colocado enquanto se tomava banho nas jarras de água comunitária e então seria lavado depois. Um monge possuía dois desses pedaços de pano para usar alternadamente. Durante a manhã, o

pano que estivesse recém lavado serviria para secar a tigela depois da refeição. Um pano para sentar em formato retangular era usado em todas as ocasiões formais.

A TIGELA

Na época do Buda as tigelas eram geralmente feitas de barro. Um momento de descuido era tudo o que precisava para que elas se quebrassem, e várias liminares foram estabelecidas para minimizar as ocasiões em que isso poderia ocorrer. Embora na época de Luang Pó a maioria das tigelas já fosse feita de ferro, e hoje em dia a maioria seja feita de aço inoxidável (muito mais duráveis do que os monges que as usam para se alimentar), as regras originais seguem sendo cuidadosamente mantidas. Hoje em dia, o propósito não é tanto de proteger a tigela, mas de proteger a plena atenção do monge.

Luang Pó ensinou aos monges que eles deveriam manusear suas tigelas como se estivessem manuseando a cabeça do Buda. Eles deveriam ser circunspectos antes de pegar a tigela e ao guardá-la. Era mais do que um mero ritual: embora tigelas de ferro fossem muito mais resistentes do que as tigelas de barro, o descuido podia facilmente danificar a superfície da tigela e levar à enferrujá-la. Uma tigela nunca deveria ser colocada sobre uma superfície dura. Se colocada em um local elevado, como em um banco, deveria ser colocada longe o suficiente da beirada para evitar que fosse inadvertidamente golpeada e caísse no chão. Nenhum objeto duro deveria ser colocado dentro da tigela, a menos que estivesse enrolado em um pano.

Capim-limão ou folhas de *téo* eram usadas para lavar a tigela. O monge deveria lavá-la em silêncio e com total atenção. Ajoelhado, ele deveria secar a tigela com um pano e então colocá-la em seu suporte de bambu ao sol por alguns minutos para se assegurar que ela estaria completamente seca. A tigela deveria ser mantida na cabana do monge em um lugar de respeito (se não debaixo de um altar, então no local próximo a onde ele colocava a cabeça para dormir), e com a tampa levemente entreaberta para permitir que o ar circulasse nela e prevenir o acúmulo de mau cheiro.

Luang Pó enfatizava o quão importante era para que postulantes e noviços aprendessem os procedimentos corretos ao observarem os monges mais

experientes. Ele mesmo monitorava constantemente a prática dos monges com relação às observâncias e qualquer descuido que ele notasse seria dito em sua próxima palestra do Dhamma. Para prevenir aquelas recordações de se tornarem muito cansativas, de vez em quando ele sacava de seu repertório de contos algum que fazia com que os monges se lembrassem facilmente de uma forma divertida. Uma estória dessas tinha a ver com a aventura de um desafortunado monge com um rato.

Certa vez, havia um monge que gostava de manter seu pano de banho recém lavado (usado para secar a tigela depois de lavá-la) dentro da tigela. Um dia, ao invés de deixar a tampa apenas levemente entreaberta, ele a abriu de forma descuidada deixando um grande espaço entre a tampa e a tigela. No meio da noite, um rato acabou entrando na tigela para dormir no pano macio que encontrou ali dentro. Na manhã seguinte aconteceu do monge ter dormido demais. Ele despertou e se deu conta que já tinha amanhecido: já era hora de sair para a mendicância matinal. Com medo de estar atrasado e ter que jejuar até a manhã seguinte, ele colocou seu manto o mais rápido que pôde. Ele pegou sua tigela e saiu correndo de sua cabana para alcançar aos outros monges.

Ele conseguiu chegar até o limite do vilarejo, ofegante, apenas em tempo de se posicionar na fila de monges. Mas assim que ele abriu sua tigela para receber a primeira oferenda, o assustado rato pulou de ‘sua cama’ para fora da tigela, no meio da fila de senhoras ajoelhadas segurando seus pratos de arroz. Houve pânico, houve guinchos, e depois houve risos. Assim que a paz foi reestabelecida, as senhoras do vilarejo colocaram o arroz nas tigelas dos monges. Somente depois que ele deixou a primeira fila de doadores para trás que o monge percebeu que seu pano de banho ainda estava dentro de sua tigela, agora coberto de arroz grudento.

Luang Pó constantemente apontava para a ligação entre a atenção inteligente às observâncias monásticas e à etiqueta ao desenvolvimento de qualidades mais sutis e saudáveis. O princípio que ele propunha era que, essencialmente, se um monge cuidava de seus centavos espirituais, as notas maiores cuidariam de si mesmas. Ao desenvolver um hábito de cuidado e precisão em assuntos externos, o mesmo hábito vai começar a florescer no mundo interno.

SOLICITANDO REQUISITOS

Todas as oferendas recebidas por monges em Wat Pah Pong eram postas à parte em um estoque central. Quando um monge necessitava de um requisito - novas pilhas para sua lanterna, sabão, pasta de dente ou lâminas para barbear - ele o solicitava ao cuidador do estoque central do mosteiro que era, não coincidentemente, um dos monges mais rabugentos e intimidadores do mosteiro. O cuidador do estoque tinha o poder de recusar-se a dar requisitos se houvesse evidências de que os monges os estavam utilizando de forma extravagante. Frugalidade era considerada a marca registrada do verdadeiro monge de floresta e era muito celebrada por Luang Pó. A recordação de que todas as suas posses eram oferendas de fé, para serem usadas com clareza de propósito, fazia parte dos versos que eram entoados por cada monge durante a recitação matinal e noturna.

Um monge se recordava:

“Durante o tempo em que eu vivi com Luang Pó, não havia escassez de requisitos importantes, mas a distribuição deles era bastante estrita. Se o seu manto não estivesse caindo aos pedaços, você não teria permissão para trocá-lo. Era algo um pouco mais relaxado para monges seniores, mas para os monges juniores e noviços ou monges visitantes, aquilo era especialmente estrito. Luang Pó enfatizava que o treinamento era de que fossemos moderados em nossas necessidades, e ele não vivia de forma diferente de nenhum outro monge. Ele usava mantos da mesma qualidade, e não havia nada para diferenciar a mobília de sua cabana de nenhuma das outras. Mesmo que sua família vivia perto do mosteiro, ele nunca pediu nada para ele mesmo. Qualquer coisa que fosse oferecida para ele era compartilhada com a Sangha.”

Esse sistema comunitário tinha o objetivo de promover justiça e paridade no uso dos requisitos, e Luang Pó via isso como sendo algo vital para manter a harmonia social. Ao proibir monges de aceitarem oferendas, mesmo as que fossem especialmente destinadas à eles, ele fez muito por prevenir o ciúme e a competição pelo suporte de leigos entre seus discípulos. Assim que o número de mosteiros afiliados cresceu, o excedente de requisitos era distribuído para eles, prevenindo Wat Pah Pong de se tornar muito luxuoso devido ao crescimento de sua fama e à riqueza de seus apoiadores.

O advento das tigelas de aço inoxidável em meados da década de 1970 criou um novo objeto de desejo nos monges mas jovens da Sangha. As novas tigelas, livres do perigo da ferrugem, eram mais fáceis de cuidar; elas eram muito mais leves do que as antigas tigelas de ferro, e pareciam muito mais bonitas e modernas. Quase todo mundo queria uma. Mas se um monge solicitasse a troca de sua tigela antiga com a esperança de fazer um *upgrade* para uma das novas tigelas de aço inoxidável, mais do que por uma autêntica necessidade, ele se arrependeria daquilo. Em casos assim, Luang Pó era conhecido por ordenar que fosse dada a tigela de ferro mais feia e já usada que estivesse no estoque para o monge. Em uma ocasião, um monge deve ter sido incapaz de esconder o seu desgosto por esse acontecimento pois Luang Pó, ao observá-lo, disse, 'A única cosia feia aqui é a cobiça que você demonstrou.'

A cobiça de monges por um certo tipo de pano, um certo tipo de tigela, uma capa de crochê para a tigela ou mesmo uma marca específica de colher pode parecer algo bizarro à princípio e então, até um pouco triste. Isso leva à questão: qual é o valor da renúncia às posses mundanas se o renunciante meramente transfere seus apegos para objetos mais humildes? Certamente, apego é apego qualquer que seja o objeto. E se é assim, não estariam os monges enganando a si mesmos?

Luang Pó não considerava uma drástica simplificação no estilo de vida como sendo a libertação por si mesma; ele sabia muito bem que a tendência ao apego está muito fortemente arraigada em uma mente não iluminada para ser simplesmente esquivada. Mas uma vida trazida de volta ao essencial fazia um importante papel no treinamento que ele dava. Primeiramente porque era um elemento chave em manter a cultura e identidade distintas do monge renunciante de floresta. Em segundo lugar, porque a natureza do apego - sua impermanência, insatisfatoriedade e impersonalidade - é revelada muito mais prontamente quando focada em poucos objetos simples do que quando dispersa entre uma grande variedade de coisas desejáveis disponíveis na vida leiga. Assim, Luang Pó constantemente incitava os monges a seguirem revisando a natureza da relação deles com os requisitos e a serem alertas ao surgimento das impurezas, com o intuito de dar-lhes uma perspectiva desses apegos. Para os monges que seguiram seu conselho, apegos grosseiros por requisitos

de boa qualidade tenderam a se desfazer de forma bem rápida. Depois de alguns anos, vários monges olharam para trás, para suas obsessões por mantos e tigelas, com uma bem humorada autodepreciação

Reflexões sobre o uso responsável dos requisitos eram um alimento básico para a energia das palestras de Luang Pó aos monges. ‘Chefes de família ganham a vida com o suor de suas testas, através de desafios e adversidades; e eles ainda assim abrem mão de uma parte de seus ganhos para comprar comida e outros requisitos para a Sangha.’ Se você tivesse aquilo como sendo algo garantido, ele dizia, se você considerava como sendo seu direito e usasse as oferendas de forma egoísta ou desatenta, você na verdade estaria criando muito mau kamma.

UMA CONSTITUIÇÃO

De todas as observâncias que foram costuradas à vida diária de Wat Pah Pong, várias delas eram chaves em definir a cultura de Wat Pah Pong e os princípios de treinamento. Uma vez que o mosteiro tinha sido firmemente estabelecido, Luang Pó formalizou essas observâncias - advindas das regras do *Pāṭimokkha*, das observâncias dos *Khandhaka*, assim como da tradição tailandesa e de sua experiência pessoal - em uma lista de regulamentações. Através dos anos seguintes, essa lista, devidamente emoldurada, estaria pendurada nas paredes dos Salões de Dhamma de cada mosteiro afiliado a Wat Pah Pong. Ela assegurava uma uniformidade de práticas entre mosteiros muito distantes uns dos outros e dava uma medida justa de autonomia. Perder o controle sobre esse padrão colocava em perigo a afiliação do mosteiro.

REGULAMENTAÇÕES DA SANGHA

1. É proibido para monges e noviços fazerem solicitações para qualquer um que não seja parente de sangue, ou que não tenha oferecido um convite formal (*pavāraṇā*). É proibido ter conexões com pessoas leigas ou pessoas ordenadas de outras religiões que sejam hostis ao Budismo.

2. É proibido conversar sobre as ‘artes baixas’ ou estudá-las, predizer números de loteria, fazer água ‘benta’, atuar como médico ou astrólogo, ou fazer e distribuir amuletos e objetos de sorte.
3. A não ser que seja completamente inevitável, é proibido para um monge com menos de cinco Retiros de Chuvas viajar sozinho. Se um monge júnior tiver que realizar uma viagem, ele deverá estar acompanhado de um monge que tenha mais de cinco Retiros de Chuvas.
4. Monges devem sempre consultar com a Sangha ou com o monge sênior antes de embarcar em quaisquer projetos pessoais. Somente quando houver concordância de que o projeto está de acordo com o Dhamma e o Vinaya outros passos poderão ser tomados. Monges não devem agir por sua própria autoridade.
5. Monges devem estar satisfeitos com as acomodações determinadas para eles. Eles devem manter o local limpo e devem varrer os caminhos que levam a ele.
6. Monges devem participar das atividades da Sangha em harmonia, encontrando-se e dispersando em uníssono. Monges não devem fazer de si mesmos objetos de antipatia da Sangha ao serem falsos, ao tentarem se evadir de serem advertidos, ou por tentar dar desculpas para seus erros.
7. Conversas fúteis são proibidas durante a mendicância matinal, enquanto lavando as tigelas, varrendo o mosteiro, retirando água do poço, tomando banho, preparando o refeitório, lavando os mantos ou ouvindo as palestras do Dhamma. Monges devem prestar atenção à qualquer tarefa que estejam realizando.
8. Depois da refeição, monges devem ajudar a varrer o refeitório e limpá-lo antes de prostrarem-se para a Jóia Tríplice em uníssono e levarem suas coisas de volta para suas cabanas de maneira pacífica.
9. Monges devem ser frugais em suas necessidades de conversação, de comida, de descanso e de se expressarem. Monges devem manter-se vigorosamente despertos. Eles devem auxiliar a cuidar de monges doentes demonstrando bondade amorosa.

10. É proibido para monges receberem dinheiro ou ter alguém para receber por eles. É proibido comprar e vender coisas ou realizar trocas.
11. Todos os presentes oferecidos à Sangha devem ser compartilhados. Quando um monge precisa de alguma coisa, deixe que a Sangha lhe supra apropriadamente.
12. É proibido juntar-se em grupos e socializar, seja de dia ou de noite, em local público ou em uma cabana, exceto quando necessário. Mesmo em casos assim, não seja aquele que tem prazer em socializar ou festejar*.
13. Receber e enviar cartas, documentos e pacotes deve ser anunciado à Sangha ou ao monge sênior. Somente depois de receber permissão o artigo pode ser recebido ou enviado.
14. Monges e noviços que desejem vir e praticar nesse mosteiro devem ter uma carta de permissão de seu preceptor ou professor anterior e devem primeiro ter realizada sua transferência em seus livretos de identidade monástica.
15. Monges visitantes e noviços devem mostrar seus livros de identidade monástica para a Sangha ou monge sênior em sua chegada. Eles não devem permanecer por mais de três noites a menos que haja razões necessárias para permanecer por mais tempo.

A Sangha se reserva ao direito de agir de acordo para com transgressores dessas regulamentações.

Emitido em 2 de Outubro de 1957
Prá Ajahn Chah
Monk Sênior

*Uma proibição contra fumar e mascar noz de bétel foi adicionada anos mais tarde.

O Discurso do Não Declínio

- 1. Enquanto os monges se reunirem frequentemente e mantiverem assembleias, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.*
- 2. Enquanto os monges se reunirem em harmonia, se dispersarem em harmonia e conduzirem os assuntos da Sangha em harmonia, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.*
- 3. Enquanto os monges não decretarem algo que não tenha sido decretado e não abolirem algo que já tenha sido decretado, mas aceitarem e seguirem as regras de treinamento que já foram decretadas, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.*
- 4. Enquanto os monges honrarem, respeitarem, estimarem e venerarem aos monges que sejam mas antigos, que já estejam lá desde muito tempo, que se tornaram monges a muito tempo, pais e guias da Sangha, e pensem que à eles deve ser dada atenção, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.*
- 5. Enquanto os monges não se submeterem ao poder de nenhum apego que surja que leve à renovada existência, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.*
- 6. Enquanto os monges tenham a intenção de viver nas florestas, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.*
- 7. Enquanto os monges estiverem mantendo firmemente na mente: ‘se houver outros companheiros monges que se comportem bem que ainda não tenham vindo viver aqui, que eles venham; e que os monges bem comportados que já estejam aqui, vivam em paz’, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.*

Enquanto os monges se mantiverem firmes nesses sete princípios de não declínio, e enquanto essas sete condições persistirem entre os monges, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.

Luang Pó era profundamente influenciado pelo *Discurso do Não Declínio*. Seus princípios devem ser reconhecidos como subjacentes à maior parte do sistema de treinamento que ele desenvolveu. O primeiro aspecto aponta para a ênfase na prática de grupo que diferenciava Wat Pah Pong da maioria dos outros mosteiros de floresta. Reuniões de grupo, períodos de trabalho em grupo e sessões de meditação em grupo estavam no coração da rotina diária de Wat Pah Pong. Monges eram regularmente lembrados da importância de serem pontuais ao participarem das atividades de grupo, que eram todas anunciadas com o toque do sino do mosteiro.

Uma rigorosa rotina diária foi estabelecida para garantir a continuidade e consistência do esforço por parte dos membros da Sangha. Aquilo fazia oposição à preguiça e à complacência, dava suporte para aqueles que careciam de maturidade para desenvolver sua meditação sozinhos em suas cabanas. Também provia um meio de filtrar aqueles com comprometimento genuíno daqueles que não o tinham. Ninguém que estivesse com esperança de ingressar na Sangha para aproveitar uma vida de ócio escolheria viver em Wat Pah Pong.

ACORDAR CEDO

O dia começava às 3:00 da manhã com o som do sino do mosteiro. Luang Pó instruía aos monges para levantarem-se no momento em que ouvissem ao sino, que lavassem o rosto, pegassem seus mantos e tigela e se dirigissem ao Salão de Dhamma o mais rápido possível. Alguns dos monges mais diligentes despertavam ainda mais cedo e já estariam no Salão de Dhamma, sentados em meditação, quando o sino tocava.

Comunicar a rotina diária não era a única função do sino. Luang Pó também o via como uma ferramenta para ensinar. Monges eram ensinados que, ao levantarem-se no momento em que escutassem ao sino sem pensar duas vezes, eles estariam desenvolvendo um firme e resoluto hábito mental. Monges que dormiam além disso e chegavam tarde ao Salão de Dhamma, depois de aguentar algumas poucas palavras de advertência ('vergonhoso!', 'inaceitável!'), seriam ensinados a considerar aquilo como sendo um sinal de aviso. Se o sino e a pressão social do grupo fossem insuficientes para motivar o monge a praticar, então como ele sustentaria sua meditação sentado ou andando quando estivesse sozinho em sua cabana? 'Chega a

noite’, Luang Pó resmungava à um monge, ‘e tudo o que você quer fazer é dormir.’

Um monge recordava:

“Se já houvesse alguém meditando quando você chegasse no Salão de Dhamma, então você tinha que ser cuidadoso para não deixar que seus chinelos fizessem barulho quando você se aproximava. Se você tivesse objetos duros em sua bolsa de ombro - como uma caneca, uma colher ou uma faca para frutas - então você deveria mantê-los enrolados em uma toalha para que não ficassem batendo entre eles enquanto você caminhava. Você deveria entrar no salão tão silenciosamente que as pessoas que já estivessem lá meditando não estariam nem conscientes disso.”

Enquanto a maioria dos monges seniores era dedicada o suficiente para despertar diariamente às 3:00 da manhã e meditar em sozinhos em suas cabanas até o amanhecer, poucos dos membros mais jovens da comunidade, particularmente os noviços adolescentes, poderiam manter uma prática como essa por muito tempo. Para eles, o apoio do grupo era vital. Inicialmente, alguns dos novos membros da comunidade participavam das sessões matinais mais por uma mistura de orgulho e medo do que por devoção ao treinamento. Mas com o passar do tempo, render-se à agenda geralmente forjava bons hábitos que gradualmente se tornavam uma segunda natureza. Luang Pó encorajava aos monges seniores, que poderiam preferir passar seu tempo sozinhos, para participarem das sessões matinais como um gesto de apoio para os mais jovens, para serem bons exemplos e para manter a harmonia da Sangha.

SESSÃO MATINAL

A meditação matinal era seguida de um período de recitação de cânticos às 4:00 da manhã. Ele começava com uma detalhada recitação das qualidades do Buda, do Dhamma e da Sangha e era suplementado por uma seleção de reflexões diárias e cânticos mais longos que variavam durante a semana. Os cânticos regulares incluíam: uma análise do corpo físico em termos das trinta e duas partes que o constituem; uma reflexão sobre a velhice, a doença, a morte e a lei do kamma; uma recordação da forma correta

de fazer uso dos requisitos; uma reflexão sobre a bondade amorosa; uma dedicação de méritos.

No início da década de 1970, Luang Pó autorizou a adoção de um manual de cânticos em Pali e tailandês que havia sido recém publicado por um de seus grandes contemporâneos, Ajahn Buddhadasa. Esse manual continha uma excelente tradução dos textos em Pali alternada com a versão original de uma forma concisa e ritmada; cada linha em Pali sendo seguida pela linha correspondente em tailandês. Especialmente impressionantes eram as traduções de passagens chave de alguns dos mais importantes discursos do *Cânone Pali*, incluindo aqueles que explicavam o Nobre Caminho Óctuplo e a Originação Dependente. Outro texto em forma de cântico lidava com a reflexão dos quatro requisitos:

Refletindo sabiamente, eu uso o manto, apenas para me proteger do frio, me proteger do calor, me proteger do toque das moscas, mosquitos, do vento, das coisa que queimam e de bichos rastejantes, apenas por modéstia.

MN 2

Recitar cânticos funcionava como uma expressão ritualística da unidade da comunidade ao requerer que os monges aprendessem como escutar uns aos outros e combinarem suas vozes. Seu valor como uma meditação está no fato de que a plena atenção aos sons e ao significado dos cânticos provia um caminho à estados saudáveis da mente mais acessíveis aos mais jovens e inquietos membros da Sangha do que a meditação sentada, particularmente em um horário tão cedo pela manhã. Também provia meios de vencer a sonolência e o torpor que eram sempre inimigos dos monges que tentavam cortar suas horas de sono para o mínimo necessário. Recitar cânticos também era considerado como sendo algo inerentemente auspicioso. Desde a época do Buda, se acreditava que o som de seus ensinamentos recitados com devoção trazia alegria aos seres celestiais (*devas*) e gerava uma potente energia espiritual. Fisicamente, no entanto, recitar cânticos podia ser uma experiência desconfortável. As recitações de cânticos matinais e noturnos requeriam que os monges sentassem em seus calcanhares, com o seu peso distribuído entre os joelhos e seus dedos dos pés. Para alguém que não esteja acostumado com essa postura, depois

de alguns minutos a pressão sobre os dedos dos pés se torna excruciante e um calor toma conta de todo o corpo.

Embora livros de cânticos estivessem disponíveis, Luang Pó incentivava seus discípulos a memorizarem tantos cânticos quantos pudessem. Ao fazerem isso, eles estariam aptos a incrementar um repertório próprio dos principais ensinamentos e reflexões, tanto em Pali quanto em sua própria língua. Não era algo incomum que alguma das linhas de um dos cânticos de repente aparecesse na mente de um monge exatamente em um momento apropriado durante o dia, permitindo que ele se libertasse de algum apego ou que fizesse surgir um certo bem estar. Havia vários cânticos para aprender. À parte daqueles que figuravam na recitação matinal e noturna, se esperava que monges e noviços memorizassem os versos *Paritta* que eram recitados para proteção e em ocasiões auspiciosas, e os versos *Mātikā* recitados em funerais.

Com o término dos cânticos matinais, os monges praticavam meditação sentados pelos poucos minutos antes do final da sessão às 5:00 da manhã. Depois de prestarem reverências à Jóia Tríplice, os monges se encaminhavam para o refeitório que ficava atrás do Salão de Dhamma onde eles varriam e passavam pano úmido no chão e nos bancos, organizavam seus lugares e se preparavam para a mendicância matinal. Os monges mais jovens e noviços ajudavam aos monges mais antigos à prepararem seus mantos e então, ajoelhados aos seus pés enquanto eles os vestiam, abotoavam os cantos inferiores dos mantos pelos laços.

MENDICÂNCIA MATINAL

A mendicância diária matinal é uma das práticas ascéticas encorajadas pelo Buda que era compulsória para todos os monges de Wat Pah Pong que estivessem com plena saúde. De um monge que faltasse à mendicância matinal por ter perdido a hora, por dormir demais ou por preguiça, era esperado que não tomasse a refeição daquele dia. A importância que Luang Pó dava para a mendicância matinal era vista por todos em sua própria devoção à essa prática. Anos mais tarde, à despeito da deterioração de sua saúde e de sua necessidade de usar uma bengala para caminhar, ele se recusava a abandonar completamente essa prática. Enquanto os monges estavam a caminho dos vilarejos locais, ele andava vagarosamente

até o setor das *Mé Chis* na ala oeste do mosteiro para receber comida de mendicância das monjas.

Havia sete rotas de mendicância matinal, uma para cada um dos vilarejos mais próximos. A caminhada de ida e volta para os vilarejos tinha uma média de cinco quilômetros. Dois dos vilarejos, no entanto, requeriam uma caminhada de aproximadamente oito quilômetros. Monges das rotas mais distantes saíam assim que o céu mudasse de cor (geralmente logo após as 5:00 da manhã); os restantes saíam um pouco depois. Assim, a hora em que os monges entravam nos vilarejos - mais tarde durante o inverno, mas geralmente em torno das 6:00 da manhã - era mais ou menos uniforme. A maioria dos monges teriam retornado ao mosteiro por voltas das 7:00 da manhã.

Alguns monges preferiam uma grande caminhada pela manhã, outros uma caminhada mais curta, e eles tinham a liberdade de escolher qual percurso lhes servia melhor. Os monges podiam caminhar até os vilarejos no seu próprio ritmo mas formavam uma fila única - cuja ordem era determinada por senioridade - antes de começar a mendicância propriamente dita. De um monge impossibilitado de participar da mendicância matinal por qualquer motivo, se esperava que avisasse aos demais antecipadamente. Era importante que os monges chegassem ao vilarejo mais ou menos juntos. Um grupo de monges parado no limite do vilarejo esperando que monges atrasados chegassem para formar a fila era algo considerado inadequado.

Os monges sempre seguiam o mesmo trajeto em um vilarejo. Assim que entravam, os doadores regulares estariam de pé na porta de suas casas, com seus potes de bambu com arroz grudento em mãos. As mulheres estariam acordadas desde a primeira luz do dia cozinhando arroz em seu fogão à lenha, e estariam conversando alegremente com seus vizinhos por alguns minutos esperando que os monges chegassem. Geralmente as mulheres traziam um de seus filhos ou netos com elas, com o intuito de ensiná-los a como oferecer alimento e prestar reverências à Sangha. Em alguns lares, seria o homem da casa quem colocaria comida nas tigelas dos monges; e em outros, seria uma das crianças.

O Vinaya proíbe monges de pedirem comida para pessoas leigas. Monges em mendicância matinal andam silenciosamente e em fila única, parando

apenas para permitir à aqueles que queiram oferecer comida de fazê-lo. Um forte elemento ritualístico está presente durante toda a mendicância matinal. Geralmente, nenhum cumprimento ou conversaçoão acontece. Os monges evitam contato visual com os doadores e não dizem agradecimentos; é entendido que eles estão dando uma oportunidade para que os doadores acumulem méritos ao praticar a generosidade.

Nos vilarejos dos arredores de Wat Pah Pong, a maioria dos camponeses, ajoelhados em sinal de respeito, simplesmente colocavam um pequeno punhado de arroz grudento na tigela de cada monge. Algumas pessoas podiam oferecer bananas, doces de arroz ou também peixe seco, mas apenas as famílias mais ricas podiam se permitir fazer isso de maneira regular. Dar alguns poucos punhados de arroz grudento era algo que até as famílias mais pobres podiam fazer. Isso fazia da mendicância matinal uma ocasião quando cada lar do vilarejo poderia contribuir de uma forma tangível para o bem estar da Sangha e ter um senso de participação ativa em sua religião.

A mendicância matinal realizava um papel central em nutrir uma relação calorosa entre os vilarejos locais e o mosteiro. Mesmo que eles raramente falassem uns com os outros, um senso de familiaridade e calor entre monges e leigos se desenvolvia por um período de meses ou mesmo de anos.

Que a mendicância matinal não era exclusivamente focada em juntar alimentos é algo indicado pelo antigo termo monástico em tailandês para se referir a ela: *'prot sat'*, ou 'salvando seres sencientes'. Ver a compostura e a dignidade no comportamento dos monges nas primeiras horas da manhã tem a intenção de elevar a mente dos doadores e lembrá-los dos valores morais e espirituais que eles reverenciam. Essa ideia - de que o comportamento dos monges durante a mendicância matinal podia ser algo inspirador para os leigos e levá-los a criar ou aumentar sua fé no Dhamma - remete à época do Buda. A história do encontro entre o Venerável Assaji, um dos integrantes do primeiro grupo dos grandes discípulos plenamente iluminados, com Sāriputta, o asceta que se tornaria um dos Discípulos-Chefe do Buda, era uma das preferidas de Luang Pó.

Não precisa de muito para proclamar o Dhamma. Alguns dos discípulos do Buda, como o Venerável Assaji, raramente falavam. Eles iam em mendicância matinal de uma forma calma e pacífica, caminhando nem rápido e nem devagar, vestidos em mantos de cores sóbrias. Se estavam andando, se movendo, indo para frente ou para trás, eles eram comedidos e tinham compostura. Em uma manhã, quando o Venerável Sāriputta ainda era um discípulo de um brâmane chamado Sañjaya, ele avistou o Venerável Assaji e ficou inspirado por seu comportamento. Ele se aproximou dele e lhe pediu algum ensinamento. Ele perguntou quem era o professor do Venerável Assaji e recebeu como resposta, ‘O Reverendo Gotama’.

‘O que é que ele ensina que faz com que o senhor pratique dessa maneira?’

‘Não muito. Ele apenas diz que todos os dhammas surgem de causas. Se eles cessarem, suas causas devem ter cessado antes.’

Apenas isso. Isso foi suficiente. Ele entendeu. Isso foi tudo o que o Venerável Sāriputta precisou para perceber o Dhamma.

Monges, é claro, nem sempre viviam à altura desses ideais. O comportamento apropriado durante a mendicância matinal era um tema recorrente nas palestras de Dhamma de Luang Pó. Em uma ocasião ele deu uma lição ao um grupo de jovens monges e noviços desatentos por saírem do mosteiro como se fossem ‘um bando de pescadores endiabrados indo fisgar peixes’. Ele apontava o valor da mendicância matinal à todos aqueles que ela envolvia, monges e leigos, e ele advertia aos monges que fossem perturbados por esse tipo de comportamento:

Não converse com os falastrões. Converse com o seu próprio coração. Medite muito. As pessoas que gostam de conversar durante todo o dia são como passarinhos tagarelas. Não tenha nada a ver com eles.

Vista seu manto decentemente e vá. Assim que você estiver em seu caminho, você pode começar a memorizar o *Pāṭimokkha*. Isso faz a sua mente bastante ordenada e clara. É como se fosse um

manual. A ideia não é que você fique obcecado com isso, apenas de que uma vez que você o tenha memorizado, o *Pāṭimokkha* vai clarear a sua mente. Enquanto você caminha, você se foca nele; e depois de um tempo ele estará lá, e surgirá automaticamente. Treine a si mesmo dessa maneira.

A mendicância matinal realiza outro importante papel para a Sangha. Ela constitui a prática mais tangível de um monge sobre o Meio de Vida Correto - o quinto dos fatores do Nobre Caminho Óctuplo. Ao sair em mendicância matinal, monges tem acesso aos requisitos necessários para manter sua saúde e força de uma forma apropriada aos samanas: não fazendo solicitações aos leigos ou buscando formas de coagi-los de alguma maneira. O Buda uma vez instruiu aos seus discípulos:

‘Nós não exibiremos nada impróprio ou faremos nada impróprio para podermos ter comida de mendicância. Se não recebermos comida de mendicância, nós não ficaremos agitados. Ao recebermos comida de mendicância, nós a consumiremos sem sermos escravos dela, sem estarmos apaixonados por ela, sem cometermos nenhuma ofensa, vendo os perigos e discernindo a saída’. Assim, monges, vocês devem treinar a si mesmos.

SN 16.1

Existem benefícios adicionais. Primeiramente, a mendicância matinal fornece um bom exercício físico: uma caminhada entre dois e dez quilômetros, às vezes em condições adversas. Durante o verão, um monge com o estômago completamente vazio, voltando ao mosteiro enquanto o sol desponta no céu, carregando uma grande tigela de metal cheia com aproximadamente quatro ou cinco quilos de arroz grudento resulta em um vigoroso exercício físico. A mendicância matinal dá muitas oportunidades de cultivar a paciência e a tolerância. Alguns trajetos exigiam andar descalço por estradas de pedra que demandavam uma considerável força de vontade. A mendicância matinal não é cancelada por causa do mau tempo e, durante uma tempestade, os guarda chuvas que os monges carregam apenas os salvam de se encharcarem caso não esteja ventando.

Emergir da floresta e entrar em um vilarejo fornece vários desafios ao autocontrole de um monge. Ele pode sentir seus olhos e ouvidos sendo

puxados para um lado ou para outro enquanto ele caminha. Por essa razão, a mendicância matinal fornece à ele um teste diário da força de seu poder de auto-restrição. Para meditadores avançados, ela também pode fornecer potentes gatilhos de insights. Ocasionalmente, monges de Wat Pah Pong que meditavam sobre a natureza do corpo físico em níveis profundos podiam experimentar visões espontâneas dos doadores como sendo esqueletos que se moviam, o que levava a aprofundar ainda mais as suas meditações. Outros ganhavam uma nova compreensão do Dhamma de experiências como a de ver pessoas velhas ou doentes, pelo barulho de um jovem casal discutindo violentamente ou gritos de um porco prestes a ser abatido.

Enfim, a mendicância matinal fornecia ao monge um lembrete diário de que ele era dependente de outras pessoas para sobreviver. Isso ajudava a prevenir que ele tivesse sua refeição diária como sendo algo garantido. Ele sabe que cada grão de arroz foi produzido através do sangue, suor e lágrimas de outras pessoas. Monges, alertas por terem passado as primeiras horas do dia em meditação, podem se tornar tão sensíveis à bondade dos doadores que sentimentos profundos de amor e compaixão surgem em suas mentes. Isso os recorda que, enquanto eles passam por seus desafios morais e espirituais, existem pessoas que querem o seu bem, que veem o valor do que eles estão fazendo e desejam dar apoio ao seu trabalho. Luang Pó dizia aos monges, 'Existe muito Dhamma a ser aprendido durante a mendicância matinal.'

HORA DA REFEIÇÃO

Monges em Wat Pah Pong tomariam a sua refeição no refeitório do mosteiro, situado imediatamente atrás do Salão de Dhamma e orientado da mesma maneira no eixo leste/oeste. Era uma estrutura de aparência severa: uma longa e estreita caixa de concreto coberta com telhas galvanizadas. Havia plataformas de setenta centímetros de altura e um metro e meio de largura sobre bancos de madeira robusta colocados lado a lado de forma contínua, encostados ao longo das duas compridas paredes internas, abaixo de uma linha de pequenas janelas estreitas de madeira e sem vidros. Nesses bancos, os monges se sentavam de acordo com sua senioridade voltados para a parede do lado oposto. Luang Pó se sentava em uma plataforma

desconectada na extremidade da estreita sala, voltado para o meio das duas fileiras de monges que se estendiam à sua frente. Ninguém era capaz de esquecer nem por um minuto de que eles estavam todos na linha direta de visão de Luang Pó.

Os monges se sentavam em seus panos de algodão marrom, com suas tigelas dentro de suas capas de lã crochetaada descansando sobre seus suportes de bambu ao seu lado. As capas com alça das tigelas estavam cuidadosamente dobradas da maneira prescrita e colocadas atrás deles. Cada monge tinha também sua bolsa de pano, igualmente dobrada de maneira específica, colocada próxima à parede. Em frente a elas, colocados alinhados organizadamente, estavam o bule de alumínio com água*, uma caneca de metal e uma cuspidreira.

Luang Pó ensinava que a comida recebida na mendicância matinal deveria ser considerada para a Sangha como um todo; os monges que a recebiam estavam atuando apenas como representantes individuais da Sangha. Em seu retorno ao mosteiro (depois de lavarem seus pés do lado de fora do refeitório e depois de dobrarem seus mantos externos ou deixá-los pendurados para ventilar ao sol), os monges depositavam a comida de suas tigelas em grandes recipientes que eram carregados por postulantes. Aos monges era permitido manter quanto arroz grudento necessitassem. Esse era moldado como uma bola e colocado no fundo de sua tigela. O resto da comida era levada à cozinha para ser reorganizada e preparada pelas *mé chis* e pelos moradores das redondezas que tivessem vindo para participar do oferecimento da refeição.

Uma vez preparada, a comida era levada em carrinhos da cozinha para ser colocada no chão em frente à Luang Pó em dois conjuntos, um de cada lado do salão. Então, todos menos os monges mais seniores se levantavam de seus assentos e formalmente recebiam a comida de um postulante ou leigo. Depois que Luang Pó tivesse oferecida a comida que tivesse escolhido, então eles procediam a distribuí-la nas tigelas de cada monge. Eficiência e imparcialidade eram as metas da distribuição. Monges não tinham controle sobre o volume ou tipo de comida que era colocada em suas tigelas, exceto

*Tanques de água coletavam água de chuva por canos e filtros conectados às calhas do telhado do refeitório. Esses tanques forneciam a água potável do mosteiro. Cada monge tinha seu próprio bule de água.

pelos pratos que eles serviam a si mesmos. Não surpreendentemente, certos monges poderiam ser vistos de vez em quando tentando coordenar os pratos que eles particularmente gostavam ou pelos quais eles tinham alguma aversão específica; outros faziam a firme resolução de resistir à tentação.

Ao retornar aos seus assentos depois que a comida tinha sido distribuída, alguns monges podiam ser vistos olhando discretamente para dentro de suas tigelas e evitando um suspiro pela visão diante deles: todos os tipos de comidas diferentes jogadas juntas lá dentro, talvez algo doce flutuando sobre um molho oleoso e apimentado, e outros itens completamente submersos. Eles colocavam a tampa de volta em suas tigelas e se sentavam silenciosamente até que Luang Pó os liderasse em uma curta recitação de agradecimento e bênçãos aos doadores. Depois disso, eles retiravam as tampas de suas tigelas e contemplavam a comida. Eles eram ensinados a recordar de que eles se alimentavam meramente como uma forma de manterem seus corpos saudáveis e prontos para o trabalho da prática do Dhamma. Eles deviam evitar a gulodice e a indulgência nas sensações agradáveis que surgiam naturalmente enquanto comiam. Depois de um curto período de tempo, Luang Pó começava a comer. Assim que ele comesse, os dois monges que encabeçavam cada fileira o fariam em seguida. Então os dois monges seguintes e assim subsequentemente até o final da longa fileira.

No refeitório, os monges focavam a sua atenção em serem tão silenciosos quanto lhes fosse possível. Potes grandes ou pequenos, bules, cuspidadeiras - tudo deveria ser manuseado com delicadeza e cuidado. Enquanto comiam, monges deviam ser cuidadosos para não fazerem ruídos enquanto mastigavam ou tomavam líquidos (ou '*capu-capu*' e '*suru-suru*' como citado em Pali). Um monge que deixasse sua colher de metal (a única ferramenta permitida para comer) fazer barulho enquanto estivesse raspando a tigela ganharia um grunhido de advertência de Luang Pó.

O método de distribuição da comida era rápido, prático e uma ferramenta poderosa para vencer o apego ao sabor, mas levava a desperdícios* . Em

* Nos dias de hoje, monges geralmente se servem de pratos oferecidos organizados em uma grande mesa. O esforço em reduzir desperdícios tomou precedente sobre a prática ascética.

anos posteriores, particularmente, havia comida demais dentro da tigela para ser consumida, incrementando o desafio de saber a hora de parar. Comer demais poderia levar à uma entorpecida e pesada sombra por todo o dia, como relembra um monge sobre seus desafios iniciais:

“Ele nos ensinou a comer moderadamente. Ele nos dizia que era para estimarmos quando faltasse umas três colheradas para nos sentirmos satisfeitos e então pararmos e tomarmos água até nos sentirmos cheios. Ele dizia, ‘Se você comer muito, depois da refeição você vai se sentir entorpecido, sonolento e desinteressado em meditar.’ Ele estava certo. Se você come muito você se sente empanturrado e não sente vontade de praticar meditação andando. Você ainda está a caminho de sua cabana e os pensamentos de tirar uma soneca já estão vindo à sua mente.”

Quando todos os monges terminavam sua refeição, Luang Pó tocava o pequeno sino que estava ao seu lado, toda a comunidade se prostrava junta três vezes e então saíria do refeitório levando suas tigelas e suportes, com as cuspideiras nas tampas, de uma maneira específica para evitar ruídos das duras superfícies batendo uma na outra. Do lado de fora, na área coberta, eles retiravam seus mantos, os dobravam atentamente e levavam suas tigelas para a área de lavar tigelas perto do limite da floresta onde havia jarras de água e um grande buraco para os detritos. As tigelas eram colocadas em pequenos suportes circulares de grama e lavadas com folhas (em anos seguintes, detergente) como mencionado anteriormente.

Depois que as tigelas tinham sido lavadas, secadas, aeradas ao sol por alguns minutos e tido suas capas colocadas, os monges colocavam novamente seus mantos e voltavam aos seus assentos no refeitório, onde Luang Pó ainda estaria sentado. Frequentemente, praticantes leigos que tivessem vindo oferecer alimentos usavam essa oportunidade para falar com ele. Em alguns dias ele daria um discurso, em outros anunciaria alguma coisa, mas mais frequentemente, ele apenas tocava o pequeno sino ao seu lado mais uma vez, os monges se prostravam três vezes para a imagem do Buda, três vezes para Luang Pó e então retornavam às suas cabanas. Lá eles escovavam os dentes, varriam a área ao redor da cabana, colocavam seus mantos para ventilar em um varal e começavam a praticar meditação andando.

Os monges eram livres para estruturar suas horas do meio do dia como lhes fosse mais apropriado. À parte de ser tempo para aprofundar a sua prática de meditação, era também para realizar várias tarefas pessoais. A maioria dos monges tiraria uma curta soneca em torno do meio dia. Às 3:00 da tarde o sino do mosteiro tocava e todos os monges e noviços saíam de suas cabanas com suas vassouras e se encaminhavam para a área central com o intuito de varrer as folhas caídas. Esse também era o período para varrer o piso do Salão de Dhamma, do refeitório e do Salão de Uposatha. Às vezes Luang Pó liderava os monges em algum projeto de trabalho mais longo, como a construção ou o reparo de cabanas. Mas as atividades diárias consistiam em retirar água do poço e varrer folhas.

Ajahn Jan recordava dos benefícios da rotina:

“Às três da tarde, o sino tocava e nos juntávamos para as tarefas diárias. Alguns monges varriam e passavam pano úmido no Salão de Dhamma e no refeitório, outros retiravam água do poço para beber e para uso geral. Um grupo de monges carregava a água em velhos recipientes de óleo para os banheiros, para a cabana de Luang Pó, para a área de lavar tigelas e para os banheiros dos leigos. Nós também limpávamos o bloco dos banheiros. Luang Pó dizia que limpar banheiros era uma atividade adequada para monges, trabalho difícil de encontrar - por que deveríamos ter aversão à aquilo? Visitantes leigos não limpavam banheiros, era responsabilidade dos monges residentes. Mais do que isso, Luang Pó dizia que era uma boa prática: fazer algo que você não queira fazer, despiando as impurezas.”

Como sempre, a ênfase era na harmonia e no cultivo da amizade. Trabalhar juntos era um meio de nutrir um senso de comunidade, tanto quanto uma meditação em grupo ou uma recitação de cânticos. Um dia Luang Pó instruiu a Sangha:

Quando você está trabalhando ou realizando as tarefas diárias, não seja falso ou tortuoso. Não pense que é algo bom se você puder fazer menos do que a sua parte - isso é impureza ... conheça a sua mente, mantenha-se à frente de seus movimentos, e então suas ações não terão consequências desagradáveis e sua vida será para benefício da religião (*Sāsana*). Olhe internamente para sua mente

e externamente para suas ações para que então possa proteger à ambos.

Monges eram alertados a não deixarem que seus assuntos pessoais tivessem precedência sobre as atividades de grupo. Quando o sino era tocado, se esperava que todos colocassem imediatamente de lado qualquer coisa que estivessem fazendo e se encaminhassem para a área central. Era através dessa pontualidade e compromisso constante com as atividades de grupo que era baseada a harmonia da Sangha. ‘Esteja alerta ao que deve ser feito’, ‘Seja observador’ - essas eram exortações constantes. Os monges seniores tinham um papel importante a realizar.

Se os monges mais antigos deixarem as coisas passarem, então todos os demais vão fazer o mesmo. Como podemos esperar que os mais jovens saibam o que fazer? Quem eles terão como exemplo? Se algo precisa ser visto e é negligenciado, então hábitos preguiçosos vão crescer e crescer.

Ocasionalmente, depois do período de trabalhos diários por volta das cinco horas da tarde, um noviço poderia trazer um grande bule de alumínio cheio com alguma bebida quente e doce feita com o cozimento e coagem de ‘permissíveis’ como fruta bel, tamarindo ou gengibre. Em tempos posteriores de maior prosperidade, cacau e café se tornaram populares. Uma ou duas vezes por semana, havia *samó* ou uva indiana - frutas amargas laxativas (permitidas pelo Vinaya de serem consumidas depois do meio dia) - que eram comidas com sal e pimenta. Não era um objeto de desejo à primeira vista, mas eram considerados um tesouro e muitos monges as consumiam avidamente. De vez em quando, noviços adolescentes consumiriam de forma compulsiva, resultando em uma noite de diarreia purgativa que os afetados aceitavam com um estoicismo considerável.

O comportamento dos noviços adolescentes se tornou um assunto para a Sangha durante a década de 1970 quando Luang Pó dava a chance para um número significativo deles se ordenarem. A vida no mosteiro não era fácil para se adaptar e reações excessivas ocasionais à todas as restrições impostas ao comportamento deles não eram algo de se surpreender. Em sua maioria, esses incidentes envolviam comida e bebida. Depois que os bules vespertinos de bebida doce tivessem sido passados duas vezes, a

maioria dos monges se encaminhava para o poço para tomar banho. A bebida restante nos bules e prestes a ser dispensada poderia vir a ser uma forte tentação para aqueles que ainda estavam ali. De vez em quando, alguém decidia que seria uma pena ver tudo aquilo ser desperdiçado. Uma ocasião dessas mereceu uma clara bronca de Luang Pó:

Pense naquele tempo quando estávamos construindo o Salão de Uposatha e algum café foi trazido. Depois de um tempo eu escutei algumas pessoas reclamando, ‘Ohhh! Chega! Chega! Eu tomei tanto café que estou passando mal.’ Isso é realmente muito desagradável para um religioso dizer! Beber tanto a ponto de achar que vai vomitar. Sete ou oito copos cada um. O que vocês estavam pensando? Isso é ir longe demais. Vocês pensam que se tornaram religiosos com o intuito de comer e beber? Se aquilo foi um tipo de competição, foi uma competição insana. Depois que vocês terminaram, os copos foram largados lá em uma longa fileira assim como os bules. Ninguém lavou nada. Apenas cachorros não limpam as coisas depois que comem.

Luang Pó era insistente de que o consumo de quaisquer bebidas e frutas medicinais no mosteiro devia se restringir a um local e horário determinados, e aberto a todos. Um monge que recebesse algum presente individual de sua família era encorajado a abrir mão dele para a cozinha. Festas privativas em cabanas de monges eram absolutamente proibidas. Luang Pó via que pequenas reuniões privativas levavam à formação de grupos pelo mosteiro e ao comportamento desatento:

Vocês se juntam para comer uvas indianas ou açúcar de palmeira ou qualquer outra coisa e começam a tagarelar, e depois de pouco tempo já estão fora, com a cabeça rodando pelo mundo. Vocês começam a falar de assuntos mundanos e depois de pouco tempo já falam sobre largar o manto e sobre o que vão fazer depois que saírem do mosteiro. Vocês ficam barulhentos e endiabrados, e em sua euforia vocês se esquecem de suas responsabilidades como monges.

RECITAÇÃO NOTURNA DE CÂNTICOS

Os monges tomavam banho todos os dias em uma das áreas abertas de banho distribuídas pela floresta. Cada monge levava seu próprio sabonete e despejava água do poço em seu corpo usando um pote de plástico que se enchia em um dos grandes jarros de barro. Depois de tomar banho, os monges praticavam meditação andando até que o sino fosse tocado para a sessão noturna. Nos primeiros anos de Wat Pah Pong, as sessões incluíam uma palestra de Luang Pó quase todas as noites, mas nos seus últimos anos, como sua saúde declinou, Luang Pó se dirigia à Sangha com menos frequência. Ajahn Sukchai disse:

“Luang Pó enfatizava a recitação de cânticos pois ele queria que nós os levássemos para nossa meditação ... Ele sempre parecia muito entusiasmado em nos ensinar; ele realmente queria que nós nos beneficiássemos da prática. Era como se fôssemos o metal que ele estava martelando para endireitar em uma bigorna; ou a madeira que ele estava cortando em pedaços menores para poder entalhar. Ele colocou muita energia em ensinar-nos. Quem quer que não conseguisse aguentar, ia embora. Ele não mimava ninguém. Ele queria que fôssemos bem treinados. Durante o dia, ele nos dizia para não lermos livros, mas para memorizarmos cânticos ... e então meditar, sentados ou andando. Ele não queria que socializássemos, que ficássemos à toa sentados conversando de uma maneira ebuliente.

“A sessão noturna terminava às nove ou dez da noite, às vezes às onze da noite, e todos voltavam para suas cabanas e seguiriam com sua prática. Luang Pó dizia que não devíamos dormir antes das onze da noite. Em Dias de Observância, todos faziam a determinação de não se deitarem por toda a noite. Nós meditávamos juntos no Salão de Dhamma com os praticantes leigos até as três da manhã e então começávamos a recitação matinal.”

SEM EXCEÇÕES

À despeito de ser um orador nato e dando, de longe, mais instruções morais aos seus discípulos do que era comum na tradição de florestas, Luang Pó deu prioridade a liderar pelo exemplo. Ele era cuidadoso em estabelecer precedentes. Estava claro que ele buscava fornecer um modelo para que todos os seus discípulos tivessem em mente para quando eles mesmos se

tornassem líderes por conta própria. Ajahn Jan relembra que, em um certo ponto, a comunidade monástica ficou preocupada com a saúde de Luang Pó. Somado ao fato de liderar a Sangha em todas as atividades de grupo, ele também participava de várias atividades extras como abade e tinha pouco tempo para descansar. Mas quando a Sangha formalmente o convidou a dar uma pausa em sua participação nas atividades de grupo a qualquer momento que quisesse, ele recusou. Ele disse que participaria enquanto tivesse capacidade para tal. Ele não queria ter privilégios especiais; ele não precisava de nenhum. As palavras nunca ditas, mas que todos ouviam eram: ‘Se eu posso participar de todas as sessões com todas as minhas responsabilidades, então certamente vocês também podem.’ Quando Ajahn Sumedho (seu primeiro discípulo ocidental) chegou, Luang Pó deixou claro que ele não receberia nenhum tratamento especial:

Eu nunca tinha visto um Ocidental antes; eu não o conhecia. Eu apenas ouvia dizer que seu país era um lugar maravilhoso. Mas eu não vi [o país]; eu apenas imaginei como ele poderia ser. Quando ele pediu para morar aqui, eu comecei a ficar um pouco inquieto. Eu fiquei preocupado, era visível. Por que? Porque ele estava acostumado com uma vida conveniente e confortável; como ele aguentaria as dificuldades de viver em uma floresta como essa? Mas ele disse que poderia fazer isso, e então eu coloquei uma condição: eu disse que ele podia ficar, mas que eu não lhe daria nenhum tratamento especial. Em casa, ele costumava comer pão, queijo e tomar leite à vontade, mas eu não providenciaria aquelas coisas para ele.

Desnecessário dizer, Ajahn Sumedho chegou à Wat Pah Pong sem a menor expectativa de que o mosteiro fosse dar para ele uma porção diária de sanduíches de queijo e um copo de leite. Mas ele aceitou o ponto de Luang Pó de que ele deveria se conformar com a forma como as coisas eram feitas lá e não esperar quaisquer privilégios especiais. A prática era de ir contra a corrente de velhos hábitos e desejos, e aprender sobre como se adaptar sabiamente às situações.

O Vinaya, e as observâncias em particular, permitiam que diferentes personalidades vindas de diferentes condições pudessem viver juntas com excepcionalmente pouco atrito entre elas. A prática das observâncias

dava aos novos membros da Sangha um senso de tranquilidade para a vida monástica. Enquanto a sua prática de meditação pudesse estar em sua infância, a prática diligente das observâncias lhes dava um orgulho saudável de seu monasticismo. Luang Pó explicou como o fato de manter as observâncias era empoderador:

Uma vez, muito tempo atrás, eu estava no norte vivendo com alguns monges mais velhos. Eles eram ‘Luang Tas’ - estavam ordenados fazia apenas uns poucos anos - e naquela época já fazia dez anos que eu era monge. Enquanto eu estava lá, eu coloquei um grande esforço em praticar as observâncias. Eu ajudava aqueles monges mais velhos com seus mantos e tigelas, esvaziava suas cuspidadeiras, todo tipo de coisas. Eu não pensava que estava fazendo nenhum favor; eu considerava que estava praticando minhas observâncias. Eu pensava que mesmo que ninguém praticasse as observâncias, eu praticava; o lucro era meu. Aquilo me fez sentir um bom e saudável orgulho. No dia de Uposatha eu varria o Salão de Uposatha e colocaria a água. Os outros monges não conheciam essas observâncias então não se importavam com elas, e eu não dizia nada. Eu sentia aquele orgulho saudável enquanto realizava as tarefas e quando eu praticava meditação sentado e andando eu me sentia bem, a meditação ia bem. Eu me sentia energizado porque manter as observâncias é energizante.

Ter boa postura externamente, ser brilhante e desperto internamente: esse era o ideal que os monges que treinavam em Wat Pah Pong deviam trabalhar para alcançar. Ao orientar as mentes dos monges de maneira precisa sobre o ambiente físico e social, as observâncias ajudavam a reduzir os perigos de que os meditadores mais sérios pudessem cair vítimas de auto-absorção. Luang Pó não queria um treinamento que produzisse uma forma elevada e mundana de narcisismo. Assumir responsabilidades e fazer sacrifícios para o bem comum tinha que ser balanceado com períodos de prática formal de meditação.

Onde quer que algo precise ser feito no mosteiro, se você sabe como fazê-lo, então tome conta daquilo. Se você encontrar alguma coisa suja e desorganizada, então arrume aquilo imediatamente.

Não é para o bem de alguém em específico ou para fazer um bom nome para você mesmo, mas para o bem de sua prática. Quando você tem uma motivação, limpar as coisas é como varrer a sujeira de sua mente. Quando quer que haja algum trabalho pesado para ser feito, então todos devem dar uma mão. Nada leva tanto tempo [pra ser feito] se toda a Sangha ajuda a fazer.

Luang Pó era especialmente crítico de monges que se esquivavam de sua parte nos trabalhos comunitários e tiravam vantagem do trabalho duro de outros:

Certa vez, eu estava morando com um grande grupo de monges. No dia de lavar os mantos, eu ia cortar pedaços de tronco de jaqueira e preparar a água. Assim que a água estava fervendo, alguns dos monges e noviços chegavam, faziam sua lavagem e tingimento e então desapareciam. Eles deixavam seus mantos pendurados nos varais e voltavam para suas cabanas para descansar sem nem sequer ajudar a guardar as coisas ou limpar o local. Eles pensavam que estavam fazendo algo bom mas, na verdade, eles estavam fazendo a maior das estupidezes. Pense nisso: seu amigo faz o trabalho e você colhe os frutos sem fazer nada para ajudá-lo. Absolutamente nada de bom vai vir desse tipo de comportamento. Se monges negligenciam suas tarefas e pensam que quanto menos trabalho eles puderem realizar é o melhor, então eles não serão capazes de viver em comunidade.

É como dois búfalos puxando uma carroça. O mais esperto fica arreado à frente do cabresto e deixa que o outro faça todo o esforço de puxar em frente. O búfalo que está mais próximo do cabresto pode passar o dia inteiro sem se cansar. Ele pode seguir ou descansar, ele pode fazer o que quiser pois ele não está carregando nenhum peso ou gastando qualquer energia. Com apenas um búfalo puxando, a carroça se move devagar.

PROSTRANDO SE

Expressar devoção para realidades não materiais, tais como sabedoria e compaixão, ao prostrar-se para formas materializadas - imagens do Buda

em especial - é uma antiga prática budista. A natureza da prostração varia de algumas formas através do mundo budista. Em Wat Pah Pong era ensinada uma versão precisa do estilo tailandês de prostração. Ela começa pela adoção da postura ajoelhada. As mãos são trazidas em forma de oração à altura do peito, levemente levadas à testa e então posicionadas no chão, mais ou menos vinte centímetros de distância entre elas, palmas para baixo. A testa é baixada para tocar o chão entre as mãos, sobrancelhas alinhadas com as pontas dos dedos, cotovelos perto dos joelhos, antebraços colocados no chão. Depois de uma curta pausa, há um retorno à posição ajoelhada e o movimento é repetido mais duas vezes. Três prostrações: uma para cada um dos três refúgios.

Prostrar-se pode vir a ser uma prática muito gratificante e ainda, ao mesmo tempo, pode ser facilmente tratada como um ritual mecânico. Para praticantes dedicados, a sensação da testa pressionando contra o chão pode ter um efeito emocional tão profundo que eles sentem lágrimas de satisfação em seus olhos.

Prostrações se tornaram uma das características mais marcantes do treinamento de Wat Pah Pong. Luang Pó e seus discípulos se prostravam bastante - muito mais do que era comum na maioria dos mosteiros tailandeses (monges da cidade referiam-se ao 'mosteiro onde eles se prostram o tempo todo'). Para Luang Pó, prostrar-se era tanto um curto ritual para se recordar dos ideais do Buda, do Dhamma e da Sangha, quanto uma ferramenta prática para trazer a atenção para o momento presente. Na maioria dos mosteiros, religiosos se prostram para o Buda em ocasiões formais, como durante as sessões matinais e vespertinas, ou quando prestando reverências a um monge sênior. Luang Pó ensinou, adicionando a isso, que seus discípulos deviam se prostrar sempre que entravam ou saíam de algum local no mosteiro e todas as vezes que eles se aproximavam ou deixavam a um monge sênior. Monges de Wat Pah Pong poderiam esperar ter que se prostrar mais de cem vezes por dia. Prostrar-se como forma de restabelecer a plena atenção regularmente foi uma prática que Luang Pó aprendeu quando era um jovem monge com Luang Pó Kinari, e que ele deu bastante importância:

Prostrar-se é muito importante. Embora seja apenas um gesto físico, é parte da prática. Você deve se prostrar de maneira correta

e, quando estiver em grupo, prostrar-se ao mesmo tempo que todos os demais. Não arqueie o seu corpo. Não o faça com pressa. Com o corpo ereto, vagorosamente incline a cabeça para frente até que a sua testa toque o chão. Coloque seus cotovelos a mais ou menos dez centímetros de seus joelhos. Se prostre devagar, plenamente atento ao corpo.



Prostrar-se ajuda a curar a presunção. Vocês devem se prostrar com frequência. Enquanto se prostram três vezes, tenham em mente as qualidades do Buda, do Dhamma e da Sangha.



Não cometa o erro de ver como os outros se prostram. Se jovens noviços são descuidados ou os monges mais velhos parecem ser desatentos, não cabe a você julgá-los. Pessoas podem ser difíceis de treinar. Algumas aprendem rápido, outras aprendem devagar. Julgar aos outros apenas vai aumentar o seu orgulho. Observe a si mesmo ao invés disso. Prostre-se frequentemente, livre-se de seu orgulho.



Quando você escutar o sino do mosteiro, prostre-se antes de sair de sua cabana. Na primeira prostração, relembre sinceramente das virtudes do Buda; na segunda prostração, relembre sinceramente das virtudes do Dhamma; e na terceira prostração, relembre sinceramente das virtudes da Sangha. Então saia vagorosamente de sua cabana. Se, quando você chegar na área central para ajudar com a varrição ou para qualquer outra atividade em grupo, você perceber que se esqueceu de fazer as prostrações, então volte para sua cabana e faça as prostrações. Treine a si mesmo até que isso se torne uma segunda natureza para você. Quando o trabalho estiver terminado e você voltar para sua cabana, se prostre de novo. Prostre-se antes de começar a meditar, prostre-se antes de sair de sua cabana. Não deixe essa prática escorregar; mantenha essa prática continuamente ... Se você for urinar ou defecar ou tomar um banho, então quando você voltar, prostre-se. Desenvolva

essa prática até você se lembrar dela onde quer que você esteja. Assim que você se senta, você se prostra. Com uma mente de fé, fazer prostrações enquanto você se recorda das virtudes da Jóia Tríplice, pode fazer arrepiar os pelos da nuca, pode fazê-lo sentir-se arrebatado por êxtase.

RESPEITO PELOS ANCIÃOS

No Discurso do Não-Declínio mencionado anteriormente, o quarto dos fatores que prediziam o não-declínio da Sangha é listado como sendo o respeito aos anciãos. Luang Pó, sempre de olho no bem estar de seu mosteiro a longo prazo, fez dessa uma característica chave da cultura de Wat Pah Pong, e ele a considerava um elemento vital em manter o tipo de harmonia social apropriado para uma comunidade de samanas. Através dos tempos, amizades e inimizades ocasionais surgiram e desapareceram na comunidade de uma maneira natural. Mas ao insistir que monges sempre se relacionassem uns com os outros de maneira estrita dentro dos limites estabelecidos fornecidos pela etiqueta monástica, Luang Pó fez muito por prevenir a formação de grupos e divisões de se desenvolverem no mosteiro. Prostrar-se tinha um papel central. A exigência de que em ocasiões formais os monges se prostrassem para todos os outros monges seniores à eles, dava aos membros da Sangha um lembrete constante do princípio de que a consideração da senioridade sempre tinha precedente ante os gostos e desgostos pessoais.

Somado a isso, quando quer que um monge entrasse em uma conversa formal com outro monge sênior a ele*, ele era ensinado a manter suas mãos postas na forma de oração (*anjali*) pelo período que durasse a conversa. Uma prática como essa era de grande ajuda para garantir que quaisquer palavras que fossem ditas seriam atentas, respeitosas e apropriadas. A língua tailandesa por si mesma ajuda nessa prática da fala correta. Em conversas, a escolha das palavras é frequentemente determinada pela relação entre as pessoas. As palavras e frases específicas que denotam

*Falando de maneira estrita, um monge é considerado sênior à outro quando ele tem três anos de vida monástica (ou mais) à mais do que ele. Na prática, monges de Wat Pah Pong se defeririam, pelo menos em ocasiões formais, à qualquer monge que tivesse ingressado na Sangha antes deles, mesmo que o intervalo fosse de menos de três anos.

respeito aos mais velhos sempre foram utilizadas em conversas entre monges. Honrarias nunca eram omitidas.

Uma objeção de vez em quando é feita de que essas convenções sociais turvam as águas entre os sentimentos internos de respeito e as expressões externas disso. Uma atitude fixa de respeito, sem levar em conta os verdadeiros sentimentos, não encorajaria a hipocrisia? Isso não era visto dessa forma. O princípio que Luang Pó fomentou constantemente em seu treinamento em Wat Pah Pong era de que ações saudáveis, realizadas de forma repetida como observâncias, promoviam estados mentais saudáveis de acordo com elas. Então, por agir de maneira respeitosa de forma repetida, pensamentos e percepções saudáveis eram promovidos e priorizados, enquanto os não-saudáveis eram marginalizados.



Na verdade, vários dos protocolos que guiavam as relações entre membros juniores e seniores da comunidade já eram familiares aos monges quando eles ingressavam na Sangha de Wat Pah Pong. Através de séculos, certas características da etiqueta monástica foram adotadas pela sociedade tailandesa como regras de ouro para os bons modos. Isso é particularmente verdade no tocante à demonstração de respeito pelos anciãos. Plena atenção do espaço físico e da posição relativa é uma expressão óbvia e imediata desses protocolos. Em Wat Pah Pong, um monge júnior nunca deve permanecer em pé se estiver próximo à um monge sênior que esteja

sentado, ou andar próximo à ele sem o devido reconhecimento. Se o monge sênior que estiver sentado for o seu professor, o estudante precisa se agachar e se aproximar de joelhos, cabeça abaixada. Se o monge que estiver sentado for sênior à ele mas não for o seu professor, ele inclina sua cabeça enquanto passa perto dele - fazendo dele mesmo menor [mais baixo] do que o sênior.

Um monge júnior nunca toca a cabeça de um monge sênior à ele. Ele nunca fica acima da cabeça de um monge sênior sem antes pedir permissão. Ele sempre se senta em um assento mais baixo. Em qualquer configuração formal, ele nunca fala sem antes pedir permissão. Se o monge sênior for o seu professor ou for um reverenciado membro mais antigo da Sangha, ele se prostra três vezes toda vez que ele chega ou sai de sua presença. Para um homem jovem ingressando na Sangha de Wat Pah Pong, a maioria dessas convenções pareceriam ser versões mais refinadas de um comportamento que já era de sua própria natureza.

NADA TÃO MAU

Na verdade, Ānanda, não é possível que um monge que se deleita em ter companhias ... jamais obtenha apenas por vontade, sem problemas ou dificuldades, a felicidade da renúncia, a felicidade da reclusão, a felicidade da paz, a felicidade da iluminação.

MN 122

Um sucinto ensinamento que os discípulos de Luang Pó tinham recebido desde o início de suas vidas monásticas e vinha a resumir os valores de Wat Pah Pong era:

Coma pouco. Durma pouco. Fale pouco. Pratique muito.

Os perigos das fofocas e das conversas fúteis eram combatidos, direta ou indiretamente, em várias das regras da Sangha. Luang Pó reiterava que a prática apenas se desenvolveria de verdade quando os monges estivessem dispostos a encarar o sofrimento e aprender com ele. Conversas fúteis eram um dos meios principais pelos quais os monges tentavam distrair a si mesmos para enganar o sofrimento. E não era apenas essa a desvantagem. Os tópicos das conversas fúteis misturavam as impurezas de todos os

envolvidos. Socializar com propósitos frívolos frequentemente levava à discórdia, e isso minava a harmonia da Sangha.

De todas as atividades prejudiciais que eu já vi desde que estou morando na floresta, nenhuma é pior do que quando os monges se juntam para jogar conversa fora. Isso tem os resultados mais nocivos. Mas é também a atividade mais difícil para monges e noviços de se absterem. É bem aqui onde as coisas podem dar errado. Eu não vejo nenhum benefício nisso: prejudica a sua prática, o seu trabalho. É algo impróprio e depois que termina causa remorso. Não há nada de bom sobre isso. Isso foi o que fez as coisas darem errado no passado - bem aqui. Quando vocês se juntam dessa forma, então sua fala se torna exagerada, vocês começam a falar bobagens, começam a rir e tirar sarro uns dos outros - surge todo tipo de tolice.

Em um grupo, você começa a brincar e se divertir, então sua mente fica agitada. Você não percebe o quanto você está falando alto pois você perde a noção, você está perdido no prazer daquilo tudo. É bem aí que você precisa estar plenamente atento, não apenas quando você está por sua conta. Quando você está sozinho, você não precisa tanto de plena atenção; mas em um grupo, você precisa de muita. Com grupos de monges, grupos de noviços, grupos de leigos - é onde você precisa ser plenamente atento, não se deixando levar por seu humor. Continue voltando [a sua atenção] ao seu objeto de meditação com intervalos regulares. Em companhia, sua prática precisa estar em um nível muito alto.

Em outra ocasião, Luang Pó falou sobre o estado mental de um praticante e sobre como ele é refletido pelo seu comportamento externo:

Se, através desse treinamento, sua mente se tornou lúcida e calma, você vai ficar mais afastado de seus amigos, você não vai querer socializar. Se as pessoas vem para te ver, você vai achar aquilo um aborrecimento ... o Buda disse que um grupo de dez mil, ou centenas de milhares de seres iluminados podem viver juntos sem fazer qualquer barulho. Cem ou duzentos verdadeiros praticantes morando juntos, e não haverá nenhum som de conversa fútil.

Várias das observâncias e protocolos suplementam as regras de treinamento monástico que regulam o contato de monges com mulheres leigas. As conversas de um monge júnior com mulheres leigas eram restritas à membros da família. Para poder falar com qualquer mulher leiga, incluindo sua própria mãe, um monge devia primeiro pedir permissão, e então conversar em um local público com pelo menos mais um outro homem presente. Luang Pó via os apegos sensuais dos jovens monges como feridas abertas que estavam em um lento processo de cura. Contato com pessoas leigas em geral, e mulheres em especial, era visto como uma exposição desnecessária dessas feridas à possibilidade de infecção. Ajahn Jandii recorda:

“Ele insistia que ter muito contato com pessoas leigas era causa para o declínio ... Monges da minha geração ficariam no mosteiro por dois ou três anos antes de que pudessem conversar com pessoas leigas. Às vezes minha irmã vinha me visitar e nós ficaríamos com muito medo de Luang Pó, de falarmos muito um com o outro. Era ainda pior se você pedia permissão para ir para casa e visitar sua família. ‘Por que?’ Ele te perguntava com uma voz severa. Ele era tão intimidador que você nunca mais iria querer perguntar de novo. Se você quisesse visitar sua casa, você precisava ter um motivo muito bom.”

Mulheres que fossem visitantes do mosteiro deveriam ser recebidas na área pública. Era absolutamente proibido para mulheres fazerem visitas aos monges em suas cabanas. Luang Pó explicou como essas regras protegiam a reputação de um monge:

Se você tem visitas - sua mãe, sua irmã mais nova ou quem quer que seja - você deve recebê-las no refeitório. Se alguém chega perguntando de um monge em específico, não importa quem seja, convide essas pessoas a irem ao refeitório e esperarem lá. Por que vocês não tem permissão de receber ninguém em suas cabanas? Porque se uma mulher vem visitá-los, como alguém saberá se ela é sua irmã ou sua mãe? Como alguém vai saber se ela não é a sua ex-mulher ou uma antiga namorada?

Mas paternalismo era exatamente o ponto. Monges entravam voluntariamente em uma relação de pai e filho com o professor e, ao fazerem isso, davam à ele o direito de fazer esse tipo de julgamento no que se refere ao bem estar espiritual deles. O profundo conhecimento que Luang Pó tinha do funcionamento da mente o tornou sensivelmente ciente de como as impurezas mentais podem ser fortes. Era questão de apenas alguns instantes de desatenção para que antigos hábitos não saudáveis, ainda não domados, tomassem conta dos ideais e aspirações de um monge e causassem dano tanto para seu bem estar quanto para sua reputação, e para a reputação do mosteiro. Dado o que estava em jogo, super vigilância, assim como a “super engenharia” para estruturas que devem suportar muita carga, era a política mais sábia.

Essas rigidezes no contato com pessoas leigas se estendiam ao envio e recebimento de correspondências:

Quando você recebe uma carta ou quando você envia uma, informe Ajahn Chu ou Ajahn Liem. O que você escreveu? Leia em voz alta para eles. Quando uma carta chega, dê para que um deles a leia antes. Que tipo de carta é essa? Sobre o que é essa carta? É uma carta emotiva? Você está em contato com os comunistas? Você está contrabandeando algo com agentes secretos? Observe se a sua correspondência leva ao seu crescimento ou ao seu declínio no Dhamma.

CERIMÔNIAS I - PEDINDO PERDÃO

Luang Pó usava vários dos pequenos rituais encontrados nos textos do Vinaya para promover valores de harmonia e bom companheirismo na Sangha. Daqueles que regulamentavam as relações entre professores e estudantes, monges seniores e juniores, o de ‘pedir perdão’ era o mais pessoal.

Antes de deixar um mosteiro por um período mais longo - para sair em *tudong*, por exemplo, ou para ir residir em um mosteiro afiliado - um monge, vestindo seu manto com o ombro direito exposto e o manto externo dobrado e posicionado cuidadosamente sobre o ombro esquerdo, se aproximaria de Luang Pó. Em suas mãos ele estaria carregando uma

pequena bandeja que teria velas, incensos, flores e escovas de dentes de madeira que ele mesmo teria esculpido. Depois de prostrar-se três vezes e então sentar-se sobre seus calcanhares, mãos postas em *anjali* e recitando as frases tradicionais em Pali, ele formalmente pediria perdão por quaisquer atitudes inapropriadas de corpo, fala e mente, intencionais ou não intencionais, públicas ou privadas que ele pudesse ter cometido durante o período em que esteve sob as instruções de Luang Pó.

Luang Pó primeiramente diria a frase em Pali oferecendo o perdão ao seu discípulo e então, em retorno, pediria perdão à ele pelo caso de ter-lhe causado quaisquer estresses de forma inadvertida. Então Luang Pó daria a sua bênção seguida de um ensinamento do Dhamma. Era uma cerimônia que selava de maneira elevada o período precedente. Ela dava ao estudante (que de outra maneira teria ficado com muito receio de pedir uma entrevista pessoal com Luang Pó) um encontro mais íntimo com seu mestre que o faria se recordar em qualquer lugar que ele fosse no futuro. Se um monge tivesse quaisquer arrependimentos ou medo de que ele tivesse cometido algum mau kamma enquanto tivesse vivido com Luang Pó, sua mente poderia então descansar com as palavras de perdão.

Essa cerimônia não era restrita apenas para marcar o final do período de estar sob os ensinamentos de Luang Pó. Seus discípulos que ingressassem em uma relação de treinamento com o abade de um mosteiro afiliado deveriam realizar a mesma prática. Essa era considerada a forma correta para que monges pudessem se despedir de seus professores. A cerimônia também era realizada por toda a Sangha antes do início de um retiro - um tipo de renovação dos ares, a declaração de um novo começo.

Luang Pó também encorajava monges a utilizarem a cerimônia como uma forma habilidosa de resolver quaisquer desavenças que poderiam acontecer ocasionalmente entre eles e fazer um desagravo formal por qualquer mau comportamento. Um monge não pede perdão a um monge que seja júnior a ele dessa maneira formal, é sempre o monge júnior quem pede perdão ao monge sênior (se um monge sênior sente a necessidade de se desculpar com um monge júnior, ele o faz de maneira informal). Em casos quando houve sentimentos feridos em dois lados de uma disputa, e o monge júnior não sentisse que tinha feito nada de errado, ele iria, da mesma maneira, ser aquele à sentir-se encorajado a engolir seu orgulho

e pedir perdão. Ao assumir a culpa dessa maneira, ele dava ao monge sênior a oportunidade de ser magnânimo, de aceitar sua parcela de culpa pela situação sem se sentir envergonhado. Essa curta cerimônia fornecia um ambiente surpreendentemente efetivo para monges deixarem suas desavenças para trás.

Ajahn Liem, o monge que Luang Pó escolheu pessoalmente para ser seu sucessor como abade de Wat Pah Pong, refletiu sobre como compreender a cerimônia de pedido de perdão da forma como ele aprendeu:

“Os sábios consideram o pedido de perdão como uma forma de apagar as coisas ruins de suas mentes. Às vezes, por desatenção, por descuido, ou por falta de entendimento, nós podemos ter pensamentos não saudáveis quanto aos nossos professores. Quando nós queremos que esses pensamentos diminuam e desapareçam de nossas mentes, então nós realizamos essa cerimônia com o intuito de cortar as consequências cármicas^{*}. Isso é de grande benefício para praticantes do Dhamma porque impede a preocupação e a agitação de tomarem conta da mente. Isso traz o fim das suspeitas e desconfiças. Você se sente brilhante e com clareza. Sua mente fica em paz, quer você fique com o seu professor ou vá para outro lugar. O pedido de perdão é uma bela tradição. Às vezes, até seres iluminados pedem perdão, com o intuito de serem bons exemplos para seus discípulos e para as gerações futuras.”

CERIMÔNIAS II - PEDINDO DEPENDÊNCIA

Um monge júnior (*navaka*) – aquele que tenha sido ordenado a menos de cinco anos – deve ‘pedir dependência’ à um professor. Ele o faz por meio de uma curta cerimônia durante a qual ele faz a solicitação: ‘Que o Venerável Monge seja meu professor. Eu viverei sob sua dependência.’ Quando o professor responde afirmativamente, o estudante recita:

‘*Mayham bhāro; aham’pi therassa bhāro.*’

‘Seja meu fardo. Que eu seja seu fardo.’

^{*}Uma referência a ‘desabilitar’ (*ahosi*) kamma, algo que ocorre para que sejam removidas as condições necessárias para que um ato cármico gere frutos de uma maneira específica.

Através dessa cerimônia o monge declara a si mesmo com a intenção de ser treinado e aberto a receber advertências. Apenas depois de finalizados os primeiros cinco anos de treinamento que um monge ganha o privilégio de viver independente de um professor.

A cerimônia é repetida por toda a comunidade monástica no início do retiro anual de chuvas de três meses. Primeiro, a comunidade pede perdão para o professor por quaisquer transgressões que eles possam ter cometido contra ele durante os meses anteriores. Então eles renovam a sua solicitação por dependência à ele durante o período do retiro que está por começar. O professor dá a sua bênção aos discípulos e então dá uma palestra de exortação. Em uma ocasião dessas, Luang Pó ensinou:

Vocês agora solicitaram dependência. É como se vocês não tivessem onde morar ou que sua casa não fosse grande o suficiente ... e vocês pedissem para morar na casa de alguém e se tornarem seus dependentes. Existem conselhos que vocês precisam pedir e existem certas tarefas que vocês precisam realizar por respeito ao dono da casa. Uma dessas tarefas aqui é que em cada ocasião que eu lhes ensine alguma coisa, vocês levem minhas palavras com vocês para refletir sobre elas e então praticarem de acordo. Minha tarefa é dar assistência à todos vocês com suas necessidades materiais e ensinar-lhes o Dhamma e as várias observâncias.

Então de hoje em diante, nosso relacionamento será de professor e discípulos. Como professor, eu lhes dou o Dhamma, reflexões, perspectivas e conhecimento na medida correta. Como vocês me pediram dependência, eu estou feliz em poder proporcionar isso e não ter dúvidas quanto à isso. Se cuidarmos uns dos outros como pai e filhos, então nossa relação será de mútua confiança.

O Buda nos ensinou que se formos para um mosteiro e ele parecer um local adequado, então no primeiro ou no segundo dia, quando quer que seja uma ocasião conveniente, nós busquemos permissão do professor para permanecer por um período mais longo e pedir a dependência dele o quanto antes. Então vocês podem dizer, 'Se o venerável abade notar que minha conduta e modos estão inadequados ou inapropriados, então eu lhe convido, por favor,

por compaixão, que me advirta. Eu levarei comigo o que o senhor disse para refletir de acordo.’

Isso é realmente algo excelente a ser feito. Se você não fizer isso, então o professor não sabe como pode dizer algo à você. Ele não sabe se você está ou não está disposto a ser advertido, se você vai ficar bravo com qualquer coisa. Então, convidar a ser advertido é importante; isso mostra respeito. Quando um professor como eu ouve esse convite, ele se sente mais tranquilo. Se o discípulo faz algo errado, então o professor sabe que pode lhe dizer algo; ele se sente encorajado a dar instruções e ensinamentos. Não há dúvidas ou incertezas em sua mente. Solicitar dependência cria uma aproximação entre professor e estudante. O discípulo se abre, se torna humilde; e um profundo e mútuo conhecimento pode se desenvolver.

De acordo com o Código de Disciplina, é esperado que um monge com mais de cinco Retiros de Chuvas tenha ganho suficiente conhecimento do Dhamma e da Disciplina para viver de maneira independente de um professor se ele quiser. Ele deve saber o que é uma ofensa e o que não é, o que é uma ofensa grave e o que é uma ofensa leve, e a forma como se redimir de ofensas cometidas. Certamente, nem todos aqueles que tenham sido monges por cinco anos ganharam esse nível de maturidade. Nesses casos, Luang Pó os mantinha sob dependência até que ele estivesse convencido de que eles tinham conseguido. Ele também observava que, mesmo que não fosse algo compulsório, um monge que fosse ‘restringido e de boa compostura, respeitoso e atencioso’ poderia solicitar dependência de qualquer maneira, ‘como um filho já adulto cujo próprio cabelo já está grisalho, mas cujo respeito pelos pais nunca fraqueja.’

AS CATORZE TAREFAS

Como a palavra ‘liminares’ sugere, os textos do Vinaya coletados nos *Khandhakas* não se referem apenas à atos de ‘comportamento equivocado’, mas também à tarefas e responsabilidades que deveriam ser ‘adicionadas’. Uma marca do treinamento em Wat Pah Pong era a importância a um grupo de catorze dessas tarefas ou *kiccavatta*. Luang Pó dizia que elas promoviam

individualmente aos monges o desenvolvimento da plena atenção, circunspeção, meticulosidade e atenção às suas responsabilidades, ao mesmo tempo que nutria a harmonia e a integridade da Sangha. Essas tarefas são as seguintes:

1. As tarefas de um monge visitante ao chegar em um mosteiro.
2. As tarefas dos monges residentes para com os monges visitantes.
3. As tarefas de um monge ao partir de um mosteiro.
4. A forma de demonstrar apreciação de méritos.
5. As tarefas no refeitório e quando recebendo uma refeição fora do mosteiro.
6. As tarefas durante a mendicância matinal.
7. As tarefas de um morador de florestas.
8. As tarefas para com o local onde você mora.
9. As tarefas na ‘casa de fogo’.*
10. As tarefas quanto ao banheiro.
11. As tarefas de um discípulo para com seu preceptor.
12. As tarefas de um preceptor para com seu discípulo.
13. As tarefas de um discípulo para com seu professor.
14. As tarefas de um professor para com seu discípulo.

*Uma precursora da sauna moderna, usada para fins medicinais.

TAREFAS PARA COM O PROFESSOR OU PRECEPTOR

Dessas tarefas, uma explicação detalhada de apenas um par - as tarefas de um discípulo para com seu professor ou preceptor* - vai dar uma ideia de sua sofisticação.

Você deve criar interesse nessas várias tarefas, como por exemplo, aquelas com relação ao professor ou preceptor. Essas tarefas nos unem e criam um senso de comunidade e harmonia. Elas nos permitem mostrar nosso respeito de uma forma que tem sido considerada auspiciosa desde a época do Buda.

A relação professor estudante citada nas escrituras é guiada pela ideia de responsabilidade mútua. O professor realiza sua responsabilidade para com o estudante ao ensinar-lhe e ao agir como um bom exemplo; o estudante realiza suas tarefas para com o professor por dedicar-se ao estudo e aplicação de tudo o que lhe foi ensinado e ao realizar diversos serviços para ele. Em Wat Pah Pong, o papel de atendente pessoal era altamente cobiçado e o atendente era trocado regularmente com o intuito de prevenir o ciúme.

Atender ao professor é uma prática única de Dhamma; essencialmente, o monge toma as necessidades diárias do seu professor como sendo seu objeto de plena atenção. É uma prática que requer devoção, paciência, tolerância, sensibilidade, inteligência e estar alerta,. O sistema pelo qual monges juniores trocam turnos para atuar como atendentes de seu professor tem muitos efeitos benéficos, tanto para o professor quanto para o estudante. O estudante ganha a oportunidade de ver de perto a forma como o professor pratica, de ser inspirado por ele, de desenvolver um contato próximo com ele e de vencer sua vergonha em pedir por instruções pessoais. Ao mesmo tempo, o professor pode ver o discípulo de perto e observar seu comportamento geral, sua plena atenção, a atitude com a qual ele realiza as tarefas e seu caráter em geral - tudo o que lhe permite ensinar ao seu discípulo da forma mais efetiva.

* As tarefas de um estudante para com seu professor ou preceptor se sobrepõem bastante. Aqui, a explicação vai se referir somente ao relacionamento entre estudante e professor, já que Luang Pó não se tornou um preceptor até 1976.

A extensão na qual essas tarefas para com o professor são realizadas é influenciada, em um certo nível, pela idade e pela personalidade do professor. Existe menos a ser feito para um professor saudável em seus quarenta anos do que para um que esteja mais frágil nos seus setenta anos. Alguns monges seniores insistem em receber a menor quantidade possível de serviços e em seguir cuidando eles mesmos de seus próprios assuntos. De maneira geral, professores vão preferir realizar eles mesmos várias das tarefas que seus atendentes realizariam para eles. Mas eles se submetem às convenções por respeito ao Vinaya e para benefício do atendente.

Com algumas modificações, a prática ensinada em Wat Pah Pong (baseada de perto na prescrição original dos *Khandhakas**) é como será explicada a seguir. De manhã cedo, o atendente se encaminha à cabana do professor e anuncia sua chegada com uma discreta tossida. A primeira tarefa da manhã é a de preparar água para o professor lavar o rosto e escovar os dentes, e então lhe oferecer uma toalha para enxugar o rosto. Em seguida, o atendente oferece ao professor o seu manto inferior (ele estaria dormindo com o pano de banho) e então o seu manto superior. Enquanto eles se encaminham para o Salão de Dhamma, o atendente, que carrega o manto externo e a bolsa de pano do professor, anda à frente. No Salão de Dhamma, ele pega o pano de sentar de dentro da bolsa de pano, o coloca organizadamente no local apropriado e então coloca o manto externo do seu professor devidamente dobrado ao lado dele. Ao final da sessão matinal, o atendente pega a bolsa de ombro e o pano de sentar e os leva para o refeitório.

Em seguida, o atendente prepara o assento do professor no refeitório, ao posicionar organizadamente o bule d'água, a cuspidreira, o pano de colo, a colher de metal** e a escova de dentes de madeira. Ele prepara a tigela ao desconectá-la de seu suporte de bambu e despejar um pouco d'água nela. Ele pega então o manto superior e o manto externo do professor e os abre juntos alinhadamente, deixando-os prontos para que o professor vista, já devidamente abotoados entre si. O atendente carrega a tigela do professor até o limite do vilarejo antes de oferecê-la para ele. Assim que a mendicância matinal termina, ele solicita a tigela e a carrega de volta

*Vin. Cv. 8.11-12

**Vários monges de floresta preferem comer com a mão direita (sem usar talheres).

ao mosteiro à frente do professor. Ao chegar no mosteiro, ele retira seus mantos superior e externo e esvazia a tigela do professor em um recipiente maior que é levado por um postulante à cozinha. Ele então espera próximo ao lava-pés fora do Salão de Dhamma com o intuito de lavar e secar os pés do professor. Ele ajuda o professor a retirar seus mantos, e se eles estiverem marcados de suor, ele os põe para ventilar em um varal.

Assim que o professor termina sua refeição, o atendente pede permissão para lavar as mãos dele. O professor coloca suas mãos sobre a cuspidreira, o atendente despeja água sobre elas e as seca com uma toalha; ele oferece então uma escova de dentes de madeira. Depois disso, o atendente limpa o assento do professor e leva sua tigela e cuspidreira para lavar, para logo depois levá-la para sua própria cabana e guardá-la próximo à sua própria tigela.

Se o professor estiver recebendo visitas durante o dia, o monge atendente senta silenciosamente ao seu lado e oferece qualquer assistência que possa ser necessária. Se estiver muito calor, por exemplo, ou se houver mosquitos, ele pode abanar o professor com um leque. Se ele quiser abrir ou fechar uma janela, ele deve pedir permissão. Quando o professor tiver alguém como companhia, ele não interrompe a conversa ou dirige a palavra a não ser que o professor fale com ele. Se mulheres vierem ver o professor, ele estará sempre presente para garantir que o professor nunca esteja sozinho com uma mulher. Ele atua como secretário do professor, lembrando à ele de quaisquer eventos agendados. Ele deve conseguir alguma bebida refrescante para o professor se ele estiver ensinando à muito tempo. Ele garante que o professor tome quaisquer remédios que lhe tenham sido prescritos no horário apropriado. Se ele percebe que o professor está cansado, então ele tenta encontrar uma forma polida de encorajar aos visitantes a irem embora e permitir tempo para que o professor descanse.

O monge atendente mantém a cabana do professor limpa, verificando que ela esteja varrida e organizada regularmente. Todos os dias ele varre a área em volta da cabana, o local de meditação andando e o caminho que leva à cabana. Ele garante que sempre haja uma quantidade de água constante na jarra de barro para banho e no bule para consumo. Ele regularmente coloca a roupa de cama para arear ao sol. Fronhas e cobertores são regularmente lavados. Ele pode realizar reparos na cabana ou informar à Sangha sobre o

que precisa ser feito. Ele mantém o banheiro impecavelmente limpo. Ele se certifica que sempre haja sabonete, pasta de dente e etc.

O monge atendente é responsável por lavar os mantos do professor. Ele não os abandona no varal mas cuida deles atentamente enquanto secam e depois os dobra cuidadosamente e os põe de volta na cabana do professor.

O monge atendente prepara um pano de banho limpo, uma toalha e um sabonete para o banho vespertino ou noturno do professor, que pode tanto acontecer usando a água da grande jarra de barro fora da cabana ou em um banheiro. Se o clima estiver frio ou o professor estiver doente, o atendente deve conseguir um pouco de água quente para preparar a água do banho. Monges mais velhos às vezes se sentam em uma cadeira enquanto tomam banho; outros ficam de pé, despejando água sobre si mesmos com uma cuia, pegando água da jarra de barro. O atendente ajuda ao professor a ensaboar os seus pés, pernas e costas. Ele não toca na cabeça do professor. Ele pede permissão antes de tocar no corpo do professor. Alguns professores não gostam de ser auxiliados em seu próprio banho, nesse caso o atendente apenas aguarda de lado, segurando a toalha e os mantos limpos, ou ele pede a oportunidade de enxugar as sandálias do professor. Depois que o professor se secou, ele enrola a toalha na cintura e o atendente se agacha, puxa o pano de banho para baixo e o coloca em um balde d'água com o intuito de lavá-lo. Ele entrega um pano de banho limpo para o professor e o manto inferior. Depois disso ele pega os mantos do professor e sua bolsa de pano e os leva para o Salão de Dhamma em preparação para a sessão noturna da mesma forma que ele fez de manhã cedo.

A última coisa da noite, o atendente prepara a cama do professor. Ele se certifica de que haja água fresca para consumo e, se o professor for mais velho e não houver banheiro na cabana, ele posiciona a cuspidreira ao lado da cama (que ele esvaziará de manhã). No inverno, ele organiza cobertores; se a cabana não tem telas mosquiteiras nas janelas, ele prepara um mosquiteiro sobre a cama. Se ele tiver habilidade suficiente, ele pode oferecer uma massagem ao professor. Finalmente, quando todas as necessidades do professor tiverem sido atendidas, o atendente se prostra três vezes e o deixa descansar.

Por vários anos, o monge que era considerado o mais habilidoso na prática de atender ao professor em Wat Pah Pong era o Ajahn Reuangrit.

“Naquela época, Luang Pó costumava ir dormir nas primeiras horas da madrugada e acordava por volta das cinco da manhã. Eu lhe oferecia água para lavar o rosto - quente e fria - e uma escova de dentes de madeira. Para começar, eu lhe oferecia água para lavar o rosto e enxaguar a boca, mas em tempos depois, eu lhe pediria para limpar sua dentadura. Enquanto à ajudá-lo a colocar seus mantos, lavá-los, aplicar um creme medicinal em seu corpo, arrumar sua cama e assim por diante - se você pudesse fazer um bom trabalho, ele te permitiria fazê-lo. Se você o fizesse de maneira desajeitada, ele te diria que não havia problema - às vezes ele simplesmente te dispensaria. Ele não gostava de pedir para que as pessoas fizessem coisas muito pessoais para ele. Ele nunca lhe pediria que limpasse sua dentadura ou esvaziasse sua cuspeira cheia de urina; ele tampouco lhe pediria que lavasse seus pés ou seus mantos; ele nunca diria nada desse tipo. Mas se qualquer um de seus discípulos fosse devotado à ele e quisesse realizar as tarefas descritas ao professor como estavam previstas nas escrituras, e o monge tivesse uma certa competência, então ele daria permissão.”

Um grande contemporâneo de Luang Pó Chah, Luang Pó Lee, deu um dos mais memoráveis relatos sobre o serviço ao professor. A precisão e a atenção aos detalhes esperados por ele seriam reconhecidos por qualquer discípulo de Luang Pó Chah.

“Para que lhe fosse permitido ficar com Luang Pu Man por qualquer período de tempo, você tinha que ser muito observador e circunspecto. Você não podia emitir qualquer ruído enquanto caminhava, você não podia deixar pegadas no piso, você não podia fazer barulho enquanto estava tomando água ou abrindo portas e janelas. Deveria haver ciência em tudo o que você fizesse - pendurando mantos no varal, trazê-los de volta para dentro, dobrando-os, organizando assentos, organizando sua cama, tudo. De outra maneira ele te mandaria embora, mesmo que fosse no meio de um Retiro de Chuvas. Mesmo assim você deveria considerar aquilo e tentar usar seu poder de observação.

“Todos os dias depois da refeição, eu ia arrumar o meu quarto, colocando para fora sua tigela e mantos, arrumando sua cama, seu pano de sentar, sua

cuspidreira, seu bule de chá, travesseiro, etc. Eu tinha que deixar tudo em ordem antes que ele entrasse no quarto. Quando eu tinha terminado, eu tomava nota de onde eu tinha colocado as coisas, saía apressadamente do quarto dele e ia para o meu, que era separado do dele por uma parede de folhas de bananeira. Eu tinha feito um pequeno buraco na parede para que eu então conseguisse ver tanto Luang Pu Man quanto suas coisas. Quando ele vinha ao quarto, ele observava tudo, inspecionando suas coisas. Eu tinha que observar atentamente e tomar nota de onde ele estava colocando as coisas.

“Na manhã seguinte eu fazia tudo de novo, tentando colocar as coisas nos lugares onde eu vi que ele mesmo as havia colocado. Finalmente, em uma manhã quando eu tinha terminado de organizar as coisas e retornei ao meu quarto para observar através do buraco, ele entrou no seu quarto, sentou imóvel por um momento, olhou para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, por todos os lados - e não mexeu em nada. Ele nem ajeitou seu lençol. Ele simplesmente recitou seus cânticos e então tirou uma soneca. Vendo aquilo eu me senti realmente feliz por ter atendido ao meu professor de forma que ele ficou satisfeito.”

ALOJAMENTOS

‘Nós ficaremos contentes com qualquer tipo de alojamento. Nós falaremos elogiando o fato de estarmos contentes com qualquer tipo de alojamento. Nós não exibiremos qualquer coisa que seja imprópria ou faremos nada que não seja benéfico para termos melhores alojamentos. Em não tendo um alojamento, nós não ficaremos agitados. Em ganhando um alojamento, nós o utilizaremos sem nos tornarmos escravos dele, sem ficarmos apaixonados por ele, sem cometer quaisquer ofensas, vendo os perigos e discernindo a escapatória.’ Assim, monges, é como vocês devem treinar a si mesmos.

SN 16.1

A maioria das cabanas de Wat Pah Pong foi oferecida por apoiadores leigos e suas famílias. Para os moradores das redondezas, juntar dinheiro para construir mesmo uma modesta cabana de madeira era um ato de acúmulo de méritos único na vida, e um que lhes daria alegria pelo resto

de suas vidas. Monges eram ensinados a honrar a generosidade do doador de suas cabanas ao cuidar delas com muita atenção. Negligência à essa responsabilidade estava sujeita a expor o monge à uma dura advertência.

Não existe política da Sangha que force a que seja mantida a ordem em um mosteiro. Nenhuma punição corporal é impingida aos monges que não se comportem bem. Quando o padrão do mosteiro decaía, Luang Pó apelava geralmente para a sábia vergonha. Luang Pó apontava para o conflito entre as ações que ele estava criticando e os padrões esperados daqueles que estavam subsistindo através da generosidade alheia e tinham realizado um comprometimento a terem um elevado nível de moralidade e um rigoroso treinamento. Frequentemente ele fazia comparações com os grandes mestres de antigamente. Em uma ocasião, se aproximando do final de sua carreira como professor, o estado geral dos banheiros do mosteiro provocou um discurso* tão duro que os monges mais antigos se recordaram dos bons e velhos tempos:

Durante o sexto reino**, Chao Khun Nor do Wat Tepsirin era um pajem real. Quando o rei morreu, ele se tornou um monge. O único momento em que ele saía de sua cabana era para participar dos encontros formais da Sangha. Ele nem ao menos saíria para receber visitas de leigos. Ele vivia em sua cabana e dormia em um caixão. Durante toda a sua vida monástica ele nunca saiu em tudong. Ele não precisava disso - ele era inabalável. Todos vocês saem em tudong até que se criem bolhas em sua pele. Vocês sobem para montanhas, depois descem para o mar e então não sabem mais para onde ir em seguida. Vocês vão cegamente procurando por Nibbāna com suas mentes cheias de confusão, enfiando o nariz em qualquer lugar que possam. E onde quer que vocês vão, vocês deixam banheiros sujos pelo caminho - estão muito ocupados procurando por Nibbāna para limpá-los.

Em sua bem costurada abordagem do treinamento, negligência aos banheiros não era um assunto pequeno. Era uma indicação de uma preocupante falta de plena atenção e de responsabilidade que inevitavelmente podiam afetar outras áreas da prática de um monge.

* Publicado como *Toilets on the Path* no livro *The Collected Teachings of Ajahn Chah*.

** O reinado de Vajiravudh, 1910-1925., 1910-1925.

Não façam vista grossa para o estado das cabanas nas quais vocês vivem e dos banheiros que vocês usam todos os dias. Apoiadores leigos de Bangkok, Ayutthaya, de todo o país oferecem fundos para nossas necessidades; alguns enviam dinheiro pelo correio para a cozinha do mosteiro. Nós somos monges, pensem nisso. Não venham para o mosteiro e se tornem mais egoístas do que vocês eram quando estavam no mundo - isso seria uma desgraça. Reflitam atentamente sobre as coisas que vocês usam todos os dias: os quatro requisitos de mantos, comida de mendicância, alojamentos e medicamentos. Se vocês não prestam atenção ao seu uso desses requisitos, vocês não vão ser bem sucedidos como monges.

Nos velhos tempos, não havia banheiros com água; os banheiros que tínhamos naquela época não eram bons como os que usamos hoje em dia. Mas os monges e noviços eram bons e éramos poucos. Agora os banheiros são bons mas as pessoas que os usam não são. Parece que nunca conseguimos ter os dois ao mesmo tempo.

As pessoas trazem novos vasos sanitários para oferecer. Eu não sei se você já limpou algum ou não, mas existem ratos e lagartos indo nos banheiros para fazer cocô. Ratos, lagartos e monges - todos usando o mesmo local juntos. Os lagartos nunca varrem o local e os monges tampouco. Vocês não são melhores do que eles são. Ignorância não é desculpa para uma coisa como essas.

A situação com relação aos alojamentos é especialmente ruim. As cabanas estão em um estado assustador. É difícil dizer quais estão ocupadas por monges e quais estão vazias. Existem cupins subindo pelos postes de concreto e ninguém faz nada à respeito disso. É uma verdadeira desgraça. Eu saí em inspeção logo depois que cheguei de volta ao mosteiro e foi de partir o coração. Eu sinto muito pelas pessoas leigas que construíram essas cabanas para que vocês morassem nelas.

Tudo o que vocês usam nessa vida são suportes para a prática. O Venerável Sāriputta mantinha qualquer lugar onde ele vivesse imaculadamente limpo. Se ele encontrasse algum lugar sujo, ele

pegaria uma vassoura para limpar. Se fosse durante a mendicância matinal, então ele usaria o seu pé. O local onde vive um verdadeiro monge que pratica é diferente daquele de uma pessoa comum. Se sua cabana é uma completa bagunça, então sua mente será da mesma forma.

Tomar conta das construções na área central do mosteiro não era apenas uma tarefa, mas também uma forma de propagar o Dhamma. Ao viver de maneira frugal, praticando o contentamento, e mantendo altos níveis de limpeza, monges inspirariam aos leigos sem precisarem dizer uma palavra sequer.

Façam desse um bom mosteiro. Fazer dele bom não requer muito. Façam o que precisa ser feito. Cuidem de suas cabanas e da área central do mosteiro. Se vocês o fizerem, os leigos que venham e vejam podem até se sentirem tão inspirados com emoção religiosa que eles podem realizar o Dhamma no mesmo instante, ali mesmo. Vocês não sentem nenhuma simpatia para com eles? Pensem em como é quando vocês vão à uma montanha ou caverna, como aquele sentimento de emoção religiosa surge e a mente se inclina naturalmente em direção ao Dhamma.

PENSE NOS PRATICANTES LEIGOS

O Buda deixou claro em vários discursos que, enquanto o mérito acumulado por aqueles que fazem oferendas para a Sangha depende em grande escala da pureza de suas intenções, ele também é afetado pela plena atenção e integridade dos monges que fazem uso delas.

Sendo assim, monges, despertem energia para ganhar o que ainda não foi ganho, para alcançar o que ainda não foi alcançado, para perceber o que ainda não foi percebido [pensando]: ‘Dessa maneira nossa Renúncia não será árida, mas frutífera e fértil. Da mesma forma, comida de mendicância, alojamentos, e medicamentos que utilizemos trarão grandes frutos e grandes benefícios para aqueles que nos ofereceram.’ Assim, monges vocês devem treinar a si mesmos. Percebendo seu próprio benefício, monges, devemos nos esforçar com muita atenção. Percebendo o benefício aos demais, monges, devemos nos esforçar com muita atenção.

Percebendo o benefício à ambos, monges, devemos nos esforçar com muita atenção.

SN 12.22

Quando advertia a Sangha, Luang Pó constantemente os encorajava a lembrarem dos sacrifícios que eram feitos para eles pelos apoiadores leigos e por suas tarefas para com eles. Ao se referir a um uso exagerado de panos, ele disse:

Se os praticantes leigos vissem, apenas pensem no quão desanimados eles ficariam. ‘Não importa o quão pobres sejamos, quaisquer que sejam as dificuldades, nós ainda conseguimos comprar panos para oferecer aos monges. Mas eles estão vivendo como reis. Pano muito bom, sem nenhum buraco nele é jogado por todos os lados.’ Eles perderiam toda a fé deles.

Ele não estava livre de uma certa quantidade de manipulação emocional. Em uma cultura na qual mostrar apreciação pelo auxílio que se recebe na vida é algo muito enfatizado, esse tipo de lembrança era verdadeiramente poderoso. De forma repetida, a mensagem que ele martelava em seus discípulos era: você está vivendo aqui com o suporte da fé e da generosidade dos leigos budistas. É sua responsabilidade honrar essa fé praticando com sinceridade. Não fazer isso é, na verdade, criar muito mau kamma.

CONSUMO OTIMIZADO

Uma das mais importantes habilidades que se esperava que os monges de Wat Pah Pong desenvolvessem nos primeiros anos de seu treinamento era a de julgar ‘a medida certa’ - nem muito, nem pouco, mas a medida certa - quando consumindo requisitos. Reflexões sobre o uso sábio dos requisitos estavam incluídas nas recitações de cânticos matinal e noturna para fornecer essa lembrança regularmente. Ter ou usar muito de qualquer coisa significava indulgência em prazeres sensoriais e acúmulo de impurezas; muito pouco, era um ascetismo infrutífero. A tarefa era encontrar a via dourada. Não era fácil, e de vez em quando, monges juniores podiam sentir surgir uma repentina resistência. Se havia algo para levar à uma severa palestra de Dhamma de Luang Pó, era a falta de atenção para com os requisitos.

Se a comida que sobra na sua tigela é suficiente para fornecer uma refeição a três ou quatro praticantes leigos, então as coisas foram longe demais. Como é que alguém que não tenha nenhum senso de moderação vai entender como treinar a sua mente? Quando você está praticando meditação sentado e sua mente está agitada, onde é que você vai encontrar a sabedoria para pacificá-la? Se você não sabe nem as coisas básicas, como quanta comida você precisa, o que significa pegar pouco, isso é muito ruim. Sem saber as suas limitações, você vai ser como o homem cheio de cobiça no velho conto que tentou tanto carregar um tronco enorme da floresta que ele caiu morto pelo peso do tronco.

Quanto é o suficiente? Isso é muito? Isso é muito pouco? Essas eram perguntas que os monges deviam fazer a si mesmos constantemente com relação ao uso dos requisitos. Sua habilidade em reconhecer a quantidade otimizada em qualquer situação e mantê-la, junto com a restrição dos sentidos e estar desperto, eram declarados pelo Buda como sendo as três virtudes ‘*apaṇṇaka*’ ou ‘sempre relevantes’; e elas eram um dos tópicos favoritos das palestras de Luang Pó para a Sangha.

VOCÊ NÃO É O QUE VOCÊ COME

Vegetarianismo pode ser um assunto controverso em círculos budistas. No Budismo Theravada, não existe objeção à comer carne contanto que a pessoa não tenha matado o animal ela mesma ou tido participação direta na sua morte. O Buda não proibiu os monges de comer pratos que tivessem carne* contanto que eles estivessem certos de que nenhum animal tivesse sido morto especificamente para ser servido à eles. Um ideal chave do estilo de vida mendicante é de que monges devem ser fáceis de dar suporte, gratos por qualquer coisa que lhes seja oferecida e não sejam rebuscados quanto à comida. Se uma pessoa leiga coloca carne na tigela de um monge

* Dez tipo de carne são proibidos: de seres humanos, elefantes, cavalos, cachorros, cobras, leões, tigres, leopardos, ursos e hienas (Vin. Mv. VI 23.9-15). O consumo dessas carnes era considerado tanto como algo socialmente inaceitável na Índia da época do Buda quanto considerado algo perigoso para o consumidor (aparentemente o odor que seria emitido pelo seu corpo diria à criaturas selvagens que ele era um inimigo).

durante a mendicância matinal, se espera que o monge a aceite por respeito ao ato de generosidade; se ele vai comer ou não é por sua conta.

O Buda considerava o vegetarianismo na Sangha como sendo um assunto de escolha pessoal e se recusou a fazer disso algo compulsório. Existem evidências nos Discursos que, em uma ocasião, ele próprio consumiu carne (o famoso prato de porco que ele aceitou do ferreiro Cunda, e que foi a causa imediata de sua morte). Luang Pó tinha essa mesma abordagem com relação ao vegetarianismo. Ele mesmo comia carne assim como muitos de seus discípulos.

Na década de 1980, surgiu um grupo budista na Tailândia que pregava fortemente o vegetarianismo e buscou fazer proselitismo com essa visão. Eles traduziram passagens de textos budistas Mahayana que polemizavam o consumo de carne e proclamavam que monges que comiam carne estariam quebrando seus preceitos. Alguns monges de Wat Pah Pong, influenciados por esses panfletos, renunciaram a comer carne. Subsequentemente, um certo grau de tensão se desenvolveu no mosteiro entre aqueles que comiam carne e aqueles que não comiam. Luang Pó foi questionado sobre seu ponto de vista. Sua bem humorada resposta foi de que nenhum grupo era mais virtuoso que o outro; a diferença entre eles era como a diferença entre sapos e rãs:

Se alguém come carne e se apega ao seu gosto, então isso é mero ‘apego’. Se alguém que não come carne vê alguém comendo e sente raiva e aversão, reprocha ou critica essas pessoas, e toma [o que eles veem como sendo] essa raiva para seu coração, então isso faz deles mais tolos do que a pessoa de quem eles estão com raiva. Eles também estão seguindo seu próprio apego.

Luang Pó dizia que monges eram livres para decidir por si mesmos se eles queriam ou não queriam comer carne; mas o que quer que eles decidissem, o ponto mais importante era de que suas ações fossem guiadas pelo Dhamma ao invés de pelo apego:

Se você come carne, então não seja ganancioso, não se deixe seduzir pelo seu sabor. Não leve a vida apenas para comer. Se você é um vegetariano, não se apegue à sua prática. Quando você vê pessoas comendo carne, não fique com raiva deles. Olhe para

sua mente. Não se apegue à ações externas. Enquanto os monges e noviços desse mosteiro quiserem, qualquer um que queira adotar a prática de se abster de comer carne é livre para fazê-lo, qualquer um que queira comer qualquer coisa que tenha sido oferecida pode fazê-lo. Mas não discutam. Não olhem uns para os outros de modo cínico. Assim é como eu ensino.

Libertação, ele lhes dizia, não dependia do tipo de comida que eles colocavam em seus corpos. Era o resultado do treinamento da mente.

Entendam isso: o verdadeiro Dhamma é penetrado pela sabedoria. O caminho correto da prática é *sīla*, *samādhi* e *paññā*. Se você restringe bem as portas dos sentidos dos olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente, você estará em paz e a sabedoria que compreende a natureza de todas as condições vai surgir. A mente vai ficar desencantada com todas as coisas adoráveis e atrativas, e a libertação vai ocorrer.

Com relação ao debate sobre se o Buda histórico comia carne, ele considerava que todo o argumento era baseado em uma premissa falsa:

Na verdade, o Buda não era nem um comedor de carne e nem era um vegetariano.

O Buda estava além desses tipos de discriminação. Como alguém completamente além de quaisquer impurezas, era incorreto vê-lo como uma pessoa que comia esse ou aquele tipo de comida. Em última instância, ‘ele não era absolutamente nada’, e meramente alimentava o seu corpo nas horas apropriadas.

Em outra ocasião, Luang Pó relatou um conto sobre a precaução, sobre um monge que adotou o vegetarianismo de forma não sábia:

Definitivamente, ele não podia resolver isso da forma como desejava, e ele decidiu que ser um noviço seria melhor do que ser um monge. Ele poderia pegar folhas para si mesmo e preparar sua própria comida. Então ele largou o manto e se tornou um noviço. Tudo saiu conforme ele planejou, mas suas impurezas seguiam. Ele começou a pensar que sendo um noviço significava que, como ele tinha que comer arroz, ele dependia de outras pessoas; ainda

era problemático. Ele viu búfalos comendo folhas e pensou, ‘Bem, se um búfalo pode sobreviver comendo folhas, então eu posso’, sem perceber a diferença. Então ele desistiu de comer arroz e comia apenas raízes e folhas - sete ou oito longos talos de *peka* de uma vez. Mas não parou por aí. Agora ele começou a pensar, ‘eu me tornei um noviço e sigo sofrendo. Talvez fosse melhor eu viver como um postulante.’ E então ele largou o manto. Agora ele desapareceu completamente; aquele foi o fim dele.

IV. AS PRÁTICAS ASCÉTICAS: ADICIONANDO INTENSIDADE

Foi mencionado anteriormente sobre as treze práticas de dhutaṅga. Essas são as práticas ascéticas que o Buda permitiu que os monges adotassem caso quisessem, com o intuito de intensificar sua prática. As dhutaṅgas eram práticas que visavam ‘abrandar’ ou ‘enfraquecer’ as impurezas e obstáculos ao criar situações em que elas fossem provocadas e enfrentadas diretamente. Para os padrões da época, elas eram de natureza amena. Certamente elas eram apenas pálidas ao lado dos desafios físicos que o Buda adotou antes de encontrar a forma correta de praticar que o levou à iluminação. Vestir-se apenas com cascas de árvores e asas de corujas, por exemplo. Ele praticou ficar de pé continuamente em campo aberto por longos períodos, usar uma esteira de cravos, dormir em cemitérios usando os ossos dos defuntos como travesseiro. Em uma das mais vívidas passagens dos Suttas, o Buda descreveu a extensão na qual ele adotou a prática do jejum:

Devido a comer tão pouco, meus braços e pernas ficaram como os segmentos de galhos de videira ou galhos de bambu. Devido a comer tão pouco, minhas costas ficaram como a pata de um camelo. Devido a comer tão pouco, as projeções na minha espinha saltavam como contas presas à uma linha. Devido a comer tão pouco, minhas costelas sobressaíam, tão descarnadas como as madeiras de apoio de um celeiro destelhado. Devido a comer tão pouco, o brilho dos meus olhos afundou até suas raízes, como o brilho da água está longe em um poço profundo. Devido a comer tão

pouco, a pele de minha cabeça enrugou e ressecou como uma abóbora amarga verde enruqa e resseca ao vento e ao sol.

MN 36

O insight do ‘prestes-a-ser-Buda’ de que não importasse quanta dor pudesse haver no ascetismo, aquilo não traria nenhum ganho real, foi um ponto de virada em seu caminho para a iluminação. Ele percebeu que era, na verdade, a sabedoria que libertava a mente, e um tipo de sabedoria que não nascia em um corpo magro e enfraquecido. Sua rejeição aos modos de ascetismo que prevaleciam foi devastadora, pois nenhum dos seus proponentes podia acusá-lo de se opor à prática por medo ou falta de experiência pessoal.

As práticas ‘abrasivas’ permitidas pelo Buda não enfatizavam proezas de tolerância física baseadas na ideia de apagar karmas antigos e libertar o espírito da prisão do corpo. Ele focou em exercer uma pressão intensa nos apegos que condicionam o sofrimento. O critério de decidir se a prática seria adotada ou não era se ela aumentava os estados mentais saudáveis e diminuía os estados mentais não saudáveis. O Buda elogiava os monges que adotavam essas práticas com as motivações corretas: ‘para ter poucos desejos, para ter contentamento, para eliminar as impurezas, para ter solidão, para ter simplicidade.’ Embora as referências às práticas de dhutaṅga sejam encontradas em vários lugares nos Discursos do Buda*, elas foram agrupadas como sendo treze no “Caminho da Purificação”, da seguinte maneira:

Seção A: No que diz respeito aos Mantos

1. Vestir mantos de retalhos (*pamsukūla*), isto é, mantos feitos de roupas descartadas em pilhas de lixo ou em crematórios de floresta, etc.
2. Usar apenas três mantos: o manto superior, o manto inferior e o manto externo.

Seção B: No que diz respeito ao Alimento de Mendicância

3. Sair em mendicância matinal e subsistir da comida oferecida ali (não aceitando comida suplementar preparada no mosteiro).
4. Aceitar comida de todas as casas sem discriminação.

*Viz. AN 5.181-90; Thag 16.7

5. Comer apenas uma refeição ao dia, em uma sessão ininterrupta.
6. Comer apenas de sua tigela.
7. Recusar comida extra ou outros pratos depois de iniciar a refeição.

Seção C: No que diz respeito ao Alojamento

8. Morar em uma floresta.
9. Morar no pé de uma árvore.
10. Morar à céu aberto.
11. Morar em um crematório de floresta.
12. Morar em qualquer local que lhes for alocado.

Seção D: No que diz respeito à Postura

13. Abster-se de deitar (*nesajjika*).

A adoção das práticas de dhutaṅga era tanto uma parte vital da Tradição de Floresta de Issán que os seus membros se referiam a si mesmos como ‘monges meditadores dhutaṅga’. Quatro das cinco práticas da Seção B (práticas de 4 a 7) eram compulsórias para todos os monges, assim como a aceitação de qualquer local que lhes fosse designado pela Sangha (prática 12). Mosteiros eram estabelecidos em florestas, cumprindo a oitava prática e, às vezes, em crematórios de floresta (prática 11). Essas práticas foram todas adotadas por Luang Pó quando ele estabeleceu Wat Pah Pong. Das dhutaṅgase remanescentes, Luang Pó recomendava que os monges as adotassem como forma de intensificar ou revitalizar a sua prática. Quando monges empacavam e ficavam deprimidos devido à sua inabilidade de vencer as suas fraquezas, as práticas de dhutaṅga lhes davam nova esperança e energia. Quando monges ficavam complacentes ou perdiam o direcionamento de sua prática, as práticas de dhutaṅga traziam um novo senso de comprometimento.

LUANG PÓ FALA DAS DHUTAṆGAS

Às vezes, sua sīla e seu samādhi não são suficientes. Eles não conseguem matar as impurezas; eles não sabem como fazê-lo. Você precisa introduzir as práticas de dhutaṅga para ajudar.

Essas práticas abrasivas são importantes; elas ajudam a raspar as impurezas; elas ajudam a cortar vários obstáculos.



Tente ir ficar em um crematório de floresta. Como é isso? É da mesma forma que viver com a comunidade? Bem ali - é onde estão os benefícios das práticas de dhutaṅga.



Essas práticas são difíceis para cumprir pois elas são as observâncias dos Nobres Discípulos. Elas são as práticas adotadas por aqueles que querem se tornar Nobres Discípulos.



O que diferencia as práticas de dhutaṅga é que, pelo menos no começo, elas não são particularmente pacíficas.

Quando praticantes que tenham impurezas [ou obstáculos] adotam as práticas ascéticas, eles ficam agitados por elas - e essa é a questão. Essas são práticas que tem a intenção de fazer as coisas aflorarem. O Buda estava certo: se sua prática é tranquila e relaxada, então isso é incorreto pois não há enfrentamento, não há conflito. As dhutaṅgas se opõe diretamente à mente não iluminada.

Quando você adota as práticas ascéticas, você começa a sofrer porque elas vão contra os pontos de vista e opiniões das pessoas não iluminadas. Uma pessoa sem qualquer sabedoria não vai conseguir suportar, 'Eu não quero praticar assim. Eu estou praticando para realizar a felicidade e a paz. Eu não concordo com formas de praticar que me levem ao sofrimento.' Essa pessoa não concorda em comer de sua tigela; ela não concorda em viver do que coleta na mendicância e por aí vai, porque todas essas práticas são difíceis de adotar. Apenas aquele com sabedoria e verdadeira fé vai ser determinado em desenvolver essas práticas.

Mas para um praticante que alcançou o Dhamma, então essas treze práticas ascéticas são confortáveis, pacíficas e serenas. Nesse

estágio, é como um macaco e um ser humano. Um ser humano anda na floresta e faz uma verdadeira comoção, passando por cima de tudo e destruindo a paz. Mas um macaco deixado livre na floresta percebe que pode andar tranquilamente e realmente gosta disso. O macaco gosta das condições porque elas são adequadas para a forma como ele gosta de viver.

Densas, pessoas não-iluminadas que estão acostumadas com o conforto - comendo, dormindo e falando conforme desejam - realmente começam a sofrer quando eles tem que vir e viver assim e praticar dessa maneira. Mas o Buda ensinou que é esse sofrimento que é o Dhamma. Isso é fruto da prática.

Então por que você vê o fruto primeiro? Sofrimento surge porque você não vê a causa. O sofrimento que surge é a Nobre Verdade do Sofrimento. É um resultado. Quando o sofrimento surge, existe agitação, irritação e desgosto. Quando o praticante vê o sofrimento resultante, então ele deve segui-lo para ver de onde ele surge e como surge.

MANTOS DE TRAPOS

Houve períodos na vida de Luang Pó em que quaisquer panos eram extremamente escassos. Nessas épocas, ele fez mantos com pano tirado de defuntos em crematórios de floresta. A corda cerimonial de algodão, usada para puxar o caixão do vilarejo até a floresta, lhe fornecia a linha de costura. Luang Pó falou uma vez dos benefícios de usar tais mantos:

Nós tínhamos que fazer os nossos próprios requisitos. Eles podiam não ter boa aparência, mas nós éramos orgulhosos por eles terem sido produzidos por nossa própria habilidade e esforço. Nós costurávamos mantos à mão. Quando você terminava, seu dedão estaria inchado e doendo por todos os lados. Não havia outro algodão que não fosse o da corda usada para puxar os caixões, e nós íamos procurar por ela nos crematórios de floresta e então a trazíamos e desfiávamos para ter linha de costura. Os mantos eram duros, grossos e pesados. Na maioria das vezes nós usávamos o pano *paṃsukūla*, pano que tinha sido usado para enrolar em volta

dos defuntos e depois era dispensado na floresta. Eles tinham manchas secas de sangue e marcas de pus, e tinham um cheiro muito ruim. Você tinha que levá-lo, lavá-lo e fervê-lo, colocá-lo ao sol e então tingi-lo com a tintura de tronco de jaqueira.

Quando você o vestia, você sentia que tinha um grande benefício pois ele fazia você ficar arrepiado e você se sentiria muito entusiasmado; você sentiria um constante senso de medo. Ele fazia de você diligente: diligente em praticar meditação andando e sentado por toda a noite sem sentir sonolência, sem querer dormir por causa do medo, se sentindo estimulado e apreensivo. Esse tipo de prática ascética é útil; ela raspa as impurezas de você.

Em uma ocasião, enquanto seguia a Luang Pu Man em uma mendicância matinal, Luang Pó Lee relembrou como eles passaram por um velho par de calças que foram jogadas fora em um acostamento da estrada. Ele descreve como se sentiu surpreso quando Luang Pu Man começou a chutar as calças à sua frente:

“Finalmente, quando chegamos na cerca que rodeava a delegacia de polícia, ele parou, pegou as calças e as amarrou em seu manto inferior. Eu estava confuso. O que ele queria com um lixo velho daqueles?

“Quando chegamos de volta à cabana, ele colocou as calças penduradas junto com os outros panos ... alguns dias depois, eu vi que o velho par de calças tinha se tornado uma bolsa de pano e um cinto, pendurados juntos na parede. E mais alguns dias depois, ele os deu para que eu usasse. Não eram mais do que remendos costurados.”

COMIDA, INGLÓRIA COMIDA

Era esperado que todos os religiosos de Wat Pah Pong - monges, noviços e *mé chis* - mantivessem a prática de dhutaṅga de comer apenas uma vez ao dia usando um único recipiente. Tudo - arroz, molhos, folhas verdes, frutas, doces - deveria ir para dentro da tigela. Nenhuma comida podia ser colocada na tampa da tigela*. Nenhum prato adicional separado era

*Ocasionalmente, em importantes feriados budistas, essa prática podia ser mais relaxada. Pequenas tigelas de sopa de macarrão ou, em tempos depois, sorvete

permitido. Luang Pó relembrava aos seus discípulos que todas as diferentes comidas estariam logo misturadas no estômago de qualquer forma - então qual era o problema? Para monges juniores e noviços, a fome natural que surgia depois de um jejum de vinte e quatro horas, adicionada ao desejo sensorial por comida saborosa, e o medo de não pegar o suficiente para manter o corpo até o dia seguinte, poderiam confundir a cabeça. Era uma oportunidade excelente para encarar a cobiça e o apego. Era também a parte mais estressante do dia.

Para o período de um pouco mais de uma hora antes do oferecimento da comida às 8:00 da manhã, esperava-se que os monges sentassem em meditação em seus respectivos lugares no refeitório. Para muitos, era um momento difícil. Eles estavam de pé desde as 3:00 da manhã, não tinham comido desde a manhã anterior e tinham acabado de voltar de uma longa caminhada. A sonolência, especialmente durante o verão, era um inimigo comum. O desejo por comida agitava suas mentes. Mas se qualquer um ficasse do lado de fora do refeitório e se metesse em uma inquieta conversação para passar o tempo, o som da tosse de Luang Pó poderia ser escutado. Era um som que faria suas vozes morrerem em suas gargantas - 'Aquele som tinha um grande poder para isso', disse um monge, 'era como o rugido de um tigre, e aquilo nos aterrorizava.'

Toda a comida coletada durante a mendicância matinal era considerada como pertencente à Sangha ao invés de pertencer ao monge que a recebeu individualmente. Ao retornar ao mosteiro, os monges deviam esvaziar suas tigelas, mantendo apenas uma bola de arroz grudento com eles mesmos. O resto da comida era enviado para a cozinha onde era reorganizado e adicionado aos pratos adicionais preparados pela cozinha.

Durante períodos em que a comida era escassa, monges recém ordenados podiam achar difícil terem que dispensar itens que eles tinham recebido eles mesmos. Parecia injusto para alguns que, quando a comida fosse distribuída, aquele item 'deles' dificilmente chegaria ao final da fila. Um monge em particular tentou esconder comida dentro de sua bola de arroz. Um dia ele recebeu um ovo cozido durante a mendicância matinal e, ao invés de mandá-lo para a cozinha, ele moldou a bola de arroz ao redor do

que fosse oferecido em tais datas não tinham que ser despejados dentro da tigela com o resto da comida. Isso era considerado um presente especial.

ovo. Aconteceu que em um dia em especial, Luang Pó passou revisando o tamanho das bolas de arroz nas tigelas dos monges nas fileiras. Quando ele alcançou a tigela desse monge tortuoso ele parou. A bola de arroz tinha se partido revelando o ovo cozido dentro dela. Luang Pó disse:

De quem é a bola de arroz que acabou de botar um ovo?

Todos os olhos se voltaram para o tal monge, que ficou tão pálido com medo e vergonha que começou a tremer. Luang Pó não disse mais nenhuma palavra e silenciosamente voltou para o seu assento. Monges que estavam presentes nessa ocasião disseram que ninguém tentou fazer algo assim novamente.

Em uma ocasião, Luang Pó exortou a Sangha:

Nós não viemos aqui para praticar por causa de comida. Nós não viemos aqui para comer e dormir. Nós entramos para a Sangha para praticar os ensinamentos do Buda. Se tudo o que vocês querem é viver confortavelmente e comer bem, então seria melhor que vocês não fossem monges. Você pode fazer isso como um praticante leigo; você não precisa entrar na ordem monástica. Se você quer pegar alguma coisa ou fazer alguma coisa ou comer alguma coisa, então basta ir em frente. É mais conveniente lá fora, você pode estar mais confortável, você pode comer melhor. Mas se você pensar bem, você vai ver que esse é um caminho que termina em lágrimas. Nós viemos para seguir os ensinamentos do Buda. Nós viemos por causa de nosso respeito ao Buda. Se você pensar assim, a Sangha vai viver em harmonia e não haverá discussão sobre você.

Uma prática popular adotada por vários monges durante os Retiros de Chuvas era a de apenas comer o que haviam obtido durante a mendicância matinal e recusarem todos os pratos adicionais preparados pela cozinha do mosteiro. Luang Pó explicava por que isso não era uma norma do mosteiro e por que ele permitiu que pratos adicionais fossem preparados:

Alguns grupos de monges vão para as florestas e mantém a prática ascética de apenas comer o que tenha sido oferecido durante a mendicância matinal. Mas somente os mais seniores se

beneficiam disso. Na mendicância matinal existem uma ou duas comidas oferecidas para acompanhar o arroz, não o suficiente para serem compartilhadas, e elas vão diretamente para as tigelas dos primeiros da fila. O professor se sai bem com esse tipo de prática ascética. Ele pode apenas carregar a sua tigela e terá uma boa refeição, enquanto todos os demais sofrem. As pessoas leigas querem oferecer a comida ao Ajahn, e então o noviço no fim da fila fica sem. Nossa forma de fazer as coisas aqui tem a intenção de garantir que tudo seja compartilhado de forma igualitária

NO PÉ DE UMA ÁRVORE

Luang Pó precavia seus discípulos a evitar se permitirem ideias de serem donos das cabanas, mesmo que eles as estivessem usando por vários anos. Cabanas eram residências da Sangha, e Luang Pó ensinava aos monges que eles tinham sempre que ver a si mesmos como ocupantes temporários. Quando recém chegados no mosteiro, se esperava que os monges adotassem a prática de aceitar qualquer alojamento que lhes fosse designado, mesmo que lhes parecesse adequado ou não. Quando eles partiam do mosteiro por mais do que alguns dias, mesmo tendo a expectativa de retornarem, se esperava que eles removessem todas as suas posses da cabana e a deixassem disponível para outros. No seu retorno, eles teriam que aceitar qualquer cabana que estivesse disponível. Se sua antiga cabana estivesse disponível, eles poderiam voltar a ocupá-la. Caso contrário, eles teriam que ficar em outra qualquer.

Uma vez que as chuvas tivessem terminado, o solo da floresta estivesse seco e os primeiros ventos frios do inverno chegassem, Luang Pó diria aos monges para que se mudassem para fora de suas cabanas e instalassem seus *glots* na floresta. Era a época do ano para adotar a prática de *dhutaṅga* de viver no pé de uma árvore. Durante esse período, ele também enviava alguns monges para irem viver em crematórios de floresta, enquanto aqueles que tivessem completado cinco anos de senioridade poderiam pedir para sair em *tudong*.

Viver sob seus *glots* na floresta fornecia aos monges uma forma de verificar se eles tinham se tornado apegados aos confortos básicos e à sensação de segurança que eles tinham dentro de suas cabanas. As cabanas em Wat Pah

Pong eram em sua maioria feitas de madeira e sem nenhum tipo de mobília; mas em sendo erguidas em postes elas podiam pegar um pouco de brisa e serem uma proteção contra as cobras, escorpiões e centopeias. Viver no pé de uma árvore era inconveniente e demandava uma grande quantidade de paciência. Mas geralmente eram as irritantes formigas, cupins e mosquitos que perturbavam aos monges, mais do que as criaturas mais perigosas. No pé de uma árvore, monges se sentiam vulneráveis. De noite, eles ficavam sensíveis aos menores ruídos ao seu redor. Eles ficavam naturalmente alertas. Era um estado que conduzia para o desenvolvimento da meditação e uma boa preparação para a futura experiência de uma caminhada em *tudong*.

NÃO SE DEITAR

A décima terceira prática ascética visa o desenvolvimento de energia. Um monge que adote essa prática, o faz por um certo período de tempo: talvez duas semanas, talvez um mês, ou mesmo três meses. Alguns monges adotam essa prática por alguns anos. Aqueles que o fazem, dormem sentados. Eles podem determinar o nível de rigidez que querem para a prática: por exemplo, se eles se permitirão ou não sentar-se recostados em uma parede.

Em Wat Pah Pong essa prática era compulsória para toda a Sangha em todos os Dias de Observância - luas cheia, nova, quarto crescente e quarto minguante (aproximadamente uma vez por semana). Embora essa não fosse uma prática comum de ser adotada, mesmo em um mosteiro de floresta, Luang Pó fez de 'não deitar-se' (*nesajjika*) uma marca registrada. Ele via grande valor em que seus discípulos forçassem a si mesmos para além de sua zona de conforto dessa maneira. Em cada Dia de Observância, das sete da noite até o amanhecer do dia seguinte, havia uma programação de recitação de cânticos, meditação e palestra de Dhamma. Luang Pó geralmente dava uma palestra de duas a três horas de duração, e então ficava ali sentado em meditação no salão a noite inteira servindo como exemplo. Ele encorajava a Sangha:

Se você não conseguir fazer isso hoje, então você tem que conseguir fazê-lo em outro dia. Mesmo que você não o faça de forma limpa ou pura – que você fique sonolento e perca sua

plena atenção às vezes - pelo menos não se deite. Não importa se você cabeceia enquanto está praticando meditação sentado, andando ou em pé; não importa o quão sonolento você fique - isso é muito natural. Mas por favor, ponha uma quantidade especial de paciência, esforço e sinceridade em sua prática.

ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

Quaisquer monges que quisessem adotar alguma prática ascética deviam receber a permissão de Luang Pó. Às vezes eles pediam para adotar práticas não encontradas na lista clássica. Entre elas, jejuar ou fazer voto de silêncio eram as mais populares.

Manter silêncio não era uma prática elogiada pelo Buda. Na verdade ele proibiu que comunidades inteiras tomassem votos de silêncio por ter visto aquilo como sendo um obstáculo para o desenvolvimento da Fala Correta e para a organização da Sangha. Mas sempre houve monges budistas que viam nos períodos de silêncio algo que lhes ajudava a dar um passo para trás nos velhos hábitos inábeis da fala que eles tinham e para serem mais atentos com as intenções por trás de suas palavras. Eles valorizavam a forma pela qual a abstinência de falar também reduzia o barulho de suas mentes e as focava para dentro. Se Luang Pó fosse convencido de que a prática era apropriada para o monge que queria adotá-la e que ela fortaleceria a sua prática de meditação, ele aprovaria. Durante o Retiro de Chuvas, Luang Pó às vezes imporia um período de silêncio compulsório para toda a Sangha, explicando que, como ele estaria isento de estar em silêncio, a regra do Vinaya que proibia a prática não estava sendo transgredida.

O Buda rejeitava o jejum como um meio de purificar a mente. Ele marcou o seu abandono dos princípios das práticas ascéticas adotadas pelos movimentos de sua época ao aceitar a nutritiva tigela de leite de arroz oferecida por Sujāta. Mas embora o Buda reforçasse a frugalidade, moderação e auto-restrição ao comer, ele não proibiu de forma intransigente a prática do jejum. Em Wat Pah Pong vários monges experimentavam essa prática. O jejum, quando usado de maneira sábia, pode ser uma poderosa ferramenta para expor os apegos à sensualidade, ao corpo e ao medo da morte. Essa era considerada uma ferramenta que dava um descanso dos desejos sexuais aos monges que eram tomados pela luxúria. Na melhor das hipóteses,

isso poderia dar a eles uma oportunidade de reconstruir seu samādhi e ganhar uma nova perspectiva de seus apegos. Para vários monges, um jejum ocasional fornece uma pausa da mendicância matinal e da oferenda diária de alimentos no mosteiro - algumas horas a mais de solidão.

Luang Pó permitia alguns monges a jejuar e proibia outros. Ele enfatizava a intenção do jejum. Suas sugestões quanto a isso tendiam a variar de acordo com o tempo, lugar e pessoa. Se, por exemplo, um monge pedisse permissão para jejuar e Luang Pó percebesse que a atitude dele não era sábia - ele queria fazer algo especial diferente para distrair sua falta de habilidade ou falta de vontade de fazer as coisas corriqueiras; ou ele queria fazer nome para ele mesmo entre seus companheiros - então Luang Pó o desencorajaria. Mas em outras ocasiões, se ele sentisse que um período de jejum seria benéfico para um indivíduo em particular em desenvolver a paciência e se opor às impurezas, ele daria permissão. Ele apontava a falta de continuidade que às vezes isso ocasionava e como a renúncia não sábia poderia ter um 'efeito bumerangue' de indulgência não sábia:

[O valor de jejuar] depende do indivíduo. É difícil de estabelecer uma regra sobre isso ... mas colocar tudo na prática não significa ficar exausto. Se trata de 'encontrar a medida certa', manter a mente em equilíbrio ... Algumas pessoas podem jejuar por quinze dias e passar todo o tempo praticando meditação andando. Mas então quando eles vão comer, eles podem consumir cinco pratos de verduras e tanto arroz quanto couber em suas mãos. É tão exagerado que chega a ser impressionante. Mas não de uma boa forma.

Ele recordava aos discípulos que adotar tal prática podia ser uma boa experiência, mas que era o caminho do meio que levava ao despertar:

Você pode ser capaz de andar ou flutuar no ar e isso não teria nada a ver com a prática. Você poderia comer apenas sete colheres de comida todos os dias e isso não seria a prática, porque não é 'a medida certa'. Essas coisas não levam à iluminação ... Prática é estar contente e desejar poucas coisas - mas coisas suficientes para mantê-lo no caminho. Se você está com um pouco de fome, sua mente é fácil de ser ensinada; mas se você está realmente com

fome, então fica difícil de ensinar: fica embotada. Coma apenas o suficiente para estar saudável.

Luang Pó também comentava que reduzir o consumo de comida a um mínimo era um incentivo mais eficiente para o treinamento da mente:

É como um elefante em um bambuzal. Se você quer andar montado nele, então você precisa capturá-lo e colocar um arreio nele. Uma vez que ele esteja preso, então você dá algo para ele comer, mas não muito. O elefante fica amedrontado e faminto, e então, depois de um tempo, ele começa a perder peso, ele te permite ensiná-lo e treiná-lo. É assim que você domestica um elefante selvagem. Uma vez que ele está treinado, você pode soltá-lo, mesmo dentro do mercado. Treine a si mesmo da mesma forma.

Em outras ocasiões, no entanto, ele explicava como a experiência de jejuar mantinha aos monges em boas condições caso eles se encontrassem em áreas remotas sem nenhum vilarejo para realizar a mendicância matinal e com uma longa caminhada de distância. Eles estariam aptos a aguentar pois já sabiam o que a falta de comida faz com seu corpo e mente. Aqueles que não tivessem essa experiência estariam mais propensos a serem vencidos pelo medo.

Luang Pó fez experimentos com o jejum por si próprio. Algumas vezes ele relatava suas próprias experiências aos seus discípulos:

Algumas vezes, depois de jejuar por dois ou três dias você se sente cansado. O final das tardes é um período crucial e você quase se entrega, mas então de noite você ganha mais uma carga de energia pelo clima mais ameno. A segunda fase é igualmente importante - quando encerrar com seu jejum. É extremamente difícil de decidir neste ponto. Você pensa, 'Será que eu devo tentar um pouco mais? Ou até aqui já foi suficiente?' Sua mente fica confusa. Às vezes você olha para a sua tigela e então quer ir em mendicância matinal. 'Se eu não for por outros três ou quatro dias, será que eu vou conseguir?' E então sua mente segue confusa e volta à pergunta: 'Devo ou não devo ir?' É um período difícil e confuso até que você decida. 'Se eu morrer, que eu morra! Eu não vou sair em mendicância matinal hoje.' E então você imediatamente

se sente mais forte, e seu cansaço se dissolve mais uma vez. É assim que a prática se estabelece; é dependente de uma resoluta paciência.

Mais de uma semana passou e você ainda não sente fome. Você se sente bem. Você sente que pode ficar sem comer por um período indefinido de tempo - até morrer, se for preciso. Apenas um grande passo e você estará livre de tudo isso. É nesse ponto que você precisa ser cuidadoso - muito cuidadoso.

Você olha para os outros monges e noviços e parece que o mosteiro é tão cheio de atividades. A primeira coisa na manhã é que eles tem que sair em mendicância matinal, e depois de um tempo, eles tem que alimentar seus corpos; e não muito tempo depois, eles tem que esvaziá-lo de novo. Na manhã seguinte, eles tem que se abastecer de novo, e então depois de algum tempo, esvaziar novamente e sair mais uma vez para ter mais. 'Eles estão loucos! Somos todos tão escravos dos apegos e desejos.' Neste ponto, algumas pessoas decidem simplesmente parar de comer; elas pensam que estarão melhor se estiverem mortas. Esse é um momento crucial. Você vê a alimentação como um assunto trivial. Mas esse tipo de pensamento é muito elevado. E é uma elevação que está de cabeça para baixo; ela termina em transtorno. Você começa a culpar o arroz e o peixe. Grãos de arroz começam a parecer como vermes. Você não quer que nenhum entre em sua tigela.

Luang Pó repetia que meditadores que forçassem a si mesmos contra seus impulsos naturais sob certas condições controladas, poderiam ganhar vários insights. Mas uma vigilância constante era necessária para prevenir que eles caíssem em armadilhas inerentes à essas práticas. Era a Visão Correta que mantinha as coisas em seu caminho certo.

Em resumo, as regras de treinamento do *Pāṭimokkha* as observâncias e as práticas ascéticas se complementavam para criar as diferentes características da vida monástica em Wat Pah Pong. Elas eram fundamentais para o senso de comunidade, de uma cultura compartilhada e de identidade. Mas se o Vinaya era o sangue vital da existência monástica, o coração pulsante dela era a meditação.



A black and white photograph of a garden scene. In the background, a large, leafy tree stands. To the left, a pile of bricks is visible. The foreground is covered in a thick layer of fallen leaves and twigs. The text "VI" and "o coração do assunto" is overlaid on the lower right portion of the image.

VI
o coração do assunto

*Boa é a mente domada; a mente que tenha sido domada
traz a verdadeira felicidade.*

Dhp 35

O Coração do Assunto

Instruções de Meditação

O que pode ser feito para seus discípulos por um Mestre que visa o bem estar deles e tem compaixão por eles, foi o que eu fiz por vocês, monges. Aí estão esses pés de árvores, ali estão aquelas cabanas vazias. Meditem monges, não se atrasem, ou vocês vão se arrepender futuramente. Essa é minha mensagem para vocês.

MN 19

I. PORCAS E PARAFUSOS

UM TREINAMENTO DE TRÊS VIAS

O Buda declarou que todos os seus ensinamentos podiam ser colocados em duas categorias: aqueles que revelavam a natureza do sofrimento humano e aqueles que lidavam com a cessação do sofrimento. Ele ensinou que a verdadeira libertação apenas poderia vir a cabo através do cultivo do Nobre Caminho Óctuplo, um treinamento integrado e compreensível ou a educação do corpo, da fala e da mente. A verdadeira libertação do sofrimento, realizada através da visão clara da natureza de todas as coisas, ocorre quando os oito fatores desse caminho são levados em uníssono à maturidade.

A prática formal de meditação - melhor dizendo, a aplicação de exercícios mentais específicos, geralmente em postura sentada ou andando - mora

no coração do Caminho Óctuplo. No entanto, ela é apenas um meio efetivo para libertação quando cultivada em conjunto com os outros fatores. Esse princípio da natureza holística do caminho era fundamental para os ensinamentos de meditação de Luang Pó.

Luang Pó preferia falar sobre o cultivo do caminho em termos de um ‘treinamento em três vias’, uma convenção pela qual os oito fatores que o constituem são colocados em três esferas relacionadas de prática: *Sīla* (consistindo de Fala Correta, Ação Correta e Meio de Vida Correto); *Samādhi* (um termo guarda-chuva para o treinamento da mente consistindo do Esforço Correto, da Plena Atenção Correta e da Concentração Correta); e *Paññā* (consistindo de Visão Correta e Compreensão Correta).

Para Luang Pó, *sīla*, *samādhi* e *paññā* eram aspectos diferentes de um mesmo processo, divididos em três porque, a qualquer momento, um deles tomava o protagonismo e os outros dois ofereceriam um suporte adicional essencial. Em uma analogia, ele dizia que a combinação dos três para o desenvolvimento mental era como uma combinação de temperos que realçava um molho delicioso. A prática correta desses três aspectos leva, ele dizia, para uma prática de Dhamma que é ‘bela no início, bela no meio e bela no final’.

Meditação em Wat Pah Pong era totalmente embutida em um estilo de vida desenhado para minimizar os impedimentos para o crescimento no Dhamma e maximizar as condições de suporte. Meditadores eram celibatários. Eles praticavam na floresta, reclusos de impactos mais grosseiros dos sentidos, sob a tutela de um mestre e com o apoio de uma comunidade de amigos que pensavam da mesma forma. A ênfase em virtudes como a sábia vergonha e o sábio medo das consequências, a restrição dos sentidos, o contentamento com pouco, a paciência e a plena atenção em todas as posturas criavam as fundações que davam suporte para a transformação interna na qual a meditação funcionava como um catalisador.

Dado o famoso enunciado do Buda, ‘A mente é o chefe, a mente é a precursora de todas as coisas’, podia parecer suficiente para meditadores apenas focarem totalmente sua atenção na própria mente. Mas Luang Pó

discordava da visão que, ao simplesmente treinar a mente em meditação, ações e falas apropriadas naturalmente surgiriam:

Não é possível simplesmente treinar a mente, negligenciando ações e falas. Essas coisas estão conectadas. Praticar com a mente até que ela esteja tranquila, refinada e bela é similar a produzir uma prancha ou pilar de madeira: antes que você possa obter um pilar que seja liso, envernizado e atrativo, você deve primeiro cortar uma árvore. Então você deve cortar as partes mais irregulares - as raízes e os galhos - antes de você cortá-la em pedaços menores, serrá-la e trabalhá-la. Praticar com a mente é o mesmo que trabalhar com a árvore, você deve trabalhar com as coisas mais grosseiras primeiro - destruir as raízes, destruir a casca e tudo o que não seja atrativo - com o intuito de obter o que é atrativo e agradável aos olhos. Você deve trabalhar no que é irregular até chegar onde é mais liso.

Restringir-se com a adoção voluntária dos limites para ações e falas, - 'tomando conta do corpo e da fala', como Luang Pó colocaria - também requer um treinamento interior. Meditadores devem estar constantemente atentos se os impulsos instintivos por trás de seu comportamento estão ou não manchados pelas impurezas. Luang Pó dizia que manter sîla requeria agarrar o 'fora-da-lei' e fazer dele o chefe do vilarejo. A mente com a intenção de transgredir deve ser persuadida a se tornar a mente com a intenção de não transgredir.

Você deve manter a atenção em cada momento e em cada postura, se estiver de pé, andando, sentado ou deitado. Antes de realizar qualquer ação ou começar uma conversa, primeiro estabeleça a sua atenção.



Pratique dessa forma até que você esteja fluente. Pratique de maneira que você possa manter-se à frente do que esteja passando na mente. Pratique até o ponto em que a plena atenção se torne sem esforço, e você está plenamente atento antes de agir, plenamente atento antes de falar.

No nível inicial de *sīla*, *samādhi* se manifesta como a determinação consistente e inabalável de se abster que quebrar qualquer um dos preceitos, e como uma plena atenção e uma restrição à toda prova. Como resultado, a mente está apta a refletir sobre a experiência como certa ou errada, saudável ou não-saudável. Ela tem ciência da experiência sensorial e é capaz de investigar as reações internas de gosto ou desgosto daquela experiência. A faculdade da sabedoria está começando a se manifestar agora.

O aspecto da mente que identifica e escolhe o bom ou o mau, o certo ou o errado, dentro de todos os objetos mentais em seu campo de atenção, é uma nascente de *paññā*.

O treinamento em três vias nesse ponto ainda é bastante grosseiro, mas ‘está no lado refinado da grosseria’.

O coqueiro absorve a água da terra e a manda para cima através do tronco. No momento em que a água chega no coco, ela se tornou limpa e doce, mesmo que tenha vindo daquela água comum da terra. O coqueiro é alimentado pelo que são essencialmente os elementos grosseiros ‘terra e água’ - que ele absorve e purifica - e esses [elementos] são transformados em algo mais puro e doce do que antes. Da mesma forma, a prática de *sīla*, *samādhi* e *paññā* - em outras palavras, *magga*, o Caminho - tem um início grosseiro, mas como resultado de treinamento e refinamento da mente através da meditação e reflexão, se torna cada vez mais sutil.



De forma simples, quando *sīla*, *samādhi* e *paññā* amadurecem, eles formam o verdadeiro caminho.

UMA BASE DE MÉRITO

Luang Pó ensinava aos meditadores leigos que, embora eles não pudessem aproveitar de todas as condições conducentes à prática de meditação fornecidas pela vida monástica, eles poderiam dar a mesma atenção para um cultivo global do treinamento das três vias - que reduzia os obstáculos para a prática do Dhamma tanto quanto possível e encorajava os fatores

que a apoiavam. Tudo começava com a generosidade: dar coisas materiais criava uma familiaridade com abrir mão do egoísmo e com ser possessivo, algo que manteria os meditadores em boa posição quando estivessem buscando abrir mão do apego em níveis cada vez mais sutis durante a meditação.

Realizar atos de generosidade é um tipo de *toraman*, isto é, um treinamento da mente em ir contra os seus desejos.

Ele dava um exemplo de uma pessoa que tinha duas maçãs e decidia dar uma delas a um amigo, mas percebia que queria manter a maior para si mesma. Um praticante do Dhamma podia ultrapassar seus pensamentos egoístas e abrir mão da maior.

Se você ousa decidir abrir mão da maçã maior, você sente uma ponta de pena, mas uma vez que você tomou a decisão, a pena se vai. Isso é disciplinar a mente da forma correta e alcançar a vitória sobre si mesmo.

Dar *dāna* - dar felicidade aos outros - é uma forma de limpar o que estava sujo por dentro. Você precisa de um coração bondoso e benevolente. Isso é algo para se refletir. Generosidade é a primeira coisa que deve ser mantida em sua mente.

Meditadores eram encorajados a desenvolverem novos hábitos saudáveis ao reconhecer e consistentemente abrir mão de hábitos não saudáveis que eles tinham acumulado.

Impurezas são como um gato. Se você deixa o gato mal acostumado, então ele virá até você o tempo todo. Mas suponha que um dia ele comece a se esfregar em sua perna e você não o alimenta. Ele vai miar com raiva, mas se você recusa a dar qualquer comida, em um dia ou dois, você não vai mais vê-lo. É a mesma coisa com as impurezas. Se você não as segue, então depois de algum tempo elas não virão mais perturbá-lo - e a partir daí, você estará em paz. Faça com que as impurezas tenham medo de você; não fique você com medo das impurezas.

Manter os Cinco Preceitos era um requerimento mínimo para aqueles que quisessem seriamente fazer progresso na prática do Dhamma. Ao não

mantê-los os aspirantes a meditadores fariam mau kamma, ameaçariam seus relacionamentos mais importantes e criariam condições para o arrependimento, a culpa e a auto-aversão que fatalmente sabotariam a sua prática.

Quando sua sila é pura, quando você é gentil com os demais e os trata honestamente, então você se sente feliz. Não existe remorso em sua mente. Quando, ao não machucar os outros, você não sente remorso, então você já está no reino celestial. Fisicamente e mentalmente você está em paz. Mesmo que esteja comendo ou dormindo, você sente paz, você está feliz. Felicidade nasce de sila. Certas ações tem certos resultados. O abandono da maldade ao manter os preceitos leva, pela lei da natureza, ao surgimento da bondade.

Atos de generosidade e um firme comprometimento com sila criavam um senso básico de bem estar e autorrespeito necessários para o progresso na meditação. Mas também era necessário desenvolver a habilidade de refletir sobre a experiência. Sem isso, a satisfação com esses estados mentais positivos poderia inibir ao invés de promover um desenvolvimento espiritual mais profundo.

Se estamos felizes, tendemos a ficar desatentos; nós não queremos ir mais adiante. Nós nos apegamos a aquela felicidade. Nós gostamos disso: é o céu e nós somos as divindades. É pacífico e nós vivemos em uma feliz ignorância. Então reflita sobre a felicidade mas não se iluda com ela. Reflita sobre as desvantagens da felicidade; ela é instável, não fica conosco por muito tempo e uma vez que tenha ido embora, o sofrimento reassume e as lágrimas retornam.

Luang Pó precavia que, à longo prazo, as práticas de meditação apenas alcançariam seu potencial se os meditadores cultivassem um espírito de renúncia ao refletirem sobre as desvantagens de todos os fenômenos condicionados - até mesmo os mais refinados e pacíficos. Eles deveriam ver claramente o quão inadequada era qualquer pausa provisória ou solução contingente ao sofrimento. Eles precisavam reconhecer que enquanto mesmo as mais sutis impurezas permanecessem na mente, não haveria

verdadeira paz e contentamento. E era somente através de perseguir a prática do Dhamma até a sua conclusão que as impurezas poderiam ser completamente eliminadas.

Manter-se na necessidade de seguir o caminho até o final fornecia aos meditadores o entusiasmo e o comprometimento a se devotarem à meditação fosse nos altos e baixos, nos profundos e nos rasos da prática. Sem o cultivo do espírito de renúncia, meditadores tendem a se agarrar aos frutos iniciais da meditação que aparecem quando as impurezas mais grosseiras são atenuadas. Ao invés de se empenhar pela completa libertação de todos os apegos, eles se estabelecem no que Luang Pó chamava de paz ‘de pele fina’ dos elevados estados da mente:

Olhe profundamente. Qual é o estado da sua mente nesse momento? Simplesmente permaneça com essa atenção. Se você a mantém, você terá uma fundação; você terá plena atenção e estará alerta mesmo que esteja de pé, andando, sentado ou deitado. Se você vê alguma coisa chegando, apenas deixe estar, não se apegue a isso. Gostar e não gostar, prazer e dor, dúvidas e fé são apenas a mente comentando e refletindo sobre a sua própria experiência. Examine os resultados. Não coloque etiquetas [dando nome] às coisas. Saiba o que elas são; veja tudo o que surge na mente como sendo somente estados mentais, algo impermanente que, tendo surgido, se mantém por um tempo e então cessa. Coisas são meramente processos; elas não são ‘algo’, não há nenhuma separação real entre os outros e nós mesmos, não há nada a que devemos nos apegar.

TÉCNICA

Não existe nenhuma ‘técnica de meditação de Ajahn Chah’ específica. Para ele, a questão importante a ser perguntada sobre um método específico de meditação era: que resultado ela dá? Ele aceitava qualquer método que incorporasse o cultivo da plena atenção, de estar alerta e com esforço apropriado; se aquilo servia para levar o meditador para além dos obstáculos; e se aquilo levava para um samādhi que forneceria a base para o insight sobre ‘como as coisas são’. Qualquer caminho de meditação que leve a abrir mão e ao não-apego, ele diria, é um método correto.

Luang Pó ensinava que era importante que meditadores usassem uma técnica que fosse compatível com o seu caráter. Assim ele não queria dizer que havia uma técnica particularmente específica para cada pessoa, cuja adoção garantiria o sucesso. Um senso de afinidade com um método de meditação (ele uma vez descreveu isso como sendo similar a uma afinidade com uma comida específica), não faria da meditação suave e fácil, mas faria dela trabalhável. Uma técnica incompatível com a qual o meditador não sentisse conexão ou entusiasmo, por outro lado, poderia levar ao desencorajamento e à regressão. Meditadores não deveriam trocar de um método para outro muito facilmente. Apenas depois de perseverar com um método por um período razoável de tempo eles poderiam concluir se deviam mudar ou não.

Mas embora Luang Pó reconhecesse a validade de vários métodos, havia alguns que ele enfatizava:

Cultivo mental (*bhāvanā*) significa ajustar de forma correta os seus pensamentos e opiniões. Seu objetivo é abrir mão [das impurezas]. Os vários métodos são como diferentes formas de pescar. Elas diferem em forma, mas em última instância, todas compartilham o mesmo propósito. Então aqui, embora eu não insista em nenhum tipo específico de meditação, eu geralmente ensino as pessoas a focar na palavra 'Budô' ou na respiração por um período suficiente, e então gradualmente aprofundar o conhecimento e enxergar a forma como as coisas são.

Luang Pó se referia à plena atenção na respiração como sendo a joia da coroa das técnicas de meditação. Ele deu várias razões para encorajar o seu desenvolvimento, começando pelo fato de que é uma prática descomplicada e conveniente. A respiração é naturalmente presente em todos os momentos e em todas as posturas. Você pode prestar atenção nela a qualquer momento. Ela pode ser praticada por todos os tipos de meditadores. Ela foi a técnica preeminente desde os primeiros dias do *Sāsana*. O Buda e vários de seus grandes discípulos fizeram uso dessa técnica, e ela foi elogiada por mestres de meditação através dos tempos. O próprio Luang Pó usava esse método, e ele assegurava que através da prática da plena atenção à respiração, o meditador poderia cumprir o treinamento das três vias em sua totalidade:

Forçar a mente a se focar na respiração é *siḷa*; o foco contínuo na respiração, trazendo a mente para um estado de calma lucidez é chamado *samādhi*; abrir mão dos apegos através da contemplação da respiração como sendo impermanente, instável e impessoal é chamado *paññā*.

Sendo assim, a prática da plena atenção na respiração pode ser considerada como um desenvolvimento de *siḷa*, *samādhi* e *paññā*. Alguém que a esteja praticando pode ser considerado como alguém seguindo o Caminho Óctuplo que o Buda ensinou como sendo o principal, o mais excelente de todos os caminhos, pois leva à *Nibbāna*. Se você segue da maneira como eu descrevi, então isso pode ser considerado como sendo a realização do Buda-Dhamma da forma mais autêntica possível.

BUDÔ

Com o intuito de ajudar os meditadores a ancorarem suas mentes na respiração, Luang Pó recomendava usar o mantra ‘Budô’, mentalmente recitando ‘Bu’ enquanto inspiramos e ‘dô’ quando expiramos*. Como um dos significados da palavra ‘Buda’ (ou ‘Budo’) é o desiludido conhecimento sobre como as coisas são, meditadores que empreguem esse método estão necessariamente repetindo o nome da atenção que eles estão buscando cultivar. Retornar ocasionalmente ao significado do mantra durante a meditação previne a prática de se tornar mecânica.

Medite recitando ‘Budô’, ‘Budô’ até que isso penetre fundo em seu coração. A palavra ‘Budô’ representa o estado de alerta e a sabedoria do Buda. Na prática, você deve depender dessa palavra mais do que de qualquer outra coisa. O estado de alerta que ela trás vai levá-lo a compreender a verdade sobre a sua própria mente. É um verdadeiro refúgio porque inclui tanto a plena atenção quanto o insight ...

*‘Budô’ é a forma nominativa da palavra geralmente expressada na forma vocativa ‘Buda’. O longo ‘o’ fornecido por essa forma da palavra é mais facilmente sustentado pela duração de uma expiração do que o curto ‘a’. A recitação mental de ‘Budô’ pode também ser praticada sem referência à respiração.

Quando sua mente está conscientemente aplicada em um objeto, ela desperta. O estado de alerta a desperta. Uma vez que esse conhecimento surja através da meditação, você consegue ver a mente claramente. Enquanto a mente permanece sem a ciência de 'Budô', mesmo que exista uma presença mental comum e mundana, isso não vai levá-lo ao que é verdadeiramente benéfico.

Sati ou plena atenção depende da presença de 'Budô' - o 'conhecer'. Deve ser um 'conhecer' claro que leva a mente a tornar-se mais brilhante e radiante. O efeito iluminador que esse claro 'conhecer' tem na mente é similar à luminescência de uma luz em um quarto escuro^{*}. Enquanto o quarto está completamente escuro, quaisquer objetos colocados ali dentro seguem sendo difíceis de distinguir ou mesmo completamente obscurecidos para a visão. Mas assim que você começa a intensificar a luminosidade da luz ali dentro, ela vai penetrar por todo o quarto, permitindo que você veja claramente de momento a momento, proporcionando então que você conheça mais e mais detalhes de qualquer objeto ali dentro.

Quando a consciência da respiração se tornou clara e estável, quando o que ele chamava de 'consciência do Buda' se tornou estabelecida, Luang Pó dizia que o mantra poderia ser descartado. Ele já teria servido ao seu propósito.

Meditadores que não sentissem nenhuma afinidade com a meditação na respiração eram encorajados a cultivar meditações mais discursivas^{**} como a recordação da morte ou a contemplação do corpo - especialmente os cinco objetos básicos de meditação do cabelo, pelos, unhas, dentes e pele. Nessa última, os meditadores poderiam se focar nos aspectos não-atrativos (*asubha*) dessas partes do corpo, ou em sua natureza vazia e impermanente ao considerá-los nos termos dos elementos que os constituem como sendo terra (dureza), água (coesão ou fluidez), fogo (calor) e ar (movimento). Os nomes em Pali para as cinco partes do corpo - *kesā, lomā, nakhā, dantā, taco* - poderiam ser recitados internamente como mantras para manter a mente no eixo. Visualização podia ser empregada para realçar a contemplação.

^{*} Presumidamente uma referência à lâmpadas de querosene.

^{**} Meditações que fazem uso do pensamento direcionado.

Luang Pó encorajava os monges que cultivavam a plena atenção à respiração como sua prática principal a desenvolverem a meditação no corpo como uma técnica auxiliar. Ele os recordava que a importância dela podia ser vista pelo fato de estar incluída na cerimônia de ordenação de noviços. Além disso, como o primeiro nível de libertação (aquele que entrou na correnteza) era alcançado pelo abandono de *'sakkāyadiṭṭhi'*, ou visão de personalidade, e a identificação com o corpo físico constituía a mais poderosa e imediata expressão desse 'grilhão'*, então a contemplação do corpo tinha um imenso valor.

Você deve investigar repetidamente o corpo e adentrar as partes que o compõe. Conforme você vê cada parte como ela realmente é, a percepção do corpo como sendo uma entidade sólida ou um 'eu' é gradualmente desfeita. Você deve se manter empregando esforço contínuo nessa investigação da verdade, sem fazer pausas.

Pratique contemplando o corpo como sendo 'apenas isso', até que se torne bastante natural pensar por si mesmo, 'oh, o corpo é meramente o corpo. É apenas isso'. Uma vez que essa forma de reflexão seja estabelecida, assim que você diz a si mesmo que 'é apenas isso', a mente abre mão. Você abre mão do apego ao corpo. Ocorre o insight que enxerga o corpo como sendo meramente o corpo. Ao manter esse senso de desapego, ao ver continuamente o corpo como sendo apenas um corpo, todas as dúvidas e incertezas são gradualmente desenraizadas. Conforme você investiga o corpo, mais claramente você o vê como sendo apenas um corpo ao invés de 'uma pessoa', um 'ser', um 'eu', ou um 'ele' ou 'ela'.

UMA ÚNICA CADEIRA

Práticas de meditação que envolvem o direcionamento da mente pensativa, ao invés de afastá-la disso, são baseadas no princípio de que manter uma corrente contínua de atenção em um tema de contemplação (ao invés de em uma sensação física) também podem levar a um agrupamento das forças mentais. Isso produz um êxtase que leva a mente para além dos

*Veja Glossário, 875

pensamentos e desejos mundanos a um samādhi que fornece a plataforma para o profundo trabalho da sabedoria.

Mas qualquer que fosse a prática de meditação adotada, Luang Pó enfatizava que a plena atenção devia realizar um papel central. Ele comparava observar a mente com plena atenção e alerta à um lojista mantendo um olhar aguçado sobre seus produtos quando um grupo de crianças travessas entrasse em sua loja. Em outro símile, ele dizia que a mente era como um quarto com uma única cadeira. Quando a plena atenção senta firmemente na cadeira olhando para a porta, então qualquer convidado que entre no quarto é reconhecido imediatamente. Sem uma cadeira para sentar, nenhum convidado fica lá por muito tempo.

Plena atenção, potencializada pela confiança no caminho do Buda para a libertação e pelo Esforço Correto resultavam em um samādhi que levava consigo as sementes da sabedoria e da libertação.

Plena atenção é a enfermeira e protetora do samādhi. É o dhamma que permite que todos os outros dhammas saudáveis surjam em equilíbrio e harmonia. Plena atenção é vida. Em qualquer momento que você não tenha plena atenção, é como se você estivesse morto. Falta de plena atenção é chamada desatenção, e ela rouba todo o significado de suas palavras e ações. Qualquer forma de cultivo que a plena atenção tenha, ele leva ao surgimento de auto-conhecimento, de sabedoria, de todos os tipos de boas qualidades.

Qualquer dhamma que não tenha plena atenção é incompleto. Plena atenção é o que governa ficar de pé, andar, sentar e deitar. Não é apenas durante a meditação sentado que se requer plena atenção; fora dos períodos formais de meditação você deve ter plena atenção e estado de alerta constantes, e ter cuidado e atenção com suas ações. Se você faz isso, surge um sábio senso de vergonha. Você se sentirá envergonhado de ações ou falas impróprias. Conforme o senso de vergonha se torna mais forte, o mesmo acontecerá com a restrição [dos sentidos]. Com forte restrição [dos sentidos] não há descuido.

Para onde quer que você vá, a plena atenção deve estar presente. O Buda disse, ‘Pratique a plena atenção com vigor, a desenvolva com vigor.’ Plena atenção é o dhamma que protegerá suas ações do passado, do presente e aquelas que você estiver prestes a realizar. É de grande benefício para você. Conheça a si mesmo em cada momento e então você terá um constante senso de certo e errado. O estado de alerta ao que é certo e errado em tudo que ocorra em sua mente vai fazer surgir um senso de sábia vergonha, e você vai se abster de agir de formas más ou equivocadas.

UMA INSTRUÇÃO DE MEDITAÇÃO

Atenção aos detalhes mais refinados da postura sentada nunca foi uma característica proeminente da meditação na tradição Theravada. Muito poucos monges de floresta sentam em posição de lótus completa com cada pé posicionado sobre a coxa oposta, ou posicionam suas mãos em mudras* perfeitos. As instruções básicas são simplesmente para estabelecer uma postura que seja estável e ereta, tendo como critério principal que a postura seja tal que o meditador possa permanecer sentado por um período de tempo relativamente longo com o mínimo de desconforto desnecessário. Luang Pó tratava a postura como um assunto prático e direto. No começo de uma sessão de meditação, ele dava instruções simples para adotar a postura das pernas cruzadas**, posicionar a perna direita sobre a esquerda, e a mão direita sobre a esquerda***, manter as costas retas, colocar-se de maneira confortável - não muito tenso e nem muito relaxado - e fechar os olhos.

Tendo prestado reverência ao Buda, ao Dhamma e à Sangha, meditadores poderiam ir diretamente para seus objetos de meditação ou começar com uma prática preliminar. Luang Pó às vezes sugeria revisar as trinta e

* Por exemplo, com as mãos postas uma sobre a outra no colo e com os polegares se tocando levemente.

** Meditadores geralmente se sentavam no chão. Contudo, Luang Pó não fazia objeção à introdução de almofadas de meditação em Wat Pah Nanachat, o mosteiro afiliado que foi estabelecido para seus discípulos ocidentais.

*** A preferência de ‘direita sobre esquerda’ aqui é simplesmente uma tradição que foi passada adiante de monges de floresta de gerações anteriores. Possivelmente, isso se originou de alguma consideração acerca de fluxos internos de energia, mas Luang Pó nunca falou em tais termos.

duas partes do corpo* antes de voltar-se para a respiração. Além de ser uma boa prática de plena atenção por si mesma, isso reforçava as percepções habilidosas sobre o corpo que poderiam ser depois levadas a uma investigação mais profunda quando a mente estivesse reforçada por samādhi. Luang Pó também ensinava aos meditadores mais inexperientes a seguirem a respiração dentro e fora do corpo por um certo período antes de focarem em um ponto específico, como na ponta do nariz:

Foque sua plena atenção para que ela siga a respiração entrando em seu corpo e saindo dele. Acompanhe o começo da respiração, o meio da respiração e o final da respiração. Com plena atenção, mantenha a respiração em mente; e com estado de alerta, esteja ciente de que você agora mesmo está respirando. Na inspiração, o início da respiração está na ponta do nariz, o meio está no coração e o final está no abdômen. Na expiração, o início da respiração está no abdômen, o meio está no coração e o final está na ponta do nariz. Foque nesses três pontos.

A mente, o seu estado de alerta, não tem tempo para se esgueirar e agarrar a outros objetos pois ela está preocupada em estar ciente, bem aqui, tanto da inspiração quanto da expiração. Se a mente sai em busca de outros objetos, ela mostra que a plena atenção escorregou. Estabeleça-a de novo. Esteja ciente de onde sua respiração esteja passando exatamente a cada momento. Siga observando. Às vezes sua mente sai do trilho por um grande período sem que você perceba isso. De repente você percebe que a plena atenção se perdeu novamente. Comece de novo. Se você praticar dessa maneira, então você desenvolverá um bom trabalho de conhecimento do começo, do meio e do final da respiração. Depois que você treinou dessa maneira por um período suficiente de tempo, a plena atenção estará constantemente presente na inspiração e na expiração. Haverá plena atenção no começo da respiração, no meio e no final.

Inicialmente, você vai ter algumas dificuldades. Contudo, mais tarde, conforme você fique mais experiente, não será necessário

*Veja Glossário, 891.

seguir a respiração para dentro e para fora. Agora ancore o estado de alerta na ponta do seu nariz. Pare bem ali e note se a respiração é longa ou curta, esteja ciente da inspiração e da expiração naquele ponto. Quando você começa a praticar meditação sentado, tente com esse método.

Quando você está se concentrando em sua respiração, não há necessidade de forçá-la. É o mesmo que aprender como usar o pedal de uma máquina de costura. Para costurar de maneira apropriada, você deve encontrar um ritmo entre sua mão e o seu pé. Então quando você está aprendendo a usar uma máquina de costurar, o que você faz? Você pratica com o pedal livremente sem estar costurando nada. Uma vez que você consiga pedalar com fluidez, então você começa a praticar com algum pedaço de pano.

Sua respiração é a mesma coisa, não há necessidade de fazer apenas de uma maneira; não importa se é longa ou curta contanto que ela esteja confortável ... se a respiração for muito longa ou muito curta ou muito forte, não a force, permita que ela encontre seu próprio equilíbrio. Tudo o que você precisa fazer é focar na inspiração e na expiração. Você não tem que contemplar nada mais. É suficiente estar ciente da respiração.

Quando você faz isso, certos pensamentos surgirão, 'Qual é a função disso?' e por aí vai. Siga em frente. Não se deixe agarrar por dúvidas. Não há necessidade de respondê-las. Não há necessidade de pensar. Não é o seu trabalho. O seu trabalho é simplesmente estar ciente da respiração que entra e sai do corpo. Você não quer ver divindades ou deuses Brahmânicos, mas você quer ver a respiração. É suficiente que você meramente não se esqueça de sua respiração. Entenda isso e então corte os vários objetos que passem por seu estado de alerta, e os deixe partir.

Pensamentos e estados de humor são mutáveis. Talvez quando você comece a sentar [em meditação] você comece a sentir saudades de casa, e a mente começa a proliferar sobre esse ou aquele assunto. No momento em que você começa a pensar em casa, então lembre a si mesmo, 'É incerto (*mai né*)!' Pensamentos

saudosos de casa são impermanentes e pensamentos negativos também o são. Você não pode acreditar em nenhum deles. Sua mente mente para você. Você deve reafirmar essa natureza mutável das coisas. Às vezes você odeia essa ou aquela pessoa, mas isso não dura. Às vezes você ama essa ou aquela pessoa, mas isso tampouco dura. Ancore sua mente bem ali e pra onde ela pode ir? Quando você odeia alguém, você fabrica uma certa imagem dessa pessoa. Quando você ama alguém você faz a mesma coisa. A mente começa a sofrer. Às vezes você pode detestar tanto alguém que, quando quer que você pense sobre essa pessoa, lágrimas de fúria começam a derramar. Você vê o que eu quero dizer? Como isso pode ser real e duradouro?

Veja os estados mentais apenas como estados mentais. Todos eles são impermanentes. Você deve cortar essas coisas pois elas vão nos iludir se não o fizermos. Nós percebemos algo como sendo bom e lembramos a nós mesmos que o bom é mutável. Alguma outra coisa é experienciada como má, e ela também é mutável. Não deixe sua mente se agarrar ao bom; não deixe sua mente se agarrar ao mau. Se você tem a dimensão dos estados mentais dessa maneira, então eles perdem sua significância. Apenas siga fazendo dessa forma. Esses estados que surgem, bons ou maus, não tem valor intrínseco e eles gradualmente irão desaparecer. Se você os acompanha e se mantém de olho neles, você está no caminho de ver essa verdade de como as coisas mudam. Sua prática inicial deve ser assim. Seja plenamente atento.

Subsequentemente, você verá a respiração, a plena atenção e a mente simultaneamente em um ponto. A palavra 'verá' aqui não se refere à visão comum. É ver com ciência, com o olho interno, não o externo. A ciência quanto à respiração está aqui, a plena atenção está aqui, o senso de conhecer - a mente - está aqui. Eles convergem em um todo harmonioso. Quando nós vemos essa harmonia, a mente se desapega dos desejos sensuais (*kāmacchanda*), da má vontade (*vyāpāda*), da sonolência e do torpor (*thīnamiddha*), da preocupação e agitação (*uddhaccakukkucca*), e da indecisão (*vicikicchā*). Esses cinco obstáculos terão sido completamente

ultrapassados. Tudo o que você vê é a respiração. Haverá apenas a plena atenção e a mente em um ponto. Com a ausência dos cinco obstáculos, você pode estar certo de que a mente entrou em samādhi.

Você deve saber quando a respiração é grosseira e quando é refinada, e deve saber bem ali. Depois disso, você deve focar na respiração para fazer dela cada vez mais sutil, até que seu aspecto grosseiro tenha desaparecido. O refinamento da respiração é tal que quase não há respiração, ou ao menos é o que parece. Não se alarme. A respiração segue ali, é apenas que ela está extremamente sutil. Então o que você faz? Você deve usar a sua plena atenção para fazer da ausência da respiração como seu objeto de meditação. Nesse ponto, algumas pessoas ficam alarmadas, com medo de que sua respiração vai parar e que isso seja perigoso. Você deve assegurar a si mesmo de que isso é bastante seguro e que não há perigo. Tudo o que é necessário é que você mantenha a plena atenção, a ciência, o conhecer.

A mente agora está num estado muito sutil. Neste nível, ela não precisa ser controlada, você não precisa fazer nada. Tudo o que é preciso é manter a plena atenção e o estado de alerta. Você deve estar atento de que, naquele momento, a mente está agindo automaticamente, não é necessário ajustar a sua qualidade. Agora simplesmente mantenha uma constante plena atenção e um estado de alerta. A mente entrou completamente em um estado de calma lucidez. Às vezes a mente vai entrar e sair desse estado em intervalos curtos. Às vezes, quando ela sair, ela vai permanecer calmamente lúcida por um curto período, e então ela vai emergir mais uma vez e se tornar ciente dos objetos dos sentidos. A mente, tendo saído de samādhi, compreende a natureza de várias coisas que surjam com atenção. Haverá um êxtase do Dhamma, sabedoria vai surgir. Vários tipos de conhecimento vão surgir nesse ponto.

A mente, nesse momento, vai ter entrado no estágio de *vipassanā**. Você deve estabelecer firmemente a plena atenção, a concentração

*Claro insight sobre as três características da existência: impermanência, insatisfatoriedade e 'não-eu'.

e o estado de alerta. Quando a sabedoria surge, a mente está em vipassanā, que é uma continuação de *samatha**. Isso é chamado de processo da mente. Você deve alcançar a maestria (*vasī*) em entrar e sair dos estados de tranquilidade. Quando você tiver feito isso, então você vai conhecer a natureza dos estados mentais e a natureza da mente que sai [da meditação]. Você deve ser astuto em entrar e sair de samādhi, estabelecer um forte grau de plena atenção e estado de alerta nesses pontos. Aqui a mente chegou ao final da confusão. Se estiver se movendo adiante ou para trás, todos os estados da mente estarão dentro da calma lucidez.

Quando chegou o tempo apropriado para terminar a meditação, reveja o que você fez antes de entrar em samādhi. Como você estabeleceu sua mente para que estivesse tão pacífica? Então, na próxima vez em que você sentar, você deve considerar qual a primeira coisa a ser feita. Relembre como você focou a mente quando você saiu de samādhi. Você deve saber isso. Embora você tenha encerrado sua sessão de meditação sentada, você não deve vê-la como o final do samādhi. Você deve estar determinado a continuar estando ciente, focado e plenamente atento. Mesmo que esteja de pé, andando, sentado ou deitado, você deve estar constantemente atento.

UM APARTE

A instrução de meditação da seção anterior é longa e detalhada. Ela inclui vários termos técnicos e referências a alguns níveis avançados de prática e estados sutis da mente. Contudo, deve-se ter em mente que isso não deve ser considerado como um relato definitivo de Luang Pó sobre o processo de meditação. Esse texto é a transcrição de uma instrução específica em um dia específico para um grupo específico de monges. Luang Pó não escreveu um manual de meditação e ele raramente falou sobre os níveis de prática mais avançados em público. Por essa razão, algumas de suas visões sobre meditação sempre permanecerão obscuras. E isso também é verdade sobre seus conselhos acerca de assuntos mais básicos.

*Estados de tranquilidade plenamente atenta resultantes do abandono dos ‘cinco obstáculos’.

No parágrafo que lidava com a escolha da técnica de meditação, é dito que meditadores deviam manter-se com uma prática ‘por um razoável período de tempo’ antes de decidirem mudá-la. Mas quanto tempo é ‘razoável’? Essa é certamente uma pergunta razoável - mas infelizmente não uma que possa ser respondida com palavras vindas da boca de Luang Pó. (Um período de tempo medido em semanas ou meses - ao invés de horas ou minutos - poderia ter sido a provável resposta que ele nunca realmente deu.)

De certa forma, há um impedimento em considerar de maneira precisa as instruções de meditação de Luang Pó pela irregularidade do grupo de evidências encontradas nas gravações; alguns tópicos estão bem cobertos, outros não tão bem assim. Complicações também são causadas pelo fato de que o material que está disponível são transcrições de instruções dadas ‘ad hoc’ e que refletiam o dia, o lugar e o público. As respostas de Luang Pó sobre a importância do cultivo de *jhāna* (absorção), por exemplo, variavam de acordo com o caráter e com as virtudes fundamentais acumuladas do questionador. Em outras palavras, se ele via que meditadores tinham uma capacidade bem desenvolvida para *jhāna*, ele encorajaria a prática (e pareceria que ele considerava esse como sendo um caminho superior). Mas se ele visse que os meditadores tinham apenas uma fraca capacidade, ou estivessem mais como fisgados pelo desejo por *jhāna*, ele poderia tirar toda a ênfase dela. Se ele visse que os meditadores possuíam grande poder de análise, ele talvez os encorajasse a usar esse poder quando a mente já tivesse vencido aos obstáculos, sem esperar pela estabilização da mente fornecida por *jhāna*. Nisso, seus ensinamentos eram similares aos de seu grande contemporâneo, Luang Tá Maha Bua, que cunhou a frase: ‘paññā cultivando samādhi’.

Outro problema é encontrado em traduzir as transcrições das gravações de Luang Pó sobre instruções de meditação, e ele vem da natureza da língua tailandesa. O idioma tailandês se presta muito mais à ambiguidade flexível do que à precisão científica. Por exemplo, o idioma insiste muito menos no uso dos pronomes de terceira pessoa do que no caso do idioma inglês. Questões sobre ‘quem ou o quê está agindo sobre quem ou o quê’ podem ser difíceis de determinar com um grande grau de exatidão. Em assuntos ligados ao mundo físico, o contexto frequentemente vem a auxiliar o

tradutor. Em assuntos ligados com funções mais profundas da mente, o tradutor raramente tem tanta sorte.

Uma última camada de dificuldade é dada pela forma geralmente idiossincrática pela qual Luang Pó e seus contemporâneos na Tradição de Floresta de Issán usavam os termos técnicos em Pali. Para leitores vindos de um ambiente Theravada mais acadêmico, isso pode ser uma fonte de frustração. Para um tradutor, isso pode envolver ter que encarar passagens nas quais o significado dado a um termo pelo professor não corresponde exatamente com a definição em um dicionário de Pali - Inglês. Uma forma de ver essa discrepância é por meio de uma analogia. Se os Suttas forem comparados com uma fotografia da natureza das coisas, então os ensinamentos dos grandes mestres seriam como pinturas. Em sua tentativa de trazer à tona o seu senso do que está em frente a eles, pintores às vezes manipulam levemente as formas ou usam cores não reconhecidas pela câmera. A intenção deles é transmitir a sua experiência da melhor forma possível. De maneira similar, os grandes mestres de floresta de Issán colocaram fidelidade no Dhamma que eles realizaram acima da fidelidade estrita às escrituras.

Para resumir, os ensinamentos de meditação de Luang Pó representados nesse capítulo contém várias pérolas e reflexões úteis. Mas pelas razões agora explicadas, elas não convergem a um sistema completo. Se Luang Pó estivesse vivo hoje e falando a um estudante de seus ensinamentos, ele talvez desse a seguinte sugestão: 'Atenção aos detalhes é algo bom. Precisão e clareza são bons. Mas esteja sempre aberto a tolerar um certo elemento de ambiguidade e a falta de algo completo.'

NÃO É APENAS SENTAR

Vários dos monges de Wat Pah Pong praticavam meditação andando* tanto quanto ou ainda mais do que praticavam meditação sentados. O Buda listou os seus benefícios como sendo a produção de uma constituição forte, boa digestão, tolerância física e prontidão para se empenhar. Mais importante, ele disse que o samādhi que surge durante a meditação andando era mais

*Pali: *caṅkama*; Tailandês: *jongkrom*.

fácil de ser mantido fora das sessões de prática formal do que aquele que fosse desenvolvido enquanto sentado (AN 5.29).

Meditação andando fornece tanto uma alternativa quanto um complemento à meditação sentada. É um bom substituto para a meditação sentada quando as limitações físicas fazem de sentar-se algo não-prático ou quando os obstáculos que surgem fortemente enquanto se está sentado são mais maleáveis ou ausentes do que quando se está andando. Andar tende a ser a melhor opção depois de uma refeição, por exemplo, quando o embotamento mental tende a fazer de uma meditação sentada algo difícil.

Meditação andando complementa a meditação sentada ao requerer o cultivo da plena atenção ao movimento ao invés da plena atenção estando imóvel. Embora o meditador pratique com os olhos abertos, olhando para baixo, a consciência das formas e sons, juntamente com o ritmo da caminhada previne que o meditador se desconecte do mundo dos sentidos da mesma maneira que isso é possível durante a meditação sentada. Como resultado, é frequentemente mais difícil pacificar a mente enquanto andando. Mas uma vez que a mente se acalmou, a experiência de variar os dados vindos dos sentidos combinada com os movimentos regulares da postura é conducente para o desenvolvimento da sabedoria. Os pensamentos que surgem desse estado de calma se tornam *dhammavicaya*, a investigação do Dhamma.

Nos mosteiros de floresta tailandeses como Wat Pah Pong, cada cabana tem seu local para meditação andando, geralmente sendo de vinte a trinta passos de comprimento. Luang Pó recomendava andar em um passo mais ou menos normal, com o intuito de desenvolver um hábito de atenção que pudesse se integrar facilmente com a vida diária. As mãos deveriam ser mantidas sobrepostas uma à outra em frente ao abdômen, nunca nas costas (um estilo que é mais apropriado para um general inspecionando as suas tropas do que para um monge, dizia Luang Pó), e certamente não soltas e balançando ao lado. Além de ser algo considerado feio, andar sem juntar as mãos à frente era considerado muito relaxado para promover uma certa restrição interna; andar dessa maneira era muito similar a estar apenas perambulando vagarosamente para ser apropriado para meditação.

Luang Pó instruía que antes de começar uma sessão, os meditadores deviam ficar em pé e reverenciar ao Buda, ao Dhamma e à Sangha da maneira que lhes parecesse melhor e assim clarear a intenção para a sessão seguinte. Então eles deviam andar para frente e para trás ao longo do caminho, mantendo uma constante plena atenção e alerta conforme andavam. Um método pelo qual isso podia ser alcançado, Luang Pó sugeria, era o uso constante do mantra ‘Budô’, recitando mentalmente ‘Bu’ quando o pé direito toca o chão, e ‘dô’, quando o pé esquerdo toca o chão. Esse era o método básico para acalmar a mente.

Mantenha uma atenção contínua ao objeto. Se sua mente fica agitada ou se você fica cansado, então pare e acalme a mente, relaxe ao focar na respiração. Quando a mente tiver ficado suficientemente calma, então volte a meditar andando. Mantenha um constante estado de alerta. Estabeleça a atenção no início do caminho. Tenha ciência de tudo: do início do caminho, do meio do caminho, do final do caminho. Mantenha a atenção inquebrantável enquanto você anda. Às vezes, um sentimento de medo ou pânico podem surgir. Vá contra eles. São mutáveis. Não há nada para se apegar. Isso faz surgir sabedoria. Fazer surgir sabedoria não se refere ao conhecimento baseado na memória; significa conhecer a mente que pensa e percebe. Todos os pensamentos e percepções surgem em nossas mentes.

Bom ou mau, certo ou errado, apenas reconheça a presença deles, não lhes dê nenhuma significância inapropriada. Sofrimento é apenas sofrimento. Felicidade é apenas felicidade. É tudo uma fraude. Mantenha-se firme. Não vá correr atrás dessas coisas. Não busque a felicidade, não busque o sofrimento. Conheça eles. Conheça eles e então deixe-os ali. Sabedoria vai surgir. Continue indo contra a correnteza da mente.

Quando você se sentir suficientemente cansado, então pare e saia do caminho [de meditação andando] mas seja cuidadoso para manter a continuidade da plena atenção. Em pé, andando, sentado ou deitado, mantenha uma constante atenção. Esteja você andando até o vilarejo para a mendicância matinal, andando pelo

vilarejo para receber alimento, comendo o alimento ou o que quer que seja, esteja consciente o tempo todo em todas as posturas.

Luang Pó recomendava que meditadores não seguissem o primeiro pensamento ao final de uma sessão de meditação andando. Ele dizia que, depois de decidir sair do caminho de meditação andando, eles deviam seguir ali por pelo menos mais alguns minutos. Às vezes, a sensação de que havia chegado a hora de mudar de postura passaria por si só, e a meditação podia ser estendida. Caso contrário, e fosse realmente uma boa hora para parar, então se estaria reforçando um sábio hábito de não reagir imediatamente aos impulsos de uma mente que podia estar agindo motivada pelas impurezas.

Luang Pó ensinava que o esforço devia ser mantido desde o primeiro momento de consciência de manhã cedo até o último momento antes de dormir - em todas as posturas:

Quando você se deita, então deite-se sobre seu lado direito com o pé esquerdo repousando sobre o direito. Concentre-se em 'Bu-dô, Bu-dô' até que você adormeça. Isso é o que se chama deitar-se com plena atenção.

Em uma ocasião, ele disse que um praticante adepto poderia lembrar-se de se ele tinha adormecido durante uma inspiração ou uma expiração.

Fosse meditando enquanto andando, sentando, estando em pé ou deitando, a prática diária deveria ser restabelecida assim que fosse perdida. Meditadores deviam ser pacientes e perseverantes. Permitir que a mente se tornasse desencorajada ou irritada quando ela se recusava a ficar em seu objeto faria apenas aumentar o problema. Domar a mente era como domar um animal selvagem. Se você não desistisse, então mais cedo ou mais tarde o animal certamente desistiria. Em outro de seus símiles favoritos com animais, ele comparava a prática com arrebanhar um búfalo:

Sua mente é como um búfalo. Estados mentais são como plantas de arroz. O 'conhecer' é como o dono. O que você faz quando quer levar o búfalo para pastar? Você o deixa ir como ele quiser. Mas você fica de olho nele. Se ele vai perto das plantas de arroz, então você grita com ele. Quando o búfalo te ouve, ele se afasta. Mas você

não pode permitir que sua atenção vagueie. Se ele for teimoso e não te obedecer, então você deve pegar um galho e dar-lhe uma sova.

II. ESPINHOS E PONTAS

OBSTÁCULOS

Os obstáculos imediatos para o desenvolvimento de samādhi e sabedoria são um grupo de impurezas que o Buda chamou de *nīvaraṇa* ou obstáculos. Ele os descreveu como ‘anomalias na mente que atrofiam o insight’. São cinco:

1. Kāmacchanda – pensamentos sensuais.
2. Vyāpāda – má vontade.
3. Thīnamiddha – sonolência e torpor.
4. Uddhaccakukkucca – agitação, culpa, remorso.
5. Vicikicchā – dúvida e indecisão.

O Buda deixou clara a importância vital em lidar com os obstáculos como segue:

Sem haver ultrapassado esses cinco, é impossível para um monge cujo insight não tenha força e poder, saber o seu próprio e verdadeiro valor, o valor dos outros, e o valor de ambos; ou que ele será capaz de alcançar aquele estado humano superior de realização, uma verdadeira e nobre distinção em conhecimento e visão.

AN 5.51

Em outra passagem, o Buda comparou os obstáculos com os materiais mais básicos que afetavam a pureza do ouro:

Uma vez que o ouro tenha se livrado de suas impurezas, então ele se torna maleável e trabalhável e pode ser manufaturado em quaisquer outros ornamentos que se deseje. De forma similar, a mente livre dos

cinco obstáculos será maleável e trabalhável, terá radiante lucidez e firmeza, e se concentrará muito bem para a erradicação das impurezas. Para qualquer estado perceptível pelas mais altas faculdades mentais que alguém possa direcionar a sua mente, ele vai, em cada caso, adquirir uma capacidade de realização, caso as outras condições estejam presentes.

AN 5.23

O método básico para lidar com os obstáculos é o cultivo de um equilíbrio plenamente atento e esforçado combinado com uma atitude positiva quanto ao objeto de meditação, ao nível de que os obstáculos que ainda não tenham surgido não venham a surgir em primeiro lugar. Quando isso não for possível, e tendo percebido que estão presos em algum obstáculo, meditadores eram ensinados a abandoná-lo sem arrependimento e voltarem pacientemente ao objeto de meditação. Ao invés de reestabelecer imediatamente a atenção na respiração, Luang Pó ensinou que, naquele momento em que se reconhece o obstáculo pelo que ele era e deixando que ele partisse, os meditadores deveriam também reconhecer a distração como ‘*mai né*’: mutável, impermanente e instável. Ao fazer isso, eles introduziam um elemento de sabedoria na meditação que iria gradualmente florescer conforme sua habilidade em meditação crescesse.

Quando alguma coisa surge na mente - não importa se é algo que você gosta ou não gosta, algo que você pense que é certo ou pense que é errado - corte-a imediatamente relembrando a si mesmo, ‘Isso é mutável’. Não importa o que seja, apenas dê um corte nela, ‘mutável, mutável’. Use apenas esse machado para cortar os estados mentais. Tudo está sujeito à mudança. Onde você pode encontrar algo real e sólido? Se você vê essa instabilidade, então o valor de tudo diminui. Estados mentais são todos sem valor. Por que você vai querer coisas sem valor?

Para aqueles lutando contra os obstáculos e que estejam sentindo-se desencorajados com sua falta de sucesso, ele dava o seguinte encorajamento:

Mesmo que sua mente não encontre nenhuma paz, apenas se sentando de pernas cruzadas e empreendendo esforço já é uma coisa boa. Essa é a verdade. Você pode comparar isso a estar com fome e não ter nada para comer a não ser arroz puro. Você não

tem nada para comer com o arroz e fica chateado. O que eu quero dizer é que, é bom que você tenha arroz para comer. Arroz puro é melhor do que nada, não é? Se arroz puro é tudo o que você tem, então coma. Com a prática é a mesma coisa: mesmo que você experiencie apenas um pouco de calma, já é algo bom.

Se o simples expediente de voltar pacientemente ao objeto de meditação de maneira repetida não estivesse funcionando, então antídotos específicos deviam ser empregados. Havia muito para ser aprendido na busca para transcender os obstáculos. Luang Pó sugeria vê-los como professores ou testes de sabedoria ao invés de inimigos.

DESEJO SENSUAL [SENSORIAL]

O primeiro obstáculo ocorre pela indulgência em pensamentos ligados ao mundo sensual. O meditador que ainda não consegue encontrar satisfação na meditação tende a buscar prazer ao voltar-se para o mundo dos sentidos. A expressão mais poderosa desse obstáculo está nos desejos sexuais e fantasias, mas também inclui ter prazer em lembranças ou imaginações relacionadas com qualquer outro aspecto do mundo sensual que o meditador sinta que o atraia - comida, música, filmes, esportes, política - qualquer assunto possível que se possa sentir como sendo prazeroso por aquele que se apegue a ele.

Ao lidar com esse obstáculo, Luang Pó enfatizava a proteção da restrição dos sentidos. Comer pouco, dormir pouco e falar pouco eram princípios chave para a Sangha em Wat Pah Pong. A mente devia ser ensinada a evitar prender-se à aparência geral ou à características particulares de qualquer objeto dos sentidos. Não era possível simplesmente desligar um hábito de indulgência em prazeres sensoriais durante o período de duração de uma sessão de meditação. Também deveria haver um constante esforço em controlar tais desejos na vida diária.

Como a condição chave desse obstáculo é o permanecimento não sábio nos aspectos atrativos de uma experiência sensual, o antídoto específico está em substituí-los por uma reflexão sábia sobre os aspectos não atrativos. Sendo o desejo sexual a mais potente e prejudicial expressão desse obstáculo, esse é um dos remédios específicos mais aplicados.

Visualize o corpo como um cadáver em processo de decomposição ou pense nas partes do corpo como pulmões, baço, gordura, fezes e daí em diante. Relembre delas e visualize esse aspecto repugnante do corpo quando a luxúria aparece. Isso vai libertá-lo da luxúria.

Se você olha para o corpo humano e gosta do que vê, então pergunte a si mesmo o 'por que'. Investigue isso. Veja os cabelos, pelos, unhas, dentes e pele. O Buda nos ensinou a martelar na reflexão dessas coisas. Diferencie uma a uma, separe-as do corpo, visualize-se ateando fogo a elas ou retirando a pele. Faça isso até que você se torne fluente.

Contemplação do corpo já foi referida como um objeto de meditação por seu próprio valor, e como um exercício preliminar precedendo a plena atenção à respiração. Aqui ela é empregada como uma forma de trazer a mente de volta ao caminho do meio quando ela se desviou para o reino dos sentidos. Uma vez que o obstáculo tenha sido abandonado, meditadores podem então retornar ao foco em seu objeto de meditação original.

MÁ VONTADE

Má vontade é condicionada por desejos não satisfeitos. Sua ocorrência durante a meditação é frequentemente baseada em uma obsessão que se tem quanto à pessoas ou coisas que não estejam acontecendo conforme preferiríamos. A mente escolhe uma percepção ou lembrança que cause chateação e se aninha nela. No livro *Notas de uma Sessão de Perguntas e Respostas* de Jack Kornfield, se solicita de Luang Pó alguma recomendação sobre como lidar com esse obstáculo:

“E quanto a raiva? O que eu devo fazer quando eu sinto que a raiva está surgindo?”

Você deve usar a bondade amorosa. Quando estados mentais de raiva surgem na meditação, desenvolva sentimentos de bondade amorosa para equilibrá-los. Se alguém faz algo errado ou fica irritado, não fique você irritado. Se você se irrita, você está sendo mais ignorante do que eles. Seja sábio. Mantenha a compaixão na mente, pois aquela pessoa está sofrendo. Preencha a sua mente com bondade amorosa como se ela fosse um irmão querido. Se

concentre no sentimento de bondade amorosa como objeto de meditação. Espalhe-o para todos os seres do mundo. Apenas através da bondade amorosa que a raiva é vencida.

Às vezes você pode ver monges se comportando mal. Você pode ficar irritado. Esse sofrimento é desnecessário. Você pode pensar assim, 'ele não é tão circunspecto quanto eu. Eles não são meditadores tão sérios quanto nós somos. Esses monges não são bons monges.' Isso é uma grande impureza de sua parte. Não faça comparações. Não discrimine. Abra mão de suas opiniões e observe a sua mente. Esse é o nosso Dhamma. Você não pode fazer todo mundo agir como você quer ou ser como você. Esse desejo apenas te fará sofrer. É um erro comum para meditadores, mas observar as outras pessoas não desenvolverá a sabedoria. Simplesmente examine a si mesmo, os seus sentimentos. É assim que você vai entender.

Embora tenha sentido para meditadores que eles busquem o ambiente mais propício para a prática de meditação, quase sempre tem uma coisa ou outra na mente que, se ela quiser, pode aferrá-la à aversão. Quando meditadores reclamavam das condições externas que os incomodavam, Luang Pó respondia que o problema não estava nas condições. Condições estavam apenas fazendo o que condições sempre fizeram e sempre farão: surgir e desaparecer. O problema apareceu, ele dizia, porque o meditador estava perturbando à condição. Em outras palavras, era a aversão do meditador à condição, ao invés da condição por si mesma, que era o verdadeiro obstáculo na meditação.

Frequentemente o obstáculo da má vontade ocorre com o meditador por uma insatisfação ou frustração quanto à prática. Meditadores podem ficar irritados por sua inabilidade em progredir tão rápido quanto eles esperavam, irritados com problemas específicos que surgissem, ressentidos devido à dor física que faz com que seja difícil de se manterem focados. Eles se estabelecem repetidamente nas coisas que eles não gostam até que um profundo buraco é cavado, no qual a mente se joga repetidamente. A própria meditação pode se tornar um objeto de aversão. Uma experiência assustadora ou fortes sensações de dor enquanto sentado podem fazer com que a mente resista em seguir com a prática. Nesse estágio, meditadores

procuram preencher o seu tempo com qualquer atividade, exceto a meditação. Quando afetados por esse obstáculo, Luang Pó encorajava aos seus discípulos para seguirem voltando ao princípio básico encrustado nas Quatro Nobres Verdades: o sofrimento surge do desejo. Nesse caso, a raiz do problema está no desejo de não ter, de não ser, de não experienciar: a mente de “eu não quero isso”.

Sua mente está caótica por causa do desejo. Você não quer pensar, você não quer que nada esteja passando em sua mente. Esse ‘não querer’ é o desejo chamado ‘*vibhavatanhā*’. Quanto mais você deseja não pensar, mais você encoraja os pensamentos. Você não quer que a mente pense, então por que esses pensamentos vem? Você não quer que isso seja dessa forma, então por que é? Exatamente! Você quer que algo seja de tal forma porque você não entende a sua mente.

Enquanto Luang Pó enfatizava esse entendimento do desejo como um antídoto para o obstáculo, os Suttas recomendam a meditação sobre a bondade amorosa. Por seu desenvolvimento sistemático, pensamentos de bondade e benevolência são capazes de substituir pensamentos de raiva e ressentimento. De forma interessante, essa meditação não era uma que Luang Pó encorajaria fortemente aos seus discípulos monásticos. Ele considerava que era uma prática arriscada para um monge ou monja celibatários, pois a pura emoção da bondade amorosa poderia facilmente se transformar em sentimentos mais sensuais. Mais um fator, religiosos que praticassem a meditação de bondade amorosa de forma diligente frequentemente se tornavam muito atrativos para o sexo oposto, o que também podia sabotar a sua vocação monástica.

SONOLÊNCIA E TORPOR

O terceiro dos obstáculos, a sonolência e o torpor, ocorre mais facilmente quando a mente está habituada a um alto nível de estímulos. Nesses casos, focar em um objeto único e não excitante, tal como a respiração, tende a induzir sensações de tédio seguidas por marasmo. Isso pode levar os meditadores a perderem totalmente a atenção, sentando com a cabeça balançando para cima e para baixo ou caída junto ao peito. Esse obstáculo também aflige meditadores que indulgenciam na sensação de relaxamento

que ocorre com a eliminação da agitação mental mais grosseira. Em suas formas mais sutis, o obstáculo pode se manifestar como um estado mental que é calmo, mas é duro e não trabalhável. Em uma ocasião, o Buda comparou a mente tomada pela sonolência e pelo torpor com um prisioneiro em uma caverna escura e sufocante e, em outra oportunidade, os assemelhava à água fresca obstruída por plantas aquáticas.

Para os religiosos em Wat Pah Pong, a forma de vida simples e repetitiva, livre das formas mais grosseiras de estímulos, reduzia a possibilidade de que suas mentes reagissem contra a disciplina requerida pela meditação formal. As recordações regulares de Luang Pó para manterem a plena atenção e a restrição dos sentidos em todas as posturas visava então a redução do espaço entre a atenção do meditador em períodos de meditação formal e a vida diária. Monges eram encorajados a observarem os fatores que incrementavam ou que enfraqueciam a sua tendência à preguiça e ao marasmo mental. A ingestão de comida era uma variável óbvia.

Se você se percebe sonolento todos os dias, tente comer menos. Examine a si mesmo. Assim que cinco colheres a mais vão deixá-lo satisfeito, pare. Então tome água até que você esteja plenamente cheio. Observe a sua sonolência e a sua fome. Você deve aprender a equilibrar a sua alimentação. Conforme sua prática segue, você vai naturalmente se sentir com mais energia e vai comer menos. Mas você precisa ajustar a si mesmo.

Luang Pó deu vários encorajamentos que visavam inspirar seus discípulos ao desejo saudável de lutar para se libertarem das impurezas e a realizarem a libertação interna. Ter esse desejo saudável em mente (*Dhamma chanda*) era o que tinha o papel maior em estar em guarda contra o obstáculo da sonolência e do torpor. Sem cultivar essa forte aspiração de penetrar as Quatro Nobres Verdades, meditadores que estivessem passando por períodos de confusão emocional ou fortes obstáculos poderiam perceber suas mentes se retirando para o marasmo durante a meditação como uma forma de anestesiá-la dor mental.

As práticas semanais de meditar por toda a noite eram oportunidades para monges em Wat Pah Pong de ficarem cara a cara com a sonolência e sem ter nenhuma chance a não ser encontrar uma forma de vencê-la. Emergindo

de um período de sonolência depois de uma forte recusa a se deixar levar por ela podia ser uma experiência empoderadora e extasiante. A paciência acumulada por uma prática regular de trabalhar contra a sonolência não era um benefício imediatamente óbvio, mas muitos monges reconheceram que depois de um período de meses ou anos, ela se mostrava cada vez mais evidente.

No entanto, quando quer que os monges estivessem forçando a si mesmos fisicamente - durante projetos de construção no mosteiro, por exemplo - e particularmente em períodos de clima quente e úmido, a sonolência e o torpor ainda poderiam ser um grande obstáculo. Luang Pó dava várias dicas práticas:

Existem muitas formas de vencer a sonolência. Se você estiver sentado no escuro, mova-se para um local iluminado. Abra seus olhos. Levante-se e lave o rosto ou tome uma chuveirada. Se você está sonolento, mude as posturas. Ande muito. Ande para trás - o medo de pisar em quaisquer coisas vai mantê-lo acordado. Se isso falhar, fique parado de pé, clareie a mente e imagine que está em plena luz do dia. Ou sente na beira de um alto penhasco ou de um poço profundo. Você não ousará dormir! Se nada funcionar, então apenas vá dormir. Deite-se cuidadosamente e tente estar atento até o momento em que cair no sono. Então quando você acordar, levante-se imediatamente. Não olhe para o relógio ou role para o lado. Comece a praticar a plena atenção desde a hora que despertar.

Continuidade na prática era essencial. Se os meditadores permitissem que a sonolência e o torpor disfarçados de preguiça e relutância os puxassem para trás, eles estariam perdidos. Eles tinham que desenvolver um esforço constante e impermeável para atravessar os estados de ânimo.

Quanto você se sente diligente, pratique. Quando você se sente preguiçoso, pratique.

AGITAÇÃO E PREOCUPAÇÃO

O quarto obstáculo consiste de dois tipos de barulho mental. O primeiro é a agitação - um estado de inquietação da mente; o segundo, preocupação

ou pensamentos de culpa sobre o passado. Basta a mente ser solicitada a manter a atenção em um objeto e toda a extensão de hábitos de inquietação se revela. A louca agitação da mente é o que proporciona a primeira grande frustração a ser experienciada pelo novo meditador. Assim como os outros obstáculos, o remédio padrão é o de pacientemente trazer a mente de volta ao objeto de maneira repetida até que a mente esteja domada. Mas quando a mente está agitada, tentar restringi-la pode vir a ser uma tarefa mais cansativa do que gratificante. Luang Pó precavia aos meditadores a serem cautelosos para não caírem na armadilha de ‘vibhavataṇhā’, o desejo por se livrar de alguma coisa. Ao invés de dar o ímpeto para libertar a mente do obstáculo, esse tipo de desejo apenas faz a coisa piorar. Um meditador confuso lhe perguntou:

“Então quando ela começa a atirar para todos lados, eu deveria apenas ficar observando-a?”

Quando ela começa a atirar para todos os lados, então é bem ali. Você não a segue, mas você está atento a ela. Para onde ela pode ir? Ela está enjaulada. Ela não pode ir para lugar nenhum. O seu problema é que você não quer nada passando na sua mente. Luang Pu Man chamava esse estado de ‘samādhi toco de árvore’. Se sua mente está atirando para todos os lados, perceba que ela está fazendo isso. Se ela está imóvel, perceba isso. O que mais você precisa? Você precisa apenas medir o movimento ou a falta de movimento. Se hoje a mente está pacífica, então veja isso como uma base para a sabedoria. Mas as pessoas gostam da paz, ela as faz felizes. Elas dizem, ‘hoje eu tive uma prática maravilhosa, tão pacífica.’ Ali! Se você pensa dessa maneira, então no dia seguinte vai ser desesperador, sua mente vai ser uma balbúrdia. E então vai ser, ‘Oh! Hoje minha prática foi terrível.’

Definitivamente, bom e ruim tem o mesmo valor. Coisas boas são impermanentes; coisas ruins são impermanentes. Por que dar tanta significância para elas? Se a mente está agitada, então a observe. Se está pacífica, então a observe. Dessa maneira, você permite que a sabedoria surja. Agitação é uma expressão natural da mente. Apenas não se agarre a isso.

Um macaco não pode ficar parado, pode? Suponha que você vê um macaco e começa a se sentir desconfortável porque ele não para quieto. Você começa a pensar em quando será que ele vai parar de se mexer. Você quer que ele pare quieto para que assim você se sinta em paz. Mas é assim que os macacos são. Um macaco de Bangkok, um macaco de Ubon - macacos são os mesmos em todos os lugares. É a natureza do macaco se mover por aí, e perceber isso é o fim do problema. Se você vai continuar sofrendo porque o macaco não para quieto, então você está se adiantando a caminho da cova. Você vai ser mais macaco do que o próprio macaco é.

DÚVIDA E INDECISÃO

O último dos obstáculos, a dúvida cética, é o mais insidioso e atroz membro do grupo. Ele é caracterizado pela indecisão e pela hesitação para seguir em frente em seu comprometimento. O obstáculo ocorre quando meditadores possuem informações suficientes sobre os ensinamentos ou sobre as técnicas que os fazem passar pelos estágios iniciais da prática, mas eles ficam paralisados por uma necessidade de certeza sobre a efetividade do método, do professor, dos ensinamentos ou de sua própria capacidade de progredir, antes de fazer o esforço e a renúncia necessários para verificar isso.

Nem todas as dúvidas são obstáculos para a prática de meditação. Ao contrário, algumas dúvidas são tidas como sendo sinais de inteligência. Falando com os Kālāmas, o Buda disse, 'Isso é bom. Vocês estão duvidando de coisas que são dignas de se duvidar.' As dúvidas daqueles que reconhecem que lhes faltam informações necessárias ou um critério claro para fazer uma boa escolha não são consideradas como sendo impurezas da mente. O obstáculo nasce de um desejo por garantias que não podem ser fornecidas. O símile do Buda para ilustrar esse obstáculo é o de um viajante perdido em um local desolado, cujo medo de possíveis perigos no caminho para um lugar seguro pesam mais do que seu desejo por chegar ao local seguro.

Nos primeiros anos de Wat Pah Pong, a maioria dos religiosos e apoiadores leigos tinham recebido apenas os rudimentos de uma educação formal e tinham uma forte confiança em Luang Pó. Eles não ponderavam muito

sobre os ensinamentos. Suas dúvidas principais seriam centralizadas em se eles queriam ou não queriam permanecerem como monges. Em anos mais tarde, com mais pessoas da cidade vindo ao mosteiro e um crescente número de discípulos ocidentais, ‘pensar demais’ se tornou um assunto maior no mosteiro. Dúvidas sobre o professor, o ensinamento, a habilidade do estudante em praticar os ensinamentos do professor se multiplicavam. A resposta de Luang Pó para os ‘duvidadores crônicos’ era sempre de apontar que:

Seus dúvidas nunca acabarão por causa das palavras de outra pessoa. Dúvidas chegam ao fim através de nossas próprias ações.

Ter uma confiança inquestionável nas palavras de uma figura de autoridade pode suprimir as dúvidas até um certo nível, mas é uma estratégia que nunca poderá alcançar uma total segurança quanto a elas. Luang Pó ensinava que a única forma de ir além das dúvidas era através do insight da natureza delas como sendo estados mentais condicionados e impermanentes. Em uma ocasião, ele explicou por que ele não concedia entrevistas diárias para os monges como é a prática em vários centros de meditação:

Se eu te responder a cada pequena pergunta, você nunca vai entender o processo da dúvida em sua mente. É essencial que você aprenda a examinar por você mesmo. Ouça atentamente a palestra do Dhamma a cada poucos dias, então use o ensinamento para compará-lo com sua própria prática. É o mesmo? É diferente? Por que você tem dúvidas? Quem é esse que duvida? Apenas através de examinar a si mesmo que você vai entender.



Se você duvida de tudo, então você vai ficar totalmente desanimado. Você não vai querer comer e não vai conseguir dormir, passando todo o seu tempo correndo atrás desse ponto de vista ou daquele. O que você deve manter em mente é que sua mente é uma mentirosa ... Estados mentais são apenas o que eles são; eles não duram. Não vá atrás deles. Apenas os conheça com equanimidade. Assim que uma dúvida passa e uma nova surge em seu lugar, esteja ciente dela pelo que ela é também. Então você ficará em paz. Se

you sai correndo atrás de suas dúvidas, então você não apenas vai ser infeliz, mas as dúvidas vão aumentar.

Ao alcançar um certo ponto em suas práticas, alguns meditadores vão começar a imaginar sobre a identidade dos estados que eles estejam experienciando em sua meditação. Luang Pó dizia que eles não estavam em uma rodovia; não havia placas de trânsito na mente. Em outra ocasião ele disse que realmente não importava se você não soubesse o nome de uma fruta se você estivesse ciente de sua doçura e fragrância:

Meditação é a mesma coisa. Não é necessário saber como as coisas chamam. Se você sabe o nome da fruta, isso não faz dela mais doce. Então esteja ciente das condições causais relevantes daquele estado. Mas se você não sabe o nome, isso não importa. Você sabe o sabor ... Se alguém te diz o nome, então tome nota dele; mas se não disserem, não há motivo para ficar aborrecido.

Luang Pó uma vez tranquilizou um discípulo ocidental:

Duvidar é algo natural. Todo mundo começa com dúvidas. Você pode aprender muito com elas. O que é importante é que você não se identifique com as suas dúvidas: isto é, não fique atado por elas. Isso vai fazer sua mente girar em círculos infinitos. Ao invés disso, observe todo o processo de estar duvidando, estar imaginando. Veja quem é que duvida. Veja como as dúvidas vem e vão. Então você não vai mais ser vitimizado por suas dúvidas. Você dará um passo para longe delas, e sua mente se aquietará. Você pode ver como as coisas vem e vão. Apenas abra mão do que você está apegado. Abra mão de suas dúvidas e apenas observe. É assim que se terminam as dúvidas.

III. CAMINHOS E MEIOS

MEIOS HÁBEIS

Os obstáculos não aparecem na mente como um resultado da meditação; ao contrário, é a meditação que revela obstáculos que já estejam latentes dentro da mente, mas que são difíceis de serem isolados e de que se

possa lidar com eles efetivamente na vida diária. Meditação deveria ser comparada a colocar a mente em um microscópio com o intuito de ver os vírus danosos, invisíveis a olho nu, que estejam ameaçando a saúde. Luang Pó lembrava aos seus discípulos que encontrar os obstáculos na meditação não deveria ser uma fonte de desencorajamento. Ao lidar com os obstáculos, meditadores estavam conhecendo como a mente trabalhava e como lidar com ela de maneira mais efetiva.

Ele dizia que meditadores deveriam observar e revisar constantemente o que tinha funcionado em sua meditação e o que não tinha funcionado. Eles deviam tratar as suas mentes como os pais tratam os filhos: expressando encorajamento e um reconhecimento comedido quando eles faziam algo bom; sendo consistentemente firmes e justos quando eles precisam de uma advertência. Uma mente destreinada era como uma criança cheia de vontades, que seguia seus humores e frequentemente acabava por fazer travessuras. O meditador não deveria asfixiar a mente com uma atenção exageradamente próxima, mas manter constantemente os olhos nela para onde quer que ela fosse, e preveni-la de cair em perigos. Aprender com os erros e ser criativo em encontrar meios de lidar com problemas que surgiam na meditação eram coisas boas. Ao mesmo tempo, um cuidado deveria ser tomado para não desenvolver tantas formas habilidosas que a simplicidade essencial da prática fosse esquecida e isso fizesse mais mal do que bem.

DOR FÍSICA

Às vezes você pode ter uma suadeira. Gotas enormes, do tamanho de grãos de milho, rolando pelo seu peito. Mas uma vez que você atravessou a sensação de dor uma vez, então você saberá tudo sobre ela. Siga trabalhando nisso. Não se force muito, mas mantenha-se praticando constantemente.

Desconforto físico surgindo durante a meditação sentado pode variar de uma dor discreta à câibras, à dor agonizante. Como o desconforto é dependente da escolha da postura por parte do meditador, ele ou ela tem o poder de terminar com o desconforto ao mover-se. A pergunta surge como sendo se o meditador, sentindo dor, deve mudar a postura, e se sim,

em que ponto. A sugestão mais comum de Luang Pó era que meditadores não deveriam se mover de uma forma reativa, que tivesse surgido do medo ou da ansiedade. Primeiramente, eles deveriam tentar trazer a atenção da dor de volta para o objeto de meditação repetidamente. Caso isso ficasse impossível, os meditadores deveriam tomar a própria dor física como objeto de meditação. No caso de que a plena atenção ainda não estivesse forte o suficiente para lidar com a dor, então o meditador deveria mudar a postura. Luang Pó prevenia aos seus discípulos adeptos a levarem sua diligência ao limite que se assegurassem de que seu entusiasmo estivesse sempre regido por sabedoria. Ter muita resistência deliberada quanto à dor física na meditação por parte de um iniciante poderia gradualmente levar à um senso de monotonia, à aversão, ou em casos extremos, à uma visita ao médico.

Em algumas ocasiões, Luang Pó instigava os seus discípulos a perseverar através do túnel escuro das sensações dolorosas e sair do outro lado. Meditadores que conseguem aguentar a dor ao ponto em que ela alcança um ápice e então se dissolve, experienciam um grande êxtase e entram em um profundo estado de calma. Tendo ‘ido além’ da sensação de dor dessa forma, o medo que o meditador tenha da dor e em seguida, da morte é geralmente bastante diminuído. Ainda mais importante, a separação natural da sensação de dor física e a ciência disso fornecem uma profunda compreensão da impersonalidade das sensações. A realização de que aquilo que era assumido como dor física é, de fato, uma instintiva reação emocional à dor, e que ela pode ser libertada através da plena atenção, pode ser o terreno para um significativo avanço na prática.

A ABORDAGEM CORRETA

Em sua mais elevada forma, *paññā* se manifesta como o penetrante insight sobre ‘como as coisas são’, que elimina as impurezas que geram o sofrimento e constitui na culminação do caminho do Buda para a libertação. Mas o mesmo treinamento que alcança essa consumação através da sabedoria também começa com sabedoria. No seu estágio inicial, ela é referida como Visão Correta Mundana. Sua característica mais importante é a convicção sobre a lei do kamma e a capacidade humana para libertação através da prática do Caminho Óctuplo.

Luang Pó devotava uma grande porção de tempo a corrigir os pontos de vista mal guiados e falsas suposições que podiam tirar os meditadores do eixo. Sempre que podia, ele buscava esclarecer os princípios da Visão Correta, que ele chamava de ‘o local fresco onde todo o calor e agitação cessam’.

Uma visão incorreta persistente envolvia a crença de que o processo causal que levava à libertação poderia ser contornado por meio de uma certa técnica ou meios hábeis. A insistência de Luang Pó em *khanti*, ou paciência, como a virtude fundamental na prática do caminho do Buda significava que ele desencorajava prontamente as pessoas impacientes por resultados. Quando um meditador leigo lhe perguntou se havia algum atalho, ele respondeu:

Se é isso o que você quer, você pode esquecer também todo o resto.

Em outra ocasião, ele disse:

Se as causas são insuficientes, os resultados falharão em aparecer. É natural. Para a libertação acontecer você deve ser paciente. Paciência é o princípio líder na prática.

Falando com um grupo de meditadores leigos, ele disse:

Meditar com o intuito de alcançar a calma lucidez não é a mesma coisa que apertar um interruptor esperando que tudo imediatamente seja tomado pela luz. Colocar esforço contínuo na meditação é como escrever uma sentença: você não pode omitir nenhuma palavra ou frase sequer. Todos os dhammas surgem de causas; resultados apenas cessarão quando as suas causas cessarem.

Você deve seguir fazendo isso continuamente, praticando continuamente. Você não vai alcançar ou ver nada em um ou dois dias ... Você deve tentar empreender um esforço constante. Você não pode compreender isso pelas palavras de outras pessoas. Você deve descobrir isso por si mesmo. Não é o quanto você medita - você pode meditar apenas um pouco - mas o faça todos os dias. E também pratique meditação andando todos os dias. Independente de se você medita muito ou pouco, medite todos os dias. Seja

moderado com o que fala e observe a sua mente o tempo todo. Siga refutando a percepção da permanência em qualquer coisa que surja em sua mente, seja algo prazeroso ou doloroso. Nada dura; tudo é enganador.

De que jeito não seria difícil treinar a mente, ele diria, quando as pessoas negligenciaram fazer isso durante toda a vida até aquele momento, e provavelmente várias vidas anteriores? O exército do Dhamma ainda era muito menor do que o exército das impurezas. Levaria tempo para fazer da batalha um pouco mais equilibrada.

Ao invés de ficar continuamente esperando pelo objetivo desejado, como uma criança em um carro perguntando o tempo todo quanto falta para chegar no destino, meditadores eram encorajados a prosseguir continuamente através do caminho escolhido com atenção à qualidade do esforço que eles estavam fazendo momento a momento. Meditadores deviam ter confiança de que, quando as causas estivessem maduras, os resultados inevitavelmente apareceriam.

O Buda nos ensinou a caminhar adiante, não muito devagar e nem muito rápido, mas para fazer a mente ‘na medida certa’. Não há necessidade nenhuma de ficar ansioso com isso. Se você ficar, então você deveria refletir que a prática é como plantar uma árvore. Você faz um buraco na terra e coloca a árvore ali. Depois disso, é seu trabalho preencher o buraco com terra, colocar fertilizante nela, regar a árvore e protegê-la contra as pragas. Essa é a sua tarefa; é o que donos de pomares devem fazer. Mas se a árvore cresce rápido ou devagar é algo que depende dela; não tem nada a ver com você. Se você não sabe os limites de suas próprias responsabilidades, você vai acabar tentando fazer o trabalho que é da árvore, e você vai sofrer. Tudo o que você tem que fazer é cuidar do fertilizante, de regar e de manter os insetos afastados. A velocidade do crescimento da árvore é problema da árvore. Se você sabe o que é a sua responsabilidade e o que não é, então sua meditação será suave e relaxada, não será estressada e irritante.

Quando a sua prática sentado é calma, então observe essa calma. Quando não for calma, observe isso também ... Se existe calma,

existe calma; se não existe, não existe. Você não deve se deixar sofrer caso sua mente não esteja calma. É um erro se deleitar quando a mente está calma, ou se entristecer quando não está. Você se deixaria sofrer por uma árvore? Se deixaria sofrer pelo brilho do sol ou pela chuva? As coisas são o que são e se você entende isso, então sua meditação vai correr bem. Então siga viajando pelo caminho, siga praticando, siga realizando suas tarefas e meditando nas horas apropriadas. E quanto ao que você tira disso, o que você alcance, que calma você consiga ter, isso vai depender da potência da virtude que você tiver acumulado. Assim como o dono do pomar que sabe a extensão de suas responsabilidades para com as suas árvores fica tranquilo e de bom humor, da mesma forma quando o praticante entende as suas responsabilidades em sua prática, então ‘a medida certa’ se estabelece naturalmente.

Enquanto Luang Pó via o quão importante era para seus discípulos adquirirem uma fundação firme de conhecimento sobre os ensinamentos do Buda, ele também advertia contra o efeito prejudicial de estudar demais ou de forma não sábia:

Existem professores versados que escrevem sobre primeira absorção (*jhāna*), segunda absorção, terceira absorção, quarta absorção e daí em diante, mas se a mente chega ao estado de calma lucidez, ela não está ciente de nada disso. Tudo o que ela sabe é que o que ela está experienciando não é o mesmo que está nos livros. Se um estudante das escrituras se aferra a esse seu conhecimento, quando ele entra em estados de calma lucidez e gosta de seguir notando, ‘O que é isso? Será que já é a primeira absorção?’, sua mente simplesmente sairá do estado de calma, e ele não vai ganhar nada com isso. Por que? Porque ele quer algo. No momento em que há desejo de realizar alguma coisa, a mente se retira da calma lucidez.

É por isso que vocês devem jogar fora todos os seus pensamentos e dúvidas e tomar apenas o seu corpo, sua fala e sua mente para a prática. Olhem internamente para os estados mentais, mas não levem as escrituras consigo para lá - não é o lugar para elas. Se você insiste nisso, então tudo irá pelo ralo, pois nada que esteja nos

livros é igual ao que é na experiência. É precisamente por causa desse apego ao conhecimento vindo dos livros que as pessoas que estudam muito, que sabem muito, tendem a ser mal sucedidas na meditação.

SEM IDEIAS DE GANHO

Meditadores eram constantemente recordados de que haviam embarcado em uma prática de renúncia e de abrir mão. Buscar visões ou poderes psíquicos através da meditação era perder completamente o ponto. Se um desejo de ganhar ou alcançar algo se enraizasse na mente de um meditador, então ele teria entrado em um caminho sem uma resolução definitiva. O desejo de realizar alguma experiência especial poderia levar para novos e elevados reinos de existência, mas não para a libertação. Buscar renascer em refinados estados de consciência era como um pássaro voando por vontade própria direto para uma gaiola dourada. No início da prática, o melhor lema era ser tranquilo, consistente e paciente. Ideias não sábias de ganho nesse estágio poderiam levar os meditadores a desistirem de tudo.

Às vezes na prática de meditação, pessoas fazem determinações que são muito extremas. Elas acendem incensos, se prostram e fazem um voto, ‘enquanto esse incenso não tenha terminado, então eu não vou me mover de minha postura sentada sob quaisquer circunstâncias. Mesmo que eu fique inconsciente ou morra, o que quer que aconteça, eu morrerei bem aqui.’ Assim que elas fizeram a declaração solene, elas começam a meditar e então, dentro de poucos instantes, os *māras** as atacam por todos os lados. Elas abrem os olhos para dar uma olhada no incenso, ‘Oh não! Ainda tem um monte para queimar.’ Elas rangem os dentes e começam de novo.

Suas mentes estão quentes, aborrecidas e agitadas. Eles estão no limite de seus ânimos. Eles acham que já foi o suficiente, e olham novamente para o incenso: certamente deve estar chegando ao final. ‘Oh não. Nem na metade!’ Isso acontece três ou quatro

*Seres malevolentes. Aqui o termo é usado figurativamente para se referir às impurezas.

vezes, e então eles desistem. Eles se sentam e se culpam por serem incompetentes ‘Oh, por que eu sou tão idiota, isso é tão humilhante’, e por aí vai. Eles se sentam ali sofrendo sobre não serem sinceros e sobre serem maus - todo tipo de coisas - até que suas mentes estejam uma completa bagunça, e então surgem os obstáculos. Se esse tipo de esforço não leva à má vontade quanto aos outros, ele leva à má vontade para consigo mesmo. Por que? Por causa do desejo. Na verdade, você não deve tomar decisões tão longe assim. Você não deve tomar uma resolução para amarrar a si mesmo dessa forma. Apenas faça a resolução de abrir mão.

Progresso em meditação é, em grande parte, incremental - como o aumento gradual da umidade no casaco de alguém que caminha sob uma forte neblina, como um mestre japonês colocou, ao invés do óbvio encharcamento debaixo de chuva. Mas também pode haver períodos de grande intensidade. Nessas horas, um desejo por uma validação clara de seus esforços leva vários meditadores a darem uma importância exagerada para experiências meditativas incomuns que ocorram. Os sentimentos intensos de êxtase que frequentemente acompanham essas experiências parecem confirmar sua significância. A insistência de Luang Pó de que todas as experiências tem o mesmo valor no final, sendo igualmente sujeitas a causarem sofrimento para aquele que se deleita nelas, era difícil de ser aceita por meditadores ansiosos por acreditarem que todo o trabalho que eles tinham feito estava finalmente gerando frutos. Se eles experienciassem uma mudança notável em sua prática, isso podia facilmente levar a novas formas de presunção.

Não empine o nariz por causa de sua prática. Não supervalorize as suas experiências. Deixe as coisas seguirem seu fluxo pacificamente. Não seja ambicioso. Não é necessário desejar conseguir ou se tornar qualquer coisa.

Em uma ocasião, um monge veio perguntar a Luang Pó por que, a despeito dele estar colocando um grande esforço em sua meditação, ele ainda não tinha visto luzes e cores que outros diziam ver, Luang Pó respondeu:

Ver luzes? Pra quê você quer ver luz? Que bem você acha que isso faria para você? Se você quer ver luz, vá ver uma lâmpada fluorescente. É assim que a luz se parece.

Depois que os risos acabaram, ele continuou:

A maioria dos meditadores é assim. Eles querem ver luzes e cores. Eles querem ver divindades, reinos celestiais e infernos, todo esse tipo de coisas. Não se deixe levar por essas coisas.

APENAS A POSTURA MUDA

Um tema recorrente nas instruções de meditação de Luang Pó era a necessidade de criar um fluxo de plena atenção e estado de alerta independente da postura. Essa era a única forma para que o impulso necessário para atravessar os obstáculos pudesse ser mantido.

Meditação não está amarrada a estar de pé ou andando ou sentado ou deitado. Como não podemos viver completamente imóveis e inativos, nós temos que incorporar todas essas quatro posturas em nossa prática. E o princípio guia com o qual devemos contar em cada uma delas é a geração de sabedoria e ‘correção’.*. ‘Correção’ significa Visão Correta e é outra palavra para sabedoria. Sabedoria pode surgir a qualquer momento, em qualquer uma das quatro posturas. Em cada postura, você pode ter pensamentos bons ou maus, pensamentos equivocados ou pensamentos corretos. Discípulos do Buda são capazes de realizar o Dhamma estando de pé, andando, sentados ou deitados.

Então onde é que essa prática, que pode ser realizada em qualquer uma das quatro posturas, encontra seu ponto focal? Ela o encontra na geração de Visão Correta, pois uma vez que haja Visão Correta então surge a Intenção Correta, a Fala Correta e o resto do Caminho Óctuplo.

Assim, seria melhor que mudássemos a nossa forma de falar. Ao invés de dizer que nós ‘saímos de samādhī’, nós deveríamos dizer

*Em tailandês: ความถูกต้อง

meramente que nós ‘mudamos de postura’. Samādhi significa estabilidade da mente. Quando você emerge de samādhi, então mantenha aquela estabilidade em sua plena atenção e estado de alerta, em seu objeto, em suas ações, o tempo inteiro.

É incorreto pensar que ao final de uma sessão de meditação você terminou o seu trabalho. Mantenha sempre um esforço constante. É através de manter uma consistência de esforço em seu trabalho, em suas ações, em sua plena atenção e em seu estado de alerta, que a sua meditação vai se desenvolver.

Os obstáculos que surgem durante a prática de meditação mudam e evoluem. A tendência geral é de que os obstáculos se tornem mais sutis conforme a prática progride. Mas meditadores que se esqueciam da constante dica de Luang Pó de não terem nada como sendo garantido poderiam ser cegados pela inesperada reaparição de impurezas grosseiras que eles tinham assumido já terem deixado para trás.

Um erro comum era o apego à ‘ser bom’. Isso poderia se manifestar como uma irritação para com as deficiências dos outros ou como uma proteção exagerada de sua própria paz mental. Luang Pó analisou essa falta:

Você tem medo que sua mente se torne impura, tem medo que seu samādhi seja destruído. Você sente uma forte devoção à sua prática, a protege com toda sua força; você é muito diligente e coloca um monte de esforço. Quando um objeto dos sentidos te impinge, então você é pego de surpresa e fica aterrorizado por ele.

Luang Pó tranquilizava seus discípulos de que aquilo era um estágio temporário pelo qual os meditadores passavam quando havia desequilíbrio na prática. Isso desapareceria se eles reconhecessem que uma certa quantidade de elementos não pacíficos na vida de um meditador eram, na verdade, a matéria prima para o trabalho da sabedoria.

PODERES PSÍQUICOS

Em várias ocasiões, o Buda enumerou os vários poderes paranormais que eram possíveis – mas não inevitáveis – subprodutos de profunda meditação e o fato de que eles são, essencialmente, mundanos: alcançá-los não gera

nenhum elo com a libertação. Dos dois grandes discípulos, o Venerável Mahā Moggallāna era reconhecido como sendo o destacado entre todos os monges como tendo poderes psíquicos, enquanto o Venerável Sāriputta nunca foi conhecido por ter exibido nenhum poder desse tipo. Embora o Buda elogiasse os arahants que possuíam tais poderes por terem realizado tudo o que a mente humana é capaz de fazer, ele enfatizou que tais poderes nunca deveriam ser tidos como um objetivo da prática. Poderes psíquicos tais como a telepatia podem ser de algum uso em ensinar o Dhamma, mas no caminho para a libertação, eles eram, no melhor dos casos, tangenciais, e no pior dos casos, obstáculos para a realização da verdade.

Sempre houve vários monges na Tradição de Floresta Tailandesa que possuíam poderes psíquicos, embora poucos tinham vontade de demonstrá-los ou mesmo de falar deles. Na verdade, a Disciplina apenas permite que monges revelem essas habilidades a outros companheiros monges. A razão dada para essa liminar é que, enquanto pessoas poderiam ficar interessadas no Budismo como uma demonstração de poderes milagrosos, a fé que surge da exposição a esse tipo de maravilha não é o tipo que prontamente se traduz no amadurecimento da sabedoria que o Buda queria promover. Somado a isso, um monge que revela poderes psíquicos vai proporcionar a si mesmo uma grande quantidade de distração à atenção, e então isso vai dificultar tanto o seu próprio caminho para a libertação quanto vai ameaçar a tranquilidade do mosteiro no qual ele vive.

Luang Pó enfatizava que o poder de fascinação, a despeito de seu objeto, é um sério obstáculo ao ‘abrir mão’. Fascinação com fenômenos psíquicos e habilidades incomuns prende a mente no *samsāra* tão fortemente quanto a fascinação com objetos sensuais grosseiros. A aquisição de poderes psíquicos tende a levar à super valorização de níveis espirituais alcançados e à falta do senso de urgência em se esforçar a seguir em frente para realizar a verdadeira libertação.

Em encontros mais íntimos com grupos de monges, Luang Pó ocasionalmente recontaria histórias maravilhosas dos poderes psíquicos dos arahants, mas depois ele deixaria claro que tinha falado para que eles soubessem, se deleitassem e repetia seu aviso:

Não os persiga. Não tenha interesse algum neles.

Em uma ocasião, durante uma conversa com um monge sênior do Sri Lanka, a conversa se enveredou para o lado dos poderes psíquicos. Luang Pó foi perguntado se as pessoas na Tailândia eram interessadas nesses assuntos.

Existem pessoas que gostariam de adquirir poderes psíquicos, mas eu mesmo, eu sinto que esse tipo de prática não está de acordo com os ensinamentos do Buda. O Buda nos ensinou a abandonar todo tipo de cobiça, aversão e ilusão. O tipo de prática dessas pessoas leva ao crescimento dessas coisas.

A CROSTA DA CALMA LUCIDEZ

A palavra *nimitta* é geralmente entendida nos textos budistas como ‘sinal’. No contexto da meditação, ela se refere a um fenômeno mental que é experienciado como uma percepção sensorial que surge conforme a mente vence os obstáculos. Uma *nimitta* é mais comumente experienciada como uma forma visual, menos frequentemente como um som ou sensação tátil e – raramente – como um cheiro ou um sabor.

No *Caminho da Purificação*, as *nimittas* são descritas e divididas em três categorias.* A entrada em *jhāna* é descrita como sendo dependente de quando o meditador muda o foco para um ‘sinal’ distintivo, mais comumente uma luz brilhante, que aparece quando *samādhi* se aprofunda.

Luang Pó e seus companheiros mestres de floresta eram familiarizados com o tratamento que se dava às *nimittas* no *O Caminho da Purificação* mas raramente o incorporavam em seus relatos do processo de meditação. Eles usavam o termo ‘*nimitta*’ com uma ênfase levemente diferente. Luang Pó o empregava quando falava de fenômenos fabricados pela mente – cores, luzes, visões de seres de outros reinos de existência – que poderiam aparecer conforme a mente se tornava calma. Ele insistia na importância de manter a atitude correta para com elas. Ao conhecê-las pelo que elas eram, as *nimittas* eram inofensivas. Obsessão para com elas poderia levar para um desvio no qual se perde tempo e, em casos extremos, à psicose.

* A imagem ainda instável e não clara, que surge quando a mente alcançou um fraco estágio de concentração, é chamada de ‘imagem adquirida’ (*uggaha-nimitta*). Uma imagem inteiramente clara e imóvel surgindo no mais alto estágio de concentração é a ‘contra-imagem’ (*paṭibhāga-nimitta*).” (*Buddhist Dictionary* by Ven. Nyanatiloka, 1980.)

Armado com a atenção sobre os seus perigos, o método básico de lidar com elas era simplesmente recusar-se a dar-lhes qualquer atenção.

Qualquer que seja a forma que a nimitta tome, não lhe dê atenção. Enquanto ela ainda persiste, restabeleça o seu foco ao levar toda a atenção à respiração. Inspire e expire profundamente pelo menos três vezes e isso deve cortá-la. Apenas siga restabelecendo a sua concentração. Não veja aquilo como sendo seu, é meramente uma nimitta. Nimittas são enganadoras: elas nos fazem gostar, nos fazem amar, nos fazer ter medo. Elas são falsas e instáveis. Se uma surge, não lhe dê qualquer significância. Ela não é sua; não corra atrás dela.

O meio mais direto e poderoso de abrir mão de uma nimitta era a mudança de foco da percepção da nimitta para aquilo que a percebia.

Quando você vê uma nimitta, então mude a atenção para olhar diretamente para a sua mente. Não abandone esse princípio básico.

Visões poderiam ser atrativas, e não era possível para meditadores simplesmente se recusarem a ter prazer nelas por força de vontade. O que eles podiam fazer era reconhecerem imediatamente quaisquer sensações prazerosas que surgiam como sendo mutáveis e baseadas em uma falsa percepção.

Nem todas as nimittas são encantadoras. Outro problema comum que meditadores encaravam era ficarem chocados e assustados por elas.

Prepare sua mente com o conhecimento de que nada pode te machucar. Se alguma coisa aparece durante a sua meditação e você está assustado com ela, então sua meditação se imobilizará. Se isso acontecer, então traga de volta a recordação de que não há perigo nenhum e deixe passar; não a siga. Ou você pode, caso queira, tomar a nimitta para investigar a sua natureza condicionada. Depois que você experimentar isso várias vezes, você não vai mais se importar com elas. Elas serão apenas normais, nada para se preocupar.

Existe contudo uma classe de nimittas que meditadores habilidosos podem usar para intensificar a sua prática. Elas incluem as imagens mentais de partes do corpo físico que ‘parecem surgir e se expandir de dentro da mente’, particularmente aquelas que ocorrem depois que a mente emerge de um profundo estado de samādhi. Tais imagens são muito mais vívidas do que qualquer imagem que pudesse ter sido produzida pela imaginação comum. A contemplação delas – especialmente visões do corpo em estado de decomposição – pode produzir um profundo insight para a natureza condicionada dos fenômenos, o que por sua vez pode levar para uma profunda ‘despaixão’ e ao abandono do apego ao senso de um ‘eu’ incorporado. Essas potentes imagens são muito mais passíveis de surgirem para um meditador que já tenha empreendido tempo na ‘investigação do corpo’ como método de meditação discursiva.

Luang Pó dizia que o uso ou não uso das nimittas no cultivo da sabedoria era dependente da maturidade do meditador. Frequentemente, ele recomendava que um meditador ignorasse uma nimitta, mesmo que ela fosse sobre o corpo físico. Um dia, um meditador leigo veio prestar reverências a Luang Pó e buscar suas instruções. Ele dizia que enquanto meditava, ele via seu próprio corpo como sendo um esqueleto empalidecido flutuando em frente a ele. Luang Pó lhe explicou que isso era o que *O Caminho da Purificação* se referia como sendo *uggaha-nimitta*, a imagem adquirida. Mas ao invés de explicar como manipular o objeto da forma como o texto recomenda, ele dizia que não havia necessidade de fazer isso. Era suficiente criar as condições de estabilidade e de calma lucidez para que a sabedoria fizesse seu trabalho. Quando a mente estivesse bem estabelecida em samādhi dessa forma, qualquer objeto que surgisse na mente era experienciado como se ele fosse uma pergunta, e o imediato reconhecimento dele como sendo impermanente, insatisfatório e ‘não-eu’, aparecia como uma resposta correta sem esforço nenhum.

Tudo o que você precisa é que você acalme a mente suficientemente para fornecer a base para vipassanā. Quando a sabedoria tenha surgido, então assim que qualquer coisa ocorra em sua mente, você estará apto a lidar com isso; existe uma solução para todos os problemas. Você se torna ciente do problema e de sua resolução simultaneamente, o problema termina. O conhecer

é importante: se um problema surge sem uma solução, então você está em apuros, você não está sabendo lidar com o que está acontecendo. Então você não tem que ficar pensando muito nisso; a solução surge no momento presente simultaneamente com o problema - mesmo a respeito de coisas sobre as quais você nunca pensou ou considerou antes - sem que você precise sair por aí caçando, procurando por uma resposta.

Ele retornava ao ponto que ele repetidamente citava com referência às nimittas: tendo reconhecido completamente o objeto com equanimidade, então voltar a atenção do objeto conhecido para o próprio conhecimento. Ao fazer isso, o objeto se dissolveria.

Não corra atrás de coisas externas, pois se você o fizer, então a imagem apenas vai ficar se expandindo. Antes que você perceba, o esqueleto vai ter se transformado em um porco, e então o porco vai virar um cachorro, o cachorro vai virar um cavalo, o cavalo vai virar um elefante; e então todos eles vão se levantar e começar a perseguir uns aos outros! Tenha ciência de que o que você está percebendo é uma nimitta, a crosta da calma lucidez.

IV. CALMA E INSIGHT

SAMĀDHI

Em suas exposições sobre a prática de samādhi, Luang Pó geralmente preferia evitar falar em termos de jhānas. Ao invés disso, ele fazia referência aos vários estados mentais - conhecidos como 'fatores jhānicos' - que constituem essas jhānas. Seu raciocínio era de que fatores jhānicos como felicidade (*sukha*) ou equanimidade eram diretamente experienciáveis pelo meditador, enquanto 'jhānas' eram apenas nomes diferentes para diferentes constelações desses fatores. Eles eram, em outras palavras, convenções; e como tal, podiam levar a mente para longe ao invés de trazê-la para a atenção à realidade presente.

Se a mente está clara, então é como sentar-se aqui normalmente e ver as coisas ao seu redor. Fechar os olhos se torna algo não diferente de abri-los. Ver com os olhos fechados se torna o mesmo

que ver com os olhos abertos. Não há dúvidas sobre absolutamente nada, apenas um senso de admiração, ‘Como essas coisas são possíveis? É inacreditável, mas ali estão elas.’ Haverá ‘apreciação sustentada’ (vicāra) surgindo espontaneamente em conjunção com o êxtase, com a felicidade, uma plenitude no coração e com a calma lucidez.

Subsequentemente, a mente vai se tornar ainda mais refinada, e vai estar apta a descartar o objeto de meditação. Agora ‘vitakka’, a elevação da mente para o objeto, estará ausente assim como vicāra. Nós dizemos que a mente descarta vitakka e vicāra. Na verdade, não é tanto que elas sejam descartadas; o que isso realmente significa é que a mente se torna mais concentrada, mais compacta. Quando ela está calma, então vitakka e vicāra estão muito grosseiras para permanecerem ali, e então se diz que elas foram descartadas. Sem vitakka elevando a mente ao objeto, e vicāra para apreciar a sua natureza, existe apenas a experiência de completude, êxtase e ‘foco em apenas um ponto’ (ekaggatā).

Eu não uso os termos ‘primeiro, segundo, terceiro e quarto jhāna’. Eu falo apenas de calma lucidez e de vitakka, vicāra, êxtase, felicidade e unidade, e de seu progressivo abandono até que apenas a equanimidade persista. Esse desenvolvimento é chamado de força do samādhi, as expressões naturais da mente que alcançou a calma lucidez ... Então existe um movimento gradual em estágios, que depende de prática frequente e constante.

Uma vez, Luang Pó foi questionado sobre a relação entre os quatro primeiros fatores jhânicos e o quinto (ekaggatā), geralmente traduzidos para tailandês como significando ‘único foco’, e em inglês como ‘foco em apenas um ponto’. Ele respondeu que ‘ekaggatā’ era como uma tigela e os outros quatro fatores eram como frutas dentro da tigela.

Um gato observando uma toca de rato tem um tipo de samādhi assim como o ladrão, mas a concentração deles é uma concentração natural e amoral de instinto e desejo, não o samādhi que vem de um agrupamento disciplinado de forças que fornecem a base para a sabedoria. O Buda fazia a distinção entre ‘Samādhi Correto’ (*sammāsamādhi*), um elemento essencial

no caminho para a libertação, e ‘samādhi incorreto’ (*micchāsamādhi*), que nos afasta dela. Luang Pó explicava que o termo ‘samādhi incorreto’ incluía qualquer estado de calma que não tivesse a atenção necessária para criar a base para o insight:

Samādhi pode ser dividido em dois tipos: samādhi incorreto e samādhi correto. Preste bem atenção nessa distinção. No samādhi incorreto a mente é firme. Ela entra em um estado de calma que é completamente silencioso e sem qualquer reconhecimento. Você pode permanecer nesse estado por um par de horas ou até por um dia inteiro, mas durante esse período você não tem a menor ideia de onde você chegou ou em que estado a sua mente está. Esse é um samādhi incorreto. É como uma faca que você afiou bem e simplesmente a colocou de lado, sem usá-la. Você não tem benefício algum disso. É uma calma iludida na qual falta o estado de alerta. Você pensa que alcançou o final da prática de meditação e não procura por mais nada. Isso é um perigo, é um inimigo. Nesse estágio, isso é perigoso para você pois previne que surja a sabedoria. Não pode haver nenhuma sabedoria sem que haja um senso de discriminação moral.

Samādhi correto poderia ser conhecido pela clareza da atenção.

Não importa o quão profundo o Samādhi Correto se torne, ele é sempre acompanhado de atenção e alerta. Existe uma plena atenção perfeita e estado de alerta, um constante ‘conhecer’. Samādhi Correto é um tipo de samādhi que nunca te leva para fora do caminho. Esse é um ponto que praticantes deveriam entender claramente. Você nunca pode fracionar o ‘conhecer’. Para que seja Samādhi Correto, o ‘conhecer’ deve estar presente do começo até o final. Por favor, siga observando isso.

Em outra ocasião, ele dizia que a paz interior poderia ser dividida em dois tipos: grosseira e sutil. O tipo grosseiro ocorria quando o meditador se identificava com a felicidade que surgia da prática de samādhi e assumia a felicidade como sendo um elemento essencial da paz. A paz sutil era fruto da sabedoria, e ocorria quando a experiência da própria mente, como

aquele que conhece as experiências prazerosas e desprazerosas como transientes, era compreendida como sendo a verdadeira paz.

O prazeroso e o desprazeroso são estados de ‘ser’, estados nos quais nascemos, expressões do apego. Enquanto nos apegarmos ao prazeroso e desprazeroso, não poderá haver libertação do saṃsāra. A felicidade do samādhi não é a verdadeira felicidade interna. Essa paz vem através de permanecer na ciência da verdadeira natureza do prazeroso e do desprazeroso sem apego. Assim, é ensinado que a mente que alcança além do prazeroso (*sukha*) e do desprazeroso (*dukkha*) é o verdadeiro objetivo do Budismo.

Às vezes, Luang Pó fazia uso da divisão encontrada nos Comentários sobre samādhi em três níveis, já que eles eram claramente distinguíveis com base na sua duração e intensidade:

- Samādhi momentâneo (*khaṇika samādhi*) – o inicial, pequenos intervalos de calma, experienciado assim que a mente se torna focada em seu objeto.
- Samādhi de acesso (*upacāra samādhi*) – o estado no qual os cinco obstáculos foram ultrapassados mas não de forma tão segura. Ainda existe algum movimento de fundo na mente, mas que não é distrativo.
- Samādhi de absorção (*appanā samādhi*) – o mais profundo nível de samādhi, uma tranquilidade brilhante na qual nenhum dado dos sentidos aparece na mente ou é algo tão fugaz e periférico que não chega a gerar consequências.

O samādhi de acesso é o estado no qual a faculdade da sabedoria funciona de forma mais fluida. Ele precede e sucede o alcançar do samādhi de absorção. O acesso que segue a absorção é uma base mais potente para o desenvolvimento da sabedoria do que o precedente. Luang Pó comparou a mente em samādhi de acesso à uma galinha em um galinheiro, não completamente parada mas se movendo em uma área claramente determinada, e incapaz de sair correndo à vontade. Em outras ocasiões, ele dizia que era como se a mente fosse encapsulada em uma redoma de

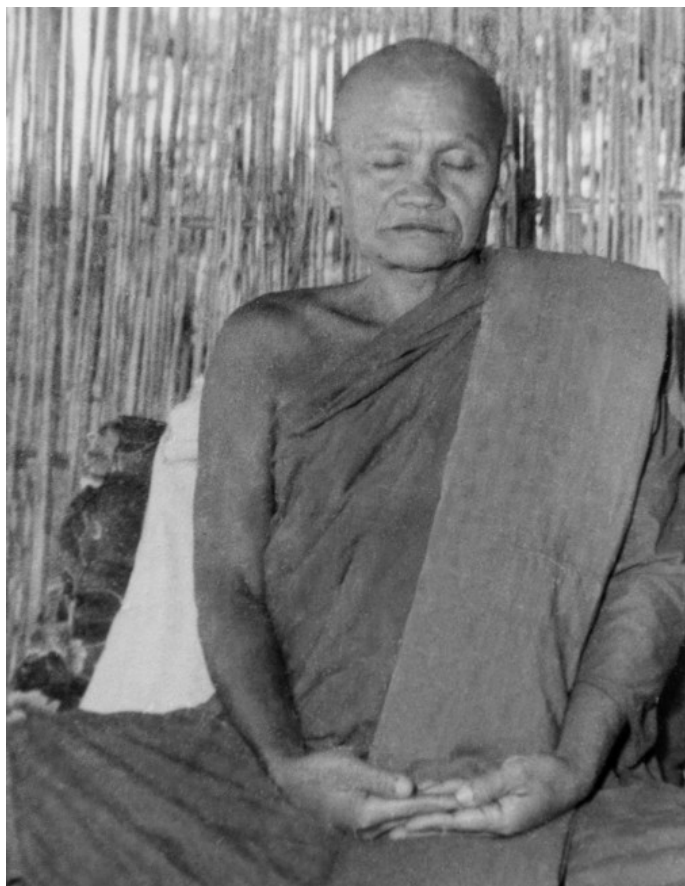
vidro. A mente está ciente das impressões dos sentidos, mas não é afetada por elas. Esse estado, ele dizia, era no qual a mente pode ver coisas à sua verdadeira luz:

Tendo permanecido no estado de completa ‘calma lucidez’ por um tempo suficiente, a mente sai desse estado para contemplar a natureza das condições externas com o intuito de fazer surgir a sabedoria.

PENSANDO E EXAMINANDO

A palavra comum tailandesa ‘*pijarana*’ pode significar ‘considerar’, ‘refletir sobre’, ‘contemplar’, ‘examinar’ ou ‘investigar’ e é encontrada extensivamente nos ensinamentos dos mestres de floresta tailandeses. Em algumas ocasiões, Luang Pó equiparava ‘*pijarana*’ com *dhammavicaya*, a ‘investigação do Dhamma’ que surge em dependência da plena atenção e constitui o segundo dos sete fatores da iluminação (*bojjhaṅga*). Todos os budistas são encorajados a refletirem sobre (ou ‘*pijaranar*’) as verdades do envelhecimento, da doença, da morte, da inevitabilidade da separação com o que se ama, e a lei do *kamma*. Ao fazer isso repetidamente, essas verdades se aprofundam na mente e se tornam elementos da Visão Correta que deve sustentar a prática efetiva de meditação. ‘*Pijaranar*’ é usado também no contexto das práticas discursivas de meditação para realizar o exame de um tema de Dhamma de uma forma coerente e disciplinada.

Enquanto a natureza e o papel de *pijarana* é direto em meditações discursivas, meditadores podem frequentemente duvidar do papel que ela tem em desenvolver o insight sobre as três características, o que constitui na culminação das práticas de meditação budista.



Qual era o grau de intencionalidade que Luang Pó estava advogando quando instruía seus discípulos a ‘pijaranar’ as três características? Como poderiam os meditadores terem certeza de que eles não estariam meramente pensando sobre as três características ao invés de estarem desenvolvendo insight a respeito delas?

É um pouco difícil de valorizar isso pois é muito parecido com a proliferação mental, e quando os pensamentos surgem você pode acabar assumindo que sua mente já não está mais calma. Na verdade os pensamentos e percepções que ocorrem nesse momento surgem de dentro da calma. O exame que se inicia de dentro da calma não a perturba. Às vezes pode-se tomar o corpo para examinar. Isso não significa que você está pensando ou especulando: é um processo que ocorre naturalmente de dentro

da calma. Existe atenção dentro da calma, existe calma dentro do estado de atenção. Se fosse meramente proliferação mental, não haveria calma, isso seria perturbador. Isso não é proliferação. Isso é algo que aparece na mente como resultado da calma e é chamado de ‘examinar’ (pijarana). Sabedoria surge bem aqui.

Luang Pó esclareceu esse ponto durante uma conversa com um grupo de professores americanos de Dhamma que o visitou. Ele disse que o pensamento comum poderia ser distinguido pelo fato que, embora seguisse focado em um tópico, ele era grosseiro e lhe faltava profundidade. Quando a mente se tornava calma, o exame (pijarana) surgia naturalmente como um tipo de atenção que, enquanto possuía algumas das características do pensamento, era de uma forma diferente. A reflexão sábia das três características poderia ser distinguida pelo fato que ela permanecia não corrompida pela proliferação mental, era sempre saudável e era causa para que as impurezas se enfraquecessem na mente. Mero pensamento, por outro lado, se tornava absorvido por impurezas e contribuía para o crescimento delas. O exame que Luang Pó estava advogando era diferenciado por abrir mão dos apegos:

O pensamento comum já foi filtrado. Se você não conhece o exame pelo que ele é, ele se tornará apenas pensamento conceitual; se você o conhece, ele vai se tornar sabedoria - isto é, ele vai enxergar tudo o que surge como impermanente, insatisfatório e ‘não-eu’.

Essa sabedoria ou reflexão sábia, ele dizia, iria gradualmente amadurecer em vipassanā. Em contraste com a maioria dos usos contemporâneos do termo, Luang Pó tendia a usar ‘vipassanā’ para se referir ao insight que surge da reflexão sábia ao invés da reflexão por si mesma. Ele dizia que vipassanā não era algo combinado, não era algo que você ‘fazia’. Vipassanā era o discernimento sobre as três características que surgia naturalmente na mente quando todas as causas e condições necessárias para isso tivessem sido cultivadas. A intensidade dessa clareza de visão poderia variar de um fraco insight para uma visão compreensiva sobre como as coisas são.

O grau de calma necessário antes de que essa investigação das três características pudesse acontecer não era algo mensurável. Quando Luang Pó foi questionado, ‘Quanta calma é necessária?’, ele respondeu, ‘Tanta

quanto for necessária.’ Em outras palavras, meditadores deveriam seguir por ‘tentativa e erro’ e observar detalhadamente os resultados de seus esforços até que eles soubessem por eles mesmos. Se a contemplação se degenerasse para proliferação mental, então a mente obviamente não estava forte o suficiente para o trabalho da sabedoria.

Meditadores tinham aptidões diferentes. Algumas pessoas achavam fácil abrir mão do pensamento, mas percebiam que as mesmas qualidades que faziam esse abrir mão ser possível, também retardavam o cultivo da sabedoria. Outros, que tinham mais inclinação à reflexão, percebiam que o dom que suas mentes tinham para a contemplação os prevenia de entrar em profundos estados de samādhi, mas que eles eram capazes de penetrar na verdade através de uma atenção próxima e focada na natureza condicionada de todos os fenômenos.

Para ilustrar esse ponto, Luang Pó adaptou dois termos dos Suttas - ‘*cetovimutti*’ (libertação da mente) e ‘*paññāvimutti*’ (libertação através da sabedoria). Ele aplicava esses termos em dois caminhos de prática: um que enfatizava a força da mente, isto é, samādhi, e o outro que enfatizava a sabedoria. Enquanto aqueles que eram do tipo libertação-sabedoria tinham um caráter especialmente afiado e perceptivo, aqueles que eram do tipo libertação-mente precisavam tomar seu próprio tempo e ir para a mesma situação várias vezes antes de compreenderem. Ele fez uma analogia:

É como duas pessoas que vão olhar o padrão de um tecido por alguns minutos. Um deles entende o padrão imediatamente, pode ir embora e reproduzi-lo de memória. Isso é ‘libertação através da sabedoria’. A outra pessoa, do tipo ‘libertação-mente’, tem que sentar e ponderar sobre os detalhes do padrão e voltar para checar novamente. Com ‘libertação-mente’, você precisa trabalhar com a mente por um tempo considerável, você deve desenvolver muito o samādhi. A primeira pessoa não precisa fazer tudo isso. Ela olha para o desenho, entende o princípio e vai então desenhá-la ela mesma; ela não tem dúvidas. Ambos caminhos chegam ao objetivo, mas eles tem características diferentes.

Libertação através da sabedoria é sempre acompanhada de plena atenção e estado de alerta. Quando qualquer coisa surge na mente, então ele sabe; ele sabe, e então abre mão com facilidade. A pessoa que tem a característica 'libertação-mente' não consegue enxergar as coisas conforme elas surgem dessa maneira, ela precisa investigá-las - o que também é um caminho válido. Conheça o seu próprio caráter. No primeiro caso, algumas pessoas podem não perceber que existe samādhi presente. Você caminha observando, e samādhi - leia-se, a firme estabilidade da mente - está inerentemente presente. Para alguém com sabedoria, isso não é difícil. Ele apenas desenvolve samādhi suficiente para criar a base. É como estudantes chegando ao final do ensino médio. Agora eles podem escolher em qual matéria eles querem se especializar. Qualquer um que queira seguir e estudar agronomia vai e estuda. Esse é o ponto de separação. Com samādhi é a mesma coisa. Ele chega ao destino da mesma forma.

O TRABALHO DA SABEDORIA

Se a mente foi capaz de alcançar samādhi mas consistentemente se recusa a ir mais profundamente, então a investigação dos fenômenos poderia começar. O tema que Luang Pó geralmente sugeria para investigar nesse ponto eram as trinta e duas partes do corpo, ou então, as cinco primeiras - cabelo, pelos, unhas, dentes e pele - ou, qualquer parte que se prefira:

Em meditação, não é necessário visualizar um monte de coisas; nós visualizamos apenas coisas que façam surgir a sabedoria. Nós precisamos olhar do topo da cabeça até a sola dos pés e da sola dos pés até o topo da cabeça. O que é isso? Quão real é isso? Por que as pessoas se apegam a isso de forma tão tenaz? Por que nos preocupamos tanto com isso? Qual é a razão? Do que consiste esse corpo? Nós investigamos todas essas coisas até que as vejamos à sua verdadeira luz como sendo 'apenas isso'. Assim que você vê isso, entende isso, então o apego às coisas como 'Oh! Eu amo tanto isso' ou, 'Eu odeio tanto isso' desaparece da mente.

Alguns meditadores vão achar que a investigação do corpo ou o surgimento e o desaparecimento dos objetos dos sentidos poderia fazer surgir um

êxtase que empurraria a mente para além do seu limite até um estado de calma lucidez. A mente então alternaria entre descansar e recarregar suas forças na calma lucidez e fazer seu trabalho de sabedoria.

Uma ansiedade comum era que, com o desenvolvimento de um profundo samādhi, a felicidade e o senso de completude que resultariam disso seriam muito absorventes para serem depois abandonados com o intuito de investigar as três características. A resposta de Luang Pó era que isso era um verdadeiro perigo para os meditadores que tivessem visão incorreta ou que tivessem desenvolvido samādhi de uma forma desequilibrada. Contudo, quando chegasse o amadurecimento, e com a ênfase do meditador estabelecida firmemente na plena atenção e no estado de alerta, samādhi, se desenvolvido de forma correta, se voltaria naturalmente para o trabalho da sabedoria.

Cuide do que você já desenvolveu e intensifique a sua plena atenção. Se você der mais atenção para a plena atenção do que para qualquer outra coisa, então não tem como dar errado: essa é a forma correta de colocar esforço. Se a sua plena atenção ainda não está completamente amadurecida, você deve tentar aumentá-la para que você tenha então a medida de tudo o que ocorra em sua mente. Conhecimento surgirá quando quer que sua plena atenção se torne clara e brilhante, pois a sabedoria depende dessa habilidade para estar ciente de tudo o que passe através de sua mente. Então é assim: se você tem plena atenção, isso levará à sabedoria e você vai ver e entender claramente. Sem plena atenção, você não sabe para onde sua mente tenha ido.

Desenvolva tanta plena atenção quanto você consiga. Isso tem um imenso valor em conservar o seu estado de alerta e em mantê-lo no caminho da paz. Plena atenção é o próprio Buda nos dando apoio e prevenção. Nós nos tornamos como um Buda quando temos plena atenção, pois a mente está desperta, ela sabe, ela vê e ela é restringida. Restrição e compostura surgem através da plena atenção. Onde quer que as impurezas sigam escondidas, isso é porque as brechas em sua plena atenção permitem que elas te iludam. Mas quando quer que a plena atenção se torne clara, então a mente e sua sabedoria se tornam radiantes.

Então não invente muitas coisas, não se apegue a ideias de ‘eu’ e outros; apenas siga colocando esforço. Meu conselho é de simplesmente seguir dessa maneira, e contanto que nada mais surja, então não há necessidade de qualquer investigação. Siga normalmente como se você estivesse caminhando por uma estrada ou varrendo a casa. Quando você está varrendo, você segue fazendo isso sem ficar olhando em volta para mais nada. É apenas se alguém chama o seu nome, e você sabe que tem alguma coisa que precise ser feita, que você olha para o lado; sem interrupções, você apenas prossegue varrendo.

Da mesma forma, na meditação, apenas quando alguma coisa surge é que você deve investigar. De outra forma, apenas contemple a sua experiência no presente. Apenas mantenha a plena atenção para estar ciente disso. Se nada surge, então siga tranquilamente. Mas isso não significa deixar que as coisas aconteçam de qualquer forma e ignorá-las. Existe cuidado e atenção. Você está ciente de qualquer coisa que passe através da mente, mas você não precisa fazer muita investigação. Quando alguma coisa toque em uma das portas dos sentidos e, conseqüentemente, toque a mente, então apenas siga observando aquilo. Se você não perde aquilo de vista, você vai ver que é ‘apenas aquilo’, e então você retorna para onde estava. Não fuja daquele lugar porque, se você o fizer, depois de algum tempo você vai perceber a si mesmo sendo levado ao céu e ao inferno. Tenha cuidado.

Luang Pó ilustrava esse ponto com um símile: meditadores deveriam ser como uma aranha no centro de sua teia. A aranha permanece imóvel e desperta até que um inseto fique preso na teia. Ela então se move até ele, lida com o inseto e retorna para o seu local de imobilidade.

Uma visão comum sobre a prática de meditação é que os níveis mais profundos de samādhi são desnecessários para a libertação: que o samādhi momentâneo fornece base suficiente para o desenvolvimento de vipassanā. Quando foi perguntado a respeito disso em uma ocasião, Luang Pó respondeu com uma analogia:

Você tem que caminhar até Bangkok, assim vai saber como é Bangkok. Não vá apenas até Korat^{*}. Mesmo que você vá morar em Korat, siga até Bangkok. Então você vai entender exatamente o quão desenvolvida é Korat. Siga em frente até Bangkok e você terá passado por Ubon, Korat e Bangkok. Então, com samādhi, se sua mente vai seguir todo o caminho, então a deixe ir, assim ela vai conhecer toda a linhagem de samādhi. ‘Samādhi de acesso’ é o mesmo que ir tão longe quanto Korat.

Estendendo a analogia, ele comparou a brevidade do samādhi momentâneo com chegar em uma cidade, e a duração mais longa do samādhi de acesso, com perambular pela cidade em visitas frequentes, repetindo sua frequente definição daquele estado como ‘examinar de dentro da paz’:

Às vezes a mente pára em um ponto do exame e entra em appanā. Naquele momento, ela abandona khanika e upacāra, ela abandona tudo e vai fundo para dentro - onde se liberta de todas as coisas. Mas aquele appanā se desenvolve de khanika e de upacāra samādhi. Você tem que passar por eles antes, de outra forma você não chega lá.

Embora Luang Pó ocasionalmente fizesse uso de termos técnicos em Pali, essa não era sua forma preferida de falar sobre a mente. Ao ser questionado sobre como um meditador poderia avaliar qual nível de samādhi ele tinha alcançado, ele respondia que era melhor simplesmente estar ciente do estado mental por si mesmo sem procurar por seu título em Pali:

Qualquer nível que seja, a clara ciência de que sua mente está em um estado de calma lucidez será suficiente. Veja claramente que a mente parou. Você está confiante de que a mente é pura e brilhante? Você deve ser seu próprio avalista sobre isso. Com tal estado de atenção, você não precisa se preocupar se isso é appanā, khanika ou o que quer que seja. Não se preocupe com nada disso, é uma perda de tempo. É melhor simplesmente olhar para a sua mente e para a verdade do que você vê.

^{*}Uma cidade no meio do caminho entre Ubon e Bangkok.

Na tradição Theravada, a maior parte do discurso no que diz respeito aos dois principais aspectos da prática de meditação budista - acalmar a mente e o cultivo de sabedoria - gira em torno dos termos ‘samatha’ e ‘vipassanā’. ‘Samatha’ significa ‘tranquilidade, serenidade, calma lucidez’. ‘Vipassanā’ significa literalmente ‘ver claramente’ e se refere ao insight sobre as três características da existência. Embora o próprio Buda não tenha usado esses termos com grande frequência, eles ganharam muita proeminência nos séculos que seguiram a sua morte, seus significados se expandiram para incluir não apenas os estados propriamente ditos, mas também as práticas que tinham o objetivo direto de levar ao cultivo deles. Focar em um mantra, por exemplo, veio a ser chamado de uma prática de samatha, enquanto investigar a natureza impermanente das sensações, uma prática de vipassanā. Os dois termos foram objeto de controvérsia entre estudiosos por muito tempo. Desentendimentos tenderam a se centralizar na relação entre os dois; em particular, como já mencionado em uma seção anterior, a extensão à qual a calma lucidez de samatha deve ser desenvolvida antes de que um autêntico insight de vipassanā possa ocorrer.

Quando se referia a esses termos, Luang Pó falava deles como sendo dois aspectos da prática que deveriam ser desenvolvidos em uníssono, ao invés de duas entidades separadas*. Assim como um machado tinha que ter tanto o peso quanto a afiação para realizar o seu trabalho, da mesma forma a mente que poderia penetrar a verdade das coisas necessitava tanto de estabilidade quanto de discernimento. Contudo, dado que o foco nos primeiros estágios da prática é a supressão dos obstáculos e, em sua fase final, o insight para a natureza das coisas, Luang Pó reconhecia uma mudança na ênfase que ele caracterizava como um processo orgânico de amadurecimento. Ele dizia que isso ocorria da mesma forma que uma manga verde ficava madura, ou uma criança se tornava um adulto. De um ponto de vista, o adulto pode ser visto como uma pessoa completamente diferente da criança; e por outro ponto de vista, como uma versão evoluída da mesma pessoa. Em uma analogia similar, só que mais ‘pé no chão’, Luang Pó comparava essa relação como a da comida com o excremento.

* Geralmente, Luang Pó usaria os termos samatha e samādhi, vipassanā e sabedoria de forma intercambiável.

Luang Pó também cunhou os termos ‘pacificação da mente’ e ‘pacificação das impurezas’ para esclarecer sua visão sobre a relação necessária entre samatha e vipassanā:

Quando desenvolvemos samādhi, nós pacificamos a mente. Mas a vida da mente pacífica é curta. Devido a não poder suportar várias coisas que vão acontecendo, ela carece de verdadeira tranquilidade. Você vai para um lugar silencioso e pacifica a sua mente. Mas as impurezas seguem ali; elas não foram pacificadas. É aí onde a distinção deve ser feita. A pacificação da mente e a pacificação das impurezas são duas coisas diferentes.

A mente pode ficar pacífica facilmente quando há poucas perturbações. Mas se ela sente algum tipo de ameaça, então ela não pode. Ainda existe algo ali. Você não consegue se livrar, não consegue colocar de lado.

Meditadores que se refugiavam em refinados estados mentais e tinham medo de que qualquer coisa pudesse perturbar a felicidade de seu samādhi, tendiam a ser aprisionados em tentativas perdidas de manipular condições com o intuito de manter esses estados. Não existia neles a coragem requerida para olhar mais de perto para as formas, sons, odores, sabores, objetos tangíveis e estados mentais, e suas impurezas seguiriam intocadas. Em contraste, meditadores que estivessem em paz depois de um treinamento no qual os elementos de calma e sabedoria tivessem sido desenvolvidos em conjunto, não tinham medo de contatos sensoriais como esses e podiam abrir mão do apego no momento do contato com grande fluência. Eles não criavam nenhum dono para suas experiências. Luang Pó dizia que esse estágio da prática era adequado ao nome vipassanā, ver claramente as coisas à sua verdadeira luz:

Essas expressões convencionais: samatha e vipassanā - se você quer discuti-las separadamente, você pode. Mas se você quer falar da relação entre elas, então você tem que dizer que elas são inseparáveis, que estão conectadas. Um praticante leigo veio uma vez e me perguntou se nesses dias eu estava ensinando as pessoas a praticar samatha ou vipassanā. Eu disse, ‘Eu não sei, eles são treinados juntos.’ Se você responde em termos do que realmente

acontece na mente, então você tem que responder dessa forma. Desenvolva-os simultaneamente, pois eles são sinônimos. Se você desenvolve samādhi sem sabedoria, ele não vai durar muito.

Em um de seus discursos mais conhecidos, Luang Pó capturou essa ideia com um símile:

Sabedoria é o movimento de samādhi. É como a frase ‘água parada [calma] que flui’. O samatha e o vipassanā de alguém que desenvolveu a prática correta estão em harmonia e acordo entre si, e fluem como uma única corrente de água. Na mente de um praticante, é como se água parada [imóvel, calma] esteja fluindo. A paz de samādhi incorpora a sabedoria. Existem sila, samādhi e paññā juntos. Onde quer que você se sente, ela está imóvel e ainda assim flui. É como ‘água parada que flui’. Existe samādhi e paññā, samatha e vipassanā.

O DESENVOLVIMENTO DO INSIGHT

Em uma ocasião, Luang Pó ensinou sobre o desenvolvimento do insight em termos dos dois fatores jhânicos de vitakka e vicāra. Ele disse que, com a mente em um estado de calma, um pensamento podia surgir (vitakka), instigando a avaliação dele (vicāra) resultando em êxtase, que então impulsionaria a mente à um profundo estado de calma lucidez. Com o passar daquele estado, a avaliação poderia recomençar.

Se você mantém a atenção, você terá um registro da cena. Isso é similar como sendo uma pessoa dentro de uma casa com seis janelas. Você está do lado de fora olhando para as janelas. De fora você vê alguém aparecendo em uma janela e então mais alguém aparecendo em outra e você assume que existem seis pessoas na casa. Na verdade, é apenas uma pessoa se movendo de janela para janela. Essa uma pessoa é chamada de “Três Características”. Tudo é instável. As três características da impermanência, insatisfatoriedade e ‘não-eu’ são o objeto de vipassanā. Penetrá-los cortará todas as dúvidas.

Conforme progride a prática de contemplar qualquer fenômeno que tenha surgido na mente lúcida e calma como sendo impermanente, insatisfatório

e ‘não-eu’, o meditador experencia a separação entre o ‘conhecer’ e aquilo que é conhecido.

Não é que você tenha que forçar essa separação. Através do abandono, o abrir mão do apego, a mente e seu objeto se tornam automaticamente separados.

Nesse estágio, Luang Pó dizia que a distinção entre a mente e seu objeto presente era como entre água e óleo. A separação permitia um exame constante dos fenômenos.

Se você leva a mente à esse ponto, onde quer que você vá, a mente estará analisando. Este é o ‘fator de iluminação’ chamado ‘investigação do Dhamma’. Ele se desenrola sozinho, e você fala consigo mesmo, você resolve e liberta sensações, percepções, formações mentais e consciência que surjam. Nada pode se aproximar da mente; ela tem seu trabalho a fazer. Isso ocorre naturalmente. Não é algo que você possa combinar.

Ele dizia que esse era o estágio onde o ensinamento do Buda sobre os fundamentos da plena atenção* se tornava claro. Quando a membrana que conectava o conhecer e o que era conhecido era cortada, então o meditador via ‘o corpo no corpo’, ‘as sensações nas sensações’, ‘estados mentais nos estados mentais’, e ‘dhammas saudáveis e não-saudáveis nos dhammas saudáveis e não-saudáveis’. Em outras palavras, eles eram vistos claramente pelo que eles eram, sem sobrepor a eles um dono independente, auto existente.

REALIZAÇÕES

Em um certo estágio na prática de meditação, as ‘impurezas do insight’** podiam surgir. Aqui, meditadores não iluminados podiam acreditar equivocadamente que estados mentais intensamente positivos, como ver luzes ou sentir felicidade, eram indicações de iluminação.

*Veja Glossário, 875.

***Vipassanupakkilesā*. Uma lista de dez estágios aparece primeiramente em ‘Patis 2.100’. Ela consiste de aclaramento, conhecimento, êxtase, tranquilidade, felicidade, resolução, esforço, segurança, equanimidade e decisão.

Você se apega à bondade que surge em sua prática. Você se apega à pureza. Você se apega ao conhecimento. Isso se chama ‘vipassanu’.*

Através da prática de meditação, as impurezas podem ser suprimidas tão efetivamente que podem parecer terem sido completamente erradicadas. Como resultado, meditadores podem desenvolver uma auto-confiança inabalável em suas percepções. Se seus professores se recusam a aceitar a validade de sua presumida iluminação, eles interpretam isso ou como um triste erro de julgamento por parte do professor, ou então como ciúmes.

Duras medidas podem ser necessárias em tais casos e um curto e afiado choque é geralmente a cura recomendada. Nos Comentários, existem histórias de monges iluminados desenganando à outros monges das ilusões deles ao projetarem mentalmente imagens de elefantes descontrolados ou mulheres atraentes como hologramas em frente a eles. Pego de surpresa, o monge que acreditava ter transcendido a luxúria e o medo da morte, de repente ficava dolorosamente ciente de que as impurezas tinham apenas sido escondidas no subsolo e que ainda estavam em estado latente em sua mente.

Luang Pó contaria a história de Luang Pó Pao, que respondeu à declaração de uma monja de que ela tinha se tornado ‘aquela que entra na correnteza’ com um seco, ‘Eh... um pouco melhor do que um cachorro.’ Na Tailândia comparar um ser humano com um cachorro é algo extremamente ofensivo. O choque e a raiva que surgiram na *mé chi*, quando ele falou com ela dessa forma inesperada, imediatamente perfuraram a sua vaidade.

Luang Pó usou uma vez o mesmo método com um resultado similar quando uma *mé chi* em Wat Pah Pong acreditou de forma equivocada que ela tinha alcançado um estágio de iluminação. Ele escutou silenciosamente a alegação dela e então, com seu rosto transformado em uma severa máscara, disse friamente: ‘Mentirosa.’

Esse era um dos assuntos sobre os quais Luang Pó poderia ser bruto:

*Luang Pó cunhou esse termo, cuja intenção - com propósito retórico - era formar um par com vipassanā.

Jamais se permita ficar cheio de si. Qualquer coisa que você se torne, não faça nada com isso. Se você se tornar ‘aquele que entrou na correnteza’, então deixe estar. Se você se tornar um arahant, então deixe estar. Viva de forma simples, siga realizando atos benéficos, e onde quer que você esteja, você poderá viver uma vida normal. Não há necessidade nenhuma de ir se vangloriar para ninguém que você alcançou isso ou se tornou aquilo.

ALÉM DO MACACO

Um sinal de que a prática estava no caminho certo era o sentimento de sóbria tristeza que surgia através da constante contemplação das três características, que evolui para ‘*nibbidā*’ ou desencanto.

Um esclarecimento ocorre e então o desencanto surge: desencanto com esse corpo e mente; desencanto com as coisas que surgem, desaparecem e são instáveis. Você sente isso onde quer que você esteja. Quando a mente está desencantada, seu único interesse é em encontrar a saída para essas coisas ... ela vê o sofrimento inerente ao mundo, o sofrimento inerente à vida. Quando a mente entrou nesse estado, então onde quer que você se sente não existe nada a não ser impermanência, insatisfatoriedade e ‘não-eu’. Não existe nenhum local onde se segurar em mais nada. Se você se senta ao pé de uma árvore, você ouve um discurso do Buda. Se você vai à uma montanha, você ouve um discurso do Buda. Você vê todas as árvores como apenas uma árvore. Você vê todas as criaturas como sendo de apenas uma espécie. Você vê que nada te desvia dessa verdade: que todas as coisas vem a existir, se estabelecem, começam a mudar e então cessam.

Luang Pó deixava claro que o desencanto ao qual ele se referia não era uma expressão de aversão, pois isso seria simplesmente outra expressão do desejo. Esse desencanto era a sensação que surgia através de ver quão equivocado sempre tinha sido considerar fenômenos impermanentes como sendo um ‘eu’ ou pertencendo a um ‘eu’. Era como acordar do feitiço do corpo e da mente.

Isso não é o macaco se sentindo desencantado. É sentir-se desencantado em ser um macaco.

Luang Pó sustentava que ‘*mai né*’ – a ciência do objeto mental presente como sendo mutável, fluido, duvidoso e de resultado incerto – era o guia infalível desde o exato começo da prática de meditação até a sua conclusão final. Quando objetos mentais eram reconhecidos como sendo ‘mutáveis’, ele dizia, era como danificar o barco da vaidade abaixo da linha d’água. O senso ‘eu sou’ fica de lado, e afundado.

Luang Pó ensinava que a completa libertação da mente era resultado de criar um impulso onde a contemplação interna repetida e incansável das três características, em uma mente livre de obstáculos, era complementada por um esforço constante de ser plenamente atento e alerta quanto às três características na vida diária. Definitivamente, a constante repetição e crescente profundidade da contemplação alcançaria seu ponto mais alto e geraria frutos.

Ainda que Luang Pó fosse reticente sobre falar em detalhes sobre os mais altos níveis da prática, ele fez algumas importantes observações em uma ocasião. Em um de seus discursos, ele descreveu o caso do meditador que tem ‘um lampejo de Nibbāna’ mas é inábil em integrar completamente a sua compreensão e tem que voltar ao trabalho da sabedoria até que a mente esteja completamente madura:

É como alguém que está no meio de uma travessia de um córrego – com um pé em um banco de areia e outro já do outro lado. Ele sabe com certeza que existem dois lados do córrego, mas não consegue cruzá-lo completamente, e então ele dá um passo para trás. O entendimento de que existem dois lados do córrego é similar à aquele do *Gotrabhū puggala* ou do *Gotrabhū citta**. Isso significa que você sabe o caminho para ir além das impurezas mas ainda não consegue ir até lá, e então você dá um passo para trás. Uma vez que você saiba por você mesmo que esse estado realmente existe, esse conhecimento persiste em você constantemente conforme você continua com a sua prática de

*‘Gotrabhū’ significa ‘mudança de linhagem’, isto é, entre não-iluminado e iluminado.

meditação e com o seu desenvolvimento de *pārami**. Você está certo tanto do objetivo quanto da forma mais direta de alcançá-lo.

A Visão Correta foi estabelecida; o meditador sabe a forma correta e incorreta de praticar. Ele se conduz entre os extremos de prazer e dor e gradualmente se move para o caminho da equanimidade, mas ainda comete erros. Ele sabe que pisar em espinhos é doloroso, mas ele ainda não consegue evitar de fazer isso às vezes. Mas através de constantemente deixar de lado a tendência de se apegar ao que é prazeroso e desprazeroso no mundo das experiências, o insight se aprofunda até que ele finalmente se torna um ‘conhecedor dos mundos’.

Quando a mente enxergou completamente através da ‘visão de personalidade’, todas as dúvidas e apegos a preceitos e práticas desaparecem, e agora a mente do praticante está ‘no mundo, mas não é dele [do mundo]’. Luang Pó fazia uma comparação com a separação natural entre o óleo e a tinta em uma garrafa:

Você está vivendo no mundo e seguindo as convenções do mundo, mas sem se apegar a elas. Quando você tem que ir a algum lugar, você diz que está indo; quando você está vindo, você diz que está vindo. O que quer que você esteja fazendo, você segue usando as convenções e a linguagem do mundo, mas é como dois líquidos em uma garrafa – eles estão na mesma garrafa mas não se misturam. Você vive no mundo, mas ao mesmo tempo você permanece separado dele.



A mente não cria coisas em torno do contato sensorial. Uma vez que o contato ocorra, você automaticamente abre mão. A mente descarta a experiência. Isso significa que se você está atraído à alguma coisa, você experiencia a atração na mente mas não se apegou ou se segura fortemente nela. Se você tem uma reação de aversão, existe simplesmente a experiência da aversão surgindo na mente e nada mais: não existe nenhum senso de ‘eu’ surgindo que

* Realizações espirituais. A tradição Theravada reconhece dez delas: generosidade, virtude, sabedoria, renúncia, esforço, paciência, verdade (sinceridade), determinação, bondade amorosa e equanimidade.

se apega e de significância ou importância à aversão. Em outras palavras, a mente sabe como abrir mão; ela sabe como colocar as coisas de lado. Por que ela consegue abrir mão e colocar as coisas de lado? Por que a presença do insight significa que você consegue ver claramente os resultados prejudiciais que vem de se apegar à todos aqueles estados mentais.

Quando você vê formas, a mente permanece pacífica; quando você ouve sons, ela permanece pacífica. A mente nem toma uma posição contra ou à favor de nenhum objeto dos sentidos que experiencie. Isso é o mesmo para todos os contatos sensoriais, seja através dos olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo ou mente. Quaisquer pensamentos que surjam na mente não podem perturbá-lo. Você consegue abrir mão. Você pode perceber algo como sendo desejável, mas você não se apega à essa percepção ou lhe dá nenhuma importância em especial – isso simplesmente se torna uma condição da mente a ser observada sem apego. Isso é o que o Buda descreveu como experienciar os objetos dos sentidos como sendo ‘apenas isso’. As bases dos sentidos seguem funcionando e experienciando os objetos dos sentidos mas sem o processo de apego estimulando movimentos pra lá e pra cá na mente.

Ter ganho um insight tão claro e penetrante significa que ele é mantido o tempo todo, esteja você sentado em meditação com os olhos fechados, ou mesmo se você esteja fazendo algo com os olhos abertos. Qualquer situação em que você se encontre, seja em uma meditação formal ou não, a clareza do insight permanece. Quando você tem plena atenção inabalável da mente dentro da mente, você não esquece de si mesmo. Esteja em pé, andando, sentado ou deitado, a atenção interna faz com que seja impossível de perder a plena atenção. É um estado de alerta que te previne de esquecer de si mesmo. A plena atenção se tornou tão forte que ela é autossustentada ao ponto em que se torna um estado natural da mente. Esses são os resultados de treinar e cultivar a mente, e é aqui que você vai para além das dúvidas.

Luang Pó dizia que perceber que o constante surgir e desaparecer de todos os fenômenos de acordo com causas e condições é uma verdade

fixa e invariável, é encontrar o único tipo de ‘permanência’ que existe. Ele dizia que perceber essa verdade de uma “imutável mutação” é ‘o final do caminho que precisa ser seguido’. Em termos das Quatro Nobres Verdades – a plataforma de trabalho de toda a prática e ensinamentos de Luang Pó – ao trazer os oito fatores do Nobre Caminho à maturidade, o sofrimento é compreendido; e com os fatores que sustentam o sofrimento sendo abandonados, o sofrimento cessa. Luang Pó disse:

É como se uma flecha fosse puxada para fora do seu coração.



VII
polindo a concha

Abandonar o caminho obscuro, que os sábios cultivem o caminho da luz. Tendo partido de casa para a vida sem um lar, que eles busquem o deleite no desapego, tão difícil de ser aproveitado. Abrindo mão dos prazeres sensuais, sem nenhum apego, que os sábios limpem a si mesmos de impurezas da mente.

Dhp 87-88

Polindo a Concha

Treinamento dos Monges

A vida de chefe de família é confinada e empoeirada; a vida de quem ‘foi adiante’ é como ao ar livre. É difícil para um chefe de família levar a Vida Santa, que é tão purificada e polida quanto a superfície de uma concha. Suponhamos que eu raspe meu cabelo e barba, coloque os mantos amarelos, e escolha partir da vida em família para a vida sem um lar.

MN 112

Monges, existem dez dhammas sobre os quais alguém que escolheu seguir a vida santa deve refletir repetidamente. Quais são esses dez?

- 1. ‘Eu não estou mais vivendo de acordo com os objetivos e valores mundanos.’ Isso deve ser refletido repetidamente por alguém que segue a vida santa.*
- 2. ‘A minha vida é mantida através das doações dos outros.’ Isso deve ser refletido repetidamente por alguém que segue a vida santa.*
- 3. ‘Ainda existe mais trabalho a ser feito.’ Isso deve ser refletido repetidamente por alguém que segue a vida santa.*
- 4. ‘Surge em minha mente arrependimento sobre minha conduta?’ Isso deve ser refletido repetidamente por alguém que segue a vida santa.*

5. *‘Poderiam meus companheiros espirituais encontrar alguma falta em minha conduta?’ Isso deve ser refletido repetidamente por alguém que segue a vida santa.*
6. *‘Tudo o que é meu, querido e agradável, vai se tornar o contrário, vai se separar de mim.’ Isso deve ser refletido repetidamente por alguém que segue a vida santa.*
7. *‘Eu sou o dono do meu kamma, herdeiro do meu kamma, nascido do meu kamma, relacionado ao meu kamma, vivo mantido pelo meu kamma; qualquer kamma que eu realize, para o bem ou para o mal, dele eu serei o herdeiro.’ Isso deve ser refletido repetidamente por alguém que segue a vida santa.*
8. *‘Os dias e noites estão passando inflexivelmente; quão bem eu estou usando o meu tempo?’ Isso deve ser refletido repetidamente por alguém que segue a vida santa.*
9. *‘Eu me deleito ou não em estar sozinho?’ Isso deve ser refletido repetidamente por alguém que segue a vida santa.*
10. *‘Minha prática gerou frutos com liberdade ou insight para que eu, ao final de minha vida não precise me sentir envergonhado quando questionado por meus companheiros espirituais?’ Isso deve ser refletido repetidamente por alguém que segue a vida santa.*

Monges, esses são os dez dhammas que devem ser refletidos repetidamente por alguém que segue a vida santa.

AN 10.48

I. INTRODUÇÃO

Luang Pó Chah escolheu viver sua vida como um monge budista. Ele recebeu a permissão de seus pais para ingressar em um mosteiro aos nove anos de idade e, tirando um breve período em sua adolescência, ele viveu em comunidades monásticas até a sua morte aos setenta e quatro anos de idade. A Sangha era a sua família e, como professor, o bem estar da Sangha era sua principal preocupação. Enquanto ele deu uma considerável importância para propagar o Dhamma na sociedade como um todo, ele o

fez apenas no limite de que isso não compromettesse o seu treinamento aos monges e monjas em seu mosteiro.

Luang Pó considerava que a longevidade e boa saúde do Budismo em uma sociedade seriam definitivamente decididos pela qualidade da ordem monástica. Ele passou a maior parte da sua vida dando um treinamento para religiosos cuja intenção era de ser verdadeiro aos antigos princípios, mas que aquilo iria ao mesmo tempo permitir que a Sangha prosperasse em uma Tailândia que estava mudando rapidamente. Talvez ainda mais crucialmente, ele buscou criar uma Sangha que não fosse tão dependente dele como indivíduo, mas que pudesse prosperar em sua eventual ausência.

Quando Luang Pó estabeleceu Wat Pah Pong em 1954, havia poucos precedentes para que ele se embasasse, não havia nenhum modelo claro de mosteiro de floresta passado por seus professores para que ele utilizasse. Mal havia passado uma década desde que o próprio Luang Pu Man - o pai da tradição - pela primeira vez tinha ficado dois Retiros de Chuvas consecutivos em um mesmo mosteiro. Contudo, parece evidente que Luang Pó vinha se preparando para esse novo desenvolvimento em sua vida por algum tempo, observando de perto a forma como as coisas eram feitas em cada mosteiro onde ele praticou durante seus anos em *tudong*. Ele começou com grande confiança, estabelecendo um mosteiro baseado amplamente no mosteiro de Luang Pu Man em Nong Peu, mas também introduzindo certas adaptações inspiradas por práticas que ele viu em outros lugares e outras de suas próprias ideias. Desde o começo, ele mostrou força de vontade em aprender de sua própria experiência e descartar o que não funcionasse.

CASCA DO GRÃO

Uma das características que diferenciava o treinamento de Wat Pah Pong era o longo período incomum – em algumas oportunidades quase dois anos* – que aspirantes viviam no mosteiro primeiro como postulantes e então como noviços antes de tomarem a ordenação plena. Essa era uma abordagem radicalmente diferente da encontrada em mosteiros de

*Ao final de sua carreira como professor, esse período de tempo era muito mais curto.

vilarejos e cidades. Peneirar postulantes para admissão na Sangha e requerer que eles passassem um período probatório como postulantes pode parecer um tema de senso comum, mas isso era virtualmente desconhecido naquela época. Na maioria dos mosteiros, postulantes poderiam esperar já estarem usando os mantos monásticos dentro de poucos dias depois de terem cruzado os portões, um costume que contribuiu significativamente para baixar os padrões de toda a ordem monástica. Um período probatório servia para fazer a Ordenação parecer mais valiosa. Luang Pó expressava sua visão sobre esse assunto com uma frase sucinta e característica: ‘Fácil de se ordenar, fácil de largar o manto. Difícil de se ordenar, difícil de largar o manto.’

Em Wat Pah Pong, aqueles que não se adequavam à vida monástica geralmente partiam bem antes da cerimônia de Ordenação. Pessoas novas eram testadas desde o primeiro dia. Um postulante recém chegado para Ordenação em Wat Pah Pong passaria os primeiros dias em um estado de certa confusão, recebendo pouca atenção e dormindo de noite em uma esteira áspera no fundo do Salão de Dhamma. Ajahn Tiang relembrou:

“Luang Pó deixava as pessoas recém chegadas sozinhas. Ele não falava com elas a não ser por perguntar de vez em quando como elas estavam. Se elas fizessem coisas certas ou erradas ele não dizia nada. Ele apenas as deixava por mais ou menos uma semana, ou cinco dias, ou três dias – dependendo das circunstâncias – e então ele falava com elas. Eu achava que esse era um método excelente para ter uma ideia da inteligência da pessoa. Estaria ele ciente do que estava acontecendo à sua volta? Estava ele sendo observador? Ou seria ele tolo, desatento ou impulsivo? Uma vez que Luang Pó notasse seus pontos fracos, sua personalidade básica, então ele começaria a ensiná-lo e treiná-lo.”

Ajahn Jandii, um dos que passou por esse processo com distinção, viu outros partirem depois de poucos dias:

“Luang Pó não se preocupava. Sua atitude era: quem quiser vir, deixe-o vir; quem quiser partir, deixe-o ir. Isso não o afetava. Eu vim como um leigo, e eu fiquei aqui por uns dez dias antes que alguém me dissesse qualquer coisa. Os monges e noviços não falavam comigo, não me ensinavam nada ou me pediam que ajudasse em coisa alguma. Eu pensava, ‘Por que eu

estou sendo deixado à minha própria sorte assim? Eu estou abandonado.’ Às vezes eu começava a me sentir deprimido e pensava em ir para casa. Parecia que, pela forma como todo mundo estava se comportando comigo, que ninguém estava interessado em mim.”

Ao perceber que o ônus estava sobre ele de fazer esforço em observar de perto a todos aqueles que estavam à sua volta e copiar qualquer coisa que eles fizessem da melhor forma que ele pudesse, a força de vontade de Ajahn Jandii em aprender foi notada e sua vida no mosteiro logo começou a mudar para melhor.

Depois de alguns dias, o postulante seria avisado de que ele podia raspar a cabeça, significando um comprometimento inicial com o abandono da vaidade e a prática da renúncia. Ele então solicitava os Oito Preceitos e começava a usar um manto inferior e um *angsa* branco, de postulante. A partir desse ponto, o treinamento começava. Ele participaria da maioria das atividades comunitárias da Sangha, daria assistência aos monges, e começaria a aprender os cânticos diários.

“Eu queria me ordenar rápido, mas Luang Pó me explicou sobre o treinamento de novas pessoas, e aquilo fez sentido para mim ... Ele era muito severo com o meu grupo ... Ele dizia que não nos deixaria tomar a ordenação facilmente. Ele nos treinava como soldados. Nós tínhamos que nos tornarmos soldados do Buda, e nós precisávamos de algum treinamento básico, como em um acampamento militar. Poderia levar vários meses ou até mesmo um ano se nós não fôssemos bons ... Para aqueles que queriam se ordenar apressadamente, aquilo tirava o vento de suas velas. Naquela época, ele visava a qualidade acima de tudo. Ele não se importava com a reação das pessoas que vinham; ele queria testar a fé delas.

“As pessoas mais espertas se ordenavam mais rápido pois elas eram fluentes, capazes de fazer tudo de uma forma correta e organizada. Outros estavam lá por um ano ou dois e eles ainda não estariam prontos. Se eles conseguissem aguentar, eles ficavam; se eles não conseguissem, eles partiam. Ele nunca tentou persuadir ninguém a ficar ... Algumas pessoas chegavam dizendo que estavam cansadas do mundo, que estavam fartas dele; mas então, quando eles se deparavam com as regras monásticas, apenas um dia já era o suficiente. Na manhã seguinte eles mudavam de ideia e partiam. Embora

fosse verdade que eles vinham com fé, lhes faltava sabedoria. Alguns nem ao menos prestavam reverências antes de partir – eles apenas fugiam. Algumas pessoas ficavam um pouco mais de tempo, raspavam a cabeça e então iam embora. Eu conheço várias pessoas que não conseguiram aguentar.”

Qualquer um que demonstrasse desejo ou mostrasse impaciência na presença de Luang Pó podia esperar pagar um preço. Se um novo membro da comunidade quisesse se ordenar o mais rápido possível, a pior coisa que ele poderia fazer era solicitar uma data para Luang Pó ou pior, fazer algo quase impensável (exceto talvez para um dos ocidentais): persegui-lo. A pergunta, ‘Luang Pó, quando eu vou me ordenar?’ ou seria completamente ignorada ou seria dispensada com um, ‘Não se preocupe’ ou, ‘Isso não é realmente necessário; apenas siga como você está.’ Apenas quando Luang Pó visse que o ansioso aspirante estivesse em paz com o que quer que seu professor decidisse, ele organizaria as coisas para a Ordenação. Uma das mais valiosas frases que um novo membro da comunidade de Wat Pah Pong poderia aprender era, ‘Você decide, Luang Pó.’ Isso significava que ele confiava no julgamento de Luang Pó e podia ser paciente por quanto tempo demorasse.

NOVICIATO (IR ADIANTE)

Ordenação como noviço era tradicionalmente a única opção ‘de fato’ para homens com menos de vinte anos de idade, enquanto homens com vinte anos ou mais tomavam a Ordenação Plena como monges sem antes serem noviços. Luang Pó era incomum nesse aspecto já que, por vários anos, ele requeria que homens de todas as idades passassem um período de meses como noviços antes de se tornarem monges. Isso dava aos aspirantes à vida monástica a chance de desenvolverem um sentimento pela vida na Sangha, com vários dos aspectos da vida como monge, mas sem a imediata pressão de ter que estar em conformidade com o grande e complexo corpo de regras de treinamento. Anos mais tarde ele relaxou essa prática de alguma forma, mas a manteve para os ocidentais e homens mais velhos, que se beneficiavam nessa gentil introdução para a vida na Sangha.

A cerimônia de Ordenação de noviços (*pabbajjā*; literalmente: ‘Ir adiante’) é curta. O aspirante recebe os mantos de seu professor, faz sua solicitação

formal de ‘ir adiante’, recebe os Dez Preceitos* de seu professor e recita a lista dos cinco objetos básicos de meditação: cabelo, pelos, unhas, dentes e pele. Em uma dessas cerimônias de ‘Ir Adiante’, Luang Pó deu a seguinte instrução:

A única razão pela qual eu faço tão difícil para todos vocês entrarem na Sangha aqui é porque eu quero que as coisas sejam bem feitas ... Tomar esse tempo é a prova de seu comprometimento. Algumas pessoas querem se tornar monges, mas quando elas descobrem que isso vai demorar um bom tempo, elas mudam de ideia. Alguns lidam com isso, outros partem e procuram tornar-se monges em outro lugar. Eu não tenho objeções quanto a isso. Mas o que eu sempre insisti é que tornar-se um monge é algo para ser levado a sério.

Como postulantes, vocês treinaram e se prepararam para se tornarem monges. Vocês viveram com os monges, aprenderam como oferecer coisas para eles corretamente, aprenderam sobre a vida monástica, se tornaram familiarizados com ela. Vocês praticaram costurar e tingir panos, cuidar dos mantos e das tigelas. Vocês viram como os monges praticam com relação aos mantos, à mendicância matinal, ao alojamento, aos remédios ... Agora vocês devem estar querendo conduzir a si mesmos da mesma forma. Essa é a base.

Agora que vocês aprenderam o básico, vocês podem se tornar noviços. Eu lhes darei uma tigela e amanhã de manhã vocês vão colocar seus mantos de forma impecável e andar em mendicância no vilarejo ... Amanhã os camponeses vão colocar arroz recém cozido em suas tigelas, eles os reverenciarão. Por que aquelas pessoas idosas, com seus cabelos brancos, vão colocar as suas mãos postas em respeito a vocês? Por causa do poder do manto ocre. Esse manto ocre pertence ao Buda. Ele tem um poder incomparável ... Se você usá-lo de forma incorreta, você vai degradar a si mesmo.

*Veja Glossário, 873.

Existe um grande número de ensinamentos do Dhamma para aprender, mas hoje, no dia de sua ordenação como noviços, existem apenas poucos. Seguindo a tradição passada pelos grandes professores da antiguidade, hoje nós estudamos os cinco objetos de meditação: cabelo, pelos, unhas, dentes e pele. Quando vocês ouvem a lista pela primeira vez, ela pode parecer um pouco cômica, mas se vocês contemplarem bem essas cinco coisas, ela vai se tornar verdadeiramente profunda. Nós nascemos com essas coisas, mas nós não as conhecemos. É necessário aprender sobre esses cinco objetos fundamentais de meditação como uma entrada no caminho que leva à Nibbāna. Aqui reside a Visão Correta. Nós somos instruídos a aprendermos esses cinco objetos básicos de meditação e então refletirmos sobre eles.

Repitam depois de mim no idioma das escrituras:

Kesā, lomā, nakhā, dantā, taco.

Taco, dantā, nakhā, lomā, kesā.

Algumas pessoas dizem que todos tem essas coisas; elas já sabem o que são; por que estudá-las? Mas elas realmente não sabem o que essas coisas são, elas não sabem a verdadeira natureza do cabelo, dos pelos, das unhas, dos dentes ou da pele. Cabelo é na verdade repulsivo. De onde ele vem? Ele se alimenta de pus. Os outros são o mesmo. Essas coisas não são ardentes de saúde, vocês sabem. Elas não são algo para se deleitar. Mas nós não vemos isso realmente.

São as partes defeituosas que as pessoas embelezam, as partes não atraentes; é por causa de sua grande sujeira que as pessoas as embelezam. Existe realmente algo bonito no cabelo? Não, não existe. Ele é limpo? Não há nada de limpo nele. Se você pegar um tufo de cabelo e deixá-lo na beira de uma estrada, alguém vai pegá-lo? Retire a sua pele, coloque-a na beira de uma estrada e amanhã durante a mendicância matinal veja se alguém já levou aquilo embora ...

Nós não vemos as coisas à sua verdadeira luz. Agora que vocês são noviços, prestem atenção a elas. Cabelo não é bonito, pelos não são bonitos, unhas não são bonitas, dentes não são bonitos, pele não é bonita. Mas as pessoas os cobrem com pós, cremes e outras coisas para fazê-los parecerem bonitos e então ficamos iludidos e não vemos a verdade das coisas.

É como o peixe que engole o anzol; você já viu isso? Na verdade, o peixe não tem a intenção de comer o anzol, é a isca que ele engole. Se visse o anzol, o peixe não comeria a isca ... Ele engole a isca porque ele não sabe o que está fazendo. É o mesmo com todos nós. Se você pudesse ver as coisas à sua verdadeira luz, você não iria querê-las. Por que você escolheria carregar o fardo com coisas como essas? Mas é como o peixe: uma vez que o anzol está em sua boca, não importa o quanto o peixe queira se livrar dele, ele não pode. Está enganchado ...

Se vocês contemplarem essas cinco partes do corpo de forma repetida e as virem com clareza, a sua mente estará em paz ... Sigam contemplando. Não sejam desatentos ... Estudem esses objetos de meditação e tenham medo deles como anzóis. Se vocês não sentem nenhum medo deles, é porque vocês não os conhecem.

Uma vez que vocês estejam ordenados, então sejam obedientes. Sigam os conselhos e instruções de seu professor. Sejam respeitosos, fiquem maravilhados com o Buda e com as regras de treinamento que ele estabeleceu ... Vocês devem tentar ao máximo trazer à tona um senso de medo e de maravilhamento: um medo sábio de fazer coisas erradas e mau kamma, um medo de quebrar as leis do Buda. Se vocês refletirem constantemente dessa forma, vocês viverão em paz, felizes e atentos.

Agora eu lhes darei seus mantos, esses mantos tingidos de ocre que são a bandeira da vitória dos *arahants*. Vão para fora e coloquem o manto inferior e o superior. Os coloquem de forma bela, uniformemente por toda a volta.

II. PARTES DE UM TODO

A SANGHA DE WAT PAH PONG

A comunidade de Wat Pah Pong consistia de monges, noviços, postulantes e *mé chis** (monjas de mantos brancos). A maioria dos noviços eram garotos adolescentes, inelegíveis para tomar a Ordenação completa como monges até que completassem vinte anos. Quantos aos monges, eles podiam ser divididos em três grupos: monges regulares, monges visitantes e monges temporários.

O corpo principal da Sangha consistia no primeiro grupo: aqueles monges que chegaram como leigos e passaram pelo período designado de preparação antes de se ordenarem. Esse grupo podia ser dividido em: monges ‘novos’ (*navaka*) – aqueles que estivessem na Sangha por menos de cinco anos; monges ‘intermediários’ (*majjhima*) – aqueles entre cinco e dez anos na Sangha; e monges ‘sênior’ (*thera*) – que estivessem na Sangha por mais de dez anos.

O segundo grupo, muito menor, consistia de monges ordenados em outros mosteiros e classificados como monges ‘visitantes’ (*āgantuka*). Em qualquer momento, esse grupo poderia incluir tanto visitantes de curto período quanto monges que desejavam se juntar à Sangha de Wat Pah Pong e que estivessem passando por um período probatório e de adaptação. O terceiro grupo, geralmente presente apenas durante os Retiros de Chuvas, consistia de monges que tinham tomado a ordenação temporária.

Luang Pó deixava claro que, em sua visão, a única razão legítima para ingressar na Sangha em um mosteiro de floresta era para seguir estritamente o caminho para a iluminação. Ele precava os monges, ‘Nós não estamos aqui para *nos tornarmos* absolutamente nada.’ Em outras palavras, a vida monástica não era sobre ganhar nenhum tipo de recompensa, status ou identidade; aquilo simplesmente perpetuaria o sofrimento da vida leiga com uma nova forma. Todos os desejos, mesmo por Nibbāna, eram para ser desenraizados. A paciência era assinalada como uma virtude fundamental. Ele dizia que as pessoas encontravam maneiras de reprimir ou esconder

* As monjas viviam separadamente dos praticantes masculinos; seu treinamento será tratado no Capítulo IX.

as suas faltas no mundo, enquanto a prática do Dhamma abria o mundo interior de forma ampla e expunha todas as faltas. Era difícil de suportar.

Lembre-se: a prática é de olhar para si mesmo. Não olhe para fora – olhe para dentro. Por que? Porque estamos praticando para a iluminação. Jovens e velhos, nós renunciamos ao trabalho no mundo para vir aqui praticar. A prática deveria resultar nos caminhos e seus frutos* Se não resulta, então, tanto quanto eu tenho conhecimento, é uma perda de tempo. Tente produzir esses resultados. Realize os caminhos e seus frutos. Se não for um caminho grande, então que seja um pequeno; se não for um fruto grande, então um pequeno. Faça isso. E não retroceda. Deixe a prática seguir em frente passo a passo. Não fique satisfeito com o que você já tenha alcançado.

Luang Pó dizia que se qualquer monge praticasse diligentemente, o primeiro nível de iluminação – entrar na correnteza – era alcançável dentro de cinco anos.**

Ele instigava os monges recém ordenados a entenderem claramente que eles estavam embarcando em uma vida que ia contra os velhos hábitos mundanos:

Todo mundo gosta de seguir seus próprios desejos, mas uma vez que você ingressou na Sangha aqui em Wat Pah Pong você não pode mais fazer isso. Você veio aqui para treinar.

Se você se torna um monge e pensa que você vai comer bem, dormir bem e levar uma vida confortável, então você está com a ideia errada, você está no lugar errado. Se é isso o que você quer, você devia seguir como um leigo e sustentar a si mesmo.

*Pali: *maggaphala*. Os “caminhos e frutos” se referem à prática em direção à, e o alcançar dos, quatro estágios de iluminação. Veja Glossário: ‘aquele que entra na correnteza’ (p.869), ‘aquele que retorna uma vez’ (p.869), ‘aquele que não retornará’ (p.869) e o arahant (p.869).

** cf. o que disse o Buda no *Satipatthāna Sutta* (MN 10): “Qualquer pessoa que mantenha as Quatro Bases da Plena Atenção dessa forma por sete anos ... sete meses ... sete dias, então uma de duas fruições pode ser esperada por ele: ser um arahant aqui e agora; ou se alguma forma de apego ainda siga presente, o estado de ‘não retorno’.”

Não seria fácil para os descomprometidos. Apenas aqueles que estivessem completamente comprometidos sobreviveriam.

Aqueles que tem fé podem aguentar. Não importa o quão exigente seja, eles persistem; quaisquer dificuldades e tribulações, eles persistem. Paciência e tolerância são suas virtudes guias. Eles não seguem apenas os seus desejos.

Um grande desafio era evitar a tendência em se identificar com as emoções negativas que vinham à tona com o treinamento.

Como nós não conseguimos distinguir entre a mente e as impurezas, nós as assumimos como sendo apenas uma coisa. Isso nos sabota. Se tentamos ir contra as impurezas, então nos sentimos como se nós estivéssemos ficando frustrados, e aí nós não o fazemos.

Se tornar um monge não é algo fácil. É duro. Quando quem está de fora fala sobre isso, as palavras deles não nos parecem verdadeiras. Tome como exemplo a visão comum de que as pessoas se tornam monges por causa de algum desapontamento na vida. Se alguém assim chega, você consegue dizer isso assim que eles cruzam o portão. Eles estão pensando que a vida monástica será relaxante, mas uma vez que eles ingressam na Sangha aqui, eles se veem sob uma pressão maior do que antes, e certamente não conseguem aguentar mais. É assim que é. Eu não estou falando apenas de outras pessoas: eu mesmo sofri muito. Mas eu tinha uma mente realmente impetuosa. Eu não me permitiria seguir sofrendo. Eu sofri intensamente – eu não sei de onde veio toda aquela dor – mas ao mesmo tempo havia uma parte de mim que não a seguiria. Na verdade, às vezes, pensando sobre o sofrimento e todas as dificuldades pelas quais eu estava passando, eu quase até gostei daquilo.

Luang Pó alertava que se os monges não soubessem como cuidar de sua própria fé, ela terminaria. Expectativas não realistas eram um grande perigo. Vários jovens monges largavam o manto quando eles percebiam o quão mais difícil era treinar a sua própria mente do que eles imaginavam.

Então a verdadeira e melhor base é viver com paciência. Paciência é essencial. Você deve ir contra os seus hábitos mentais e acreditar nos ensinamentos e conselhos do professor.

Na verdade, a prática que levava ao melhor resultado possível – o bem estar de longa duração para si mesmo e para os outros – era direta; ela apenas parecia difícil por causa das impurezas. Tudo tinha sido bem estabelecido para facilitar o treinamento. Tudo o que deveria ser feito era manter o Vinaya e as regras monásticas, seguir a agenda, meditar diligentemente, e lidar de maneira sábia com qualquer coisa que surgisse na mente como resultado. O ponto a ser sempre mantido em mente era que o objetivo da prática era abandonar o desejo.

Esse desejo: as pessoas não o entendem, entendem? Algumas pessoas pensam que uma vez que tenham satisfeito o desejo, ele passará. Ele não passa. Sentir-se saciado e experienciar a cessação do desejo são duas coisas completamente diferentes ... Dê um pouco de arroz para um cão faminto. Um prato, dois pratos de arroz acabam em um instante. Mas na hora que ele estiver no quarto prato, o cão estará completamente empanturrado. Então ele se deita ao lado do prato que ele não terminou e guarda o arroz, com os olhos trêmulos. Se qualquer outro cachorro venha para comer a comida, ele o ameaça, ‘Grrr! Grrr!’ Cachorros, humanos – seus instintos são quase os mesmos.

O abandono do desejo, a causa do sofrimento, não seria conseguido à força.

Nossa capacidade de abandonar o apego às coisas depende do quanto pensamos que isso se adequa para nós mesmos. Quando somos capazes de abandonar algo, é porque nós vimos o sofrimento inerente a aquilo. Nós somos capazes de praticar assim porque nós vemos o grande valor de fazer isso.

O Buda nos ensinou a ter plena atenção, estado de alerta e saber constantemente o que está acontecendo à nossa volta – e então irmos ao ponto. Depois que o período de meditação sentada termine, siga refletindo sobre o que quer que você tenha experienciado ... Isso vai se tornar um hábito; isso vai formar uma condição e uma força. Incrementar hábitos saudáveis é o que o

Buda chamou de progresso. O desenvolvimento da meditação tem que ser assim.

Algumas pessoas se desapontam por seus resultados na meditação. Elas começam a pensar que não tem a capacidade de experienciar tranquilidade, então elas largam o manto. Mas não é fácil ter o que você deseja. Você não pode forçar a sua mente a alcançar um estado de calma lucidez. Você deve ficar calmo e sem pressa. Persevere com a prática e com os ensinamentos. Coloque esforço contínuo com o corpo e a mente. A queda na prática começa por não ter vontade ou não ousar fazer isso, por não seguir os ensinamentos, por falta de fé.

Monges deveriam aprender ao colocarem esforço contínuo e observarem o que acontecia como resultado. Não era tão importante ser proficiente em todos os termos técnicos utilizados para descrever o processo. Luang Pó fez uma analogia:

Um leigo lhe oferece uma fruta, e você experiencia o seu sabor doce e delicioso mesmo sem conhecer o nome da fruta ... Saber o seu nome não vai fazer o sabor ser melhor.

MONGES VISITANTES

Mais e mais monges, ordenados em outros mosteiros, chegavam a Wat Pah Pong pedindo permissão para juntar-se à sua Sangha tanto por um período temporário quanto para um treinamento a longo prazo. Muitos desses monges não eram familiarizados com a vida em um mosteiro de floresta, e poucos tinham recebido muita instrução em Vinaya. Embora Luang Pó concordasse em tomar como residentes monges que fossem ordenados em outros lugares, ele também estava ciente dos desafios envolvidos em integrá-los à comunidade, especialmente com os mais seniores entre eles. Se monges visitantes fossem permitidos tomar lugar na hierarquia de acordo com a senioridade, então o sistema de Wat Pah Pong – no qual se esperava que os monges seniores atuassem como exemplos para os monges mais jovens – estaria comprometido. Jovens monges e noviços podiam começar a perder o respeito por monges seniores que obviamente não eram familiarizados com o treinamento.

A resposta de Luang Pó para esse problema foi estabelecer uma série de protocolos que determinavam a admissão de monges visitantes, fossem eles convidados ou aqueles que queriam ser membros da Sangha de Wat Pah Pong. Inicialmente, monges que chegassem sozinhos somente teriam a permissão de passar a noite lá caso eles já fossem ordenados por mais de cinco anos ou se tivessem uma carta de recomendação de seus preceptores. Uma estadia inicial de três noites era concedida aos visitantes, embora isso pudesse ser estendido por decisão de Luang Pó. Monges que vinham de mosteiros cuja prática de Vinaya fosse significativamente diferente da de Wat Pah Pong eram designados como '*monges visitantes*' e não eram considerados como membros de fato da comunidade. Eles se sentavam separadamente no refeitório, andavam no final da fila na mendicância matinal independente de sua senioridade e, o mais controverso, não eram convidados para os encontros formais da Sangha. A maioria dessas práticas reproduzia a forma como os mosteiros de floresta da Ordem Dhammayut tratava aos monges da Ordem Mahānikāya. Contudo, como os monges que eram incluídos nessas restrições em Wat Pah Pong eram da mesma Ordem, essa política levou à fortes críticas em alguns mosteiros afiliados. Mas Luang Pó não se importava com isso. Ele próprio viveu como um '*monge visitante*' por vários meses em algumas oportunidades e achou aquilo de muito auxílio para remover o orgulho e a presunção.

O período probatório não era confortável para os monges em questão, mas isso cumpria várias funções úteis. Isso lhes fornecia a oportunidade de considerar sem pressa se eles gostariam ou não de fazer um comprometimento de longo prazo com a Sangha de Wat Pah Pong. Isso lhes permitia se adaptarem à forma de prática em seu próprio ritmo, sem a pressão de serem membros de fato da comunidade. Isso também provia a oportunidade para Luang Pó verificar se esses monges se adequariam ou não: ele observaria as suas personalidades, como os monges lidavam com a perda de status, e o quanto eles estavam dispostos a tomar um padrão muito mais rigoroso na prática do Vinaya. Mais adiante, Luang Pó estaria consciente que, se monges que tinham se ordenado em outros lugares, com quase nenhum período de preparação, pudessem se juntar à Sangha de Wat Pah Pong facilmente, então isso poderia sabotar o sistema de treinamento que ele tinha desenvolvido. Mais pessoas procurariam cortar caminho do treino

inicial como postulantes e noviços ao chegar ao mosteiro depois de terem sido ordenados em outro lugar.

Ajahn Jan, que viria a tornar-se um dos discípulos mais próximos e confiáveis de Luang Pó, chegou no início de Julho de 1960, depois de passar vários anos em um mosteiro de vilarejo. O contraste era completo e ele sentiu um solavanco por um tipo de choque cultural. Estando acostumado com uma atmosfera mais fácil de lidar, ele interpretou o modo reservado dos monges de Wat Pah Pong como se fosse frieza e arrogância. Isso foi aparentemente confirmado em seu primeiro dia inteiro lá, quando estava limpando o local para uma nova cabana: nenhum dos monges parecia interessado em ajudá-lo com o trabalho.

“Quanto a mim, eu não sabia sobre a regra do Vinaya que proibia monges de cavar a terra e apenas comecei a fazê-lo. Eu cavei buracos, coloquei os postes e cortei videiras para unir as coisas.”

Não era de forma alguma a única regra do Vinaya que ele desconhecia. Ele chegou ao mosteiro com alguns jogos de mantos sobressalentes e um estoque de leite enlatado e Ovomaltine. Ele logo descobriu que em Wat Pah Pong, a regra que proibia mais de um jogo de três mantos era estritamente observada e que leite e Ovomaltine eram considerados como alimento e poderiam ser consumidos apenas durante a refeição. Havia tantas coisas que ele não sabia – era uma curva de aprendizado acentuada.

“Quando ele já havia testado minha fé e meu respeito e ele viu que eu confiava nele, então ele começou a me ensinar ... Luang Pó disse que eu tinha que jogar fora quaisquer mantras mágicos ou madalhões empoderados que eu pudesse ter coletado. Ele me ensinaria do zero. Certo ou errado, eu deveria apenas seguir o que ele dissesse naquela hora e então discutir depois ... Eu já era ordenado fazia seis anos, e eu nunca tinha meditado. As coisas que eu vinha fazendo antes – o trabalho de construção, assentar tijolos, carpintaria, trabalhos com cimento – ele me fez deixá-los todos de lado. Ele me ensinou como praticar meditação sentado e andando. Ele me ensinou a descansar a respiração, estabelecer a plena atenção. Eu estava totalmente determinado a fazer bem feito, e eu fiz tudo o que ele me disse.”

Logo antes do começo do Retiro Anual de Chuvas, Luang Pó disse para Ajahn Jan que ele estava pronto para ser aceito na Sangha. Primeiro, contudo, a maioria de seus pertences teriam que ser substituídos. Monges cometiam ofensas contra o Vinaya tanto por aceitar dinheiro quanto ao gastá-lo. Qualquer item comprado por um monge é considerado ‘impuro’ e sujeito a ser confiscado. A maioria dos pertences de Ajahn Jan caiu nessa categoria.

“Luang Pó disse ao Ajahn Tiang para revisar os meus requisitos e ver o que não era permitido, para que minha *sīla* pudesse ser purificada no meio de toda a Sangha. Ocorreu que, no final da inspeção, tudo o que me restou foi um manto inferior já bem fino. Todo o resto eu mesmo tinha comprado e estava violando as regras de treinamento de *Nissaggiya Pācittiya*. A inspeção foi bastante rigorosa. Mesmo que alguns dos itens tinham sido propriamente oferecidos por leigos, eles foram declarados impuros – incorretos aos olhos do Vinaya – pois eu tinha comprado o detergente com o qual eu tinha lavado eles. Ele fez com que eu enviasse tudo ao que eu tinha renunciado de volta ao meu antigo mosteiro.

“Ajahn Tiang me deu um novo jogo de mantos. Eles eram mantos escuros de monge meditador, remendados em vários lugares. Luang Pó disse, ‘Não se preocupe com requisitos: se sua *sīla* é pura, eles aparecerão por eles mesmos.’ Depois daquilo, ele fez um anúncio à Sangha e me fez determiná-los formalmente* os panos, vestir os mantos e confessar minhas ofensas. Eu não sabia como confessar ofensas em uma Sangha de floresta e tive que repetir as palavras depois dele. Depois que a Sangha me aceitou, Luang Pó deu uma palestra ... Ele falou sobre os vários tipos de virtude, e sobre a sujeira e impurezas que a Sangha gentilmente tinha limpado de mim. Ele disse que eu jamais deveria esquecer aquela dívida de gratidão, que eu deveria lembrar daquilo por toda a minha vida. Eu chorei.”

Ajahn Maha Amón relembra o dia em que ele trocou os seus requisitos:

“Era do meu relógio que eu mais me arrependia de estar me desfazendo. Era um relógio muito bom, e eu sempre o usava para ficar de olho no tempo enquanto eu estava ensinando. Quando eu o peguei com o intuito de me desfazer dele formalmente, o pensamento surgiu em minha mente, ‘Se eu me desfizer desse relógio e terminar tendo que voltar a dar aulas, será que

*Veja página 265, ‘Mantos’

eu vou conseguir algum dia outro como esse?” naquele momento, Luang Pó falou como se ele soubesse o que estava passando em minha mente, ‘Oh, você tem um relógio? Jogue-o fora. Não é algo bom. Fique com o meu.’ E então ele pegou um relógio do tipo alarme em sua bolsa de pano e deu para mim. Esse relógio ainda está por aí. Eu o mantive comigo desde então.”

Ajahn Boonchu era um dos vários bastiões de Wat Pah Pong em anos mais tarde, um dos que começaram suas vidas lá como monge visitante.

“Quando os monges e noviços realizavam as tarefas diárias, ou quando havia um projeto de construção, aquilo me fazia observar bastante. Eu tratava de ajudar ... Eu permiti que meu orgulho me motivasse, ‘O que quer que eles consigam fazer, não importa o quão duro, então eu também consigo.’ Luang Pó nos observava muito, com cuidado. Quando eu era recém chegado, eu senti uma grande reverência por ele – na verdade, era intimidação. De fato, eu me sentia intimidado por tudo: desde todas as regras e Observância até os jovens noviços, e mesmo os praticantes leigos, pois muitos deles praticavam há mais tempo do que eu e provavelmente sabiam mais do que eu sabia. Mesmo que eu já tivesse seis anos como monge, parecia que eu nem tinha começado a praticar.

“Tudo o que eu fazia era uma mistura de correto e incorreto, e às vezes eu ficava envergonhado, mas Luang Pó apenas deixou passar. Depois de eu estar lá por algum tempo, depois que uma sessão vespertina tinha terminado no Salão de Dhamma, eu tive a oportunidade de ir junto com alguns outros monges visitantes e noviços para prestar reverências a ele e receber seus ensinamentos ... Se qualquer um tivesse um problema em sua prática, aquela era a hora quando se poderia perguntar para ele. Às vezes ele mesmo perguntaria, ‘Como está o Fulano de Tal?’ ou ‘E quanto ao Ciclano de Tal? Está tudo indo bem?’ Ele nos perguntava como estávamos; estávamos sentindo fome de noite comendo apenas uma refeição ao dia? Nós poderíamos aguentar aquilo? Algumas vezes ele nos dava um incentivo: ‘Sejam muito pacientes. Apenas sigam praticando. Vocês estão vivendo entre amigos. Qualquer tarefa que precise ser feita, ou qualquer observância que ainda esteja com faltas ou relaxada, então observem seus amigos. Pratiquem bem, não sejam desatentos.’”

É comum na Tailândia que homens de meia idade ou mesmo idosos ingressem na Sangha. Alguns decidem ingressar em um mosteiro depois de se aposentarem, alguns depois que seus filhos cresceram e saíram de casa, outros logo após se divorciarem, e outros (desde que tenham o consentimento de suas esposas) enquanto ainda estão casados. O termo tradicional usado para um homem que se torne um monge depois de ter vivido como chefe de família é '*Luang Tá*'. Luang Tá's sempre tiveram pouca reputação desde a época do Buda. O Luang Tá arquetípico veste seu manto de maneira desajeitada, segue preso aos seus modos mundanos, é teimoso e difícil de ensinar. Ele acha difícil de lidar com a mudança de status que ele experimenta ao tornar-se um membro junior de uma comunidade na qual alguns dos monges aos quais ele deve prestar reverência não são mais velhos do que seus filhos.

Existe toda uma gama de histórias engraçadas de Luang Tá's, a maioria envolvendo o tema de cobiça ou os velhos hábitos mundanos que se reafirmam. Em uma história típica, um Luang Tá em mendicância matinal chega em uma encruzilhada. À esquerda está o vilarejo onde ele frequentemente recebe pratos deliciosos mas poucos doces. À direita está o vilarejo onde ele recebe doces maravilhosos mas poucos pratos. Depois de um agonizante período de indecisão, ele decide por ir pelo caminho que leva ao vilarejo dos pratos, mas logo, como tendo sido varrido por uma visão dos doces, muda de ideia e volta para tomar a rota para o vilarejo dos doces. Mas assim que ele está já próximo do vilarejo dos doces, ele começa a se arrepender de ter renunciado aos pratos do outro vilarejo. Ele caminha para frente e para trás tantas vezes – pego por seus desejos em conflito – que então ele percebe que o horário para a mendicância matinal já terminou faz tempo e que hoje ele não vai ter nada para comer.

Monges que se assemelhavam com a caricatura do Luang Tá sempre foram fáceis de encontrar nos templos de vilarejo da zona rural de Issán; contudo, esse não era o caso nos mosteiros de floresta. É preciso muita coragem para um homem mais velho se comprometer com a vida ascética de um monge de floresta. E entre aqueles que eram determinados em fazê-lo, apenas aqueles que podiam se provar capazes de suportar os rigores da vida e com ganas de viver sob as regras monásticas e o Vinaya, eram aceitos

na Sangha de Wat Pah Pong. Por essa razão, a qualidade dos Luang Tás no mosteiro era alta. Entre eles se poderiam encontrar alguns dos mais queridos e respeitados membros da Sangha.

Como forma de medir a sua adaptabilidade, Luang Pó requeria que homens mais velhos passassem longos períodos de tempo primeiro como postulantes e depois como noviços, antes de se tornarem monges. Durante esse período probatório (e alguns homens mais velhos nunca passaram do status de noviços), Luang Pó os confortaria quando as coisas ficassem mais pesadas, lhes dando inspiração e os encorajando a não se deprimirem pela fragilidade de seus corpos. Um noviço mais velho, triste porque ele não conseguiria se tornar um monge, ficou lisonjeado pelas palavras de Luang Pó para ele:

devia forçar tanto o meu corpo. Ele era como uma velha carroça, ele dizia, se despedaçando um pouco mais a cada dia, e era para que eu não me preocupasse muito por isso. Ele disse que a ordenação como monge é uma convenção. Você não se torna um verdadeiro monge através da cerimônia de Ordenação, mas através da prática. Ele disse que leigos e noviços poderiam se tornar verdadeiros monges se eles praticassem bem.

“Ele me contou histórias do tempo do Buda sobre leigos que chegaram a tornar-se ‘aqueles que entraram na correnteza’, e sobre um que se tornou um arahant e logo depois foi chifrado até a morte por um touro enquanto ele ainda estava procurando por um pano amarelo para fazer um manto. Eu me senti muito orgulhoso quando Luang Pó me contou essas coisas. E ele foi gentil o suficiente para me contar um conto que foi realmente inspirador. Se tratava de um certo monge de alta patente eclesiástica. Ele era um escolástico do mais alto nível em Pali e era o monge chefe de uma província, mas ele tinha tantas responsabilidades que largou o manto e se re-ordenou como noviço. No verão, ele desaparecia nas montanhas para meditar, e então logo antes do Retiro de Chuvas ele voltava ao mosteiro e ficava com seus discípulos, dando palestras do Dhamma e ensinando ... Luang Pó me disse, ‘Você também pode fazer isso. Pratique com sinceridade, no melhor nível possível para sua força e idade. Não olhe para os outros. Não fique procurando faltas. Não importa o que os outros fazem. Você é um homem velho agora, não se interesse pelas faltas dos outros.’ Eu tomei os ensinamentos de Luang Pó para o meu coração.”

MONGES TEMPORÁRIOS

Mesmo que existam aproximadamente 300.000 monges e noviços de manto a qualquer tempo, provavelmente menos de um décimo dos que ingressam na ordem monástica na Tailândia ficam nela pelo resto de suas vidas. Ordenação temporária é a regra ao invés da exceção – tradicionalmente, pelos três meses dos Retiros de Chuvas, mas frequentemente por um período muito mais curto nessa época tão ocupada, hoje em dia. É um costume que fez muito por enriquecer a sociedade tailandesa durante o último milênio, criando laços profundos e marcantes entre budistas leigos e a ordem monástica. A ordenação temporária preveniu a Sangha de ser vista como uma casta de elite e assegurou que poucos lares não tenham um membro da família que não seja ou tenha sido alguma vez um membro. O valor do costume para o bem estar da sociedade é reconhecido pela permissão de que, aqueles que são empregados do governo (incluindo membros das forças armadas) recebem uma licença remunerada para se tornarem monges por um Retiro de Chuvas de três meses durante sua carreira.

A ordenação temporária fornece um rito de passagem no qual os homens jovens ganham a oportunidade de estudar os ensinamentos do Buda intensamente e aprender como aplicá-los na vida diária antes de embarcar em uma carreira e se casar. Antigamente, um jovem que ainda não tivesse passado um tempo como monge era considerado ‘verde’ ou imaturo e lhe seria difícil conseguir um bom casamento.

Talvez a maioria dos jovens que se tornam monges temporários sejam motivados não tanto por uma preocupação com seu bem estar espiritual, mas pela crença de que isso é a coisa certa a ser feita por um budista naquela fase da vida, que eles estão mantendo uma antiga tradição de família, e mais importante, que eles estão fazendo seus pais felizes e orgulhosos. A crença de que tomar a ordenação temporária é a forma suprema de expressar a gratidão que um filho tem por seus pais está profundamente arraigada na cultura tailandesa. Acredita-se que os pais acumulam muitos méritos se um filho se torna um monge.

Para alguns mosteiros, um fluxo constante ou sazonal de monges temporários pode ser uma infusão regular de sangue novo que previne a

estagnação. Ao mesmo tempo, isso também pode perturbar a harmonia em uma comunidade estabelecida. Ensinar e treinar novos monges pode ser um fardo pesado, e a influência de um grupo, ainda que pequeno, de jovens monges que não tem nenhum interesse real em aprender, mas que apenas estão passando tempo ‘por causa de seus pais’, pode ter um efeito adverso em todo o mosteiro.

A dificuldade em equilibrar o suporte para uma tradição saudável e a necessidade de proteger os padrões da comunidade residente eram refletidos nas políticas alternadas de Luang Pó quanto à aceitação de monges temporários em Wat Pah Pong. Em alguns anos, o Retiro de Chuvas teria uma dúzia deles, em outros anos, quase nenhum. Falando de maneira geral, se o ingresso em um ano tivesse sido perturbador, ele aceitaria muito menos monges temporários no ano seguinte.

Em Wat Pah Pong, a maioria dos monges temporários eram funcionários públicos de meia-idade ao invés de jovens rapazes. Entre eles, os mais populares com a Sangha de residentes tendiam a ser os membros das forças armadas. Eles eram acostumados com a disciplina e com a austeridade física, tendiam a ser altamente motivados e se adequavam bem. Problemas tendiam a ocorrer com os servidores públicos que vinham de um ambiente onde eles eram mais mimados. Para eles, cada dia na floresta podia ser uma dificuldade, e para alguns, o último dia do retiro parecia a linha de chegada depois de uma extenuante maratona. Na outra ponta do espectro estavam os monges temporários que prolongavam a sua estadia de mantos por mais alguns meses, ou mesmo anos, além de seu plano original. Alguns poucos acharam o que estavam procurando em Wat Pah Pong e nunca retornaram à vida leiga.

NIKĀYA

A maioria dos grandes discípulos de Luang Pu Man começaram as suas vidas monásticas na Ordem Mahānikāya, que era a maior, e mudaram a sua afiliação para a Ordem Dhammayut à qual ele pertencia, que era a mais rigorosa, depois de se tornarem seus estudantes. Luang Pó foi parte de um pequeno grupo de monges – sendo Luang Pu Tongrat o seu líder não oficial – que reconheciam os padrões geralmente mais baixos dentro da Ordem

Mahānikāya, mas decidiram por tentar reformá-la de dentro, ao invés de rejeitá-la completamente.

Luang Pu Man estabeleceu uma série de protocolos no tocante à recepção de monges visitantes Mahānikāya (considerados faltosos em pureza com respeito ao Vinaya) em seus mosteiros. Eles deviam sentar-se separadamente, por exemplo, e mais importante, eram barrados de participar dos encontros formais da Sangha como a recitação quinzenal do *Pāṭimokkha*.

Os abades dos mosteiros de floresta Dhammayut concordavam que o Vinaya praticado em Wat Pah Pong era de um alto padrão, mas eles sentiam que seria desrespeitoso com o finado Luang Pu Man fazer exceções às suas instruções por sua própria autoridade. Sendo assim, na maioria dos casos, monges visitantes de Wat Pah Pong encontravam as mesmas restrições que aqueles que não tomavam o Vinaya seriamente. Mesmo sendo tratados com grande respeito e sendo avisados de que aquilo era meramente um tema de convenção, isso podia trazer ressentimento.

Um ano, Luang Pó deu permissão para um certo monge Dhammayut passar o Retiro de Chuvas em Wat Pah Pong*. Em um encontro da Sangha, ele perguntou para a comunidade se eles achavam que o monge devia ser permitido de participar da recitação do *Pāṭimokkha*. Ele silenciosamente permitiu a posição ‘mano-a-mano’ de surgir. ‘Eles não nos permitem participar das reuniões formais deles, por que deveríamos permiti-los participar das nossas?’ era a resposta mais comum. Tendo escutado as opiniões de todos os seus discípulos, Luang Pó lhes contou seu próprio pensamento, fornecendo então um precedente para todas as ocasiões futuras:

Nós poderíamos fazer isso [nós poderíamos excluí-lo], mas isso não seria Dhamma ou Vinaya, isso seria agir sob nossa opinião, ponto de vista pessoal e orgulho. Não pareceria correto. Por que não tomamos o Buda como exemplo? Não nos apegaremos a essa ou aquela Ordem, mas ao Dhamma-Vinaya. Se um monge pratica bem e mantém o Vinaya, então nós lhe permitimos participar das reuniões formais, seja ele Dhammayut ou Mahānikāya. Se

* Monges Dhammayut de floresta que fossem de um mosteiro reconhecido tomavam seu lugar na hierarquia da Sangha imediatamente.

ele não for um bom monge, não tiver senso de sábia vergonha, então qualquer que seja a Ordem à qual ele pertença, nós não lhe permitiremos participar. Se nós praticarmos assim, então estaremos em conformidade com as liminares do Buda.

LARGAR O MANTO

A maioria daqueles que entraram na vida monástica em Wat Pah Pong o faziam sem qualquer intenção de largar o manto em algum ponto no futuro, mas sem eliminar completamente a possibilidade; eles faziam uma determinação de se entregarem ao treinamento e, para descobrir se eles o haviam feito, era na verdade o que tinha a ver com ficar à longo prazo. Mesmo entre aqueles que não sentiam nenhum interesse em buscar uma vida em família e uma carreira, poucos estavam dispostos a colocar a mão no fogo ao declarar um comprometimento para a vida inteira. Para a maioria isso parecia arrogante e não sábio; quem sabia o que o futuro guardava?

O Vinaya não estipula que os candidatos à Ordenação façam votos para toda a vida. Se monges se tornassem infelizes e quisessem retornar à vida leiga, então eles eram livres para fazê-lo a qualquer momento, sem estigmas e sem a barreira psicológica de uma longa e severa cerimônia de ‘des-ordenação’.

Deixar a Sangha não poderia ser algo mais direto. A ‘des-ordenação’ é realizada quando um monge informa a qualquer pessoa que entenda o significado de suas palavras que ele está abandonando sua condição monástica. Daquele momento em diante, mesmo que ele siga vestindo os mantos, ele é (tecnicamente falando) um leigo.

Na prática, uma curta cerimônia é realizada. O monge formalmente pede perdão ao seu professor sobre qualquer ofensa ou dificuldade que ele possa ter-lhe causado, antes de informá-lo de sua intenção de deixar a Sangha, usando uma curta frase em Pali. Com essas poucas palavras, ele se torna um leigo. Tendo se trocado para roupas de leigo, ele solicita os Cinco Preceitos e algumas palavras de conselho para o seu retorno ao mundo.

Uma razão chave para que a ‘des-ordenação’ seja feita de maneira tão simples, tanto praticamente quanto psicologicamente, é o reconhecimento

de que poucas pessoas tem a vocação para permanecer com os mantos por toda a vida, e de que é melhor para alguém que queira partir que o faça ao invés de viver em um mosteiro de uma forma descontente e incompleta. Monges deprimidos tendem a fazer daqueles que estejam à sua volta igualmente deprimidos, e sua falta de comprometimento com o treinamento facilmente leva à desarmonia e ao declínio nos padrões do Vinaya.

Poucos monges conseguem evitar de passar por períodos de dúvida. Consequentemente, entender a natureza da dúvida e aprender como lidar com ela de forma sábia é uma das mais importantes habilidades que um monge pode desenvolver. Até que essa habilidade seja desenvolvida – e isso pode levar vários anos – o professor está lá para oferecer reflexões e encorajamento. Se ele vê o descontentamento de um monge como algo apenas superficial e não uma genuína inabilidade ou falta de vontade de viver a vida monástica por mais tempo, ele tentará ajudar o monge a encontrar um renovado senso de propósito. O professor estará ciente de vários monges que deixaram a Sangha precipitadamente apenas para se arreenderem mais tarde.

Nos primeiros anos de Wat Pah Pong, Luang Pó colocou um considerável esforço em dissuadir monges inquietos de largarem o manto. Conforme ele ficou mais velho, ele estava menos inclinado a fazê-lo – um padrão comum, quase um clichê, entre líderes de comunidades monásticas. Ajudar monges a se reerguerem de um período de insatisfação com a vida monástica era um trabalho duro, e mais frequentemente do que não, resultava em uma postergação ao invés de colocar um fim naquele desejo de largar o manto. Conforme os professores amadureciam, eles tendiam a ficar mais estóicos quanto à perda de jovens monges promissores e viam a necessidade de serem mais discriminativos sobre como gastavam seu tempo e energia.

Alguns monges largavam o manto com o intuito de tomar conta dos pais que estavam ficando idosos; alguns largavam por causa de uma doença crônica. Mas provavelmente a causa mais comum para largarem o manto era a forte inclinação para o mundo sensual. Muitos monges achavam que o celibato poderia ser controlado sem grande estresse, e mais do que apenas uns poucos achavam isso fácil; mas quando a luxúria tomava conta

da mente de um monge, isso poderia ser de uma intensidade monstruosa. Para aqueles que estavam lutando contra os sentimentos de luxúria, Ajahn Jan relembra o quanto as palavras de Luang Pó podiam ser diretas:

“Luang Pó diria, ‘Realmente pense sobre isso ... [mulheres] tem nove buracos no corpo assim como você tem, e cada um deles está preenchido por um tipo de porcaria. Não tem nada de bonito ou bom ou limpo em nenhum daqueles buracos. Você senta ou perambula sonhando acordado, imaginando todo tipo de coisas agradáveis, mas elas não são verdadeiras. Você vai perder a sua liberdade. Você vai estar sob controle de uma mulher. Você vai viver uma vida de frustrações e de conflitos. Você está sendo seduzido pelo desejo sexual. Não acredite nele. Não largue o manto apenas porque a luxúria está dizendo isso para você. Você não vai morrer se você não seguí-la. Acredite em mim: a luxúria vem te enganando por incontáveis vidas.’”

Ele também relembra como, na mendicância matinal, Luang Pó apontaria o sofrimento da vida leiga aos monges assolados pela luxúria. O som de um marido e uma esposa gritando um com o outro, a visão de uma mulher parecendo cansada tentando desesperadamente consolar uma criança gritando, ou de uma mulher – envelhecida prematuramente por uma vida dura – se dirigindo à plantação: qualquer uma dessas figuras podiam ser indicadas com as palavras, ‘É isso mesmo o que você quer?’

Quando monges se ordenavam, eles podiam estar tão inspirados que a ideia de largar o manto algum dia parecia impensável. Mas, conforme o tempo passava, suas percepções iniciais dirigidas pela fé que pareciam ser tão sólidas, podiam vacilar. Se monges não tivessem os recursos da paciência e da capacidade de suportar e precisassem atravessar por períodos difíceis em que sua inspiração diminuísse, era o fato de permanecer de mantos o que de repente se tornaria impensável.

Quando um monge começasse a duvidar de sua capacidade de realizar o Dhamma nessa vida, ele poderia se ver pego entre duas visões: os prazeres da vida leiga ficando para trás e ainda assim a ausência de um caminho claro para a profunda felicidade da libertação interna como sendo visível à sua frente. O pensamento de chegar ao fim da vida nesse estado não resolvido poderia parecer algo intolerável. Era essa a clássica versão monástica da

crise da meia idade masculina. Alguns monges não encaravam nenhum momento específico da verdade, mas era como se o senso de vocação que eles tinham apenas enfraquecesse como a pilha de uma lanterna, até que já não houvesse luz suficiente para ver o caminho, ponto no qual eles o abandonavam.

Largar o manto era visto por quase todos como admitir uma derrota.* Para alguns, retornar ao mundo depois de colocar seu melhor esforço na vida monástica, parecia ser a aceitação de uma dispensa honrosa do exército depois de uma campanha fracassada. A maioria era humilde. Eles diriam que não tinham acumulado bom kamma suficiente para permití-los permanecer na Sangha por mais tempo; seu estoque de méritos lhes havia permitido chegar apenas até aquele momento de mantos. Agora eles queriam voltar para um nível menos intenso de comprometimento com o Buda *Sāsana*: levar uma boa vida como chefe de família, dar suporte à Sangha e trabalhar para acumular mais kammass positivos.

‘COMO A CHUVA QUE ESTÁ PARA CAIR ...’

Ordenações e ‘des-ordenações’ de monges juniores são uma parte tão normal na vida monástica na Tailândia, mesmo em mosteiros de floresta, que elas ocasionam poucos comentários; contudo, quando um monge sênior decide deixar a Sangha, ondas de choque consideráveis passam pelo mosteiro, particularmente entre monges que estejam eles mesmos pegos em uma teia de dúvidas. E foi assim quando o abade de um dos mosteiros afiliados (e um dos discípulos mais antigos de Luang Pó a iniciar a Sangha) chegou um dia – tenso, com o rosto pálido – com a ingrata tarefa de anunciar que ele havia se apaixonado por uma discípula leiga e queria largar o manto para se casar.

Para Luang Pó, um monge com a intenção de abandonar o treinamento monástico por causa de um entusiasmo romântico estava prestes a dar um passo tolo para trás e para baixo. Ele considerava a luxúria meramente como a expressão imatura de uma emoção nobre, algo que deveria ser transformado em *mettā*, a bondade amorosa.

* Os monges ocidentais que largavam o manto tendiam a ser mais otimistas. Muitos optaram ver aquilo como, por exemplo, o final de um capítulo em sua vida espiritual, uma hora de ir atrás de novos desafios.

Você tem que transformar esse seu amor em um amor generalizado, um amor por todos os seres sencientes, como o amor de uma mãe ou de um pai por seus filhos ... Você deve lavar a sensualidade de sua afeição, como alguém que queira comer uma mandioca selvagem deve lavá-la muito bem antes para retirar o seu veneno. Amor mundano é a mesma coisa: você deve refletir sobre ele, olhar para ele até ver o sofrimento inerente a ele e então gradualmente lavar o germe da intoxicação. Isso te deixa com um amor puro, como o do professor por seus discípulos ... Se você não conseguir lavar a sensualidade do amor, então ela ainda seguirá ali – ainda mandando em você – quando você for um idoso.

O desejo sexual era para ser claramente compreendido – não reprimido, mas investigado. Luang Pó sugeriu, como professores geralmente fizeram nessa situação, uma mudança temporária de ares. Ele fez um apelo ao orgulho do monge:

Refleta sobre o sofrimento do desejo sexual até que você possa abrir mão dele. Se você não consegue resolver o problema com sabedoria, ou ao menos reduzir a sua força, então saia de seu mosteiro por um tempo. Depois que você tiver restabelecido a sua prática, então retorne. Quando você cai, você tem que saber como levantar-se novamente. Você deve saber como combater e rastejar. Quando você tenha sido nocauteado, não apenas fique ali deitado indefeso e entregue.

Mas uma vez que a ideia de largar o manto tenha se tornado real para um monge, ela ganha uma intensidade quase irresistível. Um senso de inevitabilidade – o qual, seguindo um período insuportável de indecisão, frequentemente se sente como um abençoado alívio – debilita a força de vontade do monge em questionar sua própria decisão. Era esse senso, de que não havia mais volta, que Luang Pó buscava combater:

De acordo com o velho ditado, existem cinco coisas que não podem ser paradas: a chuva que está para cair, excremento prestes a sair do corpo, uma pessoa prestes a morrer, uma criança prestes a nascer e um monge prestes a largar o manto. As quatro primeiras são verdadeiras, tenho certeza, mas não a última. Eu tenho

confiança de que um monge pode ser parado de querer largar o manto. Eu mesmo considerei largar o manto uma vez, e mudei de ideia.

Ao tentar pontuar as visões irrealistas sobre o futuro que o monge havia criado, Luang Pó podia pintar uma figura vívida. Enquanto a vida de um monge é sem amarras, ele dizia, com a oportunidade de sair andando despreocupadamente em tudong pelas florestas e montanhas, a vida do chefe de família era limitada e confinada:

Ter uma família te faz prisioneiro ... Você termina com um bebê chorando, sua mulher resmungando, seu sogro te dando bronca, sua sogra te odiando, enterrado em meio a potes e panelas. Pense nisso.

Ele lembrava ao monge sobre ganhar a vida no mundo, sobre o quanto viver por tantos anos com um elevado padrão moral faria a sobrevivência em um mundo cheio de enganações ser grosseira e dolorosa. Ele lembrou de monges que haviam partido e, uma vez que a novidade tinha acabado, se arrependiam amargamente da decisão de largar o manto. Ele descrevia os prazeres da sensualidade como superficiais e fugazes – como o gosto de boa comida na língua – e de nenhuma forma comparáveis com o profundo e duradouro bem-estar que podia ser alcançado através da prática do Dhamma:

Se você se mantiver meditando até que sua mente se torne calma e lúcida, e você ver o Dhamma, então você ficará verdadeiramente tranquilo. Às vezes você pode estar tão cheio de alegria que você nem precisa comer. É uma tranquilidade profunda, não apenas uma sensação prazerosa na superfície de sua língua.

A mensagem fundamental que Luang Pó buscava transmitir era de que a luxúria e o desejo não eram coisas fora do treinamento monástico tentando afastar o monge inexoravelmente dele. Ao contrário, lidar com tais crises emocionais era uma parte integral do treinamento. Olhar para o sofrimento, abrir mão dos desejos que o alimentavam, libertar a si mesmo através da prática do Caminho Ótuplo – esse era o verdadeiro cerne da vida monástica.

Qualquer tipo de sofrimento que surja, então contemple-o. Olhe para ele até que você veja claramente. Às vezes, quando não está claro, você deve jejuar, não dormir e lutar contra ele, estar disposto a morrer. O Venerável Ajahn Tongrat uma vez pensou em largar o manto. Ele não ouvia a ninguém que quisesse dissuadí-lo, sua cabeça estava feita. Mas então um dia ele pediu um machado aos camponeses e começou a cortar lenha. Ele cortou lenha por três dias e três noites até que ele ficou exausto e suas mãos cobertas de bolhas. Então ele gritou bem alto, ‘E agora você sabe quem é o mestre?’ Ele estava falando com suas impurezas.

Grandes mestres passaram por isso. Um dos discípulos de Luang Pu Man se apaixonou por uma mulher que regularmente colocava comida em sua tigela durante a mendicância matinal. Seus companheiros o levaram para meditar e o trancafiaram no Salão de Uposatha. Ele jejuou por cinco ou seis dias e então sua mente voltou ao normal. Ele viu a não-atratividade do corpo, sua mente ficou calma e lúcida, ele viu o Dhamma – e ele sobreviveu.

O desejo sexual é o seu ponto fraco e você deve medicá-lo com meditação sobre as partes não-atrativas do corpo. Siga testando a sua força até que você saiba o quanto você pode suportar. Não deixe as impurezas seguirem te batendo em seu ponto fraco até te nocautear. Desenvolva mais habilidade na meditação. Se as impurezas vem por cima, então se abaixe. Se você não é forte o suficiente para vencê-las, então quando elas vem por baixo, pule por cima delas e saia correndo por um tempo.

A decisão de largar o manto pode não ser completamente irrevogável. No entanto, uma vez que um monge esteja com a cabeça feita sobre largar o manto, mesmo as habilidades retóricas e o carisma de um mestre como Luang Pó raramente sucedem em mudar a sua ideia. Ele sente um impulso. É como se ele estivesse descendo morro abaixo sem freios e então fosse encorajado a dar meia volta e escalar novamente a montanha. Nesse caso em particular, depois de um pequeno período de reflexão tomado por respeito ao seu professor, o monge [em questão] largou o manto. Pouco se soube dele depois disso. Talvez ele tenha vivido ‘feliz para sempre’; talvez não.

‘Samañas. Samañas’ – é assim que as pessoas os veem. E quando perguntados, ‘O que vocês são?’ vocês clamam que, ‘Nós somos samañas.’ Então sendo essa a sua designação e esse o seu clamor [vocês deveriam pensar]: ‘Nós vamos praticar como samañas com integridade para que nossas designações sejam verdadeiras e nossos clamores sejam corretos; para que os serviços daqueles cujos mantos, comida de mendicância, alojamentos e remédios nós usamos lhes tragam grandes frutos e benefícios, e para que nosso ‘Ir Adiante’ não seja estéril, mas frutífero e fértil.’ Assim, monges, vocês devem treinar a si mesmos.

MN 40

A palavra ‘samaña’, geralmente traduzida como ‘recluso’ ou ‘contemplativo’, é geralmente tida como sendo derivada de uma palavra que significa ‘empenho ascético’. Luang Pó preferia transmiti-la como sendo ‘aquele cuja mente está em paz’. Na época do Buda, esse era o nome dado aos membros de várias seitas religiosas que tinham abandonado suas identidades de castas e suas vidas como chefes de família. Na tradição budista, ‘samaña’ sempre foi usado como sinônimo tanto para ‘monge’ ou ‘verdadeiro monge’. Na passagem do sutta acima, o Buda se refere em seu primeiro significado como a designação convencional e incita aos monges a manterem constantemente na mente a sua responsabilidade em agir em conformidade com isso. Como ‘verdadeiro monge’, o termo ‘samaña’ engloba todas as qualidades que os monges deveriam aspirar ter.

Luang Pó encorajava os monges para se manterem sinceros e cultivarem conscientemente a percepção deles mesmos como monges ou samañas, ao recordarem constantemente a si mesmos de seu papel, suas responsabilidades e os objetivos de sua vida monástica. Ao fazer isso, ele queria que eles cultivassem uma nova identidade (como um meio hábil, não uma verdade última) que os distanciariam de suas antigas identidades no mundo e serviria para fortalecer os fatores mentais de sábia vergonha e medo das consequências. Essa percepção era para lhes dar um saudável senso de orgulho em sua linhagem e de serem guardiões de uma antiga tradição. Era para inspirá-los com os ideais que guiavam a vida na Sangha.

A vida de um samana era caracterizada pelo esforço sincero em estudar e praticar o treinamento de sila, samādhī e paññā, com o intuito de alcançar a libertação e inspirar os demais com sua conduta.

Primeiramente, se determine a ser vitorioso sobre si mesmo. Essa é a coisa principal. Você não precisa conquistar a vitória sobre qualquer outra coisa ou qualquer outra pessoa. Se você sempre estiver pensando em derrotar outra pessoa, você estará perdendo a batalha da prática. A verdadeira prática é baseada em alcançar o ponto em que você sabe como conseguir uma constante vitória sobre si mesmo. Finalmente, se você consegue uma vitória sobre si mesmo, então você alcança a vitória sobre todas as coisas. Estabeleça esse princípio constantemente em sua mente.

Em um *memoir*, Ajahn Khemadhammo resumiu:

“E o propósito de nossa vida que nunca nos podemos permitir esquecer-nos: nós somos monges, não para ter ganhos ou fama, não para status ou avanços mundanos, mas com o intuito de que tenhamos a melhor chance possível de encarar as nossas impurezas – todas as influências que nos estragam em nossos corações e mentes – enxergando-as, compreendendo-as e eliminando-as para alcançar a paz verdadeira e duradoura, a verdadeira felicidade de Nibbāna.”

Em um discurso, Luang Pó desafiou os monges:

O que vocês querem? Riqueza e respeito? Cargo e honras? Coisas materiais? Nós somos religiosos. O Buda nos ensinou a não visarmos tais coisas. Se vocês querem prazer, divertimento, uma vida fácil, boa comida e coisas materiais, então teria sido melhor que vocês nunca tivessem se tornado monges. Isso significa que vocês estão mentindo e enganando os leigos ... Se vocês querem tudo isso, então vão e ganhem a vida como leigos. Não tem sentido virem viver na floresta, ficarem sem dormir e comendo apenas uma vez por dia.

Reflitam sobre isso profundamente. Perguntem a si mesmos, ‘Por que eu vim pra cá? O que eu estou fazendo aqui?’ Vocês raspam o cabelo, colocaram os mantos ocre. Pra que? Dá-lhe, perguntem a

si mesmos. Vocês pensam que é apenas comer, dormir e viver uma vida desatenta? Se é isso o que vocês querem, vocês podem fazer isso no mundo. Levem os bois e búfalos para o pasto, voltem para casa, comam e durmam – qualquer um pode fazer isso. Se vocês vieram pra cá e agem dessa forma negligente e indulgente no mosteiro, então vocês não merecem o título de monges e noviços.

A vida como um monge oferecia grandes oportunidades para o cultivo do caminho. Mas sem a força de vontade de se livrar dos velhos hábitos, era fácil de naufragar.

Se vocês aceitam os princípios básicos e tentam segui-los, vocês terão uma prática. Mas se vocês não os aceitam e apenas seguem seus gostos e desgostos, então estarão se encaminhando para o desastre. Mesmo que vocês vivam como monges por vinte ou trinta anos, vocês ainda não saberão o sabor dos ensinamentos do Buda. Vocês serão como pescadores que saem pra pescar todos os dias em um lago que não tem nenhum peixe. Não importa o quão diligente tal pescador possa ser, ele estará sempre desapontado. Dia após dia, ele recolhe a sua rede e não pescou nada.

Recordar-se dos grandes mestres poderia trazer suas mentes de volta ao caminho certo quando ela se desviasse. As realizações deles poderiam ser emuladas pela força do sábio esforço.

Leiam as biografias dos grandes professores. Eles são pessoas singulares não são? Eles são diferentes. Pense cuidadosamente nessa diferença. Treinem sua mente da forma correta. Vocês não tem que depender de ninguém; descubram seus próprios meios hábeis de treinar a sua mente.

Se os meios mais hábeis fossem incapazes de parar o fluxo de pensamento iludido, então uma abordagem mais direta era necessária – o que quer que pudesse fazer esse trabalho. Uma vez que o perigo imediato tivesse sido afastado, uma abordagem com mais nuances poderia ser retomada.

Se a mente começa a pensar em coisas mundanas, então rapidamente a dominem. Parem-na. Levantem-se. Mudem de postura. Digam a si mesmos para não pensar nessas coisas –

existem coisas melhores para se pensar. É essencial que vocês não apenas reduzam suavemente esses pensamentos. Uma vez que eles tenham saído da sua mente, então vocês se sentirão melhor. Não pensem que podem ser descuidados e que sua prática cuidará disso por si mesma. Tudo depende de treinamento.

III. A BELEZA DA INSTRUÇÃO

MODOS DE ENSINAR

O corpo dos ensinamentos de Luang Pó Chah geralmente é considerado como consistindo do material gravado de fitas de rolo e fitas cassete e então transcrito e impresso como livros, originalmente em tailandês e subsequentemente traduzidos para várias outras línguas. Mas para seus discípulos monásticos, os discursos formais capturados por essas gravações de áudio e reproduzidos em livros era apenas uma parte, e talvez não a parte mais importante, do que eles receberam dele.

O ensinamento mais poderoso de Luang Pó para aqueles que viveram com ele era, pode-se dizer, não o que ele disse ou mesmo o que ele fez, mas quem ele era e quem as pessoas entendiam que ele era. Seus discípulos o viam como a prova viva de que havia realmente um fim para o sofrimento, e que isso poderia ser alcançado através da prática do Nobre Caminho Óctuplo. Vê-lo, senti-lo por perto, lhes dava a força mental para suportar as dificuldades do treinamento. No começo, era a fé no próprio professor, mais do que em ensinamentos profundos e específicos que ele transmitia, que frequentemente mantinha os jovens monges de mantos.

Carisma não é um fruto inevitável da libertação. Alguns seres plenamente iluminados preferem uma vida de ostracismo e projetam um ar quieto e discreto que faz deles quase invisíveis. Luang Pó não era uma figura assim. Ele era, em todos os sentidos da palavra, um monge impressionante: sua presença se impunha sem qualquer esforço sobre todos à sua volta. Um monge ocidental dizia sobre ele, ‘Se algum ser humano merece ser chamado de ‘uma força da natureza’, é Luang Pó’.

O Buda se referia ao professor como o *‘kalyāṇamitta’*, ou bom amigo. Ele não era um guru para ser venerado mas um guia sábio e compassivo no

caminho. Ele inspirava grande confiança através de sua prática impecável do Vinaya e das observâncias monásticas. Ele praticava o que pregava e não pedia aos seus discípulos que fizessem qualquer coisa que ele próprio não faria. Ele ensinava aos monges a gastarem qualquer momento livre no local de meditação andando, e ele seria frequentemente visto caminhando para lá e para cá em seu próprio local [de meditação andando]. O senso de solidez e propósito inabalável na forma como ele vivia sua vida eram transmitidos por si mesmos aos seus discípulos.

Os sentimentos de fé, amor, devoção, respeito e reverência que Luang Pó inspirava naqueles à sua volta fornecia o contexto emocional no qual seus ensinamentos eram recebidos, e isso tinha um papel muito importante no efeito que eles produziam. Habilidade de ensinar, assim como o carisma, tampouco é um resultado da libertação. Monges não iluminados que não sabem se articular geralmente se tornam monges iluminados que não sabem se articular. Luang Pó, contudo, sempre foi um orador refinado e fluente. Como kalyāṇamitta de um grande grupo de monges e discípulos leigos, sua habilidade de transmitir os ensinamentos de uma maneira clara, veemente e apropriada para sua plateia se tornou renomada.

Ajahn Jan, um refinado professor do Dhamma por si mesmo, achava as palestras tão surpreendentes que ele podia se entusiasmar com elas mesmo depois de anos de sua primeira exposição:

“Luang Pó dava palestras quase todos os dias. Se alguém tivesse se comportado mal, então a palestra poderia durar horas. Sua voz era alta, ressonante e muito poderosa; você sentia o quão determinado ele era de que seus ouvintes estivessem entendendo. Era como se ele quisesse que suas palavras despissem as impurezas de seus discípulos até que elas fossem suaves como a pele de um tambor. Suas palestras eram em vários níveis diferentes: ele falava de uma maneira para a Sangha quando não houvesse leigos presentes, de outra maneira quando houvesse, e de outra maneira diferente se fosse diretamente aos leigos. Ele nos dava broncas, mas não com raiva. Ele nunca ficava sem palavras. As palestras eram incrivelmente diretas e ousadas. Ele não tinha medo de ninguém. Escutá-lo nunca te deixava entediado – você ficava encantado. E o que ele dizia era tão direto ao ponto que, até hoje, suas palavras seguem ressoando em meus ouvidos.”

Enquanto os monges saíam do Salão de Dhamma depois de uma palestra de Luang Pó, era raro não ouvir vozes exclamando quais partes específicas da palestra eram para eles, o quão maravilhoso era que Luang Pó tivesse escolhido falar especificamente do assunto pelo qual eles estavam obcecados naquele momento. Monges falavam sobre o quanto estavam intrigados por uma certa dúvida e que a palestra tinha sido endereçada àquele problema de maneira direta e em detalhes, colocando suas mentes para descansar. Ajahn Anek dizia:

“Suas palavras penetravam no coração. A maioria das dúvidas que as pessoas tinham sobre meditação eram respondidas durante suas palestras formais; ele lidava exatamente com o problema que estava te frustrando, não importa o quão sutil ele fosse. Se você escutasse atentamente a cada palavra que ele dizia, você acharia que era exatamente para você. Esse era o seu gênio. Era verdadeiramente profundo.”

Em alguns casos – talvez na maioria deles – a crença que os monges tinham de que Luang Pó estava falando pessoalmente sobre eles deve ser colocada à luz da natureza fluida e sem estrutura dos seus discursos. O número de impurezas é finito, e em uma longa palestra é incomum que cada um dos maiores problemas não seja mencionado, ao menos de passagem. Na verdade, Luang Pó às vezes se referia a ‘lançar a sua rede’ com observações mais generalizadas sobre as impurezas mentais que estariam presentes em todos os que eram afetados por elas. Contudo, também houve ocasiões em que monges ficaram particularmente mexidos por passagens das palestras que pareciam ser um desvio inesperado do fluxo do seu discurso. Era indiscutível a forma como as palestras de Dhamma formais determinava o tom do mosteiro. Nos dias seguintes a uma palestra particularmente inspiradora, haveria um certo otimismo tangível no ar; nos dias seguintes a uma palestra de advertência, até as cores da floresta pareceriam ter se apagado.

Luang Pó passaria algum tempo diariamente – mais longo conforme ele ficou mais velho e menos ativo – sentado em uma grande cadeira de vime embaixo de sua cabana, se fazendo disponível para qualquer um que desejasse falar com ele. Durante o dia, a maioria das conversas de Luang Pó era com visitantes leigos, mas monges e noviços que atuavam como atendentes poderiam aproveitar a oportunidade para escutá-lo responder

as perguntas de seus convidados e lhes oferecer reflexões. Monges com tempo livre frequentemente se sentariam em um canto para escutar. Às vezes Luang Pó os enxotaria dali, ‘Não tem necessidade de sentar por aqui. Vá embora e medite.’ Em outras oportunidades ele lhes permitiria ficar. Nas noites, logo após o final da recitação de cânticos e da sessão de meditação, alguns monges gravitariam até a cabana de Luang Pó com o intuito de ouvi-lo e aprender, e às vezes, apenas sentar silenciosamente com os olhos fechados em meditação.

Em uma ocasião, um monge ocidental estava sentado ouvindo Luang Pó responder perguntas com respostas curtas e sucintas; concisas, mas profundas, e depois que os convidados partiram ele exclamou, ‘Luang Pó, aquilo foi como o Zen!’ E Luang Pó respondeu:

Não, não foi. Aquilo foi como eu.

Nem todos os ensinamentos de Luang Pó foram preservados. Ocasionalmente, ele falava de maneira privada com monges cuja prática de meditação tinha alcançado um nível avançado. Os conselhos dados durante essas conversas nunca foi revelado. Vale a pena ter em mente que as palestras de Dhamma que foram gravadas e transcritas, mesmo com toda sua riqueza, são restritas aos ensinamentos públicos de Luang Pó.

Embora Luang Pó estivesse sempre disponível para discípulos que estivessem lutando com dúvidas sobre a prática, ele não necessariamente respondia às perguntas que lhe eram feitas, ou se o fazia, não da forma como os discípulos esperavam. Eles não tinha interesse em dar o Dhamma ‘de colherinha’. Às vezes, percebendo que nenhuma resposta que ele desse serviria para nenhum propósito útil, que simplesmente aumentaria a confusão e o orgulho de quem estava perguntando, ele se recusaria a responder. Não era ao gosto dos questionadores. Luang Pó diminuiria:

Se eles tivessem ao menos um pouco de entendimento, eles não fariam perguntas como essas pra começar.

Ele continuou:

Quanto mais você explica, mais dúvidas você vai criar nas mentes deles pois eles não praticaram ao ponto de poderem entender. Se

eles praticarem, eles saberão por eles mesmos e estarão livres de dúvidas.

Meditadores inexperientes eram como crianças pequenas que ainda não entendiam o mundo à sua volta:

Quando a criança vê uma galinha ela pergunta, ‘Pai! Pai! O que é aquilo?’ Quando ela vê um pato, é ‘Pai! Pai! O que é aquilo?’ Então ela vê um porco e de novo é, ‘Pai! Pai! O que é aquilo?’ Certamente, o pai não pode se aborrecer em responder. As perguntas não tem fim pois, para a criança, tudo é novidade. No final, o pai apenas responde, ‘*Mmm, Mmm.*’ Se ele fosse responder a toda e qualquer pergunta, ele morreria de exaustão. A criança não se cansa de fazer perguntas; ela nunca para de perguntar. Certamente, o problema desaparece por si mesmo conforme a criança fica mais velha e mais experiente. Da mesma forma, se você se devota à reflexão e persevera até compreender a forma como as coisas são, então gradualmente os problemas vão se esclarecer por eles mesmos.

Luang Pó enaltecia os discípulos que tratavam seus problemas como desafios a serem superados. Ele queria que monges aprendessem como desenvolver seus próprios meios hábeis de lidar com as dificuldades ao invés de permitirem a si mesmos de se tornarem muito dependentes dele. A maioria das dúvidas sobre a prática de meditação eram solucionadas através de se tornar ciente da natureza da própria dúvida, vendo-a como um fenômeno condicionado e não se identificando com ela. Essa era a única razão pela qual ele não era a favor das entrevistas diárias, populares em centros de meditação: isso tirava muito da responsabilidade dos meditadores e os privava de oportunidades de crescer em sabedoria. O termo em tailandês para tais entrevistas entre o estudante e o professor de meditação é ‘*sóp arom*’, literalmente, ‘inspeção do estado de espírito’, e Luang Pó uma vez brincou:

Até os cachorros sabem seu próprio estado de espírito; quando eles sentem fome, eles uivam.

Seu conselho era para seguir colocando tanto esforço quanto fosse possível na meditação formal:

No corpo das práticas que formam o treinamento monástico, meditação sentado e andando constituem a espinha dorsal ... Aqueles cuja prática será forte são aqueles que não negligenciam a meditação andando, que não negligenciam a meditação sentada, que não deixam escorregar a sua restrição dos sentidos.

Cada monge tinha um local para praticar meditação andando, com aproximadamente vinte a trinta passos de comprimento, ao lado de sua cabana. Assim que a refeição diária e a limpeza tivessem terminado, os monges eram encorajados a retornarem imediatamente para suas cabanas, colocarem seus mantos no varal para arejar, e começarem a praticar meditação andando. Para aqueles que o faziam regularmente:

O local de meditação andando fica gasto, com um sulco. Eu mesmo já vi isso várias vezes. Monges assim não se sentem esgotados ou desinteressados em sua meditação. Eles tem energia; eles tem verdadeira força. Se você der esse tipo de atenção para a sua prática, ela irá bem.

O treinamento que Luang Pó dava aos seus monges era redondo. Monges aprendiam como meditar e eram encorajados a meditar muito. Mas eles também aprendiam o Vinaya em grande detalhe. Eles também aprendiam a 'dar os preceitos' aos leigos, como entoar cânticos de bênçãos e como conduzir rituais fúnebres. Eles aprendiam como construir e cuidar do mosteiro, e como ensinar. Quando chegasse a hora deles começarem suas próprias comunidades monásticas, eles estariam equipados com todas as ferramentas básicas que eles necessitavam para sobreviver e florescer.

Luang Pó às vezes falava sobre as qualidades de um bom professor: ele deve entender como funciona a mente de seus discípulos, assim como um carpinteiro deve entender as qualidades específicas de cada tipo de madeira. Ou que eles deveriam ser como médicos que conhecem seus pacientes, as causas de suas doenças e os remédios apropriados para curar as suas condições. Ou, ele diria, é como pescar. Se o pescador joga sua rede aleatoriamente sobre todo o rio, ele não vai pegar nenhum peixe. Ele deve esperar até que um peixe apareça na superfície da água e então posicionar a rede exatamente naquele local. Para ensinar, você deve olhar e perceber

quanto os estudantes podem receber, ele dizia, veja o que é o certo para eles, pois é ‘a medida certa’ que é o Dhamma.

A habilidade de Luang Pó em equalizar os seus ensinamentos ao nível ‘da medida certa’ era tão infalível que aquilo convencia a vários monges, depois de uma conversa privada com ele, de que ele estava lendo as suas mentes. Isso pode ter sido bem verdade, mas na maioria dos casos, a efetividade de suas palavras podia ser facilmente atribuída à apurada observação baseada em uma longa experiência. Ajahn Suriyon deu um exemplo:

“Os discípulos ocidentais gostavam de ver Luang Pó dar risadas, sorrir e dar-lhes oportunidades de fazer perguntas. Se ele não fizesse aquilo e parecesse indiferente a eles, eles achariam aquilo opressor. Então Luang Pó lhes dava muita atenção, frequentemente perguntando como eles estavam, como a prática deles estava indo e por aí vai.”

Os monges tailandeses não esperavam esse mesmo tipo de atenção pessoal.

“Se ele via que os monges tailandeses entendiam bem o suficiente aos seus ensinamentos, eles não diria muito para eles, mas ele encontrava as formas hábeis apropriadas para ensinar aos monges que fossem brancos ou não inteligentes. Com monges que fossem nervosos ou negativos, ele falava de forma bem humorada ou dava exemplos que enfatizavam a bondade e a gratidão. Uma vez que eles se sentissem mais à vontade, as mentes desses monges se tornariam receptivas ao que ele estivesse ensinando e experienciariam alguma alegria e exaltação no Dhamma. Como resultado, eles se sentiriam inspirados e sua prática progrediria.”

Ajahn Anek recordava outro dos símiles que Luang Pó usava para descrever as qualidades de um professor:

“Ele dizia, ‘Como eu poderia ser um professor se eu não entendesse a forma como a mente de meus discípulos funciona? É como o dono de uma plantação de bananas. Se ele não sabe nada sobre bananeiras, seus caules, suas folhas, seus frutos, então como ele pode cuidar de um plantio? É tudo uma questão de corpo e mente. Não importa se são monges jovens ou velhos, praticantes monásticos ou leigos. Se suas mentes caíram sob o poder das impurezas, então não existe diferença nenhuma entre eles.’”

Dada a profunda compreensão de Luang Pó sobre a relação entre corpo e mente, não era difícil para ele reconhecer a disposição de seus discípulos. Ele os observava andando, em pé, sentados, deitados, mudando de postura, comendo, se prostrando, trabalhando; ele notava o seu estado de alerta e sua atenção aos detalhes quando estivessem realizando tarefas para ele. Cada ação lhe contava uma história.

O Buda disse uma vez que, assim como a integridade é conhecida por um longo conhecimento e força moral em meio às adversidades, a sabedoria é conhecida através da fala. Luang Pó observava como os monges conduziam a si mesmos. Enquanto isso, Ajahn Liem observava Luang Pó:

“Na maioria das vezes ele perceberia o conhecimento dos monges nas entrelinhas do que eles falavam. Ele observava as reflexões deles sobre o Dhamma e a sabedoria que era revelada em suas falas. Ao final do Retiro de Chuvas, ele colocava todos os monges e noviços para se revezar em subir ao Assento do Dhamma e falar sobre suas experiências durante o retiro aos leigos. Esse era um método que ele usava para ver como estava indo a prática das pessoas. Eles tinham as qualidades de um orador do Dhamma? Você não deveria ter nenhum desejo de dar uma palestra, pois então Luang Pó consideraria que você estava apenas seguindo o seu desejo. Ele queria ver quem é que tinha um senso de responsabilidade. Ele queria que nós treinássemos daquela forma para ver se tínhamos quaisquer habilidades específicas. Se não tivéssemos que ter feito aquilo, nós nunca saberíamos.”

Luang Pó dizia que, uma vez que você possa estabelecer a sua mente no momento presente, tudo está pronto para lhe ensinar. Insights sobre as três características surgem naturalmente na mente. Frequentemente, ele compartilhava suas próprias reflexões com aqueles que estivessem à sua volta. Seus discípulos apreciavam esses ensinamentos e observações não tanto porque eles fossem especialmente profundos – embora às vezes eles fossem – mas porque eles eram baseados em um evento específico do qual o ouvinte participou, então isso era algo tão imediato, íntimo e contextualizado que não seria facilmente esquecido. Ajahn Pasanno, por exemplo, recontava como em uma manhã enquanto retornavam da mendicância matinal, um casal de lagartos copulando em uma árvore na beira da estrada caiu da árvore e aterrizou bem na frente de Luang Pó.

Ainda presos um ao outro, eles ficaram no chão parecendo atordoados pela queda. Luang Pó apontou pra eles aos risos:

Vocês viram isso? Eles estavam se divertindo tanto lá e cima que ficaram desatentos. Agora que eles caíram e bateram no chão, isso dói.

Luang Pó criou um ambiente no qual cada elemento da vida monástica proporcionava desafios e chances de aprendizagem para seus discípulos. Seus discursos formais davam aos seus discípulos as ferramentas de reflexão das quais eles podiam se beneficiar. Às vezes podia haver uma qualidade de astúcia nos métodos hábeis de Luang Pó. Ele colocava pequenos testes de plena atenção e sabedoria para seus discípulos que pareciam como as armadilhas ocultas de um caçador na floresta.

Um monge relembrava um exemplo quase cômico. No meio de um encontro informal e relaxante embaixo da cabana de Luang Pó – várias conversações acontecendo ao mesmo tempo – Luang Pó deve ter sentido que as coisas estavam ficando um pouco ‘exuberantes demais’ e os monges estavam perdendo a sua plena atenção no prazer das conversas. Sem avisar, ele parou de falar e se manteve sentado em silêncio com os olhos baixos. A etiqueta monástica julga inapropriado manter uma conversa na frente do seu professor. O discípulo pega a dica com o mestre: se o professor fala de maneira informal, então ele também pode; se o professor para de falar, então o discípulo faz o mesmo. Imediatamente. Mas é difícil de não se agarrar em uma conversa, e fácil de perder a atenção com a situação. Os monges seguiram falando por um tempo. Um por um, olhar por olhar, e então com uma repentina avalanche de cotoveladas urgentes, eles pararam e tentaram se recompor. E como se fosse em uma sátira teatral, ficou ali apenas um monge falando sobre alguma coisa engraçada e então, em um momento medonho, percebendo que a atmosfera tinha mudado completamente. Todos à sua volta estavam sentados impassíveis e com os olhos baixos. Não foi necessário que Luang Pó dissesse nenhuma palavra sequer de advertência.

Com uma veia similar, um monge recordou como, enquanto estavam andando para um vilarejo próximo para a mendicância matinal, Luang Pó começou uma conversa com ele. Em tal situação, a etiqueta demanda que

ele estivesse andando um pouco atrás de Luang Pó ao seu lado, com os monges restantes andando alguns passos atrás. De repente Luang Pó parou. Os monges cujas mentes estavam devaneando colidiram com o monge que estava à frente, e a fila se deteve estremecida. Luang Pó, parecendo muito inocente, não disse nada. Na palestra do Dhamma seguinte ele falou sobre a importância da plena atenção e do estado de alerta em cada postura, como por exemplo, na mendicância matinal.

Restrição dos sentidos, circunspecção, plena atenção e estado de alerta, sensibilidade ao lugar e à hora – essas eram virtudes monásticas básicas que Luang Pó nunca se cansava de imprimir nas mentes de seus discípulos. Ele diria que, ‘alguém que perde a sua plena atenção não é em nada diferente de um louco.’ E ele usaria as palavras do Buda:

Estar atento é o caminho para a imortalidade; falta de atenção, o caminho para a morte.

Dhp 21



Um mosteiro não proporciona uma fuga das vicissitudes da vida. Ele proporciona uma plataforma de trabalho na qual uma atitude sábia para com elas possa ser cultivada. O Buda fazia referência a quatro pares de condições passageiras inerentes ao reino humano que precisavam ser compreendidas claramente.

O Buda ensinou que os oito dhammas mundanos de ganho e perda, status e obscuridade, elogio e crítica, prazer e dor são características da vida humana das quais não se pode escapar. Mesmo seres libertos experienciam essas condições, mas conhecendo-as pelo que elas são – eventos impermanentes e duvidosos – eles permanecem equânimes perante a elas.

Luang Pó frequentemente recordava aos seus discípulos para manterem uma contemplação sobre a natureza dos oito dhammas mundanos, e para não serem arrastados por eles. Ele dizia que apenas os tolos acreditavam que poderiam aproveitar os dhammas mundanos desejáveis sem encontrar com as suas contrapartidas indesejáveis – eles eram inseparáveis. Seus ensinamentos sobre as oito condições eram frequentemente muito práticos. Eles consistiam basicamente em confrontar monges com as consequências do apego ao privá-los dos quatro dhammas mundanos desejáveis ou provocar algum dos indesejáveis. Luang Pó poderia, por exemplo, testar um monge ao elogiá-lo várias vezes e então, sem aviso prévio, criticá-lo categoricamente. O monge era encorajado a observar que o nível em que ele tinha ficado chateado com a crítica era uma indicação do nível com o qual ele tinha se identificado e tido orgulho com o elogio.

Em outras ocasiões, Luang Pó poderia dar uma grande quantidade de atenção para um monge por um certo período de tempo e depois ignorá-lo completamente por um tempo. O monge era deixado sentindo-se magoado e forçado a reconhecer que a experiência dolorosa era diretamente determinada pela extensão na qual ele tinha se permitido sentir lisonjeado com a atenção e tinha se deleitado em sentir que fosse especial.

‘Pouco entusiasmo’ provavelmente era o termo que podia resumir a atitude dos mosteiros de floresta de Issán com respeito aos estudos acadêmicos do Buda-Dhamma. Com seu foco na prática e realização da verdade dos ensinamentos, os abades desses mosteiros consideravam os estudos aprofundados como sendo uma faca de dois gumes. Enquanto eles reconheciam que o conhecimento de ensinamentos-chave fornece a base teórica necessária para a prática, eles suspeitavam da natureza sedutora dos estudos. Ganhar mais e mais conhecimento intelectual sobre o caminho pode facilmente parecer ser mais importante do que efetivamente andar pelo caminho. Através dos anos, Luang Pó fez várias analogias sobre tal erro: ele dizia que isso era como uma pessoa que se concentra sobre o mapa mas não faz a viagem, ou alguém que lê o rótulo do frasco de remédio mas não o toma.

Luang Pó e seus contemporâneos expressavam preocupação sobre como aprender com base em livros tendia a estimular as características especulativas e inquietas nas mentes de seus discípulos, que outros aspectos do treinamento foram criados para restringir. Mais importante talvez, eles eram preocupados pela forma com a qual os conceitos absorvidos dos textos criavam expectativas nas mentes de seus discípulos que obstruam, ao invés de ajudar, a sua meditação. Uma das liminares mais conhecidas de Luang Pó aos novatos era, ‘Não leia livros. Leia sua mente!’

Talvez você saiba escrever a palavra ‘cobiça’, mas quando a cobiça surge na sua mente, ela não se parece com a palavra. Raiva é a mesma coisa: você pode tê-la num quadro negro como um arranjo de letras, mas quando a raiva surge na sua mente, você não tem tempo de ler nada – já é tarde demais. Isso é muito importante, extremamente importante. Seu conhecimento é correto – você soletrou a palavra corretamente – mas agora você deve trazer isso para dentro de si. Se você não fizer isso, então você não conhecerá a verdade.

Ao alcançar um estado de calma meditativa, ele dizia, a tendência do acadêmico é de instintivamente procurar em seu conhecimento dos textos a interpretação do que ele está experienciando. Esse movimento da mente

para dar nome ou classificar a experiência, faz com que a experiência se dissolva.

Se um estudante das escrituras se agarra fortemente ao seu conhecimento e assim que entra em estados pacíficos gosta de ficar notando, ‘O que é isso? Será que já é a primeira absorção?’, então sua mente simplesmente se retira da calma e ele não vai tirar nada daquilo. Por que? Por que ele quer alguma coisa. No momento em que há desejo por realizar algo, a mente se retira da calma. É por isso que vocês devem jogar fora todos os seus pensamentos e dúvidas e tomarem apenas o seu corpo, sua fala e sua mente para a prática. Olhe internamente para os estados mentais, mas não arraste as suas escrituras para lá contigo – lá não é lugar para elas. Se você insistir em fazer isso, então tudo terá ido pelo ralo, pois nada nos livros é a mesma coisa que na experiência. É precisamente por causa desse apego que as pessoas que estudam muito, que tem muito conhecimento, tendem a não serem bem sucedidas na meditação.

Não quer dizer que os monges de floresta rejeitavam completamente os estudos. Eles eram excepcionalmente meticolosos em seus estudos do Vinaya, particularmente da escritura dos Comentários *Pubbāsikkhā*. Na verdade, a importância que eles davam a esse texto é uma das características que definem toda a tradição. Muitos monges tinham, além disso, completado o currículo nacional tri-partite em Dhamma-Vinaya da Sangha Tailandesa (*Nak Tam*) antes de se tornarem discípulos de Luang Pu Man (Luang Pó mesmo cai nessa categoria) e então, começaram suas práticas na floresta com uma sólida base teórica.

No entanto, a atitude aparentemente desdenhosa da Sangha de floresta quanto aos estudos tendia a deixar os monges acadêmicos de cabelo em pé, muitos dos quais viam os monges de floresta como dissidentes ignorantes, seguindo suas próprias opiniões ao invés das palavras do Buda. De fato, uma certa desconfiança entre meditadores e acadêmicos tem sido uma característica da Sangha desde a época do Buda. Em um sutta, o Venerável Mahā Cunda encoraja sensivelmente aos monges de floresta e acadêmicos a apreciarem as qualidades uns dos outros ao invés de criticarem suas

deficiências* . No caso de Wat Pah Pong, a relação com a comunidade acadêmica teve uma significativa mudança para melhor em 1967, quando um proeminente monge acadêmico local, Ajahn Maha Amón, se juntou à Sangha e era um entusiasta em seus elogios a Luang Pó.

Em um ponto, a ênfase de Luang Pó na transmissão oral dos ensinamentos dentro do contexto de uma relação professor-aluno, era como um retorno à maneira que se fazia no Budismo primitivo. Se havia uma fraqueza em seu estilo improvisado, era que suas palestras do Dhamma, que não eram sistemáticas por definição, não cobriam todo o espectro do Buda-Dhamma e eram difíceis de relembrar. Sua força estava no embasamento sobre a teoria do Dhamma (*pariyatti*) firmemente nas vidas dos seus discípulos e sua prática (*paṭipatti*) para a libertação (*pavedha*). Ele selecionava os ensinamentos que ele sentia que seriam de maior benefício dependendo do dia, do local e da plateia.

Mas no primeiro ano de Wat Pah Pong, com uma pequena comunidade de apenas sete monges, Luang Pó – sempre o experimentador – ainda não estava decidido sobre o valor do currículo *Nak Tam*. Ele decidiu ensiná-lo ele mesmo com o intuito de determinar as vantagens e desvantagens. Foi a primeira vez que ele assumiu tal papel desde o frustrante Retiro de Chuvas em Bahn Kor, depois do qual ele embarcou na vida de monge tudong.

Ele ensinou o curso por um período de oito horas diárias durante quarenta dias. No inverno, os monges tomaram o exame e todos passaram. Mas aconteceu o que ele temia: os monges acharam difícil de integrar a restrição dos sentidos e a franqueza requerida para desenvolver a sua prática de meditação com as memorizações e discussões que são essenciais para os estudos. ‘Eles esqueceram de si mesmos’, ele disse de forma simples. Ele viu que os monges estavam negligenciando a meditação. A quantidade de socialização aumentou, junto com a atitude mundana que a acompanha; aumentou a agitação mental e a formação de grupos. A atmosfera serena do mosteiro foi significativamente reduzida. Ele estava, contudo, chateado ao apontar que o problema não estava nos estudos em si:

Na verdade, todos os ensinamentos nos apontam o caminho para praticar. Mas tendo começado a estudar, se você ficar preso a

* AN 6.46

conversas e frivolidade em detrimento de sua meditação andando, então você vai começar a querer largar o manto.

‘Na verdade’, ele dizia, quando feitos com plena atenção, ‘leitura e memorização são formas de meditação’. Não é que estudar seja um problema por si mesmo, o problema é a falta de diligência e discernimento por parte dos estudantes.

Após suas experiências insatisfatórias em seu primeiro ano, Luang Pó suspendeu as aulas de *Nak Tam*. Em anos mais tarde, contudo, quando o número de monges cresceu e Luang Pó ficou preocupado pelo quão pouco conhecimento eles tinham sobre os ensinamentos básicos, ele abrandou e delegou que um de seus discípulos seniores desse a instrução. Mas os problemas conhecidos começaram a surgir na Sangha, sendo maiores que os ganhos. No final, Luang Pó encontrou a solução ao permitir que os monges que estivessem interessados em perseguir seus estudos que o fizessem sozinhos em seu tempo livre. O mosteiro forneceria os livros necessários e organizaria a inscrição oficial com o comitê nacional de exames, mas todo o resto era deixado como sendo estudo pessoal. Depois que os exames terminavam, Luang Pó dizia aos monges para guardarem seus livros e então se concentrarem em lerem suas próprias mentes. Estudo dos textos (*pariyatti*) era útil, ele dizia, mas não deveria tornar-se um fim em si mesmo. Não havia verdadeira conclusão para esse tipo de estudos. Sem praticar os ensinamentos, monges corriam o risco de se tornarem vaqueiros que nunca tinham tomado leite. Havia outro tipo de estudo, um *pariyatti* interno.

Vocês vão seguir com esse estudo sem fim e sem um objetivo fixo, ou vocês tem um objetivo em mente? Estudar é bom, mas é um ‘*pariyatti*’ externo. O ‘*pariyatti*’ interno requer que vocês estudem esses olhos, esses ouvidos, esse nariz, essa língua, esse corpo e essa mente. Esse é o verdadeiro ‘*pariyatti*’ ... O que acontece quando os olhos fazem contato com formas, os ouvidos ouvem um som, o nariz sente um odor, a língua sente um sabor, o corpo toca um objeto tangível, ou um fenômeno mental surge na mente? Como vocês se sentem? Ainda existe cobiça? Ainda existe aversão? Vocês estão iludidos por formas, sons, odores, por esses ouvidos,

esse nariz, essa língua, esse corpo, essa mente? Esse é o ‘pariyatti’ interno, e ele tem um fim. Vocês podem se graduar.

TRABALHAR É UMA PRÁTICA DO DHAMMA

Fora do período anual do Retiro de Chuvas, vários projetos de trabalho eram realizados, a maioria dos quais envolvia a construção ou o reparo dos alojamentos da Sangha. A falta de recursos determinava que a maior parte desses trabalhos fossem realizados por membro da Sangha, mas mesmo em ocasiões em que o trabalho poderia ser contratado, seria raro que Luang Pó desse permissão para que isso fosse feito.

Projetos de trabalho davam oportunidades para fortalecer a coesão e a harmonia da comunidade através do esforço concentrado em tarefas que, diferentes da meditação, tinham resultados tangíveis e mensuráveis. Trabalhar para o bem comum fornecia uma sacudida em monges que fossem muito preocupados apenas com o seu próprio bem estar e aumentava a afeição e o senso de pertencimento que os membros da Sangha tinham pelo mosteiro. Projetos de trabalho eram meios pelos quais os discípulos de Luang Pó eram encorajados a desenvolver melhor as qualidades de esforço e paciência consistentes que Luang Pó acreditava serem vitais no progresso da meditação. Certamente, trabalhos manuais por várias horas do dia debaixo de altas temperaturas, umidade sufocante e mantidos por apenas uma refeição diária não eram para aqueles de pouca coragem.

Projetos de trabalho davam aos monges a oportunidade de praticar a plena atenção em situações mais fluidas, e dava a oportunidade para Luang Pó de monitorar o quão bem os monges podiam manter sua prática fora do Salão de Dhamma. A maioria dos monges era acostumada ao duro trabalho físico nos campos de arroz. Em anos posteriores, quando a comunidade cresceu muito mais, projetos de trabalho davam um meio pelo qual os monges jovens e os noviços poderiam canalizar qualquer sobra de ‘extroversão exagerada’ em atividades úteis.

Em certos projetos, Luang Pó podia manter os monges trabalhando até tarde da noite, cercados por holofotes que eram assediados por insetos. Alguns monges se preocupavam pelo fato de que sua prática de meditação estaria sofrendo. Luang Pó respondia:

Isso ‘é’ prática. Enquanto você trabalha, olhe para sua mente. Como ela se sente quando eu peço para que você realize esse tipo de tarefa? Prática não significa se evadir das coisas o tempo todo; você deve vir e encarar as impurezas para assim então saber como elas são ... Uma vez que você tenha treinado, então você deve subir ao ringue ... No futuro você verá os frutos. Mas por agora, não critique ou elogie, apenas faça o trabalho.

De vez em quando, algum monge contrariado poderia ir embora, mas a vasta maioria confiava no julgamento de Luang Pó. Ajahn Liem foi um dos que prosperaram durante esse tipo de prática.

“Durante os projetos de trabalho, Luang Pó enfatizava abrir mão de nosso próprio conforto e desejos pelo benefício de outros. Esse tipo de sacrifício era *dāna*, a doação dos monges. Ela surge no coração generoso que tenha consideração pelo bem estar da comunidade.

“Na verdade, temos bastante tempo, mas quando nos apressamos, o desejo nos faz sentir que estamos com pouco tempo ... Em Wat Pah Pong nós não trabalhamos com desejo; nós trabalhamos com um espírito de auto sacrifício ... Nós mostramos como fazer sacrifícios pelo grupo é uma prática benéfica do Dhamma.”

O mais lendário dos projetos de trabalho da Sangha de Wat Pah Pong foram os quatro meses da construção de uma estrada íngreme na densa floresta da colina que leva a Wat Tam Séng Pet, um mosteiro afiliado que fica a aproximadamente oitenta quilômetros ao norte de Wat Pah Pong. Ajahn Anek era um dos participantes.

“O chefe do Departamento de Estradas disse que se Luang Pó tinha realmente decidido ir em frente com o projeto, ele mandaria pessoas para ajudar. Mas depois de dois ou três dias, os homens do Departamento de Estradas já estavam fartos – eles não puderam suportar o *mamuy**. Eles diziam que aquele nível de trabalho necessitava de um orçamento apropriado; que precisava de explosivos e tratores; que não podia ser feito por aquele número de pessoas. Luang Pó sentou-se ali e não disse nada. No dia seguinte, quando as pessoas do Departamento de Estradas partiram,

* Latim: *mucuna pruriens*. Uma planta que, quando tocada, produz uma severa coceira.

nós fizemos nossa própria vistoria. Uma vez que tínhamos decidido por onde a estrada deveria seguir, nós fomos ao trabalho.

“Difícilmente havia um período de descanso. Nós começávamos a trabalhar às três da tarde e parávamos às três da manhã. Nós acabávamos com um par de chinelos atrás do outro. O trabalho consistia principalmente de quebrar rochas e carregá-las para onde elas seriam depositadas. Depois de um tempo, o Departamento de Estradas viu que nós não iríamos desistir e, de vez em quando, eles traziam explosivos para a gente, e os camponeses ajudavam a armar as cargas.

“Luang Pó começava a ensinar aos leigos depois da refeição e ficava sentado ali até a parte da tarde sem fazer pausas. Todos nós teríamos descansado durante o meio do dia e, quando saíamos para o trabalho, ele ainda estaria ali conversando com os leigos. Às três da tarde, ele começaria a trabalhar e faria todo o turno até as três da manhã. Ninguém era páreo para ele. Quando ele não estava supervisionando, ele estava juntando o entulho. Era estranho: todos nós éramos mais novos do que Luang Pó, mas tínhamos que admitir que não éramos páreo para ele. Ele nunca era aquele que sugeria fazer uma pausa. Às três da manhã ele faria um pequeno descanso e então quando amanhecia, era hora de sair em mendicância matinal. Todos estavam exaustos, mas ele nos manteve firmes até que o trabalho estivesse terminado.

“Foi realmente duro. Nós colocamos as nossas vidas em jogo. Em um momento, eu agüentei uma hemorragia e contusões. Eu sentia um aperto no peito, eu não podia respirar apropriadamente. Eu acho que era o meu coração começando a reclamar.

“Tudo tinha que ser bem feito – rápido e bem feito. Se qualquer um comesse a fazer piadas ou agir de forma engraçada, Luang Pó não diria nada, mas ele imediatamente se afastaria. E no dia seguinte haveria uma palestra do Dhamma. Ele diria, ‘Aja como um monge. Aja como um praticante do Dhamma.’ Qualquer coisa que ele fizesse, ele faria com total sinceridade. E não importava o quão cansado ou fatigado ele estivesse, eu nunca o ouvi reclamar.”

No meio da década de 1970, um novo Salão de Uposatha foi construído em uma parte elevada do terreno no centro do mosteiro, atrás do Salão de

Dhamma e adjacente à cabana de Luang Pó. Como sempre, a maioria do trabalho foi feito pela Sangha. Um dia, os monges e noviços carregavam terra até o local onde seria feito o aterro onde se ergueria a construção, e Luang Pó estava de pé, observando à distância o trabalho quando um grupo de garotos adolescentes se aproximou dele. Eles não seguiam nenhuma das regras de etiqueta prescritas para tal situação. O líder dos garotos, querendo se mostrar para seus amigos, começou a fazer perguntas atrevidas, culminando com, ‘Por que você não pede para os monges meditem? Por que você os faz trabalhar tanto?’ Um impassível Luang Pó respondeu:

Se eles sentarem muito eles ficam com prisão de ventre.

Ele levantou a sua bengala e apontou-a para o peito do líder da gangue dizendo:

Não é uma questão de meditar sentado ou andando. Meditação deve ser balanceada com o trabalho para benefício dos outros e pelo esforço em cada momento de manter Visão Correta e compreensão. Vá pra casa e leia sobre isso. Você ainda está de fraldas. Se você não sabe nada sobre a prática do Dhamma, fique com a boca fechada sobre isso; de outra maneira, você estará apenas sendo um tolo.

TORAMAN

Uma das características inconfundíveis do treinamento que Luang Pó desenvolveu em Wat Pah Pong eram as práticas que visavam contrariar os desejos dos monges com o intuito de encorajá-los a olharem diretamente para as formas como o desejo gerava sofrimento e como abrir mão disso levava à paz. A palavra em tailandês para esse tipo de treinamento é ‘*toraman*’*.

Citando as Quatro Nobres Verdades, Luang Pó insistia que o sofrimento cessa não por darmos as costas a ele, mas por entendermos completamente a sua natureza:

*No uso do dia a dia, ‘*toraman*’ perdeu seu sentido de treinamento e agora se refere simplesmente à tortura ou tormento.

Se você não quer sofrer, então você não verá o sofrimento. Se você não ver o sofrimento, então você nunca vai entendê-lo completamente. E se você não entender completamente o sofrimento, você não será capaz de removê-lo de sua mente.



A razão pela qual não nos libertamos do sofrimento é, exatamente, porque sempre estamos tentando fugir dele. Se você quer apagar um fogo, você deve jogar água nas chamas. Fugir do sofrimento apenas piora as coisas.



Você pode subir em um avião, mas o sofrimento vai te acompanhar. Você pode mergulhar no oceano, mas o seu sofrimento vai mergulhar junto contigo ... Você pode pensar que está escapando dele, mas você está se iludindo, pois ele está bem aí na sua mente.



Você deve refletir constantemente no Dhamma para estabelecê-lo firmemente em sua mente. Ouse praticar. Viver com amigos ou com um grande grupo deveria ser o mesmo que viver sozinho. Seja destemido. Se os outros querem ser preguiçosos, então isso é problema deles. Ouça aos ensinamentos. Não discuta com o professor, não seja teimoso. Faça o que o professor te diga. Não tenha medo de praticar. Você vai se dar bem se o fizer. Disso, não há dúvida.

O treinamento envolvia Luang Pó pedir que seus discípulos fizessem coisas que não quisessem fazer, e não fizessem coisas que eles quisessem fazer. Ele enfatizava que ir contra a corrente não era para ser visto como um objetivo em si mesmo, ou como uma prática que inevitavelmente levaria a alguma forma de purificação. O raciocínio do treinamento era que ele oferecia a oportunidade de observar a forma com a qual o desejo e o apego são frequentemente invisíveis quando seguidos, e fazem surgir tensão e frustração quando se faz oposição a eles. Lidar com o desconforto de forma plenamente atenta, e observá-lo de perto, revela a sua natureza impermanente, de sofrimento e de 'não-eu'.

A prática tomava várias formas, frequentemente bem mundanas. Em dias de trabalho vigoroso, por exemplo, uma jarra de bebidas doces poderia chegar da cozinha. Em um dia frio de inverno, a bebida seria quente e ocasionalmente Luang Pó permitiria que a jarra fosse colocada sem qualquer aviso debaixo de uma árvore, totalmente à vista dos monges. Os monges não podiam evitar de notar que, embora naquela altura eles não estivessem se sentindo cansados ou com sede, eles agora não podiam pensar em mais nada a não ser tomar uma bebida quente. Se os monges ficassem preocupados se a bebida esfriaria antes de que eles pudessem tomá-la, eles imediatamente começariam a sofrer. No momento em que eles desistissem e colocassem suas mentes para trabalhar pensando, ‘Se tem uma bebida, tem uma bebida; se não tem bebida, também está tudo bem’, então o sofrimento cessaria.

Toraman é uma estratégia de ensino que demanda que os estudantes tenham grande confiança em seu professor. Se eles ainda tiverem alguma pequena dúvida quanto a sua sabedoria e compaixão, eles acharão difícil seguir esse caminho de forma consistente. A coragem necessária para lidar com o que é desagradável vem de acreditar no benefício definitivo de fazê-lo. Luang Pó era capaz de comandar essa fé sem dificuldades.

Luang Pó dizia aos monges, que quando eles fossem colocados em situações desconfortáveis e comessem a sentir-se oprimidos, era importante reconhecer que aquilo eram as suas impurezas, e não eles mesmos que estavam sendo contrariados. Apenas se eles se recusassem a tomar propriedade das sensações desprazerosas era que eles se beneficiariam da prática. Durante as refeições, ele diria que as impurezas queriam a comida quente e rápido; o Dhamma queria a comida fria e devagar. Quando você não tem a comida que você quer, do jeito que você quer, na hora que você quer – como você se sente?

Nas manhãs de fins de semana, praticantes leigos de Warin e Ubon chegavam com comida para oferecer para a refeição diária da Sangha. A comida tendia a ser mais gostosa do que nos dias comuns de semana e havia um ‘segredo público’ de que vários monges esperavam ansiosos pelo fim de semana com prazer. Em dias que a comida era farta, Luang Pó gostava de sentar conversando com os doadores depois que a comida tivesse sido distribuída, enquanto seus discípulos sentavam – com as

tigelas cheias de comida em frente a eles – lutando com os sentimentos de inquietação, cobiça e fome. Finalmente, depois de um período de tempo, que para alguns monges parecia ser excruciantemente longo, mas tinham na verdade passado apenas cinco ou dez minutos, Luang Pó colocava suas mãos em prece e começaria o cântico de bênção ‘*Yathā varivahā purā ...*’, assinalando o início da refeição. Em alguns dias, poderia haver um ‘giro a mais da faca’. Era um costume de Luang Pó de limpar sua garganta [com uma tosse] antes de começar a liderar a bênção. Essa tosse se tornou um som aguardado ardentemente. Sabendo disso, Luang Pó ocasionalmente tossiria de forma usual, pausava por um momento, e então continuava falando.

Em um verão excepcionalmente quente, a prática de *toraman* envolvia sessões de meditação durante o final da manhã nas quais a Sangha deveria vestir o jogo de mantos completo e sentar em uma sala cujas portas e janelas seriam fechadas com o intuito de produzir um calor e um abafamento quase insuportáveis. Depois de algum tempo, os monges estariam encharcados de suor. Luang Pó, sentado no meio deles, os encorajaria:

Vamos lá! Vocês passaram nove meses na barriga de suas mães.
Isso não tem nem comparação.

Durante o inverno, a prática era invertida. Luang Pó liderava os monges em sessões de meditação noturna vestindo apenas seus angas e mantos inferiores, enquanto as janelas estivessem abertas para receber o amargo vento do norte que corta seu caminho através do mosteiro naquela época do ano. Ao menos, os monges confortavam a si mesmos, isso os mantinha livres de sonolência.

As palestras de Dhamma de Luang Pó são renomadas por sua capacidade de cumprir a liminar do Buda de instruir, inspirar, encorajar e alegrar aos que as escutavam.*. Mas nem sempre foi sua intenção que as palestras fossem tão animadas. Às vezes elas cumpriam um papel diferente no treinamento. Frequentemente, Luang Pó falava durante muito tempo (de forma intrincada e repetitiva) simplesmente com o intuito de que sua plateia aprendesse como lidar com o desconforto de sentar em um piso de concreto por um período longo e indeterminado. Durante o Retiro

* e.g. DN 1

de Chuvas de 1980, quando sua saúde já estava em declínio, ele deu um discurso de sete horas. Em um ponto durante a palestra, ele olhou em volta para ver vários monges em frente a ele começarem a contorcer-se e disse, ‘Vocês estão sofrendo? Vocês podem encontrar algum lugar em suas mentes onde vocês não sofram?’

Um desafio específico que essas longas palestras proporcionavam era a sua duração incerta. Monges não podiam dizer a si mesmos para aguentarem firme por um certo período de tempo – Luang Pó poderia para depois de duas ou três horas ou ele poderia também seguir em frente até que o sino das 3:00 da manhã tocasse para o despertar. Era uma lição memorável sobre como a percepção de tempo condicionava a habilidade de lidar com o que fosse desagradável; como abrir mão não era um ideal para ser trabalhado no futuro, mas uma necessidade imediata.

Fisicamente, aquilo era especialmente difícil para os monges ocidentais, já que a etiqueta monástica proíbe que os espectadores de uma palestra de Dhamma se sentem em posição de pernas cruzadas. A única postura permitida em tal ocasião era a ‘*papiap*’, a postura ‘educada’ ou ‘sentada de lado’. Enquanto os monges tailandeses sentavam nessa postura por todas suas vidas, para os ocidentais ela era desequilibrada e desconfortável, e certamente não seria a postura escolhida para uma sessão de sete horas de duração. Mas durante o curso de tão longas palestras, a vantagem que os tailandeses possuíam dada a familiaridade com a postura se desvanecia. Eles se juntariam aos ocidentais ao perceberem o surgimento e cessação de uma ampla gama de emoções: interesse, inspiração, indiferença, tédio, sonolência, inquietação, irritação, ressentimento e até mesmo – ocasionalmente – aceitação e alegria.

A política de frustrar os desejos cobria todas as áreas da vida monástica. Se Luang Pó soubesse que alguém queria muito ir a algum lugar, então ele não o permitiria ir. Se soubesse que alguém queria muito ficar, ele bem poderia ser mandado para longe. Demonstrar cobiça por requisitos era algo que certamente levaria à desolação.

Um regime de *toraman* não é isento de pontos fracos; ele é limitado pelo seu elitismo inerente. Ele provê os melhores resultados em comunidades pequenas e altamente motivadas. Em um grupo maior e mais variado,

os estresses e tensões experienciados pelos membros menos motivados pode afetar o todo de forma adversa, criando uma atmosfera sinistra no mosteiro. Monges jovens podem se forçar demais ou se tornarem competitivos. Somado a isso, um professor conhecido por treinar seus estudantes dessa maneira pode ser tão intimidador aos que veem de fora que isso pode reduzir seriamente o número de pessoas que queiram ingressar no treinamento.

De maneira ideal, o treinador em *toraman* demonstra que ele mesmo é capaz e quer fazer tudo o que ele demanda de seus estudantes. Esse era muito o caso de Luang Pó, que assumiu a posição de liderar da frente de batalha e não apenas compartilhar com as dificuldades de seus estudantes, mas de superá-los. Contudo, conforme Luang Pó ficou mais velho e sua saúde declinou, ele relaxou várias dessas práticas. É discutível em que nível essa mudança foi influenciada pelo enfraquecimento de sua força física, e em que nível era uma resposta à uma Sangha maior que carecia da intensidade dos primeiros anos. Qualquer que tenha sido o caso, o princípio subjacente permanecia constante:

A prática significa ir contra a corrente – contra a corrente de nossa atividade mental, contra a corrente das impurezas. Ir contra uma corrente é sempre difícil. É difícil navegar em um barco contra a corrente, e por conta do fluxo de nossas impurezas, é difícil de fazer o bem. Nós não queremos ir contra a corrente, nós não queremos dificuldades, nós não queremos ter que suportar. Na maioria das vezes, nós queremos apenas seguir o fluxo de nosso estado de espírito, como a água que segue seu curso natural. Isso pode ser confortável, mas não é a forma de praticar. A prática é caracterizada por ir contra a corrente, ir contra as impurezas e os velhos hábitos mentais. Isso demanda uma supressão plenamente atenta, aumentando a nossa paciência e capacidade de suportar.

Várias das exortações mais vibrantes de Luang Pó tinham a ver com a luta contra as impurezas. Uma vez ele deu uma simples regra prática: qualquer monge que não tivesse ido às lágrimas de frustração pelo menos três vezes em sua prática não vinha colocando esforço suficiente. ‘Não siga os desejos da mente!’ era um refrão constante. ‘Treine isso. Essa prática significa colocar a sua vida em jogo.’ Seus discípulos deviam se forçar através dos

obstáculos, reconhecerem sua falta de substância e perceberem que eles eram apenas tigres de papel. ‘Se você estiver com sono e queira dormir – não durma! Depois que você venceu a sonolência, então você pode ir dormir.’ Em uma ocasião, ele enalteceu a Sangha na batalha contra as impurezas que podia ocorrer entre a mendicância matinal e a refeição diária:

Sometimes you get back from alms-round and you’re sitting Às vezes você volta da mendicância matinal e está lá sentado em meditação antes da refeição, mas você não consegue. Sua mente está como um cachorro louco, babando de desejo por comida, e não contempla absolutamente nada. Ou então a contemplação não é páreo para a cobiça, e então você apenas segue a cobiça – e as coisas realmente vão ladeira abaixo. Se sua mente não te escuta e se recusa a ser paciente – então empurre sua tigela para longe. Não deixe-a comer. Treine a sua mente. Atormente as suas impurezas. Não as siga. Empurre a sua tigela e saia dali. Se existe tanto desejo por comer e se sua mente não te escuta, então não coma. A saliva vai secar quando ela perceber que não vai ter nenhuma comida. Ela terá aprendido a lição e no futuro ela não vai te perturbar. Ela terá medo de ficar sem comer. Ela ficará em silêncio. Tente fazer isso. Se você não acredita em mim, então veja por si mesmo.

Ele falava muito sobre coragem, sobre ousar ir contra as impurezas, e sobre como era a fé que nos levava para além das sensações de medo da fome, da dor e da morte. Ele apontava como o medo de sofrer prejudica a mente e como refletir no que é realmente essencial para a vida pode vencer isso:

Reflita sobre o que é o mais importante na vida. O que é isso – a coisa mais importante? É a coisa cuja ausência te faz morrer. Isso é o que é importante ... E tudo o que você realmente necessita para manter-se vivo é arroz puro e água. Todo o resto é bônus. Enquanto você tiver uma quantidade suficiente de arroz e água para se alimentar diariamente, você não vai morrer. Seja frugal. Quando você não tiver algo que você quer, então pergunte a si mesmo se a falta daquilo te vai matar. Peguem arroz e água suficientes para lhes dar força para praticar. Não se preocupem

se vocês vão ter algo a mais além de arroz e água; o importante é que vocês tenham o suficiente dessas duas coisas para seguirem vivos. E não precisam ter medo de passar sem eles. A mendicância matinal, mesmo nos vilarejos mais pobres, vai fornecer ao monge um punhado de arroz grudento.

Se começa a garoar enquanto vocês estão praticando meditação andando, então pensem nas vezes em que vocês estavam trabalhando no campo, suas calças de trabalho ainda não tinham secado do dia anterior e a primeira coisa que vocês tinham que fazer pela manhã era colocá-las ainda úmidas. Descer e colocar o búfalo para fora do curral debaixo de casa. De fora, tudo o que você vê é o pescoço dele, mas então quando você pega a corda você percebe que ela está coberta de cocô, e então o búfalo balança o rabo e respinga ainda mais daquilo em você. Enquanto você se encaminha para os campos, o mau-cheiro do seu pé parece estar brincando contigo e você está pensando, 'Por que a vida tem tanto sofrimento? Por que tudo é tão difícil?' Pense nisso e pergunte a si mesmo qual é o grande problema em meditar andando debaixo de chuva. Trabalhar nos campos de arroz envolve muito mais sofrimento e você lidava com aquilo. Por que você não pode fazer isso?

Você tem que ousar fazer isso, ousar praticar. Se você nunca esteve em um crematório de floresta, então você deve treinar a si mesmo para ir. Se você não conseguir fazer isso à noite, então vá durante o dia. Vá na parte da tarde, vá frequentemente, e depois de um tempo você será capaz de ir quando anoiteça.

Ao ir contra a corrente, monges podiam descobrir por eles mesmos que os medos e limitações que os amarram não eram coisas fixas e inalteráveis, mas meramente os resultados dos hábitos que eles tinham a capacidade de vencer.

Luang Pó era categórico sobre aqueles que apenas colocavam esforço naquilo que eles gostavam e evitavam aquilo que eles não gostavam ou tinham medo. Eles estavam iludindo a si mesmos se eles pensassem que eram praticantes do Dhamma. Não importa por quanto tempo os

monges estivessem de mantos, ‘se vocês ainda estão seguindo seus gostos e desgostos, vocês ainda não começaram a praticar.’ Não havia outra alternativa que não fosse o comprometimento total.

Se você está realmente praticando, então, para colocar de maneira simples, isso é a sua vida, toda a sua vida. Se você for realmente sincero, então por que vai se interessar se alguém está tendo algo que você não está tendo, ou se eles estão tentando ter uma disputa com você? Não existe nada disso em sua mente. As ações de outras pessoas são um problema delas. Se a prática de outras pessoas está em um nível alto ou baixo, você não deve dar atenção para coisas assim. Preste atenção em seus próprios assuntos. Quando você tem essa atitude, então você encontra a coragem para praticar. E através da prática, vão surgir sabedoria e um profundo conhecimento.

Se sua prática está nos trilhos, quando você está realmente praticando, então é dia e noite. De noite você alterna meditação sentado e meditação andando, ao menos duas ou três vezes. Ande e depois sente. Sente e depois ande. Você não sente que você já fez o suficiente, você está se divertindo.

Os discursos se intercalavam entre as descrições de um monge que pratica bem e apontar o quão longe seus estudantes estavam daquele nível, quanto trabalho eles ainda tinham por fazer. Ele dava uma analogia para seus estudantes que ainda estivessem seguindo seus gostos e desgostos e não encarando desafios:

É como se o seu telhado tivesse uma goteira aqui, e você vai dormir do outro lado; e quando começa a gotejar do outro lado, você se muda para outro lado e passa seu tempo lamentando, ‘Quando é que eu vou ter um lugar bom para viver?’ Se o telhado comesse a ter muitas goteiras, você provavelmente apenas se mudaria para fora. Isso não é a forma de praticar. Se você segue as suas impurezas, as coisas apenas ficam muito piores. Quanto mais você as segue, mais a sua prática declina.

E então vinha o encorajamento:

Mas se você vai contra a corrente e segue praticando, certamente você vai ficar maravilhado pelo apetite incrível de sua mente em praticar. Nesse estágio você fica completamente desinteressado se outras pessoas estão praticando ou não – você apenas trabalha constantemente em sua própria prática. Se outras pessoas vem ou vão, você apenas segue fazendo o seu trabalho. É esse olhar para si mesmo que é a prática. Uma vez que você esteja fluente, então não haverá nada na sua mente exceto o Dhamma.

Em qualquer área que você ainda não consiga fazer isso, onde quer que você ainda tenha um obstáculo, a mente vai ficar rodeando aquele ponto. Ela não vai desistir até que o problema tenha sido eliminado. E quando o problema tenha sido resolvido, então a mente vai se agarrar em algum outro lugar. E então você trabalha com aquilo e não desiste até que você tenha resolvido o problema também, pois não haverá um verdadeiro senso de tranquilidade até que essas coisas também estejam resolvidas. Suas reflexões devem ser firmemente focadas no problema que esteja à mão, esteja você andando ou sentado.

O problema que o meditador encara agora se torna algo que absorve à tudo. Ele sente o peso de um assunto não resolvido ou de uma responsabilidade em andamento. Luang Pó dizia que parecia com sentir-se como um pai:

Você deixa a criança brincando sozinha no andar de cima enquanto você vai alimentar os porcos. Enquanto você está fazendo aquilo, você está ansioso o tempo todo de que a criança possa cair da varanda. É a mesma coisa com a nossa prática. O que quer que estejamos fazendo, nós não nos esquecemos de nosso objeto de meditação por nenhum momento. Assim que ficamos distraídos, ele imediatamente bate na mente. Nós nos mantemos seguindo-o, noite e dia, não nos esquecendo dele em nenhum momento. A prática deve alcançar esse nível para ser bem sucedida. Não é uma tarefa fácil.

Conforme o praticante progride, ele ganha um impulso. Existe menos necessidade do professor:

Pra começar, é necessário depender do professor e de seus conselhos. Quando você entende, então você coloca aquilo em prática. Depende de você fazer o trabalho por si mesmo. Se você for negligente em qualquer área ou se algo ruim surge, então você saberá por você mesmo. Haverá o ‘conhecer’, isso será *paccattam*. A mente saberá naturalmente se existe uma falta grande ou pequena. Ela vai tentar observar apenas onde está a falta, tentar fazer a sua prática.

ALEGRIA NO DHAMMA

Era considerado algo normal, e não necessariamente ruim por si mesmo, que monges colocando esforço para vencer as impurezas ficassem às vezes tensos ou se sentissem frustrados. Luang Pó dizia que se monges não sentissem nenhuma resistência interna em suas práticas, então eles provavelmente não estavam fazendo o suficiente para se oporem aos velhos hábitos. Ele iria, a despeito disso, manter seu dedo no pulso da comunidade e manter uma clara observação de quaisquer sinais de monges que estivessem se tornando obsessivos ou depressivos. Se ele sentisse que a atmosfera estava muito intensa, ele convidava a Sangha para ir à sua cabana para um encontro informal. Nessas noites, a atmosfera era calorosa e íntima. Ele frequentemente falava de contos dos velhos tempos ou contaria histórias de ensinamentos que fossem divertidas e de alto astral. Não importava o quanto durassem essas sessões – e, mesmo que elas fossem além da meia noite, se esperava que todos estivessem participando da sessão matinal das 3:00 da manhã – ninguém queria sair dali. Um monge resumiu isso:

“Ao sair da cabana de Luang Pó um dia eu pensei, ‘Essas são noites das quais eu vou me lembrar quando eu for um velho.’”

Luang Pó tinha um poço sem fundo de histórias. Somado a uma vida de experiência com monges e os defeitos deles para ilustrar, ele também sabia como adaptar os contos folclóricos e outras histórias bem humoradas com o propósito de ensinar. Muito do divertimento que essas histórias proporcionavam depende de familiaridade com a cultura que elas espelhavam, e elas geralmente perdem muito com a tradução. Mas o conto do ‘*plachon*’ fornece algo do seu sabor:

Ajahn Tongjun ouviu Luang Pó contar essa estória em uma época que vários monges mais jovens tinham ‘sido picados pelo bichinho de querer ensinar’. Era um fenômeno comum entre monges cuja prática de meditação estivesse começando a progredir. Munidos com um vocabulário capturado das palestras de Dhamma de Luang Pó, esses monges – ‘pegando fogo’ com tanto conhecimento – tendiam a fazer de si mesmos um incômodo ao compartilhar seus insights de forma detalhada com qualquer um que os escutasse, ou que não pudesse escapar deles. A estória que Luang Pó contou tinha a ver com pescaria, um assunto familiar a todos os monges, e era sobre o ‘plachon’, ou ‘peixe-cabeça de cobra’, considerado por muitos como sendo parecido com o pênis humano. Ajahn Tongjun recontava a estória conforme ele se lembrava de Luang Pó contando-a:

Havia um casal recém casado que, seguindo a antiga tradição, morava na casa da família da esposa. O jovem esposo estava constantemente buscando maneiras de impressionar os seus sogros: ele queria que eles vissem quão capaz era o genro que eles tinham conseguido, como ele era um trabalhador esforçado, o quão bom ele era em ganhar a vida.

Todas as noites, o jovem rapaz acompanhava o seu sogro para um riacho que ficava ali perto onde eles podiam preparar uma armadilha para peixes-gato – uma cesta de bambu usando uma pedra como peso em cima, contendo um pedaço de um cupinzeiro como isca. De manhã cedo, o jovem iria checar o que tinha conseguido capturar.

Naquela época as pessoas eram bem pobres, era difícil de conseguir pano para roupas e o jovem não tinha cuecas. Depois que ele tirava suas calças na margem do rio, ele descia pelado na água. Em um dia específico, ele viu que a armadilha estava repleta dos lucrativos peixes-gato se debatendo vorazmente, e sem nenhum *plamor* (peixe cabeça-de-cobra) ou ‘plachon’ que tinha um valor mais baixo. Tinha sido uma pescaria muito boa. O jovem rapaz estava tão entusiasmado com seu sucesso que ele esqueceu de colocar suas calças antes de correr de volta para casa com o cesto cheio de peixes, ansioso pelos elogios que ele achou que certamente receberia. Ele subiu as escadas para a casa ainda maravilhado

consigo mesmo, ‘nada além de peixe-gato!’, e se apressou em encontrar a sua esposa que estava lavando grãos de arroz. Ao ouvir a voz dele, ela virou-se apenas para vê-lo pelado em frente a ela dizendo, ‘nada além de peixe gato.’ Ela disse, apontando para a virilha dele, ‘Então de onde veio esse ‘peixe cabeça de cobra’?’ Suas palavras quebraram o encanto e o jovem rapaz, percebendo que estava pelado, ficou completamente vermelho de vergonha antes de sair correndo de volta para o riacho para buscar suas calças.

Luang Pó disse aos jovens monges que, tentar se exhibir sobre sua prática se esquecendo que suas faltas embaraçosas eram visíveis a todos, os deixavam iguais ao jovem rapaz que estava tão afoito para impressionar sua família que não percebeu que estava mostrando seu *plachon*.

GOVERNANÇA DA SANGHA

A Sangha é estruturada hierarquicamente com a senioridade sendo determinada pelo período de tempo passado como monge, medido por Retiros de Chuvas anuais (um monge com dez anos de ordenação, por exemplo, é referido como um monge com ‘dez chuvas’). Os ensinamentos do Buda sobre as qualidades que líderes de comunidades deveriam possuir tendem a focar em valores morais e espirituais. Existem poucas discussões detalhadas sobre o exercício do poder. Contudo, os textos do Vinaya deixam claro que a unanimidade deveria ser buscada em decisões comunitárias sobre assuntos confrontivos. Por outro lado, a vontade da maioria deveria ser o guia para assuntos menores, onde sentimentos exacerbados não estão em jogo, e um voto não vai alienar a minoria e afetar a harmonia da Sangha.

Conforme o Budismo evoluiu na Tailândia, ele se tornou mais institucionalizado e o modelo dominante de governança de comunidades monásticas que emergiu foi o de uma benevolente ditadura temperada pelos ‘freios e contrapesos’ incrustados no Vinaya. Esse desenvolvimento foi condicionado por vários fatores, nada menos do que as leis do país, o que colocou vários poderes legais nas mãos de abades cujas indicações deveriam ser reconhecidas pelo Estado.

Como muitos daqueles que se integravam a um mosteiro de floresta o faziam por fé no abade e por uma vontade de se submeterem ao seu julgamento quando o assunto fosse o seu treinamento, um sistema no qual o poder reside primordialmente com o abade não gera controvérsias. O paternalismo do sistema pode ser rastreado até a declaração do Buda de que a relação entre o professor ou preceptor com seus estudantes deveria tomar como modelo a relação entre pai e filho. A integridade do sistema é dependente do fato que, ser um membro da Sangha é algo completamente voluntário e nenhuma barreira é colocada no caminho daqueles que queiram deixá-la. Isso, combinado com a demanda por líderes de manterem todas as regras de treinamento do Vinaya sem exceções, significa que o alcance para abuso de poder é severamente limitado.

O estilo de liderança de Luang Pó estava amplamente em conformidade com o modelo de um ditador benevolente. Contudo, a sua ênfase em criar uma instituição duradoura que não fosse extremamente amarrada a ele e que pudesse sobreviver e prosperar independente dele, o levaram a modificá-la de formas significativas. Luang Pó tomou quase todas as decisões mais importantes sozinho, mas fazia questão de ouvir aos pontos de vista de seus discípulos e os encorajava a expressarem suas opiniões de forma apropriada, e em local e hora apropriados. Ajahn Suriyon recordava:

“Antes de mais nada, ele determinava um plano ou princípio básico, e então ele pediria as opiniões da Sangha; se fosse apropriado, ele também consultaria os leigos. Em alguns casos, sua ideia podia ter algum ponto fraco e ele poderia modificá-la. Frequentemente suas ideias eram boas, mas ao escutar os pontos de vista dos demais, ele podia saber qual era o sentimento geral e lidar com quaisquer preocupações que pudessem existir.”

Luang Pó era uma figura intimidadora pela força de sua posição, por sua personalidade, por seu carisma e pela crença que quase todos compartilhavam de que ele era um ser iluminado. Não havia dúvidas de que ele possuía uma autoridade natural para exercer o que lhe parecesse sem consultar aos outros. Mas ele escolheu dar aos seus discípulos o senso de que ele os escutava, e de que ele podia ser flexível quando confrontado com argumentos inteligentes. O sistema funcionava bem pois, em última instância, a confiança dos monges em seu julgamento era tal que eles eram

capazes de aceitarem suas decisões mesmo que nem sempre concordassem com elas.

Havia várias ocasiões nas quais Luang Pó fez uso dos encontros formais da Sangha para lidar de forma hábil com questões na comunidade. A decisão de se deviam permitir ou não que um monge de outra tradição participasse da recitação do *Pāṭimokkha* mencionada anteriormente, é um exemplo. Outra ocasião, onde ele encontrou a si mesmo em desacordo com a maior parte da Sangha, ocorreu quando um apoiador leigo pediu permissão para oferecer um veículo ao mosteiro. Luang Pó disse ao propenso doador que, antes de lhe dar uma resposta, ele deveria consultar a Sangha. Na reunião formal seguinte da comunidade, ele angariou opiniões sobre o assunto. Assumindo que o resultado se tornaria um precedente, aqueles que foram chamados a opinar abertamente estavam entusiasmados; um veículo do mosteiro poderia ser usado quando Luang Pó fosse visitar os mosteiros afiliados; poderia ser usado em casos de emergências médicas; havia muitas formas pelas quais ele poderia ser útil. Quando chegou a hora dele apresentar seu ponto de vista, contudo, Luang Pó surpreendeu à toda a assembleia ao anunciar que ele se opunha à doação, e então passou a rebater, um por um dos argumentos que tinham previamente sido colocados como favoráveis a ela. O impacto emocional de suas palavras foi enorme.

Pessoalmente, eu tenho uma visão diferente da de todos vocês sobre isso. Da forma como eu vejo, como monges, como samanas – em outras palavras, homens da paz – nós deveríamos estar contentados e com poucos desejos. Nas manhãs, nós carregamos nossas tigelas em mendicância matinal e recebemos comida dos camponeses para mantermos nossos corpos. A maioria dos camponeses é pobre. Se nós vivemos da comida que eles nos oferecem, e nós temos um veículo e eles não – pensem nisso – como isso iria parecer?

Nós deveríamos estar cientes de nosso status como discípulos do Buda. Dado que o Buda nunca teve um veículo, eu digo que é melhor que nós tampouco tenhamos. Se monges começam a aceitar veículos, então mais cedo ou mais tarde haverá notícias sobre esse veículo do mosteiro capotando e atropelando alguém.

Isso será uma grande confusão. E essas coisas são um verdadeiro fardo para cuidar.

Antigamente, monges tinham que caminhar para todos os lugares. Nos velhos tempos, se você saía em *tudong*, você nunca teria uma carona em carros como hoje em dia. Se você saía em *tudong*, então era realmente um *tudong*: montanhas acima e vales abaixo – você caminharia por todos os lugares. Você caminharia até que os seus pés estivessem cobertos de bolhas. Mas hoje em dia, as pessoas dizem que vão sair em *tudong* e elas vão de carro. Elas vão rodar por regiões diferentes, eles dirigem bem através das florestas [literalmente: eles *talu-dong*']. Não importa que não tenhamos um veículo. O que realmente importa é que vocês pratiquem bem. Então quando os seres celestiais (devas) os veem, eles se enchem de fé e inspiração. É por isso que eu não aceitarei esse veículo que eles querem oferecer. Isso será ainda mais conveniente; vocês não precisarão se cansar lavando e limpando ele. Por favor, lembrem-se disso: não se permitam serem varridos por conveniência e facilidade.

Depois da reunião, um monge sênior disse com um sorriso pesaroso em seu rosto, 'Foi como se colocássemos alvos em nossos peitos para o pelotão de fuzilamento.'

Um ano, quando vários monges temporários estavam passando o Retiro de Chuvas no mosteiro, ocorreu um furto. Questionamentos e apelos para que o objeto furtado fosse devolvido se mostraram infrutíferos. Finalmente Luang Pó anunciou que eles teriam que fazer uso de um método antigo no qual, um por um, cada membro da comunidade faria um voto solene de sua inocência, pedindo para que eles mesmos e suas famílias fossem amaldiçoados por sete gerações se eles estivessem mentindo.

Depois que ele deixou que isso assentasse por um momento, Luang Pó anunciou que, antes de tomar um passo tão drástico, ele daria ao culpado uma última chance. Todos tiveram que voltar às suas cabanas, fazer um pequeno fardo e então, ao retornarem ao Salão de Dhamma no escuro, depositá-lo em uma pilha no meio do piso. Quando todos os fardos foram depositados e os monges estavam sentados em seus lugares, lanternas

foram acesas e os fardos foram examinados. O artigo perdido foi descoberto no meio da pilha.

Disputas entre membros da Sangha eram pouco frequentes mas não eram inexistentes. Quando as partes em questão estivessem reunidas em sua cabana, Luang Pó recusaria que qualquer parte estivesse completamente certa ou completamente errada. Ele diria que ambos tinham contribuído para a disputa de uma forma ou de outra, e ambos eram culpados. Ajahn Suriyon estava presente no que talvez tenha sido o mais extremo incidente que havia ocorrido.

“Havia uma disputa no ano em que eu cheguei. Ela chegou ao ponto em que um monge chegou a perseguir o outro com uma faca na mão. Luang Pó não demonstrou qualquer sinal de medo ou hesitação. Ele falou de seu assento com uma voz muito normal. O monge voltou, colocou a faca no chão e começou a chorar ... No geral havia muito poucos problemas. Talvez fosse a força do Dhamma, da virtude e da bondade que Luang Pó tinha acumulado. Mesmo que houvesse incidentes estranhos, não houve consequências nocivas, nunca houve qualquer perigo. Quando Luang Pó falava, então seria o final daquilo; as pessoas podiam abandonar suas inimizades. Ele nunca nos permitiria trazer à tona problemas antigos.”

O incidente da faca e a resposta de Luang Pó foram uma exceção. Sempre foi entendido claramente por todos em Wat Pah Pong que violência física era algo completamente inaceitável. Contudo um dia, muitos anos depois, os monges saindo do Salão de Dhamma depois da sessão de práticas noturnas se depararam com dois noviços adolescentes no meio de uma briga, golpeando um ao outro com suas lanternas. No dia seguinte, depois da recitação de cânticos noturna, a Sangha estava reunida na cabana de Luang Pó. Ajahn Supon era um dos monges presentes.

“Depois que Luang Pó nos instruiu em vários assuntos, ele certamente pediu aos dois noviços que fossem à frente, e então ele os questionou sobre o que tinha acontecido na noite anterior. Depois que ele os examinou, ele disse que nos vinte e cinco anos desde que ele havia estabelecido o mosteiro, aquela era a primeira vez que tinha ocorrido uma briga entre noviços. Ele explicou de forma concisa por que aquilo era algo tão ruim de acontecer, e então ele fez um anúncio à Sangha.”

Considerando o fato, eu não vejo nenhum benefício em permitir que esses dois noviços sigam vivendo aqui. Embora um deles tenha recém tido a ordenação e suas atitudes sejam mais perdoáveis, esse outro está aqui já faz dois anos e não apenas segue incapaz de ser um bom exemplo aos demais, ele também se comportou de maneira inaceitável. Eu não vejo razão nenhuma para que os dois continuem aqui. Qual é a opinião da Sangha?

Depois que Luang Pó falou daquela maneira, ninguém ousou dizer nada. Se qualquer um tivesse falado com boas razões para permitir que eles permanecessem, talvez tivesse acontecido algum resultado diferente – mas houve silêncio. Luang Pó finalmente pediu ao Ajahn Virapon para fornecer uma resposta em nome da Sangha. Ajahn Virapon disse que ele concordava com Luang Pó. À princípio, Luang Pó ameaçou fazer com que os noviços largassem o manto ali mesmo e então fossem para casa apenas com seus panos de banho, mas no final, ele lhes permitiu ficarem até a manhã seguinte.

Quando outra briga aconteceu entre dois jovens monges no ano seguinte, Luang Pó foi mais categórico:

Vão embora! Se vocês vão agir dessa maneira, vocês não podem ficar aqui. Saiam! Vocês não podem viver comigo. Encontrem um par de calças.

Esse foi o último de tais incidentes.

DELEGAÇÃO

Um importante elemento dos esforços de Luang Pó em criar uma Sangha forte foi a sua política de delegar autoridade. Nos textos do Vinaya, a atribuição de ‘oficiais da Sangha’ requer que uma curta cerimônia seja realizada em uma reunião formal da Sangha; em Wat Pah Pong, isso era um pouco mais relaxado. Luang Pó simplesmente anunciaria que ele estava apontando tal e tal monge para assumir alguma responsabilidade específica: para atuar como secretário do mosteiro ou cuidador do estoque; para cuidar do estoque de tecidos; para assumir a responsabilidade de assinalar os alojamentos; ou, em anos posteriores, para cuidar das instalações elétricas. Monges eram escolhidos com base em sua competência

para realizar as tarefas específicas e eram aconselhados a atuar em seus deveres com diligência e imparcialidade, livres de vieses causados por cobiça, aversão, delusão e medo.

Conforme os monges se tornavam mais seniores, Luang Pó requeria que eles dessem palestras do Dhamma e enviou vários dos discípulos nos quais ele confiava para estabelecerem mosteiros afiliados. Em 1979 e 1981, ele passou o Retiro de Chuvas em outros locais, em parte com o intuito de dar ao seu sucessor designado, Ajahn Liem, e a outros monges seniores mais experiência em tocar Wat Pah Pong em sua ausência. Esse se provou um movimento clarividente, já que permitiu que o mosteiro se adaptasse surpreendentemente bem quando Luang Pó ficou seriamente doente e incapaz de continuar como abade do final de 1981 em diante.

Luang Pó procurava encorajar seus discípulos a contribuir para o bem estar da comunidade de qualquer forma que pudessem. Todos tinham algo que poderiam oferecer.

É como as árvores de Wat Pah Pong. Cada uma delas traz um benefício diferente: as árvores pequenas, as árvores grandes, as curtas, as longas e as retorcidas. Todos são úteis se soubermos como selecionar a pessoa certa para o trabalho que tenhamos à mão.

Luang Pó frequentemente comentava sobre como outros mosteiros de floresta declinaram drasticamente depois da morte de seus abades. Isso era sempre um perigo quando a lealdade e a devoção dos monges era quase exclusivamente focada no professor, enquanto o cuidado pelo senso de comunidade e a lealdade ao próprio mosteiro eram negligenciados. Luang Pó não queria que isso acontecesse em Wat Pah Pong. Dar responsabilidades aos monges lhes dava experiência, auto-confiança e, acima de tudo, senso de participação e pertencimento.

Luang Pó falava frequentemente sobre o respeito à Sangha, e como o bem estar da Sangha tinha sempre que ter precedente sobre o bem estar do indivíduo. Contudo, quando ele sentia que a Sangha tinha ultrapassado sua autoridade ou se comportado de maneira não sábia, ele daria uma advertência. Uma ocasião como essa ocorreu quando a inquietação sentida

por vários membros da Sangha sobre o comportamento de um dos monges sênior alcançou seu ponto máximo.

O monge em questão era uma das figuras mais excêntricas de Wat Pah Pong. Ele era conhecido pelo seu amor em entoar cânticos e por sua personalidade extrovertida, borbulhante, e às vezes levemente maníaca. Seu comportamento, especialmente com relação aos apoiadores leigos, era considerado por muitos monges como sendo inapropriado e indecoroso. As questões chegaram ao cúmulo quando, na ausência de Luang Pó, a Sangha realizou uma reunião para discutir o comportamento desse monge e, depois de uma votação, decidiram que ele deveria ser censurado formalmente. O monge aceitou a decisão da Sangha de forma graciosa mas ficou profundamente magoado. Ele insistia que não tinha más intenções; era apenas que de vez em quando ele se esquecia. Todos aguardaram o retorno de Luang Pó e sua decisão sobre como proceder.

Na noite de seu retorno, a Sangha se juntou debaixo da cabana de Luang Pó. Ele ouviu em silêncio ao relato da reunião da Sangha. Então sem fazer qualquer pergunta e sem ouvir o monge acusado dar a sua versão da estória, ele começou a dar uma palestra do Dhamma.

Ele falou sobre como os traços de personalidade variavam. Mesmo os grandes arahants tinham diferentes hábitos e personalidades – resultado do kamma que eles tinham criado no passado – que estavam desconectados das impurezas e persistiam depois da iluminação. Ele mencionou o Venerável Sāriputta, que tinha sido um macaco por várias vidas anteriores e, como resultado, de vez em quando agia de forma excêntrica, quase como um macaco – mais famosamente ao ocasionalmente pular sobre poças.

Diferenças de personalidade também deveriam ser vistas entre aqueles que ainda estivessem lutando para limpar suas mentes das impurezas. Havia aqueles com um temperamento predominantemente luxurioso, aqueles com uma mentalidade negativa, que apontavam para as faltas dos outros e aqueles com uma disposição lenta e pálida. Havia aqueles dados a pensamentos e preocupações, aqueles com um temperamento devoto, e aqueles com uma disposição naturalmente inteligente.

As diferenças entre esses tipos de caracteres são superficiais. Em última instância, eles são todos iguais: eles são todos igualmente

impermanentes, insatisfatórios e sem um ‘eu’, todos ‘inagarráveis’. Como um limão, uma pimenta, uma cana de açúcar e um *borapet*. Todas essas coisas nascem da terra, mas seu sabor é diferente. O limão tem um sabor azedo, a pimenta é ardida, a cana de açúcar é doce e o borapet é amargo. A sua unidade está no fato de que, uma vez que eles nascem da terra, todos eles tem que morrer.

O professor de Luang Pó, Luang Pu Tongrat, era reconhecido como um monge de altas realizações mas nunca foi uma figura realmente amada. Ele poderia ser rude, agressivo e agir de maneira excêntrica. Muitas pessoas achavam que ele era louco.

Em uma ocasião, os camponeses – eu não sei se eles fizeram aquilo de propósito com o intuito de provocá-lo ou o quê – colocaram um peixe vivo em sua tigela. Eles tinham acabado de pescar e ele ainda estava atado a uma linha de juta. Ele o recebeu em sua tigela e então o levou para um riacho e o libertou. Ele disse ao peixe, ‘Bem, foi melhor, meu filho, do que se eles tivessem te matado.’ Quando ele faleceu, sua única posse era uma navalha; ele não tinha mais nenhuma posse. Em seu funeral, um forte vento bateu, caiu chuva por apenas um momento e então parou – apenas o suficiente para ver que aquilo era uma maravilha.

A razão pela qual eu conto histórias como essa é para que vocês vejam que às vezes as estranhezas não são tão estranhas assim, é tudo normal.

Luang Pó advertiu a Sangha por fazer muito estardalhaço por um assunto pequeno. Seus esforços deveriam ser canalizados em desenvolver o caminho da prática, e não em procurar faltas uns nos outros. Sempre haveria monges cujo comportamento não era particularmente inspirador.

Não deixem que seus sentimentos de satisfação e insatisfação sejam o seu critério. Se vocês fazem isso, vocês estarão elevando seus estados de espírito acima do Dhamma. Qualquer coisa que vocês façam, vocês devem ser circunspectos e usar suas faculdades de sabedoria. Algumas coisas serão muito pequenas, outras muito grandes, algumas serão do seu gosto e outras não, mas se o assunto

não envolve transgressão do Vinaya, então vocês deveriam ser capazes de abrir mão dele.

Monges não deveriam perder seu tempo em disputas sem sentido.

É como quando dois monges que começam a discutir sobre quando o sol está mais perto da Terra. Um diz que é de manhã, pois é quando ele está maior. Outro diz que é ao meio dia, pois é quando está mais quente. Eles foram pedir ao professor para dar um veredito. Ele disse, ‘Vão e comam seu almoço.’

IV. UM TREINAMENTO REDONDO

COLOCANDO ESFORÇO CONTÍNUO

Uma das fundações da prática budista é a convicção de que o esforço com um propósito tem um significado. O Buda rejeitou as crenças de que a vida humana é determinada pela vontade divina, pelo destino ou por algo aleatório. Ele proclamou que os seres humanos criavam suas próprias vidas e seu próprio ambiente pelas qualidades de suas ações através do corpo, da fala e da mente. Os ensinamentos de Luang Pó expressavam essa ‘Visão Correta’ de forma repetida. Monges tinham que tomar responsabilidade por suas vidas através de seus próprios esforços consistentes. Todos eles tinham o potencial para a libertação dentro deles. A pergunta era se eles tinham a determinação, a paciência e a capacidade de aguentar para realizarem esse potencial.

Não apenas fique sentado ali esperando que Nibbāna venha até você. Você já viu alguém ser bem sucedido dessa forma? Onde quer que você veja que está no [caminho] errado, então o remedie rapidamente. Se você fez algo de forma incorreta, então o faça novamente de forma apropriada. Reflita sobre a experiência.

Não havia alternativa que não fosse o trabalho duro.

Algumas pessoas se tornam monges pensando que poderão ficar tranquilos e aproveitar a vida. Mas se você nunca aprendeu a ler, você não pode simplesmente pegar um livro e começar a ler ...

Algumas pessoas vem aqui para se tornarem monges com o intuito de encontrar a felicidade. Mas de onde surge a felicidade? Qual é a sua causa? As dificuldades devem vir primeiro. Você não tem que trabalhar primeiro antes de ter o dinheiro para comprar comida? Arar a terra antes de ter arroz para comer? Dificuldades precedem a felicidade.

Uma frase em especial, os monges ouviam repetidamente com o passar dos anos:

Comer pouco, dormir pouco, falar pouco: essas são as ações do praticante. Comer muito, dormir muito, falar muito: essas são as ações do tolo.

PAṬIPADĀ

Monges frequentemente tomam observâncias especiais com o intuito de sair da rotina ou com a esperança de acelerar a sua prática. No mínimo, ao fazerem isso eles exercitam os poderes de diligência, vigor e renúncia, todos os quais são qualidades importantes para que monges cultivem. Contudo, Luang Pó recordaria a esses discípulos propensos a colocarem sua fé em ascetismos radicais mas insustentáveis, para que eles observassem de perto qual era a intenção ao adotarem tais práticas. Um curto período de esforço heróico seguido de um longo período de recuperação preguiçosa não era, ele insistia, uma estratégia sábia ou efetiva para lidar com as impurezas. O desejo por resultados infectava muito facilmente uma mente que houvesse decidido dessa forma. Para ele, a chave do sucesso era *paṭipadā*: uma prática estável, contínua e consistente* - a tartaruga ao invés da lebre.

Não se importe se você está se sentindo diligente ou preguiçoso. Normalmente, as pessoas fazem coisas quando se sentem diligentes e param quando se sentem preguiçosas; mas como monges, não é assim que conduzimos a nós mesmos. Mesmo que nos sintamos preguiçosos ou diligentes, nós praticamos. Nós não temos nenhum interesse que não seja em cortar as coisas, em abandoná-las, em treinarmos a nós mesmos.. nós somos consistentes dia e noite, esse ano e no próximo, em todas as horas, indiferentes às sensações de preguiça ou diligência, calor ou frio. Nós apenas seguimos em frente. Isso se chama *paṭipadā*.

Às vezes monges ficam realmente entusiasmados e mantém isso por seis ou sete dias. Mas quando eles veem que não estão chegando a lugar nenhum, eles desistem. E então eles realmente se perdem por um tempo, conversando e socializando de uma

*Essa é a definição adotada pela Tradição de Floresta Tailandesa. Na verdade, essa palavra em Pali significa apenas 'caminho de prática' e pode ser benéfico ou não, dependendo do contexto. Aqui, o termo deve ser entendido como uma abreviação de '*sammā paṭipadā*', ou 'Prática Correta'.

forma desatenta, até que eles recobram os sentidos e se põe em mais um par de dias de esforço pesado. Então eles desistem de novo até a próxima vez em que se sintam inspirados, e isso se torna o padrão. É como pessoas que se jogam no trabalho como se não houvesse amanhã – cavando os campos, cortando árvores, limpando encostas – e então quando chega a hora de fazer uma pausa, jogam suas ferramentas de qualquer jeito e descem o morro sem guardá-las. Na manhã seguinte, as ferramentas estão completamente cobertas de lama.

Então eles se entusiasmam pelo trabalho de novo e de noite eles jogam as ferramentas de lado mais uma vez. Essa não é a forma de preparar os campos para o cultivo, e é a mesma coisa com a nossa prática. Se você não pensa que paṭipadā é importante, você não terá sucesso. Paṭipadā é absolutamente vital.

‘Fazer fogo’ era outra das analogias favoritas de Luang Pó para esse princípio, uma que lhe permitia realizar uma curta encenação teatral que ele gostava muito. Enquanto ele falava – e com um grande sorriso no rosto – ele imitaria um tolo que esfrega dois galhos até que ele fica cansado ou entediado, os coloca de lado por um tempo e então os pega de novo mais uma vez, esperando continuar de onde ele parou. Finalmente, ele desiste de vez e sela o seu erro ao insistir que ele sabe por experiência própria que não é possível fazer fogo a partir da madeira. ‘*Existe fogo ali*’, Luang Pó dizia, ‘mas você só vai produzi-lo se você mantiver esfregando os gravetos sem interrupção até que a temperatura crítica seja alcançada.’ Da mesma forma, a prática só pode gerar frutos quando é desenvolvida de uma forma similarmente constante. Curtos períodos de esforço, não importa o quão intensos, não podem criar o impulso necessário.

Um pescador posiciona sua rede e captura um peixe enorme. Ele fica com medo de que o peixe pule para fora da rede e fuja. Ele fica tão ansioso que ele agarra o peixe vorazmente, luta para conseguir segurá-lo. De repente, bem como ele temia, o peixe está fora da rede; mas ele fugiu pois o seu esforço em agarrá-lo foi muito violento.

Existe um velho ditado, ‘Gentilmente, faça isso gentilmente – mas não tão gentilmente.’ Essa é a nossa prática. Siga sentindo as coisas, sentindo-as. Não desista. Você deve olhar para a mente, entender do que ela se trata. Tente seguir fazendo a prática, fazendo-a consiste. Se você se sentir preguiçoso, pratique. Se você não estiver se sentindo preguiçoso, pratique. Esse é o tipo de continuidade que é necessária.

Ele repetia frequentemente que o desejo de ter alguma coisa ou tornar-se alguma coisa era algo que sempre sabotaria até o mais determinado esforço:

O Buda ensinou que colocar esforço é para o abandono, para abrir mão, para se desvencilhar do apego. Não deve haver desejo por tornar-se [algo] ou nascer, pegar ou ser absolutamente qualquer coisa.

Esse esforço era para ser constantemente monitorado e adaptado, o objetivo sendo um nível equilibrado chamado ‘*pó dīi*’, ‘na medida certa’. Colocar esforço contínuo que, momento a momento fosse mantido em uma intensidade otimizada para alcançar o seu propósito, Luang Pó definiu como sendo a ‘prática correta’.

Colocar esforço contínuo não se restringe a uma postura específica. Você pode fazer isso enquanto está de pé, andando, sentado ou deitado. Você pode realizar o Dhamma enquanto varre folhas, ou meramente olhando para um raio de sol. É essencial que a plena atenção seja constantemente o principal. Por que? Porque quando você tem a intenção de discernir sobre a verdade, existem oportunidades de realizar o Dhamma em todos os momentos e em todos os lugares.

SABENDO AGORA

Luang Pó frequentemente dizia que o momento presente abarca tudo: ele inclui o passado e o futuro pois ele era o resultado do anterior e a causa do seguinte. Por essa razão, desenvolver a habilidade de permanecer no momento presente com clareza é talvez a mais fundamental de todas as habilidades de meditação. Contudo, Luang Pó dizia que o valor disso

não está apenas na calma lucidez que resulta de abrir mão da memória e da imaginação – era no momento presente que a sabedoria poderia ser cultivada:

Na prática do Dhamma, tudo o que você tem que fazer é seguir olhando para o momento presente ... Olhe para a instabilidade, a impermanência e o ‘conhecimento do Buda’ vai surgir e crescer. Siga vendo a verdade de todas as coisas – de que elas são impermanentes. Prazer e dor surgem e são impermanentes, não é certo por quanto tempo eles vão durar. Se nossa mente vê a duração incerta das coisas, o problema do apego vai diminuir gradualmente.

O passado já havia passado, o futuro ainda não tinha chegado. O sofrimento, sua causa, sua cessação e o caminho para essa cessação, todos existem no momento presente.

Essa prática de permanecer no presente ‘é’ o cultivo mental. Para colocar de forma simples, nós devemos estar plenamente atentos, termos uma constante atenção e lembrança, sabendo o que está ocorrendo exatamente agora, o que estamos pensando, o que estamos fazendo, o que está acontecendo conosco. Nós devemos olhar para nossa mente, constantemente atentos ao nosso estado de espírito, nossos pensamentos, se estamos experienciando sensações agradáveis ou desagradáveis, se estamos fazendo o que é correto ou incorreto. Refletindo, investigando dessa forma, a faculdade da sabedoria já terá se manifestado ... os olhos veem uma forma, os ouvidos escutam um som, o nariz sente um odor, a língua experiencia um sabor, o corpo sente um toque – tudo o que é sentido é conhecido. Se pensamos que algo é bom ou ruim, se gostamos ou não gostamos daquilo, tudo é impermanente, insatisfatório e ‘não-eu’. O Buda nos ensinou a largar essas coisas, não nos agarrarmos a elas. Isso se chama ‘resolver problemas’.

MAI NÉ

Nos últimos cinco ou seis anos de sua carreira como professor, a maioria das palestras do Dhamma de Luang Pó foram gravadas em fitas cassete. Nessa coleção de palestras, agora arquivadas digitalmente, Luang Pó lida com uma

ampla variedade de temas, entre os quais um ensinamento frequentemente repetido se sobressai – aquele sobre ‘*mai né*’. A frase em tailandês ‘*mai né*’ é traduzida mais diretamente como ‘incerto’, ‘duvidoso’, ‘mutável’ ou ‘indefinido’* e é um termo do cotidiano que toda a plateia de Luang Pó entendia imediatamente. Um fazendeiro, por exemplo, quando lhe fosse perguntado durante a época do plantio se ele esperava ter uma boa colheita naquele ano, muito provavelmente respondia, ‘*Mai né*. Se tivermos chuva suficiente, ela deve ser boa.’ A expressão ‘*mai né*’ aqui é um simples reconhecimento de que as coisas são afetadas por diversas condições variáveis (ex. quanta chuva possa cair) e, dessa forma, não são assim completamente previsíveis.

Luang Pó ensinava seus discípulos a praticarem a percepção de ‘*mai né*’ como um meio de cultivar a faculdade da sabedoria. Ao se recordarem constantemente de que, tanto fenômenos internos quanto externos eram ‘*mai né*’, eles desenvolveriam *aniccasañña* (a percepção da impermanência) e, com a prática, desenvolveriam a percepção associada de *dukkha* (a natureza inerentemente defeituosa e definitivamente insatisfatória da experiência) e *anattā* (a natureza condicionada e impessoal da experiência). Essas percepções das ‘três características da existência’ criava o caminho para *vipassanā*, o insight profundo e não-mundano que desenraíza as impurezas e leva ao fim do sofrimento.

A prática de ‘*mai né*’ alcança seu poder ao confrontar diretamente a tendência arraigada que os seres não iluminados tem de investirem em experiências que tenham a aparência de serem sólidas. Esse senso de que as coisas dentro e fora de nós são reais e substanciais é embasado em suposições não examinadas. A percepção da mutação constante das coisas se tornou a ferramenta recomendada mais frequentemente por Luang Pó para desafiar essas suposições. Luang Pó escolheu usar o termo ‘*mai né*’ em preferência ao termo mais tradicional ‘*aniccam*’ ou ‘impermanente’, para trazer um novo enfoque ao desenvolvimento da sabedoria. Para seus discípulos, ‘*mai né*’ era uma ideia familiar e acessível, profundamente inserida na cultura. Isso dissimulava a prática do Dhamma e a fazia parecer imediatamente prática.

*A palavra em Pali que mais de aproxima da ideia de ‘*mai né*’ é ‘*vipariṇāma*’, geralmente traduzida para o inglês como ‘sujeito à mudança’.

A ênfase específica da prática de ‘mai né’ pode ser examinada ao compará-la com a frase similar ‘isso também vai passar’. Enquanto a frase ‘isso também vai passar’ nos relembra de um futuro além da experiência presente, o que a coloca em perspectiva, ‘mai né’ aponta para a natureza do próprio fenômeno do presente.

Na vida diária, Luang Pó ensinava que a reflexão de ‘mai né’ era particularmente efetiva em lidar com o apego a ideias e pontos de vista. Nesse contexto, o termo poderia ser melhor traduzido como ‘talvez não’. Sempre que a mente estivesse prestes a esboçar uma conclusão ou chegar à uma, quando ela estivesse prestes a fazer um julgamento sobre alguma coisa, ele ensinava ao meditador a recordar que, ‘talvez não’. Talvez não seja assim, talvez não tenha acontecido assim, talvez isso não seja o que ele ou ela realmente são. Sempre que o senso de certeza surgisse, meditadores deveriam temperá-lo com um gentil ‘talvez não’. Mesmo que eles estivessem convencidos, eles ainda assim deveriam reservar um pequeno espaço em suas mentes para a possibilidade de estarem errados: ‘Sim, mas talvez – apenas talvez – não.’ Dessa forma, a mente se tornaria mais cuidadosa e poderia aceitar nuances em suas próprias atitudes.

Luang Pó deu a maior importância para essa prática: ‘Mai né é o próprio Buda’, ele diria, ‘É o Dhamma’. Ele ensinava a recordação de ‘mai né’ tanto como um meio de reeducar a atitude de uma pessoa para com a sua vida, quanto como uma técnica específica de meditação. Conforme os obstáculos surgissem durante o curso de uma sessão de meditação sentada, ele encorajava o meditador a reconhecer o obstáculo como sendo ‘mai né’, ou ‘mutável’ antes de retornar para a respiração. Conforme a mente se tornasse mais sutil, essa percepção acumulada de ‘mai né’ – de que qualquer coisa que surja não haverá de persistir – é um exercício da faculdade da sabedoria que assegura que a mente não caia na armadilha de se apegar à alegria ou à quietude, e é primordial para desenvolver vipassanā.

Quando você vê a impermanência claramente, você se torna um verdadeiro monge. Ao ver a impermanência, a instabilidade das formas, das sensações, das percepções, das formações mentais e da consciência, a mente não se apega aos cinco agregados.

Não importa o que seja – mesmo que algo aconteça que te aborreça tanto que lágrimas comecem a se formar em seus olhos – lembre-se, ‘Isso é mai né’. Sempre tenha isso em mente, com sua *sati*, com seu estado de alerta. Se você se sente satisfeito, insatisfeito, se pensa que isso é bom, isso é ruim – veja tudo como ‘mai né’ e você poderá libertar o apego. Quando você vê as coisas como sendo sem valor em última instância, o abrir mão ocorre automaticamente. ‘Mai né’ é o objeto de vipassanā.

Quando algo surge, chame-o de ‘mai né’. Não se esqueça desse termo. Não o deixe cair. O Buda nos ensinou a não nos agarrarmos ao que for bom ou mau. Qualquer coisa que surja, agrupe seus recursos nesse termo. Essa é a fonte da sabedoria, e o objeto de vipassanā. Faça desse o seu foco constante de atenção; isso vai levar você para além das dúvidas ... ‘mai né’ é uma ferramenta para desenraizar o apego às experiências. Isso vai permitir que você veja o Dhamma claramente.

Uma das maneiras pelas quais Luang Pó procurava inculcar o princípio de ‘mai né’ nas mentes de seus discípulos era ao manter um elemento de imprevisibilidade em suas vidas diárias. Mudanças seriam introduzidas à rotina monástica sem aviso prévio e sem indicação de quanto tempo durariam. Um monge que estivesse se preparando para o Retiro de Chuvas em Wat Pah Pong poderia ser avisado um ou dois dias antes dele começar de que ele faria o retiro em outro local, que ele deveria juntar suas coisas, limpar sua cabana e estar pronto para partir dentro de uma hora para um mosteiro a centenas de quilômetros de distância. Era um estilo que mantinha os monges sempre alertas e permitia que Luang Pó criasse uma atmosfera singular em seu mosteiro, uma na qual os efeitos calmantes da simplicidade e da repetição eram animados por um senso de que nada poderia ser tomado como sendo garantido. Ajahn Jan relebrava como planos poderiam mudar em um instante:

“Ele me dizia, ‘Pegue sua tigela e seus mantos. Você vai para tal lugar.’ Na hora em que eu tivesse voltado com todas as minhas coisas ele dizia, ‘Mudança de planos.’ Isso aconteceu tão frequentemente que eu tinha um verdadeiro sentimento por ‘mai né’ ... Mais tarde, eu vim a entendê-lo

como significando dividir as coisas em 50/50, talvez/talvez não. Eu adotei aquilo como meu princípio guia na prática.”

PÓ DII

‘Pó dii’ era outro termo comum do dia a dia que os discípulos de Luang Pó escutariam muitas vezes. ‘Pó dii’ significa ‘apenas o certo’, ou ‘na medida certa’. Se refere à quantidade otimizada, nem muito, nem muito pouco. Se um manto veste bem, nem muito longo, nem muito curto, então ele é ‘pó dii’. Para algumas pessoas, uma sessão de meditação sentado de trinta minutos poderia ser ‘pó dii’; para outras, ‘pó dii’ poderia ser uma hora ou mais.

‘Pó dii’ era um termo que Luang Pó usava quando ele queria falar do Caminho do Meio mais informalmente. Ele dizia que a habilidade em sintonizar com o modo ‘Pó dii’ para qualquer atividade está bem no centro da prática do Dhamma. Ele frequentemente contava a estória do Venerável Soṇa que foi ensinado pelo Buda a praticar meditação da mesma forma como ele antes costumava tocar alaúde, com as cordas nem muito tensas e nem muito frouxas*.

Luang Pó ensinava seus discípulos a desenvolverem sensibilidade sobre o que era ‘pó dii’ em cada área de suas vidas. Na hora da refeição, a atenção à ‘pó dii’ significava pegar apenas o necessário de comida para encher o estômago, mas não tanto para se empanturrar e causar sonolência e preguiça. ‘Pó dii’ em dormir significava descansar o suficiente para recompor o corpo, mas não tanto como para ser indulgente. Tudo deveria ser ‘não muito rápido, não muito devagar, não muito apertado, não muito frouxo.’ Ele precavia contra o entendimento de que manter ‘pó dii’ como padrão implicava em uma moderação branda em todas as coisas. ‘Pó dii’ era para ser medido pela extensão na qual uma ação era conducente para a resolução de um problema ou para alcançar um objetivo. Em certas épocas e lugares, uma prática pode parecer ser extrema à curto prazo, mas em relação ao progresso como um todo, ela poderia de fato ser ‘pó dii’. Em qualquer empreitada, ‘pó dii’ representava a estratégia ótima, a mais eficiente.

* AN 6.55

Mas como um monge saberia quando sua prática era ‘pó dii’? Luang Pó responderia essa questão com um símile:

É como se você quisesse navegar com um barco cruzando um rio que tenha uma forte correnteza. Você não aponta o barco para que siga em uma linha reta. Você o aponta levemente contra a correnteza, permitindo que a força da corrente te empurre um pouco para baixo, e então, consequentemente, cruzando o rio diretamente. Da mesma forma, o mais sábio é sintonizar sua prática para um nível que demande levemente um pouco mais do que você acredite ser ‘pó dii’ e permitir que a força da impureza te force para baixo ao nível correto.

Eu lhes ensino a comer pouco, dormir pouco, falar pouco – tudo deve ser pouco! Mas isso é ‘pó dii’? Na verdade, não é; isso ainda não atingiu a consistência homogênea, mas eu ensino isso para lhes permitir reconhecer ‘pó dii’, a medida certa, para ver o que é o apropriado para vocês ... Ter muita pressa não é o certo. Saibam como equilibrar interesses diferentes até que vocês encontrem a medida certa. Se for muito pouco, então adicione. Se for muito, então tire um pouco. Essa é a prática correta, ou ‘pó dii’.

Nos Suttas, o Buda ensina o Caminho do Meio que evita os dois extremos das indulgências sensuais e do ascetismo vazio. Luang Pó gostava de expandir o significado desses dois extremos para incluir gostos e desgostos, prazer e dor. Ao fazer isso, ele buscava deixar claro que o ensinamento não era tanto uma abordagem generalizada para o desenvolvimento espiritual, como uma posição momento-a-momento quanto aos estados mentais:

‘A medida certa’ significa não se afundar em qualquer dos dois extremos:

Kāmasukhallikānuyoga: ficar perdido em prazer, conforto e felicidade; satisfazer-se com pensamentos sobre ser bom, excelente e sublime;

Attakilamathānuyoga: aversão, sofrimento desgosto, raiva.

Esses dois extremos não são caminhos que um religioso deveria seguir ... O religioso vê esses caminhos mas não os segue, ele não

se apega a eles. Com o intuito de alcançar a paz, ele abre mão deles, ele os abandona.

A habilidade de manter a prática nesse nível otimizado de ‘pó dii’ dependia da faculdade da sabedoria, e da percepção de que tudo está sujeito à mudanças.

A prática se torna ‘pó dii’ quando você reconhece a impermanência de cada estado mental que surge e diz para a sua mente que aquilo é ‘mai né’. Aguarde pacientemente bem aí. Não se mova na direção desse conhecimento e não se afaste dele. Persista nesse ponto, e depois de algum tempo você haverá de chegar à verdade.

Líderes de comunidades também deveriam constantemente fazer referência ao senso de ‘pó dii’, fosse ao implementar regulamentos monásticos ou em determinar uma rotina diária. Nesse contexto, ‘pó dii’ era para ser reconhecido como um equilíbrio temporário que deveria ser regularmente recalibrado, ao invés de um padrão que, uma vez alcançado, poderia ser mantido à longo prazo. Depois de um sopro inicial de entusiasmo, haveria um ‘escorregar’ lento, mas inexorável, dos padrões até que um discurso de advertência de Luang Pó pudesse restabelecer o padrão. Reconhecendo esse modelo, Luang Pó começava cada novo ciclo no lado estrito do ‘pó dii’, como uma maneira de retardar o processo. Uma vez, um monge reclamou que o padrão que Luang Pó tinha estabelecido era muito estrito e apertado, Luang Pó respondeu:

Apertado é bom. Depois de algum tempo ele laceia por si mesmo.

APRENDENDO COM A NATUREZA

Ao fundar seu mosteiro em uma floresta, Luang Pó estava mantendo uma venerável tradição que remetia ao tempo do próprio Buda. Quase todos os mosteiros estabelecidos pelo Buda durante os quarenta e cinco anos de seu ministério eram situados em áreas florestadas. Enquanto as configurações desses mosteiros variavam consideravelmente no tocante à vida silvestre – variando de pomares benignos às selvas proibitivas e encostas de montanhas – todos eles compartilhavam de certas características em comum:

... sendo nem tão longe e nem tão perto de um vilarejo, adequado a ir e vir, acessível para aqueles que buscam o que é benéfico (isto é, o Dhamma), não abarrotados durante o dia, calmos e silenciosos de noite, [possuindo] uma atmosfera de isolamento, não perturbado por pessoas, adequado para a reclusão.

Vin Mv 1.13

Desde a época do Buda, religiosos cujas mentes estavam libertas das impurezas, capazes de viver em qualquer ambiente sem sofrimento mental, quase sempre escolhiam árvores e silêncio ao invés de construções e barulho. Parece que as florestas e lugares solitários são o habitat natural do arahant. Uma das mais surpreendentes passagens do Cânone Pali é o verso lírico atribuído ao Venerável Mahā Kassapa, o grande asceta e provavelmente o mais áspero e severo monge dos Suttas:

*Como os altos picos com nuvens azul-escuro,
Como esplêndidos edifícios são essas rochas,
Onde a doce voz dos pássaros preenche o ar,
Essas altitudes rochosas deleitam meu coração.*

*Com clareiras refrescadas pela (fria) chuva,
Ressonante com os chamados dos emplumados pássaros,
Os penhascos aos quais se referem os poetas,
Essas altitudes rochosas deleitam meu coração.”*

Th 1067-68

Em vários de seus discursos, o Buda encorajava os monges a viverem na floresta. A importância vital que o Buda atribuiu a isso deve ser discernida por sua declaração que enquanto os monges continuassem a encontrar satisfação em viver nas florestas, o Dhamma-Vinaya não declinaria.

As vantagens de se viver na floresta começam pelas físicas: em um clima quente, as árvores proveem a sombra fresca que permite aos monges praticarem meditação sentados e andando durante todo o dia. Em segundo lugar, viver na floresta provê reclusão física de perturbações e experiências estimulantes que podem quebrar o treinamento.

No entendimento budista, a relação humana à experiência dos sentidos, mediada pelos olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente, pode ser melhor

concebida como um vício. O mosteiro de floresta nessa analogia é como se fosse um centro de reabilitação. Assim como essas instituições são situadas longe das vizinhanças nas quais os vícios do paciente podem aflorar, da mesma forma o mosteiro de floresta fornece a distância das influências mundanas. Até que a mente seja forte, uma exposição desnecessária aos gatilhos de comportamentos viciados sabota desnecessariamente os esforços de libertar a mente.

Os prazeres dos sentidos não são condenados como sendo perversos. Eles são, contudo, considerados como tendo fortes efeitos na mente não-iluminada, desfavoráveis aos progressos mais elevados no Dhamma. O mundo dos sentidos é visto como algo puxando a mente para fora de uma forma que é inerentemente agitada, enquanto a intoxicação que resulta dos prazeres sensoriais e o desejo por sua continuidade e incremento, sobrepuja facilmente os julgamentos morais. A natureza absorvente dos prazeres dos sentidos impede o desenvolvimento da sutileza de percepção no tocante aos estados internos que devem ser mantidos por longos períodos no cultivo espiritual efetivo. Por essas razões, os religiosos vivem em um ambiente onde a oportunidade de aproveitar tais prazeres é drasticamente reduzida. Ao simplificar o seu mundo, ele é capaz de compreender mais claramente como isso funciona.

Luang Pó geralmente se referia a três tipos de reclusão (*viveka*) mencionados nos textos. Reclusão física fornece as melhores condições de suporte para a reclusão mental, isto é, o estado de concentração 'recluso' das impurezas. Isso, por sua vez, cria a base para a reclusão definitiva das impurezas.

O Buda ensinou que sons são como um espinho que impede a mente de entrar em profundos estados de calma meditativa.* Mosteiros de floresta fornecem um respiro dos ruídos mais invasivos (embora na Tailândia hoje, poucos mosteiros são completamente não afetados por sons de estradas e alto-falantes de vilarejos).

Ainda assim, as florestas do sudeste asiático não são lugares silenciosos de forma alguma. Durante a estação de chuvas em específico, elas latejam com vida. O mesmo calor e umidade que humanos podem achar tão enervante,

* AN 10.72

parecem aumentar ao entusiasmo de outras criaturas. O volume de barulho que elas produzem pode ser considerável. Canto de pássaros; o profundo coaxar noturno dos sapos-boi depois de uma forte chuva; os lagartos e seus ‘*tu gué, tu gué*’; o coral lancinante de cigarras ao anoitecer – esses sons são tão familiares aos monges de floresta quanto o barulho do trânsito é para um morador urbano.

Estranho o suficiente, o barulho da floresta, mesmo em seu mais alto volume, não diminui o senso de paz no mosteiro. As associações evocadas pelos sons, e não o seu impacto auditivo, são o que tende a perturbar o meditador. Luang Pó uma vez brincou que, enquanto um monge recém ordenado podia ouvir pássaros cantando à plenos pulmões em uma árvore fora de sua cabana e quase nem perceber aquilo, o som (por mais baixo que fosse) de uma cantora, que flutuava para dentro da floresta vindo de um alto falante do vilarejo, poderia virar sua mente de cabeça para baixo.

Monges com intenções de seguir o caminho da prática sempre foram atraídos para as florestas porque os ambientes de reclusão dão suporte ao desenvolvimento da restrição dos sentidos, da diminuição dos desejos, do contentamento, do amor pela solidão e da introspecção – as virtudes centrais da vocação monástica. Viver na natureza demanda cuidado e respeito pelo entorno e uma aceitação paciente de um mundo sobre o qual se tem apenas um controle limitado. Enquanto os ritmos produzidos pelo homem na vida urbana são ocupados, propositais e estressantes, os ritmos da natureza são cíclicos e atemporais, exercendo um efeito calmante contínuo na mente. Mas talvez a maior vantagem em viver na floresta seja que o monge está rodeado de processos naturais demonstrando em todos os momentos a natureza do surgimento, crescimento, decaimento e desaparecimento. A investigação interna dessas qualidades é bastante aumentada quando elas estão sendo reveladas no mundo externo.

Luang Pó encorajava seus discípulos a despertarem para as verdades simples que os cercavam:

A natureza é cheia de ensinamentos para todos nós. Uma pessoa sábia aprende das coisas que a cercam na floresta: a terra, as rochas, as árvores, as trepadeiras. É como se todas essas coisas estivessem prontas e desejando dar conselhos e ensinamentos

... Quando nós consideramos bem isso, nós veremos que as formas, etc, são nossos ‘inimigos’ apenas porque ainda não temos sabedoria. Na verdade, elas são excelentes professores.

Ele fazia uma analogia com suas tentativas de alimentar os frangos do mato quando ele iniciou Wat Pah Pong. Depois de checar por perigos repetidamente, essas cautelosas criaturas certamente descobriram que o arroz que ele espalhava pelo chão para elas era, na verdade, seguro. Assim eles vieram a perceber que alguma coisa que eles tinham visto primeiramente com grande desconfiança era de grande vantagem para eles. Da mesma forma, ele dizia que os sábios chegavam a ver que os objetos dos sentidos, que eles antes percebiam como sendo perigosos para sua prática, apenas pareciam ser perigosos por causa do ‘pensamento incorreto, da visão incorreta e da consideração incorreta’. Na verdade, objetos dos sentidos davam um conhecimento útil e as formas pelas quais realizar a libertação.

Viver na floresta era benéfico de várias formas para a prática do Dhamma, mas não era algo para se apegar. Monges deveriam ser cautelosos ao se permitirem estar contentes com a paz mental meramente superficial que eles experienciavam através de viver em um ambiente recluso de objetos dos sentidos que pudessem perturbar ou distrair. Eles deveriam se recordar constantemente que aquilo eram meios para um fim:

Nós não nos afastamos das formas, sons, odores, sabores, sensações físicas e objetos mentais como se estivéssemos admitindo uma derrota, mas com o intuito de treinarmos a nós mesmos, para nutrir nossa sabedoria.

A libertação não estava em escapar do mundo dos objetos dos sentidos, mas em transformar a experiência quanto a eles através da sabedoria.

Um ano, Luang Pó enviou um monge australiano, Ajahn Jagaro, para passar o Retiro de Chuvas em um mosteiro afiliado a mais de 150 quilômetros de distância de Wat Pah Pong. Durante o retiro, Luang Pó fez uma visita.

Luang Pó: Como é que você está, Jagaro? Por que você está tão magro?

Ajahn Jagaro: Eu estou sofrendo Luang Pó. Eu não me sinto tão bem.

Luang Pó: Por que você está sofrendo? Por que você está triste?

Ajahn Jagaro: Por que eu estou vivendo muito longe do meu professor.

Luang Pó: O que você quer dizer? Você está vivendo com seis Ajahns, não é o suficiente para você?

[Um olhar confuso.]

Luang Pó: Ajahn Olhos, Ajahn Ouvidos, Ajahn Nariz, Ajahn Língua, Ajahn Corpo e Ajahn Mente. Esses são os seus professores. Escute bem a eles, os observe bem e você se tornará sábio.

Observar as criaturas que compartilhavam a floresta com a Sangha também poderiam ser a causa de insights – mesmo que, como era o caso de Wat Pah Pong, houvesse poucos animais grandes para serem vistos. Pela metade da década de 1950, a maioria dos animais selvagens de grande porte nativos do nordeste tailandês, como tigres, javalis e elefantes, desapareceram das áreas rurais de Ubon, permanecendo apenas nas áreas montanhosas mais remotas nas fronteiras com o Laos e o Camboja. Na floresta Pong, situada relativamente perto de vários vilarejos estabelecidos a muito tempo, apenas as criaturas menores sobreviveram: frangos do mato, esquilos, morcegos, lêmures voadores, tartarugas, cobras, gatos-do-mato, pequenos cervos e várias espécies de pássaros. Através dos anos, Luang Pó fez tudo o que pôde para encorajar os moradores locais a deixarem de caçar. Mas embora ele tenha alcançado um notável sucesso, qualquer diminuição eventual nas caçadas foi provavelmente tanto pela dizimação das espécies quanto por um aumento da restrição por parte dos caçadores.

Independente do que estivesse acontecendo fora dos portões, Luang Pó foi ao menos hábil em manter o mosteiro como um refúgio para criaturas vulneráveis. Em um grande aviso no portão do mosteiro, estava declarado proeminentemente que o mosteiro era um santuário, um '*kêṭ abhayatán*', literalmente uma área na qual 'o presente da liberdade quanto ao medo' é estendido a todos os seres.

Frequentemente, as criaturas da floresta se tornariam os assuntos dos sermões dirigidos à Sangha, nenhuma mais do que os frangos do mato:

Vejam o quão ágeis são os frangos do mato, quão cautelosos com o perigo eles são! E eles não são glutões: no momento em que eles se tornam conscientes de uma ameaça – mesmo enquanto eles estão comendo – eles saem correndo! Esses frangos do mato são vigilantes, eles protegem a si mesmos. E eles podem voar alto. Quando eles dormem, eles descansam nos galhos das árvores, no topo das árvores, cada um por sua conta.

Não são como galinhas domesticadas. Elas comem muito,; são pesadas; são desajeitadas. Elas não podem voar alto. Elas não tem perspicácia. Mesmo que uma consiga fugir, ela logo é atacada por cachorros. Galinhas domesticadas ganham a atenção de seres humanos, elas são cuidadas, criadas – isso faz delas desatentas.

Os frangos do mato são diferentes; eles são alertas e independentes. Eles cuidam dos próprios assuntos sem fazer estardalhaço. Eles são pontuais: faça chuva ou faça sol – mesmo que esteja um frio de rachar – quando chega a hora de cacarejar, eles cacarejam. Na verdade, eles são tão confiáveis que nós os usamos como despertadores. Eles são consistentes quanto ao seu trabalho e eles nunca pedem nenhuma recompensa de ninguém por fazerem isso. Eles vivem tranquilamente na natureza. Eles não parecem se apegar a nada; é quase como se eles tivessem seu próprio tipo de prática do Dhamma. Eles não pensam muito, eles não são inquisidores ou cheios de dúvidas; eles não procuram por coisas para agitar suas mentes.

TRABALHANDO COM A SENSUALIDADE

Monges, eu não vejo nada que possa perturbar tanto a mente de um homem quanto a forma, o som, etc., de uma mulher.

Monges, eu não vejo nada que possa perturbar tanto a mente de uma mulher quanto a forma, o som, etc., de um homem.

AN 1.1-10

Eu não descrevi de várias formas o abandono dos desejos sensuais, a completa compreensão das percepções dos desejos sensuais, a cura da

sede por desejos sensuais, a erradicação dos pensamentos de desejos sensuais, o dissipar da febre dos desejos sensuais?

Vin Pr 1

Monges, se um pensamento sensual, um pensamento de má vontade, um pensamento de ferir surge em um monge enquanto andando (em pé, sentado, deitado), e ele o tolera, não o abandona, não o dissipa, não o extermina, e não o apaga, então é dito que esse monge carece de ardor e sábio medo das consequências; ele é constantemente e continuamente preguiçoso e sem energia enquanto andando (em pé, sentado, deitado).

AN 4.11

A primeira ofensa de expulsão do Vinaya dita que um monge que cometa um ato de intercurso sexual imediatamente perde o direito à vida monástica. Embora essa seja a regra mais importante do Vinaya no que diz respeito à expressão do desejo sexual, ela não é de forma alguma a única. Masturbação, fala obscena e fazer contato lascivo com o corpo de uma mulher, por exemplo, constituem graves violações do Vinaya (*saṅghādisesa*), requerendo períodos de penitência e reabilitação. Outras regras requerem que monges evitem ficar sozinhos com uma mulher ou ter uma conversa com uma mulher sem que haja outro homem presente.

A rigidez e compreensibilidade dessas regras apontam para alguns dos princípios centrais do monasticismo budista, notadamente: que o desejo sexual está entre os maiores obstáculos para os objetivos espirituais mais elevados; que inicialmente, a expressão de desejo sexual deve ser restringida habilidosamente através da plena atenção aos preceitos; que o desejo sexual por si mesmo pode, e deve ser atenuado e certamente eliminado através da prática do Caminho Óctuplo; que, como o desejo sexual é enraizado na identificação com o corpo e a mente, a libertação dessa identificação implica inevitavelmente na cessação do desejo sexual; que um ser iluminado é livre de todos os pensamentos e percepções sexuais.

As exortações de Luang Pó sobre o tópico da sensualidade geralmente eram embotadas no tom mas temperadas com humor – às vezes ele chamava a atenção dos monges sobre os perigos de deixar que as cobras estufassem seus pescoços ou, pior que tudo, que as deixassem cuspir. Sentimentos sexuais surgiam naturalmente na mente destreinada, ele dizia, por eles

serem parte da natureza, mas era uma parte que os monges deviam se recusar a satisfazer. Dar vazão a pensamentos e fantasias sexuais era um dos erros mais tolos que um monge poderia cometer. Um círculo vicioso seria criado. Quanto mais o monge se satisfizesse em pensamentos sexuais, mais sua meditação seria prejudicada. Quanto mais a sua meditação fosse prejudicada, menos hábil ele seria em proteger sua mente de se satisfazer em pensamentos sexuais. Uma séria transgressão do Vinaya ou largar o manto eram o que poderia acontecer comumente em seguida.

Se vocês ainda gostam das forma e do cheiro de uma mulher, vocês ainda estão morando no reino sensual; vocês ainda não conseguiram abrir mão dos objetos dos sentidos. Vocês são monges apenas no nome.

O treinamento de três vias fornecia a base para lidar com a sensualidade. Primeiramente, o comprometimento com o Vinaya, reforçado pela sábia vergonha e pelo sábio medo das consequências, era para ser usado para se proteger contra o kamma criado por ações e falas luxuriosas. Em segundo lugar, suportar pacientemente os sentimentos sexuais era algo para dar suporte à plena atenção em prevenir a rápida proliferação de pensamentos sensuais que tendem a seguir depois de uma percepção inicial; ao mesmo tempo, a meditação era para fornecer uma solução superiormente clara para a necessidade humana de prazer. Em terceiro lugar, reflexão sábia era para ser desenvolvida com o intuito de desfazer as falsas percepções sob as quais a luxúria prosperava.

A importância da reflexão sábia era vital: a luxúria apenas poderia ser mantida ao restringir-se a atenção às partes do corpo que a encorajam, e por ignorar aquelas que geram indiferença ou nojo. Mesmo aquelas partes do corpo físico que provocam a luxúria apenas podem fazê-lo quando elas são vistas de uma certa maneira, e quando certas informações e perspectivas são ignoradas. Ao abrir a mente para todos esses aspectos do corpo que a mente de luxúria reprime, a luxúria fica desprovida de sua fundação.

Os aspectos repugnantes do próprio corpo masculino dos monges eram mais fáceis de enxergar. Conforme eles praticassem constantemente observando seus corpos com uma mente equânime, eles não podiam evitar

de serem confrontados com a não-atratividade de fenômenos tais como o suor, catarro, urina, excremento e etc. Mas o reconhecimento que os corpos femininos eram exatamente tão grosseiros e cheios de partes não atrativas quanto os masculinos era algo mais difícil de aceitar. As palavras de Luang Pó, que tinham a intenção de enganar os monges do quão grosseiro era o estado mental da luxúria, eram correspondentemente pé-no-chão. Em uma ocasião, ele falou à um discípulo que estava apaixonado:

Veja mais de perto. A ilusão surge em sua mente quando você não medita. Você se deixar ser enganado pela beleza da pele? Considere o que está debaixo dela. Você realmente já pensou nisso? O que foi que entrou em sua mente que não te deixa se libertar desses desejos? Eles estão te causando sofrimento!

Você quer voltar para a cadeia? Você está enamorado pelos buracos de dejetos dela? Existem dois buracos, e eles são saída de dejetos. Se eles não são lavados eles fedem. Ou você não acredita em mim?

Muco sai desses buracos. Você nem consegue perceber que está enamorado de uma saída de dejetos. Ela está cheia de buracos de dejetos. O rosto dela está cheio deles. É loucura estar apegado a tudo isso e você ainda está pronto para querer mais. Você ainda quer voltar e morrer naquele velho lugar. Você ainda não teve o suficiente?

O desejo sensual os amaldiçoava ao renascimento. E apenas um período de nove meses de aprisionamento no útero de uma mulher deveria ser mais do que suficiente para fazer com que alguém não quisesse passar por aquilo de novo. Mas, inacreditavelmente:

Vocês passaram por essas coisas imundas por incontáveis vezes antes, e vocês ainda não sentem nenhum remorso.

Comparações envolvendo buracos nojentos ou canos de esgoto eram o forte de Luang Pó, mas quando ele falasse do desejo sensual por si mesmo, ao invés de seu objeto, seus símiles eram mais abrangentes. Ele apontava que o prazer era de curta duração e era geralmente seguido de algum

desconforto. Tão pronto quanto você tivesse lidado com o desconforto, então você iria querer mais.

Se referindo à sua própria prática, ele uma vez disse:

Uma vez que eu me tornei monge, eu fiquei com medo de tudo isso. Eu via mais sofrimento nos prazeres sensuais do que deleite. Era como se fosse como essa gostosa banana doce. Você sabia que ela era doce, mas agora você tinha descoberto que a banana estava envenenada. Mesmo que você tivesse ciência da sua doçura, você também sabia que se a comesse, você morreria. Essa era a visão que estava em minha mente o tempo todo. Eu estava constantemente ciente do veneno, então eu me afastava mais e mais. Agora, depois de muitos anos como monge, isso não parece nenhum pouco apetitoso.

Em casos extremos, nos quais nenhuma quantidade de meditação podia reduzir a agitação mental, Luang Pó tinha um conselho que com certeza causaria um frio na espinha do jovem monge:

Dê-lhe uma boa paulada com o cabo de um machado. Então veja se ele vai ousar levantar a cabeça de novo.

Mas a palavra ‘*kāma*’, ou desejo sensual, tem um significado abrangente. Não é apenas e tão somente confinada ao desejo sexual.

Quando as pessoas se tornam monges elas frequentemente dizem o quão felizes estão por terem deixado o mundo sensual para trás. Mas veja mais atentamente a natureza da indulgência sensual. Se sentimentos de gosto e desgosto surgem quando você vê uma forma com seus olhos, então você ainda está se satisfazendo em sensualidade. Qualquer contato desatento através dos olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo ou mente é indulgência sensorial.

Outra analogia que apontava para as desvantagens da sensualidade retornava ao mundo dos cachorros:

A prática é dura. O professor te instrui a se adequar à forma monástica mas é difícil – você já está apegado ao sabor da sensualidade. Como cachorros. Se tudo o que você dá para o cachorro comer

todos os dias é arroz puro, ele ainda consegue comer tanto que ele fica gordo como um porco. Mas se um dia você despeja um pouco de molho sobre o arroz – e dois pratos são tudo o que você precisa – e então depois disso o cachorro vai recusar arroz puro. É rápido assim que o apego acontece. A menos que reflitamos em nosso uso dos quatro requisitos, então formas, sons, odores e sabores podem destruir nossa prática.

Não se tratava de que monges devessem ficar em silêncio o tempo todo. Desenvolver a Fala Correta é um elemento essencial do Caminho Óctuplo, e relações nutritivas e de apoio com companheiros monges seriam impossíveis sem isso. Contudo, Luang Pó insistia para que os monges observassem quão frequentemente o ato de buscar conversações com amigos não era nada além de uma tentativa de escaparem de si mesmos. Mas os hábitos eram fortes, e nem sempre era fácil estabelecer uma linha entre a fala apropriada e a inapropriada. E então haveria uma severa palestra de Dhamma, um período de restrição e aí gradualmente as conversas triviais começariam a ocorrer novamente, até que a próxima palestra de Dhamma as amorteceria novamente. Luang Pó nunca pareceu esperar que isso fosse diferente de qualquer forma. Mas ele considerava que um padrão que fosse claro e ideal, mas que os monges achassem difícil de seguir em suas vidas era melhor do que não ter padrão nenhum. No mínimo, o padrão honrava os monges que já fossem inclinados a se manterem de certa forma afastados. E seria óbvio a todos que havia uma correlação entre evitar socializar e a devoção à meditação.

O local favorito para conversas fúteis era o barracão onde os monges lavavam e tingiam seus mantos. Para prevenir isso, Luang Pó instruía os monges ou a praticar meditação andando ou a fazer escovas de dentes de madeira enquanto esperavam que seus mantos secassem. A cabana de Luang Pó não era tão longe do barracão de tingimento e, se o som das conversas chegasse até ele, ele iria até lá para advertir os culpados:

Vocês deixaram que os cachorros lhes mordessem de novo.

‘*Tudong*’, a forma tailandesa da palavra em Pali ‘*dhutaṅga*’, se refere às práticas ascéticas permitidas pelo Buda. Na Tailândia, a palavra é mais comumente ouvida na expressão ‘*pai tudong*’ ou ‘sair em tudong’. Sair em tudong é a prática na qual os monges caminham pelo interior do país e por locais remotos, ou como uma forma de peregrinação ou para encontrarem locais afastados e solitários para a meditação. Monges em tudong mantêm várias das práticas ascéticas tradicionais, por isso a adoção desse termo ao invés do mais acurado ‘*jarik*’ (Pali: ‘*cārika*’). Sair em tudong é uma das práticas chave do monge de floresta, e uma sobre a qual Luang Pó deu uma grande quantidade de conselhos:

O Buda elogiava sair em tudong como sendo uma proclamação da Vida Santa. A ‘Vida Santa’ significa as refinadas práticas de treinamento, as práticas internas. Não quer dizer que a caminhada ou a viagem sejam elas mesmas o tudong. O verdadeiro significado de ‘tudong’ são as práticas adotadas naquela viagem.

Ele explicou ainda mais:

Nós saímos em tudong com o intuito de experienciar a solidão física. Quando nós vamos aos crematórios de floresta ou aos silenciosos vales montanhosos, então nós paramos para meditar. Quando nós conseguimos a reclusão da solidão física, isso forma a causa para a solidão mental, e a mente se torna lucidamente calma

Ele enfatizava duas virtudes como sendo as mais importantes para um monge em tudong, que eram a sábia vergonha e o sábio medo das consequências das próprias ações. Ele dizia que, de posse dessas duas qualidades, ‘onde quer que o monge vá em tudong, sua mente estará brilhante.’

Quando você vai visitar professores diferentes, não comece a comparar mosteiros diferentes – leve consigo o que quer que seja bom de cada um deles. Não se preocupe se você vai precisar de um monte de coisas e assim acabar levando uma grande carga de requisitos. Uma vez que você comece a caminhar, você verá o seu erro e terminará por ter que abrir mão de tudo. Tudong é

preparar a sua mente para a prática. Sabão não é essencial; você pode se esfregar com um pedaço de pano. Não é necessário levar uma escova de dentes; um pedaço de madeira (mai kát) servirá. Um pano de banho e uma concha de plástico são tudo o que você precisa para se banhar. Você pode sobreviver assim. Esse é o jeito de ser tudong.

Em meados da década de 1960, Luang Pó considerava a tradição como estando em declínio. O grande respeito conquistado pelos monges tudong perante os budistas leigos fez com que alguns monges inescrupulosos tirassem vantagem disso, se fazendo passar por ascetas com o intuito de angariar doações. Contundente sobre o corrompimento da tradição de tudong que ele via à sua volta, Luang Pó fazia referências aos ideais de tudong que ele havia herdado:

Mesmo que houvesse veículos, você não fazia uso deles. Você contava com sua plena atenção e sabedoria. Você viajava com dor, você observava as sensações dolorosas. Você seguia contemplando a sua mente. Você buscava frescor, buscava praticar, buscava pelo Dhamma e pela paz. Você ia para as montanhas e florestas procurando a verdade.

De vez em quando, Luang Pó liderava pequenos grupos de monges e atendentes leigos em expedições de tudong. Essas viagens, geralmente para as regiões mais remotas da província de Ubon fazendo fronteira com o Laos e o Camboja, poderiam durar dois ou três meses. Elas davam à Luang Pó a oportunidade de ver seus discípulos de perto quando estivessem lidando com as adversidades. Ele usaria aquelas experiências diárias como uma ferramenta de ensino. Um amontoado de excremento humano na beira da estrada podia levar à reflexão sobre o corpo humano; cogumelos surgindo e tocos de árvores mortas incitava sermões sobre a natureza impermanente das coisas.

Conforme Luang Pó ficou mais velho e incapaz de levar os monges em tudong, ele iria ao invés disso enviar grupos de três ou quatro monges ocasionalmente para ficarem em crematórios de floresta fora dos vilarejos locais. A cremação daqueles que tivessem morrido de causas não naturais (e cujo espírito confuso e infeliz se acreditava estar perambulando por

ali) era a ocasião favorita para essa prática. Luang Pó empurrava seus discípulos a confrontarem seus medos de espíritos, como ele mesmo o fez muitos anos antes.

Monges a quem Luang Pó desse permissão de embarcar em uma viagem de tudong primeiro lhe pediam a bênção e conselhos. Ajahn Jan foi em várias dessas caminhadas e se recorda de muitos dos conselhos que recebeu. Ele se recorda de quando Luang Pó encorajava os monges em tudong a se manterem retornando aos três refúgios do Buda, Dhamma e Sangha. Eles deviam convidar humildemente as qualidades de clareza de conhecimento, sabedoria e boa prática para dentro de seus corações. Com o Buda, o Dhamma e a Sangha vivendo dentro deles, eles estariam felizes, cheios de energia, plenamente atentos e desenvolveriam uma sabedoria que poderia lidar efetivamente com qualquer problema que surgisse. Sair em tudong significava testar a eles mesmos contra todos os tipos de obstáculos. Esses obstáculos não eram para serem temidos ou ressentidos. Era através de encará-los que eles viriam a entender a verdade das coisas.

Luang Pó dava instruções detalhadas sobre como minimizar os perigos vindo de seres humanos e não humanos. Ele sugeria que em áreas que fossem habitadas por animais selvagens como tigres e elefantes, seria melhor evitar comer carne, já que o odor sutil emitido pelo corpo depois de comer carne poderia provocar um ataque. Se um monge ficasse cara a cara com uma criatura selvagem, ele deveria simplesmente ficar parado e, na maioria dos casos, a criatura simplesmente seguiria seu caminho. Caso contrário, então medidas evasivas deveriam ser tomadas. Ajahn Jan levou em seu coração os conselhos de Luang Pó sobre como lidar com animais perigosos.

“Ele dizia que se um animal – digamos um touro selvagem – tentar te ferir, então ele vai geralmente baixar a cabeça, e ela não pode ficar muito baixa. Então se você não conseguir escapar, aí então você tem que se agachar para ficar mais baixo do que os chifres dele, e sair para um dos lados. Ou tente abrir o seu *glot*. Se o animal se assustar com isso, então ele vai fugir. Caso haja uma vala por perto, então entre nela; o touro não conseguirá te chifrar direito lá embaixo. Quando touros estão prestes a atacar, eles fecham os olhos. Se sua mente estiver realmente firme, então fique onde está e quando ele correr em sua direção, quando for no último momento,

se esquivar com um certo ângulo. Mas você pode não ser rápido o suficiente; isso depende de sua força mental e sua agilidade.”

Luang Pó também explicava os protocolos para ficar em cavernas. Aquelas nas quais monges que tivessem má *sīla* tivessem residido no passado deviam ser evitadas. O monge deveria deixar claras as suas intenções puras antes de entrar, como descrito por Ajahn Jan:

“Luang Pó dizia que se houvesse animais ferozes, espíritos locais ou divindades guardiãs na área, então assim que você chegasse, você devia ficar em pé na entrada e fazer uma resolução, ‘Eu estou prestes a entrar nessa caverna. Eu vim como um amigo, com o intuito de te ajudar a se livrar do sofrimento, não como um inimigo para feri-lo’ Você devia estabelecer as suas intenções dessa maneira, e assim tranquilizar a quaisquer animais ou outros seres que estivessem lá dentro. ‘Não há necessidade de duvidar ou suspeitar de mim. Eu vim para colocar esforço contínuo em minha meditação, para fazer o bem. Se você quiser continuar morando aqui e compartilhando a caverna comigo, então por favor, fique à vontade.’ Tendo primeiramente feito essa determinação, ele dizia, você devia então entrar na caverna com esse propósito e com plena atenção.”

A maior proteção de todas era sempre a moralidade.

“Ele dizia que a coisa mais importante era não quebrar quaisquer preceitos pois, se eu o fizesse, algo inconveniente aconteceria ... A moralidade é muito importante, e você deve tentar cuidar dela em cada respiração, cada passo do caminho. Se você quebra os seus preceitos, todo tipo de coisas desagradáveis podem acontecer com você: às vezes podia ser uma dor de estômago; às vezes você poderia ter delírios durante o sono, ter pesadelos; às vezes poderia ser que animais ou espíritos viessem para te machucar. Então siga refletindo sobre sua moralidade.

“Luang Pó dizia que ir por conta própria pode ser algo solitário; ir com um amigo é bom. Dois é um bom número. Mas se três ou quatro vão juntos, isso é muita gente, e frequentemente leva a complicações e turbulências ... Ele me precava sobre conflitos com companheiros monges e me aconselhava a ser paciente. Se você for com um grupo de cinco monges por mais de um mês ou dois, geralmente ficam um ou dois sobrando no final. A combinação do cansaço com um entorno que tenha dificuldades faz surgirem discussões

sobre coisas como a rota ou o local para descansar. Alguns monges podem ser esquecidos; eles deixam coisas para trás e tem que voltar para buscá-las, o que irrita aos seus amigos. Existem vários problemas, particularmente com a falta de requisitos. Para sair em tudong você precisa de uma grande quantidade de paciência e capacidade de suportar.

“Ele dizia que, se mais do que um monge vai para residir em um crematório de floresta, então eles deveriam ficar bem separados – embora, se o próprio Luang Pó fosse um participante do grupo, ele poderia tossir de vez em quando apenas para te encorajar. Ele sempre insistia que nós não deveríamos ser hesitantes sobre a prática. Aquilo era correto, aquilo era bom ... Não tenha medo de quebrar uma perna ou de ficar estropiado. Não há necessidade de temer a morte.”

Monges frequentemente visitavam mosteiros de floresta durante suas caminhadas em tudong.

“Luang Pó nos precavia como sendo algo importante que, ao ingressar na companhia de outros grupos de monges, não fossemos orgulhosos ou apegados a convenções.”

O principal critério para escolher lugares para pousar quando se estava em tudong era a reclusão. Depois de alguns dias em um local, leigos frequentemente começariam a vir para visitar, e as vantagens para a meditação seriam perdidas.

“Você pode começar a ter boa comida oferecida. O lugar é bonito e confortável, e você pode ficar apegado a essas coisas. É por isso que é bom mudar de lugar depois de três dias, ou no máximo sete dias. Você não sai em tudong para ter conforto, prazer e boa comida. Você vai para benefício de sua prática. Você não fica por tempo suficiente para fazer surgir uma sensação de perda quando você vai embora ... Se você ficar mais tempo, o apego aos leigos pode surgir.”

Tudong era para despir as impurezas, não para acumular novas. Monges deveriam monitorar constantemente seus sentimentos para com o entorno.

“Se você está em um lugar e você não gosta de lá, e de repente você deve partir hoje – agora mesmo! – ou se você gosta e quer ficar por um longo tempo, então isso significa que você está seguindo o seus desejos e anseios.

“Luang Pó nos dizia que não devíamos ir atrás de ver paisagens. Ele nos dizia para olharmos para as paisagens internas ao invés disso. Ele dizia, ‘Você não tem que ir e visitar um monte de professores, vá e fique em crematórios de floresta. Mantenha a sua prática de recitar cânticos e se prostrar em tais lugares. Seja restringido e não fique em nenhum lugar por muito tempo, ou você vai formar apegos para com os leigos.’

“Ele dizia que se fosse para falarmos com os leigos, nós deveríamos levar em conta o nível de entendimento deles. Não sermos combativos ou agressivos. Ele nos precavia sobre pessoas vindo pedir números de loteria, ele dizia, ‘Diga para eles que você não sabe, que você vai lhes dar algo melhor – os princípios da prática. Se eles te atormentarem e você não conseguir se livrar deles, então lhes ensine sobre a prática, os Cinco e os Oito Preceitos, e deixe-os imaginarem os números por eles mesmos.’ Devíamos examinar o caráter das pessoas; elas podem ser perigosas para você. Mas por outro lado, eles podem já ter cuidado de monges anteriormente. Então eles virão para te dar assistência. De noite eles trarão suas famílias para tomar os preceitos e, nos Dias de Observância, eles virão para tomar os Oito Preceitos.

“Ele dava conselhos sobre como lidar com as perguntas que poderiam ser feitas ... Ele dizia que se as pessoas viessem perguntar sobre níveis de absorção e iluminação, então que eu lhes dissesse que eu não tinha interesse em falar sobre aquilo. Nossa forma de praticar é sobre se conseguimos nos livrar da cobiça da raiva e da ilusão. Você está se apegando a coisas materiais? Se alguém abusa de você, você fica com raiva? Com relação aos diferentes níveis de absorção, nossos professores não usam esses termos; eles te ensinam a observar a mente, e ao fazer isso, se libertar da armadilha de *Māra*.”

Luang Pó dizia que monges em tudong podiam espalhar o Dhamma através da qualidade de sua restrição dos sentidos. Às vezes, seus modos podiam inspirar tanto às pessoas que os observassem que isso poderia levá-las a pedir ensinamentos.

“Ele nos contava a estória sobre como o Venerável Sāriputta, enquanto ainda era membro de outra seita, viu o arahant Venerável Assaji em sua mendicância matinal. A cor dos mantos do Venerável Assaji era sóbria. Ele parecia ter muito mais compostura do que os membros das outras seitas. Ele caminhava pacificamente, nem tão rápido, nem tão devagar, mas atento a cada movimento e ao ambiente em que ele estava caminhando. O Venerável Sāriputta ficou inspirado e se o abordou. Como resultado do curto ensinamento que ele recebeu do Venerável Assaji, o Venerável Sāriputta alcançou o estágio de ‘entrada na correnteza’ e subsequentemente se tornou um dos dois grandes discípulos ...

“Luang Pó dizia que em tudong você vê coisas como você nunca tinha visto antes, ouve coisas que nunca tivesse ouvido antes, e começa a conhecer as coisas como nunca tinha conhecido antes. Com sabedoria e auto restrição, todas as experiências em tudong poderiam ser benéficas, tanto para você quanto para os outros.”

MEDICAMENTOS

Monges tudong gostam de procurar por locais remotos para praticar, mas locais que sejam distantes dos atropelos e do barulho do mundo também são distantes das conveniências modernas, e mais crucialmente, eles podem ficar a horas de distância do hospital mais próximo. Assim, é importante que monges tudong tenham conhecimento de ervas medicinais para serem capazes de fazer uso das coisas que a natureza dá gratuitamente para tratar de suas doenças. Em um *‘memoir’*, Ajahn Dilok escreveu:

“Luang Pó uma vez disse à Sangha que, antes de sair em tudong, ele apiloava folhas de *somlom* com sal e então colocava essa pasta em um pedaço de bambu e o assava, o que faria com que ela se tornasse um bastãozinho seco dentro do bambu. Quando ele quisesse comer um pouco daquilo, ele cavaria de dentro do bambu com uma faca. Ele dizia que se você não tivesse nenhum tônico para tomar nas tardes, você poderia comer um pouco disso. Para malária, ele recomendava comer folhas de *niim* e mais ou menos uns quinze centímetros de videira *borapet* por dia, como profilaxia. Se você estivesse com malária já mais avançada, então você deveria macetar o *borapet*, extrair a seiva e tomá-la. Algumas pessoas gostam de cortar o *borapet* em pequenas rodela e tostá-las levemente com sal. Seu aroma é

tão bom quanto o de café. Luang Pó disse que ele conseguia um monte de seus remédios, especialmente aqueles para picada de cobras, de seu irmão Pó Lá.

“Outro medicamento que monges tudong usavam com sucesso para curar picadas de cobra é um dos que o Buda permitiu no Vinaya. Quando picado por uma cobra, você é permitido a cortar madeira viva, queimá-la e misturar as cinzas da madeira com urina e excremento; tendo coado aquilo, dê para a pessoa que foi picada tomar. Isso causa um vômito violento e pode eliminar o veneno.

“Havia um coronel do exército que tinha ouvido Luang Pó mencionar isso várias vezes e aquilo ficou grudado em sua memória. Um dia ele levou um grupo de soldados em uma patrulha na selva e um deles foi picado por uma cobra. Esse coronel se lembrou das palavras de Luang Pó. Ele pediu doações de excremento e urina. Eles foram misturados e forçados garganta abaixo do soldado. Naquele momento a sua mandíbula já estava enrijecida. Ele esfriou e então começou a vomitar. Ele sobreviveu.”

A ideia de tomar urina pode parecer repulsiva mas, na Índia, o seu valor medicinal sempre foi reconhecido desde a antiguidade e o Buda permitiu o consumo de urina de vaca com razões medicinais. A geração mais antiga de monges tudong de Issán (os monges mais jovens geralmente não são tão entusiastas) mantinha consigo urina humana em conserva. Eles enterravam potes de barro com urina, gengibre, capim-limão, *galangal* e casca de limão *kaffir* – às vezes diluídos em água, às vezes não – por meses ou mesmo por anos. Então eles filtravam e ferviam aquilo com gengibre fresco e sal. O elixir resultante era considerado um remédio excelente para problemas digestivos.

O MONGE

Luang Pó passou aproximadamente trinta anos treinando monges. Foi o trabalho principal de sua vida. Ele experienciou sucessos e fracassos, e ele aprendeu de ambos. O padrão de prática que ele estabeleceu e os objetivos que ele apontou para seus discípulos foram expressados de forma bela pelo próprio Buda no Dhammapada:

*Para o monge sábio,
Essas são as primeiras coisas a serem cultivadas:
Controle dos sentidos, contentamento,
Observância das regras do Pāṭimokkha,
Associação com bons amigos
que levavam uma vida pura.*

Dhp 375-376

*Assim como o jasmim se livra,
De sua ressequida flor,
Da mesma forma deveria você, Oh monge,
Se livrar da luxúria e do ódio.*

Dhp 377

*Por você mesmo, censure a si mesmo.
Por você mesmo, examine a si mesmo.
Assim, estando resguardado e também atento,
Que você, monge, viva feliz.*

Dhp 379

*Vivendo no Dhamma,
Se deleitando no Dhamma,
Investigando o Dhamma,
Recordando-se do Dhamma,
Aquele monge não se perde
do sublime Dhamma.*

Dhp 364

*Aquele que se não agarra nem ao ‘Eu’ ou ao ‘Meu’,
Seja em mentalidade ou materialidade,
Que não se incomoda pelo que não é –
Tal pessoa é verdadeiramente considerada um monge.*

Dhp 367





VIII
de terras distantes

Se ao renunciar à uma felicidade menor alguém pode alcançar uma felicidade maior, que os sábios renunciem ao pequeno, tendo em vista o grande.

Dhp 290

De Terras Distantes

*Luang Pó e a Sangha Ocidental**

I. INTRODUÇÃO

FARANG

Da metade do século catorze até a sua invasão pelos Birmaneses em 1767, Ayutthaya era a capital da nação tailandesa. Estabelecida em uma ilha no rio Chao Phraya, estava idealmente situada para atuar como um entreposto portuário em uma época em que as rotas terrestres eram mais seguras do que as marítimas e os mercadores do Oriente procuravam evitar enviar seus produtos através do Estreito de Malacca. Em um período de duzentos anos, Ayutthaya tinha se tornado uma das cidades mais cosmopolitas da Asia. Sua população, de aproximadamente um milhão de pessoas, excedia a de Londres. Seus quase quinhentos templos, com várias estupas cobertas de folhas de ouro, davam à cidade uma aura mágica, quase celestial, que encantava aos visitantes de outras terras. Na metade do século dezessete, com comunidades de mercadores vindos da França, da Holanda, de Portugal e da Inglaterra instaladas fora dos muros da cidade, os habitantes de

*Falando de maneira estrita, seria mais preciso usar o termo ‘não-tailandesa’ ou ‘de estrangeiros’ aqui. Um pequeno número de monges asiáticos, a maioria japoneses e chineses, treinou em Wat Pah Pong. Contudo, a imensa maioria dos monges estrangeiros era de ocidentais, e a palavra em tailandês usada para fazer referência a não-tailandeses, ‘*farang*’, é especificamente cunhada para caucasianos. Por essas razões e pela facilidade da utilização, eu escolhi usar o termo ‘Sangha Ocidental’.
– O autor.

Ayutthaya se tornaram acostumados com ocidentais, ou ‘*farangs*’. Os reis de Ayutthaya frequentemente empregavam mercenários estrangeiros como guarda-costas. Para os tailandeses, esses estranhos seres brancos pareciam remeter a uma espécie de ogro: cabeludos, malcheirosos, briguentos e rudes, amantes da carne e de gênio forte, mas possuidores de admiráveis habilidades técnicas, particularmente nas artes da guerra.

Os ogros tinham uma religião – padres e monges os acompanhavam – mas ela não tinha nenhum apelo aos tailandeses que estavam contentes com suas tradições. Como budistas, eles estavam acostumados a associar a espiritualidade com a renúncia aos prazeres sensuais. Eles acharam o clero ocidental mundano e hipócrita, indigno com suas rivalidades. Os tailandeses de Ayutthaya gentilmente recusaram, com cortesia e sorrisos, o que eles viram como uma fé alienígena. Contudo, a lendária tolerância siamesa foi levada ao seu limite durante o reinado do Rei Narai (1656-88), quando um carismático aventureiro grego, Constantino Falcão, veio a se tornar o mais próximo conselheiro do Rei, que o apontou como *Mahatthai*, ministro de comércio exterior e assuntos estrangeiros, o segundo em poder e influência logo depois do próprio rei. Depois de sua conversão ao Catolicismo, alega-se que Falcão passou a se envolver com os franceses em conspirações para colocar um príncipe cristão no trono e assim conquistar todo o país para Deus e para Luís XIV. Com a morte do Rei Narai em 1688, contudo, as forças conservadoras prevaleceram, as esperanças francesas foram desfeitas e Falcão foi executado. Pelos 150 anos seguintes, os siameses viam os ocidentais com medo, aversão e suspeita.

Mas conforme o poder e o prestígio dos franceses e dos britânicos se espalhou através da região no século dezenove, a imagem do ocidental mudou. Ele passou a representar autoridade e modernidade – a nova ordem mundial que deveria ser acomodada. Como todo o resto da região caiu em mãos europeias, a independência do Sião se tornou cada vez mais frágil. O Rei Mongkut (1851-68) acreditou que a única forma para que um pequeno país pudesse sobreviver na era colonial era ganhar o respeito das forças ocidentais ao tornar-se mais parecido com elas. Para esse fim, ele começou a reverter políticas de antigos monarcas e cultivou amizades com estudiosos e missionários ocidentais. Ele introduziu estilos ocidentais de indumentária e uniformes. Ele previu eclipses por meios científicos,

minando o até então inabalável prestígio dos astrólogos. Ele também buscou reformar o Budismo popular em linhas mais racionais e ‘científicas’ para protegê-lo do desdém dos missionários.

Depois da morte do Rei Mongkut, seu filho, o Rei Chulalongkorn (1686-1910), seguiu as políticas de seu pai e procurou criar um estado e uma administração modernos, centralizados e baseados pesadamente na perícia ocidental. Membros da família real e da aristocracia foram enviados para estudar no ocidente, particularmente na Inglaterra. Essa política foi bem sucedida: o Sião preservou a sua independência. No final do século dezenove, contudo, os franceses humilharam os tailandeses ao anexar seus territórios mais orientais. Para muitos, isso confirmou a superioridade inquestionável do Ocidente em todas as coisas mundanas.

Na época em que Luang Pó atingiu a idade adulta, a rica elite tailandesa estava encantada com os símbolos materiais da cultura ocidental. Roupas caras importadas, veículos motorizados, acessórios e comidas eram procurados como símbolos de status. A monarquia absoluta foi destituída em 1932 em favor do estilo ocidental de democracia, que foi logo substituído por uma importação mais potente: a ditadura militar. O fascismo era a nova moda – muito mais apelativo aos militares que estavam dirigindo o país do que a confusão do debate político. O nome do país foi alterado para ‘Tailândia’. O chauvinismo foi promovido disfarçado de patriotismo. Mandados culturais acompanharam a mudança política. O Marechal Phibunsongkhram promulgou leis tornando compulsório que homens usassem cartolas e beijassem suas esposas no rosto antes de saírem para o trabalho de manhã. Uma marginalização dos objetivos e ideais budistas, que coincidiu com um apoio oficial às formas e rituais budistas, se tornou uma característica do desenvolvimento que viria a ser algo que perduraria.

Nos vilarejos de Ubon, imagens do Ocidente vinham de Hollywood. Companhias itinerantes de cinema montavam suas telas grandes e alto-falantes em mosteiros de vilarejo, onde Clark Gable e Greta Garbo encantavam a plateia em dialeto Lao, dublado ao vivo em frente à tela. Contudo, as primeiras visões de *farangs* de carne e osso em Ubon, por mais excitantes que fossem, vieram como um choque. Durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto o recém ordenado Luang Pó estava estudando em mosteiros de vilarejo locais, um grupo de prisioneiros de guerra descarnados e

maltrapilhos tinha sido encarcerado no centro da cidade. Eles eram prisioneiros das guarnições japonesas locais, reféns para prevenir missões de bombardeio dos Aliados. Os moradores locais lhes ‘contrabandeavam’ algumas bananas.

Então na década de 1960, veio a Guerra do Vietnã. Ubon, mais perto de Hanói do que de Bangkok, adquiriu uma importância estratégica. Ao final daquela década, vinte mil jovens americanos estavam alocados em uma enorme base aérea ao norte da cidade. Homens altos e uniformizados – negros, mulatos e brancos – caminhavam pelas ruas de mãos dadas com prostitutas de minissaia. Eles se divertiam em clubes noturnos cafonas com nomes como ‘Playboy’ e buscavam escapar do estresse de suas vidas com ‘palitos do Buda’*. Acima de suas cabeças, com intervalos regulares, vinha o som ensurdecedor dos aviões Phantom Fighters e A130 decolando para missões sobre o Laos, o Camboja e o Vietnã.

Contudo, o contingente do exército americano não eram os únicos jovens ocidentais na Tailândia naquela época. Foi durante esse período que os camponeses trabalhando nos campos a leste de Wat Pah Pong ficaram acostumados com uma estranha nova visão. Jovens altos, de pele clara, cabelo desgrenhado e vestindo jeans desbotados e camisetas seriam frequentemente vistos andando pelo caminho dos búfalos com um jeito diferente e obstinado de andar, com uma mochila grande e suja, que mais parecia ser um grande tumor maligno nas costas. Esses jovens rapazes foram as primeiras gotas de uma corrente constante de ocidentais que estavam buscando seu caminho até Luang Pó Chah. Eles viriam a tornar-se os membros mais antigos da Sangha Ocidental que agora, mais de quarenta anos depois, chegam a quase duzentos monges e monjas.

MAIS DO QUE PALAVRAS

‘Luang Pó, apenas uma pequena parte de seus discípulos ocidentais fala tailandês e você não fala a língua deles. Como você os ensina?’ Essa era uma das perguntas mais comuns que Luang Pó escutava desde o princípio da década de 1970 em diante, conforme o número de discípulos ocidentais aumentava constantemente. Ele explicava que ele estava ensinando

*Nota da versão em português – Gíria do local e época para cigarros de maconha.

Budismo não como uma filosofia, mas como uma forma de libertação. Apontando diretamente para a experiência do sofrimento, sua causa, e o caminho que levava à sua cessação era mais importante do que encontrar palavras para descrever o processo. Às vezes, para esclarecer esse ponto, ele despejaria água de uma garrafa térmica em uma caneca sobre a mesa em frente a ele.

Em tailandês, nós chamamos isso de ‘*nam rón*’, em Lao isso é ‘*nam hón*’ e em inglês eles chamam isso de ‘hot water’. Mas esses são apenas nomes. Mergulhe o seu dedo aqui, e nenhuma língua poderá realmente passar o como isso realmente se sente. Ainda assim, pessoas de várias nacionalidades conhecem a sensação por eles mesmos.

Em outra ocasião, um visitante vendo todos aqueles monges estrangeiros, perguntou para Luang Pó se ele podia falar inglês, francês, alemão, japonês, ao que ele respondeu, para cada caso, que não podia. Quem fez a pergunta pareceu confuso: então como os monges estrangeiros podiam aprender qualquer coisa? De maneira característica, Luang Pó respondeu com uma pergunta:

Você tem bichos em casa? Você tem algum cachorro ou gato? Algum boi ou búfalo? Sim? Bem, você pode falar ‘gatês’? Você pode falar ‘cachorrês’? Você pode falar ‘bufalês’? Não? Então como eles sabem o que você quer que eles façam?

Ele resumiu:

Não é difícil. Treinar os ocidentais é como treinar um búfalo. Se você apenas seguir puxando a corda, eles logo entenderão.

Para os tailandeses, o búfalo é a materialização da ignorância e da estupidez. Comparar um ser humano a um búfalo seria normalmente considerado ofensivo; qualquer um que chame à outra pessoa de ‘*kwai*’ em sua cara ou está mostrando desdém ou está chamando para uma briga. Dado o respeito exagerado pela inteligência dos ocidentais que é muito comum na Tailândia, os ouvintes de Luang Pó sempre achavam essa comparação tanto chocante quanto hilária.

A visão de monges ocidentais causava uma poderosa impressão. Em uma época que a a tecnologia, os avanços materiais e a perícia ocidental estavam sendo tão promovidos pelos poderosos, ali se encontravam jovens rapazes bem educados que tinham renunciado voluntariamente às boas coisas da vida que as pessoas estavam sendo encorajadas a aspirar conquistar. Aqueles eram homens que tinham escolhido levar a vida austera na floresta como monges – não entendendo a língua, se alimentando com comida grosseira, lutando por paz e sabedoria da mesma forma que monges tailandeses vinham fazendo por centenas de anos. Era algo desconcertante, fascinante e, acima de tudo, inspirador. Muitos visitantes deixavam Wat Pah Pong pensando que havia mais no Budismo do que eles supunham. Se os ocidentais tinham tanta fé naquilo, como poderia ser coisa do passado?

A técnica básica de Luang Pó não era, ele insistia, particularmente misteriosa: ele liderava seus discípulos ocidentais, ele lhes mostrava o que fazer, ele era um exemplo. Não era necessário dar-lhes uma grande quantidade de informação.

Mesmo que eu tenha vários discípulos ocidentais vivendo comigo, eu não lhes dou tanta instrução formal. Eu os lidero na prática. Boas ações rendem bons resultados e más ações rendem maus resultados. Eu lhes dou a oportunidade de verem isso. Quando eles praticam com sinceridade, eles tem bons resultados, e então eles desenvolvem convicção no que eles estão fazendo. Eles não apenas vem para cá para lerem livros. Eles realmente praticam. Eles abandonam o que quer que seja mau em seus corações e a bondade aparece em seu lugar.

Os ocidentais chegavam aos ensinamentos budistas e à vida monástica sem o condicionamento cultural dos tailandeses. De certa maneira, ele tinham uma ‘mente de iniciante’. Luang Pó achava a atitude aberta e inquisitiva deles como sendo algo refrescante e estimulante. Como estudantes, eles eram enormemente livres da complacência que ele considerava um grande obstáculo para seus discípulos tailandeses. Por outro lado, a necessidade deles por explicações poderia fazê-los suscetíveis a dúvidas angustiantes. Às vezes, perguntas levavam apenas para mais e mais perguntas, diminuindo a intensidade da prática. Os ocidentais frequentemente invejavam a aplicação unifocada de seus companheiros monásticos tailandeses, que

pareciam abençoados com uma fé inquestionável em seu professor e em sua tradição.

Luang Pó dizia:

Uma vez que você os faz parar, esses ocidentais podem ver claramente como eles fizeram isso. Mas no começo é um pouco cansativo para o professor. Onde quer que eles estejam, com quem quer que eles estejam, eles fazem perguntas o tempo inteiro. Bem, se eles não sabem as respostas, então por que não? Eles tem que continuar perguntando até que não haja mais nada para perguntar. De outra forma, eles apenas seguem em frente – eles são quentes!

II. O PRIMEIRO DISCÍPULO

AJAHN SUMEDHO

Em 1967, um monge de Wat Pah Pong chamado Venerável Sommai retornou de uma viagem em tudong pelo norte de Issán com um monge literalmente ‘acima de sua cabeça e ombros’. Até os monges mais restringidos de Wat Pah Pong foram incapazes de resistir a dar ao menos uma olhada de relance. O novo monge tinha um metro e oitenta e oito de altura, pele clara, um nariz angular e brilhantes olhos azuis. Seu nome era Sumedho.

Os dois monges tinham se encontrado em um mosteiro de meditação na província de Nong Khai. Depois de descobrirem que ambos eram veteranos da Guerra da Coreia e que o Venerável Sommai falava inglês, eles contaram suas histórias um ao outro. Ajahn Sumedho contou a Sommai como, depois da guerra, ele retornou à faculdade e obteve um título de mestrado em Estudos do Sudeste Asiático da Universidade de Berkeley. Depois da graduação, ele se somou ao ‘Peace Corps’ [Corpo de Voluntários da Paz dos Estados Unidos] e deu aulas de inglês em Bornéu antes de ir passar um período na Universidade Thammasat em Bangkok. Ele disse que foi depois de receber instruções de meditação no Wat Mahathat, que ficava ali próximo, que seu interesse em Budismo, que já havia sido aceso por suas leituras de poesia japonesa *haiku* durante seu serviço militar uns dez anos antes, amadureceu para a decisão de se tornar um monge.

Agora, contudo, depois de se mudar para Issán, receber Ordenação Plena, e passar os últimos meses em uma pequena cabana em um retiro solitário, Ajahn Sumedho estava começando a perder a confiança no formato de sua vida monástica e sentindo a necessidade por uma forma mais arredondada de prática. As descrições do Venerável Sommai sobre Wat Pah Pong vieram em tempo e o inspiraram. Ele pediu permissão ao seu preceptor para partir e, depois de algum tempo, os dois monges estavam seguindo viagem para caminhar os 450 quilômetros rumo ao sul para Ubon.

Aquela se tornaria uma decisão cujas consequências alcançariam muito longe. Ajahn Sumedho passaria os dez anos seguintes de sua vida em Ubon debaixo das instruções de Luang Pó. Ele formaria o núcleo ao redor do qual uma comunidade de monges ocidentais se aglutinaria. Em 1975, ele estabeleceria o mosteiro afiliado Wat Pah Nanachat antes de se mudar para a Inglaterra em 1977. Lá, em Chithurst ao sul do país ele fundou o primeiro de vários mosteiros afiliados fora da Tailândia.

Quando alguém perguntava para Luang Pó se ele tinha alguma conexão especial com ocidentais que tinha levado tantos deles a tornarem-se seus discípulos, ele respondia com um sorriso que, quando era garoto, ele assistiu a um filme de caubóis com seus amigos. As imagens daquele filme grudaram em sua mente desde então, e talvez elas tenham exercido algum tipo de força de atração.

Um dos personagens do filme era um homem grande fumando cigarros. Ele era tão alto! Aquilo me fascinou. Que tipo de ser humano podia ter um corpo daquele tamanho? Aquela imagem ficou presa na minha mente até agora, e vários ocidentais vieram. Se você está falando de causas, essas foram elas.

Quando Sumedho chegou, ele era exatamente como o caubói do filme. E com um narigão! Assim que eu o vi, eu pensei comigo mesmo, ‘Esse monge é um ocidental.’ E eu lhe disse que o havia visto antes em um filme. Então, sim, houve causas e condições que deram suporte. Foi por isso que eu vim a ter vários conhecidos e amigos ocidentais. Eles vem mesmo sendo que eu não consigo falar inglês. Eu tento treiná-los no Dhamma como eu o enxergo. Não importa que eles não conheçam os costumes tailandeses. Eu

não faço nada a respeito disso, é assim que as coisas são. Eu apenas sigo ajudando a eles – essa é a essência.

Quando Sumedho pediu para ser aceito como estudante, Luang Pó concordou, mas colocou uma condição: que ele se adequasse aos monges tailandeses e não esperasse nenhuma consideração especial.

“Nos outros mosteiros na Tailândia onde eu morei, o fato de que eu era um ocidental significava que eu podia esperar ter o melhor de tudo. Eu podia me livrar também do trabalho e de outras coisas mundanas que se esperava que os outros monges fizessem: ‘Eu estou muito ocupado meditando agora. Eu não tenho tempo para varrer o chão. Deixe que outra pessoa faça isso. Eu sou um meditador sério.’ Mas quando eu cheguei em Wat Pah Pong e as pessoas diziam, ‘Ele é americano; ele não consegue comer o tipo de comida que nós comemos.’ Luang Pó disse, ‘Ele vai ter que aprender.’ E quando eu não gostava da cabana de meditação que me tivesse sido dada e pedisse por outra que eu preferisse, Luang Pó dizia, ‘Não.’ Todo o formato do treinamento era que você tinha que estar em conformidade com a agenda diária. Quando eu perguntava para Luang Pó se eu podia ser dispensado das longas palestras do Dhamma, que eu não conseguia entender, ele apenas ria e dizia que eu tinha que fazer o que todos os outros faziam.”

Wat Pah Pong provia um ambiente monástico muito diferente daquele com o qual Sumedho estava familiarizado. No mosteiro anterior, ele vinha vivendo de forma solitária, praticando sentado e andando em sua cabana, devotado única e exclusivamente ao desenvolvimento da meditação. O único contato humano era com um noviço que lhe trazia sua refeição diária. Tinha sido um período benéfico para ele, mas ele tinha dúvidas sobre o quão sustentável tal estilo de vida monástica seria à longo prazo. O que ele sentia que lhe faltava era o treinamento em Vinaya.

“Em Wat Pah Pong, a ênfase era em atividades de grupo – trabalhar juntos, comer juntos, etc. – com todas as devidas regras. Eu sabia que se eu fosse viver como um monge eu necessitaria do treinamento monástico, e eu não tinha treinamento algum no centro de meditação onde eu morava antes. O que Luang Pó me deu foi uma situação viva para contemplar. Você desenvolvia uma ciência sobre a tradição monástica, e isso era algo que eu sabia que eu precisava. Eu precisava de restrição e contenção. Eu era uma

pessoa muito impulsiva, com uma tremenda resistência a qualquer tipo de autoridade.

“Eu estive na Marinha por quatro anos e eu tinha desenvolvido uma aversão à autoridade e hierarquia. E então, antes de ir para a Tailândia, eu passei alguns anos em Berkeley, Califórnia, onde o estilo ‘cada um na sua’ era muito o caso. Não havia senso algum de ter que obedecer a alguém, ou viver sob qualquer tipo de disciplina. Mas em Wat Pah Pong eu tinha que viver seguindo uma tradição que nem sempre eu gostava ou aprovava, em uma situação onde eu não tinha nenhuma autoridade. Eu tinha um forte senso da minha própria liberdade e do direito de reivindicá-la, mas eu não tinha ideia de como servir a qualquer outra pessoa: ser um serviçal era como admitir que você era, de alguma forma, inferior. Então, eu achei a vida monástica muito útil para desenvolver um senso de servir e dar suporte à comunidade monástica.

“O que me impressionava sobre Luang Pó era que, embora ele parecesse tão independente, dono de um caráter em ebulição, ele era ao mesmo tempo muito estrito com o Vinaya. Era um contraste fascinante. Na Califórnia, a ideia de liberdade era ser espontâneo e fazer o que você sentisse. A ideia de disciplina e restrição moral era como um ogro enorme vindo para te esmagar com todas aquelas regras e tradições – você não pode fazer isso, você não pode fazer aquilo – e te pressionando tanto.

“Então minha reação imediata para com a rigidez de Wat Pah Pong foi de sentir-me oprimido. E ainda assim, minha sensação para com Luang Pó era que, embora suas ações fossem sempre dentro dos limites do Vinaya, ele era um ser livre. Ele não agia movido por ideias de fazer o que ele gostava, mas movido por liberdade interior. Então ao contemplá-lo, eu comecei a olhar para o Vinaya como sendo algo para ser utilizado, não apenas como algo para cortar a si mesmo ou oprimir a si mesmo, mas para buscar a liberdade. Era um enigma: como você adota uma convenção restritiva e renunciante e liberta a sua mente através dessas convenções? Eu podia ver que não havia limites para a mente de Luang Pó. Frequentemente, o apego a regras faz com que você se preocupe muito e lhe falte confiança, mas Luang Pó era radiante. Ele era obviamente não apenas alguém mantendo um grande número de regras e ansioso sobre sua pureza. Ele era um exemplo vivo da liberdade que vem da prática.”

Ajahn Sumedho estava impressionado e tranquilo pelos questionamento de Luang Pó sobre sua prática de meditação. Luang Pó meramente reconhecia com um grunhido que o método que Ajahn Sumedho estava usando era válido, e lhe deu permissão para seguir com ele caso achasse útil. Aquilo não parecia ser um assunto crucial. Estava claro que o que Luang Pó estava ensinando não era confinado a uma técnica específica de meditação: era um treinamento compreensivo, a criação de um contexto ou ambiente no qual qualquer técnica legítima poderia gerar frutos. Era exatamente o que Ajahn Sumedho sentia que precisava.

“Você deve encontrar alguém com quem você se harmoniza. Eu já tinha estado em outros lugares e nada tinha realmente encaixado. Eu tampouco tinha a ideia fixa de ter um professor; eu tinha um grande senso de independência. Mas com Luang Pó eu senti uma forte reação instintiva. Alguma coisa funcionou para mim estando com ele.

“O treinamento em Wat Pah Pong era de colocá-lo em situações onde você poderia refletir sobre suas reações, objeções e outros aspectos, para que você comesse a ver as suas opiniões, pontos de vista, preconceitos e apegos que surgem naturalmente nessas situações. Luang Pó estava sempre enfatizando a necessidade de refletir sobre como as coisas são. Isso foi o que eu achei de maior auxílio pois quando você é tão auto centrado e cheio de opiniões como eu era naquela época, você realmente precisa abrir a sua mente. Então eu achei o estilo de Luang Pó muito mais claro e direto. Como eu já estava bastante reprimido, eu realmente precisava de uma forma de olhar honesta e claramente para mim mesmo, ao invés de tentar reprimir meus sentimentos e forçar minha mente a estados mais refinados. Ele também era muito ciente das necessidades individuais dos monges, então não era como se houvesse uma técnica que cobrisse a todos. Ele percebia que você realmente tem que encontrá-la por você mesmo, então como eu o via, como ele me afetou, era que ele parecia fornecer um pano de fundo para minha vida, sobre o qual eu poderia refletir.”

Mesmo com esse tipo de apreço pela forma de praticar em Wat Pah Pong, Ajahn Sumedho não achou aquilo fácil. Tirando as dificuldades e frustrações facilmente previstas que ele experienciou com o idioma, a cultura, o clima e a dieta, foi o Vinaya que, ironicamente, lhe causou as maiores incertezas. Sua personalidade sempre tinha sido a de um idealista;

ele se importava com a visão mais ampla, a visão que unificava, e tendia a ficar impaciente com as porcas e parafusos da vida cotidiana. De forma nada surpreendente, ele sentiu uma antipatia natural por grande parte dos detalhes de instrução do Vinaya, que podiam parecer para ele como uma preocupação contínua e exagerada por pequenos detalhes sobre assuntos triviais.

“As leituras do Vinaya eram terrivelmente entediantes. Você ouvia sobre como ‘um monge que tenha um rasgo em seu manto que esteja a tantos centímetros da bainha deveria costurá-lo antes do amanhecer’ e eu ficava pensando, ‘Eu não me tornei monge para isso.’”

Os textos do Vinaya prescrevem vários deveres para serem realizados pelos estudantes para com seu professor. Um deles é lavar os pés do professor quando ele retorna da mendicância matinal. Em Wat Pah Pong, algo como vinte monges estariam esperando por Luang Pó no lava-pés do refeitório, ávidos pela honra de limpar a sujeira dos seus pés ou poder estar com a mão na toalha que iria secá-los. No começo, Ajahn Sumedho achou a coisa toda um pouco ridícula. Todos os dias, ele observava resignado enquanto os monges começavam a se encaminhar para o lava-pés. Era o tipo de ritual que o fazia sentir-se alienado do resto da comunidade. Ele estava ciente do lado crítico e julgador de sua mente que estava vindo à tona:

“Mas então eu comecei a escutar a mim mesmo e pensava, ‘Esse é realmente um estado desagradável para minha mente estar. Existe algo ali para eu estar tão chateado? Eles não estavam pedindo para que *eu* fizesse aquilo. Está tudo certo; não há nada de errado com vinte homens lavando os pés de um homem. Não é algo imoral ou um *mau* comportamento, e talvez eles gostem daquilo; talvez eles queiram fazer aquilo – talvez esteja tudo bem em fazer aquilo ... Talvez *eu* devesse fazer aquilo.’ Então na manhã seguinte, *vinte e um* monges correram para lavar os pés de Luang Pó. Não houve problema nenhum depois daquilo. Eu me senti realmente bem: aquela coisa ruim em mim tinha parado.”

Embora o Buda tenha chamado elogio e culpa de ‘dhammas mundanos’, até os mais dedicados e não-mundanos buscadores espirituais devem aprender sobre como lidar com eles de forma hábil. Durante de seus primeiros dias em Wat Pah Pong, Ajahn Sumedho recebeu generosos elogios. Em

culturas budistas, a renúncia voluntária pelos prazeres sensuais em favor do treinamento espiritual é uma virtude muito estimada. Os sacrifícios que Ajahn Sumedho tinha feito para tornar-se um monge inspiravam tanto os seus companheiros monásticos quando os apoiadores leigos do mosteiro. Ao deixar os Estados Unidos e assumir os mantos ocre, ele não apenas tinha aberto mão de um padrão de vida que os camponeses de Issán poderiam apenas sonhar em ter, mas ele o havia feito em troca de uma vida em um dos *wats* mais estritos e austeros do país. A população conservadora de Issán – com seu senso de segurança e bem estar tão ligados à conservação de suas tradições – estavam impressionados pelo quão bem Ajahn Sumedho podia viver exilado das condições com as quais ele estava acostumado. Eles estavam inspirados pelo quão diligente e dedicado ele era para com sua prática. Como sendo o único ocidental, ele se destacava como o centro das atenções onde quer que ele fosse, atrás apenas do próprio Luang Pó.

Por outro lado, é comum aos tailandeses possuírem uma graciosidade física natural, aparentemente quase em esforço, que era realçada pela ênfase monástica em desenvolver a plena atenção através do grande cuidado com as formas e os detalhes. Era confuso para eles verem Ajahn Sumedho, fisicamente imponente e com um zelo óbvio pela prática, mas ao mesmo tempo, tão desajeitado e deselegante para os padrões deles. Para a maioria, aquilo provocava um divertimento silencioso e afetivo; para outros, aquele divertimento estava azedado com uma pitada de medo, ciúme e ressentimento. Ajahn Sumedho, que estava tanto um pouco paranoico quanto gostando da atenção, não pôde evitar de sentir-se auto consciente.

“Eles perguntavam, ‘Quantos anos você tem?’ Eu dizia, ‘Trinta e três.’ E eles diziam, ‘Sério? Eu achava que você tinha pelo menos sessenta.’ Então eles criticavam o jeito que eu andava e diziam, ‘Você não anda direito. Você não é muito atento enquanto anda.’ E eu pegava a bolsa de pano e simplesmente a colocaria em qualquer lugar, sem dar qualquer importância. E eles diriam, ‘Guarde sua bolsa direito. Você pega ela assim, dobra desse jeito, e então coloca ela ao seu lado assim.’ O jeito que eu comia, o jeito que eu andava, o jeito que eu falava – parecia que tudo o que eu fazia era criticado e zombado – mas algo me fez ficar e suportar tudo aquilo. Eu na verdade aprendi sobre como me adequar com uma tradição e uma disciplina – e aquilo realmente

levou alguns anos, porque sempre havia uma forte resistência. Mas eu comecei a entender a sabedoria do Vinaya e, com o passar dos anos, minha equanimidade cresceu.”

EMPURRADO

Depois de alguns anos, a atitude de Luang Pó para com Ajahn Sumedho mudou. Vendo o crescimento da confiança de seu discípulo e dos elogios que ele estava recebendo, ele começou a tratá-lo mais robustamente. Ajahn Sumedho recorda:

“Pelos primeiros dois anos, Luang Pó me elogiava muito e inflava o meu ego, algo que eu apreciava pois tendia a ser auto depreciativo, e ter essa constante atitude muito positiva para comigo era de muito auxílio. Por eu me sentir tão respeitado e querido por ele, eu coloquei muito esforço na prática. Depois de alguns anos, aquilo começou a mudar. Ele viu que eu estava mais forte e começou a ser mais crítico. Às vezes ele me insultava e me humilhava em público – mas naquela altura eu era capaz de refletir sobre aquilo.

“Houve vezes em que Luang Pó contaria sobre coisas que eu tinha feito que eram indelicadas no Salão de Dhamma completamente cheio de praticantes leigos. Todos, monges e leigos, começavam a dar gargalhadas. E eu ficava ali sentado me sentido com raiva e envergonhado. Uma vez, um noviço pegou o meu manto exterior por engano e o entregou para ele. Luang Pó riu e disse que ele sabia imediatamente de quem era aquele manto por causa do mau cheiro, o ‘fedor de estrangeiro’. Com certeza eu me senti muito indignado quando ouvi Luang Pó dizer aquilo; mas eu pude suportar e, por causa do respeito que eu sentia por ele, eu não demonstrei nenhuma reação. Ele me perguntou se eu estava me sentido bem e eu disse que sim, mas ele podia ver que minhas orelhas estavam bem vermelhas.

“Ele tinha um maravilhoso senso de *‘timing’* [ter noção do tempo], então eu podia trabalhar com isso, e eu me beneficiei de ser capaz de observar minhas próprias reações emocionais ao ser insultado ou humilhado. Se ele tivesse feito aquilo no começo, eu jamais teria ficado. Não havia um sistema real que eu pudesse ver; você apenas sentia que ele estava somente tentando te ajudar ... forçá-lo a olhar para suas próprias reações emocionais

... e eu sempre confiei nele. Ele tinha um tamanho senso de humor, havia um brilho nos seus olhos, sempre com um pouco de travessura, e então eu apenas deixava acontecer.”

Várias das lembranças mais vívidas de Ajahn Sumedho de seus primeiros anos em Wat Pah Pong são de ocasiões quando alguma nuvem negra em sua mente se dissolvia através de um repentino insight quanto aos desejos e apegos que a condicionavam. O gênio de Luang Pó como professor parecia para ele como estando sempre a criar situações nas quais esse processo pudesse acontecer – trazendo uma crise à tona, ou direcionando a sua atenção de forma mais hábil para o que realmente estivesse acontecendo em sua mente. A sua fé em Luang Pó lhe permitiu abrir-se. Um sorriso de seu professor ou palavras de encorajamento no momento certo podiam fazer com que horas de frustração e irritação parecerem ridículas e insubstanciais; uma afiada pergunta ou repreensão poderiam despertá-lo de um longo ataque de auto indulgência.

“Ele era um homem muito prático, então ele usava a essência da vida diária para o insight. Ele não era tão entusiasta em usar eventos especiais ou práticas extremas quanto era para fazê-lo despertar estando no fluxo comum da vida monástica, e ele era muito bom nisso. Ele sabia que qualquer convenção podia se tornar superficial e atenuada depois de um tempo se você se acostumava com ela. Ele estava ciente disso, então sempre havia um tipo de astúcia que te daria um choque ou um solavanco.”

Nos primeiros dias, a frustração era o maior combustível do sofrimento de Ajahn Sumedho. Os períodos de varrição vespertina podiam ser exaustivos no verão. Um dia enquanto ele trabalhava debaixo do sol, seu corpo coberto de suor, ele lembra de sua plena atenção sendo consumida pela aversão e por um senso de ‘ter razão’, e reclamava para si mesmo: ‘Eu não quero fazer isso. Eu vim aqui para me iluminar, não para varrer folhas do chão.’ Foi quando Luang Pó o abordou e disse, ‘Onde está o sofrimento? É Wat Pah Pong o sofrimento?’

“Eu de repente percebi algo em mim que estava sempre reclamando e criticando e que estava me prevenindo de me doar ou me oferecer para qualquer situação.

“Em outra ocasião eu tive uma reação muito negativa por ter que sentar e praticar por toda a noite, e eu devo ter demonstrado isso. Depois da recitação dos cânticos noturnos, Luang Pó recordou a todos que eles deveriam ficar e meditar até o amanhecer. ‘Exceto’, ele disse, ‘pelo Sumedho. Ele pode ir e descansar.’ Ele me deu um belo sorriso, e eu me senti muito estúpido. É claro que eu fiquei a noite toda lá.

“Houve muitos momentos em que você era pego em algum tipo de coisa pessoal, e ele podia sentir aquilo. Ele tinha o *‘timing’* para te cutucar naquele momento em que você estivesse maduro, para que você pudesse de repente perceber o seu apego. Uma noite nós estávamos no pequeno salão onde recitávamos o *Pāṭimokkha** e o seu amigo Luang Pó Chalui veio para uma visita. Geralmente, depois que o *Pāṭimokkha* tinha terminado, nós íamos tomar uma bebida quente e então nos juntávamos aos leigos no Salão de Dhamma. Mas naquela noite, ele e Luang Pó Chalui sentaram ali brincando entre eles por horas e nós tínhamos que ficar sentados ali escutando. Eu não podia entender sobre o que eles estavam falando, e eu fiquei muito irritado. Eu estava esperando que ele nos dissesse que fôssemos para o outro salão, mas ele apenas prosseguiu. De vez em quando, ele olhava para mim. Bem, eu tinha um lado teimoso e eu não iria desistir. Eu apenas fiquei mais e mais irritado e com raiva.

“Já era quase meia noite e eles ainda estavam empolgados, rindo como garotos de escola. Eu fiquei muito cheio de razão; eles nem ao menos estavam falando sério sobre a prática ou sobre o Vinaya ou sobre nada! Minha mente seguia dizendo, ‘Que perda de tempo. Eles deveriam ter mais consciência.’ Eu estava tomado por minha raiva e ressentimento. Ele sabia que eu tinha esse lado teimoso e tenaz, então ele seguiu até as duas da manhã, três da manhã. Naquela hora eu apenas desisti de tudo, abri mão de toda a raiva e resistência e eu senti uma onda de alegria e relaxamento; eu senti que toda a dor havia sumido. Eu estava em um estado de felicidade. Eu senti que poderia ser feliz se ele prosseguisse para sempre. Ele percebeu aquilo e disse a todos que podíamos partir.”

*O novo Salão de Uposatha, mencionado anteriormente, foi construído apenas anos depois.

Dada a fama de Ajahn Sumedho e sua crescente proficiência em tailandês, era natural que os apoiadores leigos de Wat Pah Pong estivessem ansiosos por ouvi-lo dar uma palestra do Dhamma. Quatro anos depois de sua chegada, Luang Pó decidiu que a hora tinha chegado para que seu primeiro discípulo ocidental começasse um novo tipo de treinamento: aquele de falar sobre o Dhamma.

A oportunidade surgiu durante uma viagem à um mosteiro afiliado. Conforme a noite se aproximou, um grande número de discípulos leigos começou a chegar no mosteiro para participar da recitação de cânticos e ouvir uma palestra de Dhamma de Luang Pó. Sem nenhum aviso prévio, Luang Pó pediu para que Ajahn Sumedho desse a palestra. A perspectiva de subir ao Assento do Dhamma do mosteiro e lutar para se endereçar sem um período de tempo determinado, para uma grande plateia, em uma língua que ele não era particularmente fluente, foi algo intimidador. Ajahn Sumedho congelou e declinou tão elegantemente e firmemente quanto pôde. Mas com sua forte confiança em Luang Pó e ao perceber que ele estava apenas postergando o inevitável, ele passou a acostumar-se com a ideia de que em breve ele teria que começar a ensinar.

Quando Luang Pó o ‘convidou’ para dar uma palestra no Dia de Observância seguinte, ele concordou em silêncio. Mesmo sendo ciente sobre a visão de Luang Pó de que palestras do Dhamma não deveriam ser planejadas anteriormente, Ajahn Sumedho se sentiu inseguro. Naquele momento, ele estava lendo um livro sobre cosmologia budista e refletindo sobre a relação entre diferentes reinos de existência e estados psicológicos. Ele tomou algumas notas para a palestra que ocorreria.

O Dia de Observância logo chegou e Ajahn Sumedho deu a palestra. Embora seu vocabulário ainda fosse bem rudimentar e seu sotaque era pouco firme, aquilo pareceu correr bem. Ele se sentiu aliviado e orgulhoso de si mesmo. Durante o dia seguinte, leigos e monges vieram até ele para expressarem sua apreciação pela boa palestra, e ele esperou ansiosamente por desfrutar ao sol dos elogios de seu professor. Mas ao prestar reverências a Luang Pó embaixo de sua cabana e vendo seu rosto inexpressivo, ele sentiu um frio atravessar o seu coração. Com uma voz quieta, Luang Pó disse, ‘Nunca mais

faça aquilo.’ Ajahn Sumedho percebeu que Luang Pó sabia que ele tinha preparado a palestra de antemão e que, em seus olhos, embora tenha sido um discurso inteligente, interessante e informativo, não era o Dhamma falando; eram apenas pensamentos e esperteza. O fato de que tinha sido uma ‘boa palestra’ não era o ponto.

Com o intuito de desenvolver a atitude correta sobre como realizar palestras do Dhamma, um monge precisa proteger sua mente contra o desejo por elogios e apreciação, e ele precisa desenvolver uma ‘casca grossa’. Uma noite, Ajahn Sumedho foi solicitado por Luang Pó a dar um discurso para os leigos sob uma condição incomum – deveria durar três horas. Depois de mais ou menos uma hora ele já havia esgotado o seu assunto inicial e começou a divagar, caçando coisas sobre as quais falar, com um crescente desespero. Ele pausou, repetiu a si mesmo e embarcou em longas e sinuosas margens, dolorosamente ciente de que membros da plateia estavam ficando entediados e inquietos, sonolentos e indo embora. Apenas umas poucas senhoras mais velhas e dedicadas permaneceram sentadas ali pelas três horas – em marasmo, de olhos fechados – como árvores retorcidas em uma planície inóspita. Ajahn Sumedho refletiu depois que aquilo tinha terminado:

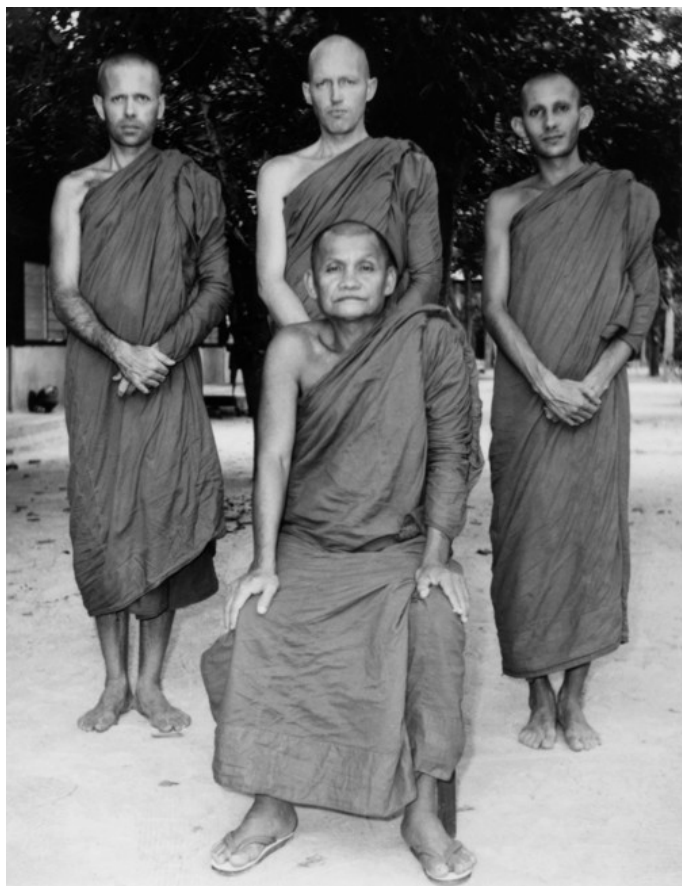
“Foi uma experiência valiosa para mim. Eu comecei a perceber que o que Luang Pó queria que eu fizesse era me tornar capaz de olhar para essa auto consciência, a pose, o orgulho, a presunção, as queixas, a preguiça, o ‘não querer ser importunado’, o querer agradar, o querer entreter, o querer receber aprovação.”

VOLTE E ENCARE O DESCONHECIDO

Ajahn Sumedho foi o único monge ocidental em Wat Pah Pong por quatro anos até que, em 1971, dois outros monges norte americanos chegaram para passar o Retiro de Chuvas. Um deles, o Dr. Douglas Burns, era um psicólogo que vivia em Bangkok e que tinha a intenção de ser monge pelo tempo do retiro; o outro era Jack Kornfield que, depois de praticar em mosteiros na Tailândia e em Myanmar voltaria para a vida leiga para tornar-se um dos mais influentes professores do movimento *vipassanā* norte americano. Nenhum deles ficou por muito tempo em Wat Pah Pong, mas ambos exerceram uma forte influência nos desenvolvimentos futuros.

Ao final de seu curto período com os mantos, o Dr. Burns voltou a Bangkok onde ele recomendaria aos ocidentais interessados em tornarem-se monges a irem viver com Luang Pó. Vários dos monges da primeira geração foram para Ubon seguindo tal referência. Nos meses em que Jack Kornfield esteve com Luang Pó, ele tomou notas assíduas dos ensinamentos que recebia e mais tarde as imprimiu como os muitos populares *'Fragmentos de um Ensino'* e *'Notas de uma Sessão de Perguntas e Respostas'*. Subsequentemente, como a reputação do próprio Kornfield se espalhou pelos Estados Unidos, suas frequentes referências a Luang Pó apresentaram o nome dele para a plateia ocidental. Esse reconhecimento foi fortalecido pelo livro *'A Still Forest Pool'*, uma coleção dos ensinamentos de Luang Pó que Kornfield co-escreveu com outro ex-monge, Paul Breiter (antes, Venerável Varapanyo).

O carisma de Luang Pó e sua habilidade em inspirar e mexer com seus discípulos ocidentais logo se tornaram bastante conhecidos. Mas se Luang Pó era a razão principal pela qual Wat Pah Pong se tornou o mais popular mosteiro de floresta tailandês para ocidentais que buscavam fazer um compromisso de longo prazo com a vida monástica, a presença de Ajahn Sumedho era frequentemente um fator decisivo. Ali estava alguém que provava que aquilo podia ser feito.



Ele tinha vivido por vários anos em condições adversas, sem quaisquer outros companheiros ocidentais e tinha obviamente ganhado muito com a prática. Ele era um tradutor e um mentor. E, embora ele tivesse resistência quanto à evolução, ele estava também se tornando um professor por seus próprios méritos. O Venerável Varapanyo chegou em Wat Pah Pong ao mesmo tempo em que Luang Pó estava ausente por alguns dias. Seu encontro com Ajahn Sumedho foi crucial para sua decisão de ficar.

“Sentado ali na varanda, na paz da noite da floresta, eu senti que ali era um lugar além do sofrimento e da confusão do mundo – a Guerra do Vietnã, a vida sem sentido nos Estados Unidos e que qualquer outro lugar, a dor e o desespero daqueles que eu havia encontrado na estrada na Europa e na Ásia que estavam procurando tão sinceramente por uma forma melhor de viver mas não a encontrando. Aquele homem, naquele lugar, parecia

tê-la encontrado, e parecia completamente possível que outros também poderiam encontrar.”

Em 1972, a Sangha de monges ocidentais estava crescendo continuamente e Luang Pó decidiu que eles deveriam passar o Retiro de Chuvas em Tam Ség Pet, um mosteiro afiliado empoleirado em uma colina íngreme com vista para a planície rural de Issán, a mais ou menos 100 quilômetros de distância de Wat Pah Pong. Longe da influência guiadora de Luang Pó, conflitos de personalidade se deflagraram e um ‘queimado’ Ajahn Sumedho partiu ao final do retiro.

“Para começar, eu senti muito ressentimento sobre assumir responsabilidades. Em um nível pessoal ... a última coisa que eu queria era estar com outros monges ocidentais ... Eu estava adaptado a viver com monges tailandeses e me sentindo à vontade dentro da cultura e da estrutura, mas havia um crescente número de ocidentais aparecendo por lá – Dr. Burns e Jack Kornfield estavam encorajando as pessoas a irem.

“Depois que a Sangha de ocidentais teve esse horroroso Retiro de Chuvas em Tam Ség Pet, eu fugi, passei as chuvas em um mosteiro no sudeste e então fui para a Índia. Mas enquanto eu estava lá eu tive uma experiência muito poderosa que me abriu o coração. Eu seguia pensando em Luang Pó e em como eu tinha fugido, eu senti uma imensa gratidão por ele e eu decidi retornar e servi-lo. Era algo muito idealista: ‘Eu vou apenas me entregar a Luang Pó. Qualquer coisa que ele queira que eu faça!’

“Nós tínhamos recém inaugurado um mosteiro afiliado horrível em Suan Kluai perto da fronteira com o Camboja, e ninguém queria ficar lá. Eu tinha ido para uma cerimônia de Kaṭhina e eu era mais alto do que todas as árvores. Então, na Índia, eu pensei em me voluntariar a ir e assumir Suan Kluai. Eu tinha essa imagem romântica de mim mesmo. É claro, quando eu retornei, Luang Pó se recusou a me enviar para lá e ao final do ano havia tantos ocidentais em Wat Pah Pong que ele me pediu que eu traduzisse para eles ... Basicamente, eu confiei nele pois ele era quem estava me empurrando para fazer coisas que eu não teria feito por mim mesmo.”

III. ATRAVÉS DE OLHOS OCIDENTAIS

O INÍCIO

A pergunta que todo monge ocidental teria que responder mais cedo ou mais tarde (geralmente, mais cedo) era ‘por que ele tinha escolhido se tornar um monge’. Era frequentemente mais difícil de responder do que se podia esperar. Não era tão fácil de distinguir entre as causas que engatilhavam aquilo, ou de ter certeza que uma narrativa inspiradora não tivesse sido remendada apenas posteriormente. Os monges geralmente costumavam recontar os eventos que os fizeram chegar à aquela decisão e sua partida para a Tailândia. Havia, por exemplo, Pabhakaro, um piloto de helicóptero norte americano que tinha ido pela primeira vez ao país em licença de descanso e recuperação durante a Guerra do Vietnã. Havia os voluntários do ‘Peace Corps’ e os jovens mochileiros viajando pela Ásia como os canadenses Tiradhammo e Viradhammo. Também havia aqueles como o britânico Brahmavamso e o australiano Nyanadhammo que foram já com a intenção expressa de tornarem-se monges.

Muitos começaram lendo livros. A primeira geração – quando livros sobre Budismo Theravada eram difíceis de encontrar – eram inspirados pelo trabalho de Alan Watts, Charles Luk e DT Suzuki. Gerações posteriores chegaram depois de lerem trabalhos traduzidos de Luang Pó Chah, livros de Ajahn Sumedho ou de professores norte americanos de vipassanā. Alguns estavam buscando aprofundar e estabilizar a calma lucidez que eles tinham experienciado em retiros de meditação de sete ou dez dias de duração. Outros eram inspirados pelo seu contato com monges budistas enquanto estavam viajando pela Tailândia. Um dentre esses foi Ajahn Sucitto. Ele reconta o efeito de ver os monges em mendicância matinal:

“Em uma manhã cedo eu estava sentado em um café, e eu vi monges de um mosteiro local andando em mendicância matinal. Eles estavam em fila, de pés descalços na estrada empoeirada, andando em minha direção. O sol nascente batia em seus mantos marrons. Cada monge tinha uma simples tigela consigo e seus rostos eram serenos e gentis. Seu caminhar era calmo e sem pressa; eles não estavam indo a lugar algum, eles estavam apenas caminhando. O peso de anos de auto-importância saiu de meu coração; algo se elevou dentro de mim, como um pássaro ao amanhecer.”

But for the disciples of Luang Por, it was almost invariably his presence and example that inspired them to stay and take the leap into monastic life, or, if they were already ordained, to make a long-term commitment to the Wat Pah Pong training. For most, the first meeting with him, although outwardly inconsequential, was momentous and life changing. Some monks spoke of a sense of relief, as if they had finally found a place and a teacher they didn't want to leave. As Ajahn Nyanadhammo squatted down respectfully, hands in *anjali*, Luang Por walked over to him, and without speaking, took his hands in his own.

“Eu senti esse choque, essa alegria e um peso saiu de meus ombros. Eu não tinha percebido até depois que ele tinha saído [de lá] quanto sofrimento eu vinha carregando comigo.”

Uma das fontes mais ricas de contos a respeito de Luang Pó e seus discípulos ocidentais pode ser encontrada nos relatos de Paul Breiter. Breiter chegou em Wat Pah Pong em 1972 e, como Venerável Varapanyo, lutou corajosamente por cinco anos de treinamento monástico antes de largar o manto e voltar à sua terra natal, nos Estados Unidos. Em 1993, seu ‘*memoir*’ sobre os anos que ele passou com Luang Pó, o livro *Venerable Father*, foi impresso em Bangkok. Ele começa com palavras que se tornaram um refrão para muito de seus contemporâneos: ‘Se eu amei alguém em minha vida, esse alguém foi Luang Pó Chah.’ O primeiro encontro do Venerável Varapanyo com Luang Pó aconteceu em Bangkok.

“Eu estava dominado por sua felicidade radiante e exuberante. Eu realmente nunca tinha visto uma pessoa assim. Ele parecia como um sapo enorme e feliz sentado em sua vitória-régia e eu pensei que, se tudo o que você precisa fazer para ser feliz assim é sentar-se em uma floresta por trinta anos, então vale a pena ... Eu me lembro como meu astral se elevou ali. Dentro do carro retornando ao templo, eu estava pensando, ‘há esperança’; a prática de meditação e o estilo de vida de um monge budista – ambos que eu achava tão difíceis, muito mais do que qualquer coisa que eu já tivesse jamais feito, pensado em fazer ou ouvido que alguém tivesse feito – podem produzir resultados. Ver um exemplo vivo valia mais do que ler qualquer quantidade de livros.”

Ajahn Brahmavamso, um monge com um antecedente rigorosamente científico, decidiu tomar Luang Pó como seu professor depois de ter sua mente racional confundida. Ele recorda que, pouco depois de sua chegada ao mosteiro, enquanto escutava Luang Pó ensinar a outro monge ocidental, ele estava mentalmente formulando sua própria pergunta. Assim que ele o fez, Luang Pó falou palavras que pareciam responder diretamente à sua pergunta – aparentemente mais diretamente do que à do questionador a quem ele se dirigia. Assumindo que aquilo fosse provavelmente uma coincidência, ele formulou outra pergunta, que também foi prontamente respondida. Isso ocorreu repetidamente.

Nem todos os monges estrangeiros em Wat Pah Pong vinham de países ocidentais. Ajahn Gavesako, por exemplo, era do norte do Japão. Depois de um período visitando as montanhas do Nepal, ele devotou a si mesmo a aprender yoga na Índia antes que dificuldades com o visto de permanência o forçassem a partir para a Tailândia. Para ele, a inspiração surgiu primeiramente de sua impressão sobre o próprio mosteiro e o que aquilo sugeria sobre seu abade.

“Eu cheguei ao mosteiro assim que os monges estavam saindo em mendicância matinal. Eu fiquei muito impressionado de vê-los caminhar em fila, serenos e retringidos. Eu não conseguia tirar meus olhos deles. Era uma visão tão bela, algo que eu nunca tinha visto antes. Eu entrei no mosteiro e o caminho era organizado, limpo e agradável de seguir. Não havia galhos ou folhas pelo meio do caminho. Aquilo me impressionou ainda mais. Eu pensei que o abade deveria ser muito bom. Ele deve ter uma disciplina muito estrita.”

O nome de leigo de Ajahn Gavesako era Shibahashi. Para Luang Pó aquilo pareceu impossível de pronunciar e ele o apelidou de ‘*Si bath ha sip*’ (‘Quatro baths e cinquenta’ [centavos]). Ele inspirou ao jovem rapaz ao explicar como uma busca interna, uma busca pelo fim do sofrimento, era mais valiosa do que qualquer outra busca externa. A menos que ele soubesse como abandonar estados mentais negativos, escalar montanhas era uma perda de tempo. Essa busca e treinamento internos eram o coração da vida monástica. ‘Quatro baths e cinquenta’ decidiu ficar. Algo como quinze anos mais tarde, quando Luang Pó estava preso à uma cama, Ajahn Gavesako se tornou um dos mais leais monges dos turnos de enfermaria. Acima de tudo,

ele era motivado por gratidão. Ele dizia que sentia que, não importasse o quanto fizesse, ele nunca seria capaz de pagar sequer uma pequena parte da dívida que ele tinha para com seu professor.

“Eu sentia como se ele tivesse me dado uma vida nova. Era como um pai e uma mãe para mim; ele me deu tantas coisas. Era como se eu estivesse lentamente afundando em areia movediça, prestes a ser engolido, e ele me puxou para fora e salvou a minha vida.”

O jovem músico australiano que mais tarde se tornaria o Ajahn Puriso, estava impressionado pelo contraste entre Wat Pah Pong e os outros mosteiros: o mantos escurecidos dos monges, sua compostura quando eles realizavam suas tarefas, seu ar distante – o senso de que algo de grande significado estava acontecendo.

“Disseram-me que eu poderia ficar no Salão de Dhamma, me disseram onde encontrar um travesseiro e um cobertor e então me deixaram sozinho. A fantástica recitação de cânticos em Pali e tailandês que eu ouvi naquela noite foi totalmente além do que minha mente podia entender. Eu não conseguia nem concluir se aquilo soava bem ou apenas estranho. Mas a visão dos monges no grande e escuro salão, iluminados apenas por algumas velas, ajoelhados imóveis sobre seus dedos dos pés enquanto recitavam os cânticos por mais de trinta minutos foi algo realmente magnífico.”

Ajahn Pasanno, abade de Wat Pah Nanachat por mais de dez anos e agora abade do Mosteiro de Floresta Abhayagiri no norte da Califórnia, primeiro foi à Wat Pah Pong como um monge visitante depois de ter ingressado na Sangha em Bangkok. Seus pensamentos ecoam aqueles de Ajahn Sumedho:

“Uma impressão duradoura que eu ganhei sobre o estilo de vida em Wat Pah Pong era de que aquilo era algo que você poderia viver por muito tempo, enquanto nos outros locais onde eu tinha praticado meditação antes, era algo como apenas aplicar uma técnica específica [de meditação] em uma cabana em um setor especial do mosteiro; não era algo que poderia ser vivido. Wat Pah Pong abriu uma nova dimensão para mim – o senso de ser capaz de fazer um comprometimento de longo prazo com um professor, um treinamento e com o Vinaya. O que me impressionou fortemente era o pensamento de que, se você fosse viver a Vida Santa por qualquer período

de tempo e colher os frutos disso, então você deveria manter o Vinaya, deveria ter um estilo de vida integrado de prática de Dhamma-Vinaya.

“Luang Pó realmente entendia de forma muito clara o quanto nós precisávamos re-estruturar nossas percepções e cada aspecto de nosso condicionamento. Então sua forma de ensinar não era apenas uma técnica de meditação mas um treinamento completo do corpo, da fala e da mente. Aquela era realmente a marca, sua ênfase, o que eu sinto que era especial sobre ele.”

Depois de um período probatório como monge visitante (*āgantuka*), Ajahn Pasanno foi completamente aceito na comunidade de Wat Pah Pong.

“Eu me lembro de esperar ansiosamente por participar do *Pāṭimokkha* e de ficar bastante entusiasmado. Quando o sino foi tocado, eu estava muito ávido e me encaminhei imediatamente para o Salão de Dhamma. Luang Pó não apareceu por mais uma hora e meia – ele estava no setor das *mé chis* dando uma palestra de Dhamma – e eu tinha muita dificuldade em sentar-me no chão duro. Nós nem ao menos tínhamos começado o *Pāṭimokkha* e eu já estava me recontorcendo. Luang Pó veio, conversou aqui e ali com vários monges, e então começamos o *Pāṭimokkha*. No final – por volta das 10:00 da noite – ele começou a dar um discurso, e aquilo seguiu até quase as três da manhã, quando ele olhou inocentemente para o relógio e disse, ‘Talvez seja melhor você ir tocar o sino para a recitação matinal.’ Então Luang Pó caminhou até o Salão de Dhamma para dar uma palestra curta para os leigos, e nós fomos tomar algo. As jarras de bebidas doces estavam lá desde a noite anterior e ficaram cheias de formigas. Eu devo confessar que aquilo rapidamente acabou com o meu entusiasmo pelo *Pāṭimokkha*.”

VÁRIOS LUANG PÓS

Naturalmente, as percepções sobre Luang Pó variavam de monge para monge, refletindo suas próprias e diferentes experiências e ideais, viéses e projeções, e a clareza de suas mentes. Alguns buscavam estar perto dele. Outros, mais auto-suficientes, mantinham-se a uma distância maior. Diferentes aspectos dos seus ensinamentos tinham diferente apelo para diferentes monges, e havia várias opiniões sobre onde exatamente estava a essência de tudo aquilo.

Para Ajahn Munindo, que assim como Ajahn Sumedho, começara a sua vida monástica em um mosteiro que tinha ênfase na prática formal e solitária de meditação, a essência estava na abordagem de Luang Pó mais orientada ao grupo.

“A coisa que mais me atraiu a ir para Ubon foi que o livro *‘Fragmentos de um Ensino’* mostrava que Luang Pó estava realmente comprometido em treinar seus monges, o que era algo que eu não tinha visto em nenhum outro lugar. O que caracterizava os ensinamentos de Luang Pó, da forma como eu podia ver, era a sua insistência em que aprendêssemos a viver juntos como uma comunidade – meditação é claro, é por isso que estávamos ali – mas que nós deveríamos ver nosso estilo de vida monástico comunitário como a prática central. De alguma forma, eu entendi a mensagem de que era daquilo de que ele se tratava, e eu percebi que era daquilo que eu precisava.

“Não era que ele te daria todas as respostas. Ele estava lá por você – ele te ouvia e te dava espaço para experimentar, errar por si mesmo. Seu ensinamento era um convite a descobrir as coisas por conta própria. Ele parecia ver que seu trabalho era nos estabelecer na vida monástica, mas que então era por nossa conta realizar a prática. Havia a sensação de que ele não iria segurar a sua mão e guiá-lo passo-a-passo através dos ensinamentos e dos vários estágios de meditação. Ele dizia que não tinha interesse em conceder entrevistas diárias. Essa claramente não era a sua forma de ensinar. Era ao dar as diretrizes sobre como viver como um monge. Eu não via isso como sendo um abandono; era liberdade – pessoalmente, era algo bem vindo para mim.”

Para Ajahn Munindo, era o próprio Luang Pó e a qualidade da atenção que ele dava aos seus discípulos, que era o mais inspirador. Ele sentia que ali estava um professor ‘que estaria presente para qualquer situação que pudesse surgir’. Luang Pó os fazia sentir que eles eram seus filhos e que ele sempre estava preocupado pelo bem estar deles.

“Ele estava sempre disponível como um ser humano com um bom senso de humor. Ele poderia compartilhar uma brincadeira com você, ele poderia compartilhar o seu sofrimento com você. Você sentia que ele te compreendia, que ele sabia o que você estava pensando ou pelo que você

estava passando. Você sentia que ele estava ali contigo em sua vida, em seus desafios e em sua alegria.”

Ajahn Munindo guardava com carinho a lembrança das visitas diárias que Luang Pó fez à sua cabana para verificar a sua condição durante um período de doença. Ele também apreciava poder falar com Luang Pó quando dúvidas e preocupações ameaçavam dominá-lo:

“Eu lembro de tê-lo ido ver uma vez, cheio de dúvidas. Luang Pó apenas sentou ali e escutou. Ele devia ter escutado aquele tipo de coisa antes, umas mil vezes, mas eu realmente senti que ele olhava para mim, que ele me via, e então ele disse, ‘Eu me senti assim uma vez. Eu sentia que minha cabeça iria explodir ou rachar ao meio. Eu duvidava tanto que eu achava que a minha cabeça iria explodir. Eu sei como é que você se sente. Mas não se importe. Trabalhar assim com dúvidas te faz mais forte.’”

O Venerável Varapanyo concordava que palavras e gestos de bondade poderiam ser mais memoráveis do que ensinamentos profundos:

“Luang Pó nos visitou brevemente em Wat Tam Séng Pet. Era uma tarde, nós estávamos do lado de fora e ele veio até mim e me observou atentamente. Ele sentiu minhas costelas e, com uma expressão de muita preocupação em seu rosto, ressaltou o quão magro eu tinha ficado – não tinha sido apenas a minha mente que estava entrando em colapso. Por muito meses depois, eu me recordava daquele olhar de preocupação.”

Um ponto de virada na vida monástica do Venerável Varapanyo veio com a oportunidade de ser o atendente de Luang Pó.

“Ele disse, ‘De tarde, quando a coleta de água do poço tenha terminado, você pode vir até aqui e fazer uma limpeza.’ Minha primeira reação foi, ‘Ele tem muita coragem, me pedindo para vir e esperar por ele!’ Mas sem contar que era uma de minhas tarefas, aquilo era um ‘pé na porta’ e um privilégio. Através daquilo eu estava prestes a ver que havia um estilo de vida no mosteiro – rico, estruturado e harmonioso. E no centro de tudo aquilo está o professor, que é alguém com quem se pode contar.

“E finalmente ele me perguntou, por que eu estava tão magro? Imediatamente, um dos monges que estava lá disse a ele que eu pegava um porção muito pequena de arroz na hora da refeição. Eu não estava gostando da

comida? Eu lhe disse que eu não conseguia digerir muito do arroz grudento então eu seguia diminuindo o consumo. Eu aceitava aquilo da forma como era, pensando que eu era tão cobiçoso que, comer menos e menos seria uma virtude.

“Mas ele estava preocupado. Eu me sentia cansado? Na maior parte do tempo eu tinha pouca força, eu admiti. Então ele disse: ‘Eu vou colocá-lo em uma dieta especial por um tempo, apenas sopa de arroz e molho de peixe para começar. Você come bastante disso e o seu estômago vai esticar, e então você vai passar para o arroz fervido, e finalmente para o arroz grudento. Eu sou médico’, ele adicionou. (Eu descobri depois que ele era na verdade um ótimo herbalista, assim como um conhecedor das várias enfermidades às quais os monges estão propensos.) Ele me disse para não me forçar muito, se eu não tivesse força, eu não precisava carregar água, e etc.

“Ali foi quando a mágica realmente começou. Ali foi quando ele não era mais apenas ‘Ajahn Chah’ para mim; ele se tornou ‘Luang Pó’, ‘Venerável Pai’.”

A maioria dos ocidentais que foram à Wat Pah Pong com a intenção de se tornarem monges tinham lido muitos livros sobre Budismo e levavam consigo ideias de como um mosteiro e um mestre iluminado *deveriam* ser. Era frequentemente quando Luang Pó confundia essas expectativas que ele causava a impressão mais profunda. Para Ajahn Amaro, foi um generoso sorriso em um momento em que ele estava esperando ser advertido por um erro. Naquela época Ajahn Amaro, ainda um postulante, estava servindo como atendente para o então abade de Wat Pah Nanachat, Ajahn Pabhakaro, durante uma visita de pernoite de Luang Pó.

“Eu acordei e vi luz passando pelos vãos entre as tábuas das paredes de minha cabana. Eu pensei, ‘Uau, a lua está realmente brilhante hoje.’ Eu olhei para o meu despertador e ele dizia uma da manhã. Então eu percebi, ‘Meu relógio deve ter parado; isso não é a lua, é o sol!’ Então eu levantei num pulo, juntei meus mantos e corri pelo caminho. Quando eu cheguei atrás do Salão de Dhamma, todos os outros monges já haviam saído para a mendicância matinal, exceto por Ajahn Pabhakaro e por Luang Pó, que iriam em uma rota mais curta. Eu pensei, ‘Ok, ainda tenho tempo. Talvez

eles não tenham notado.’ Então eu comecei a preparar os mantos deles para a mendicância matinal, com a esperança de que eles não tivessem visto que eu cheguei atrasado e perdi os cânticos e a meditação matinais. Enquanto eu estava ajoelhado aos pés de Luang Pó, abotoando os laços do canto de seus mantos, ele disse algo em tailandês que eu não consegui entender. Eu olhei para cima, um pouco ansioso, para Ajahn Pabhakaro esperando que ele traduzisse. Luang Pó tinha um grande sorriso em seu rosto, um maravilhoso, amigoso e adorável sorriso. Então Ajahn Pabhakaro traduziu, ‘Dormir é uma delícia, hein?’ ”

Para Ajahn Khemanando, outro monge nascido na Inglaterra, um momento chave ocorreu quando ele inesperadamente viu seu professor sob uma nova luz, mais acessível. Um dia, recém chegado e ainda usando os mantos brancos de um postulante, ele estava conversando com um amigo na varanda de sua cabana quando, ao olhar de relance para o caminho, ele ficou chocado ao ver Luang Pó.

“E ele estava nos chamando, acenando com a mão! Nós pensamos que ele nos daria uma bronca por não estarmos meditando diligentemente, mas Luang Pó não parecia irritado de forma alguma, ele não estava nos dizendo que parássemos de conversar, mas nos chamando, ‘Venham aqui, venham aqui!’ ”

Acontece que Luang Pó estava caçando um lagarto. Ele tinha muito carinho pelos frangos-do-mato, aos quais ele alimentava com arroz ao redor de sua própria cabana. Ele queria protegê-los do seu inimigo natural, os grandes lagartos que gostavam de comer seus ovos. Ele tinha rastreado um desses lagartos até aquela parte da floresta e agora estava explicando com mímica como prender um laço na ponta de um pedaço de bambu. Ele queria capturar o lagarto e baní-lo de lá. Os dois desajeitados e inexperientes ocidentais, incentivados por um entusiasmado Luang Pó, se debateram ali por algum tempo sem sucesso algum e, depois de aproveitarem umas boas risadas juntos, finalmente desistiram da caçada.

“O que mais me impressionou sobre esse pequeno episódio foi o contraste entre o ‘Luang Pó caçador de lagartos’, demonstrando uma espontaneidade muito natural e pé-no-chão, uma simplicidade e bom humor quase infantis, e a magnífica formalidade de seu papel como o cabeça de um grande e

importante mosteiro que, até aquele momento, era tudo o que eu tinha visto dele. Isso teve o efeito de minar vários de meus próprios conceitos anteriores sobre como um grande e iluminado professor deveria ser, e me ajudou a ver que Luang Pó era na verdade muito natural e muito engraçado, o que me permitiu sentir-me menos intimidado e mais relaxado em estar próximo a ele.”

Para outro recém chegado postulante, Shaun [que viria a tornar-se Ajahn Jayasaro], a ocasião memorável ocorreu em uma situação mais formal.

“Era noite de Ano Novo e o Salão de Dhamma estava completamente lotado. Todos estávamos reunidos para receber o Ano Novo com palestras de Dhamma e cânticos auspiciosos. Não havia nenhum espaço do lado de dentro, centenas de outras pessoas estavam sentadas do lado de fora, debaixo das árvores. A plataforma erguida no canto oeste do salão, onde os monges estavam sentados, estava igualmente lotada. No meio da plataforma, diretamente abaixo da enorme imagem do Buda de bronze, sentava Luang Pó, cercado de todos os seus discípulos monásticos. Era uma cena maravilhosa e emocionante. De repente eu vi um pequeno burburinho acontecer nas filas dos monges. Um dos monges sênior, de mãos postas em prece, se curvou diante de Luang Pó. Imediatamente Luang Pó se levantou e seu pano de sentar foi movido para um lado.

“Um pouco depois disso, um velho monge usando os mantos amarelos mais brilhantes dos monges de cidade se encaminhou para a plataforma. Eu não pude evitar de compará-lo desfavoravelmente com relação a Luang Pó, que sempre parecia tão imaculado. O manto do velho monge estava todo amarrotado e ficava caindo de seu ombro. Eu não estava impressionado e ficava imaginando qual seria a reação de Luang Pó quanto a uma visita em uma hora tão inconveniente. Ele me respondeu imediatamente com seu comportamento humilde e respeitoso. O velho monge se ajoelhou no assento de Luang Pó, se prostrou diante da imagem do Buda de uma maneira mecânica e quando ele se voltou para a Sangha, Luang Pó liderou a todos os seus discípulos monges em se prostrar ao velho monge, seguidos dos noviços, monjas e pessoas leigas em suas vezes. Pareceu para mim que eu nunca tinha apreciado a beleza de uma prostração até ver Luang Pó se prostrar naquela noite. Mas, mais do que isso, o que particularmente me impressionou e sempre esteve na minha mente desde então, foi a fluidez

com a qual Luang Pó mudou de ser o centro de todas as atenções e devoção para ser um monge comum prestando reverências a um monge sênior. Eu senti que estava vendo uma perfeita expressão do professor como o cabeça de uma Sangha, mas subserviente ao Dhamma e ao Vinaya.”

Ao falar sobre as qualidades admiráveis de seu professor, ocidentais frequentemente se referiam à habilidade assombrosa de Luang Pó em se adaptar às mudanças constantes de situações e plateias – aparentemente sem fazer esforço, e como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo. Interessantemente, essa era uma habilidade raramente mencionada por seus discípulos tailandeses. A natureza hierárquica da sociedade tailandesa, a ênfase na harmonia social e a priorização das necessidades do grupo ao invés do indivíduo significava que a maioria das pessoas, incluindo os meditadores, eram muito habilidosas em se adaptar ao ambiente social. É de se entender que a mais profunda expressão dessa habilidade em um grande professor espiritual fosse então obviamente menos especial para os tailandeses do que para os ocidentais. Os ocidentais, por sua parte, se sentiam inspirados pelo que eles reconheciam como um impressionante ‘não-apego’ a papéis sociais e personalidade. O senso de que Luang Pó poderia ser absolutamente qualquer coisa por não se identificar de forma alguma com qualquer coisa como sendo um ‘eu’, foi bem capturada por Ajahn Amaro, quando relatou a vez que ele foi solicitado a levar um recado para Luang Pó em sua cabana:

“Eu vi que ele estava sentado na parte de baixo, em seu assento de vime. Seus olhos estavam fechados, e não havia mais ninguém em volta. Quando fui até lá e me ajoelhei em frente a ele, ele não abriu os olhos e eu pensei, ‘Hmm, o que eu deveria fazer?’ Eu esperei por alguns minutos e seus olhos seguiam fechados. Um importante Ajahn estava esperando, então eu disse em tailandês, ‘Com licença.’ Ele abriu os olhos e foi como se não houvesse absolutamente ninguém ali. Não era como se ele estivesse com sono; os olhos abriram, mas não havia expressão nenhuma em seu rosto. Estava completamente vazio. Ele olhou para mim, eu olhei para ele e disse, ‘Luang Pó, Ajahn Chu me pediu que lhe dissesse que tem algumas pessoas no Salão de Dhamma e se seria possível para o senhor vir e recebê-las.’

“Novamente, por um momento não havia expressão nenhuma, apenas aquela qualidade completamente espaçosa e vazia em sua expressão. Então,

de repente, do nada, a personalidade apareceu. Ele fez algum comentário do qual eu não pude pegar os detalhes. Foi como se, de repente a ‘pessoa’ aparecesse – foi como assistir a um ser chegando à existência. Houve uma extraordinária qualidade naquele momento, vendo a personalidade, o corpo, todas as características de ‘ser uma pessoa’ apenas sendo colocadas como se ele estivesse vestindo seu manto ou ele estivesse assumindo um papel.”

MEIOS HÁBEIS

Se havia uma coisa que diferenciava Luang Pó de seus grandes contemporâneos, era sua habilidade em guiar uma grande e crescente Sangha de monges estrangeiros. É verdade que Luang Tá Maha Bua em Udon geralmente tinha cinco ou seis monges ocidentais com ele, incluindo Ajahn Panyavaddho, o grandemente reverenciado e mais antigo de todos os monges estrangeiros na Tailândia. Mas era apenas Luang Pó que tinha sido capaz de tomar conta de uma Sangha que tinha alcançado mais de vinte monges em meados da década de 1970 e segue crescendo até o dia de hoje.

As razões para esse sucesso podem ser encontradas tanto no próprio Luang Pó quanto no sistema de treinamento monástico que ele desenvolveu. Inicialmente, foi o carisma de Luang Pó que atraiu as pessoas. Com o passar do tempo, por sua forma de lidar com os monges estrangeiros, ele mostrou uma habilidade de se comunicar com eles livre dos obstáculos de linguagem e cultura. Embora fosse incapaz de falar utilizando a língua deles, seus discípulos ocidentais sentiam que ele genuinamente os entendia. Ajahn Khemanando notou:

“Ele era muito observador e poderia avaliar de forma muito apurada a personalidade de um recém chegado que o abordasse ao observar seu rosto, sua postura, a forma como ele caminhava, etc. Antes mesmo que ele tivesse sentado ou dito qualquer coisa, Luang Pó poderia fazer um comentário sobre os que estivessem ali presentes do tipo: ‘Esse aqui é cheio de dúvidas!’, que uma conversa subsequente revelaria aquilo como sendo invariavelmente verdade.”

Luang Pó parecia perceber claramente quão diferentes eram as necessidades de seus discípulos ocidentais das necessidades dos companheiros tailandeses deles. Os monges locais eram em sua maioria vindo de famílias pobres de fazendeiros de arroz. Eles tendiam a serem pragmáticos ao invés de especulativos em caráter, e suas impurezas geralmente se voltavam para as formas mais abertas de cobiça, raiva e ilusão. Levar isso em conta foi o que influenciou Luang Pó a desenvolver um treinamento que enfatizava ‘ir contra a corrente’. Contudo, os problemas dos ocidentais frequentemente tendiam a ser de uma inclinação mais intelectual. Eles podiam facilmente se verem presos em tortuosas teias de pensamentos e opiniões. Eles lutavam com dificuldades que eram difíceis para os tailandeses entenderem, particularmente um tipo de auto-aversão desconcertante que eles chamavam de ‘culpa’. Os ocidentais achavam difícil colocar esforço coordenado na meditação sem cair em velhos hábitos de empenhar-se obsessivamente em direção a um determinado objetivo, o que criava mais estresse e tensão do que paz interior.

Mesmo que Luang Pó não fosse infalível quanto ao seu tratamento para com os monges ocidentais, ele era adepto de aprender com seus erros. Ele logo viu que o tom autoritário, ocasionalmente intimidador, ao qual os tailandeses reagiam tão bem, não funcionava de jeito nenhum com seus discípulos estrangeiros. Eles tinham crescido com uma desconfiança de autoridade, tomavam críticas de forma mais pessoal e reagiam muito melhor à informalidade e à bondade. Enquanto a maioria dos jovens monges tailandeses não esperava um relacionamento pessoal com seu professor – a maioria inclusive se sentiria desconfortável se um relacionamento assim fosse oferecido – os ocidentais necessitavam sentirem-se ‘vistos’, sentirem-se acolhidos debaixo da asa do seu professor. Com os ocidentais, Luang Pó era notadamente menos severo. Ele valorizava os sacrifícios que eles tinham feito para ir tão longe e viver na floresta, então ele era mais permissivo. Ele rapidamente viu o quão efetivamente o humor podia dissolver a auto-importância de seus discípulos ocidentais. Mas enquanto a maioria dos monges tailandeses acreditava que a forma mais relaxada com que Luang Pó se comportava quando estava cercado de monges ocidentais era simplesmente um ‘meio hábil’ que ele estava empregando para benefício deles, vários dos ocidentais tendiam a ver

aquilo como sendo uma revelação do ‘verdadeiro Luang Pó’. Era um assunto comum: todos tendiam a ver o seu Luang Pó como o verdadeiro Luang Pó.

Luang Pó confortava os monges ocidentais de que as dificuldades que eles estavam experienciando eram transitórias e inevitáveis, dado que eles estavam tentando tomar o poder das impurezas acumulado através de incontáveis vidas. Aquilo era, ele dizia, como um pequeno exército tentando vencer um muito maior. Até que você pudesse organizar os seus recursos e fortalecer seus pelotões, você deveria estar preparado para algumas derrotas humilhantes. Quando ele viu que os ocidentais ficavam abatidos sobre o quão mais difícil parecia ser para eles conseguirem acalmar suas mentes do que era para os seus amigos tailandeses, ele explicava que, embora fosse verdade que os monges com pouca educação formal achassem mais fácil abrir mão do apego à mente pensativa do que seus companheiros mais educados, eles tendiam a estar em desvantagem no desenvolvimento da sabedoria. Ele comparava a mente ocidental com uma casa grande com muitos quartos. Levava mais tempo de limpar do que uma simples choupana, mas uma vez que o trabalho tivesse sido feito, seria um lugar muito melhor para morar.

PACIÊNCIA

Não era fácil para ocidentais se adaptarem à vida em Wat Pah Pong. Eles não apenas tinham que encarar os desafios básicos e inerentes de uma vida ascética, mas isso ainda era somado à necessidade de aprender uma nova língua e se adaptar a uma nova cultura. Fisicamente, aquilo podia ser brutal. O calor do verão combinado com uma umidade que exauria a energia ajudavam a criar um clima particularmente enervante. Muitos dos monges estrangeiros desenvolveram transtornos gástricos, especialmente aqueles cuja dieta anterior consistia de alimentos altamente refinados. Eles achavam o arroz grudento pesado e difícil de digerir, mas com apenas uma refeição por dia, eles tinham pouca chance senão comer uma grande porção dele. A alternativa era perder muito peso e, certamente, vários dos monges ficaram tão magros que suas costelas protuberavam de forma alarmante. A maioria dos que permaneceu ficou seriamente doente pelo menos uma vez: malária, febre tifóide e desinteria pesada eram uma ameaça constante.

Luang Pó lhes dizia que aguentassem pacientemente. Quando Ajahn Brahnavamso foi hospitalizado com febre alta, Luang Pó o visitou e o encorajou com palavras que eram menos parecidas com mimos do que se poderia imaginar. Ele disse ao jovem monge para que ele refletisse que havia apenas duas possíveis consequências para sua enfermidade: ou ele ficaria melhor ou ele não ficaria. Ele deveria ficar em paz com as duas possibilidades.

Em uma ocasião, o Venerável Sunyo disse à Luang Pó que, desde que ele tinha se tornado monge, suas dificuldades e seu sofrimento tinham aumentado ao invés de diminuído. Luang Pó respondeu:

Eu sei que alguns de vocês tiveram um antecedente de conforto material e liberdade exterior. Em comparação, vocês agora vivem de forma austera. Então, em sua prática, eu frequentemente faço vocês se sentarem e esperarem por longas horas. Comida e clima são diferentes dos de sua casa. Mas todo mundo deve passar por algo assim. Esse é o sofrimento que leva ao fim do sofrimento. É assim que você aprende. Quando você fica com raiva e sente pena de si mesmo, é uma grande oportunidade para entender a mente. O Buda chamou as impurezas de ‘nossos professores’ ...

Em tais ocasiões, Luang Pó concluiria com seus ensinamentos chave: paciência e Visão Correta.

Você deve ser paciente. Paciência e capacidade de aguentar são essenciais para a nossa prática. Quando eu era um jovem monge, eu não tive tanta dificuldade quanto vocês. Eu sabia o idioma e estava comendo minha comida nativa. Da mesma forma, houve dias em que eu me desesperei. Eu pensei em largar o manto ou até em me matar. Esse tipo de sofrimento vem de opiniões e pontos de vista incorretos. Tudo se torna pacífico.

Em outra ocasião, depois de relembrar os monges que ‘a paciência é o coração da prática do Dhamma, a virtude-raiz dos praticantes’, Luang Pó observou que, como muito poucas pessoas escolheriam livremente praticar a paciência, os ocidentais podiam dizer que tinham uma vantagem: era muito mais difícil para eles fugirem do que era para os tailandeses. Ele dizia, ‘O pensamento de pegar todo o caminho de volta para casa é desalentador,

e ainda assim você foi capaz de lidar com isso até agora.’ Mas isso não era suficiente para eles simplesmente ‘colocarem a faca entre os dentes’, eles precisavam ver o propósito em exercitar a paciência. Ele não estava advogando em favor do ascetismo por si mesmo.

As coisas aqui vão contra seus velhos hábitos. Você come de sua tigela, com os pratos salgados e as sobremesas todos colocados juntos. Quem poderia gostar de fazer isso? Se você ainda tiver quaisquer impurezas remanescentes, então elas serão continuamente frustradas. Comidas de todos os tipos se misturam em sua tigela. Como isso te faz sentir? Você vê alguma impureza surgindo em sua mente? Tente ver. Esse jeito de comer é queixoso e frustrante. É assim que ele tem que ser. O treinamento se trata de despir-se das impurezas. Mesmo se o esforço de despetar ‘sati’ não seja sempre bem sucedido, você pode pelo menos fazer oposição às impurezas. É assim que o treinamento tem que ser.

Tristemente, as impurezas intelectuais dos monges ocidentais não implicavam em um déficit compensatório nas aflições mais terrenas, e eles não eram poupados dos métodos de Luang Pó cuja intenção era de ‘toramanizar as impurezas’. O raciocínio era explicado para eles em várias ocasiões: impurezas podiam ser mais claramente reveladas como impurezas – a causa do sofrimento, e ‘não-eu’ – quando lhes fosse feita uma consistente oposição. Olhar para o que acontecia quando éramos separados daquilo que gostávamos e reunidos com o que não gostávamos fornecia um simples atalho para compreender a natureza da mente. Como esse caminho de fazer oposição aos desejos era um que poucas pessoas, mesmo monges dedicados, podiam seguir por elas mesmas consistentemente de uma forma equilibrada e construtiva, ele estava arraigado no coração do treinamento em Wat Pah Pong.

Para alguns, a necessidade de ir constantemente contra os velhos hábitos poderia ser insuportável. Um postulante inglês famosamente exclamou em voz alta com um forte sotaque do norte da Inglaterra: ‘Isso de ir contra a corrente: não é de um riozinho qualquer que estamos falando aqui, é UMA CORREDEIRA!’

Um dos monges que sentiu o castigo desse estilo de ensinamento foi o Venerável Varapanyo. Seu famoso desejo por bebidas geladas – causa de muitas brincadeiras que faziam com ele – significava que quase nunca lhe era dada a chance de se satisfazer com elas.

“Quando eu fui à cabana de Luang Pó, era como se ele nem ao menos tivesse me visto. Se houvesse gelo ou alguma bebida para os monges, ele esperaria até que eu fosse embora para passá-las para os monges ... Anos depois, ele relembrava esses episódios, dizendo que ele sentia muito por mim, mas que ele sabia que tinha que fazer a minha vida difícil para o meu próprio benefício ... ‘Agora você vê o valor de semelhante tratamento, não vê?’ Eu via. Ele frequentemente dizia para mim e para a Sangha, em tom de brincadeira, ‘Eu teria medo de ir para os Estados Unidos, porque o Varapanyo iria provavelmente querer que eu voltasse para seguir torturando ele.’”

O Venerável Varapanyo também se recordava de quando um monge visitante recebeu um tratamento similar.

“Logo antes do Retiro de Chuvas, um monge norte-americano recém ordenado apareceu. Ele tinha acabado de deixar o ‘Peace Corps’ e estava planejando ficar de mantos por alguns meses antes de voltar para casa. Ele queria ficar em Wat Pah Pong pelo retiro, mas Luang Pó recusou. Não tinha nada a ver pessoalmente com o monge. Ao invés disso, era o fato de que Luang Pó colocava novas pessoas para passar por um período probatório que não poderia ser feito durante o retiro e que, às vezes ele não era tão entusiasta quanto a pessoas que não estavam seriamente comprometidas, mas que estavam apenas brincando de ser monges.

“Então o monge ficou alguns dias e se preparou para partir, desapontado de certa forma. Na noite antes que ele partisse, Luang Pó foi ao Salão de Dhamma para dar uma palestra. Depois que os cânticos haviam terminado, ele conversou por uma hora com um leigo que tinha vindo. Depois ele começou com a palestra. Ele seguiu e seguiu. E seguiu. Depois de um par de horas, estava óbvio que ele estava jogando com a gente. Um monge novo foi tolo o suficiente para fazer uma pergunta, e ele deu uma resposta muito longa. Então ele perguntou, alguém tem mais perguntas? Ninguém se mexeu, eu pensei, ‘Talvez ele nos deixe ir agora’, mas ele

disse, ‘Bem, talvez vocês não estivessem certos sobre ...’ e seguiu com mais explicações. Parecia que ele estava cobrindo tudo sobre todo o Cânone Budista. Enquanto isso, o monge do ‘Peace Corps’, que estava sentado diretamente em frente a ele, estava se recontorcendo todo, mudando as posturas sentado, segurando seus joelhos para cima (algo definitivamente a não ser feito), e olhando nervoso para Luang Pó. Finalmente, quando era 1:15 da manhã Luang Pó olhou para o relógio e disse inocentemente, ‘Que horas são? Oh, eu acho que é hora de encerrar.’

“Talvez eu devesse mencionar que nós nunca nos sentávamos confortavelmente em cadeiras, mas diretamente no chão, e em Wat Pah Pong os pisos eram de concreto ou de granito. Nós não podíamos esticar nossas pernas, ou colocar os joelhos altos à nossa frente ou usar uma almofada. Se você está acostumado a sentar-se em cadeiras, tente fazer isso por duas ou três horas e você vai ter uma ideia de como isso era; se você está acostumado a sentar-se no chão, tente por quatro ou cinco horas em um piso duro e sem almofada.

“No dia seguinte, o monge do ‘Peace Corps’ veio até mim para reclamar, ‘Ele não devia ter feito aquilo! Que tamanha perda de tempo! É o extremo da auto-mortificação!’ (O Caminho do Meio proclamado pelo Buda significa evitar os extremos da indulgência sensual e da auto-mortificação.) Naquela tarde Luang Pó me perguntou se o monge novo tinha gostado de sua palestra da noite anterior. Eu lhe disse o que ele me havia comentado. Ele riu e disse, ‘Eu vi. Eu estava observando ele. Eu sabia que ele estava com raiva. Agora ele não vai se sentir mal por não poder ficar aqui.’”

O próprio Luang Pó parecia ter um estoque infinito de paciência com seus discípulos ocidentais ‘de alta manutenção’. Ajahn Khemadhammo recorda:

“Eu me lembro dele ouvindo atentamente conforme eu trabalhava em explicar algumas das dificuldades que eu vinha tendo, e então sorrindo e apontando para si mesmo, ele dizia, ‘Eu também!’ – e era isso. E ele era incrivelmente tolerante. Sério, com tanto monges e alguns deles eram realmente estranhos, em cuja língua ele não podia falar, devia ter sido um lote medonho para ele ter que lidar. Mas ele nunca parecia se importar, exceto em uma ocasião quando alguma coisa saiu muito errada, e então foi como se aquele velho sapo simpático e feliz de repente se transformou na

mais terrível espécie de tigre comedor de monges que você possa imaginar. Ele não estava para brincadeiras. Eu gostava disso.”

PROJETOS DE TRABALHO

No final, era a fé dos discípulos ocidentais na sabedoria e na compaixão de Luang Pó que lhes permitia entregar-se ao treinamento. Ele os tirava de suas zonas de conforto. Ele lhes mostrava que eles podiam fazer muito mais do que eles pensavam que podiam, que podiam suportar coisas que, sozinhos, eles jamais teriam suportado. Projetos de trabalho eram um bom exemplo. De vez em quando, havia um período intenso de trabalho físico, geralmente um projeto de construção, e a rotina diária era transformada. Recitação de cânticos às 3:00 da manhã, de uma a duas horas de mendicância matinal ao amanhecer, refeição às 8:00 da manhã – esses eram sacrosantos. Mas depois que a refeição diária tivesse terminado poderia haver um período de dias em que monges se tornariam pedreiros e serventes da metade da manhã até depois de escurecer. Trabalhar longas horas em temperaturas que excediam os trinta graus e umidade acima de 90%, abastecidos por apenas uma refeição diária e de quatro a cinco horas de sono, os levava aos seus limites.

A construção de um novo Salão de Uposatha foi um dos maiores projetos que Luang Pó viria a coordenar. O Salão de Uposatha é geralmente a mais bela e ornamentada construção de um mosteiro. Frequentemente, vários anos terão passado antes que um recém estabelecido mosteiro tenha fundos suficientes para construir tal salão. Esse foi o caso de Wat Pah Pong. Desde sua concepção, as recitações do *Pāṭimokkha* aconteciam em um pequeno salão construído atrás do refeitório. Apenas em 1977 teve início do trabalho de construção de um imponente Salão de Uposatha, projetado por um arquiteto discípulo de Luang Pó com um estilo moderno e pouco ortodoxo. O prédio estaria situado a oeste do Salão de Dhamma, em um platô elevado com aproximadamente três metros de altura. A terra para essa base foi trazida por caminhões, mas sem nenhum equipamento disponível, a tarefa de levar a terra para o local e compactá-la recaiu sobre os religiosos.

Foi um trabalho pesado, feito com carrinhos-de-mão, cestas de bambu e pilões de madeira. Os monges começavam às 9:00 da manhã e terminavam sob a luz de lâmpadas de querosene às 9:00 ou 10:00 da noite. A maioria

dos tailandeses, tendo antecedentes de terem trabalhado no campo, não estavam desacostumados com esse tipo de trabalho. Mas para os ocidentais, predominantemente de antecedentes urbanos de classe-média, esse era um áspero teste de resistência. Talvez pior do que a prova física era a resistência mental. Um monge disse:

“A escolha era, ou fazer o trabalho de má-vontade, esperando por estar longe de toda a atividade e exaustão, de volta à sua cabana meditando, ou apenas se entregar ao trabalho. Fazia mais sentido dizer para si mesmo: ‘Luang Pó é o meu professor e ele quer que eu faça isso. Ele não está me pedindo que faça nada errado, apenas que eu faça algo que eu não quero fazer. Por que me sentir infeliz com querer alguma coisa que eu não posso ter agora?’ Da mesma forma, eu percebi que se eu pensasse de maneira nostálgica em estar longe dali praticando meditação formal, as meditações que eu imaginava que estaria realizando eram sempre mais pacíficas do que as reais que eu vinha tendo naquela época.”

A presença de Luang Pó colocava as mentes deles para descansar. Um monge disse:

“Apenas de ver Luang Pó andando por ali paracendo tão sólido, tão inabalável, eu estaria preenchido com uma absoluta certeza de que ele sabia exatamente o que estava fazendo. ‘Se esse projeto é o correto para ele’, eu pensava, ‘é certamente bom o suficiente para mim.’”

Com a conclusão do trabalho de aterro, Luang Pó partiu por alguns dias e houve um período quase absurdo de mudar a terra de lugar. O abade interino decidiu que a terra que tinha sobrado, que tinha acabado de ser trabalhosamente movida para um local mais discreto, deveria ser removida para outro local. Os monges foram solicitados a voltarem para o trabalho com o intuito de mover a terra por uma segunda vez – uma atividade que requereu uns três dias de trabalho duro. Quando Luang Pó retornou, ele declarou sua preferência pelo local original e que a terra devia ser carregada de volta ao local onde estava, carrinho de mão por carrinho de mão, cesta por cesta. Alguns dos monges ocidentais lembravam-se de terem lido sobre as provações do yogui tibetano Milarepa, e agora sentiam que tinham uma ideia melhor de como aquilo poderia ter sido.

Contudo, o valor desse tipo de interlúdio não estava perdido para os monges envolvidos. Outro monge comentou:

“Luang Pó estava sempre criando situações onde nós tínhamos que encarar nossos velhos hábitos arraigados, particularmente aqueles nos quais nós criávamos sofrimento para nós mesmos ao querer que as coisas fossem diferentes do que elas eram. Ele nos ajudou a ver nossos desejos e, em situações cotidianas, como isso alimentava o nosso descontentamento, o quanto mentíamos para nós mesmos.”

Ajahn Brahmavamso resumiu:

“Aquilo me ensinou a olhar para a causa do sofrimento, não em coisas externas, mas em ‘mim’, em ‘minha atitude’, em ‘meu desejo’, em ‘meu apego’, em ‘minhas ilusões.’ ... E que se você não pudesse trabalhar e ser pacífico, se você não pudesse mover terra o dia inteiro e estar em paz com isso, você nunca estaria livre do sofrimento.”

IV. NO NARIZ

ENCARANDO OS FATOS

Luang Pó demonstrava muita compaixão pelas dificuldades de seus discípulos ocidentais, mas ele também poderia brincar com eles quando eles se tornassem auto-complacentes. Em uma ocasião, ele imitou como se estivesse enxugando lágrimas dos olhos e dizendo tragicamente, ‘Ele é meu pai, eu sou seu filho ...’, antes de rir e sacudir a cabeça. Essa performance deixou uma impressão profunda no Venerável Varapanyo, para quem aquilo tinha sido ‘um exemplo da forma como Luang Pó via através da atitude de auto-importância que os ocidentais são especialmente propensos a ter, como ela glorifica e aumenta o sofrimento desnecessariamente’.

Ajahn Santacitto recorda de ter sido parte de um grupo de monges que ajudavam Luang Pó a banhar-se:

“Enquanto nossas várias mãos ensaboavam suas costas, braços e pernas, ele me disse: ‘Santacitto, você alguma vez deu banho em seu pai assim?’ Mesmo que eu já tivesse aprendido – às vezes da forma mais difícil – a não

receber esse tipo de pergunta como sendo literal, eu segui o que parecia ser um caminho seguro e me referi a diferenças culturais para explicar porque eu nunca tinha feito aquilo. Então ele disse: ‘É por isso que a prática é tão difícil para você.’ Suas palavras simples foram muito contundentes para mim.”

Vários dos ensinamentos mais memoráveis de Luang Pó envolviam colocar os monges em posições nas quais eles ficariam cara-a-cara com suas impurezas e não teriam outra chance a não ser abrir mão delas. As reações à elogios e críticas eram um terreno fértil para tal instrução.

Ajahn Viradhammo passou seu primeiro Retiro de Chuvas em um mosteiro afiliado e, enquanto ele estava lá, ele memorizou o *Pāṭimokkha*. Recitado com velocidade, o texto leva aproximadamente quarenta e cinco minutos para ser recitado, e sua memorização é um feito formidável. Ele retornou à Wat Pah Pong ao final do ano com uma sensação de dever cumprido. Mas por ser um jovem monge, ele achou que ainda passaria um longo tempo antes que lhe fosse concedida a honra de recitá-lo sozinho em meio à toda a Sangha de Wat Pah Pong.

“Luang Pó, como quem não quer nada, me perguntou se eu podia recitar o *Pāṭimokkha*, certo de que eu não poderia. Eu o surpreendi ao dizer que eu poderia fazê-lo. Com uma considerável ansiedade ao apresentar-me, eu recitei as regras de uma forma bastante decente e Luang Pó me encheu de elogios.

“Receber tantos elogios de Luang Pó não era pouca coisa, e meu coração se inchou de alegria e orgulho pela honra e pela atenção que eu tinha recebido. Duas semanas depois, Luang Pó me ordenou que recitasse novamente. Isso pareceu um pouco estranho, mas eu pensei que estava apto a ‘me mostrar’ mais uma vez. Nervoso como sempre, eu comecei com o cântico introdutório mas, depois de poucas frases, Luang Pó estava puxando o meu manto externo* e dizendo ao monge ao lado dele que o manto do monge que estava recitando fedia. Ele disse: ‘Será que ele não lava os mantos?’

“Meu poder de concentração era limitado na maioria das vezes, e essa interrupção foi bastante irritante. Eu perdi meu foco, cometi alguns erros,

*Veja Apêndice I

retomei meu foco e comecei de novo. Durante a hora seguinte, Luang Pó continuou interrompendo a minha concentração repetidamente. A cada vez eu ficava mais confuso ou irritado e me resultou muito difícil terminar a recitação. Eu não consigo lembrar se os outros monges estavam rindo entre si, mas estava óbvio que Luang Pó estava oferecendo um ensinamento muito direto e difícil: ‘Você gosta de elogio e sucesso, mas quando você é criticado ou comete uma falha você sofre. Vá além de elogios e críticas para ser livre do sofrimento.’”

UM PERFUME NATURAL

Luang Pó logo percebeu que o humor estava entre as ferramentas mais efetivas que ele tinha à sua disposição para ensinar os discípulos ocidentais. Ela lhe permitia apontar as impurezas mentais deles de uma forma que eles não achassem opressiva ou que lhes enchesse de auto-aversão. Ao encorajá-los a verem o lado bem humorado de suas frustrações, irritações e raiva, ele lhes mostrava como rir de si mesmos e então abrir mão da identificação com suas fraquezas. Mas ele não fazia isso contando piadas, por risadas fáceis. Ao contrário, ele apontava o lado absurdo de seus desejos, lhes presenteava com analogias folclóricas, encenava contos hilários. Os monges não deviam dar gargalhadas de suas atuações, mas era difícil para eles manterem uma expressão séria quando ele estava em tal estado de espírito. O Venerável Varapanyo recorda de um ensinamento dado a um monge norte americano chamado Gary que se tornou algo lendário.

“O Gary tinha uma namorada nos Estado Unidos e pensava que ele devia voltar e casar-se com ela um dia – ele entrou na vida monástica sem o senso de comprometimento a longo-prazo. Então a carta “*Querido João*” chegou: ela tinha se casado com outro homem. Eu não estava lá quando isso aconteceu, mas os outros disseram que o Gary ficou muito chateado. Um dia alguém mencionou o ocorrido à Luang Pó. Com sua impiedosa compaixão, ele aconselhou ao Gary a escrever para a mulher e pedir para que ela enviasse um frasquinho com pouco do cocô dela para ele. Assim, sempre que ele pensasse nela com saudades, ele poderia abrir o frasquinho e cheirá-lo.”

Em outra ocasião, espalhou-se um rumor que os Comunistas estavam colocando alguma química no macarrão instantâneo que fazia o pênis

murchar. Luang Pó aconselhou os monges que se eles percebessem que seus pênis estivessem começando a murchar, que então eles dessem um nó nele, para que assim ele não desaparecesse completamente.

PALAVRAS

Luang Pó partilhava com várias pessoas de sua cultura um amor pela linguagem e pelo jogo de palavras. Suas palestras eram frequentemente ornamentadas com trocadilhos e uso não ortodoxo de palavras. Então era com verdadeiro deleite que ele observava as desventuras de seus discípulos ocidentais em seus esforços de aprender o idioma tailandês, tão cheio de tons diferentes. Gafes eram frequentes porque, embora a gramática tailandesa seja muito direta, os diferentes tons são um campo minado. A palavra '*lek*', por exemplo, pronunciada em um tom alto significa 'pequeno' e, em um tom baixo, 'ferro'. Um dia Luang Pó disse a um jovem monge australiano para que fosse buscar o monge que vivia na cabana com porta de ferro. Quando o monge retornou, vários minutos depois e mal sucedido em sua busca, ele ficou confuso por um surto de risos quando ele disse à Luang Pó que as portas de todas as cabanas pareciam ter o mesmo tamanho.

Os erros de pronúncia mais embaraçosos entravam para o folclore do mosteiro. Desses, o mais notório ocorreu quando um monge, aconselhando Luang Pó a não visitar o ocidente em dezembro, achou que tivesse dito que a razão era que haveria muita neve naquela época do ano. O que ele na verdade disse – e nos termos mais grosseiros – era que não seria uma boa ideia ir para lá dada a temporada abundante de vaginas de cadelas.

Quando ensinava seus discípulos ocidentais, Luang Pó levava em conta a variação deles em habilidades com idiomas. Tirando as palestras de Dhamma formais que ele dava, ele frequentemente dava curtos ensinamentos em frases bem simples para prevenir mal entendidos. As exortações para suportar, '*Ot Ton!*' e para abrir mão, '*Ploi Wang!*' eram logo conhecidas de todos. Ele usava metáforas e símiles que fossem fáceis de entender: 'Você é como alguém que quer que um pato seja uma galinha', ele poderia dizer. Frequentemente suas palavras seriam inesperadas, aparentemente improvisadas, e quem as tivesse recebido ia embora pensando, 'Ele acabou de dizer o que eu acho que ele disse?' 'O que é essa mente?' ele perguntou uma vez, de forma retórica. 'Nenhuma coisa em absoluto.'

Um debate recorrente na transmissão do Budismo no ocidente vem sendo sobre a extensão na qual o Dhamma pode ou deveria ser separado do contexto cultural, ou ‘armadilhas’, nas quais ele vem sendo transmitido através dos séculos. Um Budismo sob-medida para o ocidente, desatado dos costumes asiáticos, foi o objetivo de vários pioneiros. Mas para os ocidentais que tomaram seu caminho para Wat Pah Pong, submeter-se ao treinamento monástico implicava uma aceitação de todo o ‘pacote budista tailandês’. Para alguns monges, adaptar-se ao estilo tailandês de fazer as coisas poderia ser irritante. ‘Mas isso não está no Vinaya, é apenas um costume tailandês!’ era uma queixa comum de monges que tivessem sido advertidos por ‘equívocos’ tais como usar um travesseiro como almofada para sentar. Poucos dos monges tailandeses faziam qualquer distinção sobre o que eram partes da tradição monástica que remetiam à época do Buda e quais eram adições mais recentes. Um monge ocidental mostrando desrespeito a qualquer faceta do treinamento poderia ser visto como se estivesse menosprezando o treinamento como um todo. Luang Pó enaltecia que os monges ocidentais fossem humildes, respeitosos e observantes em face ao que não lhes fosse familiar, que abrissem mão de apegos a seus antigos modos.

Uma perturbação comum para vários dos monges ocidentais era ter que participar de cerimônias que pareciam remeter muito mais ao Brahmanismo do que ao Budismo ‘puro’ que eles esperavam encontrar em um mosteiro de floresta. Embora Luang Pó não fosse de satisfazer às crenças supersticiosas da população local, ele tampouco era um fundamentalista e ele estava disposto a realizar uma ou duas as cerimônias locais mais benignas, como uma forma de trazer as pessoas para o Dhamma.

Ajahn Santacitto, um daqueles que chegou em Wat Pah Pong procurando por um professor de meditação que o instruisse em vipassanā, tomou um choque rude em seu primeiro dia.

“Depois da refeição, um pequeno grupo de moradores locais esticou um pano branco sobre suas cabeças, os monges à minha volta começaram a recitar um cântico, e Luang Pó começou a pingar a cera de uma vela em uma tigela com água. Quando o cântico tinha terminado, ele aspergiu essa ‘água

benta' sobre as cabeças agora descobertas das pessoas. Eu estava chocado pelo que me pareceu ser uma superstição sem cabimento. Mas então meus olhos se voltaram para Luang Pó. Para minha surpresa, ele tinha um sorriso travesso em seu rosto, como um garoto que está se divertindo com algo. Eu fiquei completamente desarmado. Mas o ponto crucial aconteceu quando o ritual tinha acabado e ele deu uma palestra de Dhamma, quando eu percebi o quão atentos os moradores se sentaram ali para escutar.”

PONTAPÉ INICIAL

Se um monge sentisse que tinha sido escolhido para receber um ensinamento específico, isso podia deixar uma impressão especialmente profunda. Isso aconteceu com Ajahn Nyanadhammo durante o seu primeiro Retiro de Chuvas em Wat Pah Pong. Naquela época, um monge sênior frequentemente o procurava para puxar conversa durante o retorno da mendicância matinal diária ao mosteiro. Enquanto eles caminhavam, esse monge ficava expondo as faltas de vários outros monges e tagarelava o que parecia ser uma corrente interminável de reclamações. Ajahn Nyanadhammo achava o monge orgulhoso e hipócrita, mas sendo júnior em relação a ele, se sentia incapaz de se afastar de forma polida. Ao final de uma dessas caminhadas, ele chegou ao mosteiro se sentindo irritado e incomodado. Mas um dia, enquanto ele passava pela cabana de Luang Pó revendo todas as faltas desse monge que ficava apontando as faltas dos outros, seu estado de espírito azedo se dissolveu em um instante. Um sorridente Luang Pó, praticando seu inglês, o viu e lhe desejou um caloroso, ‘Bom dia!’

Naquela noite, Ajahn Nyanadhammo foi à cabana de Luang Pó oferecer-lhe uma massagem nos pés. Quando o sino tocou para a recitação noturna e os monges começaram a ir embora da cabana, Luang Pó lhe disse que continuasse com a massagem e pediu para que alguém apagasse as velas.

“A lua estava apenas despontando e eu estava ouvindo os monges recitarem os cânticos. Enquanto eu massageava os seus pés, Luang Pó estava ali sentado em silêncio na escuridão meditando – era realmente inspirador – e então, de repente, ele levantou o pé e me deu um pontapé no peito. Eu caí para trás no chão. Ele apontou para mim e disse: ‘Lá, uma pessoa diz algo que você não gosta e você fica chateado. Outra pessoa apenas diz,

‘Bom dia’, e você fica feliz o dia inteiro. Não siga os seus estados de espírito. Não se apegue às palavras dos outros.’”

VOCÊ PODE IR

Luang Pó era habitualmente reticente quanto ao assunto de poderes paranormais e houve poucas ocasiões nas quais ele foi visto demonstrar claramente que os possuía. Mas em uma ocasião ocorreu que um certo monge australiano recebeu uma carta de casa informando sobre a morte de seu pai e pedindo se ele poderia voltar para casa para uma visita.

Esse monge tinha uma energia e um temperamento tais que lhe renderam o apelido de ‘Venerável Alta Octanagem’ entre os monges tailandeses. Ele era um homem extremamente inteligente, que considerava aqueles que dicordassem de seus pontos de vista (frequentemente bastante cínicos) como sendo culpados por pensamentos ilusórios e incapazes de encarar as duras verdades da vida. Embora ele tivesse um grande respeito por Luang Pó, ele podia sair humilhando a qualquer um que ele percebesse que estava colocando seu professor em um pedestal muito alto. A crença nos poderes paranormais de Luang Pó era, para ele, um bom exemplo das mentes confusas que ele achava tão irritantes.

Quando o monge chegou na cabana de Luang Pó, com a carta na mão, com o intuito de pedir conselhos, Luang Pó estava falando com outros monges e então ele se sentou para esperar. Depois de um tempo, Luang Pó se virou para ele e disse, ‘O que você faria se sua mãe te escrevesse uma carta e te convidasse para voltar para casa para uma visita? Você poderia lidar com isso?’ O monge foi completamente pego de surpresa. Ele não tinha mencionado o assunto a ninguém. Ele percebeu que Luang Pó estava perguntando se ele era confiante de que poderia manter sua prática do Vinaya fora do ambiente protegido do mosteiro. ‘Eu tentarei’, ele respondeu. Luang Pó disse: ‘Você pode ir se você quiser.’

O CHEIRO EM SUA BOLSA

O Venerável Aranyabo era outro monge com uma mente altamente crítica. Depois de retornar de um mosteiro afiliado com a familiar liturgia de reclamações, Luang Pó disse a ele:

Aranyabho, você tem cocô de cachorro em sua bolsa de ombro, você percebe isso? Em todo lugar que você vai, você se senta e percebe um cheiro ruim. Então você pensa, ‘Eca, esse lugar não é bom.’ E você pega sua bolsa e vai para outro lugar. Você se senta e lá está o mau cheiro de novo, e você se levanta de novo levando sua bolsa consigo. Você nunca percebe que o cheiro ruim está vindo do cocô de cachorro em sua bolsa de ombro, e então você a carrega para onde quer que você vá.

Essa era uma variação de um dos contos favoritos de Luang Pó para dar ensinamentos: o cão sarnento que culpa a todo lugar onde ele se senta pela coceira que o atormenta. O Venerável Aranyabho escutou essa contundente advertência com uma expressão que era presumidamente mais parecida com a de uma ovelha do que a de um cachorro. O Venerável Varapanyo comentou:

“Nunca havia ressentimento quando ele falava dessa forma com as pessoas porque nós sabíamos que aquilo estava vindo de um coração puro e amável; ele nos estava oferecendo bem ali uma solução clara e simples para os nossos problemas, uma que ele obviamente tinha praticado. Suas palavras e todo o seu ser, simplesmente diziam, ‘Abra mão – agora.’ ”

V. CONHECEDOR DOS MUNDOS

RESULTADOS DA PRÁTICA

Enquanto a vasta maioria dos ocidentais que ingressaram na vida monástica em Wat Pah Pong eram homens, também houve um pequeno número de mulheres ocidentais que foram treinar como *mé chis*. Em destaque entre elas, houve uma norte americana que havia adotado o nome ‘Khamfá’, que chegou com seu marido Paul depois de escaparem de sua casa no Laos, antes da tomada do poder pelos comunistas em 1975. O casal decidiu tentar ficar por cinco anos com a condição que, se a qualquer momento ambos quisessem partir, então eles o fariam; contudo, no caso de que um quisesse ir e o outro quisesse ficar, então ambos deveriam prosseguir lá e atravessar as dificuldades. Foi um desafio para ambos, mas eles sobreviveram pelos cinco anos.

Ao final de cada ano, Luang Pó permitia à Mé Chi Khamfá ir ao Wat Pah Nanachat por alguns dias onde ela teria a chance de falar com Paul (então conhecido como Venerável Thitabho). Mas na maioria das vezes, o relacionamento deles era confinado aos recados clandestinos, trocados em segredo em um local combinado na floresta no caminho das *mé chis* para a cozinha. De várias formas, foi mais difícil para Mé Chi Khamfá: como uma monja, ela tinha muito menos acesso a Luang Pó e, no setor das *mé chis*, sua inspiração podia facilmente diminuir. Mas o Venerável Thitabho tampouco achou a vida monástica fácil e, às vezes, ele provavelmente teria preferido a distância de Luang Pó da qual sua esposa se ressentia.

Ao final da década de 1970 Luang Pó se tornou uma figura mais semelhante a de um avô. Mas o velho fogo e a habilidade em dar advertências corrosivas ocasionalmente voltavam à superfície. Ele também era capaz de dar uma bronca sem proferir uma palavra sequer, como ele demonstrou um dia quando flagrou o Venerável Thitabho quebrando uns dos regulamentos monásticos chave.

Estoques pessoais de chá, café, açúcar e outros itens eram proibidos em Wat Pah Pong. Esperava-se que todos estivessem satisfeitos com quaisquer bebidas que fossem fornecidas para a comunidade. Contudo, alguns monges ocidentais – o Venerável Thitabho incluído – persuadiam a si mesmos de que eram um caso especial nesse sentido e que, se eles fossem discretos o suficiente sobre o assunto, ferver um bule com água na floresta e tomar uma xícara de chá juntos era uma indulgência menor, inofensiva. De vez em quando, eles se encontrariam na cabana do Venerável Thitabho, onde um antigo bule negro era guardado em segredo.

Um dia, o Venerável Thitabho recebeu um pacote de chás finos de sua irmã na Inglaterra. Ao final da tarde, ele fez uma pequena fogueira na floresta atrás de sua cabana, em um local onde a fumaça não seria visível do caminho, para saborear uma primeira xícara desse novo pacote. Mas quando um arrepio involuntário atravessou seu corpo, ele rapidamente se virou para ver que ali estava Luang Pó, imóvel e com uma expressão dura, olhando para ele. Era como o pesadelo dos provérbios se tornando realidade. Luang Pó se encaminhou para o estoque ilícito, levantou sua bengala e golpeou fortemente algumas jarras do chá, cuspiu no chão e ele então saiu caminhando em silêncio.

Luang Pó passou a maior parte da segunda metade de 1979 coordenando a renovação do mosteiro em Bahn Kor onde ele passou seus primeiros anos como monge. Mais para o final do ano, o Venerável Thitabho foi apontado como seu atendente. Um dia, um grupo de visitantes tailandeses começou a elogiar os monges ocidentais por sua renúncia e dedicação. Luang Pó concordou que sim, seus discípulos ocidentais eram realizados, vários deles podiam recitar o *Pāṭimokkha*. ‘Eles são todos muito inteligentes,’ ele então pausou dramaticamente, ‘exceto por esse aqui’, e apontou para Thitabho, ‘Ele é realmente estúpido.’ Mais tarde, Luang Pó perguntou manhosamente para Thitabho se ele tinha ficado nervoso por ter sido tratado daquela forma. Thitabho disse, ‘Como é que você pode ficar nervoso com uma montanha?’ Luang Pó ficou contentíssimo. Aos risos, ele se virou para um dos noviços ao seu lado e disse, ‘Escreva isso. Escreva isso!’

Finalmente, os cinco anos passaram. Nos últimos poucos meses, a sensação crescente de isolamento de Khamfá no setor das *mé chis* foi explorado por uma missionária cristã fundamentalista. Aquilo culminou, de forma um tanto bizarra, em sua conversão (‘Talvez ela esteja certa’, disse um inexpressivo Luang Pó, surpreendendo ao Ajahn Sumedho, que veio trazer a notícia). Depois que eles partiram, o ex-Thitabho adotou a fé da esposa. O casal enviou cartas aos monges ocidentais lamentando o que eles chamavam de ‘aridez da espiritualidade budista’, e exultando no que eles acreditavam ser um senso compartilhado da presença de Cristo. Uma das suas maiores reclamações era que, depois de cinco anos no mosteiro, eles não podiam ver quaisquer resultados tangíveis da prática. Não importa o quanto eles tivessem tentado, a vida pareceu permanecer praticamente a mesma. Esses comentários foram passados para Luang Pó. Então um dia, uma foto do casal com seu primeiro filho chegou pelo correio. Ela foi mostrada à Luang Pó. Ele a observou por um momento e então disse, ‘Enfim, eles puderam ver os resultados de sua prática.’

NATUREZA E ATENÇÃO

Enquanto Luang Pó obviamente tinha pensado que o Venerável Thitabho se beneficiaria de palavras contundentes ou humilhantes, ele via que outros tinham uma maior necessidade de atenção e educação. O Venerável Varapanyo era um membro desse grupo. Quando era um jovem monge,

o Venerável Varapanyo lutava contra o desejo por açúcar, que culminou em que ele se empanturrasse com um pacote de doces que tinham sido enviados para ele por sua família. O lapso o impulsionou a um frenesi de culpa e auto-abominação. Ele foi se confessar com Luang Pó:

“Eu coloquei para fora, ‘Eu sou impuro, minha mente está estragada, eu não sou uma boa pessoa.’ Ele pareceu preocupado. ‘O que aconteceu?’ ele perguntou. Eu lhe contei a estória. Naturalmente ele estava ahando graça, e em poucos minutos, eu percebi que ele já tinha feito com que eu mesmo estivesse rindo. Eu estava me sentindo muito leve, o mundo já não estava mais prestes a acabar; na verdade, eu já tinha esquecido do meu fardo. Esse era um de seus dons mais mágicos. Você podia estar sentindo-se muito pesado, deprimido e desapareado e, depois de estar com ele por perto por alguns minutos, tudo aquilo desapareceria e você pegaria a si mesmo rindo. Às vezes você apenas precisava ir e sentar-se em sua cabana, estar perto dele enquanto ele conversava com os outros. Mesmo quando ele não estivesse lá, você poderia ter ‘um barato’ de uma sensação de paz assim que chegasse perto de sua cabana para fazer uma limpeza ou varrer as folhas.”

Mas era a oportunidade de servir como atendente de Luang Pó que viria a ter o efeito mais profundo.

“Havia geralmente muita competição pela honra de esperar por ele, mas eu tinha tido a permissão de ir à sua cabana para as tarefas do início do dia, antes de amanhecer. Isso significava ter que acordar ainda mais cedo nas manhãs frias, mas eu estava inspirado. Quanto mais eu passava tempo com ele, mais seguro eu me sentia. Ele podia me dar pequenos discursos de tempos em tempos, seguir verificando como eu estava, perguntando sobre o meu passado e etc. Eu comecei a sentir, aqui havia alguém inabalável, como uma montanha. ‘Acreditar em Deus é saber que alguém em algum lugar não é estúpido.’ E realmente me parecia que eu havia encontrado esse alguém; ele era para mim o que você sempre esperou que seu pai, sua família, seu médico, seu padre, seu professor, Papai Noel e o Super-Homem fossem, todos no papel de apenas um. Ele segurava tirando coelhos de sua cartola – ensinamentos, coisas a fazer, remédios, o que quer que fosse – para que então a situação começasse a parecer aberta, como se houvesse possibilidades ilimitadas esperando por mim, muito diferente do caminho sombrio que eu imaginei por tanto tempo.

“Então, nas manhãs eu fervia água e lhe trazia água quente e água fria para que ele lavasse o rosto. Quando ele descia as escadas, eu lhe dava a água e me ajoelhava ali com uma toalha enquanto um dos noviços pegava sua dentadura para limpar. Geralmente ele andaria por ali com a toalha e me permitia segui-lo, até que ele finalmente me desse a toalha para estender. Seus mantos estariam prontos para vestir para a mendicância matinal, mas antes ele iria verificar coisas em sua cabana, jogar algum arroz para os frangos-do-mato, sentar e conversar, tomar chá.

“Ocasionalmente, umas duas monjas poderiam vir nessa hora para discutir algum assunto. Era sempre interessante assistir os monges e monjas locais quando eles vinham vê-lo. Eles se dirigiam a ele com extremo respeito, quase como se estivessem aterrorizados por ele. Com nós ocidentais, ele era geralmente o velho bondoso, embora com o passar dos anos eu o veria assumir vários papéis diferentes. Ele podia fazer com que você o amasse ou o odiasse, sentisse respeito, medo, dúvida ou aversão por ele, e ele poderia fazer malabarismos rapidamente com nossos estados mentais. Para mim, naquela época, ele estava inspirando a fé. Aquelas cenas das manhãs cedo foram especialmente efetivas: o mosteiro estava quase vazio, a maioria dos monges havia partido antes para suas rotas de mendicância matinal, e nós estávamos limitados a cerca de 15 minutos antes que tivéssemos que ir, então a situação se intensificava – sem contar o fato de que era muito engraçado ver o grande homem sentado ali sem seus dentes, parecendo então uma pequena vovozinha ucraniana.

“Nas tardes, depois de varrer a sua cabana, esvaziar a sua cuspeira e realizar outras tarefas, eu me sentava por um tempo para escutá-lo falar com quem quer que estivesse ali, às vezes para conversar, ou para oferecer uma xícara de chá, mas na maioria das vezes apenas para estar lá. Depois que os convidados tivessem ido embora, ele tomava o seu banho com alguns de nós ajudando-o, segurando sua toalha, pegando o seu manto, oferecendo-lhe um pano de banho seco, lavando as suas costas e os seus pés, limpando suas sandálias.”

Conforme o Venerável Varapanyo foi ficando mais estabelecido e confiante, Luang Pó começou a usá-lo como o personagem de seus contos de ensinamentos. Varapanyo geralmente assumia o papel do bobo: às vezes o

bobo que nunca entende o que está acontecendo, às vezes o bobo que vê a luz.

“Estava esfriando, e um monge que estava indo embora me sugeriu que a cabana dele poderia ser um pouco mais confortável pois ela era menor e com menos ventos batendo nela. Então eu me mudei. Mas ela era perto do muro do mosteiro e os fazendeiros passavam perto dele com seus búfalos durante o dia. Isso me incomodava pois eu ainda estava convencido que meditação e barulho não se misturavam, então depois de alguns dias eu me mudei de volta. É claro que alguém percebeu (a CIA não é nada perto de uma comunidade monástica) e foi logo avisar a Luang Pó. Ele me questionou sobre aquilo e, com o passar dos anos, eu escutaria aquela estória várias vezes, expandida e embelezada.

“Ele frequentemente usava incidentes como esse (de alguma forma ‘sob-medida’ para um propósito específico) para ensinar. Ele poderia falar para as pessoas sobre como aprender sobre os truques da mente, sobre como ela se torna entediada e insatisfeita, sempre querendo algo diferente: ‘Pegue o Varapanyo, por exemplo – ele veio ao Wat Pah Pong e estava sentado em sua cabana, mas ele não estava feliz. Ele se mudou com todas as suas coisas para ficar em outra cabana, mas tampouco estava feliz ali.’ Ele sempre contava as histórias de uma forma muito gentil e engraçada, todos dariam boas risadas e ele então iria ao ponto: é a mente que faz tudo isso; conheça a sua mente.”

Março e Abril eram os meses mais cruéis do verão. Os monges ocidentais estariam ali se arrastando, ocasionalmente tendo lapsos de sonharem acordados com uma tempestade refrescante.

“O calor era um tormento com a fadiga e o desconforto que ele me trazia. Uma tarde, alguém trouxe bebidas geladas da cidade. Eu tomei vários copos e me senti tão aliviado que logo comecei a pensar que eu poderia fazer a minha família doar uma máquina de fazer gelo para o Wat Pah Pong; ela poderia funcionar com o gerador por algumas poucas horas por dia e nós sempre teríamos gelo. Isso parecia um pensamento perfeitamente válido para mim. Finalmente eu comecei a perceber que o Buda vivia na floresta e realizava suas práticas ascéticas sem as nossas conveniências modernas, tais como gelo, então eu provavelmente poderia suportar e sobreviver

sem aquilo. Eu mais tarde contei para Luang Pó sobre esse episódio que tinha passado por minha mente. Aquilo se tornou um de seus ‘contos de ensinamento’ sobre como contemplar situações para eliminar sofrimento desnecessário: ‘Varapanyo estava morando na floresta e tinha chegado o verão. Ele sentia muito calor, eles estava realmente infeliz. Tudo o que ele conseguia pensar era em gelo. Mas então ele contemplou, “Quando o Buda viveu na floresta, ele tinha gelo? Não! Ele não tinha.” Isso foi a sabedoria surgindo. Então ele se tornou feliz, seu problema estava resolvido.’”

NINGUÉM SABE

Luang Pó podia ser tão perspicaz e penetrante sobre os modos gerais do mundo que os monges ocidentais podiam ficar surpresos por quão pouco interesse e quão pouco conhecimento ele tinha pelos detalhes do mundo. Contudo, ele ocasionalmente demonstrava curiosidade sobre o ocidente, sobre sua cultura e costumes. Um dia, ele perguntou para Ajahn Sumedho o que eram os hippies, e depois de ouvir a descrição, ele disse que parecia que eles dariam bons monges. Ven. Varapanyo lembrou:

“Ocasionalmente Luang Pó perguntava sobre a vida e costumes ocidentais, sobre minhas experiências passadas, sobre ciência (astronomia era geralmente de interesse dos tailandeses). Ele era desinteressado, no sentido de que ele não estava desejando nada em específico, mas ainda assim ele era muito interessado pois, de uma hora para a outra, ele tinha em suas mãos várias dessas pessoas vindas de uma parte do mundo da qual ele não sabia quase nada, e ele se importava conosco ...

“Uma coisa pela qual ele nunca demonstrou qualquer interesse era em política, fosse nacional ou internacional. Um dia, algum tempo depois da reeleição do Richard Nixon, ele disse, ‘Nixon se safou’ – um visitante deve ter contado a ele e ele apenas passou aquilo para mim com essa simples frase. E então, uma vez quando alguns de nós fomos vê-lo ele disse, ‘CIA: ninguém sabem quem são eles. Quem é a CIA? Ninguém sabe.’ E essa era a extensão da discussão política que eu posso lembrar ter tido com ele.”

meio de toda a Sangha, ‘*Anuññātosī mātāpitūhi?*’ ‘Você tem permissão de seus pais?’ E ele responde ‘*Āma bhante.*’ ‘Sim, Venerável.’ Afortunadamente, uma falha do candidato em admitir a oposição dos pais a esse questionamento não invalida a cerimônia, já que vários dos monges ocidentais foram incapazes de conseguir a bênção de seus pais até que já tivesse passado um bom tempo depois de sua admissão na Sangha. Alguns monges suportaram anos de rejeição por parte de suas famílias. Outros recebiam cartas constantes implorando para que eles voltassem para casa – impossíveis serem simplesmente descartadas sem abrir, porém que davam um aperto no coração ao serem lidas depois das primeiras linhas. De sua parte, alguns dos pais eram agonizados por pensamentos de que seu filho fosse agora alguém que tivesse sofrido uma lavagem cerebral e participasse de algum estranho culto no meio da selva fechada; outros se sentiam feridos pela rejeição de seus valores e tradições religiosas e lamentavam profundamente a perda dos sonhos que eles um dia tiveram para seu filho. Mesmo aqueles pais que respeitavam e davam apoio para a escolha do filho – números esses que provavelmente excediam aos que não o faziam – tinham que se conformar com o lamento de saber que talvez pudesse passar anos antes que eles pudessem vê-lo novamente.

Alguns monges sucumbiam à pressão da chantagem emocional. Um foi enganado para voltar para a Inglaterra por um telegrama informando falsamente que sua mãe tinha tido um ataque cardíaco. Para outros, quando sua prática titubeava, saber que seus pais reprovavam o que eles estavam fazendo tornava ainda mais difícil que eles justificassem para si mesmos a dor que estavam causando. Falta de apoio dos pais era frequentemente um fator – às vezes decisivo – quando monges afligidos por dúvidas, desencorajamento ou desejos sensuais começavam a considerar voltar para a vida leiga. Contudo, em praticamente todos os casos em que esses monges permaneciam, seus pais eventualmente vinham visitá-los. Ao menos, uma carta conciliatória chegaria, anunciando uma visita ou oferecendo uma passagem de avião para uma visita à casa, expressando aceitação pelo estilo de vida do filho.

Luang Pó saía do seu caminho convencional para dar as boas vindas aos pais de seus discípulos ocidentais em Wat Pah Pong. O calor e a bondade que ele

demonstrava para eles era de uma tal intensidade fascinante que poucos deles conseguiam resistir. A maioria dos pais ficavam completamente encantados e suas preocupações eram colocadas de lado. Mesmo os mais céticos dos pais mostravam sinais de ‘degelo’. ‘Eu devo dizer, realmente existe algo especial nele.’ era o que eles diriam depois de encontrá-lo, ou então admitiriam, ‘Bem, ele realmente parece ser uma pessoa muito boa.’ Somado a isso, eles viam mudanças positivas em seus filhos que eles não podiam evitar de sentir orgulho. Eles ficavam impressionados pela grande reverência com a qual os monges eram tratados pelas pessoas de todos os níveis da sociedade tailandesa. Mesmo que no fundo de seus corações eles tivessem esperança que seu filho um dia largasse o manto, ao menos, pelo tempo que fosse, suas mentes estariam em paz.

No começo da década de 1980, teve início uma tentativa que não prosperou em começar uma comunidade de *mé chis* em Wat Pah Nanachat. Uma jovem mulher de Hong Kong, Irmã Suddhamma, se tornou uma das primeiras participantes. Seus pais estavam extremamente chateados e sua mãe escrevia com intervalos regulares implorando para que a filha voltasse para casa. A monja escrevia de volta, polidamente recusando e pedindo tempo e compreensão à sua mãe. Ao receber aquilo, a mãe respondeu imediatamente com uma ameaça de suicídio. A monja ficou muito ansiosa, sem realmente acreditar na ameaça, não querendo retornar para Hong Kong mas ainda assim sem estar certa do que seria o correto a fazer. Luang Pó a aconselhou a não largar o manto, mas a convidar a mãe dela para uma visita. Ele disse: ‘Ela sente essa antipatia porque, não tendo visto por ela mesma o que você está fazendo, ela está imaginando um monte de coisas ruins.’ Ele fez uma comparação:

Para dizer a verdade, eu era desse mesmo jeito uma vez – mas com relação a queijo. Eeeeca! Eu odiava o cheiro daquilo. Era horrível. Quando eu fui para o ocidente, todo mundo fedia àquilo. Mas eu fiquei mais e mais perto dele, e um dia me deram um pouco. Eu pensei que poderia ser bom experimentar um pouco. Mmmm ... era muito bom. Agora eu acho aquilo delicioso. Hoje em dia eu como mais do que os próprios ocidentais. Eu costumava pensar que aquilo cheirava a cocô de galinha, e agora eu gosto daquilo. Então fique aqui. Não vai demorar muito e sua mãe virá.

E ela foi. E depois que as suspeitas iniciais e a paranoia se desfizeram, ela começou a entender, e até a aceitar a decisão de sua filha e retornou a Hong Kong com sua mente muito mais tranquila.

Outra ocasião na qual as habilidades diplomáticas de Luang Pó foram demonstradas ocorreu com a chegada de Randy (mais tarde, Ajahn Kittisaro), um campeão de luta romana no Tennessee e acadêmico da Universidade de Rhodes. Durante suas férias de verão da Universidade de Oxford, Randy viajou para a Tailândia para realizar uma pesquisa sobre o Budismo Tailandês. Ali ele encontrou Luang Pó e ficou inspirado em tornar-se um monge. Os pais de Randy ficaram chocados e profundamente preocupados. Eles pegaram um avião para a Tailândia para salvá-lo da lavagem cerebral e de arruinar seu futuro. Ao encontrarem Luang Pó, contudo, suas preocupações se dissolveram. Eles ficaram impressionados com as mudanças que eles viram em seu filho: uma recém encontrada autodisciplina, serenidade e resolução. Luang Pó então realizou uma cerimônia de Ordenação de Randy como noviço com o intuito de que seus pais pudessem presenciar o ingresso do filho na Sangha antes de voltarem para casa. Na manhã da cerimônia, eles foram para a cidade e trouxeram alimentos para oferecer para a Sangha de Wat Pah Nanachat como uma oferenda celebratória em um dia auspicioso.

UMA COBRA EM CASA

Com o passar dos anos, vários leigos ocidentais foram passar um período em Wat Pah Pong. Um grande número chegou sem a intenção de tornarem-se monges ou monjas, mas simplesmente com o desejo de receber os ensinamentos de Luang Pó, e de participar por algum tempo da vida da comunidade monástica. Geralmente, Luang Pó delegaria a tarefa de lhes dar ensinamentos básicos a um monge sênior ocidental, mas de vez em quando ele mesmo daria palestras de Dhamma aos visitantes leigos, ou responderia as suas perguntas.

Às vezes se alega que monges são desdenhosos da prática dos leigos, e que grandes mestres reservam os ensinamentos profundos apenas para aqueles que tivessem feito o comprometimento com a vida monástica. Esse não era o caso de Luang Pó. Visitantes leigos com um interesse sincero pela prática o energizavam. Na verdade, os monges ficavam entusiasmados quando

sabiam que Luang Pó daria uma palestra de Dhamma para os visitantes estrangeiros, por causa da profundidade do Dhamma que eles podiam esperar ouvir.

Uma palestra, subsequentemente publicada como *'Living with the Cobra'*, dá uma boa ideia do sabor desses ensinamentos. Nela, Luang Pó comparou os estados mentais, tanto positivos quanto negativos, com cobras venenosas. Ele dizia que identificar-se com um estado mental era como se deixar ser picado por uma cobra. A separação da verdade das coisas que resulta daquela identificação é como morrer pela ação do veneno da cobra.

Todos os estados mentais são como cobras. Se nada obstrui o caminho delas, elas apenas deslizam seguindo seu próprio caminho. Mesmo que elas possuam veneno, ele está dentro delas. Elas não nos oferecem nenhum perigo contanto que não nos aproximemos delas. Elas apenas fazem o que cobras naturalmente fazem.

Pessoas inteligentes abrem mão do apego a todas as coisas, tanto boas quanto ruins. Elas abrem mão tanto do que elas gostam quanto do que elas não gostam. É como se nós libertássemos a cobra do cativeiro: ela vai deslizar para longe levando seu veneno consigo. E é dessa forma que nós libertamos nossos estados mentais – nós libertamos os bons e os ruins tendo consciência de sua natureza. Nós não os tocamos, não os agarramos, pois não queremos nada; nós não queremos 'bom ou mau', pesado ou leve, prazer ou dor. Uma conclusão é alcançada e a calma lucidez é firmemente estabelecida.

Ele ensinava que o caminho da prática era encontrado com o desenvolvimento da plena atenção e do estado de alerta. Quando esses dois fatores estivessem maduros, a faculdade da sabedoria surgiria naturalmente e os meditadores estariam então despertos noite e dia. Praticantes estariam próximos do Buda em todos os momentos.

O termo 'surgimento da sabedoria' significa que, através de enxergar claramente como todos os fenômenos surgem e desaparecem de acordo com causas e condições, os meditadores abandonavam o apego a eles como sendo um 'eu' ou coisas pertencentes a um 'eu'.

Quando as coisa surgem, nós sabemos; quando elas cessam, nós sabemos. Quando existe felicidade, nós sabemos; quando existe infelicidade, nós sabemos. Uma vez que sabemos, nós não tomamos posse dessa felicidade ou infelicidade. Quando não existe um senso de posse dessas sensações, então tudo o que sobra é o simples processo de surgimento e cessação. Você deixa que tudo siga seu curso natural porque não existe nada pelo que valha a pena se apegar.

Naquela época, Luang Pó vinha lendo textos Zen Budistas e deu sua própria visão da relação entre Nibbāna e saṃsāra discutida neles.

O Buda disse que Nibbāna é cessação. Onde a cessação ocorre? Bem, é como um fogo. Ele é extinto onde quer que ele surja, onde quer que esteja queimando. Você esfria algo no local onde está quente. É o mesmo com Nibbāna e saṃsāra. Eles estão no mesmo lugar.

O Buda nos ensinou a apagar o fogo do saṃsāra que é uma turbulência interna. Extinguir uma turbulência interna pode ser chamado de apagar o fogo. Fogos externos são quentes, e quando eles são apagados, existe o frescor. O calor interno da cobiça, da raiva e da ilusão também são como o fogo. Pense nisso. Quando o desejo sexual surge na mente, ele é quente, não é? Se a raiva surge, ela é quente; se a ilusão surge, ela é quente. É esse calor que o Buda chamou de ‘o fogo’. Quando o fogo surge, existe calor; quando ele é extinto, existe frescor ...

Nibbāna é o estado que refresca o calor. O Buda chamou isso de paz, a cessação do ciclo de nascimento e morte.

Então, ao final do discurso, Luang Pó desceu do nível de exaltação onde ele estava para endereçar algumas palavras calorosas e pessoais para a senhora inglesa mais velha que era a plateia dessa palestra:

Quando você chegou pela primeira vez, você chorou. Quando eu vi as suas lágrimas, eu fiquei feliz. Por que? Por que eu sabia que a senhora ia estudar o verdadeiro Dhamma. Se nenhuma lágrima fluísse, então a senhora não veria o Dhamma, pois o fluido das

lágrimas é algo ruim. Você deve deixar tudo aquilo sair antes de poder sentir-se em paz.

Então por favor leve esse Dhamma consigo e o coloque em prática. Pratique com o intuito de transcender o sofrimento. Morra antes da morte e fique pacífica e tranquila.

Mas ocasionalmente Luang Pó poderia tratar aos visitantes com grande aspereza. Um dia uma mulher ocidental chegou à cabana de Luang Pó enquanto ele estava falando com alguns dos monges. Ele pediu para que um dos monges presentes lhe perguntasse o que ela queria. O monge traduziu, 'Ela está pedindo permissão para ficar. Ela gostaria de receber ensinamentos de Luang Pó.' Luang Pó franziu as sobrancelhas, 'Diga a ela que não há nenhum ensinamento aqui, tudo o que eu faço é atormentar as pessoas.'

Depois de chocar a todos os que puderam escutar aquilo, Luang Pó abrandou e a mulher foi conduzida ao setor das *mé chis*. Luang Pó não deu nenhuma razão para aquelas palavras, e cada pessoa foi deixada para especular por que Luang Pó achou que aquela mulher em especial se beneficiaria de semelhantes 'boas vindas'. Para os monges ocidentais, viver com as pontas soltas dessa maneira, como se eles não estivessem muito certos do que havia acontecido, era uma parte normal da vida em Wat Pah Pong.

Em outra ocasião, um acadêmico europeu chegou com um questionário. Ele perguntou para Luang Pó através de um tradutor, 'Por que o senhor pratica? Como o senhor pratica? Quais são os resultados de sua prática?'

Luang Pó respondeu:

Por que você come? Como você come? Quais são os resultados de você comer?

Luang Pó sorriu, o acadêmico franziu as sobrancelhas e pediu por uma explicação.

Pense nisso. Por que você come? Porque está com fome e se você não comer você vai sofrer. Por que nós praticamos? Por que nós estamos com fome. Comida alivia a dor da fome física e a prática

do Dhamma alivia a fome mental e espiritual. Se a mente está sofrendo, então você deve usar o Dhamma para aliviá-la. Como nós praticamos? Assim como nós colocamos comida em nossos estômagos, nós devemos colocar o Dhamma em nossos corações. Quais são os resultados de nossa prática? Bem, é como comer. O resultado de comer é que o seu estômago está cheio. O resultado de praticar é que o seu coração fica cheio de Dhamma.

VI. OS DOIS DEVEM SE ENCONTRAR

WAT PAH NANACHAT

Em 1975, havia quase vinte ocidentais em Wat Pah Pong – cerca de um quarto da Sangha residente. Esse influxo rápido e significativo trouxe consigo tensões inevitáveis. Embora a organização do mosteiro e a fé e confiança em comum em Luang Pó mantivessem a situação trabalhável, conflitos menores, mas constantes, entre os tailandeses e os ‘farangs’ vinham comumente crescendo. A primeira geração de monges ocidentais era predominantemente de norte americanos. Estes eram jovens rapazes acostumados com uma vida informal e não regimentada, acostumados a expressarem livremente seus sentimentos sobre as coisas usando sua iniciativa. Muitos deles tinham personalidades robustas. Em uma época em que viajar para o sudeste asiático era muito mais assustador do que é hoje, o caminho para uma floresta no nordeste tailandês não era um caminho fácil ou direto a ser tomado. Ter que entrar em conformidade com o Vinaya, com várias regras e regulamentações das quais eles nem sempre encontravam as razões, podia provocar facilmente o lado rebelde de suas naturezas.

Os monges tailandeses, quase todos criados em vilarejos locais, poderiam ficar encantados com o quão exóticos podiam ser os ocidentais. Eles os admiravam por sua renúncia, mas também ficavam confundidos, achavam engraçado e ocasionalmente ficavam aversivos pela falta de modos e de capacidade de controlar as emoções que eles demonstravam. Às vezes, monges tailandeses ficavam desconfortáveis pelo que eles viam como sendo a maneira exageradamente familiar com a qual eles tratavam Luang Pó, ou então enciumados pelo acesso fácil que tinham a ele.

Essas tensões não chegaram a ser tão profundas; essencialmente elas eram um pouco maiores do que pequenas ondulações em uma plácida lagoa em uma floresta. No mosteiro como um todo, atitudes de tolerância e boa vontade para com os monges estrangeiros eram geralmente muito maiores do que qualquer negatividade. Mas mesmo assim, Luang Pó estava ciente que certas mudanças precisavam ser feitas. Sua solução foi a de reduzir o número de monges ocidentais em Wat Pah Pong ao estabelecer um mosteiro afiliado especialmente para eles.

Problemas em Wat Pah Pong não foram a única razão para sua decisão. Luang Pó viu que, no futuro, vários monges ocidentais iriam querer retornar aos seus países e estabelecerem mosteiros lá. Antes que aquilo acontecesse, ele queria que eles adquirissem experiência em cuidar de seus próprios assuntos. Em particular, ele queria treinar Ajahn Sumedho no papel de abade de um mosteiro. Também seria bom ter um local onde os ocidentais pudessem praticar juntos, onde o ensinamento pudesse ser em inglês e onde a comida poderia ser mais amena e adequada para o paladar ocidental. Os monges poderiam alternar entre passar tempo com ele e viverem nesse novo mosteiro. Ele começou a considerar a ideia abertamente.

No começo, Ajahn Sumedho, o prospectado líder dessa nova comunidade, não estava entusiasmado. Ele não tinha nenhum desejo de tomar tal responsabilidade. Mas conforme o tempo passou, ele começou a considerar sua resistência como sendo egoísta e decidiu confiar no julgamento de Luang Pó.

Naquele verão de 1975, a enorme tigela de ferro de Ajahn Sumedho desenvolveu um foco de ferrugem e necessitava ser queimada novamente. Luang Pó deu permissão para que ele e outros quatro monges ocidentais fossem ao crematório de floresta do vilarejo de Bung Wai, que ficava a uns nove quilômetros ao sul de Wat Pah Pong. Ali eles podiam encontrar um suprimento abundante de madeira e poderiam combinar uma ‘expedição para queimar tigelas’ com um curto retiro.

Por vários anos, um grupo de moradores de Bahn Bung Wai vinha visitando Wat Pah Pong em todos os Dias de Observância para um dia inteiro de prática de Dhamma. Eles estavam entusiasmados com a ideia de que

monges estivessem indo viver perto de seu vilarejo. Logo, uma comitiva foi ver Luang Pó e pedir que ele desse permissão para que os monges ocidentais passassem o Retiro de Chuvas no crematório de floresta de Bung Wai. Eles construiriam cabanas para os monges morarem. Era um momento oportuno e Bung Wai não era tão longe. Luang Pó concordou.

Desde os primeiros dias da nova empreitada, Luang Pó faria visitas frequentes. Ele ofereceu sua assistência de várias formas. Ele usou sua influência para conseguir que uma estrada de terra fosse aberta em torno da área florestada para assim dar limites claros à terra do mosteiro. Quando o enciumado abade do mosteiro do vilarejo começou a escrever cartas anônimas às autoridades difamando os monges ocidentais, Luang Pó, com grande tato, organizou uma reunião na qual o problema foi resolvido. Ajahn Sumedho, o primeiro abade de Wat Pah Nanachat, se sentiu agradecido pelo apoio conforme ele lutava para pegar o jeito de encarar um papel que ele não achava fácil.

“Eu sempre podia ir ver Luang Pó e ele nos visitava com bastante frequência. Somado a isso, ele sabia que eu tinha que aprender por tentativa e erro. Eu me lembro de uma vez me sentir em um grande estado de desespero. Todos aqueles sentimentos de ser responsável e de ser totalmente inadequado para lidar com eles. Ele me ajudou a ter alguma perspectiva da sensação de ter um fardo de responsabilidades. Eu me lembro de uma vez ter ido vê-lo em um tamanho estado de desespero, ele sentiu aquilo imediatamente e me disse, ‘Agora você sabe como é ser um abade. Você pensava que significava ter uma almofada triangular para se encostar e ter a chave da despensa.’ E ele riu.”

O venerável Varapanyo recontava as recordações de seu primeiro Retiro de Chuvas em Wat Pah Nanachat:

“Na primeira noite do Retiro de Chuvas, Ajahn Sumedho nos disse qual seria a rotina – a ênfase seria claramente na prática formal de meditação ... e nos encorajou a apenas realizar a prática como tinha sido estabelecida, sem segundos pensamentos, e que se nós fizéssemos aquilo a plena atenção se tornaria habitual, e nós perceberíamos que éramos capazes de viver nossas vidas plenamente atentos. Aquilo pareceu razoável para mim –

sério, o que mais uma pessoa poderia pedir? Mas aquilo ainda parecia ser um objetivo distante.

“Havia também uma maior harmonia em termos de propósito do que eu tinha sentido antes – nada de ordenações temporárias, garotos que estivessem no mosteiro apenas porque os seus pais os tivessem enviado – e fácil comunicação entre nós, sem barreiras culturais que frequentemente levavam a desentendimentos e sentimentos ruins. Isso não quer dizer que tudo foi perfeito, é claro. Nós tínhamos muito o que aprender sobre vivermos uns com os outros e o Ajahn Sumedho tinha vários desafios e lições esperando por ele sobre como ser um professor. Ainda assim, o sentimento geral era muito bom, e houve muitos fatores que não tinham sido presentes em situações passadas em outros locais.

“O retiro seguiu, a rotina se intensificou. Não era fácil, mas era bom ... Luang Pó fazia suas piadas comuns, chamando o mosteiro de ‘Wat Pah Wuun Wai’ (‘Mosteiro de Floresta da Confusão’) ou ‘Wat Pah Amerikawat’, mas o pensamento óbvio era que aquilo era uma coisa boa, e os leigos que vinham achavam o mesmo. Ainda assim, eu duvido que qualquer um pudesse ter vislumbrado como o local iria se desenvolver no futuro próximo. Naquele primeiro Retiro de Chuvas havia apenas nove ou dez cabanas e dois ‘*kratóp*’ (cabanas de palha sem piso, apenas uma cama no chão). Ajahn Sumedho morava em uma pequena cabana de bambu com telhado de palha e havia em pequeno Salão de Dhamma com telhado de palha e com piso de terra.”

Luang Pó não intercedia na rotina diária de Wat Pah Nanachat. Os monges eram livres para construir o mosteiro como eles achassem que fosse adequado. Eles mesmos projetaram o Salão de Dhamma e o seu layout – com um local de um nível mais elevado para os monges sentarem ao longo da lateral do salão, ao invés de ser em uma das extremidades – era uma fuga da norma convencional. Luang Pó frequentemente recomendava aos visitantes que iam prestar reverências a ele em Wat Pah Pong para que fossem visitar também o Wat Pah Nanachat. Um dos primeiros grupos que chegou foi o ‘Grupo de Estudos do Dhamma da Rádio 01’ de Bangkok. Todo ano, uma frota de ônibus cheios de peregrinos deste grupo viajava pelo norte e nordeste do país visitando vários mosteiros, realizando oferendas e recebendo ensinamentos. Agora eles tinham adicionado o Wat Pah

Nanachat ao seu itinerário e começou a dar um generoso suporte por vários anos.

Luang Pó demonstrou alguma preocupação de que os ocidentais de personalidade forte pudessem achar difícil de viverem juntos em harmonia. Sempre que ele falava com a Sangha de Wat Pah Nanachat, ele enfatizava a importância do respeito e da boa vontade. Ele ensinava que os protocolos que regiam as relações entre monges baseados na senioridade preveniam que os velhos hábitos da fala ressurgissem, e insistia que eles não deveriam relaxar. Honrarias deveriam ser sempre utilizadas: o nome de um monge júnior sempre devia ser precedido pelo prefixo ‘Tan’; o de um monge sênior, precedido por ‘Ajahn’. Luang Pó sustentava que sem que se criasse uma atmosfera de confiança e respeito em seu mosteiro, as práticas de meditação não gerariam frutos. As convenções da Fala Correta tinham um papel a cumprir em alcançar esse objetivo.

Ajahn Amaro foi um dos primeiros ocidentais que veio para uma visita e terminou se tornando um monge.

“Eu encontrei um grupo de ocidentais assim como eu, com antecedentes bem parecidos, que estavam vivendo na floresta e praticando meditação budista. E todos pareciam surpreendentemente alegres. Quando eles me explicaram o seu estilo de vida e a base de sua prática, aquilo fez todo sentido para mim ... Eles me explicaram que ao viver uma vida disciplinada, simples e inofensiva, nós poderíamos descobrir a verdadeira liberdade que está dentro de nós. Ao ouvir suas palavras, minha reação imediata foi, ‘Como eu posso ter sido tão estúpido de não ter visto isso antes?’ ”

TRÊS NÍVEIS

Um treinamento em três níveis foi desenvolvido para estrangeiros que buscavam tornar-se monges. Depois de passar algum tempo como meditadores leigos em Wat Pah Pong ou em Wat Pah Nanachat, aqueles que solicitassem permissão para ingressar na Sangha, caso aprovados, receberiam os mantos brancos do renunciante leigo, ou postulante, em uma curta cerimônia marcada pelo compromisso formal aos Oito Preceitos. Como postulantes, eles atuavam como assistentes do mosteiro e absorviam o básico do

treinamento monástico ao estarem mais próximos dos monges e ao lhes prestarem serviços.

Depois de alguns meses de branco, seu segundo passo era ingressar na Sangha como monges noviços (*sāmaṇera*). Durante o ano em que eles seriam noviços, eles teriam uma vida muito parecida com a dos monges, mas sem a pressão e os requerimentos das regras do Vinaya. Uma vez que o ano tivesse terminado, postulantes considerados aptos por seus mentores seriam admitidos na Sangha de bhikkhus através da cerimônia de *Upasampadā*. Pelos primeiros cinco anos de seu treinamento, monges juniores alternavam entre morar com Luang Pó, morar em Wat Pah Nanachat e morar em outros mosteiros afiliados. Tanto quanto a saúde de Luang Pó permitiu, cada estágio do processo e cada movimento entre mosteiros, ou era iniciado por ele ou ao menos seria realizado com sua bênção. Nos últimos anos de sua enfermidade debilitante, esse poder ficou a cargo do abade de Wat Pah Nanachat.

Os monges ocidentais valorizavam a sensação de que Luang Pó estava sempre ciente do que eles estavam fazendo e levava em conta o que fosse melhor para eles de todo coração. Frequentemente ele apareceria em Wat Pah Nanachat sem avisar antes (embora deve ser dito que naquela época pré-celulares, isso era mais uma norma monástica do que uma exceção). O Venerável Jotiko escreveu em uma carta para sua família:

“Luang Pó ‘toca tudo de ouvido’, então pode ser que ele venha fazer uma visita na semana que vem ou algo assim. Nós soubemos que ele está contente com o projeto do Salão de Dhamma e ele disse aos leigos que os estrangeiros precisavam de muitos bolos [doces]. No dia seguinte nós tivemos um monte. Ele sempre brinca com a nossa cobiça desse jeito. Ele está sempre colocando curvas à nossa frente para que nos mantenhamos alertas, mas essa é a única forma de entender a nossa natureza. Ver os extremos e, se a sabedoria surge, então você conhece o caminho do meio.”

GALHOS DA ÁRVORE

A maioria dos monges ocidentais queria estar perto de Luang Pó, mas aceitava que o seu treinamento incluiria períodos longe dele em Wat Pah Nanachat e em outros mosteiros afiliados (*branch monasteries*). A vida em

um mosteiro afiliado era geralmente uma experiência agri-doce. Monges ocidentais eram uma novidade no interior de Issán em meados da década de 1970. Ser o único monge estrangeiro em um mosteiro trazia um status especial, quase de uma celebridade. Alguns achavam isso engraçado, outros achavam uma distração. Aprender a língua – um dos objetivos principais de treinar em um mosteiro afiliado – não era uma tarefa fácil já que havia na realidade duas línguas para navegar. Conversas casuais seriam conduzidas no dialeto de Issán (‘tão grosso quanto iogurte’, um monge reclamava) com o tailandês da região central sendo utilizado em ocasiões mais formais.

Não entender muito do que estivesse acontecendo ao seu redor podia ser algo estressante em uma cultura onde poucas coisas são planejadas com antecipação e se esperava que todos estivessem em alerta e de prontidão para se adaptarem ao que quer que surgisse. A presença de jovens noviços, com toda a sua energia adolescente, também podia ser um desafio. A Sangha em vários mosteiros afiliados incluía uma grande quantidade de filhos dos apoiadores locais, enviados por seus pais para que o abade os endireitasse. A necessidade de manter esses garotos ocupados significava que projetos de trabalho eram uma característica comum na vida de um mosteiro afiliado. Um jovem monge sueco, Venerável Natthiko, deu um senso dessa atmosfera em uma carta:

“Todo esse trabalho é exaustivo em alguns dias. Uma noite, sentado [em meditação] depois de um longo dia de trabalho, eu estava tomado por sonolência e simplesmente peguei no sono, ficando com minha cabeça caída em meu peito. Eu nem ao menos acordei com o sino. Foi uma situação hilária: eu lentamente voltando à vida enquanto eles esperavam para começar os cânticos. Os monges sabiam o quanto eu poderia ficar sensível caso comessem a rir de mim, mas um ou dois noviços não conseguiram se segurar e logo a maioria da Sangha estava dando gargalhadas, incluindo o Ajahn. Foi tão ruim que foi bom.”

A vida em um pequeno mosteiro afiliado também podia ser muito agradável. A ênfase tailandesa na harmonia social e as convenções de não-confrontamento que a marcam poderiam ser uma mudança refrescante de Wat Pah Nanachat, onde nem todos os ocidentais mais individualistas priorizavam as habilidades sociais conciliatórias entre seus objetivos espirituais. Vários monges fizeram bons amigos em mosteiros afiliados

e mantiveram contato com eles através dos anos seguintes. Outros desenvolveram uma ideia mais rica da vida monástica, de como gerenciar um mosteiro e da relação entre um ‘wat’ e as comunidades locais. Um monge estava claramente adorando a vida em um mosteiro afiliado quando ele escreveu:

“Parte do que eu adoro em ser um monge na Tailândia é a simplicidade: andar descalço cruzando o vilarejo pelas manhãs, o clima agradável que me faz sentir seguro e confortável e as simples (e físicas) tarefas. É muito mais fácil estar confortável em meu corpo e contente dentro da simplicidade do formato monástico. Essas características de contentamento e simplicidade parecem ser um assunto básico, mas eu frequentemente me pego pensando que elas são realmente do que se trata a vida.”

Mas mesmo com epifanias ocasionais, a maioria dos ocidentais concordavam que, considerando tudo, a vida em um mosteiro afiliado era uma experiência de humildade. Nas palavras do Venerável Natthiko:

“Eu sei que é bom para mim – dói em todos os lugares certos.”

Embora alguns dos monges ocidentais achavam que sua prática de meditação progredia enquanto eles estavam em um mosteiro afiliado, isso não era sempre o caso, de forma alguma. Luang Pó estava ciente disso mas não parecia se preocupar exageradamente. Os efeitos de longo prazo do treinamento que ele estava tentando fornecer não eram sempre mensuráveis pelo progresso de curto prazo na meditação. A penetração das Quatro Nobres Verdades era sempre o objetivo maior, e um treinamento gradual e compreensivo em todas as áreas da vida monástica era o caminho.

VOCÊ DEVE PARAR PARA SER PÁREO

O ingresso formal na ordem monástica é efetivado através da cerimônia de *Upasampadā*. Essa cerimônia é presidida por um monge sênior, designado como *upajjhāya* ou preceptor, que é empoderado para receber o novo monge na Sangha e de quem se requiere que tome responsabilidade por seu bem estar e treinamento. A relação entre o preceptor e seu discípulo é modelada na relação entre pai e filho. Luang Pó se tornou um preceptor em 1975 e,

através dos seis anos seguintes, catorze não-tailandeses ingressaram na Sangha tendo a ele como preceptor*

Ao final de uma cerimônia de Ordenação para monges ocidentais, Luang Pó geralmente usava a oportunidade dessa reunião da Sangha de ocidentais para dar uma palestra do Dhamma que englobaria todo o treinamento monástico, desde suas fundações mais básicas até o objetivo final da Vida Santa. Em uma ocasião como essa, ele começou – como era de costume – por enfatizar a importância de viver juntos em harmonia, o quão importante era que os monges estrangeiros se relacionassem uns com os outros de acordo com as convenções estabelecidas no Vinaya. Ele os instruíu que, como um grupo de *samaṇas*, eles deveriam deixar para trás toda a consciência de diferentes cores de pele, línguas e cultura, e olhassem uns para os outros com bondade e respeito, como companheiros na Vida Santa. Eles deveriam treinar a si mesmos em falar uns com os outros de forma plenamente atenta:

Se algum problema surgir no grupo, então conversem sobre isso de forma hábil: ‘Eu vejo assim.’ ‘Eu sinto assim.’ E então escute o que a outra pessoa tem a dizer.

Os monges ocidentais deviam aprender a escutar com uma mente aberta, tanto para as palavras dos outros quanto para seus próprios pensamentos. Quando um ponto de vista ou uma opinião surgisse em sua mente, eles deviam estar cientes daquilo como sendo apenas aquilo – um ponto de vista, uma opinião – e lembrarem a si mesmos que eles ainda não sabiam de fato se aquilo refletia a verdade das coisas. A mente era a medida do quão efetiva estava sendo a sua prática. Se eles estivessem experienciando sofrimento mental, isso significava que eles tinham desviado do Dhamma e permitido o desejo surgir. Na vida em comunidade, a devoção ao Dhamma e ao Vinaya dissolveriam todo o senso de conflito e trariam uma sensação de unidade dentro da diversidade.

Luang Pó parecia compartilhar de uma ampla preocupação na Tailândia naquela época, de que o Budismo estava passando por um declínio acentuado. Ele lamentava o fato que tantas pessoas estavam indo aos

*Sete desses monges permaneciam nos mantos em 2017: Munindo, Bodhipalo, Amaro, Nyanadhammo, Jayasaro, Vajiro e Khemanando.

mosteiros meramente em busca de amuletos de proteção ou para que lhes benzessem com água benta. Ele opinava que, 'O verdadeiro Dhamma está desaparecendo, é pouco visto; poucas pessoas estão praticando.' Os ocidentais eram como um sopro de ar fresco. Os sacrifícios que eles tinham feito para passarem suas vidas como monges na floresta dava inspiração para várias pessoas.

Então com o mundo nesse estado em que está, eu sinto que para que todos vocês tenham vindo de tantos países para ingressarem no treinamento aqui seja algo singular. É lisonjeiro para os leigos verem vocês chegando do exterior para se tornarem monges, verem que vocês podem comer arroz grudento, que vocês podem falar tailandês, que vocês podem falar Lao, que vocês são capazes de suportar a vida em um local tão pobre e retrógrado. É por isso que, quando eu fui a Londres, eu disse a eles que as pessoas vem para Wat Pah Pong para um doutorado em Budismo. O que eu quis dizer com aquilo era que vocês tinham vindo com a intenção de uma verdadeira transformação. Para mim, é como se todos vocês tivessem morrido e então renascido; tudo aqui é diferente de sua vida anterior. Vocês tem que se acostumar com o clima, com a comida, com todo tipo de coisas. Com o intuito de se tornarem monges, vocês persistiram para vencer todos esses obstáculos, incluindo aprender a língua e o cântico para a cerimônia de Ordenação. Seus esforços são inspiradores.

Contudo, ele lhes prevenia, a cerimônia de Ordenação era simplesmente uma convenção. Ela, por si só, não os mudava para melhor. E deveriam lembrar que, em última instância, todos os tipos de formas eram vazios:

Uma vez que você tomou o manto como um monge ou um noviço, você ainda é a mesma pessoa que você era antes. Postulante, noviço, monge: são todos a mesma pessoa. Então não tenham ideias sobre se tornarem nada. As coisas que estamos praticando aqui são, em todos os estágios, as mesmas velhas coisas. Falando a verdade, não existem tailandeses ou ocidentais aqui de jeito nenhum; existem apenas os elementos de terra, água, fogo e ar. Nada tem existência intrínseca. Existem apenas as convenções que nós criamos.

A coisa mais importante era o treinamento da mente.

Não siga os seus pensamentos. Tente seguir olhando para a sua mente. Através de minhas próprias reflexões eu cheguei a ver que as coisas que correm em círculos são as mais rápidas de todas. Você não é páreo para elas. Você deve se sentar ali calmamente e assisti-las correrem. Não corra com elas. Quando elas vem para te seduzir, não se levante de seu assento. E então quando sua mente para, você vai se tornar ciente de várias coisas diferentes. Se você corre atrás de seus pensamentos, você não será capaz de ser páreo para eles; mas se você parar, então você será. É estranho. Isso se aplica a todos os objetos mentais, que são apenas do jeito que eles são, de acordo com causas e condições.

Transcender o mundo requeria uma compreensão do que ‘o mundo’ realmente era e o que significava ‘ter nascido nesse mundo’.

Onde quer que haja uma causa, haverá um resultado – essa é a forma do mundo. Existem causas e resultados; existe nascimento e existe morte; existe prazer e existe dor; existe amor e existe o ódio. A essência de todas essas coisas é chamada ‘o mundo’.

A identificação com qualquer um desses fenômenos era o significado profundo do ‘nascimento’. Nascimento formava a causa para a proliferação das condições e então, inevitavelmente, a morte. Nascimento e morte eram inseparáveis. Cada pessoa que morria tinha experienciado o nascimento. Para determinar o Caminho do Meio da prática, era necessário ter em mente o final.

O mais elevado ensinamento do Buda é abrir mão das coisas – segurá-las e então abrir mão delas. Pegue-as para ver o que são e, quando você souber, então as deixe novamente. No final, essa deve ser a forma que se deve fazer com tudo; você deve abrir mão de tudo. Quando você verdadeiramente conhece todas as coisas em sua mente, então você abre mão delas como sendo algo no caminho. Se você não faz isso, então é ‘Isso é meu’, ‘Aquilo é meu’, ou seja, você entendeu errado. Se você realmente entender algo, então abra mão daquilo. Os ensinamentos do Buda significam um final, e um final sem que sobre nada. O que quer que seja deve ser

trazido à uma conclusão, à um completo final. O termo ‘*khīnāsavo*’* significa aquele que chegou ao final dos ‘fluxos’**. Conheça o bom como bom e então abra mão dele; conheça o mau como mau e então abra mão dele.

Finalmente, os ensinamentos levam para um final: conhecendo a causa, você abre mão da causa, conhecendo o efeito, você abre mão do efeito. Então tendo feito isso, onde você passar a estar? Além de causa e efeito; além de nascimento e morte. Você permanece ali, onde as coisas se concluem, onde elas chegaram a um final. Não existe nada ali, a mente está em paz na ausência de causa e efeito, nascimento e morte, prazer e dor. Naquela paz não existe causa e efeito pois a mente já foi para além deles. Esse é o nosso objetivo final na prática. O Buda ensinou apenas isso. O que nos resta é viajar para aquele ponto. O Buda nos forneceu o barco e os remos, os deixou para fazermos uso deles. Se começamos a remar, então o barco vai se mover; caso contrário, o barco vai permanecer imóvel ... O Buda é aquele que nos disse o que é o que. Ele não pode praticar por nós. Isso é nossa responsabilidade.

* Outra forma de dizer ‘um arahant’.

** Pali: ‘*āsavā*’. Literalmente: ‘efluentes’ ou ‘fermentações’. Impurezas da mente que obstruem a libertação. A lista tradicional inclui quatro: 1) sensualidade, 2) pontos de vista, 3) tornar-se, e 4) ignorância.



May 1985

			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	



IX
morrendo para o mundo

*Aqueles que são sempre vigilantes, que disciplinam a si mesmos noite e dia e tem
sempre a intenção de alcançar Nibbāna – suas impurezas se desvanecem*

Dhp 226

Morrendo para o Mundo

Treinamento das Mé Chis

I. INTRODUÇÃO

Algo como cinco anos depois de sua iluminação, o Buda estabeleceu uma Ordem monástica de mulheres conhecidas como *bhikkhunīs*. A ramificação Theravada dessa ordem floresceu na Índia e no Sri Lanka antes de cair em um período de declínio e finalmente se extinguiu por volta do ano 1.000 d.C. depois de uma história ilustre de 1.500 anos. À luz da estipulação do Buda que a Ordenação requeria a indução em uma comunidade preexistente de *bhikkhunīs*, reviver essa finada ordem era considerado algo impossível.

Não existem evidências de que a Ordem das *Bhikkhunīs* tenha estabelecido uma presença significativa no sudeste asiático em qualquer época. Sem uma linhagem de *bhikkhunīs* a ser perpetuada, as culturas budistas dessa região finalmente viram o surgimento de ordens locais de renunciantes femininas. Referências à *mé chis* ('mulheres santas') de mantos brancos no reino do Sião podem ser encontradas nos relatos de viajantes franceses e holandeses do século XVII, em uma época em que elas pareciam ter se tornado uma característica bem estabelecida da sociedade.*

*"Elas ouvem os sermões todos os dias e passam muito tempo rezando nos templos. Sua atividade principal é servir aos monges, preparar a comida deles e suprir as suas necessidades através de uma contínua doação de alimentos e requisitos básicos. Elas fazem visitas aos pobres e aos doentes, se devotam assiduamente a proporcionar para suas criaturas companheiras todas as coisas boas que a caridade possa inspirar. Elas gozam dos mesmos privilégios que os monges e não são menos

Para mulheres com vocação monástica e aspiração a realizar a libertação, o formato das *mé chis* é longe de ser ideal. O código moral básico das *mé chis* – elas vivem guiadas pelos Oito Preceitos de Upāsikā – significa que elas não podem contar com o suporte e a proteção sofisticados para sua prática que são providos pelo Vinaya das Bhikkhunīs. *Mé chis* não são mendicantes, e a falta de uma tradição rastreável diretamente ao Buda significou que a sua Ordem nunca gozou do mesmo respeito ou prestígio na sociedade quanto a Sangha de Bhikkhus.

Contudo, através dos séculos, parece não haver dúvidas de que várias grandes mulheres levaram vidas plenas e felizes como *mé chis*. Durante o século XX algumas delas, mais notadamente a Mé Chi Kéu, discípula de Luang Pu Man, obtiveram grande renome por suas realizações espirituais. Outras se tornaram excelentes nos estudos de Pali e do Abhidhamma^{*}. O estabelecimento de uma organização nacional de *mé chis* na década de 1960, juntamente com o avanço da educação e do treinamento delas nas décadas seguintes, fizeram muito por elevar os padrões por todo o país.

Nos últimos anos, um movimento internacional para reviver a Ordem das Bhikkhunīs tem ganhado fôlego com uma nova geração de estudiosos assegurando que existem bases legítimas para que as objeções tradicionais sejam eliminadas. Contudo, os argumentos não tem sido suficientemente convincentes para a Sangha de Bhikkhus da Tailândia sancionar qualquer mudança em sua própria oposição a esse movimento, e tampouco emergiu algum *lobby* forte o bastante para persuadi-los a mudar de ideia. No presente, é difícil de prever o formato que o monasticismo feminino vai tomar nas próximas décadas na Tailândia.

respeitadas do que eles. Todos se curvam diante delas e elas apenas se curvam para monges e estupas. Elas são chamadas ‘*nang chi*’, o que significa ‘mulher santa’. Elas tem lugar reservado para elas nas estupas e nas grandes cerimônias. Elas são muito requisitadas nos funerais dos mandarins, dos quais elas participam como em uma procissão, e a sua participação nessas cerimônias é sempre gratificada de forma livre.” (*A História Natural e Política do Reino do Sião*, de Nicolas Gervaise, 1688.)

^{*}O corpo de textos que sistematiza os ensinamentos encontrados nos discursos do Buda.

II. MONJAS DE FLORESTA

AS PRIMEIRAS MÉ CHIS

Não muito depois da fundação de Wat Pah Pong, Luang Pó Chah deu permissão para o estabelecimento de uma comunidade de *mé chis*. Ao fazer isso, ele buscou prover um treinamento dentro das normas existentes para mulheres que tivessem vocação monástica e que lhes propiciaria tanto suporte quanto fosse possível para seu progresso no caminho para a libertação.

Luang Pó tratava as *mé chis* como ascetas de floresta: esperava-se que elas vivessem de maneira frugal, despertassem às 3:00 da manhã todos os dias para a sessão de recitação de cânticos e meditação e que se alimentassem apenas uma vez ao dia, como os monges. De forma significativa, Luang Pó se referia às *mé chis* como ‘*samañas*’, um termo de grande respeito geralmente utilizado apenas para monges. Ele as encorajava a recordarem-se constantemente de que elas eram *samañas* e a agirem como tal.

Todos aqui – monges, noviços e *mé chis* – são *samañas*. Todos devem conhecer os deveres de um *samaña* e não se prender a nenhum dos dois extremos, do ascetismo infrutífero ou da indulgência sensual.

Através das décadas de 1950 e 1960, o estilo vigoroso de prática desenvolvido por Luang Pó em Wat Pah Pong – uma espécie de campanha de guerra contra as impurezas do tipo ‘não façam prisioneiros’ – se estendia às *mé chis*. Não lhes eram concedidas exceções e elas compartilhavam de todas as privações dos monges. Mé Chi Buunyu memorava:

“Uma das *mé chis* teve dores de estômago e dores de cabeça. Ela queria ir a um médico. Luang Pó não lhe deu permissão. Ele disse, ‘Sente-se e observe. Se concentre na área que dói. Se sua cabeça dói, então se concentre em sua cabeça até que ela se parta ao meio. Quando você não tiver mais cabeça, não haverá nada para doer.’ É assim que era naquela época. Nós suportávamos nesse nível. Não adiantava chorar para ir ao médico.

“Quando não havia nada para comer com o arroz grudento, nós apenas passávamos uns bocados de arroz em sal ou em molho de peixe. Luang Pó

dizia, ‘Não se apegue ao sabor da comida. Não dê nenhuma atenção a isso. Veja a comida como medicamento. Coma o suficiente para manter o corpo por aquele dia.’ Então nós ensinávamos a nós mesmas que a comida era apenas medicamento e chegamos realmente a ver a comida dessa forma. Nós acreditávamos nas palavras de Luang Pó, e nós nos desenvolvíamos no Dhamma. Nossos corpos e mentes eram leves; não havia quaisquer obstáculos durante todo o dia. Era fácil de praticar. Foi assim que ele nos ensinou, e como resultado nós conseguíamos abrir mão. Era maravilhoso. Cada uma de nós tentava seguir o que ele nos ensinava, tentávamos ser dóceis e não sermos teimosas em nosso jeito de ser.”

Luang Pó criou um vinaya único para as *mé chis* de Wat Pah Pong. Ele suplementou os Oito Preceitos básicos que elas recebiam em sua Ordenação com algumas práticas ascéticas de *dhutaṅga* seguidas pelos monges e um conjunto detalhado de regulamentações monásticas. Embora esse vinaya ainda fosse muito menor do que aquele das bhikkhunīs, ele fornecia uma forte base para a prática e fazia com que as *mé chis* sentissem um orgulho saudável por si mesmas como monjas, com uma cultura e um formato característicos.

Contudo, havia vários desafios para que as *mé chis* tivessem que atravessar dos quais os monges eram poupados. Os seus deveres na cozinha consistiam de atividades que se associavam tanto com suas vidas pregressas que aquilo podia facilmente ser encarado como um obstáculo para que elas desenvolvessem um senso de serem renunciantes; a posse de pequenas quantidades de dinheiro (geralmente oferecido a elas por membros da família e por apoiadores leigos para suas necessidades pessoais) também minava a sensação delas de terem deixado completamente o mundo leigo. Mas essas limitações de formato eram geralmente pouco importantes no pensamento das *mé chis*. Elas eram gratas pelo que estava sendo disponibilizado livremente para elas: a chance de treinar em um mosteiro sob as instruções de um grande mestre. Era uma oportunidade maravilhosa, e elas tentavam tirar o melhor daquilo.

DÍVIDA DE GRATIDÃO

Uma característica notável das comunidades de *mé chis* nos mosteiros de floresta de Issán é o quão frequentemente elas incluem a mãe e talvez uma

ou duas irmãs do abade. Monges sempre buscavam expressar sua dívida de gratidão para com seus pais ao encorajá-los, quando viúvos e quando todos os filhos já estivessem adultos, a adotarem a vida monástica. Dessa maneira, eles honravam as palavras bastante conhecidas do Buda:

Mesmo que alguém pudesse carregar sua mãe em um ombro e seu pai no outro ombro, e enquanto fizesse isso vivesse por cem anos. E fosse atendê-los ao ungi-los com bálsamos, ao massageá-los, lavar e esfregar seus membros, e mesmo limpar seus excrementos – mesmo assim esse alguém não faria o suficiente para seus pais, não poderia pagar sua dívida [para com eles].

Mas, oh monges, alguém que encoraja seus pais que careçam de fé, os estabelecendo na fé; encoraja seus pais deficientes em virtude, os estabelecendo na virtude; encoraja seus pais mesquinhos, os estabelecendo na generosidade; que encoraja seus pais não-sábios, os estabelecendo na sabedoria – alguém assim, oh monges, faz o suficiente por seus pais; ele lhes paga e mais do que lhes paga pelo que eles fizeram por ele.

AN 2.31-32

O bem estar espiritual da mãe de Luang Pó, Mé Pim, era uma preocupação constante dele. Durante seus anos como um monge *tudong*, suas visitas regulares ao seu vilarejo natal eram, acima de tudo, oportunidades para dar ensinamentos e instruções a ela. Deve ter sido de considerável satisfação para ele que ela tenha sido quem liderou a delegação que foi visitá-lo em Amnat Charoen no início de 1954, levando a solicitação para que ele estabelecesse um mosteiro na floresta Pong.

Não se sabe se o fato de Mé Pim ter se mudado para Pah Pong foi em resposta a uma sugestão de Luang Pó ou se ela mesma solicitou. O que se sabe é que, logo depois que a Sangha se estabeleceu no novo mosteiro, cabanas foram construídas na área central perto da cozinha para Mé Pim e duas companheiras. A chegada das três senhoras contudo não marcou o início da comunidade de *mé chis* de Wat Pah Pong como tal. Embora as senhoras mantivessem os Oito Preceitos das *mé chis*, elas o fizeram informalmente. Nesse estágio inicial de desenvolvimento de Wat Pah Pong, Luang Pó ainda estava encontrando a sua forma como líder de uma comunidade monástica, sem desejar ainda tomar a responsabilidade de estabelecer e liderar uma

comunidade de monjas. Na verdade, Luang Pó mantinha sérias dúvidas sobre toda a ideia de monges e *mé chis* vivendo juntos no mesmo mosteiro.

UMA PROPOSTA

Uma mulher bastante excepcional fez com que Luang Pó mudasse de ideia. Pim Utaigorn* era uma moradora do vilarejo de cinquenta e cinco anos que se tornou uma frequentadora assídua do mosteiro nos Dias de Observância. Ela estava determinada a se tornar uma *mé chi*. Luang Pó estava impressionado com sua fé e sinceridade mas, a princípio recusou suas solicitações de Ordenação. Então, um dia, ele fez uma proposta a ela. Nos fundos do mosteiro, no canto sudoeste, ela poderia construir uma cabana e morar lá. Isso significaria morar sozinha em uma clareira isolada no meio de uma densa floresta que geralmente acreditavam ser mal assombrada. Se ela pudesse suportar, Luang Pó lhe disse, ele a ordenaria. Se ela realmente quisesse que Wat Pah Pong tivesse uma comunidade de *mé chis*, então ela mesma teria que iniciá-la. Era um desafio assustador, não menos à luz do medo acachapante de espíritos que quase todas as pessoas da sua cultura sentiam à noite em uma floresta. Mas Pim Utaigorn aceitou a oferta com gratidão e venceu todos os obstáculos em seu caminho com uma confiança silenciosa e discreta.

Pim morava em uma pequena cabana construída por sua família para ela. Ela plantou pimentas, folhas verdes e mamões para suplementar o arroz da mendicância matinal que os monges lhe enviavam todas as manhãs. Ela passava várias horas do dia praticando meditação sentada e andando. Luang Pó ficou satisfeito pelo fato que ela tinha as qualidades que fariam dela uma boa monja sênior. Em 1956, ele ordenou Pim Utaigorn**, Mé Pim e as outras duas senhoras como *mé chis* e estabeleceu as divisas para o novo setor de *mé chis* cobrindo uma área de aproximadamente 30 acres.

Uma rotina diária foi estabelecida, que seguia bem de perto aquela dos monges. Às 3:00 da manhã, as monjas recitavam cânticos e meditavam juntas. Ao amanhecer, elas começavam a preparar comida da horta que elas cultivavam para a refeição diária da Sangha. Depois da refeição, elas tinham

* Não tem relação com a mãe de Luang Pó.

** Menções futuras à ‘Mé Chi Pim’ se referem a Pim Utaigorn.

tempo livre para praticar meditação ou realizar seus projetos pessoais até quando fosse o período de tarefas às 3:00 da tarde, seguido do banho, da meditação andando e da sessão noturna de recitação de cânticos e meditação. Nos Dias de Observância, as monjas praticavam por toda a noite.

A novidade de que uma comunidade de *mé chis* tinha sido estabelecida formalmente em Wat Pah Pong produziu um fluxo constante de postulantes. Luang Pó começou a aceitar mais candidatas da crescente lista de espera. Inicialmente ele mantinha uma política de tomar apenas senhoras mais velhas, mas em 1959 outro marco foi estabelecido quando Buunyu Pimwong, aos 24 anos de idade e Kham Khenprakhong, aos 23, foram permitidas a juntarem-se de forma probatória à comunidade. Depois que o tempo requerido passou sem problemas, as duas mulheres foram formalmente aceitas como *mé chis* e se tornariam bastiões da comunidade pelos cinquenta e cinco anos seguintes.

A devoção de Mé Chi Pim à meditação era uma inspiração à comunidade que se desabrochava. Sua frugalidade se tornou lendária. Uma monja recordava que, quando a comida era escassa, ela preferia deixar para as outras o que houvesse disponível enquanto ela simplesmente fritaria sobras de arroz seco ao sol com um pouco de sal e comê-lo usando uma velha cuia de metal. Quando estava ajudando nas atividades de grupo, a cabeça de Mé Chi Pim estava sempre levemente abaixada, mantendo a restrição dos sentidos e abstendo-se de conversas sem sentido. Em uma oportunidade, as monjas se recordavam de quando ela nivelou o topo de um cupinzeiro próximo a sua cabana e o forrou com uma coroa de galhos espinhentos. Ela explicou que estava sentindo alguma sonolência em sua meditação. Aquilo era para ser o seu novo assento de meditação.

MÉ CHI BUUNYU

A vida das *mé chis* geralmente é levada fora dos holofotes, e poucos detalhes sobre suas experiências e sua prática encontraram seu caminho para o grande público. Afortunadamente, quando Mé Chi Buunyu faleceu em 1996, um livro sobre ela foi publicado em seu funeral. Ele incluía uma curta biografia que oferece um intrigante vislumbre sobre essa mulher inspiradora.

Através dos anos, dentro do pequeno grupo de *mé chis* seniores que liderava a comunidade, Mé Chi Buunyu se tornou reconhecida como a líder entre seus pares. De várias formas, ela era uma arquetípica mulher de Issán de sua geração: competente, resiliente, uma trabalhadora aparentemente incansável com uma moral sólida como rocha e uma bondade sem disparates. Esperava-se que todas as crianças de Issán participassem do trabalho familiar, mas quando o pai dela ficou preso a uma cama devido a um grande abscesso em sua perna, Buunyu aos sete anos de idade teve a onerosa tarefa de cuidar dele. O resto da família era necessário nos campos e ela era a única enfermeira disponível. Ela tomou a tarefa sem reclamações. Por vários meses, ela era a companhia constante de seu pai, cozinhando para ele, lavando suas roupas, ajudando a banhar-se e a manter o abscesso limpo.

Conforme ela cresceu, Buunyu ficou conhecida como uma pessoa gentil que não gostava de conflitos mas, de vez em quando, um lado mais resoluto de seu caráter se revelava. Ela era renomada no vilarejo pela vez em que ela apreendeu um ladrão de galinhas ao esconder-se no galinheiro da família e bater na cabeça dele com um pedaço de lenha, o mais forte que ela pôde ('mais de uma vez', ela admitia) enquanto ele tentava escapar.

Ela gostava de ir para Wat Pah Pong nos Dias de Observância e frequentemente falava em tornar-se uma monja. Em seu tempo livre, ela ia ao setor das *mé chis* e ajudava com os trabalhos ou ensinava as *mé chis* menos instruídas a lerem o livro de cânticos. Ela rejeitava todos os pretendentes.

O ponto de virada veio em um dos dias que ela participou da prática semanal que durava a noite inteira no mosteiro junto com sua mãe. Ela estava se sentindo sonolenta naquela noite, mas foi desperta como que por um 'chacoalhão' quando Luang Pó expôs um velho ditado de Issán: 'Um filho é como um laço em volta do seu pescoço; uma esposa é como uma corda amarrando as suas mãos às costas; riqueza e posses são como correntes em suas pernas.' Conforme Luang Pó expandia os sofrimentos inerentes à vida de um chefe de família, aquilo ficou repentina e completamente claro para ela. Como ela percebeu que ainda estava livre dessas armadilhas, ela suspirou aliviada. Naquele momento, sua determinação em tornar-se uma monja se confirmou, e depois de algum tempo se concretizou.

A vida no mosteiro não foi fácil para a jovem Mé Chi Buunyu. Para começar, sua saúde não era tão boa. Em um ponto durante uma enfermidade mais séria, uma irmã mais velha veio visitá-la e, tentando persuadi-la a largar o manto, citou um velho ditado sobre religiosos e doenças, cuja essência era que aqueles que não tivessem acumulado méritos suficientes antes de se ordenarem não sobreviveriam aos rigores da vida monástica. Parecia, ela dizia, que Mé Chi Buunyu era claramente uma dessas pessoas. Se ela não voltasse para a vida leiga, ela poderia morrer. Mé Chi Buunyu respondeu que, mais cedo ou mais tarde ela morreria de qualquer forma, onde quer que ela vivesse. Mas quando quer que o dia de sua morte chegasse, ela estava determinada a encontrá-lo no mosteiro, como uma monja. Décadas depois, amada e respeitada, ela encontrou.

AUTONOMIA DEPENDENTE

O setor das *mé chis* em Wat Pah Pong era completamente segregado da área dos monges e limitado por uma cerca. Ele consistia de cabanas (mais próximas umas das outras do que as dos monges por motivo de segurança), um Salão de Dhamma para recitação de cânticos e meditação em grupo, uma cozinha com uma horta e um pomar. Depois da morte de Mé Chi Pim em 1965, os assuntos do dia a dia da comunidade de *mé chis* foram deixados nas mãos de um comitê que consistia da Mé Chi Buunyu, da monja chefe e outras quatro figuras seniores, mas estava de forma última sob a autoridade de Luang Pó.

Uma vez por mês, Luang Pó se encontrava com o comitê. Esses encontros lhe permitiam oferecer conselhos e encorajamento a elas e lidar com assuntos práticos. Ele ouvia as perguntas e preocupações das *mé chis* seniores e lhes aconselhava sobre assuntos tais como princípios de liderança, sobre como promover a harmonia no grupo e sobre como encorajar as monjas mais novas. Às vezes, as *mé chis* se recordariam por muito tempo depois, ele as inspirava com histórias sobre as grandes bhikkhunīs da época do Buda.

Em 1964, Luang Pó estabeleceu um código de regulamentações para as *mé chis*. Essas regulamentações eram lidas em voz alta para a comunidade de *mé chis* depois da recitação de cânticos noturna no Dia de Uposatha, a

ocasião quinzenal na qual os monges se juntam para a recitação das regras do *Pāṭimokkha*.

REGULAMENTAÇÕES DO SETOR DAS MÉ CHIS, WAT NONG PAH PONG

1. É proibido em qualquer momento que as *mé chis* se juntem em grupos com o intuito de socializar e se deixarem levar por conversas fúteis;
2. Atividades em grupo tais como a refeição diária, lavar as roupas, varrer, banhar-se e etc. devem ser realizadas em concordância, de maneira ordenada e com plena atenção;
3. *Mé chis* devem manter limpa a área em volta de suas cabanas ao varrer regularmente e manter a área livre de formigas e cupins;
4. *Mé chis* devem ser frugais ao alimentar-se, descansar e conversar. *Mé chis* não devem ser exageradamente extrovertidas;
5. Ao receberem presentes, *mé chis* devem compartilhá-los de maneira justa e apropriada;
6. Quando uma *mé chi* está doente, suas companheiras *mé chis* devem auxiliar a cuidar dela com bondade amorosa;
7. *Mé chis* devem determinar que suas ações de corpo, fala e mente direcionadas às suas companheiras *mé chis*, sejam cara a cara ou por suas costas, sejam guiadas por bondade amorosa;
8. *Mé chis* devem prestar reverências umas às outras de acordo com a senioridade;
9. *Mé chis* devem manter todos os seus preceitos de maneira pura, e não fazerem de si mesmas objetos de aversão para outras *mé chis*;
10. É proibido para uma única monja tomar conta de toda a comunidade de *mé chis* ou estabelecer novas regulamentações por sua própria autoridade (e com visão incorreta);
11. Uma *mé chi* que esteja ciente de um problema deve informar rapidamente ao chefe da Sangha;

12. Uma *mé chi* que queira sair do mosteiro por qualquer motivo deve primeiro informar o chefe da Sangha (de bhikkhus);
13. É proibido para uma *mé chi* reclamar os direitos sobre uma cabana cuja construção ela tenha patrocinado;
14. É proibido para uma *mé chi* receber convidados do sexo oposto em sua cabana, exceto em certos casos de enfermidade;
15. É proibido para uma *mé chi* demonstrar ou promover coisas sem conexão com o Dhamma ou o Vinaya com o intuito de se destacar. Tal comportamento é um meio de vida incorreto e é danoso para a religião budista;
16. É proibido para *mé chis* colocarem-se a serviço de chefes de famílias. Fazer isso é danoso a elas mesmas;
17. *Mé chis* devem buscar harmonia através de uma Visão Correta compartilhada. Elas não devem brigar [umas] com as outras sob a influência de pontos de vista incorretos;
18. É proibido para *mé chis* manterem contatos com monges, noviços, outras *mé chis* ou pessoas leigas, seja dentro ou fora do mosteiro, exceto por razões necessárias e conectadas com o Dhamma;
19. É proibido para *mé chis* se envolverem em atividades de arrecadação de fundos;
20. É proibido para qualquer garoto com idade maior do que 12 anos passar a noite no setor das *mé chis*, exceto quando seja inevitável.
21. Qualquer uma que queira se ordenar ou permanecer no setor das *mé chis* deve ser acompanhada de um guardião como uma referência, e ter um número razoável de apoiadores.

A maioria dessas regulamentações eram adaptadas daquelas desenhadas por Luang Pó para os monges, as quais ele, por sua vez, derivou das regras de treinamento do Vinaya. Elas faziam muito por fornecer normas comportamentais para as *mé chis* que, na maior parte, estavam alinhadas com aquelas para os monges. Poucas dessas regulamentações, contudo, -

tais como as de número 13 e 19, por exemplo – refletem o fato de que as *mé chis*, diferentemente dos monges, não eram requeridas a abrirem mão do uso de dinheiro.

Na verdade, essa falta de clareza é inevitável dada a terminologia abrangente em alguns dos pontos; ponto 4, por exemplo, é mais um incentivo generalizado sobre ‘comportamentos extravagantes’ do que uma regra. Parece razoável assumir que ao resumir em um ‘Transgressoras serão avaliadas de acordo’, Luang Pó buscava dar a si mesmo a flexibilidade para lidar com os problemas na base do ‘caso a caso’.

Temas familiares dominavam as regulamentações: harmonia, disciplina e ordem, restrição dos sentidos, calor e respeito mútuo, contentamento e ter poucos desejos. As regulamentações continham um alto padrão de conduta, de forma intimidadora em algumas áreas. Elas tinham um grande papel em dar às *mé chis* de Wat Pah Pong uma identidade de ‘monjas de floresta’ e, em particular, ‘monjas de floresta de Wat Pah Pong’. Elas forneciam a base na qual se podia estabelecer um treinamento que dava a mesma importância aos detalhes na vida diária que caracterizava o treinamento dos monges.

Regulamentações da Sangha formavam a base sólida da cultura de Wat Pah Pong, fornecendo normas para as quais os recém chegados deveriam se adaptar. Um período probatório para mulheres que aspiravam tornarem-se *mé chis* lhes permitiria treinar seguindo os padrões que lhes seriam demandados como monjas de Wat Pah Pong. Aquelas que não quisessem ou não conseguissem viver baixo tal código partiam antes mesmo de se ordenarem, minimizando assim a perturbação da comunidade.

A maioria das mulheres que se inscreviam para se tornarem *mé chis* em Wat Pah Pong o faziam por fé em Luang Pó. Sempre havia a possibilidade de que algumas delas pudessem rejeitar a autoridade das líderes da comunidade de *mé chis* (‘Você não é o meu professor!’). O código de regulamentações, endossado como era pelo próprio Luang Pó, tornava mais fácil o trabalho das *mé chis* seniores. Ele fornecia a prova cabal de que elas não estavam inclinadas a imporem suas próprias vontades na comunidade, apenas implementando os desejos de Luang Pó e da Sangha.

Embora ele tenha delegado a administração diária do setor das *mé chis* às monjas seniores, a presença de Luang Pó era sentida fortemente por todas. As meras palavras, ‘Eu vou levar o assunto à Luang Pó’, proferidas por uma das *mé chis* seniores, eram poderosas o suficiente para dissolver todos os problemas, até os mais intratáveis. Mé Chi Buunyu, se recordando do final da década de 1980, dizia que conflitos mais sérios eram raros, mas que quando algo surgisse era sempre um grande conforto para ela saber que, se o assunto não pudesse ser resolvido, Luang Pó estaria lá para ajudá-la:

“Luang Pó me dizia que se as coisa estivessem ficando muito difíceis para as *mé chis* seniores, se as pessoas estivessem sendo difíceis e teimosas, que eu então poderia pedir por sua assistência ... Nós *mé chis* seniores atuávamos como irmãs mais velhas cuidando de suas irmãs mais novas. Se alguém se desviasse do caminho da prática estipulado nas regulamentações ou de nossas instruções, nós as advertiríamos. Se ainda assim elas não tivessem se endireitado depois mais dois ou três avisos, então nós informávamos a Luang Pó, com quem nós contávamos como sendo nosso patrão e protetor. E assim nós nos organizávamos. De outra forma, não teríamos sobrevivido.

“Eu não era a única no comando. ‘Mé Chi Sênior’ é apenas do que as pessoas me chamam. Eu nunca tive poder absoluto; eu não sou uma ditadora ou coisa do gênero. Eu tenho um comitê de quatro ou cinco *mé chis*, e se alguém está se comportando mal, então é um assunto a ser discutido com todo o comitê. Naquela época [antes da enfermidade de Luang Pó], se todas concordávamos, então o assunto seria levado a Luang Pó. Ele não aceitava imediatamente o nosso lado da estória. Ele conduziria suas próprias investigações.

“Quando Luang Pó vinha, ele não simplesmente decretava uma lei ou ficava ao lado de uma das partes. Ele geralmente dava uma palestra do Dhamma de uma forma natural e relaxada sobre um assunto desconectado do problema da monja em questão. Depois que ele tivesse terminado, ele tomava um pouco d’água e então discutia vários pequenos assuntos com seu jeito descontraído. Então, do nada, ele podia dizer, ‘Oh, e você, Mé Chi Fulana de tal, como você está? Como vai a sua prática? Você não vai ficar dando dor de cabeça para as *mé chis* seniores, vai?

“De maneira geral, ele falava de uma forma que ‘nem machucava a flor de lótus e nem enlameava a água’. Se elas estivessem certas ou erradas, ele não iria ferir os sentimentos de ninguém desnecessariamente. Mas às vezes ele teria que falar de forma mais direta para que as pessoas reconhecessem seus erros, para que elas então se tornassem mais cientes e melhorassem seu comportamento no futuro.”

Mas, como se recordava Mé Chi Buunyu, quando Luang Pó era severo, isso tinha um impacto considerável:

“Qualquer uma que fosse mais sensível, seguiria sentindo aquilo por dois ou três dias seguidos, mesmo que não tivessem sido elas as que tivessem levado a bronca.

“Todas tinham medo dele. É claro, não era que Luang Pó tivesse jamais batido em alguém ou mesmo usado palavras ásperas, mas eu apenas tinha que mencionar seu nome e quaisquer discussões se encerravam. Se Luang Pó tivesse que ir dar uma palestra no setor das *mé chis* enquanto houvesse algum problema acontecendo com alguma delas, ela assumiria que Luang Pó tivesse sido informado de antemão sobre o problema. A cabeça dela iria doer, ela sentiria vontade de ir ao banheiro. É difícil dizer por que a reação podia ser tão severa assim – mas era.

“Luang Pó estaria muito calmo e seu discurso seria proferido de forma amena. Mas – quem sabe o por que? – a *mé chi* estaria aterrorizada. E se ainda assim você fosse perguntar a qualquer uma das *mé chis* de maneira privada o que elas sentiam por ele, todas elas diriam que Luang Pó era maravilhoso, que não havia nenhum lugar como Wat Pah Pong. Você vê? É muito sutil para você entender. Para mim, a forma como ele administrava o setor das *mé chis* era uma maravilha.”

III. VENERÁVEL PAI

ÁSPERO

Mé Chi Buunyu recordava como Luang Pó poderia ser especialmente áspero quando *mé chis* lhe pedissem permissão para visitar suas famílias:

“Ele diria, ‘Para que? Você está com saudade de casa? Faz quanto tempo que você está aqui? O Buda nunca visitou sua casa durante todo o tempo em que ele estava buscando pela iluminação; você nem bem se ordenou e já quer voltar para casa.’ Se ele desse permissão, ele diria, ‘Vá de mãos vazias, volte de mãos vazias. Não carregue uma cesta cheia para lá e traga uma cesta cheia de volta.’ No retorno da monja ele perguntaria, ‘Como foi? Da mesma forma que você saiu daqui? Você trouxe uma cesta cheia de volta consigo?’ Ele estava usando linguagem do Dhamma. Ele se referia a lembranças e apegos. Se a monja não entendesse, ela diria, ‘Apenas algumas cebolas e um pouco de alho, Luang Pó.’

“Às vezes, ele perguntava a uma das *mé chis* mais velhas, ‘Quantas vezes você foi para casa na noite passada?’ – querendo dizer, quantas vezes a mente dela tinha ido. Se a monja não entendesse, ela diria que não tinha ido nenhuma vez em absoluto, e ele responderia, ‘Você apenas não a viu partir.’”

Ajahn Jan frequentemente atuava como atendente de Luang Pó em suas visitas ao setor das *mé chis*.

“Luang Pó era especialmente cuidadoso em suas relações com mulheres. Embora ele nunca tivesse tido a experiência de cuidar de uma família, ele cuidava do mosteiro de maneira exemplar. Nunca houve qualquer escândalo. Nunca houve quaisquer disputas sérias. Ele estava sempre na defensiva. Fosse por ações ou por palavras, ele nunca deu oportunidade a que nenhuma das *mé chis* se tornasse próxima a ele de nenhuma forma possível.

“Luang Pó mantinha as oito *garudhammas**. Quando ele falava com uma monja, ele não olhava para o rosto dela**, e ele nunca se utilizou de discurso mundano ou de galanteios que pudessem ter feito qualquer uma delas perder o respeito.”

Mais do que qualquer outro grupo de seus discípulos, as *mé chis* tendiam a ter grande adoração por Luang Pó. Os monges também sentiam essa

*Regras estabelecidas pelo Buda para delimitar a relação entre bhikkhus e bhikkhunīs.

**Era considerado inapropriado para um monge fazer contato visual com uma mulher.

adoração – e vários a sentiam muito forte – mas o contato diário deles com Luang Pó e seus status como companheiros monásticos, davam a isso um caráter diferenciado. Os discípulos leigos também sentiam essa adoração, mas era de uma forma mais intermitente, já que uma grande parte de suas vidas era ligada à família e ao trabalho. Para as *mé chis*, Luang Pó era a razão da vida que elas levavam; elas o viam como seu pai, seu professor, seu benfeitor. Elas o viam raramente e apenas em ocasiões formais, mas elas sentiam a sua presença em todos os lugares. A maioria delas, além disso, tinha como certo que ele sabia – através de seus poderes paranormais – tudo o que se passava em suas vidas e em suas mentes (embora elas admitissem ironicamente que, sendo humanas, essa crença não impedia emoções negativas de emergirem nelas de tempos em tempos).

Embora Luang Pó fosse um apoiador em tempos de crises genuínas, ele também era cuidadoso para não parecer tão facilmente disponível quando problemas surgissem e ele quisesse que elas aprendessem a lidar com aquilo por elas mesmas. Ajahn Jan recordava de que um dia, enquanto uma monja estava praticando meditação andando, ela teve uma visão extremamente realista de uma serpente enorme se enrolando no corpo dela. De forma não surpreendente, ela desmaiou. Uma companheira *mé chi*, vendo-a prostrada no meio do local de meditação andando, pediu por socorro. Mais *mé chis* correram para ajudar e, enquanto a monja retomava os sentidos e soltou a estória da monstruosa serpente, um pequeno pânico tomou conta. Duas das *mé chis* seniores correram para a cabana de Luang Pó para solicitar a sua assistência: a monja estava muito aflita – será que ele poderia ir vê-la rapidamente? Sem demonstrar a menor preocupação, Luang Pó disse, ‘Talvez ela já esteja morta. Cuidem dela por agora, eu passo por lá mais tarde.’ Várias horas depois do incidente, quando a excitação havia terminado, ele fez sua visita.

BONDADE A UMA CERTA DISTÂNCIA

Luang Pó tinha visto mosteiros serem consumidos por escândalos sexuais; ele estava determinado a prevenir a mesma coisa de acontecer com Wat Pah Pong. A segregação estrita entre monges e *mé chis* na qual ele insistia era baseada em seu entendimento de como os relacionamentos mais inocentes podiam, em um momento de distração e contra todos os

melhores julgamentos de qualquer uma das partes, se desenvolver em algo mais sério. Sua solução foi, figurativamente, manter a todos longe o suficiente da beira do precipício.

Embora a política de separação significava que as *mé chis* pouco viam a Luang Pó, e que elas sem dúvidas teriam apreciado vê-lo com mais frequência, elas não esperavam por isso. Elas tinham pouco senso de terem esse direito, tendo crescido em um mundo no qual a separação entre monges e mulheres, fossem elas leigas ou ordenadas, era a regra.

Geralmente, o único período em que as *mé chis* entrariam na área principal do mosteiro era de manhã cedo, enquanto os monges estavam em mendicância matinal. As *mé chis*, de olhos baixos, caminhavam pela floresta até a cozinha, onde elas ajudariam a preparar a comida. Assim que a refeição estivesse terminada, elas retornavam ao setor delas. Se por alguma razão as *mé chis* encontrassem a um monge no caminho, a etiqueta monástica requeria que elas se ajoelhassem com suas mãos postas em prece e olhassem para o chão até que o monge, igualmente olhando para outro lado, tivesse passado. A ausência de uma suspeita sequer de escândalo sexual em Wat Pah Pong através dos anos fez muito por consolidar a sua reputação. Mas monges recém chegados como Ajahn Jan podiam experienciar algo como um choque cultural.

“Quando eu vim pela primeira vez para morar em Wat Pah Pong, eu não conhecia os costumes e as convenções. Eu passei por um grupo de *mé chis* e as cumprimentei em voz alta, ‘Olá, tudo bom com vocês?’ As *mé chis* pareciam ter ficado chocadas e se apressaram para dentro da floresta. Eu fiquei desconcertado. Eu pensei, ‘Do que se tratam esses mosteiros de floresta? Os monges e noviços te ignoram; mesmo as *mé chis* não falam com você.’ Alguém deve ter dito a Luang Pó que o monge novato estava fazendo várias coisas impróprias, como falando com as *mé chis*. No dia seguinte ele me explicou e depois daquilo eu entendi como as coisas eram feitas.”

Conforme o tempo passou, vários mosteiros afiliados de Wat Pah Pong abriram setores para *mé chis*, e esses funcionavam sob os mesmos princípios que o de Wat Pah Pong, embora mosteiros muito menores geralmente requeressem algum relaxamento na política de segregação. Para se resguardarem contra qualquer risco de comportamento impróprio, uma

regulamentação da Sangha foi subsequentemente estabelecida restringindo a possibilidade da abertura de setores para *mé chis* a mosteiros cujo abade já tivesse passado pelo menos vinte anos de manto.

No início da década de 1980, a saúde de Luang Pó estava em um sério declínio e suas visitas ao setor das *mé chis* se tornaram mais irregulares. Com sua influência diminuindo, os problemas dentro da comunidade de *mé chis* começaram a aumentar. Algumas delas tinham uma sensação de perda e preocupação pelo futuro. Em uma ocasião, um pouco antes de sua enfermidade, ele lhes explicou:

Eu me mantenho afastado de todas, afastado de todas as *mé chis* que vieram viver aqui. Todas são livres para falar comigo, mas eu não me dirijo a todas. Mesmo assim, eu sinto um acordo interno entre todas vocês – é chamado de ‘amor Dhâmmico’. Não é um tipo de amor mundano onde vocês ficam falando coisas boas umas às outras o tempo todo, mas um em que quaisquer problemas que surjam são discutidos de uma forma apropriada. Existem algumas de vocês aqui com quem eu nunca falei diretamente. Não pensem que é porque vocês são *mé chis*. Nesses dias, o mosteiro se tornou muito grande e também existem monges e noviços com os quais eu nunca falei individualmente; é difícil para apenas uma pessoa cuidar de uma comunidade tão grande. É por isso que, tanto quanto seja possível, é importante que todas tomem responsabilidade por si mesmas e por sua prática.

SEM FAVORITAS

Luang Pó tinha visto em outros mosteiros como a competição entre as *mé chis* pela atenção do professor poderia levar a ciúmes que sabotavam a harmonia da comunidade. Ele mantinha uma posição estrita e imparcial para com elas. Várias das *mé chis* eram especialmente impressionadas por como ele evitava conceder atenção ou privilégios especiais mesmo para sua mãe*. Na cultura em que elas viviam, a força de vontade para tratar a

*Uma notável exceção ocorreu com o elaborado funeral que Luang Pó organizou para Mé Pim quando ela faleceu em 1976, que teve vários dias de atividades meritórias dedicadas a ela.

própria mãe como qualquer outro membro de uma comunidade maior era vista como um feito incomum.

Essa imparcialidade não era um pano de indiferença. Ao contrário, como Mé Chi Buunyu relembrava, Luang Pó demonstrava uma preocupação consistente pelo bem estar de todas as *mé chis*:

“O mosteiro ainda era bastante desconhecido na época, e não muitas pessoas vinham oferecer comida. Geralmente, as únicas frutas que tínhamos eram as poucas que vinham do pomar das *mé chis*. Um dia, um grupo de leigos veio para ajudar com um projeto de trabalho. Um deles plantou uma muda de abacaxi perto da cozinha e ela cresceu em um belo abacaxi – e bem grande também, como esses que as pessoas trazem do sudeste hoje em dia. Abacaxis eram raros naquela época. Todos os dias, quando íamos para a cozinha, nós víamos o abacaxi e pensávamos no quão grande ele estava ficando e imaginando o que Luang Pó ia fazer com ele quando estivesse maduro. Todas estávamos ansiosas para experimentá-lo pois nós nunca tínhamos comido abacaxi antes na vida. Então um dia o abacaxi desapareceu. ‘Oh não’ Eu lamentei em minha mente, ‘Para onde ele foi?’ ”

Mé Chi Buunyu descobriu na manhã seguinte. O abacaxi apareceu na cozinha cortado irmanamente em quinze pedaços, um para cada um dos oito monges e sete *mé chis* que viviam no mosteiro. Luang Pó não era idealista com relação à restrição dos sentidos. Para religiosos treinando a si mesmos a se desapegarem dos prazeres dos sentidos, o prazer sobrevive à indulgência e é suplantado pela equanimidade através do insight, não por atos de vontade. Para quase todos os membros de uma comunidade monástica subsistindo com uma dieta tão simples, uma fatia de uma fruta exótica era um presente. Luang Pó não condenava isso como sendo uma tolice mundana e ficava contente em garantir que todos aqueles da comunidade, incluindo as *mé chis*, pudessem compartilhar de uma parte desse presente. Era um tipo de consideração consistente, mas discreta – uma que era ocultada em seu comportamento proibitivo – que o tornava querido pelas *mé chis*.

A preocupação de Luang Pó pela *mé chis* era claramente aparente para os monges, não apenas por suas exortações sobre a distribuição justa

da comida. Ele recordaria aos monges a sempre manterem em mente o trabalho duro e o sacrifício das *mé chis* que tornavam possíveis as refeições que eles comiam, e para que eles se assegurassem de que haveria comida suficiente sendo enviada de volta para a cozinha. Ele dizia que seria muito mau kamma se eles pegassem tanta comida que aquelas que a prepararam ficassem sem ter o que comer.

A ênfase em ser justo e imparcial se estendia a todos os requisitos. Mé Chi Buunyu se lembrava da distribuição dos panos:

“Luang Pó distribuía os panos pessoalmente. Depois que ele separasse uma pilha para cada monja, o sino tocava e as *mé chis* iam para a plataforma por ordem de senioridade para buscarem sua parte. Depois, nós comparávamos o número de pedaços, a qualidade do pano, a fineza ou aspereza. Eles eram todos exatamente os mesmos.”

PARA SER UMA MÉ CHI

Mulheres que se inscrevessem para ingressar na comunidade de *mé chis* de Wat Pah Pong deviam passar por um procedimento investigativo, com membros mais velhos de suas famílias sendo esperados como sendo patrocinadores e que garantissem que elas tinham um bom caráter. O critério mais básico de aceitação na comunidade era que a mulher não poderia estar grávida, e essa era a razão principal pela qual as mulheres que fossem aceitas na comunidade deviam passar por um período probatório como praticantes leigas. O período probatório também fornecia uma oportunidade para as *mé chis* seniores observarem de perto a conduta e a personalidade das postulantes e julgarem o quão bem elas se adaptavam. A rotina diária exigente e as regulamentações estritas tinham um papel importante em descartar as candidatas que não se adequassem. Não se esperava que as mulheres que se inscreviam para ingressar na comunidade de *mé chis* de Wat Pah Pong fizessem compromentimentos por um determinado período de tempo. Algumas se tornaram *mé chis* por um tempo determinado – talvez um mês – algumas tinham a intenção de passar o resto de suas vidas no mosteiro e iam embora depois de uns poucos dias, mas também houve aquelas que foram para ficar por um curto período de tempo e acabaram ficando pelo resto de suas vidas.

A maioria das *mé chis*, assim como os monges, vinham de famílias de camponeses e fazendeiros e eram acostumadas com uma vida prática e ativa. Elas geralmente achavam que a vida no mosteiro de floresta, onde os períodos de meditação formal se alternavam com a realização de atividades comuns como varrer, limpar, cozinhar e cuidar dos jardins, tudo sendo feito de uma forma plenamente atenta fornecia um bom equilíbrio. Para aquelas que sentiam que a iluminação ainda estava muito longe, acumular méritos através de atividades saudáveis fornecia uma compensação tranquilizante pelas frustrações na meditação.



Plantar vegetais e preparar comida constituía a contribuição principal das *mé chis* para o funcionamento geral do mosteiro. Como o número de monges e monjas cresceu para quase cem, isso se tornou um grande esforço diário. O trabalho era realizado em nobre silêncio, pontuado apenas por ordens e solicitações que fossem inevitáveis. Pontos sutis de etiqueta no que dizia respeito ao uso de recipientes e a frequência de lavar as mãos ajudava as monjas a manterem-se focadas no momento presente. A limpeza era um importante objeto de plena atenção para todas elas. As *mé chis* também contribuía com a maioria dos grandes projetos de trabalho que ocorriam no mosteiro através dos anos. Talvez a realização que lhes

trouxe mais orgulho foi a de queimar os milhares de tijolos que os monges utilizaram para construir o muro do mosteiro.

TUDONG

Em Wat Pah Pong, esperava-se que as *mé chis* mantivessem várias das práticas ascéticas de dhutaṅga que eram incorporadas no treinamento dos monges. Elas comiam apenas uma refeição por dia usando um único recipiente (no caso delas era uma tigela branca esmaltada). Em todos os Dias de Observância, elas também se abstinham de deitar e passavam a noite inteira meditando. Várias delas adotavam práticas especiais, tais como jejuar ou manter silêncio, com o intuito de acelerarem seus esforços na meditação.

Embora não fosse considerado seguro ou socialmente aceitável que *mé chis* saíssem em peregrinação através do interior do país em tudong como os monges, Luang Pó deu oportunidades às *mé chis* mais seniores de praticarem em áreas mais remotas e selvagens. Com a abertura do mosteiro Tam Ség Pet em 1969 e do Wat Kheuan no ano seguinte, a Sangha tinha adquirido propriedades grandes e remotas onde Luang Pó às vezes dava permissão para que grupos de *mé chis* vivessem na floresta usando seus glots e para que pudessem encarar os seus medos de espíritos e animais selvagens.

Viver sob um glot na floresta sem a proteção dada por uma cabana era um desafio assustador, e era dada a oportunidade apenas para as monjas mais maduras. Em sua primeira expedição, Mé Chi Jan, uma das *mé chis* seniores, recontava alegremente sobre com ela tinha ficado aterrorizada durante a noite pelo estranho som que ela tinha certeza que era um espírito malévolo. No dia seguinte ela foi objeto de gentis brincadeiras quando descobriu que o que ela estava ouvindo era na verdade o lamento de uma fêmea de gato-do-mato abandonada por seu macho.

Mas uma vez que as *mé chis* tivessem vencido seus medos iniciais da floresta, elas percebiam, assim como os monges, que a vida sob tais condições tinha feito surgir um estado de alerta e um entusiasmo que eram profundamente energizantes.

ADVERTÊNCIAS

Um dos princípios guia da vida monástica estabelecido pelo Vinaya é que cada monge e monja deveriam fazer-se abertos a serem advertidos por todos os outros membros da comunidade. Mas dar advertências mutuamente não é uma maneira fácil pela qual viver. Na Tailândia, a ênfase cultural de preservar a harmonia social através da não-confrontação faz disso algo particularmente difícil. No entanto, Luang Pó frequentemente falava sobre esse tópico.

Em um ano, durante o período do Retiro de Chuvas, Luang Pó instruiu a comunidade de *mé chis* sobre esse princípio em detalhes. Nessa época a sua saúde já estava em declínio e ele não tinha sido capaz de visitar o setor das *mé chis* tão frequentemente quanto em anos anteriores. Ele enfatizou a importância de que cada *mé chi* aprendesse como dar advertências a si mesma como fundação para poder dar advertências a outras. Elas tinham que ensinar a si mesmas sobre como tomar conta de suas mentes.

Antes de advertirem qualquer uma, vocês deveriam advertirem a si mesmas. Por que? Porque se vocês não fizerem isso, aquela pessoa não aceitará as suas advertências, e então vocês podem perder a paciência. Vocês devem colocar a si mesmas em um bom estado mental antes. Então se alguém lhes dá uma bronca ou abusa de vocês, isso não vai afetá-las; vocês sabem que fizeram a coisa certa. Se é necessário advertir alguém e a pessoa aceita, então isso é bom, mas se ela não aceita então é problema dela, não seu.

Se a pessoa que você advertiu lhe criticar, então você ouve o que ela tenha para lhe dizer. Se ela disser, 'Você tem ciúme de mim', pergunte a si mesma se isso é verdade. Investigue isso. Se não for, então ela entendeu errado e isso é responsabilidade dela. A sua prática é de abrir mão, é de aprender a ver tudo em termos de Dhamma.

Aquelas que recebiam uma advertência deviam constantemente treinar a si mesmas a serem abertas às palavras dos outros, mesmo que elas parecessem injustas ou imprecisas. Aprender como lidar com elogio e crítica era um elemento essencial do caminho da sabedoria.

Vocês devem aprender a assumir responsabilidade por sua fala e suas ações. Então, se vocês agirem com boas intenções e forem acusadas de agirem com intenções impuras, vocês ficarão tranquilas, porque vocês conhecerão suas próprias mentes e saberão com certeza que aquilo não é verdade. O Buda nos ensinou a termos plena atenção em todos os momentos. Quando vocês forem dizer alguma coisa, vocês tem boas intenções? Qual é o propósito de suas palavras? Vocês devem estar atentas às suas ações. Então, quando alguém disser que vocês falaram de maneira imprópria, vocês não ficam aborrecidas pois vocês consideraram bastante antes de falar aquelas palavras: vocês sabem que suas intenções eram boas e a pessoa que diz que vocês agiram mal é quem está errada. Vocês ficam tranquilas.



Vocês são tão boas quanto os outros dizem? Vocês devem conhecer a si mesmas. Não acreditem em mais ninguém. Fiquem atentas. Se dizem que vocês não são boas, são apenas as palavras dos outros. Se dizem que vocês são boas, também são apenas palavras. Não são o que você é; apenas você sabe isso.



Nós viemos aqui para abrir mão. Se alguém te dá uma advertência, então você a recebe com um ‘*Sādhu!*’, contente por estar recebendo aquilo de graça. Mesmo que você esteja certa ou errada – escute. É através de ouvir que a sabedoria pode surgir.

Ele ilustrou seu conselho com sua própria interpretação de um método de treinamento do Zen:

Os mestres Zen ensinam seus discípulos a reduzir a presunção e os pontos de vista. Não existe muito estudo envolvido. Se os estudantes começam a ‘cabecear’ enquanto estão praticando meditação sentados, o professor bate na cabeça deles com um longo bastão. O estudante diz, ‘Obrigado senhor, por ser tão gentil em bater em minha cabeça com seu bastão. Isso me lembrou do que eu deveria estar fazendo. Muito agradecido, senhor.’

Será que todas as *mé chis* aqui podem agradecer umas às outras por receberem uma advertência? Tentem fazer isso; isso requer sabedoria. Se qualquer uma de vocês fica sonolenta durante a meditação, peçam para que a *Mé Chi Khamfá* bata em suas cabeças com um bastão – e então digam, ‘Obrigada’. Vocês poderiam fazer isso? Entendam esse ponto.

As *mé chis* deveriam ver o quanto era valioso receber uma advertência, e o quão afortunadas elas eram de estarem em uma situação onde elas pudessem receber isso.

Todas vocês tem uma vantagem sobre mim. Eu lhes convido a me darem uma advertência caso eu faça algo errado, mas isso é difícil para vocês; ninguém faz isso, pois eu sou o professor e ninguém ousa fazê-lo. É por isso que a prática como um monge sênior é tão dura. Às vezes o professor faz algo errado, e todos lhe deixam seguir fazendo aquilo sem que ele perceba que está errado. É difícil para um professor encontrar alguém que lhe ensine. Mas todas vocês tem sorte. Se vocês fazem algo errado, alguém vem e lhes diz isso imediatamente. É algo realmente bom; não pensem negativamente sobre isso. Tentem ver que a prática é exatamente sobre coisas assim. Se vocês abrem mão, se vocês deixam passar, isso chega a um fim, não é mais algo pesado. É o apego que é o pesado.

ENSINAMENTOS DO DHAMMA

Os ensinamento de Dhamma que Luang Pó dava para as *mé chis* eram pouco diferentes em substância daqueles que ele dava para os monges. Embora ele enfatizasse um pouco mais a Fala Correta e vários valores comunitários no começo das palestras para as *mé chis*, a essência da instrução que ele dava era a mesma. Os mais profundos ensinamentos eram dados livremente. Na verdade, os monges que acompanhavam Luang Pó quando ele ia ensinar as *mé chis* diziam que as palestras que eles presenciavam estavam entre as melhores que eles já tivessem ouvido. Uma passagem na qual Luang Pó relatava às monjas uma de suas histórias favoritas dá um pouco do sabor dessas palestras:

Um dos Supremos Patriarcas viajou à China, onde ele foi apresentado com uma bela xícara para chá. O patriarca nunca tinha visto algo tão belo. Ele começou a pensar sobre como ele iria mostrar aquele presente para todos os seus apoiadores leigos quando retornasse à Tailândia. Mas assim que ele pegou a xícara em suas mãos, ele começou a sofrer. ‘Onde eu devo colocá-la? Onde eu devo guardá-la?’ Ele começou a ficar com medo de quebrar a xícara.

Uma vez que a xícara estava em sua bolsa de ombro, ele constantemente recordava ao seu atendente, ‘Tome cuidado com essa bolsa de ombro; a xícara é frágil. Tome cuidado!’ Aquilo não era nada além de sofrimento para ele. O patriarca estava tendo uma viagem agradável antes daquilo. Aquele sofrimento começou assim que ele ganhou a xícara – foi ali que começou a ficar pesado. Sentado no avião de volta à Tailândia, ele ficava aflito sempre que o novíço se aproximasse da bolsa, ‘Tome cuidado! É frágil.’ Se um leigo se aproximasse, era, ‘Tome cuidado com essa bolsa de ombro!’ Ele sofreu todo o caminho que volta para a Tailândia pois ele pensava que a xícara pertencia a ele. O sofrimento veio com o apego.

Um dia, muito depois, de volta ao seu mosteiro, um novíço pegou a xícara para dar uma olhada. A xícara escorregou de sua mão e se quebrou. O Supremo Patriarca exclamou com alegria, ‘Até que enfim! Eu vinha sofrendo por causa dessa xícara faz anos!’

É a mesma coisa com os cinco agregados (*khandhas*). Eles são pesados; jogue-os fora. Jogue fora a forma, as sensações, as percepções, as formações mentais e a consciência. Não faça de nenhum deles um ‘eu’ ou algo que pertença a um ‘eu’. Eles são meramente formas, meramente sensações, meramente percepções, meramente formações mentais e meramente consciência – isso é tudo. Não se agarre a nenhum deles. Ver a verdadeira natureza deles é a libertação. Nós sempre nos apegamos a realidades convencionais, mas quando nós vemos os cinco agregados pelo que eles são, então tudo muda e ali está a libertação das convenções. Quando nós abandonamos o fardo dos cinco agregados, nós sentimos leveza. Isso é o que eu gostaria que todas vocês entendessem.

Assim como os monges, as *mé chis* comentavam entre si como Luang Pó sempre parecia dirigir-se exatamente aos problemas que elas estavam tendo na prática e queriam perguntar para ele. Como Mé Chi Buunyu recordava, quando ele ensinava o Dhamma, ficava claro para elas que ele acreditava genuinamente na capacidade delas de se libertarem do sofrimento, e ele queria ajudá-las de todas as formas que ele pudesse.

“Ele nos ensinava a abandonar o desejo, a não nos apegarmos à ideia de um ‘eu’, a vermos a impermanência. Nós praticávamos como ele recomendava e víamos a verdade do que ele ensinava. Eu me determinei a seguir os seus ensinamentos e vi que eles eram o caminho para a libertação do sofrimento. Ele nos ensinava a não ficarmos iludidas com o corpo físico, a abrirmos mão, a abandonarmos o apego, a deixarmos as coisas. Eu era inspirada por seus ensinamentos, os aceitava completamente, praticava de acordo e eu não tinha nenhum pensamento de retornar ao mundo.

“Quando ele vinha para dar uma palestra, se houvesse muitas *mé chis* recém ordenadas presentes, ele falaria em um nível básico: sobre não discutir ou brigar, sobre conhecer o significado dos preceitos. Em um nível intermediário, ele falaria sobre o treinamento de abandonar a cobiça, a raiva e a ilusão, o apego a pontos de vista e à presunção, sobre como praticar uma vez que nossos preceitos fossem mantidos com pureza. No nível mais alto, ele falaria sobre o que se vê e o que se experiencia quando se pratica; ele falaria sobre o propósito de tronar-se uma monja, sobre o mais alto objetivo da vida monástica. Ele falaria de Nibbāna e *anattā*, e de que não havia nada que valesse a pena se apegar. Às vezes ele perguntaria para uma *mé chi* mais velha, ‘Você sabe qual será o seu estado mental na hora da morte?’ Ele nos ensinava a ‘conhecer o conhecimento dentro do conhecimento’. Não o conhecimento de calor e frio, de prazer e dor, de dia e noite, mas o conhecimento do conhecimento.”

O DEVER DE UMA SAMAÑA

Em uma ocasião, enquanto se dirigia às *mé chis*, Luang Pó retornou a um antigo e potente assunto: como tirar o melhor proveito da vida monástica; como viver como uma verdadeira samaña. O progresso no Dhamma começava com o cultivo de um senso de urgência.

‘Os dias e noites estão passando sem parar.’ Isso é o que se diz nos livros ... ‘O que você está fazendo bem agora?’ ... O que significa para você ser uma mé chi?

Se você diz que veio para abandonar as impurezas, então você sabe quais são as impurezas? Você pode reconhecer as qualidades não saudáveis na sua mente? Você está abandonando as impurezas? Você está resistindo a elas?

O que você está pensando bem agora? O que você está fazendo? Você está pensando sabiamente? Ou de maneira tola? Você está com pensamentos de ciúme? De raiva? Existe algum desejo em sua mente? Examine o momento presente.

Luang Pó dizia que, agora que elas tinham deixado a vida leiga, o Buda estava fazendo perguntas para elas. Ele perguntava, ‘Você já está se comportando como uma samaṇa? Você está falando como uma samaṇa? Você está comendo como uma samaṇa?’ Ele lhes precavia contra viver de forma desatenta. Viver muito confortavelmente era um obstáculo para a prática. Ele dizia que os modos de uma samaṇa são em colocar um esforço contínuo em abandonar a cobiça, a raiva e a ilusão. Era através desse esforço que uma samaṇa ganhava o respeito e o apoio de budistas leigos. Se os budistas leigos elogiavam a sua prática, elas deveriam tratar aquelas palavras de elogio com cautela. Se elas não fossem verdadeiras, então depois de ganhar os elogios não merecidos elas deveriam colocar esforço para serem merecedoras deles.

Luang Pó dizia que a razão pela qual as pessoas não abriam mão de suas impurezas era porque elas ainda não tinham visto o sofrimento inerente a elas e por isso ficavam relutantes em abrir mão de seus apegos. Cobiça, raiva e ilusão surgem em nossas mentes por causa de nossa forma rebelde de pensar. Uma pessoa com pontos de vista incorretos não vai encontrar paz mesmo no ambiente mais propício. Visão incorreta sempre traz o sofrimento consigo; apenas a Visão Correta leva à paz. Estados pacíficos da mente que sejam desenvolvidos em alguém que mantém pontos de vista incorretos nunca levarão à sabedoria. Apenas a calma derivada da Visão Correta pode dar suporte ao insight sobre como as coisas são.

Ele insistia que é a Visão Correta que permite que uma samana saiba como se adaptar: saiba como viver em uma grande comunidade, como viver em uma pequena comunidade, como viver sozinha. Quando a Visão Correta tivesse sido desenvolvida, viver em uma grande comunidade não seria diferente do que viver sozinha. A harmonia do grupo é um fator vital de suporte para a prática. Entoar cânticos juntas, meditar juntas, trabalhar juntas – tudo promove a harmonia do grupo. Quando outras *méchis* agissem de forma inadequada, ele dizia, então que todas estivessem cientes de que isso era porque a prática do Dhamma ainda não era forte o suficiente para vencer as impurezas. Algumas tinham maus hábitos profundamente arraigados; elas nunca tinham criado as condições para a sabedoria e para abrir mão no passado. Sendo assim, que elas fossem mais permissivas para com essas pessoas.

Você ainda tem impurezas; você ainda tem desejo. Então você tenta. Você aumenta o número de práticas que você adota. Você examina o seu corpo, sua fala e sua mentes todos os dias. Onde estão as deficiências? Você alonga os pedaços que estejam muito curtos. O que estiver muito longo, você corta.





*X
por compaixão*

*Um a um, pouco a pouco, momento a momento, os sábios devem remover suas
próprias impurezas, como um ferreiro remove a escória da prata.*

Dhp 239

Por Compaixão

Luang Pó e a Comunidade Leiga

Peregrinem adiante, oh monges, pelo bem estar dos demais, pela felicidade dos demais, por compaixão ao mundo, pelo bem, pela felicidade e pelo bem estar de devas e humanos.

SN 4.5

Excelente, Senhor, excelente! É como se, Senhor, um homem fosse endireitar aquilo que estivesse revirado, ou fosse revelar aquilo que estivesse escondido, que fosse apontar a saída para aquele que estivesse perdido, que fosse segurar uma lâmpada em meio à escuridão, para que aqueles que tenham olhos possam ver. Ainda assim, a doutrina foi explicada de várias formas pelo Exaltado Senhor. Eu tomo refúgio, Senhor, no Buda, no Dhamma e na Sangha. Que o Senhor me receba como um seguidor; como aquele que tomou refúgio desde o dia de hoje até o final desta vida.

e.g. DN 2

Como o monge ensina aos budistas leigos?

- *Ao desencorajá-los da maldade.*
- *Ao desencorajá-los da maldade.*
- *Ao dar-lhes assistência com bondade amorosa.*
- *Ao dar-lhes novo conhecimento.*
- *Ao esclarecer os ensinamentos que eles já tenham ouvido antes.*
- *Ao mostrar-lhes o caminho para a felicidade.*

DN 31

I. INTRODUÇÃO

Agradecer a bondade e a assistência que alguém recebeu em sua vida e fazer esforços para expressar essa gratidão de forma apropriada (Pali: *kataññū-katavedi*) são, juntos com a generosidade, provavelmente as virtudes budistas mais profundamente arraigadas na sociedade tailandesa. Elas são aparentes claramente no relacionamento entre filhos e filhas com seus pais e guardiões, e no respeito que demonstram aos seus professores e benfeitores em qualquer área. Na Tailândia, ‘*buunkun*’ – os laços e obrigações vistos entre as pessoas através de ações benéficas – sustenta as relações sociais mais significativas, incluindo aquela entre membros da Sangha e a comunidade leiga.

No início de 1954, foi uma solicitação feita por uma delegação de camponeses, liderada por sua mãe, que persuadiu Luang Pó Chah que havia chegado a hora dele estabelecer um mosteiro de floresta próximo ao seu vilarejo natal. O convite formal feito pelos moradores locais e a aceitação de Luang Pó ao convite refletem bem a natureza da relação entre a Sangha e a comunidade leiga vislumbrada pelo Buda. A tradição mantém que qualquer ensinamento dado por monges – mesmo uma simples palestra do Dhamma – deve ser sempre iniciada pela comunidade leiga. Eles devem querer receber os ensinamentos. É por essa razão que os religiosos budistas não são evangelistas: eles apenas falam do Dhamma para aqueles que tenham demonstrado um interesse sincero em ouvi-lo e lhes tenham solicitado para que os ensinassem. Como muitos monges de floresta, Luang Pó por muito tempo manteve planos de certamente retornar ao seu local de origem e ali propagar o Dhamma. Mas foi apenas quando ele recebeu um convite formal de representantes da comunidade leiga local que ele sentiu que as condições estavam maduras para que ele assim o fizesse.

Para Luang Pó, o estabelecimento de um mosteiro era o passo seguinte natural e quase inevitável de sua vida como monge. Ele tinha alcançado um nível de prática do qual ele estava confiante que não poderia regredir. Ele estava no auge de sua vida, e um número crescente de monges o enxergavam como um professor. Além disso, ele estava ciente de que se quisesse auxiliar a sua mãe a progredir no Dhamma, ele não poderia esperar por muito mais tempo. Vivendo como monge, ele sabia que tal assistência

era a forma – a única forma – pela qual que poderia verdadeiramente retribuir a grande dívida de gratidão para com ela.

Em seus discursos, o Buda repetidamente encoraja monges a buscarem por reclusão e a estarem cautelosos quanto a emaranhar-se com apoiadores leigos. Ao mesmo tempo, o número de ensinamentos delineando a natureza correta e a incorreta nas relações entre monges e leigos sugere que havia um contato considerável entre eles. Por exemplo, certas formas de prestar assistência aos leigos são proibidas como sendo aparentemente do tipo que diminui o respeito com o qual a Sangha é vista. Monges não são permitidos de atuarem como médicos, porque fazer isso significa que eles começariam a serem vistos como curadores do corpo ao invés da mente. Eles são prevenidos contra desenvolver uma relação muito próxima com pessoas leigas, algo do tipo ‘ele ri quando eles riem, ele chora quando eles choram’. Fica claro por essas instruções que o Buda deu uma importância considerável a criar uma plataforma na qual a Sangha poderia exercer o máximo de influências positivas na sociedade sem comprometer a sua própria integridade.

O principal entre as tarefas de um religioso é demonstrar os ensinamentos através do exemplo pessoal e instruir os leigos que queiram entender o Dhamma. Embora existam referências desaconselhando monges que não tenham nenhum insight de tentarem ensinar aos demais (tal monge é comparado com uma pessoa afundando na lama e tentando ensinar alguém sobre como sair dela), uma ideia tida como certa é de que o acúmulo de conhecimento e de experiência deveriam ser o suficiente para isso.

Como uma Ordem mendicante, a Sangha é dependente das comunidades locais para o suporte material e pelo ingresso de novos membros. Um mosteiro apenas será bem sucedido quando seus habitantes ganham o respeito e a devoção dos apoiadores leigos. Isso ocorre naturalmente quando religiosos se determinam a levar suas vidas de tal forma que eles se tornem um ‘campo de mérito’ para os seus apoiadores e quando eles os liderem e os inspirem no caminho budista através do exemplo e da instrução. Essa relação recíproca é estruturada por várias das regras de treinamento e observâncias do Vinaya que previnem que mosteiros se tornem materialmente independentes. Por exemplo, existem regras proibindo cavar a terra, cozinhar, consumir alimentos não oferecidos, e

guardar alimentos de um dia para o outro. Todas essas regras compelem os monges a terem um contato diário com a comunidade leiga, no mínimo em sua mendicância matinal. O nível pelo qual o Buda tomou a comunidade leiga em consideração ao anunciar as regras do Vinaya é deixado claro por um elemento proeminente do seu raciocínio ao fazer aquilo: ‘para incentivar o surgimento da fé naqueles que não a tenham e ao fortalecer a fé naqueles que já a possuam’.

Ao estabelecer um mosteiro próximo ao seu local de nascimento, Luang Pó buscou não apenas criar um ambiente excelente para o treinamento de religiosos, mas também um centro de propagação do Dhamma entre as cidades e os vilarejos locais. Ele percebeu que os dois objetivos não eram apenas compatíveis mas que podiam reforçar um ao outro. Era através da fé na integridade dos monges que as pessoas começariam a ir para o mosteiro para ouvir o Dhamma. Era através de promover valores budistas autênticos na sociedade que o bem estar da Sangha a longo prazo poderia ser assegurado.

Os ensinamentos de Luang Pó para a comunidade leiga estavam na mesma base daqueles que ele dava para a Sangha: as Quatro Nobres Verdades. Suas palestras invariavelmente retornavam à questão do sofrimento, como ele surgia e como ele poderia ser levado à sua cessação. Suas instruções sobre a prática de meditação diferiam muito pouco daquelas que ele dava para os religiosos. As diferenças que podiam ser verificadas apareciam em áreas nas quais ele adaptava a forma sobre como tratar de temas chave, como o desenvolvimento de Visão Correta e a importância de uma conduta moral para dirigir-se aos desafios específicos encarados pelos chefes de família

Na metade da década de 1950, quando Luang Pó estabeleceu Wat Pah Pong, quase todas as pessoas de Ubon se consideravam budistas e, ainda assim, era raro de encontrar aqueles que também se autoatribuíam crenças não-budistas conflitivas de uma forma ou de outra. Poucas pessoas tomavam os Cinco Preceitos como seu padrão moral. Por essa razão, em seus primeiros anos de pioneirismo, Luang Pó se concentrou em combater as superstições locais e em explicar os princípios básicos do Dhamma como forma de inculcar-lhes a Visão Correta. Ele ensinava os moradores locais sobre o significado da Jóia Tríplice e o que significava tomar refúgio nela; ele os encorajava a largarem vícios sociais danosos tais como o consumo de

álcool e os jogos de azar, e a estabelecerem a si mesmos no Meio de Vida Correto e na moralidade. Ele os encorajava a irem para o mosteiro nos Dias de Observância semanais, quando eles podiam fazer uma pausa em suas rotinas habituais, descansarem, lerem, ouvirem palestras do Dhamma e praticarem meditação.

II. AO MOSTEIRO

Ser paciente quando for advertido, ter contato com religiosos e participar de discussões sobre o Dhamma nas ocasiões apropriadas – isso é uma grande bênção.

Khp 5; Sn 2.5

No coração de quase todos os vilarejos tailandeses, pode-se encontrar um mosteiro. Sua entrada é geralmente apenas um arco aberto ao invés de um portão que possa ser fechado. Budistas leigos entram e saem do mosteiro todos os dias: oferecendo comida nas manhãs, visitando o abade, acumulando méritos, ou talvez apenas tomando um atalho para o outro lado do vilarejo. Durante a vida de Luang Pó, o chefe do vilarejo, o professor chefe da escola local e o abade do mosteiro eram os líderes reconhecidos da comunidade, com o abade sendo o membro sênior desse triunvirato.

Por outro lado, a força do relacionamento entre as comunidades rurais e os mosteiros de floresta era mais variada. Havia várias razões para isso, na sua maioria práticas: os mosteiros podem estar situados em qualquer lugar entre cinco ou seis quilômetros de um vilarejo e – especialmente antes do advento do transporte motorizado – ir e voltar de lá poderia tomar um considerável pedaço de um dia de trabalho.

Os mosteiros de floresta estabelecidos por Luang Pu Man e seus discípulos através do norte de Issán tinham a intenção de criar o ambiente mais pacífico e recluso possível para o treinamento monástico, assim eles buscavam reduzir o contato com a comunidade leiga a um mínimo. Leigos eram bem vindos ao mosteiro nas manhãs para oferecer comida, para solicitar ensinamentos e conselhos do abade depois que ele tivesse terminado a sua refeição. Mas esses mosteiros não aceitavam convites para que os monges fossem tomar sua refeição nas casas dos praticantes leigos em ocasiões

auspiciosas ou a irem aos vilarejos para recitar os versos fúnebres para os recém falecidos. O Dia de Observância passaria como outro qualquer. Não haveria praticantes leigos tomando os Oito Preceitos e passando a noite no mosteiro; o abade raramente daria um discurso formal à comunidade leiga. O resultado era uma falta de distrações para os monges mas, ao mesmo tempo, uma redução do impacto positivo que um bom mosteiro poderia produzir sobre as comunidades locais.

Foi em sua política para com a comunidade leiga budista que Luang Pó se diferenciou mais claramente da maioria dos discípulos de Luang Pu Man. Isso fica claro de perceber pelos relatos dos apoiadores leigos de Wat Pah Pong quanto ao tamanho da importância que Luang Pó dava para ensiná-los e treiná-los. O tempo que ele estava disposto a dar para encorajá-los a viver uma boa vida, entrava ano, saía ano, o tornava muito querido por eles.

O estilo mais inclusivo de Luang Pó de dar ensinamentos, integrando praticantes religiosos e apoiadores leigos, era ligado à sua ênfase na sabedoria como sendo o coração da vida espiritual. Ele queria que as pessoas entendessem a si mesmas e soubessem como viver suas vidas de maneira sábia. Para chefes de família isso incluía dar conselhos sobre tudo, desde princípios básicos de higiene e alimentação até sobre como criarem seus filhos e terem um meio de vida honesto, e também se estendia às formas de desenvolver a meditação e o insight. Era um ensinamento inteiriço. Ele insistia para seus discípulos leigos que os estudos e o insight sobre as verdades simples e inquestionáveis com respeito aos seus corpos e mentes poderiam transformar todos os aspectos de suas vidas.

Na maioria dos outros mosteiros de floresta, a prática do Dhamma era vista como algo que demandava o desenvolvimento de altos níveis de concentração ou a aplicação intensiva de práticas específicas de meditação. Em tais mosteiros, monges frequentemente viam aos leigos como vivendo em condições incompatíveis com a quietude e a reclusão requeridas para tamanho e profundo cultivo interno. Devido a esse ponto de vista, uma atitude quase displicente para com os moradores locais poderia ocorrer, o básico resumo: 'Pratique a generosidade. Mantenha os Cinco Preceitos. Isso já é bom o suficiente.'

Talvez sendo o único entre os professores de floresta, nos Dias de Observância, Luang Pó liderava a comunidade leiga em meditação, recitação de cânticos e lhes dava discursos que podiam durar várias horas. Os apoiadores leigos tinha um senso de pertencimento e um orgulho próprio como praticantes do Dhamma e como discípulos do mosteiro de floresta.

Pessoas que passavam seu tempo em um mosteiro de floresta não eram universalmente elogiadas. Uma visão comum era de que mosteiros eram o último refúgio para pessoas que tinham problemas que não conseguiam resolver. Uma razão pela qual havia sempre menos homens do que mulheres entre os apoiadores leigos era que vários homens tinham medo de que ir ao mosteiro regularmente poderia ser visto como admitir publicamente que eles tinham dificuldades com as quais eram incapazes de lidar – uma possibilidade que poucos homens em qualquer cultura podem lidar com equanimidade.

O ponto dessa ideia era que, se a vida estava correndo bem, então ainda não havia nenhuma necessidade de ir ao mosteiro. Por muito tempo o costume na Tailândia era de considerar que o estudo e a prática do Dhamma eram para serem buscados pelos mais velhos. A juventude, à parte da Ordenação como rito de passagem para os rapazes, era para ser aproveitada para educação e divertimento; a meia-idade era para formar uma família; a terceira idade era para ir ao mosteiro, fazer coisas boas e encontrar alguma paz interior. Em palestras do Dhamma, Luang Pó constantemente encorajava as pessoas a abandonarem essa forma de pensar. O mosteiro, ele dizia, era um refúgio do estresse e das tensões da vida diária. Era um lugar onde as pessoas podiam dar um passo para trás em suas vidas, poder observar e aprender habilidades vitais que lhes permitiriam manterem-se de forma correta em suas vidas diárias. Se elas esperassem muito tempo para fazer isso, poderia ser tarde demais. Ele brincava com as pessoas que esperavam para ir ao mosteiro quando elas não pudessem mais sentar no chão e estivessem muito surdas para ouvir as palestras do Dhamma. Ou, pior do que isso, elas poderiam morrer antes disso...

E a única forma que um defunto vai ao mosteiro é quando ele é carregado para ser cremado.

Tirando as pessoas que acreditavam que elas sofriam muito pouco para precisar praticar o Dhamma, havia aqueles que sentiam que tinham muitas preocupações para que aquilo valesse a pena. Mesmo que elas fossem ao mosteiro, elas acreditavam que aquilo era uma perda de tempo. Eles não poderiam encontrar nenhuma paz até que os seus problemas estivessem resolvidos. Para Luang Pó, isso era como alguém dizendo que não iria ao médico até que ele estivesse se sentindo melhor. No mosteiro, todos poderiam aprender formas de lidar melhor com os estresses de suas situações.

Por acaso o Buda esperou até que estivesse livre de impurezas antes de ir ao mosteiro? Estava ele livre de preocupações?

Diariamente, o contato entre a Sangha e a comunidade leiga girava em torno da oferta da refeição diária. Todas as manhãs, moradores locais caminhavam até o mosteiro para ajudar as monjas a preparar pratos a mais para complementar a comida recebida pelos monges na mendicância matinal*. Qualquer comida que sobrasse depois que os monges e monjas tivessem se servido era distribuída entre eles e então levada para suas casas. Uma das mulheres que raramente perdia um dia por muitos anos disse:

“Luang Pó nos ensinava como preparar a comida para oferecer para os monges. Peixe fermentado por exemplo: ele nos dizia para fervê-lo antes de colocá-lo no molho de pimenta e misturá-lo com a salada de papaia verde, pois carne crua era proibida pelo Vinaya. Ele dizia que peixe cru fermentado e carne crua eram comida para tigre! ‘Nós somos seres humanos com cultura’, ele dizia, ‘nós devíamos comer comida cozida.’ Esse era o tipo de conselho que ele dava. Nós provávamos as coisas que ele sugeria em casa, era algo bom e benéfico e nunca trouxe contraindicações. Nós nunca tínhamos problemas de fígado como as pessoas que comiam carnes cruas. Luang Pó também não queria que nós fumássemos ou tomássemos bebidas alcoólicas. E isso também era bom para a gente. Era bom para nossa saúde e também nos fazia economizar dinheiro.”

* A disciplina para as *mé chis* de mantos brancos não proíbe o cultivo ou o preparo de alimentos.

A cozinha do mosteiro era gerenciada pelas monjas. Nela, as regras do Vinaya e convenções que diziam respeito à comida eram seguidas de maneira estrita. As monjas eram devotadas à limpeza, à organização, à plena atenção e à atenção aos detalhes. Elas alcançavam um alto nível de limpeza, especialmente impressionante para uma construção que era amplamente aberta aos elementos. Rodapés de madeira e redes de proteção protegiam a cozinha contra ratos, mas lagartos e outras pequenas criaturas eram mais difíceis de deter. Dada a atitude geralmente displicente de higiene na maioria das comunidades rurais daquela época, a impecabilidade da cozinha veio como uma revelação para as mulheres locais que ofereciam sua assistência. Aquilo lhes mostrou um padrão completamente novo de higiene. A influência da cozinha de Wat Pah Pong gradualmente se espelhou nos vilarejos locais à sua volta, um lembrete tangível da influência positiva que um mosteiro podia exercer em sua região, mesmo em assuntos mundanos como a alimentação e a higiene.

DIA DE OBSERVÂNCIA

O Dia de Observância semanal (de mudança de fase lunar) era o dia em que Luang Pó encorajava os apoiadores leigos a vir para o mosteiro e receber ensinamentos. Vários chegavam na hora de oferecer a refeição diária e não iam embora até o amanhecer do dia seguinte. Durante esse período de 24 horas, Luang Pó daria duas palestras de Dhamma: uma pela manhã e outra longa – às vezes muito longa – de noite. Durante o dia, as pessoas descansavam, liam livros sobre o Dhamma, meditavam e varriam folhas. O número de pessoas iria aumentando no começo da noite, quando aqueles que estavam trabalhando durante o dia chegassem^{*}. Pela manhã, toda a comunidade leiga solicitava formalmente os Oito Preceitos pela duração de sua estadia no mosteiro. Isso incluía, entre outras coisas, abster-se de comer depois do meio dia, vestir-se com roupas simples e modestas (todos se vestiam de branco) e evitar usar maquiagens ou joias. Em todos os Dias de Observância, a comunidade monástica passaria a noite inteira meditando no Salão de Dhamma. Os leigos e leigas se juntariam a eles.

^{*} Fora da época de colheita em Outubro e Novembro, membros de comunidades agrícolas podiam escolher o seu dia para descansar. Pessoas que trabalhavam nos vilarejos e nas cidades apenas podiam ficar durante o Dia de Observância completo quando ele caísse em um fim de semana.

Luang Pó recomendava que aqueles que não encontrassem tempo para ir ao mosteiro deveriam, contudo, fazer do Dia de Observância um dia para dar atenção especial às suas ações e falas, e a devotarem tempo para reflexão e para o cultivo interno. Ele os aconselhava a abrir mão de todos entretenimentos do dia, a abrir mão da refeição noturna e a dormirem sozinhos no chão, usando o tempo livre por toda essa renúncia para estudar o Dhamma e meditar. Se eles não conseguissem fazer isso em todos os Dias de Observância, então eles deveriam pelo menos tentar os “dois grandes dias”: o dia de Lua Cheia e de Lua Nova.

Existem trinta dias em um mês. Dividam os dias: deem vinte e seis para o mundo e quatro – lua cheia, lua nova, quarto crescente e quarto minguante – para os monges. Nesses quatro dias em cada mês, tentem ir ao mosteiro. Lá vocês podem fazer uma pausa das atividades mundanas e manterem uma *sīla* pura.

Nesses quatro dias, vocês não criam nenhum mau kamma ... Quatro dias, apenas isso; mais do que quatro e ninguém iria querer fazer isso. Como leigos, eu entendo que seja normal criar mau kamma de vez em quando, mas o Buda pediu para que vocês tentassem não fazer isso por pelo menos quatro dias por mês. Se vocês conseguem fazer isso por dois meses, então já serão oito [dias]; e em um ano, um monte de dias; Mas se vocês fizerem de todos os dias um ‘Dia Mundano’ (Wan Kon)*, como é que vocês vão realmente florescer como seres humanos? Como suas mentes serão radiantes e como conhecerão as coisas como elas realmente são se vocês não praticarem, se vocês não tomarem seu próprio tempo para isso? Isso não é possível.

Ao entrar no mosteiro, todos os assuntos mundanos deveriam ser deixados do lado de fora. Nenhuma fofoca sobre família e trabalho ou escândalos locais seria tolerada. Os mais velhos eram encorajados a serem bons exemplos para os membros mais jovens do grupo:

*Luang Pó frequentemente usava essa palavra comum tailandesa ‘kon’, com conotações de ‘destreinado’ ou ‘mundano’ com o intuito de contrastar com o termo mais elevado (derivado do Pali), ‘manut’, ou ‘ser humano’.

Aqueles de vocês que quiserem fumar ou mascar noz de bétel, que o façam do portão para fora. Durante as manhãs, depois que vocês tomarem os Oito Preceitos, depois que tenham feito a sua refeição e escutado a palestra do Dhamma, então vão praticar meditação andando. Depois disso vocês podem tirar uma curta soneca, mas não deixem que ela seja muito longa. Depois de um tempo adequado, levantem-se prontamente e pratiquem meditação sentados. Depois de seu banho ao final da tarde, vão para o Salão e pratiquem meditação sentados por mais um tempo antes da recitação dos cânticos noturnos. Depois dos cânticos, podem relaxar um pouco, mas não conversem.

Esse era um tempo para colocar esforço na prática.

Ao vir para ouvir uma palestra no Dia de Observância, não basta simplesmente vir para o mosteiro. Assim como um tecido deve estar limpo para absorver qualquer tintura, da mesma forma cada pessoa que venha ao mosteiro deve se preparar de maneira adequada. Elas devem vestir-se com roupas apropriadas e limpas, limpar suas ações e falas e fazerem uma determinação de limparem suas mentes, para deixá-las prontas para receberem o Dhamma.

As palestras de Dhamma de Luang Pó eram esperadas ansiosamente pelos moradores locais.

“Às vezes ele não falava por muito tempo. Depois de um certo tempo, ele diria: ‘De agora em diante, prestem atenção a um discurso silencioso.’ E ele começaria a meditar sentado no Assento do Dhamma. Nós ficávamos ali sentado esperando mas ele não diria mais nada. Na primeira vez, eu estava sonolento e queria dormir, mas eu não ousei fazê-lo com ele ali sentado e então eu acabei sentando pela noite inteira. Naqueles dias, Luang Pó dava palestras maravilhosas. Se você perdesse uma, você se sentiria quente e seco por dentro. Você nunca ficava entediado enquanto ele falava, mesmo que fosse algo que você já tivesse ouvido várias vezes antes pois ele sempre encontrava novas formas de dizer aquilo que faziam valer a pena ouvir de novo.”

RECEBENDO CONVIDADOS

Luang Pó se tornava constantemente mais conhecido durante a década de 1970 e o número de visitantes ao mosteiro cresceu de acordo. Tirando vantagem das melhorias das estradas de Issán patrocinadas pelos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã e com o aumento da disponibilidade de recursos, apoiadores leigos tailandeses eram capazes, pela primeira vez, de viajar de outras partes do país para Issán para prestarem suas reverências, acumular méritos e receber ensinamentos dos grandes mestres de floresta. Como consequência, mais e mais dos dias de Luang Pó eram passados sentado debaixo de sua cabana recebendo visitantes.

Em anos posteriores, particularmente em fins de semana e feriados, ele ficaria sentado em seu assento de vime desde as nove horas da manhã e dificilmente levantaria de lá até a parte da tarde ou da noite enquanto um constante fluxo de pessoas ia e vinha da área central do mosteiro. A falta de descanso e exercícios que isso acarretava começaram a afetar a saúde de Luang Pó. Um abastado apoiador leigo ficou preocupado e pediu permissão para construir uma cerca em volta da cabana de Luang Pó para assim facilitar a restrição de acesso a ele. Luang Pó recusou prontamente. Ajahn Virapon, um de seus atendentes naquela época, recorda dele dizendo: ‘Eles vieram de longe. Eles não tem muito tempo livre. Seria uma vergonha se eles viessem de tão longe para me ver e então ficassem desapontados.’

Uma vez, durante um período de pouca saúde, um monge lhe perguntou como ele lidava com todas as demandas por sua atenção e bênçãos. Luang Pó respondeu:

Se eu ainda tivesse pensamento incorreto, eu provavelmente já teria morrido * muito tempo atrás, pois sempre tem muitas pessoas aqui o dia inteiro. Mas é como se não houvesse ninguém. Se você tem Visão Correta, então não existe nada. Não existe ninguém vindo e ninguém indo. A mente apenas repousa em seu lugar nativo.

* Esse termo é idiomático ao invés de literal e geralmente acompanhado por uma leve chacoalhada da cabeça.

O ensinamento do Buda de que é uma grande bênção ir encontrar-se com pessoas sábias tem fortes raízes na sociedade tailandesa. Sem contar os fazendeiros locais e suas famílias, os convidados de Luang Pó englobavam todo o espectro da sociedade tailandesa: funcionários públicos, acadêmicos, políticos, soldados, cientistas, policiais, comerciantes e banqueiros, médicos e enfermeiros, estudantes universitários, professores e seus pupilos.

Essas pessoas vinham das cercanias, de outras partes de Issán, de Bangkok e de outras regiões do país. Algumas vinham de outros países. As pessoas vinham por diferentes razões: para prestar suas reverências, para fazer oferendas, para fazer perguntas sobre assuntos particulares ou assuntos do Dhamma, para ouvirem uma palestra do Dhamma.

Luang Pó nunca foi visto favorecendo a algum grupo específico. Estava claro que ele tentava dar atenção e tempo iguais para todos e parecia completamente indiferente ao status social. Sua atitude era bem expressada por uma estória contada sobre um grande mestre no Japão. Se diz que um antigo estudante tinha ido visitar ao mestre depois de um longo tempo de ausência causada por uma carreira política muito ocupada. Na residência do abade, o homem deu seu cartão de visitas ao atendente, no qual o seu status elevado no governo estava elegantemente escrito. Depois de um curto tempo, o atendente retornou com o cartão e a notícia de que o mestre não conhecia tal pessoa. O antigo estudante, depois de franzir as sobrancelhas por um momento, pegou uma caneta e, rasurando o cartão, cobriu os caracteres que denotavam o seu título. O atendente levou o cartão de volta para o mestre e depois de pouco tempo ele retornou para conduzir o convidado para dentro.

Um dos ideais de um mosteiro budista é que pessoas de todos os níveis sociais interagem unificadas por um senso de serem todos companheiros budistas ao invés de serem pessoas divididas por identificação com antecedentes familiares, ganhos financeiros ou meio de ganhar a vida (se existe uma aristocracia, ela é com relação à idade: o respeito pelos mais velhos e dar atenção aos seus desejos é o que permanece). A suspensão temporária de divisões sociais é um ideal (frequentemente esquecido na Tailândia hoje) e era algo que Luang Pó encorajava fortemente.

Luang Pó era famoso por sua habilidade em ensinar sobre os assuntos mais profundos em termos simples que seus ouvintes, quaisquer que fossem os seus antecedentes, poderiam entender. Ele era hábil em adaptar sua forma de falar e seu vocabulário para as necessidades de sua plateia. Muitas pessoas que tinham sido criadas com a ideia de que o Dhamma era profundo demais para que uma pessoa comum pudesse compreender, achavam que ouvi-lo era uma experiência estimulante. Uma reação comum era a de que ele estava trazendo os ensinamentos de forma vívida para eles pela primeira vez. Em uma ocasião, um visitante que tinha visto vários monges ocidentais no mosteiro, perguntou a Luang Pó quantas línguas ele podia falar. Ele respondeu:

Oh, muitas. Eu posso falar a língua dos camponeses, a língua dos comerciantes, a língua dos soldados – eu sei muitas línguas.

CONVITES

Luang Pó dava poucos ensinamentos fora do mosteiro. Ele notava que quando os leigos estavam em seu próprio ambiente, eles raramente estariam tão abertos ao Dhamma quanto nas oportunidades em que eles faziam esforço para irem para a floresta. No mosteiro, o ritmo e a falta de interrupções, a separação física das preocupações e confortos do mundo, as emoções que surgiam ao entrar em um ambiente devotado a objetivos espirituais – tudo dava assistência para criar condições propícias para a absorção do Dhamma.

Luang Pó não aceitava convites para os tipos de eventos públicos nos quais fosse considerado mandatório incluir um pequeno sermão proferido pelo monge sênior – número esse que cresceu conforme ele ficou mais conhecido. Alguns organizadores desses eventos eram bem intencionados: eles tinham esperança que a presença dele pudesse inspirar as pessoas a tomarem interesse pelo Dhamma, pessoas essas que, de outra forma, nunca iriam a um mosteiro. Outros simplesmente sentiam que a presença de um monge tão renomado podia dar prestígio aos procedimentos. Em ambos casos, Luang Pó não aceitaria tais convites. Ele dizia que era uma perda de tempo e um desrespeito ao Dhamma ensinar em locais onde a maioria da plateia estaria apenas ouvindo de maneira superficial, onde algumas

pessoas estariam tendo conversas paralelas enquanto ele falava e algumas até com cheiro de álcool em seu hálito.

Luang Pó faria exceção a essa recusa em aceitar convites fora do mosteiro no caso de realizar cerimônias de acumular méritos nos lares de alguns apoiadores leigos de longa data. Em tais ocasiões auspiciosas – um casamento ou uma mudança para uma casa nova, por exemplo – era um costume dos leigos budistas convidarem monges para tomarem sua refeição diária em suas casas e para recitar cânticos auspiciosos e de bênçãos para a família e amigos que estivessem reunidos. Luang Pó aceitava tais convites como um gesto de agradecimento pelo longo tempo de suporte devotado ao mosteiro. Ele daria os Cinco Preceitos, liderava a recitação dos cânticos e, depois de receber presentes de alimentos e requisitos, daria uma empolgante palestra do Dhamma. Finalmente, antes de partir, ele aspergia ‘água benta’ sobre as cabeças de todos ao som dos monges recitando o cântico de proteção chamado ‘Jayanto’. Essas eram ocasiões que as famílias envolvidas sempre tinham como um grande tesouro.

Quando tinha por volta de cinquenta anos, Luang Pó contraiu diabetes. Isso fortaleceu a sua não-inclinação em aceitar convites fora do mosteiro, pelo fato de que aumentou a sua necessidade de urinar e tornou pouco práticos os longos períodos sentado. Foi por essa razão que ele estava disposto a suportar as críticas que resultavam de sua recusa aos convites de grande prestígio feitos pelo Rei e pela Rainha para comparecer a eventos no Palácio Real de Bangkok.

III. SAMMĀDIṬṬHI

Eu não vejo nenhum outro dhamma sequer que seja de tamanha causa para o surgimento de dhammas saudáveis que ainda não tenham surgido e para o crescimento e amadurecimento daqueles que já tenham surgido como a Visão Correta.

AN 1.299-300

‘Sammādiṭṭhi’ é geralmente traduzido para o Português como ‘Visão Correta’. O sufixo ‘correta’ significa ‘em harmonia com a forma como as coisas são’; ‘visão’ inclui opiniões, crenças, valores, teorias e filosofias. Uma

visão correta é então aquela que corresponde à realidade; a convicção, por exemplo, de que atos de generosidade levam à felicidade – seria considerada uma ‘visão correta’. Visão Correta é o primeiro constituinte do Nobre Caminho Óctuplo e é indispensável para o desenvolvimento dos outros sete fatores. No seu nível mais básico, a Visão Correta consiste da adoção de um certo número de princípios – de forma mais importante, a lei do kamma – como premissas básicas ou hipóteses de trabalho para tomar-se como base ao trilhar o caminho budista. Nesse nível, ela é referida como ‘Visão Correta Mundana’. A culminação do caminho – a compreensão das Quatro Nobres Verdades como uma experiência direta – é conhecida como ‘Visão Correta Transcendental’.

De forma não surpreendente, dada a importância central da Visão Correta como a fundação na qual toda a prática budista está estabelecida, os ensinamentos que visavam explicá-la constituíam uma grande proporção dos discursos de Luang Pó para a comunidade leiga. Visão Correta, ele dizia, era o local fresco inalcançado pelo sol ardente. É o nosso verdadeiro refúgio.

Nosso refúgio é a mente que possui Visão Correta. Veja no coração das coisas. Faça sua visão tornar-se direta e correta. Só assim as visões incorretas serão incapazes de entrarem em sua mente e tomarem conta dela. Esse é o significado de um refúgio.

O sofrimento surge onde quer que haja uma compreensão incorreta sobre como as coisas são. Logo, Luang Pó enfatizava, estabelecer a Visão Correta era o primeiro passo para transcender o sofrimento.

Se sua visão das coisas é correta, se é sammādiṭṭhi, então nada pode sair do eixo; quer dizer, quando sua forma de ver as coisas está em acordo com a verdadeira natureza das coisas, você não experiencia nada como sendo uma obstrução. Sua mente permanece calma, satisfeita e os problemas são resolvidos.

Sem o esforço de ver a mente de perto, é difícil de encontrar motivação para abrir mão de pontos de vista equivocados.

Até então, você é como uma pessoa que ingere álcool. Ninguém pode parar uma pessoa de beber até que ela veja por si mesma as consequências indesejáveis desse seu hábito.

Então, aqui nós trocamos uma visão equivocada por uma correta, mudamos o mau para o bom, e mudamos um ser não iluminado para um Nobre Discípulo. É a Visão Correta que é responsável por essas mudanças. Esses tipos de mudanças para melhor são chamadas de ‘mérito’.

Ele dizia que pessoas com visão incorreta tinham um falso tipo de contentamento, parecido com a tranquilidade de alguém que não percebe que deixou cair algo de valor. A Visão Correta dá o mesmo tipo de tranquilidade interna que é experienciado por alguém que lembra do exato local onde ele perdeu o objeto de valor e sabe como recuperá-lo. Embora o objeto ainda não esteja em sua posse, sua mente está tranquila. Em outra ocasião, ele comparou Visão Correta com a chave que abre a porta do Dhamma. Sem aquela chave, não havia forma de entrar.

KAMMA

Muitos dos ensinamentos de Luang Pó eram voltados a gerar confiança na lei do kamma, o constituinte central da Visão Correta Mundana. Frequentemente ele fazia exposições sobre a simples formulação da lei do kamma que era familiar a todos os budistas tailandeses: ‘Faça o bem, tenha bons resultados. Faça o mal, tenha maus resultados.’ Enquanto a brevidade dessa versão da fórmula tornava fácil a memorização, ela também abria espaço para que visões incorretas se acumulassem. Uma causa comum de dúvidas entre os budistas leigos era que o ensinamento parecia contradizer a experiência cotidiana. Tantas pessoas que tinham feito tantas coisas boas e nunca tinham visto nada de bom acontecer depois daquilo, eles diziam, enquanto pessoas que tinham feito maldades pareciam prosperar para onde quer que você olhasse. Luang Pó nunca se cansava de explicar como os bons resultados de boas ações não são para serem entendidos como as noções mundanas de boa fortuna. Se alguém estivesse desapontado que um ato de generosidade não tinha gerado nenhum bom resultado, então o ato em si devia ter sido realizado com um desejo por alguma recompensa.

Se você abre mão de algo com um desejo de receber algo em retorno, então isso não é verdadeira doação.

Luang Pó explicava que pessoas que duvidavam que boas ações levavam a bons resultados simplesmente não entendiam o que o Buda queria dizer com 'bons resultados'. Em uma ocasião, Luang Pó disse:

Em minha vida, eu nunca tive um mau resultado de uma boa ação. No momento em que eu fiz algo bom, eu sempre tive um bom resultado imediatamente, bem ali.

Em outras palavras, as qualidades saudáveis da mente presentes em uma boa ação eram fortalecidas pelo ato, e aquele fortalecimento era a recompensa imediata.

Eu lhes darei um exemplo. Suponham que vocês tem um amigo que é pobre e vocês o levam para casa, cuidam dele, lhe dão dinheiro, educação, até que finalmente ele é capaz de conseguir um emprego, manter a si mesmo e, com o passar do tempo, obtém sucesso em sua carreira. Algum tempo depois, vocês passam por tempos ruins e empobrecem. Aquele sujeito não vem lhes visitar e não faz nenhuma tentativa de ajudá-los e retribuir a sua bondade para com ele. Vocês ficam com raiva disso e pensam, 'Eu realizei uma boa ação mas não recebi nenhum bom resultado disso. Como é que pode o Buda ter ensinado que boas ações levam a bons resultados?'

Essa seria uma forma tola de olhar para o que está acontecendo. Ao ajudar o outro homem, a sua mente estava boa, justa e nobre, e o crescimento nessas qualidades é a sua recompensa. O fato de que ele não retribui a sua bondade é assunto dele. Não tem nada a ver com vocês, é a ação incorreta dele. Vocês seriam tolos de tomar as ações ruins de outras pessoas em seus corações. Nenhum bem pode vir disso.

Ele deu outro exemplo sobre como resultados mais óbvios de boas ações podem ser desapontadores:

Digamos que uma pessoa vá trabalhar com um certo grupo – talvez ela seja uma gerente ou diretora de uma instituição, uma chefe

ou o que quer que seja – e ela faz um monte de coisas boas. Ela faz o melhor que pode ser feito mas, no sentido convencional, não recebe muita coisa boa em troca: as pessoas fazem fofocas sobre ela pelas suas costas, a criticam, arrumam problemas para ela. Conforme o tempo passa, ela parece não receber bons resultados de seu trabalho, apenas críticas. Ela se sente desencorajada, ela não quer seguir em frente. Ela pensa que o Buda ensinava que boas ações geram bons resultados mas que isso não estava funcionando dessa forma. Talvez ela dê uma bronca no Buda por mentir. Ou ela pense que o Buda não entendeu direito. Na verdade, é ela própria que está errada. Ela não refletiu sobre todos os fatores condicionantes envolvidos.

Boas ações apenas vão dar bons resultados imediatamente na ausência de forças opositoras. Uma boa semente plantada em um solo pobre ou em tempo de seca, por exemplo, dificilmente vai gerar uma boa planta.

O Buda ensinou que boas ações levam a bons resultados e qualquer um que cometa más ações vai ter maus resultados. Quando você está determinado a fazer o bem e vai trabalhar como parte de um grupo de pessoas indisciplinadas e imorais, a bondade vai ser incapaz de se manifestar. Por que é que, não importa quão boas ações tenhamos realizado, os resultados não aparecem naquele lugar? Porque o tempo não permite, o local não permite, as pessoas não permitem. Esse é um exemplo da forma como os bons resultados não aparecem. A bondade somente vai surgir quando naquele momento a ação é boa, o local é bom, o tempo é apropriado e a pessoa e o grupo preenchem as condições ...

Que boas ações geram bons resultados e más ações geram maus resultados é uma lei imutável. Não vemos isso por causa de nosso pensamento incorreto.

OPONDO-SE A VISÕES INCORRETAS

Ao mesmo tempo que explicava a natureza da Visão Correta, Luang Pó apontava para as falácias que ele via em crenças e práticas que estavam em conflito com ela. Nos primeiros anos logo depois que ele estabeleceu Wat

Pah Pong as crenças animistas ainda eram fortes na região que rodeava o mosteiro e Luang Pó estava resoluto em suas tentativas de mostrar como tais crenças eram infundadas e não traziam nenhuma paz verdadeira.

O animismo sempre andou lado a lado com o Budismo na Tailândia. Assim como no mundo humano, tailandeses sem poderes sempre tentaram estarem alinhados com padrões poderosos então, em sua relação com o mundo espiritual, vários buscavam proteção e ganhos das forças invisíveis que eles acreditavam existirem aos montes. Fazer oferendas para espíritos poderosos para aplacá-los ou com a esperança de que eles se alistariam para dar suporte a alcançar certos objetivos não era visto como uma prática religiosa mas como uma estratégia de senso comum em um mundo tanto de forças materiais quanto de forças invisíveis. Para Luang Pó, contudo, tais devoções eram superstições que minavam o verdadeiro refúgio na Jóia Tríplice. Ao mesmo tempo que seu prestígio e os ensinamentos que ele dava cresciam em influência, também cresceu a crença em sua potência espiritual. Como resultado, as influências animistas na região em torno de Wat Pah Pong declinaram. Pó Nudéng era um morador local que se tornou um dos mais dedicados apoiadores leigos depois de abandonar suas antigas crenças:

“Luang Pó nos ensinava a não olharmos para os espíritos como nosso refúgio, para não sermos crédulos e supersticiosos e a não acreditarmos que havia tempos auspiciosos e não auspiciosos para fazer as coisas. Ele dizia que em qualquer dia que você tivesse a oportunidade de fazer o bem, se fosse conveniente, prazeroso, e não houvesse obstruções – então aquele era um bom dia. Todos de minha família ficavam inspirados com os ensinamentos de Luang Pó. Quando nós tentávamos fazer o que ele dizia, nós tínhamos os resultados. Aquilo me deu confiança e fé em seu raciocínio e me inspirou a praticar de acordo com seus ensinamentos.”

A família de Pó Nudéng sempre se proclamou budista. Eles iam regularmente acumular méritos nos mosteiros locais, mas eles tinham apenas uma compreensão muito superficial dos ensinamentos budistas.

“Tudo começou com minha esposa. Ela era uma *médium*. Meus avós sempre veneraram um tipo de espírito chamado ‘*pii tai*’ que eles acreditavam ser um refúgio que podia protegê-los de quaisquer perigos ou má sorte. Suas

crenças foram passadas adiante para a minha geração. É uma estória deprimente. Era como se fôssemos tolos que tinham se voluntariado para serem escravos de alguém. E não era fácil de abrir mão, era um verdadeiro problema.”

Pó Nudéng, com o intuito final de livrar-se da escravidão para com esse espírito, foi prestar reverência a Luang Pó.

“Eu lhe perguntei o que ele podia fazer para que o ‘*pii tai*’ deixasse a minha família em paz. Nós ficamos sentados em sua cabana conversando sobre isso até as duas horas da manhã. Seu conselho foi que minha esposa e eu devêssemos manter os Cinco Preceitos de maneira estrita por três meses, recitar os cânticos das qualidades do Buda, do Dhamma e da Sangha diariamente e praticar a meditação de mettā. Nós devíamos espalhar pensamentos de bondade para todos os seres sencientes que estivessem angustiados – aqueles morando em casas, morando em árvores, montanhas, em todos os lugares. Nós devíamos irradiar bondade para todos os nossos companheiros no sofrimento do nascimento, envelhecimento, doença e morte, desejando que eles não mantivessem nenhuma inimizade uns para com os outros.

“Naquela época eu era muito pobre e minha casa era apenas uma pequena cabana. Eu queria convidar Luang Pó e alguns de seus monges para terem uma refeição lá mas eu tinha medo que pudesse ser inconveniente para eles. Ele disse, ‘É grande o suficiente para que cinco monges se sentem?’ Eu disse que sim e ele disse, ‘Então nós podemos ir! Se você não tiver dinheiro para comprar comida, nós comemos apenas arroz, não se preocupe, apenas ferva algumas folhas de cassia e faça um molho. Isso já estará bom.’”

Alguns dias depois, Luang Pó levou um grupo de monges para a casa de Pó Nudéng. Antes do oferecimento da comida, eles recitaram cânticos de bênçãos, e depois Luang Pó deu uma palestra para a família e amigos que ali estavam, na qual ele explicou mais acerca do conselho que deu a Pó Nudéng.

“Por causa do respeito que eu sentia por Luang Pó eu fiz tudo o que ele sugeriu. Minha mulher e eu fomos capazes de manter os Cinco Preceitos de forma pura por todos os três meses. Na verdade, eu os mantenho até hoje. Eu tinha trinta e seis anos na época e agora tenho quase setenta.

“Desde o dia em que Luang Pó veio à nossa casa, nenhum espírito jamais apareceu de novo. Houve muitos lares no vilarejo que perderam sua fé no poder dos espíritos e queriam se livrar deles e de suas devoções. Quando as novidades se espalharam sobre o nosso sucesso, muitas pessoas que nunca tinham se interessado pelo mosteiro antes começaram a ir prestar reverências a Luang Pó e logo houve mais convites para que ele fosse tomar refeições no vilarejo. Depois que ele terminasse de tomar sua refeição, ele lhes ensinava a tomar o Buda, o Dhamma e a Sangha como refúgio, e então haveria uma cerimônia de *chak bangsukun* *. Quando Luang Pó saía da casa, ele fazia com que o anfitrião retirasse a ‘casa de espíritos’ do quintal e a queimasse na beira da estrada assim que eles saíssem do vilarejo. Então aquilo foi o final dos problemas. Nós vivemos pacificamente desde então e nenhum espírito veio nos atormentar.”

Uma das crenças mais bizarras que ainda era encontrada no nordeste tailandês durante a vida de Luang Pó era de que cupinzeiros eram sagrados e capazes de realizar todos os tipos de desejos por saúde, riqueza e proteção. Sobre esse tópico, Luang Pó não hesitava:

Quando seus netos crescem vocês os levam para se prostrarem para um cupinzeiro na floresta. Parece algo estranho, vocês pensam, então vocês acham que deve ter algum poder sagrado. Vocês se prostram para ele e começam a balbuciar seus pedidos. O que vocês estão realmente fazendo é pedir para uma pilha de cocô de cupim fazer com que vocês fiquem ricos.

Às vezes um cupinzeiro pode se formar debaixo da casa de alguém e a pessoa fica super feliz. Eles correm para pegar um manto de monge e envolver o cupinzeiro; eles pegam algumas flores para oferecerem para ele. Enquanto isso os cupins vão fazendo a casa deles cada vez maior. No final, os donos da casa não tem nem onde viver por causa de toda a parafernália sagrada. Eles não sabem onde podem morar dentro de sua própria casa e então o que eles

*Um ritual curto no qual os leigos, cobertos por um pano branco, simbolicamente morrem para seus maus hábitos ou má sorte e fazem um novo começo. Era um dos rituais que Luang Pó concordava em conduzir depois de dar uma palestra explicando as causas e condições de realizar um novo começo na vida.

fazem? Eles rezam para o cupinzeiro pedindo conselhos. É o poço mais profundo de ilusão.

ASTROLOGIA

Pouco tailandeses veem qualquer conflito entre acreditar em astrologia e sua identidade como budistas. Assim como com as práticas animistas, as duas coisas são geralmente vistas como ocupando diferentes esferas de influência. A suposição subjacente é que se a vida é uma aventura cheia de perigos, faz sentido usar todos os meios que estejam disponíveis com o intuito de maximizar as chances de sobreviver e ser bem sucedido. Se a astrologia fornece acesso à informações ‘internas’ que possam ser úteis, alguém seria tolo de ignorá-las. A suposição de que astrologia e o Dhamma são compatíveis foi fortalecida por vários monges respeitáveis em mosteiros urbanos que, através dos séculos (e à despeito da proibição determinada pelo Vinaya) estudavam astrologia e ofereciam conselhos baseados em mapas astrais aos apoiadores leigos.

Uma das ocasiões mais comuns nas quais um astrólogo é consultado é para se assegurar de qual é a data mais auspiciosa para realizar um evento importante, como um acordo de negócios, um casamento, uma Ordenação. Esse tipo de costume pode parecer relativamente benigno, até charmoso. Contudo, para professores budistas como Luang Pó, era importante apontar como uma crença na influência das constelações é algo que está em conflito com os princípios mais básicos do Dhamma.

Luang Pó dizia que consultar um astrólogo presume uma rejeição ao ensinamento do Buda de que o auspício de uma ação é determinado não pelo alinhamento dos planetas, mas pelas qualidades virtuosas que aquele que está agindo trás para ela. Em outras palavras, uma crença em astrologia como um guia para ação no mundo é uma negação da lei do kamma e, por consequência, algo que sabota a Visão Correta. Luang Pó comentava que a fascinação com a astrologia estava associada com o medo das mudanças:

Eles tem medo: medo que uma coisa ou outra aconteça com eles – medo disso, medo daquilo – pois lhes falta fé firme nas virtudes do Buda, do Dhamma e da Sangha.

Ele insistia que nossa vida é resultado de nossas ações. Ele citava as palavras do Buda: ‘Nós somos nascidos de nosso kamma. Nossa vida depende de nosso kamma. Ele é o nosso refúgio.’ Ele dizia que pessoas crédulas e amedrontadas que fossem preocupadas com o futuro iam se consultar com um astrólogo e ele lhes dizia, ‘Esse ano você deve ter cuidado. Se você for sair em uma viagem, esteja atento com um acidente.’ Na verdade, Luang Pó dizia, qualquer dia que você saia de viagem, a causa mais provável de um acidente é o seu próprio comportamento:

Funcionários públicos que são transferidos de Ubon de volta para Bangkok ou para outra província vem me ver e perguntar: ‘Luang Pó, qual seria um bom dia para partir?’ Eu lhes digo que se eles partem de uma forma boa, todo dia é um bom dia. Geralmente quando funcionários públicos tomam novos postos, eles fazem uma festa de despedida e todo mundo fica bêbado. Essa não é uma boa forma de partir; se eles não são cuidadosos, vão cair com o carro em uma vala.

Estabelecer confiança firme no Buda, no Dhamma e na Sangha, ele dizia, dava claras linhas para a conduta:

Não se deixe levar pelo que você ouve falar sobre o que é auspicioso – fazer isso já não é auspicioso por si mesmo. As pessoas falam entre elas, reforçando umas para as outras esse tipo de coisa e, antes que você perceba, eles decidiram que a água de um certo lago é abençoada e começam a tomá-la. Não é bom se deixar levar por essas coisas. O Buda nos ensinou a desenvolver um sábio resguardo. Quando as pessoas começam a se entusiasmar sobre as coisas serem santas e auspiciosas, apenas ouça com uma mente aberta.

Em outra ocasião, dando conselhos para um jovem casal sobre a data do casamento, ele disse:

As pessoas consultam um astrólogo. Elas se casam em um dia auspicioso, os monges recitam as bênçãos em uma hora auspiciosa e por aí vai. Mas depois de uma semana elas já podem estar no meio de discussões e brigas sem ter interesse algum se é um bom dia para aquilo ou não. Quando as pessoas começam a discutir, então

as previsões astrológicas ou o dia da semana não as impede. As cordinhas de algodão auspiciosas que eles ataram em seus pulsos no casamento não ajudam; nada pode suportar as suas emoções.

É apenas através de tentar criar a bondade, aprender sobre como é a bondade é que nos tornamos bons. Em que dia vocês devem se casar? Em que dia vocês devem se mudar para a casa nova? Bem, está tudo preparado? É um momento apropriado? Vocês tem dinheiro suficiente? Se as condições externas estão preenchidas, então é uma boa hora. Mas se o ano é bom ou não, o mês é bom, o dia é bom, a hora do dia é boa, são as boas ações que tornam as pessoas boas.

NÚMEROS DE LOTERIA

A Tailândia compartilha o gosto espalhado por todo o mundo por loterias. No interior do país, os moradores preferem jogar um tipo clandestino de loteria no qual as apostas são feitas com contabilistas locais sobre os dois ou três últimos números da loteria nacional. É amplamente acreditado que monges que tenham desenvolvido estados profundos de calma meditativa são capazes de prever esses números. Isso não é de forma alguma uma noção tão estranha quanto se pode imaginar. Na verdade, certos monges já demonstraram uma habilidade de realizar uma sequência estranhamente contínua de previsões corretas. A desafortunada repercussão disso pode ser vista nas pessoas cuja razão principal de ir a um mosteiro é a esperança de conseguir os números da próxima loteria ao invés do cultivo da generosidade, dos preceitos e da meditação.

Como o Vinaya proíbe os monges de promoverem qualquer tipo de jogatina, religiosos que queiram passar números de loteria dão amplas dicas ou as inserem sorrateiramente nas palestras de Dhamma. Algumas pessoas ouvem os discursos peneirando números e, dado que os ensinamentos do Buda são geralmente expostos como listas, elas raramente se desapontam. Muitos leigos budistas que não ouvem palestras do Dhamma especificamente por causa dos números, consideram sorte tirar seus números duas vezes ao mês da boca de seu professor. O que poderia ser sorte maior? O professor anuncia que estará fora do mosteiro do dia três ao dia sete do

mês e uma certa proporção de sua plateia não pode evitar de fazer uma anotação mental: 37.

Através dos anos várias pessoas tiveram grandes ganhos nas loterias que elas atribuíam à gentileza de Luang Pó, a despeito da insistência dele de que ele jamais promoveria o jogo dessa maneira. Falácias que tenham lógica podem contribuir com essa crença. Um silogismo é sustentado de que monges compartilham números de loteria pois eles sentem compaixão pela pobreza de seus discípulos que não tenham outra forma de ganhar dinheiro. Luang Pó era grandemente compassivo. Portanto, Luang Pó devia ter a intenção de revelar os números que apareciam para ele durante sua meditação.

A preocupação de Luang Pó era com o mau kamma criado pelas pessoas que iam ao mosteiro em busca de ganho material. Nos primeiros anos, quando as pessoas iam perguntar por números de loteria, Luang Pó lhes faria uma cara feia. Intimidada, a pessoa apenas iria embora envergonhada. Mas para aqueles que eram mais próximos a ele, Luang Pó dizia:

Eu não posso te dizer. Mesmo que eu soubesse, eu não poderia te dizer. Jogar é o ‘caminho da ruína’. Depois você vai vir [ao mosteiro] para se lamentar.

A forma comedida ou polida de perguntar pelos número de loteria para um monge é perguntar por ‘alguma coisa boa’. Um homem particularmente insistente não aceitava um ‘não’ como resposta. Finalmente Luang Pó sorriu e disse:

Alguma coisa boa? Você está bem. Você não tem sarna, você não tem lombriga, você não tem lepra. Você já tem coisas muito boas.

Em outra oportunidade uma pessoa foi fazer oferendas para Luang Pó com a esperança de que ele lhe daria o número da loteria como retribuição. Ele fez um ‘*pavāraṇā*’ formal solicitando permissão para fornecer qualquer coisa que Luang Pó precisasse. Ele também traria alimentos regularmente e bons requisitos para os monges. Luang Pó escutou em silêncio. Depois que o homem foi embora, Luang Pó disse aos monges:

Estejam atentos com aquele homem. Não se deixem levar por suas grandes panelas de comida.

Passados alguns dias, depois da última rodada da loteria, o homem retornou parecendo triste e ressentido. Ele disse que investiu muito dinheiro no mosteiro e ele nem sequer havia ganhado nada. Quando Luang Pó lhe daria os números? Luang Pó respondeu de forma rude:

O que você pensa que eu sou? Seu serviçal? Se você tem qualquer respeito por mim, por que está falando comigo desse jeito? Se essa é a razão pela qual você vem ao mosteiro, então você veio pelo motivo errado.

O homem desapareceu por três ou quatro dias. Ele retornou com uma bandeja com flores, velas e incenso para pedir perdão.

O dia dezesseis de Janeiro de 1993 foi o dia da cremação de Luang Pó. Também era dia de loteria. Na semana anterior tinha acontecido um surgimento sem precedentes de apostas no número 16 através das cidades e vilarejos de Ubon e cercanias. E foi com um estranho senso de inevitabilidade que, quando o anúncio da rodada da loteria nacional foi feito pelo rádio, os dois últimos números foram exatamente 1 e 6. Isso ficou conhecido como o presente de despedida de Luang Pó para as pessoas de Issán.

ÁGUA BENTA

Água benta é geralmente tida como sendo a água sobre a qual um monge recitou cânticos e possui energia psíquica. É amplamente acreditado que água benta que tenha sido preparada por um monge iluminado possua uma potência milagrosa. Muitas pessoas iam para Wat Pah Pong com a esperança de que Luang Pó iria aspergir água benta sobre suas cabeças antes que elas partissem. Por muito tempo, Luang Pó resistiu a essas solicitações, mas anos mais tarde ele ficou mais tolerante. Embora ele insistisse que estava usando água comum, seus convidados imploravam para que ele a aspergisse sobre eles de qualquer forma. A conexão tangível fornecida por esse ritual se mostrava tão apreciada e comovente para quem a recebia que Luang Pó frequentemente não tinha forma de recusar.

Um dia, antes de partir, um convidado engatinhou na direção de Luang Pó e, prostrado aos pés dele, pediu para ser benzido com água benta. Depois de

um instante, Luang Pó disse, ‘Eu não fervei nenhuma água hoje’. O homem olhou para cima com uma expressão confusa em seu rosto.

As pessoas vem e pedem para que eu as benza com água benta e eu venho pensando que pode ser uma boa ideia fazer isso com água fervendo. As impurezas das pessoas são tão cruéis que pode ser uma boa ideia provocar-lhes umas bolhas, fazer com que o ensinamento doa. Eu falo para as pessoas meditarem e elas não o fazem. Tudo o que elas querem é água benta para acalmar algum problema, relaxar alguma tensão. E aí eu as benzo de uma forma superficial. Mas se elas vierem de novo, eu vou fazer isso com água fervendo. As pessoas são tão infantis. O que água benta pode fazer por você? Se as pessoas ganham o que querem, elas riem; se não ganham, choram. Todos são do mesmo jeito. É por isso que existem tantos tolos no mundo. Pessoas inteligentes vem aqui para buscarem uma saída para o sofrimento, para buscar um caminho de prática que vá dar surgimento à verdadeira sabedoria com o intuito de conhecer o Dhamma, para realizar o Dhamma em seus corações. Elas tem mentes pacíficas e ensinam a si mesmas o tempo todo. Elas tem um profundo senso de bem estar. Elas não tem que rir e elas não tem que chorar.

Às vezes as pessoas que iam visitar Luang Pó tinham se tornado tão intoxicadas por seus estudos do Dhamma que, ao invés de receberem ensinamentos dele, elas não podiam evitar de querer mostrar seu próprio conhecimento. Em casos extremos, onde as palavras tinham pouco efeito, Luang Pó apenas ficava sentado, paciente e imóvel. Se o volúvel leigo (era sempre um homem) era uma pessoa com alguma posição especial na sociedade (quase sempre era), Luang Pó poderia dizer algumas palavras antes que o homem partisse que não lhe deixariam envergonhado em público, mas que lhe dariam alimento para a reflexão.

Esse foi o caso quando um oficial de alta patente do exército acompanhado por sua comitiva foi visitar Luang Pó. Assim que a oportunidade se apresentou, o homem começou a explicar o Dhamma de forma ampla, citando de memória passagens dos discursos do Buda. Umas duas horas se passaram sendo que Luang Pó dificilmente tivesse dito uma palavra. Finalmente o oficial do exército disse:

Oficial do Exército: Luang Pó, nós gostaríamos de partir agora. Por favor, nos benza com água benta antes que saíamos.

Luang Pó: Eu já o fiz.

Oficial do Exército: Quando foi isso? Eu teria percebido se o senhor tivesse feito.

Luang Pó: Eu os benzi pelas últimas duas horas. Você não sentiu nada?

O oficial do exército tinha lido e se lembrava de vários livros, mas o seu olhar confuso revelou que ele não tinha nenhuma compreensão da natureza das bênçãos.

Uma das várias histórias sobre água benta tem a ver com o professor de Luang Pó, Luang Pu Kinari, que ao final de sua vida tinha dificuldade em coordenar os seus membros. Colocadas à sua frente enquanto ele falava com seus convidados, estariam uma tigela com água benta e sua cuspideira, geralmente contendo cuspe de noz de bétel. Um dia, alguns leigos pediram por água benta e ele equivocadamente molhou a varinha na cuspideira e aspergiu o cuspe avermelhado nas pessoas. Quando elas gritaram que ele estava errado, ele simplesmente disse:

“Cuspe de noz de bétel. Água benta. Mesma coisa.”

AMULETOS

Amuletos com imagens do Buda ou de monges venerados gravadas são há muito tempo considerados um tesouro por budistas leigos tailandeses. Eles são usados como crucifixos pendurados no pescoço. É amplamente acreditado que eles podem ser empoderados por monges que tenham poderes paranormais e que proveem proteção contra coisas ruins. Existem várias histórias de pessoas se tornando imunes a tiros e facadas usando tais amuletos. De forma não surpreendente, eles sempre foram muito requisitados por soldados e gangsters.

Amuletos podem ser encomendados por grupos de discípulos de um professor ou mesmo por mosteiros com o intuito de angariar fundos. Com o passar do tempo surgiu um mercado. Amuletos recém cunhados são publicados em anúncios de página inteira nos jornais diários. As

peessoas colecionam, compram e vendem amuletos em grande escala. Amuletos raros trocam de mãos por alguns milhares de dólares. Amuletos se tornaram um grande negócio fornecendo grandes recompensas e a participação de monges nesse tipo de negócio tem sido uma causa de corrupção da Ordem Monástica.

Luang Pó não era contra amuletos por si mesmos, particularmente se eles tivessem imagens do Buda gravadas neles ao invés de imagens de monges. Ele também nunca negou que fosse possível que amuletos fossem empoderados. Ele, contudo, se opunha a que amuletos fossem tomados como um refúgio mais alto e mais eficaz do que a Jóia Tríplice. No caso em que pessoas adquiriam amuletos acreditando que elas estariam livres de perigos, elas frequentemente ficariam desatentas, convencidas de que mesmo que agissem de forma má, o amuleto as protegeria das consequências. Ele viu um crescente número de pessoas prestando mais atenção aos próprios símbolos religiosos do que às coisas que eles supostamente simbolizavam. Vários monges seniores agora dão amuletos com a sua própria imagem gravada neles para seus visitantes. Mas quando convidados em Wat Pah Pong perguntavam para Luang Pó se ele tinha algum amuleto para eles com a já conhecida frase polida, ‘Luang Pó, você tem alguma coisa boa?’ Ele responderia:

Eu não tenho nenhuma ‘coisa boa’. Ou se eu tenho, é algo melhor do que todas as coisas – e isso é o Dhamma. Aqueles que praticam o Dhamma podem proteger a si mesmos.

Mais e mais pessoas iam para Wat Pah Pong com solicitações para produzir medalhões de Luang Pó Chah. Uma vez confeccionados, eles diziam, eles os ofereceriam a Luang Pó para que ele distribuísse como melhor lhe parecesse. Eles diriam que vários dos outros grandes discípulos de Luang Pu Man já tinham concordado e seus discípulos ficariam muito gratos por aquilo. Mas isso não mexia com Luang Pó.

Ele mantinha sua posição sobre medalhões com tato e diplomacia. Em uma ocasião, um grupo de leigos poderosos liderados por um político influente de Bangkok foram visitar Luang Pó. Eles disseram que pessoas por todo o país tinham muito respeito por Luang Pó; seria enormemente auspicioso se Luang Pó lhes permitisse produzir medalhões com sua imagem; tantas

peessoas gostariam de ter uma pequena recordação dele para a qual eles pudessem prestar reverências. Parecia que o grupo estava agindo com intenções puras e, dado o status social dos membros, um grupo de monges pensou que dessa vez Luang Pó finalmente cederia. Ao invés disso, ele informou aos seus convidados que aquilo somente seria possível com a permissão da Sangha.

No encontro seguinte da Sangha, Luang Pó levantou a questão dos medalhões e detalhou todas as consequências desagradáveis de concordar com aquela solicitação. Então ele perguntou se quaisquer membros da Sangha podiam pensar em quaisquer pontos bons ou ruins daquela proposta. Ninguém pôde. Finalmente foi tomada uma decisão unânime de recusar a permissão. Luang Pó informou ao grupo de leigos que a Sangha não tinha permitido que os medalhões fossem feitos.

No final das contas, um grupo de apoiadores leigos fez uma remessa de medalhões de Luang Pó Chah sem pedir permissão antes e chegou ao mosteiro com sua orgulhosa oferenda. Em face a um ‘fato consumado’, Luang Pó aceitou os medalhões e os distribuiu entre os seus discípulos mais próximos, mas depois daquilo ele deixou claro que ele proibia em absoluto quaisquer outras produções no futuro. Aquilo ia contra tudo o que ele estava tentando ensinar aos leigos; ele não queria que eles ficassem apegados a aquele tipo de coisas. Ele também estava ciente de que depois de algum tempo aqueles medalhões se tornariam propaganda, motivo de compra e venda ou barganhas ou mesmo roubo. Ao invés de aplacar o estresse e a turbulência nas mentes das pessoas, medalhões tinham a capacidade de causar justamente o efeito contrário. Em uma ocasião posterior, ele fez com que a maioria dos medalhões produzidos sem sua permissão fossem enterrados embaixo do Salão de Uposatha.

CERIMÔNIAS

Na época do Buda a crença no poder de purificação dos rituais era um princípio central da tradição bramânica que o próprio Buda amplamente rejeitava. Ele sustentava que a verdadeira purificação apenas acontecia através de um treinamento sistemático do corpo, da fala e da mente. Contudo, isso não queria dizer que rituais deviam ser completamente evitados; seus benefícios psicológicos eram reconhecidos e considerados

para o desenvolvimento da prática do Dhamma. Luang Pó Chah era adepto de utilizar-se de rituais em circunstâncias apropriadas mas era resoluto em sua oposição à crença de que havia alguma santidade inerente independente do estado mental dos participantes.

Luang Pó era diplomático e acomodava costumes não budistas (geralmente bramânicos) que não colidissem com valores budistas. Em ocasiões especiais, talvez quando apoiadores leigos mais próximos estivessem celebrando a mudança para uma casa nova ou um casamento, ele aceitaria convites para tomar sua refeição diária em suas casas. Lá, ele não faria objeções ao cordão branco *saisin*, atado a uma imagem do Buda em uma ponta, sendo passado ao longo da fila de monges e sendo segurado por eles enquanto recitavam cânticos de bênçãos. Durante a recitação, ele mesmo realizaria o ritual de ‘criar água benta’ ao deixar pingar a cera de uma vela acesa dentro de um recipiente com água. Antes dele sair da casa, para deleite de todos, ele aspergiria essa água sobre toda a família e amigos reunidos. Ele reconhecia o desejo deles por manterem costumes que definiam a sua própria cultura, ele também reconhecia como cerimônias e rituais davam um senso de ocasião e provocavam um impacto emocional que fazia de um evento um marco memorável e adequado de uma grande mudança na vida. Mas Luang Pó nunca deu uma posição central de destaque a isso. O maior foco de sua visita a um lar era sempre a palestra do Dhamma que ele daria após a refeição.

Tatuar o corpo com símbolos místicos como uma proteção contra infortúnios era um costume no qual Luang Pó não via quaisquer características compensatórias. Ele considerava que a crença de que pele pintada ao invés de uma mente sensata era o que protegeria alguém do sofrimento era o exemplo claro de uma superstição equivocada – uma da qual ele, quando adolescente, compartilhava. A dor e o custo de se tatuar por proteção (tatuagens por razões cosméticas eram algo incomum em sua época) eram algo que ele considerava bastante sem sentido:

Nos tempos antigos quando os homens chegavam aos seus dezanove ou vinte anos era um costume de que eles tatuassem as pernas. Eles estavam dispostos a fazer aquilo não importava o quanto doesse. Começaria de manhã e seria um constante – ‘*tuup tuup tuup tuup*’ – o dia inteiro. O sangue deles estaria escorrendo e

eles tinham que ficar espantando as moscas. Mas eles aguentavam mesmo que estivessem em agonia – pois eles acreditavam.

E aquilo, ele dizia, era precisamente o perigo da crença: a vontade de suportar e perseverar em algo absurdo.

As críticas de Luang Pó às tradições locais não eram baseadas em que ter bons momentos era algo pecaminoso por si mesmo, apenas que aquilo deveria ser reconhecido pelo que era, e não dignificado por uma falsa autoridade religiosa. Ele dizia que era uma farsa chamar as cerimônias anuais de lançar foguetes, com toda a bebedeira e acidentes frequentes que elas acarretavam, de um ‘evento de acúmulo de méritos’. ‘Ninguém se torna uma boa pessoa por tocar um tambor’, ele disse uma vez de forma irônica. Seus ensinamentos sobre esse tópico poderiam ser resumidos em, ‘Você não pode fazer de uma coisa algo virtuoso apenas por chamá-la assim.’ Esse era o centro de suas críticas: quando as ditas ‘cerimônias de acumular méritos’ incluíam a festa com bebedeira, então a compreensão do mérito (e por conseguinte, da Visão Correta) na comunidade estava sabotada. Ele simpatizava com os camponeses que trabalhavam pesado e que quisessem fazer uma descompressão de vez em quando, mas como sendo um monge era seu dever esclarecer e proteger os valores budistas.

Luang Pó constantemente desafiava as pessoas a darem um passo para trás em suas lutas diárias com o intuito de ganhar uma visão mais ampla de suas vidas: ele dizia que se você não fizesse aquilo, você poderia envelhecer sem se dar conta do que era ser um ser humano. Ele uma vez comentou sobre uma conversa com um grupo de pessoas idosas e sobre lhes perguntar acerca deles mesmos:

Vocês passaram todas as suas vidas lutando por dinheiro e posses e agora estão velhos e perto da morte. Então, o que vocês acham que realmente vale a pena conseguir nesse mundo? Onde se pode encontrar isso?

Ele disse que perguntou isso a vários membros do grupo e percebeu que eles ficaram desconcertados pela pergunta. A resposta que ele recebeu com mais frequência era, ‘Eu realmente não sei.’ Ele deu essa resposta a eles:

O que você realmente leva dessa vida é a bondade ou maldade que você leva consigo para a próxima. Nossas mentes enterram a si mesmas nas coisas que elas dão significado e valor: o que é saudável, o que não é saudável, o que é meritório e o que é demeritório. Essas são as coisas – o mérito e o demérito, a bondade e a maldade – que o Buda disse que levamos conosco. Tudo o que você criou nesse mundo pertence ao mundo. Embora você tenha cortado uma árvore na floresta para construir uma casa, todas as partes daquela casa são propriedade do mundo, você não pode levá-la consigo. Algumas pessoas não são verdadeiramente cientes do que realmente pertence a elas e o que não. O que pertence a elas é a bondade ou maldade que geram as suas ações.

Ele continuou:

Paz, clareza e pureza – essas são as coisas que os seres humanos realmente necessitam pois é o que eles vão levar consigo. Onde quer que a bondade surja, então a gratificação e a felicidades seguem. Onde quer que uma pessoa sábia vá, ela cria progresso duradouro. Mesmo que ela comece a plantar em terreno pobre, ela pode fazer daquilo algo bom e produtivo.

FÉ NA JÓIA TRÍPLICE

Desde a época do Buda, pessoas que tem fé em seus ensinamentos declaram o seu comprometimento para com eles afirmando três vezes:

Buddham saraṇaṃ gacchāmi: Eu me refugio no Buda..

Dhammaṃ saraṇaṃ gacchāmi: Eu me refugio no Dhamma.

Sanghaṃ saraṇaṃ gacchāmi: Eu me refugio na Sangha.

De forma simples, tomar refúgio no Buda significa ver o Buda como o professor supremo do caminho para a paz, para a compaixão e a sabedoria. Tomar refúgio no Dhamma significa ter os ensinamentos do Buda como o supremo mapa desse caminho. Tomar refúgio na Sangha significa ter os discípulos iluminados do Buda como os supremos líderes no caminho, exemplos de que o caminho é possível de ser seguido e capazes de explicar o caminho.

Existe também uma forma mais profunda de compreender esses três objetos de refúgio. Luang Pó explicava que o significado da Jóia Tríplice tem uma dimensão transcendental; que os três objetos de refúgio se referem também a qualidades imateriais atemporais que devem ser percebidas na mente de cada pessoa. Nesse sentido, o Buda se refere ao ‘despertar interno’, o Dhamma se refere à ‘forma como as coisas são’, e a Sangha se refere à ‘prática correta que leva ao despertar’.

Através de sua carreira como professor, Luang Pó buscava encorajar os budistas leigos a irem além da mera afiliação superficial com sua religião, expressada em suporte material para a ordem monástica e observâncias ritualísticas. A preocupação dele era que eles deveriam aprender sobre como usar os ensinamentos do Buda para reduzir o sofrimento e aumentar a qualidade de suas vidas. Ele fez isso ao trazer os ensinamentos de uma forma ‘pé no chão’, expressando-os de forma vernacular e os revelando como ferramentas para serem usadas na vida diária ao invés de como objetos de reverência. Essa estratégia é claramente revelada na forma como Luang Pó falava sobre os três refúgios. Ele enfatizava que o ‘Buda’ não apenas se referia ao fundador da religião que, uns 2500 anos atrás, viveu na Índia. Como foi a realização do Dhamma que transformou Siddhattha Gotama no Buda, a sua natureza búdica e o Dhamma eram uma única coisa.

Quando você vê o Buda você vê o Dhamma, e todas as suas dúvidas se dissolvem. O Buda é o Dhamma, o Dhamma é o Buda. O Buda histórico não levou a iluminação com ele. Ele a deixou bem aqui.

Portanto, como o Dhamma é atemporal, Luang Pó insistia que ele ainda está acessível para aqueles que seguem os ensinamentos do Buda como sempre foi:

O Buda segue presente hoje. O Buda é a verdade. A verdade está sempre presente. Não importa quem nasce e quem morre, a verdade continua sendo a mesma. Ela nunca desaparece do mundo. Ela está sempre aqui dessa exata maneira.

Buscando expressar essa ideia a um grupo de professores, ele fez uma analogia: existe um corpo de conhecimentos e habilidades que, quando alguém o domina, lhe permite ganhar a vida como professor. Pessoas se

tornam professoras por um certo número de anos e então se aposentam. Mas o conhecimento e as habilidades que faz delas ‘professores’ persiste.

De foma similar, a verdade que faz com que seres humanos tornarem-se Budas ainda existe, ela não desapareceu. Dois Budas nasceram: um é o físico e o outro imaterial. Quanto ao verdadeiro Dhamma, o Buda disse, ‘Ānanda, siga praticando: você vai persistir no Dhamma-Vinaya. Qualquer um que veja o Dhamma me vê. Qualquer um que me veja, vê o Dhamma.’ Como pode ser assim? Soa como se o Buda e o Dhamma estão sendo misturados e feitos a mesma coisa. Na verdade, para começar, não havia nenhum Buda. O Buda só podia ser chamado pelo nome de ‘Buda’ quando ele realizava o Dhamma. Antes disso ele era o Príncipe Siddhattha. É como todos vocês. Vocês são agora apenas moradores locais não iluminados, mas se vocês realizarem o verdadeiro Dhamma, então vocês serão exatamente como o Buda. Não haveria nenhuma diferença. Então entendam esse ponto – todos vocês – agora mesmo: o Buda segue presente.

Luang Pó achava perniciosa a crença, originada em círculos de estudiosos, que não é mais possível na época e tempo presentes, realizar o Dhamma; ele falava de forma ameaçadora sobre o kamma criado por estudiosos que criticavam aqueles que colocavam esforço na prática dos ensinamentos como uma perda de tempo. Ele considerava aqueles que tinham esse tipo de ponto de vista como tolos que concluem que, ao não conseguirem ver nenhuma água embaixo de seus pés, não poderia haver água nenhuma abaixo da terra na qual eles estão pisando.

Para colocar de maneira simples, a prática é como cavar um poço. No tempo do Buda, eles cavavam fundo na terra com o intuito de encontrar água. Quando eles encontravam raízes ou rochas, eles as removiam e certamente eles chegavam à água. Não havia necessidade de criar a água; tudo o que eles precisavam fazer era cavar o poço para acessá-la. Hoje em dia, você pode cavar um poço para encontrar água exatamente da mesma forma. Quando quer que você encontre o lençol freático, você encontrará a água.

A tradução aceita em português para a importante palavra em Pali *‘puñña’* é ‘mérito’ (tailandês: *‘buun’*.) O raciocínio por trás dessa forma de se referir é explicado pelo grande estudioso contemporâneo, Bhikkhu Bodhi: ‘... o tenor de nosso ser interior deve ser elevado a um tom no qual ele seja capaz de receber alguma realização da verdade ... Nós apenas podemos agarrar [ou compreender] aquilo que estivermos aptos a agarrar [ou compreender] e essa nossa aptidão é em grande parte uma função de nosso caráter. A compreensão existencial da verdade se torna um tema de valor interno, de merecimento ou de mérito ... A capacidade de compreender verdades quanto à esfera espiritual é sempre proporcional ao estoque e à qualidade do mérito.’

‘Fazer mérito’ [ou acumular mérito] é a prática mais popular de leigos budistas tailandeses, e como tal, através dos séculos foi a mais mal interpretada e sujeita às maiores distorções. Até hoje nas comunidades budistas, o conhecimento de que *‘puñña’* significa ‘aquilo que limpa a mente’ (na maioria dos casos equivalente a ‘bom kamma’) é muito menos amplamente divulgada do que se poderia esperar.

O Buda ensinou que a limpeza da mente ocorre através de três atividades: atos de generosidade (limpar a mente do apego a posses materiais), virtude moral (limpar a mente da intenção de ferir a si mesmo ou aos demais) e cultivo mental (limpar sistematicamente a mente das impurezas). Esse último era considerado de longe a fonte mais poderosa de purificação. Um único momento de profunda paz interior era dito como sendo criador de mais méritos do que uma oferenda de alimentos ao próprio Buda.

Através dos séculos, a comunidade budista tailandesa como um todo colocou uma ênfase dominante no primeiro tipo de atividade de acúmulo de méritos: atos de generosidade. O significado de ‘acumular mérito’ se encolheu a oferendas de suporte material para a Sangha. O foco mudou da limpeza interna mental para a atividade externa que se acreditava que o produzia. Uma vez que o ‘mérito’ estava localizado na atividade ao invés de estar na limpeza mental, todos os tipos de distorções podiam ocorrer. Atitudes inábeis como tomar álcool, matar uma vaca ou um porco para um banquete em uma cerimônia de ‘acúmulo de méritos’ se infiltraram nas

comunidades budistas. Monges inescrupulosos ensinaram que ‘mérito’ era para ser medido pela quantidade de dinheiro que se oferecia à Sangha (um fenômeno que infelizmente floresce até os dias atuais).

Através de sua carreira como professor, Luang Pó se devotou a explicar o verdadeiro significado do ‘mérito’ e a encorajar seus discípulos a se aplicarem em todos os tipos de mérito, particularmente na área mais negligenciada: o cultivo da mente.

Contudo, Luang Pó não menosprezava aqueles que não se sentiam prontos para aplicar a si mesmos na prática de meditação. Sempre foi o caso em sociedades budistas que a maioria dos chefes de família vissem o caminho direto para a iluminação como sendo muito íngreme e duro para eles escalam. Eles vinham considerando o acúmulo gradual de méritos como uma opção mais realista e menos inquietante. Através da honestidade, da bondade, da generosidade e da virtude eles buscavam aumentar seus méritos de uma forma que combinava uma limpeza espiritual gradual com os frutos mundanos mais familiares de uma vida feliz em família e sucesso mundano, tanto nesse mundo quanto no próximo. Embora essa atitude fosse aceita pelo Buda como uma escolha racional e legítima, de forma última, era uma perda de oportunidades para o profundo progresso espiritual inerente ao precioso nascimento como humano.

Luang Pó reconhecia que uma boa saúde, uma família estável e feliz, uma carreira de sucesso, uma certa medida de paz interior e a confiança de um bom renascimento à sua espera depois da morte seriam sempre os objetivos mais básicos da maioria das pessoas do mundo. Era o papel do mérito em promover que se alcançassem esses objetivos que devia ser esclarecido. Com um entendimento incorreto, mau kamma poderia ser criado com a crença de que méritos estariam sendo acumulados, enquanto bom kamma podia ser negligenciado com a crença de que era muito difícil de ser criado.

Luang Pó precavia que todas as atitudes de acúmulo de mérito, começando pela generosidade, deveriam ser realizadas com atenção. Doadores deveriam considerar se o presente que estavam dando era apropriado para um monge e permitido para que ele usasse. Se a doação fosse primordialmente motivada pelo desejo por elogios, por reputação ou recompensa material

de alguma forma, grande parte da limpeza interna poderia ser anulada. O ato de generosidade seria um pouco mais do que uma mera transação. O impulso admirável pela generosidade tinha que ser acompanhado pelo esforço em treinar a mente. Essa era a forma mais sábia de maximizar o mérito. Em uma ocasião, Luang Pó disse a um grande grupo de visitantes:

Hoje em dia todo mundo quer acumular mérito, mas dificilmente alguém quer abandonar os deméritos. Na verdade essas duas coisas são inseparáveis.

Luang Pó dizia que um amor por acumular méritos que não estivesse acompanhado pela determinação em abandonar as ações danosas do corpo, da fala e da mente demonstrava uma falta de entendimento do que era realmente o mérito, do que dava suporte ao mérito e do que o sabotava. Ele frequentemente explicava esse ponto através do uso da palavra '*kusala*', geralmente traduzida para o português como 'saudável' ou 'hábil' (e assumida pela maioria dos tailandeses budistas leigos como sendo um sinônimo de 'mérito'). Na verdade, Luang Pó explicava, *kusala* era um fator de sabedoria necessário para governar a performance das ações meritórias. Sem esse tipo de sabedoria, as pessoas podiam ficar exageradamente preocupadas com a antecipação das recompensas futuras de suas ações ou serem influenciadas pelo desejo por elogios ou por ter um bom nome perante a comunidade. Vários simplesmente desfrutariam das boas sensações produzidas por suas boas ações e não veriam necessidade de penetrar mais profundamente nos ensinamentos do Buda.

A sabedoria era necessária para evitar problemas. Sem conhecimento de como tomar conta de suas mentes, o bom *kamma* que eles criavam estaria vulnerável a corrupções.

Façam méritos com o intuito de reduzir gradualmente o sofrimento em suas mentes. Para fazer isso vocês precisam, ao mesmo tempo, desenvolverem qualidades saudáveis em suas mentes ... Mérito por si mesmo é apenas como carne ou peixe frescos. Se vocês os deixarem sem cuidado por muito tempo, eles vão apodrecer. Se vocês querem mantê-los por um longo tempo, vocês devem salgá-los ou colocá-los no refrigerador. Conforme vocês

criam méritos, sigam refletindo. Com isso eu quero dizer que vocês usem sua inteligência ou sabedoria para destruir as impurezas.

Para explicar a necessária função discriminativa da mente, Luang Pó criou uma analogia com matemática. O termo ‘fazer mérito’ aponta para a ideia principal do mérito como sendo algo que você simplesmente cria ou acumula. Ele dizia que isso era simplista:

É como na matemática onde você deve usar diferentes métodos: multiplicar, adicionar, subtrair e dividir com o intuito de chegar ao número correto.

O erro que as pessoas cometiam, ele dizia, era no zelo em adicionar e multiplicar: ‘Eles não subtraem e dificilmente sequer dividem.’ Na verdade, são a subtração e a divisão ‘que trazem leveza à mente’. O ponto de Luang Pó aqui era que quando o ‘mérito’ fosse entendido como dependente de uma subtração interna das impurezas então os acumuladores de méritos aproveitariam um senso de leveza sempre que abrissem mão do fardo da auto preocupação. Quando a motivação mudava para o ganho da recompensa celestial ou o aumento do status que a pessoa mantinha perante a sociedade, essa vontade de auto engrandecimento se adicionava ao peso que a pessoa tinha que carregar ao invés de reduzi-lo. Luang Pó frequentemente voltava a esse tema de carregar um fardo e abrir mão de um fardo. Ele dizia que se você estivesse em uma viagem e ficasse apenas carregando novas coisas nas suas costas, você certamente teria um colapso. Você deve saber como abrir mão de algumas coisas.

Compartilhe coisas. Se você consegue um monte grande assim, então dê um pouco aos outros e ficará mais leve; se você mantiver tudo, isso será pesado.

Praticar a generosidade era um dos fatores mais importantes que amadurecia a mente e a deixava pronta para formas mais profundas de renúncia, como pôde ser visto em várias vidas anteriores do Buda.

Treinar a si mesmo é como aprender a andar. Siga aumentando a quantidade. Comece com coisas materiais e, conforme a força da generosidade comece a se fortalecer, você será capaz de abrir mão [do apego aos] estados mentais, das coisas imateriais, de assuntos

do coração e da mente e, em última instância, a dar [abrir mão da] cobiça, da raiva e da ilusão.

O ponto ao qual Luang Pó retornava continuamente era de que o mérito não podia ser medido pelas boas ações por si mesmas, mas pela mente que as realizava. A qualquer momento que a mente estivesse preenchida com Visão Correta, com qualidades virtuosas e a felicidade da presença delas, ele dizia, a mente *seria* mérito:

Se a mente é dotada de mérito, então em qualquer lugar onde você ‘faça méritos’ ela sempre estará cheia de alegria. Não há necessidade de celebrar, não há necessidade de fazer com que ninguém saiba ou veja, nenhuma necessidade de nada desse gênero; existe apenas a energia da mente que acredita firmemente na bondade.

Uma atitude não saudável não se torna saudável simplesmente porque as pessoas acreditam que ela seja. Existe um princípio universal envolvido, independente da percepção humana. De forma similar, uma boa ação gera frutos mesmo quando ela não é reconhecida como ‘boa’ pela comunidade da qual se participa.

Os Discípulos Nobres realizam boas ações. Onde quer que eles estejam, eles fazem a prática deles. Não importa quantas pessoas possam negar que o que eles estejam fazendo seja algo bom, a bondade está lá, não importa. Quando alguém faz algo mau, não importa quantas pessoas digam que aquilo é bom, ainda assim não será algo bom.

Fazer oferendas para um mosteiro era nutrir o Budismo, mas budistas leigos não deviam considerar que o Budismo está fora deles ou que é propriedade da Sangha. Com sabedoria, nutrir a sua própria vida e nutrir o Budismo não seriam coisas diferentes, pois não há Budismo fora das mentes dos praticantes budistas.

Quando pessoas tolas sofriam, elas também ficavam com raiva, deprimidas ou tentavam esquecer de sua dor com prazeres sensuais. Menos tolos eram aqueles que escolhiam ‘fazer mérito’ como uma forma de revigorar a mente e trazer alguma bondade para suas vidas. Contudo, a menos que

eles buscassem pelas causas de seu sofrimento e fizessem esforços em eliminá-lo, acumular mérito era apenas um remédio superficial.

Mérito e o seu oposto, o demérito, não eram entidades mensuráveis. Eles não podiam ser encontrados em ações. Eles eram os nomes de estados mentais que cada pessoa deve identificar por si mesma.

Se você medita e investiga internamente até que alcança o próprio coração, você vai ver que a maldade se refere às coisas ruins em sua mente e o mérito se refere às coisas boas e nobres. Maldade é uma perturbação interna. Se você volta a atenção para dentro, você verá mérito e danos, perturbações e felicidade por você mesmo.

Para que nossa vida seja completa, nós precisamos de dois tipos de olhos. Os olhos físicos veem, mas de forma incompleta. Eles podem ver árvores, montanhas e por aí vai, mas eles não podem ver o certo e o errado. É como as luzes de um carro. Você acha que são os faróis que veem a estrada? O mesmo princípio se aplica. A ciência que tem conhecimento do valor das coisas está no coração. Nós temos que trazer as coisas para dentro, para termos o olho interno.

Esse olho interno tinha que ser treinado e educado para contrariar a tendência que a mente tem de ser enganada pelas impressões dos sentidos.

Se nós temos apenas os olhos externos, então seremos continuamente enganados. Nós veremos imitações como sendo coisas verdadeiras, coisas não atrativas como sendo atrativas, coisas ruins como sendo boas.

Luang Pó frequentemente usava essa simples analogia do olho interno ou celestial que tinha que complementar os olhos corpóreos externos. Era um conceito que se tornaria familiar aos seus ouvintes: todos sabiam que quando Kondañña, o primeiro discípulo do Buda, alcançou o primeiro estágio de iluminação, ele foi proclamado como tendo conquistado o ‘Olho do Dhamma’.

Você tem um corpo e tem uma mente – tudo o que você precisa. Não saia ansioso atrás de um deus ou outro. Não saia olhando em outros lugares. Examine, investigue para enxergar bem agora:

existe mettā em sua mente? Existe compaixão? Existe alegria altruísta? Existe honestidade? Existe Visão Correta? Existe visão incorreta? Olhe para a sua mente. Mesmo que você diga algo muito errado, se sua intenção for boa, então não é errado. O que quer que você faça, olhe para a sua intenção. Se sua intenção não for impura, então não existe nenhuma falta.

RENASCIMENTO

Aqueles que cresceram em culturas dominadas pelas grandes fés mono-teístas tendem a assumir que todas as alegações religiosas são baseadas na crença em um conjunto fundamental e único de dogmas. O Budismo, no entanto, não insiste nesse tipo de crença. Na verdade, renascimento, frequentemente identificado como sendo um dogma budista para os não-budistas, é provavelmente a característica dos ensinamentos que é a mais controversa entre os budistas modernos. No entanto, onde quer que haja dúvida existe a tendência de um desejo por uma figura de autoridade para esclarecê-lo. Uma vez, um praticante leigo que foi visitar Luang Pó com esse desejo por uma resposta definitiva para a questão do renascimento recebeu uma resposta que confundiu as suas expectativas:

Question: Existe realmente uma vida depois desta?

Luang Pó: Se eu te disser, você vai acreditar?

Question: Sim, senhor.

Luang Pó: Então você seria um tolo.

Luang Pó seguiu explicando que é tolice embasar uma crença inquestionável nas palavras de outra pessoa. Ele dizia que enquanto as crenças forem baseadas no ‘ouvi dizer’, a sabedoria nunca surgirá. Tais perguntas são impossíveis de ter uma resposta definitiva e são a causa de discussões e disputas intermináveis.

Ele fez uma analogia:

Se você me pergunta, ‘Existe uma vida futura?’ Então eu te pergunto, ‘Existe um amanhã? Se existe, você pode me levar até lá?’ Não, você não pode. Mesmo que ele exista, você não pode me

levar para vê-lo. Se existe um hoje, então deve haver um amanhã. Mas não é algo material que você possa pegar e mostrar para que alguém veja.

Luang Pó recordaria seus visitantes que o Budismo não se trata de acreditar em coisas, mas de penetrar nas verdades de suas vidas bem agora:

Na verdade, o Buda não nos ensinou a esperar esse tipo de prova. Não é necessário ficar com dúvidas se existe ou não existe uma vida futura, ou se as pessoas renascem – esse não é o problema que você deve resolver. Você não tem obrigação nenhuma de encontrar uma resposta para tais perguntas. Sua obrigação é entender a si mesmo no presente. Você deve saber se você está sofrendo. Se está, por qual razão? Isso é o que você tem que saber. E ainda mais, correr atrás desse conhecimento é sua responsabilidade pessoal.

O conselho era sempre de retornar ao momento presente:

O Buda nos ensinou a considerar o presente como a causa de todas as coisas. É a causa do futuro. Uma vez que hoje tenha passado, então amanhã se tornará hoje. O futuro ou o amanhã existem com base no hoje. O passado surge do presente também. Uma vez que o hoje tenha passado, ele se torna ontem. Essa é a causa da conexão entre eles. Então o Buda nos ensinou a refletir em todas as causas do presente – apenas isso é o suficiente – pois se você cria boas causas no presente, então o futuro também será bom, e o passado igualmente. Mais importante, se você chega ao final do sofrimento no presente, então não há necessidade nenhuma de falar sobre uma vida futura.

Isso, Luang Pó insistia, estava alinhado com a forma que o próprio Buda ensinava. Como no famoso *símile*^{*}, querer saber de todos os detalhes sobre o renascimento é perder o foco. Era como um homem que tivesse sido atingido por uma flecha e se recusando que alguém a removesse até que lhe dissessem todas as características da flecha.

Na época do Buda havia um certo brâmane que ficava elucubrando sobre o que acontecia com as pessoas depois da morte. Ele foi

^{*}MN 63

perguntar ao Buda e disse, ‘Se você me disser se existe ou não existe renascimento, então eu vou pedir para ser aceito como monge. Se você não puder ou não quiser me dizer, então eu não pedirei.’ O Buda respondeu, ‘E o que eu tenho a ver se você vai se tornar um monge ou não. Isso é assunto seu, não meu.’ Então ele disse, ‘Se você vai se tornar um monge ou não, ou se uma pessoa nasce ou uma pessoa morre, se uma pessoa morta renasce ou não, se você mantiver essa atitude, então você vai sofrer angústia por muito éons mais. O correto a se fazer é puxar a flecha (do sofrimento) agora mesmo.’

Luang Pó dizia que perguntas sobre renascimento eram baseadas em suposições não compreendidas sobre o que exatamente renasce. De maneira última, a verdade sobre o assunto é que, enquanto existe renascimento, ‘Ninguém nasce e ninguém morre.’ Mas uma afirmação dessa profundidade só pode ser verdadeiramente compreendida por alguém que tenha investigado e penetrado completamente no significado da impermanência, do sofrimento e do ‘não-eu’. Renascimento era um dos tópicos sobre o qual ele diria, ‘Leve minhas palavras contigo e reflita sobre elas. Considere esse o seu dever de casa.’

Existe um dito muito conhecido na Tailândia de que, ‘O céu mora em seu peito, o inferno em seu coração.’ Em outras palavras, enquanto experienciando uma forte sensação agradável, é como se alguém tivesse sido transportado para o reino dos céus; da mesma forma, experienciar uma forte sensação desagradável é como ser transportado para o inferno. Alguns professores budistas radicais levaram essa analogia ainda adiante, rejeitando os princípios básicos da cosmologia budista e ensinando que o prazer e a dor mentais no presente são o verdadeiro significado dos termos ‘céu’ e ‘inferno’.

Luang Pó não compartilhava essa rejeição da compreensão literal do renascimento. Contudo, ele fazia uso da analogia de céu e inferno como um meio para encorajar seus discípulos a verem mais de perto as suas próprias ações:

Hoje em dia vocês conhecem todas as histórias sobre pessoas caindo para o inferno e subindo ao céu mas vocês não conhecem a si

mesmos. Alguém que esteja com boa saúde física e mental não causa dano a si mesmo ou aos demais e se sente bem – essa pessoa está vivendo em um reino celestial. Pensem bem nisso.

Em qualquer lugar que alguém cometa uma má ação, o Buda chamou de ‘inferno’. Onde está o inferno? Onde quer que o Buda tenha dito, ‘Não faça isso. Isso é errado.’ Se você faz aquilo, então a coisa ruim ocorre imediatamente. Essa coisa ruim tem resultados desagradáveis e esses resultados desagradáveis causam o seu sofrimento. Se você está sofrendo, você caiu para o inferno. Inferno é todo o ambiente do seu sofrimento.

O ‘Guardião do Inferno’ que prende as pessoas se refere aos resultados do mau kamma que as pessoas cometeram. Coisas ruins nos levam a mais coisas ruins. Esse ‘guardião’ está em todos os lugares. Seus olhos são maravilhosamente afiados. Quaisquer boas ou más ações que você realize, ele vê todas elas, ele sabe de todas elas. Suas ações são sua testemunha, elas são as evidências que você deixa para trás; nada é perdido, nada é deixado pelo acostamento.

Mas Luang Pó deixava claro que ele não estava negando a existência de céu e inferno como reinos de fato, ou rejeitando as representações tradicionais deles. Era necessário empregar tais imagens vívidas com o intuito de representar algo além do escopo da imaginação humana:

Se você faz algo ruim, então você experiencia maus resultados. Você se torna um ser do inferno, o que é agonizante. Você sobe em uma árvore de espinhos e eles te espetam, mas você não morre. Quando você chega no topo da árvore, corvos bicam a sua cabeça e você tem que descer. Você desce ao chão, e existem cães esperando para te morder. Não existe lugar onde você possa descansar. Nada além de sofrimento. Essa forma de falar é chamada de ‘ensinar através da personificação’. Isso é verdade? É. É verdade como a personificação das coisas que não são realidades materiais. Por exemplo, ‘céu’ e ‘inferno’ não são na verdade lugares materiais como aparecem nas descrições tradicionais. Essas descrições são metáforas.

É como quando você quer explicar o gosto do sal, mas você está em um lugar onde não tem sal. Então você pega um punhado de areia e chama aquilo de sal com o propósito de dar a sua explicação. Ela tem sabor de sal? É claro que não; na verdade, não é sal. Então por que você finge que a areia é sal? Porque naquele local você não tem sal. Você faz isso com o intuito de dar às pessoas pelo menos alguma ideia de como o sal se parece.

Mas se as coloridas descrições dos outros reinos são apenas aproximações da realidade, quando é que aquilo sai desse reino humano?

Você é realmente humano? Você é, de uma forma convencional. Se você fosse verdadeiramente humano então você deveria possuir as virtudes humanas como mettā, compaixão, alegria altruísta e você manteria os Cinco Preceitos em todos os momentos. Isso é o que realmente significa ser um humano: possuir todas as qualidades que lhe conferem uma humanidade completa. Humanidade tem sinais internos. Como humanos, se todas essas boas qualidades amadureceram em nós, então nós somos completamente humanos. É aí que fica a nossa humanidade; não é o fato de nascer com olhos e ouvidos, braços, pernas e por aí vai, que automaticamente nos torna humanos. Parece que sim, mas na verdade é uma imitação de humanidade, não a humanidade verdadeira. A verdadeira humanidade requer virtudes humanas, não causar dano a si mesmo ou aos demais, possuir boas qualidades.

OUVINDO O DHAMMA

O Buda ensinou que ouvir palestras do Dhamma é uma grande bênção. Como resultado, evoluiu daí uma tradição na qual os budistas leigos que iam aos mosteiros em ocasiões importantes para acumular méritos também pediriam para receber ensinamentos formais do abade. Através dos séculos, contudo, sermões frequentemente vieram a realizar um papel cerimonial mais do que um papel de instrução nas vidas das pessoas. No nordeste tailandês, o monge se sentaria no Assento do Dhamma e leria versos de um manuscrito escrito em folha de palmeira, em um estilo duro e formal que incluía várias palavras em Pali que eram ininteligíveis para a plateia. De forma não surpreendente, a reação mais comum da plateia era a sonolência.

Mesmo sem as palavras em Pali, o tailandês da região central usado por monges educados em seus sermões era difícil de entender e poucos podiam manter a atenção. Quando Luang Pó ouviu a sua primeira palestra do Dhamma quando criança, a crença comum no vilarejo era de que entender o significado do sermão não era o principal.

Quando eu era criança, meus pais e meus avós iam ao mosteiro nos Dias de Observância para ouvir o Dhamma. Eles iam por causa do mérito. O monge que estava dando o sermão falava sobre um assunto ou outro e eles não entendiam muito do que ele estava falando, mas eles se sentavam ali da mesma forma – pelo mérito. Eles acreditavam que ouvir o som da voz do monge era meritório.

Em situações informais monges falavam usando o dialeto e se expressavam de forma direta. Mas assim que eles se sentavam no alto do Assento do Dhamma eles adotavam um tom mais elevado. Os monges de floresta como Luang Pó não faziam tal distinção. Sentados no Assento do Dhamma, eles falavam sem preparação, praticamente da mesma forma ‘pé-no-chão’ que eles falavam na vida diária. Isso foi uma pequena revolução na propagação do Dhamma e um retorno da tradição às suas raízes há muito tempo esquecidas.

Luang Pó explicava aos seus discípulos leigos o tipo de atenção que era necessária para se beneficiar verdadeiramente ao ouvir o Dhamma. Ele ensinava que a atitude para com um discurso, os desejos e expectativas, a quietude da mente dos ouvintes, tudo isso contribuía para os benefícios. Ouvintes, ele dizia, deviam adotar uma atitude de humildade e respeito ao professor e aos ensinamentos.

Agora eu lhes darei um ensinamento do Dhamma. Prestem tanta atenção quanto se o próprio Buda estivesse sentado em sua frente. Sejam atentos. Unifiquem suas mentes. Fechem seus olhos e sentem-se confortavelmente.

Mas não muito confortavelmente.

Se vocês ouvem o Dhamma pelo mérito, vocês ficarão sonolentos. Assim que vocês comecem a se sentirem felizes e confortáveis, a sonolência virá. Quando vocês estão sonolentos, aí vocês não

sabem o que está sendo dito. Quando vocês não sabem o que está sendo dito, vocês não aprendem nada.

Acumular méritos devia estar acompanhado de kusala, o fator de sabedoria, a ciência do que te leva para o despertar e do que te afasta dele.

Ouvir o Dhamma deveria aumentar a sua inteligência. Inteligência é kusala. Kusala e mérito são coisas diferentes. Kusala te desperta: faz com que você saiba o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é ruim, o que deve ser abandonado e o que deve ser cultivado. ‘Mérito’, por outro lado, se trata apenas de colocar mais coisa em sua cesta, estar confortável, se divertindo. Não é o despertar. Ele não gosta de investigar o Dhamma.

Os benefícios de ouvir o Dhamma com uma calma lucidez e uma mente discriminativa eram vistos claramente quando a mente estava capaz de guardar os ensinamentos na memória.

O Dhamma ainda está presente em sua mente. O que quer que você esteja fazendo, você ainda está pensando no Dhamma, e o Dhamma está te protegendo. Por exemplo, o monge disse que você deve ser paciente, que você deve se esforçar, não ser cruel, fazer de sua mente boa; se você fica com raiva, então aguente e atravesse aquilo, etc. Se você realmente presta atenção para que aquilo grude em sua mente, isso será uma condição de suporte. Mesmo quando você estiver caminhando pela estrada, aquilo segue ali em sua mente. Você chega em casa e um de seus filhos faz algo para irritá-lo. Ao mesmo tempo que aquela irritação surge em sua mente, o Dhamma que você ouviu surge ao mesmo tempo te ensinando a suportar com paciência, te ensinando que você se mantenha com um bom estado mental, te ensinando a abrir mão. Ele surge simultaneamente com o estado mental e segue te ensinando. Por tais razões, o Buda disse que o Dhamma nos protege e nos previne de cair em atitudes maléficas

ESTAR ATENTO

‘*Appamāda*’, comumente traduzido para o português como ‘estar atento’ [ou, ‘estar consciente’], é uma das virtudes chave do Budismo. O termo

também é explicado como uma ‘contínua atenção plena’ e ‘vigilância’. Isso envolve ter em mente constantemente o trabalho que é necessário ser feito e quão pouco tempo resta para realizar esse trabalho. Estar atento é o antídoto para a complacência. Foi o tema da última exortação do Buda e tem cumprido o papel como sendo uma parte proeminente nos ensinamentos dos grandes mestres budistas através dos tempos, incluindo os ensinamentos de Luang Pó Chah.

Saiba o que você tem que fazer e o que você tem que abrir mão e abandonar. Aprenda como colocar a sua mente em um estado tranquilo e como experienciar a calma lucidez. Aprenda como fazer sua mente parar de criar sofrimento. Esse é o caminho das pessoas sábias no mundo. Faça uma determinação firme de praticar de uma forma apropriada para esse nascimento humano. Não desperdice a sua vida.

Luang Pó instigava a sua plateia a despertar para a preciosidade de terem nascido como seres humanos. Eles deveriam aplicarem-se à tarefa de abandonar as qualidades não saudáveis em suas mentes e a desenvolver as qualidades saudáveis enquanto eles ainda podiam fazer aquilo. Não era possível trapacear no trabalho duro que era requerido ao voltar a mente para assuntos espirituais um pouco antes da morte e conseguir uma passagem de última hora para o reino celestial.

Algumas pessoas dos tempos antigos dizem que quando uma pessoa está prestes a morrer você deve sussurrar o mantra ‘Budô, Budô, Budô’ no ouvido dela. Pra que serve isso? Alguém prestes a se deitar em um local de cremação – o que é que ele vai saber de ‘Budô’? Por que as pessoas não aprendem sobre ‘Budô’ enquanto elas ainda estão jovens? Lá estão eles, sua respiração falhando, eles chamando por suas mães, e você sussurrando ‘Budô’ no ouvido deles. Por que você se cansa por nenhuma razão? Não se importe, você apenas está deixando eles ainda mais confusos.

SĪLA

Em seus discursos do Dhamma para budistas leigos, Luang Pó retornava continuamente para a importância fundamental de sīla. Ele explicava os

preceitos exaustivamente em detalhes, o raciocínio por trás deles, o valor de mantê-los, as desvantagens de não fazê-lo.

Um sábio senso de vergonha e medo das consequências das ações que realizamos, essas duas coisas – elas são chamadas *lokapālas** – protegem os seres sencientes.

Ao expandir o ensinamento do Buda de que os Cinco Preceitos são a causa fundamental do renascimento no reino humano, Luang Pó, retornando ao seu tema favorito, dizia que era apenas ao manter os preceitos que alguém podia se tornar realmente humano nessa vida:

Se as pessoas perdem sua sīla por um dia, então naquele dia elas não são completamente humanas. Se ficam sem sīla por um ano, então por aquele ano elas não são totalmente humanas. Apenas quando a sīla é pura é que as pessoas são completamente humanas.

O Dhamma podia se manifestar apenas quando a vida de alguém fosse conduzida dentro desses limites. Sem sīla, as pessoas não teriam o auto respeito para aplicarem a si mesmas na prática do Dhamma. Luang Pó notava que elas se sentiam envergonhadas de encontrarem-se com os monges, com medo de que ouvir palestras do Dhamma pudesse fornecer lembranças dolorosas de suas deficiências.

O Buda ensinou que embora sīla seja uma qualidade interna de restrição, ela é amadurecida por manter os preceitos. A importância dada aos preceitos pode ser medida pelo fato de que quase todas as cerimônias budistas theravada iniciam com uma solicitação formal por parte da comunidade leiga para que o monge sênior presente lhes ‘dê’ os refúgios e os preceitos. O monge faz isso ao permitir que a plateia repita os refúgios ao Buda, ao Dhamma e à Sangha, e então os preceitos logo depois dele, um por um. A fórmula para ‘tomar’ cada preceito não envolve fazer votos, mas fazer um compromisso de educar a própria conduta e a própria fala no formato, ‘eu assumo a regra de treinamento de me abster de ...’

* Literalmente: ‘protetores do mundo’. Esse termo se refere aos benefícios pessoais e sociais que derivam desse sábio senso de vergonha (*hiri*) e medo de fazer coisas equivocadas (*ottappa*), sem os quais a moralidade fica sem ter uma base e o mundo se torna mais vulnerável.

Para talvez uma maioria de pessoas no mundo budista, essa curta cerimônia é raramente mais do que um ritual: a maioria dos participantes não tem a intenção de manter todos os preceitos depois que a cerimônia termine. Para eles, o ensinamento do Buda de que a virtude aumenta o acúmulo de mérito foi recebido como a crença de que a cerimônia de solicitação dos preceitos atua como um ritual de purificação precedendo a oferta de alimentos e etc., e que isso intensifica o bom kamma criado pelo ato de doar.

Mas para aqueles com o desejo genuíno de viver sob os preceitos, uma solicitação formal para um monge que eles respeitem pode constituir uma renovação de seu comprometimento para com eles. No caso em que a cerimônia seja conduzida por um monge como Luang Pó Chah, a autoridade moral e espiritual do monge pode dar à cerimônia uma força de ligação especial. Luang Pó enfatizava que a essência de sila era a intenção de se abster:

No momento em que você se determina a manter os preceitos, então sila surge imediatamente. É a intenção que é sila. Se você compreende o assunto dessa forma, então a sua sabedoria se tornará abrangente.

Em outra ocasião, ele ensinou aos apoiadores leigos três formas de manter os preceitos:

No primeiro caso, você pede os preceitos para um monge. No segundo caso, você se abstém por você mesmo: você sabe quais são os preceitos e faz uma determinação em mantê-los. O terceiro caso é a sila absoluta dos Discípulos Nobres. Aqui a intenção é se abster de uma vez por todas: 'O que quer que seja ação errada pelo corpo ou pela fala, eu não farei mais de hoje em diante.' É uma sila decisiva. Os Discípulos Nobres tem esse tipo de sila. A constante plena atenção protege as suas mentes. Eles se mantêm observando a si mesmos o tempo todo. Esses são os três caminhos pelos quais sila pode surgir. Todos os três podem ser uma base para Nibbāna ...

Uma das apoiadoras leigas da primeira geração resumiu como ela entendeu os ensinamentos de Luang Pó sobre os preceitos:

“Luang Pó nos ensinava a manter os Cinco Preceitos. Mesmo que, para começar, eles ficassem manchados de vez em quando, ele nos dizia que quando isso acontecia devíamos tentar fazer um novo começo.

“Para o primeiro preceito, ele nos dizia para não tirar a vida de criaturas vivas ou causar-lhes dor pois fazer isso era maldade e traria resultados desagradáveis.

“O segundo preceito significa abster-se de roubar ou trapacear os outros. Se qualquer um roubasse o que fosse nosso nós ficaríamos cheios de tristeza e pesar. E como as outras pessoas tem os mesmos sentimentos que nós temos, nós não deveríamos roubar deles.

“O terceiro preceito significa abster-se de adultério, não ser infiel. Se esse preceito é quebrado, isso leva a discussões e recriminações. Casais começam a suspeitar e desconfiar um do outro.

“O quarto preceito é sobre mentir e enganar. Se você mente e trapaceia, isso te rebaixa. Ninguém quer se misturar com você. Ninguém respeita nada do que você diga, ninguém presta atenção às suas palavras.

“O quinto preceito significa abster-se de tomar álcool. Álcool faz a sua mente ficar descuidada, desatenta e esquecida sobre o que é certo e o que é errado. Isso pode levar a todos os tipos de ações maldosas. Quando as pessoas estão embriagadas o comportamento delas é igual ao de uma pessoa louca; todos os sinais de bons modos e dignidade de uma pessoa bem nascida desaparecem.”

Luang Pó ensinava que, sem sîla, famílias nunca conheceriam a paz e a harmonia. Haveria uma contínua briga e confusão. Manter preceitos era a base indispensável para uma vida feliz em família como um dos apoiadores leigos do mosteiro recordava:

“Luang Pó nos ensinava a trabalharmos duro e a plantar arroz, verduras e frutas, a plantar pimentas e berinjelas e então vendermos o excedente no mercado. Daquilo nós podíamos conseguir o dinheiro para comprar o que quiséssemos. Peixe não era caro e nós ficaríamos felizes de podermos comprá-lo no mercado e assim evitarmos pescar – o que não apenas tomava um grande tempo que podíamos estar realizando outro trabalho, mas

também gerava mau kamma. Esse era um conselho prático e fazia sentido para todos nós.”

Antigamente, os camponeses locais devotariam todas as suas terras para o cultivo de arroz. A pobreza do solo fazia com que eles tivessem que deixá-lo em descanso às vezes por meses. Luang Pó aconselhava que eles mudassem seu comportamento.

“Nós nunca sabíamos muito sobre como plantar frutas ou vegetais. Mas quando Luang Pó veio para Wat Pah Pong, ele nos ensinou a plantar vegetais, a criar pomares. Ele nos tornou mais cientes das possibilidades. Nós nos tornamos trabalhadores mais eficientes e pudemos desenvolver qualidades externas e internas ao mesmo tempo. Era uma grande melhoria. E não era tão difícil. Aqueles que conseguiam manter os Cinco Preceitos todo o tempo eram felizes, sem estresses e achavam aquilo muito benéfico.”

Ao enumerar os benefícios de *sīla*, Luang Pó poderia de vez em quando usar a etimologia (às vezes duvidosa) do ‘Caminho da Purificação’ (*Visuddhimagga*). Depois de dizer que as palavras *sīla* e *sacca* (integridade) são sinônimos, ele disse que ‘*sīla*’ também significa ‘*silā*’, ou ‘pedra’. Assim como uma pedra jogada na água afunda até o solo firme abaixo dela, *sīla* adiciona gravidade [peso] ao comportamento de uma pessoa. Seus benefícios também incluem uma autoridade moral que permite não ter medo algum em assembleias públicas.

Se você possui *sīla* – se você não cria mau kamma através de corpo, fala ou mente – você pode falar sem incertezas, falar diretamente, sem medo, ser corajoso em ações e falas sobre assuntos importantes. Você não fica maravilhado com ninguém, não fica com medo de ninguém. Pessoas morais não tem medo em suas comunidades e não tem medo na hora da morte. Quando você não fez nada errado – ou, se você fez e agora abandonou aquele tipo de ação não existindo espaço para o remorso – a mente está tranquila.

Manter os preceitos não é um fim em si mesmo. Isso cria as condições para o desenvolvimento da prática de meditação.

Quando suas ações e sua fala são impecáveis, a mente se refresca; e se você pratica meditação, a concentração surge facilmente. A mente está em um estado de mérito, em um estado saudável pois ela não tem preocupações sobre ações passadas.

Durante o período de três meses do Retiro de Chuvas monástico, Luang Pó encorajava a comunidade leiga a dar atenção especial aos seus preceitos. Um discípulo dos mais antigos lembrava bastante desse conselho:

“Ele nos ensinava a juntar várias pedrinhas e desenvolver um tipo de meditação de síla. Sempre que chegássemos em casa do trabalho, ele dizia que nós devíamos revisar nossas ações e que, se tivéssemos quebrado um preceito, colocássemos uma pedrinha em uma pilha. No final do Retiro de Chuvas, nós devíamos contar quantas pedrinhas havia na pilha, quantas vezes tínhamos nos portado mal. E então devíamos nos reportarmos a ele.

“Ele dizia que, como chefes de família, nós todos devíamos tentar manter os Cinco Preceitos puramente. Se nós temos síla, então nós nos sentimos tranquilos e felizes, nossas famílias ficam livres de estresses e comoções e nós vivemos em harmonia e amizade com nossos vizinhos como se eles fossem nossos parentes de sangue. Ele nos dizia para sermos morais e verdadeiros, dizia que se mantivéssemos os Cinco Preceitos puramente então a riqueza [sem culpa] ocorreria. Se nossa síla se tornasse quebrada, manchada ou defeituosa, então nossa riqueza começaria a se erodir.”

Algumas pessoas eram inspiradas pelos discursos de Luang Pó mas logo ficavam desencorajadas quando tentavam viver sob seus conselhos. Ele contava a estória de um certo comerciante chinês que retornou ao mosteiro depois de alguns dias de ter pedido os três refúgios e os Cinco Preceitos, parecendo perturbado. Depois de se prostrar três vezes ele desabafou:

“Luang Pó, eu estive doente pelos últimos três dias, desde que eu recebi os refúgios e os Cinco Preceitos do senhor. Minha mulher tem reclamado; ela segue dizendo que isso foi uma má ideia. Eu não sei como vou poder ganhar a vida se os preceitos me fazem ficar doente assim. Eu vim para devolvê-los.”

Um alegre Luang Pó respondeu:

Opa! Eu tinha ouvido falar sobre isso ter acontecido na época do Buda e eu achava que era apenas um conto. Você não pode dar os preceitos de volta para mim. Eles não pertencem a mim. Eles pertencem ao Buda. Você vai ter que enviá-los de volta para ele. Espere um pouco mais de tempo.

O leigo não retornou mais. Depois de uns três anos Luang Pó o encontrou e lhe perguntou se ele tinha deixado para trás as dúvidas sobre os preceitos e o leigo sorriu e respondeu orgulhosamente que sim, agora ele não titubeava mais com o que qualquer um dissesse. Luang Pó o elogiou:

Agora você é um verdadeiro ser humano.

NÃO VIOLÊNCIA

O primeiro dos Cinco Preceitos representa o imperativo moral central budista: Não machuque [não fira]. Pode parecer algo confuso para quem visite a Tailândia que tantos budistas tailandeses pareçam tão pouco comprometidos com esse ensinamento budista tão básico da não-violência universal. Uma razão pela qual se tenta explicar a anomalia é que pescar e caçar sempre tiveram um papel vital em comunidades tailandesas por milhares de anos antes da adoção do Budismo. Uma dieta baseada em arroz e peixe sobreviveu à mudança de afiliação religiosa, e *ahimsa*, o ideal da não-violência como sendo um ideal não-negociável, nunca realmente se estabeleceu. Uma justificativa comum entre os moradores de Issán era de que realmente é algo bom e nobre não matar, mas que era algo realmente prático apenas para religiosos e pessoas ricas que não tinham que lutar para sobreviver em um mundo tão duro. Outros chacoalhavam a cabeça e culpavam o seu kamma.

Luang Pó era familiarizado com a vida dos camponeses, entendia os valores deles e a forma como eles pensavam. Ele reconhecia as preocupações deles e não fazia altas demandas que não fossem realistas para eles. Ele sabia que se fizesse aquilo, muitos simplesmente deixariam de ir para o mosteiro, envergonhados por não serem capazes de seguir seus conselhos. Com relação ao primeiro preceito, ele explicava que, enquanto matar ou pedir para que outros matassem a seres vivos era uma clara transgressão do

preceito, o ato de comprar peixe no mercado não criava nenhum mau kamma sério.

Esta não é uma interpretação incontestável do ensinamento em comunidades budistas. Existe uma discussão de que comprar peixe que já esteja morto aumenta a possibilidade da matança futura de outros peixes, e portanto não é ético. A afirmação do Buda em um sutta nos Discursos Numéricos (AN 4.264) de que o mais alto nível de prática do primeiro preceito inclui ‘a não aprovação de, ou falar em elogios sobre matar’, é citada como dando suporte para esse ponto de vista. Contudo, a compra de carne não era considerada por Luang Pó Chah (e pela maioria dos professores Theravada) como constituindo uma conexão forte o suficiente na cadeia que leva à morte de criaturas para que isso seja carmicamente significativa e então inaceitável para leigos budistas. Luang Pó dava continuidade a uma longa tradição em tomar a renúncia de matar ou pedir para que alguém mate criaturas como um padrão legítimo e trabalhável para comunidades rurais budistas.

Enquanto Luang Pó não promovia o vegetarianismo, ele tampouco diminuía o tom de suas críticas sobre matar seres vivos para alimentar-se. Quando ele visitou o mosteiro Chithurst em West Sussex, na Inglaterra pela primeira vez em 1979, Luang Pó ficou muito tocado pela visão de coelhos selvagens correndo pela grama atrás do local onde ficava o templo nas manhãs cedo. Ele citou de forma irônica que aquela não era uma visão que se esperava ter na Tailândia. Em seu retorno a Wat Pah Pong, um relato sobre os coelhos de Chithurst – livres e destemidos, não machucados pelos moradores locais – se juntou à sua lista padrão de contos. O ensinamento frequentemente deixado implícito era de que um país não budista e consumidor de carne podia se abster de caçar e se alimentar de animais selvagens, então por que nós budistas não podemos?

Se aquilo fosse aqui, tudo o que restaria daqueles coelhos agora seriam as bolinhas de cocô seco.

Em outras ocasiões Luang Pó falaria de formas que tinham o intuito de estimular *hiri*, o senso de sábia vergonha, ao apontar (frequentemente com bom humor) para a discrepância entre os valores professados por sua

plateia e seu comportamento de fato, e lembrá-los de que estava em poder deles mesmos a mudança.

Em palestras públicas, Luang Pó focava nas formas mais atrozes de matar. Sempre foi um costume de matar animais para alimentar os convidados em grandes ocasiões cerimoniais, fosse um casamento, um funeral ou mesmo uma ordenação temporária. Luang Pó recordava as pessoas sobre a importância desse primeiro preceito:

Se todos mantivessem esse preceito, o país não estaria em tamanha confusão, o mundo não estaria em tão grande bagunça ... O Buda proibiu que se tirasse a vida desde formigas e insetos em diante, pois se você fosse capaz de matar formigas e insetos, você seria capaz de matar ratos e pássaros, patos e galinhas, gado e búfalos, cavalos e elefantes. Se você pode matar cavalos e elefantes, você pode ter dentro de si a possibilidade de matar um ser humano e, no final, você é capaz de matar um arahant – existe esse tipo de progressão. Então o Buda proibiu matar qualquer um: você não deveria matar nada, nem mesmo uma formiga ou um inseto ... No final, pessoas sábias buscam por uma forma de sair do mundo, para criar menos mau kamma possível até que eles possam parar de fazer isso de uma vez.

Pó Nudéng foi um que cedeu à lógica de Luang Pó e abriu mão de tirar vidas.

“Ele ensinou a nós leigos a nos abstermos de tirar vidas, a ganharmos a vida de uma forma honesta. Mas a maioria dos leigos ficava empacada com esse preceito, incluindo a mim mesmo. Como vivíamos na área rural, nós pensávamos, ‘Se nós não matarmos, o que é que nós vamos comer?’ Em minha mente, eu queria discutir esse ponto. Se tudo o que nós levássemos para oferecer aos monges todos os dias para comer com seu arroz fosse molho de pimenta, será que todos os monges não iriam embora do mosteiro? Mas Luang Pó tinha a sabedoria para ser capaz de nos conduzir para fora de nossa ilusão. Ele dava o exemplo dos funcionários públicos e dos mercadores chineses. Ele dizia, ‘Eles não cultivam nenhum arroz, então como é que eles comem arroz todos os dias? E quanto aos utensílios que você usa, os potes, os pratos e daí em diante, vocês sabem

como fabricar essas coisas por vocês mesmos? Como vocês conseguem essas coisas? Você deve encontrar a solução com sabedoria. Se você não tira a vida, você deve usar a sua inteligência para encontrar outro método. Não é sempre necessário matar para comer carne. Pessoas sábias devem encontrar maneiras hábeis de evitar criar mau kama. Você deve se abster de ações não-saudáveis de corpo, fala e mente pois isso pode trazer consequências desafortunadas.’ Eu levei em consideração o que ele disse e concordei com todo o seu raciocínio.”

Pó Am foi um discípulo que teve uma repentina mudança de coração.

“Eu tinha o costume de pescar no lago Kham. Minha esposa estava sentada preparando comida na cozinha e eu estava separando os peixes. De repente, do nada, o pensamento surgiu em minha mente, ‘Existem tantas vidas aqui. Não está nem nas dezenas de milhares, talvez já sejam centenas de milhares de vidas que eu tirei daquele lago. E eu, eu sou apenas uma vida.’ Então eu disse para minha esposa: ‘O que você acha? Todas essas criaturas tem que morrer por causa de apenas nós dois.’ E ela disse: ‘Você quem sabe. O que quer que você resolva.’ Dois ou três dias depois era Dia de Observância e eu fui para o mosteiro para me declarar formalmente como um seguidor. Luang Pó me perguntou se eu podia manter o fato de não tirar mais vidas, e eu disse que sim.

Luang Por: Por quantos anos? Por toda sua vida?

Por Am: Não Senhor.

Luang Por: Por que não? Bem, então por quantos anos?

Por Am: Eu gostaria de pedir por três anos.

Luang Por: Por que um tempo tão curto?

Por Am: Se eu começar a sofrer mais do que eu sofro agora, então eu pedirei para abrir mão do meu voto. Ou se tudo seguir da mesma forma, ou se eu não estiver feliz.

Luang Por: Tudo bem. Se é isso o que você quer. Cuide bem desse preceito. Se você não puder, então será o fim disso.

Por Am: “Depois daquilo, eu abri mão de tirar vidas. Eu plantei cana de açúcar no meio da floresta. O estranho foi que eu tinha um cachorro e ele gostava de caçar pequenos cervos e então trazê-los em sua boca. Eu passei três anos assim. E eu terminei por assumir o preceito pelo resto de minha vida.”

O espírito, se não o ‘pé da letra’, do primeiro preceito se estende a tratar mal os animais. Um homem perguntou para Luang Pó o que ele achava do fato de manter um pombo em uma gaiola.

Eu diria que libertar o pombo seria a melhor coisa a ser feita. Você o trancou em uma jaula sem que ele tivesse feito nada de errado. Tente imaginar como é que alguém se sente assim. Suponha que alguém te capturasse, te colocasse em uma jaula, te desse comida e água, roupas e um local para dormir e você tivesse que comer e defecar naquela jaula. Você ficaria feliz? Você gostaria disso? Você agradeceria a quem te capturou por isso? Ou como você se sentiria? Você provavelmente pode imaginar ...

Luang Pó dizia que era algo bom que outras espécies de seres vivos não podiam falar os idiomas dos humanos:

Eles nos dariam broncas, nos amaldiçoariam e tentariam nos cortar em pedacinhos. Ou então eles poderiam realizar uma marcha de protesto e apelar para alguma corte. É como se eles tivessem sido condenados e punidos por algo que eles não fizeram.

FALA CORRETA

O caminho entre o cérebro e a língua é tão curto que abster-se de falas incorretas é um desafio enorme, especialmente em ambientes ocupados e complicados. O quarto preceito lida com a falsidade deliberada, a forma mais carmicamente danosa de fala incorreta. Mas, para praticantes do Dhamma, isso é apenas considerado como sendo o mínimo a ser feito, o tipo mais básico de restrição. A Fala Correta também requer o esforço em abandonar o discurso áspero e divisivo, e o mais difícil de todos, a fala fútil e as fofocas.

Tenham cuidado com sua fala. Falem apenas palavras verdadeiras, falem palavras que sejam de benefício de quem as ouça. Não falem de forma rude ou usem palavras grosseiras. Sejam plenamente atentos ao que vocês falam. Façam de seu discurso apropriado para quem os ouça, assim quando vocês terminam de falar, tanto vocês quanto os seus ouvintes estão felizes sobre o que foi dito.

ÁLCOOL

O quinto preceito, que requer a renúncia ao álcool (e, por extensão, de outras drogas viciantes que tenham efeitos similares no compasso moral da mente) é provavelmente o preceito menos popular entre os budistas leigos na Tailândia. Luang Pó uma vez comentou que algumas pessoas se sentem possessivas sobre seu mau kamma e tem medo de se separarem dele. Ele considerava que as pessoas que tomavam álcool ou faziam uso de drogas davam um exemplo claro de uma falha de inteligência em especial: não querer os resultados do mau kamma, mas continuamente criar as causas para isso e negligenciar as causas para a bondade. Em uma ocasião, ele se recordava de tentar coagir um bebedor inveterado a largar a bebida e o homem ficou tão angustiado quanto se lhe estivessem pedindo para abandonar a coisa que lhe era mais querida no mundo. Luang Pó lembrava de ficar sem palavras quando o homem se lamentou, ‘Oh não! Meu Deus do céu! Apenas mais um ano! Mais um ano!’

À despeito do preceito, o consumo de álcool é endêmico na sociedade tailandesa. Luang Pó se recordava de um encontro que teve em um trem noturno:

Dois homens vieram cambaleantes até mim. Um deles disse, ‘Luang Pó, me dê um pouco de Dhamma!’ Eu olhei para eles. Os olhos deles estavam turvos. Eu não sei do que eles estavam intoxicados, mas eles estavam pedindo pelo Dhamma. Eu disse, ‘Não construa sua casa ainda. Nivele o terreno antes.’ Um estava confuso, ‘Eu não sei o que o senhor quer dizer.’ E eu lhe disse, ‘Se você tiver a oportunidade de ir à Wat Pah Pong ... vai ser fácil ouvir o Dhamma lá. Você poderá ouvi-lo bem. Hoje a ocasião, o entorno e a plateia não são conducentes.’

Ensinar o Dhamma para quem não é capaz de ouvir era uma perda de tempo e de esforço.

Seria como abastecer um carro com gasolina apenas com o intuito de que ele ficasse andando em círculos – uma completa perda de combustível.

O marido de uma das apoiadoras leigas do mosteiro em Bahn Kor era um beerrão e fez a vida dela bem difícil. Finalmente ele morreu. Depois da cremação, a viúva trouxe um pote de barro contendo as cinzas dele para o mosteiro e requisitou que elas fossem colocadas em um dos nichos na parede do mosteiro designada para esse fim. Com muitos dos amigos de bebida do finado estando presentes, Luang Pó disse umas poucas e contundentes palavras:

Não faz muito tempo e ele estava bebendo e festejando, dançando pra lá e pra cá, e agora ele dançou direto para esse pote. Pra que trazer ossos mortos para um mosteiro? Isso não é algo bom de forma alguma. Vocês devem trazer ossos que ainda possam dançar. Então eles serão capazes de ouvir o Dhamma e entendê-lo. Pra que servem esses ossos? Apenas vacas e criaturas que comem ossos estão interessados neles.

Muitas pessoas abandonaram o álcool por fé em Luang Pó. A cultura de tomar álcool nos vilarejos ao redor de Wat Pah Pong encolheu de forma significativa através dos anos. Um dos gratos ex-beerrões resumiu os sentimentos de muitos deles quando ele disse:

“Eu realmente adorava beber. Eu nem precisava de copo – eu não podia beber rápido o suficiente com ele – eu tomava direto da garrafa. Tanto era que duas ou três garrafas já não faziam mais efeito para mim. Eu adorava aquilo. Se Luang Pó não tivesse me ensinado a abrir mão, eu provavelmente já teria ido para a vala faz tempo.”

Ao falar com as pessoas que não tinham nenhum antecedente de conhecimento do Dhamma, Luang Pó o fazia de forma simples. Ele explicava que pessoas viciadas em álcool criavam mau kamma. Sob a influência do álcool as pessoas perdiam o senso de certo e errado, perdiam a habilidade de evitarem ações não sábias. Qualquer que fosse o prazer que eles ganhassem

ao beber no presente era, de longe, muito menor do que o sofrimento pelo qual eles teriam que passar no futuro. Como um morador local relembrava, sobre esse assunto, Luang Pó poderia ser brutal:

“Luang Pó dizia que eu tinha que largar a bebida pois ela era um caminho para a ruína, para a maldade e para o sofrimento que me queimariam. Aquilo me levaria para o desastre e para um viver em um verdadeiro inferno. Ele me disse, ‘Você já viu alguém bêbado? Eles são nojentos, suas falas são nojentas, eles ficam cambaleando e tropeçando por aí. Você não pode conversar com eles. Eles são como pessoas que perderam a cabeça. Eles criam um monte de mau kamma. Na próxima vida humana deles, eles serão deficientes mentais ... e você não quer ser daquele jeito, você deveria tentar largar.’ Quando eu pensei sobre o que Luang Pó disse eu comecei a ficar com medo e eu parei de beber.”

MEIO DE VIDA CORRETO

Ganhar a vida no mundo com honestidade e integridade era algo a que se dava tanta importância pelo Buda que ele declarou isso como sendo um dos oito elementos constituintes do caminho para a libertação. Luang Pó ensinava que aqueles que desejassem se desenvolver na prática do Dhamma deviam buscar evitar trabalhos que envolvessem machucar a si mesmos ou aos outros e a encontrarem um trabalho que, se não fosse ativamente conducente para o progresso espiritual, então que pelo menos não o obstruísse:

Aqueles que conhecem o Dhamma não são preguiçosos. Eles são inteligentes e trabalham duro. Mas a diligência deles em agir e falar se torna completa com uma mente que saiba como abrir mão e é pacífica. O Buda ensinou que esse é o caminho livre de estresse. É o Meio de Vida Correto. Você se sente confortável. Mesmo que o trabalho seja duro às vezes, ainda assim é confortável pois não há faltas no trabalho por si mesmo.

Alguns meios de vida eram apontados pelo Buda como sendo Meios de Vida Incorretos: comercializar armas, comercializar seres vivos, comercializar carne, comercializar intoxicantes, comercializar venenos. Em uma ocasião um comerciante que vendia vários itens naquela época, incluindo álcool,

tinha dúvidas sobre o Meio de Vida Correto e foi para Wat Pah Pong pedir conselhos. Luang Pó disse:

Venda o que você quiser, mas não venda álcool. O resultado cármico vai ser um crescimento de seu sofrimento e da confusão interna ... Venda outras coisas. Mesmo que você não fique rico é melhor evitar vender coisas que não sejam éticas. Lembre-se: ganhe sua vida de um jeito moral e honesto e você vai experimentar felicidade e paz em sua vida.

Em outra ocasião, ele ensinou:

Não imagine que simplesmente por ganhar muito dinheiro e juntar um monte de posses você vai ser feliz – isso é uma ideia tola. Mesmo que seja muito ou pouco, trabalhe para ter essas coisas mas de forma moderada, saiba quando é o suficiente. A sensação de ‘suficiente’ surge no momento que você deixa de desejar ter ainda mais.

Enquanto você ainda tiver esse desejo em sua mente, nunca nada é suficiente. É como se você desse um pouco de arroz grudento para um cachorro e ele devora três grandes bocados mas não termina o quarto. Ainda assim, quando uma galinha se aproxima para comer a sobra do arroz, o cachorro rosna para ela e ameaça mordê-la. Mesmo que o estômago dele esteja cheio, ele ainda é possessivo com aquele bocado de arroz. O coração dele não está cheio. Não importa o quanto ele coma, o coração dele nunca está cheio.

IV. PRIMEIROS ENCONTROS

Uma forma de compreender a prática budista é concebê-la como uma longa série de ‘despertares’: alguns mundanos, facilmente perceptíveis e apreciados apenas em retrospecto, outros mais dramáticos e memoráveis. Encontrar Luang Pó pela primeira vez era a ocasião para vários despertares dos dois tipos. Algumas pessoas acharam a experiência eletrizante; para outros ela assinalou o começo de mudanças graduais porém inexoráveis em seus valores e sua forma de viver. Ao ouvir Luang Pó ensinar pela primeira vez, uma percepção comum era que suas palavras pareciam

articular verdades – muito melhor do que eles mesmos poderiam – que os seus corações já tinham notado em um certo nível, mas que eles nunca tinham sido capazes de fazer aquilo conscientemente.

O efeito emocional de tais revelações podia ser profundo. Algumas pessoas abandonavam vícios ou superstições, começavam a manter os preceitos de forma estrita, começavam a meditar. Um certo número de pessoas se tornaram monges e monjas. Mas nem todos eram tão maduros para terem mudanças radicais. Em vários casos as pessoas ficavam mexidas pela presença de Luang Pó, por seu carisma, pela paz e compaixão que eles sentiam nele, mas não tanto como para captar muito da sabedoria que ele compartilhava. O que lhes marcava era a alegria e a sensação de elevação espiritual que eles sentiam na presença de semelhante monge, junto com uma fortalecida fé na Jóia Tríplice. Para essas pessoas, o efeito imediato em suas vidas se manifestava como um maior comprometimento e uma maior satisfação em prover suporte material para a ordem monástica.

Também houve aqueles que foram prestar reverências a Luang Pó e não sentiram nada com a experiência. Ocasionalmente, pessoas iam embora do mosteiro se sentindo desapontadas, com raiva ou ofendidas. Embora Luang Pó pudesse ser diplomático quando a situação requeria, ele também podia escolher não sê-lo, principalmente se ele visse que era adequado perfurar o senso de auto importância e presunção de alguém. Frequentemente suas palavras ou modos balançariam com a complacência do visitante e lhe permitiriam se abrir para os ensinamentos; ocasionalmente isso não funcionava de jeito nenhum. O visitante se retirava em silêncio, com o orgulho ferido, e uma vez que estivesse a salvo do lado de fora do mosteiro, se enfurecia sobre como havia sido tratado. Embora a habilidade de Luang Pó em encontrar as formas sobre como alcançar as pessoas fosse extraordinária, ele não era infalível. Às vezes as confusões e apegos das pessoas erguiam barreiras intransponíveis. O Buda disse uma vez que se um recipiente está virado de boca para baixo, então nem a luz do sol pode entrar nele. O próprio Luang Pó era apreciador do símile do recipiente que está cheio até a borda com água, sem permitir qualquer espaço para mais.

Ta Soei era tão inspirado por seu primeiro encontro com Luang Pó que isso fez com que ele desmantelasse sua casa simples de madeira e a reconstruísse em um terreno perto do mosteiro.

“Eu ouvi falar pela primeira vez de Luang Pó Chah por um monge que eu conhecia que se chamava Ajahn Tongcheua*. Um dia ele me disse que havia diferentes tipos de monges. Existiam monges que praticavam bem e corretamente e aqueles que não o faziam. Monges do segundo tipo não são verdadeiros campos de mérito; se você se associa a eles, você não ganha benefício algum. Eu lhe perguntei onde eu poderia encontrar um monge do primeiro tipo, e ele disse que havia um monge assim em Wat Pah Pong.

“Ajahn Tongcheua me levou com ele pela primeira vez. Nós chegamos mais ou menos às três da tarde e conversamos com Luang Pó até quase as sete da noite. Eu esqueci completamente que eu estava com fome. Havia muitos mosquitos mas eu nem percebi. Depois que a conversa tinha terminado, Luang Pó deu uma palestra do Dhamma que durou até a meia noite. Então ele me disse para ir descansar. Mas não havia nenhum lugar para se deitar - o Salão do Dhamma ainda não tinha sido construído - e então eu sentei e ouvi Luang Pó falar até o amanhecer.

“Antes que Luang Pó saísse em mendicância matinal, ele me pediu que colhesse algumas folhas comestíveis pois os monges não teriam muito para comer com o arroz. Ele estava certo. Quando os monges voltaram, tudo o que eles tinham além do arroz eram pimentas e peixe fermentado, então eu amassei aquilo tudo, refoguei em uma panela e fiz um molho. Havia uns seis monges no total e o mesmo número de *mé chis*. O molho de pimenta foi distribuído em partes iguais e nós comemos aquilo com o arroz, com folhas cruas e cozidas.

“Eu fiquei com Luang Pó no mosteiro por dois dias e então eu fui para casa. Eu fiz uma determinação em ir novamente. Eu não sei como ele podia explicar o Dhamma de uma forma que eu pude entender tão claramente. Daquele dia em diante eu deixei de tomar bebidas alcoólicas, de pescar e de tirar a vida mesmo das menores criaturas.”

*Um dos antigos discípulos de Luang Pó.

Em uma antiga publicação de Wat Pah Pong, um lendário diálogo foi recriado. Escrito com uma certa dose de licença poética e aparentemente modelado com base nos diálogos entre o Buda e brâmanes céticos nos Suttas, ele relata como Pó Nupii, um dos maiores críticos de Luang Pó, foi domado e convertido em um leal discípulo leigo.

Pó Nupii era bem versado – inclusive bastante para a época – e conhecido nas redondezas por seu conhecimento e por sua sagacidade. Ele se orgulhava de si mesmo como um pensador livre e no vilarejo ele era geralmente considerado um pouco aficionado demais aos seus próprios pontos de vista e opiniões. Em algumas ocasiões ele ia com sua família e amigos para ouvir a palestra de Dhamma semanal de Luang Pó mas logo depois começaria a criticá-la para seus amigos. Um dia, em uma visita ao mosteiro, Luang Pó o convidou a falar abertamente sobre suas críticas e não se preocupar quanto a ofender-lhe. Ele queria saber exatamente quais eram as objeções de Pó Nupii.

Muito depois, Pó Nupii viria a admitir que quando Luang Pó lhe garantiu que não ficaria bravo com o que quer que ele dissesse, ele sentiu que aquela seria a oportunidade pela qual ele vinha esperando por muito tempo. Ele raciocinou que se ele falasse fortemente e Luang Pó escutasse em silêncio ele ficaria contente em tirar aquelas coisas de dentro do seu peito. Se Luang Pó mostrasse sinais de raiva, ele lhe daria uma bronca, ‘Que tipo de monge meditador é você? Você não consegue nem aguentar umas poucas palavras mais duras.’ Então ele começou contundentemente, acusando Luang Pó de ser um iludido. Disse que todas as religiões eram convenções; os ensinamentos dessas religiões eram histórias para crianças, inventadas para controlar as pessoas. Mérito e demérito não existiam. Luang Pó tinha se deixado levar por aquela ideia de kamma tão completamente que, por medo de criar mau kamma, ele estava se escondendo na floresta e atormentando ao seu próprio corpo por nada ao invés de viver no mundo real. Se ele queria ser um monge, então por que não viver em um mosteiro no vilarejo ao invés de viver no meio da floresta? Ainda melhor, ele deveria largar o manto e aproveitar a vida.

Luang Pó permaneceu sentado em silêncio durante toda a investida e então calmamente repetiu a analogia do Buda sobre as pessoas que não enxergam a verdade das coisas como sendo flores de lótus submersas embaixo da lama. Ele fez uma pergunta: Se Pó Nupii não acreditava em mau kamma, por que ele não cometia um assalto à mão armada, ou talvez matasse alguém para ver como seria? Pó Nupii bufou que ele não era estúpido: se ele matasse alguém a família do morto iria atrás dele, ou ele seria trancafiado em uma prisão. Luang Pó comentou que era por aquele motivo que aquilo era chamado de mau kamma.

Sobre ser desafiado com relação a como ele sabia que todos os esforços que ele estava empreendendo em viver uma vida virtuosa na floresta tinham algum sentido, Luang Pó escolheu responder em termos que o seu questionador pudesse entender facilmente. Ecoando o *Kālāma Sutta*, ele disse que dado o que estava em jogo – que o tormento em um reino infernal por um longo tempo estivesse esperando alguém que fez algo errado caso a lei do kamma fosse verdadeira – assumir que a lei do kamma era verdadeira era mais inteligente do que assumir que ela não fosse. Nada de muito significativo se perderia, e muito poderia ser ganho.

As respostas práticas e ‘pé-no-chão’ de Luang Pó começaram a dissolver gradualmente a empáfia de Pó Nupii. Ele finalmente admitiu que ele não tinha tanta certeza sobre esse assunto de kamma. Na verdade, ele tinha passado tanto tempo pensando naquilo que ele pensou que sua cabeça fosse rachar no meio. Quando ele pediu que Luang Pó o guiasse, Luang Pó disse:

A coisa importante a ser entendida é que você deve sinceramente abandonar o que é ruim e cultivar o que é bom antes que você possa saber se mérito e demérito realmente existem.

Quando Pó Nupii perguntou para Luang Pó como ele deveria fazer aquilo, ele teve como resposta que com tamanhos pontos de vista incorretos não seria bom dar-lhe qualquer tipo de ensinamento ainda, pois ele apenas o distorceria. Pó Nupii ainda teve uma réplica contundente:

“Não se supõe que o Buda tem o mais excelente conhecimento e sabedoria do que qualquer um nesse mundo? Ele é o professor mais sublime e o

senhor é seu discípulo. Eu sou o discípulo de Māra.* Se o senhor não pode me ensinar, então o senhor tem menos sabedoria do que Māra.”

Luang Pó, presumidamente sorrindo por essas palavras, respondeu:

Luang Pó: Se você é sincero sobre ouvir o Dhamma, então preste atenção e eu vou te dar um ensinamento para levar consigo, refletir e testar. Mesmo que você acredite ou não, tente fazê-lo. Você não acreditou nos ensinamentos que você ouviu de outros monges, certo?

Pó Nupii: Isso é correto. Eu não acredito em ninguém a não ser em mim mesmo.

Luang Pó: Bem, se você não acredita nos outros, então você tampouco deveria acreditar em você mesmo. Você é um marceneiro. Você nunca cortou errado uma madeira?

Por Nupii: Sim, já cortei.

Luang Pó: Outros assuntos são a mesma coisa. Você sempre pensou e agiu de forma correta? Você nunca entendeu as coisas errado, nunca agiu de forma incorreta?

Por Nupii: Eu cometi erros.

Luang Pó: Bem, se esse é o caso – se sua mente é capaz de levá-lo a pensar de forma incorreta, falar de forma incorreta e agir de forma incorreta – você não pode acreditar nela tampouco.

Por Nupii: Então o que eu deveria fazer?

Luang Pó: Não pense muito. E não fale muito também.

O texto não elabora nenhum outro ensinamento na sequência dessas palavras. Ele relata, contudo, que nos dias seguintes, Pó Nupii não conseguia tirar as palavras de Luang Pó da cabeça. Ele não conseguia evitar e quanto mais ele refletia sobre as palavras de Luang Pó mais verdadeiras elas pareciam ser e mais verdadeiros pareciam ser os ensinamentos do Buda. Ele não pôde mais encontrar argumentos contra eles.

*Veja Glossário, 879.

A presunção e o orgulho de Pó Nupii começaram a se esvaír. Ele abandonou o seu caráter teimoso e se ofereceu como discípulo de Luang Pó. Ele mantinha os Cinco Preceitos de forma estrita, começou a meditar e se tornou um dos pilares do suporte leigo ao mosteiro.

MÉ TIU

Pode-se dizer que várias das pessoas que estiveram na presença de Luang Pó pela primeira vez com tamanho senso de reverência e maravilhamento já estariam predispostas a serem emocionalmente afetadas pela experiência, o que quer que Luang Pó dissesse. Mas também havia casos em que as pessoas estavam bastante despreparadas para a força dos sentimentos que ele lhes podia evocar. Mé Tiu tinha nascido na região de Issán, era uma cientista com um mestrado em Biologia de uma universidade norte-americana. Encontrar Luang Pó foi um momento importantíssimo em sua vida e foi o primeiro passo para que ela abandonasse o mundo em favor do treinamento monástico.

“Quando nós três chegamos na cabana dele, Luang Pó já estava com alguns convidados: havia um monge ali com um grupo de seus apoiadores leigos de Bangkok prestando suas reverências. A área abaixo da cabana de Luang Pó estava lotada, então procuramos por um lugar para sentar na parte de fora do piso de concreto. Então algo realmente estranho aconteceu: assim que eu comecei a me prostrar, eu senti como se estivesse sendo banhada por uma corrente de frescor emanando de Luang Pó. Eu me senti instantaneamente refrescada em meu corpo e mente. Era como sair de um local abafado e entrar em uma sala com ar-condicionado. Eu encarei Luang Pó e meu pensamento naquele momento foi, ‘Então é isso o que querem dizer com mettā.’

“Depois de alguns momentos, o grupo de Bangkok se despediu. Luang Pó pegou uma pilha de pequenas fotos em preto e branco de si mesmo e as distribuiu. Ele disse aos seus visitantes que, já que eles tinham tido tanto trabalho de vir de tão longe para vê-lo e embora ele não tivesse nenhum verdadeiro presente para dar em retorno além das palavras do Dhamma, ele tinha aquelas fotos que um apoiador leigo tinha oferecido para ele – caso alguém quisesse alguma. É claro que todos quiseram.

“Assim que eu vi Luang Pó entregar as fotografias, o desejo imediatamente tomou conta de minha mente. Eu me preocupei que não fosse sobrar nenhuma para mim e então eu falei alto, detrás do grupo: ‘Luang Pó, eu também quero uma!’

“Luang Pó olhou de relance para mim enquanto ele distribuía as fotos – apenas por uma fração de segundos – mas aquilo fez com que meu coração fosse ao piso. Eu percebi que tinha feito algo inapropriado, expondo a minha cobiça de uma forma tão grosseira. Quando todas as pessoas de Bangkok tinham ido embora Luang Pó perguntou bruscamente: ‘Onde está ela? Essa que quer tanto a foto. Onde ela está?’ Ele me viu. ‘Então venha e pegue uma.’

“Eu engatinhei até ele, ainda que eu estivesse tremendo de medo. Eu forcei a mim mesma para olhar de relance para o rosto dele. No momento em que eu levantei minhas mãos para receber a foto eu vi que sua expressão era radiante e calorosa. Era um rosto cheio de uma bondade e compaixão genuínas pelos seres sencientes. Ela não mostrava nenhum traço da irritação que eu esperava ver. Meu medo se dissolveu. Daquele momento até a hora em que nos prostramos para ir embora, meus ouvidos estavam tilintando. Eu não consigo lembrar de nada que Luang Pó nos disse. Tudo o que eu consigo lembrar é o quão feliz eu me senti.”

PÓ BUAPAH

Na Tailândia, mosteiros sempre foram lugares onde as pessoas iam buscar um descanso quando suas vidas não estavam indo bem. Muitas pessoas vão aos mosteiros com uma crença supersticiosa de que uma cerimônia em particular ou oferecer algo para a Sangha vai terminar com sua má sorte. Mas muitos dos que iam ver Luang Pó buscavam conselhos ou reflexões sábias. Ele uma vez brincou:

Viver aqui é como viver em uma oficina mecânica. Todos que tem alguma coisa errada com eles mesmos ou com seus filhos, ou com suas esposas ou maridos vem aqui para que eu resolva – do mesmo jeito que alguém cujo carro está quebrado o empurra até a oficina e o entrega para o mecânico.

O Buda chamou a separação de alguém que se ama como sendo um ‘mensageiro do Dhamma’. Em outras palavras, o sofrimento causado por tal separação desperta as pessoas para as verdades da vida que antes eram capazes de ignorar mas agora já não podiam mais. Um dos discípulos mais devotados de Luang Pó, Pó Buapah, foi pela primeira vez a Wat Pah Pong durante a época de uma perda inconsolável.

“Quando eu voltei da guerra eu me casei com uma garota de Nah :Soom. Nós tivemos dois filhos e éramos felizes. Então o mais novo faleceu. Eu e minha esposa ficamos arrasados com o pesar. Eu sentia tanta falta do meu filho que não podia comer ou dormir. Eu estava triste, mas a vida seguiu. Contudo agora eu sinto que minha vida estava apenas seguindo sem sentido. Eu não conseguia sair de minha depressão. Naquela época, Luang Pó tinha estabelecido Wat Pah Pong fazia uns dois ou três anos. Um vizinho viu o quanto eu estava sofrendo e sugeriu que eu fosse vê-lo. Ele me disse que talvez Luang Pó fosse capaz de me ajudar a passar por isso, então eu fui prestar minhas reverências a ele e lhe contei minha estória. Ele me disse que todos no mundo devem morrer um dia. Não existe um vilarejo sequer, uma casa sequer onde não haja ocorrido uma morte. Mesmo em mosteiros, monges e noviços morrem.”

Luang Pó disse a Pó Buapah que ele também deveria morrer e talvez não fosse nem demorar tanto tempo. Dado que o seu tempo nesse mundo é limitado, lamentar-se indefinidamente por alguém que tinha partido não ajudaria a ninguém. Pessoas sábias pensam sobre o tempo incerto que elas ainda tem na vida e encontram um significado renovado para suas vidas através da devoção à bondade e à virtude. É provável que Pó Buapah tivesse ouvido palavras de conforto similares muitas vezes antes e não tivesse se sentido tocado por elas. Mas de alguma forma, quando elas foram ditas por Luang Pó, pareceu que ele as estava ouvindo pela primeira vez e a verdade delas bateu fortemente nele.

“Ele disse que eu e minha esposa tínhamos que trabalhar juntos para fazer o que quer que fosse de verdadeiro benefício para nós mesmos e para os demais. Nós deveríamos nos estabelecermos no Meio de Vida Correto e cultivar continuamente a bondade e a virtude como sendo condições de apoio e provisão para o futuro.

“Enquanto eu ouvia o ensinamento de Luang Pó, eu percebi a mim mesmo concordando com tudo o que ele estava falando. Aquilo foi um ponto de virada. E aquilo me fez gostar de ouvir o Dhamma. Eu comecei a sair para vê-lo com mais frequência. Eu aprendi muitas coisas e minha fé e respeito por ele cresceram cada vez mais. Luang Pó me deu tarefas a fazer no mosteiro, como limpar os caminhos e cortar a grama. Eu me sentia orgulhoso de ser um ajudante em quem ele confiava. Minha felicidade voltou.”

PÓ AM

Algumas pessoas ficavam impressionadas com os ensinamentos de Luang Pó mas eram muito orgulhosas e teimosas para aceitá-los sem briga. Um homem assim era o herbalista Pó Am, que discutiu com Luang Pó até perder a consciência.

“Antes começar a reverenciar Luang Pó eu discuti com ele por quatro dias e quatro noites. Durante os dias eu o estava ajudando a plantar uma fileira de bambus em torno do perímetro do mosteiro. Nas noites eu seguiria discutindo com ele até o dia amanhecer. Eu diria algo do tipo, ‘Se o arroz é meu arroz e a farinha é minha farinha, como é que pode ser mau kamma transformá-los em bebida alcoólica?’ E ele respondia:”

Você tem uma faca, você pode usar o lado afiado para matar e destruir ou você pode usá-lo para preparar comida. A faca é sua, mas se você espetá-la no topo da sua cabeça, como é que você vai se sentir?

“Então, de qualquer forma, nós discutimos por quatro dias e quatro noites. No quarto dia no começo da tarde eu me senti zozinho e desmaiei. Luang Pó veio ver o que tinha acontecido. Eu disse, ‘Eu não sei, tudo escureceu, eu não consigo ver nada.’ Luang Pó me levou pela mão até o local onde fica a mangueira. Então ele tocou o sino. Havia mais ou menos seis monges no mosteiro naquela época. Ele lhes disse que trouxessem uma esteira e um travesseiro para que eu me deitasse. Então ele lhes disse para que colocassem quatro potes de água ao norte de onde eu estava e dois ao sul e os enchessem até a borda. Eu não sei por quanto tempo eu fiquei deitado ali antes que eu pudesse retomar a consciência. Quando eu tentei

me lembrar do que tinha acontecido, a última coisa que eu conseguia me lembrar era de que eu estava no Salão do Dhamma, então o que é que eu estava fazendo agora perto da mangueira? Eu me virei para o oeste, ainda confuso e então olhei ao meu redor. Naquele momento eu ouvi a voz de Luang Pó me chamando detrás da minha cabeça, ‘Pó Am, Pó Am.’ Eu virei minha cabeça e o vi sentado de pernas cruzadas em uma plataforma de bambu tomando conta de mim. Ele disse:”

É isso o que acontece quando você tenta contrariar um monge ensinando o Dhamma. Você discutiu a noite inteira, você discutiu o dia inteiro. Quatro dias e quatro noites. É impossível vencer o Dhamma, você sabe, e foi por isso que você desmaiou.

“Eu estava começando a me sentir melhor – vapor de água é um remédio tradicional para reanimar pessoas que tenham desmaiado – e aquilo estava fazendo com que eu me sentisse tranquilo, confortável e refrescado. Quando eu olho agora para aquilo que aconteceu eu percebo que estava entendendo tudo errado. Luang Pó disse que alguém que vive em um lugar alto é capaz de ver uma pessoa que esteja abaixo dela, mas quem está embaixo não consegue ver quem está acima. Eu refleti sobre aquilo. Ele estava certo.”



V. PESSOAS DIFERENTES

CAMPONESES

A maioria dos discípulos e visitantes diários de Luang Pó eram fazendeiros camponeses. Ao discursar para um grupo de moradores locais ele falaria sobre um de seus assuntos favoritos: ‘saber o que é o que’, não viver cegamente dia após dia, mas ter em mente os princípios guia estabelecidos pelo Buda:

Tantos budistas ainda são iludidos e supersticiosos. Por minhas reflexões eu diria que eles não ganharam uma verdadeira tranquilidade em suas vidas pois não compreenderam os verdadeiros princípios do Dhamma. Assim como pessoas que cultivam a terra sem entender sobre mudas de arroz ou sobre rotação das plantações, elas não sabem entender o que pode ser útil para elas e o que não.

Superstições e crenças que não tenham sido examinadas não estavam confinadas aos assuntos religiosos. O preconceito quanto à educação – a crença

de que aquilo era uma perda de tempo, que privava desnecessariamente as famílias da mão de obra dos membros mais jovens – dava um bom exemplo de uma crença que parecia ser bem fundamentada em algum período do passado e que agora era fortemente reprovada. Ele instigava sua plateia a refletir sobre como as coisas que podiam antes parecer algo de senso comum e algo com que todos concordavam, poderiam estar completamente equivocadas:

Quando eu era criança construíram uma escola no vilarejo e quando os inspetores vieram para registrar todas as crianças, alguns esconderam os seus filhos. Se as crianças fossem para a escola e repetissem de ano seus pais diriam, ‘Ótimo! Agora você pode sair da escola e cuidar dos búfalos, dos seus irmãos e irmãs mais novos.’ E como essas crianças estão se saindo agora? Quando elas vão para a cidade elas não conseguem ler os sinais. No mercado elas são facilmente enganadas.

Saber lidar bem com as matérias primas que a vida te dá requer o conhecimento de alguns princípios básicos, assim como trabalhar com madeira.

Os antigos sábios diziam que não importa o quão liso você recorte uma peça de madeira, se você não usa os ângulos certos da madeira ela não vai ficar bonita. Pense nisso – é verdade? Ela pode ser bastante lisa, mas não parece bonita. Mas se você consegue os bons ângulos dela, mesmo que ela não seja lisa, ela será bonita.

Sem os princípios guia, Luang Pó dizia, ‘ao tentar amarrar um pacote, você termina amarrado nele’. Ouvir o Dhamma ajudava a pessoa a refletir sobre o certo e o errado, o bom e o mau e aprender a distinguir entre eles. Mas entender as desvantagens das ações não sábias e os benefícios das ações sábias não garantia proteção contra as impurezas. Na verdade, algumas impurezas eram provocadas exatamente pelo esforço em fazer o bem. Luang Pó dizia que esse ponto podia ser entendido por qualquer um que tivesse plantado alfaces:

Você prepara a base com uma enxada e então planta as sementes. Você as rega, coloca um pouco de fertilizante e a alface cresce bem bonita. Mas existe um problema: esse mesmo fertilizante não

apenas promove o crescimento da alface, ele também promove ervas daninhas. Então o que você vai fazer? Você vai retirar tudo, ervas daninhas e alface junto? Ou você vai deixar tudo como está? Você tampouco pode fazer isso. Se você quer ter algo para comer, você tem que retirar as ervas daninhas e deixar a alface. Isso é o que torna o trabalho duro. Você faz o bem, mas o mau vem atado a ele. Você tenta tirar o mau, mas quando você chega até ele você percebe que o seu desejo pelo que é bom é acompanhado pela preguiça. Desejo e preguiça andam juntos. Mas se você acredita no que a sua preguiça está lhe dizendo, você nunca vai se sair bem em fazer o bem. Então você tem que tentar ir contra os seus velhos hábitos e, pacientemente, manter-se firme contra as impurezas.

PROFESSORES

Luang Pó empregava um esforço em particular em ensinar grupos de professores escolares que o visitavam. Ele via a importância para a sociedade de um alto padrão na profissão de ser um educador e era consciente de que vivia em um período no qual esses padrões pareciam estar em declínio. Certamente havia alguns professores bons e dedicados que podiam ser encontrados e ainda, em uma sociedade materialista em crescimento onde as recompensas financeiras de uma carreira tinham se tornado a primeira medida do seu valor, o status do professor escolar estava em declínio. Ser um educador tinha se tornado cada vez menos atrativo como uma carreira e tinha se tornado a segunda opção daqueles que não tinham sido bem sucedidos em tentativas mais lucrativas. Um número de pessoas cada vez maior estava aceitando a profissão de educador sem qualquer paixão verdadeira por educar. No interior do país, professores eram notórios por viverem além de suas possibilidades, e professores homens em particular eram frequentemente dados a serem bebedores e gostarem de jogos de azar.

A pergunta inicial favorita de Luang Pó para grupos de professores que o visitavam:

Oh, vocês são professores. Vocês apenas ensinam aos outros ou vocês também ensinam a si mesmos?

Na visão de Luang Pó, ensinar às crianças não estava restrito a passar informação adiante mas incluía agir como um bom exemplo para elas:

Alguns professores reclamaram pra mim que as crianças eram difíceis de serem ensinadas e brigavam muito, e então eu perguntei a eles se os professores viviam em harmonia entre eles. Eles não responderam. Então eu lhes disse que era compreensível que as crianças brigassem pois elas ainda eram crianças e não conheciam algo melhor, mas que os professores estivessem brigando era algo inaceitável.

No final da década de 1960, no auge da Guerra do Vietnã, a influência ocidental na Tailândia estava em alta e era frequentemente apontada como a culpada pelo declínio incontestável dos níveis de respeito que muitas das figuras de autoridade consideravam ser de seu direito sobre seus subordinados. Isso se tornou um grande problema nas universidades. Quando os professores pediam conselhos para Luang Pó sobre como lidar com a falta de respeito de seus pupilos ele lhes dizia que os tempos tinham mudado. Agora os professores não podiam esperar o respeito como sendo parte de seu pagamento; eles tinham que conquistá-lo. A forma de conquistá-lo não era apenas dizer as coisas corretas, mas treinarem a si mesmos para que assim os seus estudantes confiassem neles e os respeitassem. ‘Se você não pode ensinar a si mesmo,’ ele dizia, ‘como você pode ensinar aos demais?’

Tenham ao Buda como sendo seu modelo. Uma vez, ao final de uma palestra de Dhamma, o Buda fez uma pergunta ao Venerável Sāriputta em frente a toda a comunidade monástica. ‘Sāriputta,’ ele disse, ‘você acredita no que eu acabei de ensinar?’ O venerável Sāriputta era sábio. Ele levantou suas mãos em prece e respondeu, ‘Ainda não, Senhor.’ Ao ouvir essa resposta o Buda o elogiou dizendo, ‘Muito bom, Sāriputta. Pessoas sábias não devem acreditar em nada facilmente. Sempre que ouvir algo novo, a primeira coisa que você deve fazer é ir embora e refletir sobre aquilo com sabedoria. Apenas quando você vê que aquilo é correto e bem fundamentado, então você deve acreditar. Esse é o caminho dos sábios.’

Vejam como o Buda era habilidoso. Se fôssemos nós hoje em dia e um de nossos estudantes nos dissesse que não acredita no que estamos dizendo, nós provavelmente perderíamos a calma e os colocaríamos para fora da sala de aula – isso é o que geralmente acontece. Então, todos vocês, ensinem a si mesmos assim como vocês ensinam aos demais. Aí vocês não vão sofrer por causa de seus estudantes.

Luang Pó frequentemente se articulava mais sobre esse tema de ser um modelo:

Sejam como o molde mestre que eles usam para fazer amuletos do Buda. Vocês já viram um desses? Um único molde é o suficiente para fazer muitos amuletos. Moldes são feitos com verdadeira expertise. O rosto, as sobrancelhas e as bochechas são cavados com precisão, sem distorções ou recortes, com o intuito de fazer belos Budas. Todos vocês professores são como moldes para seus alunos. Vocês devem fazer de si mesmos belos ao cultivarem as virtudes de um professor e ao manterem a todos os momentos os padrões morais e o comportamento correto apropriados para um líder.

Se deveria haver um retorno para um padrão mais alto de moralidade na sociedade, professores deveriam ser os líderes nisso. Eles eram os mais próximos às crianças e tinham grande influência sobre elas.

Crianças são como videiras. Elas tem que subir em árvores. Se uma árvore está a poucos centímetros de distância e outra está a dez metros, em qual vocês acham que a videira vai subir?

Luang Pó desafiava os professores a terem um alto padrão. Eles precisavam ser constantemente atentos ao seu próprio comportamento.

Não apenas ensinem com palavras. Em pé, andando, sentados, em seu discurso – tudo deveria ser um ensinamento para eles. Aí as crianças vão emular vocês. Eles são rápidos em perceber, mais rápidos do que os adultos.

Voltem-se para os ensinamentos morais e os tomem como sendo seu guia de princípios. Sejam devotados a eles. Não fiquem tão

intoxicados com coisas materiais que vocês se tornem apenas devotados a se divertirem. Cumpram a sua responsabilidade como líderes e professores assim como o Senhor Buda o fez.

Ele ilustrava o que queria dizer com um conto *Jātaka*:

Uma vez um certo rei possuía um cavalo puro-sangue. Esse cavalo era veloz e gracioso, inteligente e fácil de treinar. Um dia um novo criado veio para cuidar dele. O novo criado tinha uma perna deformada e andava mancando. O cavalo o via andando por ali todos os dias e, como aprendia rápido, depois de pouco tempo ele começou a andar da mesma forma. O cavalo pensou que a forma como o criado estava andando era um ensinamento. Logo o cavalo perdeu a graciosidade de seus movimentos e se tornou manco. Um médico foi chamado para tratar do cavalo. Ele procurou por fragmentos ou lascas no casco do cavalo mas não pôde encontrar nada e, embora ele tivesse dado medicamentos ao cavalo, ele continuava a andar mancando. Então ‘aquele que viria a ser o Buda’ veio vê-lo. Ele investigou o estábulo e as redondezas atentamente e não conseguiu encontrar nenhuma causa para a condição do cavalo. Então quando ele viu o criado ele percebeu o que tinha acontecido. Ele sugeriu que o rei substituísse o criado por alguém que não mancasse. O cavalo observou a o criado substituto andando por ali, começou a copiá-lo, e depois de algum tempo ele ganhou de volta a sua beleza e graça.

CIENTISTAS E ACADÊMICOS

tinha praticado meditação e se sentindo qualificado para fazer uma comparação, ele era da opinião que, como uma forma de perceber a verdade das coisas, a ciência oferecia um caminho que era mais efetivo e verificável do que o treinamento budista. Luang Pó não ficou nada impressionado. ‘O Senhor não acha que é possível’ ele perguntou, ‘que você esteja colocando demasiada confiança nessa afirmação sem um conhecimento completo dos resultados do treinamento budista?’ Ele deu dois símiles: era como se um homem estivesse colocando um braço curto dentro de um buraco e concluindo que o buraco só chega até onde o seu braço alcança; era como

alguém com a vista ruim que concluía que não havia coisas tais como aviões no céu pois ele nunca tinha visto um.

Em outras ocasiões ele falou sobre o estudo dos ensinamentos budistas como sendo uma pedra chave para o estudo de todas as outras áreas acadêmicas, incluindo as ciências. Sem a sabedoria do Budismo, o estudo de quaisquer outros assuntos pode levar a tantas desvantagens para os seres humanos quanto vantagens. Com o apoio da sabedoria budista, desvantagens podiam ser minimizadas e vantagens maximizadas.

Em uma época em que uma educação baseada nos modelos ocidentais estava sendo promovida como a grande panaceia para a sociedade tailandesa, certificados e diplomas universitários conferiam grande status às pessoas. Luang Pó tentava perfurar uma crença não fundamentada de que adquirir conhecimento de livros era algo invariavelmente bom por si mesmo:

Algumas pessoas estudam tanto que elas se tornam estúpidas, fica impossível de se falar com elas. Quando elas sobem, elas vão muito alto; e quando elas descem, elas descem muito baixo – elas nunca veem o Caminho do Meio. Você acha que apenas por que você estudou muito agora você é esperto? Veja bem: existe isso de ser esperto. Fortes apegos a pontos de vista e auto importância surgem. Você deixa de ver as outras pessoas como seres humanos. Você pensa que é mais poderoso, melhor, mais brilhante – e essa forma de pensar leva inevitavelmente a desdenhar os outros. Pensar que você é superior aos outros não leva a nada que não sejam problemas.

Se você vê um camponês e vê o quanto não é diferente dele; se você vê um idoso e pensa que um dia será assim; se você vê uma criança em um estado de confusão e você pensa que você também era assim – se você trazer essas coisas para dentro de si e refletir sobre si mesmo sendo daquele jeito então fica fácil de entender o Dhamma.

Um provérbio tailandês diz que, se colocado bem em frente ao seu olho, um fio de cabelo pode esconder uma montanha:

O professor diz que tudo é impermanente, insatisfatório e sem um 'eu' e você diz 'eu sei, eu sei'; mas na verdade você não tem a mínima ideia. Com esse tipo de conhecimento, você segue vivendo como um tolo, e aí você morre.

Luang Pó comentava sobre as razões pelas quais ele acreditava que pessoas que tinham altas qualificações acadêmicas eram geralmente difíceis de se ensinar. Ele dizia que era o que acontecia quando as pessoas estudavam para acumular conhecimento ao invés de remover a ignorância e as impurezas:

O que elas não percebem é que se elas tem uma graduação de nível superior, então suas impurezas também a tem; se elas tem um mestrado, então suas impurezas também o tem; e se elas tem um doutorado, suas impurezas também o tem.

Ele tinha um símile um tanto ácido para as pessoas que perseguiam estudos acadêmicos de alto nível mas, sem fazerem nada para educarem as suas mais altas faculdades, elas seguiam escravas de seus apetites:

Elas são como urubus que voam alto no céu mas quando estão com fome descem rapidamente para devorar um cadáver em decomposição.

ESPOSAS COM PROBLEMAS

O setor das *méchis* em Wat Pah Pong servia como um refúgio para mulheres experienciando sérios problemas matrimoniais. Quando mulheres aflitas iam pedir permissão para Luang Pó para ficarem no mosteiro, era comum que elas estivessem tão aborrecidas que se diziam completamente desiludidas com a vida no mundo e prontas para se tornarem monjas. Depois de terem alguma oportunidade para uma pequena e silenciosa reflexão, contudo, a maioria voltava para casa. Luang Pó às vezes brincava sobre como tamanha determinação em largar o mundo podia desaparecer tão facilmente:

As pessoas perguntam por que o alojamento de visitantes no setor das monjas é mantido vazio. Ele é mantido assim para as pessoas desiludidas com o mundo poderem vir para ficarem lá.

O alojamento estava caindo aos pedaços e nós o consertamos para essas mulheres. Algumas estão fortemente desencantadas. Mas elas não ficam muito tempo – uma noite e elas vão embora.

Com mulheres que estivessem bravas com seus maridos, ele era como um pai, aconselhando-as a não tomarem decisões importantes no calor do momento, que elas poderiam logo se arrependerem. Ele dizia que era melhor não sair tempestuosamente de casa gritando, ‘Eu nunca mais vou voltar, eu prefiro morrer!’ O prazer que vinha de falar em termos absolutos assim não fazia valer a pena a vergonha que surgiria quando os sentimentos tivessem se acalmado.

Não digam que estão indo embora para sempre. Não digam que vocês nunca voltarão. Digam que vocês não querem falar se vão voltar ou não, mas que pelo momento vocês querem ir para o mosteiro para repensar as coisas e se acalmarem ... Digam que vocês vão ficar em Wat Pah Pong com Luang Pó por dois ou três dias, pois vocês se sentem infelizes. Digam apenas isso pelo momento. Não exagerem na dose prontamente. Não digam que querem se divorciar. Depois de algum tempo, vocês bem podem querer voltar. Não acreditem em suas mentes.

OS IDOSOS

As pessoas mais velhas, Luang Pó dizia, tinham que aprender como ele, ‘a serem inteligentes com relação à sua própria estupidez’. Assim que ele passou dos sessenta anos, ele disse, sua memória começou a pregar-lhe peças. Ele poderia querer chamar um noviço por seu nome e o nome de outro sairia de sua boca. Era como se seu cérebro estivesse anunciando muito silenciosamente que estava para se aposentar. Ele tinha que aprender a permitir isso. Para pessoas leigas, levando em conta as limitações e distorções de percepção trazidas pela idade avançada, era importante que evitassem conflitos em casa.

Vocês são os pais deles. Vocês os criaram. Vocês tinham que ser espertos para isso, mais espertos do que eles. Mas essa inteligência se torna o seu oposto. Conforme você fica mais velho, aquela

sensação de ser aquele que sabe o que é certo e o que é errado, de ser mais inteligente que os seus filhos, faz de vocês estúpidos.

Vocês discutem com seus filhos, vocês não querem admitir que estão errados e as emoções de todos ficam misturadas. Seus filhos são inteligentes e espertos. Eles se enchem de vocês e vão embora. Quando vocês estão discutindo com seus netos vocês tem ainda mais certeza de que estão certos. Vocês não vão permiti-los contradizerem a vocês de forma alguma. Na verdade eles podem até ter razão, mas vocês tem que ganhar a discussão. Isso não é o Dhamma.

Era importante para pessoas mais velhas encararem o declínio de suas faculdades.

Seus olhos são bons como costumavam ser? E seus ouvidos? E seu corpo? Vocês tem tanta energia quanto tinham antes? A memória é tão boa quanto antes? Tudo é tão bom quanto era antes? Por que vocês não observam isso? ... Refletir dessa forma se chama ser atento, ser alerta para as coisas como elas são. Ignorar a verdade das coisas é ser desatento ... Uma pessoa desatenta é como uma pessoa morta, então não sejam desatentos.

Lares para idosos não existiam naquela época. Um recurso para uma família lidar com idosos erráticos e autoritários era encorajá-los a devotarem a si mesmos a fazer boas ações em sua velhice e deixarem os assuntos mundanos para a geração seguinte. O vovô se tornar um monge e a vovó uma monja era uma forma aceitável de resolver o problema.

Em alguns casos a coisa fica tão ruim que a família não consegue mais administrar. Os pais abusam de sua autoridade e não permitem que os filhos discutam sobre qualquer coisa que eles digam. Filhos, noras, filhas, genros, eles são inteligentes, eles começam a fazer sugestões, 'Mãe, Pai, por que vocês não vão viver no mosteiro?' Eles tentam encorajá-lo a ir ao mosteiro pois eles não aguentam mais vê-los reclamando. Eles vão construir uma cabana para vocês no mosteiro. Eles vão pagar por tudo para se assegurarem que vocês estarão confortáveis lá. É melhor do que tê-los em casa reclamando o tempo inteiro. Que os monges

ensinem a vocês. Ainda assim o vovô e a vovó não entendem o recado. Mas a família está determinada a levá-los e confiá-los ao monge sênior do mosteiro. Isso acontece. Tenham cuidado.

Era a prática do Dhamma que podia prevenir que as relações em família se tornassem divididas por conflitos. Ela começava por abrir mão de uma briga por manter um antigo estado de relações, e por humildemente aceitar as mudanças trazidas pela idade.

Sua urina cheira pior do que costumava cheirar, seu excremento cheira pior do que antes; tudo cheira pior. E vocês estão se tornando crianças de novo, crianças idosas. Se vocês estiverem meditando, vocês poderão resolver esses problemas. Vocês se tornam fáceis de serem cuidados, vocês não se tornam esquecidos, é fácil de falar com vocês. Vocês tem plena atenção e um constante estado de alerta. Vocês não criam mau kamma ou inimizade para com vocês mesmos, seus filhos e seus netos. É isso o que significa cultivar o Dhamma.

PRESTES A MORRER

Ao falar com os apoiadores leigos que ele conhecia há muitos anos sobre as verdades da vida das quais não se podia escapar, Luang Pó podia ser direto e desafiador, fazendo com que eles rissem de suas fraquezas. Mas assim que eles se aproximavam da morte, o tom dele tendia a suavizar. Em uma ocasião, Luang Pó foi solicitado a gravar uma fita cassete para uma discípula leiga antiga, boa praticante, que estava em seu leito de morte. Ele deu um discurso (mais tarde transcrito e traduzido para o inglês como *'Our Real Home'*) que se tornou uma de suas palestras do Dhamma mais conhecidas e que vem, através dos anos, provendo conforto e inspiração para uma grande quantidade de pessoas.

Nessa palestra Luang Pó começa falando sobre a natureza universal e inevitável da morte que se aproximava. A morte era normal e natural, e devia ser aceita.

Você deve entender que mesmo o próprio Buda, com seu grande estoque de virtudes acumuladas, não pôde evitar a morte física. Quando ele ficou idoso, ele abriu mão de seu corpo e deixou para

trás o pesado fardo. Agora você também deve aprender a estar satisfeita com os muitos anos que você já dependeu de seu corpo. Aceite que já foi o suficiente.

Ele disse que era como um utensílio doméstico que começa limpo e brilhante e, depois de alguns anos, se torna descascado e rachado. Era um processo inevitável.

O Buda disse que condições, sejam condições internas do corpo ou condições externas, não tem uma essência; a sua natureza é mudar. Contemple profundamente essa verdade.

Contudo, o inevitável declínio do corpo não tinha que afetar a mente. Ao contemplar a verdadeira natureza das coisas e abandonar os apegos, a mente podia libertar a si mesma desse declínio.

Nós temos que ser capazes de estarmos em paz com o corpo, qualquer que seja o seu estado ... Agora que o seu corpo começou a decair e se desfazer devido a idade, não resista a isso mas tampouco permita que sua mente se junte a isso e se deteriore com o corpo. Mantenha a mente separada. Dê energia à sua mente ao realizar a verdade sobre como as coisas são. Se sua casa está inundada ou se queimou inteiramente – qualquer que tenha sido a ameaça – deixe que isso afete apenas a casa. Se houver uma enchente, não permita que ela inunde a sua mente. Se houver um incêndio, não permita que ele queime o seu coração. Que seja meramente a casa, que está fora de você, que se inunde ou se queime. Agora é a hora de permitir que a mente abra mão de seus apegos.

O Buda disse que o que podemos fazer é contemplar o corpo e a mente para ver a sua impessoalidade, que nenhum deles é ‘eu’ ou ‘meu’. Eles tem apenas uma realidade provisória. É como essa casa, ela é nominalmente sua. Você não pode levá-la consigo para qualquer lugar. O mesmo se aplica à sua riqueza, suas posses e sua família: eles são seus apenas no nome. Eles não realmente pertencem a você. Eles pertencem a natureza.

Ele lhe ensinou a examinar o corpo e ver como ele era sujeito a mudanças. Ele lhe disse que visse a natureza não atrativa do corpo e a sua ausência de

essência. Não havia nada de errado no corpo ser assim, ele disse. Nossos problemas ocorrem por causa do pensamento incorreto. Querer que o corpo não morra era como querer que um pato fosse uma galinha, ou querer que um rio mudasse o seu curso e corresse em direção à sua nascente.

Uma vez tendo sido jovem, o seu corpo agora se tornou velho e agora segue seus meandros para a sua morte. Não deseje que isso não seja assim. Não é algo que você tenha o poder de remediar. O Buda nos ensinou a ver as coisas como elas são e a abrimos mão de nossos apegos a elas. Tome esse sentimento de abrir mão como sendo o seu refúgio.

Meditação fornecia um refúgio e, se bem desenvolvida, podia prover algum distanciamento da dor.

Mantenha-se meditando mesmo que você se sinta cansada ou exausta. Deixe que sua mente fique com a respiração. Tome algumas respirações profundas e então foque a sua atenção na respiração usando o mantra ‘Budô’. Faça dessa uma prática constante. Quanto mais exausta você se sinta, mais sutil e focada a sua concentração deve ser, para que você possa lidar com as sensações dolorosas que surjam.

Para um meditador experiente, grandes ganhos podiam ser esperados.

Conforme a respiração se torne cada vez mais sutil nós a seguimos, quando ao mesmo tempo vamos despertando a nossa mente. Eventualmente a respiração pode desaparecer e tudo o que permanece é a sensação de estar alerta. Isso se chama encontrar o Buda. Nós temos aquela atenção clara e desperta chamada ‘Budô’, ‘Aquele que sabe’, o desperto, o radiante. Isso é encontrar-se e viver com o Buda, com clareza e atenção. Foi apenas o Buda histórico que faleceu. O verdadeiro Buda, o Buda que é o saber claro e radiante, ainda pode ser experienciado e alcançado hoje.

A tarefa era abrir mão de tudo o que a amarrava ao mundo. Ele falou mais detalhadamente sobre aceitar a naturalidade do que estava acontecendo:

Apenas pense: você poderia expirar sem inspirar? Se sentiria bem assim? Você poderia apenas inspirar? Nós queremos que as coisas

sejam permanentes mas elas não podem ser, isso é impossível. Uma vez que a respiração entrou no corpo, ela deve sair. Tendo saído, ela retorna. E isso é natural, não é? Tendo nascido, nós envelhecemos e então nós morremos. É completamente natural e normal.

Tudo o que ela precisava agora era esse ‘Conhecimento do Buda’. Ela tinha que abrir mão de tudo o que a amarrava a esse mundo. Ela tinha que dispensar as suas preocupações e dúvidas sobre sua família. Não era que ela tinha que tentar parar de pensar naqueles que ela amava, mas que ela deveria pensar neles com sabedoria, com atenção à impermanência e à inevitabilidade da separação deles. Ele explicou o significado da palavra ‘mundo’:

‘O mundo’ é qualquer estado mental que esteja te agitando no momento presente. ‘O que é que eles vão fazer?’ ‘Quando eu tenha partido, quem é que vai cuidar deles?’ ‘Como é que eles vão se virar?’ Tudo isso é apenas ‘o mundo’. Mesmo o mero surgimento do pensamento que teme a morte ou a dor é ‘o mundo’. Jogue o mundo fora! O mundo é do jeito que é. Se você permitir que isso te domine, sua mente se torna obscura e você não é capaz de vê-la. Então qualquer coisa que apareça na mente, apenas diga, ‘Isso não é assunto meu. É permanente, é insatisfatório e é pessoal.’

Agora ela tinha trabalho interno a fazer – trabalho esse que ninguém poderia fazer por ela e mesmo aqueles que a amavam muito não podiam ajudá-la com isso. Ela deveria focar-se exclusivamente naquela tarefa e deixar o cuidado com o seu corpo para os outros. Nada a sua volta era substancial. Ela devia encontrar o seu verdadeiro lar. Posses, prazeres e dores, relacionamentos, tudo o que fez a vida dela até então tinha sido apenas um abrigo temporário. Mesmo o seu próprio corpo estava agora demonstrando ser algo que ela tinha tomado emprestado da natureza e logo teria que devolvê-lo. Ele começou a falar de forma a encorajar *nibbidā*, o desencantamento com o infindável ciclo de ‘vir-a-ser’:

Quando você perceber que esse é o jeito que o mundo é, você vai ver que é um local enfadonho. Você vai se sentir fatigada e desencantada. Ficar desencantada não quer dizer que você terá

aversão; a mente está clara. Ela vê que não há nada que possa ser feito para remediar esse estado em que as coisas estão, é apenas do jeito que o mundo é. Ao saber isso dessa forma você pode abrir mão dos apegos; você pode abrir mão com uma mente que não está nem feliz e nem triste, mas em paz com as condições através de ver, com sabedoria, a sua natureza mutável ... Você vê que, se você tem muitas posses, você tem que deixar muita coisa para trás; se você tem pouco, você deve deixar pouco para trás. Riqueza é apenas riqueza. Vida longa é apenas vida longa. Não são nada em especial.

Ele a incentivou a abrir mão de tudo a que ela ainda estivesse se apegando e que fosse para 'o seu verdadeiro lar':

Deixe partir. Abra mão até que a mente alcance a paz que é livre de avanços, livre de retornos e livre se ficar parada em um mesmo lugar.

PÓ PUANG

Era costume desde os tempos do Buda que monges visitassem leigos em seu leito de morte para ajudá-los a deixar esse mundo para o próximo da melhor maneira possível. Nas últimas horas de sua vida, Pó Puang, um dos discípulos leigos mais próximos de Luang Pó, recebeu uma vista assim.

Pó Puang e sua esposa Mé Téng foram os primeiros apoiadores leigos de Wat Pah Pong a virem da cidade de Warin. Depois de passar um Retiro de Chuvas como monge, Pó Puang pediu para largar o manto dizendo que o mosteiro ainda tinha muitas necessidades e ele queria encorajar outras pessoas de Warin a juntar as colaborações necessárias. Depois de algum tempo ele conseguiu a compra de um sino para o mosteiro e algum tempo depois ele ofereceu um grande relógio para o Salão de Dhamma. Sua maior alegria veio quando ele, sua família e amigos patrocinaram a confecção da estátua do Buda de metal que se tornou a característica principal do Salão de Dhamma de Wat Pah Pong.

Depois que ele largou o manto Pó Puang seguiu indo ao mosteiro em todos os Dias de Observância, quando ele mantinha os Oito Preceitos e ouvia o Dhamma. Conforme sua saúde declinou em seus últimos anos ele ofereceu

doar o seu esqueleto ao mosteiro depois de sua morte como um *memento mori**, e pediu para Luang Pó ir buscar seu corpo logo depois de sua morte e preparar o esqueleto no mosteiro. No começo de 1963, quando seus médicos anunciaram que não havia mais nada que eles pudessem fazer por ele, a família de Pó Puang o tirou do hospital e o levou para passar os últimos dias de sua vida em casa.

No dia doze de janeiro a condição de Pó Puang repentinamente piorou muito. Ele ficou incapaz de falar ou de abrir os olhos. Ele ficava deitado em sua cama gemendo incessantemente. Sua esposa e seu filho ficavam ali sentados com ele mas eram incapazes de diminuir a sua dor.

No dia treze de janeiro Luang Pó junto com Ajahn Jan e alguns monges tiveram sua refeição oferecida em um acampamento do exército nas redondezas. Depois que a refeição havia terminado, Luang Pó disse ao Coronel Sombuun, o oficial comandante, que ele queria visitar Pó Puang e perguntou se ele podia conseguir um caminhão. O coronel disse que podia solicitar um veículo menor e mais confortável mas Luang pó repetiu que um caminhão seria bom. Pó Nuu, um atendente leigo, lhe perguntou se Luang Pó queria visitar Pó Puang ou buscar o seu cadáver. Luang pó disse, ‘pegar o cadáver’. Pó Nuu ficou confuso, ‘Como é que o senhor vai fazer isso? Ele ainda está vivo. O senhor pensa que a família dele vai simplesmente dá-lo a você? Ele lhe pediu para buscar o corpo dele quando ele estivesse morto, não foi?’ Luang Pó ficou em silêncio por um momento e então ele disse, ‘Vivo ou morto, nós vamos buscá-lo hoje’ antes de se voltar para Ajahn Jan e dizer, ‘Vamos lá. Pó Puang está nos esperando.’ Eram 12:45 quando eles chegaram na casa de Pó Puang e o encontraram deitado em sua cama rodeado por sua família. Luang Pó se sentou ao lado dele na cama observando-o em seu leito de morte por alguns momentos. Então ele tocou gentilmente em seu rosto e o chamou:

Pó Puang. Pó Puang.

Depois de algum tempo, Pó Puang abriu os olhos e virou a cabeça na direção de Luang Pó.

* Expressão em latim que significa algo como “lembre-se de que você é mortal”, “lembre-se de que você vai morrer” ou traduzido ao pé-da-letra, “lembre-se da morte”.

Pó Puang, você sabe quem eu sou?

Pó Puang fez um sinal positivo com sua cabeça e olhou para Luang Pó. Enquanto gemidos ainda saíam de sua boca, lágrimas começaram a rolar por suas bochechas. Luang Pó colocou a mão sobre a testa do homem e começou a falar com ele com uma voz gentil, porém firme:

Pó Puang. Você é um praticante. Você vem lutando assim por um longo tempo. Quando chega a hora da morte levar a sua vida, deixe-a ir. Ela pertence à morte de qualquer forma; por que você está tão possessivo com ela? Você tomou algo emprestado e agora precisa devolver. Mantenha o som dentro de si. Por que você está deixando-o sair?

Assim que Luang Pó acabou de falar, o gemido de Pó Puang cessou imediatamente. Luang Pó continuou:

O corpo é impermanente e você não pode contar com ele. Ele não é belo; ele está velho, você o usou por muito tempo. Vá e procure por um novo corpo naquele lugar que você viu naquela visão que você teve quando era um monge.

Durante todo esse tempo Luang Pó estava tocando no rosto de Pó Puang. Ele se virou para o Coronel Sombuun:

Luang Pó: Que horas são?

Coronel Sombuun: 12:55, senhor.

Luang Pó: Mais cinco minutos e ele terá partido.

Luang Pó seguiu afagando o rosto de Pó Puang. Exatamente a 13:00, os olhos do homem se fecharam. Pó Puang faleceu em paz.

MATANDO AS IMPUREZAS DE TA SOEI

Depois que Luang Pó se tornou abade de Wat Pah Pong ele não abandonou completamente a prática de tudong. Nos primeiros anos, em especial, quando ele ainda tinha boa saúde e havia poucos monges no mosteiro, de vez em quando ele saíria caminhando de Wat Pah Pong em direção ao interior da região. Geralmente ele levava monges consigo, ocasionalmente

levaria leigos. Um dos leigos que o acompanhava em tais viagens mais tarde se tornaria um monge, um dos mais adorados e um dos personagens mais coloridos da Sangha. Tá Soei, citado antes descrevendo o seu primeiro encontro com Luang Pó, tinha sido uma figura de personalidade marcante na comunidade local antes de encontrar-se com Luang Pó e seu estilo de vida devasso e meio bandido lhe deram o apelido de ‘*nak leng*’*. Sua cobiça era lendária e, em sua idade avançada, ele tinha várias estórias para contar sobre como Luang Pó tinha conseguido domar o caráter grosseiro que ele teve um dia.

“Ele nos levou em tudong até Buntarik. Éramos meia dúzia de pessoas no começo, mas dois desistiram logo na primeira noite. Conforme os dias passaram, mais e mais foram desistindo até que só tinha sobrado eu. E eu estava com saudade de casa. Ele disse que ia me levar por um ano, e quanto mais eu quisesse ir para casa, por mais tempo ele me levaria. Eu apenas me entreguei e aceitei o que viesse. Onde quer que fôssemos eu sempre estaria de olho se havia *samós*. Um dia ele me fez dormir em uma moita de bambu, mesmo parecendo óbvio que ali era usado como banheiro e o local fedia muito. Conforme o orvalho caiu o cheiro ficou ainda pior. Quando eu reclamei, ele me deu uma bronca:”

Não faça tanto salseiro. Tem mais porcária no seu intestino do que aí fora.

“Nós chegamos em Ku Muang e eu me deparei com uma bela árvore de *samó*. Ele me disse para subir nela e chacoalhar os galhos. Foi uma chuva de *samó*. Eu fiz uma bolsa para eles com meu pano *khaoma*. Então agora eu tinha que carregar a tigela de Luang Pó, os *samós* e a bolsa de ombro dele, que também estava pesada. Luang Pó não carregava absolutamente nada. Conforme nós caminhávamos eu queria me livrar de alguns *samós*, mas foi quando vimos outra árvore, ainda mais carregada do que a anterior e Luang Pó me fez carregar outra pilha enorme. Eu pensei que ele fosse me ajudar a carregar um pouco, mas ele se recusou. Eu provei alguns dos *samós* da primeira árvore, alguns da segunda árvore e então veio uma grande diarreia. Minhas bolsas estavam muito pesadas e desajeitadas para

*O termo ‘*nak leng*’ é difícil de traduzir. Ele está no espectro entre ‘malandro’ e ‘vilão’. Tá Soei estava no lado mais próximo do malandro nesse espectro.

que eu pudesse ter tido tempo de me livrar delas. Luang Pó tinha que me ensinar o método do campo.”

Não precisa sentar. Fique de pé e segure-se em uma árvore. Faça cocô como um búfalo. Você pode fazer isso, não pode?

“Então eu fiquei de pé e defequei até que minhas tripas estivessem vazias ... Dez da noite e nós ainda estávamos caminhando. Ele não queria descansar. Nós chegamos a um riacho e ele o cruzou usando uma árvore caída. Eu não consegui fazer aquilo e atravesssei pela corrente. O riacho não era tão raso, minha carga era pesada e eu não conseguia chegar na outra margem. Luang Pó teve que descer no rio para me puxar para fora. Era meia noite quando paramos de caminhar e eu estava completamente encharcado. ‘Isso é muito sofrimento!’ Eu me lamentava.”

Você veio para essa viagem para ver o sofrimento e para poder ir além dele.

“Luang Pó disse aquilo como se fosse dar algum conforto para mim.”

É através de ver o sofrimento que você se torna sábio.

“Eu estava exausto. Conforme ele falava eu comecei a me esgueirar para dormir e então ele me deu outra bronca.”

Eu estou te dando um ensinamento e você cai no sono.

“Mas conforme eu me deitei ali eu notei que ele estava usando o meu pano khaoma para espantar os mosquitos do meu corpo. Eu dormi por muito tempo. Quando quer que eu abrisse meus olhos, ele seguia sentado ali. Eu não pude evitar de perguntar, ‘Luang Pó, o senhor não está cansado? O senhor não se deitou até agora.’ Ele respondeu:”

Quanto mais cansado eu estou, melhor é a meditação.

“E então ele me deu outra cutucada.”

Pessoas sem qualquer pensamento em suas cabeças só se interessam em se deitar. Mesmo quando você lhes serve de exemplo, elas não se dão conta.

“‘Oh, para com isso! Eu estou cansado!’ Eu não podia parar de discutir com ele. Finalmente eu lhe perguntei se podíamos voltar.”

Tudo bem. Se é isso que você quer.

“Ele deve ter visto que eu tinha chegado no meu limite.”

Na manhã seguinte Luang Pó e Tá Soei pegaram a estrada de volta para o mosteiro.

“Um carro passou. Naquela época não havia estradas propriamente ditas; carros tinham que passar pelas trilhas de búfalos. Quando o carro nos viu, o motorista parou e correu para nos convidar para irmos com ele. Luang Pó deu um grunhido de aceitação. Eu me preparei para entrar no carro. Mas não. O motorista veio novamente e repetiu o convite. Luang Pó deu outro grunhido, mas não se mexeu para ir até o carro e ele foi embora sem a gente. Quando eu comecei a resmungar, Luang Pó se virou para mim.”

Você veio para pegar caronas ou para caminhar em tudong?

“Nós não poderíamos ao menos ter lhes dado a bolsa de samós?”

E como é que nós sabemos para onde ele está indo?

“Naquela altura eu já estava ficando com raiva. O carro estava se movendo para cada vez mais longe. Eu disse, ‘Luang Pó, o senhor está tentando me matar ou o que?’ Luang Pó respondeu rápido como um raio:”

Com certeza, eu te trouxe comigo pra matar as suas impurezas. Tudo o que sai de sua boca são impurezas. Se você não viesse para fazer algo assim, então como é que você vai ser um dia livre de suas impurezas? Tente ficar deitado por aí sem fazer nada pra ver se você vai conseguir se libertar. Tudo o que vai acontecer é que o sofrimento vai tomar conta de você. Sofrimento tem que ser conhecido antes que você possa ir além dele e perceber a felicidade. Eu te trouxe para acumular méritos, para procurar méritos. Você consegue ver isso ou não? Méritos e impurezas estão ambos dentro de nós mesmos. Os desejos nunca chegam ao fim. Você ganha dez bahts e você quer cem. Você ganha cem e aí você quer mil. Agora veja: seus desejos cessaram porque você não consegue sentir mais nada que não seja o cansaço físico,

agora você não quer absolutamente mais nada. Se você conseguir qualquer coisa, o que você faria com aquilo? Você não percebe que você vai morrer? Todos os dias, tente pensar na morte. Você vai morrer. Você sabe disso, não sabe?

“Luang Pó seguiu falando assim durante algum tempo antes de se virar e perguntar algo mais para mim:”

Pessoas ricas morrem? Pessoas pobres morrem?

“‘Sim, todas elas morrem.’ Eu respondi irritado.”

Muito bem, e você não pensa que você vai morrer? ... Os pobres morrem e também os ricos. Você deve se libertar antes para poder ser feliz. Então o que precisa ser feito?

“Ele terminou fazendo uma pergunta como de costume. ‘Tornar-me um monge’ Eu disse, pensando que era uma resposta muito inteligente.”

Se você se tornar um monge, você vai se libertar do sofrimento se você não praticar? Kamma significa ação. Nós fazemos o bem e nós fazemos o mal. Se nós fizermos o bem, então conseguiremos bons resultados. Se nós fizermos o mal, então nós teremos maus resultados. Então o que mais temos que fazer além de fazer o bem? E é isso o que você está fazendo. Eu te trouxe para fazer o bem pois passar por testes e atribuições vai levá-lo para além do sofrimento.

“Naquela tarde nós chegamos a um vilarejo e paramos para descansar em um dos campos que ficava ali próximo. Havia algumas pessoas em volta cuidando do gado e quando elas se aproximaram, Luang Pó me chamou:”

Pegue [compre] alguns refrigerantes. Traga uns três ou quatro pacotes.

“Eu fiquei com raiva. Eu queria manter o dinheiro e ele estava me fazendo comprar bebidas para cuidadores de búfalos. No fim eles nem puderam terminar tudo e ele disse que eles podiam levar o que tinha sobrado para suas casas. Quando nós voltamos para o mosteiro ele me perguntou:”

Quanto dinheiro sobrou? Nós precisamos de tijolos e cimento.

“Eu disse, ‘Teria sido uma melhor ideia ter mantido todo o dinheiro para tijolos e cimento ao invés de gastá-lo com refrigerantes.’ ”

Não, isso teria sido uma má ideia pois nós não teríamos praticado a generosidade, e os cuidadores de búfalos não teriam tomado uma bebida. Eles estavam cansados e deviam estar com sede. Quando você bebeu alguns, você se refrescou, não?

“‘Sim.’ Eu respondi como um carneirinho.”

Bom, então ...

“Ele disse e começou com mais um sermão:”

Quando nós fazemos os outros felizes isso nos faz felizes. Quando você recebeu aquele tipo de felicidade, então o que mais você quer? ... Você deve elevar a sua mente. Quando as inundações vem, apenas as casas que estão construídas mais ao alto permanecem secas. Se você se satisfaz em coisas baixas e grosseiras, então sua mente se torna mais baixa e o que quer que você faça você nunca verá o Dhamma.

VI. VIDA EM FAMÍLIA

Na primeira vez em que chefes de família ouvissem a Luang Pó dar uma palestra de Dhamma ou que fossem pedir-lhe conselhos, eles geralmente ficavam impressionados com a precisão e a profundidade dos seus insights sobre a vida em família. Parecia ser um senso comum para a maioria das pessoas que as causas e condições que eram subjacentes aos conflitos de família fossem específicas quanto aos chefes de família e impenetráveis para um monge que nunca havia se casado ou tivesse experienciado sustentar ele mesmo uma família. Mas liderar uma grande comunidade por um período de muitos anos permitiu que Luang Pó acumulasse uma vasta compreensão dos problemas que podem surgir nas relações humanas. Os tipos de conflitos que surgiam em um mosteiro não eram assim tão diferentes dos problemas de família quanto se poderia esperar. Além disso, a sabedoria que surge do cultivo do Caminho Óctuplo deu a Luang Pó um conhecimento compreensivo da causalidade de muitas formas, incluindo

um entendimento das relações entre estados mentais e comportamento – tanto destrutivos quanto construtivos. Em uma ocasião, uma visitante estava se lamentando muito e disse a Luang Pó o quanto ele [Luang Pó] era sortudo por não ter uma família, com todos os seus problemas inerentes emaranhados. Ele respondeu:

Eu tenho uma família aqui no mosteiro, e é uma família enorme.

Ouvir os leigos, monges e monjas desabafando para ele através dos anos era outra rica fonte de material para reflexão.

Viver em Wat Pah Pong é, para mim, como ser uma lata de lixo. As pessoas vem e jogam os seus problemas em mim o tempo todo. Essa pessoa vem e reclama, e depois aquela pessoa – isso me deu bastante sabedoria.

Seu princípio em ensinar os chefes de família era simples:

Eu ensino a eles da mesma forma como eu sempre ensino a mim mesmo.

CASAMENTO

Em uma cultura budista uma cerimônia de casamento não envolve nenhum ritual religioso. Isso é considerado como sendo um assunto completamente secular no qual duas pessoas formalizam seu compromisso uma para com a outra aos olhos de suas famílias, amigos e o estado. A noiva e o noivo recebem as bênçãos dos anciãos de ambas famílias e assinam o registro oficial. Embora a presença da Sangha não seja requerida para a validação do casamento, é comum que na manhã do dia do matrimônio um grupo de monges seja convidado para recitar cânticos de bênçãos e receber sua refeição. Se o monge sênior é o professor de uma das famílias recém unidas, então ele pode vir a ser convidado a dar algumas palavras de conselho ao novo casal. Em uma ocasião como essas, Luang Pó viajou para um pequeno vilarejo que tinha dado suporte a ele e aos seus discípulos antes que ele estabelecesse Wat Pah Pong para abençoar o casamento da filha de um antigo apoiador leigo. A casa estava lotada de pessoas que o conheciam há muito tempo.

Luang Pó deu conselhos a vários recém-casados através dos anos. Na Tailândia, um dos temas favoritos para esse tipo de ocasião são as quatro virtudes dos chefes de família* (honestidade, auto aperfeiçoamento, paciência e generosidade), como uma base para uma vida longa e feliz juntos. Luang Pó ocasionalmente falava sobre essas qualidades, mas nesse dia em particular ele adotou um tom mais cauteloso: a vida de casados não era nenhum mar de rosas e casais deveriam estar preparados para trabalhar duro em si mesmos e no casamento para que ele funcionasse. O Dhamma era a única coisa que poderia lhes dar a habilidade de lidar bem com os desafios que viriam à frente e fazer da vida deles juntos uma vida ‘auspiciosa’. Seu discurso claramente não foi apenas para o jovem casal, mas para todas as pessoas que se juntaram para ouvi-lo palestrar.

Como ele frequentemente fazia quando se dirigia à pessoas que o conheciam de longa data, Luang Pó ensinou de uma forma direta e sem rodeios, porém com uma voz embebida com um óbvio calor humano e bom humor. Ele começou por dizer ao casal que a cerimônia em si mesma não era particularmente importante; era como eles conduziram a eles mesmos depois daquilo que era o que realmente importava (um eco das palavras que ele geralmente dizia para seus monges recém ordenados). Uma ocasião não se tornava auspiciosa por causa das cerimônias realizadas; e se animais fossem mortos para uma festa de casamento, então seria o contrário, a ocasião seria extremamente não auspiciosa. Auspiciosidade era, na verdade, um sinônimo para bondade e virtude. A vida do casal seria auspiciosa se eles fizessem esforços para vivê-la de forma que eles crescessem em bondade e se eles fossem capazes de gerar a bondade em seus futuros filhos e netos.

Luang Pó seguiu instruindo o casal sobre o significado do termo ‘*króp krua*’, o termo em tailandês para ‘família’. Ele disse que a razão pela qual a vida de casada da grande discípula do Buda que se chamava Visākhā era tão livre de problemas era porque ela não tinha expectativas irrealistas, tendo recebido explicações sobre a realidade da vida em família por um monge antes de seu casamento. Agora Luang Pó estava apenas seguindo aquela tradição. Sua explicação de ‘*króp krua*’ envolvia uma etimologia que era totalmente original dele e fornecia uma exposição da vida em família que,

*SN 10.12

à uma primeira vista, parecia muito severa. Mas fica difícil de superestimar a importância do contexto para compreender o tom e a importância da tradição oral. Aqui, Luang Pó estava visitando velhos discípulos leigos e seu inteligente jogo de palavras (essa é uma cultura que adora esse tipo de coisa) devia ter deleitado aos seus ouvintes, temperando a forma direta de suas palavras. Luang Pó pode ser imaginado como tendo um brilho em seu olhar, sua plateia (com a possível exceção do noivo e da noiva) deveria estar com grandes sorrisos em seus rostos e devia também haver muitos olhares cheios de significado e cotoveladas entre eles enquanto ele falava:

Vocês ainda não entendem o significado desse termo ‘króp krua’ (família). Antes de mais nada, ‘króp’ – okay, ouçam com atenção: você está respirando confortavelmente, se movendo tranquilamente e então você agarra algo e se empacota dentro dele (króp). Você pode lidar com isso? ‘Krua’ significa que, depois de ter-se empacotado você é esfaqueado e extirpado (krua^{*}), e você não pode escapar. Essa é a etimologia do termo ‘króp krua’. Em outras palavras, significa que você vai ser assolado por todos os tipos de problemas. É por isso que eu vim aqui aconselhar a vocês sobre como lidar com toda essa complexidade em suas vidas e cortar os problemas. Agora vocês tem uma ‘króp krua’, vocês estão vivendo em um espaço confinado; seu meio de vida e seu sustento para criar uma família são mais importantes do que qualquer outra coisa. As cerimônias hoje em dia são superficiais, o que é importante é criar alguma compreensão.

Ele ensinava que aquilo era importante para que os membros da família tentassem entender os pontos de vista uns dos outros. Eles deviam aprender sobre como serem bons ouvintes, fáceis de falar, habilidosos em falar de formas que não inflamassem os desentendimentos. Eles não deveriam falar de assuntos particulares de família com outras pessoas ou trazer assuntos problemáticos de outros lugares para dentro do lar. Como nas primeiras palavras que foram ensinadas à grande leiga Visākhā, eles não deveriam levar o fogo de dentro de casa para fora, ou trazer o fogo de fora da casa para dentro:

* A pronúncia da palavra tailandesa ‘krua’ no dialeto de Issán é ‘kua’, que significa “esviscerar”.

Em alguns lugares nos quais eu estive, os membros das famílias não se entendem de jeito nenhum: o marido e a esposa, o sogro e o genro, a sogra e a nora – todos seguem discutindo interminavelmente e então arrastam um ao outro ao chefe do vilarejo para que ele intervenha como mediador. Ter que contar com o chefe do vilarejo é como alguém que vai para debaixo do sol quente sem saber como encontrar uma sombra por si mesmo, ou é como estar com sede e não saber como levar água para a própria boca. É patético. Eu vi isso em um vilarejo onde o chefe estava no limite de sua paciência com pessoas indo procurá-lo pelos mesmos velhos problemas de sempre, sem fim. As pessoas tinham que saber como resolverem seus próprios problemas. Em assuntos de família – desentendimentos com seus pais, com seus filhos ou com seus netos – vocês deveriam saber como tomar decisões e resolver conflitos por vocês mesmos. Conversem pacientemente sobre as coisas.

Todos vocês foram crianças. Vocês sabem o quão difícil é para uma criança entender os seus pais ... Vocês pensam que estão ensinando aos seus filhos mas eles pensam que vocês estão apenas dando bronca ou resmungando com eles. Assim, cada lado segue o seu caminho e não se resolvem entre si ... Como pais é mais fácil pois quando você é um filho ou uma filha vivendo com os pais, então você esteve dos dois lados. Um adulto pode entender a uma criança, mas uma criança não pode entender completamente a um adulto. É por isso que é difícil conversar um com o outro.

Mas não importa as dificuldades, os altos e baixos das emoções, vocês ainda conseguem viver juntos. Como? A virtude do respeito. Mesmo que seus pais reclamem e resmunguem, eles ainda são seus pais e vocês os respeitam por esse motivo. Não importa o quão bravo você esteja com eles, você jamais poderia matar o seu pai ou a sua mãe. Se eles não fossem seus pais, talvez vocês já o tivessem feito! ... Nós nos mantemos bem por causa do respeito mútuo.

Pais e filhos em conflito uns com os outros deveriam aprender como dar um passo para trás em seus sentimentos de estarem feridos ou frustrados e refletirem no aspecto mais amplo de seu relacionamento. Cada um tem que

aprender sobre como abrir mão de seus apegos, ressentimentos e pontos de vista.

Não se entreguem às suas emoções. Quando os seus filhos não derem ouvidos ao que vocês digam, então lembrem-se que um dia vocês tiveram a idade deles; conforme eles fiquem mais velhos, gradualmente eles vão entender. Filhos e filhas deveriam ter em mente como seus pais os criaram e cuidaram deles, é assim que deve ser feito: ambos lados abrindo mão. As coisas se assentam, vocês começam a se sentir mais confortáveis e as tensões se relaxam.

Era o respeito mútuo que fornecia a cola que mantinha a família unida nos altos e baixos;

‘*Gāraṇaṇaṃ ca nivātaṃ ca*’*. Se existe respeito mútuo entre todos os membros de uma família – entre avós, pais e filhos – então mesmo que haja desentendimentos vocês podem atravessá-los. Porque respeito é o Dhamma. É um princípio que mantém as pessoas unidas e previne que elas se separem.

Sua mensagem era que a vida de casados era uma vida de desafios compartilhados, de sacrifícios. Pela prática do Dhamma, casais podiam se preparar para os desafios que viriam pela frente. Eles poderiam fazer algo bom e auspicioso de sua vida juntos.

Ao casarem-se, convidar o seu professor para lhes dar instruções é o início do estabelecimento de suas vidas juntos. Antes, vocês eram um filho e uma filha, e agora estão tomando os primeiros passos para se tornarem um pai e uma mãe. Ser o filho de alguém não é difícil. Quando o teto tem uma goteira, ela não pinga nas crianças, ela pinga nos pais. Quando não há dinheiro, as dificuldades não chegam aos filhos; são os pais que passam a necessidade. Então façam de sua vida de casados uma boa vida, façam dela uma vida auspiciosa.

*‘Respeito e humildade’; Uma frase do *Maṅgala Sutta* (Khṇ 5; Sn 2.5) que enumera 38 qualidades que criam bênçãos no coração humano.

Finalmente, enquanto os monges que o acompanhavam recitavam os versos auspiciosos do cântico de *Jayanto*, Luang Pó aspergia água benta sobre as cabeças prostradas de sua plateia.

NÃO QUEBRAR O POTE

As palestras de Luang Pó frequentemente continham um ‘refrão do Dhamma’ da atualidade. Era um ensinamento que poderia ser baseado em um símile, em um jogo de palavras ou em uma passagem dos Suttas. Por um mês ou dois esse ‘refrão’ apareceria em suas palestras do Dhamma de forma regular até que um dia ele desapareceria sem deixar vestígios. O termo ‘króp krua’ mencionado antes formava a base para um desses ‘refrões’ sobre os problemas da vida em família. Em uma ocasião, ele falou sobre como pequenas diferenças que são subestimadas no início do casamento podem ir apodrecendo por vários anos deixando casais em idade avançada com pouco em comum:

Fiquem de olho nisso. Quando mais forte o amor, mais fortes as emoções negativas. No começo a vida de casados não é tão ruim, mas quando vocês tiverem uns cinquenta ou sessenta anos vocês podem achar que suas palavras dificilmente causam alguma impressão em seu companheiro. A velha mulher diz algo aqui e o velho homem se senta para escutar lá longe. Nesse momento ele queria ter uma cortina para estender entre eles. Por que é assim? Por causa de ‘króp krua’. Eles não sabem como aguentar um ao outro.

Uma criança na família é uma fonte de alegria. Ainda assim, ao mesmo tempo, pode ser um trabalho duro e estressante para os pais.

Quando nasce um bebê os pais tem que se responsabilizar por ele. O bebê não tem nenhuma ideia do fardo que ele pode ser para os seus pais. Ele quer fazer cocô então ele faz, sem qualquer preocupação com seus pais. Ele quer correr por aí e você tem que segui-lo para todos os lados, limpando tudo e se assegurando que tudo está bem.

Amor não era o suficiente. Sem o cultivo da habilidade de refletir sabiamente sobre as experiências, criar os filhos poderia facilmente tornar-se algo amargo. Ele esboçou o cenário:

Conforme as crianças crescem também cresce o seu amor por elas. Enquanto isso elas se tornam mais extrovertidas, travessas e ainda mais desobedientes para com os pais. A criança apenas segue do seu jeito e os dois avós que moram com vocês começam a reclamar. Tudo é tão problemático, sempre tem algum tipo de distúrbio. Alguns de vocês que estão sentados aqui hoje provavelmente já passaram por isso.

Não havia uma forma fixa de criar os filhos.

Algumas pessoas ensinam só um pouco e as crianças se saem bem. Outras pessoas ensinam muito, e suas crianças nem dão bola. E então os pais devem enrijecer o coração e serem severos.

Luang Pó dizia que os pais deviam seguir o conselho do Buda que em qualquer tarefa, incluindo criar os filhos, eles deviam considerar a si mesmos como artesãos que faziam potes. O trabalho deles era o de manter a atenção em fazer o melhor pote que pudessem dadas as matérias primas que estivessem à mão e as suas próprias habilidades. Eles precisavam de sabedoria para se focar em fazer o seu trabalho como pais de uma forma tal que nem eles e nem os filhos sofressem no processo. Se eles estivessem certos de que ser severos era o melhor a ser feito para com a criança, então que o fossem. O importante era não tomar isso de uma forma equivocada e criar sofrimento. Não queria dizer que os pais eram proibidos de terem emoções fortes enquanto estivessem criando seus filhos mas que as emoções deviam ser entendidas pelo que elas são.

O ideal era resolver os problemas de família da forma prescrita por um provérbio tailandês no qual o peixe é fígado e comido mantendo a flor de lótus ainda intacta e a água ainda limpa. Mas infelizmente, ele dizia, o que geralmente acontecia era que a flor de lótus ficava esmagada, a água ficava barrenta e todos os peixes morriam na água.

Mas ‘króp krua’ – essas sensações de confinamento e de ser espetados por problemas – eram apenas parte da vida. Ele se voltava novamente para a sua própria família monástica:

Eu tento modelar o barro em potes e não deixar que os potes se quebrem. Eu ensino as pessoas sobre como não sofrer e eu tampouco me deixo sofrer. Eu os ensino e me ensino ao mesmo tempo, continuamente. Algumas pessoas apenas ensinam os outros. Eles são como a dona de casa lavando a louça. Ela as vê sujas e então as lava, mas a sua mente está nublada. Ela está carrancuda e resmungando consigo mesma. Ela está esfregando as louças e as deixando limpas, mas o seu coração está sujo. Ela não está olhando para a sua própria mente. É realmente triste ver como ela consegue deixar as louças limpas e faz a sua mente ficar suja ao mesmo tempo. É isso o que vocês querem? Fiquem espertos! Às vezes vocês pegam uma vassoura e começam a varrer a casa. As crianças deixaram tudo uma bagunça. Elas são totalmente desatentas. Você resmunga e resmunga enquanto varre. Você deixa a casa limpa mas não limpa o seu coração e fica sofrendo o tempo todo.

PREOCUPAÇÃO

Em uma ocasião uma mulher veio ver Luang Pó cheia de ansiedade por causa do filho dela.

“Meus filhos não tem ambição. Eles não tem nenhum ímpeto para fazer nada por eles mesmos. Eu tenho medo que eles não consigam sobreviver no mundo. Luang Pó, me diga o que fazer.”

Eu diria que a senhora também está com o pensamento equivocado. É como ratinhos vivendo na toca. Quando os filhotes são pequenos, os pais buscam por comida para eles. Mas assim que os filhotes crescem, os pais seguem fazendo aquilo? Não, não é o que acontece. Os jovens ratos vão e fazem suas próprias tocas. Seus filhos são do jeito que são. Pelo que eu já vi, algumas pessoas, depois da morte dos pais delas se tornam mais ricas do que seus pais jamais tinham sido. Isso também acontece, e meu conselho é

que a senhora pense mais generosamente em seus filhos e então a senhora vai ficar mais tranquila. A senhora ama os seus filhos. Quando eles são bem sucedidos, a senhora toma o sucesso como sendo seu. Quando eles fazem algo ruim, a sua mente fica com aquela mesma coisa ruim. Você não pode se livrar daquilo, não pode soltar o que está agarrando. E dessa forma, não vai à lugar algum.

PERDA

Luang Pó insistia que era importante encarar a fragilidade da vida e a inevitabilidade da separação. O maior pesadelo de um pai é a perda de um filho ou uma filha. A mente destreinada se afasta desse tipo de pensamento; como se aceitar a possibilidade de que uma coisa tão terrível assim pudesse acontecer poderia de alguma forma fazer com que aquilo, na verdade, acontecesse. Luang Pó explicava que era mais sábio estar preparado para qualquer eventualidade:

É como se uma cobra entrasse sorrateiramente no quarto enquanto você está sentado ali com os olhos fechados. Enquanto você não a vê, você não sente medo. Mas no momento em que você a vê, então você fica aterrorizado. Você dá um pulo e sai correndo de lá ... É como quando não existe nada além de amor, sem sabedoria ... Você nunca usou a sua sabedoria para refletir sobre aquele amor e aquele que você ama morre, e você sente aquela perda como se 90% de você tivesse morrido com a pessoa. É uma catástrofe; você não sabe como lidar com aquilo.

Meditação e uma contemplação regular sobre a natureza das mudanças eram uma preparação para o que quer que a vida jogue para você.

É como se você visse a cobra se aproximar. Embora ela seja venenosa, você está preparado e pode ser que nem sinta medo. Talvez você a afugente ou simplesmente saia do caminho dela. À despeito do seu veneno, ela não pode te picar; e se você não for picado, você não será envenenado.

Em uma ocasião, ele falou com uma mulher que tinha perdido o seu filho adolescente algum tempo antes e ainda era incapaz de abrir mão do seu

pesar. Como ela era uma meditadora ele foi além das palavras de conforto. Em um momento ele disse:

Você deve entender que ele era realmente seu filho, mas apenas em um nível convencional. Nessa vida em específico, ele nasceu contigo. As coisas boas e más que ele fez pertencem a ele. A longa duração ou a brevidade de sua vida eram sua própria herança cármica. Através do processo de vir-a-ser e nascer, você apenas deu a ele a oportunidade de ter nascido. Se você olhar para isso dessa forma, você pode ficar tranquila com sua mente.

Era chegada a hora para que ela abandonasse o seu lamento através dos olhos de uma praticante do Dhamma. Seu sofrimento agora era através do apego à percepção condicionada de ‘filho’. Seu desafio era reconhecer que cada pensamento sobre seu filho falecido era um evento condicionado e impermanente que surgia e passava em sua mente e não pertencia a ela. A questão era se ela realmente queria abrir mão.

REPARTINDO O BOLO

Uma rica apoiadora leiga recontou uma vez o conselho que Luang Pó lhe deu sobre suas posses:

“Eu costumava pensar que devia dividir minhas posses – meus campos e meus pomares – entre meus filhos. Eu não pensava muito além disso. Eu apenas pensava que devia distribuir aquilo que eu tinha e então, quando ficasse mais velha, contasse com que meus filhos cuidassem de mim. Esse era o plano em minha cabeça, mas Luang Pó devia saber disso pois ele me precaveu quanto a isso.”

Se você está pensando em dividir a sua riqueza entre seus filhos, você deveria primeiro considerar isso cuidadosamente. Pode ser que não seja assim uma boa ideia, de simplesmente dar tudo. Pode ocorrer que seus filhos não reconheçam a dívida de gratidão que eles tem para contigo por ser sua mãe, te abandonem e se recusem a tomar responsabilidade. Aí, quando você estiver velha, você não poderá contar com ninguém. Quando fizer a divisão, coloque uma parte reservada para você mesma. Contanto que seus filhos e netos saibam que você ainda tem uma parte de sua fortuna

consigo, eles seguirão cuidando de você. De outra forma, você pode acabar como um tronco de madeira velho e apodrecido que não tem nenhum cogumelo crescendo nele e que ninguém lhe preste nenhuma atenção.

“Eu refleti sobre o conselho de Luang Pó e o segui. Ele estava certo em tudo o que ele disse. Ele devia saber antecipadamente que aquilo ia acontecer. Isso aumentou minha fé e meu respeito por ele e eu tentei seguir o que ele me ensinou: acumular bondade ao manter os preceitos e cultivar a minha mente.”

VII. PRÁTICA DO DHAMMA

Somos como frangos, só isso. O frango nasce, tem seus pintinhos e passa o dia ciscando a terra por aí. E então de noite ele vai dormir. De manhã ele pula no chão e começa a ciscar de novo, ‘có, có, có’. E então de noitinha, ele vai dormir de novo. Existe algum motivo para isso? Não.

Nós somos como frangos, como criaturas sem sabedoria. O dono vem todos os dias com comida. Ele pega o frango que o levanta em seus braços para vê-lo. O frango pensa que o dono está sendo carinhoso. Quanto ao dono, ele está pensando, ‘Hmm. Está ficando gordinho, quanto deve estar pesando? Uns dois ou três quilos já?’ O frango não sabe o que está acontecendo. O dono lhe traz arroz para comer e ele está feliz; ele pensa que o dono o ama. Ele come tudo, fica gordinho e pensa que está tudo bem. Mas assim que o frango chega a uns dois ou três quilos, ‘É isso aí! Vamos pro mercado.’

É como a maioria das pessoas leva a vida; elas não enxergam o perigo. Elas estão iludidas assim como o frango. O dono leva o frango pro mercado. Ele está na caçamba da caminhonete e ainda está rindo ‘Cóó, cóó!’, se divertindo. O carro chega ao mercado e o dono vende o frango pro dono de uma barraquinha de comida chinesa. O frango ainda não suspeita de nada. O chinês começa a retirar as penas do pescoço do frango e o frango pensa que o cara

está penteando ele. O frango é tonto desse jeito. É apenas quando a faca corta o seu pescoço que o frango percebe, ‘Oh, morri.’ Nós não vemos nossa própria vida. Nós não sabemos como remediar nossas impurezas.

Desde o momento em que ele estabeleceu Wat Pah Pong, Luang Pó começou a ensinar aos seus discípulos leigos que suas responsabilidades não estavam confinadas a oferecer alimentos para a Sangha e acumular méritos. O Dhamma não é algo distante, ele dizia, não é algo que pertence aos monges. O Dhamma é a verdade de todos os seres vivos e a libertação do sofrimento é possível para qualquer um – religioso ou leigo – que cultive o Caminho Óctuplo.

Todos – religiosos e leigos budistas – tem uma oportunidade igual de praticar o Dhamma e de refletir sobre ele. E o Dhamma que religiosos e meditadores leigos refletem é o mesmo Dhamma que leva à mesma paz pelos mesmos meios.

Praticar o Dhamma era a forma pela qual se poderia fazer o melhor uso do nascimento humano que era tão raro e precioso. Ele dizia que procrastinar quanto ao esforço de cultivar a própria mente e depois se lamentar por isso quando se ficasse velho e se aproximando da morte era como ser um jardineiro incompetente:

Você planta feijões, melões, abóboras, feijões verdes e por aí vai. Uma vez que eles crescem, eles amadurecem e então apodrecem. Sabendo disso, você os colhe antes que isso aconteça, não? Se você quer cozinhar e comer, ou vendê-los ou trocá-los para que assim tenha algum benefício deles, então você o faz no tempo certo. De que serve ficar sentado por aí se lamentando quando eles tenham apodrecido?

Quando ela se aposentou, a Upāsikā Ranjuan, uma conhecida autora e funcionária pública, deixou a vida leiga e foi morar na comunidade de monjas de Wat Pah Pong.* Mais tarde, ela viria a tornar-se uma professora

* Quando ficou claro em 1983 que a doença de Luang Pó ia preveni-lo de voltar a atuar como professor, a Upāsikā Ranjuan decidiu continuar seu treinamento com um grande contemporâneo de Luang Pó, Ajahn Buddhādāsa.

do Dhamma amplamente respeitada. Sua vida mudou de rumo depois de ouvir os ensinamentos de Luang Pó.

“Como a maioria dos budistas, eu iria [ao mosteiro] para acumular méritos, ouvir palestras do Dhamma, colocar comida na tigela dos monges, tomar os preceitos e tudo mais, e eu achava que isso já era suficiente. Eu nunca considerei que nada mais fosse necessário para ser um verdadeiro budista. Então eu ouvi Luang Pó dar uma palestra do Dhamma pela primeira vez eu percebi que a coisa mais importante que um budista deveria fazer era treinar a sua própria mente e que fazer aquilo era realizar o mais profundo desejo do Buda.”

Para a maioria dos moradores locais que vinham ao mosteiro semanalmente, a sua prática básica de meditação era recitar cânticos. Vários deles podiam memorizar todo o livro de cânticos em Pali e tailandês e então os recitariam em casa de manhã e de noite. Era uma prática que acalmava, que podia trazer alegria para a mente e as traduções em tailandês lhes forneciam ensinamentos chave na ponta dos dedos. Mas Luang Pó os encorajava a praticar meditação sentados também e a cultivarem uma compreensão mais profunda de suas próprias vidas:

Não se esqueçam de meditar sobre o mantra ‘Budô’ e de refletir sobre ‘cabelos, pelos, unhas, dentes e pele’ para que assim possam ver a fragilidade e a impermanência do corpo físico. Pensem nisso, reflitam sobre isso continuamente ... Quando seus pensamentos forem corretos, então suas mentes estarão em paz. Consequências indesejáveis desaparecerão e não haverá sofrimento. Se seu pensamento for incorreto, o sofrimento haverá de aumentar.

Em livros de Dhamma escritos em inglês uma pequena distinção é feita entre as palavras em Pali ‘Dhamma’ (‘a verdade das coisas’; os ensinamentos e práticas que levam à realização daquela verdade) e ‘dhamma’, significando ‘coisa’. No próprio Pali e no idioma tailandês, contudo, não existe forma ortográfica de distinguir os dois; e a pronúncia é idêntica. Na verdade existe uma relação orgânica entre Dhamma e dhammas (conhecer o Dhamma é, em essência, conhecer os dhammas) que Luang Pó frequentemente fazia referência quando ele estava tentando mostrar

a prática do Dhamma de uma forma mais ‘pé-no-chão’ para sua plateia e enfatizava a sua praticidade:

A palavra ‘dhamma’ significa todas as coisas. Não existe nada que não seja um dhamma ... dhammas incluem todos os fenômenos que constituem o seu corpo e sua mente.



O Buda nos ensinou a entender todas as coisas que estão dentro e fora de nós mesmos. As práticas que nos permitem fazer isso são chamadas de Dhamma.



O entendimento desses significados diferentes da palavra demanda que nós entendamos a nós mesmos. Quando entendemos a nós mesmos então nós entendemos o Dhamma, pois o Dhamma está dentro de nós.

Ele dizia que a prática do Dhamma consistia em desenvolver a correta relação para com os dhammas. A natureza essencial dos dhammas é um constante ‘surgir e cessar’. Essa natureza não é afetada se um Buda é iluminado ou não. Ela jamais pode desaparecer do mundo pois é ‘como as coisas são’.

O Dhamma não é algo que possa ser extinto. Os fatores da iluminação seguem presentes e os praticantes também seguem. A razão pela qual você não se ilumina é porque você ainda está muito relaxado em sua prática.

A prática do Dhamma não era uma coisa esotérica que apenas os religiosos podiam perseguir. Era o caso de desenvolver sabedoria sobre a sua própria vida. Às vezes os leigos viriam até ele e diriam que não podiam meditar pois eram analfabetos.

E por que é que você tem que ser alfabetizado? Você coloca a sua mão no fogo e ele é quente, você coloca a sua mão na água e ela é fria. Você consegue entender algo assim? Se consegue, você pode cultivar o Dhamma. A palavra ‘*bhāvanā*’ é linguagem de monge. Em linguagem comum, nós dizemos ‘considerar’ ou

‘refletir’*. Apenas perceba o que quer que surja em sua mente. Quando a raiva surge em sua mente, você está ciente disso? Surge a cobiça: você está ciente disso? Como é estar com raiva? Como é sentir desejo? Apenas siga observando isso. Do que mais você acha que se trata?

Se você pode se mover e pode respirar, se você sabe a diferença entre quente e frio, entre gostar e não gostar, então você pode praticar o Dhamma pois o Dhamma aparece nesse corpo e nessa mente. Não pense que o Dhamma está a um longo caminho de distância. Ele está conosco. Não é sobre nada além de nós mesmos. Apenas veja: em um momento você está feliz, em outro, está triste; em um momento você está satisfeito, em outro, não está. Então você fica com raiva de uma pessoa e odeia a outra. Tudo isso é Dhamma.

Nada nos pertence. Nem nós mesmos nos pertencemos. No final, nós desintegramos de acordo com a lei da impermanência ... Cabelos, pelos, unhas, dentes e pele – se você contempla bem essas coisas, então você consegue vê-las à sua própria luz. Essas coisas não são nossas pois elas não estão sob nosso controle. O corpo inteiro é a mesma coisa. Quando ele quer doer, ele dói; quando ele quer envelhecer, ele envelhece; e quando ele quer morrer, então ele morre. Ele nunca nos ouve pra nada disso. Quando você tem uma dor de cabeça ou uma dor de barriga, por acaso o seu corpo te pediu permissão antes?

PLENA ATENÇÃO É ASSUNTO SEU

Era a plena atenção – ter em mente, manter em mente tudo o que deve ser trazido e mantido ali em qualquer momento – que Luang Pó ensinava como sendo a chave para a prática. Na vida diária, um dos aspectos mais importantes da prática da plena atenção era manter os preceitos na posição mais importante de nossa consciência. O meditador tinha que

*Esse termo em tailandês geralmente é traduzido para o português como ‘meditação’. Em seguida, Luang Pó dá uma definição mais tradicional do termo. Dar uma nova inclinação para palavras que são familiares era um dispositivo retórico comum que ele frequentemente empregava.

ser constantemente ciente da presença ou da ausência das impurezas na mente. Quando alguém lhe perguntasse se era possível fazer aquilo o dia inteiro ele respondia:

Até o dia da sua morte! O dia inteiro é um período muito curto de tempo.

Contanto que você estivesse respirando, você poderia estar ciente. Uma mulher reclamou que ela tinha tantos afazeres que ela não tinha tempo para praticar a plena atenção ao mesmo tempo. Ele disse:

Esse é o seu afazer. Manter a plena atenção é um afazer. Pessoas que são plenamente atentas realizam bem as suas tarefas. Se você perde a plena atenção por dois minutos, você está louca por dois minutos; se [a perde] por um minuto, então você está louca por um minuto. Não falar de forma grosseira com ninguém – isso é uma prática de plena atenção. Você precisa estar ciente do que é a plena atenção e como ela funciona.

Você está pensando em machucar os outros? O seu pensamento é equivocado? Esteja ciente disso. Outros não podem ver a sua mente, mas você pode. Tendo a plena atenção guiando a sua mente, então a moralidade, a concentração e a sabedoria podem surgir. Olhe para isso. Quando você vá dizer algo a plena atenção é como ter alguém te dizendo o que falar, alguém que sabe as implicações de suas palavras e se você está se repetindo. Quando você não sabe o que fazer, a plena atenção sabe.

‘Attanā codayattānaṃ’: ‘Você deve dar uma bronca em si mesmo’ – é assim que você se torna o seu próprio refúgio. De outra forma, se você pensa que quer fazer algo que não seja certo, você olha em volta, para todos os lados. Você vê que sua mãe não está por perto, que o seu pai não está por perto, que o seu professor não está ali, ninguém pode vê-lo – okay! Você o faz imediatamente. Alguém que pensa dessa maneira já foi pro caminho errado. Você vai fazer algo ruim quando ninguém puder vê-lo. Mas e quanto a você mesmo? Você por acaso não é alguém? ... Você acha que é possível fazer algo sem que ‘essa’ pessoa veja?

Luang Pó resumiu:

Com plena atenção constante, tudo é Dhamma ... Se você conhece o Dhamma não é possível mentir pra si mesmo ou pros outros.

Olhar para a mente significava monitorá-la constantemente para ver o que estava causando sofrimento. Devia haver algum tipo de desejo ou apego na mente para que o sofrimento surgisse.

É muito simples: olhe para onde você está apegado. Quando há um forte sofrimento na mente, ou tanta felicidade que você pode se deixar levar por ela, então houve algum erro.

O erro estava em tomar posse daquele estado mental. Ao explorar onde a mente estava agarrada, a plena atenção surgia.

Se você tem plena atenção constante e um estado de alerta em todas as posturas então você vai saber o que é certo e o que é errado, você vai saber quando há prazer e tristeza. E quando você sabe o que essas coisas são, então você saberá o método de lidar com elas para que elas não causem sofrimento.

É assim que eu faço as pessoas aprenderem sobre *samādhi*. Quando chega a hora de sentar, então sente-se por um período de tempo razoável. Isso também não é errado – saiba do que se trata a meditação sentado. Mas cultivar *samādhi* não é apenas sentar-se. Você deve permitir a si mesmo experienciar coisas e passar essas experiências adiante para a contemplação. Aí, o que é que você pode vir a perceber através da contemplação? Você percebe que isso é impermanente, insatisfatório e ‘não-eu’. Nada é fixo. ‘Isso é bonito; eu realmente gosto disso!’ E você então lembra a si mesmo, ‘Isso é mutável.’ ‘Eu não gosto disso de jeito nenhum!’ Diga a si mesmo, ‘Isso pode mudar, não pode?’ É completamente correto, sem sombra de dúvida.

Mas você vai atrás das coisas ... ‘Eu vou fazer isso!’ Parece tão líquido e certo, então você vai e faz aquilo. Não faça isso. Não importa o quanto você goste de algo, você deve se lembrar que esse ‘gostar’ pode mudar. Você come alguns alimentos e, ‘Oh, isso é delicioso! Eu adoro isso!’ É assim que você sente sobre aquilo.

Você deve refletir que o sentimento não é assim tão certo. Você quer saber como aquilo não é assim tão certo? Tente comer a sua comida favorita todo dia. Todo santo dia. Depois de um tempo você estará reclamando que aquilo não é mais tão saboroso. Tente. Aí você vai começar a gostar de outra coisa no lugar. E tampouco será algo assim tão certo. Isso deve ser tomado para contemplação. Tudo é como a respiração. Deve existir a inspiração e a expiração. A natureza da respiração é mudar. Tudo o que existe, existe por algum tipo de mudança.

BOXEANDO DE FORMA INTELIGENTE

A natureza imprevisível de nossas vidas e a importância de fazer o melhor uso do tempo que temos eram uma grande parte dos ensinamentos de Luang Pó. A morte pode chegar a qualquer momento. Luang Pó dizia que ao recusar encarar a verdade da inevitabilidade de nossa morte nós não vemos o quão importante é abandonar as más qualidades e desenvolver as boas. Cultivar a mente é de vital importância porque, na hora da morte, é a bondade que tivermos acumulada – o mérito – que proverá nosso verdadeiro refúgio.

Riqueza e pobreza serão ambas separadas de você mas as coisas que você construiu em sua mente não serão. Se sua mente for maldosa, isso te levará para um mau caminho. Se sua mente for bondosa, isso te levará para um bom caminho. Suas posses não podem fazê-lo bom ou mau. Apenas a sua mente pode fazer isso. Entendam esse ponto.

Pessoas sábias se preparam não apenas para a morte física mas para as pequenas mortes da separação daqueles que amamos, ao refletir continuamente sobre as verdades da vida – como boxeadores treinando para uma luta dando golpes em sacos de areia.

Se eles nunca treinam ou se eles nunca castigam o saco de areia com seus chutes, então quando eles entram no ringue eles tem os seus dentes arrancados, são nocauteados. Quando a sua saúde acaba ou um filho morre, ou sua riqueza se perde, tudo o que você

será capaz de fazer é chorar pois você nunca se preparou para aquilo. Você será como um boxeador que não fez seu treinamento.

Você deve seguir treinando a si mesmo com as verdades da impermanência, do sofrimento, e do 'não-eu'. Constantemente reflita sobre o Dhamma. Então quando algo acontecer você vai reconhecer aquilo como sendo apenas uma expressão dessas coisas: impermanência, sofrimento e 'não-eu'. Você não vai sofrer muito pois você vê aquilo pelo que aquilo é. Prepare a si mesmo. Não se permita ser diferente disso. Se você tivesse que subir ao ringue bem agora você seria nocauteado rapidamente para fora dele de novo. Você tem que treinar.

Luang Pó dizia que as perdas poderiam ser suportadas sem lágrimas ou lamentos quando elas fossem vistas através da perspectiva conseguida pelo treinamento da mente. Quando a mente tivesse desenvolvido a Visão Correta, ela teria um refúgio interno e não adicionaria mais dor desnecessária à perda.

Mas geralmente quando existem incêndios e enchentes você permite que eles queimem e inundem a sua mente também. Quando alguém morre, você morre com a pessoa. Se esse for o caso, então você não tem lugar algum para descansar.

Em outra ocasião ele comparou essa percepção da impermanência a ver um copo como já estando quebrado. Ele dizia que o Buda podia ver o copo quebrado dentro do copo inteiro. Qualquer um que pudesse ver o copo como já estando quebrado não ficaria apegado a ele, pois ele o reconheceria como sendo a configuração temporária dos elementos que o constituíam que eventualmente viria a se desfazer. Todas as coisas deviam ser vistas de maneira similar – como levando consigo mesmas a sua própria destruição inevitável – incluindo o corpo físico. Isso não significava, ao sermos todos condenados a morrer, que o corpo era inútil e as pessoas poderiam muito bem cometer suicídio. Isso significava que o corpo era para ser empregado para um bom propósito enquanto estivesse em um estado que lhe permitisse fazer isso.

Luang Pó falava dos discípulos leigos mais velhos que ficavam desencorajados e depressivos por sua crescente falta de habilidade em recordar a letra dos cânticos, ou em aprender novos cânticos. Luang Pó dizia que a perda de memória não era um obstáculo para a prática do Dhamma pois havia muito mais no Dhamma dos que recitar cânticos. Na vida diária o Dhamma podia ser encontrado ao procurar pela medida certa ou ótima em todos os assuntos.

Quando você está comendo você precisa dar uma colherada no arroz na medida certa para mastigá-lo convenientemente. Isso é Dhamma. Se a colherada é tão pequena quanto uma semente de maçã ou tão grande quanto um ovo de galinha aí ela não vai ter o tamanho certo; e isso não será o Dhamma. É a mesma coisa quando você está fazendo um vestido ou um par de calças. Eles tem que ser do tamanho certo para quem vai vesti-los. Se vocês os fizerem muito pequenos para quem vai vestir, eles não conseguirão vestir; se fizerem muito grande, ficará parecendo ridículo. As roupas que vocês vestem para vir ao mosteiro, se elas estiverem limpas e sem buracos, está bem. Se vocês são pobres, então ficar lutando para conseguir dinheiro para comprar roupas mais caras, algo que exceda os seus ganhos, apenas leva a dificuldades.

Protejam suas mentes de desejos excessivos por coisas que vocês não precisam e não tenham direito a ter. Persigam os seus desejos de formas corretas e apropriadas. Quando você consegue o que você quer não há necessidade de ficar exageradamente feliz com isso e quando você perde algo, não fique exageradamente triste. Não permita que sua mente seja levada por formas, sons, odores, sabores ou sensações táteis. Saibam quando as coisas que estão chegando à mente estejam fazendo com que ela fique embotada, manchada e perturbada, e usem quaisquer meios necessários para espantarem essas coisas. Isso é o que significa praticar o Dhamma. A mente é o mais importante. Agir bem ou falar bem depende da mente. Ações ou falas que machuquem [os outros] dependem da mente. É por isso que nós precisamos treinar a nós mesmos

com meditação sentada e andando, e com a reflexão sobre nossa experiência.

‘ISSO É TUDO O QUE ISSO É’

Uma das características mais divertidas das palestras de Luang Pó era o seu uso das frases e termos do dia a dia para tratar de aspectos profundos do Dhamma. Uma dessas frases era ‘*man kó ké nan lé*’, traduzida aqui como: ‘Isso é tudo o que isso é’. É uma dessas frases simples que desafia a simples tradução. Ela é usada para ‘deflacionar’, geralmente empregada para dizer para alguém que esteja exagerando muito sobre algum assunto que ele é menos valioso, menos importante do que ele pensa; que aquilo não afeta os assuntos principais que estejam à mão; que aquilo é, quando está dito e feito, uma coisa limitada e insatisfatória. O paralelo mais próximo em português dessa expressão poderia ser o desalentador, ‘E daí?’.

Eu vou lhes dar um ensinamento curto, abreviado para usarem em sua vida diária. Todos recitem internamente: ‘Isso é tudo o que isso é’. Essa única frase é suficiente para reduzir o seu sofrimento. Tudo nos deixa, morre para a gente. O que quer que seja bom ou nobre, bonito ou feio que possa ser, tudo é parte do mundo. Você vai ter que deixá-los para trás quando morrer. Não se apegue a eles de forma alguma. Se você tem uma responsabilidade então a cumpra. Se sua responsabilidade é ganhar a vida com o intuito de cuidar de sua família então vá em frente. Ganhe o suficiente para viver, o suficiente para comer. Fique contente com o que você possa ganhar – seja muito ou pouco. Ou se você for malsucedido, então esteja em paz com sua falha e tente novamente. Qualquer que seja o caso, esse mantra, ‘Isso é tudo o que isso é’, é sempre apropriado. Seu sofrimento vai retroceder naturalmente. Isso é o que significa viver sabiamente. Quando quer que você pegue as coisas para refletir sobre elas, através dessa frase aquilo se tornará Dhamma. Essas palavras podem ser usadas como uma ferramenta.

BHĀVANĀ

Uns cinco anos antes do final de sua carreira como professor, Luang Pó deu uma palestra para os apoiadores leigos que tinham se juntado para

passar a noite do Dia de Observância. Foi uma palestra sobre o assunto de ‘bhāvanā’ que resume muito de seus ensinamentos sobre a prática do Dhamma:

‘Bhāvanā’ ou ‘cultivo’, significa a ação de ‘criar’ ou ‘melhorar’.

Qualquer esforço colocado em criar ou desenvolver bondade e sabedoria era ‘bhāvanā’. Na verdade, a generosidade e a conduta virtuosa também deveriam ser vistas como formas de ‘bhāvanā’. Ele disse:

Ao ser generoso, ao manter os preceitos, deve haver um cultivo do Dhamma em todos os momentos ... Mesmo que você dê um único punhado de arroz ou um simples par de calças ou uma pequena quantidade de qualquer coisa, você se sente feliz pois deu um presente de algo que lhe pertencia sem nenhuma compra ou venda envolvida. Depois que o presente foi dado, tanto aquele que dá quanto aquele que recebe se sentem contentes. Esses sentimentos não existiam antes. A criação desses sentimentos é chamada cultivo [‘bhāvanā’].

Os benefícios da generosidade não terminavam no ato em si. Ele também instigava sua plateia a praticar a meditação do ‘recordar-se da generosidade’ (*cāgānussati*). Ao trazer à mente as nossas ações do passado, uma grande alegria podia surgir na mente que podia suprimir os obstáculos que impedem a calma lucidez e a sabedoria.

O cultivo do Dhamma era para ser realizado em todas as posturas. Na vida diária, a ênfase deveria ser em refletir sobre as experiências à luz do Dhamma.

Se você estiver trabalhando ou realizando alguma boa ação – o que quer que você esteja fazendo – cultive o Dhamma ao refletir sobre o que está acontecendo. O cultivo não significa apenas sentar-se. Estar de pé pode ser o cultivo. Caminhar pode ser o cultivo. Sentar-se ou deitar-se pode ser o cultivo. Em cada postura, isso significa tentar fazer do seu pensamento algo correto.

Luang Pó usava a expressão ‘*tuk tóng*’, traduzida aqui como ‘correto’, para querer dizer ‘estar em conformidade com a natureza das coisas’. ‘*Tuk tóng*’ era uma expressão importante para ele. Em uma ocasião ele

resumiu os ensinamentos do Buda com as palavras ‘Dhamma significa correção’ [ser correto]. Ao fazer do pensamento algo correto ele não estava necessariamente apontando para o cultivo de pensamentos corretos específicos mas, ao invés disso, para pensamentos que estivessem livres de impurezas, pensamentos que levavam em consideração as realidades da impermanência, insatisfatoriedade e ‘não-eu’:

Não machucar a si mesmo ou aos demais, fazer o que quer que você faça de forma benéfica, fazer apenas o que é correto, falar corretamente, pensar corretamente. Todos esses tipos de ‘correções’ são o mérito de surge de ‘bhāvanā’.

Esse esforço de cultivar o Dhamma ao observar constantemente as experiências com o olho da sabedoria é traduzido aqui como ‘reflexão’, uma tradução da palavra em tailandês ‘*pijarana*’, que tem significados que vão de ‘investigação’ à ‘consideração’ ou ‘contemplação’. Ele apontava para a sua plateia que esse poder de reflexão não era algo esotérico. Todos o possuem em certa medida e o usam em sua vida diária. Uma falta disso causava dificuldades.

Comprar, vender, trocar – o que quer que você esteja fazendo – você deve cultivar: você deve refletir, considerar. Seus ganhos são ‘tanto’, seus gastos são ‘tanto’, você tem que fazer isso e então depois fazer aquilo, você tem que planejar as coisas – tudo isso é ‘bhāvanā’. O ‘bhāvanā’ correto deixa você tranquilo e torna sua mente lucidamente calma. Todo mundo – mesmo que você more no vilarejo, em um mosteiro, onde quer que você esteja – se você reflete com um entendimento correto das coisas, então isso é ‘bhāvanā’.

A habilidade em considerar as coisas com uma mente clara prevenia ser levado por emoções negativas ou consumido pelo medo. Ele deu um exemplo do cultivo da sabedoria na vida diária ao refletir sobre o que se experienciava:

Eu ouvi uma vez o Ajahn Buddhādāsa dando uma palestra no rádio. Ele disse que quando era um garoto ele tinha pavor de fantasmas. Ele levava o gado para pastar de manhã e volta apenas de noite. No caminho de volta para casa ele passava por um crematório

de floresta, ficava com medo e montava nas costas do búfalo. O búfalo estaria mastigando a sua grama de forma indiferente. Um dia, assim que ele se sentou nas costas do búfalo ele pensou sobre isso, 'Ei, esse búfalo é melhor do que eu. Ele não tem medo de fantasmas. Ele está todo feliz comendo a sua grama. É quem está sentado nas costas dele que tem medo disso, medo daquilo, sempre cheio de pavor.' Conforme ele considerou isso, ele viu que o medo surgia do pensamento. É um fenômeno condicionado.

Usar a sabedoria na vida diária, ele explicava, é a habilidade de reconhecer e refletir sobre a impermanência de nossa experiência. A pessoa sábia não tem nada como sendo certo. Os tolos assumem que amanhã será mais ou menos como hoje e que nós seremos mais ou menos a mesma pessoa por toda nossa vida. Eles não tem ciência da verdade das coisas, sem perspectivas, presos em qualquer que seja o estado atual das coisas.

Riqueza, posição social, fama, sucesso – nenhuma dessas coisas, se foram ganhas honestamente, eram ruins por si mesmas. Os problemas vinham quando as pessoas se identificavam demais com aquilo. O resultado era uma forma de intoxicação.

Não fique embriagado por essas coisas. Se você pode ficar rico, então seja rico. Se você não pode se segurar à sua riqueza e fica pobre, então seja pobre – mas não fique embriagado com isso. Não se embriague com sua pobreza, não se embriague com sua riqueza. Se você está sofrendo, não fique embriagado com seu sofrimento; se você está feliz, não fique embriagado com sua felicidade. Se você for jovem, não fique embriagado com sua juventude; e se você for velho, não fique embriagado com sua velhice.

Essa falta de atenção, a recusa em encarar essas simples verdades da vida – que todos os seres estão no caminho do envelhecimento e da morte – alimenta um orgulho e uma presunção que moram no coração do sofrimento humano. Luang Pó, comparando relacionamentos com uma estrada, dizia que os problemas surgiam no momento em que as pessoas ficavam perdidas em visões de si mesmas:

Nesse mosteiro, nesse Salão do Dhamma, se qualquer um pense, 'Eu sou melhor do que você', ou 'Você é mais estúpido do que eu',

‘Eu sou mais inteligente do que você’, ou ‘Você não é como eu’ e por aí vai, lombadas e atoleiros aparecem. Quando quer que alguém diga ou faça alguma coisa, eles olham uns para os outros com desconfiança.

Mas, ele dizia, a reflexão sobre os ensinamentos do Buda que nos recorda de nossa humanidade em comum, ‘vai tranquilizar as suas ansiedades e apegos’.

Ele disse à sua plateia que, mesmo com todas aquelas pessoas sentadas ouvindo a sua palestra, havia realmente apenas uma coisa acontecendo: o implacável processo das mudanças, um processo sem dono. Ele disse que o ensinamento que diz que não podíamos encontrar nada sólido em nosso corpo ou em nossa mente que fosse realmente quem nós somos ou que realmente nos pertença era algo difícil de aceitar. Pessoas sem auto consciência ouvindo essas palavras ficam com raiva e reclamam que palestras do Dhamma sobre esses tipos de assuntos são desagradáveis e ofensivas.

Quando você diz, ‘Refleta sobre isso: você nasceu para morrer, você não pode contar com a vida’ – é ainda pior. As pessoas se levantam e vão embora, elas não podem aguentar isso. Elas pensam que você está falando de coisas vis, não auspiciosas. ‘As coisas nascem e então elas morrem.’ Quanto mais essas pessoas ouvem, com mais medo elas ficarão. Elas não querem ouvir e elas vão embora.

Mas as verdades da vida são irrefutáveis e é sábio encará-las, refletir sobre elas:

O Buda nos ensinou o cultivo. Nós somos todos a mesma coisa. Ricos ou pobres – nós nascemos, envelhecemos, ficamos doentes e então morremos de formas muito similares. Quando você pensa bastante nesse tipo de reflexão do Dhamma então sua mente encontrará uma consistência igualitária onde quer que você vá.

Mas, como Luang Pó apontaria, a maioria das pessoas não aplica a sua própria mente dessa maneira:

Elas se aferram às coisas até sofrerem e então carregam aquele sofrimento por aí com elas sem perceberem o que está acontecendo.

Ele retornava ao seu tema, de que ele estava ensinando mais do que uma técnica de meditação:

Bhāvanā não significa sentar de pernas cruzadas com os olhos fechados. Algumas pessoas vem ao mosteiro todos os dias e nos Dias de Observância, elas praticam meditação sentadas. Mas assim que elas chegam em casa elas jogam tudo isso fora. Elas brigam com suas esposas e filhos, discutem com todas as pessoas a sua volta, pensando que elas já não estão mais meditando. Quando elas meditam, elas fecham os olhos com o intuito de acumular méritos. Mas quando elas acabam de meditar o mérito não vai com elas. Elas apenas ficam com o demérito. Elas não tem nenhuma capacidade de suportar. Elas não estão praticando o Dhamma.

Na verdade essa prática pode ser feita em qualquer lugar – no mosteiro ou fora dele. É como estudar em uma boa escola. Uma vez que vocês aprenderam a ler na escola, então vocês podem ler em casa, nos campos ou na floresta. Vocês podem ler em grupo ou sozinhos. Se vocês sabem como ler, vocês não precisam correr para a escola o tempo todo; vocês podem ler sempre que quiserem.

Sua definição de alguém que sabe como realizar o cultivo era:

Quando você tem sabedoria, mesmo que você esteja nos campos ou esteja em uma floresta, mesmo que você viva em um grupo grande ou em um grupo pequeno, mesmo que você seja elogiado ou criticado, você tem um constante e profundo conhecimento sobre o que está acontecendo e sobre o que significa ser alguém que cultiva. Você tem que conhecer a natureza de todos os estados mentais. Quando você conhece você fica tranquilo, você é alguém que sabe como praticar ‘bhāvanā’. Você tem apenas um único objeto.

Luang Pó está usando o termo ‘único objeto’ (*ekaggatārammaṇa*) aqui de uma forma pouco usual. Enquanto esse termo seria geralmente usado com

referência ao desenvolvimento de samādhī, nesse contexto Luang Pó o explicou como significando ‘não emaranhar-se’. Você não fica emaranhado com nenhum objeto pois a mente não se agarra à experiência como sendo um ‘eu’ ou como pertencendo a um ‘eu’. Assim, a mente que permanece [focada] em um único objeto não significa que ela está focada em um fenômeno em particular, mas na natureza das coisas – *anicca, dukkha e anattā*.

É o ‘abrir mão’ dos apegos aos fenômenos através de ver a sua verdadeira natureza que é a forma correta de cultivo.

Ao estar de pé, você deve ser alguém que cultiva; ao caminhar, você deve ser alguém que cultiva; ao estar sentado, você deve ser alguém que cultiva; e ao deitar-se, você deve ser alguém que cultiva.

A razão pela qual o cultivo deve ser realizado em todas as posturas é porque a morte pode ocorrer em qualquer uma das posturas. Cultivo é uma preparação para a morte. Se você pratica o cultivo apenas na postura sentada, o que vai acontecer se a morte se aproximar enquanto você estiver em outra postura?

O mesmo argumento se aplica para o surgimento das impurezas na mente. Você já ficou nervoso? Você já ficou nervoso enquanto estava deitado? Ou você fica nervoso apenas quando está sentado de olhos fechados? Se você for depender exclusivamente da meditação sentada então como é que você poderá cultivar?

Cultivar significa um conhecimento profundo e compreensivo do que está ocorrendo. O Buda nos disse que tivéssemos plena atenção e auto consciência, sabedoria e circunspecção enquanto estivéssemos em pé, andando, sentados e deitados, capazes de ver os estados mentais defeituosos e não defeituosos* em todos os momentos. Isso é o que significa ser alguém que cultiva. Se você tem esse conhecimento constante, então nada pode afetá-lo de forma adversa, a mente está constantemente suave e tranquila. A mente está em seu estado normal

* cf. a sessão do *cittānupassanā* no *Satipaṭṭhāna Sutta* (MN10). Esse termo presumidamente se refere aos estados mentais ‘superados’ e ‘insuperáveis’.

Mais próximo do final de sua carreira como professor Luang Pó leu e se impressionou com as então recentes publicações de traduções para o tailandês de mestres Zen chineses tais como Huang Po. Isso se tornou aparente na forma com a qual ele começou a falar sobre a distinção entre a própria mente* e os estados mentais. Ele começou a usar termos como ‘mente original’, não como uma posição filosófica mas como um meio hábil para ser usado ao observar internamente. Ao final dessa palestra Luang Pó enfatizou que as pessoas cometiam o erro de reclamar que suas mentes estavam muito agitadas. Ele disse que não existe nada errado com a própria mente, ela está naturalmente em paz. São as impurezas e o desejo que são o problema. Era importante separar as coisas.

É como as folhas em uma floresta. Normalmente as folhas estão paradas. Então quando elas começam a balançar, qual é a causa daquilo? É por causa do vento soprando. Se não houvesse nenhum vento, então as folhas seguiriam em seu estado inerte. Nossa mente, nossa ‘mente original’, é a mesma coisa. Ela é naturalmente pacífica e limpa. O que vem e agita o tempo todo é uma nova mente, uma mente falsa constantemente afligida por medo aqui e por desejo ali: balançando entre prazer e dor. Isso não é a própria mente. Lembrem-se desse ponto. Quando sua mente se torna ocupada e confusa, então lembrem-se do que eu estou lhes dizendo: isso não é a sua mente. Sua mente é livre de tudo isso; sua natureza é pura e limpa. Isso é uma mente falsa, uma mente destreinada. Vão embora e pensem nisso, então vocês saberão como discriminar isso em sua prática do Dhamma. Não prestem atenção a nada que não seja a sua mente.

Luang Pó dizia que a prática do Dhamma significava procurar pela mente natural, pela mente original. Uma vez que ela fosse reconhecida, então nada poderia agitá-la. Tantas pessoas tinham abandonado o cultivo pois elas pensavam que suas mentes eram muito ocupadas e confusas; era de uma importância vital saber que a mente nunca estava turbulenta. A turbulência eram as impurezas.

*O termo ‘mente’ também pode ser traduzido como ‘coração’ já que não existe uma distinção clara entre os dois no idioma tailandês.

A prática começava e terminava na mente. Não era uma questão de começar com generosidade e preceitos e gradualmente trabalhar para a meditação. Manter os Cinco Preceitos era necessário para manter a mente livre que perturbações mas o trabalho interno era vital.

Se você alcança aquele ponto em que a sua mente está em seu estado normal, não há nada que possa perturbá-la – como folhas em um local sem vento. Levem isso como seu dever de casa ... Olhem para as suas mentes. Mantenham-se removendo o que não seja tão bom até que vocês alcancem a folha que nenhum vento balança. Alcancem a mente pura. O Buda disse que bem ali está o caminho para a libertação do sofrimento.

Ao final da palestra, Luang Pó fez um elevado incentivo à diligência. A vida é curta e incerta. Não perca o pouco tempo que você tem.

‘Os dias e noites estão passando sem parar. Bem agora, o que você está fazendo?’ O Buda espeta as pessoas assim e elas são indiferentes, elas não sentem nada. Os dias e noites estão passando, passando, nunca diminuem o ritmo. O que você quer de você mesmo? O que você está fazendo de sua vida? É isso que ele está perguntando. Pessoas comuns ouvem isso e não se movem, mas as pessoas que tem as condições de suporte ouvem isso e pensam, ‘O que eu estou fazendo? Eu estou sofrendo? Eu estou feliz? Quais são as causas internas dessa felicidade? O que se pode adicionar a isso?’ É assim que vocês deviam estar pensando. Vocês devem praticar o Dhamma com o intuito de perceberem a natureza de suas próprias mentes.





XI
gelo no sol

*Mesmo belas carruagens reais se degeneram, assim como esse corpo também se degenera. Mas o Dhamma dos sábios não se degenera;
assim os sábios falam entre si.*

Dhp 151

Gelo no Sol

Os Anos de Declínio de Luang Pó

I. CORPO DOENTE, MENTE SAUDÁVEL

Um dia, conforme as doenças que o deixariam preso a uma cama pelos últimos anos de sua vida estavam começando a ‘cobrar pedágio’, Luang Pó falou com alguns apoiadores leigos:

É como quando você tem um cavalo – um cavalo selvagem que é difícil de treinar. Quando ele tenta correr por aí, você segura as rédeas. Não as deixa escapar. Mas se o cavalo estiver realmente galopando em disparada, então solte as rédeas. Se você não fizer isso – então a próxima coisa que você perceberá é sua mão foi arrancada. Deixe o cavalo e as rédeas seguirem seu caminho. Não permita a si mesmo se machucar por isso. Deixe ir. Mas se o cavalo estiver puxando só um pouquinho a corda, então tente segurá-lo, dominá-lo. Essa é a forma de lidarmos com tudo.

Nosso corpo é como um cavalo. Se ele fica doente, nós cuidamos dele com medicamentos. Se ele sai em disparada e nós não conseguirmos segurá-lo, então nós o deixamos ir. Nós não interferimos com isso. Nós o deixamos seguir o seu caminho. É disso que se trata o corpo: ele nasce e então ele segue o seu caminho. E aí não há mais como cuidar dele. O corpo ficou sem outras opções. Deixe-o alcançar o seu fim natural ...

Todo mundo quer viver por muito tempo. Mas o corpo é incapaz de fazer isso. Quando chega o lugar e a hora, então nós devemos deixá-lo partir. Não faça disso um sofrimento. Apenas seja ‘aquele que sabe’. Saiba que o que é nosso e o que não é nosso estão misturados juntos. Onde quer que encontremos o que chamamos convencionalmente de ‘nosso’, nós encontramos o que, na verdade, não é nosso. Entenda isso dessa maneira. Assim não importa se você estiver sentado ou deitado em um hospital com muita dor. Se sua visão for correta, então você estará tranquilo – tranquilo precisamente onde a dor está, tranquilo onde as sensações se manifestem. A mente vê o que é pacífico no meio da turbulência.

O entendimento de Luang Pó sobre a dor e a enfermidade amadureceram depois de uma vida inteira na qual ele viu ambos em grande escala. Durante sua meia-idade a sua resistência física era lendária. Mas aos sessenta anos Luang Pó parecia muito mais velho. Em seus esforços sem limites para realizar o Dhamma, sua mente colheu as recompensas, enquanto o seu corpo pagou o preço.

Embora ele tenha sofrido de uma leve asma que era comum em sua família, Luang Pó tinha sido um garoto saudável. Seus primeiros encontros com doenças sérias ocorreram quando ele deixou a vida de monge de vilarejo e partiu para a floresta. Detalhes da saúde de Luang Pó durante seus anos em *tudong* são vagos. O que se sabe é que ele contraiu as febres comuns, incluindo malária, que afligem a quase todos os monges de floresta em um período ou outro e em 1951 ele sofreu de uma condição estomacal extremamente dolorosa. Mas a maior fonte de desconforto durante esse período foram seus dentes. Em 1953 ele atravessou um período de extrema dor de dentes e inflamação das gengivas. Uma visita ao dentista não parecia ser uma opção. Anos mais tarde, ele revelou seu método favorito de lidar com um dente podre. Ele amarraria uma ponta de uma cordinha em uma pequena pedra e a outra ponta no dente em questão. Então ele arremessaria a pedra com toda sua força no meio da floresta.

Em 1967 o problema com seus dentes piorou. Suas gengivas ficaram tão inchadas que ele foi incapaz de comer por vários dias. Talvez pela primeira vez em sua vida, ele foi visitar um dentista local. Contrariando o

conselho do dentista, Luang pó insistiu que todos os seus dezesseis dentes remanescentes fossem extraídos em uma sessão.

Mesmo que Luang Pó não tenha optado por evitar o medicamento para a dor, o impacto de tantas extrações em seu sistema nervoso fez com que a injeção que ele recebeu tivesse sido quase inútil. Para lidar com a dor, ele colocou sua mente em um estado de calma. Ele disse que aquilo parecia como se todas as sensações de cada nervo afetado tivessem convergido para apenas um local. Então toda aquela dor acumulada começou a se contrair até quase desaparecer, enquanto sua mente observava o processo de forma desapegada. Contudo, depois que o dentista tinha terminado, o sangue começou a fluir e não parou por três dias seguidos. Em 1981, conforme sua saúde seguiu o caminho ladeira abaixo que resultaria em sua paralisia, ele falou sobre a extração de seus dentes com um grupo de visitantes locais:

Quando você tem uns cinquenta ou sessenta anos seus dentes começam a amolecer. Ohhh! Você quer chorar. Você está comendo e você sente que as lágrimas vão rolar. É como se você tivesse tomado uma cotovelada ou uma joelhada na boca. Os dentes doem tanto: é sofrimento, dor, tormento. Eu mesmo passei por isso. Eu tive todos os meus dentes arrancados. Esses em minha boca agora são todos falsos, cada um deles. Estavam sobrando dezesseis e eu pedi para que fossem todos arrancados de uma vez. Eu estava farto deles. O dentista estava com medo de fazer aquilo. Eu lhe disse, 'Vá em frente. Eu assumo as consequências.' E então ele o fez – extraiu todos os dezesseis. Uns cinco deles ainda estavam firmes, mas eu os arranquei da mesma forma.

Quando eu era um garoto, enquanto eu estava levando os búfalos e vacas para pastar, eu pegava cinzas do fogo e polia meus dentes para deixá-los brancos. Quando eu voltava para casa, eu dava um sorriso na frente do espelho apenas para ver a brancura. Apaixonado pelos meus próprios ossos! Eu era um idiota. Eu adorava tanto aqueles dentes. Eu achava que eles eram algo tão bom. No final eles tiveram que partir – e a dor quase me matou.

Era sempre fácil pegar uma doença ou outra quando se estava em tudong. Durante uma caminhada na qual Luang Pó estava acompanhado por seu velho discípulo leigo Ta Soei ele contraiu uma infecção nos olhos. Ta Soei lembrava que Luang Pó via aquela enfermidade como uma oportunidade de ensinar algumas verdades pontuais ao seu companheiro:

“Os olhos de Luang Pó ficaram muito doloridos. Eu não podia lidar com aquilo. Eu tentei encontrar algum medicamento para ele, mas ele não o utilizaria. Eu não sabia mais o que fazer e comecei a chorar. Ele disse:”

Um velho quase em seu leito de morte e você ainda está chorando. Ria. São apenas meus olhos que doem. Você tem que rir como se não estivessem doendo. Você deve lutar com a morte até poder ir além dela.

“Dois dias depois ele deve ter lembrado de um remédio. Ele me pediu para encontrar algumas folhas de *guysa*, espremê-las para retirar o suco e aplicá-lo em seus olhos. Ele me disse:”

Isso é kamma. Eu sei qual é a causa disso. Isso é resultado de um kamma que eu criei. Quando eu era um garoto, se eu visse um lagarto eu não podia deixá-lo em paz, eu tinha que espetar os olhos deles bem onde eles apontam para fora e então picá-lo com cebolas e grelhá-lo ao fogo. Era realmente delicioso! Agora tudo aquilo está aqui comigo. Qualquer um que crie bom kamma colhe bons resultados; qualquer um que crie mau kamma colhe maus resultados. É assim que é. As ações das pessoas sempre as encontram novamente. Não pense que uma vez que você tenha feito algo, é o final daquilo. Qualquer um que engane alguém vai terminar sendo obrigado a devolver o que tenha tomado.

Em 1969, aos cinquenta e um anos de idade, Luang Pó sofreu de um desconforto do coração que foi tratado pelo seu médico, Dr. Uthai. Alguns anos depois, no meio da década de 1970, seu corpo começou um rápido declínio que em pouco anos o transformou: a esbelta figura que era familiar aos seus discípulos mais antigos se transformando na corpulenta e prematuramente envelhecida figura pela qual ele é agora mais amplamente lembrado. Ele disse que ele não estava surpreso com esse desenvolvimento. Considerando a maneira descuidada como ele tratou

o seu corpo quando era mais jovem, ele estava surpreso que ele estivesse durando tanto quanto estava durando.

Foi na Inglaterra em 1977, durante a sua primeira viagem ao exterior, que os primeiros sintomas das doenças que o deixariam paralisado e trariam um fim precoce à sua carreira como professor apareceram primeiramente. Em seu retorno à Tailândia os episódios de tontura e desequilíbrio que o haviam afetado no exterior ficaram piores. Alguns dos sintomas clássicos de diabetes começaram a se manifestar. As solas dos seus pés começaram a ficar dormentes – ele dizia que era como caminhar em um colchão – e como resultado disso ele começou a usar uma bengala.

Embora houvesse preocupações de que outra viagem longa ao exterior pudesse ter efeitos deteriorantes em sua saúde, em 1979 Luang Pó concordou em visitar seus discípulos na Inglaterra e de lá viajar para os Estados Unidos. Ele chegou em Seattle exausto e passou os cinco primeiros dias descansando. Medicina chinesa e ginseng coreano, contudo, tiveram um efeito galvanizante. Depois de algum tempo, seus atendentes estavam achando difícil ser páreo para ele, e ele voltou para a Tailândia sem mostrar quaisquer efeitos óbvios de sua viagem.

De volta à Ubon mais uma vez, Luang Pó anunciou que passaria o Retiro de Chuvas no mosteiro em Bahn Kor onde ele tinha sido um noviço muito anos antes. Era um gesto de gratidão por tudo o que ele havia recebido lá. Com Luang Pó residindo ali, choveram doações, ele pôde coordenar a construção de um novo Salão de Dhamma e novas cabanas.

Era a primeira vez em vinte e cinco anos que Luang Pó não passava o período do Retiro de Chuvas em Wat Pah Pong. Mas ao residir a uma distância tão curta de lá ele deu ao seu delegado, Ajahn Liem, a oportunidade de liderar a Sangha durante o retiro enquanto ele se mantinha próximo o suficiente para oferecer conselhos caso a necessidade surgisse. Parece que ele já estava endereçando a necessidade de introduzir a Sangha a um período no qual ele já não estaria ali por eles.

Depois do retiro Luang Pó retornou para Wat Pah Pong onde sua condição lentamente deteriorou. Ele sentia uma constante e intensa dor na base de seu pescoço. Massagens quase não davam nenhum alívio. Sempre tendo tido um grande poder de recordar-se, agora ele tinha começado a

se esquecer dos nomes dos monges. Ele brincava que sua memória tinha decidido se aposentar. Não houve nenhum anúncio público, como quando os funcionários públicos se aposentavam de seus postos, ele dizia, ‘Existe apenas um sussurro em seu ouvido, estou indo embora.’

Períodos de tontura e desequilíbrio iam e vinham, surgiam e passavam. Tarde da noite, Luang Pó começou a sofrer de ataques de náuseas, às vezes acompanhados de vômitos. Ele perdeu seu apetite e muito de sua força. Por um curto período uma oferenda de ginseng de alta qualidade dado por um monge Zen coreano que o visitou teve um ótimo efeito. Durante uma reunião realizada para lidar com certas acusações contra um jovem noviço, ele falou por sete horas. Em algumas noites ele sentiria um repentino surgimento de energia e saía para caminhadas ao redor do mosteiro. Mas aquilo não duraria. Logo todos os sintomas de suas doenças reapareceriam.

SINAIS PREOCUPANTES

Em agosto de 1980 Luang Pó foi para Bangkok realizar um check-up diagnóstico dado por seus discípulos, os Doutores Suthep e Prapha Wongphaet, era de que Luang Pó estava sofrendo das seguintes condições:

1. Alto nível de açúcar no sangue (Diabetes mellitus).
2. Insuficiência cerebral, uma deficiência no fornecimento de sangue no lobo frontal de seu cérebro com evidência de um derrame anterior;
3. Episódios periódicos de insuficiência de fornecimento de sangue no coração (Isquemia coronária).
4. Dano crônico antigo nos brônquios pulmonares, levando à inabilidade de excretar mucos e secreções, frequentemente com uma tosse crônica e falta de ar (Bronquiectasis).
5. Degeração dos ossos da coluna no pescoço (Espondilose cervical).

Vários medicamentos foram prescritos para Luang Pó e ele retornou ao mosteiro onde ele insistiu em manter sua cansativa agenda. Os monges atendentes tentavam em vão restringir o tempo que Luang Pó passava recebendo seus visitantes pois ele não concordava que eles dispensassem pessoas que tinham viajado muitas horas para vê-lo. Ensinar o energizava.

Em uma ocasião, uma jovem inglesa veio lhe perguntar várias questões e foi como se ele quase tivesse voltado à sua antiga forma. Depois daquilo, ele disse que era como se cada uma das perguntas dela afiasse a faca de sua sabedoria. Depois que seus convidados partiam, contudo, ele estaria visivelmente exaurido.

Conforme as notícias de sua condição de saúde se espalharam mais e mais pessoas chegavam ao mosteiro com oferendas de ervas medicinais, quase sempre acompanhadas de testemunhos pessoais de sua eficácia. Luang Pó tentou usar várias delas, às vezes com o intuito meramente de ‘celebrar a fé’ do doador. Embora ele não cultivasse grandes esperanças com esses tratamentos, foi verdade que durante o verão de 1981 sua condição melhorou um pouco.

Mas então ela voltou a piorar. Por volta de Julho daquele ano a tontura, o desequilíbrio e a dor no pescoço se intensificaram. Em um encontro formal da Sangha, Luang Pó surpreendeu a comunidade ao anunciar que ele passaria o período do Retiro de Chuvas seguinte em Tam Séng Pet, seu mosteiro afiliado que ficava a uns 100 quilômetros ao norte de Ubon. Depois de vinte e cinco retiros consecutivos em Wat Pah Pong era a segunda vez em três anos que ele tinha escolhido passar o retiro em outro local. As razões que ele deu, quando perguntado, eram que o ar no topo da colina seria bom para sua saúde e que aquilo poderia lhe dar uma pequena folga de visitantes. Tam Séng Pet era também um lugar que ele gostava muito e talvez ele desejasse passar mais tempo ali enquanto ainda podia.

Mas embora Luang Pó tenha falado de Wat Tam Séng Pet como sendo um local de retiro em uma colina longe das multidões, ele estava na verdade a menos de duas horas de carro por uma boa rodovia. Inevitavelmente, conforme o período do retiro foi progredindo, as notícias sobre o paradeiro de Luang Pó tinham se espalhado. As pessoas não se intimidavam com a distância; ao contrário, a viagem proporcionava um belo passeio de um dia. O costume de que os abades de outros mosteiros afiliados levassem seus discípulos leigos para prestar reverências a Luang Pó e ouvir uma palestra do Dhamma durante o retiro continuaram normalmente. Luang Pó também manteve o seu costume de visitar mosteiros afiliados durante o Retiro de Chuvas. Nesse ano, ele parecia particularmente determinado

a estar certo de que seus discípulos mais antigos tinham entendido sua posição sobre certos assuntos do Vinaya.

À despeito de sua frágil saúde, Luang Pó continuou a dar ensinamentos durante os três meses em que ele residiu em Tam Séng Pet. Eles consistiram de alguns dos seus discursos gravados mais profundos e carinhosos. Sua doença ainda não tinha interferido com a simplicidade e a clareza do seu estilo de ensinar, e ele usava objetos à sua volta para atuarem como símiles e metáforas para pontos do Dhamma com o seu jeito entusiasmado e inimitável. Um macaco domesticado, que oferecido como presente e frequentemente guinchando ao alcance dos ouvidos em momentos inoportunos, fornecia terreno fértil para ‘refrões’ sobre a inquieta ‘mente de macaco’. E foi ali que ele deu um de seus mais famosos símiles ilustrando como a mente que tinha sido trazida para a tranquilidade da maneira correta não ficava estagnada mas mantinha o ímpeto para a sabedoria em si mesma, para ver as coisas à sua verdadeira luz:

É como água calma fluindo ...

Em uma ocasião alguém lhe perguntou - se ele estava tão doente como ele podia parecer tão radiante? Ele fez uma analogia com um carro: você não podia dizer o que estava debaixo do capô ao olhar para o chassi. Quando lhe fizeram uma pergunta semelhante depois, ele respondeu que a maioria das pessoas doentes sofriam não tanto pela doença em si mesma mas pelo desejo de melhorar e pelo medo de que isso não aconteceria. Quanto a ele, ele não estava preocupado quanto a melhorar ou não. Ele estava preparado para ambos desfechos e portanto não ficava preocupado ou deprimido.

Em outra ocasião, quando um visitante leigo lhe perguntou sobre sua saúde ele simplesmente respondeu:

Nesses dias eu não tenho me interessado muito nesse assunto.

Um senso da atmosfera em um fim de semana em Tam Séng Pet é bem ilustrado pelo relato de Mé Somjai sobre sua visita:

“Luang Pó andava bem devagar pela área rochosa entre o Salão do Dhamma e a cozinha em mendicância matinal. Assim que ele aparecia todo mundo se dirigia até ele para colocar comida em sua tigela. Aqueles que não tinham trazido nenhuma comida com eles ou tivessem se atrasado em prepará-la

em tempo para a mendicância matinal se ajoelhavam no chão, mãos em prece, expressando arrependimento de ter perdido a oportunidade. Ao menos eles teriam a chance de oferecer a sua comida no Salão do Dhamma na hora da refeição.

“Depois que Luang Pó tivesse tomado a sua refeição todos esperavam que ele viesse para fora e conversasse com os visitantes no Salão do Dhamma. Um grande número de pessoas já havia chegado e tinha um constante fluxo [de pessoas] indo e vindo durante todo o dia. De noite era um pouco melhor. A maioria das pessoas que tinham vindo durante o dia já tinham ido para casa. Eu ouvia Luang Pó dar ensinamentos desde o início da noite em diante. Ele não se sentava no Assento do Dhamma mas em seu assento comum na plataforma dos monges. Ele ensinava de uma maneira informal e relaxada e, de vez em quando, ele conversava com um ou outro de seus visitantes. Eu me lembro que em um momento ele falou sobre fazer da plena atenção algo contínuo, e para nos mostrar o que ele queria dizer ele levantava o bule e despejava a água, primeiro algumas gotas e depois uma corrente contínua. Esse era um dos símiles que ele mais gostava de utilizar em suas palestras.

“Quando chegava a hora dele descansar, o monge atendente o convidava a retornar para a sua cabana. Todos nós prendíamos a respiração pensando que ele iria nos abandonar. Parecia que ele tinha apenas começado a falar. Luang Pó sorria para o monge mas não se levantava e, depois de alguns momentos, continuava a ensinar por um pouco mais de tempo. O atendente polidamente repetia para Luang Pó que ele devia descansar agora e todos nós nos lamentávamos em voz alta – era como um pedido e um protesto ao mesmo tempo. Luang Pó sorria de novo e dizia para o monge atendente, ‘Eu vou lhes dar apenas um pouco mais’, e ele prosseguia até que realmente tivesse chegado a hora. Agora quando o monge o convidava, ele falava com uma voz bastante firme e pegava a bengala de Luang Pó. Ele ficava em pé ali com sua lanterna na mão para mostrar que estava pronto para levar Luang Pó de volta para sua cabana. O atendente se virava então para nós e dizia, ‘Já passou bastante da hora.’

“Luang Pó sorria mais uma vez, nos confortando como um pai e dizia, ‘Eles não vão me dar mais tempo. Eu suponho que tenho que ir.’ Era como se todo o Salão do Dhamma suspirasse com consternação. O tempo tinha

voador; parecia que o estávamos ouvindo por apenas uns poucos minutos. Eu ouvi uma palestra da boca de Luang Pó pela primeira vez e já tinha ficado completamente satisfeita, mas ainda assim eu queria ouvir mais.”

O monge com a lanterna nessa recordação era Ajahn Pabhakaro, um monge norte americano que era o atendente chefe de Luang Pó. Ele era um veterano da Guerra do Vietnã, tinha 1,90 m de altura, era fluente em tailandês e no dialeto de Issán. Com sua grande devoção a Luang Pó e sua atenção aos detalhes, ele cumpria essa difícil tarefa com grande competência. Incluída nessa profissão estava a ingrata tarefa de atuar como o ‘policial durão’.

Em um dado momento durante esse Retiro de Chuvas, o presidente do Conselho Privado da Realeza e um dos antigos discípulos de Luang Pó, o professor Sanya Dhammasak, foi prestar suas reverências. Falando sobre sua enfermidade, Luang Pó disse que estava pronto para abrir mão de seu corpo e não se preocupar por ele. O professor Sanya solicitou ferventemente que ele permanecesse no mundo por mais algum tempo pelo bem dos seres sencientes que sofriam. Ele fez essa solicitação duas vezes sem resposta. Mas na terceira solicitação, Luang Pó grunhiu seu consentimento.

PEDAÇO DE GELO

Um dia enquanto ensinava para um grupo de visitantes, Luang Pó disse:

Nesse Retiro de Chuvas eu não tenho muita energia. Eu não me sinto bem. Minha saúde não está tão boa. Então eu me esgueirei para passar o período do retiro aqui nesse topo de morro para aproveitar o ar puro. Quando meus discípulos e apoiadores leigos vem me visitar, eu não tenho sido capaz de retribuir completamente a fé deles [ensinando o Dhamma] pois a minha voz também está bastante fraca; minha força para falar está quase no fim. Na verdade, já é algo bom que ainda haja alguém sentado aqui para que vocês todos possam ver; no futuro, não haverá. Minha respiração vai parar e minha voz partirá de acordo com as causas e condições que governam o corpo. O Senhor Buda

chamou isso de *khayavayam*: o final, a degeneração das coisas condicionadas.

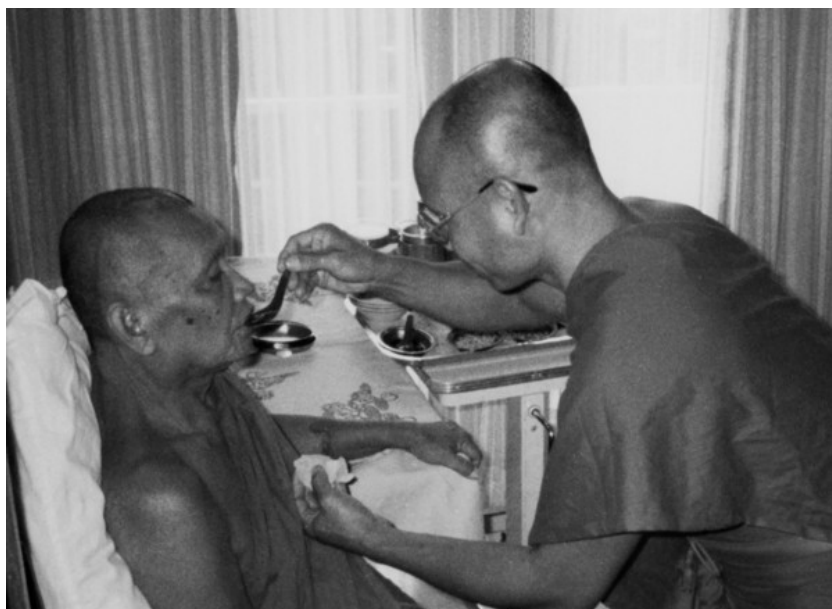
E como ocorre a degeneração? É como um bloco de gelo. Ele começa como água e então ele congela. Depois de algum tempo o bloco de gelo começa a se degenerar. Ponham um grande bloco de gelo debaixo do sol e vocês poderão ver o que acontece. É como a degeneração desse corpo. Ela ocorre pouco a pouco. Depois de muitos minutos, depois que muitas horas tenham passado o gelo terá ido embora, todo derretido em água. Isso se chama *khayavayam*: o final, a degeneração de todas as coisas condicionadas. Tem sempre sido assim desde que existe o mundo. Nós nascemos carregando a doença, a velhice e a morte dentro de nós.

Esse foi um tema constante durante todo aquele ano. Mais tarde várias pessoas recordavam dele dizendo que, no futuro, não seria mais capaz de falar.

Por volta do começo de outubro a condição de Luang Pó era motivo de grande preocupação. Em padrões alternados de dias bons e dias ruins que vinham ocorrendo nos meses anteriores, a relação entre bons e ruins estava em constante declínio. Sua consulta agendada com a equipe de médicos do Hospital Samrong em Bangkok foi adiada e em sua chegada lá ele realizou uma tomografia computadorizada, recém disponível na Tailândia. A tomografia revelou um acúmulo de fluídos retido no crânio de Luang Pó. Os médicos recomendaram um procedimento cirúrgico no qual seria implantado um dispositivo em seu crânio (*shunt*) com o intuito de drenar o fluido direto para o seu estômago através de um cateter.

Quando os médicos explicaram pela primeira vez a proposta para Luang Pó ele não teve uma boa impressão. Ele apontou com a cabeça para algumas frutas que tinham sido recém oferecidas e estavam sobre uma mesa próxima e brincou com um de seus atendentes, 'A única coisa que vai ser cortada aqui é aquela melancia.' Mas quando ele perguntou se seria possível curar aquela condição sem a intervenção cirúrgica os médicos foram contundentes. Eles disseram que o implante do dreno podia não ser uma cura completa – muito do tecido cerebral já tinha sofrido danos

irreparáveis – mas que era a única forma que eles viam de evitar que a degeneração prosseguisse. Sem o procedimento, Luang Pó poderia esperar que sua condição piorasse continuamente. A opinião de outros especialistas foi solicitada. Eles foram unânimes em concordar com o prognóstico. Depois de considerar, Luang Pó decidiu que a cirurgia deveria ocorrer. ‘Por que não?’ ele disse, ‘Tudo é um risco. Atravessar a rua é um risco.’ Ele tinha a esperança de que aquilo ao menos lhe permitiria fazer algo bom pelo *Sāsana* por mais algum tempo antes de morrer.



Tinha sido resolvido em Wat Pah Pong algum tempo antes disso que a Sangha deveria ser consultada antes que quaisquer decisões maiores fossem tomadas no que dizia respeito aos cuidados de saúde de Luang Pó. Pela primeira vez, Luang Pó ignorou o protocolo. Vários de seus discípulos seniores já estavam desconfortáveis a respeito da influência que eles percebiam que Ajahn Pabhakaro e a equipe de médicos de Bangkok estavam agora exercendo sobre Luang Pó - influência essa que era muito superestimada. Uma cirurgia na cabeça do professor (com todas as transgressões de tabus incluídos) teria criado discórdia com poucas possibilidades de que surgisse um consenso. Luang Pó decidiu que apresentaria o ‘fato consumado’ aos seus discípulos. No final das

contas, ele disse – e de maneira razoável – era a cabeça dele e de mais ninguém.

A cirurgia ocorreu no dia 30 de Outubro de 1981. Ao recobrar a consciência depois da cirurgia, Luang Pó recusou analgésicos para aliviar a dor. Ele disse que era a primeira vez que ele sofria uma cirurgia e ele queria ver como seria aquela dor. Na verdade ele tinha planejado resistir ao efeito da anestesia antes da cirurgia, mas ela ‘se esquivou e o apagou com um golpe’.

RESULTADOS DECEPCIONANTES

Alguns poucos quilômetros de distância do Hospital Samrong, nos subúrbios ao leste de Bangkok, ficava a casa de uma das apoiadoras leigas de Luang Pó, Khun Kesree Bulsuk. Ela tinha recém construído uma cabana de dois pavimentos no terreno de sua família para que Luang Pó utilizasse em suas viagens a Bangkok. Foi lá que Luang Pó e seus atendentes ficaram em seu primeiro período de convalescença. Enquanto ele estava residindo ali, uma das coisas estranhas que frequentemente ocorriam em sua presença aconteceu. Um arbusto de alfazema no jardim tinha parado de dar flores uns sete anos antes, depois da morte do filho de Khun Kesree. Agora, com a chegada de Luang Pó, o arbusto repentinamente tinha voltado à vida. Ele floresceu rapidamente, constantemente estendendo suas gavinhas em todas as direções. Depois de algum tempo a árvore estava coberta de grupos de flores até o seu topo.

No começo, os resultados da cirurgia foram animadores; mas no começo de Dezembro os velhos sintomas tinham começado a reaparecer. Luang Pó não tinha equilíbrio quando estava de pé, estava sensível ao barulho e fraco o suficiente ao ponto de ter que receber soro fisiológico. No final do ano, contudo, houve uma esperança de que essa recorrência de sintomas tivesse sido apenas algo temporário. A voz de Luang Pó ficou mais alta, e ele podia caminhar um pouco sem a bengala; ele comia melhor e descansava melhor. Ele conversava com as pessoas e deu bênçãos de Ano Novo. Durante as manhãs, à despeito de um pouco de desequilíbrio, ele tentava sair em mendicância matinal.

Em janeiro de 1982, Luang Pó aceitou o convite de um discípulo leigo, Dr. Gertchy, de convalescer em sua afastada cabana em uma praia, que ficava a uma hora de viagem de carro ao oeste de Bangkok. O ar fresco do mar parecia induzir a um estado de espírito mais otimista. Luang Pó se sentia mais forte e a diabetes estava sob controle. Ele estava aguardando ansiosamente para poder retornar para Wat Pah Pong e parecia que aquilo seria possível dali a algum tempo. Os atendentes ficaram felizes em saber que tinha sido construída uma cabana para ele naquela localidade, no meio de um lago artificial e acessível apenas por uma pequena ponte elevada. Tinham a esperança de que isso poderia conter o fluxo de visitantes de forma mais efetiva.

Nesse meio tempo, Luang Pó relaxou. Ele gostava de ouvir palestras do Dhamma em seu toca fitas. Ele foi levado para viagens curtas para visitar mosteiros e estupas próximas dali. Às vezes ele pediria que um de seus atendentes lesse a tradução em tailandês do mestre Zen, Huang Po que ele gostava tanto.

Esse período brilhante mostrou ser apenas um interlúdio. No começo de Março Luang Pó estava sofrendo com um frequente desequilíbrio e náuseas. Ele dizia que sentia que suas pernas fossem como geleia. Ele não conseguia dormir e não tinha apetite. Ele começou a falar sobre sua morte com mais frequência. Embora ele ainda tivesse alguns dias bons estava claro que, no geral, sua condição estava ficando constantemente pior. Luang Pó comeria não mais do que quatro ou cinco colheradas de comida por dia. Sua sensibilidade ao barulho aumentou assim como os períodos de visão embaçada; ele ficava facilmente desorientado. No dia 14 de Junho, três dias antes de seu aniversário de 65 anos, Luang Pó retornou a Ubon.

WAT PAH PONG: DE JUNHO A AGOSTO DE 1982

No dia dezessete de Junho um grande número de monges, monjas e leigos lotava completamente o Salão do Dhamma de Wat Pah Pong prontos para celebrar o retorno de Luang Pó ao mosteiro e o seu aniversário. Ele estava ausente por quase um ano e havia um entusiasmo no ar. Todos estavam ansiosos por vê-lo novamente, ávidos por prestar-lhe reverências e aguardando ansiosamente para ouvi-lo ensinar. Muitos daqueles que tinham sido críticos com respeito a sua cirurgia esperavam que, com Luang

Pó de volta ao lugar onde pertencia e fora do domínio dos doutores de Bangkok, ele logo recuperaria a sua saúde. Apenas uns poucos estavam cientes da verdadeira seriedade de sua condição.

Enfim, o veículo trazendo Luang Pó chegou à frente do Salão do Dhamma e ele foi auxiliado a sair dele. Contidos em frente a ele do lado de fora do Salão do Dhamma, praticantes leigos faziam enormes filas em cada lado do caminho que havia sido aberto. As mulheres colocaram seus xales brancos no chão para que ele caminhasse sobre eles. Luang Pó se movia com óbvia dificuldade para dentro do Salão do Dhamma, com um discípulo sênior de cada lado e o imponente Ajahn Pabhakaro atrás dele. Todos se prostraram em reverência conforme ele passava. Vários daqueles que davam uma discreta olhada de relance para Luang Pó ficavam visivelmente consternados.

Estava claro que não haveria nenhuma vibrante palestra do Dhamma. Depois que o tradicional ritual do 'Pedido de Perdão' tinha terminado, Luang Pó falou em um microfone com um fraco eco de sua voz normal. Em algumas poucas frases trabalhadas ele delegou suas responsabilidades como abade e preceptor e ele enfatizou a necessidade de harmonia e dedicação para a prática do Dhamma.

Mesmo essas poucas palavras o deixaram exausto. E então, sem expressar a felicidade por retornar para casa e sem dar um vislumbre do calor, do bom humor e da sabedoria que sua plateia tanto amava, ele finalizou o último discurso público de sua vida.

Desse ponto em diante o declínio da condição física de Luang Pó caminhou a passos largos. Ele tinha fortes dores de cabeça. O som de portas abrindo ou fechando era irritante para ele; a luz de uma lanterna ou de um flash de máquina fotográfica era dolorosa para seus olhos. Seu senso de equilíbrio ficou seriamente comprometido. Ele mal podia levantar um braço ou uma perna e começou a passar a maior parte do seu tempo em uma cadeira de rodas. O relógio biológico de seu corpo colapsou. Ele repentinamente decidiria que queria sair para um passeio de cadeira de rodas durante a hora mais quente do dia, ou acordava pedindo coisas no meio da noite. Talvez o mais estressante eram as mudanças de humor. Ele ficou teimoso e resistente enquanto anteriormente ele vinha sendo um

exemplo de paciência e auto controle. Ele falava muito menos e mantinha uma expressão tensa e cismada em seu rosto; quando ele falava, sua voz era quase imperceptível. Às vezes ele resmungava para si mesmo e ria; outras vezes, chorava. Em um intervalo mais lúcido, ele disse a um de seus atendentes em sua antiga e leve maneira:

Se eu começar a rir, não ria comigo. Não tem nada de engraçado [acontecendo]; é apenas a condição de meu cérebro. Eu não posso controlar isso. Apenas deixe que eu seja louco sozinho. Você não precisa ser louco como eu.

Um monge disse, ‘Nós entendíamos o que ele estava dizendo, mas não conseguíamos evitar. Quando ele ria, nós ríamos. Quando ele chorava, nós tínhamos lágrimas em nossos olhos.’

Era difícil para os monges verem seu professor assim tão reduzido. Alguns poucos admitiram de maneira privada que se ele tivesse sido afligido por uma doença puramente física, teria sido mais fácil para eles suportarem. Ao menos assim, o Luang Pó que eles amavam e reverenciavam não estaria ali se dissolvendo diante de seus olhos. Alguns se tornaram reféns da dúvida: será que isso poderia estar acontecendo a um ser verdadeiramente iluminado? Os monges mais reflexivos perceberam que o que lhes estava sendo empurrado da forma mais profundamente perturbadora era a verdade de *anattā*.

É relativamente fácil aceitar a ideia do corpo como não sendo o ‘eu’, mesmo por aqueles que não meditam. As mudanças que ocorrem no corpo durante um dia, através das semanas, meses e anos e culminando na morte, oferecem uma prova persuasiva do processo natural que carece de algum agente que o controle (Luang Pó frequentemente dizia, ‘Se o corpo é realmente seu, você pode dizer para ele que ele não envelheça?’). Contudo, o ensinamento de que a personalidade tampouco é um ‘eu’ é profundamente contra intuitivo. A crença de uma entidade individual, uma ‘pessoa’ – revelada mais essencialmente na ‘personalidade’ – é a base sólida da psicologia e da cultura humana. Apenas o mais habilidoso dos meditadores pode penetrar nas suposições falsas e não examinadas nas quais isso é baseado. Os monges ao redor de Luang Pó eram familiarizados com o ensinamento de *anattā* e tinham níveis variados de insight sobre

isso, mas para a maioria deles o que estava acontecendo com ele agora era estressante de maneira única.

Médicos de Bangkok voaram para lá para examinar Luang Pó suspeitando que houvesse um tumor no cérebro. Eles aconselharam mais uma tomografia computadorizada em Bangkok e os monges foram informados de que a Rainha tinha oferecido financiar todo o tratamento médico futuro. A Sangha, que agora tinha assumido a posição de tomar as decisões sobre o assunto, convocou uma reunião. Foi reportado que Luang Pó tinha recentemente suspirado, ‘Chega de médicos. Já deu.’ Mas a dificuldade de recusar a bondosa oferta vinda da família real somada com a esperança de que Luang Pó ainda pudesse talvez se recuperar levaram a Sangha a colocar-se a favor de aceitar a oferta.

Na noite de 7 de Agosto a dor do lado esquerdo de sua cabeça tinha ficado tão intensa que Luang Pó era completamente incapaz de descansar. No dia 9 de Agosto ele foi levado em um voo da Thai Airways para Bangkok, onde ele foi internado no Hospital Chulalongkorn. Ajahn Anek foi um dos monges que o acompanharam no voo.

“Luang Pó disse que ele tinha concordado em ir ao hospital novamente para fazer seus discípulos felizes. Não seria certo para ele ser um motivo de preocupação para tantas pessoas. Mas ele não iria melhorar; a enfermidade era resultado de um kamma antigo.

“Luang Pó repetia que, para ele, tudo já havia chegado ao fim. Em seu coração já não havia mais nada.”

Está por conta de meus discípulos o que eles querem fazer para cuidar desse corpo. Para mim, não faz diferença.

HOSPITAL CHULALONGKORN AGOSTO DE 1982 JANEIRO DE 1983

As condições que aguardavam os monges no hospital não poderiam ter sido melhores. Luang Pó foi colocado na suíte VIP que incluía uma sala na qual ele poderia receber visitas e um quarto para seus atendentes. Uma equipe de seis dos melhores neurologistas do país estava disponível e eles conduziram todos os testes possíveis que a tecnologia daquela época permitia. Eles concluíram dos testes que não havia nenhum tumor;

apenas uma rápida evolução do estágio seguinte das doenças que eles já haviam diagnosticado: diabetes, atrofia cerebral seguida de arteriosclerose e necrose múltipla do tecido cerebral. A condição cerebral de Luang Pó, pronunciaram os neurologistas seniores, era como a de uma pessoa de noventa anos de idade. Prescreveram um coquetel de medicamentos para sua condição cerebral, insulina, uma dieta especial para sua diabetes e fisioterapia diária.

As mãos de Luang Pó não tinham força. Ele estava quieto e retirado, às vezes pegando algo pequeno que estivesse perto e colocando de volta no lugar, de forma repetida. Os medicamentos ajudaram um pouco. Seu apetite melhorou assim como os seus índices sanguíneos. Mas novos e preocupantes sintomas se desenvolveram: se lhe perguntavam algo, sua intenção de dizer ‘sim’ surgiria como um ‘não’, e vice-versa. Uma vez quando lhe perguntaram se ele queria urinar ele disse que não e assim que retiraram o receptáculo, ele começou a urinar. Por um breve segundo ou dois, aquilo foi engraçado.

Todos os dias os monges atendentes colocavam Luang Pó em sua cadeira de rodas e o levavam para dar uma volta em uma parte sombreada do terreno do hospital. Em uma ocasião uma mulher que avistou Luang Pó ajoelhou-se rapidamente para prostrar-se para ele, dizendo para seu filho pequeno fazer o mesmo. O garoto ignorou sua mãe. Plantado no lugar onde estava, ele encarava sem piscar ao velho monge na cadeira de rodas. Com uma grande força de vontade, Luang Pó inclinou seu corpo e estendeu o braço direito vagarosamente na direção do garoto em um gesto de bênção e bondade amorosa. O garoto se moveu em sua direção como resposta e, de mãos em prece, inclinou sua cabeça para a mão estendida de Luang Pó.

Tais momentos tocantes estavam se tornando cada vez mais raros. Em Outubro, Luang Pó começou a recusar a comida que lhe estava sendo oferecida de colher, cerrando suas mandíbulas com força e balançando os braços. Ninguém podia estar seguro se ele genuinamente não queria comer ou se esse comportamento era apenas outro sintoma da doença. Os atendentes tentavam convencê-lo, persuadi-lo, até mesmo imploravam para que ele comesse. Para todos os envolvidos, aqueles foram dias péssimos.

No começo de Dezembro Ajahn Liem disse a Luang Pó que suas falas já não faziam mais sentido e o convidou a ficar em silêncio se assim desejasse. Luang Pó parecia estar ouvindo atentamente. Ele nunca mais falou*.

Dois dias depois desse convite, Luang Pó teve um derrame. Violentas convulsões retiraram toda a força do lado esquerdo do seu corpo. Ele ficou com o aspecto dos restos de um homem, à beira da morte. Os monges determinaram que se Luang Pó estava prestes a viver seus últimos dias, isso deveria acontecer no mosteiro e não no hospital.

Os médicos estavam relutantes em dispensar seu paciente, mas quando a Rainha foi informada da condição dele e do seu desejo já anteriormente conhecido de passar os últimos dias de sua vida em Wat Pah Pong, ela resolveu o assunto. Um avião da Força Aérea foi disponibilizado para levá-lo de volta a Ubon. Quando Ajahn Liem informou Luang Pó, ‘ele abriu seus olhos e olhou em volta, o que naquela época era a sua forma de demonstrar que ele estava satisfeito.’

WAT PAH PONG: OS ANOS EM SILÊNCIO

Ajahn Liem não estava convencido de que aquilo era necessariamente o fim. Luang Pó ainda tinha ‘apenas sessenta e cinco anos de idade’. Ele acreditava que a maioria dos órgãos vitais de Luang Pó estavam funcionando normalmente e não haveria razão pela qual, caso ele fosse bem cuidado, que não pudesse viver por anos ao invés de meses ou dias. ‘Mais do que alguns de nós’, ele brincou com outro dos monges seniores. E ele estava certo.

Em seu retorno a Wat Pah Pong, Luang Pó foi convidado a residir em um pequeno edifício recém construído em um espaço aberto na ala norte do mosteiro. A ‘Cabana Enfermaria’, como veio a ser conhecida, era um bangalô feito de alvenaria no estilo moderno ocidental. Ela tinha dois compartimentos principais: um que foi projetado e equipado como uma unidade de terapia intensiva de um hospital particular; o outro

*Joseph Kappel, ex-Ajahn Pabhakaro, reporta uma ocasião quando Luang Pó proferiu uma última palavra. Ao retornar para Wat Pah Pong em Janeiro de 1983, ele perguntou para Luang Pó se ele queria dar um passeio na área em volta de sua nova cabana em sua cadeira de rodas, e Luang Pó respondeu ‘Sim’ (literalmente: ‘ໄປ’ – ‘Vai!’).

foi deixado sem mobília, para uso dos atendentes. Paredes de tijolos construídas de forma angular a partir da metade de cada lado da cabana separavam os domínios público e privado. Portas nas paredes permitiam que os atendentes deixassem visitantes entrarem em horários combinados, quando as cortinas do quarto de Luang Pó eram abertas.



Todos os dias pessoas viriam para ao menos olhar para Luang Pó deitado em sua cama e se prostrarem para ele através da janela. Nas noites, quando o clima permitia, atendentes levariam Luang Pó para fora na cadeira de rodas. Os visitantes se juntariam na grama atrás da cabana para prestarem suas reverências. A Cabana Enfermaria logo se tornou um local de peregrinação para pessoas de todos os cantos do país. Uma vez por semana a Sangha de Wat Pah Nanachat iria para recitar uma seleção de versos em Pali que Luang Pó mais admirava. O principal deles era o cântico *Vipassanābhūmi* que lista as bases para o insight.

Uma agenda de cuidados médicos foi estabelecida em blocos de quinze dias cada (seguindo o calendário monástico lunar) divididos em trinta turnos de doze horas. Um fluxo contínuo de monges chegava de mosteiros afiliados se voluntariando para servir. Cada turno contava com quatro monges e um

noviço, sendo que o turno noturno era suplementado com um enfermeiro cedido pelo Hospital Geral de Ubon. Um médico local, que era discípulo de Luang Pó, conduzia os exames diários. Tinha sido concordado que nunca deveria haver menos do que dois monges no quarto com Luang Pó em qualquer momento, fosse noite ou dia.

Na época em que Luang Pó retornou a Wat Pah Pong, seus dois discípulos chefes, Ajahn Pabhakaro e Ajahn Boonloet, tinham absorvido uma grande quantidade de conhecimento sobre enfermagem geriátrica. Eles começaram a passar para os novos voluntários o que eles já haviam aprendido. Os dois monges eram intimidadores de formas diferentes: o norte americano Ajahn Pabhakaro por sua imponente presença física e a facilidade com a qual ele poderia voltar à sua antiga característica de oficial do exército caso a situação demandasse; Ajahn Boonloet, um tailandês de descendência chinesa, por sua forma direta e pouco comum de se dirigir às pessoas e sua pouca paciência para com a ‘estupidez’ alheia. Para esse trabalho em particular, eles serviam perfeitamente.

Cada turno de enfermagem era selecionado para incluir uma mescla de integrantes experientes com outros destreinados. Monges aprendiam como levantar e virar Luang Pó, como carregá-lo até o banheiro, como arrumar a cama, como tomar quaisquer medidas que fossem importantes e tomar notas. Eles aprenderam sobre nutrição, fisioterapia e outras coisas. Embora os monges fossem novatos para com essas coisas, eles eram altamente motivados – cuidar de Luang Pó era considerado uma grande honra – e a disciplina do Vinaya já os havia deixado acostumados a adotar procedimentos extremamente precisos e detalhados para se relacionarem com o mundo físico. Infecções eram o maior perigo, particularmente no trato respiratório. As rotinas de limpar e esterilizar os equipamentos adquiriram um tom quase religioso. Depois de alguns anos, quando os médicos recomendaram utilizar uma sonda nasal para sua alimentação, os monges atendentes a experimentaram um no outro antes de usá-la com Luang Pó.

Embora Luang Pó estivesse em silêncio e praticamente não respondesse a nada, ele foi tratado com o mesmo respeito que sempre lhe havia sido dado. Os atendentes mantinham estritamente as formas costumeiras de dirigir-se a ele, prevenindo assim quaisquer lapsos de falta de cuidado ou

comportamento exageradamente familiar. Eles se prostravam para ele quando entravam ou saíam do quarto. Antes de tocarem em seu corpo por qualquer razão eles colocavam suas mãos em prece e lhe pediam permissão. Eles falavam em voz baixa em sua presença e apenas sobre assuntos necessários. Frequentemente, em um canto do quarto, um monge atendente com tempo livre se sentaria silenciosamente em meditação.

Nos primeiros anos, Luang Pó ocasionalmente demonstrava algum interesse no mundo externo, como no dia 26 de Fevereiro de 1983, quando a Rainha foi a convidada de honra para a cerimônia de consagração do Salão de Uposatha. Enquanto ela visitava Luang Pó na Cabana Enfermaria os atendentes perceberam que Luang Pó estava fazendo um grande esforço em manter sua postura sentada e permanecer alerta.

Em seu retorno a Bangkok, a Rainha organizou para que Luang Pó recebesse o tratamento regular de um massagista altamente qualificado que ela tinha à sua disposição. Inicialmente, as massagens surtiram algumas pequenas melhorias mas essas eram anuladas por convulsões subsequentes e terminaram por serem descontinuadas depois de três anos. No final de 1984, as convulsões mais violentas até então fizeram com que Luang Pó fosse passar alguns dias em um quarto de UTI reservado para ele no Hospital Geral de Ubon, onde ele também foi tratado de pneumonia.

A crise mais grave veio em março de 1987. Luang Pó, sofrendo de severas dificuldades em respirar foi levado às pressas para o hospital de Ubon onde ficou claro que, sem que houvesse uma intervenção drástica, ele não iria sobreviver. Os médicos aconselharam uma traqueotomia. Esse foi o primeiro teste mais sério sobre o quão longe os anciãos da Sangha estavam dispostos a prolongar a vida de Luang Pó. Muitos monges já se opunham há muito tempo a qualquer coisa que eles acreditassem não serem ‘tratamentos naturais’. Procedimentos invasivos sempre haviam sido considerados um passo muito grande.

Uma reunião de emergência presidida pelo governador de Ubon teve a participação de monges seniores e médicos. Os médicos explicaram sua posição de forma apaixonada. Eles asseguraram aos monges que o processo era rápido, seguro e reversível. Mais importante que isso, não havia outra alternativa. A lógica estava do lado deles e os monges estavam

despedaçados. Quaisquer que fossem seus pontos de vista sobre a morte natural, a visão de Luang Pó lutando por cada respiração e se afogando em seu catarro era difícil para eles suportarem. Um ponto alto ocorreu quando eles foram informados de que a Rainha lhes havia solicitado que dessem permissão. A cirurgia foi realizada no mesmo dia. Em menos de uma semana, Luang Pó havia se recuperado suficientemente para retornar para Wat Pah Pong.

No período seguinte à traqueotomia, Luang Pó demonstrou novamente resistência a se alimentar. Um inquieto Ajahn Liem lhe pediu formalmente por seu perdão caso eles tivessem tomado a decisão errada e lhe implorou que se alimentasse. Luang Pó consentiu.

Pelos cinco anos seguintes a história de Luang Pó foi de um inexorável declínio. Cada período de relativa estabilidade era brutalmente truncado por crises que, depois de terem passado, deixavam seu corpo funcionando em um nível cada vez mais reduzido. Ele foi hospitalizado várias vezes em ocasiões seguintes com pneumonia.

Um senso da atmosfera na Cabana Enfermaria durante essa época foi relatado por Ajahn Anando, o abade norte americano do mosteiro de floresta Cittaviveka na Inglaterra. No final de 1988 ele retornou para a Tailândia para visitar seu antigo mosteiro e oferecer seus serviços ao seu professor.

“Eu gosto muito do período de manhã cedo, pois você pode passar um tempo sozinho com Luang Pó. Das 2:00 às 5:00 da manhã é o período quando ele parece estar dormindo mais pacificamente. Logo, um período mais movimentado segue. Dependendo do dia da semana em que estamos, nós devemos limpar uma parte do quarto de forma silenciosa e preparar as coisas para levá-lo para tomar banho e fazer exercícios às 5:30 da tarde. Depois disso, caso o clima e sua força permitissem, nós o colocávamos na cadeira – uma que foi enviada da Inglaterra com o dinheiro oferecido pelas pessoas no Ocidente. Era realmente uma super cadeira, fazia de tudo exceto guardar-se sozinha de noite!

“Existe um senso de grande respeito e afeição que segue os cuidados médicos. Embora ele esteja preso à cama por quase seis anos, ele não tem feridas por conta disso; médicos e enfermeiros que o visitam ficam

bastante impressionados pela boa condição de sua pele. Os monges que estão tomando conta dele nunca comem nada, tomam nada ou dormem no quarto. Existe muito pouca conversa; geralmente apenas se fala sobre o que deve ser feito naquele momento para cuidar dele. Se você fala, é de uma forma bastante comedida. Assim, não se trata apenas de um quarto onde nós cuidamos dele, é na verdade um templo.”

Em 1990, Luang Pó sofreu uma falha cardíaca devido à artérias entupidas e mais uma vez ele sobreviveu. Mas o tempo finalmente estava chegando ao fim no começo de 1992. Os rins de Luang Pó começaram a parar de funcionar e os órgãos essenciais que dependiam deles inevitavelmente falharam na sequência. De manhã cedo no dia 16 de Janeiro, Luang Pó, Prá Bodhinyana Thera, o monge conhecido em todo o mundo Budista Theravada como Ajahn Chah, faleceu.

II. MAIS SOBRE ISSO

REFLEXÕES

Em fevereiro de 1941 o *arahant* de 82 anos de idade, Luang Pu Sao, professor e companheiro de Luang Pu Man, chegou de barco em um pequeno templo à beira de um rio em Champasak, sudeste do Laos. Ele tinha ficado doente algum tempo antes de partir da Tailândia. Agora em seu caminho de volta à Tailândia depois de uma viagem exaustiva, ele tinha passado a longa viagem rio acima deitado com seus olhos fechados, aparentemente inconsciente e claramente à beira da morte. Assim que o barco chegou ao porto ele abriu os olhos e perguntou, ‘Já chegamos? Levem-me ao Salão de Uposatha.’ Seus discípulos o auxiliaram no caminho, o carregaram em uma parte dele, até o edifício. Uma vez do lado de dentro ele de alguma forma conseguiu se colocar em uma posição sentada e pediu para que seu manto externo fosse colocado dobrado sobre seu ombro esquerdo. Ele começou a meditar. Depois que alguns poucos minutos passaram, ele saiu da posição de pernas cruzadas com o intuito de se prostrar três vezes para a grande estátua do Buda em frente a ele. Depois de um tempo seus discípulos perceberam que ele não estava mais se movendo. Eles correram em sua direção, checaram a sua respiração com um pequeno espelho e não havia sinais. Luang Pu Sao faleceu enquanto se prostrava diante do Buda.

Para um budista, a morte de Luang Pu Sao é profundamente inspiradora. Muitos *arahants*, desde a época do Buda em diante, deixaram o mundo em elevadas formas similares; alguns, como o Venerável Ānanda, deixando sua partida ainda mais graciosa com a demonstração de poderes paranormais. Mas isso nunca foi a norma. Na verdade, o Venerável Mahā Moggallāna, um dos principais discípulos do Buda, morreu nas mãos de um grupo de bandidos, ‘que partiram seus ossos até que eles fossem tão pequenos quanto grãos de arroz’. Na era moderna dois dos discípulos mais reverenciados de Luang Pu Man morreram em um acidente de avião e, alguns anos depois, outro encontrou seu fim em um acidente de carro. Incontáveis outros morreram devido a dolorosas enfermidades.

Esses exemplos deixam claro que iluminação não garante uma proteção automática de prolongadas doenças ou de uma morte violenta. Em sua vida final, *arahants* devem trabalhar em cima de quaisquer karmas não resolvidos em vidas passadas. Isso foi verdade mesmo para o próprio Buda. Ele associava uma lesão que ele tinha, quando uma grande pedra foi jogada nele do alto de uma montanha por seu malvado primo, a um kamma antigo. Acerca dos fatores físicos mais mensuráveis que levaram aos últimos anos de enfermidade de Luang Pó, seus discípulos sempre consideravam o kamma como sendo o culpado no comando. Ele mesmo, como mencionado anteriormente, via isso da mesma forma.

A questão não resolvida, colocada em evidência pelo desenvolvimento de novas tecnologias médicas, é o quão longe os cuidados médicos dados para alguém que seja considerado um *arahant* devem ser levados. Quão longe, em outras palavras, dever-se-ia permitir a intervenção médica fazer parte do trabalho que um *arahant* deve realizar com seu próprio kamma? Muitos discípulos de Luang Pó, principalmente aqueles da geração que podia recordar-se de sua oposição inicial aos tratamentos médicos modernos estavam desconfortáveis com relação à extensão do tratamento médico que ele tinha recebido. Seus pontos de vista foram resumidos por Luang Ta Maha Bua, o grande discípulo de Luang Pu Man, em sua costumeira forma inflamada:

“Eu e Ajahn Chah, nós nos conhecíamos bem, nós nos respeitávamos muito e eu não quero ouvir que ele está sendo aprisionado e enganchado em um monte de cabos ... Fazer isso com um monge de sua estatura

é completamente inapropriado. Escutem o que eu estou dizendo: é completamente inapropriado ... para colocar de forma simples, vocês o estão asfixiando completamente com o mundo. O Dhamma em seu coração é brilhante, radiante, imensurável e não é capaz de se manifestar. Não há nada que não sejam coisas mundanas amarrando ele. Me parece repulsivo. Se ele diz que não consegue mais seguir, então deixem seu corpo seguir de acordo. Essa é a minha opinião.”

Mas os desejos do próprio Luang Pó sobre esse assunto eram ambíguos. Ele disse coisas diferentes em ocasiões diferentes e em contextos diferentes. O período em que sua condição cerebral o fazia dizer exatamente o contrário do que ele queria dizer ficou na mente de todos e complicou ainda mais as coisas. Depois que ele parou de falar, era difícil para qualquer um ter certeza sobre as suas intenções. Houve períodos em que ele não queria se alimentar e fazia tudo o que estivesse ao seu limitado alcance para evitar aquilo. Para alguns dos discípulos de Luang Pó, aquilo era uma indicação clara de que ele não queria seguir vivendo no estado em que estava e queria ser deixado para morrer em paz. Para outros, era apenas um mero sintoma de sua enfermidade. Eles apontavam que quando perseveravam ou imploravam para que Luang Pó cooperasse, ele invariavelmente concedia. Para esse argumento podia vir a retrucada, ‘É claro que ele o fazia. Que outra chance ele tinha?’ E por aí vai. A única coisa que estava indiscutivelmente clara: todos os discípulos de Luang Pó estavam unidos pelo mesmo desejo de fazer a coisa certa. Só que nem sempre era fácil determinar o que era o certo a fazer.

Quanto aos médicos, eles consideravam ser tanto seu dever legal quanto ético oferecer todos os tratamentos disponíveis. Falhar nisso faria com que eles fossem considerados criminalmente negligentes. Além disso, o kamma que deveria ser imputado a eles por deixarem um *arahant* morrer desnecessariamente era um prospecto realmente assustador. Em um nível mais mundano, os médicos estavam cientes de que quaisquer erros que eles pudessem cometer nos cuidados dados a uma figura tão amada universalmente poderiam ser um baque avassalador em suas reputações profissionais. Também tiveram um peso consideravelmente grande os desejos da Rainha. Ela era a favor de que se buscasse qualquer caminho disponível para estender a vida de Luang Pó.

Talvez o testemunho que pudesse falar mais alto era o do Ajahn Liem, o herdeiro do Dhamma de Luang Pó em Wat Pah Pong. Ele era categórico acerca de que Luang Pó podia entendê-lo durante aqueles tempos de doença e usava seus olhos para indicar se concordava ou discordava. Ele disse no Hospital Chulalongkorn, 'Luang Pó não tinha nenhum desejo de seguir vivendo, mas não conseguimos deixá-lo partir.'

OUTRA DIMENSÃO

Qualquer que tenha sido o caso, a maioria dos discípulos de Luang Pó tomou como refúgio a crença de que ele tinha terminado seu trabalho e estava para além de todo o sofrimento mental. Eles aprenderam a ver o decaimento de seu corpo físico como talvez o maior professor sobre as verdades da velhice, doença e morte. Mesmo em silêncio e preso à uma cama, Luang Pó dava a eles um profundo ensinamento sobre a impermanência, o sofrimento e o 'não-eu'. E a condição física de Luang Pó não era a estória toda de modo algum. Enquanto seu corpo podia ser visto e usado como objeto de reflexão por qualquer um que tivesse um bom par de olhos, o estado de sua mente permanecia invisível para todos que não fossem grandes e habilidosos meditadores. Mas de vez em quando, eventos pouco comuns aconteciam e relembravam a todos de que Luang Pó não era um paciente comum.

Uma das primeiras dessas ocasiões ocorreu quando, logo antes do dia da visita da Rainha em 1983, um grupo de quatro homens do exército chegou ao mosteiro. Os monges os observavam sem achar muito engraçado enquanto eles buscavam por armas escondidas e minas terrestres. Um soldado carregava um grande rádio em suas costas e checava links de comunicação de rádio em cada setor do mosteiro. Ao chegarem na Cabana Enfermaria, os atendentes pediram para que os soldados tirassem suas botas. Os soldados os ignoraram e conduziram sua busca demonstrando pouco respeito mesmo pelo velho mestre que se encontrava doente na parte de dentro. Uma vez do lado de fora, o operador do rádio tentou fazer contato com o quartel general. Ele ficou surpreso ao perceber que o rádio não estava funcionando. Os soldados caminharam então de volta ao portão e, conforme fizeram isso, o rádio começou a funcionar de novo. Contudo, ao retornarem para a Cabana Enfermaria, ele parou de funcionar de novo.

Os confusos soldados perguntaram aos monges atendentes se havia algum campo magnético em volta da cabana. Os monges disseram que achavam que não.

Os soldados começaram a ficar ansiosos. Se eles não fizessem o contato de rádio com o quartel general desde aquelas coordenadas nos próximos minutos eles estariam encrocados. Um dos atendentes ofereceu uma sugestão, dizendo que a forma abrupta com a qual eles entraram na cabana antes tinha parecido bastante rude e desrespeitosa. Eles deveriam retirar as botas, prostrar-se para Luang Pó e pedir o seu perdão. Com alguma relutância, os soldados concordaram. No mesmo momento em que suas cabeças tocaram no chão o rádio fez um barulho alto e voltou a funcionar. Pálidos, os soldados pedirão perdão com um sentimento genuíno.

Outro evento, testemunhado por Ajahn Nyanadhammo, ocorreu durante a crise de 1987.

“Luang Pó estava na UTI do Hospital de Ubon e parecia que estava prestes a morrer. Ajahn Liem já estava preparando as coisas para o funeral. Luang Pó estava respirando artificialmente e estava deitado ali bastante imóvel. Os médicos checaram o fornecimento de oxigênio e não conseguiram encontrar nenhuma respiração que pudesse ser medida. Eles retiraram o respirador, checaram a sonda pensando que pudesse haver algo de errado com ela. Eles a testaram em outro paciente e ela estava funcionando normalmente. Mas quando eles a colocavam de volta em Luang Pó, seguiam sem encontrar qualquer respiração. Eles começaram a se preocupar que tivesse ocorrido morte cerebral. Eles retiraram uma amostra de sangue e ficaram surpresos ao perceber que o nível de oxigênio estava completamente normal. Eles disseram para Ajahn Liem, ‘Isso não faz sentido. Ele não está respirando, não tem pulso, e ainda assim o nível de oxigênio em seu cérebro é normal.’ Ajahn Liem respondeu, ‘Ele entrou em jhāna.’”

Contudo, mais tocante para os monges atendentes foram as palavras de um grande contemporâneo de Luang Pó quando o visitou na Cabana Enfermaria. Em uma ocasião, Ajahn Phut, o mais conhecido discípulo vivo de Luang Pu Sao, pediu um pouco de privacidade para meditar ao lado de Luang Pó. Ao sair do quarto, ele disse aos monges que estavam presentes:

“A mente de Luang Pó é como a lua cheia. Está muito radiante. Sua mente está pacífica e tranquila em todos os momentos. Quando alguém lhe oferece comida ou lhe dá assistência, ele está ciente em todos os momentos. Ele sabe de tudo o que está acontecendo.”

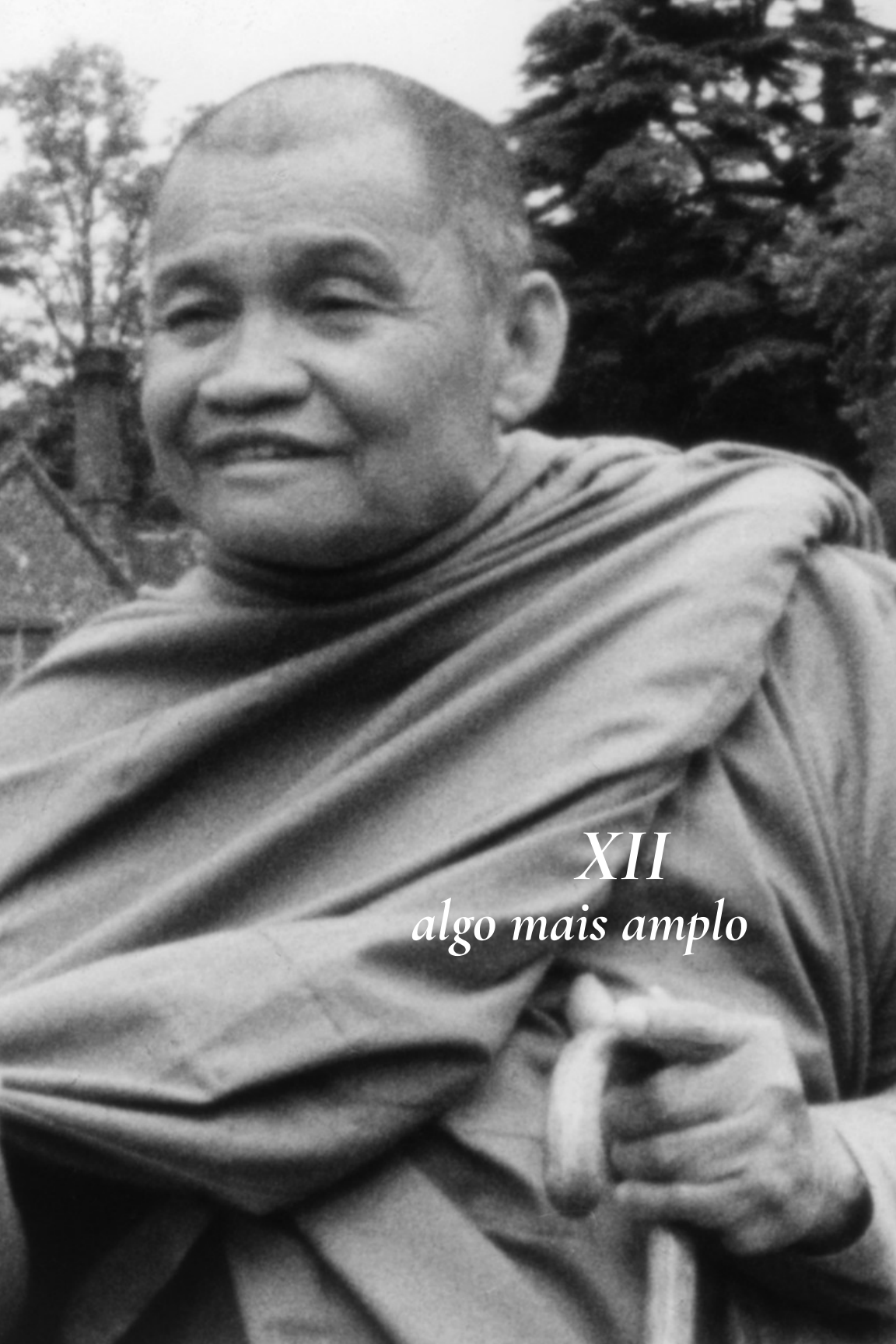
O LADO BOM

Que a morte de Luang Pó tenha sido precedida por uma longa doença não poderia, de forma alguma, ser algo considerado como uma bênção disfarçada. Contudo, ela levou a vários benefícios de longo prazo para a Sangha de Wat Pah Pong. Primeiramente aquilo forneceu um longo período no qual a Sangha pôde aprender sobre como se adaptar à vida sem ele como um líder mas permanecendo como uma figura chefe que os unia. Ao invés de se desintegrar, a Sangha cresceu – um desenvolvimento sem precedentes para um mosteiro de floresta que perdeu seu professor. Durante o período de doença de Luang Pó o número de mosteiros afiliados cresceu para quase cem.

Em segundo lugar, o enorme comprometimento de longo prazo necessário para manter a qualidade do cuidado médico a Luang Pó também uniu a Sangha. Amizades foram estabelecidas entre monges de diferentes mosteiros que compartilhavam de turnos de enfermaria e essas amizades passaram no teste do tempo. Essa complexa rede de relacionamentos que se desenvolveram depois incrementou a harmonia e o senso de irmandade pelos quais a Sangha de Wat Pah Pong já era reconhecida.

Os monges que serviram a Luang Pó se beneficiaram da oportunidade de expressar sua gratidão e devoção a ele, assim como as *mé chis* que preparavam a sua dieta especial diariamente. Os atendentes aprenderam técnicas de enfermagem geriátrica que lhes seriam de grande uso nos anos seguintes, já que mais e mais dos discípulos seniores entraram na terceira idade. O enorme número de visitantes através dos anos ganhou um inestimável bom kamma por poder prestar reverências a um ser nobre. Todos esses benefícios foram, sem dúvida, considerados coisas muito boas. E ainda assim, para muitos, eles não podiam ocultar a nuvem de lamentação que a vida de Luang Pó, treinando e ensinando aos seus discípulos tinha que ter chegado ao final de forma tão precoce aos sessenta e quatro anos de idade.





XII
algo mais amplo

Ao ouvir os Ensinamentos, os sábios se tornam perfeitamente purificados – como um lago profundo, claro e pacífico.

Dhp 82

Algo Mais Amplo

Luang Pó no Ocidente – 1977 & 1979

I. TERRA DE DENTRO – TERRA DE FORA

Em 1976 Ajahn Sumedho retornou para a Califórnia com o intuito de visitar os seus pais. Em seu voo de volta à Tailândia ele fez uma parada em Londres por alguns dias como convidado do English Sangha Trust (E.S.T.), uma organização criada para estabelecer uma Sangha Theravada na Inglaterra. Pela duração de sua visita Ajahn Sumedho ficou no Hampstead Vihāra, um pequeno edifício de quatro andares que pertencia ao grupo na movimentada Haverstock Hill Road, mais ou menos dois quilômetros ao sul de Hampstead Heath. O E.S.T. sofreu anos de frustração e desapontamento em seus esforços de promover uma Sangha própria, nativa. Eles viram em Ajahn Sumedho alguém que poderia finalmente tornar os seus sonhos em uma realidade.

Os pensamentos de Ajahn Sumedho já estavam inclinando-se ao ocidente e ele ficou impressionado com a dedicação dos membros do grupo. Logo depois do retorno de Ajahn Sumedho a Ubon, George Sharp, o presidente do E.S.T., viajou para a Tailândia com o intuito de solicitar a Luang Pó Chah a permissão para que Ajahn Sumedho estabelecesse um mosteiro afiliado a Wat Pah Pong na Inglaterra. A sua chegada foi recebida não com um tapete vermelho, mas com uma esteira áspera. Luang Pó ainda estava fora em uma viagem e tinha dado instruções para Ajahn Liem, seu delegado, que pusesse George Sharp para dormir no chão nos fundos do Salão do

Dhamma, que comesse apenas uma refeição ao dia de uma tigela esmaltada e que se juntasse à vida do mosteiro. Em seu retorno, Luang Pó concordou em discutir a proposta, presumidamente satisfeito de que George Sharp era sincero e tinha mais do que uma relação passageira com as virtudes da humildade e da paciência.

Luang Pó não ignorou a possibilidade de um mosteiro na Inglaterra como sendo algo fora de mão, mas disse que ele não se sentia confortável sobre dar a permissão sem ter visto com seus próprios olhos a conveniência das condições. Em nome do English Sangha Trust, George Sharp o convidou para acompanhar Ajahn Sumedho para a Inglaterra em Maio seguinte, e Luang Pó aceitou.

Luang Pó saiu em sua primeira viagem ao exterior em sua vida – e seu primeiro voo de avião – no dia seis de Maio de 1977. Acompanhando a ele e Ajahn Sumedho estavam um monge inglês, Ajahn Khemadhammo, e Dong, um apoiador leigo de Ubon. Em honra à natureza especial da viagem, Luang Pó decidiu, pela primeira e única vez em sua vida, registrar suas experiências em um diário. Nele, ele contou que assim que ele sentou-se no avião refletiu sobre os ensinamentos do Buda sobre ir a uma terra estranha na qual você não está familiarizado com o idioma ou os costumes e sobre como você não deveria ser presunçoso ou apegado à sua própria forma de fazer as coisas.

O tema da adaptação seria recorrente no diário por toda a viagem. Assim que ele viu as vagas nuvens, ele desenvolveu um elaborado jogo de palavras com o termo tailandês para ‘país do exterior’, que significa literalmente ‘a terra de fora’, comparando com ‘a terra de fora – interna’ e ‘a terra de dentro do lado de fora’. Foi o primeiro de vários trocadilhos e jogos de palavras que aconteceriam através de todo o diário. Mas as primeiras páginas também teriam um conteúdo dramático. Em pleno ar, um dos pneus do avião explodiu.

A tripulação anunciou que nós deveríamos apertar os cintos de segurança. Pessoas com dentaduras teriam que retirá-las. As pessoas tinham que retirar até os óculos e os sapatos. Tínhamos que tomar conta de nossos pertences. Depois que os passageiros tinham acomodado tudo, todos ficaram em silêncio. Eles estavam

provavelmente pensando que aquele era o fim de suas vidas. Eu estava pensando que aquela era a primeira vez que eu estava viajando para o exterior para fazer algo útil para o Budismo, e era esse todo o mérito que eu tinha? Uma vez que eu pensei naquilo, então eu fiz um voto, dedicando minha vida ao Buda, ao Dhamma e à Sangha e acomodei minha mente em um local adequado.

Eu senti uma calma lucidez e um frescor como se nada estivesse acontecendo e descansei daquele jeito até que o avião aterrizasse se forma segura em terra firme. Os passageiros aplaudiram alegremente por estarem a salvo. A coisa estranha foi que, quando o acidente aconteceu várias pessoas me imploraram ‘Luang Pó, nos proteja!’ Mas quando o perigo havia passado e nós desembarcamos do avião, apenas uma pessoa veio para agradecer aos monges. Todos os demais foram agradecer à tripulação. Essa foi a parte estranha.

A preocupação de Ajahn Sumedho sobre como Luang Pó iria reagir às condições no ocidente logo se aliviou. Depois do pouso de emergência em Roma os passageiros foram solicitados a embarcarem em um ônibus do aeroporto que os levaria para o salão de trânsito. No momento em que os monges tinham desembarcado o ônibus que eles tomariam já estava completamente lotado. Muitos dos passageiros eram, invariavelmente, mulheres. Era o primeiro teste sobre como Luang Pó iria se comportar em um mundo novo e diferente no qual as mulheres não mantinham uma distância respeitosa dos monges. Conforme Ajahn Sumedho observava de forma um pouco tensa, Luang Pó simplesmente abaixou sua cabeça e marchou para o ônibus, ignorando a proximidade das mulheres.

Luang Pó anotou em seu diário que ele não tinha achado especialmente difícil adaptar seu corpo, sua fala e sua mente ao novo ambiente. ‘A parte pouco comum era o que aparecia para meus olhos, meu nariz, meus ouvidos, minha língua e meu corpo.’ ele escreveu. ‘Minha mente era a mesma de sempre.’ Sua resposta inicial ao que ele viu à sua volta – sem dúvida tingida pelos relatos de seus discípulos ocidentais na Tailândia – era a de uma fundamental falta [de alguma coisa]. Ele escreveu ‘Eles desenvolveram o país deles materialmente mas, como lhes falta o Dhamma, eles não encontraram contentamento.’

No primeiro dia em Londres Luang Pó foi levado para um passeio e, na parte da tarde, saiu para uma caminhada em Hampstead Heath. Ele estava impressionado pela beleza da grama e por sua pouca familiaridade com aquelas árvores. De noite ele lembrou:

Mais ou menos às oito da noite nove pessoas vieram para ouvir o Dhamma, algumas das quais já tinham ido visitar Wat Pah Pong. Eu lhes ensinei o Dhamma que é ‘belo no início, belo no meio, e belo no final’.

Depois disso, eu respondi às perguntas com Ajahn Sumedho traduzindo minhas respostas para o inglês. Eles tinham se preparado para recitar a solicitação formal dos Cinco Preceitos, a primeira vez que aquilo estava ocorrendo. Depois que eu terminei minha palestra eu os guiei em uma sessão de meditação de trinta minutos. Eu senti que eles revelaram uma disposição natural, com afinidades bem próximas do Dhamma.

No dia seguinte, George Sharp levou Luang Pó e seu grupo de carro até Birmingham (‘uma cidade’, ele anotou em seu diário, ‘que cresceu fora de Londres’) para uma celebração do Vasakha Puja que incluía monges de todas as tradições budistas e na qual Ajahn Sumedho tinha sido convidado para dar uma palestra.

Foi um dia em que eu vi pessoas de várias nacionalidades se juntarem para ouvir o Dhamma em vários idiomas diferentes. Eu não pude entender nenhuma das palavras que eles usavam mas eu podia entender o seu sentido ao olhar para os seus modos e seus gestos.

Alguns poucos dias mais quietos se seguiram. Naquela época Luang Pó ainda não era amplamente conhecido no círculos budistas ocidentais. O número de ingleses interessados em Budismo Theravada ainda era pequeno e, daquele número, ainda menos eram cientes da Tradição de Floresta Tailandesa. Mais tarde naquele ano, o livro *Living Buddhist Masters*, de Jack Kornfield seria publicado e o nome ‘Ajahn Chah’ se tornaria mais familiar, mas naqueles dias ele ainda era uma figura desconhecida. Se sua viagem fosse feita trinta anos depois, ele teria sido inundado por convites para tomar sua refeição diária em restaurantes tailandeses; mas naquela época,

Busabong, que ficava na King's Road era o único em Londres. O número de tailandeses residentes na Grã Bretanha estava ainda em umas poucas centenas, ao invés dos aproximadamente quarenta mil de hoje. A vantagem de seu anonimato foi que Luang Pó pôde descansar silenciosamente no vihára de uma forma que teria sido muito difícil para ele na Tailândia.

Sua saída seguinte foi um convite de cortesia do Wat Buddhapadipa em Wimbledon, um tempo patrocinado pelo governo tailandês com o propósito de prover meios para as necessidades espirituais dos tailandeses que residiam no Reino Unido. A visita não foi apenas um tema de protocolo, foi também uma oportunidade para fazer contatos importantes com membros da Sangha tailandesa que já estavam vivendo na Inglaterra, para assegurar o seu suporte e para solicitar a bênção do monge sênior para o estabelecimento de uma nova comunidade monástica. A bênção foi dada de bom grado.

No dia seguinte a comitiva viajou para Oxford onde eles seriam os convidados do Saws, uma rica família birmanesa que era dona de uma grande propriedade no interior, alguns quilômetros a oeste da cidade. Foi gratificante para Luang Pó que, pela manhã, os monges receberam seu alimento em suas tigelas na porta da residência principal da forma tradicional. 'Foi uma ocasião auspiciosa', ele escreveu, 'e cumpriu o meu voto de estabelecer o costume da mendicância matinal na Inglaterra.' De noite ele ensinou meditação à família. Em seu resumo diário ele se referiu ao 'benefício criado' naquele dia. Estava claro que ele tinha pouco interesse em passear. Para ele, o valor dessa longa viagem era o 'benefício criado'.

A visita a Oakenholt deu a Luang Pó sua primeira ideia de como funcionava um retiro de meditação de dez dias. Um grupo de cabanas pré-fabricadas que tinham sido construídas naquele local durante a Segunda Guerra Mundial estava agora funcionando como um centro de retiros, e um retiro liderado por John Coleman, um instrutor formado na tradição birmanesa de U Ba Khin, estava em andamento. Luang Pó ficou impressionado pela visível sinceridade dos meditadores. Depois de visitar o grupo e conversar com o instrutor ele concluiu em seu diário que a flor de lótus budista estava começando a florescer no ocidente.

O entusiasmo de Luang Pó por seu diário continuava a crescer e diminuir. Em vários dias, ele anotava um mínimo nele, um breve resumo das atividades do dia. Mas no dia quinze de Maio, de volta a Londres novamente, ele se sentiu inspirado:

Por volta das sete da manhã, sentado em um lugar silencioso, vários insights surgiram em minha meditação. Na sequência, eu peguei caneta e papel para anotá-los.

Surgindo de ‘uma parte profunda de sua mente’, ele escreveu:

Eu percebi que, como um monge seguindo os passos do Buda, ainda havia vários assuntos relacionados ao *Sāsana* que eu não tinha alcançado completamente, coisas que eu ainda estava negligenciando. Primeiramente, no que diz respeito ao lugar; em segundo, no que diz respeito às pessoas; e em terceiro, no que diz respeito ao tempo. Eu refleti que seguir verdadeiramente os ensinamentos do Buda significava que, tendo criado uma quantidade suficiente de benefício para si mesmo, a pessoa deve criar benefícios aos demais.

Isso é, na verdade, uma passagem um pouco enigmática. A conclusão de Luang Pó que a vida de um monge está completa apenas quando ele compartilha o seu conhecimento com os demais era algo que ele já considerava fazia bastante tempo. Na verdade, alguns dias antes ele tinha escrito, ‘Uma pessoa deve sacrificar tudo pelo *Sāsana*, primeiramente pelo benefício dos seres sencientes.’

Assim, eu sou da opinião que a Inglaterra merece ser considerada como *paṭirūpadesa*, ‘uma terra adequada para a propagação do Dhamma’, que é o motivo pelo qual eu estou organizando para que discípulos ocidentais vivam aqui de forma regular e sigam com o trabalho pelo *Sāsana*.

O estilo de ensinar o Dhamma aqui deve ser o de fazer pouco e obter muito, fazer muito e obter pouco; ensinar as pessoas que existe o frescor dentro do calor e que existe o calor dentro do frescor; o errado está no correto, o correto está no errado, a dor

está no prazer, e o prazer está na dor; o progresso está no regresso, e o regresso está no progresso; o pequeno está no grande, e o grande está no pequeno; o sujo está no limpo e o limpo está no sujo. Isso se chama ‘*saccadhamma*’ ou seja, a ciência da verdade, ‘*saccasat*’.*

Assim como todos que somos discípulos do Buda devemos praticar com o intuito de desenvolver quatro qualidades de forma completa: S.U.Ñ.S. (*supaṭipanno*, *ujūpaṭipanno*, *ñāyapaṭipanno*, *sāmīcipaṭipanno*),** e então ensinar o Dhamma de uma forma verdadeira para com as intenções do Buda. Nós devemos estudar a ciência da verdade e então realizarmos a própria verdade. ‘Realização’ significa chegar ao final da última sentença. Isso é o que se chama, ‘O Verdadeiro Dhamma’: não sobram outras sentenças dos ensinamentos. Isso é ‘alcançar o final da Vida Santa’ na qual, no meio das ‘coisas’, existe ‘nenhuma coisa’. Se os discípulos compreenderem completamente os desejos do Buda dessa forma então eles podem viajar por aí sozinhos, tanto internamente quanto externamente.

Aqueles monges são os que sabem ‘o que é o que’. Quando eles sabem aquilo claramente então o conhecimento do ‘suficiente’ surge em suas mentes. Quando ‘o suficiente’ tenha surgido, então simultaneamente surgem todos os tipos de coisas corretas. O Dhamma que se manifesta na mente é proeminente noite e dia; suposições anteriores sobre ‘o que é o que’ e o que as coisas significam, chegaram ao fim.

Esse Dhamma não vai aparecer com nenhuma clareza meramente através das palavras de outra pessoa; ele vai se manifestar apenas através da prática. Ele é *paccatam*: você não pode ensiná-lo para qualquer um, você não pode falar sobre ele para ninguém, você não pode estudá-lo. Como o Buda disse, ‘*Akkhātāro tathāgātā*.’

*‘A ciência da verdade’. Um termo composto de duas palavras em tailandês, uma derivada do Pali e outra do Sânscrito.

**As quatro qualidades da *Ariya Sangha*: ‘Eles são aqueles que praticaram corretamente (*supaṭipanno*); praticaram diretamente (*ujūpaṭipanno*); praticaram para a libertação (*ñāyapaṭipanno*); praticaram adequadamente (*sāmīcipaṭipanno*).’

‘O Tathāgata* é meramente aquele que mostra o caminho.’ O significado dessa frase se torna supremamente claro, livre de todas as dúvidas. Esse é o objetivo do Buda.

ESTRANHO, MAS FASCINANTE

Enquanto estava na Inglaterra, Luang Pó encontrou-se com vários monges de outras tradições budistas. Um deles foi um monge Zen inglês treinado no Japão chamado Seng-ko. Luang Pó ‘o entrevistou’ sobre os ensinamentos e o estilo de vida dos monges japoneses e depois resumiu isso em seu diário. Ao perguntar quantos preceitos os monges no Japão seguiam, lhe foi dito que ‘a constante plena atenção era sua *sīla*’, o que Luang Pó achou ‘uma ideia estranha, mas bastante fascinante’; lhe foi dito que havia dois tipos de monges: um tipo que era celibatário, ‘esses eram do tipo bom, os que estão buscando pela pureza’; e o outro tipo que podia se casar e cujo filho toma conta do templo da família depois de sua morte. Esse, Luang Pó anotou, tinha ‘algumas divergências’ de sua própria tradição.

Ao aprender que a sílaba ‘ko’ queria dizer ‘vazio’, naquela noite ele fez disso o assunto de sua palestra do Dhamma:

‘Ko’ significa vazio, como no termo do Buda ‘templo do vazio’ (*suññatāvihāra*). Nós deveríamos entrar nesse templo. ‘Vihāra’ significa o lugar onde nossas mentes se estabelecem na percepção do vazio. O Buda ensinou que esse corpo – na verdade, todas as coisas – são vazias, significando que não existe nenhum ser, não existe nenhuma pessoa. Através de ver claramente esse vazio, vendo isso como sendo meramente terra, água, fogo e ar, então o Venerável Sumedho aqui não vai morrer. Por que não? Por que na verdade não há nenhum Sumedho. Okay? A morte do Sumedho é uma convenção. Não existe nenhum real Sumedho. Não existe nenhum Sumedho para morrer. Ele não nasceu e não morre. Existe apenas uma configuração de dhammas, composta de causas e condições, que surgem e passam.

O Buda disse que o Senhor da Morte, em outras palavras, a morte propriamente dita, não é páreo para aquele que vive no templo do

*Um epíteto para “Buda”

vazio. Ele não pode encontrá-lo. Não há prazer, não há dor, não há um ‘eu’, não há separação do ‘eu’ e dos outros; é ‘vazio’. Existe ver o vazio nos fenômenos vazios. A palavra ‘vazio’ significa que não há nada naquele lugar. Ele é vazio no que diz respeito à mente. Não existe nenhuma presunção ou ponto de vista ou o que quer que seja se apegando às ideias de ‘eu’, de ‘nós’ e ‘eles’. Existem apenas os quatro elementos de terra, água, fogo e ar surgindo e desaparecendo de maneira natural. Foi por isso que o Buda disse que o Senhor da Morte não pode encontrá-los, não pode encontrar a quem vive no vazio, e através disso vem a libertação. Isso se chama libertação do nascimento, libertação da velhice, libertação da morte.

Na verdade, os elementos seguem nascendo e morrendo como antes mas são simplesmente terra, água, fogo e ar que se juntam. Não existe um ser, uma pessoa. A mente é vazia do conceito de ‘ser’, vazia do conceito de ‘pessoa’. É precisamente ‘isso’ que é o lugar vazio. A mente está vazia em um lugar que não é vazio. Ela vê o vazio em algo que não é vazio: não permitindo que ali exista a percepção de um ser humano onde ela geralmente surge, não permitindo que exista uma criatura onde geralmente ela é percebida, não permitindo a percepção da morte onde ela geralmente seria percebida. É por isso que o Buda chamou isso de ‘o templo do vazio’. Se você entra nele você se sente em paz, uma paz livre de prazer, uma paz livre de dor, uma paz livre de nascimento, velhice, doença e morte. Esse é o supremo vazio. Esse é o fim.

O MESMO FRUTO

No dia seguinte, Luang Pó anotou uma ocasião histórica:

Hoje foi o primeiro dia em que nós saímos para a mendicância matinal em Londres. O Venerável Bodhinyana Thera* liderou o caminho, seguido pelo Venerável Sumedho (norte americano),

*O título oficial de Luang Pó.

pelo Venerável Khemadhammo (inglês) e pelo noviço Jinadatto* (francês). Nessa ocasião, nossa primeira mendicância matinal, eu recebi um pouco de arroz, duas maçãs, duas bananas, duas cenouras, dois doces e um pepino. Eu fiquei feliz de ter recebido esse alimento hoje por causa da maneira como ele foi conseguido e porque eu entendo que o alimento de mendicância é o ‘alimento do Pai’: alimento que, ultimamente, veio até nós através do Buda.

As pessoas dessa cidade nunca tinham visto monges mendigando antes pois os monges que moram aqui sempre tiveram muita vergonha de praticar isso. Eu penso exatamente o contrário. Eu apenas acho que as ações maléficas ou incorretas são vergonhosas, o que está em conformidade com o que o Buda disse sobre isso. (Essa é a minha opinião de qualquer forma; verdadeira ou falsa, eu peço a indulgência de todos os sábios.)

Nesse mesmo dia, os pais de Khemadhammo também vieram oferecer comida, pediram para ouvir uma palestra do Dhamma e um período especial de meditação, que eles acharam agradável.

Na mendicância matinal, repórteres jornalísticos seguiram nossos passos e tiraram fotografias em intervalos regulares pois a mendicância matinal é algo incomum aqui. As pessoas de Londres – crianças e adultos – ficavam paradas ao lado nos vendo passar.

Mais tarde naquele mês Luang Pó retornou para Oxfordshire para guiar um retiro no centro de meditação estabelecido no terreno da mansão da família Saw. Havia cem pessoas no retiro e a dedicação delas o impressionou. Contudo, ele é notadamente reticente sobre o retiro em seu diário, presumidamente pois ele encontrava pouco tempo para escrever. Ele resumia apenas que havia ‘razoáveis resultados satisfatórios do trabalho’.

De volta a Londres Luang Pó deu algumas palestras noturnas, uma das quais começou com um - agora familiar - lembrete de que dúvida e incertezas sobre o Dhamma não poderiam ser removidas apenas através dos estudos. O Dhamma está além da linguagem. Estudos, que dependem da linguagem, podiam fornecer apenas uma compreensão superficial daquilo. Apenas

*Um membro recém chegado na comunidade que depois foi dar continuidade ao seu treinamento em Wat Pah Pong.

através da prática é que a sabedoria necessária para penetrar no Dhamma poderia ser cultivada.

Perguntaram várias vezes sobre as diferenças entre *samatha* e *vipassanā*. Ele explicou que, em um nível teórico, eles poderiam ser diferenciados mas pelo ponto de vista da prática do Dhamma eles eram qualidades relacionadas da mente que surgiam conforme a mente amadurecia:

Um fruto verde é um fruto; conforme ele amadurece ele segue sendo o mesmo fruto; e quando ele está completamente maduro, ele segue sendo o mesmo fruto.

Essencialmente, ele explicou, você não praticava *samatha* ou *vipassanā*; você praticava o Dhamma. Ao fazer isso, a verdade das coisas poderia ser conhecida diretamente, independente de nomes. Era um processo natural.

Quando você mantém os seus preceitos sua mente está limpa, está tranquila; e quando ela está tranquila, está em paz; e quando está em paz, surge a sabedoria.

Ele falou sobre o desafio de encontrar o Caminho do Meio ou, como ele gostava de chamar, 'a medida certa' (*pó dī*), ou 'correção'. Como era possível saber quando você tinha alcançado a abordagem correta, ótima, na medida certa e mais efetiva para o seu objetivo, se você não soubesse qual era esse objetivo? Ele disse que era necessário ter o incorreto para poder comparar e saber a medida. O meditador procedia ao ser cuidadoso para não se apegar à prazer e dor. Tendo reconhecido e abandonado o que era incorreto, o que fosse correto surgiria naturalmente.

É como uma pessoa com uma balança. Se ela pende para um lado, o comprador não gosta. Se ela pende para o outro lado, o vendedor não gosta. Apenas quando os pratos estão equilibrados e horizontais é que todos ficam satisfeitos.



Quando você está praticando meditação sentado você sabe que se não estiver pacífico, se não estiver 'na medida certa', a mente deve estar apegada a um estado mental de um tipo ou de outro.

Plena atenção constante era necessária para observar o estado mental. O erro era em agarrar-se ao que a mente achasse agradável e rejeitar-se o que ela achava que era desagradável. Visão Correta não poderia surgir e a mente fabricaria seu próprio mundo como sendo aquele de gostos a serem perseguidos e desgostos a serem evitados.

Isso é *samudaya*, a causa do sofrimento, pois não podemos viver experienciando apenas prazer mental ou dor mental. Pela duração de nossas vidas, os dois estão misturados juntos. E porque a coisa é assim, é essencial que entendamos a natureza do prazer e da dor mentais como elas realmente são. Se nós não entendemos a verdadeira natureza delas, então seguiremos nos segurando à pontos de vista incorretos. O Buda reconheceu que esses dois estados mentais são nossos inimigos constantes. Conforme não os entendemos completamente, nunca seremos livres do sofrimento.

Por essa razão nós temos que desenvolver a Prática Correta do Buda (*sammāpaṭipadā*). Nós precisamos de: *sīla*, tomando conta de nossas ações e falas para que elas estejam em boa ordem, sem criarem consequências desagradáveis para nós mesmos ou para os outros; *samādhi*, estabilidade firme de atenção; e *paññā*, uma compreensão completa da massa de fenômenos condicionados.

Luang Pó enfatizava que ser plenamente atento não se referia simplesmente a estar no momento presente. A prática budista de *sati* era diferenciada por sua dimensão moral e ética.

Alguns grupos de meditação mantém a visão de que não é necessário praticar *sīla* ou *samādhi*, que a plena atenção em todas as posturas é suficiente. É uma boa maneira mas não é a maneira do Buda. Um gato tem plena atenção, bodes e ovelhas tem plena atenção. Mas é uma plena atenção incorreta, não é *sammāsaṭi*, a Plena Atenção Correta. No caminho budista, você não pode tomar esse como sendo um princípio de trabalho. O Budismo ensina que ser plenamente atento e consciente significa ser ciente do que é certo e errado, e então praticar para abandonar o que quer que seja errado e cultivar o que quer que seja bom.

Luang Pó considerou a Inglaterra como um centro adequado para a disseminação dos ensinamentos do Buda no Ocidente. Para ele, assim como para a maioria das pessoas de sua idade e precedentes, a imagem da Grã Bretanha como estando em seu auge projetada pelo mundo afora ainda tardaria em se dissolver. A Inglaterra parecia ser um país no centro do mundo ocidental. Ao mesmo tempo era convenientemente pequena e era fácil de locomover-se por ela. A sociedade inglesa parecia ser pacífica e estável, sem grandes preconceitos contra o Budismo. Além disso ela possuía um rico histórico de estudos acadêmicos budistas, mais notadamente na ‘Pali Text Society’*. Acima de tudo estava se desbrochando um interesse na prática de meditação budista.

Como os budistas que Luang Pó encontrou eram quase todos membros de uma educada classe média, a opinião que ele teve sobre o intelecto e a sagacidade deles foi elevada. Comparando a situação com a Tailândia, onde ‘parecia que a fonte estava secando’, ele disse:

Do que eu vi, as pessoas nesse país são inteligentes. Se você lhes dá observações profundas eles as compreendem facilmente. Eu lhes expliquei o Dhamma, eles levaram o que eu lhes disse [para casa] e refletiram sobre aquilo. Eu acredito que o caráter básico dos ocidentais vai lhes permitir fazer com que o Budismo floresça aqui.

Ele viu um grande potencial na atitude pensativa e questionadora das pessoas com quem ele falou:

Eu observei o comportamento geral das pessoas aqui e, ao menos por enquanto, não é tão bom; mas com relação aos ensinamentos mais profundos eu acho que eles vão tomá-los facilmente. Nesse país é como se as espécies de frutos fossem boas, o solo fosse bom, mas não há bons fazendeiros; não há ninguém para ensinar as pessoas aqui como há na Tailândia.

*Fundada em 1880 por T.W. Rhys Davids, ‘para cultivar e promover o estudo de textos em Pali’.

Em minha opinião, ao vir para o ocidente não é necessário falar muito. Eu faço uma comparação: É como se você tivesse alguma fruta e quisesse que eles a comessem. Tudo o que você tem que dizer é que ela é deliciosa. Pode ser doce, amarga, salgada – você não precisa ir para todos esses detalhes. Você apenas diz que ela é deliciosa e eles vão levá-la e prová-la; deixe que eles vejam por si mesmos exatamente qual é o gosto. É assim que você deve ensinar aos ocidentais. Pessoas inteligentes não precisam que você lhes ensine muito.

Com todos os tipos de conhecimento, você deve ver por si mesmo. Você não pode ver algo claramente apenas tendo aquilo explicado para você. Para ver a verdade você deve proceder até vê-la por si mesmo. Você apenas lhes dá a fruta. Você não precisa falar para eles sobre o sabor. Eles vão descobrir por eles mesmos.

Luang Pó parecia tranquilo com relação à sua inabilidade em se expressar diretamente para as pessoas que vinham vê-lo. Ele não demonstrava quaisquer sinais de impaciência ou frustração com os hiatos resultantes da necessidade da tradução de todas as palavras que ele dizia. Mas foi um trabalho duro para Ajahn Sumedho; a tarefa de traduzir os discursos do Dhamma foi um desafio em particular. Quando dava palestras Luang Pó não tentou de modo algum alterar sua forma de dirigir-se à plateia. Ao invés de falar em blocos curtos para prevenir um abuso da memória do tradutor e da atenção da plateia, Luang Pó falou de seu jeito natural. Em algumas ocasiões, uma hora inteira haveria passado antes que ele dissesse para Ajahn Sumedho traduzir.

Não foi a forma mais efetiva para Luang Pó, o grande comunicador, alcançar a sua audiência. Na Tailândia ele às vezes usava palestras de Dhamma como um meio de treinar a sua plateia a ter paciência ao invés de para transmitir informações ou incrementar a fé. Mas na Inglaterra era difícil dizer com que extensão esse tipo de intenção esteve presente. Pode bem ter ocorrido que ele simplesmente achou muito difícil transformar seu estilo fluido e improvisado de discursar em uma série de pequenos pedaços. Qualquer que tenha sido o caso, vários participantes de sua plateia acharam que sua presença, seus trejeitos e o som de sua voz mais do que compensavam as dificuldades em entenderem as suas palavras.

Em uma noite, com um argumento que não iria inspirar o seu tradutor a fazer muitos esforços no futuro, Luang Pó falou da inferioridade da linguagem comparada com a experiência. Todo mundo sabia qual era a sensação de estar na água, mas pessoas de diferentes nacionalidades tinham diferentes palavras para a experiência.

Quando nós seres humanos estamos experienciando a mesma coisa, então não temos que dizer muito. Apenas ao olharmos uns para os outros nós já somos capazes de nos entendermos. Essa foi a sensação que eu tive quando eu entrei aqui.



PLANTANDO A FLOR DE LÓTUS

Luang Pó ficou satisfeito com o que ele viu na Inglaterra. Certamente as condições de moradia para a Sangha eram, de longe, menos adequadas do que as condições que havia nas florestas de Issán mas ele nunca esperou que fosse ao contrário; desenvolver uma ordem de mendicantes moradores de floresta ia obviamente ser um projeto de longo prazo. O que Luang Pó estava procurando era por um sólido núcleo de suporte de leigos e um potencial para desenvolvimento futuro. Isso, ele encontrou.

O fator decisivo para que ele concordasse com essa nova empreitada foi a confiança na habilidade de Ajahn Sumedho em carregar esse fardo. Com a assistência do Venerável Khemadhammo e do Sāmaṇera Jinadatto, que logo foram acrescidos por dois outros monges norte americanos treinados em Wat Pah Nanachat – Os veneráveis Anando e Viradhammo – haveria, desde o princípio, uma Sangha residente. Como quatro monges provém o quorum mínimo para rituais como a recitação do *Pāṭimokkha*, esse era um importante constituinte para a sólida fundação que ele estava buscando estabelecer.

Luang Pó estava ciente do fracasso frequente de templos focados e uma única figura carismática ao invés de em uma comunidade de monges. Ele era enfático em dizer que o sucesso de toda a empreitada dependia de que mantivessem as observâncias que caracterizavam a tradição na Tailândia, em particular a adesão escrupulosa ao Vinaya e de que fossem mantidas práticas como a mendicância matinal diária. Havia várias ideias sendo discutidas entre a comunidade leiga no que dizia respeito a quais aspectos da tradição deveriam ser descartados. A decisão de Luang Pó foi a de tentar implementar a coisa completa e então, por tentativa e erro, ver onde adaptações deveriam ser feitas.

Durante uma discussão sobre a prática do Vinaya na Inglaterra, Ajahn Sumedho mencionou a Luang Pó que o conselho de uma das Sanghas Theravada asiáticas tinha recentemente passado uma resolução permitindo que monges que vivessem no exterior poderiam deixar de aplicar a regra que proibia o uso de dinheiro. O argumento deles vinha sendo que manter aquela regra em países não budistas não era algo prático. Luang Pó discordou veementemente. As regras que diziam respeito ao relacionamento dos monges com o dinheiro eram essenciais para a preservação do Vinaya como um todo. O Buda tinha estipulado procedimentos envolvendo administradores leigos que eram adequados para esse propósito e deveriam ser respeitados. Uma declaração oficial de que uma regra em particular não era mais prática abria um perigoso precedente. Na verdade, a dificuldade em manter algumas das regras não era ruim de forma alguma: ela prevenia que os monges se tornassem descuidados com relação ao Vinaya.

Nós devemos manter o Vinaya perpetuamente. No futuro, se monges aceitarem dinheiro eles começarão a comprar e vender

e isso será o fim de tudo. Não haverá mais monges puros na Tailândia, na Inglaterra ou em toda a face da Terra. Tudo terá ido pelo ralo!

Ficou claro que Luang Pó sentiu fortemente que relaxar a prática de qualquer uma das regras-chave do treinamento levaria para uma ladeira escorregadia de deveria ser completamente evitada. Mas enquanto o Vinaya e as observâncias deveriam ser mantidos sem ficar ‘pegando e escolhendo’ de acordo com a conveniência, Luang Pó permitiu que em certas áreas havia espaço para flexibilidade. Ele não estava insistindo que tudo deveria ser feito exatamente da mesma forma como na Tailândia. Quando quer que ele encontrasse a si mesmo em situações que não fossem familiares, ele disse, o monge sábio deveria examinar as condições existentes e considerar em qual grau ele deveria se adaptar aos costumes locais sem minar sua prática do Vinaya:

É inteligente aprender como fazer concessões quando se está encarando situações que não estejam em conflito direto com o Vinaya, não são danosas por si mesmas, mas são simplesmente diferentes de nossas próprias formas de fazer as coisas.

Mudanças menores que ele aprovou tiveram a ver com o clima muito mais frio. Elas incluíam usar calçados na mendicância matinal e cobrir o ombro direito estando dentro dos limites do mosteiro. Essa última permissão levou à criação de uma ‘meia-camisa meia-jaqueta’ de manga comprida, sob a qual se poderiam usar suéteres no inverno.

TUDO EM SUA CABEÇA

Embora Luang Pó tivesse repetidamente impressionado aos seus discípulos e anfitriões ingleses com a aparentemente tranquila falta de esforço em se adaptar às condições que eram novas e estranhas para ele, a aceitação que ele demonstrava desse ambiente não era algo indiscriminado. Em certas ocasiões quando se esperava que ele se conformasse com as condições, ele não demonstrou inclinação nenhuma em fazê-lo.

Um dia, por exemplo, foi necessário que ele fizesse uma viagem de metrô durante o horário de pico. A atmosfera era apressada e frenética. Os monges e leigos que o acompanhavam se sentiam como sendo levados pela

energia do local. Eles ficaram surpresos (e um pouco irritados) ao ver que, ao invés de apertar o passo para poder acompanhá-los, Luang Pó parecia andar mais devagar de propósito. Um dos monges entendeu do que se tratava: havia bastante tempo para que eles chegassem ao seu destino. Por que começar a correr apenas porque todo mundo estava correndo?

Em que áreas a adaptação era apropriada e em que medida; quais eram as causas para considerar a adaptação insuficiente ou exagerada; qual era o relacionamento sábio quanto aos costumes e convenções: todas essas questões eram de grande interesse para Luang Pó. Observar os costumes dos ingleses lhe permitiu ver os costumes tailandeses com uma nova perspectiva. Suas reflexões sobre esse assunto apareceram em várias palestras que ele deu em seu retorno à Tailândia. Durante uma dessas palestras ele disse:

Se nós investimos em coisas com nossas crenças e pontos de vista, elas imediatamente ganham valor – elas podem se tornar objetos sagrados ou santificados. Mas sem as nossas projeções, nada tem um valor intrínseco. Nós tailandeses tomamos a cabeça como sendo a parte mais exaltada do corpo. Nós não permitimos que ninguém nos toque na cabeça por brincadeira; isso nos deixa com tanta raiva que, no passado, isso até mesmo levou pessoas a matarem umas as outras. Isso é por causa de um ponto de vista: que nós não devemos permitir que ninguém nos toque na cabeça, um apego profundamente enraizado. Quando eu estava no exterior eu via os ocidentais tocando nas cabeças uns dos outros muito livremente. Um dos monges ocidentais me levou em uma visita aos seus pais. Assim que chegamos, ele estendeu sua mão e tocou na cabeça do seu pai com afeição. Ele apertou a cabeça do seu pai e riu. E o pai dele ficou realmente feliz com aquilo! Para ele aquilo significava que o seu filho o amava. É assim que funciona lá.

Todas as culturas tem suas convenções. Os problemas surgem quando as pessoas dão valores absolutos e fixos para elas. Entendendo as convenções como sendo convenções e fazendo uso delas de forma apropriada era o caminho mais sábio. Luang Pó dizia que com o abandono dos pontos de vista incorretos e dos apegos às convenções, todas as coisas perdiam os seus valores antigos. Isso não significava um niilismo moral, simplesmente

significava que quando uma identificação cega com um fenômeno condicionado se perdesse, o sofrimento não teria como encontrar seu caminho para a mente.

DHAMMA URBANO

Uma manhã durante a mendicância matinal em Londres os monges perceberam um grupo de adolescentes se virando na direção deles. Eles traziam consigo a ameaça da violência gratuita. Rindo e brincando eles gritavam insultos aos monges e faziam gestos ameaçadores. Para que seus amigos urrassem aprovando, um ou dois deles corriam para cima dos monges e fingiam que iam chutá-los, errando por poucos centímetros. Eles provocavam os monges esperando por alguma reação. Ajahn Sumedho começou a ficar preocupado que as coisas pudessem ficar feias e se preparou para proteger seu professor. Luang Pó, completamente indiferente a tudo aquilo, continuou caminhando vagarosamente, com os olhos baixos. Logo os garotos ficaram entediados com a brincadeira e foram embora. Ao chegar em segurança à entrada do templo, Ajahn Sumedho se adiantou para receber a tigela de Luang Pó, que sorriu e disse, ‘Dá bons ensinamentos a Inglaterra. Bons ensinamentos.’

AINDA MAIS LONGE

Luang Pó tinha um certo conhecimento básico do Cristianismo. Em Wat Pah Pong seus discípulos ocidentais falavam ocasionalmente de suas experiências sobre isso com ele, que de vez em quando gostava de ter discussões com os padres Pasec e Pisec, dois religiosos franceses radicados na Tailândia e fluentes em Tailandês. Mas é improvável que Luang Pó tivesse mais do que apenas uma ideia fundamental dos ensinamentos cristãos, ou que tivesse percebido que as denominações protestantes que ele encontrou na Inglaterra eram sequer diferentes das denominações católicas que ele tinha encontrado na Tailândia. Ele certamente não parecia estar ciente de como suas palavras poderiam soar rudes para um ouvido cristão. Quando o vigário de uma antiga igreja que ele estava visitando lhe perguntou, ‘Não existem orações em sua prática. O senhor ainda assim acredita que ela possa te levar à Deus?’, Luang Pó respondeu:

Para além disso.

Em outra ocasião Luang Pó se referiu à crença em deuses com um poder de salvação como sendo um obstáculo para o potencial humano de salvar a si mesmo. Para Luang Pó a preciosidade de um nascimento humano está na oportunidade única que isso fornece de abandonar as impurezas que dão combustível a toda a roda do nascimento e morte. Ele era crítico quanto a ensinamentos que ele sentia que minavam a determinação de uma pessoa em tirar vantagem dessa oportunidade. Aqueles que não fossem cientes de onde estavam as impurezas em seus corações, que poderiam ser removidas com o treinamento correto, tendiam a permitir que a vida tomasse seu curso nunca alcançando um verdadeiro refúgio.

Alguns tomam refúgio em um deus lá no céu e apenas ficam por aí esperando que ele venha e os ajude. Na verdade, nós podemos ajudar a nós mesmos, só que não sabemos como fazê-lo. Nós esperamos que alguém mais nos ajude e morremos sem nada para mostrar por nossas vidas.

Budistas deveriam tomar responsabilidade por suas vidas ao seguir o caminho para serem seu próprio refúgio.

Conhecendo nossa própria responsabilidade, nós devemos seguir abandonando as impurezas, nos abstendo do mal, fazendo apenas o bem e então abandonando a identificação com o bem.

Não havia necessidade de procurar por suporte externo. Pessoas que amavam a si mesmas, em outras palavras, aqueles que quisessem bem a si mesmos, deveriam aprenderem a ser o seu próprio refúgio. Aqueles que tivessem praticado bem e ganhado um verdadeiro refúgio interno eram capazes de criar por si mesmos um mundo de experiências que fosse cheio de virtude e paz. Através dessa expressão eles poderiam ser chamados eles mesmos de deuses criadores.

O QUE É UM WAT

Muitas das pessoas que foram ao Hampstead Vihāra tinham muito pouca ideia do papel que um mosteiro de floresta cumpria em sua comunidade local. Elas geralmente assumiam que os monges viviam em completo isolamento atrás de enormes paredes. Luang Pó explicou a realidade desse assunto a um professor universitário:

O mosteiro de floresta é profundamente envolvido com a vida dos moradores das redondezas. É o local onde as pessoas são ensinadas a abandonar os pontos de vista incorretos e a ter um entendimento correto de seu nascimento humano – como conduzir a si mesmas, como viver a vida. No Dia de Observância os moradores locais se encontram no mosteiro, oferecem a refeição diária à Sangha e tomam os Oito Preceitos. Eles praticam meditação para purificarem suas mentes. Os monges ensinam, dão conselhos e dão palestras do Dhamma para ajudá-los a entenderem os princípios do Budismo.

Existem pessoas que, como vocês na Europa, nunca antes ouviram os ensinamentos do Buda. Para essas pessoas se oferece um melhor entendimento dos ensinamentos. Pessoas que não sabem sobre mérito e demérito, certo e errado, são ensinadas sobre eles no mosteiro. Pessoas de todos os níveis sociais aprendem sobre como serem inteligentes sobre suas vidas: como evitarem cometer atos maléficos com o corpo, a fala e a mente e como estabelecerem a si mesmos na conduta correta com o corpo, a fala e a mente. Eles aprendem sobre como reduzir sua presunção, seu apego a pontos de vista e sobre como reduzirem a cobiça, a raiva e a ilusão em seus corações até que se tornem verdadeiros budistas: pessoas que sabem como compartilhar com os demais e como viver uma vida com bondade amorosa, compaixão, alegria altruísta e equanimidade.

CONTRA-PERGUNTAS

Os limites da compreensão através do intelecto eram um tema que Luang Pó frequentemente repetiria. Em uma noite, quando um meditador leigo lhe pediu para descrever a vida de um monge, ele disse que seria tão difícil quanto se um peixe tentasse explicar sua vida para um pássaro: não seria possível para o pássaro imaginar como seria viver debaixo d'água. À menos, ele adicionou, que o pássaro renascesse como um peixe.

Quando uma senhora lhe perguntou o que acontecia depois da morte, Luang Pó apagou a vela que estava ao seu lado e lhe perguntou de volta:

Luang Pó: Para onde vai a chama da vela depois que ela é apagada?

A mulher pareceu confusa. Depois de alguns momentos, ele disse:

Luang Pó: Você ficou satisfeita com a minha resposta?

Senhora: Não.

Luang Pó: Eu também não fiquei satisfeito com sua pergunta.*

DHAMMA PARA REFUGIADOS

No final de Junho Luang Pó foi para a França visitar um discípulo do Laos, Ajahn Bankhao. Enquanto ele estava lá, grupos de refugiados do Laos, Camboja e Vietnã foram prestar reverências e ele ouviu histórias angustiantes sobre o sofrimento que eles tiveram que suportar em sua terra natal. Durante uma exortação, ele disse:

Abram mão de pensar sobre isso. Essas coisas que passaram, já passaram – como os dias que já passaram. Não sigam agarrados a isso como [se estivessem] agarrando espinhos que os machucam. Vejam isso como se vocês tivessem renascido. Onde é o seu lar? Agora, é aqui. Vocês tem amigos e família aqui. O lugar que vocês deixaram não era na verdade o seu verdadeiro lar. Se fosse, então vocês ainda poderiam viver lá. Na verdade não temos um verdadeiro lar nesse mundo. Onde quer que vivamos, nós simplesmente criamos uma convenção de que aquele é o nosso lar. Mas na verdade não é. Depois de algum tempo, temos que nos mudar ... Então enquanto vocês estão aqui coloquem esforço em estarem aqui. Façam suas vidas aqui. Façam as pazes com estarem aqui.

Aquela paz vinha através da aceitação das mudanças.

*Luang Pó respondeu à pergunta, ‘o que acontece com um arahant depois que ele morre’, enquanto parece que a pergunta da senhora na verdade era mais generalizada sobre renascimento. Talvez a melhor explicação seja que ela tenha perguntado, ‘O que acontece com você depois da morte?’ (com esse ‘você’ sendo usado idiomáticamente significando ‘pessoas em geral’) e isso foi mal traduzido para Luang Pó como, ‘O que acontece com você depois da morte?’

Onde quer que vocês estejam é sempre assim: não existe essência ou núcleo por si mesmo, nenhuma estabilidade duradoura. O mundo está constantemente mudando. Se vocês voltem a morar lá, isso vai mudar; se vocês ficarem aqui, isso vai mudar. Nós existimos através das mudanças. Se não houvesse mudanças nós não poderíamos seguir vivendo. Sua expiração muda e vira uma inspiração, que muda e vira uma expiração. Inalações e exalações se alternam entre si dessa maneira, e se não fosse assim estaríamos mortos. Você não pode seguir apenas inspirando o tempo todo, ou expirando. Nós existimos por causa das mudanças. Com a comida é o mesmo. Você a coloca em uma extremidade do corpo e ela sai por outra; e então você come mais. Existe uma mudança contínua.

Luang Pó perguntou à sua plateia qual seria a razão para ficarem cismados com pensamentos de dor e lamentação sobre a natureza imutável das mudanças. Onde quer que eles estivessem eles deveriam fazer o que tivesse que ser feito naquele lugar. Para onde quer que eles fossem eles eram seres humanos; eles eram budistas. Eles deveriam refletir sobre verdade de suas situações com o intuito de tirar o melhor proveito disso. Riquezas e posses iam e vinham quando as condições estivessem maduras para que isso ocorresse. Seres humanos nascem, morrem e nascem novamente. Sofrimento surge apenas quando nós não refletimos sobre a natureza mutável das coisas.

Então que todos vocês possam encarar a verdade das mudanças que o Senhor Buda nos ensinou. Sejam resilientes. Onde quer que vocês se encontrem, então façam daquele um lugar onde vocês criem bondade e virtude. Mesmo que vocês cheguem ao final de suas vidas, não abandonem a bondade e a virtude que vem de sua prática do Dhamma. Sem Dhamma não existe nada verdadeiramente bom. *‘Attā hi attano nātho.’* ‘É o ‘eu’ que é o refúgio do ‘eu.’ Quem mais poderia ser um refúgio para vocês? Essa é a verdade.

Quando as condições estão maduras para que as coisas aconteçam, elas acontecem. Não passem tanto tempo cismando sobre tudo e causando mais confusão desnecessária para vocês mesmos. Coloquem seus esforços em ganhar a vida honestamente. Façam coisas

boas. Vivam em harmonia, ajudem uns aos outros, sejam gentis uns com os outros. Onde quer que nós vivamos, ninguém vive por muito tempo. Logo, todos nós seguiremos nossos caminhos separadamente.

SAPO NA LAGOA

Depois de três meses longe da Tailândia, Luang Pó resumiu sua viagem na última página seu diário com o 'jogo de palavras' que viria a caracterizar esse episódio:

15 de Julho, 1977

Eu viajei para 'dentro da terra de fora' e para 'fora da terra de dentro', para 'dentro da terra de dentro' e para 'fora da terra de fora': quatro terras ao mesmo tempo. As linguagens que eu precisei usar nessas terras foram *nirutti**. E assim se produziu benefícios satisfatórios. Não existe um professor para essas linguagens; elas devem ser aprendidas individualmente. Essas linguagens apenas se manifestam quando incentivadas por eventos em particular. Assim, o Buda era versado em todas as linguagens e eu realmente vi os europeus como os quatro tipos de flores de lótus.**

Eu sou um monge que viveu na floresta por um longo tempo. Eu pensei que ir para o exterior seria excitante mas não foi pois eu estava guiado pelo Buda em todas as posturas. Não apenas isso, mas a viagem também fez surgir sabedoria. Assim como a flor de lótus não permite que nenhuma água a submerja, minhas reflexões constantemente iam contra o meu ambiente.

Eu visitei várias universidades e eu tinha o pensamento de que todas as ciências da humanidade eram apagadas: elas são incapazes de cortar o sofrimento, elas meramente geram o sofrimento. Eu senti que se essas ciências não se basearem na ciência do Buda

* O conhecimento analítico da linguagem.

** O Buda comparou quatro níveis de maturidade espiritual e aptidão para receber os ensinamentos com flores de lótus: 1) escondidas na lama; 2) subindo para a superfície; 3) emergindo na superfície e; 4) completamente para fora da água.

elas não vão sobreviver. No avião eu tive vários tipos de sensações incomuns e minha mente surgiu com o Buda dizendo:

Olhe para esse mundo como sendo tão grande quanto a carruagem de um rei. Os tolos se enamoram dela, mas os sábios seguem desapegados.

Essas palavras se tornaram ainda mais claras, assim como a frase sobre não ficar orgulhoso quando estiver em um grupo cujos modos e costumes lhe sejam estranhos. Isso ficou absolutamente claro.

Luang Pó viajou em vários veículos diferentes durante os meses anteriores. Ele notou que o avião no qual ele estava sentado agora estava voando a 30.000 pés, sua altitude máxima acima do nível do solo. Mas por mais impressionantes que esses veículos fossem, ele se inspirou, eles não eram nada se comparados ao veículo do Dhamma. Na verdade, eles não eram nada maravilhosos.

Os veículos que levam as pessoas aos seus destinos são grosseiros pois eles meramente levam pessoas que estão sofrendo de um lugar para sofrerem em outro lugar. Elas apenas dão voltas em círculos infinitos.

Meu sentimento sobre essa viagem ao exterior é que ela foi algo bem humorado. Por vários anos até agora, eu me sentia como se fosse um rei de macacos sendo cutucado e assistido por espectadores. ‘Como seria’, eu pensei, ‘ir para o exterior e tentar ser o Ajahn Sapo por um tempo?’ Eu sabia que teria que ser um Ajahn Sapo com certeza pois eu não sabia a linguagem deles. E foi assim que terminou: sapos não sabem a língua dos humanos, mas no momento em que eles começam a coaxar, as pessoas vem correndo.* Para mim, foi como um mudo ensinando aos loucos. E não foi tão ruim. Você não precisa estudar ou passar em exames para receber a graduação oferecida pelo Buda. E assim, um monge mudo estabeleceu um mosteiro afiliado em Londres para pessoas loucas estudarem nele. É cômico.

*No interior da Tailândia as pessoas caçam sapos para comer.

II. DUTIYAMPI: E POR UMA SEGUNDA VEZ

Dois anos depois, no dia trinta de Abril de 1979, acompanhado por seu atendente norte americano, Ajahn Pabhakaro, Luang Pó partiu rumo ao ocidente pela segunda e última vez. Nessa viagem ele visitaria os Estados Unidos assim como a Europa. Mas seu primeiro destino era a Inglaterra, onde o E.S.T. o havia convidado para oferecer encorajamento à comunidade de Ajahn Sumedho e para que ele visse por ele mesmo os últimos desenvolvimentos dos esforços deles para estabelecer um mosteiro de floresta.

Era um momento de entusiasmo para a Sangha na Inglaterra e era também um momento decisivo. Depois de estarem estabelecidos por dois anos - confinados, alguns monges diriam - no Hampstead Vihāra, uma propriedade havia sido adquirida em um belo local do interior do país, uns cem quilômetros ao sul de Londres. A mudança aconteceria em Junho, no retorno de Luang Pó para a Inglaterra depois de sua viagem aos Estados Unidos. Nesse meio tempo ele residiu no Hampstead Vihāra. Pelos primeiros poucos dias ele pôde desfrutar de algum tempo tranquilamente com a Sangha. Um dos monges ele que estava encontrando pela primeira vez, Ajahn Sucitto, tinha se juntado à comunidade no verão anterior depois de ter passado alguns anos na região central da Tailândia. Tendo ouvido muito falar sobre Luang Pó, tinha finalmente chegado a oportunidade de conhecê-lo em carne e osso. Ele não se desapontou.

“Foi mais a sua forma de conversar do que os assuntos o que fez a diferença. Ele tinha uma forma de questionar minhas atitudes de um modo afirmativo – como, “Ter que comer é realmente um fardo, né Sucitto?” – com um sorriso enorme, que fazia ser verdadeiramente fácil responder-lhe apenas dizendo ‘sim’, e ainda assim te dava a sensação de que você e ele estavam na mesma vibração e *ele* estava confirmando *você*. Meia hora depois daquilo eu me senti tremendamente elevado e tranquilo. Ele tinha aberto uma janela para um mundo de alegria e para uma resposta contundente ao sofrimento. O caminho para fora da selva da mente era através de parar de criá-la através do medo e da auto consciência. A Vida Santa parecia tão simples e uma forma tão boa e alegre de viver. Esse era exatamente o tipo de mensagem que minha mente ansiosa e tensa precisava.”

A reputação de Luang Pó na Inglaterra tinha crescido continuamente nos dois anos anteriores. Ao saberem que haveria essa sua visita, grupos budistas de todo o país fizeram contato solicitando a possibilidade de receberem ensinamentos dele. Em resposta, Ajahn Sumedho convidou Luang Pó para uma viagem de carro para o norte da Inglaterra e para a Escócia, uma viagem durante a qual os encontros para dar ensinamentos poderiam ser combinados com alguns passeios. Luang Pó estava bastante tranquilo.

ISSO É UMA PERGUNTA

A minivan que levava Luang Pó e sua pequena comitiva fez sua primeira parada em Manchester, na Sociedade Samatha, um grupo de meditação budista theravada. À despeito do fato que a sua plateia consistia de pessoas comprometidas com a tranquilidade interna, muitas das perguntas feitas a Luang Pó eram de uma natureza de tamanha complexidade intelectual que colocaram à prova (pesadamente) a habilidade de tradução de Ajahn Pabhakaro. Uma pessoa em particular tomou um tempo absurdamente grande para articular a sua pergunta que, no final, não era mais do que pedir para que Luang Pó concordasse com sua posição sobre um certo assunto. Antes que ele terminasse de falar, um gentil e sorridente Luang Pó se virou para Ajahn Pabhakaro e perguntou se o homem estava fazendo uma pergunta ou dando ele mesmo uma palestra do Dhamma.

As respostas de Luang Pó para as perguntas eram, em sua maioria, caracteristicamente diretas e pragmáticas.

“Quando eu estou com medo, eu sinto isso em minha barriga; mas em outras ocasiões a sensação é no cérebro. O que é isso?”

Isso é apenas o que é. Amor surge aqui (ele aponta para o coração*) e o medo e o destemor. Você não precisa falar do umbigo ou do cérebro. Tudo se converge aqui no coração. Quando existe a sensação de medo, então quem é que está com medo? Não é o umbigo e não é o cérebro. A sensação de medo ou de destemor, a sensação de prazer ou dor, quem é? Quem é aquele que sente?

* Algo um pouco confuso, é comum na Tailândia apontar para o peito quando alguém se refere tanto ao sentido físico quanto ao sentido abstrato da palavra ‘coração’.

É *nāmadhamma*^{*}, é como as coisas são. O cérebro e o umbigo são coisas inanimadas, não existe nada nelas (*rūpadhamma*). Sensações são *nāmadhamma*, e é sua natureza serem assim. Se não houver causas e condições para que elas surjam, elas ficam inertes; se há causas e condições, elas florescem na mente. Essa é a natureza das coisas. Então os grandes mestres dizem que, se você se sente com medo, isso não importa. Apenas diga a si mesmo, 'Isso é impermanente, impermanente. Prazer é impermanente, dor é impermanente.' Diga isso às sensações e elas logo desaparecem. Elas são mutáveis.

“Eu li nas escrituras que Nibbāna é a cessação do sofrimento. Em minha meditação, eu experienciei um estado no qual não havia forma, a mente era vasta, infinita, sem sofrimento. Eu presumo que isso provavelmente não tenha sido Nibbāna. Qual é a sua opinião?”

Sufrimento é um fenômeno imaterial; não é uma forma que desaparece na meditação. Sofrimento é uma sensação que surge na mente. Nós não sabemos como chamar isso então nós concordamos com a palavra 'sofrimento'. É uma etiqueta pela qual nós decidimos. Sofrimento surge e então passa. A paz mental que você descreveu é meramente um calmo estado mental. Não é a paz da libertação do sofrimento. Se o sofrimento tivesse chegado ao fim então você não teria esse tipo de dúvida. Não haveria absolutamente qualquer dúvida. Verdadeiramente nada para duvidar: essa é a paz que vem através da sabedoria.

Com *samādhi*, você fica em paz pelo tempo que os seus olhos estiverem fechados e [pelo tempo] que não haja nenhum barulho que te perturbe. Se você vai para casa e os barulhos te perturbam então sua mente voltou para o estado de agitação novamente. Você apenas ganhou a paz da falta de perturbações, o resultado de *samādhi*, não [foi] sabedoria, não [foi] a coisa verdadeira. Se fosse o resultado da sabedoria, não haveria esse tipo de dúvida; seria o fim do assunto.

^{*}Em escrituras budistas, fenômenos (*dhamma*) são geralmente divididos em duas categorias: materiais (*rūpa*) e imateriais (*nāma*).

Mas ele também poderia falar com um “estilo Zen”, enigmático, que empregava frases simples de uma forma que confundia o pensamento racional:

Suponha que você está caminhando para cima e para baixo. Ao caminhar você está ciente de que está caminhando. Ao parar, você está ciente de que está parando. Mas suponha que você não está andando nem para frente, nem para trás e que você não tenha parado – o que é isso? Onde exatamente é isso? Como é que você existe naquele momento?

Agora não existe mais andar para frente, não existe mais andar para trás. Não existe mais nada para duvidar. Não existe mais dúvida ao caminhar para frente pois as dúvidas chegaram ao fim. Não existe mais dúvidas ao caminhar para trás pois as dúvidas chegaram ao fim. Não existe mais dúvidas enquanto se está parado em pé pois as dúvidas chegaram ao fim. Não existem mais dúvidas na mente. Essa é a natureza da sabedoria: nada nasce na mente.

MANJUSRI

De Manchester eles se dirigiram ao noroeste para o Instituto Manjusri em Lake District, uma comunidade que consistia de um núcleo de religiosos tibetanos e um maior número de ocidentais ordenados e praticantes leigos. Foi o primeiro contato de Luang Pó com o Budismo Tibetano. Ele encontrou no Instituto Manjusri um conceito diferente de monasticismo no qual a distinção entre monges e leigos era mais fluida do que ele estava acostumado. A revelação de que, naquela linhagem em particular, monges podiam usar roupas de leigo – e mesmo ter um emprego na comunidade local – lhe pareceu bizarra.

Embora tenha sido uma curta visita, Luang Pó apreciou as calorosas boas vindas de toda a comunidade e se divertiu com o quão colorida era aquela tradição, que era tão exótica para ele quanto era para a maioria dos habitantes do interior do noroeste da Inglaterra. O ambiente campestre em volta do Instituto Manjusri era muito bonito e, com Luang Pó obviamente fascinado pela flora e pela fauna – tão diferentes de tudo o que ele estava habituado na Tailândia – um piquenique foi organizado.

Depois da refeição enquanto o Anāgārika Philip* estava lavando a tigela de Luang Pó, ele se aproximou, pegou a tigela de volta e deu longas e detalhadas instruções para Philip sobre a forma correta de cuidar dela. Logo, Ajahn Sumedho se aproximou para escutar. Ao terminar sua exposição, Luang Pó, rindo, disse a Philip:

O Ajahn Sumedho pode te ensinar o caminho para Nibbāna e eu vou te mostrar como cuidar de sua tigela.

Mais tarde, em uma sessão com a comunidade do Instituto Manjusri, Luang Pó deu um discurso sobre as Quatro Nobres Verdades. Ele discursou com bom humor sobre os desafios que os professores encontram com estudantes preguiçosos. Ele disse que perguntou ao professor deles se era do mesmo jeito lá como era na Tailândia e lhe foi dito que sim. Ele falou sobre a tolice de querer que as coisas fossem de outro jeito que não aquele que elas eram, ou que deveriam ser, dizendo que aquilo era como querer que uma galinha fosse um pato. Ele disse que o sofrimento comum por estar vivo era como a dor inevitável da agulha de um médico entrando na pele. O sofrimento daqueles que se apegavam às coisas como sendo um ‘eu’ ou pertencendo a um ‘eu’, por outro lado, era como se aquela agulha estivesse injetando veneno. Em um momento, ele falou sobre como lidar com a raiva:

Coloque um relógio à sua frente e faça um voto para que a raiva desapareça em duas horas. Veja se você consegue fazer isso. Se a raiva realmente te pertencesse, você poderia. Mas na verdade, às vezes duas horas já passaram e você ainda está com raiva; outras vezes, a raiva pode passar em apenas uma hora. Se você identifica a raiva como sendo sua, então você sofre. Se a raiva é quem você é, você deveria ter poder sobre ela. Se ela não obedece aos seus desejos então ela é falsa. Não acredite nela. Não acredite em suas sensações de felicidade ou tristeza, amor ou ódio. Todas elas estão mentindo para você.

Quando você fica com raiva, isso é doloroso ou prazeroso? Se é doloroso, então por que você se agarra a ela? Por que você não joga

*‘Anāgārika’ significa, ‘aquele que deixou a vida como leigo’, e é equivalente ao termo ‘postulante’ que apareceu anteriormente no livro. Philip seguiu adiante e se tornou monge tendo recebido o nome em Pali ‘Vajiro’. É atualmente (2017) abade do mosteiro afiliado Sumedharama, na região sul de Portugal.

a raiva fora? Como você pode ser inteligente e sábio se você não fizer isso? Você já ficou com raiva muitas vezes em sua vida. Às vezes, ela leva a discussões familiares; às vezes, você passa a noite inteira chorando. Mas ainda assim você fica com raiva, ainda se agarra a ela em seu coração. Então você segue sofrendo enquanto segue vivo. É assim que o ‘saṃsāra’ funciona. Se você entende o sofrimento, então você pode resolver o problema. Por essa razão o Buda disse que não existe meio mais hábil de libertar a mente do sofrimento que seja melhor do que ver o ‘não-eu’. É tudo o que se necessita. É o remédio sublime e supremo.

A viagem seguiu rumo ao norte. Edimburgo, a parada seguinte, foi a cidade que mais impressionou Luang Pó em suas viagens. Ele já tinha visto grandes edifícios de pedra em Londres e em outros lugares mas ele achou especialmente impressionante que uma cidade inteira tivesse sido construída de pedra ao redor do sopé de uma enorme rocha vulcânica. Isso lhe encheu de admiração pela habilidade dos construtores que a haviam erguido. Seus anfitriões em Edimburgo incluíam uma jovem mulher, Kate, que logo depois rasparia sua cabeça e se tornaria a Irmã – e mais tarde, Ajahn – Candasiri, um dos membros fundadores da ordem de monjas em seu novo mosteiro no sul da Inglaterra. Durante uma sessão de perguntas e respostas noturna, ela se recorda de um questionamento sobre um tema que, naquela época, lhe interessava muito:

“Uma flautista profissional começou a perguntar sobre música: ‘E quanto ao Bach? Certamente não há nada errado com isso – muito de sua música é bastante espiritual, em nada mundana.’ Luang Pó olhou para ela e, quando ela terminou, disse tranquilamente: ‘Sim, mas a música do coração em paz é muito, muito mais bonita.’”

PERTURBANDO O BARULHO

Em seu retorno da Escócia, Luang Pó permaneceu mais uma vez no Hampstead Vihāra. Todas as noites, pessoas iriam para medita e receber ensinamentos. O vihāra era situado em uma via principal muito barulhenta e o ruído do tráfego era um pano de fundo constante para as sessões noturnas de meditação. Em algumas noites a barulheira da via era abafada

pelo som do rock n' roll dos bares que estavam ali perto. Luang Pó deu alguns conselhos sobre como lidar com essa distração:

Hoje eu gostaria de lhes oferecer uma pequena reflexão. Ela diz respeito à visão de que o barulho do tráfego é uma perturbação para a meditação. De fato, não é verdade que ao invés de que o barulho do tráfego lhes está perturbando, são vocês que estão perturbando o barulho do tráfego?

O sofrimento surge através desse tipo de ponto de vista incorreto. Se pensamos que o problema é o barulho então nós direcionamos nossos esforços para o barulho do tráfego ou para as outras pessoas ao invés de nos direcionarmos para a causa real. Com visão incorreta o sofrimento é infinito. Vocês tem essa visão incorreta em suas mentes? Investiguem isso internamente.

Levem minhas palavras com vocês e reflitam sobre elas: a visão correta é que *nós* perturbamos o barulho do tráfego, não é *ele* que nos perturba. Ou, mais profundamente, quando não há um senso de 'eu', ou tráfego, ou barulho então todo o problema chega ao fim. Olhem para suas mentes e reflitam sobre esse ponto.

O erro crucial era assumir a propriedade dos fenômenos impermanentes. Isso era a essência da visão incorreta.

Que tal se vocês tivessem que sentar em meditação hoje e a dor surgisse mas que não houvesse um senso de que ela tivesse um dono. Como seria? Vocês estão próximos desse ponto de vista ou ainda estão distantes? Ninguém que ainda tenha o entendimento incorreto de que a dor e o prazer pertencem a ele [ou ela] pode encontrar a calma lucidez. Para que serve essa prática? Para quem? Vocês já pensaram nisso? Vocês já refletiram alguma vez sobre isso?

Dois rapazes ingleses que viriam a se ordenar como monges e se tornarem membros seniores da Sangha ocidental na Europa encontraram Luang Pó pela primeira vez durante esse período. O primeiro, Philip (agora Ajahn Chandapalo) participou da sessão de perguntas e respostas em Edimburgo

O segundo, Chris (agora Ajahn Karuniko) foi um dos jovens que foi meditar no Hampstead Vihāra durante a visita de Luang Pó. Ele relembra:

“Ele brincava com as pessoas; fazia perguntas a elas e brincava um pouco com elas. Então quando eu sentei lá e estava à seus pés, impressionado por aquele homem maravilhoso, ele olhou para mim e disse, ‘Como você acha que seria sentar-se ali por uma hora inteira sem que nenhum pensamento viesse à sua mente?’ Eu pensei, ‘Oh, algo muito iluminado!’ Mas ele disse, ‘Como uma pedra!’ e eu não pude responder aquilo.”

Antes de partir para os Estados Unidos Luang Pó mencionou em um tom casual que podia ser que fosse o caso de uma mudança de liderança naquele momento e que ele estava pensando em fazer com que Ajahn Sumedho voltasse para a Tailândia com ele. Foi como uma bomba. A renovação da propriedade que eles tinham adquirido no interior e para a qual eles estariam se mudando no curto período de dois meses ia ser uma tarefa longa e árdua. A força de vontade e a inspiração da comunidade para encarar todo o trabalho duro que estava por vir eram devidas em grande parte à confiança que eles sentiam em Ajahn Sumedho. Havia um consenso geral que se ele fosse chamado [de volta para a Tailândia] poderia ser um movimento desastroso que poderia vir a sabotar todo o projeto. Luang Pó, tendo dado a todos uma boa chance para olharem para suas esperanças, apegos e medos, e com o assunto ainda não resolvido, partiu para os Estados Unidos.

UM ESTADO PACÍFICO

Os dois monges chegaram em Seattle, cidade natal de Ajahn Pabhakaro, no dia vinte cinco de maio. Eles foram recebidos no aeroporto por Norm e Jeanne Kappel, os pais de Ajahn Pabhakaro, juntos com Paul Breiter (ex-Venerável Varapanyo) e um grupo de budistas de Seattle para dar as boas vindas.

Assim que Jeanne viu o filho ela correu alegremente através das pessoas que estavam no saguão. Ajahn Pabhakaro quase entrou em pânico. Parecia que ela ia dar-lhe um grande abraço. Ele estaria quebrando uma das regras

da Disciplina bem na frente do seu professor.* Ele preparou a si mesmo para repeli-la da forma mais adequada e menos dolorosa possível. Mas assim que Jeanne chegou a uns dois metros de distância ela se ajoelhou e, para seu grande alívio, fez três belas prostrações.

Paul Breiter aproveitou a oportunidade para oferecer seus serviços como atendente leigo pela duração da visita de Luang Pó. Quando Luang Pó viu que seu antigo discípulo ainda mantinha a cabeça raspada e tomou conhecimento de seu estilo de vida, ele riu prazerosamente e disse que ele não era nem peixe e nem pássaro, nem monge, nem leigo. Nos dias que se seguiram ele faria brincadeiras sobre como Paul tinha se tornado uma espécie de travesti.

Eles ficaram na casa dos Kappel na cidade por dois ou três dias e então foram ficar em uma cabana da família nas montanhas. Durante a primeira semana Luang Pó parecia exausto e passou a maior parte do tempo descansando. Às vezes ele discutiria o Dhamma com seus dois discípulos; algumas vezes ele pediriam para que eles ligassem a televisão. Mesmo que para ele aquela linguagem fosse completamente ininteligível, ele estava interessado em assistir e absorver as imagens de um estilo de vida novo para ele.

Em passeios de carro pela região Luang Pó ficava observando as redondezas, a cultura, os costumes, o comportamento e os modos das pessoas a quem encontrava. Às vezes ele apontaria para algumas pessoas e expressaria o quanto lhe parecia que elas eram merecedoras de compaixão. Em uma ocasião ele citou sobre como ‘eles realmente gostam de tentar de tudo nessa sociedade.’ Paul sentiu que ele estava buscando a melhor forma de ensinar nos Estados Unidos. Isso se confirmou quando um dia Luang Pó começou a falar sobre a propagação do Dhamma. Nos Estados Unidos, ele disse, não era necessário usar a palavra ‘Budismo’, mas apontar como os ensinamentos budistas não são conceitos filosóficos, mas expressões das verdades da natureza.

Ele observou que ocidentais que se interessavam em Budismo tendiam a ser bem educados e cheios de opiniões. A melhor forma de ensinar para pessoas

*Falando de forma estrita, uma ofensa séria (*Saṅghādisesa*) é cometida somente se um monge tem contato físico com o corpo de uma mulher com uma intenção de luxúria. Mas a prática aceita dessa regra na Sangha Tailandesa é de evitar até mesmo um contato inocente.

assim tinha que ser de um jeito tal que elas sentiriam que tinham chegado às conclusões por elas mesmas ao invés de que as estivessem adotando de outras pessoas. Mas ele precava que se os pontos de vista de alguém fossem tão enraizados que os impedissem de receber os ensinamentos, então que não se deveria discutir com a pessoa: aquilo seria tão indigno quanto um milionário discutindo com alguém pobre e desamparado. Eles deveriam ser deixados com suas próprias crenças. Era o seu *kamma*.

Luang Pó e Paul encontraram muito sobre o que conversar. Luang Pó estava particularmente interessado no estado do Budismo nos Estados Unidos e em sua futura propagação. Paul, por sua parte, vinha praticando na tradição do Budismo Zen desde seu retorno ao ocidente e estava ávido por ouvir as perspectivas de Luang Pó sobre ensinamentos chave do Mahayana. Ele também estava curioso para saber o ponto de vista de Luang Pó sobre oferecer cuidados plenamente atentos e compassivos para doentes em estado terminal, um assunto de grande interesse em círculos budistas naquela época.

“Ao trabalhar com aqueles que estavam à beira da morte – que estava se tornando popular na época de sua visita – ele disse que a maior parte do benefício era para ser encontrada por aqueles que visitavam aos que estavam para morrer, ao contemplarem as verdades da doença e da morte ao invés de por aqueles a quem estávamos visitando para ajudar ... Ele disse que não achava que nós pudéssemos afetar muito o estado mental de alguém que está morrendo, fosse positivamente ou adversamente. Ele pegou sua bengala e me cutucou com ela no peito dizendo, ‘Se isso fosse um ferro em brasa e eu estivesse te cutucando com ele, e então eu segurasse um pedaço de doce em minha outra mão, quanto esse doce poderia distrai-lo?’

“Ele também disse que era muito difícil saber o que as pessoas estavam experienciando com a morte apenas ao observá-las. Eu lhe contei como as pessoas descreviam as transformações que vinham com os moribundos, como eles partiam sorrindo pacificamente. Ele disse, ‘Quando os porcos são levados para serem abatidos eles também estão sorrindo até o último momento. Será que podemos dizer que todos os porcos estão indo para Nibbāna?’

“Ele enfatizava que, é claro, nós devíamos tratar aos moribundos com amor, compaixão e cuidarmos deles da melhor forma que pudéssemos mas que se não nos voltássemos para nós mesmos para contemplar a nossa própria e inevitável morte haveria pouco benefício para nós mesmos. O tema da morte iminente foi um para o qual ele voltaria continuamente conforme a viagem prosseguiu.”

MAHAYANA

“Ele parecia ficar empolgado ao ouvir trechos de Sutras Mahayana que eu ocasionalmente traduzia para ele, frequentemente dizendo que eles eram expressões de profunda sabedoria. Mas às vezes ele os invertia e me desafiava, me recordando que eu não deveria ficar satisfeito com o conhecimento conceitual. Uma vez, quando eu disse que de acordo com o Mahayana o *arahant* tinha apenas viajado metade do caminho, ele perguntou, ‘Alguém já viajou pelo caminho inteiro?’ Quando eu disse que Sāriputta, a personificação da sabedoria nas Escrituras em Pali, tinha se tornado o tolo em vários textos Mahayana, ele disse, ‘As pessoas que leem essas coisas é que são os verdadeiros tolos.’ Nem preciso dizer, eu estou certo de que ele não estava denegrindo os Sutras, estava apenas cutucando aquelas pessoas que se aferram somente às palavras sem experienciar o seu significado mais profundo. Falando do Sutra Diamante, eu disse, ‘Esse Sutra diz, “Aquele que vê as formas como irreais, vê o Tathāgata,”’ o que fez com que ele me olhasse de forma irritada e dissesse, ‘Sim, é mesmo?’ Mais do que uma vez ele me perguntou se eu sabia quem havia escrito esses Sutras. Bem, eles dizem que foi o Buda. ‘E você sabe quem é o Buda?’ ele demandou. Eu tive que ficar com a boca fechada.

“Em outra ocasião, eu lhe perguntei mais uma vez sobre o ideal do Bodhisattva. ‘O Vimalakirti Sutra diz algo como, “Mesmo estando para além do apego, o Bodhisattva não corta os elos da paixão para assim permanecer no mundo para benefício dos seres sencientes.”’ Luang Pó disse:”

Isso não está falando da mente propriamente dita, mas da função da mente. É como perguntar? ‘Você quer isso?’ ‘Não.’ ‘Você gosta disso?’ ‘Sim.’ ‘Você quer?’ ‘Não.’ ‘Você acha isso bonito?’ ‘Sim.’

‘Então você quer isso?’ ‘Não.’ Mas ele *realmente* não quer aquilo, ele não está apenas falando.

“Quando eu disse que o conceito do Bodhisattva era profundo, ele disse, ‘Não pense assim. É o seu pensamento que é superficial ou profundo, longo ou curto. Não é muito mais do que isso, mas você é fisgado por sua mente cheia de dúvidas.’

“Nós deveríamos levar todo mundo ao Nibbāna primeiro? ‘O Buda não nos deixou depois de sua iluminação, mas permaneceu para ajudar aos outros a ganhar a libertação. Mas isso é tudo o que podemos fazer e isso é o suficiente. Se nós salvarmos a todos os seres do mundo agora, o próximo Buda não terá um mundo para nascer.’ Quando eu perguntei a Luang Pó se ele voltaria para ensinar na próxima vida, ele disse, ‘Não, eu estou cansado. Uma vida ensinando é suficiente.’ Soou como se ele realmente quis dizer aquilo.

“Eu lhe contei que uma das ideias que alguns professores davam aos estudantes era que, como tudo é vazio, não havia então verdadeiramente coisas tais como apego e sofrimento. ‘Você não pode fazer isso desse jeito’, Luang Pó disse, ‘você tem que usar as convenções.’ Eu disse que várias pessoas argumentavam que, como a mente é inerentemente pura e como todos nós temos a natureza de Buda, não é necessário praticar. Sua resposta foi, ‘Você tem algo limpo, como essa bandeja. Eu venho e despejo um pouco de cocô nela. Por acaso você vai dizer, “Essa bandeja é originalmente limpa, então eu não tenho que limpá-la agora?”’

“Em outra ocasião, eu lhe disse que as pessoas pensavam que eram felizes, então elas não queriam praticar. Ele disse, ‘Se uma criança não quer ir para a escola mas diz aos seus pais, ‘Está tudo bem, eu estou bem assim,’ isso está correto?’ E então havia aqueles que diziam que o sofrimento é o Dharma, portanto ele é bom e então devíamos ‘honrá-lo’ ao invés de extingui-lo. Ele disse, ‘Certo. Eu digo a essas pessoas, não larguem isso então, apenas o agarrem tanto quanto possam e vejam como é que se sentem.’ Ele admitia que era verdade que Nirvāna e saṃsāra são inseparáveis como a palma e as costas da mão mas a gente deve girar a mão. Finalmente, ele disse que se as pessoas apresentam esses tipos de argumentos invencíveis e não

queiram ser convencidas da verdade, ‘Apenas deixe que elas sejam assim. Para onde elas vão?’ isto é, tais pessoas devem ver por elas mesmas.”

MANTENDO A CASA LIMPA

Já fazia então dois anos desde que Luang Pó tinha se familiarizado com a ideia de retiros de meditação para leigos. Embora ele tivesse ficado impressionado com o quanto aquelas pessoas que participavam deles se aplicavam, ele apontava para as armadilhas de uma prática de Dhamma focada em retiros mas não tendo uma continuidade de esforços no período entre os retiros. Curtos períodos de retiro intenso seguidos por períodos muito mais longos de falta de atenção não poderiam levar a um verdadeiro progresso. As experiências do retiro deveriam estar fornecendo insights para o sofrimento inerente da vida desatenta aos meditadores, e os levando a abrir mão de comportamentos não sábios e a viverem de forma mais plenamente atenta. Se os retiros não estivessem inspirando uma nova perspectiva na vida diária fora do retiro, então mesmo que eles dessem acesso a alguns estados mentais elevados temporariamente eles não seriam ferramentas efetivas para o despertar. As pessoas que adotavam essa abordagem não estavam lidando com as verdadeiras causas do sofrimento. Ele disse que era como um ladrão que era pego pela polícia e contratava um advogado muito bom para defendê-lo. Assim que ele era absolvido ele voltava a roubar. Quando ele é preso novamente, ele contrata o mesmo advogado e todo o processo se repete continuamente.

O objetivo da meditação não é [ter] uma folga temporária do sofrimento ou um descanso para as perturbações da vida. Você deve investigar as causas do sofrimento e arrancar o apego que é a raiz da inquietação na mente. Apenas assim você vai experimentar uma verdadeira paz mental.

Ele comparou a meditação com a construção de uma casa:

Você pensa que você pratica meditação por um tempo e então você para. Não é assim. Você deve manter uma plena atenção constante. Conheça os estados mentais que chegam, que destroem a sua concentração e te deixam preocupado. Conheça a si mesmo constantemente. Desenvolver concentração não é difícil; o que

é difícil é cuidar dela. Não leva muito tempo para construir uma casa mas conservar a casa e mantê-la limpa é algo que você deve ficar fazendo pelo resto de sua vida.

Consistência, continuidade era tudo.

Se você não mantém a continuidade na prática você não verá os resultados ou verá apenas resultados pequenos. Ainda assim é melhor do que nada. Mas nem sempre. Sem resultados algumas pessoas ficam entediadas com a meditação e começam a pensar que aquilo é uma perda de tempo. Outras atividades podem parecer mais importantes, e eles a deixam para trás.

Ele dizia que o fracasso ocorria porque meditadores não eram sinceros o suficiente e não perseveravam até o ponto onde os resultados apareciam:

Na verdade, tudo está constantemente pronto para nos ensinar. Tudo o que precisamos é cultivar a sabedoria e então nós poderemos penetrar claramente na verdade do mundo.

Quando alguém lhe perguntava para descrever como ele preparava sua mente para a meditação, ele dizia:

Eu apenas a deixo onde ela sempre está.

Em uma visita ao Monte Rainier, Luang Pó viu neve pela primeira vez. Ele não ficou nem um pouco impressionado. Ela parecia mais bonita pelas fotos, ele disse. Mais do seu agrado foram as ervas medicinais dadas a ele por um tradicional médico chinês de Seattle. Elas lhe deram um novo salto inesperado de energia que o sustentou pelo resto de sua viagem.

MUITA GENTE ENSINANDO, POUCA COISA SENDO APRENDIDA

Alguns temas logo surgiram nos ensinamentos de Luang Pó e se desenvolveriam por toda sua viagem pelos Estados Unidos. Ele enfatizava as conexões inseparáveis entre os diferentes fatores do caminho, especialmente a relação entre a conduta externa e o cultivo interno. Ele falou em várias ocasiões sobre a importância da continuidade. Ele precava contra professores não qualificados. Ele criticava a abordagem diletante e amadora dos ensinamentos espirituais na qual as pessoas pegavam um pouco dos

ensinamentos de várias tradições e que fazer isso não ameaçava aos apegos mais profundos. Ele disse que era apenas por fazer um comprometimento de longo prazo para com o treinamento que o meditador desenvolveria as qualidades de resistência e perseverança que eram vitais para o sucesso.

Luang Pó deu sua primeira palestra pública no Estados Unidos no dia primeiro de Junho no Friends Meeting House em Seattle. Inicialmente, Paul ficou surpreso pelo tema do discurso:

“Foi em sua maior parte sobre si. Ele já começou dando uma bronca em todo mundo, de uma forma gentil, do tipo, ‘Agora vocês sabem que não deveriam estar fazendo essas coisas que vocês fazem.’ Eu fiquei um pouco surpreso com aquilo e certamente não era tão interessante ou entusiasmante quanto uma palestra sobre meditação, sobre o vazio, etc. Contudo, conforme ela se desenvolveu e eu o via voltando para aquele assunto de forma contínua, eu comecei a gostar daquilo. E nos meses e anos que se seguiram eu via cada vez mais o quão preciso ele foi. Eu acho que foi quando ele começou a dizer para as pessoas ficarem atentas quanto aos professores de meditação. Em palestras subsequentes e em outras conversas ele deu muitos detalhes sobre esse assunto. Ele via uma grande diferença entre ser meramente capaz de praticar meditação e ensinar as técnicas para pessoas por um lado, e incorporar a prática para todos os aspectos de sua vida para que a pessoa ‘fosse’ o Dharma. Ele sentia que aqueles que não fossem realmente libertos de seus desejos iriam naturalmente ensinar as pessoas de acordo com suas próprias opiniões e seriam muito indulgentes para com os hábitos e desejos de seus estudantes.”

Se tem uma coisa que eu tenho medo nesse país é que existem muitos professores de meditação: tibetanos, zen, theravadins – é um caos! Tantos professores de meditação mas tão poucas pessoas que estão realmente meditando. Eu apenas tenho medo que vocês possam ser enganados por coisas falsas, professores falsos. Eu tenho muita preocupação quanto a isso.

Ele deu o exemplo de um buscador religioso da época do Buda:

Ele seguia mudando de professor, constantemente procurando por professores novos. Onde quer que ele ouvisse pessoas elogiando

um professor ele iria lá para praticar com ele e ouvir ao seu Dhamma. Então ele começava a comparar entre Ajahn A, Ajahn B e Ajahn C. Mas as opiniões dos professores não coincidiam entre si e tampouco coincidiam com sua própria opinião. Suas dúvidas cresciam cada vez mais.

Algum tempo depois ele ouviu que Gotama, o grande fundador de uma religião, estava ali por perto. Seu desejo por ouvir os ensinamentos de um Buda era especialmente forte e ele não pôde resistir de ir até lá para ouvi-lo. Depois que ele prestou suas reverências, o Buda lhe disse, ‘Você nunca vai esclarecer as suas dúvidas através das palavras de outras pessoas. Quanto mais você ouve, mais você duvida. Quanto mais você ouve, você vai ter ideias ainda mais estranhas. Para acabar com suas dúvidas tudo o que você tem que fazer é investigar o seu corpo e a sua mente. Jogue fora os pensamentos do passado. Jogue fora os pensamentos sobre o futuro. Ambos são mutáveis. Olhe para o momento presente. Olhe para o que você está fazendo bem agora. Não olhe para outro lugar.’

Luang Pó enfatizava esse ponto para sua plateia:

A sabedoria nunca surgiu de ter um monte de conhecimento; nunca surgiu de pular de um método de meditação para outro. Ela surge de um sincero conhecimento e compreensão sobre a profundidade dos princípios guia e então de praticar de acordo com eles.

Alguém perguntou:

“O Zen ensina as pessoas a viverem naturalmente mas o senhor parece estar dizendo exatamente o oposto. O senhor poderia explicar?”

Eu não posso ensinar apenas o que agrada as pessoas. Faça isso e elas nunca vão aprender. Se o professor evita dizer essas coisas que vão contra as impurezas das pessoas então essas impurezas nunca vão desaparecer. A prática não vai dar em nada.

Você se sente preguiçoso, então você se deixa ser preguiçoso; você quer dormir e então você apenas se permite dormir; você sente

que quer trabalhar e então você faz algum trabalho – é assim que seria viver uma vida de forma completamente natural. O Buda nos ensinou a viver naturalmente mas com uma sabedoria que compreende completamente a natureza. Se esse é o caso então isso não seria incorreto.

Mas eu tenho receio que todos vocês seriam como macacos. Vocês apenas permitiriam a si mesmos serem macacos e vocês nunca chegarão a ser seres humanos. Quando professores Zen dizem essas coisas eles estão falando de forma sábia: eles estão nos ensinando a ter a sabedoria que conhece a natureza da natureza.

Natureza é Dhamma; Dhamma é natureza. Se você entende a natureza então é assim que é. Mas eu tenho receio que o conhecimento das pessoas não alcança tão longe. O Buda ensina as pessoas a ir contra a corrente: se a mente tem cobiça, então deve-se ir contra a cobiça com o intuito de eliminá-la; se existe raiva na mente, então deve-se ir contra a raiva para eliminá-la; se existe ilusão na mente, então deve-se ir contra ela para eliminar a ilusão.

NÃO DEIXE QUE O LADRÃO ENTRE

Luang Pó sempre apresentou o caminho da prática como sendo aquele que demanda uma abordagem integrada na qual os treinamentos de conduta, do coração e da sabedoria como descritos pelo Buda deviam ser partes inseparáveis de um todo. Nos Estados Unidos ele encontrou algo um tanto diferente. Um novo e eclético Budismo estava surgindo, que era caracterizado pela busca por um Dhamma Norte Americano diferente, adaptado para aquela cultura e sociedade e sem qualquer adesão necessária às formas tradicionais asiáticas (frequentemente chamadas de ‘bagagem’). A conversa era de se extrair a essência de todas as diferentes tradições budistas que tinham chegado aos Estados Unidos. A preocupação de Luang Pó era, primeiramente, se os líderes dessa comunidade budista eram aptos para tal tarefa, e em segundo lugar, que em uma abordagem de ‘pegar e misturar’, o relacionamento orgânico entre as práticas fundamentais para o Caminho Óctuplo poderiam facilmente serem passadas por alto. Mais adiante a adoção apenas daqueles elementos da tradição que estivessem

em conformidade com a visão corrente e os valores de uma sociedade não-budista arriscariam estrangular a tradição ou mesmo distorcê-la.

Luang Pó estava particularmente preocupado em apontar a conexão vital entre a prática de *sila* e os níveis mais profundos de cultivo interno. Ele chegou nos Estados Unidos com a reputação de ser um grande mestre de meditação e não foi apenas Paul que ficou surpreso com a quantidade de tempo que ele devotou para falar sobre *sila*. Ele afirmava que quando as pessoas se comprometiam com as práticas de meditação sem um esforço comensurável de purificar as suas ações e suas falas, nenhum benefício duradouro poderia ser alcançado. Essa não era a visão Theravada Tailandesa das coisas, ele dizia; essa era a lei da natureza. *Sila* era a fundação indispensável para a prática. Era a ferramenta fundamental necessária para construir uma vida nobre. Era a qualidade o que fazia um ser humano ser um recipiente adequado para o Dhamma.

Levem para casa o que eu disse com vocês e pensem sobre isso. Quebrar qualquer um dos preceitos tem consequências. Reflitam bem sobre isso. Meditem sobre os preceitos. Se vocês veem claramente as consequências de transgredir os preceitos, vocês conseguirão abandonar as transgressões.

A maioria das perguntas que ele recebeu sobre preceitos individuais se centravam no terceiro, que lidava com a má conduta sexual e com o quinto, sobre o consumo de álcool e drogas.

Ele explicou que o terceiro preceito tinha a intenção de prevenir separações e confusões sobre assuntos sexuais; para promover a moderação, ‘a medida certa’. Promiscuidade sexual gerava inquietação: ‘Não é a prática do Dhamma e não é o Caminho do Meio.’

O que quer que os praticantes façam, eles devem ter limites, ter uma moldura para suas ações, ter honestidade e sinceridade uns para com os outros.

Ele resumiu que o celibato era mais conducente para o progresso no Dhamma. Aqueles que não conseguissem ou não quisessem levar uma vida celibatária deveriam criar um contentamento para com seus parceiros. Em

um estilo de vida moderado que dá suporte para a prática do Dhamma, apenas um parceiro sexual era mais do que suficiente.

Transgressão do quinto preceito não requeria a intoxicação: qualquer quantidade de álcool ou drogas era suficiente. Luang Pó dizia que você não precisava estar bêbado para que o álcool minasse o seu senso de certo e errado. O consumo de álcool mesmo na chamada ‘moderação’ criava as condições para o surgimento do sofrimento. A falta de atenção era como um ladrão sempre pronto para roubar as suas boas qualidades. Por que você daria a um ladrão mesmo a menor oportunidade de fugir com suas posses mais valiosas?

Se você soubesse que alguém é um ladrão, seria uma boa ideia deixá-lo entrar em sua casa?

Os modos de Luang Pó eram notadamente diferentes no ocidente. Ele era quase comicamente cortês para com sua plateia. Ele se desculpava (algo impensável na Tailândia) quando ele dizia algo que fosse minimamente controverso. Era uma abordagem que podia ter sido simplesmente a expressão de uma reticência natural em uma nova terra mas é difícil de imaginar – sendo o experiente orador que ele era – que Luang Pó não estivesse ciente do quão charmoso, adorável, e portanto persuasivo aquilo o fez parecer.

Hoje eu lhes dei algumas coisas para que vocês reflitam. Eu gostaria de pedir o seu perdão. Hoje eu falei muito. Eu falei muito pois eu amo o Dhamma. Eu nunca tinha vindo aos Estados Unidos antes, vocês sabem. Agora que eu estou aqui, vou deixar um monte de coisas boas para que vocês possam refletir. Se elas estiverem equivocadas, por favor não me culpem, culpem ao Buda. Ele foi quem me mandou aqui para dizer essas coisas.



Eu gostaria de pedir perdão pelos ensinamentos de Dhamma que eu dei hoje. Às vezes eu não percebo o peso de minhas palavras. Eu lhes dei várias perspectivas que podem diferir dos costumes desse país então eu lhes peço desculpas. Eu gostaria que houvesse bondade e nobreza. Se vocês praticam o Dhamma, Então eu quero que vocês conheçam o verdadeiro sabor do Dhamma em seus

corações. Então eu realmente gostaria de agradecer a todos por terem vindo aqui hoje e lhes peço perdão por tudo.

Isso era inimaginável (estaria ele brincando com eles? alguns pensavam), mas irresistível.

LIVRES ATRAVÉS DAS REGRAS

Como sendo um país predominantemente protestante desde a sua concepção, os Estados Unidos, diferentemente da Europa, tem poucas associações históricas com o monasticismo e pouca simpatia por ele. Um dos tópicos em círculos budistas na época da visita de Luang Pó era a chance de um Budismo Norte Americano se desenvolvendo como uma tradição baseada nos leigos e sobre isso ser uma força ao invés de uma fraqueza.

É difícil dizer em qual extensão os comentários de Luang Pó foram provocados pelo conhecimento prévio desse debate mas ele falou em várias ocasiões sobre a importância da vocação monástica. Depois de uma exibição do documentário da BBC, *'The Mindful Way'*, filmado em Wat Pah Pong, lhe fizeram a pergunta, 'É possível para que leigos pratiquem assim como os monges?'

A forma mais conveniente de praticar é como sendo um religioso pois os religiosos são celibatários. Eles são livres para ir e vir, eles não tem uma família. Leigos podem praticar mas o caminho é indireto, existem muitas curvas na estrada. É difícil pois você tem uma esposa, filhos e todos os tipos de coisas para cuidar. Um leigo, chefe de família, pode praticar mas é de uma forma um pouco indireta.

Mais irônico talvez poderia ser o efeito salutar que ele sugeriu que a presença de uma crescente comunidade monástica poderia ter sobre a superpopulação O mundo já estava em uma grande perturbação pois havia muita gente vivendo nele. Conforme as pessoas lutassem pelos recursos escassos, violência e morte prevaleceriam. Se mais pessoas adotassem o estilo de vida celibatário, elas estariam ajudando a reduzir o número de novas pessoas vindo para isso.

Em um comentário mais sério ele disse que, em sua opinião, religiosos eram melhores professores. Eles não tinham nenhum meio-termo para com o Dhamma. Livres de responsabilidades familiares, eles podiam assumir um compromisso de tempo integral. Tendo muito poucas necessidades pessoais ou distrações eles são capazes de se entregarem por completo a ensinar o Dhamma para eles mesmos e para os demais. Ao não terem que fazer de ensinar as pessoas ser um meio de ganhar a vida, eles não são levados facilmente a diluir os ensinamentos, distorcê-los ou enfeitá-los para a sua plateia.

Esse ponto de vista encontrou uma certa dose de ceticismo de alguns de seus espectadores, alguns deles sendo discípulos de clérigos das tradições do Zen e do Budismo Tibetano que eram casados. Ele disse que a responsabilidade de cada praticante era de alcançar um estado de confiança onde não seria mais necessário se apoiar em um guia externo. Mas no meio tempo, ele estava sugerindo precaução ao invés de preconceito. E em assuntos importantes, não seria mais sábio exercitar a precaução do que dispensá-la?

VANCOUVER

Luang Pó passou o dia seis de Junho em Vancouver, em um encontro com membros da comunidade tailandesa durante o dia e dando ensinamentos à noite na Universidade de British Columbia. O programa foi organizado por Ajahn Tiradhammo, um discípulo canadense de Luang Pó que fez os arranjos para que sua visita à família em British Columbia coincidissem com a viagem de Luang Pó.

Na universidade Luang Pó guiou a plateia que continha uma minoria de meditadores mais sérios em uma sessão de meditação de uma hora. Para a maioria da plateia esse tinha sido o período mais longo que eles já haviam passado em meditação antes. Somado ao desafio estava o fato de que Luang Pó não deu nenhuma indicação sobre quanto tempo duraria a sessão. Foi uma das experiências imprevisíveis do tipo ‘abra mão e observe a sua mente ou então sofra e queira morrer’ com as quais os monges eram bastante familiarizados. Luang Pó tinha talvez decidido dar uma oportunidade para que sua plateia investigasse a expectativa, o desconforto, o tédio, a aversão, as dúvidas e o apego aos horários: o ensinamento do Dhamma antes da

palestra do Dhamma. Quantos deles apreciaram esse presente é algo difícil de dizer.

Luang Pó tinha percebido um medo contundente da morte na sociedade ocidental. Não era tanto que esse medo não existisse na Tailândia mas no ocidente ele aparentava ser mais extremo. Ver pessoas mais velhas adotando estilos joviais de se vestir e se comportar, como se eles estivessem proclamando ‘Eu não sou velho!’ lhe confirmava essa visão. Em sua palestra de Dhamma na universidade ele falou sobre a inevitabilidade da morte. É claro, pesquisas médicas eram algo bom, ele disse, mas se as pessoas não fossem morrer por uma doença, elas morreriam por outra. A morte nunca seria vencida por esses meios. Apenas por seguir o caminho do Buda que os sofrimentos do nascimento e da morte poderiam ser completamente transcendidos.

Ele disse que era importante que todos investigassem o assunto do nascimento, velhice, doença e morte. Era um motivo de risos e celebrações quando um bebê nascia, e lágrimas quando essa mesma pessoa eventualmente morresse. Na verdade, ele disse, os dois eram inseparáveis. Um inevitavelmente leva ao outro. Com um sorriso que suavizou as suas palavras, ele disse:

Se vocês realmente vão chorar, façam isso no nascimento: ‘Aí vem mais um. Mais um para morrer.’

Estar disposto a observar a vida de olhos bem abertos poderia mostrar a importância das práticas do Dhamma. Paul resumiu:

“O balanço final, ele disse, era abrir mão de tudo pelo Dhamma. ‘O que todo mundo mais ama na vida? A sua própria vida. Nós podemos sacrificar tudo pela vida; se nós oferecermos nossa vida pelo Dhamma, não haverá problema algum para nós.’”

Luang Pó, em resposta ao sistema de estudos universitários, falou sobre o tópico do conhecimento mundano versus o conhecimento espiritual:

Hoje em dia existem tantos campos do conhecimento, tantas ‘-ologias’ – demais para serem contadas – e elas não fazem muitas concessões umas às outras, fazem? Eu tenho vários discípulos ocidentais que estiveram em universidades. Isso fez deles ainda

mais tolos. Isso os fez sofrer ainda mais, os fez serem mais combativos do que eles eram antes de irem à universidade pois eles não estavam familiarizados com o dono de seu conhecimento [eles mesmos]. Essas ciências são todas boas mas elas devem convergir para a ciência do Buda. Se não fizerem isso então elas não serão de verdadeiro benefício. Não há integração, ainda existe ciúme, competição e uma continua confusão. Mas se elas puderem se unir dentro dos limites de *sīla*, então elas se tornarão a ciência do Buda.

A ciência do Buda abarca todas as humanidades e ciências. Ela não as permite que sejam enviesadas ou que causem problemas. Quando a ciência do Buda abarca todos os campos do conhecimento, mantendo-os dentro dos limites de *sīla*, então todos se tornam como irmãos, livres de ciúmes e malícias. Se você estuda algum campo de conhecimento, se torna proficiente nele e então o funde com a ciência do Buda, aí você pode ser chamado de budista. Onde quer que você vá, você está sereno.

Nas duas noites em que ele deu ensinamentos em Vancouver as pessoas acompanhavam Luang Pó de volta ao apartamento alugado onde ele estava se hospedando. Ele ficava conversando com elas até a meia noite. Depois que elas iam embora ele continuava conversando com seus atendentes até as três da manhã. Para Paul, aquelas foram noites memoráveis:

“A medicina chinesa estava claramente fazendo algo por ele. Não apenas ele estava extremamente energético mas aquelas sessões de tarde da noite tiveram os aspectos do Dhamma mais incríveis que eu já tinha ouvido dele. Durante a maior parte do tempo ele mantinha seus olhos quase fechados e ele não estava falando com ninguém em particular; era mais com se ele estivesse revelando a sua corrente de consciência ...

“Ele disse, ‘Nós falamos sobre [termos] coisas a desenvolver e coisas à abrir mão mas não há nada a ser desenvolvido, nada para se abrir mão.’ Da forma como ele falou, não estava exatamente claro se ele estava se referindo a si mesmo ou falando de forma generalizada sobre o ponto de vista da verdade última, mas ele certamente parecia saber do que estava falando. Ele mencionou o arahant, e disse, ‘O arahant é realmente diferente das

peessoas comuns’ – e então ele timidamente adicionou, ‘É claro, nós não vemos arahants hoje em dia, mas eu estou falando do que se diz nos livros’ – e ele disse que as coisas que pareciam ser verdadeiras ou valiosas para nós eram falsas e sem valor para um arahant. Tentar fazer com que um arahant se interessasse por coisas mundanas seria como oferecer chumbo em troca de ouro. Nós pensamos, aqui está uma pilha inteira de chumbo, por que ele não troca por aquela pequena peça de ouro que ele tem e é tão menor? ...

“Havia uma energia incrível emanando de Luang Pó naquelas noites. Nós estávamos com dores por estarmos sentados a tanto tempo. O Ajahn Pabhakaro e o Ajahn Tiradhammo começariam a quase dormir sentados em suas cadeiras até que Luang Pó nos estimulasse com alguma coisa muito engraçada. Ele falou sobre a religião no ocidente e disse, ‘As pessoas aqui seguem o Cristianismo – Papai Noel! Ele se veste com aquela roupa, as crianças sentam em seu colo e ele diz, “O que você gostaria?”’ E ele fazia uma imitação de Papai Noel que nos deixava morrendo de rir.”

COMO UMA MINHOCA

No dia nove de Junho, de volta a Seattle, Luang Pó tomou sua refeição na casa de uma família tailandesa. Logo depois ele falou sobre o declínio na Sangha da Tailândia. No que Paul se referiu como sendo seu modo de ‘falsa-rabugisse’, Luang Pó falou sobre como os homens estavam se tornando monges mais para manter o costume do que para tentar tirar qualquer valor verdadeiro do tempo que eles passavam de manto. Não era como nos velhos tempos quando as pessoas passariam ao menos três anos como monges. O dono da casa havia estado longe da Tailândia por tempo o suficiente para não ter qualquer pudor em expressar abertamente a sua discordância. Ele disse:

“Digamos que todo homem tailandês se tornasse monge por quatro ou cinco anos – nada no país poderia ser concluído. Se todos se tornassem monges não haveria ninguém realizando nenhum tipo de trabalho no país. É assim que eu vejo isso.”

Luang Pó riu discretamente. Provocando risos de todos, ele disse que aquele era o pensamento de uma minhoca. Ele citou um antigo conto

popular que diz que a razão pela qual as minhocas evacuam a terra que elas comem é porque elas tem medo que, de outra forma, elas não vão ter mais terra para comer. É claro, era impossível que minhocas pudessem digerir toda a terra do mundo. A ideia que encorajar as pessoas a passar mais tempo de mantos destruiria a economia era igualmente sem cabimento. Aquilo simplesmente não aconteceria.

Você não conseguiria fazer com que todos se tornassem monges nem por sete ou quinze dias. Algumas pessoas se tornam monges por toda a vida, outras por cinco ou seis anos, outra por cinco ou seis dias. É natural que isso seja assim.

Retornando para a residência dos Kappel, Luang Pó se sentou para conversar com Paul e a conversa se voltou para uma amiga dele que vinha participando das palestras de ensinamentos de Luang Pó.

“A Catherine disse que ela sente que os ensinamentos de Luang Pó são verdadeiros mas que eram impossíveis de ser praticados nessa sociedade. Ele respondeu que as pessoas usavam argumentos parecidos na Tailândia, ‘Eu sou jovem então eu não tenho a oportunidade de praticar mas quando eu fique velho eu o farei.’ Luang Pó perguntou, ‘Você diria, “Eu sou muito jovem e eu não tenho tempo para comer, quando eu fique velho eu comerei?”’ ‘Novamente, ele me cutucou com a bengala e disse, ‘Se essa bengala estivesse em chamas, por acaso você diria, “Eu estou sofrendo, é verdade, mas como eu vivo nessa sociedade eu não posso escapar disso? ...”’

“Eu mencionei que o marido da Catherine gostava de ir fazer escaladas em montanhas e ela sentia que aquilo era como uma prática de meditação para ele. Luang Pó perguntou, ‘Quando ele escala pelas rochas ele vê as Quatro Nobres Verdades?’ Eu disse que eu não sabia, mas que talvez ele não as visse. Então eu disse que às vezes eu pensava que quando alguém está fazendo uma atividade mundana com total atenção pode haver profunda concentração; por exemplo, um músico poderia ter os fatores de *jhāna* presentes enquanto ele tocava, como a atenção unifocada, o êxtase e daí em diante, exceto que aquilo acontecesse de uma forma não hábil. Luang Pó apenas disse, ‘Não! Ninguém toca música e entra em *jhāna* – apenas ocidentais! Vocês não sabem nada sobre *jhāna* ...’

“Ele me perguntou sobre o Zen mais uma vez, então eu recitei o Sutra Coração* para ele, fazendo o melhor que eu podia em uma tradução espontânea. Quando eu terminei ele disse, ‘Tampouco o vazio ... Ou o Bodhisattva ...’ Ele me perguntou de onde tinha vindo aquele Sutra e eu disse que a reputação dele era de ter sido recitado pelo Buda. ‘Nenhum Buda’. Então ele disse, ‘Isso está falando de profunda sabedoria, para além de todas as convenções. Mas isso não significa que devemos ignorar as convenções. Como poderíamos ensinar sem elas? Nós temos que usar nomes para as coisas, não é?’ ”

INSIGHT MEDITATION SOCIETY

No dia dez de Junho, Luang Pó, Ajahn Pabhakaro e Paul tomaram um voo para Nova York a caminho do Insight Meditation Society (I.M.S.), um centro de retiros em Barre, Massachusetts. Eles estavam indo para lá a convite de um dos fundadores do local, Jack Kornfield, que tinha passado alguns meses como monge em Wat Pah Pong alguns anos antes. Assim que eles começaram a sua viagem Paul percebeu que Luang Pó ainda vinha tendo severas dificuldades para com a geografia norte americana. Seria Massachusetts também nos Estados Unidos, ele perguntou; e quanto a Boston, ficava em Nova York?

*Um texto fundamental do Budismo Mahayana no qual todos os ensinamentos chave da tradição do Budismo Theravada são negadas com o intuito de aclarar o significado do ‘vazio’.



Luang Pó ficou no I.M.S. por oito dias e deu ensinamentos em um retiro que teve a participação de mais ou menos setenta praticantes. Nas manhãs Luang Pó passaria um tempo com a equipe de apoio – a maioria eram estudantes antigos do centro – dando-lhes a oportunidade de fazer perguntas. Nas tardes ele conduziria uma sessão de perguntas e respostas com os participantes do retiro e nas noites ele guiaria uma sessão de meditação e daria uma palestra. Paul, que estava auxiliando com as traduções se recordava:

“Para as sessões matinais com a equipe de apoio, ele rapidamente estabeleceu o tema de ‘encarar o seu carrasco’. Quando as pessoas chegavam ele já perguntava, ‘Você fez o seu dever de casa hoje?’ Ele lhes dizia que deveriam pensar na morte pelo menos três vezes ao dia: uma pela manhã, uma pela tarde e uma de noite. ‘Não sejam como Po’ (foi assim que ele começou a me chamar – é a abreviação em tailandês da palavra em Pali ‘bodhi’, isto é, iluminação, e era comumente usada como um nome), ele diria. ‘Ele apenas anda por aí, ele olha para as árvores, para os pássaros, come sua refeição; ele nunca pensa que vai morrer um dia.’ Eu me tornei o homem da linha de frente para ele e de vez em quando eu lhe instigaria perguntas. A ideia da morte é geralmente algo remoto, eu lhe disse uma vez. Se eu sentisse algum perigo talvez ela fosse mais real. ‘Você não vê o

perigo?’ ele disse. ‘Em cada respiração.’ Eu disse que geralmente sentia que, para mim, a morte estava longe no futuro. Eu estava destinado a viver muito, 100 anos ou mais. ‘Essa é a sabedoria do Devadatta*’, ele retrucou.”

Durante o retiro ele enfatizou as Quatro Nobres Verdades e os princípios que guiavam a prática. Ele respondeu várias perguntas sobre meditação:

No nível da concentração de acesso você pode comparar a mente com uma galinha presa em seu galinheiro. Ela segue andando pra lá e pra cá. Ela não está imóvel, não está dormindo, não está morta. Mas ela tem um limite para os movimentos e está sob seu controle. Uma vez que a mente tenha sido pacificada, então investigue o corpo. Investigue as trinta e duas partes do corpo. Se sua mente segue agitada então fique de olho nos pensamentos e emoções que sua mente fabrica; os veja pelo que eles são: impermanentes, impessoais e sem um ‘eu’ que seja seu dono. Na prática, não é necessário saber um monte de coisas mas meramente manter o estado de alerta bem nesse ponto até que surja um senso de desencantamento, de não-paixão. Então você abrirá mão do apego aos cinco obstáculos e é esse o objetivo da meditação.

Houve uma pergunta sobre os cinco agregados:

“Os cinco agregados tem qualquer efeito sobre a paz? Seria a prática de meditação a base para entendermos os cinco obstáculos?”

Com sabedoria, os cinco agregados vão te ajudar a se libertar. Se você for tolo então eles te causarão sofrimento. Se você for tolo, você pode dizer que eles são como ladrões que te roubam. Mas se você entende a verdadeira natureza deles, eles podem te tornar iluminado. É como se você não conhecesse Ajahn Chah. Você apenas ouviu falar no nome dele e viu uma foto; ainda não é o suficiente. Mas hoje você o conheceu e conversou com ele, o que significa que você conhece uma parte dele. Se você realizar o Dhamma que ele te ensinou, então você saberá tudo sobre ele.

*O primo malvado do Buda que pensava que seu maior interesse era em criar uma cisão na Sangha, mas como resultado de seus esforços acabou por cair para o mais profundos dos reinos infernais. ‘Sabedoria do Devadatta’ é como um termo para tolices das varias formas.

No segundo dia do retiro Luang Pó fez uma sugestão:

Ouvir o Dhamma em um grande grupo é algo difícil. Uma grande panela de ‘curry’ não tem um sabor tão gostoso. Tem muitas coisas misturadas juntas, não dá para experimentar tudo; então não tem um gosto tão bom. Um pequeno pote de ‘curry’ é mais gostoso. Seria melhor nos dividirmos em grupos menores para a discussão.

Daquele dia em diante os participantes do retiro foram divididos em cinco grupos de discussão com mais ou menos quinze pessoas em cada grupo para que assim todo mundo pudesse ter uma chance de fazer perguntas a Luang Pó de forma mais conveniente. Para um questionamento sobre o objetivo da prática, ele respondeu:

Nós viemos aqui para praticar com o intuito de que não tenhamos que praticar no futuro. Nós nascemos com o intuito de não nascermos novamente. Nós fazemos isso para que não tenhamos que fazer isso novamente ... Nós praticamos para que assim a mente se desapegue da sensualidade e do sofrimento com o intuito de que não haja mais sofrimento no futuro.

Paul observou:

“Nas entrevistas de grupo, Luang Pó dava respostas simples e diretas para perguntas complicadas. Ele pediu para que as pessoas deixassem os livros de lado, para que contassem com elas mesmas, para que tivessem determinação e perseverança.”

Muitos problemas não requeriam muito o que pensar. Tudo o que se requeria era a paciência para suportar o que fosse desagradável até que as condições se revelassem como impermanentes e vazias.

“As pessoas falavam continuamente sobre as dificuldades que elas enfrentavam como sendo praticantes leigos. Ele disse que era difícil de praticar sendo um chefe de família; era como tentar meditar em uma prisão. Você se senta, começa e o carcereiro vem e grita, ‘Levantem-se! Marchem para lá!’ ”

Luang Pó retornava a um tema familiar: a prática do Dhamma sendo feita para eliminar as causas que eram a base do sofrimento ao invés de apenas fazendo malabarismo com os sintomas. Ele repetiu um de seus símiles favoritos:

É como quando você sai para caminhar e esbarra em um toco de árvore. Então você pega um machado e o corta no nível da terra. Mas ele cresce novamente, você esbarra nele de novo e então você tem que cortá-lo de novo. Mas ele segue crescendo novamente. Isso se repete indefinidamente. Seria melhor você pegar um trator e arrancá-lo inteiro de uma vez.

Ele apontava para o conflito inerente de desejar ardentemente se livrar do sofrimento que surge da indulgência nas impurezas sem ter aberto mão das próprias impurezas. Algumas pessoas não conseguiam aguentar a perda do prazer que vinha das impurezas; outras clamavam que era impossível abrir mão. Ainda assim elas tinham esperança de haver uma solução. Ele disse que isso era como sentar-se em um formigueiro. As formigas estão picando, você está se sentindo desconfortável mas você se recusa a levantar e ir para outro lugar qualquer.

Ou você vem até o professor com algo queimando em sua mão e você reclama, ‘Ajahn, isso está quente!’ O professor te diz, ‘Então largue.’ E você diz, ‘Eu não posso largar mas eu não quero que esteja quente!’ E aí o que é que o professor pode fazer por você?

Meditadores poderiam passar suas vidas inteiras indo para frente e para trás tentando encontrar o que exatamente eles precisavam fazer para abrir mão das impurezas. Era como contemplar uma viagem.

Você pergunta a si mesmo, ‘Será que eu deveria ir hoje? Será? Talvez eu vá amanhã.’ Então no dia seguinte, ‘Será que eu deveria ir? Ou será que não deveria ir?’ E você segue fazendo isso dia após dia até morrer e você nunca vai a lugar algum. Você deve pensar, ‘Vai!’, e acabar logo com isso.

Traduções bem sucedidas dependem da confiança que a plateia tem em que o tradutor esteja representando de maneira precisa as palavras de quem

está discursando. A malícia de Luang Pó apareceu quando Jack Kornfield estava traduzindo para ele. Jack se lembrava dele dizendo:

Mesmo que eu não fale inglês eu sei que a verdade é que o meu tradutor deixa de fora todas as coisas duras que eu digo. Eu lhes digo coisas dolorosas e ele deixa de fora tudo o que tenha algum espinho, ele amacia e suaviza o que eu digo para vocês. Vocês não podem confiar nele.

Quando lhe faziam perguntas sobre o estado do mundo, Luang Pó encorajava a quem tivesse perguntado para se focar no mundo da experiência direta ao invés do mundo sobre o qual ele lia nos jornais:

Você está perguntando sobre o mundo. Você sabe o que é o mundo? São apenas os sentidos, seus objetos e a ignorância que se aferra a eles.

A experiência pessoal era a única forma de se verificar os ensinamentos. Quando perguntado sobre a iluminação ele dizia que ela era como o gosto de uma banana. Você tinha que colocá-la em sua boca para que pudesse saber o sabor. De vez em quando Paul tinha alguns ensinamentos espontâneos e pessoais:

“Em uma tarde quando a sessão tinha terminado eu estava tirando meu gravador da tomada e toquei no plugue enquanto ele ainda estava conectado. Eu tomei um choque e o larguei imediatamente. Luang Pó percebeu e disse, ‘Oh! Como que você conseguiu abrir mão assim tão fácil? Quem te falou para fazer isso?’ Foi uma boa ilustração do que ele estava tentando ensinar.

“Finalmente, ele disse às pessoas que elas seriam sempre bem vindas para irem ao seu mosteiro e ficarem lá por algum tempo. ‘Wat Pah Pong é como uma fábrica’, ele dizia. ‘Depois que o produto está terminado ele pode ser enviado para o mundo.’ Mas é mais fácil treinar as pessoas quando elas estão longe de casa. ‘O Po fugiu,’ ele disse. ‘Se eu fosse mais jovem eu o arrastaria de volta pela orelha.’”

Logo depois do retiro Luang Pó se encontrou com o mestre Zen coreano, Seung Sahn Soen Sa Nim. Ambos pareceram se divertir muito com o

encontro. Paul se recorda sobre o quanto Luang Pó estava particularmente interessado em uma das histórias de seu novo amigo:

“Um monge Zen se esgueira em um auditório onde um grande estudioso está falando sobre a Mente Única. ‘Todas as coisa vem da Mente Única’, o estudioso ensinava, quando o monge Zen vai à frente e o desafia. ‘Você diz que todas as coisas vem da Mente Única. OK. Então me diga, de onde vem a Mente Única?’ Quando o palestrante se vê incapaz de responder, o monge o vence. Luang Pó ria e dizia, ‘Ele mereceu essa surra, muito bem!’ Dali em diante, ele repetiu isso várias vezes, rindo e dizendo o quão boa era aquela história, ‘Ele não conseguiu responder de onde vem a Mente Única, então ele realmente mereceu uma surra!’ ”

Depois de mais um par de dias com a comunidade budista em um local com um nome apropriado, Fazenda Anicca, Luang Pó viajou de volta à Inglaterra.

UM LOCAL RETIRADO NO CAMPO

No dia vinte dois de Junho, pouco depois da chegada de Luang Pó e dois anos desde que eles tinham se estabelecido, a Sangha finalmente partiu do Hampstead Vihāra. Seu destino ficava a noventa minutos de carro dali, nas cercanias do pequeno vilarejo de Chithurst, no interior de Sussex. Era lá que ficava o terreno de cem acres de bosque, agora formalmente oferecido à Sangha. Mas o sul da Inglaterra não era a Tailândia: leis estritas impediam que os monges simplesmente construíssem cabanas entre as árvores como melhor lhes parecesse. Ao invés disso eles estavam para se mudar para para um solar no estilo Vitoriano que estava caindo aos pedaços, comprado para eles pelo E.S.T.

Antes de juntar-se à Sangha na Chithurst House (que logo seria rebatizada como Mosteiro de Floresta Cittaviveka), Luang Pó retornou para Oakenholt em Oxfordshire. Lá ele participou da cerimônia de Ordenação de um jovem rapaz inglês que estava se juntando à Sangha birmanesa tendo o respeitado mestre Mahasi Sayadaw como seu preceptor. A ocasião permitiu vislumbrar um lampejo da diferença entre as sensibilidades asiática e europeia Para muitos dos convidados ingleses que tinham sido criados em uma cultura não budista, o contraste entre os dois renomados monges Theravada –

o cativante Luang Pó (visto como ‘o caloroso’) e o nada demonstrativo Sayadaw (visto como ‘o frio’)* - era surpreendente. Luang Pó parecia ser mais inspirador. Estava claro que em um país não budista onde o ideal do arahant ainda não estava firmemente estabelecido**, a personalidade do professor era algo muito mais vital para o surgimento da fé do que era em uma nação tradicionalmente budista. Parecia que as pessoas não perguntariam a si mesmas, ‘Será que eu quero ser tão sábio quanto ele?’, mas que poderiam perguntar, ‘Será que eu quero ser como esse tipo de pessoa?’

Luang Pó chegou em Chithurst para ver o primeiro fruto tangível da decisão que ele tinha tomado de permitir que seus monges fossem ao ocidente e dos conselhos que ele tinha dado. A dádiva de terem conseguido aquele bosque tinha sido a confirmação de sua insistência que, enquanto estavam em Londres, os monges deveriam manter a prática de sair em mendicância matinal, mesmo que eles não recebessem qualquer comida em suas tigelas. Ele tinha explicado que a mendicância matinal não se tratava apenas de colher alimentos mas também de serem vistos. A mendicância matinal fornece uma ocasião na qual religiosos, simplesmente através de sua aparência e comportamento poderiam inspirar aqueles que os vissem a tentar procurar saber um pouco mais sobre o Dhamma. (Uma das histórias preferidas de Luang Pó lidava com a ocasião em que o Venerável Assaji foi visto pela primeira vez por um praticante asceta que depois iria procurar pelo Buda e então viria a tornar-se um grande discípulo, o Venerável Sariputta.)

No caso agora não foi um asceta mas Paul James, um corredor em Hampstead Heath que ficou inspirado e seguiu os monges de volta ao templo. Alguns meses depois de conhecer e ganhar confiança em Ajahn Sumedho e seus monges, Paul revelou a eles um problema não-espiritual pelo qual ele estava passando. Ele tinha recebido de herança uma área de bosque, Hammer Wood, com a condição de que ele não poderia nem vendê-la e nem

* Isso não foi, obviamente, uma percepção unânime. Um meditador budista americano descreveu o sentimento que experienciou na presença do mestre birmanês ‘como neve caindo’.

** As personalidades dos arahants variam grandemente. Eles podem ser introvertidos ou extrovertidos, urbanos ou ranzinzas, calorosos ou frios. Isso é amplamente reconhecido em círculos budistas do sudeste asiático.

cortar as árvores. Aquele bosque tinha se tornado um fardo financeiro e ele estava procurando alguma instituição de caridade que fosse adequada para doá-lo. Será que a Sangha teria interesse?

Quando George Sharp viajou de carro para West Sussex para ver o bosque por si mesmo ele achou que Hammer Wood era realmente um local idílico. Não apenas isso mas, como se forças ocultas benevolentes estivessem trabalhando nisso, a uma pequena caminhada de distância do bosque estava uma grande casa Vitoriana semiabandonada à venda por um preço abaixo do mercado. Em um mundo imperfeito aquilo era tão ideal quanto se podia ter esperanças. Com receio de que a casa pudesse ser vendida antes que ele pudesse organizar uma reunião com o Conselho, George combinou um preço para a propriedade naquele mesmo dia. Foi uma manobra audaciosa já que os fundos para aquilo deveriam ser conseguidos através da venda do Hampstead Vihāra.

Várias das pessoas que foram excluídas dessa grande decisão ficaram muito descontentes, uma das quais chegou alguns meses depois em Wat Pah Pong. Ele pintou para Luang Pó um quadro bastante obscuro dos eventos. De acordo com ele, o movimento foi rude, prematuro e envolveu um uso irresponsável dos fundos. Luang Pó escutou de forma impassível e não fez quaisquer julgamentos.

Era verdade que o estado presente da Chithurst House apresentava desafios consideráveis para os habitantes potenciais. Ajahn Sucitto mais tarde descreveu as condições que eles encontraram lá.

“O proprietário tinha deixado o lugar em condição de penúria: as calhas sujas tinham se quebrado e espirraram água por todas as paredes, então aquela podridão tinha se espalhado. Conforme as coisas se quebravam, elas iam sendo abandonadas; quando nós nos mudamos, apenas quatro dos vinte quartos estavam em uso. A rede elétrica tinha explodido, o teto tinha vazamentos, os pisos estavam podres e havia apenas uma torneira de água fria que funcionava. A casa estava cheia de lixo, todos os tipos de parafernália da época anterior à guerra. As outras instalações externas estavam caindo aos pedaços, telhados despedaçados por árvores que tinham caído. A fossa não vinha sendo limpa fazia uns vinte cinco anos. Os jardins tinham virado matagais: um pomar que um dia tinha

sido bonito tinha se tornado um mar de urtigas. Mais de trinta carros abandonados despontavam entre os espinheiros que asfixiavam o entorno da casa principal.”

Luang Pó reconheceu que a Chithurst House iria requerer meses, provavelmente anos de trabalho duro para ser renovada. Mas não havia nada errado com aquilo. Monges de floresta sempre foram acostumados com longos períodos de trabalho duro para construir seus mosteiros. A alegria que ele sentiu em sua visita pode ser vista claramente no documentário da BBC que foi filmado enquanto ele esteve lá. *The Buddha Comes to Sussex* inclui cenas que não tem preço de um brilhante Luang Pó conversando com vigários ingleses e expondo o Dhamma com a ajuda de uma grande maçã.

Ajahn Amaro chegou no ano seguinte da Tailândia. Ele não ficou surpreso com o trabalho que viria adiante, confiante que o treinamento que ele tinha recebido de Luang Pó o havia preparado totalmente para aquilo.

“Aquilo não foi visto como uma grande imposição à nossa prática. Era simplesmente, ‘Bem, vamos usar isso para praticar.’ Você vestia sua blusa, você carregava um saco de coisas podres nas suas costas, você subia no topo de uma chaminé para fazer algum reparo e você meditava ... E você via que a preocupação de Luang Pó com a nossa habilidade de nos adaptarmos e de que pudéssemos desenvolver a atitude correta para qualquer que fosse a situação era algo muito mais importante do que ter condições precisas para a prática formal de meditação. Era a qualidade da adaptação a coisa mais importante: estar pronto para viver em paz com o mundo ao invés de tentar fazer o mundo se adequar à sua ideia do que é a paz.”

III. A ÚLTIMA NOITE

Na noite de vinte sete de Junho, sua última noite em Chithurst antes de retornar para a Tailândia, Luang Pó se encontrou à noite com a Sangha para uma conversa e uma exortação. A gravação em fita cassete feita naquela noite capturou maravilhosamente o calor e a informalidade da ocasião. ‘Monges’ e ‘vigorosos’ são duas palavras não comumente associadas em uma única frase mas aquele convívio pontuado por momentos de risos

é tangível. Era a velha magia de Luang Pó fazendo com que as pessoas sentissem em sua presença que nunca em suas vidas elas tinham se sentido tão felizes e contentes. Ele também usou a oportunidade para esbanjar sua única frase em inglês. Depois de apenas algumas palavras ditas em uma palestra de Dhamma um pouco mais formal, um discípulo leigo entrou no recinto com uma nova bandeja de bebidas quentes.

E lá vamos nós. Mais um *kappati**.

Na palestra de Dhamma naquela noite ele deu encorajamento e apoio aos seus discípulos em sua propagação do Dhamma. Ele disse:

Vocês fazem um esforço em ensinarem as pessoas e vocês ensinam a si mesmos ao mesmo tempo. Vocês se tornam mais espertos; vocês refletem mais.

Investigar as próprias dúvidas e medos que surgiam quando se começava a ensinar era parte dos benefícios ao professor.

Se você está meditando, se você está plenamente atento, então ensinar os outros é ensinar a si mesmo. E assim não há mal algum.

Quanto ao assunto a ser abordado nas palestras, ele aconselhou:

Generosidade, moralidade, os reinos celestiais, as desvantagens da sensualidade, os benefícios da renúncia** – não importa quantas palestras vocês deem, sempre as mantenham nos limites desses tópicos. Sua fonte é *sīla*, *samādhi* e *paññā*. Durante suas vidas ensinando, nunca se desviem desses assuntos.

Ele aconselhou contra muito ecletismo. Havia a necessidade de existir um coerente ‘estilo de casa’.

Se vocês estão ensinando a plena atenção à respiração, todos vocês devem ensinar da mesma forma. De forma similar com a investigação do corpo. Não coloquem ensinamentos de outras tradições – fica confuso. Uma pessoa começa a ensinar o Zen, outra o Budismo Tibetano e fica uma completa confusão. As pessoas

* Uma palavra em pali que está na bênção da hora da refeição, o jeito que Luang Pó conseguiu memorizar o termo ‘cup of tea’ (xícara de chá)

** Os cinco fatores do *anupubbikathā* ou “Discurso Gradual” – Vin. 1-15 .

aqui já estão muito confusas. Se vocês lhes derem um pouco disso e um pouco daquilo vai ser uma tamanha confusão que, depois de algum tempo, eles não conseguirão absorver nada. Todos vocês devem ensinar nos mesmos termos para que assim haja harmonia na abordagem. Se os estudantes ficam bons nas práticas básicas então eles poderão entender as outras tradições por eles mesmos. Mas se vocês ensinam um monte de tradições diferentes então eles não vão pegar nenhum dos princípios básicos.

Ele os precavia contra o sectarismo. Monges não deviam cair na armadilha de comparar tradições ou elogiar sua própria tradição em detrimento das demais.

Digam às pessoas que elas não tem que abandonar as suas antigas práticas; elas podem mantê-las mas que, por agora, elas apenas façam essa tentativa. Façam apenas essa prática aqui pelo tempo em que estiverem aqui e vejam o que acontece.

NÃO ATENDA AO TELEFONE

Luang Pó recordava os monges que até mesmo o Buda tinha dito que ensinar era algo difícil. As pessoas não abrem mão de suas ilusões facilmente. Ele os precavia a não ficarem desencorajados e lhes deu um exemplo de sua própria experiência:

Às vezes você fica farto disso. No começo, Oh! Houve vezes que eu estaria ali deitado no meio da noite e sentia como se quisesse pegar minha tigela e sair correndo de meus discípulos. Era tão frustrante! Mas quando eu refletia sobre o Dhamma eu percebia que não podia fazer aquilo. Eu me perguntava, ‘Se você não ensinar a essas pessoas iludidas, quem é que vai ensiná-las?’ ... Era eu quem estava iludido, iludido por pensar que eu era especial.

Um telefone começou a tocar na outra sala e ninguém queria atender. Ajahn Pabhakaro perguntou, ‘Não seria melhor ser um Paccekabuddha*?’

Seria bom. O Paccekabuddha não tem nenhum sofrimento ... Mas o melhor é não ser absolutamente nada. É um trabalho duro ser

*Um Buda ‘silencioso’, um que não ensina aos demais.

um Buda. Tampouco seja um Paccekabuddha. Assim que você ‘é’ alguma coisa então tudo fica difícil. Não seja absolutamente nada. Se você pensa que você é o Venerável Sumedho ou o Venerável Anando então você vai sofrer. Bem agora, não existe nenhum Anando e não existe nenhum Sumedho. Ei, como é que pode ser assim? Bem, esse nomes são apenas convenções, não são? No momento em que vocês *se tornam* eles, aí vocês sofrem. Se existe um Sumedho, então o Sumedho fica com raiva. Se existe um Anando, então o Anando fica com raiva. Se não existe nenhum Sumedho e nenhum Anando, então não existe ninguém – ninguém para atender o telefone.

Atender ou não atender o telefone se tornou uma metáfora para a resposta ao impacto nos sentidos.

Trim! Trim! Trim! Vocês não poderiam se importar menos. Nada acontece. Não há sofrimento. Mas se vocês são alguém, então assim que o telefone toca vocês correm para atender. Isso é sofrimento. Vocês devem usar a sabedoria para se livrar do Sumedho. Não deixem que exista nenhum Anando para atender o telefone. Não seja Sumedho. Não seja Anando. Usem essas palavras apenas como convenções. Não as tragam a bordo. As pessoas podem dizer que você é bom ou mau, mas não se identifique com essas qualidades. Não se identifique com as coisas mas sejam cientes. E quando você está ciente, você se agarra às coisas? Não. Esse é o fim.

TERREMOTOS

No decorrer da conversa Ajahn Sumedho fez referência a várias previsões de que nos anos seguintes seria comum que houvesse um certo número de grandes terremotos e outros desastres naturais. Ele disse que as pessoas que fossem extremamente dependentes das tecnologias modernas e com os confortos que elas forneciam, sem terem um refúgio interno, estariam fadadas a sofrer muito. Luang Pó respondeu:

O Buda nos ensinou a olhar para o presente. Astrólogos dizem que algo vai acontecer daqui a dois anos mas nós não precisamos

esperar tanto tempo. Isso está muito longe. Como poderia ser em dois anos? Isso está acontecendo bem agora. Você consegue ver? Três anos antes de um terremoto? Existe um terremoto bem agora. Vejam. Os Estados Unidos estão tremendo fortemente. Você pensa em certas coisas e essa terra treme [ele aponta para o peito]. Nós não vemos isso. Os terremotos externos são raros – eu mesmo nunca vi um em minha vida. Mas *nessa* terra existem tremores todos os dias, a cada minuto. Assim que nascemos nós começamos a nos queixar. Bem ali, isso é um terremoto.

Luang Pó disse que devido ao tremor da terra de cada pessoa ser apenas um pouco a cada dia, isso era algo subestimado. Movimentos eram naturais e inevitáveis. Isso era algo bom. Se não houvesse nenhuma mudança então as pessoas seguiriam sendo como bebês quando nascessem e ninguém nunca cresceria. Se ninguém envelhecesse e morresse, onde viveriam todas essas pessoas? O problema, ele dizia, era que as pessoas não olhavam para a natureza das coisas então ninguém queria morrer:

É como se você não quisesse que esse copo enchesse mas seguisse colocando água dentro dele.

Quando tudo tinha sido dito e feito, havia apenas uma forma de se livrar da morte:

Quando você vê com sabedoria que nada é verdadeiramente ‘eu’ ou ‘meu’, você realiza o Imortal.

LUANG PÓ

O senhor foi uma fonte
De água corrente e fresca
Na praça de uma cidade empoeirada,
E o senhor era a nascente dessa corrente,
Em um pico alto e invisível.
O senhor foi, Luang Pó, aquela própria montanha,
Imóvel,
Mas variadamente vista.
Luang Pó, o senhor nunca foi uma única pessoa,
O senhor foi sempre o mesmo.
O senhor era a criança rindo
Das novas roupas do Imperador, e das nossas.
O senhor era uma demanda para estarmos despertos,
O espelho de nossas faltas, impiedosamente carinhoso.
Luang Pó, o senhor foi a essência de nossos textos,
O líder de nossa prática,
A prova dos seus resultados.
O senhor foi uma fogueira ardente
Em uma noite de ventos congelantes:
Como sentimos sua falta!
Luang Pó, o senhor foi a robusta ponte de pedras
Com a qual sempre sonhamos.
O senhor estava tranquilo
No presente
Como se ele fosse sua própria terra ancestral
Luang Pó,
O senhor foi a brilhante lua cheia
Que nós, às vezes, obscurecíamos com nuvens.
O senhor era pau-ferro, o senhor era figueira, e o senhor era
“bodhi”:
“Pai-mãe-venerável-professor”.
Luang Pó, o senhor era uma fresca flor de lótus
Em um mundo de flores de plástico.
Em nenhum momento o senhor nos guiou de forma errada.
O senhor era um farol para nossas frágeis jangadas
Em um mar agitado.
Luang Pó,
O senhor está além de minhas palavras de elogios e de quaisquer
descrições.
Humildemente, coloco minha cabeça
Sob seus pés.

Luang Por

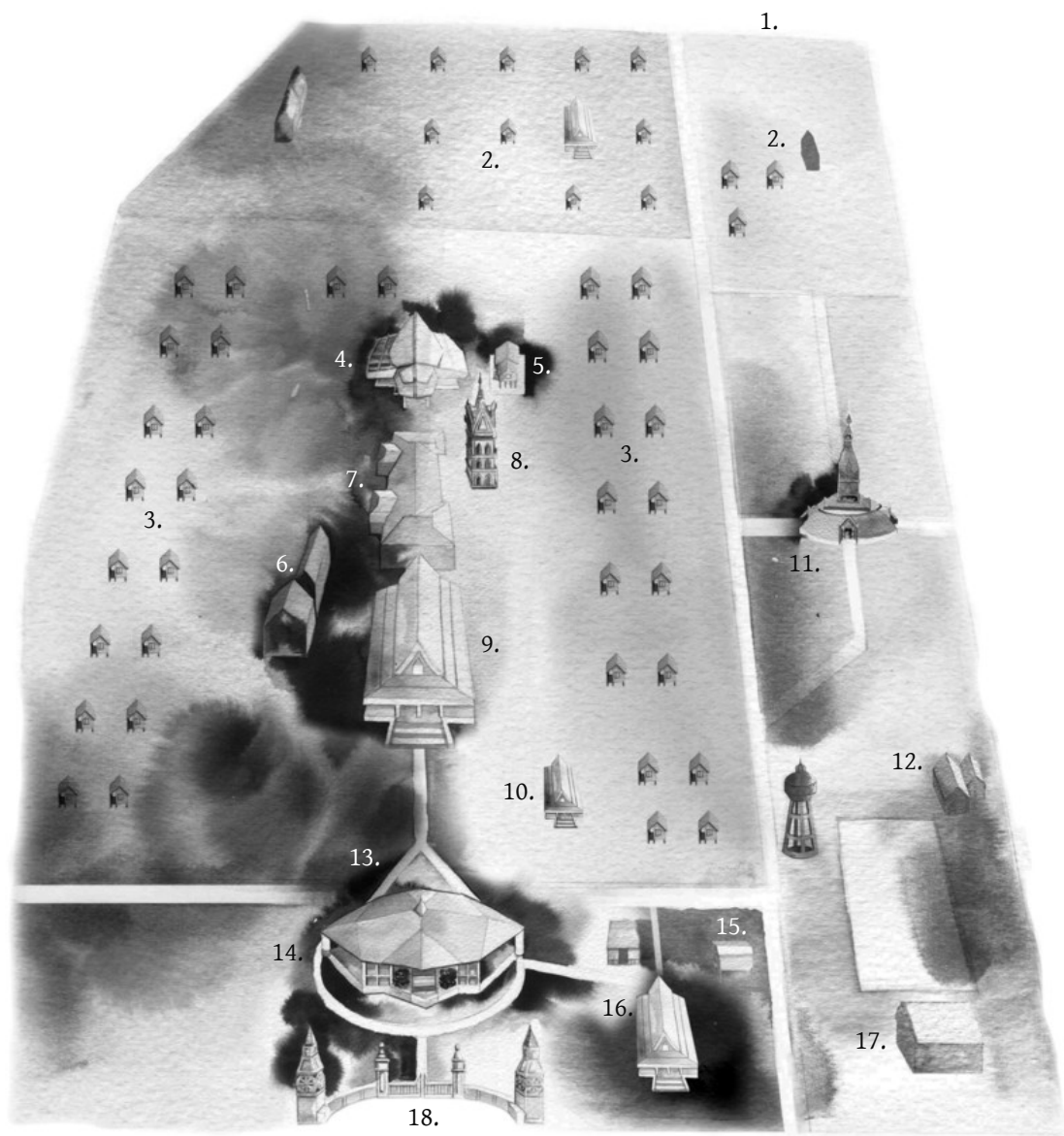
You were a fountain
of cool stream water
in the square of a dusty town,
and you were the source of that stream,
on a high, unseen peak.
You were, Luang Por, that mountain itself,
unmoved,
but variously seen.
Luang Por, you were never one person,
you were always the same.
You were the child laughing
at the Emperor's new clothes, and ours.
You were a demand to be awake,
the mirror of our faults, ruthlessly kind.
Luang Por, you were the essence of our texts,
the leader of our practice,
the proof of its results.
You were a blazing bonfire
on a windy, bone-chilled night:
How we miss you!
Luang Por, you were the sturdy stone bridge,
we had dreamed of.
You were at ease
in the present
as if it were your own ancestral land.
Luang Por,
you were the bright full moon
that we sometimes obscured with clouds.
You were ironwood, you were banyan, and you were bodhi:
'Pormae-khroobaajahn'.
Luang Por, you were a freshly dripping lotus
in a world of plastic flowers.
Not once did you lead us astray.
You were a lighthouse for our flimsy rafts
on the heaving sea.
Luang Por,
you are beyond my words of praise and all description.
Humbly, I place my head
beneath your feet.

W.S. ~~W.S.~~
June, 1995



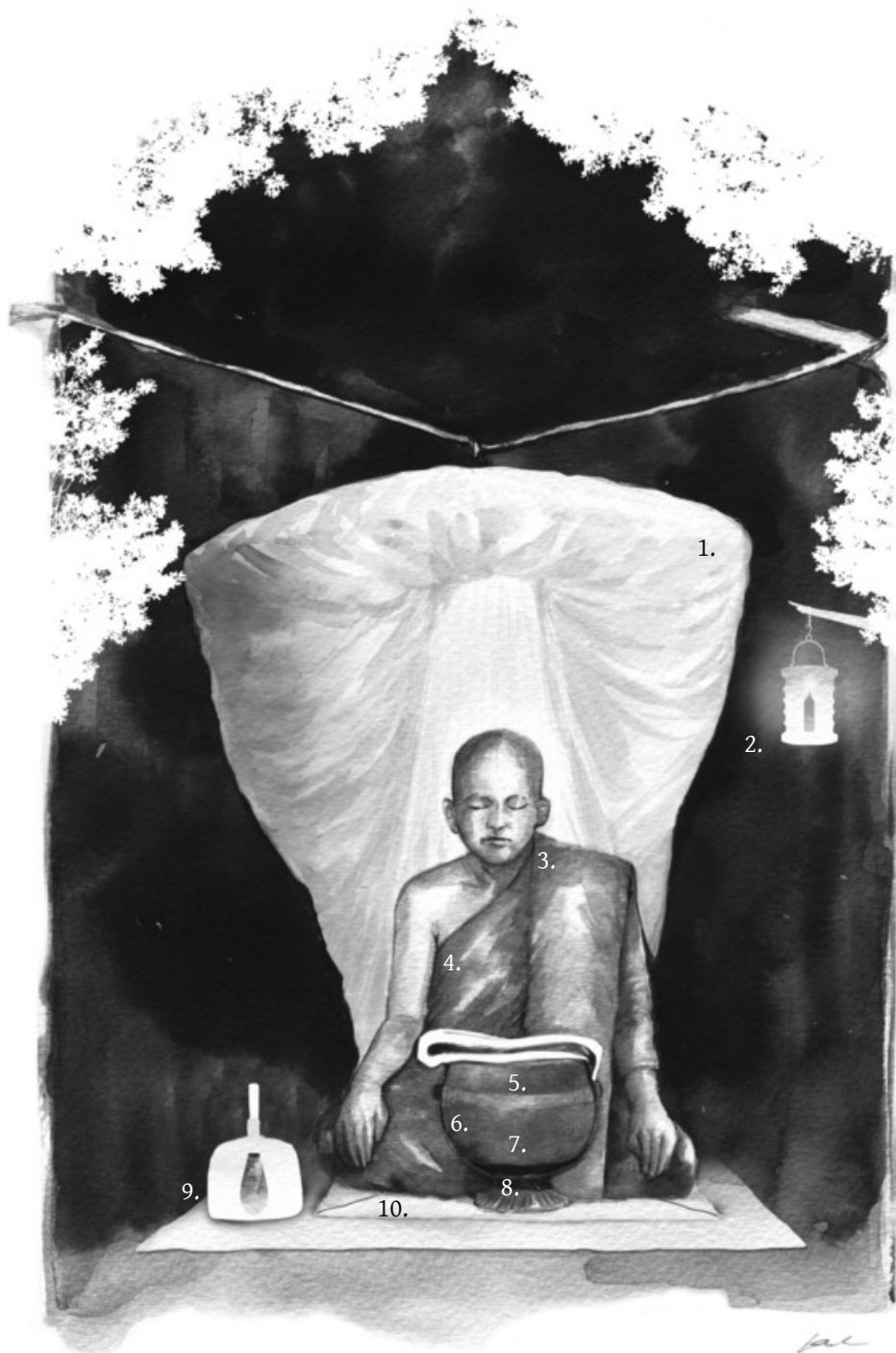
Apêndice I

Ilustrações



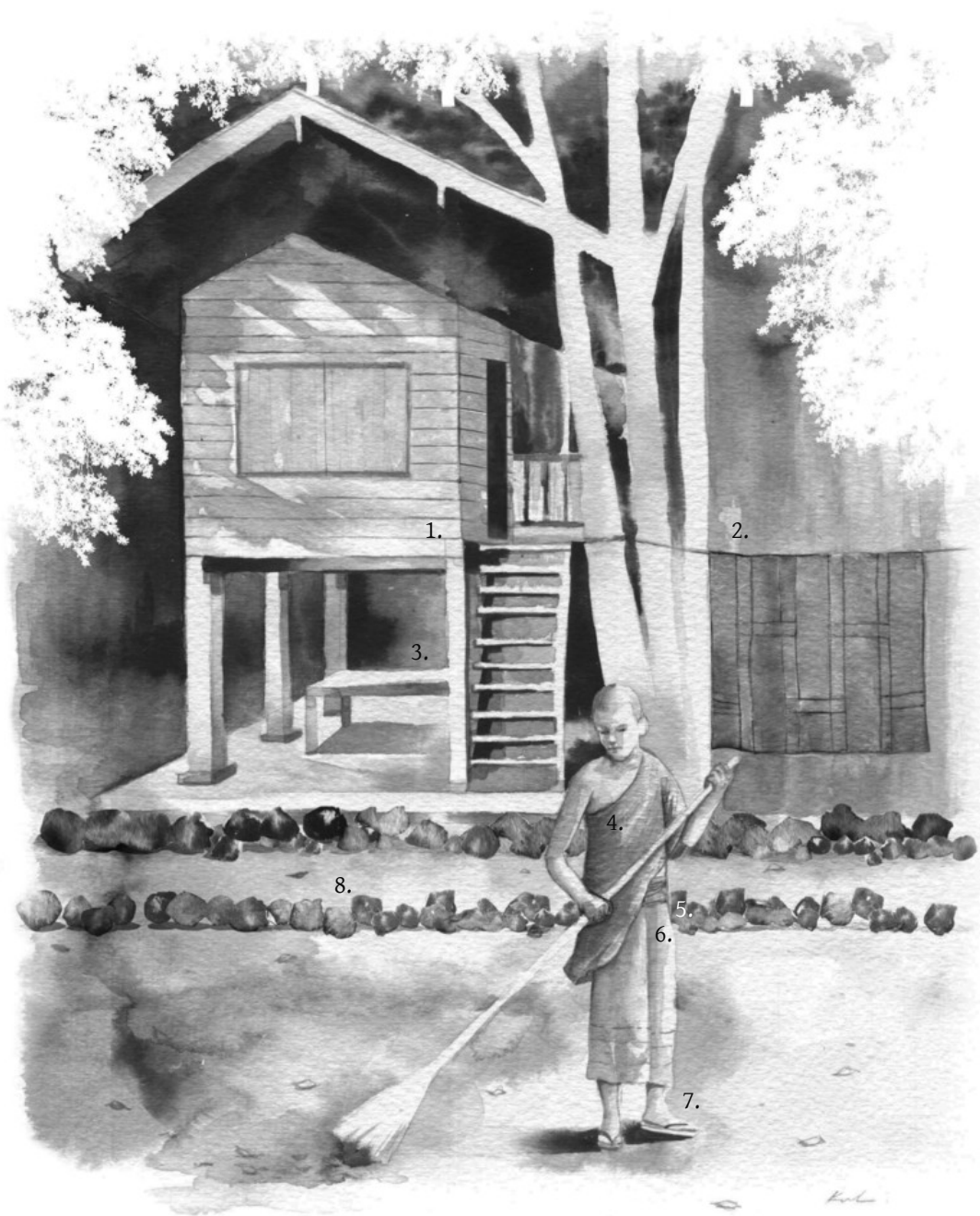
Wat Pah Pong

1. o muro do mosteiro, 2. a Seção das Mé Chis, 3. cabanas dos monges, 4. o Salão de Uposatha, 5. cabana de Luang Pó, 6. a cozinha, 7. o refeitório, 8. a torre do sino, 9. o Salão do Dhamma, 10. a cabana de costura, 11. a estupa, 12. a cabana Enfermaria, 13. o portão interior (original) 14. o museu de Luang Pó Chah, 15. a Cabana do Abade, 16. o Salão Aberto, 17. o barracão de tingimento, 18. o portão exterior



Os mantos e requisitos de um monge de floresta

1. glot, 2. lampião de vela, 3. manto exterior (saṅghāṭi), 4. manto superior (uttarāsaṅga),
5. tampa da tigela, 6. capa da tigela feita de crochê, 7. tigela de mendicância, 8. suporte da
tigela, 9. chaleira com água, 10. pano de sentar



A morada de um monge de floresta

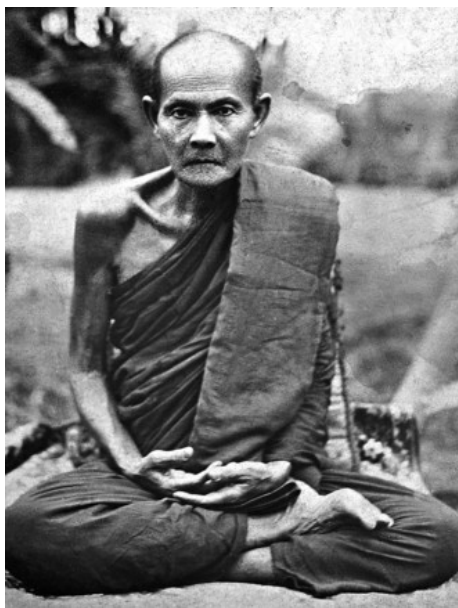
1. cabana/kuti, 2. varal de roupas, 3. plataforma para sentar, 4. angsa, 5. cinto, 6. manto inferior (antaravāsaka), 7. chinelos, 8. caminho para meditação andando

Apêndice II

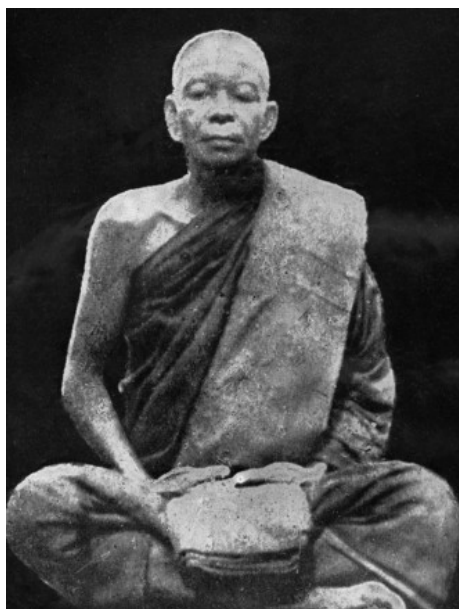
Fotos



Luang Pu Sao Kantasīlo (1861-1941)



Luang Pu Man Bhuridatto (1870-1949)



Luang Pu Tongrat Kantasīlo (1888-1956)



Luang Pu Kinari Candiyo (1896-1980)



Uma palestra do Dhamma na Cerimônia da Kaṭhina.



Cabana de Luang Pó Chah 1964-1981 (foto tirada depois da reforma).



Luang Pó Chah retorna para Ubon depois de receber o título de Chao Khun do Rei da Tailândia no dia cinco de Dezembro, 1973. Veja página 198.



O Primeiro Ministro do Sri Lanka, Sr. Ranasinghe Premadasa, vem prestar reverência a Luang Pó no dia dezesseis de Junho, 1988.



Luang Pó com sua mãe Mé Chi Pim Chuangchot pouco antes de sua morte em 1976.



Construção da estrada para at Tam Saeng Pet. Ver página 462.



Monges misturando cimento para a estupa de Luang Pó Chah em 1992.



Vossas Majestades o Rei Bhumibol e Rainha Sirikit prestam reverências a Luang Pó no dia da cremação, dezesseis de Janeiro, 1993.



O corpo de Luang Pó é carregado em procissão do Salão de Dhamma de Wat Pah Pong até a estupa para os preparativos da cremação.

Apêndice III

Transliteração do Tailandês

Títulos:

Luang Pu	หลวงปู่
Luang Tá	หลวงตา
Luang Pó	หลวงพ่อ
Ajahn	อาจารย์
Tan	ท่าน
Mé Chi	แม่ชี
Pó	พ่อ
Mé	แม่

Pessoas Específicas:

Luang Pu Man	หลวงปู่มัน
Luang Pu Tongrat	หลวงปู่ทองรัตน์
Luang Pu Kinari	หลวงปู่กินรี
Luang Tá Maha Bua	หลวงตามหาบัว
Luang Pó Chah	หลวงพ่อชา
Ajahn Liem	อาจารย์เลี่ยม
Mé Chi Bunyu	แม่ชีบุญอยู่
Pimwong	พิมพ์วงศ์

Miscelâneas:

angsa	อังสะ
sabong	สบง
sanghati	สังฆาฏิ
pano kaoma	ผ้าขาวม้า
kratóp	กระต๊อบ
glot	กลด
borapet	บอระเพ็ด
samó	สมอ
makhampóm	มะขามป้อม

Conceitos:

Upalamani	อุปลมณี
Nak Tam	นักธรรม
anjali	อัญชลี
papiap	พับเพียบ
Wan Prá	วันพระ
króp krua	ครอบครั้ว
pindapata	บิณฑบาต
prôt sat	โปรดสัตว์
tudong	ตุตงค์
toramán	ทรมาน
sóp arom	สออบารมณ
man kó ké	มันก็แค่
nan lé	นั่นแหละ
tuk tóng	ถูกต้อง
pó dii	พอดี
puu ruu	ผู้รู้
píi	ผี
salôt sangwet	สลดสังเวช
raksa	รักษา
ot ton	อดทน
plói wang	ปล่อยาวาง

Lugares:

Wat Nong Pah Pong	วัดหนองป่าพง
Wat Pah Nanachat	วัดป่านานาชาติ
Wat Tam Séng Pet	วัดถ้ำแสงเพชร
Bahn Kó	บ้านก่อ
Bahn Nong Hi	บ้านหนองฮี

Glossário

Abhidhamma (páli) Uma reformulação e sistematização dos princípios fundamentais apresentados no Sutta Piṭaka.

āgantuka monk (páli) Literalmente: “monge visitante”. Na *Tradição de Floresta Tailandesa*, refere-se tanto a monges em um mosteiro em estadias de curta duração, quanto a monges que cumprem um período probatório com o objetivo de se tornarem membros plenos da comunidade residente.

Ajahn (tailandês) do páli “*ācariya*”. Literalmente: “professor”. Usado como título para monges ou monjas seniores com mais de dez anos de senioridade em um mosteiro.

Ajahn Liem Ṭhitadhammo (1941-) Abade de *Wat Pah Pong*.

Ajahn Sumedho (1934-) Ordenação: 1967. O discípulo ocidental mais antigo de Luang Pó Chah. Em 1975, fundou *Wat Pah Nanachat* (o Mosteiro Internacional da Floresta) perto de *Wat Pah Pong*, e em 1977, aceitou o convite para iniciar o primeiro mosteiro afiliado no exterior em Hampstead, Inglaterra.

anattā (páli) Literalmente: “não-eu”. O insight fundacional do Buddha de que não existe agente permanente ou eu que esteja por trás ou dentro da experiência. *Anattā* é uma das *três características da existência*, ao lado da impermanência (*anicca*) e da insatisfatoriedade (*dukkha*).

angsa (tailandês) Um pano retangular pendurado no ombro esquerdo de um monge e preso com uma tira sob o braço direito. *Veja: Apêndice I*

anicca (páli): Impermanência: uma das *três características da existência*, juntamente com o não-eu (*anattā*) e insatisfatoriedade (*dukkha*).

anjali (páli: *añjali* / tailandês) Um gesto tradicional de unir as palmas das mãos em frente de si com as pontas dos dedos apontando para cima, como um meio de expressar respeito. Este gesto ainda hoje é predominante nos países budistas e na Índia.

appaṇṇaka dhammas (páli) Um conjunto de três virtudes “sempre relevantes” que eram a base favorita das conversas de Dhamma de Luang Pó com a Sangha consistindo em: 1) restrição dos sentidos (*indriya-saṁvara*), 2) moderação ao comer (*bhojane mattaññutā*) e 3) devoção à vigília (*jāgariyānuyoga*).

appanāsamādhi (páli) Concentração total ou “fixa”. O nível de *samādhi* experimentado durante a absorção (*jhana*).

aquele que entrou na correnteza (páli: *sotāpanna*) Uma pessoa que atinge o primeiro nível de iluminação, ao abandonar os três grilhões (*saṁyojana*) e assim entra na “correnteza” que flui inexoravelmente para o *Nibbāna*.

aquele que não retorna (páli: *anāgāmi*) Aquele que atingiu o terceiro nível de iluminação através do abandono dos cinco grilhões inferiores (*saṁyojana*) que ligam a mente ao ciclo do renascimento e que, depois da morte, nunca mais voltará a este mundo. A maioria dos anagāmis concluirá sua prática do Caminho Óctuplo no reino chamado Suddhāvāsa.

aquele que retorna uma vez (páli: *sakadāgāmi*) Aquele que atingiu o segundo nível de iluminação ao enfraquecer dos cinco grilhões inferiores (*saṁyojana*) e que, após a morte, só terá que renascer neste mundo mais uma vez.

‘aquele que sabe’ (tailandês: *‘puu ruu’*) Uma definição tailandesa da palavra “Buddho”. Uma faculdade interna de ciência. Sobre a influência da ignorância e das impurezas, as coisas são apreendidas erroneamente por ela. Quando treinada pela prática do *Caminho Óctuplo*, se torna o saber desperto das coisas como elas são.

arahant (páli) Literalmente: “Pessoa de Valor”. Aquele que alcançou o quarto e mais alto nível de iluminação – o ponto culminante do treinamento do Buddha – através da penetração das *Quatro*

Nobres Verdades e do abandono de todos os grilhões mentais. Tal ser iluminado nunca renascerá novamente. Um título para o próprio Buddha e para o mais alto nível de seus nobres discípulos.

ārāma (páli; tailandês: *wat*) Esta palavra, que originalmente remetia a parques e bosques aprazíveis, foi adotada pelo Buddha e usada para se referir a uma residência monástica.

Ariya Sangha (páli) Literalmente: “assembleia nobre”. A “Sangha” no sentido mais elevado: o grupo de seres nobres, ordenados e leigos, que atingiram pelo menos o primeiro estágio da iluminação.

assento do Dhamma (tailandês: *tamát*) Uma grande cadeira de madeira elevada, usada num salão de Dhamma onde os monges fazem discursos formais.

bem-querer (páli: *mettā*) O desejo de que todos os seres sejam felizes; a primeira das quatro moradas sublimes (*brahmavihāra*); e a nona das dez perfeições (*pāramī*).

bhāvanā (páli) Cultivo. A palavra páli mais frequentemente traduzida como “meditação” ou “desenvolvimento mental”. De fato, o significado de *bhāvanā* vai além da aplicação de uma técnica de meditação e pode se referir a todos os elementos do *Caminho Óctuplo*.

bhikkhu (páli) Um monge budista plenamente ordenado. Um homem, com idade superior a vinte anos, que assumiu a ordenação mais elevada (*upasampadā*) para se tornar um membro da Bhikkhu Sangha.

bhikkhunī (páli) Uma monja budista plenamente ordenada. Uma praticante que assumiu a ordenação mais elevada (*upasampadā*) para se tornar um membro do Bhikkhunī Sangha.

bodhisattva (sânscrito) Um ser que luta pelo Despertar. Na tradição Theravada, esse termo é usado apenas para descrever o Buddha, do momento em que ele fez seu voto de se tornar um Buddha, até sua iluminação.

bojjhaṅga (páli) *Vea*: sete fatores de iluminação

borapet (tailandês) *Tinospora crispa*. Uma videira extremamente amarga usada como um profilático e no tratamento da malária.

brâmane (páli) Um membro da casta sacerdotal no hinduísmo; alguém que pratica o bramanismo.

Buddha Literalmente: “o Desperto”. Historicamente, esse termo refere-se ao príncipe indiano do século V a.C., Siddhattha Gotama, que alcançou a iluminação através de seu próprio esforço e ensinou o caminho para outros. Ele não foi o primeiro Buddha. Uma longa linhagem de Buddhas remonta a um passado inimaginavelmente distante.

Buddhaghosa Um monge indiano Theravada do século V D.C. que, enquanto morava no Sri Lanka, compôs o *Visuddhimagga* (*O Caminho da Purificação*) e comentários volumosos de todas as principais seções do *Cânone Páli*. Suas exegeses formam a base para o entendimento ortodoxo da doutrina Theravada.

Buddho (páli) Uma variação de “Buddha”. Na Tailândia, é explicado como: “Aquele que sabe; o desperto; aquele que é radiante”. “Buddho” também é amplamente ensinado e usado como um mantra de meditação, frequentemente combinado com a respiração: recitando internamente “BUD-” na inspiração e “-DHO” na expiração.

O Caminho da Purificação (páli: *Visuddhimagga*) O principal texto comentarial do Theravada. Esse texto foi composto em páli e compilado de exegeses, que datam da época do Buddha, pelo Venerável Buddhaghosa, no Sri Lanka, durante o século V.

Caminho do Meio (páli: *majjhimā paṭipadā*) O caminho de prática do Buddha que consiste em evitar os dois extremos da indulgência sensual e ascetismo sem sentido. Este termo é equivalente ao *Caminho Óctuplo*.

Caminho Óctuplo (páli: *aṭṭhaṅgiko maggo*) A quarta das *Quatro Nobres Verdades*, também conhecida como o “Nobre Caminho Óctuplo”, é o caminho de prática descrito pelo Buddha que leva à cessação do sofrimento. Consiste em: 1) visão correta, 2) resolução correta,

3) fala correta, 4) ação correta, 5) meio de vida correto, 6) esforço correto, 7) *sati* correta e 8) concentração correta.

Cânone Páli (páli: ‘*Tiṭṭaka*’; sânscrito: “*Tripitaka*” – Literalmente: “três cestos”) Os três conjuntos de textos sobre o qual o Budismo Theravada está baseado 1) O *Vinaya Pitaka* – que trata da Disciplina Monástica; 2) O *Sutta Piṭaka* – que contém os ensinamentos em narrativa e verso; 3) O *Abhidhamma Piṭaka* – a sistematização dos ensinamentos. of the teachings.

Chao Khun (tailandês) Um título eclesiástico concedido a um monge pelo Rei da Tailândia.

cinco objetos básicos de meditação (páli: *mūlakammaṭṭhāna* - Literalmente: “raiz base de trabalho”) Cinco objetos de meditação dados durante a cerimônia de ordenação, a saber: 1) cabelos (*kesā*), 2) pelos do corpo (*lomā*), 3) unhas (*nakhā*), 4) dentes (*dantā*) e 5) pele (*taco*). Meditação nessas partes (as cinco primeiras das *trinta e duas partes do corpo*) é feita para gerar desencanto e desapego pelo corpo.

cinco obstáculos (páli: *nīvaraṇa*) Uma lista canônica frequentemente citada dos cinco principais obstáculos à meditação: 1) desejo sensual, 2) má vontade, 3) preguiça e torpor, 4) inquietação e ansiedade e 5) dúvida, indecisão.

cinco poderes/faculdades espirituais (páli: *bala/indriya*) 1) fé (*saddhā*), 2) esforço (*viriya*), 3) presença mental (*sati*), 4) concentração (*samādhi*) e 5) sabedoria (*paññā*).

Cinco Preceitos (páli: *pañcasīlāni*) Abster-se de: 1) matar, 2) roubar, 3) má conduta sexual, 4) mentir e 5) usar de intoxicantes. Os cinco preceitos constituem os objetos fundamentais de *sati* na vida diária.

citta (páli) A mente, coração, consciência, estado de consciência.

crematório de floresta Tradicionalmente, em todo o Sudeste Asiático e no subcontinente indiano, uma área fora de um vilarejo dedicada à cremação ao ar livre de cadáveres. A habitação nesses locais foi elogiada pelo Buddha e incentivada por professores da *Tradição de Floresta da Tailândia*, incluindo Luang Pó Chah. Crematórios de floresta inspiram cautela e diligência em praticantes ardentes.

dāna (páli) O ato meritório de doar.

dekwat (tailandês) Literalmente: “criança do mosteiro”. Um menino ou adolescente vivendo em um mosteiro.

determinar (um manto) (páli: *adhiṭṭāna*) Uma declaração formal – por meio de um breve ritual – de que certos requisitos pertencem e estão sob os cuidados do monge. O *Vinaya* exige que todos os requisitos de tecido, bem como as tigelas sejam “determinadas”.

deva (páli) Literalmente: “alguém que brilha” – um habitante de um dos reinos celestiais, às vezes traduzido como “deus” ou “anjo”.

Devadatta Um primo psiquicamente dotado do Buddha que tentou criar uma cisma na Sangha.

dez caminhos hábeis (páli: *kusala-kammaṭṭhā*) Uma lista de dez virtudes do corpo, fala e mente (referidas em alguns contextos como ‘*agārika-vinaya*’). Abster-se principalmente de: 1) tirar a vida, 2) roubar, 3) má-conduta sexual, 4) mentir, 5) fala grosseira, 6) fala divisiva, 7) fofoca, 8) avareza, 9) pensamentos de agressão e 10) visão errônea.

Dez Preceitos Os dez preceitos de treinamento de um noviço (*sāmanera*), abster-se de: 1) matar outros seres, 2) roubar, 3) qualquer atividade sexual, 4) mentir, 5) uso de intoxicantes, 6) comer depois de meio-dia, 7) entretenimento, 8) embelezar o corpo ou adornar-se, 9) usar uma cama alta ou luxuosa, 10) usar dinheiro.

Dhamma (páli) 1) A verdade sobre como as coisas são e o caminho que leva à realização dessa verdade. 2) Os ensinamentos do Buddha baseados nessas leis naturais e resumidas nas *Quatro Nobres Verdades*.

dhamma ((páli) 1) Um fenômeno em si. 2) Um estado mental.

Dhammapada (páli) Literalmente: “Versos do Dhamma”. A coleção mais amplamente conhecida e popular de ensinamentos do *Cânone Páli*, contendo versículos agrupados por tópico.

dhammas mundanos (páli: *lokadhammā*) Quatro pares de condições opostas, inextricavelmente ligadas à vida humana. Essas condições efêmeras e definitivamente insatisfatórias são mencionadas nos

Suttas como: elogio e crítica; ganho e perda; fama e anonimato; prazer e dor.

Dhamma-Vinaya (páli) Literalmente: “Doutrina e Disciplina”. Um dos nomes que o Buddha deu à sua religião.

Dhammayut nikāya (páli) Literalmente: “a ordem vinculada ao Dhamma” ou “a ordem justa”). A mais recente das duas principais seitas da Sangha monástica tailandesa. A Ordem Dhammayut foi estabelecida pelo rei Mongkut na década de 1830, durante seu período como monge, antes de subir ao trono, e com a intenção de ser uma força regenerativa dentro do *Mahā* (grande ou maior) *nikāya*.

dhutaṅga (páli) (tailandês: *tudong*) Literalmente: “desgastar”. Práticas ascéticas voluntárias, permitidas pelo Buddha, que os praticantes podem empreender ou de tempos em tempos ou como um compromisso de longo prazo para cultivar a renúncia e o contentamento, e estimular a energia. Treze dessas práticas são identificadas nos comentários: 1) usar apenas mantos feitos de retalhos, 2) usar apenas um conjunto de três mantos, 3) sair em mendicância matinal, 4) aceitar comida de todos os doadores sem discriminação, 5) comer não mais que uma refeição por dia; 6) comer apenas alimentos de sua tigela, 7) recusar qualquer alimento oferecido após a mendicância matinal, 8) morar na floresta, 9) morar sob uma árvore, 10) morar ao céu aberto, 11) morar em um crematório de floresta; 12) contentar-se com qualquer que seja a habitação que se tenha e 13) abster-se de deitar.

Dia de Observância (tailandês: *Wan Prá*) Os dias de lua nova, cheia, crescente e minguante do calendário lunar. Desde a época do Buddha, nestes dias é costume dos leigos se reunirem no mosteiro local para entoar cânticos, observar os oito preceitos e ouvir o Dhamma. Enquanto a palavra páli ‘*Uposatha*’ indica apenas as luas novas e cheias, o tailandês ‘*Wan Prá*’ e seu equivalente em português ‘*Dia de Observância*’, também abrange as luas crescente e minguante.

Disciplina *Veja: Vinaya*

Discursos *Veja: Sutta Piṭaka*

dukkha (páli) A qualidade da insatisfatoriedade, sofrimento, estresse inerente e mal-estar em todos os fenômenos condicionados. Uma das *three characteristics* da existência, juntamente com não-eu (*anattā*) e impermanência (*anicca*).

entrada na correnteza (páli) O primeiro estágio da iluminação, depois do qual não se está mais sujeito à possibilidade de nascimento nos reinos inferiores, e realizará o quarto e último estágio do arahant, no máximo em mais sete vidas.

escova de dentes de madeira Uma escova de dentes de madeira, feita à mão, de uso único, modelada a partir de madeira adstringente, com cerdas esgarçadas em uma extremidade, afinando até uma peça pontiaguda na outra extremidade. Monges na *Tradição de Floresta Tailandesa* ainda fazem essas escovas de dente e, na ocasião da primeira chegada ao mosteiro, ao partir ou pedir perdão, irão oferecer um presente, de uma dúzia ou mais dessas, a seu professor.

estupa (páli: *thūpa*) uma estrutura semelhante a um monte ou hemisférica, que abriga as relíquias do Buddha ou dos Nobres Discípulos.

farang (tailandês) A palavra tailandesa para caucasianos.

fé (páli, tailandês: *saddhā*) Convicção, confiança. Uma confiança nos ensinamentos do Buddha que resulta na disposição de colocá-los à prova. Essa convicção se torna inabalável na realização da *entrada na correnteza*.

fundamentos de sati (páli: *satipaṭṭhāna*) Quatro fundamentos para estabelecimento de *sati* – corpo, sensações, mente e eventos mentais – vistos em si mesmos à medida que ocorrem.

glot (tailandês) Um glot é um guarda-chuva feito à mão com um gancho na ponta, que é suspenso em uma linha amarrada entre duas árvores. Um mosquiteiro cilíndrico é pendurado no guarda-chuva, criando uma barraca improvisada.

grilhões (páli: “*saṃyojana*”) Um grupo de dez impurezas que prendem a mente ao ciclo de renascimento. A realização dos quatro estágios de iluminação é explicada em termos do abandono progressivo dos

grilhões. São eles: 1) visões de autoidentificação, 2) incerteza, 3) apego a preceitos e práticas, 4) paixão sensual, 5) aversão, 6) paixão pela forma, 7) paixão por fenômenos sem forma, 8) presunção, 9) inquietação e 10) desconhecimento.

hiri (páli) Uma vergonha saudável e sábia de realizar más ações; a consciência interior que impede que alguém faça ações que comprometeriam seu autorrespeito. Frequentemente, faz par com o medo das consequências das más ações (*ottappa*).

impureza (páli: *kilesa*) Qualidades mentais que obscurecem o brilho de citta. As três impurezas raiz são ganância, ódio e delusão. Elas se manifestam de várias maneiras, incluindo paixão, malevolência, raiva, rancor, hipocrisia, arrogância, inveja, avareza, desonestidade, vaidade, teimosia, orgulho, presunção e complacência.

Ir Adiante (páli: *pabbajjā*) Ordenação de noviços. Durante a cerimônia, o postulante solicita “ir adiante de casa para a vida sem lar”, refugia-se formalmente na *Joia Tríplice*, compromete-se com os *Dez Preceitos* e pede para viver em dependência de seu professor que irá instruí-lo nos *cinco objetos básicos de meditação*.

Issán 1) Nordeste da Tailândia. O berço da maioria dos professores do que agora é conhecida como a *Tradição de Floresta Tailandesa*. 2) O idioma principal falado nesta região; um dialeto da língua do Laos.

Jātaka (páli) Uma coleção de mais de 520 versículos que tratam das vidas passadas do Buddha e de histórias baseadas nelas. Formam a base para grande parte do budismo popular nas culturas Theravada.

jhāna (páli) Absorção mental. Oito estados sucessivamente mais refinados de forte concentração.

Joia Tríplice (páli: *tiratana*) Uma designação abreviada e poética para o Buddha, o Dhamma e a Sangha, de serem semelhantes ao aspecto de uma joia de extrema preciosidade, valor e beleza.

kalyāṇamitta (páli) Literalmente: “bom e nobre amigo”. O ideal budista de um amigo e professor espiritual.

kāma (páli) Um objeto de desejo sensual, bem como o desejo sensual e a luxúria em si. O termo não se limita apenas à paixão sexual, mas inclui o desejo por qualquer objeto dos sentidos.

kamma (páli; sânscrito: “*karma*”) Ação volitiva, expressa através do corpo, da fala e da mente.

Kaṭhina (páli) Cerimônia realizada no quarto mês da estação chuvosa (outubro, às vezes novembro), em que uma Sangha de monges recebe oferendas de tecidos de apoiadores leigos, faz um manto do tecido e o oferece a um de seus membros considerado um destinatário apropriado. Na Tailândia, a cerimônia anual de kaṭhina tornou-se também a principal ocasião para oferecer apoio financeiro aos mosteiros.

Khandhakas (páli) Uma das três principais divisões (junto com a *Sutta-vibhaṅga* e o *Parivāra*) dos Vinaya Piṭaka, os *Khandhakas* servem para detalhar a vida comunitária da Sangha e, portanto, incluem: procedimentos para reuniões formais (incluindo a *Ordenação* e cerimônias de *Uposatha*); medidas a serem tomadas para lidar com disputas; descrições de observâncias relacionadas aos quatro requisitos: mantos, comida da mendicância, morada e medicamentos; e uma elaboração dos catorze protocolos (*kiccavatta*).

khandhas (páli) Literalmente: “pilhas; grupos; agregados”. Os componentes mentais e físicos da experiência, que atuam como as bases do apego (*upādāna*) e, portanto, um senso ilusório de “eu”, a saber: 1) forma (*rūpa*), 2) sensação (*vedanā*), 3) percepção (*saññā*), 4) formações mentais (*saṅkhāra*) e 5) consciência (*viññāṇa*).

khaṇikasamādhi (páli) Literalmente: “concentração momentânea”. Os intervalos iniciais de curta duração de calma, experienciados quando a mente se torna focada em seu objeto. Este nível de concentração surge antes da concentração de acesso (*upacārasamādhi*) e da concentração total (*appanāsamādhi*).

kiccavatta (páli) Literalmente: “cumprimento de deveres”. Protocolos. Um grupo de catorze tarefas encontradas nos *Khandhakas* (Vin Cv 8) que desempenham uma parte importante do treinamento de Vinaya em *Wat Pah Pong* e seus mosteiros afiliados.

kusala (páli) Saudável, hábil, bom, meritório.

kuti (páli: ‘kuṭī’) Uma morada individual para um monástico budista; os kutis variam em tamanho, desde pequenas cabanas até acomodações mais substanciais. Nos mosteiros de floresta tailandesa, um kuti típico terá um quarto individual com uma pequena varanda e estará de um a dois metros acima do nível do solo. Isso serve a um duplo objetivo: proteger contra inundações e invasões por animais da floresta – grandes e pequenos – e, ao mesmo tempo, criar um segundo espaço aberto abaixo dele.

Luang Pó (tailandês) Literalmente: “Venerável Pai”. Um termo de tratamento para monges seniores que é tanto afetuoso quanto respeitoso.

Luang Pu (tailandês) Literalmente: “Venerável Avô Paterno”. Um termo de tratamento para monges idosos que é tanto afetuoso quanto respeitoso.

Luang Pu Man Bhuridatta (1870-1949) (1870-1949) O maior monge de sua geração. O cofundador (com *Luang Pu Sao*) da *Tradição de Floresta Tailandesa*. Era conhecido por enfatizar a estrita adesão ao *Vinaya*, observância regular dos *dhutaṅgas*, e prática intensiva de meditação. Luang Pó Chah considerava Luang Pu Man seu professor principal.

Luang Ta (tailandês) Literalmente: “Venerável Avô Materno”. Tradicionalmente costumava referir-se a um monge que se ordena mais tarde na vida depois de ter vivido como chefe de família.

Mahānikāya (páli)(páli) Literalmente: “a ordem maior”. A mais antiga e maior das duas principais ordens da Sangha monástica tailandesa. Luang Pó Chah, (e, portanto, Wat Pah Pong e seus ramos), era um membro dessa ordem.

Mahayana (páli: ‘Mahāyāna’) Literalmente: “o grande veículo”. Uma das três grandes escolas de budismo (as outras duas são *Theravada* e *Vajrayana*). O budismo Mahayana, que inclui as tradições Zen, Terra Pura e Nichiren, enfatiza a prática do caminho do *Bodhisattva* que busca alcançar o estado de Buddha completo para o benefício de todos os seres sencientes. O budismo mahayana é predominante em muitos países do norte da Ásia, como China, Japão e Coreia.

mai né (tailandês) Literalmente: “incerto”; “mutável”; “talvez sim, talvez não”. Uma frase curta e comum usada frequentemente por Luang Pó Chah para descrever a natureza mutável, instável e imprevisível de todo fenômeno.

majjhima (páli) Literalmente: “meio”. Um “monge majjhima” é aquele que foi ordenado por mais de cinco anos, mas menos de dez. Considera-se que os monges majjhima completaram seu treinamento inicial e não são obrigados pelo Vinaya a viver sob a orientação de um professor.

mānatta (páli) Período de penalidade regulamentado pelo Vinaya, durante o qual um monge, tendo cometido uma ofensa *Saṅghādisesa* a confessado, é privado de certos direitos e deve cumprir certos deveres.

manto externo (páli/tailandês: *saṅghāṭi*) Manto externo de duas camadas de um monge budista, medindo aproximadamente três metros por dois, em geral vestido dobrado sobre o ombro esquerdo, durante cerimônias e encontros formais da Sangha. É um dos três mantos principais de um monge. *Veja:* Apêndice I

manto inferior (páli: *antaravāsaka*; tailandês: *sabong*) o manto inferior de uma roupa de monge, mantida no lugar por um cinto de pano. Uma das três vestes principais de um monge. *Veja:* Apêndice I

manto superior (páli: *uttarāsaṅga*; tailandês: *jiwon*) Um dos três mantos principais de um monge budista. Manto retangular grande – na Tailândia, comumente mede três metros por dois – que cobre o dorso e as pernas de um monge. Esse manto é vestido em ocasiões formais e sempre que um monge sai do mosteiro. *Veja:* Apêndice I

Māra (páli) A personificação do mal, impurezas e tentação, às vezes na forma de uma figura semelhante a Satanás. Em outros contextos, o termo refere-se a uma classe de divindades malévolas do reino sensual.

Mātikā (páli) Cânticos em páli executados pela Sangha nas cerimônias de enterro e cremação.

mé chi (tailandês) Uma monja de túnica branca que aceita formalmente os oito preceitos em sua ordenação. Em Wat Pah Pong, espera-se que as *mé chis* mantenham muitas das mesmas práticas ascéticas e regulamentos monásticos que os monges, a fim de maximizar as condições de apoio à sua prática.

meditação andando (páli: *caṅkama*; tailandês: *jongrom*) Na Tradição de Floresta Tailandesa, a meditação andando, em geral, toma a forma de uma caminhada de idas e vindas em um caminho delimitado, de vinte a trinta passos de comprimento, enquanto se fixa a atenção no objeto da meditação.

mendicância matinal (páli: *piṇḍapāta*; tailandês: *pindapat*) A forma pela qual os monges mendicantes recebem alimento para sua refeição diária. Andando por uma área habitada com os olhos baixos, monges e noviços aceitam ofertas de quaisquer doadores ao longo do caminho. Eles são proibidos de pedir comida.

mérito (páli: *puñña*; tailandês: *buun*) Mérito refere-se às ações do corpo, da fala e da mente que têm um efeito espiritualmente edificante ou purificador. As três atividades que produzem mérito são 1) atos de generosidade, 2) manter os preceitos e 3) o cultivo interior da paz e da sabedoria.

mettā (páli) *Veja*: bem querer.

Nak Tam (tailandês) literalmente: “Especialista em Dhamma”. Uma série básica de exames opcionais de três níveis realizados por novos monges na Tailândia logo após o retiro anual das chuvas. O material do curso abrange quatro disciplinas: 1) *Dhamma*, 2) *Vinaya*, 3) biografias do Buddha e seus discípulos e 4) cerimônias monásticas.

nāmadhamma (páli) Fenômenos mentais. Um termo coletivo para sensação, percepção, volição, contato sensorial e atenção. Alguns professores também usam *nāmadhamma* para se referir aos componentes mentais dos cinco *khandhas*.

navaka (páli) Literalmente: “novo”. Um termo usado para descrever um monge durante seus primeiros cinco anos de treinamento. É exigido pelo *Vinaya* que um monge navaka viva sob a orientação de

(literalmente: “dependência de”) seu preceptor ou outro professor qualificado com mais de dez anos de ordenação.

nesajjik (tailandês) A forma tailandesa do termo em páli “*nesajjika*” que significa “a prática daquele que se senta”. Um praticante que voluntariamente adota essa prática abster-se-á de se deitar enquanto durarem os votos. Essa é uma das treze práticas dhutaṅga permitidas pelo Buddha e era obrigatório a cada noite do *Wan Prá* para todos os membros da comunidade de *Wat Pah Pong*.

Nibbāna (páli; sânscrito: *Nirvāna*) Iluminação – o objetivo da prática budista. A libertação final da mente de todo sofrimento (*dukkha*); a eliminação de todas as contaminações mentais (*āśava*) e impurezas (*kilesa*); o escapar da ronda de renascimento (*saṃsāra*).

nikāya (páli) Literalmente: “grupo” ou “ordem”. O termo é usado para se referir aos dois grandes grupos da Sangha monástica tailandesa: o *Mahānikāya* e o *Dhammayut nikāya*.

nimitta (páli) Um “sinal” mental, geralmente (mas não exclusivamente) uma imagem visual, isso pode surgir à medida que a meditação se aprofunda. Se tratado com habilidade e sem apego, um nimitta pode melhorar o movimento em direção à concentração mais profunda e insight penetrante.

Nissaggiya Pācittiya (páli) Literalmente: “confissão e confisco”. O nome de uma classe de trinta regras de treinamento (*sikkhāpada*) no *Pāṭimokkha*, que envolve a renúncia a certos itens inadequados, seguidos de confissão. Esses itens ilícitos incluem: ouro, prata, moeda, tecidos supérfluos e uma segunda tigela.

nissaya (páli) Literalmente: “dependência”. 1) O compromisso de cinco anos de um monge júnior de viver sob a orientação de seu professor. 2) Os quatro requisitos sob os quais a vida de um monge é mantida: comida de mendicância, tecidos, abrigo e remédios.

nīvaraṇa (páli) *Veja*: cinco obstáculos

noviço (páli: *sāmaṇera* - Literalmente: “um pequeno *samaṇa*”) Aquele que formalmente foi submetido à cerimônia *Ir Adiante* e, portanto, fez

votos de viver sob os *Dez Preceitos*. Como a completa ordenação dos monges exige que o candidato tenha pelo menos vinte anos de idade, a ordenação de noviços tradicionalmente tem sido a jurisdição dos garotos (com pelo menos “idade suficiente para assustar corvos”) e dos adolescentes. Luang Pó Chah, no entanto, usou a ordenação de noviços como um período probatório antes da ordenação completa, independentemente da idade do postulante.

Oito Preceitos Estes preceitos consistem em abster-se de: 1) matar, 2) roubar, 3) toda atividade sexual, 4) mentir, 5) uso de intoxicantes, 6) comer depois do meio-dia; 7) entretenimento, embelezamento e adorno; e 8) usar uma cama alta ou luxuosa. Essas regras de treinamento são comumente adotadas por budistas leigos nos dias de observância e também são referidos como os oito preceitos de Upāsikā (leiga) / Upāsakā (leigo).

Ordenação páli: *Upasampadā*) Cerimônia de aceitação ou iniciação na Sangha

Originação Dependente (páli: *paṭiccasamuppāda*) A análise do Buddha da condicionalidade, a *Originação Dependente* rastreia como a ignorância leva ao sofrimento e, por sua vez, como o insight leva à sua cessação.

ottappa (páli) Um medo sábio e saudável da consequência das más ações. Frequentemente comparado com a vergonha sábia (*hiri*).

pabbajjā (páli) *Veja:* Ir Adiante

paccattaṃ (páli) Experimentar por si mesmo. Professores, na *Thai Forest Tradition* usam esse termo como uma forma abreviada da qualidade do Dhamma conhecida por ‘*paccattaṃ veditabbo vinññūhi*’ – um fenômeno que só pode ser experimentado individualmente pelos sábios.

Pacceka Buddha (páli) Literalmente: “Buddha Silencioso”. Um Buddha a quem falta o requisito de armazenamento de *pāramī* para ensinar outros a prática que leva à Iluminação e que leva a uma vida solitária.

pācittiya (páli) Literalmente: “confissão”. O nome de uma classe de noventa e duas regras de treinamento (*sikkhāpada*) no *Pātimokkha*,

que implica a confissão, para outro monge, de um comportamento inapropriado.

Páli (páli: ‘Pāli’) Linguagem Prácrita na qual o cânone do Budismo Theravada (*Tipiṭaka*) foi preservado. Como o páli não tem escrita, os textos preservados em “páli”, em todo o mundo Theravada, são geralmente escritos na escrita original de cada país (por exemplo, no Sri Lanka, os textos “páli” são preservados em caracteres Sinhala; na Tailândia, tailandeses; nos países europeus, estão em caracteres Romanos, etc.)

pañña (páli) Sabedoria; discernimento; insight. O terceiro aspecto do *tríplice treinamento*, *pañña* consiste em “ver as coisas como elas são”, isto é, observar a natureza impermanente (*anicca*), insatisfatória (*dukkha*) e de não-eu (*anattā*) de todos os fenômenos condicionados. Pañña também pode ser descrito como insight nas *Quatro Nobres Verdades* ou na *Originação Dependente*.

pano khaoma (tailandês) Um pedaço de pano para todos os fins usado por homens tailandeses, mede aproximadamente dois metros por um e é geralmente estampado em um padrão xadrez brilhante. É usado como um sarongue, um pano de banho, uma toalha, um xale, um turbante, um pano de transporte e até como uma rede de deitar.

pano paṃsukūla (páli) Literalmente: pano “amontoadado de poeira”. Pano descartado ou abandonado usado por monges para fazer novos mantos ou reparar os antigos. Desde a época do Buddha, os crematórios das florestas têm sido uma fonte popular para tais panos.

pārājika (páli) Literalmente: “derrota”. Essa transgressão implica expulsão imediata da Sangha, a saber: 1) relação sexual, 2) roubo, 3) tirando intencionalmente a vida humana e 4) mentir sobre realizações espirituais. Um monge que comete uma dessas ofensas é proibido de ordenar-se novamente nessa vida.

pāramī (páli) Perfeição de caráter. Uma lista de dez qualidades que se acredita terem sido desenvolvidas pelo *bodhisattva*. De uma forma mais ampla, essas são virtudes essenciais para todos os praticantes espirituais desenvolverem. Elas são agrupadas nos textos dos comentários como: 1) generosidade (*dāna*), 2) virtude (*sīla*), 3) renúncia

(*nekkhama*), 4) sabedoria (*pañña*), 5) esforço (*viriya*), 6) resiliência (*khanti*), 7) verdade (*sacca*), 8) determinação (*adhiṭṭhāna*), 9) bem-querer (*mettā*) e 10) equanimidade (*upekkhā*).

Paritta (páli) Versos de proteção cantados em sequência para afastar a doença e gerar bênçãos. Esses versos de proteção, que compreendem passagens do *Cânone Páli* e versos tradicionais em louvor à *Joia Tríplice*, são frequentemente cantados por monásticos e leigos *Theravada* nos países do Budismo *Theravada* em ocasiões auspiciosas.

pariyatti (páli) O entendimento teórico do Dhamma, obtido por escutar, ler e estudar. Idealmente, provê a fundação para colocar os ensinamentos em prática (*paṭipatti*) e penetrar em sua verdade profunda (*paṭivedha*).

paṭiccasamuppāda (páli) *Veja*: Originação Dependente.

Pāṭimokkha (páli) O código básico da disciplina monástica recitado quinzenalmente nos mosteiros, no original em páli, por um mínimo de quatro monges. O *Pāṭimokkha* consiste de 227 regras, classificadas de acordo com a ofensa cometida: deixar de ser monge (*pārājika*), encontro formal da Sangha (*saṅghādisesa*), confisco (*nissaggiya*), confissão (*pācittiya*), reconhecimento (*pāṭidesanīya*) ou treinamento (*sekhiya*).

paṭipadā (páli) Literalmente: “caminho de prática”. Apesar de originalmente ter o significado neutro de qualquer caminho de prática, saudável ou prejudicial, esse termo é usado pelos professores da *Tradição de Floresta Tailandesa* para se referir ao *Caminho do Meio*, em outras palavras, ao *Caminho Óctuplo*.

pavāraṇā (páli) Literalmente: “convite”. 1) Um convite formal a um monge, feito por um budista leigo, para que seja informado quando o monge estiver precisando de requisitos. 2) Um pedido ou convite para opinião ou conselho. Esse pedido é formalizado na cerimônia anual que marca o final do retiro de chuvas, de três meses, quando cada monge convida seus companheiros para comentar qualquer coisa “vista, ouvida ou suspeita” de negligência em sua conduta.

peta (páli; sânscrito: *preta*) Um “fantasma faminto” – uma das categorias de seres dos reinos inferiores, que, às vezes, são capazes de aparecer para os seres humanos.

prá (tailandês) Venerável. 1) Título tailandês para monge (*bhikkhu*). 2) Termo usado como um título formal – tanto por si próprio quanto como um prefixo para um título mais longo de um monge, (por exemplo *Prá Ajahn Chah*). 3) Termo usado para modificar um nome, a fim de expressar um sentido de santidade (por exemplo, *Wan Prá* – Literally: ‘dia santo’).

pijarana (tailandês). Refletir, examinar, investigar. Termo usado por professores da *Tradição de Floresta Tailandesa* para descrever um amplo campo de práticas introspectivas.

pīti (páli) Êxtase, felicidade, deleite. O terceiro fator da absorção meditativa (*jhāna*).

pó di (tailandês) Literalmente: “na medida” ou “na medida certa”. Essa é uma expressão comum tailandesa para se referir à quantidade ideal, nem muito nem pouco. Luang Pó Chah usava essa palavra como sinônimo de *Caminho do Meio*.

postulante (páli: *anāgārika*; tailandês: *pakao*) Um aspirante a monge que mantém os Oito Preceitos e veste branco por um período de poucas horas a um ano, dependendo do monastério e das circunstâncias, antes de obter a permissão de se ordenar como *noviço* e depois como monge.

Pubbasikkhāvaṇṇanā (páli) Literalmente: “Exposição do Treinamento Preliminar”. Um comentário do Vinaya tailandês (conhecido pela forma abreviada *Pubbasikkhā*), composto no século dezenove, baseado nos comentários em páli, trazidos do Sri Lanka para a Tailândia, e adotados pelos monges da floresta, da geração de Luang Pó Chah, como o padrão mais alto para a prática do Vinaya.

puñña (páli) *Veja*: mérito

quatro bases para o sucesso (páli: *iddhipāda* – Literalmente: “bases para o poder espiritual” ou “caminhos para o sucesso espiritual”) Quatro

caminhos para o sucesso: 1) fervor (*chanda*), 2) esforço (*viriya*), 3) aplicação da mente (*citta*) e 4) investigação (*vīmaṃsā*).

Quatro Nobres Verdades O distintivo, fundamental e abrangente ensinamento do Buddha: 1) o sofrimento (em todas as suas manifestações físicas e mentais), 2) sua origem (isto é, o desejo por sensualidade, pelo vir a ser e pelo não vir a ser), 3) sua cessação e 4) o caminho que leva a sua cessação (o *Caminho Óctuplo*). A completa compreensão do sofrimento, o abandono de sua causa e a realização de sua cessação através do pleno desenvolvimento do caminho, é equivalente à conquista de *Nibbāna*.

Quatro requisitos (páli: *paccaya, nissaya*) Uma lista canônica frequentemente citada das quatro necessidades ou suportes para a vida: 1) roupas, 2) alimentos, 3) abrigo e 4) remédios. Para monges, os exemplos mais básicos destes requisitos são: 1) mantos de trapos, 2) comida da mendicância matinal, 3) abrigo ao pé de uma árvore e 4) urina fermentada como remédio.

requisitos (páli: *parikkhārā*) Um item usado por um monge. Esse termo é usado para descrever tanto o essencial para a sobrevivência de um monge – seus mantos, comida de mendicância, alojamento e medicamentos – como quaisquer itens adicionais que ele possa possuir.

restrição dos sentidos (páli: *indriyaśamvara*): “Vendo uma forma com o olho (ou percebendo um objeto por quaisquer outras das entradas dos sentidos), [quem] não é obcecado com o que é agradável, não é repellido por aquilo que é desagradável, e permanece com *sati* estabelecida no corpo, com imensurável ciência.” Um dos três “sempre relevantes” (*apaṇṇaka*) Dhammas elogiados pelo Buddha e frequentemente expostos pelos professores da *Tradição de Floresta Tailandesa*.

Retiro das Chuvas (páli: *vassa*) Período de retiro monástico instituído pelo Buddha, em que os monges devem refrear-se de todas as viagens, exceto as necessárias, durante o período de monções na Índia (da lua cheia de julho à lua cheia de outubro).

rūpadhamma (páli) Literalmente: “fenômeno material”. Forma material – normalmente com uma conotação que indica o corpo físico – como justaposta ao fenômeno mental (*nāmadhamma*).

Sādhū (páli) Literalmente: “Isso é bom”. Uma exclamação comum em páli e tailandês, expressão de apreciação e concordância.

Salão do Dhamma Normalmente, o maior edifício de um mosteiro, é onde os discursos do Dhamma são proferidos e onde as sessões de meditação em grupo e os cânticos ocorrem. Também pode funcionar como refeitório, onde não existe esse edifício designado.

samādhī (páli) Como *sammāsamādhī*, esse termo refere-se à concentração, unificação da mente e estabilidade mental. Como título do segundo dos três treinamentos, samādhī é um termo amplo, que cobre todo o domínio do esforço para o propósito de abandonar aquilo que é prejudicial pelo que é saudável.

samaṇa (páli) Um recluso ou contemplativo. Aquele que abandona as obrigações convencionais da vida social, para encontrar um modo de vida mais “em sintonia” (*sama*) com a verdadeira natureza das coisas. Um termo que, apesar de anterior ao Buddha, foi adotado por ele e ganhou o significado elevado de “aquele que pacifica as impurezas”.

sāmaṇera (páli) *Veja:* noviço

samatha (páli) Tranquilidade, o estado de calma lúcida. A “meditação samatha” refere-se àquelas técnicas meditativas que se fixam na quietude e em pacificar a mente mais do que em refletir e investigar os fenômenos, como a meditação do insight ou *vipassanā*. Luang Pó Chah não era a favor de uma divisão rígida e apressada dessas duas categorias.

sammādiṭṭhi (páli) *Veja:* Visão Correta

samó (tailandês) *Chelubic myrobalan*. Um membro laxante da família myrobalan, permitido, pelo Vinaya, de ser comido a qualquer hora do dia.

sampajañña (páli) Alerta, compreensão clara, ciência. Quatro tipos de sampajañña são mencionadas no texto: 1) clara compreensão do propósito, 2) da aptidão, 3) do recurso e 4) da não delusão.

saṃsāra (páli) Literalmente: “perambulação eterna”. 1) o ciclo de nascimento, envelhecimento, doença, morte e renascimento, cujo início é desconhecido e não chegará a um fim, até que, pela prática do *Caminho Óctuplo*, atinge-se o *Nibbāna*. 2) O caminho de todos os fenômenos condicionados – mental e material.

Sangha (páli: “*Sangha*”) A comunidade de monges budistas (*bhikkhus*) e monjas (*bhikkhunīs*). Sangha pode referir-se também à instituição global do monasticismo budista como às comunidades individuais monásticas. Num sentido mais elevado, Sangha refere-se à “comunidade” dos discípulos iluminados do Buddha – leigos e ordenados – que atingiram pelo menos a entrada na correnteza (*sotāpañña*), o primeiro dos caminhos transcendentais que culminam no *Nibbāna*.

saṅghādisesa (páli) A segunda classe mais séria das regras do *Vinaya* (depois da derrota *pārājika*). Um monge que transgrede qualquer uma das treze regras dessa classe de ofensas deve ser submetido a um período de penitência (*mānatta*) e provação (*parivāsa*), envolvendo encontros formais da Sangha.

Sāsana (páli) Literalmente: “mensagem”. A dispensação, a doutrina e o legado do Buddha; a religião budista.

sati (páli) Atenção, memória, manter em mente. O fator mental inseparavelmente associado como todos os estados de consciência cármicos saudáveis (*kusala*). Na sua forma mais desenvolvida, *Sati Correto* é o sétimo fator do *Caminho Óctuplo* e, portanto, um requisito para se realizar a iluminação.

sete fatores da iluminação (páli: *bojjhaṅga*) Sete estados mentais saudáveis listados como antídotos aos cinco obstáculos e qualidades a serem desenvolvidas, para fazer surgir o conhecimento e a libertação (*vimutti*): 1) atenção (*sati*), 2) investigação do Dhamma (*dhamma-vicaya*), 3) energia (*virīya*), 4) êxtase (*pīti*), 5) tranquilidade (*passadhi*), 6) concentração ou recolhimento (*samādhi*) e 7) equanimidade (*upekkhā*).

sikkhāpada (páli) Pontos do treinamento. As regras do treinamento *Pātimokkha* formuladas pelo Buddha para os discípulos monásticos.

sīla (páli) Virtude, moralidade. O primeiro aspecto do *tríplice treinamento*, *sīla* é a qualidade de pureza moral e ética que previne ações inábeis. O termo também inclui o treinamento em preceitos, a memória que restringe realizar essas ações inábeis. Do *Caminho Óctuplo*, *Fala Correta*, *Ação Correta* and *Modo de Vida Correto* são aspectos de *sīla*.

sotāpanna (páli) *Veja*: aquele que entrou na correnteza

sukha (páli) Prazer, relaxamento, satisfação. Na meditação, uma qualidade mental que atinge a maturidade completa no terceiro *jhāna*, quando é geralmente traduzida como felicidade.

sutta (páli; sânscrito: *sūtra*) Literalmente: “fio”. Um discurso ou sermão atribuído ao Buddha ou a um de seus discípulos contemporâneos. Depois da morte do Buddha, os suttas foram transmitidos na linguagem *Páli*, por meio da tradição oral, e foram finalmente registrados na forma escrita no Sri Lanka, um pouco antes da nossa Era Comum. Mais do que 10.000 suttas foram reunidos no *Sutta Piṭaka*, o repositório principal para esses textos no *Cânone Páli*. Esses discursos são amplamente considerados como o primeiro registro dos ensinamentos do Buda.

Sutta Piṭaka (páli) Literalmente: “O cesto dos Suttas”. O segundo das três seções do *Cânone páli*, contendo a maioria dos discursos do Buddha para seus discípulos; também conhecido como “Os Suttas” ou “Os Discursos”. O *Sutta Piṭaka* é composto de cinco *nikāyas* (coleções): *Dīgha Nikāya* (contendo os discursos longos); *Majjhima Nikāya* (contendo os discursos médios); *Saṃyutta Nikāya* (contendo os discursos organizados por assunto); *Aṅguttara Nikāya* (contendo os discursos organizados por uma lista numérica ascendente); e o *Khuddaka Nikāya* (incluindo várias outras coleções de ensinamentos).

Tan (tailandês) Um honorífico aproximado ao equivalente em páli, ‘*bhante*’ ou em português “Venerável”. Uma forma usual de dirigir-se aos monges.

Tathāgatha (páli) Literalmente: “assim ido” ou “assim vindo”. Um epíteto usado pelo Buddha para referir-se a si próprio.

thera (páli) Literalmente: “ancião”. Um título honorífico automaticamente conferido a um monge de pelos menos dez anos de vida monástica.

Theravada (páli: *Theravāda*) Literalmente: “doutrina dos anciãos”. A forma dominante de budismo no Sudeste Asiático (Tailândia, Sri Lanka, Mianmar, Camboja e Laos). O Theravada elege o *Cânone Páli* (*tipiṭaka*) como seu texto principal e o *arahant* como o objetivo ideal da prática.

Tipiṭaka (páli) *Veja: Cânone Páli*

toramán (tailandês) em tailandês moderno, essa palavra significa “tortura”, mas é usada pelos monges da floresta, na Tailândia, com o significado antigo de treinar a mente, opondo-se aos seus desejos.

Tradição de Floresta Tailandesa Os professores e mosteiros da floresta, situados principalmente no nordeste da Tailândia (*Issán*), que traçam sua linhagem desde Luang Pu Man e Luang Pu Sao. A tradição é caracterizada pela devoção a práticas tradicionais de meditação, acompanhada pela estrita adesão ao *Vinaya* e a adoção de variadas práticas *dhutaṅga*. *Luang Por Chah* considerou-se ser parte dessa tradição. Também referida como a *Tradição de Floresta de Issán*.

Tradição de Floresta de Issán Sinônimo de *Tradição de Floresta Tailandesa*.

três características (da existência) (páli: *tilakkhaṇa*) Um ensinamento fundamental do Buddha; o insight de que todas os fenômenos condicionados são: 1) impermanentes (*anicca*), 2) insatisfatórios (*dukkha*) e 3) vazio de um eu (*anattā*). A contemplação meditativa profunda dessas características pode levar ao *Nibbāna*.

três refúgios (páli: *tisaraṇa*): 1) O *Buddha*, 2) O *Dhamma*, and 3) A *Sangha*. O comprometimento formal com esses refúgios, ou lugares seguros, é comumente expresso na fórmula externa “Vou ao refúgio no Buda ... no Dhamma ... na Sangha”. Ou em um nível interno, os

refúgios podem ser entendidos como: o Buda é o despertar interno, o Dhamma, “como as coisas são” e a Sangha, a prática correta que leva à iluminação.

trinta e duas partes do corpo Um tema de meditação recomendado pelo Buddha para combater o desejo sexual, em que as trinta e duas partes do corpo são investigadas em termos das *três características* e sua natureza repulsiva (*asubha*). Essas partes são as seguintes: 1) cabelo, 2) pelos, 3) unhas, 4) dentes, 5) pele, 6) carne, 7) tendões, 8) ossos, 9) medula óssea, 10) baço, 11) coração, 12) fígado, 13) membranas, 14) rins, 15) pulmões, 16) intestinos, 17) tripas, 18) comida não digerida, 19) excremento, 20) bile, 21) muco, 22) pus, 23) sangue, 24) suor, 25) gordura, 26) lágrimas, 27) sebo, 28) saliva, 29) mucosidade, 30) óleo das articulações, 31) urina e 32) cérebro.

tríplice treinamento (páli: *tisikkhā*) O cultivo da 1) moralidade (*sīla*), 2) concentração (*samādhi*), 3) sabedoria (*pañña*). Uma forma abreviada do Caminho Óctuplo.

tudong (tailandês) Palavra tailandesa derivada do páli “*dhutaṅga*”, “*tudong*” refere-se à prática monástica comum (especialmente entre os monges da *Tradição de Floresta Tailandesa*) de perambular pela área rural, dormindo ao ar livre, enquanto praticam um número de observâncias *dhutaṅga*. Esses monásticos, que vivem suas vidas dessa maneira, são chamados de “monges *tudong*” e diz-se que estão “em *tudong*”.

Ubon Província de Ubon Ratchathani; ma província do nordeste (*Issán*) tailandês. O local de nascimento de Luang Pó Chah e muitos de seus contemporâneos na *Tradição de Floresta Tailandesa*.

upacārasamādhi (páli) Literalmente: “concentração de vizinhança”. Concentração de acesso; estado de calma lúcida, na qual a mente abandonou os cinco obstáculos, mas não atingiu ainda a absorção (*appanāsamādhi* ou *jhāna*).

upasampadā (páli) *Veja:* Ordenação

Uposatha (Dia) (páli) Nos dias de lua cheia e lua nova, durante o qual os monges se reúnem para recitar as regras do *Pāṭimokkha*.

Uposatha (Salão) (páli) Um prédio especialmente designado em um monastério, em que acontecem os encontros formais da Sangha e a cerimônias, tais como as Ordenações (*upasampāda*) e a recitação do *Pāṭimokkha*.

Vajrayana (sânscrito) Literalmente: “veículo do diamante”. Uma das três escolas principais do Budismo (as duas outras são *Theravada* e *Mahayana*). Forma de Budismo encontrada principalmente no Butão, Tibete e Mongólia.

Vesakha Puja (páli: *Vesākha Pūja*) Memorial do nascimento, iluminação e falecimento do Buddha, celebrado no dia de lua cheia do quinto mês lunar, Vesakha.

vibhavataṇhā (páli) Literalmente: “sede de não existir”: a cobiça por não existir ou o desejo de aniquilar-se. Um dos três tipos de cobiça – junto com a cobiça da sensualidade (*kāmatāṇhā*) e a cobiça por existir (*bhavataṇhā*) – que o Buddha colocou, na *Segunda Nobre Verdade*, como a causa do sofrimento.

vicāra (páli) Suster a avaliação e a apreciação. Na meditação, *vicāra* é o fator mental que repousa sobre o objeto da meditação escolhido. É um fator do primeiro *jhāna* e fortemente associado a *vitakka*, o fator mental pelo qual a mente segura o objeto. Vicara é normalmente traduzido como “suster o pensamento”.

Vida Santa (páli: *brahmacariyā*) A palavra em português mais comumente usada para a vida monástica celibatária.

vihāra (páli) Literalmente: “morada”. Um lugar de habitação, especialmente uma residência monástica, como um mosteiro.

Vinaya (páli) Literalmente: aquilo que “leva para fora” do sofrimento. De forma mais ampla, Vinaya refere-se a todas as regras, regulamentos, observâncias e tradições destinadas a facilitar a prática do Dhamma. O ápice do Vinaya é a Disciplina Monástica e ele é frequentemente usado como sinônimo dela.

Vinaya Piṭaka (páli) Literalmente: “O cesto da Disciplina”. A primeira das três seções do *Cânone Páli*, que contém as permissões, proibições,

regras e regulamentos para os discípulos, *bhikkhu* e *bhikkhunī*. O *Vinaya Pitaka* é, por sua vez, composto de três partes (usualmente apresentadas em três volumes): *Suttavibhaṅga* (contém as explicações de cada regra do Pāṭimokkha, para cada *bhikkhu* e *bhikkhunī*); *Khandakhas* (contém as regulamentações adicionais, protocolos, histórias originais e permissões) e o *Parivāra* (um resumo e uma análise das primeira duas partes com a finalidade de ensinar).

vipassanā Literalmente: “ver claro”. Insight nos fenômenos físicos e mentais à medida que surgem e desaparecem, vendo-os como realmente são – em si mesmos – em termos das três características (*tilakkhaṇa*) e em termos do sofrimento (*dukkha*), a origem, a cessação e o caminho para a cessação.

vipassanupakkilesa (páli) Literalmente: “corrupções da visão clara”. Apego a experiências intensas de meditação, que levam a superestimar o progresso no caminho. A lista padrão (que aparece no *Visuddhimagga*) das bases para as impurezas são dez: 1) luz; 2) conhecimento psíquico, 3) êxtase, 4) serenidade, 5) prazer, 6) extrema convicção, 7) esforço, 8) obsessão, 9) equanimidade e 10) anseio.

Visão Correta (páli: *sammādiṭṭhi*) O primeiro dos oito fatores do *Caminho Óctuplo*. A *Visão Correta*, no nível preliminar (*lokiya*), consiste em uma aceitação da iluminação do Buddha e da lei do *kamma*. No seu nível mais profundo, Visão Correta significa ver as coisas de acordo com a realidade: observar a natureza impermanente (*anicca*), insatisfatória (*dukkha*) e de não-eu (*anattā*) de todos os fenômenos condicionados; e, o insight nas *Quatro Nobres Verdades* e na *Originação Dependente*.

Visuddhimagga (páli) *Veja*: O Caminho da Purificação

vitakka (páli) Pensamento direcionado. Na meditação, *vitakka* é o fator mental pelo qual a atenção é aplicada ao objeto de meditação escolhido.

Wan Prá (tailandês) *Veja*: Dia de Observância

wat (tailandês) Um mosteiro ou templo budista.

Wat Nong Pah Pong (tailandês) O mosteiro que *Luang Por Chah* na província de *Ubon*, na Tailândia. Na maior parte das ocasiões formais, refere-se a ele simplesmente como ‘*Wat Pah Pong*’.

Wat Pah Nanachat (tailandês) Literalmente: “Mosteiro de Floresta Internacional”. Mosteiro fundado por *Ajahn Sumedho* em 1975, em Ubon, Tailândia, a pedido de Luang Pó Chah, como um centro para treinamento de monges estrangeiros.



Esse trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.*

Você tem o direito de:

- Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

De acordo com os termos seguintes:

- Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.
- NãoComercial — Você não pode usar o material para fins comerciais.
- SemDerivações — Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.

Avisos:

Você não tem de cumprir com os termos da licença relativamente a elementos do material que estejam no domínio público ou cuja utilização seja permitida por uma exceção ou limitação que seja aplicável.

Não são dadas quaisquer garantias. A licença pode não lhe dar todas as autorizações necessárias para o uso pretendido. Por exemplo, outros direitos, tais como direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais, podem limitar o uso do material.

Panyaprateep Foundation reivindica seu direito moral de ser identificado como o autor deste livro.

Panyaprateep Foundation solicita que você atribua a propriedade do trabalho à Panyaprateep Foundation ao copiar, distribuir ou exibir o trabalho.

*http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR